

A SAGA DO IMPÉRIO — VOLUME DOIS

A SERVA DO IMPÉRIO



Raymond E. Feist
& Janny Wurts

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Profundamente humilhada
por um escravo ter se
atrevido a colocar as mãos
nela e ameaçá-la com a mais
vergonhosa das mortes,
Mara tomou fôlego para
chamar seus guerreiros.
Bastaria um gesto para
que aquele escravo ruivo
fosse submetido aos piores
tormentos. Era um escravo,
não tinha alma nem honra,
e, no entanto, devagar e
com dignidade, voltou a se
sentar no chão diante de suas
almofadas. Kevin mantinha
um olhar de prazer enquanto
esperava que ela decidisse
seu destino.

a serva do império

a saga do império / livro dois

raymond e. feist & janny wurts

Tradução de Rui Azeredo e José Remelhe





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *A Serva do Império / n° 16 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Raymond E. Feist e Janny Wurts*

EDITOR: *Luís Corte Real*

©2015 por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Daughter of the Empire © 1990 Raymond E. Feist e Janny Wurts. Publicado originalmente na Inglaterra por HarperCollins Publishers, 2010

TRADUÇÃO: *Rui Azeredo e José Remelhe*

ADAPTAÇÃO E PREPARAÇÃO: *Bruno Anselmi Matangrano*

REVISÃO DE TRADUÇÃO: *Renato Razzino*

REVISÃO: *Carolina Rodrigues e Luis Américo Costa*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Marc Simonetti*

ADAPTAÇÃO PARA EBOOK: *Marcelo Moraes*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F332s

Feist, Raymond E.

A serva do império [recurso eletrônico] / Raymond E. Feist, Janny Wurts
[adaptação de Bruno Anselmi Matangrano]; [tradução de Rui Azeredo e José
Remelhe]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2015.
recurso digital (A saga do império; 2)

Tradução de: *Servant of the empire*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67296-43-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Wurts, Janny. II. Azeredo, Rui. III.
Remelhe, José. IV. Título. V. Série.

15-23024

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.

Rua Luiz Câmara, 443

Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 — Ramos

21031-160 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2538-4100

www.sdebrasil.com.br

Dedicado à memória de Ron Faust, eternamente amigo.



Escravo

A brisa cessou.

A poeira subiu em pequenos redemoinhos, lançando areia por cima da cerca de madeira que circundava o mercado de escravos. Apesar das correntes de ar fortes, a atmosfera estava quente e densa com o fedor de homens encarcerados e imundos, somado ao cheiro de esgoto do rio e de lixo apodrecido vindo do aterro situado atrás do mercado.

Protegida atrás das cortinas de sua liteira decorada com enfeites brilhantes, a Senhora Mara afastou o odor para longe de seu rosto com um leque perfumado. Se aquela pestilência a perturbava, não deu sinais. A Governante dos Acoma sinalizou à sua escolta para que parasse. Soldados vestindo armaduras verdes esmaltadas se detiveram e os carregadores suados baixaram a liteira.

Um oficial com o elmo emplumado de Líder de Ataques deu a mão a Mara e ela saiu da liteira. Estava com o rosto bastante corado; Lujan não foi capaz de perceber se ela enrubescera por causa do calor ou se por ainda estar zangada devido à discussão que acontecera antes de sair de sua propriedade. Jican, o hadonra da casa, passara grande parte da manhã contestando vigorosamente seu plano de adquirir escravos que, segundo ele, não tinham qualquer valor. A discussão só terminara quando ela ordenou que se calasse.

Mara dirigiu a palavra ao Primeiro Líder de Ataques:

— Lujan, quero que me acompanhe e que diga aos outros para esperarem aqui.

Seu mau humor levou Lujan a se abster das habituais brincadeiras que, ocasionalmente, beiravam o limite aceitável segundo o protocolo; além disso, sua principal tarefa era protegê-la — e o mercado de escravos era um local exposto demais para seu gosto —, por isso sua atenção passou instantaneamente das piadas para a segurança. Enquanto procurava sinais de eventuais complicações, pensou que Mara só iria se esquecer da discórdia com Jican quando comesse a se preocupar com seu novo plano. Até lá, ela não gostaria de escutar objeções a algo que já não lhe ocupava a mente.

Lujan compreendia que cada uma das ações de sua Senhora tinha por objetivo sua ascensão no Jogo do Conselho, a luta política que era o coração do governo tsurani. Sua única meta era sobreviver e reforçar o poder da Casa dos Acoma. Rivals e amigos já tinham

aprendido que aquela garota, outrora inexperiente, amadurecera até se tornar uma jogadora habilidosa naquele jogo mortal. Mara evitara a armadilha lançada pelo velho inimigo de seu pai, Jingu dos Minwanabi, e teve sucesso em sua própria conspiração, o que levou Jingu a cair em desgraça e a tirar a própria vida.

Embora os triunfos de Mara fossem o atual tema de conversa entre os vários nobres do Império, ela própria pouco descansara para apreciar o prazer de sua ascensão. A morte de seu pai e a do irmão quase levaram a família à extinção. Mara concentrou-se em antecipar problemas futuros enquanto fazia manobras para assegurar a própria sobrevivência. O que fora feito ficara para trás, e remoer o assunto era se arriscar a ser pega de surpresa.

Apesar de o homem que ordenara a morte de seu pai e de seu irmão estar finalmente morto, sua atenção ainda estava concentrada na rixa familiar entre a Casa dos Acoma e a Casa dos Minwanabi. Mara não esquecera a expressão de puro ódio de Desio dos Minwanabi quando ela e os outros convidados ignoraram a cerimônia fúnebre de seu pai. Embora não fosse tão inteligente quanto Jingu, Desio não seria menos perigoso; a dor e o ódio fizeram com que suas motivações passassem a ser pessoais: Mara destruíra seu pai, assim como a grandeza de seu poder, durante a celebração do aniversário do Senhor da Guerra, que ele organizara na própria casa. Depois, saboreara a vitória na presença dos nobres mais influentes e poderosos do Império quando ela foi anfitriã, em sua propriedade, da festa em homenagem ao Senhor da Guerra.

Logo depois de o Senhor da Guerra e seus convidados terem partido das terras dos Acoma, Mara já tinha embarcado em um novo plano para fortalecer sua casa; trancou-se a sós com Jican a fim de discutir a necessidade de obter novos escravos para preparar novos pastos nas matas ao norte da grande casa. Pastos, currais e galpões deveriam ficar prontos bem antes de se iniciar a época de reprodução na primavera, para que a grama já estivesse bem alta e as jovens needra e suas mães pudessem pastar.

Como subcomandante dos Acoma, Lujan aprendera que o poder dessa casa não estava na lealdade e na coragem de seus soldados, nem nas licenças de comércio em terras distantes e nos investimentos, mas sim nas grosseiras e comuns needra de seis patas. Elas eram a base sobre a qual se erguia toda a riqueza da família. Para que o poder dos Acoma crescesse, a primeira tarefa de Mara seria aumentar sua manada de procriação.

Lujan voltou a atenção para sua Senhora quando Mara sacudiu a poeira da túnica. As vestes simples de um verde bem claro traziam a silhueta da ave shatra, o brasão da Casa dos Acoma, bordada nas mangas. A Senhora calçava sandálias de solas altas com tachinhas, para que não se enchessem com o pó que habitualmente cobria as estradas. Seus passos geraram um som alto e seco quando subiu as escadas de madeira para as galerias que percorriam toda a extensão da cerca de madeira. Um toldo de lona desbotada servia de teto à estrutura, protegendo do sol impiedoso os Senhores tsurani e seus agentes. Ali podiam se manter bem longe da poeira e da terra e se refrescar com qualquer brisa que soprasse do rio, enquanto

examinavam os escravos disponíveis para venda.

Para Lujan, a galeria, com a sua grande sombra e as fileiras de bancos de madeira, era antes um local de maldade dissimulada do que um abrigo. Tocou de leve no ombro de sua Senhora quando ela chegou ao primeiro piso. Ela se voltou para encará-lo com um incômodo olhar inquiridor.

— Senhora — disse Lujan, com muito tato —, se houver inimigos à espera, é melhor que minha espada esteja à frente de seu belo rosto.

Os cantos da boca de Mara se suspenderam um pouco, quase exibindo um sorriso.

— Adulador — acusou ela. — Você tem razão, é claro. — A formalidade com que se dirigiu a Lujan foi suavizada por um pouco de humor. — Se bem que um dos motivos de Jican ter protestado foi por crer que eu seria machucada pelos escravos bárbaros, e não por outro Governante.

Ao dizer isso, ela se referia aos inexpressivos prisioneiros de guerra de Midkemia. Mara não dispunha de fundos para comprar escravos comuns em número suficiente para tratar dos campos. Portanto, não via alternativa além da compra de bárbaros, que tinham a fama de serem intratáveis, rebeldes e totalmente insubordinados contra seus Senhores. Lujan observava sua Senhora, cuja altura mal chegava a seu ombro, embora fosse dotada de uma natureza capaz de exterminar qualquer homem — Senhor, escravo ou criado — que desafiasse sua vontade indomável. Ele reconheceu a evidente determinação em seus olhos.

— De qualquer forma, aposto que, na Senhora, os bárbaros encontrarão alguém à altura.

— Se não for assim, todos sofrerão com o chicote — afirmou Mara, decidida. — Pois, se os escravos não cuidarem das terras antes da primavera, não recuperaremos o que pagamos por eles e, então, estaremos fazendo o trabalho de Desio por ele.

Lujan ignorou a rara admissão de dúvida de sua Senhora e abriu-lhe caminho pela galeria, verificando silenciosamente suas armas. Os Minwanabi podiam estar se recuperando de suas feridas, mas Mara tinha agora mais inimigos: Senhores que tinham inveja de sua rápida ascensão, homens que sabiam que o nome dos Acoma se apoiava nos ombros daquela mulher esguia e em seu herdeiro bebê. Certamente, os conselheiros desses Senhores sussurravam que ela ainda nem tinha vinte e um anos. Fora esperta contra Jingu dos Minwanabi, mas também tivera sorte; com o tempo, a juventude e a inexperiência a fariam dar um passo em falso. Então as casas rivais se ergueriam como uma matilha de jagunas, prontas para se lançar sobre a riqueza e o poder de sua casa e a enterrar o natami dos Acoma — a pedra onde se gravara o brasão da família, personificando sua alma e sua honra — com a face virada para baixo, para sempre afastado da luz do sol. Segurando a túnica com cuidado acima dos tornozelos, Mara seguiu Lujan por todo o primeiro piso. Passaram da entrada de acesso à fileira mais baixa de galerias, que, devido a um costume não escrito, mas profundamente enraizado, era reservada a mercadores ou agentes, e subiram ao piso seguinte, reservado apenas à nobreza.

Embora houvesse midkemianos sendo leiloados, pouca gente estava presente. Mara viu

apenas alguns mercadores, com ar entediado, parecendo estar mais interessados em fofocas sobre a cidade do que em comprar. A fileira superior de galerias provavelmente estaria vazia. A maioria dos nobres tsurani estava bem mais preocupada com a guerra no mundo além do Portal, ou em conter o poder sempre crescente do Senhor da Guerra no Conselho, do que em comprar escravos intratáveis. Os primeiros lotes de cativos de Midkemia atingiram o recorde de preços, devido à curiosidade dos compradores. Mas logo a novidade deixou de ter interesse devido ao grande volume de escravos. Agora os homens adultos de Midkemia eram os mais baratos de todos; apenas as mulheres com o invulgar cabelo ruivo dourado e de beleza incomum ainda atingiam mil centúrios. Mas, como os tsurani habitualmente capturavam guerreiros, eram raras as mulheres bárbaras disponíveis.

Uma brisa vinda do rio empurrou as plumas do elmo de Lujan, balançando as pontas com penas do leque perfumado de Mara e agitando seus brincos de contas. Por cima da cerca, ecoaram as vozes das equipes de barqueiros que, com suas varas, faziam as embarcações subirem ou descerem o rio Gagalin. Dali de perto, dos recintos empoeirados dentro das altas paredes de tábuas, vieram os gritos dos mercadores de escravos e o ocasional estalar de uma chibata de pele de needra que os impelia a andar mais depressa para serem observados das galerias pelos clientes interessados. O cômodo em que estavam os midkemianos abrigava cerca de duas dúzias de homens. Nenhum comprador se mostrara interessado, e por isso havia apenas um capataz entediado tomando conta. Com ele estava um agente aparentemente encarregado de distribuir roupas e um responsável pelo registro das contas em uma tábua de ardósia muito lascada. Mara deu uma olhada curiosa nos escravos. Eram todos muito altos, cerca de uma cabeça maiores que o maior dos tsurani. Um em particular se elevava acima do agente gordinho, e, enquanto tentava se comunicar numa língua estranha, seu cabelo ruivo dourado brilhava sob o sol do meio-dia de Kelewan. Mara não teve oportunidade de analisar melhor o bárbaro, pois Lujan parou de repente à sua frente, tocando em seu pulso em sinal de aviso.

— Há alguém aqui — sussurrou ele, e inspecionou o local, abaixando-se, dissimulado, como se houvesse uma pedra em sua sandália. Pousou discretamente a mão na espada e, por cima de seu ombro musculoso, Mara viu um vulto sentado na sombra na parte de trás da galeria. Poderia ser um espião, ou pior, um assassino. Uma vez concluída a venda de midkemianos, o piso superior ficaria vazio e um Senhor ousado poderia se aproveitar disso. Mas o fato de uma casa rival saber que Mara optara por ir pessoalmente ao mercado de escravos revelava a presença de um informante muito bem colocado nas fileiras dos Acoma. A Senhora parou, sentindo um arrepio na espinha ao pensar que, caso morresse naquele lugar, seu filho de um ano, Ayaki, seria o último obstáculo antes de o nome dos Acoma ser definitivamente eliminado.

Então o vulto nas sombras se mexeu e a luz do sol vinda de um rasgo no toldo revelou um rosto atraente e jovem, com um sorriso de surpreso deleite.

Mara afagou de leve o pulso de Lujan, suavizando o aperto em sua espada.

— Está tudo bem — informou ela em voz baixa —, conheço esse nobre.

Lujan endireitou-se, sem expressão, quando o jovem se levantou do banco. O homem avançou com a postura de um espadachim. Suas vestes, desde as sandálias de couro tingido de azul até a túnica de seda bordada, eram caras e de boa qualidade. Usava o corte de cabelo típico dos guerreiros, e o único adereço em seu corpo era um pingente de obsidiana polida pendurado no pescoço.

— Hokanu — disse Mara; ao escutar aquele nome, seu guarda-costas relaxou. Lujan não estivera presente durante o banho de sangue político na propriedade dos Minwanabi, mas, pelas conversas nos alojamentos, soubera que Hokanu e seu pai, o Senhor Kamatsu dos Shinzawai, defenderam os Acoma praticamente sozinhos, num momento em que a maioria dos Senhores considerava inevitável a morte de Mara.

Lujan colocou-se a seu lado, respeitosamente, observando, por debaixo da aba de seu elmo, o nobre que se aproximava. Mara recebera muitos pedidos de casamento desde a morte de seu marido, mas nenhum dos pretendentes era tão atraente quanto o segundo filho de Kamatsu dos Shinzawai. Lujan manteve uma postura irrepreensível, mas, assim como qualquer outro membro da grande Casa dos Acoma, tinha um interesse pessoal em Hokanu. E, pelo visto, Mara também tinha, a julgar pelo rubor em seu rosto.

Após a sutil adulação dos últimos pretendentes, a ternura sincera de Hokanu diante de Mara era algo refrescante.

— Senhora, que bela surpresa! Não tinha a mínima esperança de encontrar tão bela flor num ambiente tão desagradável como este. — Ele fez uma pausa, esboçou uma pequena reverência e sorriu. — Embora, é verdade, tenhamos visto este delicado botão exibir seus espinhos ultimamente. Sua vitória sobre Jingu dos Minwanabi ainda é motivo de conversa em Silmani — revelou, referindo-se à cidade mais próxima da propriedade de seu pai.

Mara retribuiu a reverência com sinceridade:

— Não vi as cores dos Shinzawai entre os servos aguardando na rua. Caso contrário, teria trazido um criado com jomach gelado e chá frio. Ou talvez não pretenda que seu interesse em escravos seja notado. — Ela deixou que seu comentário pairasse por um momento, antes de voltar a falar de repente: — Seu pai está bem?

Hokanu assentiu educadamente e conduziu Mara a um banco. Seu toque era firme, mas gentil; nada que se comparasse aos apertos brutos que sentira de seu marido ao longo de dois anos. Mara fitou os olhos do filho dos Shinzawai e vislumbrou ali uma inteligência tranquila, revestida de um ar divertido devido à aparente inocência de sua pergunta.

— A Senhora é muito perspicaz. — Ele riu depois de seu gracejo. — Sim, estou interessado em midkemianos e, seguindo o sensato pedido de meu pai, tento manter tudo na maior discrição. — Sua expressão tornou-se mais séria. — Gostaria de ser sincero com você, Mara, tanto quanto meu pai foi com o Senhor Sezu; nossos pais serviram juntos na juventude e

confiavam um no outro.

Apesar de intrigada com o encanto do jovem, Mara reprimiu seu desejo de se abrir, para evitar grandes revelações. Ela confiava em Hokanu, mas o nome de sua família saíra havia muito pouco tempo do esquecimento para que pudesse revelar suas intenções. Os criados dos Shinzawai poderiam ter a língua solta, e jovens às vezes celebravam seus primeiros momentos de liberdade e responsabilidade longe de casa com boas quantidades de bebida. Hokanu lhe parecera tão equilibrado quanto o pai, mas ela não o conhecia bem o bastante para ter certeza disso.

— Temo que o interesse dos Acoma nos bárbaros seja meramente por uma questão financeira. — Mara abanou seu leque, decidida. — A colmeia cho-ja que conquistamos há três anos deixou nossas needra com poucos pastos. Os escravos que abrem caminhos na floresta durante a estação úmida adoecem, diz meu hadonra. Se pretendemos ter pasto suficiente para alimentar nossas manadas na época da reprodução, temos de contar com perdas. — Ela lançou um olhar de pesar a Hokanu. — No entanto, não contava com concorrência neste leilão. Estou contente por vê-lo, mas, só de pensar em competir com um amigo tão querido, fico incomodada.

Hokanu fitou por um momento as próprias mãos, com o rosto sereno e um sorriso no canto da boca.

— Se libertar minha Senhora de seu dilema, será que ela retribuiria o favor aos Shinzawai? Digamos, acompanhando um pobre segundo filho em um jantar?

Inesperadamente, Mara riu.

— No que diz respeito a elogios, Hokanu, você é um demônio. Muito bem, sabe que não preciso ser subornada para deixá-lo visitar minha propriedade. Sua companhia é... sempre bem-vinda.

Hokanu olhou para Lujan simulando sofrimento.

— Ela diz isso de uma maneira muito sincera, para alguém que me rejeitou da última vez que estive em Sulan-Qu.

— Isso não é justo — protestou Mara, que depois corou ao perceber quão rapidamente falara em sua própria defesa. Já com mais decoro, acrescentou: — Daquela vez, seu pedido veio em um momento delicado, Senhor Hokanu.

O rosto dela tornou-se sombrio quando se lembrou de um espião minwanabi e de um belo e incômodo rapaz que sofrera em consequência da intriga e da ambição inevitáveis à vida no Império de Tsuranuanni.

Hokanu reparou na tensão que obscurecera o rosto dela. Sentiu compaixão por aquela jovem mulher, que quando criança fora tão séria e que, contra todas as expectativas, tivera coragem e inteligência para evitar a ruína de sua casa.

— Os midkemianos são seus — afirmou ele com firmeza — pelo preço que conseguir negociar com o agente.

— Mas não quero lhe causar nenhum problema — protestou Mara. O leque tremeu entre seus dedos fechados. Estava tensa; Hokanu não poderia reparar nisso, e, para distraí-lo, ela agitou as penas como se estivesse incomodada com o calor. — Os Shinzawai mostraram muita amabilidade para com os Acoma e, em honra disso, está na hora de nos provarmos úteis: que seja eu a ceder no leilão.

Hokanu fitou a Senhora, que era delicadamente pequena e bem mais atraente do que ela própria tinha noção. Era dona de um sorriso que a tornava radiante, apesar de, naquele momento, seu rosto estar visivelmente abalado pela tensão, escondida pelo pó de thyza. Suas preocupações eram bem mais profundas do que simples questões de honra, pressentiu imediatamente o jovem.

Isso o levou a se deter: ela fora forçada, no momento em que ia fazer os votos para servir a deusa Lashima, a assumir o papel de Governante. Muito provavelmente, pouco ou nada sabia sobre os homens antes de sua noite de núpcias. E Buntokapi dos Anasati, um fanfarrão grosseiro e rude, era filho de um inimigo dos Acoma e se tornou seu esposo e Governante. Ele fora bruto com ela, Hokanu tinha quase certeza, e era por isso que aquela Senhora e mãe se comportava com tanta insegurança quanta teria uma garota alguns anos mais nova. Em seguida, sentiu por ela admiração: aquela mulher aparentemente frágil provara ter um valor bem maior do que seu tamanho e sua experiência poderiam indicar. Ninguém, além do pessoal de confiança de sua casa grande, adivinharia o que ela havia suportado sob o rude domínio de Buntokapi. Alguém próximo a Mara poderia lhe contar muita coisa se Hokanu conseguisse partilhar com tal pessoa um copo de bebida em uma taverna. Mas bastou apenas um olhar para a postura atenta de Lujan para que o filho do Senhor Kamatsu se convencesse de que o Líder de Ataques não seria uma boa escolha. O guerreiro avaliou Hokanu ao perceber seu interesse; e, no que dizia respeito à sua Senhora, sua lealdade era absoluta. Hokanu tinha consciência de que Mara sabia avaliar o caráter de alguém com muita habilidade — provara isso muito bem ao se manter viva durante tanto tempo.

Tentando suavizar a disposição dela sem ofendê-la, Hokanu disse:

— Minha Senhora, falei com sincero desapontamento sobre não ter sido possível vê-la por ocasião de minha última visita. — Ocultou qualquer constrangimento atrás de um sorriso encantador. — Os Acoma não devem quaisquer favores aos Shinzawai. Trata-se apenas de uma questão prática. A maioria dos escravos de Midkemia segue para a prisão na Cidade das Planícies, em Jamar, e eu estou na fronteira de Jamar. Será que devo fazê-la esperar o próximo carregamento de prisioneiros subir o rio enquanto conduzo vinte homens amarrados uns aos outros sob o calor e trato de negócios, para depois levá-los de novo rio acima? Não faz sentido. Seus pastos de needra são uma necessidade mais urgente, creio eu. Por favor, aceite como nada mais do que uma pequena cortesia de minha parte o fato de eu não participar do leilão.

Mara parou abruptamente de abanar o leque, mal escondendo seu alívio.

— Pequena cortesia? Sua amabilidade é inigualável, Hokanu. Assim que concluir seus negócios em Jamar, ficaria muito feliz em recebê-lo como hóspede dos Acoma em seu caminho de volta à propriedade de seu pai.

— Então, a questão dos escravos está resolvida. — Hokanu pegou a mão dela. — Aceitarei de bom grado sua hospitalidade. — Fez uma reverência, de modo a selar o acordo. Ao se endireitar, viu dois olhos castanhos fitando-o intensamente. Sempre se sentira atraído pela Senhora dos Acoma, desde que a vira pela primeira vez. Quando voltasse de Jamar, talvez tivesse a oportunidade de conhecê-la melhor, para explorar suas chances e verificar se o interesse era recíproco. Mas, naquele momento, intuitivamente, pressentiu que a proximidade a deixava incomodada. O mercado público de escravos não era o local adequado para tentar entender o motivo disso e, em vez de deixá-la desconfortável a ponto de o prazer que ela sentira ao vê-lo se transformar em arrependimento, levantou-se de seu lugar. — Pois bem, quanto mais depressa eu partir para Jamar, mais depressa voltarei. Ficarei ansioso para revê-la, Senhora.

Mara agitou o leque diante do rosto. Inesperadamente constrangida, sentiu ao mesmo tempo pesar e alívio com a partida de Hokanu. Assentiu tentando demonstrar compostura.

— Também anseio por esse momento. Tenha uma boa viagem.

— Eu lhe desejo o mesmo, Senhora Mara.

O mais jovem dos dois filhos dos Shinzawai abriu caminho em meio aos bancos e abandonou a galeria superior. Ao se expor à luz do dia, na escada, exibiu seu nariz reto, sua testa alta e o queixo saliente que sempre chamavam a atenção de muitas filhas de nobres em Szetac, sua província natal. Até para o olhar extremamente crítico de Lujan, o homem não parecia feio, além de ter ótimo nível social.

O som de vozes altas subiu do local onde estavam os escravos. Mara deixou de prestar atenção ao vulto cada vez mais distante de Hokanu. Apoiou-se no parapeito da galeria para ver a origem do tumulto. Como não era possível haver arqueiros escondidos entre os grupos de escravos nus, Lujan não a apressou para que ela se escondesse nas sombras, mas não deixou de observar os telhados ao redor.

Mara se surpreendeu ao descobrir que a gritaria indecorosa vinha do agente que vigiava os bárbaros. Baixo, roliço e envolto em vestes de luxuosa seda amarela, balançava a mão na frente do queixo de um forasteiro. Quem o enfrentava era o midkemiano ruivo em quem Mara já havia reparado, com seu corpo nu brilhando à luz da tarde. Parecia tentar conter desesperadamente a vontade de rir enquanto recebia a repreensão do agente. Mara foi forçada a admitir que o quadro era mesmo cômico: o agente era pequeno, até para um tsurani, e os bárbaros eram muito mais altos do que ele. Na vã tentativa de querer parecer ameaçador, foi obrigado a ficar na ponta dos pés.

Mara observou o forasteiro. Embora pudesse ser açoitado a qualquer momento, manteve-se de braços cruzados, numa postura de plena autoconfiança. Era uma cabeça mais alto do que

o capataz e os dois ajudantes que se apressaram a ajudar o agente. O forasteiro abaixou a cabeça em direção a eles como se fosse um jovem nobre aborrecido olhando seu bobo da corte. De repente, Mara sentiu um aperto dentro de si ao estudar o corpo do homem, magro e quase transparente devido às rações escassas e ao trabalho árduo. Enquanto se obrigava a se acalmar, tentou entender se a presença de Hokanu a afetara mais do que imaginara. Os homens com quem deveria se preocupar mais naquele momento estavam lá embaixo, praticamente enjaulados, e seu interesse por eles era apenas financeiro.

Mara parou de apreciar abertamente a aparência do homem e concentrou-se em sua altercação com o capataz tsurani e seus ajudantes. As palavras empoladas do agente atingiram seu auge e ele perdeu o fôlego. Agitou o dedo em riste uma última vez na altura da clavícula do bárbaro. E, para grande espanto de Mara, o escravo não demonstrou qualquer sinal de submissão. Em vez de se prostrar encostando o rosto no solo aos pés do agente, aguardando silenciosamente seu castigo, empinou o queixo barbado e, com uma voz de trovão, começou a falar em um tsurani rudimentar, com gestos confiantes.

— Por todos os deuses, olhe para ele! — exclamou Lujan espantado. — Comporta-se como se os escravos tivessem nascido com o direito de argumentar. Se forem todos atrevidos como esse, não me espantaria se um mercador de escravos precisar lhes arrancar a pele para conseguir meio dia de trabalho.

— Silêncio — disse Mara, acenando-lhe com a mão. — Quero ouvir. — Esforçou-se para tentar compreender o tsurani arrevesado do bárbaro.

De repente, o forasteiro parou de falar, com a cabeça inclinada para um lado, como se já tivesse exposto seus argumentos. O agente parecia nervoso. Sinalizou ao ajudante com a ardósia de registro e falou em tom irritado:

— Em fila! Todos vocês! Já!

Os escravos se alinharam calmamente. Do ponto alto de onde estava observando a confusão, Mara reparou que os bárbaros arrastaram os pés até suas posições, escondendo dois companheiros agachados perto da cerca de madeira do lado que dava para o rio.

— O que acha que estão fazendo? — perguntou ela a Lujan.

O guerreiro encolheu os ombros da maneira típica dos tsurani, ou seja, apenas com um leve movimento.

— Coisa boa não é. Já vi jovens needra mais inteligentes do que aquele agente.

Lá embaixo, o capataz e o ajudante com a ardósia começaram a contar os escravos. Os dois escondidos foram os últimos a se juntarem à fila, e, graças a um tropeção encenado e à desordem que se seguiu quando se desequilibrou e caiu no meio da fileira, o encarregado com a ardósia perdeu a conta. Começou de novo, olhando para baixo para marcar com o giz cada escravo por que passava, enquanto o agente vociferava e suava devido ao atraso.

Cada vez que o encarregado consultava a ardósia, os bárbaros indisciplinados mudavam de posição. O homem com o chicote açoitou alguns deles para tentar estabelecer um pouco de

ordem. Um escravo gritou algo em sua língua nativa, o que soou de maneira suspeita como um palavrão, enquanto saltava para escapar do castigo. Os outros riram. O chicote estalou para silenciar aqueles que estavam mais próximos do capataz, o que levou a fila de escravos à espera a se desfazer e, lentamente, a se recompor atrás do homem. O encarregado olhou para cima em desespero. Mais uma vez, perdera a conta.

O agente gritou em uma exibição vergonhosa de impaciência:

— Já estaremos mortos e enterrados quando terminar isto!

Então bateu palmas chamando alguém que estava ao lado e pouco depois um criado correu apressado com um cesto de calças e camisas toscas e começou a distribuí-las aos escravos.

Naquele momento, o bárbaro ruivo começou a gritar insultos ao capataz. Seu tsurani poderia ser básico e mal pronunciado, mas, em algum momento de sua jornada desde que fora capturado, alguma criança pedinte anônima lhe ensinara cuidadosamente, e bem. A boca do capataz se abriu de incredulidade enquanto pesava as implicações biológicas do que o forasteiro acabara de dizer em relação à sua mãe. Então ruborizou-se e fez girar o chicote, que o bárbaro evitou com destreza. O pequeno e gordo tsurani começou então a perseguir o enorme midkemiano.

Lujan riu.

— É uma pena que o bárbaro precise ser abatido; ele é tão engraçado quanto qualquer ator itinerante que eu já tenha visto. E parece estar se divertindo também. — Um movimento no canto mais afastado do recinto captou a atenção de Lujan. — Ah! — exclamou. — E com um bom motivo, ao que parece.

A própria Mara reparou então que um dos escravos voltara a se agachar ao lado da cerca. Pouco depois, pareceu-lhe que ele passava algo por baixo dela.

— Pela sabedoria de Lashima — comentou ela, surpresa e com um sorriso de espanto. — Estão roubando as camisas!

Da galeria era possível apreciar toda a operação. O gigante ruivo corria em volta do complexo. Apesar de sua altura, movia-se com a graciosidade de um sarcat — um predador de seis patas rápido e esquivo das pradarias —, evitando, em um primeiro momento, qualquer tentativa do capataz para alcançá-lo. Então, estranhamente, começou a se arrastar como uma needra preña. Quando o capataz se aproximou, o bárbaro se esquivou da chicotada, trocando os pés, escorregando, se desequilibrando e, em seguida, agitando-se e fazendo subir uma grande quantidade de poeira. Com frequência, o capataz se chocava com seus companheiros que tinham trazido as calças e as camisas, derrubando-os, atordoados. E, no meio da confusão e da poeira, as roupas desapareciam como que por milagre. Algumas foram embrulhadas e passadas a outros escravos; por vezes, uma camisa se desenrolava e aterrissava, para ser recolhida por outro homem. Dessa forma, as roupas acabavam sendo passadas até o homem agachado ao lado do muro. Quando surgia uma oportunidade, ele enfiava as vestes por um buraco e apanhava as fichas de concha usadas como moeda no Império que alguém de fora lhe

entregava. O midkemiano então as limpava em seu peito peludo e, em seguida, as colocava na boca e as engolia.

— Deve haver alguns meninos de rua do outro lado. — Lujan abanou a cabeça. — Ou talvez o filho de algum barqueiro. Embora seja um mistério o uso que um escravo possa dar a uma moeda.

— Eles sem dúvida são bastante inteligentes... e corajosos — comentou Mara, a quem Lujan fitou intensamente. O fato de ela, em um lapso, ter atribuído características honrosas a homens que, pelas inflexíveis leis da sociedade, estavam numa posição inferior ao mais desprezível e vil dos pedintes da sarjeta levou o Líder de Ataques a se deter. O desespero ensinara Mara a reavaliar as tradições de seu povo, muitas vezes com resultados engenhosos. Apesar de o próprio Lujan ter prestado o juramento de servi-la após um golpe igualmente pouco ortodoxo, nem ele saberia adivinhar o que ela via em um bando de escravos bárbaros. Tentando sondar o que a fascinara, o guerreiro voltou a observar o conflito abaixo.

O capataz solicitara reforços. Diversos guardas musculosos equipados com ganchos de pele de needra áspera dirigiram-se correndo ao recinto e saltaram sobre o ruivo insubordinado; os escravos que tentaram atrapalhá-los foram empurrados para o lado ou chutados com sandálias de pontas afiadas. Um bárbaro caiu, com a canela sangrando. Vendo isso, os demais logo abriram caminho para os guardas. O ruivo, que liderava o espetáculo, também diminuiu o ritmo. Deixou-se encurralar, para desse modo não ser brutalmente ferido. Os guardas o pegaram com os ganchos e o arrastaram até o agente corado e coberto de pó, cujas roupas lamentavelmente precisavam agora de uma boa limpeza. Obrigaram o enorme prisioneiro a ficar de joelhos e o seguraram, enquanto o capataz pedia aos gritos que lhe trouxessem algemas e correias de pele de needra endurecida para contê-lo.

Ainda assim, o bárbaro não se encolheu de medo. Parecendo desconhecer a possibilidade de sua vida ser tirada com um único gesto do capataz, atirou para trás seu cabelo comprido e fitou os captores com enormes olhos azuis. Em dado momento da confusão, alguém o golpeou no rosto. Sangue escorria, ensopando sua barba ruiva e densa. Deveria ter apenas uns vinte anos e nem mesmo aquele tratamento duro domesticara seu entusiasmo. Ele disse algo. Mara e Lujan viram a expressão do agente se petrificar e um dos guardas reprimiu um ataque de riso muito pouco próprio de um tsurani, escondendo-se atrás de uma braçadeira envernizada. O capataz com o chicote se revelou mais controlado. Reagiu com uma chicotada e depois, por trás, chutou o bárbaro para a frente até ele cair com o rosto no chão.

Mara não se retraiu diante daquela violência. Escravos desobedientes já tinham sido espancados em sua propriedade por muito menos do que o comportamento ultrajante daquele bárbaro. No entanto, os atos do ruivo, inconcebíveis pelas normas de sua sociedade, não a chocaram nem um pouco. Já se acostumara aos costumes dos cho-ja e aprendera a respeitar os seus comportamentos e sua sabedoria, por mais estranhos que pudessem ser. Ao ver os escravos, pensara que aqueles homens eram tão humanos quanto ela, mas o mundo deles era

bem diferente de Kelewan. Sendo forasteiros, talvez não compreendessem o destino que lhes estava reservado: em Kelewan um homem só escapava da escravidão cruzando os portais da morte. Um escravo não tinha honra nem alma, era insignificante como um inseto e receberia conforto ou seria derrubado com a mesma facilidade com que um homem observaria uma abelha vermelha em meio ao mel.

Um guerreiro tsurani preferiria acabar com a própria vida a permitir ser capturado pelo inimigo — os que eram aprisionados, via de regra, estavam feridos ou inconscientes, ou, ainda, eram covardes. Aqueles midkemianos provavelmente tiveram as mesmas opções e, ao viverem sem honra, tinham traçado seu destino.

O ruivo não parecia nem um pouco conformado. Rolou para escapar do chicote e chocou-se contra os tornozelos do agente. O homem gordo ganiu e ficou pasmo, e só não caiu porque o encarregado de registrar a contagem apressadamente largou a ardósia para segurar a seda amarela. A tábua caiu na terra e o bárbaro, com um movimento invejável, rolou por cima dela. As marcas do registro foram apagadas por uma mancha de suor e pó, e Mara, na galeria, viu com uma excitação bizarra que a cesta estava vazia. Apenas um terço dos homens no pátio estava vestido; alguns não tinham calças e outros estavam sem camisas. Apesar de o ruivo ter conquistado uma surra, talvez até a morte por enforcamento, alcançara uma pequena vitória sobre seus captores.

Os homens com os ganchos se aproximaram. O calor e o esforço esgotaram sua paciência e daquela vez os golpes tinham a intenção de quebrar partes do corpo.

Impulsivamente, Mara levantou-se de um salto.

— Parem! — gritou sobre o parapeito. Sua voz de comando levou os guardas a obedecer. Era uma Governante, e eles não passavam de servos. Habitados a obedecer a ordens, baixaram os ganchos e pararam a investida contra o midkemiano. O agente, surpreso, ajeitou suas vestes, enquanto, na terra empoeirada, o escravo bárbaro se apoiava desconfortavelmente sobre o cotovelo e olhava para cima.

O fato de sua salvadora ser uma pequena mulher de cabelos pretos pareceu pegá-lo de surpresa. Ainda assim, continuou a fitá-la descaradamente.

As sobranceiras de Mara uniram-se, revelando irritação.

— Eu disse para parar! Se isso continuar, exigirei que sejam obrigados a pagar pelos bens danificados enquanto um participante do leilão espera para fazer um lance.

O agente se endireitou de repente, estupefato, esquecendo sua seda estragada. Afastou o cabelo suado das têmporas, como se, ao melhorar sua aparência, sua falta de decoro pudesse ser esquecida. Ao ver a Senhora dos Acoma na galeria dos compradores, fez uma reverência, dobrando-se de tal forma que quase ficou de joelhos. Depois da exibição de mau comportamento do ruivo, sabia que teria sorte se vendesse aquele lote de midkemianos pelo preço atribuído a um peixe de aquário. O fato de aquela senhora ter testemunhado o ocorrido e, ainda assim, desejar comprá-los, era uma maravilha que ninguém com a cabeça no lugar

poderia questionar.

Consciente de que ele não estava em posição de negociar, Mara sacudiu o leque com uma indiferença calculada.

— Talvez ofereça trinta centúrios por esses bárbaros — disse ela devagar. — Mas, se o grandalhão sangrar demais, posso desistir de comprá-los.

Ao ouvir aquilo, Lujan ergueu as sobrancelhas. Ele também questionava a inteligência de sua Senhora por ela querer comprar escravos insubordinados, mas aquele não era o local para um guerreiro dar conselhos. Permaneceu em silêncio enquanto, no complexo, o agente se virava para o homem do registro e lhe ordenava que fosse buscar roupas e água. O homem voltou e, imediatamente, lhe deram a humilhante tarefa de limpar os cortes do ruivo.

Mas o ruivo que comandava o espetáculo não estava interessado em cortesias. Estendeu sua mão enorme e, apesar de ter seus movimentos restringidos pelas algemas e correias, foi rápido o bastante para colocar a mão no pulso do homem dos registros. O que ele disse não foi audível nas galerias, mas o criado largou o trapo e a bacia, como se seus dedos queimassem.

O agente tentou suavizar aquele ato de desobediência com um sorriso improvisado e nervoso. Não tinha a mínima vontade de testar a paciência de Mara ordenando um castigo ao escravo. Tentava se portar como se tudo tivesse corrido conforme o planejado quando um dos bárbaros avançou e bruscamente começou a limpar os ferimentos do companheiro provocados pelas chicotadas.

— Minha Senhora, os papéis de aquisição podem ser preparados prontamente, no conforto mais reservado de meu gabinete. Pedirei frutas geladas para saciar sua sede enquanto aguarda para assinar. Se quiser ter a amabilidade de se juntar a mim em meu gabinete...

— Isso não será necessário — disse Mara, ríspida. — Espero lá fora pelo seu escriba, pois desejo que esses escravos sejam imediatamente transportados para minhas terras. Assim que tiver o certificado de transferência de propriedade, meus guerreiros ficarão com a custódia deles. — Ela olhou uma última vez para o complexo. — Ou melhor, assinarei os papéis de compra apenas após esses escravos receberem roupas adequadas.

— Mas... — disse o agente, consternado e atrapalhado.

O responsável pela contagem parecia irritado. Embora a cesta trazida dos armazéns tivesse calças e camisas suficientes para vestir três caravanas de escravos vindos de Jamar, muitos daqueles homens permaneciam nus ou parcialmente vestidos. O assunto seria devidamente investigado e sem dúvida resultaria em alguns espancamentos, mas a impaciência da Senhora encerrou o assunto. Ela queria assinar o termo de compra logo. Com um gesto zangado, o agente incitou o responsável pelo registro de contas a ignorar aquele lapso e o apressou a tratar do assunto. Por trinta centúrios, aqueles escravos dariam pouco lucro, mas pior seria se arriscar a não vendê-los, ocupando os recintos com eles e alimentando-os com thyza que seria mais bem empregada para engordar escravos mais dóceis — que valeriam

individualmente de cinco a dez centúrios.

Consciente do prejuízo que teria de reportar aos seus investidores, o agente recuperou a compostura.

— Envie meu mensageiro para que um escriba trate do documento da Senhora. — Quando seu subordinado começou a protestar, resmungou algo entre dentes para que se apressasse antes que a Senhora pensasse melhor e mudasse de ideia.

O ajudante saiu correndo. A Senhora na galeria não prestou atenção à sua partida. Olhava o bárbaro que adquirira por impulso e intuição. Ele, por sua vez, devolveu o olhar, e algo na concentração de seus olhos azuis a fez corar de uma maneira que nem Hokanu dos Shinzawai conseguira.

Mara voltou-se de repente e, sem proferir uma palavra ao seu Líder de Ataques, desceu apressada as escadas que ligavam a galeria à rua. Ao Líder de Ataques bastou um passo para alcançá-la e retomar sua posição. Ele ficou pensando se o motivo da pressa se devia à impaciência em voltar para casa ou a qualquer outra situação incômoda. Deixando de lado tais especulações, Lujan dobrou-se para ajudar Mara a subir na liteira.

— Jican vai entrar em pânico. — Mara observou atentamente o rosto de seu oficial e não viu nele seu habitual bom humor. Em vez do ar de brincadeira, detectou apenas preocupação... e talvez algo mais.

Então o escriba apareceu trazendo os documentos para concluir o negócio. Mara assinou, impaciente por partir. Logo, ouviu gente tagarelando e resmungos estranhos, e os escravos foram conduzidos pelo portão da área de detenção. Lujan moveu um pouco a cabeça e a companhia de guardas de Mara, na mesma hora, organizou as duas dúzias de midkemianos para a viagem de retorno à propriedade dos Acoma. A tarefa foi dificultada pelo fato de parte dos escravos não compreender a língua e por uma incrível tendência para se envolverem em discussões. Não passaria pela cabeça de nenhum escravo tsurani exigir sandálias antes de começar a marchar. Inconformados com a desobediência aparentemente irracional, os soldados primeiro ameaçaram e, por fim, recorreram à força. A cada minuto que passava, menos paciência tinham. Soldados não eram capatazes, e bater em escravos era algo indigno de sua posição. Serem vistos assim em uma via pública era algo que os envergonhava e que não honrava a Senhora, agora já pronta para partir.

Mara, sentada com as costas retas e imóvel em suas almofadas, também não escondeu o seu desconforto diante daquele espetáculo grosseiro. Gesticulou para seus carregadores colocarem nos ombros as varas da liteira. O ritmo que lhes ordenou pelo menos assegurava que a passagem pelas ruas de Sulan-Qu seria rápida.

Mara fez um sinal a Lujan e, após uma breve conferência, indicou que deveriam conduzir os escravos pela rota mais discreta. Isso envolvia atravessar os bairros mais pobres próximos do rio, através de ruas cheias de lixo e poças de esgoto e água de lavar. Os guerreiros empunharam suas espadas e, com a parte lateral das lâminas, bateram nos vagarosos escravos

para que avançassem. Salteadores e ladrões de rua eram uma ameaça menor para uma companhia atenta e experiente como aquela, mas Mara estava com pressa por outras razões.

Seus inimigos se interessavam sempre por cada um de seus passos, por mais insignificantes que fossem, e rumores sobre sua visita ao mercado dos escravos logo surgiriam. Naquele exato instante, o agente e seus homens deveriam estar na taverna local; bastava um comerciante ou mercador ouvir as especulações sobre o motivo de Mara comprar escravos do mundo exterior para que os rumores imediatamente comesçassem a circular. E, assim que sua presença na cidade fosse de conhecimento geral, agentes inimigos se apressariam para alcançá-la e seguir seus passos. Os midkemianos iriam servir para limpar os novos campos das needra, e Mara desejava que isso permanecesse em segredo o máximo de tempo possível. Por mais trivial que fosse, qualquer informação obtida por seus inimigos enfraqueceria os Acoma. E a maior preocupação de Mara, desde que se tornara Governante, era preservar a casa de seus antepassados.

Os carregadores da liteira viraram na rua à margem do rio. Ali, o caminho estreitava-se para uma viela entre edifícios decrepitos; logo, sobrava pouco espaço ao lado da liteira. Acima das paredes, galerias com cortinas de pele grosseira se debruçavam sobre as ruas, com as vigas dos telhados amontoadas umas contra as outras, ocultando a luz do dia. Sucessivas gerações de senhorios tinham acrescentado novos andares suspensos aos anteriores, de maneira que, ao olhar para cima, apenas uma estreita linha do céu verde de Kelewan era vista, brilhando em contraste com as trevas opressoras. Os soldados de Mara esforçavam-se para enxergar na súbita escuridão, sempre atentos a ameaças; aquele conjunto de pardieiros era um ótimo local para uma emboscada.

A brisa do rio era incapaz de penetrar aquele emaranhado apertado de casas. O ar pairava imóvel e úmido, fétido devido ao lixo, à sujeira e ao cheiro intenso e penetrante de madeira podre. Muitas fundações já tinham sido corroídas por fungos, fazendo com que as paredes se rachassem e as vigas dos tetos afundassem. Apesar de inóspitas, as ruas fervilhavam de vida. Os habitantes abriam caminho à passagem do séquito de Mara e os plebeus se abrigavam em arcos sem portas ao verem o oficial emplumado. Guerreiros dos grandes Senhores espancariam prontamente qualquer infeliz que demorasse a sair do caminho. Apenas grupos de garotos de rua barulhentos e imundos arriscavam a sorte, apontando para a suntuosa liteira e desaparecendo em seguida da frente dos soldados que os cutucavam com os cabos das lanças para que se afastassem.

Os midkemianos pararam com as conversinhas, para grande alívio de Lujan. Naquele momento, seus guerreiros já tinham tarefas o suficiente e não precisavam de mais preocupações. Por mais que ordenasse que se calassem, os bárbaros tinham propensão a desobedecer, como era esperado de um escravo.

Conforme o séquito dos Acoma passava por entre aquelas casas superpovoadas, sentiam o ar cheio de fumaça que escapava dos antros dos vendedores de flores tóxicas. Os comedores

de resina de flor de kamota viviam no mundo dos sonhos e das alucinações e eram vítimas de ataques de loucura. Os guerreiros tinham suas lanças a postos, preparados para um ataque inesperado, e Mara seguia sentada atrás das cortinas, com seu leque aromatizado bem encostado nas narinas.

A liteira diminuiu de velocidade antes de chegar a uma esquina e a sua ocupante foi sacudida quando os carregadores mudaram o ponto de apoio e passaram o peso para o outro lado do corpo, em frente aos pilares de uma entrada inclinada. Uma das varas bateu na cortina suja que estava pendurada à entrada, afastando-a para o lado. Lá dentro estavam várias famílias, vivendo amontoadas. As roupas estavam imundas e eles tinham a pele recoberta de feridas. Dividiam uma panela de thyza malcheirosa, enquanto, em um canto, outro recipiente idêntico era usado para recolher o lixo do dia. O fedor era sufocante e numa manta esfarrapada uma mãe amamentava uma criança frágil, com outras três em volta dos joelhos e tornozelos. Todos pareciam ter vermes, saúde frágil e fome. Como ouvira desde pequena que a pobreza ou a riqueza eram distribuídas segundo a vontade dos deuses — em forma de recompensa por ações em vidas passadas —, Mara não prestou atenção àquela miséria.

Os carregadores afastaram a liteira da entrada. Quando se reagruparam, Mara viu de relance os novos escravos que seguiam na parte de trás da comitiva. O ruivo alto murmurou algo a outro escravo, um homem corpulento que começava a ficar calvo e que o escutou com o respeito que se dá a um líder. Foi visível na expressão de ambos um sinal de ultraje, ou talvez de espanto, embora fosse um mistério para a Senhora saber o que poderia ter gerado, num lugar público, tais sentimentos por pessoas com quase tão pouca honra quanto os próprios escravos.

O bairro pobre de Sulan-Qu não era grande; de qualquer forma, a passagem pelas ruas apertadas se revelou profundamente cansativa. Por fim, os cortiços ficaram para trás quando a estrada acompanhou a curva do rio Gagajin. Ali, a escuridão diminuiu de intensidade, mas apenas um pouco. Os edificios residenciais embolorados deram lugar a armazéns, oficinas e fábricas. Tinturarias, casas de curtumes, bancas e açougues ocupavam todo o espaço, e o mau cheiro de restos de carne, de tintas e do vapor dos fornecedores de sebo espalhava no ar uma nuvem fétida. A fumaça das fogueiras dos produtores de resina se juntava em nuvens saídas das chaminés e, ao lado do rio, ancoradas em estacas instáveis, havia barcaças comerciais e outros barcos que serviam de habitação. Vendedores competiam entre si por qualquer espaço que sobrasse, com suas minúsculas bancas repletas de coisas, oferecendo seus artigos a grupos de mulheres e trabalhadores durante suas folgas.

Os guerreiros de Lujan foram então obrigados a afastar à força a multidão, gritando *Acoma! Acoma!* para que os plebeus soubessem que uma grande Senhora estava passando. Outros guerreiros cerraram fileiras nas laterais da liteira de Mara, protegendo sua Senhora de eventuais perigos com suas próprias armaduras. Mantiveram os escravos bem juntos, tão próximos que nenhum homem conseguiria olhar para o chão para ver os próprios pés. Os

soldados calçavam sandálias de couro endurecido, mas aos escravos, incluindo os carregadores, não restava alternativa além de caminharem descalços sobre cacos e riachos de esgoto e outros dejetos.

Mara recostou-se em suas almofadas finamente bordadas, com o leque bem encostado ao rosto. Fechou os olhos para imaginar os amplos campos de sua propriedade, perfumados com a grama do verão e flores doces. O quarteirão industrial acabou ficando para trás e o ambiente ficou menos malcheiroso e populoso, pois entraram em uma região dedicada ao comércio de luxo. Ali trabalhavam tecelões, alfaiates, cesteiros, sapateiros, tecedores de seda e oleiros. Havia uma ou outra joalheria — guardada por mercenários armados — e perfumarias ladeadas por lojas que vendiam artigos menos luxuosos, frequentadas naquele quarteirão menos elegante por mulheres da vida.

O sol marcava meio-dia. Sonolenta atrás das cortinas, Mara sacudiu o leque devagar, grata por, enfim, deixar para trás a confusão de Sulan-Qu. Seu séquito seguiu caminho através de estradas à sombra de árvores carregadas de folhas. Ela estava recostada, tentando dormir, quando um dos carregadores começou a mancar. A cada passo era sacudida desconfortavelmente em suas almofadas, e, em vez de causar dor desnecessária a um homem, ordenou que parassem para verificar o que estava acontecendo.

Lujan instruiu um soldado para que verificasse os carregadores. Um tinha cortado o pé no bairro dos pobres. Era tsurani, e, ciente de sua posição, se esforçara para cumprir sua tarefa até não conseguir mais suportar a dor.

Mara ainda estava a uma hora de distância da casa grande e, desanimados, os midkemianos falavam de novo entre si com os sons nasalados de sua língua nativa. Irritada tanto com o falatório quanto com o atraso, ela fez um sinal a Lujan.

— Mande aquele bárbaro ruivo substituir meu carregador manco. — Ele poderia ser escravo, mas se comportava como um chefe, e, como o fedor do bairro dos pobres provocara dores de cabeça em Mara, ela estava disposta a aceitar qualquer coisa para acalmar os bárbaros.

Os guerreiros foram imediatamente buscar o escravo escolhido. O homem calvo protestou e teve de ser algemado e afastado. Derrubado para ficar de joelhos, continuou a berrar, até que o ruivo lhe ordenou que se calasse. Em seguida, com os olhos azuis fixos com curiosidade na elegante Senhora na liteira, avançou para colocar no ombro a vara que estava livre, na frente, do lado esquerdo.

— Não! — gritou Lujan na mesma hora.

Através de gestos, indicou ao escravo na retaguarda que passasse para a frente e encarregou o ruivo de ficar atrás. Dessa forma, um guerreiro com uma espada desembainhada poderia marchar nas costas do bárbaro — uma segurança para evitar problemas ou ameaças à sua Senhora.

— Para casa — ordenou ela à sua comitiva, e os carregadores se agacharam para apoiar o

fardo nos ombros, com o bárbaro ruivo entre eles.

Os primeiros passos adiante foram um caos incontrollável. O midkemiano era uma cabeça mais alto que os outros carregadores e, assim que se endireitou com a carga e avançou, a liteira saltou para a frente. Mara percebeu que estava escorregando. Os ornamentos de seda e as almofadas não serviram para impedir o movimento. Os reflexos rápidos de Lujan impediram que fosse lançada sem cerimônia ao chão e, batendo as mãos, o Líder de Ataques avisou ao bárbaro que deveria nivelar a vara. O enorme homem só poderia fazer isso se dobrasse as costas e os ombros, o que deixaria sua cabeça a poucos centímetros da cabeça de sua Senhora.

— Isso não vai funcionar de maneira alguma — disse Mara.

— Seria um belo triunfo para Desio dos Minwanabi se a Senhora se ferisse por causa da falta de jeito de um escravo — comentou Lujan, acrescentando em seguida um sorriso esperançoso ao dizer: — Talvez pudéssemos vestir esses bárbaros como escravos domésticos para depois os oferecermos aos Minwanabi, o que acha? Pelo menos poderiam dar bastante prejuízo antes de o Conselheiro-Mor de Desio ordenar que fossem enforcados.

Mara não estava com disposição para piadas. Ajeitou suas vestes e retirou as presilhas desajeitadas do cabelo. Enquanto isso, os olhos do bárbaro a fitaram com uma intensidade que a perturbou. Ele acabou inclinando a cabeça para um lado e, com um sorriso desconcertante, dirigiu-se a ela em um tsurani rudimentar enquanto avançava num passo pouco firme. Lujan o repreendeu com um grito furioso:

— Cão! Escravo! Já de joelhos, seu miserável! — Sacudiu a cabeça na direção de seus guerreiros, que prontamente seguraram a vara da liteira, enquanto outros agarraram o ruivo e o atiraram no chão. Braços fortes bateram nele com força nos ombros e ainda assim ele tentou falar, até que uma sandália com tachinhas pressionou seu rosto insolente contra a terra.

— Como ousa dirigir a palavra à Senhora dos Acoma, escravo!? — vociferou Lujan.

— O que ele estava tentando dizer? — quis saber Mara, sentindo-se de repente mais curiosa do que ofendida.

Lujan, surpreso, olhou em volta.

— E isso interessa? Ele é um bárbaro e isso não lhe traz honra, Senhora. Ainda assim, a sugestão dele, de certa forma, faz sentido.

Mara se deteve, com a mão cheia de presilhas de casco de tartaruga. A luz do sol brilhou sobre as joias que tinha na cabeça e nos ornamentos de conchas costurados no colarinho.

— Fale.

Lujan passou o pulso por sua testa coberta de suor.

— O canalha sugeriu que nós chamássemos três de seus companheiros e dispensássemos os outros escravos, assim eles poderiam carregar a liteira com mais facilidade, já que têm aproximadamente a mesma altura.

Mara recostou-se, esquecendo por um momento suas presilhas e os cabelos soltos. Franziu

o cenho enquanto refletia.

— Ele disse isso? — meditou ela, e olhou em seguida para o homem, que jazia com o rosto afundado na terra, mantido imóvel pelo pé de um soldado. — Deixe que ele se levante.

— Minha Senhora? — questionou discretamente Lujan. Apenas o seu tom interrogativo indicava até onde se atreveria a ir para contestar diretamente a ordem dela.

— Deixe que o bárbaro se levante — disse Mara bruscamente. — Creio que a sugestão dele é sensata. Ou deseja marchar durante toda a tarde, atrasado por um carregador manco?

Lujan encolheu os ombros à maneira tsurani, como se indicasse que sua Senhora tinha razão. Na verdade, ela poderia ser tão teimosa quanto os escravos bárbaros, e, em vez de testar ainda mais sua paciência, o Líder de Ataques dos Acoma indicou ao soldado que prendia o ruivo que o largasse. Distribuiu então uma série de ordens rápidas. Os demais carregadores e o guerreiro baixaram a liteira de Mara até o solo, e foram escolhidos três dos midkemianos mais altos para ocuparem seus lugares. O ruivo se juntou a eles, com seu rosto atraente e ensanguentado no local onde uma pedra da estrada lhe abrira uma ferida. Assumiu seu posto com a mesma arrogância de antes, embora tivesse sido machucado por aquele tratamento grosseiro. A comitiva se pôs de novo em movimento, com Mara um pouco mais confortável. Os midkemianos poderiam ter boas intenções, mas eram inexperientes no que dizia respeito a carregar uma liteira. Não andavam com passos sincronizados, fazendo com que o percurso fosse feito aos solavancos. Mara se recostou, para tentar combater o enjoo. Fechou os olhos, resignada. Os escravos adquiridos em Sulan-Qu estavam se revelando um verdadeiro transtorno. Ela anotou mentalmente algo que devia dizer a Jican: talvez fosse melhor atribuir aos midkemianos tarefas que pudessem ser desempenhadas perto da casa grande, onde haveria sempre guerreiros por perto. Os capatazes mais experientes poderiam ficar de vigia enquanto se ensinava aos escravos o modo apropriado de se comportarem, de forma que fosse possível confiar que agiriam como o destino ordenara.

Irritada por algo tão simples como comprar novos escravos ter gerado tantos incômodos e confusões, Mara refletiu sobre os problemas que lhe poderiam ser causados por seus inimigos. De olhos fechados para amenizar a crescente dor de cabeça, perguntou a si mesma: o que eu estaria tramando se fosse Desio dos Minwanabi?

Plano

O ar estava calmo.

Desio dos Minwanabi sentou-se à escrivaninha do gabinete de seu falecido pai contemplando os registros de contas à sua frente. Embora fosse meio-dia, mantinha uma lamparina acesa. O gabinete era uma fornalha sombria, com todas as cortinas e portas protetoras bem fechadas, isolando quem estava lá dentro do vento da tarde vindo do lago. Desio parecia imune ao desconforto. Uma única mosca-jade zumbia em volta de sua cabeça, determinada a pousar sobre a testa do jovem Senhor. A mão de Desio se mexeu distraidamente para afastar o inseto irritante, e por um momento o escravo suado que o refrescava com um leque perdeu o ritmo, sem ter certeza se o Senhor dos Minwanabi gesticulara para que se retirasse.

O vulto de alguém já com uma certa idade, escondido na penumbra, indicou ao escravo que deveria permanecer. Incomo, Conselheiro-Mor da Casa dos Minwanabi, aguardou pacientemente que seu mestre concluísse a análise dos relatórios.

Desio franziu o cenho. Puxou para mais perto de si a lamparina a óleo e tentou se concentrar nas informações existentes nos documentos que tinha diante de si, mas os caracteres pareciam nadar no ar úmido da tarde. Por fim, balançou-se para trás em suas almofadas com um irritado suspiro de frustração.

— Chega!

Incomo observou o jovem Senhor com uma doçura que disfarçava sua preocupação.

— Meu Senhor?

Desio, que nunca fora muito atlético, afastou a lamparina e levantou-se devagar. Sua enorme barriga foi apertada pelo cinto da túnica informal que usava quando estava em seus aposentos. O suor escorria por seu rosto, e, com uma mão rechonchuda, afastou da frente dos olhos o cabelo ensopado.

Incomo sabia que o motivo daquela inquietação não se devia apenas à habitual umidade, resultante de uma tempestade tropical fora de época que caíra mais ao sul. O Senhor dos Minwanabi ordenara visivelmente que os biombos fossem bem fechados para ter mais privacidade. O ancião sabia o que estava por detrás daquela ordem aparentemente irracional:

medo. Mesmo em sua própria casa, Desio sentia medo. Nenhum Senhor de nenhuma casa, muito menos um das Cinco Grandes Famílias, poderia admitir tal fraqueza, e por isso o Conselheiro-Mor não se atreveu a abordar o assunto.

Desio caminhou pesadamente pela sala, com a raiva aumentando pouco a pouco; a respiração entrecortada e os punhos fechados revelavam que em poucos minutos iria descarregar sua ira sobre qualquer membro de sua casa que por azar estivesse por perto. O jovem Senhor já mostrara sua natureza de crueldade mesquinha enquanto seu pai governara, mas esse traço perverso desabrochava plenamente desde a morte de Jingu. Após sua mãe ter se retirado para um convento de Lashima, Desio deixou de controlar seus impulsos. O escravo com o leque seguiu o Senhor, tentando desempenhar a tarefa sem entrar em seu caminho.

Na esperança de evitar a perda de mais um escravo da casa, o Conselheiro-Mor disse:

— Meu Senhor, talvez uma bebida gelada sirva para restaurar sua paciência. Esses assuntos comerciais são urgentes.

Desio continuou a caminhar como se não o tivesse ouvido. Sua aparência revelava a recente negligência consigo mesmo. O rosto e o nariz estavam muito corados; olheiras profundas marcavam seus olhos vermelhos, e seus cabelos sujos caíam escorridos sobre os ombros. Além disso, havia sujeira debaixo de suas unhas. Incomo constatou que, desde o ritual de suicídio de seu pai, o jovem Senhor passara a se comportar como uma needra macho cheia de sarna em um lamaçal com uma dúzia de fêmeas. Uma forma estranha de demonstrar a sua dor, mas não inédita: aqueles que eram confrontados pela primeira vez com a morte assumiam frequentemente comportamentos cheios de vigor e de vida. Assim, durante dias, Desio permanecera embriagado em seus aposentos particulares com suas garotas e ignorara os assuntos relativos à Casa dos Minwanabi.

Na segunda manhã, algumas das garotas apareceram com manchas negras e outras com marcas de espancamento devido aos ataques de fúria de Desio. Logo foram substituídas por outras garotas, em uma sucessão aparentemente incansável, até que, por fim, o Senhor dos Minwanabi encerrou seu período de luto. Aparentava ter dez anos a mais do que no momento em que presenciara em silêncio o fim de seu pai sob a espada da família.

Agora, Desio fingia governar as propriedades mais distantes que herdara, mas começava a beber ao meio-dia e não parava até a noite. Embora fosse Senhor de uma das Cinco Grandes Famílias, Desio parecia incapaz de compreender a enorme responsabilidade que acompanhava seu poder. Atormentado por demônios pessoais, tentou se esconder deles em braços macios ou afogá-los em um mar de vinho. Se Incomo houvesse se preocupado, teria enviado seu Senhor a um curandeiro — um sacerdote e professor que lhe daria uma dura lição sobre a responsabilidade que vinha junto com o manto de Governante. Mas bastou encarar uma vez os olhos de Desio — e a loucura tão evidente neles — para o Conselheiro-Mor perceber que quaisquer esforços seriam em vão. O espírito de Desio fervilhava com uma raiva que só poderia ser contida pelo Deus Vermelho.

Incomo tentou pela última vez voltar a atenção de Desio para os negócios:

— Meu Senhor, se me é permitido salientar, estamos desperdiçando dias preciosos enquanto nossos barcos permanecem vazios nos ancoradouros em Jamar. Se é para velejarem para...

— Chega! — O punho de Desio chocou-se violentamente contra uma parede divisória, rasgando a delicada seda pintada e esmagando o batente. Chutou os destroços que caíram no chão e depois girou rápido, de repente, e colidiu com o escravo que segurava o leque. Enlouquecido de fúria, o Senhor dos Minwanabi bateu no homem como se ele fizesse parte da mobília. O escravo caiu de joelhos, quebrando o nariz e rasgando o lábio, espalhando sangue no rosto e no peito e sobre a divisória destruída. Temendo pela própria vida, o escravo conseguiu evitar que o enorme leque atingisse seu Senhor, mesmo tendo a visão afetada pela dor e pelas lágrimas. Desio ignorou o generoso cuidado do escravo e girou outra vez para confrontar o conselheiro. — Não conseguirei me concentrar em nada enquanto ela ainda estiver por aí!

Incomo não precisou de explicações para saber de quem se tratava. A experiência lhe ensinara que nada mais havia a fazer além de sentar-se e aguentar um novo acesso de fúria.

— Meu Senhor — disse ele, ansioso —, nada de bom virá desse desejo de vingança enquanto toda sua riqueza diminui devido à negligência. Se não cuidar dessas questões, pelo menos permita que o hadonra se encarregue desses assuntos.

A súplica não impressionou Desio. Olhando para o vazio, sussurrando asperamente, como se ao pronunciar o nome ela pudesse se materializar, disse:

— Mara dos Acoma deve morrer!

Satisfeito com a escuridão do cômodo, capaz de ocultar seus próprios medos, Incomo concordou:

— Claro, meu Senhor. Mas ainda não é a hora.

— Quando será?! — gritou Desio, ferindo com seu berro os tímpanos de Incomo.

Desio chutou uma almofada e depois baixou o tom de voz para uma altura mais razoável:

— Quando? Ela conseguiu escapar da armadilha de meu pai. E, mais do que isso, fez com que ele desonrasse seu juramento de segurança para os hóspedes, obrigando-o a acabar com a própria vida. — A perturbação de Desio cresceu ao recordar as ofensas de Mara contra sua casa: — Essa... garota não só nos derrotou como nos envergonhou... Não, humilhou! — Pisou com força na almofada e estreitou os olhos para fitar seu conselheiro.

O escravo com o leque se encolheu ao ver aquela expressão tão parecida com a de Jingu dos Minwanabi quando este ficava furioso. Sangrando pelo nariz e pela boca, mas ainda se esforçando corajosamente para refrescar seu Senhor suado, ergueu e baixou o leque num ritmo praticamente inalterado, enquanto a voz de Desio, em um murmúrio rouco, assumia um tom quase conspiratório:

— O Senhor da Guerra a vê com diversão e afeto, protegendo-a inclusive. Talvez até vá

para a cama com a cadela, enquanto nossos rostos são enfiados em lodo de needra. Comemos excrementos de needra sempre que ela respira. — O olhar de Desio tornou-se ainda mais sombrio. Olhou para os biombos muito bem fechados e, como se se lembrasse de algo ao vê-los, um fio de sanidade retornou a seus olhos pela primeira vez desde a morte de Jingu. Incomo conteve um suspiro de puro alívio.

— E mais uma vez — terminou Desio, com a cautela que um homem usaria na presença de uma víbora — ela é uma ameaça real à minha segurança.

Incomo assentiu interiormente. Ele sabia que o medo estava na raiz do comportamento de Desio. O filho de Jingu vivia aterrorizado com a possibilidade de Mara dar continuidade à rixa de sangue com os Minwanabi. Como Governante, Desio seria o próximo alvo das conspirações de Mara, e sua vida e sua honra seriam as próximas a desabar. Apesar do ar sufocante lhe esgotar a paciência, Incomo tentou consolar o Senhor, pois aquela admissão, mesmo em uma conversa particular entre um Senhor e seu conselheiro, era o primeiro passo para ultrapassar aquele medo, e talvez para derrubar, também, a Senhora Mara.

— Meu Senhor, a garota cometerá um erro. Deve aguardar; esperar por esse momento...

A mosca-jade regressou para importunar Desio; o escravo agitou o leque para interceptar seu voo, mas Desio afastou as penas com as mãos. Na escuridão, lançou um olhar furioso a Incomo.

— Não, não posso esperar. A vaca dos Acoma já está por cima e ganha cada vez mais força. A posição de meu pai era mais vantajosa do que a minha; ele estava apenas a um passo do Trono Dourado do Senhor da Guerra! Agora, tudo o que conquistou foi reduzido a cinzas e posso contar nos dedos de uma mão os aliados leais que me restaram. Toda nossa dor e humilhação podem ser lançadas aos pés... *daquela mulher*.

Infelizmente, aquilo era verdade. Incomo compreendeu a relutância de seu Senhor em proferir o nome de sua inimiga. Praticamente uma criança quando o pai e o irmão morreram — com poucos soldados e sem aliados —, em três anos Mara conquistara mais prestígio para os Acoma do que eles já haviam tido em toda sua longa e honrada história. Incomo tentara em vão pensar em algo tranquilizador para dizer, mas os lamentos de seu jovem Senhor eram mais do que justificados. Mara deveria ser temida e agora o poder dela crescera muito, não mais apenas o suficiente para defender a si mesma, mas o bastante para desafiar diretamente os Minwanabi.

— Chame Tasaio de volta — disse o Conselheiro-Mor em tom calmo.

Desio piscou, aparentando por alguns instantes uma estupidez que nunca fora vista em seu pai. Então compreendeu. Olhou à volta pelo cômodo e achou o escravo com o leque ainda em seu lugar, apesar do sangue que lhe escorria do nariz quebrado e do lábio fendido. Num momento de surpreendente consideração, Desio dispensou o infeliz desgraçado. Agora a sós com seu conselheiro, disse:

— Por que eu deveria chamar meu primo que está em guerra no mundo bárbaro? Você sabe

que ele deseja meu lugar. Até eu casar e ter filhos, ele é o seguinte na linha de sucessão. E ele é próximo demais do Senhor da Guerra para meu gosto. Meu pai foi sábio em mantê-lo ocupado com outros assuntos num mundo distante.

— Seu pai foi igualmente sábio em fazer com que seu primo orquestrasse, antes de qualquer coisa, as mortes do Senhor Sezu e de Lanokota. — Com as mãos enfiadas nas mangas, Incomo avançou com um passo pomposo. — Por que não deixar que Tasaio lide com a garota? O pai, o filho e agora a filha.

Desio ponderou. Tasaio aguardara o Senhor da Guerra se ausentar da campanha no mundo bárbaro para enviar o Senhor Sezu e seu filho para uma missão militar suicida. Assim, garantiria que morreriam sem expor publicamente os Minwanabi a qualquer culpa. Fora um golpe perfeito, e o pai de Desio, como recompensa, cederia a Tasaio algumas terras na província de Honshoni. Desio passou um dedo rechonchudo no rosto.

— Não estou convencido — disse. — Tasaio pode se revelar perigoso para mim, talvez tão perigoso quanto... aquela garota.

Incomo fez que não com a cabeça.

— Seu primo defenderá a honra dos Minwanabi. Como Governante, você não é um alvo para a ambição de Tasaio como era quando o Senhor Jingu estava entre nós. Uma coisa é desejar a morte de um rival, outra bem diferente é tentar derrubar um Senhor legítimo. — Incomo refletiu por um momento antes de voltar a falar: — Apesar das ambições dele, seria impensável que Tasaio violasse seu juramento. Ele não agiria contra você, da mesma forma que não agiu contra seu pai, *Senhor Desio*. — O conselheiro destacou esta última parte para mostrar aonde queria chegar.

Desio levantou-se, ignorando a mosca, que por fim pousou em sua gola. Com os olhos fixos num ponto imaginário, suspirou sonoramente.

— Sim, claro. Você tem razão. Devo mandar chamar Tasaio para que ele faça seu juramento de lealdade. Depois disso, ele defenderá minha vida ou perderá para sempre a honra dos Minwanabi.

Incomo aguardou, consciente de que seu Senhor ainda não terminara. Às vezes, Desio era desajeitado com as palavras; ainda assim, era esperto, embora lhe faltassem a intuição do pai e o brilhantismo do primo. Atravessou a sala na direção das janelas.

— Devo incluir todos os outros servidores e aliados leais a meu chamado — declarou por fim. — Sim, devemos organizar uma reunião formal. — Fitou seu conselheiro com uma cara de quem concluía. — Ninguém deve achar que hesitei em chamar meu primo para servir em casa. Não, devemos ter aqui todos nossos vassalos e aliados.

Com determinação, o homem gordo bateu palmas. Dois criados de colete laranja deslizaram para o lado as duas portas pintadas e entraram para escutar as ordens.

— Abram esses malditos biombos — ordenou Desio. — E logo. Estou cozinhando. — Sentindo que um grande peso saía dos ombros, acrescentou: — Deixem o ar fresco entrar,

pelo amor dos deuses.

Os criados abriram imediatamente as fechaduras e trancas e, pouco depois, a luz inundou o gabinete e o ar fresco flutuou para dentro. A mosca na gola do jovem Senhor voou rumo à liberdade acima do lago do outro lado. As águas brilhavam como prata sob a luz do sol, pontilhadas por barcos de pesca que lançavam redes do amanhecer ao pôr do sol. Desio pareceu se livrar de sua autocomplacência ao atravessar vigorosamente o quarto e se deter diante de seu Conselheiro-Mor. Seus olhos se iluminaram com uma confiança renovada, enquanto o medo paralisante que veio com a morte do pai sumia, expulso por seu excitante plano.

— Prestarei juramento no natami de minha família na Clareira Sagrada dos Antepassados dos Minwanabi, e todos os meus familiares lhe assistirão. Mostraremos que os Minwanabi não foram derrubados. — Então, inesperadamente, riu com um pouco de humor mórbido. — Bem, pelo menos, não todos. — Em seguida, gritou para chamar seu hadonra e começou a dar ordens: — Quero os melhores entretenimentos que houver. Essa celebração ofuscará o desastre que meu pai organizou para homenagear o Senhor da Guerra. Quero que estejam presentes todos os membros da família, inclusive os que estão lutando no mundo bárbaro...

— Assim será feito, meu Senhor. — Incomo enviou um mensageiro para transmitir rapidamente as instruções aos oficiais, conselheiros, criados e escravos. Pouco depois, dois escribas copiavam freneticamente as ordens de Desio, enquanto o responsável pelo selo da família já aguardava com a cera quente para lacrar aqueles documentos.

Desio observou aquela movimentação com um sorriso frio nos lábios. Ficou alguns minutos por ali sem fazer nada, animando-se com suas ordens e seus planos grandiosos como se fossem vinho. De repente, parou e anunciou a todos os presentes na sala:

— E mandem um recado ao Grande Templo de Turakamu. Vou erguer um monumento de orações, para que todos os viajantes que passem por lá peçam a benevolência do Deus Vermelho. Assim ele vai favorecer a vingança dos Minwanabi. Ao deus eu juro: sangue jorrará em abundância até que eu obtenha a cabeça da cadela dos Acoma!

Incomo fez uma reverência para ocultar sua súbita preocupação. Comprometer-se daquela forma com Turakamu poderia trazer sorte no conflito, mas não se devia jurar levianamente em nome do Deus da Morte, pois algo desastroso poderia ocorrer caso as promessas não fossem cumpridas. A paciência dos deuses em assuntos desse tipo era volúvel. Incomo envolveu-se em sua túnica, de repente achando gelado o ar do lago. Esperou que fosse pelo menos a brisa, e não um prenúncio de perdição.

A luz do sol brilhou entre os galhos das árvores do maior jardim dos Acoma, desenhando quadros luminosos no chão. No alto, as folhas farfalhavam, enquanto a fonte, no centro do

pátio, entoava sua interminável melodia. Apesar do ambiente agradável, todos os que haviam sido convocados para a reunião partilhavam das preocupações de sua Senhora.

Mara sentou-se no centro de seus conselheiros, atormentada por seus pensamentos. Vestia uma túnica fina e solta, enfeitada com uma única joia verde em um colar de jade entalhado pelos cho-ja; parecia quase ausente, a imagem de um Governante descansando. No entanto, seus olhos castanhos revelavam um brilho que seus conselheiros mais próximos reconheceram como perplexidade.

Um a um, a Senhora observou com atenção os oficiais e conselheiros que constituíam o coração da Casa dos Acoma. O hadonra, Jican, um homem pequeno e nervoso com uma mente sagaz para o comércio, sentou-se, tímido como sempre. Sob sua gestão cuidadosa, a riqueza dos Acoma crescera, mas ele optara por um progresso lento, com passos seguros, de maneira a evitar os jogos dramáticos que tanto atraíam Mara. Hoje, Jican estava menos inquieto do que o habitual, o que a Senhora dos Acoma atribuiu ao fato de os produtores de seda dos cho-ja terem iniciado a fiação. No inverno, os primeiros rolos de tecido ficariam prontos. Os bens dos Acoma estavam, portanto, se multiplicando. Para Jican, isso era uma preocupação essencial. Mas Mara tinha noção de que a riqueza por si só não sustentava uma grande casa.

Sua Conselheira-Mor, Nacoya, nunca se cansava de repetir isso. Mais do que qualquer outra coisa, era a recente vitória de Mara sobre os Minwanabi que deixava a sábia idosa extremamente nervosa.

— Concordo com Jican, Senhora. Esta expansão pode se revelar perigosa — disse, fitando Mara intensamente. — Uma casa pode ascender rápido demais no Jogo do Conselho. As vitórias mais duradouras são as mais sutis, pois não geram medidas preventivas por parte de rivais nervosos com o sucesso repentino. Os Minwanabi, já sabemos, não vão ficar de braços cruzados, por isso, não devemos estimular comportamento semelhante em outras casas.

Mara desdenhou o aviso:

— Eu só preciso temer os Minwanabi. No momento, não estamos em conflito com mais ninguém, e é assim que pretendo manter as coisas. Temos de nos preparar para um ataque inevitável. É só uma questão de saber quando e de que forma. — A voz de Mara demonstrava um pouco de incerteza quando acrescentou: — Na verdade, eu esperava uma retaliação imediata após a morte de Jingu, nem que fosse um ataque simbólico.

No entanto, no mês seguinte, nada acontecera de relevante na Casa dos Minwanabi. A inclinação de Desio para a bebida e para as escravas se intensificara, como verificaram os espiões de Mara. E os olhos astutos de Jican repararam numa queda nas transações de artigos dos Minwanabi vendidos pelos mercados do Império, causando uma alta dos preços, e, em consequência disso, outras casas prosperaram, o que dificilmente correspondia ao desejo dos Minwanabi, sedentos de poder, sobretudo depois de a família ter sofrido uma perda de prestígio tão grande.

Tampouco se notavam preparativos declarados para a guerra. Os quartéis dos Minwanabi

mantiveram os treinos habituais e não foram enviadas ordens convocando as tropas que estavam em guerra no mundo bárbaro.

Keyoke, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma, ignorou os relatórios dos espiões. Nunca baixando a guarda e a segurança em torno de Mara, trabalhou com suas tropas de sol a sol, sempre verificando o estado das armaduras e das armas e supervisionando a instrução militar. Lujan, o Primeiro Líder de Ataques, passou horas e horas ao seu lado. Ele, assim como todos os soldados Acoma, estava em forma e pronto para entrar em combate, mantendo os olhos sempre atentos e a mão sobre o punho da espada.

— Isto não me agrada nem um pouco — revelou Keyoke, falando bem alto para se sobrepor ao ruído da queda da água da fonte. — A propriedade dos Minwanabi pode parecer um caos, mas isso talvez não passe de um truque para encobrir preparativos para um ataque. Desio pode estar sofrendo pelo pai, mas fui criado com Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas dele, e posso lhes assegurar que nos quartéis dos Minwanabi não há lugar para descanso. A qualquer momento, os guerreiros estarão prontos para entrar em ação. — Suas mãos treinadas apertaram o elmo que tinha no colo até as plumas de oficial no topo tremerem com a pressão que exercia. Sempre sem revelar qualquer tipo de emoção, Keyoke encolheu os ombros. — Sei que nossas forças deveriam estar se preparando para enfrentar essa ameaça, mas os espiões não nos forneceram nenhuma pista sobre a direção de que virá a próxima estocada. Então, devemos nos manter indefinidamente em estado de alerta.

Lujan assentiu:

— Não houve nenhum movimento nas terras selvagens por parte de guerreiros cinzentos ou de condenados. Não foi reportada nenhuma força significativa de bandidos, o que deve indicar que os Minwanabi não estão preparando um ataque furtivo, como fizeram contra o Senhor Buntokapi.

— A situação não é a mesma — corrigiu Keyoke. — Foram dados diversos avisos ao Senhor Buntokapi — prosseguiu, referindo-se ao falecido marido de Mara. Seu olhar revelou uma fugaz amargura. — Já em relação ao Senhor Sezu, o alerta chegou tarde demais. Foi uma conspiração de Tasaio e nunca houve golpe tão bem orquestrado pelos Minwanabi — comentou, pensando na mortífera serpente de água de Kelewan. — Assim que souber que Tasaio foi convocado, passarei a dormir de armadura.

Mara assentiu na direção de Nacoya, que pareceu ter algo a acrescentar. Suas presilhas estavam desarrumadas, como sempre, mas seus modos grosseiros pareceram mais ponderados do que rudes:

— O agente do Mestre dos Espiões está bem atento ao que se passa dentro da Casa dos Minwanabi. — Uma expressão astuta cruzou o rosto da Conselheira. — Mas ele é um homem, Senhora, e irá se concentrar na quantidade de soldados, nas reservas de provisões, entradas e saídas de líderes, mensagens para aliados. Sugiro que o instrua a estar atento ao momento em que Desio se cansar de suas escravas. Um homem com um propósito não perde tempo na

cama. Isso é algo de que eu me lembro bem. Assim que Desio parar de beber vinho e de se entreter com mulheres, começará a conspirar para trazer a morte para cá.

Mara fez um gesto tímido de irritação e um tênue sorriso se formou em seus lábios, deixando-a radiante e bela. Embora ela não tivesse reparado nisso, Lujan reparou. Enquanto observava sua Senhora com devoção, acrescentou um comentário jocoso:

— Minha Senhora, Conselheira-Mor — e acenou na direção da sábia Nacoya —, ordenarei aos guerreiros que se esforcem ao máximo nos exercícios, até o membro de Desio se cansar. Quando a bandeira dos Minwanabi baixar do mastro, estaremos prontos para atacar.

Mara corou e lançou um olhar de censura ao Primeiro Líder de Ataques.

— Lujan, sua ideia é boa, apesar de ter usado um exemplo infeliz. — Desde sua noite de núpcias, Mara se sentia pouco à vontade com aquele tipo de conversa.

Lujan curvou-se.

— Minha Senhora, se a ofendi...

Ela dispensou as desculpas — nunca conseguia se irritar com Lujan — e depois virou-se quando seu mensageiro entrou apressado e se curvou próximo ao seu cotovelo.

— Fale, Tamu — autorizou ela com gentileza, pois o rapaz era novo no cargo e ainda muito inseguro.

Tamu encostou a testa no chão, ainda intimidado por estar perante alguém da nobreza.

— Senhora, o Mestre dos Espiões a aguarda em seu escritório. Diz ter novidades da província de Hokani, em especial das propriedades do norte.

— Até que enfim — comentou Mara, aliviada. Reconheceu, na escolha de palavras do mensageiro, aquilo que Arakasi, o Mestre dos Espiões, pretendia dizer. Apenas uma propriedade em Hokani importava. Ele devia ter informações sobre a movimentação que o povo aguardara durante quatro semanas tensas. Dirigiu-se então a seus conselheiros: — Vou imediatamente falar com Arakasi e depois, à tarde, volto a me reunir com vocês.

Um vento soprou entre as folhas de ulu e a fonte continuou a entoar sua canção enquanto os oficiais Acoma faziam reverências para indicar sua partida. Keyoke e Lujan foram os primeiros a se levantar. Jican reuniu suas ardósias de registros e pediu permissão para verificar os produtores de seda cho-ja. Mara lhe deu autorização e o dispensou com um aceno, antes que ele tivesse a oportunidade de manifestar uma de suas constantes preocupações.

Nacoya foi a última a se erguer. Ultimamente, a artrite andava tolhendo seus movimentos e Mara de repente se deu conta de um fato desagradável: a idade estava cobrando seu preço daquela anciã indomável. A promoção de Nacoya a Conselheira-Mor fora bem merecida e, apesar de crer que tinha subido mais alto do que devia, a antiga ama de Mara vestira com graciosidade e inteligência o manto do cargo. Trinta anos servindo as esposas e filhas de Governantes lhe deram uma perspectiva única do Jogo do Conselho.

Mara observou, nervosa, a rígida reverência de Nacoya. Ela não conseguiria imaginar a prosperidade dos Acoma sem a orientação severa da idosa ou sua natureza forte e afetuosa,

que ajudara Mara a sobreviver às piores adversidades que já ousara imaginar. Apenas os deuses sabiam quanto tempo mais Nacoya poderia viver, mas, com um arrepio, Mara pressentiu que os dias de sua Conselheira-Mor já não deveriam ser muitos. A Senhora dos Acoma não estava de forma alguma preparada para essa perda. Além de seu filho, a idosa era toda a família que lhe restara. Se, inesperadamente, perdesse Nacoya, não haveria uma escolha clara sobre quem, dentre seus servos, poderia ocupar o cargo de Conselheiro-Mor.

Mara afastou tais pensamentos tenebrosos. Era melhor não pensar nas preocupações futuras num momento em que os Minwanabi estavam ocupados preparando sua vingança.

Ela ordenou ao mensageiro que informasse Arakasi de que ela iria conversar com ele no escritório. Em seguida, bateu palmas para chamar um criado e mandou que fosse buscar comida na cozinha. Pois, a não ser que Arakasi tivesse mudado muito, ele a chamara assim que chegara da estrada e, portanto, não devia ter comido nada desde a noite anterior.

O escritório de Mara era escuro e fresco, até mesmo durante o início da tarde. Fora mobiliado com uma mesa baixa e preta e boas almofadas verdes de seda, e tinha biombos pintados à mão que davam acesso a uma passagem com belas plantas akasi de ambos os lados. Quando abertas, as portas ofereciam uma vista sobre as terras úmidas onde as aves shatra voavam sempre ao crepúsculo. Mas, naquele dia, esses biombos estavam apenas parcialmente abertos e a vista bloqueada por panos de seda translúcida que deixavam entrar o ar, protegendo-a, no entanto, de olhares indiscretos.

Mara entrou em um cômodo que, à primeira vista, parecia vazio. A experiência lhe ensinara a não se deixar enganar; ainda assim, sentiu-se incapaz de controlar totalmente certo arrepio. Sem aviso, ouviu uma voz vinda do canto mais escuro:

— Fechei as cortinas, Senhora, já que o pessoal está podando as akasi. — O vulto deu um passo à frente, gracioso como um predador que persegue sua presa. — Apesar de seu capataz ser honesto e os midkemianos dificilmente poderem ser espiões, ainda assim tenho o hábito de me prevenir — o homem ajoelhou-se diante de sua Senhora —, pois mais de uma vez esse hábito salvou minha vida. Eu a saúdo, Senhora.

Mara lhe estendeu a mão, indicando assim que poderia ficar à vontade.

— Você é duplamente bem-vindo, Arakasi.

Ela observou aquele homem fascinante. Tinha o cabelo escuro molhado, mas não devido a um banho. Arakasi parara apenas para se limpar do pó acumulado na viagem e para vestir uma túnica lavada. O ódio que nutria pelos Minwanabi só poderia ser comparado ao sentido pelos Acoma. Além disso, seu desejo de ver a mais poderosa das Cinco Famílias cair no esquecimento era algo que valorizava mais do que à própria vida.

— Não ouço o som de tesouras podando — disse Mara, autorizando seu Mestre dos Espiões a se erguer. — Seu retorno é um alívio, Arakasi.

O Mestre dos Espiões ficou na ponta dos pés. Mara tinha uma mente ágil e, com ela, as conversas se desenvolviam em vários tópicos ao mesmo tempo. Ele sorriu, genuinamente

alegre, pois a seu serviço os relatórios se mostravam sempre úteis.

— Não está escutando as tesouras de poda, Senhora, porque o capataz mandou os trabalhadores embora. Os escravos do primeiro turno se queixaram da exposição ao sol e, em vez de chicoteá-los, o capataz optou por alterar a escala de trabalho.

— Midkemianos — disse Mara bruscamente enquanto se instalava em suas almofadas. Com Arakasi sentia-se à vontade e, como o dia estava quente demais, afrouxou a faixa e permitiu à brisa que passava pelos panos se infiltrar entre o tecido de sua túnica aberta para refrescá-la. — São teimosos como filhotes de needra. Jican me aconselhou a não comprá-los e temo que ele tenha razão.

Arakasi pensou no assunto e inclinou a cabeça como uma ave.

— Jican pensa como um hadonra, e não como um Governante.

— Ou seja, ele não vê a situação como um todo — comentou Mara, e a luz em seu olhar se intensificou com o desafio de se igualar à perspicácia de seu Mestre dos Espiões. — Já você achou os midkemianos interessantes — presumiu.

— Pelo que vi, sim. — Arakasi se virou ao ouvir um leve passo no corredor e, ao constatar que a perturbação não passava de um criado vindo da cozinha, voltou a encarar sua Senhora. — Os costumes deles são bem diferentes dos nossos, Senhora. Se há escravos em sua cultura, creio que sejam criaturas bem diferentes das nossas. Mas não era sobre isso que queria conversar. — Seu olhar se tornou subitamente penetrante. — Desio dos Minwanabi enfim mostrou que é um Governante.

O criado chegou com bandejas de frutas e de ave jiga fria. Arakasi calou-se enquanto Mara indicava que a travessa deveria ser colocada na mesa.

— Deve estar com fome. — Então convidou o Mestre dos Espiões a se acomodar nas almofadas. O criado partiu em silêncio e por alguns momentos tudo permaneceu tranquilo lá fora. Nem Mara nem o Mestre dos Espiões tocaram nos pratos. A Senhora dos Acoma foi a primeira a falar: — Conte-me sobre Desio.

Arakasi ficou muito quieto. Seus olhos escuros não revelavam qualquer emoção, mas suas mãos, que tão frequentemente denunciavam seu estado de espírito, estavam tensas.

— O jovem Senhor não é um jogador tão bom quanto o pai no Jogo do Conselho — começou. — E isso, acima de tudo, o torna mais perigoso. Com Jingu, meus agentes sabiam sempre onde e quando escutar. O mesmo não acontece com o filho. Um adversário experiente é, de alguma forma, previsível. Um novato pode se revelar... inovador. — Sorriu discretamente e assentiu com a cabeça na direção de Mara, reconhecendo que o sucesso que ela havia obtido se encaixava naquele caso. — Ele não é um pensador criativo, mas, mesmo que não vença pela astúcia, pode provocar estragos pela força. — O Mestre dos Espiões serviu-se de uma taça de suco de jomach e bebeu um pouco. Naquela casa, não encontraria venenos, mas o assunto dos Minwanabi, como sempre, o deixava desconfortável e cauteloso. Procurando usar um tom mais suave, para não alarmar sua jovem Senhora sem necessidade,

Arakasi acrescentou: — Desio tem muitos soldados capazes de causar estragos.

Mara avaliou o estado de espírito dele, talvez originado por sua própria necessidade de autocontrole, pois, caso desse espaço a seu ódio, procuraria a destruição de seus inimigos sem querer saber da segurança de quem quer que o rodeasse.

— Mas o próprio Desio é fraco, embora aqueles que o servem sejam fortes. — Arakasi colocou na mesa a sua taça de suco. — Ele herdou a ousadia do pai, mas não a cautela. Se não fosse pelo cuidado de Irrilandi, seu Comandante das Forças Armadas, seus inimigos poderiam ter despedaçado suas defesas e roubado sua riqueza como uma matilha de jagunas sobre um harulth morto — explicou, fazendo uma alusão ao temido canídeo necrófago de Kelewan: um monstro enorme de seis patas, rápido e cheio de dentes. Arakasi protegeu a boca com uma das mãos e fitou Mara com intensidade. — Mas Irrilandi mantém suas patrulhas muito bem-treinadas. Eles fizeram muitos ataques exploratórios poucos dias depois da morte de Jingu e os Minwanabi só deixaram uns poucos sobreviventes lambendo suas feridas.

— Os Xacatecas estavam entre esses inimigos — comentou Mara.

Arakasi respondeu com um aceno.

— Eles não nutrem qualquer afeto pelos Minwanabi, e meu agente na casa do Senhor Chipino diz que o Conselheiro-Mor dos Xacatecas levantou a possibilidade de se aliarem aos Acoma. Outros em sua assembleia ainda se opõem; alegam que a Senhora já mostrou o que tinha de melhor e aguardam sua queda. Mas Chipino dos Xacatecas os ouviu sem se decidir.

Mara foi pega de surpresa e franziu as sobrancelhas. Os Xacatecas eram uma das Cinco Famílias. A vitória sobre Jingu servira efetivamente para elevar o peso de seu nome. Se os conselheiros debatiam a possibilidade de uma aliança, cogitavam uma declaração de guerra velada contra os Minwanabi. Até os Shinzawai tinham contornado a possibilidade de reforçar laços, satisfeitos, no momento, em manter uma posição amigável, mas neutra.

— Mas os Xacatecas podem esperar — disse Arakasi. — Desio não vai formular uma política de atuação, mas sim depender de conselheiros e familiares. O poder e a liderança serão distribuídos por diversos homens, tornando muito difícil a meus agentes traçar um retrato preciso do que farão. Isso vai tornar as nossas previsões pouco confiáveis no que diz respeito à política adotada. Será impossível, portanto, compreender os planos imediatos dos Minwanabi.

Mara observou um inseto avançar por cima do prato de frutas, experimentando cada uma das variedades. Então Desio iria se rodear de pessoas ambiciosas e sedentas de poder e, embora seus desejos pudessem ser diferentes, tudo poderia se voltar para a derrota dos Acoma. De um modo agourento, o inseto instalou-se num pedaço de jomach, onde se juntou a diversos companheiros.

— Temos sorte por Tasaio estar longe, envolvido nas guerras em Midkemia — comentou a Senhora.

Arakasi inclinou-se para a frente.

— Essa sorte terminou, Senhora. O homem que arquitetou o assassinato de seu pai e de seu irmão está hoje mesmo regressando pelo Portal. Desio convocou uma grande reunião com familiares e aliados para a próxima semana. Ele receberá juramentos de fidelidade. Além disso, mandou construir um monumento de orações em honra do Deus Vermelho.

Mara ficou quase paralisada.

— Tasaio é perigoso.

— E também ambicioso — acrescentou Arakasi. — Desio pode se deixar trair pelas emoções, mas os únicos interesses do primo são a guerra e o poder. Com Desio firmemente sentado no trono dos Minwanabi, Tasaio apostará tudo em sua causa, que é comandar as tropas imperiais, por isso servirá a Desio... embora com o desejo secreto de que ele se engasgue com um osso de jiga, atrevo-me a dizer. Tasaio pode tentar uma solução militar para que o primo perca o poder. Uma vitória esmagadora sobre a Casa dos Acoma, com alguns danos a outras grandes casas, e Desio ficaria quase tão poderoso quanto o Senhor da Guerra no Conselho.

Mara pensou em tudo aquilo. A morte de Jingu levava os Minwanabi a perder a honra, os aliados e o poder político, mas as guarnições e o poder militar permaneciam intocados. As forças dos Acoma estavam se recuperando bem desde a destruição que acompanhara a queda de seu pai e seu irmão. Mas muita coisa dependia dos guardas cho-ja. Atualmente, os insetoides atuavam quase sozinhos nas terras dos Acoma, um exército defensivo, letal e leal, mas inútil em termos de estratégias de ataque. Na guerra ou em conflitos além das fronteiras da propriedade, os Acoma não poderiam se equiparar às forças militares de que Desio dispunha atualmente.

— Temos de saber o que eles têm em mente — disse em tom tenso. — Seus agentes conseguem penetrar nessa reunião dos Minwanabi e relatar o que sussurram os conselheiros a Desio?

Arakasi lhe dirigiu um sorriso amargo.

— Minha Senhora, não deve superestimar as capacidades de um espião. Lembre-se de que o homem que nos passa informações era muito próximo de Jingu. Esse criado continua ocupando o mesmo cargo, mas, assim que o filho começar a exercer seu poder, não temos garantias de que ele permanecerá lá. Naturalmente, comecei a preparar um substituto caso as coisas corram mal, mas lembre-se de que o agente que colocarmos terá de ser preparado de modo a se encaixar nos gostos do Desio. Na melhor das hipóteses, demorará uns anos para conquistar a confiança do jovem Senhor.

Mara antecipou o pensamento seguinte de Arakasi:

— E Tasaio é o maior perigo.

O Mestre dos Espiões reagiu com uma pequena reverência.

— Senhora, farei tudo o que for possível para elaborar um relatório preciso do que ocorrer na reunião de Desio. Se o jovem Senhor permanecer tão estúpido como penso que é,

Tasaio será apenas uma voz entre muitas. Se ele demonstrar um inesperado traço de inteligência e encarregar Tasaio da campanha contra nós, corremos um duplo perigo. — Afastou para o lado um pedaço de pão que mal mordera. — É pouco benéfico nos preocuparmos com o que pode acontecer. Instrua seus capatazes e criados para que estejam de ouvidos atentos a rumores e novidades. Saber é poder, nunca se esqueça disso. Assim os Acoma alcançarão o triunfo.

Arakasi se ergueu e Mara, com um gesto, o autorizou a se retirar. Assim que ele se esgueirou discretamente para fora, ela reparou com um arrepio que era a primeira vez que o via deixando sobrar comida, ainda mais estando com fome. O cômodo ficou de repente silencioso demais, opressivo, devido às dúvidas que a atormentavam. A imagem do retorno de Tasaio despertou a terrível sensação de desamparo que conhecera quando soubera das mortes de seus familiares. Sem vontade de lidar com as trevas do passado, Mara bateu palmas para chamar os criados.

— Tragam meu filho — ordenou, embora soubesse que Ayaki estava dormindo ruidosamente. No entanto, de repente, sentira saudades dos ruídos dele, das travessuras e do peso reconfortante de seu corpo pequeno e musculoso em seus braços.

Mudanças

A criança se virou para o outro lado.

Um Ayaki adormecido se esticou sobre as almofadas. Permaneceu agitado por um tempo, mas enfim acabou sucumbindo ao cansaço. Com carinho, Mara afastou os cabelos pretos da testa do filho, sentindo todo o amor que nutria por ele.

Embora o menino tivesse a constituição atarracada do pai, herdara a agilidade de sua família. Com dois anos, demonstrava uma coordenação notável e uma habilidade na língua que desconcertava os criados. Estava com os joelhos sempre machucados. Seu sorriso conquistara até os mais duros guerreiros que serviam nas terras dos Acoma.

— Você vai ser um excelente guerreiro e um grande participante do Jogo do Conselho — meditou Mara em voz baixa. Mas, naquele momento, a força e a inteligência enfrentavam um adversário intransponível, a necessidade do cochilo da tarde. Apesar de ele ser a luz da vida de Mara, aqueles breves intervalos eram bem-vindos, pois Ayaki precisava de três amas para mantê-lo ocupado, quando acordava.

Mara enrolou a túnica ao redor do filho e endireitou-lhe as pernas e os braços estendidos. Voltou a se recostar nas almofadas, perdida em pensamentos. Muitas sementes plantadas dariam frutos antes de Ayaki se tornar adulto. Quando tal dia chegasse, os velhos inimigos de seu pai, os Anasati, acabariam com a aliança estabelecida em prol do bem-estar do garoto. A benevolência que Mara assegurara ao dar à luz o primeiro neto do Senhor Tecuma dos Anasati chegaria ao fim e a dívida pela morte prematura de Buntokapi seria cobrada. Quando isso acontecesse, os Acoma precisariam ser indiscutivelmente fortes, para resistirem às consequências da alteração de poder, já que Mara entregaria o controle de sua casa a seu inexperiente filho. Logo, a ameaça dos Minwanabi deveria ser completamente eliminada antes que outro poderoso inimigo desafiasse o jovem Senhor.

Mara permaneceu pensando nos anos que se seguiriam, enquanto a luz do sol da tarde brilhava sobre as cortinas e sobre os escravos que tinham voltado para podar as akasi. A jardinagem em torno da casa era tão frequente que ela se tornara indiferente aos estalos das tesouras de poda. Naquele dia, porém, aquele som tão normal na casa grande estava sendo repetidamente interrompido pelas duras ordens do capataz e pelo contínuo estalo do chicote

de couro trançado que ele brandia. Via de regra, o chicote era apenas simbólico, um sinal de hierarquia carregado no cinto — os escravos tsurani raramente precisavam ser açoitados. Mas os escravos de Midkemia não ligavam para o descontentamento do capataz. O respeito por seus superiores era inexistente e não se sentiam envergonhados com as chicotadas.

Os escravos tsurani achavam os midkemianos tão enigmáticos quanto Mara. Educados na sabedoria de que sua humilde devoção ao trabalho era a única esperança de alcançarem uma posição melhor na Roda que transportava os mortos ao renascimento e à vida, trabalhavam de maneira incansável. Espancamentos por preguiça ou por desobedecerem seus legítimos Senhores eram sinônimo do desprezo eterno dos deuses, pois, abaixo dos escravos, havia apenas os animais. E quem voltava da Roda da Vida em uma forma inferior teria de encontrar a salvação entre infindáveis renascimentos dolorosos e miséria indescritível.

Com sua meditação perturbada pela discussão acalorada, Mara percebeu, irritada, que os bárbaros ainda não tinham aprendido a se comportar direito. A única mudança visível neles desde o leilão de escravos parecia ser o crescente número de marcas em suas costas e um notável desenvolvimento no aprendizado da língua de seus Senhores.

— A vontade dos deuses? Isso é uma babaquice! — rugiu um deles em um tsurani carregado de sotaque. Por um breve momento, Mara pensou no significado de “babaquice”. Então voltou a ouvir a voz do bárbaro: — Eu chamo isso de pura estupidez. Se quer que estes homens trabalhem, leve em conta a minha sugestão e depois me agradeça.

O capataz não tinha resposta pronta para escravos que lhe respondiam. Isso não fazia parte da cultura tsurani e ele não sabia como lidar com essas coisas, a não ser batendo no atrevido e xingando-o com uma embaraçosa torrente de insultos.

Mas não funcionou. Desconcentrada, Mara escutou sons de uma briga e depois algumas palavras indiscutivelmente iradas:

— Se me bater de novo, homenzinho, vou afundar sua cabeça naquele monte de esterco de bicho de seis patas no outro lado da cerca.

— Largue-me, escravo! — guinchou o capataz, parecendo assustado. Como a situação estava completamente fora de controle, Mara levantou-se para intervir. O que quer que “babaquice” pudesse significar, não era algo que indicasse o respeito apropriado a uma autoridade.

Atravessou o escritório, afastou as cortinas e se viu diante de uma montanha de ombros e braços impressionantemente musculosos. O midkemiano ruivo que iniciara a confusão no leilão retorcia com o pulso a túnica do capataz, erguendo-o no ar, enquanto este esperneava acima do solo. Quando viu sua Senhora, o capataz revirou os olhos e seus lábios murmuraram uma oração a Kelesha, Deusa da Misericórdia.

O bárbaro limitou-se a olhar para baixo com uma expressão calma na direção da minúscula Senhora que estava parada à entrada, mas com os olhos tão azuis e duros quanto as abundantes espadas de metal do lado midkemiano do Portal.

Mara sentiu sua raiva aumentar diante daquele olhar rebelde. Dominou a fúria e falou calmamente:

— Se dá valor à vida, escravo, solte o capataz agora mesmo!

O ruivo reconheceu autoridade nos olhos escuros dela. Ainda assim, revelou-se insolente. Ponderou por um instante; então um sorriso perverso se espalhou por seu rosto e ele abriu a mão. O capataz caiu do nada, encolhido, e aterrissou sentando em cheio no canteiro de flores de que Mara mais gostava.

O sorriso liberou a raiva de Mara.

— Você não tem um pinga de humildade, escravo, e isso é perigoso!

O ruivo parou de sorrir, mas seu olhar permaneceu fixo na Senhora com um interesse que tinha mais a ver com a túnica fina do que algum respeito pelo que ela dissera.

Mara não estava zangada a ponto de não reparar nisso. Sentindo-se nua, de repente, pela apreciação descarada do escravo, percebeu que a raiva aumentava. Ela poderia ter ordenado a morte imediata do ruivo, só que a demonstração de interesse de Arakasi nos bárbaros fez com que se detivesse. Nenhum dos midkemianos se comportava de modo apropriado e, enquanto não entendesse o motivo, a única solução para acabar com aquele problema seria eliminar suas recentes aquisições. Ainda assim, era necessário dar o exemplo. Por isso, voltando-se para dois guardas que estavam ali perto, disse:

— Levem este escravo para longe de mim. Quero que seja chicoteado. Não deixem que ele morra. Quero que ele deseje a morte. Mas, *se* resistir, matem-no.

Imediatamente, duas espadas apareceram em riste, com a nítida intenção de não permitir qualquer resistência. Assim, os guardas levaram o forasteiro. Enquanto se afastava pela trilha, não parecia ter se abalado com a perspectiva iminente de uma surra, mantendo sua postura arrogante. A ausência de medo no bárbaro diante do castigo irritou ainda mais Mara, pois aquela era a única característica tsurani do homem ruivo, algo admirável. Então Mara ficou surpresa consigo mesma: *homem*? No que ela estava pensando? Ele não passava de um escravo.

Jican escolheu aquele momento para aparecer. Sua educada batida na porta interrompeu a meditação furiosa de Mara.

— O que é? — atirou ela, virando-se por completo.

A visão do hadonra saltando para trás com o susto fez com que se sentisse idiota. Então fez um gesto indicando ao capataz que devia sair de cima do canteiro de flores; depois retirou-se para suas almofadas, onde Ayaki continuava dormindo.

Jican entrou no cômodo, vindo do corredor.

— Senhora? — chamou timidamente.

Com um aceno na direção do hadonra, ela disse:

— Não estou entendendo por que Elzeki precisa ficar discutindo com escravos.

O capataz entrou pela porta exterior, visivelmente corado com a desaprovação de sua

Senhora. O próprio Elzeki era pouco mais do que um escravo, um criado inexperiente que fora incumbido de coordenar os trabalhadores da propriedade. A autoridade que lhe fora concedida poderia ser retirada. Prostrou-se no chão de madeira encerada e protestou veementemente em sua própria defesa:

— Minha Senhora, esses bárbaros são uns desordeiros. Eles não têm *wai*. — Recorreu à antiga palavra *tsurani* para designar o “centro do ser”, a alma que define o lugar de cada um no universo. — Eles reclamam, fingem ficar doentes, discutem, fazem piadas... — Frustrado a ponto de lhe virem lágrimas aos olhos, concluiu com um acesso de fúria: — O ruivo é um dos piores. Comporta-se como se fosse um nobre.

Mara arregalou os olhos.

— Um nobre?

Elzeki se endireitou ainda em sua posição de reverência e lançou um olhar de súplica ao hadonra. Jican ainda tremia diante da pobre escolha de palavras. Sem o apoio do hadonra, Elzeki se prostrou de novo, com a testa pressionada no chão.

— Por favor, Senhora! Eu não quis desrespeitá-la!

Mara fez um sinal dispensando as desculpas.

— Tudo bem. Eu entendi. Mas o que quis dizer?

Olhando para cima, Jican percebeu que a fúria de sua Senhora se transformara em interesse.

— Os outros bárbaros se curvam diante dele, minha Senhora. Talvez aquele ruivo fosse um oficial covarde demais para morrer. Pode ter mentido. Às vezes acho que esses bárbaros misturam verdade e mentira sem distinção. O comportamento deles é estranho. Fico confuso.

Mara franziu o cenho, pensando que, se o ruivo fosse covarde ou temesse a dor, não teria demonstrado uma postura tão tranquila diante da possibilidade de ser espancado por seus guardas.

— Sobre o que estavam discutindo? — quis saber Jican.

Elzeki, o capataz, pareceu murchar, como se a lembrança daqueles acontecimentos o envergonhasse tanto quanto revivê-los.

— Muitas coisas, honorável hadonra. O bárbaro fala com um sotaque tão primitivo que é difícil compreender. — Através do biombo, para além das cortinas, ouviu-se ao longe um estalo, seguido de um urro de dor. As ordens de Mara estavam sendo obedecidas à risca pelos guardas. Como sua própria pele poderia ser chicoteada por causa da desobediência dos escravos, o capataz começou a suar visivelmente.

Mara fez um sinal para que fechassem a porta do biombo para não ser incomodada outra vez. Assim que um criado cumpriu sua ordem, ela viu que os outros escravos estavam reunidos do lado de fora, com as tesouras de poda nas mãos, fitando sua Senhora com hostilidade e indignação declaradas. Reprimindo a afronta e o desrespeito tão evidentes, Mara dirigiu-se abruptamente ao capataz:

— Então conte apenas uma das coisas que aquele bárbaro ruivo ousou achar tão importante discutir.

Elzeki passou seu peso de um pé para o outro.

— O ruivo pediu que um dos homens fosse levado para dentro.

Jican olhou de relance para sua Senhora, que assentiu autorizando-o a também fazer uma pergunta.

— E ele disse o motivo?

— Um disparate qualquer. Disse que nosso sol é mais forte do que o sol do mundo deles e que o outro homem estava sofrendo com o calor.

— E o que mais? — quis saber Mara.

Elzeki olhou para os próprios pés, parecendo um menino que acabara de ser pego roubando doces da cozinha.

— Também reclamou que alguns escravos precisavam de mais água do que demos, por causa do calor.

— E? — disse Mara.

— Deu mais desculpas para a preguiça. Em vez de trabalhar duro, queixou-se de que alguns dos homens que ficaram responsáveis por cuidar das flores não entendiam nada de plantas nem no mundo deles, quanto mais no nosso. Disse que era uma estupidez castigá-los por trabalharem devagar.

Jican se retraiu, espantado.

— Minha Senhora, parece que essas sugestões fazem todo o sentido.

Mara soltou um longo suspiro.

— Acho que me precipitei — disse ela, lúgubre. — Elzeki, vá e encerre a punição. Diga aos guardas para lavarem o ruivo e o trazerem para cá.

Quando o capataz, servil, saiu apressado, Mara olhou para o hadonra.

— Jican, aparentemente ordenei o castigo para o homem errado.

— Elzeki nunca foi muito perspicaz — concordou Jican. Intimamente, tentou entender por que motivo reconhecer aquele erro incomodara tanto sua Senhora.

— Temos de tirá-lo do cargo — concluiu Mara. — Os escravos são valiosos demais para serem mal orientados por imbecis. — Fez então um pedido ao hadonra: — Diga a Elzeki que está dispensado. Confio em você para substituí-lo.

— Seu desejo será cumprido. — Jican fez uma ligeira reverência e saiu. Enquanto ele passava pelo biombo de acesso ao corredor, Mara fez um carinho no rosto de Ayaki. Chamou então sua criada para que o levasse para seu quarto. Se era para ela lidar pessoalmente com aquele bárbaro ruivo, não queria distrações. Esse pensamento a fez sorrir enquanto a criada pegava seu filho atarracado. Mesmo dormindo, ele resmungava. Quando Ayaki acordava, perturbava quase tanto quanto o ruivo. Sacudindo a cabeça, Mara se recostou para aguardar a chegada dos guardas com o transgressor bárbaro que, sozinho, conseguira interromper sua

meditação.

Os guardas entraram pouco tempo depois. O midkemiano estava entre eles, com o cabelo e a tanga ensopados. O pedido de Mara para que o lavassem fora interpretado da maneira mais simples possível: os guardas apenas o jogaram em uma tina de needra. A surra e o mergulho em seguida abrandaram só um pouco seu ânimo. A diversão em seu olhar se tornara uma raiva mal contida. Seu ar desafiador perturbou Mara. Lujan muitas vezes passara dos limites das boas maneiras com suas piadas, mas nunca, socialmente, um homem de estatuto inferior se atrevera a olhá-la de modo tão condenável. De repente, arrependeu-se por não ter pedido que lhe trouxessem roupas mais discretas. Ainda assim, Mara recusou-se a chamar a criada, pois não queria dar importância ao olhar fixo do escravo bárbaro. Em vez de se sentir desconfortável diante do forasteiro, ela o encarou.

Os guardas não sabiam direito como proceder com o patife que praticamente arrastaram até a presença de sua Senhora. Ainda segurando o enorme homem com força, fizeram reverências ineficazes. O mais velho dos guerreiros quebrou o silêncio com um desconforto mal disfarçado:

— Minha Senhora, o que deseja? Um bárbaro em sua presença talvez devesse estar ajoelhado.

Mara pareceu reparar pela primeira vez nos guardas e na água que pingava no chão encerado. Havia sangue misturado nas poças.

— Deixem que fique de pé, se ele assim desejar. — Bateu palmas para chamar os criados e mandou que o primeiro fosse buscar toalhas.

O escravo doméstico reapareceu com uma pilha de toalhas de banho aromatizadas. Entrou no escritório, fez uma reverência e só depois percebeu que o pedido de sua Senhora era para o bárbaro desajeitado cercado pelos guardas.

— Então — disse Mara, diante da hesitação do criado —, seque o brutamontes antes que ele estrague o chão.

— Como quiser, Senhora — murmurou o escravo, prostrado diante dela. Levantou-se e começou a secar a pele avermelhada entre os ombros do bárbaro, o ponto mais alto que ele conseguia alcançar.

Mara apreciou o enorme escravo em um momento de relativa calma e depois tomou uma decisão.

— Deixem-nos — ordenou a seus guardas. Eles largaram o bárbaro, fizeram uma reverência e saíram pelo biombo de acesso ao corredor.

O bárbaro esfregou os pulsos onde os guardas o haviam segurado, prendendo a circulação. A tentativa do escravo para secá-lo pareceu irritá-lo e, depois de um olhar para Mara, o

forasteiro estendeu a mão, tirou uma toalha limpa da pilha e ele próprio terminou a tarefa. Seu cabelo ficou espetado quando terminou e o escravo olhou consternado para o monte de toalhas úmidas e cheias de sangue espalhadas aos pés do bárbaro.

— Entregue isso às lavadeiras — indicou Mara. Então fez um sinal ao ruivo para que escolhesse uma almofada e se sentasse.

Mara observou o rosto do ruivo; o olhar que ele lhe devolvia era tão penetrante quanto o dela. De repente, sentiu-se sem chão. Algo naquele homem a perturbava. A razão a espantou: continuava a considerá-lo um homem! Escravos eram gado, e não pessoas. Por que aquele a fazia se sentir... incerta? Sua experiência como Governante lhe permitiu colocar a máscara de comando. Sentiu-se desafiada a descobrir o motivo de aquele bárbaro fazê-la se esquecer de sua real posição. Obrigou-se a manter uma voz calma:

— Talvez tenha agido de maneira precipitada. — Enquanto o escravo doméstico recolhia as toalhas e se apressava a sair, ela acrescentou: — Depois de ter examinado a situação, vi que, aparentemente, fui injusta ao ordenar que lhe dessem uma surra.

Surpreso, mas disfarçando bem, o ruivo escolheu uma almofada e sentou-se cuidadosamente. A cicatriz feita em seu rosto pelo capataz do mercado não diminuía sua boa aparência; em vez disso, a imperfeição acentuava o contraste entre suas feições atraentes e a barba espessa, uma novidade que não se via entre os homens livres tsurani, que, por tradição, se barbeavam.

— Escravo — ordenou Mara —, quero saber mais sobre a terra de onde vem.

— Eu tenho um nome — disse o ruivo com sua voz profunda, carregada de desconfiança. — Meu nome é Kevin, venho da Cidade de Zun.

Mara reagiu com irritação:

— Antigamente podia ser um humano, em seu mundo, mas agora não passa de um escravo. Um escravo não tem honra, nem mesmo alma, aos olhos dos deuses. Isso é algo que já deveria saber, Kevin de Zun. — Ela proferiu o nome com sarcasmo. — Você escolheu seu destino: escolheu abdicar da honra. Caso contrário, deveria ter morrido diante do inimigo que o aprisionou. — Fez uma pausa quando outra ideia lhe ocorreu. — Ou era vassalo de uma casa mais poderosa cujo Senhor não permitiu que abdicasse da própria vida?

Kevin ergueu as sobrancelhas, um tanto confuso.

— O quê? Não sei se entendi o que pretendeu dizer.

Mara repetiu em termos que seriam compreendidos até mesmo por uma criança:

— Sua casa jurou vassalagem a outra?

Kevin endireitou as costas, estremeceu e alisou a barba úmida com a mão.

— Zun jurou fidelidade ao Grande Rei de Rillanon, naturalmente.

A Senhora assentiu com a cabeça, como se tudo ficasse mais claro.

— Então, esse rei não permitiu que você caísse sobre a própria espada, não é?

Completamente confuso, Kevin balançou a cabeça.

— Cair sobre minha espada? Por quê? Posso ser o terceiro filho de um pequeno nob... ah, de uma família menor, mas não preciso da autorização do rei para fazer algo que me parece perfeitamente imbecil.

Mara piscou, surpresa.

— Seu povo não tem honra? Se a escolha foi sua, por que permitir que fosse aprisionado para se tornar escravo?

Tomando cuidado com as feridas que começavam a inchar incomodamente, Kevin fitou aquela mulher minúscula que, por infelicidade, se tornara sua Senhora. Forçando um sorriso, disse:

— Acredite em mim, não tive outra opção, caso contrário não estaria aqui apreciando sua... *hospitalidade*. Se eu pudesse escolher, estaria em casa com minha família.

Mara balançou a cabeça bem de leve. Não era aquela a resposta que esperava.

— Acho que estamos com dificuldade de nos entendermos, devido à forma bárbara com que fala a língua tsurani. Permita-me que pergunte de uma maneira diferente: quando foi aprisionado, o destino não providenciou um momento no qual poderia ter acabado com a própria vida em vez de ser capturado?

Kevin ficou em silêncio por um tempo, como se avaliasse a pergunta.

— Acho que sim, mas por que pensaria em me matar?

Mara respondeu prontamente, sem pensar:

— Pela honra!

Kevin riu, amargo.

— De que vale a honra quando se está morto?

Mara piscou, como se uma luz intensa brilhasse de repente em um quarto escuro.

— A honra é... tudo — esclareceu Mara, sem querer acreditar que alguém poderia fazer aquela pergunta. — É o que torna a vida suportável. Dá um sentido a... tudo. Há outro motivo para viver?

Kevin ergueu os braços, exasperado.

— Ora, para aproveitar a vida! Para desfrutar da companhia dos amigos, para servir homens que se admira. No meu caso, para escapar e voltar para casa. Não é o bastante?

— Escapar!

Absolutamente chocada e incapaz de assimilar aquilo, Mara se obrigou a reordenar as ideias. Aquelas pessoas não eram tsurani, lembrou a si mesma; os códigos de comportamento que prendiam escravos ao serviço no mundo dela não eram partilhados pelos povos do outro lado do Portal. A Senhora dos Acoma tentou imaginar se outros indivíduos de sua cultura teriam descoberto também quanto os midkemianos eram diferentes deles. Pensou em Hokanu dos Shinzawai. Mara anotou mentalmente que deveria tentar obter informações a respeito do interesse do Senhor Kamatsu pelos bárbaros quando o filho dele aparecesse para visitá-la. Em seguida, pensou se aquele Kevin de Zun teria algum conhecimento ou ideia diferente que

pudesse ser útil contra seus inimigos.

— Conte-me mais coisas sobre as terras do outro lado do Portal — exigiu ela bruscamente.

Atormentado por algo mais, além de seus cortes e hematomas, Kevin suspirou.

— Você é uma mulher cheia de contradições — disse com cautela. — Ordena que me batam, que me enfiem em uma tina de gado e depois que me sequem com aquelas que provavelmente são suas melhores toalhas. Agora, quer que eu fale sem nem mesmo me oferecer uma bebida para molhar a garganta.

— Você não tem direito de questionar seu bem-estar, ou a falta dele — disse ela com acidez na voz. — Você está sangrando em uma almofada que custa mais do que você, portanto seja cauteloso no modo como fala de minha delicadeza.

Kevin ergueu as sobrancelhas, reprovador. Ia dizer mais alguma coisa, mas naquele momento alguém do lado de fora bateu com força no biombo do escritório particular de Mara.

Como nenhum tsurani solicitaria sua atenção com algo além de uma batida educada, Mara não respondeu logo. Quem quer que fosse, não pareceu minimamente incomodado com isso. O batente de madeira deslizou no trilho lubrificado e o escravo careca que executara o sumiço das roupas no leilão de escravos enfiou sua cabeça lá dentro.

— Kevin? — perguntou ele em voz baixa, alheio ao fato de ter ignorado por completo a nobreza. — Você está bem, meu filho?

Mara ficou boquiaberta quando o ruivo respondeu ao homem com um sorriso tranquilizador. O homem calvo sorriu para Mara e depois, dando-se por satisfeito, retirou-se. Mara ficou muda de espanto por um bom tempo. Em toda a história de seus antepassados, nunca conhecera um escravo que houvesse tido o descaramento de entrar sem ser chamado nos aposentos de seu Senhor para ter uma conversa pessoal com outro escravo e, ainda por cima, retirar-se depois sem permissão, fazendo apenas uma tentativa extremamente descuidada de agradecer à sua legítima Senhora. Mara controlou seu ímpeto inicial de ordenar um castigo, mas agora estava completamente convencida da necessidade de compreender melhor aqueles bárbaros.

Mandou seu mensageiro procurar outro capataz para orientar os escravos sobre como deveriam podar as akasi, o que já deveria estar sendo feito. Depois, devolveu a atenção a Kevin.

— Explique como os servos tratam suas senhoras nas terras de onde vem — exigiu ela.

O bárbaro reagiu com um sorriso provocador. Seus olhos passearam descaradamente pelo corpo de Mara, coberto apenas por uma túnica de seda quase transparente.

— Para começar — esclareceu, sem rodeios —, qualquer senhora que se vestisse como você na frente de um servo seria uma tentação... — Ele se esforçou em vão para encontrar um termo apropriado. — Na minha língua não há um termo educado. Não sei como vocês se sentem em relação a isso, mas, como se mostra sem se preocupar, obviamente não leva isso

em conta.

— A que você se refere? — perguntou Mara, já no limite de sua paciência.

— Ora... — Ele tocou em si mesmo por cima de sua tanga imunda e depois apontou para cima com o indicador esticado. — Àquilo que os homens e as mulheres fazem para terem bebês. — Apontou para a virilha dela.

Mara arregalou os olhos. Poderia ter dificuldade em encarar aquele bárbaro como um escravo, mas obviamente ele não tivera dificuldade em pensar nela como mulher. Suavemente, em um tom que só poderia ser considerado perigoso, ela disse:

— Sugerir uma coisa dessas, mesmo indiretamente, pode significar uma morte lenta e dolorosa, escravo! A morte mais vergonhosa é por enforcamento, mas, se quisermos que o condenado sofra, podemos pendurá-lo pelos pés. Alguns homens duram dois dias assim. Com um monte de carvão em brasa abaixo de sua cabeça, essa pode ser uma forma muito desagradável de morrer.

Consciente da fúria de Mara, Kevin prontamente tentou se explicar:

— Claro que Zun tem um clima muito mais frio do que este com que está acostumada. — Suas frases saíram entrecortadas enquanto procurava palavras que não lhe eram familiares, ou outras que as substituíssem em sua própria língua. — Nós temos invernos, neve e chuvas geladas durante as outras estações. As senhoras de minha terra usam saias grossas e peles de animais para se aquecerem. Isso faz com que o corpo feminino nu seja algo... algo que não vemos muitas vezes.

Os olhos de Mara faiscaram ao escutar o escravo.

— Neve? — Ela pronunciou de modo desajeito a palavra bárbara. — Chuvas geladas? — Então entendeu o significado do que ele dissera e prosseguiu, já menos furiosa: — Peles de animais? Está falando do couro inteiro? Sem tirar os pelos?

— Algo assim — respondeu Kevin.

— Que estranho. — Mara pensou no assunto como se fosse uma criança ganhando presentes. — Roupas desse tipo devem ser pesadas e desconfortáveis, para não falar que, para os escravos, deve ser bem difícil lavá-las.

Kevin riu.

— Não se deve lavar as peles, senão elas estragam. Nós apenas as sacudimos para tirar o pó e depois as colocamos no sol. — Como ela fechou a cara diante do fato de ele se divertir com sua ignorância, o escravo apressou-se a acrescentar uma nova informação: — Em Zun não temos escravos. — Ao dizer isso, sua expressão tornou-se mais sombria e abatida. Seus ombros ainda latejavam devido ao espancamento e, apesar da almofada macia, sentia dor só de estar sentado. — Os keshianos têm escravos, mas a lei do Reino limita severamente essas práticas.

Aquilo explicava em grande parte a dificuldade em fazer os midkemianos obedecerem, concluiu Mara.

— Então quem faz seus trabalhos menores?

— Homens livres, Senhora. Temos criados, servos e proprietários de terras livres que devem obediência a seus Senhores. Assim como cidadãos, mercadores e membros de guildas.

Insatisfeita com uma explicação tão breve, Mara pediu mais detalhes a Kevin. Sentou-se imóvel enquanto ele descrevia com mais detalhes a estrutura de governo do Reino. Sombras compridas já passavam pelos biombos no momento em que o interesse dela diminuiu. A voz de Kevin, já rouca, mostrava seu cansaço. Com sede, Mara mandou trazerem bebidas de frutas frescas. Quando as serviram, fez um sinal para que cuidassem de Kevin.

Mara perguntou então como se trabalhavam os metais, uma arte que seu povo mal conhecia, já que esses materiais eram raros em Kelewan. O fato de os camponeses midkemianos terem ferro, bronze e cobre era algo que lhe parecia inconcebível. A insistência de Kevin de que às vezes tinham até ouro e prata lhe pareceu inacreditável. Seu espanto com tais maravilhas a fez esquecer as diferenças entre eles. Kevin reagiu sorrindo ainda mais. Seus modos descontraídos despertaram um apetite que ela nunca se atrevera a explorar. Mara então percebeu que seus olhos passeavam pelos contornos do corpo dele, seguindo os gestos de suas mãos fortes e belas enquanto ele procurava explicar as coisas quando lhe faltavam palavras. Falou de ferreiros que trabalhavam o ferro e das duras proteções em forma de crescente que eram colocadas nos cascos dos animais que seus guerreiros montavam. A discussão, com toda a naturalidade, se transformou em uma conversa animada sobre táticas e a descoberta mútua de que os midkemianos achavam os cho-ja adversários tão terríveis quanto os tsurani achavam os homens a cavalo.

— Você tem muito a ensinar — disse Mara por fim, revelando em seu belo rosto um rubor de prazer. Nesse momento, Nacoya bateu à porta, para lembrá-la da reunião da tarde com os conselheiros.

Mara se endireitou, espantada ao perceber que a maior parte do dia já se passara. Olhou para as sombras cada vez mais intensas, as bandejas com cascas de frutas, as ânforas e as taças esvaziadas espalhadas pela mesa entre ela e o escravo. Lamentando o inevitável fim da conversa, fez um sinal ao seu criado pessoal.

— Leve este bárbaro e trate de seu conforto. Deixe que tome banho e cuide de suas feridas. Depois, dê a ele uma túnica e diga-lhe para me esperar em meus aposentos, pois desejo prosseguir a conversa quando terminar meus assuntos.

O escravo fez uma reverência e em seguida indicou a Kevin que o seguisse. O bárbaro descruzou as pernas compridas e levantou-se com dificuldade. Estremeceu e depois reparou que a Senhora continuava a fitá-lo. Retribuiu com um sorriso irônico e, sem qualquer tipo de humildade, soprou um beijo na direção dela antes de se voltar para seguir o escravo.

Nacoya observou aquele gesto de despedida com os olhos estreitados e com um ar carrancudo em seu rosto enrugado. Sua Senhora parecia mais espantada do que ofendida com aquela intimidade. De repente, Mara escondeu um sorriso com a mão, parecendo incapaz de se

conter. O desagrado de Nacoya se aprofundou até se transformar em desconfiança.

— Minha Senhora, tenha cuidado. Uma Governante sábia não expõe seu coração a um escravo.

— Aquele homem? — Mara endireitou-se, surpresa com seu próprio rubor. — É um bárbaro. Estou fascinada com seu povo, nada além disso. — Em seguida, suspirou. — A forma como ele soprou aquele beijo me lembrou que Lano costumava fazer isso também quando éramos pequenos — explicou, referindo-se ao falecido irmão que idolatrara quando criança. — Lembra?

Nacoya criara Mara desde criança e a recordação do gesto de Lanokota não preocupou a velha ama. O que incomodou Nacoya foi a reação que percebera em sua Senhora.

Mara ajeitou cuidadosamente a túnica sobre as coxas.

— Nacoya, sabe que não desejo homens. — Parou de alisar a borda da seda e suas mãos se fecharam com força. — Sei que algumas Senhoras têm belos homens como carregadores de liteira, para que as necessidades... mais íntimas possam ser satisfeitas conforme precisem, mas eu estou... pouco interessada nesse tipo de diversão. — Até para si mesma Mara souu pouco convincente.

Irritada com a necessidade de discutir algo que nem deveria precisar ser negado, Mara deu o assunto por encerrado com um gesto autoritário.

— Bem, diga aos criados que levem estas bandejas e taças. Vou me reunir com meus conselheiros e Arakasi vai transmitir a todos algumas informações sobre o Senhor Desio dos Minwanabi.

Nacoya fez uma reverência, mas, quando apareceu um criado doméstico e começou a limpar a mesa para a reunião, a velha Conselheira-Mor ficou observando tudo com atenção. Um sorriso melancólico apareceu e desapareceu nos lábios de Mara. Astuciosamente intuitiva, Nacoya percebeu que Mara não estava pensando na reunião iminente, mas, sim, no bárbaro ruivo e bronzeado com quem conversara durante grande parte da tarde. O brilho nos olhos de Mara e o movimento que fez com as mãos traíram sua Senhora, pois lhe pareceram excitação e receio. Medo de dor e humilhação — recordações de um marido bruto e insensível — entraram em conflito com um desejo renovado. Nacoya poderia ser velha, mas ainda se lembrava de como eram as paixões dos jovens; vinte anos atrás, ela própria poderia ter pensado seriamente em levar o escravo para seu quarto. Consciente dos atrativos de Kevin, e prevendo problemas, a antiga ama suspirou em silêncio. Mara se revelara uma excelente participante do Jogo do Conselho, mas ainda tinha de compreender as coisas mais básicas sobre as relações entre homens e mulheres. Já encantada, faltava-lhe intuição para reconhecer que uma investida daquele calibre não era possível.

Lutando contra lágrimas de preocupação, a antiga ama se recompôs para a reunião que estava prestes a começar. Se o mundo de Mara fosse virado do avesso devido a uma paixão inesperada, aquela era a pior hora para isso acontecer.

Votos

As trombetas soaram.

Em seguida, ouviu-se o ribombar de tambores no momento em que a multidão se ajoelhou, em reverência, sentando-se sobre os calcanhares na antiga posição tsurani de atenção. Estavam dispostos de acordo com a hierarquia, embora todos se vestissem do mesmo modo, com túnicas brancas amarradas à cintura por uma faixa laranja e preta. Aguardavam a chegada do novo Senhor dos Minwanabi.

O grande salão dos Minwanabi era único em todo o Império. Algum antigo Senhor recorrera à genialidade de um arquiteto, um artista de um brilhantismo inigualável, para que nenhum visitante da casa dos antepassados de Desio pudesse evitar o deslumbramento ante o esplendor daquilo que se assemelhava mais a uma fortaleza.

A encosta escolhida para a construção da casa grande fora escavada de modo a deixar entrar luz e ar, já que a parte superior era cheia de arcos abertos para o céu. Os biombos concebidos para proteção contra o tempo inclemente haviam sido recolhidos naquele dia e todo o salão fora inundado pela luz solar do meio-dia. A parte inferior do salão fora escavada na montanha. O espaço central media por volta de quinhentos metros, desde a única entrada até o dossel, e ostentava um chão cuidadosamente decorado. Ali, em um trono esculpido em ágata, Desio receberia os juramentos prestados por seus servidores e vassalos convocados para homenageá-lo.

Guardas Minwanabi com armaduras cerimoniais estavam a postos, seus elmos negros envernizados, com plumas tingidas com o tom laranja oficial. Formavam uma organizada fileira dupla na galeria que se encontrava sobre o piso principal. Os músicos ao lado da entrada terminaram de tocar as trombetas e as baixaram, juntamente com os tambores. O silêncio caiu sobre a sala.

Um som penetrante cortou o ar. Uma porta se abriu e um Sacerdote de Turakamu, o Deus Vermelho da Morte, entrou no salão com passos leves. O apito de osso que tinha nos lábios era uma relíquia guardada desde tempos ancestrais. Uma capa curta enfeitada com penas caía até os cotovelos e seu corpo nu estava pintado de vermelho e preto, parecendo um esqueleto manchado de sangue dançando em louvor de seu Senhor divino. Tinha o cabelo untado com

muito óleo colado à cabeça, de onde saíam duas tranças amarradas com barbantes, que balançavam com pequenas caveiras embranquecidas amarradas nas pontas.

O Sacerdote deu três voltas no trono, acompanhado por quatro acólitos, todos vestindo túnicas vermelhas e máscaras de caveiras. Seu aspecto gerou certa agitação entre os presentes. Muitos fizeram gestos discretos para afastar o azar, pois encontrar os servos do Deus da Morte era, no mínimo, desagradável. Os apitos soltaram sons penetrantes e as caveiras chacoalharam em compasso com o ritmo do Sumo Sacerdote. Sua dança se tornou mais rápida e os acólitos iniciaram uma série de piruetas e saltos que imitavam os últimos minutos de uma pessoa agonizante, o poder supremo do Deus da Morte, e o castigo infligido aos mortais que lhe desagradavam.

Um burburinho percorreu o salão quando os convidados de Desio começaram a perguntar uns aos outros, em meio a sussurros, qual seria o motivo de Sacerdotes Vermelhos terem sido chamados para invocar um ritual de sangue naquela reunião. Normalmente, os Sacerdotes de Chochocan, o Deus Bom, ou, mais raramente, os Sacerdotes de Juran, o Justo, eram os escolhidos para abençoar o reinado de um novo Senhor. Um Sacerdote da Morte era uma presença rara e inquietante.

Os dançarinos giraram até se imobilizarem; os apitos cessaram. O Sumo Sacerdote avançou em silêncio e subiu no dossel. Retirou de um bolso no interior de sua capa uma adaga vermelha e, com um grito agudo e penetrante, cortou sua trança esquerda. Então a pendurou no braço correspondente do trono do novo Senhor. Em seguida, encostou a testa no encosto e cortou a trança direita. A minúscula caveira na ponta estalou de maneira sinistra ao bater nos entalhes de ágata. Quando aquele talismã foi amarrado no braço direito do grande trono, a dúvida geral dos presentes se dissipou. Os Sacerdotes do Deus Vermelho só cortavam o cabelo quando aguardavam um grande sacrifício dirigido a seu Senhor divino. Desio dos Minwanabi estava oferecendo sua casa para conseguir triunfar em alguma empreitada violenta.

Uma calma desconfortável baixou quando a guarda de honra de Desio entrou. Os habituais doze guerreiros eram liderados por Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas, e por Incomo, o Conselheiro-Mor. O último a aparecer foi o novo Senhor, resplandecente em um colete justo de cor laranja com enfeites em preto; seu cabelo negro fora amarrado para trás.

Incomo chegou até o dossel, deu a volta e ajoelhou-se do lado direito de seu Senhor. Observou com um olhar crítico o Senhor subir os degraus para se sentar em seu lugar de poder. Desio estava se saindo bem, apesar do calor e do peso pouco habitual da armadura sob todos aqueles enfeites. Quando era menino, o herdeiro de Jingu não demonstrara qualquer talento para a arte da guerra. Seus esforços nos campos de treinamento serviram apenas para conquistar o escárnio silencioso de seus instrutores. Quando teve idade para servir no exército, acompanhou algumas patrulhas em regiões seguras, mas, quando os oficiais no comando se queixaram educadamente de sua incapacidade, o rapaz passou a ficar somente na corte do pai, para sua felicidade. Desio herdara as piores qualidades do pai e do avô, na

opinião de Incomo. Seria um milagre se os Minwanabi prosperassem sob seu comando, mesmo que os Acoma não constituíssem uma ameaça.

Observando a multidão ali reunida, uma figura impressionante na primeira fileira de convidados chamou a atenção de Incomo. Tasaio vestia uma armadura Minwanabi como se fosse um guerreiro nato. Era talvez o membro mais apto da família em três gerações. Entediado com a cerimônia, Incomo imaginou como seria servir sob o comando de um Governante inteligente como Tasaio. Mas o Conselheiro-Mor afastou esses pensamentos da cabeça. Dentro de alguns momentos, Tasaio iria prestar o juramento de obedecer incondicionalmente a Desio.

O novo Senhor conseguiu se sentar sem dificuldade em seu enorme trono, algo pelo qual Incomo deu graças. Suas trapalhadas naquele momento não trariam boa sorte e seriam interpretadas como uma prova de que o desagrado dos deuses caíra sobre os Minwanabi. A testa do Conselheiro-Mor suava profusamente de ansiedade enquanto suportava as ancestrais formalidades que antecederiam o momento em que Desio se levantaria para orar. O jovem Senhor dos Minwanabi então falou, perante aquele salão silencioso, com uma voz surpreendentemente forte:

— Dou a todos as boas-vindas, minha família, meus aliados e meus amigos. Aqueles que serviram meu pai são duplamente bem-vindos, por sua lealdade a ele no passado e a mim no futuro.

Incomo expirou, aliviado, deixando de lado suas preocupações mais imediatas. O jovem Senhor prosseguiu, pomposamente, agradecendo aos Sacerdotes presentes; em seguida, acenou com suas mãos enfeitadas à medida que suas palavras se tornavam mais empolgadas. Convencido de sua própria importância, Desio chamou a atenção de seus convidados mais proeminentes. Incomo estava tentando se manter atento, mas começou a ficar cada vez mais preocupado. Qual seria o passo seguinte da Senhora dos Acoma? Como uma garota transformara os planos arquitetados por Jingu, que eram de ao final assassiná-la, no próprio fim dele? Por mais que Incomo revivesse mentalmente os acontecimentos daquele dia amaldiçoado, não era capaz de determinar o que levaria as coisas a seguirem um caminho tão trágico.

Uma coisa ele sabia: os Minwanabi tinham depositado confiança demais numa cortesã contratada como agente; ela tinha reputação de ser uma profissional meticulosa, mas no final acabara falhando no cumprimento de sua missão. Em consequência disso, a bela mulher pagara com a própria vida. Incomo prometeu a si mesmo nunca mais depender de alguém que não jurasse prestar serviço aos Minwanabi. E quanto ao papel desempenhado por Shimizu, então Líder de Ataques, alguém que lhes havia prestado juramento? Seu ataque ao guarda-costas de Mara correra como planejado, mas, na noite seguinte, um simples “acidente” que deveria ter eliminado a linhagem dos Acoma se transformara em uma tragédia.

Desio anunciou outro honrado convidado que viera para vê-lo assumir o cargo. Incomo

olhou de soslaio na direção daquele Senhor, tentando não parecer entediado. Seus pensamentos retornaram àquele dia terrível.

Incomo reprimiu um arrepio ao se recordar do terror no rosto do Senhor Jingu quando o mago do Senhor da Guerra recorrera à magia para provar a infeliz traição da cortesã e do Líder de Ataques contra Mara. Envergonhado diante de seus convidados, Jingu se vira forçado a corrigir as coisas em nome de sua casa da única forma possível. Em toda a história, nunca fora necessário que um Senhor dos Minwanabi preservasse a honra familiar através do suicídio. Incomo continuava a acordar todas as noites suando frio, quando sonhava com o momento em que Jingu se enchera de coragem e se lançara sobre a espada da família.

Incomo pouco se lembrava do que se passara depois: a marcha para voltar a casa, com seu Senhor na liteira funerária, a armadura polida brilhando e as mãos cruzadas sobre a espada. Tudo isso não passava de um conjunto de imagens difusas. Por outro lado, o momento da morte atormentava o Conselheiro-Mor; não esquecia a cena: seu Senhor esparramado no chão, o sangue vital e as entranhas saindo de seu ventre, os olhos vazios voltados para o nada, como os de um peixe morrendo nas docas. O Sacerdote de Turakamu logo atara as mãos de Jingu com o cordão vermelho ritual e lhe ocultara o rosto com um pano escarlate. Mas a recordação permaneceu, indelével. O reinado de um Senhor grande e poderoso terminara com uma rapidez aterradora.

Uma movimentação despertou Incomo para o presente. Ele inclinou a cabeça para saudar outro Governante que fora prestar homenagem a Desio. Em seguida, o Conselheiro-Mor dos Minwanabi inspirou profundamente e se recompôs. Conseguira gerenciar a grande casa durante os dias de devassidão de Desio com uma aparente calma inexpugnável. Mas, por detrás de seu comportamento apropriado e impassível, Incomo lutava com o terror. Pela primeira vez em uma longa vida como membro do Jogo do Conselho, conheceu o medo paralisante de outro Governante.

Sua única defesa diante daquela ameaça era uma raiva alimentada pela imagem de Mara e seu séquito atravessando o lago. Dezenas de outros Senhores tinham partido com ela, com suas embarcações coloridas agrupadas como aves aquáticas na época do acasalamento. No meio dessa pequena frota encontrava-se a enorme barca branca e dourada do Senhor da Guerra. Almecho mudara sua festa de aniversário da propriedade de Jingu para as terras dos Acoma, como se desse um sinal inequívoco da desgraça dos Minwanabi.

Então uma sombra cruzou o rosto de Incomo, interrompendo sua reflexão. Um guerreiro magro e elegante subiu ao dossel para se ajoelhar aos pés do novo Senhor. Tasaio, filho do falecido irmão de Jingu, fez uma pequena reverência e apresentou-se ao seu legítimo Senhor. O cabelo acobreado de Tasaio estava preso para trás com uma elegante presilha de jade. Seu perfil era ligeiramente aquilino, e sua postura, impecável; as mãos, com algumas cicatrizes de batalhas, eram quase perfeitas e possuíam a beleza da força. Ele era a imagem de um guerreiro humilde que jurara servir a seu Senhor, mas nada conseguia ocultar a intensidade abrasadora

de seu olhar. Virou-se para olhar seu primo e sorriu, prestando o juramento:

— Meu Senhor, aqui presto juramento, perante os espíritos de nossos antepassados desde o princípio dos tempos e sobre o natami em que reside o espírito dos Minwanabi: juro honrá-lo em todas as coisas. A minha vida e a minha morte lhe pertencem.

O rosto de Desio se iluminou quando seu maior rival ao posto de Governante se curvou seguindo a tradição. Incomo colocou de lado o desejo fútil de que os papéis dos primos fossem invertidos; se fosse Desio que estivesse se ajoelhando diante de Tasaio, os Acoma estariam tremendo. Em vez disso, de maneira irrevogável, o homem mais inteligente e mais forte estava unindo seu destino ao mais fraco. Incomo percebeu que suas mãos se fecharam, com as unhas cravadas nas palmas.

Algo ainda o incomodava desde a noite em que a sina dos Minwanabi se turvara. Quando Tasaio se ergueu e abandonou o dossel, o Conselheiro-Mor refletiu e teve uma nova ideia. Mara conseguira descobrir o plano que acabaria com sua vida — mas, corrigiu-se Incomo, ela naturalmente não esperava pelo ataque, embora, de algum modo, pressentisse o momento e o tipo de investida. A sorte não poderia servir de justificativa. Uma coincidência daquela magnitude era improvável, para não dizer impossível. O Deus Louco da Sorte precisaria ter sussurrado ao ouvido da Senhora para que ela pura e simplesmente adivinhasse o que Jingu e sua agente cortesã tinham orquestrado.

Os últimos aliados dos Minwanabi estavam em fila, completando seus votos de amizade a Desio. O Conselheiro-Mor observou todos os rostos inexpressivos e concluiu que aquelas declarações solenes eram tão úteis quanto armas de algodão-doce. Ao primeiro sinal de fraqueza, qualquer um dos Senhores ali presentes procuraria novas alianças. Até Bruli dos Kehotara se recusara a renovar o voto de total vassalagem que seu pai prestara a Jingu, deixando dúvidas se ainda era confiável. Com muita dificuldade, Desio conseguiu esconder seu descontentamento quando Bruli fez sua promessa de amizade e, em seguida, partiu.

Incomo sorriu de forma mecânica para cada nobre que passava enquanto revia suas próprias preocupações. Relembrou repetidamente os acontecimentos do passado, até que a lógica, enfim, lhe trouxe a resposta. A conclusão era chocante, inimaginável: os Acoma deveriam ter um espião dentro da casa grande dos Minwanabi! A conspiração de Jingu fora cuidadosamente orquestrada e seria infalível se informações secretas não tivessem vazado. A pulsação de Incomo acelerou conforme foi pensando em todas as implicações disso.

O Jogo do Conselho não dormia em serviço. Havia sempre tentativas de infiltração em casas rivais. O próprio Incomo tinha diversos agentes bem colocados e frustrara pessoalmente tentativas de inimigos penetrarem na grande Casa dos Minwanabi. Mas de algum modo, e isso era bem evidente, deixara passar alguém. O espião dos Acoma poderia ser um criado, um agente da família, um guerreiro com plumas de oficial, até um escravo. Perdido em pensamentos para tentar descobrir o culpado, Incomo observava impaciente a cerimônia. O protocolo exigia que permanecesse em seu lugar até o encerramento das formalidades.

Então veio o último Senhor. Desio aguentou um interminável discurso de agradecimento. Incomo chegou a ter espasmos de impaciência. Em seguida, os Sacerdotes voltaram a apitar abominavelmente e a dançar. Por fim, iniciou-se o hino de retirada, com a guarda de honra de Desio saindo em marcha pelos portões do grande salão. Parado meio passo atrás do ombro de Desio, Incomo observava com atenção todos os membros mais antigos da casa grande.

Sua mente ágil reduzia as possibilidades, eliminando ligações de sangue e aqueles que estavam a serviço desde a infância. Mas, mesmo assim, a chance de haver algum agente inimigo era ainda muito vasta. Tinham sido adquiridos muitos criados ao longo dos três últimos anos. Incomo, portanto, teria de enfrentar uma tarefa desencorajadora. Dispensar em grandes quantidades os novos criados se revelaria uma clara admissão de fraqueza. Recorrer à tortura para descobrir qual era o traidor serviria apenas para deixar o espião alerta. Ele, ou ela, poderia então se esgueirar por entre seus dedos. Não, o melhor era agir com cautela.

A procissão prosseguiu pelo corredor em forma de túnel. Do lado de fora, o sol do final da tarde mergulhara atrás do bosque. Sombras alongadas caíam sobre a coluna quando a guarda de honra e os convidados marcharam até o local onde iria ocorrer a parte seguinte da cerimônia. Bancos haviam sido dispostos em círculo em um anfiteatro natural formado por uma depressão nas colinas. Os convidados procuraram em silêncio os seus lugares e olharam para baixo para a vastidão do campo aberto no centro. Quatro grandes buracos tinham sido escavados lá, dois deles ao lado da estrada principal. Uma companhia de soldados e trabalhadores aguardava em uma fila muito bem-organizada ao lado de uma enorme estrutura de madeira recentemente erguida, cheia de roldanas e cordas.

Incomo ocupou seu lugar em um dos bancos centrais e esforçou-se para se concentrar. Ao contrário da cerimônia de posse de Desio, aquilo não era uma mera formalidade. Construir um monumento de orações era invocar a presença de um deus e solicitar seus favores; erguer um monumento a Turakamu, o Deus Vermelho, era se arriscar à destruição se o ato fosse reprovado.

Os Sacerdotes de Turakamu e seus acólitos iniciaram uma dança ao redor das quatro vigas pintadas que seriam colocadas nos buracos. Giravam loucamente, gritando e soprando os sagrados apitos de ossos. O tórax nu do Sumo Sacerdote tremia com o esforço e o suor manchava nitidamente a tinta cerimonial vermelha e negra. O balançar de sua genitália flácida divertia Incomo. O Conselheiro-Mor se repreendeu por sua crueldade. Em vez de rir e conquistar o desprezo do Deus Vermelho, desviou ligeiramente o olhar, em respeito àquele momento sagrado.

Dois grupos de trabalhadores aguardavam ali perto em silêncio. Entre eles, deslocados e estranhamente pouco à vontade, estavam os criados e suas famílias. Uma menina de uns sete anos chorou e se agarrou com força à mão da mãe. Incomo pensou se o espetáculo do Sacerdote a assustara. Logo em seguida, o Sumo Sacerdote terminou uma de suas piruetas agachando-se imóvel diante do pai da menininha. Os acólitos guincharam em uníssono.

Saltaram para a frente, agarraram o homem pelos ombros em um aperto ritual e o conduziram para o buraco mais próximo. O apito de osso soou agudo no calor da tarde. O homem escolhido fechou os olhos e em silêncio pulou para dentro do buraco fundo e amplo.

O ato foi então repetido por outro homem, cuja mulher escondeu o rosto de um modo bastante indecoroso. Quando o segundo buraco foi ocupado, o Sacerdote soltou um grito de angústia e depois entoou:

— Ó Turakamu, que lança o derradeiro julgamento sobre todos os homens, acolha a seu serviço estas duas honradas almas. Elas vigiarão eternamente seu monumento. Tome conta de suas famílias com compaixão e quando seus filhos, por fim, percorrerem seu salão, julgue-os amavelmente e devolva-os à vida com sua bênção.

Incomo escutou o ritual de abertura com um desconforto crescente. Os sacrifícios humanos eram raros no Império e, apesar disso, continuavam a ser praticados no Templo do Deus Vermelho. Obviamente, aqueles dois trabalhadores haviam se voluntariado para se sacrificar, em troca da esperança de que seus filhos pudessem, na próxima vida, nascer em uma posição superior: como guerreiros ou, quem sabe, até como Senhores. Incomo considerou que isso era, na melhor das hipóteses, um mau negócio. Se um homem fosse suficientemente piedoso, os deuses não deveriam favorecê-lo, como decretava o aforismo do templo?

No entanto, só um louco poderia contestar uma oferta ao Deus Vermelho. Incomo observou em silêncio total quando os voluntários foram colocados em seus respectivos buracos, com os joelhos sob o queixo e as mãos cruzadas representando uma oração eterna. Os Sacerdotes guincharam um cântico a seu amo divino e depois fizeram um sinal aos grupos de trabalhadores para que içassem as enormes traves que iriam suportar o arco do pórtico. Cordas estalaram sob a tensão quando os trabalhadores levantaram a primeira até ficar bem reta; gritaram e puxaram a viga e uma sombra em forma de foice cruzou a cova quando a ponta foi colocada em posição. A multidão de apoiadores dos Minwanabi se petrificou, à espera do momento do sacrifício. Um capataz inspecionou de relance e considerou que a posição das oferendas estava correta; fez um sinal ao Sumo Sacerdote, que levou o apito de osso aos lábios e soprou a nota trêmula destinada a convocar o deus.

Enquanto o chamado diminuía, o silêncio se impôs, e dois Sacerdotes inferiores ergueram um machado sagrado de obsidiana resplandecente e cortaram as cordas. O mastro entalhado foi solto, bateu com um baque no fundo do buraco e esmagou o primeiro criado como se fosse um inseto. Um jorro de sangue saltou vindo da terra e a criança soluçante largou o aperto da mãe e se lançou contra o pilar que acabara de matar seu pai.

— Traga meu pai de volta! Traga meu pai de volta! — gritou repetidas vezes, enquanto os soldados Minwanabi a arrastavam de lá.

Incomo tinha noção de que o Sacerdote Vermelho encarava aquilo como um começo pouco promissor. Na tentativa de aplacar seu deus, o Sacerdote deu início ao segundo sacrifício. Com as unhas, fez estalar o chocalho de osso e seus acólitos colocaram máscaras cerimoniais.

A segunda vítima foi puxada de seu buraco, o que a deixou bastante confusa. Ele pensara que seu fim seria idêntico ao de seu predecessor, mas aparentemente não iria ser assim.

O primeiro dos acólitos mascarados deu um passo à frente transportando uma taça e uma faca de obsidiana. Não proferiu nenhuma palavra, mas bastou um gesto do Sumo Sacerdote para que elevassem o homem, segurando-o de braços e pernas abertos sobre a taça. O acólito ergueu a sua faca, cantando, e pediu os favores do deus. Encostou a lâmina primeiro em um dos lados da têmpera do homem, adornada com uma pena; e depois na outra, consagrando o sacrifício. O infeliz agricultor estremeceu ao sentir o toque da faca de pedra; retraiu-se quando sua ponta afiada traçou um símbolo em sua testa e se debateu para aguentar sem gritar quando um golpe do Sacerdote lhe abriu o pulso direito.

O sangue jorrou na terra como uma chuva obscena. Os acólitos se mancharam de sangue quando se apressaram a recolher um pouco com a taça; e, tal como uma litania dos condenados, o apito do Sacerdote ecoou de novo. Foi erguido o segundo pilar. A faca de obsidiana foi outra vez cravada e cortou outra veia. O agricultor choramingou. Sentiu sua vida se esvaindo, mas o fim não poderia chegar rápido o bastante para atenuar seu medo. Tropeçou de encontro aos Sacerdotes quando eles o içaram e o baixaram de cabeça para baixo para dentro do fosso. A viga balançou por cima dele. O apito uivou, apelando ao deus que concedesse seu favor. O Sumo Sacerdote fez um sinal, apressando a cerimônia, pois, para a dádiva ser aceitável, o sacrificado não poderia perder a consciência e morrer antes do tempo. No entanto, a pressa é inimiga da perfeição. Quando as cordas foram cortadas, um dos acólitos hesitou e o enorme pilar se inclinou um pouco enquanto caía. O tronco bateu numa das bordas do buraco. Terra e pedras caíram em cascata para dentro, levando a vítima a gritar de terror. Então todo o peso do tronco pressionou a parede lateral. A madeira esmagou as pernas e o quadril do agricultor, mas não o matou de imediato. Ele gritou devido à dor insuportável e a cerimônia ficou indelevelmente maculada.

Desio gritou em vão aos trabalhadores para que endireitassem o tronco.

Pálido, em meio a seus anéis e joias, lançou-se de cabeça para baixo, encostando-a na terra ensanguentada, e implorou paciência e perdão ao Deus Vermelho. O Sumo Sacerdote avançou com o apito silenciado. Perante toda a companhia que aguardava, sacudiu suas contas e ossos e solenemente anunciou o descontentamento de seu mestre divino. Sobre o uivo do sacrifício maculado, ele exigiu escutar o que o Senhor dos Minwanabi ofereceria para reconquistar os favores do Deus Vermelho.

Atrás do palanque onde estavam o Senhor e o sacerdote, escravos esticaram as cordas e o pilar do monumento foi lentamente puxado para cima. Os gritos do agricultor mudaram de tom, mas não pararam. Trabalhadores se apressaram com cestas de terra e as despejaram sobre o fosso e, gradualmente, os gritos foram sendo abafados; ninguém se atreveu a acabar com o sofrimento do agricultor. Sua vida fora consagrada ao deus e qualquer interferência poderia ocasionar uma maldição.

Suando, com o rosto coberto de pó e de sangue, Desio levantou-se.

— Todo-poderoso Turakamu — entoou —, ofereço em sua honra a vida de meus inimigos, do sangue mais nobre ao mais baixo de seus parentes. É o que lhe prometo se aplacar sua ira e permitir a vitória dos Minwanabi! — Virou-se então para o Sacerdote. — Se o Todo-poderoso considerar adequado ouvir meu humilde apelo, prometo outro grande monumento de orações. Seus pilares serão consagrados com as vidas da Senhora dos Acoma e de seu primogênito e herdeiro. O caminho será pavimentado com a pedra esmigalhada do natami dos Acoma e polido pelos pés de seus devotos adoradores. Ofereço tudo isso para glória do Deus Vermelho se for demonstrada misericórdia pelas transgressões hoje ocorridas.

Desio se calou. O Sacerdote permaneceu ao seu lado por um momento, imóvel. Depois assentiu sacudindo abruptamente a cabeça.

— Jure sua promessa — disse com uma voz poderosa, e em seguida estendeu o apito de osso a Desio para selar a promessa ao deus.

Desio estendeu o braço, consciente de que, assim que sua mão agarrasse o osso, ficaria comprometido. Hesitou e um silvo do Sacerdote o avisou de que estava prestes a provocar a ira do Deus Vermelho. Febrilmente, agarrou a relíquia.

— Eu, Desio, Senhor dos Minwanabi, juro...

— Pelo sangue de sua casa — ordenou o Sacerdote.

Os presentes não conseguiram evitar um suspiro, pois o Sacerdote deixara bem claro qual seria o preço a pagar ao Deus Vermelho se fracassasse. Nesse caso, Desio garantiria a aniquilação de toda a sua casa, incluindo ele e até mesmo os seus parentes mais distantes — uma ruína idêntica à que prometera para os Acoma. Mesmo que ambas as partes, no futuro, desejassem aceitar uma trégua, não poderiam fazer nada para reverter aquilo. Em um futuro próximo, uma das duas ancestrais e honradas casas deixaria de existir.

— Turakamu escuta sua oferta — berrou o Sacerdote. Assim que Desio largou a relíquia, o Sacerdote girou e apontou para o monumento incompleto, que se erguia como se fossem pilares enegrecidos contra o céu do pôr do sol. — Que este símbolo permaneça incompleto daqui em diante. Seus pilares deverão ser trabalhados para se tornarem colunas com a promessa dos Minwanabi inscrita de ambos os lados. E nada deverá ser alterado ou derrubado até que os Acoma não passem de cinzas que testemunhem a glória de Turakamu! — Em seguida olhou para Desio. — Ou que os Minwanabi sejam reduzidos a pó!

Desio levantou-se com dificuldade. Parecia abalado, subjugado pelo triste início do grandioso juramento que prestara. Os lábios de Incomo se franziram de raiva. Se houvesse um espião dos Acoma entre os Minwanabi, alguns rumores seriam suas menores preocupações depois do que ocorrera naquele dia. O Conselheiro-Mor observou as expressões dos membros da família quando partiram; a maioria revelava tensão, alguns pareciam assustados e aqui e ali havia algum nobre presunçoso com o nariz exageradamente empinado. Muitos procurariam ascender na hierarquia da família se Desio se revelasse um líder fraco, mas nenhum parecia

particularmente satisfeito com o terrível fim dos acontecimentos do dia. Desistindo de tentar desmascarar o espião a olho nu, Incomo procurou seu Senhor.

Tasaio estava ao lado do primo, amparando o cotovelo de Desio. Embora o Senhor fosse aquele que vestia a armadura, não havia como se enganar quanto a quem era o guerreiro. O porte de Tasaio exibia a mortífera graça do sarcat. Incomo se aproximou. Palavras transportadas pelo vento que se levantava de uma tempestade iminente chegaram até seus ouvidos:

— Meu Senhor, não deve encarar os contratempos de hoje como um sinal de mau agouro. O Senhor comprometeu nossa família em um juramento poderoso. Vejamos agora o que podemos fazer para cumpri-lo.

— Sim — concordou Desio de forma inexpressiva. — Mas por onde começar? Mara tem guerreiros cho-ja protegendo sua casa; um ataque aberto seria uma loucura, já que não contamos com o apoio do Senhor da Guerra. Além disso, mesmo que saíssemos vitoriosos, estaríamos fracos e uma dúzia de outras casas tentaria tirar proveito disso.

— Ah, mas tenho algumas ideias, primo. — Tasaio ensaiou uma aproximação, olhou em volta e identificou Incomo; seu sorriso rápido e luminoso pareceu forçado ao Conselheiro-Mor, embora espontâneo. — Honorável Conselheiro-Mor, anseio por me reunir ao Senhor. Se nosso Governante puder cumprir sua promessa ao Deus Vermelho, nossa casa conquistará muitas glórias.

Incomo procurou ironia em suas palavras — falhar em uma promessa ao Deus Vermelho seria a ruína dos Minwanabi — e constatou que Tasaio estava sendo sincero. Então observou sua expressão habitualmente tensa procurando sinais de mentira, mas nada encontrou.

— Você tem um plano?

Tasaio sorriu abertamente.

— Muitos planos, mas primeiro acho que é melhor nos livrarmos do espião dos Acoma.

Enquanto o rosto sujo de Desio mostrava espanto e desorientação, Incomo se esforçou para disfarçar suas suspeitas.

— Como você poderia saber disso, honrado primo?

— Mas não há nenhum espião dos Acoma aqui! — interrompeu Desio, sentindo de repente que sua honra fora ofendida.

Tasaio colocou uma mão tranquilizadora no braço do jovem Senhor, dirigindo suas palavras principalmente a Incomo:

— Deve haver. Caso contrário, como aquela jovem cadela saberia que nosso último Senhor pretendia matá-la?

Incomo inclinou a cabeça como se reconhecesse uma vitória. O fato de Tasaio ter deduzido da mesma maneira a causa da sobrevivência de Mara na festa de aniversário do Senhor da Guerra demonstrava a agudeza de seu intelecto.

— Honrado primo, para o bem de todos nós, acho que devemos escutar seus planos. —

Franzindo levemente o cenho, o Conselheiro-Mor estendeu a mão e ajudou o enorme guerreiro a conduzir seu Senhor de volta ao abrigo da casa grande.

Os antigos pisos de madeira rangeram quando os criados circularam apressados, ajustando os biombos e as cortinas para barrar os ventos cada vez mais fortes vindos do sul. Uma tempestade se aproximava empurrando nuvens para cima da superfície prateada do lago, anunciando o início precoce, mas inequívoco, da estação úmida. O cheiro de chuva misturou-se aos aromas do óleo da mobília e do pó no pequeno escritório, um quarto particular utilizado por Jingu e seus antecessores quando traçavam seus planos mais secretos. Embora o ar nunca se tornasse sufocante, as telas pintadas das janelas eram pequenas, para desencorajar observadores do lado de fora.

A umidade fazia os ossos de Incomo doerem. Reprimindo uma vontade intensa de franzir o cenho, acomodou-se confortavelmente nas almofadas em frente ao lugar do Senhor, um elaborado ninho de almofadas com cinco centímetros de altura no alto de um dossel. Algum antepassado distante dos Minwanabi decidira que um Senhor deveria estar sempre acima de seus servidores, e a maioria dos cômodos das alas mais antigas da casa provava sua crença.

Incomo se rendera à inconveniência dos andares com vários níveis e lajes em determinadas passagens, pois um novo criado chamava sempre a atenção pelo número de vezes que tropeçava. Amargurado, com os pensamentos ocupados por espiões, Incomo pensou nos agentes e criados que se revelaram mais desajeitados ao servirem seu falecido Senhor; nenhum lhe veio à mente de imediato, o que intensificou o desconforto do Conselheiro-Mor. Frustrado, aguardou seu Senhor.

Os criados partiram quando Desio retirou sua armadura cerimonial e vestiu uma túnica de seda laranja bordada com símbolos pretos de prosperidade. Não demorou muito tempo no banho, ao contrário do que fazia seu pai; com um tênue odor de suor devido ao nervosismo, entrou acompanhado pelo primo e se sentou com toda a sua corpulência nas preciosas almofadas de bordas douradas que seu antecessor desgastara antes dele. Desio estava preocupado. Incomo achou que parecia prestes a pegar um resfriado. Pálido, o rosto parecia papel de junco, exceto pelo nariz rosado. A seu lado, seu primo bronzeado tinha um ar elegante e perigoso.

Enquanto Desio se contorcia para encontrar uma posição confortável, Tasaio instalou-se e apoiou os cotovelos nos joelhos. Ao lado da agitação de Desio, exibia a imobilidade tensa de um predador que avalia o ambiente.

Tasaio nada perdera enquanto servia na guerra bárbara nos últimos quatro anos, concluiu Incomo. Embora a guerra não corresse tão bem quanto fora prometido pelo Senhor da Guerra, a temporada longe do Jogo do Conselho servira apenas para aguçar a mente do jovem. Ele

ascendera à posição de Primeiro Subcomandante do Senhor da Guerra e conquistara grandes vitórias para os Minwanabi — até a morte de Jingu humilhar a todos.

— Meu estimado primo e meu Conselheiro-Mor — começou Desio, debatendo-se para disfarçar sua inexperiência e tentar desempenhar o papel de Governante —, estamos aqui reunidos para avaliar a possibilidade de haver um espião dos Acoma entre nós.

— Não se trata de uma possibilidade, mas de uma certeza — rebateu prontamente Incomo. O que a casa precisava era de ação, com rapidez e determinação. — E não devemos partir do princípio de que seja apenas um.

Desio abriu a boca, ultrajado tanto pela impertinência de seu Conselheiro-Mor quanto pela ideia de que os Acoma poderiam ter se infiltrado mais de uma vez nas fileiras dos Minwanabi.

Os lábios de Tasaio se cerraram firmemente para conter, com dificuldade, todo o seu desprezo; mas seu tom de voz não demonstrou descrédito quando interveio suave e gentilmente:

— Seu pai foi um grande participante do Jogo, Desio. Se não foi através de mentira e dissimulação, como uma criança o venceria?

— Como uma criança, como você a chama, conseguiu montar uma rede de espiões tão magistral? — replicou Desio. — Que seja amaldiçoada por Turakamu, e que ele a leve para o seu leito de sofrimento por dez mil anos. Ela esteve no Convento de Lashima até o dia em que aceitou seu legado! E não parecia ser do feitio do pai dela implantar uma rede de agentes. Era correto demais em seu modo de pensar para se valer de espiões.

— Então, primo, teremos de descobrir tudo isso. — Tasaio fez um gesto, simbolizando a estocada de uma espada. — Você fala como se a garota tivesse uma vida encantadora. Mas não tem. Fiz com que os bárbaros do outro mundo matassem o pai e o irmão dela para nós... e muito habilmente, se me permite dizer. Sezu e Lanokota se esvaíram em sangue e morreram como muitos outros homens, agarrando-se às suas entranhas abertas, contorcendo-se na lama. — As palavras de Tasaio se inflamaram pelo entusiasmo: — Se os Acoma esperam pela sorte do Deus Louco, o fato é que a sorte não veio ajudar o pai e o irmão de Mara!

Desio quase esboçou um sorriso, antes de se recordar de que seu pai tivera o mesmo fim, após uma agonia infligida por sua própria espada. Petulante, empurrou as almofadas acumuladas sob seu peso.

— Se há espiões, como vamos desmascará-los?

Incomo inspirou profundamente para responder, mas depois se retraiu diante do olhar de Tasaio, que disse:

— Se meu Senhor me permite, tenho uma sugestão.

Desio acenou em concordância. Interessado a ponto de esquecer suas diversas dores, Incomo dobrou-se para a frente para escutar o conselho do jovem guerreiro. Instintivamente, Tasaio aproveitou o vento que fazia os biombos balançarem. Sincronizando-se com as rajadas para esconder sua voz, evitando assim que alguém os escutasse, disse:

— Um espião pouca utilidade tem se suas informações não forem utilizadas. Portanto, temos de virar isso a nosso favor. Recomendo que aja de modo a prejudicar os interesses dos Acoma. Ordene ao Comandante das Forças Armadas que organize um ataque a uma caravana ou a uma propriedade mais longínqua. No dia seguinte deixe escapar diante de seu agente responsável pelos cereais que pretende baixar os preços da thyza dos Acoma nos mercados da Cidade das Planícies. — Tasaio fez uma pausa, deixando parecer que se sentava confortavelmente, partilhando confidências. No entanto, Incomo notou com satisfação que ele não estava tão relaxado; o brilho em seu olhar revelava uma constante atenção a problemas. — Se Mara defender suas caravanas, saberemos que há um espião nos quartéis. Se ela retirar a colheita de thyza do mercado, saberemos que há um Acoma disfarçado de escriba. Assim sendo, é questão de tempo até descobrirmos o informante.

— Muito inteligente, Tasaio — comentou Incomo. — Eu havia pensado em uma tática semelhante, mas há uma grande lacuna. Nós não podemos ter prejuízo na venda de thyza; além disso, não iremos revelar nosso plano aos Acoma quando eles verificarem que não houve ataques à caravana?

— Assim seria se não atacássemos. — As pálpebras de Tasaio se semicerraram. — Mas vamos atacar e seremos derrotados.

Furioso, Desio socou as almofadas.

— Derrotados? Para perdermos mais importância no Conselho?

Tasaio levantou a mão, com as pontas do polegar e do indicador apenas ligeiramente afastadas.

— Apenas uma pequena derrota, primo. O suficiente para provar que estamos sendo vigiados. Tenho planos para esse espião, quando o encontrarmos... com a sua permissão, naturalmente, meu Senhor.

A situação foi conduzida com toda a delicadeza, observou Incomo com admiração contida. Sem entrar diretamente em confronto com Desio, Tasaio deixou passar a ideia de que o jovem Senhor receberia o devido crédito; por outro lado, naturalmente permissão solicitada seria concedida.

Desio mordeu a isca e não conseguiu ver maiores implicações.

— Quando apanharmos esse traidor, quero torturá-lo em nome do Deus Vermelho até sua carne não passar de uma massa disforme. — Seu punho gorducho bateu nas almofadas para enfatizar o que dissera e seu nariz passou de rosado para púrpura. Tasaio, porém, não se mostrou alarmado, agindo como se lidasse todos os dias com acessos de ira da nobreza.

— Isso seria gratificante, primo — concordou —, mas matar esse espião seria conceder uma vitória aos Acoma, por mais absurdo que pareça.

— O quê?! — Desio parou de socar as almofadas e se levantou prontamente. — Primo, você está me dando dor de cabeça. O que conquistariam os Minwanabi, além de insultos, mantendo vivo um desprezível espião?

Tasaio se acomodou apoiado em um cotovelo e, de maneira descontraída, retirou uma fruta de uma taça da mesa lateral. Como se a casca amadurecida fosse carne, cravou uma unha e a percorreu em um gesto que quase pareceu uma carícia.

— Precisamos dos contatos desse espião, honrado Senhor. Interessaria a nossa causa assegurar que nossos inimigos Acoma saibam apenas aquilo que desejamos que saibam. — As mãos do guerreiro agarraram a fruta e a apertaram. O jomach partiu-se ao meio, com apenas um pingo de sumo vermelho. — Vamos fazer com que o espião instale nossa próxima armadilha.

Incom pensou no assunto e depois sorriu. Desio desviou o olhar de seu primo para o Conselheiro-Mor e conseguiu não derrubar o pedaço de fruta que Tasaio lançou. Mordeu-o e desatou a rir, pela primeira vez recuperando a determinação arrogante da grandeza de sua família.

— Ótimo — disse, mastigando com gosto. — Seu plano me agrada, primo. Vamos enviar uma companhia de homens em um ataque inútil e deixar que a cadela dos Acoma pense que nos derrotou.

Tasaio tamborilou com o indicador no pedaço de fruta que sobrara.

— Mas onde? Onde devemos atacar?

Incom pensou no assunto e depois fez uma sugestão:

— Meu Senhor, proponho que o ataque seja próximo da casa dela.

— Por quê? — Desio limpou o sumo do queixo com sua manga bordada. — Sua propriedade estará, como sempre, muito bem protegida.

— Não digo para atacarmos a propriedade em si, Senhor, pois a Senhora não precisaria do relatório de um espião para perceber um ataque direto de seu exército. Mas ela não deve esperar um ataque a uma caravana que se dirija, por exemplo, ao porto fluvial de Sulan-Qu. Se atacarmos entre as terras dos Acoma e a cidade e ela estiver preparada para nosso ataque, podemos identificar por onde vazou a informação e descobrir o agente em nossa casa.

Tasaio inclinou a cabeça em um gesto inconsciente de comando.

— Conselheiro-Mor, seu conselho é excelente. Meu Senhor, se me permite, supervisionarei os preparativos do ataque. Um carregamento mercantil de rotina não implicará grande proteção, a não ser que a cadela dos Acoma saiba que está lidando com inimigos mortais. — Ele sorriu, e dentes brancos brilharam em contraste com a pele bronzeada pelas campanhas do Senhor da Guerra. — Não deve ser difícil descobrir quando saem as caravanas dela; basta contatar agentes de navegação em Sulan-Qu. Algumas perguntas discretas e, quem sabe, um ou dois subornos para esconder nosso interesse e saberemos em pouco tempo para quando se espera a próxima caravana de Mara.

Desio acolheu a oferta de Tasaio, confiante por ter compreendido seu raciocínio.

— Primo, seu conselho é brilhante. — Então bateu palmas para chamar o mensageiro que estava do lado de fora da porta. — Busque o escriba — ordenou.

Quando o escravo saiu, a postura de Tasaio demonstrou todo o seu extremo cansaço.

— Primo — contestou —, não deve escrever as ordens que acabamos de discutir!

— Ah! — Desio soltou um segundo relincho e depois uma profunda e cavernosa gargalhada. Inclinou-se no alto de seu dossel e deu uma forte e ruidosa palmada no ombro do primo. — Ah! — Ofegou de novo. — Não deveria zombar de minha inteligência, Tasaio. É claro que sei perfeitamente que não se devem incluir criados e escravos em nossa conspiração! Não, pensei apenas em escrever uma nota ao Senhor da Guerra, pedindo-lhe que compreenda sua ausência em sua campanha no mundo bárbaro. Ele entenderá, já que os Minwanabi ainda são seus mais valerosos aliados. E, primo, você acaba de me mostrar quanto sua presença aqui é necessária.

Incomo observou atentamente a reação de Tasaio ao elogio de seu Senhor. Não deixou de perceber o reflexo aprimorado em batalha que antevê o tapa amigável, nem deixou de notar a decisão calculada e instantânea que permitiu que o golpe fosse coerente. Tasaio era tão versado em política quanto em matar.

Com uma curiosidade fria, o Conselheiro-Mor dos Minwanabi imaginou por quanto tempo seu Senhor se mostraria receptivo aos conselhos de alguém obviamente tão dotado das qualidades que faltavam a Desio. No entanto, tal talento não poderia ser desperdiçado no processo de levar os Minwanabi a recuperarem sua antiga grandeza. Desio sabia que a inteligência do primo o faria passar por imbecil; em algum momento acabaria sentindo ciúmes e desejaria ser algo além de um fantoche. Incomo reparou que sua dor de cabeça voltara com força. Só lhe restava esperar que Desio demorasse para se virar contra o primo depois de a cadela dos Acoma e seu herdeiro serem transformados em polpa sob o pilar do enorme monumento de orações do Deus Vermelho. Mas seria melhor não subestimar o tempo que isso poderia levar. Tal vaidade, em uma escala menor, custara a Jingu dos Minwanabi a própria vida e, por causa desse azar, Mara recebera reconhecimento suficiente para conquistar aliados poderosos.

Aparentemente, a mente de Tasaio se ocupava com preocupações similares, já que, depois de escrita a mensagem para o Senhor da Guerra e enquanto Desio se entretinha ordenando aos criados que lhe trouxessem coisas para comer e beber, o primo guerreiro dirigiu-se a Incomo com uma questão aparentemente casual:

— Alguém sabe se Mara teve oportunidade de propor aliança aos Xacatecas? Quando recebi ordens de retornar do mundo bárbaro, um amigo meu que integra uma hoste de oficiais mencionou que o Senhor dos Xacatecas estava ponderando sobre essa aproximação.

Tasaio provava assim sua astúcia outra vez. Não havia amizade entre oficiais inimigos; dessa forma, Incomo percebeu que a informação fora obtida por meio de subterfúgios. Com um resmungo que pareceu um riso, Incomo partilhou as últimas informações que recolhera:

— O Senhor dos Xacatecas é um homem merecedor de... se não medo, pelo menos profundo respeito. A posição dele no Conselho Supremo não é, contudo, muito boa no

momento. — Tasaio permitiu um vislumbre de seus dentes perfeitos. — Nosso nobre Senhor da Guerra estava de certa maneira incomodado com a relutância dos Xacatecas em expandirem seus interesses na conquista do mundo bárbaro — acrescentou. — Daí resultaram alguns jogos políticos secundários e, quando a poeira assentou, o Senhor dos Xacatecas recebeu algumas responsabilidades militares sobre nossa pequena província do outro lado do mar. Chipino dos Xacatecas definha em Dustari no momento, no comando da guarnição que defende a única passagem digna de atenção através das montanhas, até Tsubar. Os salteadores do deserto estão ativos, segundo as últimas notícias. Calculo que ele tenha as mãos ocupadas; espero que ocupadas demais para se preocupar com alianças com os Acoma.

Depois de ter dado todas as ordens aos criados e sem nada para fazer além de pensar no seu elaborado banquete do meio da tarde, Desio se envolveu na conversa. Acenou com uma mão rechonchuda para chamar de novo as atenções.

— Fui eu que aconselhei meu pai a traçar esse plano, Tasaio.

O Conselheiro-Mor teve de se conter para não revelar que tudo o que Desio fizera fora se sentar na sala enquanto Incomo e Jingu discutiam formas de manter os Xacatecas ocupados.

— Pois bem — disse Tasaio —, com os Xacatecas ocupados em nossas fronteiras do outro lado do mar, podemos concentrar nossas atenções na Senhora Mara.

Desio assentiu e se recostou em seu imponente monte de almofadas. Com os olhos semicerrados e apreciando nitidamente sua autoridade recém-descoberta, declarou:

— Seu plano me parece inteligente, primo. Vá tratar disso.

Tasaio dirigiu uma reverência a seu Senhor, para não parecer um subordinado mal-agradecido. E, cheio de orgulho e discrição, abandonou o escritório. Incomo disfarçou seu pesar pela partida do jovem guerreiro. Resignado com os desígnios dos deuses, obrigou-se a se dedicar a realidades bem menos gloriosas da vida tsurani; por mais que houvesse conspirações de sangue e de morte a serem lançadas no Jogo do Conselho, outros assuntos mais banais precisavam ser tratados também.

— Meu Senhor, se for sua vontade, há algumas transações de cereais que seu hadonra precisa discutir com o Senhor.

Mais interessado em pensar na refeição, Desio pareceu muito pouco disposto a lidar com o lado mais cotidiano dos negócios familiares. Mas, como se a competência implacável do primo o tivesse despertado para a responsabilidade, percebeu que deveria dar atenção a tais assuntos. Assentiu com a cabeça e esperou, sem se lamentar, enquanto Incomo foi chamar Murgali, o hadonra.

Relação

As folhas farfalhavam com a brisa.

O aroma das flores akasi e da grama aparada preencheu os aposentos particulares de Mara. Uma das lamparinas estava acesa para a noite que chegava, mas só emitia uma pequena chama. A luz vacilante desenhava uma imagem sempre em metamorfose, pois, a cada momento, emergiam detalhes da sombra: o brilho de uma pedra preciosa, reflexos em peças de jade polido, bordados de luxo ou obras esmaltadas. Assim que o olhar contemplava a esplêndida beleza de alguma, a escuridão logo voltava. Embora rodeada por tanta beleza, a Senhora dos Acoma permanecia completamente alheia à riqueza da decoração; sua mente estava distante.

Mara se recostou no meio de seu ninho de almofadas, enquanto uma criada se dedicava a fazer uma trança em seu cabelo solto, com um pente de concha perfumado. A Senhora dos Acoma vestia uma túnica verde de seda, com aves shatra cor de trigo bordadas em volta da gola e dos ombros. A iluminação tênue dava à sua pele cor de azeitona um tom dourado suave, um efeito que uma mulher mais consciente de si mesma teria reparado. Porém Mara terminara sua adolescência como noviça de Lashima e, como Governante, não tinha tempo para vaidades femininas. Qualquer beleza que um homem pudesse ver olhando para ela era apenas mais uma arma de seu arsenal.

Com uma objetividade que qualquer nobre tsurani teria achado desconcertante, questionou o bárbaro sentado à sua frente sobre as tradições e as culturas de seu mundo. Kevin não parecia nem um pouco afetado pela ausência de protocolo social, mergulhando diretamente no cerne das questões. Mara achou por isso que o povo dele era um tanto rude, quase bárbaro. Observou enquanto ele se esforçava para descrever conceitos estranhos à sua língua; hesitando e gesticulando para se expressar, falou de sua terra e de seu povo. Ele era bom em explicar sucintamente as coisas e seu vocabulário melhorava a cada dia. Naquele momento, tentava diverti-la contando uma piada que *estava na boca do povo* em Zun, o que quer que isso significasse.

Kevin não vestia uma túnica. Os criados tinham tentado, em vão, deixá-lo apresentável, mas não havia nada disponível que fosse suficientemente grande. No final, optaram por uma

tanga e substituíram a elegância pela concisão do vestuário. Kevin usava vestes de seda castanho-avermelhada, com detalhes em um azul muito escuro, presas à cintura por uma faixa trançada e contas de obsidiana. Mara nem percebera o esforço. Ela refletira, na noite anterior, sobre o que Nacoya lhe dissera e chegara a uma conclusão perturbadora: de certa forma, aquele escravo a fazia se lembrar de seu falecido irmão, Lanokota. A irritação sentida ao perceber isso deu lugar ao ressentimento. Apesar de o comportamento indigno do escravo no dia anterior a ter divertido, agora queria apenas informações.

Cansada após um dia de reuniões, Mara permaneceu alerta o bastante para avaliar o homem que chamara à sua presença. Devidamente arrumado, parecia bem mais novo, talvez somente uns cinco anos mais velho do que ela. No entanto, enquanto lutas prematuras com grandes inimigos haviam transformado Mara em uma pessoa séria, aquele bárbaro tinha uma testa marcada pela irresponsabilidade. Estava profundamente ferido, mas seu autocontrole era maior do que o cansaço. Ria com facilidade, com um malicioso sentido do ridículo que ora fascinava, ora irritava Mara.

Ela escolhia temas inofensivos, uma dissertação sobre tradições festivas e música, sobre a confecção de joias e a culinária, e depois metalurgia e curtimento de peles, tarefas raras em Kelewan. Por mais de uma vez sentiu os olhos do bárbaro sobre si, quando ele achava que a Senhora não estava prestando atenção. Ele esperou que Mara revelasse o que havia por trás de seu interesse; o fato de ele querer saber algo, por si só, já era curioso. Um escravo nada ganharia em competir com um Senhor em termos de sagacidade — não era possível qualquer tipo de argumentação entre as duas posições. Todavia, aquele bárbaro tentava obviamente adivinhar as intenções de Mara.

Mara reorganizou seus pensamentos; aquele escravo do mundo exterior mostrara repetidas vezes que achava as instituições tsurani muito estranhas, e até incompreensíveis. No entanto, essa mesma perspectiva permitiria que Mara observasse sua própria cultura por seus olhos — um instrumento precioso se conseguisse usá-lo direito.

Precisava avaliar aquele homem... escravo, corrigiu-se, como se ele fosse seu mais perigoso adversário no Jogo do Conselho. Envolveu-se naqueles diálogos sobre o povo dele para poder separar o joio do trigo e descobrir informações úteis. Na realidade, mal percebia quando Kevin estava sendo sincero ou mentia. Durante cinco minutos, ele insistira categoricamente que, outrora, um dragão tinha atormentado a aldeia, vila ou o que quer que fosse o lugar que ele chamava de Zun. Impaciente, Mara não o contrariou, embora qualquer criança soubesse que os dragões eram criaturas míticas, sem fundamentos reais.

Ao vê-lo cansado, fez um sinal para que fosse servido um suco de fruta, que ele bebeu com avidez. Quando suspirou, indicando que estava satisfeito, ela mudou o assunto para jogos de tabuleiro e, ao contrário do que costumava fazer, o escutou sem fazer comentários.

— Já viu alguma vez um cavalo? — perguntou inesperadamente o escravo, durante uma pausa quando os criados entraram para acender as lamparinas. — De todas as coisas de minha

terra, os cavalos estão entre aquelas de que mais sinto falta.

Atrás do biombo, a escuridão se impusera completamente e a face acobreada da Lua de Kelewan se ergueu sobre os campos das needra. Kevin inspirou fundo. Seus dedos torceram as franjas das almofadas e seus olhos refletiram certa melancolia.

— Ah, Senhora, tive uma égua que criei desde pequena. A pele dela era da cor do fogo e a crina era preta como seu cabelo. — Perdido naquelas lembranças, o bárbaro se inclinou para a frente. — Ela era veloz, tanto em corridas como em cavalgadas longas, enérgica e bem levada. Tinha um coice que podia derrubar um guerreiro de armadura. Ela impediu ataques de espada pela minha retaguarda mais vezes do que consigo contar. — Subitamente, olhou para cima e parou de falar.

Se antes Mara escutava com uma atenção descontraída, agora sentava-se tensa nas almofadas. Para os guerreiros tsurani, os cavalos não eram animais adorados pela beleza, mas, sim, criaturas que inspiravam terror. Sob o sol do outro mundo que aquele escravo conhecia como seu, o pai e o irmão de Mara tinham morrido — o sangue drenado em solo estranho —, esmagados por cavalos montados pelos compatriotas de Kevin. Talvez este mesmo Kevin de Zun tenha sido o guerreiro que brandiu a lança que derrubou seus entes queridos. De algum lugar profundo, pega desprevenida devido ao cansaço do dia, Mara sentiu uma dor que não experimentava havia anos. E com essa recordação dolorosa vieram também antigos temores.

— Não fale mais de cavalos — disse ela em um tom tão alterado que a própria aia parou por um momento sua tarefa, para depois, cautelosamente, recomeçar a pentear seus cabelos compridos e brilhantes.

Kevin parou de mexer nas franjas, esperando detectar algum sinal de cansaço, mas a Senhora nada deixou transparecer quanto a seu estado de espírito. O rosto dela permaneceu inexpressivo sob a luz das lamparinas, os olhos frios e sombrios.

Ele quase encarou aquilo como um capricho, mas sua intuição o fez observá-la mais intensamente. Com um olhar muitíssimo sério, comentou:

— Algo que eu disse a assustou.

Mara, mais uma vez, endireitou-se. Seus olhos cintilaram. Os Acoma nada temem, pensou ela, e quase disse o mesmo em voz alta. Os ilustres não precisam defender sua honra perante um escravo! Envergonhada por quase ter se esquecido de quem era, sacudiu a cabeça para indicar à aia que estava dispensada.

Aos olhos de um tsurani, o gesto era um aviso tão intenso quanto um berro. A criada ajoelhou-se, encostou a cabeça no chão e logo depois abandonou o quarto com uma pressa quase indecorosa. O bárbaro continuou sem saber o que estava acontecendo. Insistiu na pergunta, com delicadeza, como se ela fosse uma criança que não tinha compreendido.

Sozinha sob a luz das lamparinas, arrogante e irritada, Mara voltou seus olhos sombrios para Kevin com uma fúria fulminante. Ele confundiu a irritação dela com desdém. Sua própria

raiva pura e dura se inflamou e, de súbito, levantou-se.

— Minha Senhora, gostei muito de nossa conversa. Permitiu-me praticar sua língua e me poupou do trabalho árduo sob o sol intenso, mas, desde que conversamos ontem, a Senhora parece ter esquecido que nossas nações estão em guerra. Posso ser um prisioneiro, mas não é por isso que deixo de ser seu inimigo. Não falarei mais sobre meu mundo, pois involuntariamente estou lhe dando vantagem. Tenho sua permissão para me retirar?

Apesar de parecer minúscula perto do bárbaro, Mara não alterou sua postura.

— Você não pode partir. — Como é que ele se atrevia a se comportar como um convidado pedindo à sua anfitriã para sair? — Você não é um “prisioneiro”. *É minha propriedade.*

Kevin avaliou o rosto de Mara com atenção.

— Não. — Um sorriso de escárnio iluminou suas feições, tornando-se mau e completamente sem humor devido à raiva que havia por trás. — Seu prisioneiro. Nada mais. Nunca mais do que isso.

— Sente-se! — ordenou Mara.

— E se eu não quiser? E se fizer isso em vez de me sentar?

Então ele se moveu com a rapidez de um guerreiro experiente. Mara o viu se aproximar dela como se fosse uma mancha sob a luz da lamparina. Poderia ter gritado chamando seus guerreiros para a defenderem, mas hesitou, espantada com o fato de um escravo erguer a mão em sua direção. Perdeu a oportunidade. Mãos ásperas com calos de tanto brandir espadas se aproximaram de seu pescoço, pressionando os enfeites de jade contra a pele delicada. As palmas de Kevin eram largas e estavam geladas devido ao suor. Mara percebeu tarde demais que as piadas dele serviam apenas para disfarçar seu desespero.

Mara trincou os dentes de dor, contorceu-se e tentou chutá-lo na virilha. Os olhos dele cintilaram. Sacudiu-a como uma boneca de pano e voltou a fazê-lo quando as unhas dela arranharam seu pulso. A respiração raspava o fundo da garganta. Segurou-a com um aperto suficiente para evitar que gritasse, mas não o bastante para cruelmente impedi-la de respirar. Aproximou seus olhos frios e azuis dos dela, cintilando de malícia.

— Vejo que enfim está assustada — comentou. Ela não conseguiu falar e parecia prestes a perder os sentidos; tinha os olhos arregalados e sombrios, enchendo-se de lágrimas com a dor. E, no entanto, não tremeu. Seu cabelo caiu quente sobre as mãos dele, perfumado com especiarias; os seios que pressionavam o antebraço do homem através da túnica de seda fizeram com que a fúria se desfizesse. — Você me chama de escravo desonrado e de bárbaro — prosseguiu Kevin em um murmúrio rouco. — Mas não sou nem uma coisa nem outra. Se você fosse um homem, já estaria morta e eu morreria consciente de que tinha derrubado um poderoso Senhor das fileiras do inimigo. De onde eu vim, porém, é uma vergonha para um homem fazer mal a uma mulher. Por isso, vou soltá-la. Pode chamar seus guardas e eles podem me bater ou me matar. Temos um ditado em Zun: *Podem me matar, mas não podem me comer.* Lembre-se disso quando estiver me vendo morrer pendurado numa árvore. Não interessa o que

fará com meu corpo, pois minha alma e meu coração são livres. Lembre-se de que deixei que me matassem. Permiti que você vivesse porque minha honra assim exige. Deste dia em diante, cada respiração sua será a dádiva de um escravo. — Sacudiu-a pela última vez e então a libertou. — A minha dádiva.

Profundamente humilhada por um escravo ter se atrevido a colocar as mãos nela e ameaçá-la com a mais vergonhosa das mortes, Mara tomou fôlego para chamar seus guerreiros. Bastaria um gesto para que aquele escravo ruivo fosse submetido aos piores tormentos. Era um escravo, não tinha alma nem honra, e, no entanto, devagar e com dignidade, voltou a se sentar no chão diante de suas almofadas. Kevin mantinha um olhar de prazer enquanto esperava que ela decidisse seu destino. Uma repugnância que não sentia desde que se deitara indefesa sob seu bruto marido fez com que começasse a tremer. Todas as fibras de seu ser gritavam para que ela fizesse aquele bárbaro sofrer pelo insulto que a obrigara a suportar. Mas algo que ele dissera a fez pensar. Seu comportamento a desafiou. *Chame seus guardas*, parecia dizer a tensão dele. *Deixe que vejam as marcas dos dedos em sua pele*. Mara travou os dentes para conter um grito de pura raiva. Os soldados perceberiam que aquele bárbaro tivera o destino dela em suas mãos e que optara por libertá-la. Mesmo se ordenasse que ele fosse açoitado ou executado, a vitória seria dele; poderia ter quebrado seu pescoço tão facilmente como se fosse o de um pássaro preso em uma armadilha e, em vez disso, optara por preservar sua honra, da forma como a entendia. E morreria com essa honra incólume, como se tivesse sido derrubado no campo de batalha pela lâmina de um inimigo.

Mara tinha diante de si um conceito tão estranho que a arrepiou. Subjugar aquele homem fazendo valer sua posição superior serviria apenas para inferiorizá-la e envergonhá-la por causa de um escravo, o que era impensável. Caíra em sua própria armadilha e estava ciente disso. Sua pose insolente, enquanto permanecia sentado esperando Mara se decidir, revelava que adivinhara os pensamentos dela e então apostara a própria vida nisso. Fora uma jogada fantástica para um bárbaro. Mara tomou nota do resultado. Ainda arrepiada, mas ocultando seus sentimentos como uma boa tsurani, esforçou-se para manter a compostura. Com uma voz ainda mais rouca do que pretendia, disse:

— Você venceu esta rodada, escravo. Ao barganhar com a única coisa que tem para arriscar, sua própria vida e qualquer tênue esperança de ascender na Roda na próxima vida, deixou-me em uma posição onde eu teria de destruí-lo ou suportar a vergonha. — Sua expressão se alterou, da raiva mal contida para a reflexão. — Há uma lição em tudo isto. Não desperdiçarei a oportunidade de aprender mais com ela pelo simples prazer de vê-lo morto, por mais que essa opção neste momento me pareça agradável. — Ela chamou um criado. — Leve este escravo de volta a seus aposentos. Instrua os guardas: ele não deve sair com os outros trabalhadores. — Fitou Kevin antes de prosseguir: — Traga-o para cá amanhã depois da refeição da noite.

Kevin fez uma reverência de corte para ridicularizá-la, pois isso não representava a

submissão esperada de um escravo. Sua postura bem ereta e os passos confiantes enquanto percorria o corredor obrigaram Mara a admirá-lo. Assim que a porta de seu escritório se fechou, Mara voltou às suas almofadas, tentando lidar com o caos que se instalara dentro dela. Abalada por uma série de emoções inesperadas, manteve os olhos cerrados e disse a si mesma para respirar fundo, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Evocou uma imagem de seu círculo de meditação, um ritual que começara a praticar durante o tempo em que servira no templo. Concentrou-se no desenho da mandala e afastou todas as recordações do momento em que o poderoso bárbaro a tivera em suas mãos. O medo e a raiva foram embora, assim como outras sensações estranhamente excitantes. Quando por fim sentiu seu corpo relaxado, abriu outra vez os olhos.

Renovada, como sempre ficava com esse exercício, refletiu sobre os acontecimentos da noite. Algo poderia ser obtido daquele homem estranho quando tudo fosse assimilado. Então foi tomada por outro ataque de fúria. *Homem!? Aquele escravo!* Mais uma vez, recorreu ao exercício para acalmar a mente, mas uma sensação estranha e inquietante permaneceu nas suas entranhas. Nitidamente, o balanço da noite não trazia nada de tranquilizador. Por que lhe era tão difícil encontrar sua paz interior? A não ser pelo orgulho ferido, ela saíra ilesa. Bem cedo em sua vida, aprendera que o orgulho era uma forma de encurralar inimigos. Talvez, pensou, até ela tivesse um orgulho que desconhecia.

Então, inesperadamente, soltou um risinho abafado. *Podem me matar, mas não podem me comer*, dissera o bárbaro. Que expressão estranha! Mas bastante reveladora. Dominada por uma vontade cada vez mais intensa de rir, Mara pensou: *Vou comê-lo, Kevin de Zun. Vou pegar sua alma e seu coração livres e amarrá-los a mim com mais força do que alguma vez seu corpo já esteve amarrado.* Então o riso se transformou em um soluço e lágrimas escorreram por seu rosto. Ultraje e humilhação a subjugaram até se agitar assolada por espasmos. Tal dor trouxera outras emoções, igualmente perturbadoras, e Mara cruzou os braços para se abraçar com força, como se assim conseguisse manter seu corpo imóvel. Reconquistou com muita dificuldade o controle, recorrendo a exercícios mentais outra vez.

Quando, enfim, recuperou a compostura, expirou demoradamente. Nunca havia precisado recorrer três vezes àquele exercício. Sussurrando um *Maldito homem!*, chamou os criados para lhe prepararem o banho. Levantou-se e acrescentou:

— E maldita seja sua teimosia presunçosa! — Ao ouvir o burburinho da criadagem correndo para cumprir sua ordem, corrigiu-se: — Maldita seja toda a teimosia presunçosa!

Mara observou o forasteiro, outra vez sob a luz vermelha do pôr do sol. O calor tomara conta do escritório, mesmo com os biombos abertos para o jardim, deixando entrar as fracas correntes de ar noturnas, mas Kevin estava ainda mais relaxado do que antes. Os dedos

brincavam com as franjas da almofada, um hábito que nenhum tsurani se permitiria. Mara considerava isso um ato involuntário, que não significava nada. Obviamente, as implicações do fato de ter sido mantido vivo haviam sido assimiladas pelo forasteiro. Ele observou Mara com a mesma atenção.

Aquele escravo estranho e, de uma forma incomum, atraente, a forçara a repensar crenças enraizadas e pusera de lado certas *verdades*. Depois de muito pensar durante a noite anterior e a maior parte do dia, Mara reorganizara ideias, emoções e pensamentos. Por duas vezes, se irritara de tal forma com essa necessidade que se sentira tentada a enviar soldados para espancar o homem, ou até matá-lo, mas reconhecera que o impulso vinha de sua frustração e optara por não culpar o mensageiro pela mensagem. A lição era muito clara: as coisas não eram o que pareciam ser.

Por alguma razão estranha, ela teve vontade de jogar com aquele homem uma versão íntima do Grande Jogo. O desafio fora lançado no momento em que ele a obrigara a se submeter às suas regras. *Muito bem*, pensou ela ao fitá-lo, *you established the rules, but still you will be defeated*. Não percebeu por que razão era tão importante vencer aquele escravo, mas essa vontade equivalia ao desejo de ver os Minwanabi em desgraça. Kevin tinha de se subjugar perante ela de todas as formas, obedecendo a ela de modo inquestionável como qualquer outro membro de sua casa.

Kevin estava diante dela havia uns bons dez minutos, aguardando em silêncio que ela terminasse a leitura de relatórios. Valendo-se de sua estratégia, ela perguntou:

— Deseja beber algo? Esta conversa pode ser longa. — Ele pesou as palavras dela por tempo suficiente para perceber que não estava oferecendo trégua e balançou a cabeça em seguida. — No seu mundo é possível que um escravo conquiste a liberdade? — questionou ela após um momento de silêncio.

Kevin exibiu um sorriso contraditório e irônico. Seus dedos deram um peteleco e as franjas da almofada se espalharam com aquele acesso de frustração mal contida.

— No Reino, não, pois apenas criminosos com penas perpétuas são vendidos como escravos. Mas, em Kesh e Queg, um escravo que cai nas graças de seu amo pode conquistar a liberdade como recompensa. Ou pode fugir e tentar a sorte além das fronteiras. Acontece.

Mara observou as mãos dele, que deram vários petelecos, com um dedo de cada vez açoitando as franjas; era possível ler suas emoções como se estivessem escritas num rolo de pergaminho. Distraída com a franqueza dele, a Senhora lutou consigo mesma para não se desviar de sua linha de pensamento, para explorar um pouco mais sua suposição improvável.

— E, uma vez do outro lado da fronteira, esse fugitivo pode acumular riquezas e viver em honra entre outros homens?

— Sim. — Kevin bateu ruidosamente com as palmas nos joelhos e se recostou, apoiando-se, descontraído, sobre um cotovelo, pronto a acrescentar algo mais, mas Mara o interrompeu:

— Então acredita que, se descobrisse um caminho de volta ao seu mundo através do

Portal, poderia reconquistar sua posição, honra e título?

— Minha Senhora — disse Kevin com um sorriso condescendente —, eu não só reclamaria minha antiga posição como seria condecorado, por conseguir escapar de meus inimigos, e mais uma vez iria para o campo de batalha para enfrentá-los, dando esperança a futuros cativos de também almejem a liberdade. Na minha nação, fugir é o dever de um... soldado capturado.

Mara ergueu as sobrancelhas. Mais uma vez foi forçada a rever seus conceitos de honra e lealdade e o que julgava ser o melhor para alguém. As palavras do bárbaro faziam sentido, de uma forma estranhamente preocupante. Aquelas pessoas não eram intratáveis, ou estúpidas; apenas agiam, isso sim, segundo princípios culturais estranhos. Ela lutou teimosamente com aquele conceito. Se, na sociedade de Kevin, o despeito dele fosse encarado como heroico, o seu comportamento, de uma forma perversa, fazia sentido. Liderar para dar o exemplo era um ideal familiar dos tsurani. Mas suportar a humilhação... a degradação... para que se pudesse voltar um dia e lutar uma vez mais contra o inimigo... A cabeça dela fervilhou com ideias que, até então, considerara profundamente conflituosas.

Fez uma pausa para beber um suco de fruta gelado. Perigosamente fascinada, como uma criança que observa ritos proibidos escondida em um templo, Mara avaliou fatos tão afiados quanto espadas: em Midkemia, os homens honrados não machucavam mulheres e a honra não morria com a prisão. Escravos poderiam aspirar a ser algo além de escravos. Assim sendo, o que decretariam os deuses para os homens que perdiam a alma em vida? Que posição poderia negar a honra de um modo pior que a escravidão? Na cultura daquele homem, a honra era obtida através da manutenção de seus estranhos códigos e a posição era encarada mais como uma situação do que como um modo de vida. Kevin se comportava como um homem livre por não se ver como um escravo, mas sim como um prisioneiro. Mara tentou entender aquela *lógica* que em Kelewan beirava a heresia.

Aqueles bárbaros eram mais perigosos do que até Arakasi imaginara, pois havia coisas que assumiam como inevitáveis que poderiam virar a sociedade tsurani de pernas para o ar. Mara tinha convicção de que seria mais seguro para seu povo executar todos os bárbaros. Mas, mais cedo ou mais tarde, alguém iria explorar essas ideias perigosas e seria uma loucura deixar que essa oportunidade caísse nas mãos de um inimigo. Mara afastou sua inquietação tentando ser engraçada:

— Já que para vocês as mulheres são sacrossantas, então são as esposas dos Senhores que tomam decisões, certo?

Kevin observara todos seus movimentos quando alisou a seda. Atraído pelo decote bem visível de Mara, ele desviou o olhar a contragosto e começou a rir.

— Em parte, é o que acontece, minha Senhora. Mas nunca abertamente, e não de acordo com a lei. A influência delas é exercida essencialmente a partir do quarto. — Ele suspirou, como se recordando algo que lhe era querido, e seu olhar se voltou para os seios

semiexpostos pela túnica dela e para a parte visível de suas pernas.

Mara arqueou as sobrancelhas. Consciente de que corava, recolheu instintivamente as pernas e fechou a parte de cima de sua curta túnica. Por um estranho momento, se viu olhando para tudo naquela sala, menos para o corpo quase nu do escravo. *Basta!*, repreendeu a si mesma. Em uma cultura em que a nudez era comum, por que ela de repente se sentia desconfortável?

Aborrecida com seu próprio erro, fitou diretamente os olhos de Kevin. Independentemente do que ele pudesse pensar, não deixava de ser sua propriedade; poderia ordenar sua morte ou se deitar com ele, e as consequências seriam as mesmas, pois não passava de uma coisa. Depois, espantou-se consigo mesma e se perguntou por que sua mente se voltara para o quarto. Espantada com sua inesperada irritação, inspirou profundamente e desviou o rumo da conversa de qualquer assunto que fosse pessoal. Logo se viu envolvida numa investigação a respeito de Senhores e Senhoras e de suas respectivas responsabilidades nas terras além do Portal. Tal como na noite anterior, cada assunto levantava mais uma série de perguntas e respostas, e Mara começou a ensinar a Kevin as palavras de que ele necessitava para descrever sua nação, o Reino das Ilhas.

Como era muito esperto, precisou de pouca orientação. Mara ficou impressionada com sua capacidade para falar de tantos assuntos. O ambiente foi escurecendo conforme a lamparina se extinguia; Mara estava distraída demais para chamar um criado para reacendê-la. A lua se ergueu por trás do biombo aberto, projetando no chão um brilho dourado e acobreado e mantendo todo o resto na escuridão. A chama ardia cada vez menos. Mara recostou-se nas almofadas, tensa e ainda sem disposição para dormir. Por trás de seu fascínio pelo mundo de Kevin, ainda sentia raiva. A recordação da mão dele em sua pele — a primeira que a tocava desde a morte do marido — ameaçava desconcentrá-la. Nesses momentos, precisava reunir toda a sua força de vontade para se manter focada em qualquer que fosse o assunto.

Kevin acabara de descrever os poderes de um tipo de nobre intitulado barão e fez uma pausa para beber algo. A luz da lamparina brilhou em sua pele. Sobre a borda da taça, seus olhos seguiram os contornos do corpo dela através da fina túnica de seda.

Mara sentiu uma aversão instintiva e percebeu que seu rosto ficara vermelho. Pegando o leque, manteve o rosto inexpressivo enquanto se refrescava. Compreendeu com certa amargura que as novidades apenas conseguiam distraí-la temporariamente de suas preocupações.

As informações trazidas por Arakasi tinham servido mais para perturbá-la do que para reconfortá-la, e o fato de seus inimigos não serem uma ameaça imediata a deixara em dúvida em relação aos locais que devia manter vigiados. Seus recursos eram escassos, dispunha de poucos homens para guardar tão amplo território, enquanto tentava descobrir uma estratégia útil. Estava constantemente exausta, pensando no que seria menos prejudicial perder: um armazém ou uma fazenda remota. A vitória audaciosa que conseguira sobre Jingu não a cegara para a realidade. Os Acoma continuavam vulneráveis. Ela poderia ter obtido prestígio, mas a

quantidade de soldados em suas guarnições não se alterara. Quando os inimigos decidissem atacar com toda a força, uma escolha errada seria perigosa, até mesmo fatal.

A cultura de Kevin oferecia conceitos estranhos, como um bálsamo para o sofrimento constante provocado pelo medo. Ocorreu a Mara que deveria manter o bárbaro por perto, tanto para dominá-lo como para se beneficiar com aquela perturbadora caixa-forte de ideias que ele transportava.

Agora que estava mais familiarizada com as atitudes dos escravos, achou mais seguro que o líder fosse mantido longe deles. Sem Kevin, o responsável pelos escravos informou que os bárbaros eram menos propensos a resmungar e se mostravam menos indolentes. E, se Kevin ficasse ao seu lado durante a maior parte das atividades diárias, suas observações sobre a alta cultura tsurani poderiam permitir que ele aplicasse sua sabedoria aos problemas de Mara — uma perspectiva potencialmente preciosa. Com esse objetivo, Mara decidiu permitir que ele soubesse um pouco do que estava em jogo. Ela lhe revelaria quem era seu inimigo e lhe explicaria o que iria perder caso Desio dos Minwanabi triunfasse sobre os Acoma.

Quando Kevin fez outra pergunta pessoal a Mara, ela fechou os olhos para passar a imagem de uma garota prestes a revelar um segredo. Depois, esperando ter agido corretamente no contexto da estranha cultura dele, disfarçou, dizendo:

— Você não deve esperar que eu responda a isso.

Um pouco da vulnerabilidade que deixou transparecer era verdadeiro e o resultado atingiu Kevin em cheio. Ela não era distante, ou fria, mas, sim, uma jovem que lutava para administrar um império financeiro em expansão e para comandar milhares de guerreiros. Mara respondeu ao silêncio desconcertado de Kevin com uma crueldade perversa:

— Você será meu escravo pessoal — anunciou. — Portanto, deve me acompanhar para todo lado e pode descobrir por si mesmo as respostas às suas questões.

Kevin ficou completamente alerta. Percebera o truque dela, compreendeu Mara, e não ficara satisfeito com isso. Ser separado de seus companheiros o incomodava, assim como o fato de não conseguir entender as motivações dela. Distraído, seus dedos começaram a mexer na franja outra vez, desfazendo o cordão de linha em suas mãos. Mara observou por entre suas pálpebras cerradas: ele estava se rebelando de novo. Em vez de correr o risco de que ele voasse para cima dela outra vez, bateu palmas para chamar um criado. O padrão utilizado por ela serviu também para alertar os guardas colocados atrás da porta e eles abriram o biombo, para verem o interior do quarto.

— Levem o escravo para seus aposentos — instruiu ao criado que lhe fazia uma reverência. — De manhã, quero que tirem as medidas dele para que lhe sejam feitas túnica domésticas. Depois de vestido, ele será meu criado pessoal.

Kevin se eriçou quando o criado pegou em seu ombro. Não esqueceu a vigilância dos guardas e, com um último e rancoroso olhar para Mara, permitiu que o levasse dali. O criado era cerca de uma cabeça mais baixo e, irritado, Kevin apertou o passo até que o homenzinho

teve de começar a correr para conseguir acompanhá-lo.

Perto da entrada, Lujan empurrou seu elmo para trás.

— Senhora, acha isso sensato? Mal consegue conter esse bárbaro sem uma coleira. Seja qual for seu plano, até mesmo alguém tão pouco inteligente como eu pode perceber que ele está ciente de seu jogo.

Mara levantou o queixo.

— Até você? — Sua postura rígida não disfarçou sua diversão. — Nacoya já me deu ontem uma lição sobre aprender o mal com os demônios. Arakasi disse que os bárbaros têm um modo de pensar tão retorcido quanto correntes de água circulando num pântano e Keyoke, que normalmente é sensato, não disse nada, o que reflete sua desaprovação.

— Esqueceu Jican — recordou Lujan em tom brincalhão.

Mara sorriu e com muito tato soltou um suspiro.

— O pobre Jican apostou com o pessoal da cozinha que minha matilha de midkemianos matará uns aos outros até a próxima estação. Não importa que as árvores para os campos das needra não sejam derrubadas e que passemos a comer filhotes, como as aves jiga, para manter baixo o custo dos cereais.

— Ou que nos tornemos mendigos — acrescentou Lujan em tom mais agudo do que o habitual, em uma malévola imitação da timidez irritante do hadonra.

Foi recompensado por um riso de sua Senhora.

— Você é perverso, Lujan. E, se não fosse tão bom em me fazer rir, eu já o teria enviado para os pântanos há muito tempo, para tomar conta dos casebres infestados de insetos. Deixe-me e vá descansar.

— Durma bem, minha Senhora. — Ele deslizou suavemente o biombo, o suficiente para lhe dar alguma privacidade, mas deixou uma abertura para que sua guarda pudesse entrar assim que fosse chamada. Mara suspirou ao ver que Lujan assumira a posição de guarda em frente da porta em vez de se retirar para dormir. Pensou consigo por quanto tempo os Acoma poderiam se permitir manter um Líder de Ataques, com plumas de honra, de plantão do lado de fora de seus aposentos, como se fosse um guerreiro comum.

Se soubesse disso, Desio ficaria perversamente satisfeito.

Ayaki pegou um punhado de cabelo ruivo.

— Ai! — gritou Kevin fingindo sentir dor. Esticou a mão na direção do garoto que estava sentado em seus ombros e fez cócegas em suas costelas cobertas por seda. O jovem herdeiro dos Acoma reagiu com um uma série de gargalhadas que levou metade dos soldados da escolta de Mara a reprimir um arrepio.

As cortinas da liteira se abriram de repente para o lado e Mara gritou:

— Será que as duas crianças poderiam se acalmar?

Kevin sorriu e deu um último beliscão no dedo do pé de Ayaki. O garotinho guinchou e desatou a rir.

— Estamos nos divertindo — explicou o bárbaro. — Não é porque Desio quer vê-la morta que devemos desperdiçar um dia perfeito.

Mara fez um esforço para suavizar seu ar carrancudo. O fato de Ayaki e Kevin terem visitado pela primeira vez a colmeia cho-ja com seu séquito era o suficiente para acalmar os ânimos. Mas um era novo demais, e o outro, inexperiente demais para perceber que um mensageiro fora chamá-la na colmeia, o que indicava algum problema. Se as novidades fossem boas, inevitavelmente poderiam ter esperado seu retorno.

Mara suspirou ao se acomodar de novo em suas almofadas. A luz do sol se espalhou por seu colo e o ar úmido a fez transpirar. Tinha chovido durante toda a noite, pois a época das chuvas começara. O solo onde os soldados marchavam estava recoberto por uma fina camada de lama e, nos cantos mais escuros da estrada, charcos brilhavam como joias. A umidade intensa fez com que até as plantas mais comuns florescessem, e o ar parecia opressivo com tantos aromas. Mara sentiu uma dor de cabeça chegando. O mês anterior a cansara, enquanto esperava que os Minwanabi, sob as ordens de Desio, estabelecessem algum padrão previsível. Até então, a única coisa concreta que a rede de espiões de Arakasi descobrira era que Desio informara o Senhor da Guerra de que precisavam de seu primo Tasaio em casa. Isso era sinistro por si só. Para começar, a inteligência de Tasaio quase levara os Acoma à ruína, e a recuperação era recente demais para suportar qualquer problema maior.

Quando a liteira fez a última curva, aproximando-se da casa grande, Mara se preocupou com a possibilidade de aquele chamado de seu Comandante das Forças Armadas ser resultado de um movimento de Tasaio. O homem era bom demais, sutil demais e ambicioso demais para ficar no papel de jogador secundário entre as fileiras de seus inimigos. Se ela fosse Desio, teria colocado todo o conflito com os Acoma nas mãos de Tasaio.

— O que foi que você viu que o deixou tão maravilhado? — perguntou Kevin a Ayaki.

Os dois tinham se tornado amigos no mesmo instante em que se viram na manhã em que o garoto tentara ensinar ao enorme bárbaro a maneira correta de amarrar as sandálias tsurani, embora na realidade ele também não soubesse fazer. O fato de o bárbaro ter conquistado o garoto lhe proporcionara uma proteção maior diante da raiva de Mara pela vez em que ele a tocara. Conforme conhecia Kevin melhor, ela desenvolvia por ele algo parecido com afeto, como percebeu, apesar de seu comportamento ultrajante e da total falta de civilidade.

— Que cheiro bonito! — gritou Ayaki, em quem o entusiasmo se media em decibéis.

— O cheiro não pode ser visto — protestou Kevin. — Embora eu tenha de admitir que o buraco dos cho-ja fedia como um barracão de moer especiarias.

— Por quê? — Ayaki bateu com sua mão gorducha no braço de Kevin para dar mais ênfase. — Por quê?

Kevin pegou o garoto pelos tornozelos e, com uma cambalhota, o tirou de cima dos ombros.

— Acho que é porque são insetos... bichos.

Ayaki, de pernas para o ar e já vermelho de excitação, disse:

— Os bichos não falam. Mordem. A ama os esmaga. — Fez uma pausa, balançando as mãos para baixo e revirando os olhos. — Ela também me esmaga.

— Porque você fala demais — sugeriu Kevin. — E os cho-ja são inteligentes e fortes. Se tentasse esmagar um deles, ele espremeria você.

Ayaki gritou em negação, alegando que esmagaria qualquer cho-ja antes que conseguisse espremê-lo, e depois gritou de novo quando Kevin o sacudiu outra vez, colocando-o nos braços da ama, que mostrava um ar de reprovação. A comitiva chegara à casa grande. Os carregadores se agacharam para baixar a liteira de Mara e os soldados que a acompanhavam até nas tarefas mais simples ficaram alertas. Lujan apareceu em seu posto para ajudar a Senhora a descer, enquanto Jican fazia uma grande reverência perto da entrada.

— Arakasi a aguarda em seu escritório na companhia de Keyoke, minha Senhora.

Mara assentiu distraída, pois o barulho que Ayaki fazia ao fundo não lhe permitia prestar atenção. Apontou com a cabeça para o carregador que trazia novas amostras de seda.

— Venha — ordenou. Depois, fez uma pausa para refletir. Após um momento, olhou para Kevin. — Você também.

O bárbaro conteve o impulso de perguntar qual seria o tema da conversa. Desde que fora colocado na comitiva pessoal da Senhora, conhecera a maioria de seus conselheiros, mas o Mestre dos Espiões ainda era um desconhecido. Sempre que ele trazia informações, Mara atribuía a seu criado pessoal alguma tarefa que o mantinha ocupado em outro local. Ficara curioso por ela ter mudado de ideia; Kevin já aprendera o suficiente sobre a política dos Acoma para presumir que a razão era importante, até preocupante. Quanto mais observava, melhor compreendia que por trás da postura confiante da Senhora jaziam medos que teriam feito alguém com menos fibra desmoronar. E, apesar da raiva que sentia por ser tratado como pouco mais que uma mascote com o dom da fala, ele, de má vontade, começara a admirar sua dureza inflexível. Independentemente da idade e do sexo, Mara era notável, uma adversária a temer e uma líder a obedecer.

Kevin entrou no corredor pouco iluminado, seguindo a Senhora. Discretamente, Lujan os acompanhava um passo à frente do escravo, como era adequado. O Líder de Ataques montaria guarda na porta do escritório durante a reunião, não só para proteger sua Senhora, mas também para assegurar que não haveria criados vagando pelo corredor para escutar algo às escondidas. Embora Arakasi tivesse examinado com rigor todo o pessoal a serviço da casa, ainda assim insistia que Mara tomasse precauções. Era de conhecimento geral que servos aparentemente leais tinham perdido a honra e cedido a subornos, e um Governante desleixado com sua segurança era um convite à traição. Guerreiros que prestaram juramento e

conselheiros de alto nível eram de confiança, mas aqueles que colhiam frutas nos pomares e cuidavam das flores nos jardins poderiam servir a qualquer Senhor.

Os biombos do escritório foram fechados e o ar ficou mais pesado. O elmo emplumado do Comandante das Forças Armadas parecia uma sombra na escuridão; Keyoke sentou-se perfeitamente imóvel nas almofadas em frente ao biombo. Sua arma embainhada estava sobre os joelhos, um sinal seguro de que, enquanto esperava por sua Senhora, passara o tempo inspecionando a lâmina à procura de falhas que apenas seus olhos conseguiam distinguir — se não fossem devidamente tratadas, as lâminas tsurani de couro curtido perdiam o fio, deixando o guerreiro desarmado.

Mara fez um pequeno movimento de saudação com a cabeça, retirou sua túnica de cima e afrouxou a faixa na cintura. Kevin tentou não olhar fixamente quando ela puxou a seda fina da túnica para descolá-la de sua pele suada. Apesar do cuidado, um volume surgiu em sua virilha quando viu seus seios nus. Com um embaraço discreto, puxou a barra de sua inadequada roupa de escravo para ocultar o resultado. Por mais que recordasse a si mesmo que ali os conceitos de pudor eram diferentes dos de Midkemia, não conseguia se habituar à nudez quase total adotada casualmente pelas mulheres de Kelewan devido ao clima. Estava tão envolvido em tentar controlar a reação involuntária de seu corpo que mal reparou nas palavras de Mara quando ela dispensou sua aia e se sentou:

— O que têm para me contar?

Keyoke inclinou a cabeça.

— Houve um ataque bem pequeno dos Minwanabi contra uma caravana de transporte de thyza.

Mara empurrou para trás uma mecha solta de cabelo e permaneceu em silêncio por um momento.

— Então o ataque ocorreu como previra o agente de Arakasi?

Keyoke voltou a inclinar a cabeça.

— Até a quantidade de soldados estava correta, Senhora. Isso não me cheira nada bem. Parece não haver nenhum interesse estratégico.

— E sei bem como você odeia pontas soltas — concluiu Mara. — Presumo que os soldados Minwanabi tenham sido derrotados.

— Todos mortos, sem exceção — confirmou Keyoke. Seu tom seco refletiu pouca satisfação com a vitória. — Uma companhia a menos para saquear nossas fronteiras, se Desio optar pela guerra. Mas é a ineficácia do ataque que me incomoda. Os guerreiros pereceram como homens que optaram pelo suicídio honrado, e não como se estivessem determinados a alcançar um objetivo.

Mara mordeu o lábio, com um ar cada vez mais preocupado.

— O que acha disso? — perguntou ela para as sombras.

Alguém se moveu em resposta e Kevin se inclinou um pouco para a frente. Olhou mais de

perto e discerniu a elegante silhueta sentada imóvel, com as mãos entrelaçadas. A imobilidade inquietante do sujeito fizera com que Kevin, até então, não o tivesse visto. A voz era praticamente um sussurro, mas, de alguma forma, transmitiu a ênfase de um pedido bem audível.

— Minha Senhora, a perspectiva que tenho a oferecer é mínima, pois ainda não disponho de um agente que frequente as reuniões particulares de Desio. Ele discute suas ideias apenas com o Conselheiro-Mor, Incomo, e com o primo, Tasaio. O conselheiro, naturalmente, não faz fofocas, nem tem hábito de beber, e Tasaio não confia em ninguém, nem no guerreiro que foi seu mentor na infância. Dadas as circunstâncias, sabemos que nossos agentes reportam tudo com precisão.

— Então, quais são as suas suspeitas?

Arakasi se manteve um bom tempo em silêncio antes de responder:

— Eu apostaria que Tasaio está no comando. Ele tem a mente mais retorcida e penetrante que já conheci. Serviu muito bem o Senhor Jingu na eliminação dos Tuscai. — Todos, exceto Kevin, sabiam que Arakasi servira àquela casa antes de entrar ao serviço de Mara. — Tasaio é uma espada muito afiada nas mãos de seu Senhor. Mas trabalhando em seu próprio proveito... é difícil avaliar o que ele faz. Acho que Tasaio sonha alto. Pode ter ordenado a seus guerreiros que se deixassem matar para que testasse algo em relação à Casa dos Acoma. Acho que é tudo parte de um plano.

— Um plano para quê?

— Se soubéssemos, Senhora, estaríamos planejando medidas preventivas em vez de ponderar possibilidades.

Mara fez uma pausa coberta de tensão.

— Arakasi, seria possível termos um espião em nossas fileiras?

Kevin observou com curiosidade quando o Mestre dos Espiões dos Acoma assumiu mais uma vez uma postura de completa imobilidade. Um olhar intenso revelou que o homem tinha talento para se vestir de forma a se misturar com o ambiente.

— Minha Senhora, desde o dia em que prestei juramento a seu natami, fiz profundas verificações. Não tenho conhecimento de qualquer traidor entre nós.

A Senhora esboçou um gesto de frustração.

— Mas por que atacar uma caravana de thyza entre a propriedade e Sulan-Qu se ninguém sabe de nossos planos? Arakasi, nosso próximo carregamento de cereais esconderá nossas amostras de seda. Se era essa a informação que os Minwanabi procuravam, nossos problemas podem efetivamente ser bastante graves. Nossa seda cho-ja deve pegar os mercadores de surpresa nos leilões. A receita e a reputação estarão perdidas se nosso segredo for descoberto antes do tempo.

Arakasi inclinou a cabeça em concordância, ao mesmo tempo que a tranquilizava.

— O ataque dos soldados de Desio pode ser apenas uma coincidência, mas concordo com

a Senhora. Não devemos partir desse princípio. O mais provável é que estejam nos sondando para descobrir por que nossas caravanas andam tão bem protegidas.

— E por que não brincamos de bobinho? — propôs Kevin.

— Bobinho? — retrucou Keyoke com impaciência.

A essa altura, o Comandante das Forças Armadas de Mara já se resignara aos comentários despropositados do bárbaro; ele podia não ser forçado a pensar como um escravo, enquanto Mara, em algum momento, e por razões que só ela poderia explicar, decidira não seguir à risca o protocolo. Mas Arakasi e o midkemiano nunca haviam se encontrado antes e aquela impertinência era surpreendente.

Os olhos do Mestre dos Espiões brilharam nas sombras quando ele fitou o homem alto que estava atrás do ombro de Mara. Como não se deixava guiar por preconceitos, ignorou a posição e a insolência do homem, encarando-as como irrelevantes, e demonstrou um interesse quase assustador pela ideia sugerida por Kevin.

— Você disse o nome de uma brincadeira de criança, mas suas palavras significam algo bem diferente.

— Penso em enganá-los. — Kevin acompanhou sua explicação com seus habituais gestos expansivos. — Se há algo para esconder no carregamento de thyza, confunda o inimigo colocando embrulhos selados em todas as carroças de transporte. O inimigo terá então de dividir suas forças e interceptar todas as caravanas em movimento e, conseqüentemente, revelar suas intenções, ou então desistir da abordagem.

Arakasi piscou intensamente, como um falcão. Seu raciocínio foi ainda mais rápido.

— E as amostras de seda não estariam em nenhum desses carregamentos — concluiu —, mas escondidas em outro local qualquer, talvez à vista de todos, onde normalmente estaria em evidência.

O olhar de Kevin se iluminou.

— Precisamente. Talvez pudéssemos costurá-las em forros de túnicas ou até mesmo arrumá-las como um carregamento independente de lenços.

— A ideia faz sentido — disse Mara e Arakasi assentiu. — Podemos até fazer com que os criados usem túnicas de seda excelente sob suas habituais roupas de viagem.

Naquele momento, alguém do lado de fora bateu insistentemente no biombo. Por instinto, Arakasi refugiou-se na sombra e Mara perguntou quem era.

O biombo se abriu de repente para deixar entrar a desgrenhada Conselheira-Mor dos Acoma, com o rosto vermelho pela agitação. Keyoke se recostou nas almofadas e largou o punho da espada que apertava intensamente quando Nacoya se dirigiu à sua Senhora, dando-lhe uma bronca enquanto fazia a reverência obrigatória.

— Minha Senhora, olhe suas roupas! — A antiga aia revirou os olhos em sinal de desespero. Surpresa, Mara olhou para a túnica solta, aberta devido ao calor, exibindo pó na gola, acumulado durante a visita à colmeia cho-ja. — E seu cabelo! — ralhou Nacoya,

agitando seu velho dedo em sinal de reprovação. — Um caos. Todo embaraçado, em vez de brilhante e perfumado. Vamos precisar, no mínimo, de uma dúzia de criadas. — Depois, parecendo perceber ao mesmo tempo a presença de Keyoke e Arakasi, ela cacarejou, ainda mais afrontada: — Fora! Sua Senhora precisa ficar apresentável o mais rápido possível.

— Nacoya! — exclamou Mara. — O que a faz interromper minha reunião particular e dar ordens a meus oficiais como se fossem meros empregados domésticos? E por que minha aparência se tornou tão vital assim de repente?

Nacoya endireitou-se como uma ave jiga empertigada.

— Pelo que há de mais sagrado em Lashima, Senhora, como foi esquecer? Como?

— Esquecer? — Mara, verdadeiramente confusa, afastou para trás uma mecha solta de cabelo. — Esquecer o quê?

Nacoya ficou muda de irritação. Arakasi interveio com delicadeza e respondeu por ela:

— Nossa pequena avó provavelmente se refere a Hokanu dos Shinzawai. Ultrapassei o séquito dele na estrada que vem de Sulan-Qu.

A Conselheira-Mor dos Acoma recuperou a compostura e falou, azeda:

— A carta do jovem cavalheiro pedindo permissão para uma visita está em cima de sua escrivaninha já faz uma semana. A Senhora respondeu aceitando a visita. E agora vai insultá-lo não estando pronta para recebê-lo.

Mara usou uma palavra inapropriada à sua posição. Isso originou mais um guincho de Nacoya e um sorriso franco de Kevin, que aprendera as obscenidades do idioma com um condutor de escravos particularmente animado; por isso, essas palavras eram o tipo de vocabulário que mais conhecia.

Nacoya liberou sua frustração batendo palmas para que as criadas entrassem e ajudassem Mara a tomar banho. Em meio à confusão que se instalou quando entraram as escravas com bacias e toalhas, e montes de roupas ornamentadas com joias, Mara dispensou seu Comandante das Forças Armadas. Enquanto três pares de mãos retiravam suas roupas, ela libertou uma mão com dificuldade e apontou para a trouxa de amostras de seda trazida da colmeia dos cho-ja.

— Arakasi, decida o que fazer com isso. Jican indicará quando devem chegar a Jamar. Organize o plano para que cheguem sem serem notadas.

O Mestre dos Espiões reagiu com uma reverência discreta e saiu com a trouxa. Kevin permaneceu. Esquecido atrás das almofadas de sua Senhora, passou o minuto seguinte perturbado com a visão de Mara de pé em sua tina enquanto as criadas despejavam água quente sobre seu corpo gracioso. Em seguida, ela se sentou lenta e delicadamente, enquanto as criadas ensaboavam seu corpo e lavavam seus cabelos e Kevin vislumbrava seu corpo nu. Imóvel no canto, amaldiçoou interiormente o fato de seu reduzido traje tsurani pouco cobrir seu corpo, pois a visão de sua bela e jovem Senhora lhe provocara uma ereção. Assim como um envergonhado criado da cozinha, cobriu a virilha com ambas as mãos e tentou se focar em

pensamentos desagradáveis para voltar a dominar seu corpo desobediente.

Quando a Senhora dos Acoma emergiu e se libertou com pressa das atenções das aias e criadas, Kevin a seguiu em seu lugar habitual, já que ninguém com autoridade se dera ao trabalho de lhe ordenar o contrário. Coberta de joias e vestida com um belo casaco com pérolas e esmeraldas bordadas, Mara estava agitada demais para reparar no escravo bárbaro que, havia quase um mês, fazia parte de seu séquito. Percorreu os pátios franzindo ligeiramente a testa. Kevin, cada vez mais habituado a reconhecer seu estado de espírito, concluiu que a visita do tal Hokanu dos Shinzawai era algo mais do que um ato meramente social. Era evidente que Mara preferia se envolver em discussões financeiras com seu hadonra a atender às obrigações sociais de um Governante de uma honrada Casa dos tsurani.

Nacoya chamou furiosamente a atenção de Mara, que diminuiu o passo antes de entrar no pátio fechado, o lugar mais fresco àquela hora, onde um hóspede poderia se sentir mais confortável. A Conselheira-Mor afagou o pulso de sua Senhora e deu algumas instruções de última hora:

— Seja encantadora com esse homem, filha de meu coração, mas não subestime sua inteligência. Não é um rapaz incômodo como o pobre Bruli para se deixar levar pelas tolices do amor e certamente a Senhora o ofendeu ao deixá-lo à espera.

Mara assentiu, distraída, e livrou-se da protetora Nacoya. Com Kevin ainda em seus calcanhares, saiu para a sombra irregular do pátio. Almofadas tinham sido colocadas ao lado da fonte, assim como uma bandeja com uma refeição leve. Tudo permanecia com um ar intocado. Quando Mara entrou, um homem magro e musculoso se deteve naquela que deveria ser a décima segunda volta agitada pela trilha do jardim. Estava vestido de seda azul com topázios e rubis incrustados, vestes obviamente feitas para um filho de uma família poderosa. Já mais experiente em ler a ausência de expressão dos tsurani, Kevin não olhou para o atraente mas inexpressivo rosto; em vez disso, observou suas mãos, cheias de calos por conta do uso de espadas. Reparou na leve alteração nos passos quando o jovem se voltou para cumprimentar a Senhora, assim como notou a tensão evidente que sem dúvida indicava aborrecimento.

Ainda assim, sua voz se revelou agradavelmente calma:

— Senhora Mara, que prazer. A Senhora está bem?

Mara fez uma reverência, e suas joias refletiram raios irregulares de luz solar por entre as folhas.

— Hokanu dos Shinzawai, estou suficientemente bem para perceber que se irritou com minha demora e não tenho nem como me desculpar. — Endireitou-se. Sua cabeça mal alcançava o queixo dele. Para enfrentar seus olhos escuros, teve de incliná-la para trás de um

modo que a deixou, com toda a naturalidade, absolutamente fascinante. — O que mais resta aos Acoma além de pedir perdão? — Mara se calou e exibiu um sorriso embaraçado que o desarmou. — Pura e simplesmente, esqueci que horas eram.

Por alguns segundos, Hokanu pareceu ofendido. Depois, cedendo evidentemente à súplica da Senhora, e desarmado pelo fato de ela não ter mentido, deu um sorriso sincero de dentes brilhantes.

— Mara, você me deixa todo atrapalhado! Se fosse um guerreiro, eu já estaria lutando com você. Mas me resta apenas dizer que está em dívida comigo. Para ser recompensado, exijo sua companhia.

Mara avançou um passo e permitiu um breve abraço formal.

— Talvez eu devesse ter ido recebê-lo com a túnica amarrotada que estava usando na reunião — sugeriu, em tom malicioso.

Hokanu não largou a mão dela, de uma forma que Kevin achou possessiva. A capacidade do jovem de conter sua ansiedade com uma espantosa graciosidade fingida irritou o escravo midkemiano, embora ele não entendesse o motivo. Quando o nobre reagiu à piada da Senhora com outra gargalhada e disse *Na próxima vez, faça isso*, Kevin ficou mal-humorado.

Normalmente, Mara era esperta e decidida ao lidar com os homens de seu pessoal e com os raros visitantes de Estado que Kevin observara durante seu serviço como criado pessoal. Com Hokanu, a inteligência dela se tornara menos mordaz e a esperteza que ele de má vontade começara a admirar se obscurecera por uma insegurança inexplicável. Mara parecia relutante em mostrar prazer quando permitiu ao jovem guerreiro que a acomodasse nas almofadas. Nitidamente, ela se sentia feliz com a companhia do jovem. Com uma cortesia submissa, chamou Kevin para servir comidas e bebidas. Hokanu aceitou um prato de frutos embebidos em licor e um cálice de vinho de sã. Seus olhos escuros se voltaram com interesse para o midkemiano. Por um momento, Kevin se sentiu avaliado de cima a baixo, como se fosse uma mercadoria; então, o nobre se dirigiu em tom jocoso a Mara:

— Vejo que domou admiravelmente este bárbaro que mais parecia um sarcat. Ele, mais do que qualquer outro de sua espécie, parece ter aprendido seu lugar.

Mara escondeu sua diversão atrás de sua taça de chocha enquanto bebia um pequeno gole.

— Assim parece — disse ela tranquilamente. — Encontrou os escravos que seu pai precisava nos pântanos de ngaggi?

Os olhos de Hokanu brilharam quando inclinou a cabeça.

— O assunto foi resolvido de modo satisfatório. — Depois, como se tomasse consciência de que Mara se revelara tão reticente quanto ele com ela em relação ao interesse não declarado em midkemianos, mudou o rumo da conversa, comentando o porte físico de Kevin, como se o midkemiano ruivo não estivesse presente. — Ele parece tão forte quanto uma needra macho e deve trabalhar bem no campo.

Pouco habituado a ser tratado como se fosse um animal, Kevin abriu a boca ciente de que

preferia se defender com uma luta corpo a corpo. Antes que tivesse a audácia para desafiar o elegante guerreiro Shinzawai, o rosto de Mara ficou pálido de repente. Com muita precisão, ela antecipou o que estava para acontecer.

— Escravo! Você não é mais necessário aqui. Diga a Misa para vir nos servir. Depois vá para o pátio e ajude Jican a verificar se a caravana de Hokanu precisa de alguma coisa.

O lábio de Kevin se revirou ousadamente em um meio sorriso quando fez sua reverência de escravo, ainda assim mais discreta do que exigia a tradição, para profunda irritação de Mara. Depois, olhando de relance para Hokanu, de modo quase rancoroso, girou sobre os calcanhares e saiu. A única lacuna em sua atuação foi o fato de seu curto traje tsurani parecer ridículo, detalhe que não passou despercebido a Hokanu.

O comentário que Kevin escutou enquanto atravessava o biombo para o corredor foi quase indecente, tendo em conta a presença de uma Senhora. Com um súbito ataque de raiva, Kevin desejou poder desafiá-lo para uma luta, mas depois, com uma calma igualmente surpreendente, percebeu que estava com ciúmes.

— Maldito seja ele, e maldita seja ela também — murmurou para si mesmo. Pensar em se apaixonar por Mara era um convite garantido a ser pendurado pelo pescoço na árvore ulo mais próxima, provavelmente com a cabeça virada para baixo sobre uma fogueira. Se pretendia obter algo daquela mulher, não o conseguiria com galanteios. De alguma forma, contra todas as expectativas e tradições, pensaria em uma forma de se tornar outra vez livre.

O pátio exterior estava todo empoeirado, como se a chuva da noite anterior não tivesse passado de um sonho dissipado pela luz do sol. Needra e carroças enchiam o recinto cercado; os gritos dos condutores e o ruído ofegante dos machos castrados se sobrepunham à confusão, enquanto escravos corriam de um lado para outro com feno, taças de thyza e tinas de água. Kevin se dirigiu para o meio do tumulto ainda preocupado com seu despeito e quase tropeçou em Jican.

O pequeno hadonra berrou, pela afronta, e saltou para trás para evitar ser derrubado. Olhou para cima, avaliou o enorme peito musculoso de Kevin que a reduzida túnica não conseguia cobrir e franziu o cenho, com uma fúria que sua Senhora nunca vira nele.

— Você não tem nada para fazer?

Kevin ergueu as sobrancelhas, desarmando-o.

— Estava dando uma volta.

A expressão de Jican se tornou ameaçadora.

— Não mais. Vá buscar uma bacia e traga água para os escravos da caravana. Seja rápido e nada de ofender os membros da comitiva dos Shinzawai, ou, juro pelos deuses, farei com que seja pendurado e espancado.

Kevin observou o minúsculo hadonra, que, na presença da Senhora, sempre se revelara fraco como uma mosca. Embora fosse mais de uma cabeça mais baixo, Jican marcara seu território. Pegou uma bacia de um escravo que passava e a encostou na cintura de Kevin.

— Ao trabalho.

O homem maior resmungou algo e saltou para trás quando sentiu a água fria molhando sua virilha.

— Maldição! — resmungou, pegando o recipiente de madeira antes que caísse e insultasse ainda mais permanentemente sua masculinidade. Quando se endireitou, Jican já tinha partido. Tendo desperdiçado a oportunidade de se esgueirar por entre a multidão, Kevin localizou o rapaz que cuidava da água e encheu obedientemente sua bacia. Transportou seu conteúdo oscilante através daquela bagunça empoeirada e deu de beber a dois escravos esguios e queimados pelo sol que estavam empoleirados à vontade na parte de trás de uma carroça.

— Ei, você é do Reino — comentou o mais alto, que era louro e tinha duas feridas no rosto. — Quem é você? Quando foi capturado?

Três escravos se aproximaram enquanto Kevin passava a bacia ao mais magro e de cabelo escuro, que tinha a mão direita enfaixada e cuja expressão era estranhamente fria. Aquele homem era um escudeiro de Crydee e Kevin não o conhecia, mas o outro, que se chamava Laurie, lhe pareceu familiar.

— Será que já nos vimos antes? — perguntou Kevin quando voltou a pegar a bacia do escudeiro Pug. O louro encolheu os ombros com uma simpatia instintivamente teatral.

— Quem sabe? Andei por todo o Reino como menestrel e cantei na corte de Zun mais de uma vez. — Laurie estreitou os olhos. — Olhe só, você é o Barão...

— Silêncio — avisou Kevin. Olhou rapidamente para ambos os lados, assegurando-se de que nenhum dos soldados conseguia ouvir. — Uma palavra sobre minha posição e estou morto. Eles matam os oficiais, esqueceu?

Consciente de quanto seus compatriotas estavam magros e abatidos, Kevin perguntou o que lhes acontecera depois de terem sido capturados. O homem mais sombrio e enigmático, chamado Pug, fitou-o com dureza.

— Você avaliou bem a situação. Sou um escudeiro e, se eles descobrissem que isso representa um título de nobreza menor, eu teria sido morto logo no primeiro dia. Como não sabem, não deram importância à minha posição. Eu disse a eles que servia ao Duque e entenderam que eu era um criado. — Olhou ao redor para os apressados escravos Acoma, que se moviam com o único propósito de obedecer às instruções do hadonra. — Você ainda é novo como escravo, Kevin. Lembre-se sempre de que estes tsurani podem matá-lo sem peso na consciência, pois estão plenamente convictos de que um escravo não tem honra. Kevin de Zun, seja muito discreto, pois sua sorte pode se alterar por um capricho.

— Maldição! — exclamou Kevin em voz baixa. — Então não nos oferecem concubinas por bom comportamento?

Laurie arregalou os olhos por um instante e depois sua gargalhada bem audível chamou a atenção de um dos guerreiros Shinzawai. Sua cabeça emplumada se voltou na direção deles e instantaneamente os dois midkemianos da carroça ficaram inexpressivos. Quando o soldado se

virou para outro lado, Laurie suspirou discretamente.

— Pelo menos não acabaram com seu senso de humor.

— Quando perdemos a vontade de rir, estamos mortos — comentou Kevin.

Laurie limpou o rosto com um trapo que enfiara na bacia que Kevin segurava e disse:

— Eu já disse isso muitas vezes aqui a meu pequeno amigo.

Pug fitou Laurie com um misto de afeto e irritação.

— Isso vindo de um louco que quase se matou para salvar minha vida... — Suspirou. — Se aquele jovem nobre Shinzawai não aparecesse nos pântanos... — Ele se deteve e depois seu tom de voz se tornou mais melancólico: — Todos os homens que foram capturados comigo no primeiro ano de guerra estão mortos, Kevin. Aprenda a se adaptar. Os tsurani têm um conceito chamado *wai*, o lugar perfeito dentro do qual ninguém pode tocar em você. — Encostou o dedo no peito de Kevin. — Aqui. Se aprender a viver aqui dentro, aprenderá a viver aqui fora.

O ruivo assentiu e depois, consciente de que Jican estava de olho, pegou a bacia para voltar a enchê-la. Dirigindo um aceno pesaroso a Laurie e Pug, passou à carroça seguinte na fila. Se pudesse, iria se ausentar dos aposentos dos escravos à noite para passar algum tempo com aqueles dois. Trocar informações poderia não ser de grande utilidade, mas serviria para aliviar um pouco a dor gerada pelas saudades de casa.

Mas, no decorrer da noite, lhe deram mais trabalho, até que, exausto, foi conduzido de novo à casa principal para que dormisse no cômodo que lhe fora destinado. Um guarda do lado de fora da porta impossibilitou qualquer pretensão de visita a seus conterrâneos. Contudo, à noite ouviu vozes ao longe, dizendo palavras que mal conseguia escutar, mas que tinham um sotaque que lhe era bem conhecido.

Suspirou de frustração, percebendo que seus companheiros visitavam os dois homens das ilhas que estavam na caravana dos Shinzawai. Saberria das fofocas em segunda mão quando conseguisse falar com Patrick ou qualquer outro de seus homens. No entanto, a falta de contato direto lhe causou a mais intensa saudade de casa desde que fora capturado.

— Maldita seja aquela cadela — sussurrou para sua almofada dura. — Maldita seja.

Distrações

A estação das chuvas chegou ao fim.

Dias cada vez mais compridos trouxeram de volta a poeira seca e o sol forte retirou a cor das planícies gramadas que rodeavam a casa grande dos Minwanabi; dentro de poucas semanas as colinas começariam a perder seu aspecto verdejante, até que no pico do verão tudo ficaria dourado e marrom. Durante o tempo mais quente, o Senhor Desio preferia permanecer em sua casa, no conforto protegido do sol, mas a admiração por seu primo muitas vezes o impulsionava a se aventurar do lado de fora.

Tasaio podia estar servindo sua família como principal conselheiro, mas não havia um só dia em que não treinasse suas habilidades de combate. Naquele dia, enquanto as brumas se elevavam do lago, posicionou-se na encosta de uma colina com seu arco e aljavas de flechas, depois de ter disposto bonecos de palha a diferentes distâncias para servirem de alvos. Em meia hora, todos foram cravejados de flechas com as penas tricolores de Tasaio: o preto e laranja dos Minwanabi, entrecortado por uma faixa vermelha dedicada a Turakamu.

Desio juntou-se a ele enquanto um cavalariaço de Tasaio recuperava as flechas entre as rodadas. Percebendo que seu jovem Senhor se aproximava, Tasaio voltou-se no momento exato e curvou-se em uma reverência.

— Bom dia, meu primo e Senhor.

Desio se deteve, sem fôlego após ter subido a colina. Inclinou a cabeça, limpou o suor da testa rosada e observou o primo, mais alto do que ele e vestindo uma armadura leve de couro incrustada de metais preciosos, conquistada como troféu de guerra por seus feitos no mundo bárbaro. Tasaio não usava elmo e a brisa agitou seu cabelo liso acobreado. O arco que trazia na mão era curvo, envernizado em um preto brilhante, tendo ambas as pontas enfeitadas com seda laranja. Educadamente, Tasaio ofereceu sua arma.

— Quer tentar?

Ainda ofegante demais para conseguir falar, Desio abanou a cabeça para recusar a oferta. Tasaio assentiu e se voltou quando o serviçal se aproximou com um cesto de flechas recuperadas em cada mão. Fez uma reverência para seu Senhor. Enquanto o servo permanecia ajoelhado, Tasaio pegou as flechas pelos entalhes e, uma a uma, cravou-as no solo arenoso,

com a ponta voltada para baixo.

— O que o traz aqui nesta manhã luminosa, primo?

Desio observou as flechas cravadas na terra, em fileiras perfeitas, como guerreiros a postos para uma investida.

— Não conseguia dormir.

— Não? — Tasaio esvaziou o primeiro lote e começou a fazer o mesmo com o segundo. Uma mosca-jade pousou no nariz do servo. Ele não contraiu um único músculo nem pestanejou quando o inseto rastejou por seu rosto e começou a sugar os fluidos de seu olho. Para recompensar aquela postura perfeita, Tasaio enfim autorizou o homem a afastar o inseto. O homem, grato, assim o fez, depois de já ter aprendido com o chicote a relaxar apenas quando lhe fosse permitido.

Tasaio afagou uma pena de galo dividida ao meio e aguardou que o primo prosseguisse.

— Não consegui dormir porque já se passaram meses e ainda não detectamos os espiões dos Acoma.

Tasaio colocou a flecha no arco e a libertou com um gesto fluido. A flecha cruzou em arco a manhã luminosa e perfurou com um baque o coração pintado do boneco de palha ao longe.

— Sabemos que são três — disse calmamente o guerreiro — e já diminuimos o campo de busca. Há um em nossos quartéis, um trabalhando na venda de cereais e também um na cozinha ou com acesso ao pessoal doméstico.

— E quando saberemos os nomes desses traidores?

Puxando o arco, Tasaio parecia concentrado, mas, um instante depois de a flecha ter sido lançada pela corda, disse:

— Esta manhã devemos conhecer mais alguma coisa, quando soubermos o que aconteceu a nosso grupo de ataque. Os sobreviventes já devem ter voltado. — Encaixou outra flecha no arco e continuou a falar: — Além disso, descobrir o espião é apenas o primeiro passo para o plano maior.

— Então, quando sua grande campanha vai começar? — questionou Desio, nitidamente frustrado. — Quero ver os Acoma destruídos!

Outras duas flechas voaram até se cravarem nos respectivos alvos.

— Paciência, primo. — Tasaio encaixou uma terceira flecha e a espetou no pescoço do boneco de palha que estava mais longe. — Você deseja ver os Acoma arruinados e sem possibilidade de recuperação, e um homem sábio planeja com cautela. As melhores armadilhas são sutilmente tecidas e passam despercebidas até se fecharem.

Desio suspirou fundo. Seu criado apressou-se a colocar uma almofada sob seu corpo volumoso quando se sentou na grama.

— Quem me dera ter sua paciência, Tasaio. — Sua petulância surgiu acompanhada por uma onda de inveja.

— Mas eu não sou um homem paciente, primo. — As flechas cruzaram o ar a intervalos

regulares e um boneco de palha caiu, perfurado, como a almofada de alfinetes de uma costureira, por uma série de flechas emplumadas. — A demora me desgasta tanto, ou talvez mais, do que a você, meu Senhor. Odeio esperar — observou seus alvos ao longe, parecendo avaliar seu desempenho —, mas também odeio ser impaciente. Um guerreiro deve almejar a perfeição, ciente de que é inalcançável.

Desio descolou sua túnica da pele pegajosa e se sacudiu.

— Eu não sou paciente, admito, e não fui contemplado com coordenação suficiente para ir ao campo de batalha, ao contrário de você.

Tasaio indicou a seu servo que fosse recolher as flechas, apesar de ainda não ter esgotado a fileira que tinha aos pés. Em seguida, colocou o arco no ombro e olhou para seu corpulento primo.

— Você poderia aprender, Desio. — Sua voz não revelava sarcasmo.

O Senhor dos Minwanabi retribuiu com um sorriso.

— Você terminou seu plano para destruir Mara?

Tasaio permaneceu em silêncio por um momento. Depois, jogou a cabeça para trás e soltou um grito de guerra Minwanabi. Quando finalizou a ululação, fitou o primo com um brilho de excitação no olhar.

— Sim, Senhor, tenho um plano. Mas primeiro devemos falar com Incomo e verificar se os mensageiros que ele enviou já voltaram com notícias da emboscada.

— Eu vou chamá-lo — grunhiu Desio ao se levantar. — Junte-se a nós em meus aposentos em uma hora.

Tasaio percebeu que seu Senhor lhe mostrara consideração ao aceitar seu pedido de reunião. Então estreitou os olhos. Virou-se, preparou o arco e colocou outra flecha de combate na corda. O servo que recolhia as flechas percebeu o movimento e lançou-se ao chão uma fração de segundo antes de o disparo silvar no local em que até então estava seu corpo. Permaneceu deitado de bruços enquanto flechas passavam assobiando para se crivarem no boneco ao lado dele. Pedacos de palha caíram sobre ele provocando coceira em seu rosto, mas não se mexeu para afastá-los enquanto não teve certeza de que as flechas haviam se esgotado.

— Você está brincando com esse homem como um sarcat brinca com a presa antes do golpe final — observou Desio, que ficara ali para ver a cena.

Tasaio ergueu friamente uma sobancelha.

— Eu os treino para prezarem por suas vidas — acrescentou. — No campo de batalha, devem se defender sozinhos de nossos inimigos. Se um criado não consegue se manter vivo e estar onde preciso dele, não serve para nada, certo?

Desio deu-lhe razão com um riso abafado.

— Acho que estou pronto — disse Tasaio. — Não é preciso esperar uma hora, meu Senhor. Vou com você agora mesmo.

Desio deu uma palmada no ombro do primo e juntos começaram a descer a colina.

O Conselheiro-Mor dos Minwanabi se encontrou com eles no escritório particular, com seu cabelo grisalho úmido devido ao banho e as costas eretas como a lâmina de uma espada. Ele gostava de se levantar cedo para inspecionar as propriedades com o hadonra. Durante a tarde cuidava da papelada; anos e anos observando o sol nascer lhe deram a aparência, calejada pelas intempéries, de um velho general de campanha. Observou os primos com a perspicácia de um comandante quando fez sua reverência a eles.

O Senhor Desio suava, apesar de já ter ingerido três canecas de raras bebidas geladas. Os criados ficavam completamente exaustos para lhe proporcionarem tal luxo; com o avançar do verão e o retrocesso da neve até os picos mais ao norte, o apetite do jovem Senhor por pratos frios não conseguia ser satisfeito. Assim, bebia para suavizar o calor, porém, ao contrário de Jingu, não diminuía o consumo após o pôr do sol. Com um suspiro interior de frustração, Incomo observou Tasaio, que ainda vestia sua armadura e a luva de arqueiro, embora não demonstrasse cansaço após horas e horas de treino nas colinas. Sua única concessão ao conforto era a gargantilha levemente afrouxada; Tasaio parecia estar sempre pronto para entrar em ação caso fosse chamado para a guerra.

— Tasaio terminou seu plano para derrubar os Acoma — começou Desio a dizer assim que o Conselheiro-Mor assumiu seu lugar nas almofadas abaixo do dossel cerimonial.

— Isso é muito bom, meu Senhor — respondeu Incomo. — Recebemos agora mesmo notícias de nossa emboscada às carroças de thyza dos Acoma.

— Como foi? — Desio, ansioso, balançou-se para a frente.

— Mal, meu Senhor. — A expressão de Incomo se manteve imperturbável. — Fomos derrotados, como esperado, mas o preço foi mais caro do que imaginamos.

— Quanto mais caro? — A voz de Tasaio pareceu fria e distante.

Incomo voltou seu olhar sombrio para ele antes de falar devagar:

— Todos os homens que enviamos foram mortos. Cinquenta salteadores, no total.

Desio voltou a se encostar.

— Cinquenta! Maldita seja aquela mulher. Todos os passos dela são destinados à vitória?

Tasaio bateu com um dedo no queixo.

— No momento, pode parecer que sim, primo. Mas a vitória pertence a quem vence a última batalha. No final, acharemos o ponto fraco de Mara. — Virou-se então para Incomo. — Como nosso inimigo obteve um sucesso tão grande? — questionou.

— Simples — respondeu o Conselheiro-Mor. — Tinham o triplo dos guardas que esperávamos nas carroças.

Tasaio ponderou aqueles dados, com os dedos imóveis nos joelhos.

— Esperávamos que soubessem que íamos atacar. O fato de terem respondido com tanta força revela duas coisas: primeiro, não queriam que capturássemos aquelas carroças de modo algum, e segundo... — Seu olhar parecia distante, como se especulasse. — Aquela maldita colmeia cho-ja deve estar criando guerreiros como se fossem moscas-jade!

Desio pareceu perdido.

— O que isso tem a ver com os espiões dos Acoma?

Incomo ajeitou seus trajes como um pássaro agita suas penas. Sem nenhuma ponta de impaciência, comentou:

— Nosso ataque foi planejado para detectar de onde as informações estavam escapando. O competente Mestre dos Espiões de Mara pura e simplesmente confirmou a culpa de um de nossos suspeitos, ou até dos três. Essa oportunidade é vital, meu Senhor. Se o ataque tivesse se voltado para uma carga mais valiosa que os cereais, com certeza teríamos atraído as atenções para nosso objetivo.

Tasaio quebrou seu silêncio:

— Algo mais pode estar em jogo; uma guarnição com tão poucos homens como a de Mara não deveria reagir com tanta força diante de uma ameaça tão pequena. Essa reação exagerada é significativa. — Tasaio fez uma pausa, enrugando a testa. — Suponhamos que a nossa ação, de certa forma, destruiu algum plano que os Acoma tinham em andamento. Suponhamos que esbarramos na jogada seguinte deles contra nossos interesses. Eles estavam desesperados para que não nos apoderássemos daquelas carroças, dispostos a pagar um preço bem superior ao dos cereais ou da perda mínima de honra em abandonar uma pequena caravana.

— Ora, aqui há algo a ser levado em conta — interrompeu Incomo. — Nosso agente em Sulan-Qu informou que, desde nosso ataque, os Acoma duplicaram o número de guardas em todas as caravanas de mercadorias. Há rumores de que estejam escondendo artigos em cada barril de grãos. Com a agitação gerada por nossas atividades camufladas, concluímos que há mesmo um tesouro, um tesouro que nosso inimigo está determinado a manter secreto de todo jeito. — O entusiasmo de Incomo se dissolveu em um suspiro de frustração. — Como eu gostaria de ter um informante infiltrado entre os criados de Mara! Algo muito importante está acontecendo, algo que quase descobrimos acidentalmente no ataque próximo a Sulan-Qu. Senão, por que algo tão insignificante teria provocado medidas tão drásticas?

Desio esticou o braço para pegar seu copo com gelo e fez os cubos girarem.

— Ela também enviou mensageiros para Dustari. Sem dúvida para convidar Chipino dos Xacatecas para uma conversa em suas terras, já que ele passará por perto. Se ele aceitar, os Acoma muito provavelmente conquistarão um novo aliado.

Apenas Tasaio se manteve impassível diante de tais perspectivas.

— Isso pode esperar, primo — disse, calmamente —, tenho um plano de grande alcance para Mara que pode levar dois anos para dar frutos.

— Dois anos! — Desio bateu com a caneca na mesa lateral. — Se aquela colmeia cho-ja

estiver gerando guerreiros, a cada primavera as propriedades dos Acoma ficarão mais poderosas.

Tasaio não deu importância a isso:

— Deixe que Mara se fortaleça em casa, pois não lidaremos com ela em seu próprio território. Já passou a época em que podíamos sonhar em subjugar sua propriedade pela força. — Sua voz revelou cautela: — Venceríamos, naturalmente, mas ficaríamos tão fracos que não sobreviveríamos a nenhuma investida de nossos outros inimigos. Se eu fosse Chipino dos Xacatecas ou Andero dos Keda, receberia de bom grado a notícia de um confronto declarado entre os Acoma e os Minwanabi.

Desio ficava mal-humorado quando alguém tentava lhe dizer o que fazer. Incomo observou seu Senhor chupar o último cubo de gelo por entre os dentes. Por fim, o Senhor dos Minwanabi disse:

— Posso me arrepender de minha imprudência em prometer pagar com o sangue Minwanabi se não derrubarmos os Acoma. Esperava incentivar nossa gente a acabar logo com esse assunto. Mas o Deus Vermelho não nos deu prazos — olhou para o céu e fez um gesto de boa sorte, para o caso de estar enganado —, e por isso talvez seja melhor procedermos com cautela. Não podemos desperdiçar cinquenta guerreiros experientes em cada caravana de cereais de Mara. — Desio meneou a cabeça antes de concluir: — Primo, vamos ouvir seu plano.

Tasaio respondeu indiretamente:

— Os contrabandistas ainda operam entre o Império e as terras desérticas de Tsubar? — perguntou ao Conselheiro-Mor.

Incomo encolheu os ombros.

— Com quase toda a certeza. Os nômades ainda cobiçam riquezas, especialmente jade e seda. E precisam importar espadas de outros lugares, pois no deserto não há árvores que produzam resina.

Tasaio assentiu quase imperceptivelmente.

— Então, sugiro que enviemos alguém às ruínas de Banganok para oferecer armas, jade e outros subornos aos nômades para intensificarem seus ataques às fronteiras.

— As forças dos Xacatecas ficarão apreensivas. — Desio percebeu aonde o primo queria chegar. — O que vai atrasar sua volta ao continente, assim como qualquer possibilidade de uma aliança com Mara.

— Essa é a menor das vantagens, meu Senhor. — Tasaio enfiou os dedos na luva de arqueiro. Flexionou as mãos como se as aquecesse para pegar a espada e traçou os contornos de uma conspiração audaciosa.

Os Minwanabi iriam cultivar relações com os salteadores do deserto, começando com os subornos para manter as forças dos Xacatecas presas em manobras defensivas. Durante um período de dois anos, os subornos seriam intensificados, forjando uma espécie de aliança. Os

soldados Minwanabi iriam se juntar aos salteadores, disfarçados de membros de tribos aliadas. No momento mais propício, seria orquestrado um grande ataque nas fronteiras do Império. Em uma reunião de emergência, o Conselho Supremo ordenaria à Senhora dos Acoma que ajudasse o Senhor dos Xacatecas.

Ao escutar isto, Incomo ficou radiante.

— Mara então deverá liderar pessoalmente suas tropas de auxílio, caso contrário acabará com as chances de uma aliança. E, se enviar para o confronto menos homens do que pode, revelará que não está sendo sincera em suas promessas.

— E assim seria arrastada para bem longe de suas terras, junto com a maioria de seus cho-ja — interrompeu Desio. — Então poderíamos organizar vários ataques.

Tasaio o silenciou com uma sobrancelha levemente erguida.

— Melhor do que isso, primo, muito melhor. — E prosseguiu, assinalando pontos com os dedos como um estrategista. Mara não tinha treino militar e seu único oficial com experiência de comando era Keyoke. Se, de repente, fosse chamada às armas em Dustari, ficaria com uma crise para resolver. Teria de despojar suas terras mais longínquas de sua proteção ou contratar mercenários para fortalecer as guarnições de menor importância estratégica e depois deixar o centro de suas propriedades aos cuidados de um oficial recentemente promovido. Ou teria de designar Keyoke para proteger o natami da família e se expor sozinha ao risco. Tasaio desenvolveu a ideia: — Isolada em Dustari e longe da ajuda de seu clã ou dos aliados, não haverá milagre que a salve. Ficará sozinha num terreno escolhido por nós e obrigada a se apoiar na orientação de um oficial inexperiente. — Tasaio fez uma pausa, lambeu os lábios e sorriu. — Na melhor das hipóteses, a falta de preparo de Mara nos poupará o trabalho. Ela pode ser morta ou capturada por salteadores do deserto, ou, pelo menos, cometer um deslize e provocar a ira dos Xacatecas, enquanto perde o grosso de seu exército.

— Interessante — comentou Incomo. — Mas parece ter deixado de lado um detalhe evidente. Qualquer que seja a missão atribuída a Keyoke, será com quase toda a certeza executada sem problemas.

Tasaio bateu com a luva vazia na palma da mão e seu sorriso se intensificou.

— É por isso que Keyoke precisa ser afastado. Tudo deve ser cuidadosamente preparado para enviá-lo para os braços de Turakamu. Digamos que a Senhora receba a convocação do Conselho Supremo no dia da morte do Comandante das Forças Armadas. — Tasaio entrelaçou as mãos, como era típico nos guerreiros tsurani. — Com Keyoke morto, Mara deixará o bem-estar dos Acoma nas mãos de servos menos importantes, como o Líder de Ataques chamado Lujan, aquele seu inseto voador que faz as vezes de hadonra ou a velha aia que se intitula Conselheira-Mor, muito provavelmente. E talvez, entre eles, haja um que possamos corromper.

— Brilhante! — entusiasmou-se Desio.

Tasaio resumiu:

— Pelo que vejo, sem oficiais experientes, Mara nunca poderia sair vitoriosa de uma

incursão a Dustari. Seja qual for o Líder de Ataques que promova para orientar a tentativa de socorrer os Xacatecas, ele logo aprenderá a diferença entre comandar uma força de ataque e planejar uma batalha.

— Brilhante! — disse Desio bem alto e com grande entusiasmo.

Incomo refletiu sobre os detalhes práticos.

— O Senhor Desio precisará pedir favores a uma grande quantidade de aliados no Conselho, e até ficar em dívida com alguns, para conseguir que Mara seja enviada a Dustari. Levar os Xacatecas até lá já foi muito oneroso e mantê-los na fronteira por mais dois anos será difícil. Os nobres que nos apoiam vão exigir ainda mais concessões para serem comprados pela segunda vez, particularmente depois da morte de Jingu. Não somos tão fortes e influentes como fomos no passado, lamento recordar, e a dívida decorrente disso será enorme.

— Qual será o preço da morte de Mara dos Acoma? — questionou Tasaio tranquilamente.

— Desio fez um juramento de sangue ao Deus Vermelho. A alternativa seria matarmos todas as mulheres e crianças que vestem o preto e laranja dos Minwanabi e depois marchar para o Templo de Turakamu e nos lançarmos sobre nossas espadas.

Incomo assentiu e voltou seu olhar perspicaz para seu Senhor. Entusiasmado como estava com a ideia de ver Mara em apuros, Desio, ainda assim, reconheceu a gravidade da decisão. Não havia comprometido a si mesmo ou aos recursos de sua casa levianamente e meditou de olhos fechados.

— Acho que o conselho de meu primo é bom — acabou por dizer —, mas podemos confiar nos homens do deserto?

Tasaio olhou pela janela, como se algo ao longe moldasse sua resposta.

— É irrelevante, já que entre esses “aliados” estará um comandante de campo pronto para dar os passos necessários a assegurar o fracasso de Mara. Eu mesmo organizarei a batalha.

Aquela sugestão deixou Desio profundamente satisfeito.

— Magnífico, primo. Sua reputação não faz jus ao seu real valor. Você é ainda mais esperto do que dizem. — Balançou a cabeça entusiasmadamente. — Que comecem os preparativos do plano. Vamos privilegiar a perfeição em detrimento da pressa.

Tasaio assentiu:

— Tenho muitas coisas para tratar, meu Senhor. Nosso plano deve ser executado com cuidado ou nos arriscaremos a colher a inimizade de duas grandes casas que estão cada vez mais poderosas. O exército que reuniremos em dois anos deve ser transportado secretamente por barco, em pequenos grupos, para Ilama e depois para oeste ao longo da trilha costeira que leva a Banganok. Ninguém deve suspeitar do movimento de tropas. E, quando os Xacatecas estiverem sob grande pressão, devemos estar a postos para matar Keyoke assim que ele estiver vulnerável. — Piscou, parecendo se concentrar outra vez em Desio. — Sim, tenho muito para tratar. Peço permissão a meu Senhor para me retirar.

Desio acenou indicando-lhe que podia partir. Embora as questões de protocolo não fossem no momento uma preocupação, Tasaio ergueu-se e fez uma reverência imaculada. Incomo observou e pensou mais uma vez se por trás de tão perfeita postura residiria uma ambição desmedida. Assim que o primo abandonou o escritório, inclinou-se na direção de seu senhor e murmurou uma pergunta em voz baixa. Desio, surpreso, pareceu se irritar.

— Tasaio? Trair seu Senhor? — exclamou, alto demais. — Nunca. — Sua convicção surgia acompanhada de uma fé cega. — Por toda a minha vida Tasaio foi um exemplo para todos nós. Até eu ascender à posição de senhor, ele teria alegremente cortado minha garganta para colocar a mão no manto dos Minwanabi, mas, assim que assumi o lugar de meu pai, Tasaio passou a obedecer minhas ordens. Ele tem honra na alma e é dotado de uma inteligência diabólica. De todos os homens que tenho a meu serviço, será ele que me trará o natami dos Acoma.

Satisfeito com seu próprio julgamento sobre o assunto, Desio deu por encerrada aquela reunião secreta. Bateu palmas para chamar os criados e pediu belas garotas para lhe darem banho nas águas frias do lago.

Incomo fez uma reverência, satisfeito por Tasaio precisar de sua ajuda para começar a orquestrar o enorme plano destinado a destruir Mara, enquanto Desio gerava filhos bastardos. Se o Conselheiro-Mor dos Minwanabi sentiu algum incômodo pelo fato de Tasaio usurpar seu papel, ocultou isso até de si mesmo; ele era fiel a seu Senhor. Enquanto Tasaio servisse aos interesses dos Minwanabi, Incomo não sentiria inveja. Além disso, pensou com ironia, os Senhores das grandes casas morriam jovens; até Desio se casar e gerar um herdeiro, Tasaio continuava a ser o próximo na linha de sucessão. Se Desio perecesse, não seria bom que alguém que herdasse inesperadamente o título estivesse insatisfeito com o Conselheiro-Mor da casa.

Incomo fez um sinal a um criado para que atendesse a seus desejos.

— Diga a Tasaio que estou à disposição para o que ele precisar e que terei todo o prazer em pôr meus modestos recursos a serviço de sua grande obra.

Assim que o criado saiu apressado, Incomo pensou em mandar preparar um banho refrescante e chamar uma bela mulher para lavar seu corpo suado e cansado. Afastando da mente essa imagem saudosa, levantou-se das almofadas. Havia muito trabalho a fazer. Além disso, se interpretara bem, o jovem Tasaio seria convocado em menos de uma hora.

Mara passou por entre fileiras de flores kekali que balançavam ao sabor do vento, levando uma cesta no braço.

— Aquela — indicou, apontando para uma flor.

O criado que a seguia cortou com cuidado o caule com uma faca afiada. Outro segurava

uma lamparina para que o primeiro conseguisse ver bem na penumbra do início da noite. O criado ergueu a flor azul, inspecionou-a rapidamente para ver se as pétalas estavam em condições e depois fez uma reverência antes de entregá-la à Senhora. Ela a levou ao nariz para apreciar a fragrância antes de colocá-la com as outras na cesta.

Jican, o hadonra, seguiu-a quando contornou uma curva no caminho.

— Senhora, a ravina entre os campos de needra mais ao sul foi inundada.

Mara apontou para outra flor que desejava que cortassem e um sorriso se formou em seus lábios.

— Ótimo. A ponte sobre nosso novo rio ficará pronta a tempo, certo?

Jican soltou um riso abafado.

— Neste exato momento, as tábuas da armação estão sendo colocadas lá. Jidu dos Tuscalora está suando por todos os poros ao escrever todos os dias implorando pela permissão de transportar as colheitas de chocha-la por barco através do novo rio. No entanto, como ressaltei educadamente em seu nome, minha Senhora, o direito de passagem que lhe concedeu ao comprar as terras dele previa apenas carroças.

— Muito bem. — Mara pegou a flor que lhe foi entregue pelo criado e descuidadamente espetou o dedo. Encarou a dor com o ar impassível típico dos tsurani, mas o sangue não poderia ser ignorado.

Em Kelewan havia uma superstição de que sangue jorrado ao acaso poderia estimular o apetite do Deus Vermelho, fazendo a divindade ansiar por mais mortes. Jican apressou-se a oferecer seu lenço e Mara envolveu o dedo latejante antes que alguma gota caísse no solo.

Seu plano para empobrecer o Senhor Jidu dos Tuscalora e obrigá-lo a se tornar seu vassalo fora atrasado por uma estação devido às atenções recebidas por sua casa após a morte de Jingu dos Minwanabi. Agora que tudo voltara ao normal, achou que a planejada vitória sobre o vizinho do sul perdera um pouco do sabor. A visita de Hokanu lhe proporcionara um bem acolhido intervalo, mas sua estadia fora breve, devido à necessidade de voltar para casa.

Nacoya atribuíra sua insatisfação à falta de companhia masculina. Mara sorriu ao pensar no assunto e passou a cesta de flores de um braço para outro. A Conselheira-Mor insistira que a vida de nenhuma jovem estaria completa sem a distração ocasional proporcionada por um homem saudável. Mas Mara encarava o romance com ceticismo. Por mais que lhe agradasse a companhia de Hokanu, o pensamento de levar outro marido para a cama lhe deixara as mãos suadas de apreensão. Para ela, casamento e sexo eram apenas a moeda de troca de uma mulher no Jogo do Conselho. Amor e prazer não tinham lugar em tais decisões.

— Onde está Kevin? — questionou Jican de repente, assustando sua Senhora.

Mara sentou-se num banco de pedra e fez um sinal a seu hadonra para que se juntasse a ela.

— Está tirando medidas para roupas novas.

Os olhos de Jican se iluminaram. Adorava fofocas, mas raramente tinha a ousadia de

incomodar Mara com assuntos que não estivessem relacionados com as finanças da propriedade. Mas ela disse o que ele queria saber:

— Kevin saiu ontem com os caçadores e, quando se queixou de que estava todo machucado nas pernas e costas por causa dos espinhos, permiti que fosse tirar medidas para roupas midkemianas. Ele foi mostrar aos curtidores de pele e alfaiates o que devem fazer, pois pouco sabem da estranha moda da nação dele. Eu disse que as cores deveriam ser apenas o cinza e o branco dos escravos, mas talvez ele se comporte com mais dignidade assim que tiver os joelhos cobertos com... como é que ele chamou? Ah, sim, meias.

— É mais provável que reclame do calor — comentou o pequeno hadonra. Depois, quando Mara dispensou os outros criados, acrescentou: — Trago novidades das amostras de seda, Senhora. — Captou instantaneamente a atenção de Mara. — Foram colocadas em segurança em sua barca ontem. Os agentes em Jamar vão recebê-las antes do final da semana, a tempo de serem inspecionadas antes dos leilões.

Mara suspirou de alívio. Preocupara-se imensamente com a possibilidade de os Minwanabi descobrirem que seguiria mais cedo do que o normal para os mercados de seda e alertarem seus aliados produtores de seda no Norte. A maior parte da receita dos Acoma vinha da criação de needra e da fabricação de armas, mas agora ela precisava fortalecer o exército e equipar os cada vez mais numerosos guerreiros cho-ja gerados pela nova rainha. Peles e armaduras seriam necessárias em casa, originando cortes nos produtos a serem vendidos. O comércio de seda que Mara esperava criar deveria equilibrar as contas. Se perdessem a oportunidade, os mercadores de seda do Norte baixariam seus preços e ofereceriam os produtos mais cedo para estragar seu novo negócio. Anos e anos de negócio estabelecido lhes proporcionaram influência sobre as guildas de tintureiros e tecelões. Fora necessário pagar altos subornos para garantir o silêncio e a boa vontade das guildas enquanto os artesãos Acoma aprendiam as novas técnicas especializadas. Mas, se as sedas dos Acoma chegassem ao mercado no momento certo, isso não só implicaria lucro para Mara como prejudicaria a receita dos aliados dos Minwanabi.

— Você trabalhou muito bem, Jican.

O hadonra enrubesceu.

— Não seria possível obter sucesso sem os planos de Arakasi.

Mara observou os jardins na escuridão cada vez mais intensa do crepúsculo.

— Não falemos de sucesso enquanto os leilões não forem dominados pela procura dos artigos dos Acoma!

Jican respondeu com uma profunda reverência.

— Esperemos que esse dia chegue sem problemas. — Fez um gesto para obter os favores do Bom Deus e retirou-se em silêncio.

Mara permaneceu ali sozinha, com exceção de alguns escravos. Colocou a cesta no chão e observou os jardins que circundavam a ala leste da casa grande. Aquele era o local preferido

de sua mãe, ou pelo menos fora isso que o Senhor Sezu contara à filha cujo parto provocara a morte prematura da esposa. Daquele lugar, a Senhora Oskiro observara seu Senhor escolher cães de caça quando os mais jovens eram levados à sua presença para inspeção. Mas, agora, os canis estavam vazios, por ordem de Mara; os latidos dos cães de caça despertavam recordações dolorosas do passado da Governante. E seu marido se interessara mais em treinar para a guerra e em lutar com os soldados do que na caça esportiva com matilhas de cães. Ou, talvez, não tenha vivido o suficiente para apreciar esse tipo de esporte.

Mara suspirou e afastou seus arrependimentos. Dispensou os criados e fitou os campos ao longe enquanto as shatra voavam ao pôr do sol. Normalmente, o voo das aves lhe trazia paz e conforto, mas naquele dia se sentia melancólica. O fato de aparentemente não estar previsto nenhum ataque contra os Acoma não serviu para reduzir a ameaça. As jogadas mais brilhantes no Jogo do Conselho eram aquelas que surgiam sem aviso. A passagem tranquila dos dias só servia para arrepiar sua pele, como se houvesse assassinos armando uma emboscada às suas costas. O fato de Tasaio passar a ser conselheiro de Desio era uma garantia de problemas sutis e retorcidos. Arakasi também estava preocupado. Mara percebia isso por seu silêncio quando lhe transmitia informações. Ele sobrevivera ao assassinato de um Senhor e passara a viver para servir a outro; qualquer coisa que o incomodasse não era irrelevante.

Mara retirou uma flor kekali do cesto que tinha aos pés. As pétalas eram macias e frágeis, sensíveis ao mais leve frio e ao calor, que as fazia murchar. Os arbustos eram belos e armados com espinhos para defesa, mas as flores tinham uma vida curta e vulnerável. Naquela noite, cercada pela beleza efêmera das kekali, Mara sentiu saudades dos latidos dos cães de caça, que ouvia ao jantar. Mais do que isso, sentiu saudades da presença forte do pai quando este se sentava no jardim para apreciar o ar fresco da noite que se aproximava, bebendo uma cerveja amarga, enquanto o filho e a filha tagarelavam sobre coisas de crianças. A luz dourada se esvaeceu no lado oeste do céu e os bandos de shatra pousaram após a dança nos ares. Um escravo de pés descalços acendeu as últimas lamparinas ao longo do caminho; assim que terminou sua tarefa, apressou-se a ir comer sua refeição de papa de thyza. Nas cozinhas e na sala de jantar comum, os trabalhadores da propriedade se juntavam para o jantar. Mara, ainda assim, deixou-se ficar.

A noite foi ficando cada vez mais escura. Apareceram as estrelas; as colinas a oeste se tornaram uma silhueta recortada em contraste com os últimos resquícios da beleza do crepúsculo. O silêncio típico do momento se impôs, com a cantoria diurna dos pássaros agora silenciada, enquanto os milhares de insetos cantores da noite ainda não tinham despertado para entoar zumbidos. Como aquele jardim era o mais afastado dos quartéis dos soldados e dos aposentos da criadagem, o silêncio era absoluto. Mara desfrutou de um raro momento de paz.

Percebeu que pensava em Hokanu. Sua visita meses antes se revelara tristemente breve — um jantar prolongado e depois, ao raiar do dia, após o desjejum e o que pareceu uma curta

conversa, ele se despediu e partiu. Determinados desenvolvimentos no Jogo obrigaram seu retorno às terras dos Shinzawai mais cedo do que Mara gostaria. Tendo a impressão de que Hokanu teria preferido contornar a casa e subir imediatamente o rio até as propriedades do pai, Mara sentiu-se lisonjeada por ele, de certa forma, ter cumprido seu dever de passar algum tempo lhe fazendo uma visita.

No entanto, ela não abordara o assunto, ocultando seus sentimentos por trás de um comportamento recomendado pela tradição. A perspicácia dele poderia fazê-la sorrir, e a inteligência, inspirar a própria perspicácia dela; contudo, deixou de lado a ideia de qualquer coisa que pudesse vir do interesse daquele belo nobre.

Por mais que achasse Hokanu atraente, voltar à cama de qualquer homem era algo que a fazia tremer. Ainda tinha pesadelos com os acessos de fúria do falecido marido e com as manchas roxas que ficavam em sua pele após suas investidas amorosas. Não, decidiu, não tinha a intenção de ter mais nenhum homem em sua companhia.

E, no entanto, quando a pequena caravana de Hokanu desapareceu de vista, Mara ficou espantada com a rapidez com que o tempo se esvaíra. A companhia do jovem lhe agradara. Nunca se sentira à vontade em sua presença, mas sentiu sua falta mesmo assim.

Sentiu então que passos se aproximavam. Mara voltou-se a tempo de ver um vulto alto invadir a passos largos seu santuário.

— Aí está você. — Ouviu uma voz. Mesmo sem o sotaque carregado, o modo desrespeitoso como se dirigiu a ela e o tom rude identificaram o midkemiano. E, por mais que Mara se espantasse com aquele modo direto, também se sentia atraída por ele. — Estou procurando você desde o pôr do sol — acrescentou Kevin, passando por cima de uma trilha sinuosa entre os arbustos de kekali para se aproximar do banco onde ela se sentava. — Perguntei a Nacoya e a bruxa velha se limitou a resmungar e a encolher os ombros. Os criados pareceram ficar nervosos quando falei com eles e por fim tive de localizar Lujan na troca da guarda.

— Ele deve ter percebido que o seguia — disse Mara, relutante em acreditar que seu melhor soldado pudesse ser tão negligente em seus deveres.

— Claro. — Kevin contornou uma última ilha com um canteiro de flores e parou na frente dela. — Estávamos discutindo detalhes de esgrima. Os métodos de vocês são diferentes dos nossos. Os nossos são melhores, naturalmente — acrescentou.

Irritada por morder sempre a isca que ele lançava, Mara levantou a cabeça e se viu diante de um sorriso de Kevin, já antecipando sua resposta. Percebeu que ele estava brincando com ela. Recusou-se a aceitar a provocação e observou com atenção os novos trajes dele.

A luz da lamparina caía sobre Kevin de perfil, conferindo uma tonalidade acobreada a seu cabelo ondulado e realçando as mangas compridas e flutuantes da camisa branca que acabara de sair das mãos da costureira. Por cima, vestia um colete bem apertado à cintura e calças que se colavam às pernas musculosas. O cinza neutro caía bem nele, pois contrastava com o

cabelo e com a barba e o tom bronzeado da pele, e, de algum modo, tornava ainda mais intenso o azul de seus olhos. Mara olhou para baixo, para ver o belo efeito ser estragado pelas sandálias gastas que haviam dado a ele no dia em que chegara. Consciente de que a Senhora fitava seus pés, Kevin riu.

— As botas ainda não estão prontas.

Ele tinha um aspecto bastante exótico e, de um modo bárbaro, atraente. Fascinada com aquela visão, Mara se esqueceu de repreender sua falta de modos. No entanto, dessa vez, Kevin não esquecera as cortesias. Fez sua reverência ao estilo midkemiano, dobrando-se pela cintura.

— É assim que demonstra respeito pelas senhoras de seu reino? — questionou Mara com alguma acidez, principalmente por ser incapaz de desviar o olhar de seus ombros largos, estranhamente cobertos.

— Não exatamente. — Kevin reagiu com um sorriso malicioso. — Posso?

Mara inclinou a cabeça e ele estendeu o braço e pegou sua mão.

— É assim que cumprimentamos nossas senhoras.

Confiante, levou os dedos dela aos lábios. A carícia se revelou extremamente suave, uma espécie de roçar de pele contra pele. Mara estremeceu um pouco e se endireitou para afastar aquela sensação.

Mas Kevin ainda não terminara suas ousadias. A sensação de estar adequadamente vestido e a noite agradável o deixaram mais atrevido. Apertou mais a mão, não a ponto de impedir sua Senhora de retirar a sua, mas o suficiente para ela ter de resistir ou ceder.

— Às vezes, levamos as senhoras para dançar — disse, convidando-a a se levantar, pousando as mãos de leve em sua cintura e fazendo-a girar em um círculo à luz da lamparina.

Mara riu, surpresa, sem se sentir nem um pouco ameaçada. Satisfeita por se distrair daquele pântano de memórias sombrias, a Senhora dos Acoma se deixou levar por aquele raro momento de diversão. Entre as gargalhadas entusiasmadas de Kevin e o perfume intenso das flores, descobriu que o toque de sua mão era agradável. A força dele não a intimidava; ao contrário, a reconfortava. Pequena como uma boneca em seus braços, tentou acompanhá-lo; todavia, não conhecia os passos daquela dança louca. Seus pés cruzaram o caminho dos de Kevin e ele tropeçou. Sentiu seus músculos ficarem tensos, em resposta. Ele tinha reflexos ágeis como os de um felino. Mas o pé que colocou para trás a fim de se reequilibrar esbarrou desastrosamente na cesta que Mara colocara no chão.

A cesta virou, lançando uma chuva de kekali sobre as pedrinhas. Kevin caiu para o lado e arrastou Mara junto. O mergulho foi tão abrupto que Mara nem teve tempo de gritar. Segura nos braços de Kevin, percebeu que ele virara o ombro para amortecer sua queda. Aterrisou esparramada em cima do peito dele, quase sem fôlego, ainda envolvida por seus braços. Ele moveu as mãos, que deslizaram por suas costas até se deterem na cintura.

— Você está bem? — perguntou, com uma voz estranhamente profunda.

Dominada por um surto de emoções, Mara não respondeu na mesma hora. Kevin se mexeu debaixo dela. Soltoou uma mão e pegou um botão de kekali caído no chão. Cravou o caule nos dentes e, com os dedos, arrancou os espinhos. A luz da lamparina suavizou os traços de seu rosto enquanto terminava a tarefa e cuidadosamente colocava a flor em uma mecha de cabelo de Mara.

— Em minha terra, temos outro nome para flores muito parecidas com estas.

Mara fechou os olhos para acalmar aquela estranha sensação que parecia tontura, embora não fosse. Os dedos dele acariciaram seu pescoço depois de terem colocado a flor em seus cabelos; então ele tirou a mão, deixando-a com vontade de mais carícias.

— Qual é o nome que dão a elas? — perguntou, com voz embargada.

— Rosas. — Kevin percebeu o leve estremecer que percorreu o corpo de Mara. A mão em suas costas se moveu, puxando-a mais para perto. — Mas não temos nenhuma rosa deste maravilhoso tom de azul — revelou, com delicadeza.

Seu toque era tímido e gentil, de um modo que não a intimidava. Consciente, devido à própria perturbação, que ele a reconfortava, Mara não se afastou de imediato. Por um momento, ele não se mexeu, como se aguardasse alguma espécie de reação. Mas Mara nada fez. Sentiu seu corpo estranhamente lânguido. Ao constatar que ela não se mexia, Kevin segurou-a com mais firmeza. Moveu-se de novo, até que o quadril de Mara se aninhou em seu corpo. Então os cabelos dela se soltaram, espalhando-se sobre os laços abertos da camisa dele. A mão nas costas de Mara deslizou para baixo e sob o braço, percorrendo também o decote da túnica. O toque gerou um fogo nela, um calor que pareceu derretê-la por dentro.

— Minha Senhora? — disse com delicadeza. A outra mão afastou o cabelo do rosto. Ela percebeu que seus olhos estavam extremamente arregalados, as pupilas escuras à luz da lanterna tomando todo o espaço das íris reduzidas a uma faixa estreita e prateada. — É isso o que deseja? Em meu mundo, um homem oferece rosas a uma senhora quando a ama.

— Pouco me interessa o amor — respondeu Mara, com uma voz que soou estranhamente rouca aos próprios ouvidos. Seu corpo estava agora tenso encostado ao dele. — Meu marido me ensinou mais do que eu gostaria de ter aprendido.

Kevin suspirou, mudou de posição e a ergueu. Espantada com tal força, ela sentiu uma vertiginosa familiaridade, lembranças dos tempos em que era uma menininha levantada pelas mãos poderosas de seu pai guerreiro. Contudo, Mara não se sentiu ameaçada, pois, apesar da força daquelas mãos, o toque era carinhoso. Mara sentiu uma corrente de ar frio quando ela e Kevin se separaram, no momento em que ele gentilmente a sentou no banco. Sua túnica estava puxada para o lado. Ele não olhou para os seios expostos, mas procurou algo em seu olhar. Os olhos dela seguiram os de Kevin quando ele recuou cuidadosamente, à espera de ordens.

Mara se acomodou no assento de pedra e recuperou um pouco de sua compostura. No entanto, o controle que aprendera a considerar como parte integrante de seu ser só veio com muita dificuldade. Por dentro, sentia um verdadeiro turbilhão; apesar da lembrança da

brutalidade de seu antigo marido, e apesar de seus medos, seu corpo ansiava por ser de novo tocado por aquela força tão terna. Kevin não tentara avançar mais e isso fez com que o corpo dela gritasse por mais. Debatendo-se para impor a lógica ao caos, Mara se manteve em silêncio, fazendo com que Kevin se sentisse obrigado a tentar suavizar o incômodo do momento.

— Minha Senhora — disse ele e depois fez mais uma reverência à sua maneira. Por algum motivo, aquele movimento provocou um arrepio em Mara. Ele lhe virou as costas, dobrou-se e metodicamente começou a recolher as flores espalhadas pelo caminho. — Um homem também pode oferecer uma rosa a uma mulher se a admira e a respeita. Deixe a flor em seus cabelos, fica muito bem na Senhora.

Mara estendeu a mão e tocou a flor que ali estava, tranquila, entrelaçada no anel de cabelos por cima da orelha. Ficou absorta com o movimento dos músculos por debaixo da camisa branca e larga. A sensação que tinha no estômago transformou-se em dor. Arrepiou-se de novo quando Kevin se esticou para pegar a cesta caída. A luz das lamparinas incidiu sobre o cabelo e seus braços vigorosos quando colocou dentro da cesta as flores que apanhara. Algumas ficaram de fora, esmagadas por seu corpo na queda, e, quando se levantou para lhe devolver a cesta, fez uma careta e disse:

— Malditos espinhos.

Mara sentiu imediatamente remorso. Levada por um instinto que não lhe era familiar, estendeu a mão e tocou nas costas da mão dele.

— Machucou-se?

Kevin a fitou pelo canto dos olhos.

— Não, Senhora. Não poderia chamar de ferimento levar algumas espetadas nas costas para protegê-la.

— Deixe-me ver — exigiu Mara, pressionada por uma audácia que a desconcertou.

O bárbaro a observou, disfarçando muito bem sua surpresa. Então sua desconfiança deu lugar a um sorriso.

— Como queira, minha Senhora.

Desamarrou os laços, retirou a camisa com um movimento tremendamente suave e sentou-se no banco, ao lado dela, de pernas abertas. Tendo uma boa vista de suas costas, Mara hesitou. À luz, os arranhões eram bem visíveis, cravejados de espinhos de kekali. Trêmula e assustada, procurou o lenço que Jican lhe emprestara. Timidamente, tocou de leve em um dos cortes. Kevin não se mexeu. A pele dele era macia como seda, bem diferente do que ela esperara. O tecido do lenço tocou em um espinho. Mara o retirou com gentileza. Deslizou os dedos repetidamente para baixo e detectou mais espinhos, retirando-os até não restar mais nenhum. Suas mãos não queriam deixá-lo. Percorreu o contorno de seu tórax, sentiu os músculos tensos e depois se retraiu assim que se lembrou de Buntokapi.

Kevin passou o joelho por cima do banco e voltou-se para ela.

— Minha Senhora? Há algo errado?

A preocupação em sua voz destroçou subitamente seu coração. Debateu-se para conter as lágrimas, mas perdeu a batalha.

— Minha Senhora — sussurrou Kevin. — Por que está chorando? — Ele a puxou para si, acomodando-a em seu ombro para que parasse de tremer. Mara ficou tensa, esperando que a qualquer momento aquelas mãos ganhassem força bruta e rasgassem suas roupas, procurando suas partes mais íntimas. Mas nada aconteceu. Kevin limitou-se a aconchegá-la, imóvel, e com o tempo o medo dela se esvaiu. Mara percebeu que ele não seria rude, mas apenas carinhoso. — O que a atormenta? — insistiu ele.

Mara se agitou e depois cedeu ao calor e se encostou nele.

— Lembranças — respondeu tranquilamente.

As mãos de Kevin endureceram. Ele a pegou com firmeza, levantando-a e a colocando em seu colo. Mara controlou-se quando estava prestes a gritar. Sentiu-se corar de vergonha por quase ter desgraçado sua linhagem. Preparou-se para chamar Lujan, mas Kevin suavizou o aperto. Afagou seu cabelo de modo mais uma vez gentil e o alívio a fez começar a chorar outra vez.

— Suas lembranças devem ser dolorosas — murmurou Kevin em seu ouvido. — Nunca vi uma mulher tão bela e tão assustada com as atenções de um homem. É como se alguém a tivesse espancado, quando qualquer homem a teria beijado com carinho.

— Bunto — revelou ela, em voz tão baixa que mais pareceu um murmúrio. Sua frieza era surpreendente e incitada por um ressentimento que nunca antes revelara, a não ser em confidências a Nacoya. — Ele gostava de ver suas mulheres cheias de manchas roxas. Teani, sua concubina, adorava esses abusos. — Fez uma pausa. — Eu acho que nunca seria capaz... — acrescentou. — Talvez isso faça de mim uma covarde, mas não quero saber. Sinto-me apenas satisfeita por não ter um marido com quem dividir a cama.

Agora era Kevin quem permanecia em silêncio, espantado e ultrajado de tal forma que segurou o queixo dela até que Mara o olhasse.

— Na minha terra, um marido que agride a esposa não passa de um criminoso vulgar.

Mara esboçou um sorriso fraco.

— Nossas culturas são bem diferentes. Uma mulher aqui não tem poder sobre seu destino, a não ser que seja uma Governante. O homem pode dominar a esposa como faria com um escravo. Aos olhos dos outros homens, quanto mais submissa ela for, mais homem ele é.

Foi possível perceber a raiva de Kevin em seu tom de voz:

— Então seus senhores não passam de bárbaros. Os homens deveriam tratar as mulheres com respeito e gentileza.

Mara sentiu uma onda de excitação percorrer seu corpo. Nacoya dissera várias vezes que nem todos os homens se comportavam como Buntokapi; no entanto, o fato de os deuses terem concedido aos homens o direito de serem brutos fizera com que ela não conseguisse confiar

em nenhum deles, nem mesmo em Hokanu, cujos modos pareciam educados. Curiosamente, apesar de não ter se atrevido a se entregar a um pretendente de sua própria cultura, com Kevin sentia-se segura de uma maneira estranha.

— Então seu povo trata as esposas e as amantes como flores, acariciando-as sem machucá-las?

Kevin assentiu, acariciando seus ombros com os dedos, tão suavemente quanto as asas de um pequeno pássaro.

— Mostre para mim — sussurrou Mara.

O toque de Kevin provocou um formigamento e ela sentiu, através da calça, a pressão de sua masculinidade se tornando evidente. As sobrancelhas do bárbaro se ergueram com malícia.

— Aqui?

A ansiedade de Mara cresceu ainda mais, até um ponto insuportável.

— Aqui — repetiu com delicadeza. — Aqui e agora, eu exijo. — Ele pareceu querer protestar, mas ela o acalmou: — Ninguém nos importunará. Sou a Governante dos Acoma.

Ainda assim, ela ficou rígida, como se esperasse ser maltratada a qualquer momento. Kevin percebeu aquela tensão.

— Minha Senhora — disse ele docemente —, neste momento governa mais do que os Acoma. — E inclinou a cabeça para beijá-la nos lábios.

Seu toque se revelou tão suave quanto um sussurro. Tranquilizada, ela se rendeu quase de imediato. Depois, quando a delicadeza estimulou seu desejo, inclinou-se na direção dele, exigindo mais. Mas as mãos dele permaneceram leves, acariciando seus seios através do tecido da túnica e enlouquecendo-a com sua gentileza. Os mamilos enrijeceram e ficaram quentes. Ela desejou sentir os dedos dele em sua pele nua mais do que nunca.

Ele não cedeu a seus desejos, pelo menos não imediatamente. Mesmo sendo um bárbaro, agiu como se até sua túnica fosse preciosa. Deslizou a seda devagar pelos ombros dela. Mara gemeu e estremeceu. Agarrou a camisa dele, desejando senti-lo, mas as mãos se enrolaram nas vestes estranhas e, quando seus dedos depararam com a pele dele, hesitou. Queria retribuir as sensações que ele lhe proporcionava, mas não sabia direito o que fazer.

Kevin pegou seus pulsos, agindo como se o corpo de Mara fosse a coisa mais frágil do mundo. Seu cuidado a fez desejá-lo muito mais, atormentando-a de um modo que nunca julgara possível. Nunca poderia ter imaginado o momento em que ele deslizou sua túnica e tocou seus seios com os lábios. Nessa altura, seu mundo já se dissipara; com a cabeça girando, gemeu quando ele tocou em sua barriga.

As roupas midkemianas eram mais complicadas do que as tsurani. Ele teve de mudá-la de posição para conseguir tirar a calça. De alguma maneira, foram parar na grama, iluminados pela faixa dourada da lua de Kelewan e também pelo suave banho de luz das lamparinas. Cedendo ao prazer em meio ao aroma dos botões de kekali, arrastada pela paixão de um

bárbaro ruivo, Mara descobriu o que era ser mulher.

Mais tarde, corada com o prazer de uma liberdade recém-descoberta, Mara voltou ao seu quarto. Nacoya estava à sua espera com novidades sobre uma transação comercial em Sulan-Qu e uma bandeja com uma ceia leve. Bastou um olhar na direção de sua Senhora para esquecer o conteúdo do pergaminho.

— Graças a Lashima — disse ela, interpretando corretamente o que provocara a euforia de Mara. — Enfim você descobriu o prazer de ser mulher.

Mara riu, com dificuldade de respirar. Fez algumas piruetas como uma menina e sentou-se sobre as almofadas. Kevin a seguiu, com o cabelo ainda desgrehado e uma expressão mais contida. Nacoya o observou com atenção por um minuto. Depois, com os lábios franzidos de modo reprovador, voltou-se para sua Senhora.

— Minha Senhora, dispense seu escravo.

Mara olhou para cima, com o rubor inicial da surpresa cedendo à irritação.

— Conselheira-Mor, farei com meu escravo o que eu bem entender.

Nacoya fez uma reverência extremamente respeitosa, reconhecendo o privilégio de sua Senhora. Então prosseguiu como se Kevin não estivesse presente:

— Filha de meu coração, você acabou de aprender as maravilhas do sexo. Isso é bom. E não é a primeira grande Senhora a recorrer a um escravo. Não só é útil como é até sábio, pois nenhum escravo poderá abusar de você. Contudo, Desio dos Minwanabi ficaria ansioso para se aproveitar de qualquer fraqueza, por menor que seja. A Senhora não deve cometer o erro de permitir que os prazeres da carne se transformem em paixão. Este midkemiano deve ser mandado embora para que seus pensamentos se mantenham claros e, em breve, leve um ou dois homens diferentes para sua cama, para constatar que são meramente... úteis.

Mara permaneceu imóvel, de costas para Nacoya.

— Esta discussão está me irritando. Vá embora, Nacoya.

A Conselheira-Mor dos Acoma reagiu com uma reverência ainda mais elaborada.

— Seu desejo será cumprido, Senhora. — Levantou-se de maneira rígida e saiu da sala depois de dedicar um último olhar demorado a Kevin. Assim que o bater indignado de suas sandálias sumiu no corredor, Mara fez um sinal ao escravo.

— Venha aqui — convidou. — Mostre de novo como os homens de sua terra amam as mulheres.

Kevin recuperou seu habitual sorriso safado. Depois, ergueu os olhos para o céu em uma representação sarcástica de súplica.

— Reze a seus deuses para que me deem forças — murmurou, e logo em seguida despiu a camisa e a calça e se juntou a ela.

Mais tarde, quando as chamas das lamparinas perderam o brilho, Mara acordou encaixada nos braços de Kevin e refletiu sobre a alegria que encontrara em meio a tantas preocupações. Esticou o braço e afagou o cabelo desgrenhado de seu amante. Observou os pequenos furos em seus ombros provocados pelos espinhos afiados das kekali; as feridas eram leves e já estavam cicatrizadas. Só então Mara apreciou a natureza agri-doce do amor que por fim se apossara dela. Kevin era, e sempre seria, um escravo. Havia certezas inabaláveis em sua cultura, e essa era uma delas.

Tomada por melancolia e franzindo as sobrancelhas para a lua que se arrastava atrás do biombo, Mara ficou pensando se a má sorte que derrubara o irmão e o pai finalmente a tinha deixado. Rezou desesperadamente a Lashima para que o sangue dos arranhões de Kevin não tivesse passado pela camisa e pingado no solo. O Senhor Desio dos Minwanabi jurara se vingar perante Turakamu. E, com ou sem convite, o Deus da Morte caminharia por onde desejasse. Se optasse por favorecer os Minwanabi, os Acoma seriam varridos da terra e da lembrança dos homens sem deixar rastro.

Alvo

Mara se agitou.

Sua mão afagou a pele quente e ela despertou. Na escuridão que antecede a aurora, vislumbrou Kevin como uma figura de cinza e preto. Ele não estava dormindo. Apoiava-se sobre o cotovelo, para observá-la.

— Você é muito linda — disse.

Mara sorriu, ainda sonolenta, e enfiou-se na dobra do cotovelo dele. Sentia-se cansada, mas satisfeita. Ao longo dos meses que se passaram desde que Kevin passara a frequentar sua cama, descobrira novas coisas sobre si mesma, um lado sensual e terno, oculto até então. Os prazeres partilhados com o bárbaro fizeram com que a brutalidade de seu casamento se tornasse um pesadelo distante.

Brincando, passou os dedos nos pelos do peito de Kevin. Aprendera a valorizar tanto as conversas matinais depois de fazerem amor quanto as reuniões com seus conselheiros. Assim, ainda não sendo capaz de compreender completamente, aprendia muito com Kevin, cuja natureza era muito mais tímida do que achara no começo; percebia agora que sua maneira de ser direta e aberta tinha raízes em uma tradição cultural que prezava a privacidade e a intimidade. Kevin continuara se mostrando reticente sobre sua vida anterior e sobre sua família e, embora ela o questionasse frequentemente, evitava falar do futuro, como se também ocultasse seus planos a esse respeito. Em contraste com um tsurani nato, Mara considerava seu temperamento complexo e misterioso. Achava espantoso que um homem como ele pudesse ser um soldado comum e pensou se haveria outros com tal potencial escondidos entre seus guerreiros. Então Kevin disse algo e perturbou seus pensamentos. Mara sorriu, complacente.

— O que disse?

Pego no meio de uma reflexão, ele comentou:

— Seu mundo é cheio de estranhos contrastes.

Mara se concentrou, despertada por aquele tom tão incomum em Kevin.

— O que está incomodando você?

— Meus pensamentos são assim tão transparentes? — Kevin encolheu os ombros, um pouco envergonhado. Continuou calado por uns instantes e depois explicou: — Estava

pensando no bairro dos pobres de Sulan-Qu.

— Por quê? — Mara franziu o cenho e tentou acalmá-lo: — Você nunca passará fome.

— Passar fome? — Surpreso, Kevin se calou. De repente, inspirou e depois olhou fixamente para ela, como se conseguisse sondar sua mente feminina ao examiná-la com atenção. Por fim, movido por alguma conclusão a que chegara, esclareceu o que pensava: — Nunca, em toda minha vida, vi tantas pessoas sofrendo.

— Mas com certeza há pobres no Reino das Ilhas — respondeu Mara em tom brando. — Caso contrário, como seus deuses demonstrariam descontentamento com o comportamento de um homem se não fosse enviando-o para a próxima vida numa condição inferior?

Kevin endireitou-se.

— O que os deuses têm a ver com crianças passando fome, com a doença e com a crueldade? Onde está a honra das boas ações e da caridade? Não há dádivas nesta terra ou todos os nobres tsurani nasceram cruéis?

Mara se levantou muito depressa, espalhando almofadas pelo chão encerado.

— Você é um homem muito estranho — comentou com uma voz que ocultava algum pânico.

Por mais flexível que fosse com as tradições, nunca questionara a onipotência dos deuses. Atrever-se a tal heresia era um convite à destruição total. Mara percebera que outros nobres poderiam ser menos firmes na adesão à fé de seus antepassados, mas ela era devota; se o destino não a tivesse feito vestir o manto de Governante, teria se dedicado a uma vida de contemplação à Deusa Lashima. A verdade absoluta era que os deuses decretavam a ordem do Império. Questionar esse fato era o mesmo que abolir o próprio conceito de honra fundamental à sociedade tsurani. Era esse mandato divino que conferia ordem ao Império e fazia com que tudo tivesse sentido, com a certeza da recompensa absoluta no Jogo do Conselho para que nunca houvesse uma carnificina em grande escala. Com um comentário descuidado, o bárbaro desafiara o próprio tecido das crenças dos tsurani.

Mara tentou manter a compostura, mas se sentia atormentada por uma legião de implicações alarmantes. Os prazeres que Kevin lhe proporcionava nunca poderiam compensar a nova e perigosa tendência de seus pensamentos. Não lhe deveria ser permitido proferir tais absurdos heréticos, especialmente nos ouvidos de Ayaki; o menino adorava Kevin, e o futuro Senhor dos Acoma, destinado a devolver a grandeza à sua casa, nunca deveria ser abalado por incertezas. Conquistar o poder de outras casas graças ao olhar favorável dos deuses era uma coisa; pensar, de forma vã, que essas conquistas eram obtidas unicamente através da inteligência, da habilidade e de alguma sorte... era errado e impensável. Encurralada, e restando-lhe apenas uma opção, a Senhora dos Acoma escolheu seu caminho:

— Deixe-me — disse bruscamente.

Levantou-se de súbito da cama e bateu palmas logo a seguir para chamar os criados. Apesar de o sol ainda não se ter levantado e de os biombos permanecerem fechados para a noite, duas aias e um criado responderam ao chamado.

— Vistam-me imediatamente — ordenou a Senhora.

Uma das aias apressou-se a escolher uma túnica, enquanto a outra pegava uma escova e um pente para cuidar do cabelo emaranhado da Senhora. O criado arrumou as almofadas espalhadas e abriu os biombos. O fato de Kevin estar em seu caminho não o perturbou. Mirrado e velho, e já bem ciente de seus deveres, arrumou o quarto como se fosse cego.

Mara enfiou os braços na túnica de seda rosa que a aia lhe estendera. Voltou-se e viu Kevin de pé, nu, com os calções e a camisa no braço e um olhar atônito estampado no rosto. A expressão da Senhora permaneceu firme, seus olhos escuros insondáveis e duros.

— Jican mencionou que o trabalho de desmatamento para os meus pastos de needra está muito lento, principalmente por causa de sua gente, que se queixa e se finge de doente por causa do trabalho.

A aia com o pente levantou o cabelo de Mara e começou habilmente a elaborar um complexo penteado knona. Mara continuou falando em tom uniforme, apesar de sua cabeça estar sendo puxada para um lado e para outro enquanto a aia separava cada uma das longas mechas para arrumá-las.

— Quero que cuide disso — anunciou Mara. — A primavera chegará logo e as manadas de needra vão crescer. Você pode mandar em meus capatazes e tem autoridade para alterar qualquer detalhe que quiser. Em troca, quero que seus conterrâneos deixem de preguiça. Irão cortar madeira e limpar o novo campo antes de nascer o primeiro filhote. Você pode atender às necessidades deles desde que o trabalho seja feito. Se sua tarefa não for cumprida, a partir do Festival de Boas-Vindas da Primavera, um homem será escolhido aleatoriamente e será enforcado para cada dia de atraso até que meus campos fiquem prontos.

Kevin pareceu confuso, mas assentiu.

— Devo voltar esta noite, ou... — começou a dizer.

— Deve permanecer com os trabalhadores no campo.

— Quando devo voltar...?

Mara o interrompeu friamente:

— Quando eu decidir chamá-lo. Agora, vá.

Kevin fez uma reverência, não disfarçando a confusão e a raiva. Ainda com as roupas na mão, abandonou o aposento. O soldado de serviço ao lado da porta se manteve imperturbável quando o bárbaro entrou no corredor. O midkemiano olhou para o impassível soldado como se ele tivesse dito algo e depois soltou uma gargalhada irônica.

— Maldição! Eu também não a entendo — confidenciou com grande frustração. Os olhos do soldado se fixaram em Kevin, mas suas feições permaneceram inalteradas.

Apesar de rodeada de servos, Mara ouviu o comentário de Kevin. Percebeu a dor que ele não se deu ao trabalho de disfarçar e fechou os olhos para conter lágrimas inexplicavelmente ameaçadoras. O decoro dos tsurani não lhe permitia mostrar emoções, apesar de, por dentro, estar desesperada para chamar Kevin de volta. Como amante, desejava aliviar sua dor, mas,

como Senhora dos Acoma, não deveria se deixar levar pelo coração. Mara disfarçou sua dor, enquanto as criadas se empenhavam discretamente em arrumá-la.

Com medo de se mexer, com medo até de suspirar para não se descontrolar e começar a chorar, Mara solicitou, em voz baixa, uma refeição. Por mais que quisesse dar vazão a suas emoções, as lágrimas eram vergonhosas para a Senhora dos Acoma. Ser abalada pelas palavras de um escravo, sentir-se desolada com sua ausência, era inapropriado para uma Governante de uma grande casa. Mara engoliu sua dor, que só aumentava por saber que magoara Kevin para se salvar. A disciplina não lhe trouxe alívio, nem mesmo os cânticos disciplinares silenciosos aprendidos no Templo de Lashima ajudaram a atenuar a dor. Quando a bandeja com o desjejum chegou, beliscou a comida sem apetite e olhou para o vazio. Os criados permaneceram zelosamente em silêncio. Restringidos por tradições rígidas, aguardavam pela ordem seguinte sem julgarem seu comportamento.

Mara por fim indicou aos criados que recolhessem a bandeja do desjejum, onde a comida permanecera praticamente intocada. Determinada a subjugar seu turbilhão interior, chamou seus conselheiros. Eles se encontraram com ela no escritório. Keyoke estava alerta como sempre, enfeitado apenas com suas plumas de Comandante das Forças Armadas e vestindo sua armadura comum, cheia de arranhões. Ele se levantara antes do nascer do sol para supervisionar uma patrulha nas fronteiras e suas sandálias ainda estavam úmidas de orvalho e cheias de terra. Nacoya, que sentia muita preguiça de manhã, entrou bruscamente após fazer sua reverência e notou a ausência de Kevin. Solto um bem audível suspiro de alívio: enfim sua Senhora criara juízo e dispensara o bárbaro alto.

Embora furiosa pela evidente satisfação da idosa, Mara reprimiu a vontade de esbofetear o rosto enrugado de Nacoya. Então, envergonhada por aquela indignação inapropriada, aguardou a chegada de seu hadonra. Quando já estava prestes a enviar seu mensageiro para chamá-lo, Jican apareceu. Ofegante, fez uma reverência muito baixa e se desculpou pela demora. Quando Mara se lembrou tarde demais que o atraso se devia ao fato de ela sumariamente ter reorganizado o plano de trabalhos, interrompeu o pedido de desculpas de Jican:

— Quero uma lista de todos os nossos bens que possam ser vulneráveis a inimigos — instruiu Mara. — Deve haver outras transações, além de nossos interesses na seda, que Desio possa prejudicar, tanto através de uma redução dos preços como através de subornos às guildas que avaliam a qualidade de nossos artigos. Há mercados que ele pode estrangular, rotas comerciais que pode destruir, agentes a corromper e compradores a serem ameaçados. Barcos podem ser afundados, carroças derrubadas, armazéns incendiados; não podemos permitir que alguma dessas coisas aconteça.

— Esse não parece ser o estilo de Desio — disse uma voz seca, vinda da porta que dava para o lado de fora.

Arakasi entrou pelo biombo entreaberto, uma sombra em contraste com o cinza enevoadado

do alvorecer. Mara quase não conseguiu esconder sua surpresa; Keyoke e os guardas no corredor retiraram as mãos de suas armas. O Mestre dos Espiões fez uma reverência e escolheu um lugar entre os conselheiros, com sua testa enrugada indicando que tinha algo mais a dizer. Mara deu permissão e o Mestre dos Espiões sentou-se à mesa, com seus dedos compridos entrelaçados no colo. Prosseguiu como se sua presença estivesse sendo aguardada:

— Embora o jovem Senhor dos Minwanabi não esteja assim há tanto tempo no poder para já ter definido um estilo próprio. — Como se ainda organizasse os pensamentos, o Mestre dos Espiões afagou o rabo de cavalo trançado à moda dos mercadores que deixara crescer para seu último disfarce na estrada. — Contudo, uma coisa é certa: Desio está gastando enormes quantias de dinheiro em algo. Os mercados daqui até Ambolina estão lotados de artigos Minwanabi e, das poucas informações obtidas por nosso agente a serviço de Desio, presumo que esse dinheiro não explicado esteja sendo investido em oferendas, subornos ou favores.

Agitada com as novidades, Mara mordeu o lábio.

— Subornos para quê? — meditou em voz baixa. — Deve haver uma forma de descobrir.

A voz grave de Keyoke a interrompeu:

— Hoje de manhã, meus soldados puseram as mãos em um estranho pastor escondido nos campos de needra, na divisa com as terras dos Tuscalora. Levaram-no para ser interrogado, mas ele preferiu se matar com o próprio punhal a revelar o nome de seu verdadeiro Senhor.

— Provavelmente era um dos espiões do Senhor Jidu, enviado para verificar os guardas na ponte sobre o novo rio — supôs Nacoya, o que levou Arakasi a fechar os olhos e meditar. A Conselheira-Mor franziu os lábios, como se a simples lembrança do nome do vizinho lhe provocasse um gosto amargo na boca. — A colheita de chocha-la dos Tuscalora está quase pronta para ir para o mercado e, a esta altura, até o imbecil do hadonra de Jidu deve ter percebido que suas carroças não vão cruzar a ponte de Mara para chegar à estrada sem pagar uma taxa por sua utilização.

O Mestre dos Espiões inclinou-se abruptamente para a frente.

— Não contaria com a possibilidade de esse pastor trabalhar para Jidu.

Mara concordou.

— E eu não encaro levianamente seus palpites, Arakasi. — Em seguida dirigiu a palavra a Keyoke: — Temos de enviar uma patrulha para vigiar a divisa com as terras do Senhor Jidu... discretamente, é claro. Seus guerreiros são bons, mas podem não ter ideia de quanto meus inimigos têm a ganhar se as plantações de seu Senhor queimarem.

Keyoke assentiu com a cabeça, sem mexer as mãos pousadas no sabre, enquanto pensava sobre aquele delicado assunto. O Senhor Jidu podia ser negligente na administração de suas propriedades, mas seus soldados eram guerreiros excelentes.

Timidamente, Jican ofereceu seu conselho:

— O Senhor Jidu costuma contratar trabalhadores imigrantes de Neskesha para ajudar na colheita, quando a produção é muito grande. E tem sido um ano de abundância. Talvez alguns

dos guerreiros possam se infiltrar disfarçados de cortadores de chocha-la entre os trabalhadores no campo. Os guardas que fazem a vigilância não conseguem reconhecer todos os novos rostos; e, uma vez que nossos homens não estariam recebendo pagamento, sua presença poderia passar despercebida por muitos dias.

Keyoke ampliou o plano:

— Seria melhor, pela honra de nossos guerreiros, que pudéssemos simular batalhas nos campos vizinhos às terras do Senhor Jidu. Nossos trabalhadores poderiam então se infiltrar nos grupos de coletores dos Tuscalora e, se houver problemas, sairiam sem gerar alarde e alertariam nossas tropas.

Mara assentiu com determinação:

— Que isso seja feito.

Dispensou seus conselheiros, assegurando a Jican que, após a refeição do meio-dia, iria analisar a papelada financeira que ele levara. Então, um tanto perdida, o que não era nada normal para Mara, retirou-se para o jardim, à procura de conforto. Mas os caminhos entre os arbustos de kekali desabrochadas pareceram solitários e vazios sob a luz da manhã. O calor cada vez mais intenso se tornava opressivo. Enquanto a Senhora vagava por entre a fragrância das flores akasi, seus pensamentos se voltaram para as noites passadas nos braços de Kevin. Seus sentimentos no momento lhe pareceram profundamente corretos, e agora, em sua ausência, a faziam sofrer, como se uma parte de seu próprio corpo houvesse sido tirada. Forjou mil desculpas para mandar chamá-lo — apenas por alguns momentos, para responder a uma pergunta, para brincar com Ayaki, para esclarecer alguma regra obscura da brincadeira que o povo dele chamava de jogo das pedrinhas...

Subitamente, os olhos de Mara se encheram de lágrimas e ela se desequilibrou, tropeçando em uma pedra saliente no caminho. Sua meditação se transformou em raiva; não precisava de um motivo: ela era Mara, Governante dos Acoma! Poderia dar ordens a seus escravos onde e quando desejasse, sem ter de prestar contas a quem quer que fosse. Então, consciente de sua própria loucura antes de ceder ao impulso, conteve sua resolução. Sua casa estivera no limiar da ruína desde a morte do pai e do irmão. Não deveria se arriscar a fazer nada que trouxesse o descontentamento dos deuses. Caso fracassasse, caso se desviasse dos caminhos de seus antepassados por uma questão amorosa, todos os servidores dos Acoma sofreriam, desde o mais insignificante criado de copa até seus queridos conselheiros. Os anos de serviço leal e a honra de suas famílias nunca deveriam ser sacrificados por causa de um romancezinho com um escravo. Nacoya estivera certa desde o início. Kevin era um perigo para ela, e por isso o melhor era afastá-lo sem remorso.

Maldito bárbaro, pensou com irritação. Não poderia ter aprendido rapidamente seu lugar e se tornar um escravo tsurani? Não poderia ter acabado logo com seus pensamentos venenosos e perigosos? A tristeza se infiltrou em sua agitação e se misturou com o aborrecimento que sentia por si mesma. Sou a Governante, repreendeu-se intimamente. Deveria saber o que fazer.

Tristemente, Mara admitiu:

— Mas não sei.

— Minha Senhora? — perguntou o criado parado ao lado do portão do jardim à espera de ordens de sua Senhora.

Mara se conteve para não responder rispidamente, sem necessidade.

— Vá chamar meu filho e sua ama. Quero brincar um pouco com ele.

O homem fez uma reverência apropriada e logo foi cumprir as ordens. Mara sentiu-se melhor na mesma hora. Para garantir um sorriso, não havia nada como o riso exuberante de seu filho quando perseguia insetos ou corria pelo jardim até ficar sem fôlego.

Desio bateu violentamente na mesa com sua mão gorducha, fazendo com que uma vela caísse espalhando uma dúzia de enfeites de jade sobre o tapete. Um criado nervoso se apressou a recolher as peças caídas e Incomo, o Conselheiro-Mor, afastou-se para evitar ser atingido pelo pedestal rolante que suportara a estatueta de uma deusa.

— Meu Senhor — implorou, com cautela —, seja paciente.

— Mas Mara está prestes a conquistar um vassalo! — uivou Desio. — Aquele idiota preguiçoso dos Tuscalora nem percebe o que está por vir!

O criado se ergueu, com meia dúzia de esculturas preciosas nos braços, coladas ao peito. Desio escolheu esse momento para voltar a bater com o punho na mesa. O criado se retraiu e, com as mãos tremendo, começou a recolocar as peças ornamentais em seus antigos suportes. Incomo observou o rosto vermelho de seu Senhor e suspirou, tentando conter sua impaciência. Estava cansado de dias passados trancado, preenchidos com longas e infrutíferas horas a serviço de um Senhor cuja mente ignorava o significado da palavra requinte. Contudo, até Tasaio retornar, Incomo pouco poderia fazer além de aguentar o jeito vulgar de Desio.

— Se ao menos pudéssemos organizar um ataque para incendiar aqueles arbustos de chocha-la — lamentou-se o Senhor dos Minwanabi —, então Jidu ficaria arruinado e poderíamos salvá-lo com um empréstimo que o obrigaria a ser leal a nós. De onde aquele macho needra cabeçudo tirou a ideia de esconder informantes entre seus trabalhadores? Não podemos nos atrever a intervir agora, pois isso poria em risco nossa credibilidade no Conselho.

Incomo não se deu ao trabalho de destacar o óbvio: com os atuais gastos em subornos para fazer com que Mara tivesse de viajar para Dustari, as finanças dos Minwanabi já estavam no limite; e o Senhor Jidu não era uma pessoa indicada para se emprestar dinheiro, já que era famoso por ser um amante de bebida, jogo e prostitutas, conseqüentemente, um mau pagador. Isso para não mencionar que Mara com quase toda a certeza tiraria proveito de um empréstimo dos Minwanabi arruinando Jidu para se assegurar de que a verba nunca pudesse ser

recuperada. Mesmo que ela não soubesse da transação do inimigo, o problema voltaria a surgir no ano seguinte. Incomo sabia que não valia a pena perder tempo explicando essas coisas. Preparava-se para suportar mais uma hora de lamentações quando ouviu uma voz à entrada:

— Os informantes entre os trabalhadores não são do Senhor Jidu, mas, sim, espiões de Keyoke — relatou Tasaio ao entrar. — Foi por causa deles que duzentos guerreiros Acoma realizaram manobras na divisa das terras de Jidu.

— Keyoke! — berrou Desio. Seu rosto ficou ainda mais vermelho. — O Comandante das Forças Armadas dos Acoma?

Tasaio sorriu amargamente diante daquela constatação do óbvio.

— É do interesse dos Acoma que a plantação dos Tuscalora de chocha-la aguento até a colheita — lembrou.

— A segurança de Mara é muito bem-organizada — resmungou Desio, mas já um pouco menos corado. Quando o criado, aliviado, acabou de arrumar a decoração e se afastou apressado, o corpulento jovem se dirigiu para suas almofadas. — Não podemos enviar um assassino para envenenar o Comandante das Forças Armadas sem termos a certeza do sucesso; já perdemos um homem que tentou se infiltrar entre os pastores dos Acoma. E, pelo que descobrimos de Lujan, o sortudo Líder de Ataques, podemos não tirar grande proveito da morte de Keyoke. Ele é ambicioso e pode ter sido promovido há pouco tempo, mas talvez se revele um defensor da honra dos Acoma tão habilidoso quanto o outro. Na minha opinião, também precisa ser morto, mas é ele mesmo quem guarda os aposentos da Senhora! — A raiva de Desio voltou. — E, se eu conseguisse enviar um assassino até tão perto, ordenaria que matasse Mara, e não ele!

— É verdade — concordou Tasaio. Antes que o mau humor de Desio pudesse aumentar ainda mais, o guerreiro retirou a capa que cobria seus ombros cobertos pela armadura. Atirou a peça na direção de um criado que estava ali perto e se curvou diante do primo com um respeito impecável. Então sentou-se. — Meu Senhor, muitas coisas novas aconteceram.

A expressão carrancuda de Incomo desapareceu, admirando o tato que transformara a impaciência furiosa do Senhor numa atenção cheia de ansiedade. Tasaio sorriu, revelando seus dentes brancos muito bem alinhados.

— Comprovei a identidade dos três espiões de Mara.

Desio ficou em silêncio por um momento. A raiva sumiu de seu rosto e foi logo substituída por espanto.

— Fantástico — disse tranquilamente. Então, com um prazer que Incomo não via desde a morte do pai de Desio, o jovem Senhor repetiu: — Fantástico! — Unindo ruidosamente as mãos, acrescentou: — Isso merece uma comemoração, primo.

Enquanto um criado se apressava a buscar uma refeição leve e um jarro de raro vinho de sã, o Senhor se deixou afundar nas almofadas, olhos fechados reflexivos, extasiado.

— Como pretende punir esses traidores, primo?

A expressão de Tasaio se manteve inalterada.

— Devemos usá-los como peões, enviando informações falsas para os Acoma e orquestrando a morte de Keyoke.

— Ah! — Desio imitou o sorriso do primo ao pensar no assunto. O plano delineado na estação anterior enfim parecia tomar forma: matar o Comandante das Forças Armadas e obrigar Mara a liderar pessoalmente as tropas no campo de batalha, onde Tasaio poderia procurá-la e matá-la. Fechou a mão, exibindo um prazer quase sexual. — Estou ansioso para ver a cabeça daquela cadela rolando no chão na minha frente. Esta tarde temos de passar as falsas informações aos espiões.

Incomo abafou com a mão um resmungo de irritação, mas, se Tasaio partilhava de sua impaciência diante da falta de visão de Desio, não deixou transparecer.

— Meu primo — disse calmamente o guerreiro —, admito que seria gratificante enviar informações ainda hoje. Mas temos de esperar pelo momento certo para utilizar nossos conhecimentos. Usar agora os agentes de Mara iria sem dúvida revelar nossa infiltração e desperdiçaríamos a vantagem. Eles não são simples criados, mas homens que, em sua maneira muito própria, são ferozmente leais aos Acoma. Assim como acontece com guerreiros, estão em paz com os deuses e prontos a morrer a qualquer momento. Se Mara perceber que vamos desmascará-los, apenas vai se livrar deles, que, por ordem dela, acolheriam de bom grado a morte, em vez de lhe traírem a confiança. Poderiam tentar escapar e ficar em segurança nas terras dela ou estariam dispostos a cair sobre a própria espada. Se a coragem lhes falhar, poderemos ter a pequena satisfação de executá-los, mas isso nenhuma vantagem trará aos Minwanabi.

Incomo concordou:

— E, da mesma forma como Mara colocou três agentes aqui, o Mestre dos Espiões dela com certeza os substituiria, caso fossem descobertos. Perderíamos então muito tempo procurando os novos traidores.

— Nada de movimentos abertos até a queda das folhas — Tasaio aconselhou o primo. — Quando então poderei enviar os nossos guerreiros a Dustari escondidos, para dispormos de boas chances contra o exército que os Xacatecas e os Acoma enviarão para enfrentar os nômades. Durante todo o verão, Mara deve tentar imaginar qual será nosso passo decisivo. Ficará acordada à noite, suando na escuridão, e enviará agentes em busca de informações, mas nada saberá. Ela ficará se questionando: estaremos tentando estrangular os mercados de cereais? Será que nos insinuaremos entre ela e seus potenciais aliados no Conselho? Poderemos atacar os armazéns mais remotos quando as finanças dela estiverem vulneráveis? Deixemos que imagine mil possibilidades e que agonize pensando em cada uma delas. — Tasaio inclinou o tronco para a frente, com seus olhos âmbar em brasa. — Então, após as colheitas, e quando já estiver exausta com as preocupações e tiver sobrecarregado seus

espiões ao máximo, nós atacaremos. — Rápido como a estocada de uma espada, o primo bateu ruidosamente as palmas das mãos. — Keyoke morrerá, juntamente com uma companhia dos melhores soldados de Mara, e talvez até Lujan, seu Primeiro Líder de Ataques, seja derrubado. O lar dos Acoma perderá a coesão militar e qualquer oficial sobrevivente que a Senhora promova para usar as plumas terá de assumir um cargo para o qual não estará preparado. As tropas que serviram durante trinta anos sob as ordens de um mesmo comandante não poderão evitar o desmembramento. — Ao olhar diretamente para Desio, toda a postura de Tasaio emanava confiança. — Agora, primo, se lançarmos o caos entre os Acoma e a convocação para Dustari, por parte do Conselho Supremo, chegar antes de as cinzas do Keyoke esfriarem, o que vai acontecer?

Os olhos de Desio se iluminaram. Embora o plano lhe fosse tão familiar quanto uma oração, ouvi-lo outra vez dissipou todas as dúvidas; com sua raiva dominada, Incomo percebeu a sabedoria da manipulação de Tasaio ao observar seu Senhor. Quando Desio estava com dúvidas, mostrava-se instável, um perigo para sua casa, pois agia por impulso. A promessa ao Deus Vermelho na cerimônia de posse do jovem Senhor poderia ter originado um grande desastre. Mas, agindo como um verdadeiro mestre de tática, Tasaio transformaria esse deslize em vitória. Incomo pensou, mais uma vez, por que razão os deuses não tinham trocado os pais dos dois primos, para que aquele homem brilhante pudesse usar o manto de Senhor em vez de alguém que, na melhor das hipóteses, era apenas meramente competente?

Desio ajeitou seu corpo pesado nas almofadas e soltou uma risada bastante forçada. O som se intensificou até o jovem Senhor cair na gargalhada.

— Meu primo, você é brilhante — arquejou entre dois acessos de tosse —, brilhante.

Tasaio inclinou a cabeça.

— Tudo em nome de sua honra, meu Senhor, e pelo triunfo dos Minwanabi.

O verão chegou e as amostras de seda dos Acoma agitaram todos os mercados das regiões comerciais do Sul. Os agentes das guildas do Norte foram pegos completamente de surpresa. Não poderiam mais superfaturar seus artigos de qualidade inferior no Sul. Os leilões se revelaram um triunfo para os Acoma e motivo de conversa entre os clãs de todo o Império tsurani. Com encomendas suficientes para ocupar os cho-ja durante cinco anos, Jican teve de se conter para não começar a dançar na presença de sua Senhora. Com um único golpe, a posição financeira dos Acoma passara de crítica para abundante. De uma casa que se mantinha com alguma dificuldade, os Acoma passaram a figurar entre as mais abastadas casas do Império central, com reservas de capital suficientes para minimizar quaisquer ameaças lançadas pelos inimigos.

Mara sorriu diante da alegria de seu hadonra. A vitória no comércio da seda fora

planejada com muita antecedência, mas ela não tinha tempo para apreciar sua fortuna conquistada com tanto trabalho. Apenas uma hora depois de a notícia dos leilões ter chegado, outro mensageiro apareceu com novidades. Seu vizinho do sul, Jidu dos Tuscalora, solicitava uma audiência, presumivelmente para implorar vassalagem aos Acoma de maneira a salvar sua casa de dívidas irremediáveis.

Foi uma grande correria. Os principais conselheiros Acoma se reuniram a Mara para receber o Senhor Jidu no grande salão. Uma guarda de honra com armaduras cerimoniais se posicionou atrás do dossel da Senhora. Com Nacoya à sua direita, Keyoke e Lujan à esquerda, Mara observou a postura adequada do gordo Senhor quando este apresentou seu pedido — esplêndido em vestes azul-claras e envolto em uma nuvem de perfumes caros. Outrora, a alma tsurani de Mara teria sentido um grande prazer na presença de um antagonista ajoelhado à sua frente, em especial porque Jidu, após a morte do marido dela, tentara ameaçá-la como se fosse uma garotinha entediante. Apesar de ela e sua guarda de honra terem sido atacadas por ordem de seu vizinho e de Mara quase ter sido morta, a humilhação de um homem com o dobro de sua idade não lhe despertava sentimentos vitoriosos. Talvez Mara tivesse amadurecido no último ano; com certeza, a exposição aos estranhos conceitos de Kevin a havia afetado também.

Onde antes teria visto apenas glória para os Acoma, naquele momento achava impossível não reparar no ódio contido nos olhos empapados do Senhor Jidu ao se prostrar aos seus pés. Não conseguiu deixar de escutar as insinuações de raiva, nem se perdoar pela vergonha que ele sentia. Com os ombros rígidos e um olhar cheio de frustração íntima e inflamada demais para exprimir, o Senhor Jidu admitiu sua dependência diante das boas graças dos Acoma.

Mara percebeu que queria poder dar outro fim àquele momento: permitir que Jidu redimisse sua honra pela generosidade dos Acoma, obtendo assim sua gratidão e uma aliança de livre e espontânea vontade. Quando Jidu proferiu sua última frase, ela foi assombrada pela acusação de Kevin na última manhã em que estivera com ele: *Todos os nobres tsurani nasceram cruéis?*

E, no entanto, a clemência para com o Senhor Jidu era perigosa. Na trama do Grande Jogo, só os indiscutivelmente fortes poderiam se mostrar misericordiosos; entre os pequenos e fracos, tal comportamento também seria considerado uma fraqueza. O Governante dos Tuscalora poderia ser negligente em termos financeiros, mas tinha a seu lado fortes guerreiros e dispunha de um dom para a estratégia no campo de batalha. Como tinha tendência a gastar mais do que possuía, sua lealdade poderia ser facilmente comprada por um inimigo e Mara não se atreveu a deixar tal ameaça em sua divisa do sul de lado. Como vassalo, Jidu não poderia estabelecer alianças sem a aprovação dos Acoma. A honra de sua casa estaria nas mãos de Mara, e nas de seus herdeiros, enquanto o Senhor Jidu fosse vivo. Essa soberania seria tão poderosa que ele nem poderia acabar com a própria vida sem sua permissão.

— Suas exigências são duras e perigosas, Senhora Mara — avisou o Senhor dos

Tuscalora.

Se os Tuscalora fossem efetivamente reduzidos ao papel de peões dos Acoma, seu clã e seus companheiros da Facção da Serpente Amarela iriam ter menos vontade de fazer tratados com ela devido ao domínio exercido sobre um deles.

— O Grande Jogo é um empreendimento perigoso — respondeu Mara. Suas palavras não eram simplesmente um clichê; Arakasi a mantinha informada sobre o que se passava na política do Império. Se algo fosse planejado contra ela por um clã ou uma facção, seria informada com muita antecedência. Seu coração poderia estar dividido em relação a Jidu, mas suas opções permaneciam indiscutivelmente claras. — Escolho ouvir seu juramento, Senhor Jidu.

O Governante dos Tuscalora inclinou a cabeça. Enfeites de pérolas tilintaram em suas vestes quando se ajoelhou em submissão para recitar as palavras formais. Mara sinalizou e Lujan avançou, carregando nas mãos a espada de raro metal de seus antepassados. Assim que o Líder de Ataques pousou a lâmina reluzente sobre o pescoço dobrado de Jidu, o Senhor prestou seu juramento de vassalagem, com uma voz dura repleta de ódio mal contido, não conseguindo evitar que seus punhos se fechassem de raiva. Terminou a última frase e se ergueu.

— Minha Senhora — proferiu as palavras como se fossem veneno —, peço sua permissão para me retirar.

Por impulso, Mara recusou. Quando o Senhor Jidu corou intensamente e a guarda de honra dela adotou uma postura tensa e nervosa, ela revelou sua vontade de suavizar a humilhação daquele homem.

— Um momento, Jidu — disse por fim. Quando ele olhou para cima, desconfiado, Mara esforçou-se para transmitir compreensão: — Os Acoma precisam de aliados, não de escravos. Deixe de lado o seu ressentimento pelo meu triunfo e junte-se a mim de livre e espontânea vontade, o que será benéfico para ambas as famílias. — Ela se recostou em seu assento, falando como se estivesse se dirigindo a um amigo de confiança: — Senhor Jidu, os meus inimigos não o tratarão com tanta gentileza. O Senhor dos Minwanabi exige Tan-jin-qu de seus vassalos. — A palavra a que ela recorreu era antiga e designava uma vassalagem total que garantia ao suserano o poder de vida e morte sobre os membros da casa subordinada. Sob Tan-jin-qu, Jidu não se tornaria apenas vassalo de Mara, mas também seu escravo. — Bruli dos Kehotara se recusou a prosseguir com essa abominável submissão aos Minwanabi quando herdou seu cargo e, como consequência, Desio retirou muitas das proteções que os Kehotara tiveram durante anos. Bruli sofre porque deseja manter a aparência de liberdade. Não o envergonharei exigindo a vida de todos os seus súditos, Jidu.

O robusto Senhor fez um leve aceno, mas nem por isso a raiva e humilhação diminuíram. Aquela não era uma posição desejável, isto é, estar à mercê de uma mulher que outrora ele tentara matar. No entanto, algo na sinceridade de Mara despertou sua curiosidade.

— Vou estabelecer linhas de conduta que beneficiem nossas casas — declarou Mara —, mas os assuntos do dia a dia de suas terras permanecerão em suas mãos. Os proveitos das colheitas de chocha-la serão revertidos para os cofres dos Tuscalora. Sua casa não terá de pagar tributos aos Acoma. Não pedirei nada além de sua honra para servir a nossa. — Em seguida, Mara mostrou como pretendia aplacar a ira daquele inimigo: — Acredito tanto na honra dos Tuscalora que confiarei às suas tropas a segurança de nossas divisas ao sul. Todos os guardas e patrulhas dos Acoma serão retirados da divisa entre nossas terras.

A expressão de Keyoke permaneceu impassível diante daquilo, mas ele coçou o queixo com o polegar, o código secreto de alerta havia muito tempo estabelecido. Mara tranquilizou seu Comandante das Forças Armadas com um esboço de sorriso. Então voltou outra vez sua atenção ao Senhor Jidu.

— Vejo que não acredita que possa haver amizade entre nós. Vou demonstrar minhas boas intenções. Para celebrar nossa aliança, iremos construir um novo pórtico de orações na entrada de sua propriedade, em homenagem a Chochocan. Depois, darei ao Senhor cem mil centúrios de presente para que se liberte de suas antigas dívidas e para que os lucros da colheita deste ano possam ser revertidos para sua propriedade.

Os olhos de Nacoya se arregalaram de espanto ao ouvir aquela quantia, um quinto dos fundos estimados para os leilões de seda. Apesar de Mara poder se dar ao luxo de ser generosa, aquela oferta representaria um golpe profundo nas reservas dos Acoma. Jican teria um ataque de apoplexia quando sua Senhora ordenasse a transferência da quantia para aquele esbanjador Tuscalora.

Jidu fitou Mara com atenção. Mas, por mais que a analisasse, não encontrou nenhum sinal de que ela estivesse brincando com ele. As palavras haviam sido proferidas com sinceridade. Completamente conquistado, disse:

— Minha Senhora dos Acoma, é muito generosidade.

— A Senhora dos Acoma está se esforçando para ser justa — corrigiu Mara. — Um aliado fraco mais atrapalha do que ajuda. Vá, e saiba que, em caso de necessidade, os Acoma responderão a seu chamado, assim como esperamos que honre seu compromisso conosco. — Depois, graciosamente, permitiu que ele se retirasse.

Deixando a raiva de lado, mas ainda profundamente desconcertado pela súbita mudança na Roda da Fortuna, Jidu dos Tuscalora abandonou a sala. Assim que o último de seus guardas de armadura azul saiu, Mara abandonou a pose formal. Esfregou os olhos e amaldiçoou intimamente o cansaço. Já se haviam passado meses desde que enviara Kevin para supervisionar as equipes que derrubavam a floresta, mas ainda dormia mal durante a noite.

— Minha bela Senhora, permita-me cumprimentá-la pela habilidade com que lidou com este cão particularmente feroz — disse Lujan com uma reverência respeitosa. — Agora o Senhor Jidu está na coleira e só poderá latir e rosnar sob suas ordens, mas não se atreverá a morder.

Mara fez um grande esforço para se concentrar.

— Pelo menos, daqui para a frente não precisaremos de soldados vigiando dia e noite aquela maldita ponte das needra.

Keyoke começou a rir de repente, para espanto de Lujan e de Mara, pois o velho soldado raramente demonstrava alegria.

— O que foi? — perguntou Mara.

— Sua intenção de deixarmos a vigilância da divisa sul me preocupou, minha Senhora. — O Comandante das Forças Armadas encolheu os ombros. — Até compreender que, se não precisarmos patrulhar o lado dos Tuscalora de nossas divisas, liberaremos diversas companhias para reforçar as defesas mais críticas. E, sem mais preocupações ao norte, o Senhor Jidu poderá instalar mais postos defensivos em outras frentes. Na realidade, ganhamos cerca de mil guerreiros para guardar uma propriedade maior.

Nacoya juntou-se à conversa:

— E com sua generosa oferta, filha, Jidu vai conseguir equipar direito seus homens; além disso, chamará os primos para expandirem seu exército.

Mara mostrou um sorriso de aprovação.

— Este será meu primeiro... ah, *pedido* ao meu novo vassalo. Os guerreiros dele são bons, mas insuficientes para nossas necessidades. Quando Jidu recuperar seu orgulho ferido, vou pedir que o Comandante das Forças Armadas dele consulte Keyoke sobre as melhores formas de proteger nossos interesses comuns.

Keyoke concordou discretamente.

— Senhora Mara, seu pai teria orgulho de sua esperteza. — Curvou-se, com respeito. — Devo retomar meus deveres.

Mara o autorizou a sair. A seu lado, Lujan inclinou a cabeça emplumada.

— Seus guerreiros vão todos beber à sua saúde, bela Senhora. — Então sua testa se franziu ironicamente. — Embora seja aconselhável destacar uma patrulha para nos assegurarmos de que o Senhor Jidu não caia de cabeça de sua liteira e bata o crânio no chão no caminho de casa.

— Por que ele faria isso? — Mara quis saber.

Lujan encolheu os ombros.

— A bebida pode fazer qualquer homem perder o equilíbrio, Senhora. Jidu cheirava como se tivesse bebido desde cedo.

Mara, surpresa, ergueu as sobrancelhas.

— Conseguiu sentir o cheiro de bebida com todo aquele perfume?

O Líder de Ataques reagiu com um gesto irreverente para a bainha da espada ancestral.

— A Senhora não precisou se debruçar sobre o pescoço dele para encostar a lâmina.

Mara o recompensou com uma gargalhada, mas seu momento de distração não durou muito. Indicou a sua guarda de honra que estavam dispensados e depois se recolheu a seu escritório

com Nacoya. Desde seu casamento com Buntokapi, não mostrara grande inclinação para se demorar no salão grande e, tendo enviado o guerreiro ruivo para longe, a solidão não lhe proporcionava consolo. Dia após dia, mergulhava nas contas com Jican ou revia as políticas dos clãs com Nacoya ou brincava com Ayaki, cuja paixão agora eram os soldados de madeira que seus oficiais esculpiam para ele. Contudo, mesmo quando Mara se sentava no chão encerado do quarto de brincar e organizava as tropas de seu filho — que brincava de ser o Senhor dos Acoma, regularmente destroçando exércitos inteiros de inimigos Minwanabi —, ela não conseguia fugir da realidade. Desio e Tasaio poderiam morrer cem vezes no quarto de brincar, para a satisfação sangrenta e infantil de Ayaki, mas o mais provável era que o rapaz que se divertia derrubando seus inimigos fosse um dia sacrificado ao Deus Vermelho, vítima da intriga que pairava como uma sombra sobre sua casa.

Quando Mara não estava desgastando a mente voltada para seus inimigos, procurava se abstrair da angústia. Nacoya lhe assegurara que o tempo aplacaria todos os desejos. Mas, com o passar dos dias, e com a poeira da época seca se erguendo em nuvens quando as needra que não iriam procriar naquele ano eram levadas para o mercado, Mara continuava acordando durante a noite, tristemente ansiando pelo homem que lhe ensinara que o amor podia ser carinhoso. Sentia falta dele, de seus modos atrapalhados, de seus pensamentos estranhos e, acima de tudo, de seu conhecimento intuitivo nos momentos em que ela mais desejava compaixão, reprimida devido ao orgulho de Governante.

A disponibilidade dele para lhe dar força e a amabilidade demonstrada eram como chuva para um coração ressecado por problemas. *Maldito seja aquele homem*, pensou. Ele a capturara de forma mais definitiva do que o teria feito um inimigo. E talvez, por esse motivo, Nacoya tivesse razão. Ele era mais perigoso para sua casa do que o mais cruel de seus inimigos, pois, de certa forma, insinuara-se por entre suas defesas mais íntimas.

Uma semana se passou, e depois outras. Mara contatou a rainha dos cho-ja e foi convidada a visitar as cavernas onde os produtores de seda laboriosamente se esforçavam para satisfazer os contratos dos leilões. Um trabalhador acompanhou Mara para dentro da colmeia até o piso onde os tintureiros e os tecelões transformavam as fibras de fio de teia em tecido já pronto. Os túneis eram sombrios e arejados, especialmente para quem vinha de onde havia luz do sol. Sempre que visitava as colmeias, Mara sentia-se entrando em outro mundo. Os trabalhadores cho-ja passavam atarefados por ela, trazendo recados e cumprindo tarefas a toda a velocidade. Moviam-se depressa demais para serem acompanhados pelo olhar, em túneis iluminados por globos que irradiavam uma luz tênue. Apesar da escuridão, as criaturas insetoides nunca se chocavam umas com as outras. Mara nunca sentiu mais do que um leve roçar quando as velozes criaturas percorriam as passagens estreitas. A câmara onde as sedas

eram enroladas era larga e tinha o teto baixo. Ali, Mara ergueu uma mão para se assegurar de que as presilhas de jade que prendiam seu cabelo não arranhavam o teto.

O cho-ja que a escoltava se deteve e agitou um membro superior.

— Os trabalhadores incubados para fiar já nascem especializados no trabalho — destacou.

Quando os olhos de Mara se adaptaram àquela quase escuridão, viu uma multidão de corpos brilhantes e quitinosos curvados sobre montinhos de fibra de seda não trabalhada. Tinham apêndices como fiandeiras logo atrás das pinças dianteiras e daquilo que parecia ser um membro extra, atrás de algo que se assemelhava a um polegar humano. Agachavam-se sobre as patas traseiras enquanto trabalhavam as fibras aparentemente delicadas demais com os membros posteriores. Em seguida, os membros médios assumiam o comando das operações e, em um movimento giratório, enrolavam as fibras em uma linha. O fio criado por cada fiandeiro cho-ja seguia para fora da câmara através de uma passagem existente na parede mais distante. Atrás da divisória, tintureiros trabalhavam debruçados em caldeirões fumegantes, aplicando cores aos fios em um processo contínuo. As fibras saíam dos potes com tinta e passavam por mais um compartimento onde pequenas fêmeas aladas agitavam vigorosamente o ar para secá-las. A passagem dava então para uma câmara ampla e iluminada com um teto abobadado, cheio de claraboias, fazendo com que Mara se lembrasse do Templo de Lashima, em Kentosani. Lá, os tecelões pegavam os fios coloridos e faziam um tipo de magia, aplicando um feitiço na trama de seda fina até produzir um dos melhores tecidos do Império.

Essa visão deixou Mara abismada. Ali, onde o protocolo tsurani pouca importância tinha, comportou-se como uma menina, atormentando com perguntas o trabalhador que a acompanhava. Passou os dedos pelo tecido e admirou as cores e padrões. Depois, se deteve diante de um rolo de tecido de fio trançado, tingido de cobalto e turquesa — com padrões refinados em tons de ferrugem e ocre. Inconscientemente, imaginou como aquele tecido realçaria o cabelo ruivo de Kevin. Seu sorriso morreu. Não importava qual fosse a distração, nunca durava. Seus pensamentos voltavam sempre para o escravo bárbaro, por mais que desejasse voltar sua atenção para outra coisa qualquer. De repente, os montes de seda brilhante pareceram perder sua graça.

— Gostaria de voltar e anunciar minha partida à rainha — solicitou Mara.

O cho-ja assentiu com uma reverência. Seu modo de pensar era diferente do dos humanos e, por isso, não considerou a mudança de ideia imprópria ou abrupta. Como deveria ser simples a vida de um trabalhador cho-ja, pensou Mara. Tinham apenas de se preocupar com o presente, envolvidos na iminência do momento e conduzidos pela vontade da rainha, cujos interesses se limitavam às necessidades da colmeia. Aquelas criaturas pretas e brilhantes viviam seus dias sem serem atormentadas pelos problemas irritantes aos quais o corpo humano estava sujeito. Invejando-as por sua paz de espírito, Mara seguiu por entre a multidão em direção aos aposentos da rainha. Naquele dia, ao contrário de todos os outros, sua

curiosidade não fervilhava. Não se deteve para implorar à rainha dos cho-ja o segredo dos produtores de seda, nem pediu, como costumava fazer, para visitar os aposentos das crianças, onde cho-ja recém-nascidos cambaleavam sobre pernas bizarras para darem seus primeiros passos.

Seu guia a levou através das duas passagens principais e estava prestes a virar para baixo na direção do nível mais profundo onde ficava a câmara da rainha quando um guerreiro com um elmo emplumado ergueu um membro dianteiro e os interceptou. Diante da ponta afiada de quitina que o cho-ja podia brandir como uma espada, Mara se deteve. Apesar de a ponta estar virada para o outro lado num ângulo que indicava amizade, ela não fazia ideia do motivo daquela reação. Os cho-ja não pensavam individualmente, ao contrário, agiam de acordo com a mente de sua colmeia, e a consciência que orientava o propósito coletivo era a da rainha. As reações dos cho-ja eram assustadoramente rápidas e seu estado de espírito podia se alterar.

— Senhora dos Acoma — entoou o guerreiro cho-ja, agachando-se para fazer uma reverência semelhante à que faria diante da rainha. Quando seu elmo emplumado balançou, Mara reconheceu Lax'l, o Comandante das Forças Armadas da colmeia.

— O que sua rainha deseja de mim?

Lax'l endireitou-se e assumiu uma postura estática, surreal em contraste com o movimento rápido dos trabalhadores que passavam incessantemente à volta do pequeno grupo.

— Minha rainha nada quer, mas lhe deseja muita saúde. Enviou-me para avisar que um mensageiro de sua casa veio até aqui solicitar sua presença com urgência. Ele a aguarda na superfície.

Mara suspirou de frustração. Sua manhã supostamente seria livre de compromissos; não agendara reuniões até a tarde, momento em que deveria verificar os números das vendas de needra com Jican. Algo deveria ter acontecido, embora estivessem no fim do verão, quando o Jogo normalmente passava por um período de letargia, pois a maioria dos Senhores estava envolvida com as finanças prévias à colheita anual.

— Tenho de voltar para ver do que se trata — anunciou, com pesar, a Senhora dos Acoma a Lax'l. — Por favor, transmita minhas desculpas à rainha.

O Comandante das Forças Armadas inclinou a cabeça.

— Minha rainha manifesta seu afeto. Ela deseja que a mensagem que a aguarda não traga palavras de infortúnio. — Agitou um membro dianteiro ao trabalhador que a acompanhava e Mara foi conduzida de volta apressadamente para cima antes de ter a oportunidade de pensar.

Assim que chegou do lado de fora, o contato súbito com a luz do dia a deixou zozua. Mara olhou de soslaio para o brilho enquanto se habituava à luz. Percebeu a presença das plumas de dois oficiais entre os escravos que aguardavam ao lado de sua liteira. Um deles era Xaltchi, oficial júnior recém-promovido por Keyoke graças ao valor demonstrado na defesa de uma caravana. O outro, com uma pluma mais comprida e suntuosa, só poderia ser Lujan. Mara franziu o cenho, surpresa por ele mesmo trazer a mensagem, e não um servo ou mensageiro de

categoria inferior. Fossem quais fossem as novidades que a aguardavam, o assunto certamente só podia ser ouvido por pessoas de confiança. Dispensou o cho-ja que a acompanhava com uma delicadeza vaga e dirigiu-se apressada a seu Líder de Ataques, que a vira emergir da colmeia e se encaminhara imediatamente em sua direção.

— Minha Senhora. — Lujan fez uma reverência precipitada, mas adequada; depois pegou seu braço e a conduziu por entre os trabalhadores cho-ja que corriam para dentro e para fora da colmeia. Assim que chegaram a um terreno aberto, longe do alcance dos ouvidos dos escravos, Lujan disse: — Minha Senhora, uma visita a espera. Jiro dos Anasati está em Sulan-Qu neste momento, esperando uma resposta. O pai dele, Tecuma, o enviou para discutir um assunto delicado demais para ser transmitido por um mensageiro comum.

O olhar carregado de Mara se tornou ainda mais intenso.

— Retorne e envie um mensageiro à cidade — instruiu. — Receberei Jiro imediatamente.

Lujan a acompanhou à liteira, ajudou-a a entrar e fez uma reverência. Em seguida, partiu correndo de volta à casa grande. Os carregadores colocaram a liteira sobre os ombros e Xaltchi reuniu a pequena companhia que a escoltava. Devagar, o cortejo seguiu os passos de Lujan.

— Mais rápido — ordenou Mara por entre as cortinas.

Lutava para ocultar a preocupação na voz. Antes de seu casamento com Buntokapi dos Anasati, os membros daquela antiga casa haviam sido, depois dos Minwanabi, os maiores inimigos dos Acoma. E, desde que ela orquestrara a morte do marido, a família tinha mais motivos do que nunca para odiá-la. Apenas o interesse de ambas as casas pelo bem-estar de Ayaki, filho de Bunto e neto de Tecuma, impedira que as duas casas entrassem em guerra aberta. A trama que sustentava essa aliança era efetivamente fina. Bastaria uma pequena desculpa e Tecuma tiraria Mara de seu caminho para ele mesmo assumir a regência dos Acoma até que Ayaki tivesse idade para se tornar Senhor.

Um assunto tão delicado ao ponto de requerer um mensageiro tão importante nunca poderia significar boas notícias. Mara sentiu um aperto no peito que já lhe era familiar. Nunca subestimara a capacidade de seus inimigos para conspirar, mas a recente falta de ameaça declarada fizera com que ficasse quase despreocupada. Mentalmente, preparou-se para um encontro difícil; precisaria de quinhentos guerreiros armados e a postos e de uma guarda de honra de outros doze dentro do salão onde receberia Jiro. Qualquer coisa inferior a isso seria um insulto.

Mara recostou a cabeça nas almofadas, suando em suas sedas finas. Exasperada, prevendo uma situação em que sua vida poderia estar em risco, pensava insistentemente em certo escravo bárbaro, que naquele momento deveria estar sob um sol intenso orientando o corte de madeira para cercas com a altura do ombro de um guerreiro alto. Os campos de needra estavam praticamente prontos — tarde demais para os bezerros da estação, mas bem a tempo da engorda das crias para os mercados do final do outono. Mara enrugou a testa, irritada. Já

tinha muitas coisas na cabeça para pensar sobre o que iria fazer com Kevin quando os novos campos estivessem prontos. Talvez devesse vendê-lo... Essa ideia pairou apenas por um momento, antes de se decidir por mandá-lo executar outra tarefa que o mantivesse longe.

Mara assumiu sua posição ao lado da entrada da casa quando a liteira de Jiro e sua escolta se aproximaram das divisas dos Acoma. Sua Conselheira-Mor a acompanhava, parecendo desconfortável sob as vestes e joias requintadas e suntuosas. Embora Nacoya apreciasse a autoridade de sua função, em alguns momentos não escondia que preferiria voltar a ser uma aia. Quando tinha de usar vestes de Estado, por exemplo. Se Mara estivesse menos nervosa, talvez tivesse sorrido diante da ideia de a velha criada se melindrar com a agitação e as atenções das amas, algo que a própria Mara fora forçada a suportar durante toda a sua vida, devido à infatigável insistência de Nacoya. A única pausa que tivera fora durante seu período como noviça no Templo de Lashima. Mas aqueles dias, de tranquila simplicidade e horas de estudos eruditos, já pareciam muito distantes.

Mara olhou ao redor para verificar se estava tudo certo. Em meio ao tumulto gerado pelos lacaios, soldados e demais servos, constatou que faltava uma pessoa.

— Onde está Jican? — sussurrou a Nacoya.

A Conselheira-Mor inclinou a cabeça, obrigada a erguer uma mão para resgatar uma presilha de cabelo solta. Devolveu ao devido lugar o enfeite errante com impaciência; irritara-se por ter sido acordada de sua sesta para saudar uma figura sobre quem sempre destilara veneno. A aversão de Nacoya por Buntokapi estendia-se a todos os seus familiares e, embora Mara soubesse que podia confiar na anciã para respeitar imaculadamente o protocolo, a criadagem provavelmente sofreria por vários dias com o mau humor da Conselheira.

— Seu hadonra está na cozinha, assegurando-se de que os cozinheiros preparem apenas frutas de primeira qualidade para as refeições leves — anunciou secamente.

Mara ergueu uma sobrancelha.

— Ele parece mais velho do que você... Como se os cozinheiros precisassem de instruções para preparar uma refeição. Mas, enfim, ele sempre faz tudo o que pode pela honra dos Acoma.

Nacoya respondeu num murmúrio:

— Pedi que Jican fosse supervisionar os cozinheiros. Eles podem ficar tentados a servir ao Anasati algo além de um pequeno aperitivo; a perspectiva que eles têm da honra é diferente da sua, filha.

Buntokapi não se tornara muito popular nas cozinhas também. Ainda assim, Mara guardou para si o pensamento de que até o chefe dos cozinheiros dos Acoma não envergonharia sua casa por causa de algo tão trivial como cortar um fruto azedo para servir a Jiro. Por mais que

quisesse fazer isso.

Mara olhou de soslaio para Nacoya. Silenciosamente, pensou em como passara a encarar os criados da casa como parte da mobília. Nunca lhe ocorrera que poderiam ter ficado tão ofendidos com os modos de Buntokapi quanto ela; então se lembrou do quanto ele fora duro com eles. Talvez os servos e os ajudantes de sua cozinha tivessem sofrido ainda mais do que ela quando Buntokapi era o Senhor. Tarde demais, Mara lembrou-se de sentir compaixão. Se ela fosse uma daquelas moças da cozinha — ou irmão, pai ou amante de uma delas — que foram arrastadas até a cama de Bunto, também se sentiria tentada a servir o irmão dele com sobras do lixo separado para as aves jiga. Mara reprimiu um sorriso ao pensar no assunto.

— Devo prestar mais atenção aos sentimentos de meus servos, Nacoya, para que a falta de consideração de Bunto não se repita.

Nacoya limitou-se a assentir. O tempo para conversas acabara, pois a liteira vermelha e amarela e as fileiras de guerreiros em marcha entraram pelo pátio. Mara brincou com a pulseira de jade e esmeraldas que tinha no pulso e esforçou-se para manter a compostura quando a guarda de honra dos Anasati parou de repente e os carregadores de Jiro pousaram a liteira diante da entrada.

Em cima da hora, Jican veio apressado ocupar seu lugar ao lado de Nacoya e Tasido, que, na qualidade de Líder de Ataques Sênior dos Acoma, comandava a guarda de honra da Senhora. Ela gostaria que Keyoke ou Lujan estivessem no lugar dele. Mara observou os soldados Anasati apertando seus olhos. Os soldados não estavam relaxados, mas, sim, alinhados de modo que deixava espaço para desembainhar as armas. Não esperara menos do que isso, mas ser confrontada de forma tão hostil ao lado de um oficial idoso não era uma situação muito confortável. O velho Tasido tinha artrite e catarata; se os tempos fossem outros, a essa altura já estaria desfrutando de sua honrada aposentadoria. Mas as forças dos Acoma tinham sofrido muitas baixas no mundo bárbaro quando o Senhor Sezu foi mortalmente traído e nenhum de seus oficiais foi poupado. Dentro de um ano, ou dois, Mara esperava atribuir ao idoso uma cabana ao lado do rio onde poderia viver em paz os dias que lhe restavam. Mas, naquele dia especialmente, ela não poderia dispensar nem uma única espada.

Mara não via Jiro desde o dia em que se casara, cerca de quatro anos antes. Com curiosidade misturada à cautela, observou o jovem sair da liteira. Estava bem-vestido, mas não do jeito extravagante de seu pai. Sua túnica era de seda preta, com alguns enfeites bordados nas barras vermelhas. O cinto elegante era decorado com bom gosto, com botões de conchas envernizados; o cabelo fora cortado despretensiosamente como o de um guerreiro. Era mais alto do que seu irmão havia sido. Sua constituição era mais esguia e muito mais graciosa. O rosto lembrava o da mãe, com maçãs salientes e uma boca ativa. O queixo quadrado fazia com que nunca parecesse cansado demais e as mãos eram tão delicadas quanto as de uma mulher. Seria um homem atraente, se não tivesse um brilho de crueldade mal dissimulada em seus olhos e no sorriso.

Jiro fez uma reverência com uma perfeição sarcástica.

— Bem-vindo à Casa dos Acoma — Mara o saudou com uma voz controlada, fazendo uma reverência bastante contida, como se censurasse o fato de o filho dos Anasati ter levado um séquito armado para seu pátio, o que para uma visita social era completamente inapropriado.

Como era seu direito por pertencer a um posto mais elevado, aguardou que seu convidado iniciasse as formalidades. Depois de uma pausa durante a qual Jiro se manteve imóvel esperando que Mara cometesse um deslize e perguntasse por sua saúde, acabou finalmente perguntando:

— Como a Senhora está?

Mara fez um breve aceno.

— Estou bem, obrigada. E você, Jiro, como tem passado?

O jovem sorriu, mas seu olhar se manteve frio como o de uma serpente.

— Estou bem, assim como meu pai, que me enviou. — Apoiou a mão lânguida na adaga embainhada ao cinto. — Posso ver que também está bem, Mara, e, principalmente, que está ainda mais bela depois de ter sido mãe. É uma pena que alguém com tal beleza tenha ficado viúva tão cedo. Que desperdício.

Se o tom de voz se revelou impecavelmente polido, suas palavras beiravam o insulto. Não era uma visita de reconciliação. Consciente de que o comportamento dele se aproximava do de um suserano visitando um vassalo, Mara segurou sua túnica e abriu caminho pela entrada, para que ele a seguisse como se fosse um servo. Se o deixasse avançar demais em seus jogos de salão, poderia ter de aguentá-lo por mais do que uma tarde. Uma vez que Tecuma esperava que o filho lhe levasse qualquer informação que pudesse arrancar dos Acoma, Mara não queria dar pretexto para que ele decidisse passar a noite em sua casa.

Os criados tinham colocado bandejas com refeições leves no grande salão. Mara sentou-se no dossel. Indicou a Nacoya que se acomodasse à sua direita e autorizou Jican a se retirar, como ele tanto desejava. Em seguida, sinalizou a Jiro para se instalar nas almofadas à sua frente; o lugar que lhe reservara era o de um igual. Diante daquela cortesia voluntária, ele não pôde protestar pelo fato de Tasido e seus suboficiais ficarem de pé logo atrás dele. Colocar a própria guarda de honra atrás de seu dossel era algo que se fazia apenas quando duas facções hostis se reuniam para negociar. Não sendo declaradamente o caso, o guarda-costas de Jiro deveria permanecer à porta. O criado em quem Mara mais confiava serviu seu nobre convidado com uma toalha e uma taça para lavar as mãos. Educado, ele perguntou a Jiro o que ele preferia beber, de modo perfeitamente orquestrado para mantê-lo ocupado com trivialidades. A Senhora dos Acoma falou antes de Jiro ter oportunidade de se recompor:

— Como um homem não precisa de tantos soldados quando vai visitar e consolar a viúva de seu irmão, presumo que seu pai tenha alguma mensagem para mim.

Jiro enrijeceu. Mas recuperou a postura com admirável controle e olhou para cima; Mara lhe aplicara uma forte estocada no coração, alfinetando-o com a lembrança do irmão que

morrera beneficiando os Acoma no Jogo, ao mesmo tempo que deixava implícito que Jiro desejaria *consolar* a viúva de seu irmão de um modo mais íntimo do que a tradição tsurani acharia aceitável — e, ainda por cima, que ele não era nada mais do que o menino de recados do pai. Isso equivalia verbalmente a um tapa no rosto. O olhar que o filho dos Anasati lhe dirigiu foi glacial e demonstrava um ódio profundo.

Mara escondeu um arrepio. Pela imobilidade dos lábios brancos de Nacoya, percebeu que cometera um erro e que subestimara a hostilidade de Jiro. Aquele rapaz a desprezava intensamente havia muitos anos. Por seu silêncio frio, Mara percebeu que ele ficara de tocaia como um venenoso relli do pântano, esperando por uma oportunidade de atacar. Mas não daria o bote até sua armadilha estar perfeita e ter certeza absoluta da vitória.

— Não vou reproduzir os rumores que correm sobre as preferências de minha Senhora quanto a amantes desde a perda de seu nobre marido — disse Jiro em tom tão claro que, mesmo em voz baixa, poderia ser ouvido pelos criados junto à porta. Para enfatizar o quanto o assunto era degradante, ergueu sua bebida e a bebeu com a mão bem firme. — E, sim, deixei para trás uma importante transação comercial em Sulan-Qu para vir até aqui, por sugestão de meu pai. Ele ouviu falar de reuniões secretas entre certos membros do Conselho que podem sugerir conspirações que colocam em risco o neto dele, Ayaki, ou assim ele acredita. Como você é a regente do herdeiro dos Acoma, ele lhe envia esse aviso.

— Suas palavras são vagas — comentou Nacoya com a severidade de uma anciã que já vivera o suficiente para ver muitos jovens sucumbirem à tolice. Com um tom de voz bem treinado pelos dias passados na ala das crianças, acrescentou: — Como os Anasati e os Acoma nada lucram se Ayaki perder o posto de Governante, sugiro que seja mais específico.

Jiro inclinou a cabeça com uma tênue sugestão de malícia.

— Meu pai não sabe exatamente o conteúdo desses segredos, Conselheira-Mor e minha querida Senhora. Os aliados dele não falaram diretamente, o que, ele supõe, se deva a generosos subornos. Mas ele tem olhos e ouvidos em lugares estratégicos que veem e ouvem por ele. Ele quer que saiba que as facções inclinadas para o lado dos Minwanabi já se reuniram mais de uma vez em segredo. Ele soube que os Omechan elogiaram o autocontrole do Senhor Desio diante da afronta dos Acoma, mas, apesar de poderosos, dependem da boa vontade dos Minwanabi na Aliança Bélica, e isso faz com que evitem perder apoiadores neste momento. Mas os Omechan não são os únicos a aplaudir os planos implacáveis de Desio, e essa aprovação vai contra os interesses de nosso herdeiro. Resumindo, a Senhora tem poucos aliados declarados no Conselho Supremo.

Mara pediu a um escravo que levasse embora as bandejas, ainda intocadas por Jiro. Ainda que lamentasse provocar o desgosto de Jican diante da rejeição das melhores frutas da cozinha, estava tensa demais para se preocupar com tais assuntos. Não gostava do modo como Jiro olhava para os lados, registrando todos os detalhes do salão dos Acoma, criados e guardas. Seu interesse era idêntico ao de um oficial que, em terreno inimigo, reúne

informações antes de atacar. Não sendo tão direto quanto seu irmão Halesko, Jiro apoiava-se em sutilezas fundadas em ambição. Mara se esforçava para descobrir quanto do que ele dizia era verdade e quanto ele exagerava para assustá-la.

— Nada do que me conta é novidade, Jiro, não exatamente. Seu pai certamente não teria necessidade de desviá-lo de uma importante transação para me relatar isso — disse, sondando o terreno. — Um mensageiro de confiança teria bastado.

Jiro mostrou-se distante.

— É um assunto de família — retrucou. — Meu pai queria que entendesse que a conspiração no seio do Conselho está amplamente camuflada e é inteligente. Ele não comprometeria suas fontes confiando em um mensageiro contratado. Seus inimigos estão sempre vigilantes e poderiam ficar sabendo do aviso, caso enviássemos um homem de uma guilda qualquer. Desio pagou para ter acesso a todos os livros de registro das guildas em Sulan-Qu. Uma mensagem das fontes Anasati seria óbvia demais. — Jiro inclinou a cabeça com uma leve sugestão de ironia. — Mas ninguém questionaria um tio que visita um sobrinho sem pai.

— Nem mesmo um que interrompe uma importante transação para uma visita social a uma criança de três anos? — intercedeu Nacoya com educação.

Jiro nem corou, o que exigia uma boa dose de autocontrole.

— Nenhum de nós está em posição de trocar acusações, como deve lembrar a Conselheira-Mor da viúva de meu irmão. Além disso, que mal há se Desio achar que temos segredos? Ele não pode fazer nada além de especular quais são.

O olhar que dirigiu a Mara foi uma perturbadora mistura de cobiça e ódio. Ela o fitou com um olhar penetrante até ele não conseguir evitar o desconforto. Sua família sempre tratara Buntokapi como algo inconveniente; fora a própria negligência de sua educação que proporcionara a Mara uma abertura a explorar. Apesar de não se sentir orgulhosa por ter se aproveitado dos desejos frustrados e da inépcia do homem, Mara revisitara a situação através do arrependimento; sabia que teria de suportar sozinha toda a culpa.

Cansada da intensidade do olhar de Jiro, e mais afetada do que desejaria admitir pela calúnia que sugeria sua relação com Kevin, Mara encerrou aquela visita:

— Agradeço pelas novidades sobre Desio ter comprometido as guildas comerciais. Isso foi muito útil. E também agradeço por me informar que os Omechan estão colaborando com os Minwanabi. Você cumpriu seu dever, ninguém pode dizer o contrário. Não vou mais atrasá-lo, pode voltar a seus importantes negócios em Sulan-Qu.

Jiro retribuiu com o mais seco dos sorrisos e antecipou sua última frase:

— A menos que eu queira ficar para o jantar que seus servos se esforçarão arduamente para preparar? — Inclinou a cabeça negando. — Sua companhia é inigualável. Mas, dadas as circunstâncias, sou forçado a declinar. Devo seguir meu caminho.

— Sem nem mesmo olhar o sobrinho sem pai que veio visitar — comentou Nacoya. Mais

seca do que o habitual, lançou um olhar ardiloso à sua Senhora. — Seu convidado confia tanto em sua descrição, minha Senhora, que não teme que ouvidos errados ouçam rumores sobre isso.

Dessa vez Jiro ficou lívido, mas sua palidez era mais pela irritação do que pela vergonha. Levantou-se e fez uma curta reverência a Mara.

— Vejo que a regente do herdeiro dos Acoma aprende muita coisa em companhia de velhas amargas.

— Com mais habilidade do que as jovens e belas, elas mantêm os jovens impertinentes em seu devido lugar. — Mara também se levantou. — Mande meus cumprimentos a seu pai, Jiro.

O fato de o jovem nobre não ostentar um título o envergonhava demais. Sabendo o que motivara a amargura dele, Mara viu seu convidado se dirigir para a porta. Ele subiu na liteira sem nem olhar para ela e fechou abruptamente a cortina assim que ela proferiu o desejo protocolar de boa viagem. Mal os carregadores levantaram o arrogante fardo e os soldados Anasati se alinharam em colunas, Nacoya suspirou de alívio.

— Graças aos deuses você não se casou com ele, filha de meu coração. Ele é esperto demais.

— Ele não nutre nenhuma amizade por mim, isso é mais do que evidente.

Mara voltou às sombras frescas de sua casa, com um olhar bem carregado. Nacoya fitou intensamente sua Senhora.

— O que esperava, depois de ter escolhido o irmão mais novo em seu lugar? Aquele rapaz começou a odiá-la no momento em que a Senhora e Tecuma acordaram seu casamento com Buntokapi. Ele se considerava o melhor candidato ao seu título e irá carregar esse ressentimento até a morte. Mais do que isso, ele a odeia em dobro porque, no fundo, a deseja. Ele ainda a tomaria como esposa, se permitisse. — A anciã suspirou. — Mas iria matá-la depois, filha, pois acho que está totalmente tomado pela inveja.

Mara ajeitou uma mecha de cabelo solto, abaixando a mão em seguida, com a pulseira de metal raro balançando em seu pulso.

— Por Lashima, o orgulho dos homens é mesmo muito sensível!

Seus olhos revelaram uma dor que nada tinha a ver com a raiva de Jiro diante de sua rejeição. Nacoya estendeu um dedo em sua direção.

— A Senhora está pensando outra vez naquele bárbaro que nada traz de bom.

Mara ignorou a acusação.

— Kevin não tem nada a ver com isso. O que será que fez Jiro percorrer todo esse caminho e se dar ao trabalho de me provocar, sob o pretexto de reuniões clandestinas mal documentadas no seio do Conselho?

Nacoya pareceu espantada.

— Minha Senhora, seria muito bom levar em conta o aviso do Senhor Tecuma. Os espiões dele podem não cobrir tanto terreno quanto os seus, mas nem por isso são menos eficientes.

Esqueça que as emoções de Jiro obscureceram a mensagem. A Senhora está correndo grave perigo.

Mara dispensou, irritada, as preocupações da Conselheira-Mor:

— Nacoya, tenho, com toda a certeza, muitas preocupações mais palpáveis em minha cabeça para ficar me preocupando com banalidades. Se houvesse uma conspiração no Conselho, com certeza a rede de Arakasi me manteria informada.

A luz do sol brilhou através de um biombo entreaberto, atingindo em cheio o rosto da Conselheira-Mor e deixando-a parecida com a caricatura enrugada de um camafeu.

— Minha Senhora — disse em tom sério —, você depende demais dos espiões de Arakasi. Eles são apenas homens. Não conseguem ler a mente de Desio e não conseguem escutar todos os sussurros trocados em cantos escuros e atrás de portas fechadas. Só podem estar em um lugar de cada vez. E, sendo mortais, podem ser corrompidos ou enganados.

— Nacoya, você está se preocupando mais do que deve. Você tem minha permissão para se retirar e procurar alguma distração.

Enquanto Nacoya se curvava com as costas muito retas, Mara puxou seus trajes pesados. Queria um banho e queria trocar de roupa e talvez alguns artistas que a fizessem rir. Sua manhã com os cho-ja já parecia bem distante. O antagonismo gélido de Jiro a incomodara mais do que as preocupações de Tecuma com o Conselho; além disso, sentia insuportavelmente a falta de Kevin. Carente, impulsivamente mandou seu mensageiro buscar um escriba. Quando o homem que chamara fez uma reverência, carregado de giz e de lousas, ela dispensou as cortesias demoradas com um gesto.

— Vá até o campo das needra e observe os trabalhadores. Anote tudo que está acontecendo por lá, com particular atenção ao ruivo que comanda os escravos. Quero saber tudo que ele faz e diz, para que eu possa avaliar a eficácia de sua equipe de trabalho.

O escriba fez uma pequena reverência sobre seus materiais. Não lhe cabia julgar o desejo de sua Senhora, mas saiu um tanto confuso, pois a Senhora parecia estar se preocupando com detalhes que normalmente eram trabalho do hadonra. Durante todo o tempo em que a servira, desde seus dias de aprendiz, o escriba nunca recebera um pedido tão inusitado.

Reconciliação

Tasaio sorriu.

Espantado com aquela expressão tão pouco habitual, o Senhor dos Minwanabi olhou desconfiado enquanto o primo atravessava o grande salão depois de ter retornado de sua viagem rio abaixo. Mas logo lembrou que Sulan-Qu era a cidade mais próxima das terras dos Acoma, então Desio entendeu tudo.

— O que aconteceu? — quis saber quando o primo se deteve e fez uma reverência diante do dossel, não o grande com o trono, mas a plataforma com almofadas ao lado reservada para ocasiões menos formais, nas quais Desio não era obrigado a se impor diante dos conselheiros.

De um dos lados, Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas, aguardava sem ressentimentos para escutar o homem que o substituíra em todos os aspectos, menos no cargo. Tasaio não só era nobre como um brilhante comandante de campo; como segundo em comando do Senhor da Guerra na campanha no mundo bárbaro, era o substituto de Desio como Chefe de Guerra do Clã. Segundo a tradição tsurani, servir sob as ordens de uma figura como aquela só poderia trazer honra aos Minwanabi.

— Meu Senhor — disse Tasaio erguendo-se num movimento de completa e impecável cortesia diante do primo —, já começou.

Desio ficou tenso só de pensar no assunto. Inspirado no exemplo do primo, dedicara-se a praticar as artes marciais. Quando se sentou sobre a esteira bordada, sua barriga não se destacou como antes e seu rosto corado já não apresentava uma aparência de filhote. Um trabalho cuidadoso no manejo da espada o fizera desenvolver sua perícia de tal forma que seus parceiros de treino pararam de precisar deixá-lo vencer. Desio já não parecia mais uma figura ridícula quando vestia a armadura cerimonial; os servos mais antigos sussurravam que o rapaz conseguira, pelo menos, equiparar-se ao pai, Jingu, em sua juventude, e talvez fosse até mais viril.

A proeza física não era a maior das conquistas de Desio. Na ausência de Tasaio, conseguira, com sucesso, impor sua pretensão de se tornar Chefe de Guerra do Clã Shonshoni, o primeiro passo público rumo à reconquista do prestígio perdido após a morte do pai. Mais confiante do que nunca, Desio conseguira se reerguer em absoluta plenitude. O sol da tarde

vindo da claraboia se derramou sobre seus ombros, fazendo seus enfeites preciosos cintilarem.

— Conte-me os detalhes!

Tasaio entregou o elmo a um criado que ali estava. Passou uma mão no cabelo ensopado nas têmporas para agitá-lo e, enquanto falava, começou a desapertar as manoplas.

— Recebemos outra vez informações de um membro do clã de Mara. — Dois criados avançaram; um deles despejou água na taça que o outro segurava. Sem se deter, Tasaio lavou as mãos e o rosto e depois permitiu que um terceiro criado o lavasse. — Eles consideram o extermínio total da casa de Mara um plano complexo, mas também não têm a pretensão de provocar nossa ira caso descubram que se trata de um fato consumado.

O criado dobrou a roupa suja e partiu, e, do nicho obscuro ao lado das almofadas de Desio, Incomo esticou sua mão mirrada.

— Meu Senhor, isso está de acordo com o que Bruli dos Kehotara afirmou. — Com uma ausência de petulância incomum, Desio permitiu que seu Conselheiro-Mor prosseguisse. — O Clã Hadama está politicamente dividido. Eles estão sempre envolvidos em brigas internas e nunca concordam nas questões da guerra. Não procuram desavenças com o Clã Shonshoni, mas precisamos ser cautelosos. Não devemos dar motivos para que se unam. No calor da crise, acho que deixarão de lado suas diferenças e ajudarão Mara se, sob algum pretexto, ela invocar a honra do clã. Devemos garantir que não tenham motivos para isso, ou então teríamos de enfrentar todo o clã. Num caso desses, seríamos obrigados a mobilizar o Clã Shonshoni.

— Qualquer conflito dessa magnitude levaria à intervenção da Assembleia de Magos — destacou Tasaio —, o que seria desastroso. — Sacudiu uma partícula de pó invisível de sua unha. — Por isso, atuaremos com cautela e, depois que Mara e seu filho morrerem, o Clã Hadama começará a cacarejar em grupo, manifestando seu pesar, para depois retornar a seus assuntos habituais, certo?

Desio ergueu a mão para que fizessem silêncio e pensou no assunto.

Incomo refreou seu impulso de dar conselhos, satisfeito com a maturidade recém-descoberta de seu Senhor. A influência de Tasaio se revelara uma dádiva divina, pois o jovem parecia estar se tornando um líder confiante e determinado como já não se via no grande salão dos Minwanabi desde o reinado de seu avô. Ciente de todas as implicações, o Senhor ponderou e então levantou uma questão:

— Então, você já escolheu o momento em que vamos começar a primeira parte do plano?

Tasaio voltou a dar um sorriso largo e demorado, como um bocejo de sarcasmo.

— Levou menos tempo do que eu previ. Mas não foi tão rápido quanto gostaríamos. Devemos passar aos espiões dos Acoma a informação de que nos preparamos para atacar os malditos carregamentos de seda.

Desio concordou:

— É a escolha mais lógica, já que fomos muito prejudicados pelo caos causado pela

surpreendente entrada deles nos leilões de seda. Os conselheiros de Mara acreditarão prontamente que vamos atacar para recuperar alguma riqueza perdida e para levar conosco os lucros que obtiveram de forma desonesta.

Tasaio passou os dedos pelas marcas deixadas pelas correias das manoplas, mas, se esse gesto indicava impaciência, o resto de seu corpo permanecia relaxado.

— Em sua opinião, devemos fingir que a caravana que desce o rio rumo a Jamar será atacada por *bandidos*?

Outrora, Desio teria concordado, não escondendo sua ansiedade. Mas dessa vez franziu o cenho, concentrado.

— Tropas de infantaria não serão suficientes. Certifique-se de passar a ideia de que também dispomos de barcos. Se o hadonra de Mara alterar a rota da caravana para que siga em barcas, faça com que ela pense que *piratas* do rio cairão sobre eles.

— Mas é claro, meu Senhor! — Tasaio já não precisava fingir que a sugestão era original. — Essa tática obrigará Keyoke a enviar uma caravana falsa fortemente guardada enquanto ele, pessoalmente, escolta um pequeno e mais rápido grupo de carroças através das terras dos Tuscalora.

— Para onde você irá levá-lo? — perguntou Desio, bastante concentrado.

Tasaio fez um sinal ao mensageiro, que por sua vez chamou o assistente que aguardava do lado de fora do salão principal. O guerreiro entrou, com um enorme rolo de pergaminho. Fez a devida mesura diante de seu Senhor e depois jogou no chão o fardo que transportava, logo desenrolado por dois criados. Tasaio desembainhou a espada e com um movimento breve apontou para a sinuosa linha azul que representava o rio Gagajin.

— Assim que atravessarem Sulan-Qu, Mara enviará suas carroças para o sul pela Estrada do Rio Grande, ou então irá colocá-las a bordo das barcas para seguirem por via fluvial. Ela atrairá muita atenção com essa falsa caravana e por isso não arriscará que suas verdadeiras mercadorias sigam pelo bosque a leste de suas terras. A carga falsa ficaria perto demais da verdadeira carga. — Sua espada arranhou o rio que constituía a principal via comercial através do coração do Império; a leste e a oeste, as estradas mais importantes haviam sido pintadas em linhas vermelhas. — Aqui — disse Tasaio, espetando a espada numa linha fina e sinuosa ao sul da divisa dos Acoma. — Com certeza Keyoke cruzará ao sul através das terras dos Tuscalora e passará perto do sopé das Montanhas de Kyamaka. Rumará até o delta ao norte do Grande Pântano para continuar diretamente para Jamar, porta de entrada dos mercados do Sul.

Inclinando-se para a frente por cima do mapa, Desio antecipou-se ao que o primo ia dizer:

— Você vai atacar no sopé da montanha?

Tasaio bateu com a arma em uma curva estreita na estrada.

— Aqui nesta passagem. Quando chegarem aqui, as forças de Keyoke poderão ser atacadas de ambos os lados e, com a bênção do Deus Vermelho, nenhum guerreiro Acoma vai

sobreviver.

Desio, calado, bateu com um dedo em seus lábios grossos.

— Mas Mara pode manter o Comandante das Forças Armadas por perto. E se Lujan, o Líder de Ataques, for enviado no lugar de Keyoke?

Tasaio encolheu os ombros.

— Mara revelou sua aptidão no comércio, mas em batalha terá de delegar o comando. Suas opções são poucas: além de Keyoke e de Lujan, há apenas um velho Líder de Ataques, quase cego, já prestes a deixar o cargo, e dois outros soldados promovidos recentemente. Ela fará a única escolha inteligente possível: enviar seus oficiais de confiança com as duas caravanas e confiar na força bruta de seus aliados cho-ja para proteger sua propriedade.

Desio, porém, não estava satisfeito.

— Podemos orquestrar um acidente para Lujan também?

Tasaio pensou no assunto com um interesse concentrado.

— É complicado. Os soldados de Mara vão estar esperando problemas, e mesmo um assassino habilidoso provavelmente não conseguiria se aproximar do comandante deles.

— Mas e se... — Desio se ergueu de sua esteira e agachou-se no degrau logo acima do mapa. — E se arranjassemos uma maneira de fazer com que nosso jovem Líder de Ataques fosse correndo auxiliar seu comandante? — sugeriu, após um momento de análise.

Tasaio arregalou os olhos.

— O Senhor precisa ser um pouco mais claro.

Satisfeito por ter surpreendido o primo, ainda que apenas um pouco, Desio apoiou o queixo nos nós dos dedos entrelaçados.

— Vamos *expor* um espião dos Acoma e torturá-lo o suficiente para convencermos a todos de que não estamos brincando e, enquanto estivermos fazendo isso, vamos nos vangloriar de nossa armadilha... Vamos dizer até mesmo onde será o ataque. Depois, quando Keyoke não puder mais ser chamado de volta, deixaremos o espião escapar.

O rosto de Tasaio permaneceu inexpressivo.

— E ele irá correndo para as terras dos Acoma.

Com um gesto ponderado, como sempre fazia, voltou a embainhar a espada. Quando a lâmina entrou na bainha, um estalo ecoou pelo salão praticamente vazio.

— Mais ou menos nesta área — prosseguiu Desio, mudando de posição para tocar com a ponta do pé a linha que representava o rio —, ao sul de Sulan-Qu, o espião fugitivo vai se encontrar com Lujan e sua caravana. A essa altura, o Líder de Ataques dos Acoma estará pulando a cada ruído, à espera da emboscada já atrasada. Quando souber que Keyoke é o verdadeiro alvo, fará seu exército dar meia-volta e descer o rio para tentar salvá-lo — Desio concluiu presunçoso. — Quando a ajuda chegar, Keyoke já estará morto e nossos homens estarão esperando para massacrar as forças de Lujan.

Tasaio, carregado de dúvidas, apertou os lábios.

— Eu acho que o plano é mais arriscado que o necessário, meu Senhor. Abater Keyoke e suas poucas tropas não será um problema, mas Lujan estará no comando de pelo menos três companhias com cerca de cem ou cento e vinte homens em cada uma, todos ansiosos para lutar.

Desio não deu importância a tais preocupações:

— Na pior das hipóteses, Lujan se revelará um inimigo forte demais e bateremos em retirada, deixando Keyoke morto e o possível novo Comandante das Forças Armadas envergonhado por seu fracasso na tentativa de salvá-lo. E, melhor do que isso — terminou Desio, com um dedo erguido para dar mais ênfase —, com um pouco de sorte, podemos afastar com um só golpe o outro único comandante de campo capacitado da cadelã dos Acoma. Vale o risco.

— Meu Senhor... — começou Tasaio.

— Faça o que ordeno! — gritou Desio, impondo-se à cautela do primo. Então, do alto de sua autoridade, repetiu calmamente as ordens: — Faça isso, primo. — Tasaio inclinou a cabeça, virou-se e partiu. Enquanto o assistente que trouxera o mapa corria atrasado para alcançá-lo, Desio avisou a Incomo: — Estarei treinando com minha guarda de honra na próxima hora. Depois vou tomar banho. Diga ao hadonra que quero minhas criadas me esperando. Depois, vou querer jantar.

Indiferente ao fato de ter dado a seu Conselheiro-Mor ordens que seriam mais adequadas a um criado, o Senhor dos Minwanabi levantou-se. Alguns escravos se apressaram a arrumar as almofadas amarrotadas e a levar as bandejas que continham apenas cascas de frutas. Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas, com seu elmo de plumas laranja, seguiu discretamente seu mestre para fora do salão. Incomo observou pelo canto do olho. Assim que as portas se fecharam com estrondo, e quando só estavam presentes escravos e criados, inclinou seu pescoço curtido e observou o mapa no chão ao lado do dossel. Os lugares onde o Senhor pisara ao passar estavam marcados. Incomo desceu o degrau. Posicionado como um pássaro costeiro, com um pé na província de Lash e o outro suspenso sobre a fronteira com Hokani, balançou a cabeça.

— Se Lujan for um imbecil, nosso Senhor é um gênio — meditou, sozinho —, mas se Lujan for um gênio... — Observou e estudou o mapa. — Agora, se o cabeça-dura de nosso jovem Senhor escutasse, eu... — murmurou.

— Eu vejo vários problemas — disse uma voz determinada.

Espantado com o retorno silencioso de Tasaio, Incomo levantou o queixo.

— Explique-se, por favor.

— Vim por causa do mapa.

Incomo saiu de cima do pergaminho como se estivesse pisando em ovos. Tasaio estava seriamente aborrecido, e, se optasse por se explicar, iria direto ao assunto. Tasaio fez um gesto e seu assistente ajoelhou-se para enrolar o mapa. O Conselheiro-Mor esperou com

paciência.

— O que poderia dar errado? — perguntou calmamente Tasaio, pegando o mapa que seu oficial lhe passou e colocando-o descontraidamente debaixo do braço. — A ousadia de meu primo o honra enquanto chefe do clã. No entanto, ele depende demais do sucesso dos eventos planejados pelos Minwanabi. Por experiência própria, creio que seja mais sensato nos prepararmos para o pior.

— Então você acha que o ataque duplo dará errado — concluiu Incomo, habilmente sugerindo uma derrota que Tasaio estaria disposto a evitar a todo custo.

Tasaio revirou os olhos dourados com cílios negros e o fitou, arrogante.

— Não poderei liderar esse ataque e garantir que tudo corra bem. De qualquer forma, dizem que batalhas são vencidas e perdidas antes de ser disparada a primeira flecha. Os Acoma certamente sofrerão perdas. Passarei minhas últimas horas antes de partir para Dustari elaborando medidas contra todas as contingências possíveis e imagináveis, e nosso Comandante das Forças Armadas receberá as instruções mais detalhadas que eu puder fornecer. Irrilandi é amigo de infância de Keyoke e o conhece bem. Deve ser capaz de antecipar a reação do inimigo. Se eu der instruções detalhadas para cada uma das opções, ele vencerá.

Incomo ficou incomodado com as dúvidas implícitas sobre a capacidade de Irrilandi; contudo, a postura crítica do antigo Subcomandante do Senhor da Guerra era justa, de certa forma, reconheceu o Conselheiro-Mor enquanto Tasaio e seu assistente partiam de forma elegante. O primo de Desio era provavelmente o mais apto de todos os oficiais do Império, tendo conquistado reputação graças à bravura e à astúcia na ascensão dos Minwanabi sob o domínio de Jingu, e depois refinando seu talento natural em quatro anos liderando a Aliança Bélica no mundo bárbaro.

Incomo suspirou. Foi o único sinal de pesar que demonstrou, após uma última noite de planejamento, diante da partida daquele talentoso jovem nobre que ia iniciar sua jornada através do Mar de Sangue até as ruínas de Banganok, onde se juntaria a homens que já estariam no terreno com os salteadores do deserto para efetivar a segunda etapa da conspiração iniciada com o ataque à caravana de seda. A campanha contra os Xacatecas em Dustari teria de ser apressada, caso contrário, a exigência de uma força de auxílio dos Acoma nunca poderia ser comprada no Conselho. Tendo pela frente preocupações mais fúteis, como um banho e belas criadas, o Conselheiro-Mor dos Minwanabi contornou um servo já bastante castigado pela idade e arrastou os pés para longe do enorme salão.

Mara andava de um lado para outro. Girou nos calcanhares e reprimiu o impulso de dar um chute numa almofada.

— Chame-o de volta. E já! — ordenou.

O escriba, cujas lousas estavam desordenadamente empilhadas na escrivaninha do escritório, fez uma reverência profunda e tocou o chão com a testa.

— Sua vontade será feita, Senhora.

Endireitou-se apressado e abandonou imediatamente o recinto, intimidado demais pela fúria de Mara para se importar com o fato de ela lhe ter ordenado que fosse à área mais distante da propriedade como se ele tivesse o preparo físico de um mensageiro. Ainda ouvindo os passos do criado se afastando ao longe, Nacoya cacarejou de modo reprovador.

— Filha, os problemas com que está lidando são complicados, mas você não pode ficar desleixada. Você está em um estado deplorável.

Mara virou-se de repente, lívida de raiva.

— Velha, sua tagarelice não é bem-vinda.

Nacoya enrugou a testa.

— As preocupações suprimiram seu bom senso. — Seu olhar se fixou no nome de Kevin, escrito repetidas vezes nas lousas espalhadas pelo chão. — Ou o amor — concluiu a velha ama, estreitando os olhos, como se tentasse espreitar o coração de sua filha de criação.

Mara não resistiu e dessa vez chutou a almofada, que voou para além do biombo e dos densos galhos de akasi; pétalas de flores voaram para todos os lados e uma nuvem de pólen caiu no chão.

— Velha, você está testando minha paciência! O amor não tem nada a ver com isso. Estou furiosa porque o afastei por medo, e nenhum tipo de covardia é aceitável.

Imediatamente, Nacoya se ateve à palavra-chave:

— Medo... de um escravo bárbaro?

— Fiquei com medo de suas opiniões blasfemas sobre o funcionamento da Roda do Destino e o efeito que essa atitude poderia ter sobre meu filho. Estou com raiva de mim mesma por ter sentido isso. Kevin é minha propriedade, ou não é? Posso vendê-lo ou matá-lo se quiser, não? — Mara suspirou de frustração. — Durante esses dois últimos meses observei seu comportamento, e ele se saiu muito bem. Os campos enfim estão limpos e nenhum de seus contrerrâneos foi enforcado para apressar o andamento das coisas. E ele sempre demonstrou respeito a seus superiores.

Os modos de Nacoya se suavizaram. Ficou atenta aos olhos febris de sua Senhora e ao rubor em seu rosto, e depois, deplorando o fato, concluiu que quase nada poderia ser feito. A garota se apaixonara pelo bárbaro. Embora Mara ainda não tivesse tomado consciência do fato, nem o tato nem a razão conseguiriam fazer com que o tempo voltasse para trás. Contrariando toda a lógica, Kevin voltaria ao anoitecer.

Nacoya fechou os olhos com uma aceitação dolorosa. A ocasião dificilmente poderia ser pior: a notícia de um iminente ataque dos Minwanabi acabara de ser transmitida por Arakasi. Mas ninguém poderia culpar uma jovem por procurar conforto durante uma crise. Nacoya

apenas rezava para que Mara se cansasse logo do escravo ou que, pelo menos, compreendesse que nada de proveitoso poderia vir daquele relacionamento além de uma diversão sexual. A Senhora teria de ceder à razão e prestar atenção. Assim que se casasse com um homem de posição e se sentasse com segurança em seu trono de Governante acompanhada por um consorte apropriado, Mara poderia dormir com quem bem entendesse — seu marido aceitaria o fato como um direito de seu cargo, do mesmo modo que um Governante homem tem suas amantes. Mas o problema era justamente encontrar um consorte.

Desde a humilhação do pobre Bruli dos Kehotara um ano antes, a maioria dos jovens nobres decidira passar longe da Governante dos Acoma; as fofocas tsurani com relatos detalhados do que acontecera em quartos supostamente particulares deixavam todos claramente estupefatos. Apesar de apenas alguns criados terem testemunhado a vergonha de Bruli, em poucos dias todos os vendedores de rua das Províncias Centrais estavam reproduzindo a fábula. Talvez alguns pretendentes em potencial tenham ouvido falar do incidente e, por conseguinte, tenham decidido que aquela Senhora de personalidade forte trazia mais problemas do que benefícios, apesar de sua riqueza e de seu título. Além disso, talvez as persistentes suspeitas em relação à desonra e à morte do Senhor Buntokapi afastassem os demais. Certamente, a maioria dos possíveis pretendentes simplesmente esperava para ver se Mara sobreviveria por muito mais tempo. Até mesmo alguém com um interesse declarado como Hokanu dos Shinzawai não poderia ficar esperando enquanto Mara se satisfazia com suas loucuras. Cada noite em que Mara se divertisse com Kevin era uma hora a menos que ela teria para receber filhos de nobres. Nacoya levantou suas mãos em forma de garras e soltou um som de desagrado pelo nariz.

— Minha Senhora, se vai chamá-lo de volta, pelo menos peça à boticária para preparar uma poção de esterilidade. Diversão na cama é muito boa, mas não se você tiver o azar de engravidar acidentalmente.

— Saia! — Mara ficou extremamente vermelha, depois pálida, e então voltou a corar. — Estou chamando meu escravo de volta para repreendê-lo, não para satisfazer loucos desejos sexuais!

Nacoya fez uma reverência e retirou-se tão rapidamente quanto seus velhos ossos permitiram. No corredor, suspirou. Repreendê-lo por quê? Por ser eficiente e demonstrar respeito por seus superiores? Por conseguir, mais do que qualquer outro, que seus conterrâneos bárbaros trabalhassem? Com muita paciência, Nacoya dirigiu-se ao cômodo dos servos e ela própria chamou a boticária, para se assegurar de que o elixir de erva teriko seria deixado no quarto da Senhora ao anoitecer. Com os Minwanabi ansiosos para ver o sangue dos Acoma jorrando, a última coisa que a família precisava era ver a Governante sobrecarregada com uma gravidez.

A tarde já estava bem adiantada quando o exausto escriba voltou dos campos mais distantes acompanhado por Kevin, o bárbaro. Mara se esquecera de que enviara alguém que não era um mensageiro, de modo que sua disposição não melhorou com a demora; ela tampouco percebeu que sua capacidade de avaliar fora turvada pelas emoções. Faminta, mas irritada demais para comer, aguardou no escritório, enquanto um poeta, em quem ela não prestara atenção durante grande parte das últimas duas horas, declamava versos sentado no chão de madeira. Sempre que escutava passos no corredor, Mara o mandava se calar. O poeta retomava a declamação com uma paciência simulada sempre que descobriam que os passos eram de um criado. Se não fosse pelo patrocínio da grande Senhora, ele estaria nas ruas de Sulan-Qu sobrevivendo com dificuldade, compondo versos para os transeuntes. Quando a dupla por fim chegou, ele se despediu com uma reverência graciosa; Mara era normalmente generosa, e ele se sentiu desprezado pela pouca atenção que ela lhe dera aquela tarde. Mais tarde ela compensaria a descortesia.

Motivada pelo som forte de passos, seguido pelo batida apressada dos passos do servo muito menor que tentava acompanhar o ritmo do bárbaro de pernas compridas, Mara autorizou a dupla a entrar antes mesmo de baterem. O escriba exausto abriu o biombo.

— Senhora... Kevin — arquejou, com o rosto vermelho.

Preocupada demais para demonstrar compaixão, Mara o dispensou para que fosse descansar e a deixasse a sós com seu escravo. Quando o biombo se fechou, ela observou Kevin, parado no espaço diante da entrada. Durante um longo momento, nenhum deles falou, e depois Mara fez um gesto breve para que o escravo se aproximasse.

Kevin obedeceu, bastante bronzado pelo sol e com sardas no nariz; seus olhos azuis contrastavam espantosamente com a pele escurecida. Seu cabelo se tornara vermelho-dourado e as pontas não aparadas caíam onduladas sobre seus ombros. Estava com o tronco nu. As horas passadas escavando com seus companheiros de trabalho o haviam deixado calejado e musculoso nas costas e nos braços. A intensidade do calor do verão cobrara seu preço: suas preciosas calças midkemianas tinham sido encurtadas até as coxas e seus joelhos exibiam velhas cicatrizes e novos arranhões devido aos espinhos. Concentrada naqueles detalhes, e pega desprevenida pelo bater acelerado de seu coração ao vê-lo de novo após tanto tempo, Mara não previra a fúria dele.

Kevin fez uma reverência insultuosamente curta e fixou seus olhos nos dela, gesticulando de um modo pouco próprio aos tsurani.

— O que quer de mim, Senhora? — Ele quase cuspiu o título.

Mara endireitou-se nas almofadas, empalidecendo.

— Como você se atreve a me dirigir a palavra dessa maneira? — murmurou, quase não conseguindo falar.

— E por que não me atreveria? — retrucou Kevin. — Você me empurra como se eu fosse

um... peão de xadrez shah. Pra cá! Pra lá! Agora outra vez aqui, só porque lhe convém, mas sem uma explicação nem mesmo um aviso! Cumpri suas ordens não por amá-la, mas para salvar a vida de meus companheiros.

Espantada e na defensiva, Mara perdeu a compostura e percebeu que quase se desculpava ao tentar justificar seus atos:

— Mas eu promovi você a mestre dos escravos e o deixei encarregado de seus companheiros midkemianos. — Ela apontou para as lousas. — Você recorreu à sua autoridade para que se sentissem confortáveis. Vi que eles têm comido aves jiga, bifés de needra, frutas e legumes frescos com a papa de thyza.

Kevin ergueu as mãos.

— Se pretende que seus homens façam trabalhos pesados, deve alimentá-los, caso contrário, ficam fracos e adoecem. Isso é senso comum. E aqueles campos são um péssimo lugar para se estar, infestados como estão de moscas e insetos que picam e de todas as variedades de pragas de seis patas. Qualquer corte infecciona neste clima. Acha que meus homens estão aproveitando seus banquetes? Experimente dormir lá fora no chão, onde a poeira entope nossas narinas e aquilo que neste fim do mundo equivale a lesmas e caracóis invade nossas cobertas depois do anoitecer. E, quando você se livra dos convidados indesejados, fica acordado, incapaz de respirar ar puro.

Uma sombra baixou sobre os olhos de Mara.

— Vocês vão todos dormir onde eu mandar e vão manter suas reclamações para vocês.

Kevin afastou a franja para poder fitá-la melhor.

— Suas malditas árvores já foram derrubadas e as cercas estão praticamente completas... é só me dar mais uma semana. O que já é muito, uma vez que os servos tsurani definham e dormem a cada vez que o sol cruza o céu.

— Isso não o autoriza a tomar essas liberdades — retorquiu Mara. Então percebeu que falava alto e lutou para se controlar.

— Liberdades, não é?

Kevin sentou-se sem pedir permissão. Mesmo assim, Mara teve de olhar para cima para vê-lo, e isso o deixou perversamente satisfeito. Mara estendeu o braço e pegou uma das lousas que estavam espalhadas no chão.

— As palavras do bárbaro para o capataz são as seguintes: *Faça isso de novo e então corto suas... bolas, seu filho de um macaco piolhento* — leu Mara, e em seguida fez uma pausa. Suspirou e prosseguiu: — Seja lá qual for o significado de *macaco piolhento*, meu capataz entendeu como um insulto.

— A ideia era essa — interrompeu Kevin.

Mara fechou a cara.

— O capataz é um homem livre e você é um escravo, não é permitido a escravos insultar trabalhadores livres.

— Seu capataz é uma farsa — acusou Kevin. — Estava roubando de você e, quando descobri que o carregamento de roupas para meus homens foi parar nos mercados para encher os bolsos daquele homem, enquanto eles continuavam a usar trapos, eu...

— Ameaçou enfiar a masculinidade dele entre os dentes — interveio Mara, batendo com um dedo na lousa. — Está tudo aqui.

Kevin disse algo rude em midkemiano.

— Minha Senhora, não precisa me espionar.

Mara ergueu as sobrancelhas.

— Em relação ao meu capataz, você por acaso estava correto. Ele já foi punido pelos roubos, mas quanto a espionar... estas são as minhas terras e o que acontece nelas é assunto meu. — Ela fez uma pausa e ia acrescentar algo, mas mudou de ideia. — Esta reunião não começou como eu pretendia.

— Pensou que eu iria voltar para cobrir você de beijos depois de ter me mandado embora daquela maneira? Após meses arrancando meu couro e trabalhando para fazer as cercas, sob ameaça de morte a homens cujo único crime foi sofrer com calor e desnutrição? — Kevin proferiu outra palavra em midkemiano, uma curta e grossa. — Minha Senhora, posso ser obrigado a servi-la como escravo, mas isso não faz de mim uma marionete oca.

Mara se conteve de novo, controlou-se e lançou as mãos ao ar, em um gesto que seria mais esperado de Kevin do que dela.

— Eu pretendia lhe dar os parabéns pela sua eficiência e a de sua equipe. Seus métodos podem ser pouco ortodoxos, até rudimentares segundo nossos padrões, mas você obteve os resultados desejados.

Kevin a observou intensamente, sua boca fechada formando uma linha fina.

— Minha Senhora, não acredito que, depois de tanto tempo em silêncio, você me chamou aqui apenas para me dar um tapinha no ombro.

Então Mara ficou confusa. Por que o chamara de volta? Será que se esquecera de como ele poderia se revelar uma distração, proferindo barbaridades com seus modos teimosos? Teve consciência da raiva que ele sentia, assim como seu arrependimento lúgubre e frustrado. Suavizando a intensidade das lembranças que tinha de Kevin, tentara se distanciar dele e do caos terrível que ele gerava em seu coração e na sua cabeça.

— Não, não chamei você para lhe dar os parabéns; você está aqui por causa... — ela olhou ao redor, aparentemente à procura de algo enquanto se acalmava, então estendeu o braço e pegou outra lousa, aquela que fora a primeira a enfurecê-la — ... das cercas.

Kevin revirou os olhos, com as mãos pressionando os antebraços de tal maneira que sua pele ficou branca.

— Se eu devo construir uma cerca, não vou fazer isso com estacas podres que cairão na estação úmida com tanta certeza quanto sei que haverá moscas nos campos. Consigo me ver aqui sentado sendo repreendido por causa de trabalho *bárbaro* mal executado. Isso para não

mencionar o fato de que, no próximo ano, serei obrigado a reparar o trabalho miserável.

— O que você irá fazer no próximo ano não é da sua conta. — Mara sacudiu a placa para se refrescar. Por mais que tentasse, não parecia dominar o rumo da conversa. — Mas pegar o mercador que nos vendeu aquelas estacas e pendurá-lo de cabeça para baixo sobre o rio é um ultraje.

Kevin libertou as mãos, cruzou os braços sobre o peito e pareceu satisfeito.

— É? Pensei que estivesse fazendo justiça. Se a estaca aguentasse, o mercador permaneceria seco. Se a madeira estivesse podre, ele cairia na água. Depois que o tiramos da água, ele começou a pensar duas vezes antes de vender madeira de baixa qualidade novamente.

— Você envergonhou meu nome! — interrompeu Mara. — O homem que você jogou na água é, por acaso, de uma guilda e de uma família honrada, embora não sejam nobres. Jican teve de pagar uma polpuda compensação para que esquecessem tal injúria.

Kevin se ergueu de um salto com a súbita graciosidade selvagem que sempre espantara Mara. Andou para trás e para a frente.

— É isso que não compreendo em vocês tsurani — gritou, balançando um dedo acusador no ar. — São nitidamente cultos, educados e seus funcionários não são estúpidos. Mas esse maldito código de honra de vocês me deixa louco. Cortam os próprios dedos machucando deliberadamente seus pés e mantêm homens mentirosos, preguiçosos ou claramente incompetentes em posições de autoridade só porque nasceram em uma casa ilustre, enquanto homens de valor são desperdiçados em funções com poucas exigências e raras recompensas. — Virou-se com um passo largo e enfrentou Mara. — Não é surpresa alguma que seu pai e seu irmão tenham sido mortos! Se seu próprio povo pensasse com lógica em vez de percorrer os caminhos retorcidos do dever e da tradição, seus entes queridos talvez ainda estivessem vivos. — Mara empalideceu, mas Kevin não reparou e continuou a gritar: — E o povo do Reino não estaria em péssima situação se seus generais guerreassem com lógica. Mas não, avançam aqui, pilham uma cidade sem piedade, depois se retiram sem razão aparente e devastam outro lugar qualquer. Depois, acampam durante meses e não fazem nada.

Mara se esforçou para não perder ainda mais a compostura.

— Você está insinuando que meu povo é idiota?

As lembranças de sua família morta pela traição dos Minwanabi ainda estavam bem presentes em sua mente. O pensamento de que o destino poderia ter providenciado meios para trazê-los vivos de volta para casa se a honra dos tsurani tivesse sido, de certa maneira, ignorada, lhe gerou uma inesperada angústia. Embora seis anos já tivessem se passado, a dor ainda se mantinha. Kevin inspirou fundo para responder, mas Mara o interrompeu:

— Cale-se!

Sua voz falhou e lágrimas surgiram em seus olhos. Filha de uma linhagem orgulhosa, tentou contê-las, mas sem sucesso. Virou o rosto para ocultar sua vergonha, mas não foi rápida o

bastante. Kevin percebeu e sua raiva se esvaiu de repente. Ele se ajoelhou e estendeu timidamente a mão na direção do ombro dela.

— Minha Senhora — disse, em tom extremamente sincero —, nunca pretendi magoá-la. O motivo de minha raiva é que eu achava que a agradava, antes de ser mandado embora. — Inspirou fundo e encolheu os ombros. — Não passo de um homem e, assim como a maioria, não gosto de descobrir que errei.

— Você não estava errado — Mara falou em tom suave, sem virar o rosto. — Mas me assustou. Muitas de suas ideias são construtivas, mas outras são ofensas aos deuses e àquilo em que acredito. Não verei os Acoma serem reduzidos a pó por escutar sua *lógica* extraterrena, que exclui a sabedoria e trata com desprezo a lei divina.

Seus ombros tremeram com um soluço e Kevin teve compaixão. Se ele houvesse parado para pensar, teria hesitado, mas não estava acostumado a analisar emoções. Envolveu o corpo pequeno e tenso dela com os braços.

— Mara — disse em voz baixa, com a boca encostada no cabelo dela —, às vezes homens poderosos e gananciosos interpretam as leis celestiais da forma como querem. Apreendi um pouco sobre seus deuses com seus conterrâneos. Sua Lashima é muito parecida com nossa Kilian, e Kilian é uma deusa bondosa e carinhosa. Acha que Lashima, com toda sua generosidade, conteria suas mãos se você fosse piedosa e oferecesse moedas aos pobres?

Mara estremeceu sob seu toque.

— Não sei. Por favor, não diga mais nada. Keyoke e Lujan lideram nossos guerreiros para enfrentar um ataque Minwanabi e, num momento como este, os Acoma não devem irritar os deuses.

Suas mãos a acalmaram e a viraram de frente para ele. Os calos eram ásperos e o corpo e o cabelo cheiravam a suor aquecido pelo sol. Apesar disso, a sensação de sua pele na dela fez o coração de Mara acelerar. Encontrando nos braços dele uma calma até então desconhecida, enrugou o nariz.

— Você precisa de um banho.

— Preciso? — Kevin puxou-a para mais perto dele e a beijou demoradamente nos lábios. — Tive saudades de você, embora seja um tolo em admitir.

O corpo de Mara queimou em resposta e ela se inclinou em sua direção para sentir sua força. A pressão das mãos dele em sua pele fez com que suas precauções e os conselhos de Nacoya fossem levados pelo vento.

— Também tive saudades de você. Talvez nós dois precisemos de um banho.

Um sorriso rasgou o rosto de Kevin.

— Aqui e agora?

Mara bateu palmas e um criado entrou apressado, pronto para responder a qualquer pedido. Com irreverência, a Senhora dos Acoma olhou para cima, para o bárbaro alto que a segurava, e disse ao recém-chegado:

— Chame meus criados e faça com que preparem a água para um banho. — Então algo lhe veio à mente. — E apague essas lousas — acrescentou. — Elas contêm informações que podem iniciar uma revolta e não quero que meus outros escravos se tornem impertinentes como este se tornou.

Assim que o criado se apressou a cumprir as tarefas indicadas, ela esticou o braço para coçar a barba por fazer que crescia no rosto e no queixo de Kevin.

— Não sei o que vi em você, homem perigoso.

Pouco habituado a esse tipo de intimidade em um ambiente com mais gente, Kevin corou por debaixo de seu bronzeado. Uma a uma, retirou as presilhas que prendiam os cabelos de Mara. Quando os volumosos anéis de seus cabelos se libertaram, usou-os para ocultar os rostos de ambos dos olhares de terceiros.

— Você é mesmo a Governante — murmurou ele na obscuridade perfumada, e o beijo seguinte fez com que esquecessem todo o resto. Fazendo as mãos deslizarem pela curva do pescoço de Mara, sentiu-a estremecer de prazer e ansiedade. Sussurrando ao pé de seu ouvido, Kevin disse: — E, como um pobre imbecil que sou, também senti sua falta... Senhora.

Mara afastou-se o suficiente para ver se a expressão dele era irônica, mas, em vez disso, percebeu algo naquele olhar que a fez sentir uma fraqueza percorrer seu corpo. Encostando-se ao dele, sentindo o peito quente queimado de sol contra seu rosto, respondeu:

— E eu senti sua falta, meu bárbaro. Por todos os deuses, como senti sua falta.

Emboscada

Keyoke sinalizou para se deterem.

Atrás dele, a primeira das carroças de seda bastante carregada rangeu ao parar e o bater das patas dos grupos de needra espalhou um pó alaranjado pelo ar. Keyoke piscou para se livrar da poeira nos olhos. O peso de sua armadura de batalha já muito usada provocou dores em seus joelhos e câibras nas costas. *Estou ficando velho demais para operações de campo*, pensou.

No entanto, o guerreiro que havia dentro dele prevaleceu. Nem a idade nem o cansaço se refletiam em sua postura quando seu olhar astuto se voltou para o cume da colina e avaliou a estrada à frente. Para os homens que se mantinham impecavelmente enfileirados atrás de seus oficiais, Keyoke continuava a ter a mesma aparência de sempre: um rosto enrugado e castigado pelo sol que parecia ter sido esculpido em pedra indestrutível.

Mais adiante, a trilha se contorcia como uma corda entre promontórios de granito rachado; a terra estava marcada nos locais onde a estação das chuvas provocara fendas no solo, solto pelos cascos de needra e pelas rodas das caravanas. Mas a elevação diante da passagem não se apresentava vazia, como deveria estar. Contra o céu turvado pela poeira, Keyoke percebeu um movimento e um reflexo de luz em uma armadura verde. Um batedor permanecera à espera da caravana, um sinal seguro de que algo de errado estava acontecendo. Keyoke fez um gesto para seu Líder de Ataques recém-promovido, um homem pequeno, com uma cicatriz que desfigurava uma de suas sobrancelhas, chamado Dakhati.

— Faça com que todos fiquem a postos.

A ordem era desnecessária. Os guerreiros estavam em fileiras com as mãos pousadas nos punhos das espadas. Tinham marchado prontos para entrar em ação desde que haviam saído de território amistoso. Nenhum se deixara cansar pela monótona passagem dos dias ou pelo tédio provocado pelo som das rodas das carroças em constante movimento, afundadas nos sulcos das maltratadas estradas das montanhas. Aquelas terras estavam cheias de bandidos e eram um local perfeito para uma emboscada.

Os melhores soldados de Mara tinham sido escolhidos para escoltar a preciosa seda até Jamar, pois, embora um ataque ao falso carregamento fosse esperado, estas estavam sendo

protegidas por mais homens. Se o pequeno grupo de Keyoke tivesse de entrar em combate, cada um dos guerreiros teria de lutar por dois. E nenhum deles duvidou que o batedor que aguardava no meio da estrada era sinônimo de problemas. Os batedores eram homens que tinham sido salteadores naquelas mesmas colinas, conhecidos então como guerreiros cinzentos. Conheciam aqueles vales e não se assustavam com qualquer sombra.

Keyoke gesticulou com a mão e o batedor mais à frente desapareceu. Pouco depois, surgiu na frente do grupo, saindo de trás de um arbusto ao lado da estrada, tão silencioso quanto uma sombra movida pelo sol. Deteve-se diante de seu Comandante das Forças Armadas e curvou-se rígida e respeitosamente diante de Keyoke e Dakhati.

— Fale, Wiallo — indicou Keyoke.

Seu corpo poderia sentir o peso dos anos, mas sua memória continuava afiada; fazia questão de saber o nome de todos os soldados. O batedor olhou, inquieto, para a encosta uma última vez e então começou a falar:

— Cacei aqui muitas vezes, Senhor. Antes do cair da noite, costumava haver aves mulaks e kojir sobrevoando o lago atrás daquele cume. — Apontou para a sombra da floresta pintada pelo sol. — As sanaro, as li e as outras aves canoras não deveriam estar em silêncio a esta hora. — Olhou intensamente para Keyoke. — Não gosto do silêncio nem do som do vento.

Keyoke empurrou o elmo para trás com os nós dos dedos, deixando que uma lufada de vento fizesse o suor acumulado sob o cabelo evaporar. Depois, lenta e deliberadamente, seus dedos enrugados apertaram a tira do queixo. Os guerreiros veteranos dos Acoma sabiam que seu Comandante das Forças Armadas se preparava para o combate.

— Acha que há outros pássaros empoleirados nestas árvores?

Wiallo sorriu mostrando os dentes.

— Pássaros enormes, Comandante das Forças Armadas. Daqueles que têm rabo de cachorro em vez de penas.

Dakhati, sentindo-se desconfortável, passou a língua pelos dentes.

— Minwanabi ou bandidos?

O sorriso de Wiallo desapareceu.

— Guerreiros cinzentos evitariam essa companhia.

Keyoke colocou a tira do elmo sob o maxilar.

— Então são os Minwanabi. Onde é mais provável que nos ataquem?

Wiallo franziu o cenho.

— Um comandante esperto nos veria do alto daquela pequena elevação. — Apontou para o cume que se erguia como uma faca contra a névoa do final do dia. — Mais ou menos na metade do caminho da encosta, na parte mais distante do próximo vale, a estrada volta a subir de forma íngreme e serpenteia em meio a ravinas escarpadas.

Keyoke assentiu.

— O inimigo ficaria em terreno elevado, enquanto nós, sob a mira dos arcos, seríamos

forçados a chicotear as needra morro acima para escapar. — Seus olhos límpidos fitaram os de Wiallo. — É ali que eu atacaria, com uma companhia na retaguarda para bloquear o vale, impedindo nossa fuga. — Olhou em volta. — O mais provável é que estejam se infiltrando atrás de nós neste momento.

Atrás das fileiras de soldados nervosos, uma needra berrou. Correias rangeram e um condutor praguejou; em seguida escutaram passos se aproximando.

— Abram alas! Um batedor voltou! — gritou alguém da retaguarda.

As fileiras cerradas se apertaram e entre elas surgiu um guerreiro tropeçando, lívido e ofegante. Dakhati deu um passo à frente e segurou o mensageiro quando este se desequilibrou ao parar.

— Comandante das Forças Armadas!

Keyoke voltou-se, com uma calma aparente.

— Vá direto ao ponto.

— Há soldados na estrada atrás de nós. — O homem respirava com grande dificuldade. — Uns cem ou cento e cinquenta, talvez, e Corjazun diz ter reconhecido o oficial deles. Minwanabi.

A reação inicial de Keyoke foi proferir *Maldição!* em voz baixa. Em seguida, pousou a mão no ombro trêmulo do mensageiro e acrescentou:

— Bom trabalho. Esse exército está camuflado?

O mensageiro passou a mão pela testa encharcada de suor.

— Não, parecem despreocupados. Estimamos o tamanho da tropa pela nuvem de pó que levantaram.

Keyoke estreitou os olhos e não demorou para tirar uma conclusão disso.

— Não é nenhum grupo de assalto; é uma legítima companhia, com pelo menos cem homens, para nos empurrar para a armadilha.

Dakhati arriscou-se a opinar:

— Se há uma emboscada à nossa frente e um exército atrás...

— Eles sabiam de nossa vinda — Keyoke terminou por ele. As implicações eram aterradoras, mas não passariam de especulações a menos que alguém sobrevivesse para avisar Mara de que deveria haver um espião em sua própria casa. — Detesto ter de abandonar a carga das carroças de seda, mas, se não o fizermos, seremos sacrificados ao Deus Vermelho e, de qualquer maneira, ela já está perdida.

O Comandante das Forças Armadas se preparou para distribuir ordens, mas um toque de Wiallo o deteve.

— Comandante — disse aquele que outrora fora um guerreiro cinzento —, pode haver outra forma.

— Diga logo — exigiu Keyoke.

— Há uma trilha pela qual é possível passar a pé, escondida por rochas, perto da base

desta elevação. Ela leva a um desfiladeiro estreito que era usado como acampamento pelos bandidos. As carroças não conseguirão passar, mas a seda pode ser escondida e, pelo menos, podemos ter alguma esperança nesse local. Há apenas uma entrada, que pode ser defendida com uma quantidade muito pequena de homens.

Keyoke fitou o horizonte, como se estivesse à procura de sinais do exército que se aproximava para destruí-los.

— Quanto tempo poderíamos aguentar lá? O suficiente para avisar a Senhora Mara? Ou para fazer Lujan voltar?

Wiallo permaneceu um minuto em silêncio antes de responder com franqueza:

— Devemos mandar uma mensagem, talvez, para nossa Senhora... se aguentarmos o suficiente até os reforços chegarem. Depende de se os Minwanabi vão estar dispostos a forçar a passagem em meio a um terrível banho de sangue.

Dakhati deu um tapa em sua própria coxa numa surpreendente demonstração de raiva.

— Que honra há em abandonar aquilo que fomos encarregados de defender?

Keyoke respondeu secamente:

— Seja como for, já perdemos as carroças. Não podemos defendê-las e ao mesmo tempo investir contra cem homens em terreno aberto. E, mais importante do que isso, Mara não pode deixar de ser informada do fato de que os Minwanabi tiveram acesso a seus segredos. Não, o melhor é enfrentar o inimigo e enviar um mensageiro enquanto os Minwanabi estão ocupados no desfiladeiro. — *Que a sabedoria de Lashima nos oriente*, rezou intimamente Keyoke. Depois disse em voz alta: — Há formas melhores de defender aquilo que nos foi confiado do que lutar até a morte antes que nosso inimigo pegue o prêmio — concluiu e acrescentou rapidamente um monte de ordens.

Os soldados se dispuseram como se estivessem descansando. Retiraram os elmos e partilharam uma refeição leve servida pelo soldado encarregado da água, que passou por meio entre eles com um balde e uma concha de sopa. Juntaram-se em grupos e contaram piadas, rindo como se nada estivesse errado; entretanto, atrás deles, servos soltavam apressados as coberturas das carroças e arrumavam dentro delas os preciosos fardos de seda. Wiallo mostrou o local onde havia fendas nas rochas. Um terço da seda logo foi escondido e coberto com arbustos, mas não houve espaço para mais. Os servos redistribuíram o que restava nas carroças e as cobriram para esconder que nem tudo estava lá. Em seguida, Keyoke gritou e os soldados voltaram à formação, e a caravana avançou aos rangidos. A companhia percorreu a descida sinuosa do cume até um vale coberto pelas sombras do final da tarde.

A caravana chegou ao sopé da colina e as needra mugiram quando os condutores puxaram as rédeas outra vez. Em meio ao manto de poeira que eles mesmos levantaram, Keyoke olhou para trás e viu o céu se iluminar com os tons dourados do pôr do sol iminente; mas as colinas de onde tinham acabado de sair foram cobertas por uma sombria nuvem cinzenta. Pouco depois, um batedor confirmou seu mau pressentimento em relação àquele céu manchado.

— É poeira levantada por soldados em marcha. Os Minwanabi cansaram de esperar — informou o mensageiro, quase sem fôlego. — Talvez achem que vamos acampar aqui.

Keyoke contraiu os lábios. Fez um sinal para chamar a atenção de Dakhati.

— Temos de nos apressar — alertou.

Em seguida, consciente de cada quilômetro percorrido por seus pés, o Comandante das Forças Armadas observou o Líder de Ataques distribuindo ordens. Em um raro momento de reflexão, desejou ter a seu lado Papewaio e sua intuição. Mas Pape morrera pelas mãos de um assassino Minwanabi ao defender Mara. Keyoke esperava o mesmo destino, pois não tinha ilusões: sabia que era bastante provável que todos os guerreiros viessem a conhecer o Deus Vermelho na ponta de uma arma Minwanabi.

Escondidas pelas árvores, a seda foi descarregada, e as needra, desatreladas. Depois, os soldados Acoma viraram as carroças de lado e, com varas cortadas na floresta, formaram uma barreira atrás da qual vinte arqueiros se esconderam. Esses homens haviam se voluntariado para ficar para trás e lutar até a morte, ganhando tempo para que o resto da companhia se deslocasse pelo desfiladeiro de Wiallo. Se esse abrigo por fim não existisse, ou se o antigo guerreiro cinzento estivesse enganado a respeito de sua localização, seriam todos mortos em uma tragédia que ninguém imaginara.

A luz do sol abandonou cedo o vale, mas manteve os cumes brilhando como dedos mergulhados em ouro. A poeira levantada pelo exército Minwanabi tornou tudo ainda mais escuro lá embaixo.

— Cada homem deve carregar o máximo de seda que conseguir — ordenou Keyoke, o que levou Wiallo a lhe dirigir um olhar de espanto. — Esses rolos servirão para deter flechas ou para erguermos alguma barricada — disse Keyoke. — Diga aos criados para guiarem as needra rapidamente até o desfiladeiro.

Soldados com rolos de seda nos ombros marcharam entre carroceiros e criados que chicoteavam as teimosas needra para que atravessassem a barreira de rochas irregulares. A escuridão logo caiu e o terreno era perigoso. O que restava da caravana avançou sobre aquela área traiçoeira, passando por entre galhos que os chicoteavam e que se prendiam nas armaduras e por cima de arbustos que espetavam seus tornozelos. Alguns homens caíram várias vezes, mas nenhum praguejou em voz alta. Levantavam-se em silêncio e pegavam rapidamente o que tivessem derrubado antes de se dirigirem à mata densa e cheia de arbustos. Sob a luz da lua, a companhia chegou a um estreito desfiladeiro. Ali, havia trepadeiras presas nas árvores como se quisessem estrangulá-las e nesse ambiente sufocante crescia, de ambos os lados, um promontório de rocha saliente.

— O desfiladeiro fica logo em frente, talvez à distância de três disparos de flecha a partir daquela formação — indicou Wiallo.

Keyoke perscrutou a escuridão e distinguiu uma pedra que sobressaía na passagem. Levantou a mão e a coluna que o seguia parou. Um pássaro piou e se calou; não houve como

determinar se a criatura tinha penas ou armadura. Keyoke tocou em dois dos soldados mais próximos e sinalizou para que se aproximassem.

— Fiquem de guarda aqui. Se virem algum sinal de que estamos sendo perseguidos, um de vocês venha correndo me avisar.

Sem protestar, os homens escolhidos largaram seus fardos. Keyoke bateu continência diante da coragem deles e desejou ter tido tempo para dizer algo mais. Mas as palavras não suavizariam a realidade: quando os Minwanabi chegassem até eles, um dos dois correria para avisar os demais, enquanto o outro morreria para dar ao companheiro tempo suficiente para cumprir sua missão. *Mara ficaria orgulhosa*, pensou o Comandante das Forças Armadas com tristeza. A companhia e os servos avançaram pela trilha com grande dificuldade. Moviam-se na penumbra como homens orientados por demônios. Em um estreito V nas rochas, cada um dos homens teve de avançar de joelhos e mãos no chão, com os embrulhos sendo passados de mão em mão em seguida; as needra tiveram de ser forçadas, contra sua natureza, a saltar para baixo. Keyoke acenou a Wiallo para que ficasse a seu lado. Acima do mugido dos animais assustados, perguntou:

— Existe alguma chance de você conseguir correr até alcançar nossa Senhora?

Wiallo encolheu os ombros com a impassível modéstia tsurani.

— Conheço esta região tão bem quanto qualquer homem, Comandante das Forças Armadas, mas na escuridão, com soldados Minwanabi surgindo de todos os lados? Até uma sombra precisaria dos favores dos deuses para passar despercebida.

O mugido agudo de uma needra cortou momentaneamente qualquer possibilidade de raciocínio. Keyoke olhou de relance para um dos lados e apontou para uma pequena saliência.

— Então suba até ali e fique escondido. Quando os cachorros dos Minwanabi passarem, escolha o momento certo e volte à estrada principal. Dirija-se rapidamente à propriedade. Conte à Senhora Mara onde os artigos foram escondidos. Quando ficar claro que os Minwanabi derrubarão nossas defesas, incendiarei a seda que estamos carregando. Com sorte, nossos inimigos vão pensar que destruímos tudo. Mais importante ainda, informe a Senhora de que fomos traídos; podemos ter um espião dentro de casa. Agora vá.

Sentindo-se honrado por ter sido incumbido de uma missão tão importante, Wiallo inclinou a cabeça de leve e começou a escalar. No alto da saliência, retirou o elmo e se agachou para não ser visto pelos inimigos que em breve iriam passar ali. Olhando para baixo, Wiallo disse:

— Que os deuses o protejam, Comandante. Envie os cães Minwanabi para os salões de Turakamu!

Keyoke reagiu com um breve aceno.

— Que Chochocan guie seus passos.

O homem atrás de Wiallo pegou o rolo de seda que ele carregava e retomou a marcha. Silencioso, carrancudo e preocupado demais para ligar para a dor, Keyoke dobrou os joelhos e rastejou sobre o terreno repleto de pedrinhas. Com o fedor intenso de fezes de needra

entrando impiedosamente por suas narinas, rastejou sobre as rochas e avançou, liderando sua esforçada companhia.

A noite ficou mais escura e o luar cintilou e desapareceu atrás de uma borda de pedra negra. O zumbido de insetos era ouvido, mas os pássaros noturnos não cantavam e o vento sussurrava segredos nas folhas. Os homens avançavam como fantasmas pelo desfiladeiro envolto em névoa; os pés deslizavam à procura de pontos de apoio em raízes e pedras cobertas de musgo. O estalo de armaduras envernizadas ecoava ravina abaixo, interrompido apenas pelo gemido dos chicotes de pele que os carroceiros usavam para impelir as needra. Entre os soldados e os servos que avançaram pela noite, nenhum chegou ao pequeno desfiladeiro sem ferimentos nos braços e joelhos; as needra mancavam e tremiam, cobertas de suor.

Sob a luz das estrelas, Keyoke deu ordens rápidas enquanto observava onde poderiam se posicionar no desfiladeiro. Os homens largaram seus fardos de seda e começaram a erguer uma barricada entre as paredes de rocha úmida, com rolos, troncos e terra, escavada às pressas no leito do riacho. Os servos abateram as needra e empilharam suas carcaças, que ainda esperneavam, para formar mais uma defesa e deter os arqueiros que, certamente, seriam colocados acima deles na borda do desfiladeiro. O ar noturno ficou mais saturado com o cheiro de sangue fresco e o ainda mais intenso fedor de excrementos. Keyoke ordenou que os servos retalhassem uma das carcaças e fizessem uma pequena fogueira para cozinhar e secar a carne. Os soldados não seriam capazes de combater se não se alimentassem. Por fim, empilharam os rolos de seda preciosa como se fosse uma paliçada em uma concavidade na parte de trás do desfiladeiro. Amontoados antes da inclinação do penhasco, os belos e brilhantes rolos de tecido serviriam como um nicho para onde poderiam voltar como último recurso. Depois disso, rouco de tanto gritar ordens, Keyoke se ajoelhou diante de uma poça, alimentada por uma pequena cachoeira que vertia de uma fenda impossível de escalar. Afrouxou o elmo, lavou o rosto ressecado e depois apertou outra vez a fivela com as mãos trêmulas. Não tinha medo; liderara ataques em inúmeras batalhas para temer uma morte pela espada. Não, eram a idade, o cansaço e o pesar que sentia por sua Senhora que faziam seus dedos tremerem. Keyoke verificou sua espada e depois as facas que tinha embainhadas, e por fim olhou para cima para ver o soldado encarregado da água com sua concha, esperando sua vez no riacho. O rapaz também tremia, embora tentasse se manter firme como um homem. Orgulhoso de todos os membros de sua companhia, Keyoke disse:

— Temos água suficiente pelo tempo que precisarmos. Faça com que todos os soldados bebam bastante.

O rapaz exibiu um sorriso hesitante.

— Sim, comandante.

Então colheu a água com uma vasilha, pronto para morrer por sua Senhora, como qualquer um dos soldados mais experientes. Keyoke se levantou e observou a intensa atividade à sua

volta, os servos comprimidos ao redor das fogueiras abafadas, os guerreiros de guarda nas barricadas; não havia lugar para o desleixo. Aqueles soldados resistiam à tendência dos novatos de olhar para a luz; não precisavam ser lembrados de que a sobrevivência dependia de uma visão noturna impecável. Keyoke suspirou imperceptivelmente, consciente de que não podia fazer mais nada além de tentar encorajar aqueles homens que sabiam que suas vidas durariam apenas mais algumas horas.

Keyoke engoliu um bife de needra sem sabor e disse ao cozinheiro que recolheu seu prato vazio:

— Você será meu porta-voz junto aos servos. Se os Minwanabi forcingem a passagem na barricada da frente e nosso último soldado morrer, use os escudos para recolher brasas e jogá-las na seda. Depois, ataquem os Minwanabi, para que eles precisem matá-los com as espadas e, assim, vocês consigam conquistar uma morte honrada.

O cozinheiro inclinou a cabeça, demonstrando extrema gratidão.

— O Senhor nos honra, Comandante das Forças Armadas.

Keyoke retribuiu com um sorriso.

— Vocês estarão honrando sua Senhora e sua casa executando essas ordens. Serão verdadeiros guerreiros.

O velho, cujo nome Keyoke não lembrava, respondeu em seguida:

— Não desapontaremos a Senhora Mara, Comandante.

Keyoke ordenou que um em cada três homens se dirigisse à retaguarda do estreito desfiladeiro para uma refeição rápida. A segunda companhia terminara sua refeição e agora era a terceira que assumia posição perto da fogueira. Dakhati, o Líder de Ataques, hesitou quando Keyoke saiu de perto do fogo. Com um desconforto mal disfarçado, o jovem oficial passou os dedos pela ponta de sua pluma.

— Qual é sua estratégia, Comandante das Forças Armadas?

Keyoke deu uma última olhada à ravina, que já cheirava a carne podre, que ora parecia acinzentada, ora preta ou alaranjada, devido às chamas das fogueiras disfarçadas. Como nada mais podia ser feito, respondeu com clareza:

— Vamos esperar e depois lutar.

Com a prudência conquistada durante seus anos como chefe de bandidos, Lujan vasculhou o perímetro. A lua brilhava demais e as terras próximas à Estrada do Rio Grande eram descampadas, o que não lhe agradava, uma vez que estava diante de uma batalha iminente. Mas o terreno plano dava a vantagem de ver com antecedência qualquer aproximação de inimigos e ele tinha às suas ordens todos os soldados que puderam ser dispensados da propriedade de Mara. Seria necessário um ataque em grande escala, com pelo menos três

companhias completas de guerreiros, para quebrar o círculo de carroças. E os Minwanabi precisariam enviar pelo menos quinhentos homens para vencer sem dificuldade. Mesmo assim, Lujan sentia o estômago se revirar e uma grande necessidade de andar de um lado para outro. Verificou mais uma vez suas defesas, observando com atenção os arqueiros sobre as carroças, e não encontrou falhas, enquanto os cozinheiros limpavam tudo após a refeição da noite. Mas o mau pressentimento que sentia não apenas se manteve como se tornou ainda mais intenso, pois o confronto estava demorando.

Os Minwanabi já deveriam estar atacando. À primeira luz da manhã, a caravana estaria já perto das portas de Sulan-Qu. Segundo as informações do espião de Arakasi, um ataque em grande escala era mais do que certo. E, para a treinada mente militar de Lujan, o local mais provável para uma emboscada seria na curva perto do bosque, por onde tinham passado sem problemas na tarde anterior. A última possibilidade então parecia ser um ataque noturno, pois era inconcebível que os Minwanabi tentassem assaltar a caravana dentro da cidade.

Lujan voltou a inspecionar a estrada. Seu instinto insistia que algo de errado estava acontecendo. Não tendo nada melhor para fazer além de dormir, percorreu o perímetro e, como fizera apenas uns minutos antes, falou em voz baixa com guardas que já começavam a ficar nervosos com suas repetidas inspeções. Lujan sabia que sua preocupação perturbava a concentração das sentinelas.

O Líder de Ataques passou pela passagem estreita entre as costas de seus guardas e as fileiras de carroças amarradas com tiras de couro que protegiam as fogueiras centrais, as estacas das needra e os homens que dormiam em turnos. As carroças estavam carregadas com sacos de thyza cobertos por mantos de linho; para manter o truque, dois rolos de seda apareciam sob o tecido, brilhando ao luar, macia como água. Aquela seda era perfeita.

Lujan passou os dedos por sua espada. Pensou e repensou sobre aquilo e sempre chegava à mesma conclusão: aquela demora não fazia sentido. Após o nascer do sol, o inimigo seria obrigado a esperar até que a caravana passasse pelos portões na estrada do sul para Jamar, onde seria bem difícil montar uma emboscada, pois a carga poderia ser transferida para barcas e transportada rio abaixo. Será que os Minwanabi os esperavam em duas frentes, uma em terra e outra em barcos, para atacar no rio? Dispunham de guerreiros suficientes, isso ele sabia. Mas um combate no rápido rio Gagajin traria certas dificuldades.

— Líder de Ataques! — sibilou uma sentinela ali perto.

A espada de Lujan abandonou sua bainha, aparentemente por conta própria. O Líder de Ataques dos Acoma se obrigou a mostrar uma calma que não sentiu em suas palavras quando incitou o homem a falar.

— Olhe ali. Alguém está se aproximando.

Lujan amaldiçoou seu nervosismo, que o levava a olhar para o fogo pouco antes de inspecionar os homens dormindo; agora esperava com impaciência que seus olhos se acostumassem outra vez à visão noturna. Pouco depois, viu uma figura solitária na estrada.

— Ele está cambaleando como se estivesse bêbado — comentou a sentinela.

O homem que se aproximava quase tropeçava nos próprios pés. Seus passos eram irregulares, como se não conseguisse apoiar o calcanhar do pé direito, e o braço desse mesmo lado pendia solto, parecendo estar todo machucado.

Depois de percorrer os últimos metros e entrar no campo de luz, Lujan notou que vestia uma tanga manchada de sangue e um farrapo de camisa sobre os ombros. Seus olhos cansados não detectaram a presença dos soldados nem do acampamento da caravana.

— Ele não está bêbado, está quase morrendo — anunciou Lujan.

Lujan fez um gesto para que um soldado o ajudasse a chegar até onde estavam. Juntos, oficial e soldado pegaram o homem pelos ombros e antebraços e a camisa meio vestida caiu, revelando uma coleção de feridas, cobertas de crostas e coágulos empoeirados. Olhando horrorizado para o rosto inexpressivo, Lujan respirou fundo entre dentes. Aquele homem fora espancado até ficar louco.

— Quem fez isso com você? — quis saber o Líder de Ataques.

O homem piscou, mexeu os lábios e pareceu sair de um transe.

— Água — sussurrou com voz rouca, como se tivesse estado gritando a plenos pulmões durante horas.

Lujan chamou um criado para buscar um cantil e depois deitou gentilmente o homem ferido no chão. Algo dentro do homem pareceu se quebrar quando bebeu a água. Suas pernas exaustas tremeram na terra e de repente começou a perder os sentidos. As mãos fortes do soldado o endireitaram e o criado molhou seus pulsos e o rosto. Lavou o pó e o sangue, revelando mais ferimentos e um cheiro doentio de carne queimada.

— Por todos os deuses — exclamou o soldado —, quem fez isso com você?

Ignorando seu estado debilitado, o homem tentou se erguer.

— Tenho de prosseguir — murmurou, embora fosse evidente que não conseguiria continuar andando.

Lujan ordenou a dois guerreiros que pegassem o homem e o carregassem até uma fogueira. Enfim exposto à luz, puderam ver toda a extensão de seu estado. Nenhuma parte de seu corpo fora poupada. Sua história era contada em terríveis lesões e queimaduras causadas por ácidos; a mão envolvida nos trapos da camisa era uma massa de queimaduras escuras e estava sem unhas; a pele sobre os nervos sensoriais apresentava-se roxa devido às contusões. Quem quer que tivesse torturado aquele homem era um artista da dor, pois, apesar de ter sobrevivido, ele deveria ter implorado várias vezes ao longo do processo para que lhe dessem acesso aos salões de Turakamu.

— Quem é você? — perguntou Lujan em voz baixa, tomado por compaixão.

Os olhos do homem lutaram para ganhar foco.

— Devo avisá-la — disse o homem, com uma voz febril devido à dor.

— Avisar? — questionou Lujan.

— Devo avisar minha Senhora...

Lujan se ajoelhou, inclinando-se sobre o homem, cuja voz ficava cada vez mais fraca.

— Quem é sua Senhora?

O homem teve alguns débeis espasmos nas mãos do soldado e depois pareceu ceder.

— A Senhora Mara.

Lujan fitou os soldados que estavam de pé de ambos os lados.

— Alguém conhece este homem? — perguntou rapidamente.

Um guerreiro da antiga guarnição dos Acoma disse nunca ter visto o ferido e ele conhecia, ao menos de vista, todos os servos Acoma. Lujan sinalizou aos outros para que se afastassem e dobrou-se sobre o homem. Ao ouvido dele, sussurrou:

— A flor de akasi...

O homem esforçou-se para se endireitar e fitou Lujan com um olhar intenso e febril.

— ...à entrada do pátio de minha Senhora — respondeu com um murmúrio. — Os espinhos mais afiados...

— ...protegem belos botões — concluiu Lujan.

— Por todos os deuses, você é um Acoma — disse o homem, aliviado. Por alguns instantes, pareceu que iria se envergonhar chorando.

Lujan apoiou-se nos joelhos. Não desviou o olhar do rosto do homem torturado enquanto chamava o curandeiro para que cuidasse dos ferimentos e os protegesse com curativos.

— Você é um dos agentes de minha Senhora — concluiu com delicadeza.

O homem assentiu de modo quase imperceptível.

— Há poucos dias, eu... — Fez uma pausa, estremeceu e pareceu ter muita dificuldade em manter a lucidez. — Eu sou Kanil. Servi na Casa dos Minwanabi. Levava comida para a mesa de Desio e ficava esperando suas ordens. Muito... — Sua voz falhou.

Tão gentilmente quanto possível, Lujan disse:

— Devagar. Fale devagar. Temos a noite toda para ouvir. — O servo ferido sacudiu violentamente o queixo, negando, e depois perdeu os sentidos. — Deixem-no respirar e digam ao curandeiro para despertá-lo com algum tônico — Lujan se apressou a dizer.

Um guerreiro logo se afastou para cumprir a ordem, enquanto os soldados que seguravam o homem colocaram uma manta sob sua cabeça com muito cuidado. Pouco depois, chegou o curandeiro, já com sua caixa de medicamentos e curativos. Preparou então um remédio de cheiro intenso que aplicou rapidamente no nariz do homem inconsciente. Ele despertou com um gemido e agitou os braços. Lujan fitou seu olhar torturado.

— Conte-me como você foi descoberto.

— Não sei como — o homem piscou, assombrado por recordações dolorosas — o Conselheiro-Mor, Incomo, descobriu que eu era um agente dos Acoma.

Lujan não disse nada. Além do Mestre dos Espiões, apenas quatro pessoas sabiam as palavras secretas que identificariam um agente Acoma: Mara, Nacoya, Keyoke e ele mesmo; o

código era alterado a intervalos irregulares. Lujan não poderia descartar a possibilidade de que aquele homem fosse um impostor Minwanabi. Apenas Arakasi saberia com certeza. Se sob tortura fosse possível descobrir o código de um agente verdadeiro, muitos guerreiros inimigos poderiam recorrer a um truque para derrubar os Acoma. Kanil apertou debilmente o pulso de Lujan.

— Não sei como me descobriram. Mandaram me chamar e me levaram para uma sala. — Engoliu em seco. — Depois me torturaram... Eu perdi os sentidos e, quando acordei, estava sozinho. Não havia ninguém de guarda. Não entendi. Talvez achassem que eu estivesse morto. Havia muitos soldados Minwanabi correndo para os barcos para atravessar o lago. Saí rastejando da sala onde estava preso e viajei clandestinamente em um barco de mantimentos. Desmaiei e, quando recuperei a consciência, a frota estava ancorando em Sulan-Qu. Havia apenas dois guardas na ponta mais distante das docas, então me esgueirei para a cidade.

— Lujan — interrompeu o curandeiro —, se interrogar este homem durante muito tempo, ele pode não sobreviver.

Ao escutar o nome do Líder de Ataques, Kanil se assustou de repente.

— Oh, por todos os deuses — sussurrou com voz rouca. — Esta é a caravana falsa.

Lujan só revelou seu espanto através de um leve aperto no punho da espada. Tenso e perigosamente desconfiado, ignorou a súplica do curandeiro e inclinou-se ainda mais sobre o homem, perguntando em voz muito baixa:

— Por que o Mestre dos Espiões o informaria de nosso truque?

O homem não se importou com o perigo que corria e respondeu num sussurro:

— Não foi Arakasi. Os Minwanabi sabem! Riram e se gabaram de saber o plano da Senhora Mara enquanto me torturavam.

Aterrorizado com aquela resposta, Lujan pressionou o homem:

— Eles sabem onde está o verdadeiro carregamento de seda?

Kanil respondeu com um doloroso aceno de cabeça.

— Sabem. Enviaram trezentos homens para roubá-lo.

Lujan se levantou. Refreando o impulso de atirar seu elmo no chão, gritou:

— Maldita seja a inconstância dos deuses!

Em seguida, consciente dos olhares curiosos que se voltavam para ele, mandou que o curandeiro e os soldados se afastassem, deixando-o a sós com o homem torturado. O vento noturno agitou o fogo. Ajoelhando-se, Lujan levantou a cabeça de Kanil com a mão atrás de seu pescoço e se aproximou do rosto ferido para que pudessem conversar sem serem escutados.

— Por sua alma, você sabe onde será o ataque?

O corpo de Kanil foi assolado por uma onda de tremores. Mas seu olhar se manteve firme quando respondeu:

— O ataque vai acontecer na estrada que passa pelo meio das Montanhas de Kyamaka,

depois da divisa dos Tuscalora, em um lugar onde as carroças devem passar por uma depressão em direção à cordilheira ocidental. É tudo o que sei.

Lujan olhou sem ver aquelas feições destruídas por seus inimigos. Pensou com a clareza que surgia em momentos de crise e reviu todos os pequenos vales, esconderijos e fendas montanhosas de que se lembrava de seus tempos como líder dos guerreiros cinzentos. Havia muitos lugares que poderiam ser usados por um exército para uma emboscada. Mas apenas um lugar seria indicado para ocultar três companhias de tão grande dimensão.

— Há quanto tempo os cachorros dos Minwanabi passaram por Sulan-Qu? — perguntou Lujan, como se estivesse no meio de um sonho.

A cabeça de Kanil tombou para o lado.

— Um dia, talvez dois. Não sei dizer ao certo. Desmaiei em um casebre na cidade e só os deuses sabem por quanto tempo fiquei inconsciente... Uma hora ou talvez um dia inteiro... — Fechou os olhos, demasiado esgotado para dizer algo mais, e a força de vontade que o sustentara se esvaiu assim que entregou a mensagem.

Lujan baixou as mãos e pousou a cabeça mole nas mantas manchadas de sangue. Não protestou quando o curandeiro se aproximou rápido e começou a cuidar do homem. O Líder de Ataques chegara a uma conclusão. Tomado por uma fúria contida, gritou alto o bastante para despertar até o mais indolente dos criados adormecidos:

— Desfaçam o acampamento! — Depois virou-se para seu subcomandante. — Separe uma patrulha e uma carroça para levar este homem até a Senhora Mara pela manhã e depois separe meia companhia para acompanhar em segurança as demais carroças até nossos armazéns em Sulan-Qu durante a madrugada.

O oficial bateu continência.

— Sim, Líder de Ataques.

— Os outros partirão comigo imediatamente — concluiu Lujan.

Não perdeu tempo com explicações; cada segundo era essencial, pois, se os Minwanabi atacassem Keyoke no ponto que tinha em mente, só havia um lugar onde resistir. O desfiladeiro dos bandidos era conhecido pelos batedores; mas, no calor de uma emboscada e da batalha, será que algum deles teria a oportunidade de mencionar sua existência? *Maldição de Turakamu*, pensou Lujan. Àquela altura, a seda talvez já estivesse perdida e Keyoke poderia não passar de um corpo fitando as estrelas sem vê-las de fato. Apenas um louco se agarraria à esperança e apenas um louco ainda maior arriscaria mais duas companhias... mas Lujan não era capaz de imaginar alternativa além de tentar ajudar... pois Lujan adorava Mara com uma devoção superior à que tinha por sua própria vida; ela lhe devolvera a honra apesar de sua insignificante existência de guerreiro cinzento. E o Comandante das Forças Armadas, que Lujan aprendera a admirar com o afeto que um filho reserva a um pai, fora preso numa armadilha pelos Minwanabi. Keyoke acolhera os soldados esfarrapados do bando de Lujan como se já tivessem nascido com o verde dos Acoma e apoiara a promoção de Lujan a

Primeiro Líder de Ataques, com um olhar justo e compreensivo que poucos homens conseguem manter numa idade tão avançada. Keyoke era mais do que um comandante; era um mestre com um talento raro para partilhar e para escutar. Olhando para o sul com olhos límpidos, Lujan levantou a voz para a sua companhia:

— Vamos marchar! E, se tivermos de roubar todos os barcos e barcas em Sulan-Qu para seguirmos para o sul, assim faremos! Quando o dia nascer, quero estar no rio e, antes que mais um dia termine, quero estar caçando cães no sopé das Montanhas de Kyamaka!

A floresta estava em silêncio. Os pássaros noturnos não piavam. O alto e íngreme desfiladeiro cortava até o assobio do vento. E, a não ser por um breve momento em que a lua cruzou a estreita fatia de céu lá no alto, a escuridão revelou-se implacável.

Keyoke recusou todos os pedidos para acender fogueiras, apesar do ar gelado e das roupas leves que os servos usavam. Havia soldados tentando dormir de armadura no chão úmido, enquanto outros permaneciam em seus postos, tentando ouvir algo. Mas apenas sons indesejados chegavam a seus ouvidos: pedras soltas resvalando e os resmungos abafados provocados pelo esforço dos soldados que tentavam subir o desfiladeiro na escuridão. O inimigo chegara, mas a espera cruel não terminara.

Keyoke permaneceu na barricada, com uma expressão tão impassível quanto madeira velha. Obrigado a guerrear num local que nunca vira à luz do dia, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma rezou para que Wiallo estivesse certo e os penhascos fossem íngremes demais para permitir a descida. De onde estavam, Keyoke pouco mais poderia fazer além de destacar sentinelas para ouvir o barulho de pedras deslocadas por homens lá no alto. A certa altura, seus soldados foram abençoados pelo grito abafado e pelo estrondo de um corpo em queda. O homem esparramado no desfiladeiro se vestia de forma esfarrapada, mas parecia muito bem alimentado para um bandido; suas armas eram de boa qualidade e tinham gravada a marca do fabricante, um armeiro bem conhecido da província de Szetac. Não precisavam de mais provas. Aquele artesão era o fornecedor dos Minwanabi havia gerações.

Keyoke olhou de soslaio para as estrelas e as achou mais claras. O amanhecer estava chegando e em breve o inimigo teria luz suficiente para tentar a sua sorte com flechas. Keyoke sabia que, se seu oponente fosse o Comandante das Forças Armadas dos Minwanabi, arqueiros seriam posicionados na rocha para prevenir um eventual contra-ataque — uma das inclinações mais previsíveis de Irrilandi era estar sempre a postos para se defender. Com a chegada da luz do dia, seus arqueiros poderiam disparar às cegas do alto da ravina. A maioria das flechas cairia sem causar problemas, mas algumas poderiam acertar aleatoriamente os alvos. Uma preocupação secundária, mas ainda assim importante, era a falta de ervas e unguentos. As carroças traziam poucas provisões e não havia curandeiros entre os soldados.

O ataque veio quando o céu de Kelewan se iluminou de verde-jade no oriente. A primeira onda de soldados Minwanabi avançou sobre a barricada improvisada com um grito de guerra que estilhaçou o silêncio. Só poderiam investir de frente através da passagem rochosa e a tentativa que fizeram de escalar a defesa lhes trouxe uma morte rápida nas espadas e lanças Acoma. No entanto, o inimigo não desistiu, escalando por cima de companheiros mortos e agonizantes em ondas ávidas de sangue. Pelo menos uma dúzia de soldados Minwanabi caiu antes de o primeiro guerreiro Acoma ser ferido; mas, antes mesmo que a espada de um vacilasse, outro já avançava para substituí-lo. Os arqueiros Minwanabi dispararam sem sucesso por sobre as cabeças de seus companheiros.

Durante quase uma hora, o inimigo massacrrou a barricada. Morriam aos dois e aos três, até os corpos beirarem cem. Os Acoma tiveram menos de doze feridos e apenas um morto. Keyoke destacou servos para prestarem a melhor assistência possível aos feridos. Apesar de ser difícil se movimentar no interior do desfiladeiro devido às constantes saraivadas de flechas inimigas, nenhum homem ferido na defesa da honra dos Acoma poderia ficar sem ajuda. Keyoke levantou a voz ao se dirigir a Dakhati:

— Traga soldados descansados para a barricada.

Dakhati partiu correndo para cumprir a ordem. Em poucos minutos, a companhia de reserva assumiu a defesa da barricada e o Líder de Ataques dos Acoma trouxe notícias:

— O inimigo fez poucos progressos, Comandante. Tentaram enviar homens rastejando para puxarem para longe alguns dos mortos e para escavarem sob nossas defesas. Se tentarem enviar engenheiros de combate, vamos ter problemas.

Keyoke abanou a cabeça.

— Engenheiros de combate não terão valor aqui. O solo é arenoso, é verdade, mas a água está próxima demais da superfície e não há espaço suficiente para os soldados de engenharia escavarem. — O Comandante das Forças Armadas puxou o elmo para trás para deixar entrar um pouco de ar fresco. O frio noturno da montanha já desaparecera e o desfiladeiro, onde não corriam quaisquer correntes de ar, esquentava sob os primeiros raios de sol. — Nossas defesas instáveis são a maior dor de cabeça. Se eles atacarem essa linha defensiva e enviarem homens por trás para nos empurrarem... Coloque lanceiros de joelhos atrás da primeira linha e veja se conseguem desencorajar qualquer ação desse tipo.

Dakhati apressou-se em colocar essa medida em prática, enquanto Keyoke inspecionava o resto de suas defesas, com a cabeça emplumada bem levantada apesar das flechas que passavam por cima. A maioria ricocheteava nas paredes íngremes do desfiladeiro, mas algumas desciam abruptamente. Uma cravou-se no chão a poucos centímetros de Keyoke, mas ele mal reparou. Como se aquela flecha a seu pé não existisse, sinalizou aos servos para que levassem água aos homens em combate. Depois, inspecionou mais uma vez suas forças.

Os Minwanabi pareciam ansiosos para se lançarem sobre os Acoma. Por quê? Keyoke refletiu sobre o assunto. Se o desfiladeiro era defensável, também se tornava uma armadilha.

Os Minwanabi iriam pagar bem caro para entrar lá, mas os Acoma morreriam se tentassem escapar. Se não tivessem pressa, valeria mais sentar e esperar, aguentando até que a fome levasse os defensores a entrar em desespero, e depois seriam os corpos dos Acoma a se empilhar na base da barricada quando a fome os fizesse tentar fugir. Keyoke pensou em tudo o que sabia sobre seu adversário: Irrilandi não era nenhum idiota — revelara-se suficientemente competente para permanecer Comandante das Forças Armadas dos Minwanabi durante quase duas décadas. E nessa investida era mais do que certo que operava sob as ordens de Tasaio. Por que dois homens com tanto talento bélico estariam dispostos a desperdiçar a vida de centenas de soldados? Capturar a seda não seria um golpe fatal para os Acoma e com certeza não valeria as vidas que seriam sacrificadas antes de o sol se pôr. O tempo parecia ser o fator mais importante, mas por quê?

Perturbado, Keyoke deixou de lado as perguntas sem respostas e escolheu soldados para o próximo turno. Antes de irem para trás da barricada, Keyoke verificou as armas e as armaduras e pousou rapidamente a mão sobre o ombro de cada um. Proferiu palavras doces de encorajamento e depois os mandou avançar. Ali esperaram até cada guerreiro Acoma exausto recuar para ser substituído, de modo que a troca demorava apenas um instante.

Keyoke auxiliou os soldados salpicados de sangue que retiravam os elmos e lavavam o rosto e o cabelo ensopado no riacho. Decidiu acelerar a troca de turnos. Os Minwanabi só conseguiam fazer quatro homens avançarem contra a barricada por vez, assim, os lanceiros foram capazes de conter quaisquer tentativas inimigas de destruir a fortificação de pedras e galhos entrelaçados. *É melhor manter os homens o mais descansados possível*, pensou Keyoke.

De repente, ouviu-se um grito vindo da retaguarda das linhas Minwanabi. Sem saber ao certo o que aquilo significaria, Keyoke sinalizou a todos os homens presentes no desfiladeiro para que ficassem a postos. Dakhati logo se posicionou ao lado de seu comandante, com a espada apontada para a barricada. Mas não houve mais nenhuma investida contra os defensores. Em vez de sufocarem o desfiladeiro com mais soldados, inesperadamente os Minwanabi se retiraram. Dakhati soltou a respiração.

— Talvez tenham se cansado de ver os homens morrerem em vão.

Keyoke encolheu os ombros, prudente. Uma retirada não fazia o estilo de Irrilandi, muito menos de Tasaio.

— Talvez — admitiu —, mas nossos inimigos até agora não se importaram em desperdiçar vidas.

Quando ia falar outra vez, Dakhati ficou subitamente mudo, pois um objeto fora lançado pelo ar de um ponto atrás da borda do desfiladeiro. Escuro em contraste com o céu diurno, voou até a ravina, revelando-se uma trouxa de trapos e nós. Bateu na terra dura e rolou, e os servos se desviaram do caminho para o caso de a trouxa conter uma colmeia de insetos venenosos — um velho truque utilizado em cercos — ou algo igualmente desagradável.

Keyoke fez um sinal e Dakhati avançou para investigar. O Líder de Ataques pegou a trouxa e a desembrolhou. Quando desamarrou a última volta de tecido, seus lábios se comprimiram e seu rosto ficou cinza, apesar da pele morena. Ao olhar para cima, viu Keyoke assentir de modo quase imperceptível. Seu Líder de Ataques reagiu cobrindo o fardo.

— É a cabeça de Wiallo — murmurou em voz baixa.

— Eu suspeitava. — A voz de Keyoke não revelou o mínimo indício de que partilhava da mesma raiva desesperada e impotente. *Mara, pensou, você e Ayaki correm um grande perigo e nada posso fazer para ajudá-los.* Igualmente ciente da ameaça que pairava sobre a Casa dos Acoma, Dakhati acrescentou:

— Incluíram um pedaço de corda, para que soubéssemos que o enforcaram antes de cortarem sua cabeça.

Keyoke reprimiu um arrepio quando soube daquela morte desonrosa.

— Sem dúvida Wiallo lhes disse que era um desertor. Pode ter sido enforcado, mas morreu corajosamente. Eu próprio atestarei isso ao Deus Vermelho.

Dakhati assentiu com pesar.

— Quais são suas ordens, Comandante?

Keyoke não respondeu de imediato. Estava tremendamente atormentado pelo destino do mensageiro que enviara a Mara; o desfiladeiro estava selado de maneira irrevogável. Ninguém conseguiria sair para avisá-la do espião que passara despercebido em sua casa. Sua amargura era quase visível quando disse:

— Apenas quero que permaneçam a postos e que matem o máximo possível de Minwanabi. E que morram como verdadeiros Acoma.

Dakhati bateu continência e voltou à barricada.

Os ataques prosseguiram ao longo do dia, detendo-se apenas para que os Minwanabi se reagrupassem e enviassem soldados descansados para a linha de frente. Já não faziam de conta que eram salteadores, constatou Keyoke dominado por um ódio já antigo. As fileiras que assaltavam as defesas vestiam agora armaduras com o laranja e preto da casa. Dedicados à sua missão, os guerreiros inimigos lançavam-se contra os defensores Acoma; morriam e sem parar, até seu sangue encharcar o solo e se misturar com a lama que tudo absorvia. Os Minwanabi não eram os únicos a sofrer com as baixas. Também havia soldados Acoma caindo, mais lentamente, mas ainda assim dizimando suas fileiras. Keyoke contou onze mortos e sete feridos incapacitados de combater. Estimou que isso custara aos Minwanabi dez vezes mais.

Mais de uma companhia de inimigos mortos se ergueria para entoar seu valor quando a alma de Keyoke se apresentasse ao Deus Vermelho para ser julgada, mas ele estava

desesperado com a possibilidade de ser derrotado, deixando assim sua Senhora sem saber que sua rede de informações fora infiltrada. E apesar de Lujan ser, declaradamente, um sucessor adequado como Comandante das Forças Armadas, ele nunca fora testado em grandes batalhas. Keyoke, porém, obrigou-se a não pensar em tais questões angustiantes. Não ganhava nada com isso. Aproximou-se do criado responsável pelos demais.

— Como estão nossas provisões?

O homem fez uma reverência.

— Se os soldados comerem o mínimo possível, teremos comida suficiente para vários dias.

Keyoke refletiu por um momento.

— Não. Em vez disso, duplique as rações. Duvido que vamos sobreviver por vários dias. Os Minwanabi parecem tão determinados a desperdiçar vidas como um bêbado a desperdiçar centúrios numa taverna.

Ouviram-se gritaria vinda da boca do desfiladeiro e Keyoke se virou naquela direção rapidamente, com a espada desembainhada. Soldados Minwanabi tinham conseguido conquistar uma posição melhor em uma saliência atrás de suas próprias linhas e arqueiros disparavam sobre as cabeças dos defensores Acoma, obrigando-os a recuar enquanto os atacantes nas barricadas lançavam escudos sobre os corpos dos companheiros caídos para poderem entrar no desfiladeiro. O primeiro soldado Minwanabi a tentar saltar acabou sendo empalado por uma lança Acoma, mas o soldado que o abateu foi atingido por uma flecha. Keyoke girou nos calcanhares e gritou para Dakhati, que estava a postos com uma companhia de reserva:

— Preparar ataque!

Dakhati ordenou aos seus homens que se alinhassem enquanto Keyoke gritava aos homens na barricada:

— Retirada!

Os defensores recuaram de forma organizada e alguns soldados Minwanabi saltaram para o espaço livre atrás da barricada, apenas para serem abatidos pelos arqueiros Acoma. O som de pedras e de galhos pesados raspando na rocha ecoou pelo desfiladeiro enquanto os Minwanabi tentavam forçar a passagem. Keyoke deu uma ordem e alguns criados puxaram cordas amarradas em um pesado tronco que sustentava as defesas. O tronco caiu para o lado e a barricada cedeu. Galhos e pedras escoradas desabaram para dentro e os soldados Minwanabi, desequilibrados, caíram de cara no chão.

Keyoke exibiu um sorriso largo no momento em que Dakhati gritou a ordem de ataque, fazendo sua companhia correr na direção dos atacantes surpresos e machucados. A reserva de soldados descansados dos Acoma empurrou para trás a vanguarda inimiga, enquanto arqueiros nos flancos dos Acoma disparavam sobre seus oponentes. O ar ficou repleto de flechas, a ponto de a luz do dia, que agora brilhava impiedosa lá no alto, ficar obscurecida; os inimigos,

incapazes de escapar e concentrados em um único ponto, tornaram-se alvo fácil. Pouco depois, as flechas de penas laranja e pretas cessaram.

O vigoroso ataque dos Acoma afastou os Minwanabi do desfiladeiro e Keyoke indicou à onda seguinte de soldados que avançasse. Apressaram-se na direção da barricada caída, afastaram os mortos dos galhos e das pedras e atiraram os corpos dos Minwanabi e dos Acoma para o desfiladeiro. Os criados estavam a postos para despir os mortos de armaduras e armas, aproveitando tudo o que pudessem: espadas não danificadas demais, escudos e punhais e uma ou outra bolsa de comida — tudo isso foi logo adicionado às provisões dos Acoma. Outros criados vasculharam a área para verificar se havia flechas que não tinham se quebrado nas paredes rochosas do desfiladeiro. Os arqueiros dos Acoma disparavam tantas flechas de penas laranja quantas de penas verdes.

Os corpos foram deixados nus onde estavam, enquanto soldados e criados se apressavam em repor a barricada. Keyoke rezou intimamente pelas reservas de Dakhati, ainda combatendo do outro lado; orou para que as mortes ocorressem após muita luta e para que a dor fosse honrosamente breve. O sacrifício proporcionaria a seus companheiros tempo para repor a barricada derrubada e para infligir danos desproporcionais aos Minwanabi.

Cinquenta ou mais mortos Minwanabi jaziam na clareira. Keyoke reviu suas estimativas: eram já cerca de trezentos inimigos mortos ou gravemente feridos. O dia já estava na metade e sua posição não estava pior — talvez estivesse até melhor — em relação ao começo do dia. E, no entanto, ninguém sabia quantas companhias inimigas tinham sido enviadas para o confronto.

Keyoke dirigiu-se a outro lugar para poder observar a barricada. Se algum membro do pequeno grupo de Dakhati estivesse vivo para efetuar uma retirada, já deveria estar voltando a qualquer momento. Keyoke tinha noção de que seus próprios soldados estavam bem treinados para cumprir aquele plano, mas por mais de uma vez vira a pressão do combate criar confusão. O Comandante das Forças Armadas dos Acoma ficou a postos para impedir que algum de seus homens mais açoitados atacasse os próprios colegas.

Aguardaram sob o sol quente naquele desfiladeiro abafado que fedia a suor, excrementos e morte. O som do combate ecoava nas paredes íngremes de rocha úmida. Os minutos se arrastavam e as moscas se concentravam em enxames. Keyoke e os outros guerreiros experientes olhavam ansiosos, na expectativa de que algum elmo verde dos Acoma aparecesse na trilha do outro lado da barricada.

Em dado momento, Keyoke aceitou o que já esperava. Dakhati e sua companhia prosseguiram com o ataque muito além da possibilidade de retornar. Não tinham a intenção de bater em retirada. O Líder de Ataques que os comandava percebera tão bem quanto Keyoke que os Minwanabi acabariam vencendo. Sem chances de receber novas ordens, o pequeno grupo de Dakhati tinha apenas a intenção de matar o máximo possível de inimigos enquanto pudesse, antes de encontrar a morte certa.

Keyoke ergueu os olhos para o céu e em silêncio desejou que morressem em glória. Pondo de lado o sentimento de perda de seus bravos guerreiros ou de preocupação pelo eventual significado daquela derrota para Mara, indicou a três criados e ao pequeno e ágil soldado que carregava água que tentassem escapar através da barricada. Se Dakhati tivesse afastado o inimigo o bastante, talvez os quatro pudessem escapar às escondidas por entre as árvores e conseguissem avisar a Senhora. Mas tais esperanças foram destruídas imediatamente quando uma onda de soldados Minwanabi investiu pela boca do desfiladeiro. As lâminas das espadas, ainda ensanguentadas após dizimarem os homens de Dakhati, roubaram a vida dos quatro antes mesmo de terem dado meia-volta para fugir. Houve pânico, não gritos, e o garoto encarregado da água morreu a seus pés, enfrentando o inimigo com uma faca de cozinha bem firme na mão.

Que Turakamu acolha com carinho tamanha valentia, rezou Keyoke, com a mesma calma com que aceitava sua própria morte iminente e inevitável. Colocou os dedos no punho desgastado de sua espada, já tão familiar quanto um irmão. O inimigo iria pagar bem caro!

O sol se pôs e a escuridão caiu sobre o crepúsculo incolor devido a um crescente manto de nevoeiro. Soldados exaustos trocaram penosamente suas posições na barricada e Keyoke mancou obstinado para verificar em que estado se encontravam. Suas forças estavam cada vez mais reduzidas. Dos cem soldados e cinquenta servos que saíram das terras dos Acoma, havia menos de quarenta daqueles e vinte destes capazes de se manter em pé. A maioria morrera, embora uma dúzia de soldados feridos e um número equivalente de servos tivessem sido socorridos em um acampamento improvisado ao redor do charco. As incessantes saraivadas aleatórias de flechas Minwanabi ainda provocavam danos suficientes para manter os homens nervosos. Ninguém podia se deitar, pois assim se tornaria um alvo mais fácil para as flechas. Alguns homens até tentaram descansar debaixo de escudos, mas a experiência se revelou mais preocupante do que reparadora. A maioria dos guerreiros se limitou a sentar com o queixo apoiado nos joelhos, ombros dobrados e cabeça caída, encostados à parede do desfiladeiro o máximo que puderam.

A noite chegou e os combates foram substituídos pelas chamas bruxuleantes das tochas dos inimigos. A névoa no desfiladeiro brilhou sob a luz, como um espírito disforme. Os guerreiros Acoma aproveitaram essa luz e afiaram as armas, e, se suas vozes expressavam coragem através de frases espirituosas, seus pensamentos eram sombrios. Provavelmente, a luta não duraria até o alvorecer e com certeza não chegaria ao meio-dia. Estavam tão cientes disso quanto o Comandante, que, infatigável, efetuava sua ronda para animar seus espíritos.

As horas passaram e homens morreram; as estrelas permaneceram escondidas pelo nevoeiro. Keyoke atravessava a clareira para averiguar o estado de dois homens feridos por pedras quando algo o atingiu na perna direita com a força de um coice de uma needra jovem.

Ele cambaleou e caiu de joelhos ao sentir uma explosão de dor na coxa direita. Dois soldados correram para auxiliá-lo quando começou a perder os sentidos devido à flecha que se cravara na parte de cima de sua perna. Carregaram-no para um local ao lado e o colocaram com cuidado sentado com as costas apoiadas numa parte relativamente segura da parede do desfiladeiro. Debatendo-se com a escuridão ameaçadora que turvava sua visão, Keyoke gritou:

— Por todos os deuses, como isso dói!

Obrigou-se a olhar para a flecha que se enterrara em sua coxa. Ela o atingira de cima para baixo — mais um dos disparos aleatórios para o interior do desfiladeiro. Ele sentia a ponta arranhando o osso.

— Empurrem a flecha um pouco mais e cortem as penas — ordenou. — Depois, puxem para fora.

Os dois soldados se entreolharam e ele teve de repetir a ordem, gritando por entre dentes que deveriam empurrar a maldita flecha para soltá-la. Os soldados voltaram a se entreolhar por cima das plumas empoeiradas do elmo de Keyoke. Nenhum queria dizer a verdade: se empurrassem a seta para soltá-la, provavelmente cortariam uma artéria, causando a morte com um fluxo contínuo de sangue. Keyoke praguejou de forma bem audível. Libertou um braço enrugado, amparado por um dos guerreiros, e, com uma mão espantosamente firme, agarrou a flecha e a partiu.

— Empurrem! — exigiu.

A flecha, ainda com a ponta, permaneceu cravada na carne. O buraco sangrava sombriamente, tornando-se cada vez mais roxo.

— Isso vai infeccionar — disse, com calma, um dos guerreiros. — Deveria ser cortado, para a ferida ser limpa.

— Não tenho tempo para isso — disse o Comandante, com uma voz que não se revelou tão firme quanto sua mão. A agonia que o atormentava pouco tinha a ver com dor, que ele já conhecera e suportara antes, quando necessário. — Se a flecha não for removida e a maldita ponta continuar raspando no osso da perna, vou acabar desmaiando. Com certeza não conseguirei andar nem continuar a comandar as tropas.

Os soldados não abriram a boca, e a censura silenciosa de ambos foi percebida, mas Keyoke controlou sua ira.

— Acham que algum de nós viverá o suficiente para que eu morra por causa de uma ferida mal curada? Coloquem uma atadura nesta perna e *empurrem esta maldita coisa!*

Eles obedeceram com relutância. A dor fez com que a visão de Keyoke se turvasse e por uns minutos ele perdeu a noção do tempo e do espaço. Após um momento de escuridão, recuperou o discernimento e deparou-se com os soldados fazendo uma atadura na ferida; a dor em sua perna suavizara um pouco. Keyoke então ordenou aos guerreiros que o ajudassem a se levantar e por alguns instantes teve dificuldade em manter o equilíbrio. Recusou-se a cortar

um pedaço de madeira dos arbustos para se apoiar e cambaleou em passos curtos, com a coxa latejando furiosamente e cada movimento se revelando um verdadeiro tormento. Mas nenhum homem que vestia o verde dos Acoma iria questionar sua autoridade; ele mantinha o comando de seu exército.

Promoveu um jovem soldado particularmente talentoso a Líder de Ataques, mas viu o homem morrer menos de uma hora depois. Reagindo de maneira inspirada e desesperada, Sezalmel repelira a maior ofensiva Minwanabi desde o pôr do sol, a segunda a quase derrubar a barricada. Seu ataque, no entanto, fez o grupo adversário recuar, mas ao custo de grandes baixas. Os Acoma estavam exaustos, enquanto os guerreiros Minwanabi pareciam incansáveis. Keyoke não perdeu tempo promovendo mais ninguém. Não havia necessidade, já que a quantidade de homens era muito pequena. Um segundo comandante seria inútil.

Keyoke arrastou-se, fatigado, até os servos e ordenou uma distribuição de rações. Dada a quantidade de mortos, já havia alimento suficiente para que cada homem comesse o que desejasse. Já que os soldados não poderiam desfrutar de uma refeição quente, pelo menos ficariam de barriga cheia. Keyoke serviu-se de um bolo e de um pedaço de carne defumada de needra. Não tinha fome, mas se obrigou a mastigar. O doloroso latejar na perna direita e a dor ardente dos ferimentos inchados eram constantes. No final, quando ninguém estava olhando, cuspiu os pedaços sem sabor. Bebeu quando lhe passaram o cantil e controlou a náusea. Ainda sentia a garganta seca por causa do bolo e pensou se estaria começando a ter febre. Depois, como sempre, seus pensamentos voltaram a se focar no comando de seus homens.

Keyoke estimava que mais de trezentos e cinquenta Minwanabi tinham caído diante da barricada durante o dia. Os números da noite eram inferiores, diminuindo proporcionalmente ao cansaço de seus soldados. Pelo menos cinquenta inimigos pereceram após o sol se pôr. Seus soldados matavam os inimigos de Mara a uma proporção de cinco para um. As baixas, contudo, eram cada vez maiores e logo a situação ficaria crítica, pois suas forças diminuiriam até, inevitavelmente, os Minwanabi conseguirem ultrapassar a barricada e investir impiedosamente contra os sobreviventes. Keyoke sentia orgulho. As forças dos Acoma tinham superado as expectativas e o fim poderia ser adiado até o alvorecer.

Sentando-se encostado à umidade gelada da parede rochosa, Keyoke retirou o elmo. Puxou para trás o cabelo grisalho ensopado e constatou que nunca na vida se sentira tão cansado. E isso trouxe um arrependimento: era culpado por ser um velho presunçoso. Repreendeu-se por não ter passado mais tempo treinando Lujan e os outros Líderes de Ataques. Deveria ter insistido para que todos os oficiais jantassem com ele no salão dos servos em vez de comerem nos quartéis enquanto ele fazia suas refeições em companhia da Senhora Mara, de Nacoya ou de Jican. Todas aquelas oportunidades desperdiçadas para educar aqueles jovens soldados o atormentavam. Mas era tarde demais para desejar que seu posto fosse ocupado por um homem mais novo. Um intenso acesso de dor na ferida despertou sua ira outra vez. Amaldiçoando-se por ser um louco, colocou de lado seu sofrimento. Recusou-se, em seus últimos momentos, a

ficar pensando em coisas ruins. Ainda havia uma batalha por travar e pensamentos mórbidos exigiam um esforço que deveria ser usado em combate.

Keyoke esticou a perna ferida para a frente e foi torturado por outra pontada de dor. Não se queixou, limitando-se a suar sob o peso da armadura. Graças ao brilho refletido pelo carvão em brasa, viu que a carne em volta do buraco estava vermelha — não conseguiu perceber se era uma ilusão gerada pela luz ou uma inflamação — e latejava impiedosa. *Não faz mal*, pensou. Um ferimento era apenas uma forma de medir a personalidade de um guerreiro. A vida era dor e a dor era vida. Seus pensamentos circulares fluíam sem rumo à medida que seu corpo tentava contrariar as dores da batalha, do ferimento, do cansaço e da idade.

Deve ter cochilado, pois, quando percebeu, um soldado sacudia seu ombro para despertá-lo. Keyoke movimentou as pálpebras pesadas e tentou apurar os sentidos, que normalmente ficavam alertas. Por instinto, tentou se erguer, mas sentiu uma dor ardente em toda a extensão da perna, o que o fez arquejar alto. O soldado lhe deu a mão para que se equilibrasse e tentou não demonstrar tristeza no olhar.

— Comandante, ouvimos homens armados se aproximando pelas colinas que ficam acima do desfiladeiro!

Keyoke espiou a estreita faixa de céu no alto das paredes da escarpa. Não havia estrelas, nem a escuridão diminuía para que pudesse indicar que horas eram. Não tinha como saber quanto tempo se passara.

— Quanto falta para o alvorecer? — questionou.

O soldado franziu o cenho.

— Talvez duas horas, Comandante.

— Abafe as fogueiras — disse, ríspido. Certo de que o inimigo já havia cercado as montanhas e flanqueado sua posição, mancou com um ar severo na direção dos homens que se aprontavam para o ataque seguinte. — Se Irrilandi enviou tropas para nos esmagar vindo das colinas, por que fazer isso na escuridão? — disse em voz baixa, inconsciente, devido à febre e à dor, de que falara alto o suficiente para que os outros ouvissem.

Ouviu-se então um estalo que ecoou na clareira. A barricada explodiu para trás sob uma onda de corpos com armaduras laranja e preto e os defensores Acoma foram lançados em todas as direções. Um pesado tronco irrompeu com um ranger de pedras e um rasgar de carne podre de needra. Um aríete abriu uma brecha na entrada do desfiladeiro com um efeito devastador. Soldados Minwanabi entraram correndo e gritando, enquanto os Acoma se colocavam imediatamente a postos para enfrentá-los. Keyoke disse aos servos que se abrigassem atrás do baluarte de sedas. Soldados caíram em agonia ou gemendo com dores

mortais. A luta espalhou-se pelo desfiladeiro invadido. Corpos enfaixados contorciam-se e ficavam esmagados entre as pedras e os grandes galhos da barricada desfeita; outros, contorcidos e empalados. Alguns procuraram empunhar espadas, desajeitados, enquanto jaziam com pernas e costas quebradas. Keyoke absorveu aquilo tudo sem se deter para registrar o horror, pois os soldados Minwanabi fluíam pelo buraco. O desfiladeiro poderia permitir a passagem de apenas um ou dois homens de cada vez, mas fora aberto, e os Acoma batiam em retirada. Por isso, desembainhou sua espada. Não usava o elmo, pois o deixara no chão onde estivera dormindo. Nem se preocupou em procurá-lo, pois não confiava que a perna lhe permitiria dar muitos passos. Apenas a vontade dos deuses poderia determinar se ele morreria orgulhosamente como Comandante das Forças Armadas dos Acoma ou como mais um velho soldado anônimo. Com Mara sob ameaça, isso, afinal, pouco importava, concluiu.

— Queimem a seda — ordenou a um servo, que estava por perto à espera de ordens.

O homem fez uma pequena reverência e partiu, e, sob a luz suave e instável de archotes fluorescentes, enquanto mãos leais queimavam as pilhas de seda, Keyoke avançou com rapidez, saltitando atrapalhado com a perna boa. Por entre uma bruma atordoante de febre, ouviu os gritos de soldados morrendo e o tinir de armas entrecortado pelo crepitar da seda e da madeira seca explodindo atrás dele em uma onda de fogo. Um soldado Minwanabi tropeçou, atingido por um guerreiro Acoma. Keyoke livrou-se dele com um golpe instintivo e um sorriso sinistro se abriu em seus lábios. Sua perna poderia estar despedaçada, mas, por Turakamu, o braço que manejava a espada ainda funcionava bem. Teria a escolta dos Minwanabi nos salões do Deus Vermelho.

Os confrontos se espalharam furiosamente pela estreita passagem, espremidos entre as paredes rochosas e uma barreira de seda em chamas. Homens lutavam numa dança com a morte, suas espadas brilhando de vermelho à luz da noite. Lutando e avançando aos tropeços, Keyoke estreitou os olhos para enfrentar o brilho e tentou distinguir amigos de inimigos. Os guerreiros de ambos os lados pareciam semelhantes, como se fosse uma cena de uma batalha demente infernal, enquanto o fogo ardia numa fúria brilhante.

Atacado por outro Minwanabi, Keyoke esquivou-se de um golpe de espada e contra-atacou com um simples corte na garganta. O guerreiro caiu, gorgolejando, e alguns preciosos segundos foram perdidos porque Keyoke não conseguiu levantar sua perna alto o bastante para pisar no homem em seus minutos finais. O joelho do Comandante das Forças Armadas dos Acoma tremeu quando mancou, com uma dor que devastava desde o tornozelo até a coxa cada vez que fazia força com o membro. A dor fez sua barriga se revirar e ele engoliu em seco para não esvaziar o estômago. A tontura o desequilibrou e sua visão se turvou. Keyoke mancou na direção de sua última luta, contra dois soldados Minwanabi que atacavam o escudo de um Acoma. Couro e madeira se racharam com um estalo e uma lâmina atingiu o alvo. O guerreiro Acoma caiu e seus olhos cheios de morte cruzaram com os de seu oficial.

— Comandante — disse nitidamente antes de sofrer mais um ataque.

Então uma figura de laranja e preto começou a gritar e a apontar sua espada, e os guerreiros se voltaram e convergiram para aquele ponto. O tinido das armas se elevou por todos os lados. Acreditando que o som se intensificara devido à febre, Keyoke concentrou-se no reconhecimento evidente das feições dos inimigos.

— É o Comandante das Forças Armadas! — gritou alguém nitidamente, e Keyoke foi cercado por inimigos.

Sua espada fez sangue jorrar, mas seus pés não foram ágeis. Sua defesa estava prejudicada pela perna debilitada e, sob a pressão de cortes e estocadas, percebeu que mais soldados apareciam com pressa às suas costas. Nada conseguiu fazer para evitar que o cercassem. De joelhos e sem poder movimentar os membros inferiores, começou a ver tudo girar e se esforçou para conter os golpes desferidos em seu corpo. O soldado Minwanabi diante dele parou de repente. Sua expressão de descrença absoluta foi engolida pelas trevas enquanto caía. Keyoke percebeu um cutelo de carne cravado na armadura Minwanabi e um servo assustado recuando. Keyoke desferiu um golpe lateral com sua espada e ao menos mais um inimigo morreu antes de poder vingar seu companheiro derrubado. O servo acabou sendo abatido afinal, com um golpe que o varou do peito à virilha, desferido por outro soldado, e depois essa mesma espada foi apontada contra Keyoke. Mais homens vieram das laterais. Ele lutou contra eles, com uma perícia apurada por quarenta anos no campo de batalha.

O suor escorria por suas têmporas. Piscou para se libertar das gotas salgadas sobre os olhos e golpeou em meio a uma dor entorpecedora. Percebeu vagamente um servo Acoma agachando-se a seu lado e tentando levantá-lo. Depois, os olhos do criado se arregalaram e ele cambaleou para a frente. Suas costas estavam abertas, com as costelas brancas à mostra, e seu peso empurrou Keyoke de volta para o chão. Cego devido ao pó e à dor, lutou para se erguer. Sentiu um zumbido nos ouvidos e não conseguiu firmar as mãos. Seus dedos entorpecidos não conseguiram encontrar sua espada e percebeu algo úmido escorrendo no tórax sob sua armadura. Arquejou, mas parecia não haver ar para encher seus pulmões. Acima dele distinguiu a forma de um soldado Minwanabi retirando a espada após o golpe que infligira no valente servo.

Keyoke tateou a terra, encontrou sua espada e lutou contra o peso do corpo em convulsões para conseguir erguê-la. O soldado afastou o servo para o lado; seu objetivo era matar o exausto velho Comandante das Forças Armadas a seus pés. Keyoke ergueu o braço para se defender e aproveitou os últimos resquícios de força para dedicar sua alma a Turakamu. Então foi espada contra espada e o couro laminado chiou com o impacto. O golpe foi defendido, mas fracamente. A estocada do Minwanabi errou o coração e resvalou para baixo, onde perfurou a armadura e o gibão, até que, por fim, se cravou na carne da barriga de Keyoke. O soldado puxou a lâmina. A carne se rasgou, sangrando, e Keyoke ouviu um grito distante e rouco quando o sofrimento obrigou seus lábios a traírem sua fraqueza diante do inimigo. No final de sua vida, Keyoke invocou sua determinação de soldado para saudar a morte de cabeça erguida

e olhos abertos. Em meio à palpitação do sangue em seus ouvidos, o Comandante das Forças Armadas ouviu ao longe uma voz gritando: *Acoma!* E sentiu um enorme orgulho por aquele bravo guerreiro.

Formas difusas se formaram e desapareceram sucessivamente. O tempo pareceu desacelerar de forma pouco natural. Na escuridão, uma mão prendeu o braço do soldado Minwanabi, travando a espada que descia. Keyoke franziu o cenho e debilmente se questionou se aquela seria a recompensa do deus por uma vida de dedicação; por sua virtude e coragem na defesa dos Acoma, não iria sentir o sopro da morte.

— Turakamu — murmurou, acreditando que ia para os salões do Deus Vermelho; a terra então girou e ele não sentiu mais nada quando a espada escorregou de sua mão.

Estratégia

Escutou sons.

Na escuridão envolvente, Keyoke ouviu vozes, ecoando como em um sonho em sua mente, misturadas com a crescente consciência da dor. Tentou escutar os cânticos dos soldados Minwanabi mortos, que testemunhariam sua coragem nas colinas de Turakamu. Mas não ouviu cânticos, apenas palavras proferidas por uma voz que parecia a de Lujan.

Não, pensou Keyoke. *Não*. Em meio a um vibrante acesso de angústia que se transformou em desespero, ouviu com mais atenção. Deveria estar escutando cânticos.

— ...não recuperou a consciência desde a batalha — a voz de Lujan prosseguiu — ... esteve delirando devido à febre... ferimentos graves na barriga e no tórax...

Uma voz o interrompeu, sem dúvida a de Nacoya:

— Por todos os deuses. Mara não pode vê-lo neste estado. Iria partir seu coração.

Depois ouviu uma grande confusão na escuridão e alguém que soava como sua Senhora gritou, com uma dor intensa demais para reprimir:

— Keyoke!

Não haveria cânticos, compreendeu o velho guerreiro com amargura. Elogios não eram proclamados a um guerreiro que morrera sendo derrotado. Os Acoma deveriam ter sido dizimados, caso contrário, Mara, Lujan e Nacoya não estariam nos salões de Turakamu. O exército Minwanabi devia ter atacado a propriedade depois de tê-lo vencido no desfiladeiro e os defensores cho-ja deviam ter fugido ou então ter sido subjugados. O fim provavelmente viera com o sucesso do inimigo e os Acoma esmagados.

— Minha Senhora — murmurou Keyoke, em delírio —, Senhora.

— Escutem. Ele está falando! — alguém exclamou.

— Keyoke? — Ouviu de novo a voz de Mara. Mãos frias afagaram sua testa, com os dedos ligeiramente trêmulos.

Então ele viu uma luz, um brilho ofuscante por entre suas pálpebras semicerradas, e aos poucos recuperou a consciência, assim como a total percepção da dor.

— Keyoke — repetiu Mara, colocando as mãos em suas têmporas e segurando seu rosto com gentileza e firmeza. — Estamos todos bem. Ayaki está bem. Lujan nos relatou como foi

travada a valente batalha no desfiladeiro. Os Minwanabi levaram quinhentos homens e soubemos que sua pequena companhia defendeu a seda até a morte.

O Comandante das Forças Armadas lutou contra uma onda de febre, mas conseguiu focar o olhar. Sua Senhora debruçou-se sobre ele. Seus cabelos escuros caíram soltos sobre Keyoke e sua bela testa se vincou de preocupação. Ele não estava nos salões do Deus Vermelho, mas no pátio dianteiro da propriedade dos Acoma. A paz imperava no local. Havia silhuetas em movimento na névoa circundante; eram os guerreiros da companhia de Lujan indo para seus respectivos quartéis. Havia ali perto um criado com um pano, pronto para limpar o suor de seu rosto. Keyoke inspirou com dificuldade. Em meio à forte dor provocada por seus ferimentos, reuniu todas as suas forças para falar:

— Senhora Mara, estamos em perigo. O Senhor Desio conseguiu violar sua segurança. Mara afagou seu rosto.

— Eu sei, Keyoke. O espião que foi torturado escapou e nos contou. Foi assim que Lujan soube que tinha de levar rapidamente sua companhia para as montanhas para ajudá-lo.

Keyoke se recordou dos sons de luta vindos das colinas para além do desfiladeiro. Então Lujan conseguira flanquear o exército do Senhor Desio, fazendo com que fugisse pela ravina.

— Quantos sobreviveram? — perguntou Keyoke, com a voz fraca como a de um corvo.

— Seis homens, Comandante — respondeu Lujan —, contando com o Senhor. Todos gravemente feridos.

Keyoke engoliu em seco. Dos cem guerreiros e cinquenta servos, apenas cinco além dele haviam sobrevivido àquela armadilha montada pelos Minwanabi.

— Não se preocupe com a seda — acrescentou Mara —, os cho-ja produzirão mais.

Keyoke retirou desajeitadamente a mão de baixo das cobertas que estavam sobre seu peito e agarrou o pulso de Mara.

— Não perdemos a seda — disse, ofegando, mas de modo claro. — Não toda.

Aquela informação fez com que Lujan exclamasse e que os criados comesçassem a sussurrar. Só então Keyoke reparou na presença de Jican, ali do lado, com um olhar bem vivo. Com dificuldade, conseguiu explicar onde haviam sido deixados os rolos, escondidos nas rochas.

Mara sorriu. A expressão tornou seu belo rosto mais delicado e radiante, como outrora fora o de sua mãe, recordou Keyoke. Reparou também nas lágrimas que reluziram intensamente nos cantos de seus olhos, contidas corajosamente com uma piscadela.

— Nenhuma Senhora poderia exigir tanto. Você serviu com honra e esplendidamente bem. Agora, descanse. Seus ferimentos são extremamente graves.

Keyoke não perguntou quanto; a dor indicava tudo o que precisava saber. Suspirou.

— Agora já posso morrer — acrescentou em um sussurro.

Ela não o contrariou mais. Levantou-se e, em tom de comando, ordenou que dessem ao Comandante das Forças Armadas o melhor quarto da casa.

— Acendam velas por ele, e convoquem poetas e músicos para homenageá-lo, pois todos devem saber que lutou como um herói e que deu sua vida pelos Acoma.

Poderia ser uma Governante, pensou Keyoke, mas sua voz tremia. Ela não era capaz de ocultar a sua dor dele, que a tinha como filha.

— Não precisa chorar por mim, Senhora — sussurrou —, estou feliz. — Então emitiu um ruído; sua consciência vacilou. Fez um movimento e insistiu: — Não precisa chorar por mim, Senhora.

Não chegou a saber se ela ouviu, pois as trevas voltaram a se apoderar de sua mente. Mais tarde, percebeu a presença de velas aromáticas e de música suave, e de uma calma que o envolveu em um manto de tranquilidade, interrompido pela dor, que parecia não ter fim. Forçando seus olhos cansados a se abrirem, viu que estava deitado numa esteira em um cômodo maravilhosamente bem decorado, com gravuras que ilustravam cenas de guerreiros virtuosos, bem armados e corajosos. Entre as notas agudas de duas vielles tocando em contraponto, ouviu um poeta recitar seus feitos e vitórias desde os tempos do Senhor Sezu. Keyoke deixou que seus olhos se fechassem de novo. Não mentira à sua Senhora. Estava satisfeito. Morrer gravemente ferido em honra dela era um destino justo e adequado para um guerreiro que envelhecera a seu serviço. Mas uma agitação lá fora no corredor se sobrepôs às notas dos instrumentos e a voz do poeta vacilou.

— Maldição! Vai deixá-lo ali deitado até morrer? — gritou uma voz estridente e anasalada. O bárbaro, identificou Keyoke, desafiando os costumes, como sempre.

— Ele serviu com honra! — interveio a voz de Lujan, em um tom aflitivo que não lhe era usual. — O que mais qualquer um de nós pode fazer?

— Trazer um curandeiro para tentar salvá-lo — disse Kevin, quase gritando. — Ou está esperando que os deuses o salvem?

— Isso é impertinência! — replicou Lujan, e em seguida, o som de uma mão batendo em carne foi ouvido.

— Parem! Vocês dois! — Mara interveio e as vozes se misturaram em um som que subia e descia como o de uma onda.

Keyoke estava deitado, imóvel, e desejou que a discussão terminasse. O poeta chegara às estrofes que contavam quando, ao lado de Papewaio, lutara contra Tecuma dos Anasati, e ele queria estar atento a imprecisões. Sem dúvida o bardo não mencionaria a festa que se seguiu, nem as garrafas de vinho de sã que ele, Pape e o Senhor partilharam para celebrar a vitória. Todos pagaram o abuso com uma grande ressaca, recordou Keyoke; sofreu quase tanto quanto agora. Mas o poeta não concluiu a declamação. Em vez disso, Keyoke escutou a voz de Mara vinda do corredor:

— Kevin, não seria nada amável tentar salvar a vida de um guerreiro que perdeu uma perna. Ou você não sabe que o curandeiro da companhia de Lujan a amputou? Keyoke foi atingido por uma flecha e a ferida infeccionou.

Keyoke engoliu em seco com esforço. A intensidade da dor não lhe permitira perceber que tinham amputado um de seus membros. Não abriu a boca.

— E daí? — disse Kevin, desesperado. — O valor do Keyoke está em seu conhecimento técnico, e até seu curandeiro obcecado pelos deuses sabe que o cérebro de um homem não está em seus pés!

Seguiu-se um momento de silêncio e depois Keyoke escutou o biombo sendo puxado e alguém entrando. Keyoke abriu um dos olhos e fitou o local onde a agitação começara. O bárbaro gigantesco entrou, com seu cabelo resplandecendo como fogo à luz das velas e sua altura projetando sombras na parede. Passou com determinação entre os músicos e depois lançou um olhar de desprezo ao poeta.

— Saia — disse em tom de comando. — Quero falar com o velho e ver o que ele acha de morrer.

Keyoke olhou com raiva para o rosto do escravo bárbaro, então falou com uma voz tão firme quanto sua condição permitia:

— Você é impertinente — repetiu o que Lujan dissera. — E está se intrometendo em assuntos de honra. Se eu estivesse armado, eu o mataria aqui mesmo.

Kevin deu de ombros e se sentou ao lado do velho guerreiro.

— Se você tivesse força para me matar, velhote, eu não estaria aqui. — Cruzou os braços, apoiou os cotovelos nos joelhos e fitou Keyoke, que não deixava de ter a aparência de um líder de vários exércitos, mesmo afundado num mar de almofadas com uma carranca. Seu corpo podia estar doente, mas o rosto ainda era o de um comandante. — Seja como for, você não está armado — observou Kevin com a brutalidade destruidora típica de seu mundo. — E precisaria de uma bengala para se levantar dessa cama. Sendo assim, talvez seus problemas não possam mais ser resolvidos pela força da espada, Comandante.

A barriga do velho doeu quando inspirou para replicar. Sentiu a fraqueza esgotar suas energias, a escuridão das asas que aguardavam para mergulhar sobre ele, mas conseguiu se recompor e falar com um tom de voz que já havia acabado com a presunção de muitos jovens guerreiros:

— Eu servi.

As palavras foram proferidas com uma dignidade indiscutível. Kevin fechou os olhos por um momento e, em seu íntimo, pareceu hesitar antes de dizer:

— Mara ainda precisa de você.

Não olhou direto para Keyoke. Aparentemente, sua insolência tinha limites; mas suas mãos se apertaram com força em seus braços e Lujan, parado na porta, virou o rosto para o lado.

— Mara ainda precisa de você — rosnou Kevin, parecendo procurar com muito esforço palavras que lhe escapavam. — Não há nenhum outro grande general para os exércitos dela, nenhum mestre em tática que consiga substituí-lo.

Do homem nas almofadas, nenhum som foi ouvido nem se viu qualquer movimento. Kevin

franziu o cenho e, nitidamente incomodado, tentou outra vez:

— Você não precisa de pernas para treinar seu sucessor, nem para aconselhá-lo em questões bélicas.

— Não preciso de pernas para perceber que você ultrapassou seus limites — interrompeu Keyoke. O esforço custou caro. E ele caiu para trás sobre as almofadas. — Quem é você, bárbaro, para me julgar e ao serviço que presto a esta casa?

Kevin ficou muito vermelho e se ergueu. Envergonhado, sem sequer tentar esconder, mas também irreconhecivelmente magoado, cerrou os punhos e acrescentou:

— Não vim aqui para importuná-lo, mas, sim, para fazê-lo pensar. — E depois, parecendo zangado, o enorme ruivo afastou-se de perto da cama a passos largos. Junto à porta, virou-se outra vez, mas ainda assim sem fitar Keyoke nos olhos. — Você também a ama — acrescentou, em tom acusador. — Morrer sem lutar é privá-la de seu melhor comandante. Para mim, você está procurando uma forma fácil de escapar. Seu serviço ainda não acabou, velhote. Se morrer agora, será uma deserção.

Partiu antes de Keyoke conseguir reunir forças para responder. De repente, as velas pareceram iluminar mais e a dor se intensificou. Com calma, os músicos voltaram a tocar. Keyoke os escutou, mas nem por isso o aperto que sentia no coração diminuiu. Enquanto cedia ao sono, a sucessão de rimas perdeu o brilho e se tornou apenas uma série de palavras vazias que recordavam acontecimentos havia muito idos e esquecidos.

Mara aguardava fora do quarto, no corredor. Não estava acompanhada por criadas e permaneceu tão quieta que Kevin quase não a notou nas sombras. Apenas seus reflexos rápidos o detiveram, pois, ao limpar os olhos úmidos, quase se chocou com ela.

— Você vai responder por isso — Mara o ameaçou. Mas, apesar de sua postura perfeita e do tom claro, Kevin a conhecia o bastante para perceber sua raiva. Ela enfiou as mãos dentro das mangas antes de prosseguir: — Keyoke já liderava nossos soldados antes de eu ter nascido. Enfrentou inimigos em situações que provocariam pesadelos a qualquer outro só de olhar. Abandonou uma guerra, deixando para trás seu Senhor marcado para morrer, e, apesar de isso ter destruído seu coração, cumpriu suas ordens e foi me buscar no Templo de Lashima para que o nome dos Acoma se mantivesse vivo. Se temos um natami na clareira para manter nossa honra sagrada, é por causa dele. Como você se atreve, escravo bárbaro, a alegar que ele ainda não fez o suficiente?

— Bem — disse Kevin —, admito que sou desbocado e também que não sei quando parar. — Ele sorriu daquele modo espontâneo que a desarmava e sempre a pegava desprevenida.

Mara suspirou.

— Por que insiste em sempre interferir em coisas que não entende? Se Keyoke deseja uma

morte de guerreiro, esse é um direito dele, e é uma honra para nós assegurarmos que sua passagem seja feita com o maior conforto.

O sorriso de Kevin se dissipou.

— Se há uma coisa que não entendo em sua cultura, Senhora, é o pouco valor que dão à vida. Keyoke é um estrategista brilhante. O talento dele vem da mente, não do braço que maneja a espada, que qualquer jovem pode derrotar. E, ainda assim, todos vocês recuam e ficam mandando poetas e músicos! Enquanto esperam que ele tenha sua morte de guerreiro, desperdiçando os anos de experiência de que seu exército tanto necessita para...

— E o que você sugere? — interrompeu Mara. Tinha os lábios brancos.

Kevin estremeceu com a intensidade de seu olhar, mas prosseguiu:

— Eu nomearia Keyoke como conselheiro e promoveria um novo oficial, caso necessário, e depois chamaria o melhor de seus curandeiros. O ferimento no abdômen dele pode ser mortal, mas acredito que a natureza humana não pode ser tão diferente entre nossas culturas para que um homem às portas da morte deixe a vida sentindo-se inútil.

— Para um plebeu, você acredita ter muitos conhecimentos — observou Mara com acidez.

Kevin endireitou-se e subitamente foi tomado por um de seus estranhos e inexplicáveis silêncios. Fixou os olhos nos dela, ainda sem vontade de acabar com a discussão; Mara estava tão concentrada tentando entender por que de repente ele se tornara tão misterioso que só reparou na presença do mensageiro a seu lado quando este lhe dirigiu a palavra:

— Senhora. — O rapaz fez uma reverência extremamente respeitosa. — Minha Senhora, Nacoya pede que vá imediatamente ao grande salão. Um mensageiro imperial a aguarda.

O rosto de Mara, antes vermelho de raiva, perdeu a cor.

— Vá procurar Lujan e peça que venha imediatamente — instruiu.

Parecendo ter se esquecido da presença de Kevin e do fato de estar discutindo com ele apenas alguns segundos antes, girou nos calcanhares e partiu corredor afora com uma pressa nunca antes vista. Kevin, como seria de esperar, a seguiu.

— O que está acontecendo?

Ela não respondeu, e o mensageiro já estava longe demais para ouvir. Sem se deixar desencorajar, Kevin apertou o passo até ficar ao lado de sua minúscula Senhora. Tentou uma abordagem diferente:

— O que é um mensageiro imperial?

— Más notícias — respondeu Mara, curta e seca. — No mínimo, e assim logo depois de um ataque dos Minwanabi, uma mensagem do Imperador, do Senhor da Guerra ou do Conselho Supremo certamente quer dizer que há uma grande movimentação no Jogo.

Mara ignorou as reverências de um grupo de escravos da casa dobrados sobre baldes e escovas esfregando a madeira polida do chão. Cruzou o átrio que dava para as duas enormes portas de acesso ao salão, seguida por Kevin. A postura de sua Senhora parecia frágil desde o retorno das companhias de Lujan. O propósito do ataque dos Minwanabi, insistira ela, não

fora unicamente arruinar as sedas destinadas ao mercado. Incapaz de acompanhar todas as reviravoltas da política tsurani, que, para seu Reino, ainda lhe pareciam rebuscadas e ilógicas, Kevin estava determinado a permanecer ao lado de Mara. O que a ameaçava também o ameaçava, pois sentia por ela um instinto protetor.

O grande salão, de manhã, apresentava-se úmido e o velho chão de pedra se revelava frio até para quem calçava sandálias de couro. Atravessando a extensão ecoante do espaço vazio, mantido no escuro pelos biombos fechados, Kevin viu Nacoya à espera no dossel e escutou os passos de Lujan vindos da passagem mais atrás. Mas a atenção do bárbaro se voltava para o local onde, mesmo sob a luz fraca, se destacava um brilho dourado, uma visão inesperada e desconcertante numa terra onde os metais pesados eram raros.

O mensageiro se sentara em uma bela almofada de algodão e até sua postura era imponente. Era jovem, forte, musculoso e atraente, vestindo apenas um simples *kilt* branco. Sandálias trançadas abraçavam suas pernas cobertas de pó e sua pele molhada de suor. O cabelo negro à altura dos ombros estava preso para trás. Uma faixa de tecido com listas douradas e brancas alternadas estava evidente e cintilava, lançando reflexos por entre as sombras. Fora tecida com fio metálico, de ouro puro, o símbolo do Imperador de Tsuranuanni, cuja palavra ele trazia.

Quando Mara entrou, ele se ergueu e se inclinou com uma reverência. O gesto revelou arrogância, pois, embora não passasse de um servo e ela fosse uma Senhora da nobreza, a palavra de seu Senhor era a lei da terra, à qual todas as grandes casas deveriam se submeter. O símbolo que ostentava tornava aquele homem sacrossanto no Império. Ele poderia passar em segurança por um campo de batalha, entre casas em disputa, e nenhum soldado ousaria impedir sua passagem, sob pena de provocar a ira do Imperador. O mensageiro ajoelhou-se com uma pose magnificamente estudada e apresentou um pergaminho enrolado com bordas douradas, selado com fitas também douradas e com o selo de Ichindar.

Mara aceitou a imponente mensagem, e suas mãos pareceram frágeis em contraste com o pergaminho. Quebrou o selo, desenrolou a mensagem e começou a ler, enquanto Lujan ocupava o lugar que antes pertencera a Keyoke e Nacoya se continha com evidente esforço para não esticar o pescoço e ler por cima do ombro de sua Senhora.

O documento não era muito extenso. Kevin, que era o mais alto, conseguiu ver que as frases eram curtas. Ainda assim, Mara fez um demorado intervalo antes de erguer o rosto e começar a falar:

— Obrigada. Pode se retirar — instruiu o mensageiro. — Meus criados cuidarão de sua alimentação e acomodação, caso deseje descansar enquanto meus escribas tomam nota de minhas palavras e preparam minha resposta.

O mensageiro imperial fez uma reverência e saiu, batendo ruidosamente as sandálias no chão do salão fechado. Assim que transpôs a entrada, Mara afundou-se na almofada que estava mais perto.

— Enfim a mão do Tasaio se revelou — anunciou, com uma voz tétrica e frágil.

Nacoya pegou o pergaminho e, com o cenho franzido, leu o que estava escrito.

— Que demônio! — exclamou quando terminou.

— Bela Senhora — intrometeu-se Lujan —, o que o Imperador deseja?

Foi Nacoya quem respondeu, com sua voz de anciã revelando acidez:

— São ordens, por parte do Conselho Supremo. Devemos enviar nosso exército o mais rápido possível para ajudar o Senhor dos Xacatecas na sua guerra contra os salteadores nômades em Dustari. Foi ordenado que a Senhora Mara comparecesse pessoalmente com quatro companhias de nossas tropas, que deverão estar a postos para partir dentro de dois meses.

Lujan arqueou as sobrancelhas de espanto e pareceu ficar paralisado.

— Três companhias já seriam um exagero — comentou, com a mão batendo furiosamente no punho da espada. — Teremos de comprar a ajuda dos cho-ja. — Seu olhar se voltou de repente para Kevin. — E você tem razão, malditas sejam suas palavras bárbaras. Nós não podemos permitir que Keyoke morra, caso contrário, a propriedade perderá seu último oficial experiente.

— Com toda a certeza é isso que Desio quer. Temos de frustrar seus desejos. — Mara virou a cabeça para trás. Seus olhos faiscaram e seu rosto ficou corado devido à comoção quando deu voz às suas ordens: — Lujan, você foi promovido a Comandante das Forças Armadas. Vá encontrar Keyoke com Kevin. Diga-lhe que vou indicá-lo como Conselheiro-Mor para a Guerra, mas que só o farei com a autorização dele. — Sua voz se tornou distante enquanto se deixava levar por lembranças. — Ele achará que os outros guerreiros o ridicularizarão por precisar de uma bengala, mas tomarei todas as precauções para que seu nome seja honrado — acrescentou. — Lembre-o de que Pape se orgulhava de ostentar a faixa preta dos condenados.

Lujan fez uma reverência, revelando, de certa maneira, seu pesar.

— Duvido que Keyoke nos abandone numa situação grave como esta, minha Senhora. Mas os deuses podem contrariar o desejo dele. O ferimento em seu abdômen não parece estar sarando.

Mara mordeu o lábio.

— Então, com a permissão dele — disse, como se as palavras lhe doessem —, enviarei escravos e mensageiros por todo o Império para procurarem um Sacerdote curandeiro de Hantukama.

— Um Sacerdote como esses exigirá algo grande pela cura — comentou a Nacoya. — Talvez exija que um enorme santuário seja construído.

Mara quase perdeu a compostura.

— Então diga a Jican para recuperar o que resta de nossa seda nas montanhas e a leve ao mercado de Jamar! Precisamos de nosso Keyoke vivo ou todos estaremos condenados. Não

podemos correr o risco de ofender o Senhor dos Xacatecas.

Até para Kevin essa frase não precisou ser explicada. A promessa da aliança com o Senhor dos Xacatecas mantivera muitos inimigos longe; dar motivo para entrar em conflito com uma família tão poderosa era o mesmo que implorar por uma ruína rápida, envolvidos como estavam na contenda sangrenta com os Minwanabi.

— A propriedade não pode ficar em perigo — concluiu Mara.

— Dustari é uma armadilha — disse Nacoya, dando voz ao que todos, exceto Kevin, já sabiam. — Tasaio estará lá e qualquer passo que você ou suas companhias derem será previsto. Você e os homens que levar consigo seguirão o mesmo rumo do Senhor Sezu: serão mortos à traição em solo estrangeiro.

— O que justifica ainda mais a necessidade de Keyoke manter estas terras seguras para Ayaki — concluiu Mara. E então toda a cor sumiu de seu rosto.

O mensageiro imperial partiu levando a carta em que Mara aceitava as exigências do Conselho Supremo. Depois disso, os criados e conselheiros se apressaram a começar uma delirante lista de preparativos. Lujan destacou oficiais para que elaborassem um inventário e em seguida foi, com Kevin, até o leito de Keyoke, nenhum deles com muito entusiasmo.

Jican apareceu quando eles estavam saindo, depois de ter sido convocado pelo mensageiro nos campos de needra.

— Preciso de uma lista completa dos bens dos Acoma — ordenou Mara antes de o pequeno homem se erguer após sua reverência. — Quantos centis temos em dinheiro e quantos mais poderemos pedir emprestado. Preciso saber quantas armas nossos armeiros podem fazer em dois meses e quantas mais precisaremos adquirir.

Jican arqueou as sobrancelhas.

— Mas a Senhora não havia decidido enviar nossas novas armas para o mercado? Precisamos dessas vendas para equilibrar nosso prejuízo com a seda.

Mara franziu o cenho e se conteve para não esbofeteá-lo.

— Jican, isso foi ontem. Hoje temos de equipar quatro companhias para irmos ajudar o Senhor dos Xacatecas em Dustari.

O hadonra era perito em números.

— Então a Senhora irá negociar mais guerreiros com os cho-ja — conjecturou. Suas sobrancelhas retas se apertaram. — Teremos de vender algumas needra de sua manada.

— Faça isso — disse Mara prontamente. — Estarei com Ayaki. Quando a contagem estiver concluída, leve suas lousas até o quarto de brincar dele.

— Seu desejo será cumprido, Senhora — disse Jican com tristeza.

As guerras arruinavam as boas finanças e o hadonra ficou assustado por Mara precisar

participar de uma devido às conspirações de inimigos perigosos. Grandes casas haviam caído no passado; e a desgraça causada pela traição contra Sezu e sua consequente morte eram acontecimentos ainda recentes demais para que qualquer servidor da propriedade não sentisse a ameaça de aniquilação. Não demorou muito para que a informação se espalhasse entre a criadagem, e a notícia logo era sinistramente sussurrada por todo o ocupado pessoal doméstico.

Mara passou uma hora, que transcorreu amargamente rápido, com o filho. Logo ele teria cinco anos e mostrava um temperamento difícil, por vezes explodindo em ataques de fúria que punham as amas à prova. Naquele momento, deitado sobre sua barriga e com os tornozelos cruzados no ar, brincava com soldadinhos e empurrava os oficiais emplumados de um lado para outro, dando ordens com sua voz aguda de criança. Mara o fitou com um aperto no coração e tentou fixar em sua memória seu pequeno rosto, semicoberto por uma franja escura. Apertando suas mãos frias, pensou se iria viver para ver o filho crescer até se tornar homem. Afastou da mente a forte possibilidade de ele não chegar tão longe. Ela, que ascendera jovem demais ao poder, desejava ardentemente que o filho tivesse a possibilidade de crescer e aprender, dispondo de anos para ser orientado para se preparar para o cargo de Governante que o aguardava. Ela deveria viver e voltar do deserto e se assegurar de que isso se tornaria realidade.

Rezou demorada e desesperadamente a Chochocan até que Jican apareceu com seus números. Aos seus pés, Ayaki dizimava companhias consecutivas de Minwanabi, enquanto a mãe vasculhava seus próprios pensamentos à procura de soluções para equações impossíveis.

Jican chegou e apresentou suas lousas, com as colunas impecavelmente alinhadas apesar de ter sido apressado por Mara. Ao fazer a reverência, os olhos do hadonra pareciam fundos e cansados.

— Minha Senhora, fiz como mandou. Aqui estão três cálculos de seus bens financeiros líquidos. Um deles depende de se o resto da seda vai chegar em segurança ao mercado. Os outros dois incluem o que pode gastar à vontade e o que pode pedir, com várias listas de consequências. Caso escolha a última lousa, tome cuidado. Suas manadas levarão quatro anos para recuperar seus níveis atuais de produtividade.

Mara passou os olhos pelas lousas e, sem hesitar, optou pela última. Então ficou fitando Ayaki, que a encarou com olhos escuros e aquosos.

— As needra são substituíveis — comentou, e bruscamente ordenou a seus criados que preparassem uma comitiva e a liteira. — Vou passar o resto da tarde com a rainha dos cho-ja.

— Posso ir? — gritou Ayaki, levantando-se e espalhando soldados de brinquedo ao se lançar impetuosamente na direção da mãe.

Ela esticou o braço e bagunçou seu cabelo com a mão que segurava a lousa.

— Não, filho, desta vez não.

O menino fez cara feia, mas não respondeu. Enfim sua ama estava conseguindo lhe ensinar

as boas maneiras que sempre haviam faltado ao falecido pai.

— Kevin vai levar você em um passeio de carroça — consolou-o, antes de se lembrar de que Lujan e o bárbaro ainda não tinham dado notícias desde que haviam se dirigido aos aposentos de Keyoke. — Se ele tiver tempo — corrigiu, dirigindo-se ao filho, que estava agarrado ao seu cotovelo. Envolveu com carinho o minúsculo rosto com a mão. — E se você deixar que a ama limpe o suco de fruta de seu queixo. — Sacudiu o rosto dele de brincadeira.

Ayaki mostrou um ar ainda mais carrancudo. Esfregou a boca suja e soltou um som por entre os lábios.

— Sim, mãe — concordou —, mas, quando for Governante, se eu quiser, vou deixar o meu queixo pegajoso.

Mara, desesperada, revirou os olhos e fitou o céu, depois libertou a manga que o filho segurava. Tinha cheiro de jomach e de doce feito pelos cho-ja.

— Rapazinho, se antes disso você não prestar atenção em sua educação, não haverá uma propriedade para você governar.

Um criado apareceu à porta.

— Minha Senhora? Sua liteira está pronta.

Mara se inclinou, beijou Ayaki e partiu com o gosto do doce. O contratempo não a irritou. Muito em breve estaria respirando e saboreando o pó dos desertos do Sul e o lar estaria à distância de um oceano.

Embora a colmeia cho-ja, com sua fresca obscuridade, muitas vezes se revelasse um verdadeiro abrigo em tempos conturbados, dessa vez não proporcionou conforto. Mara enfiou seus dedos suados sob as mangas. Um oficial desconhecido a acompanhou, em vez de Keyoke, como teria sido outrora, caminhando meio passo atrás, trocando saudações e cortesias com Lax'l, o Comandante das Forças Armadas da colmeia. Murnachi, o tal guerreiro, nunca combatera ao lado de uma companhia de cho-ja. Embora tivesse ficado honrado quando lhe solicitaram que acompanhasse sua Senhora naquela importante missão junto à rainha, sua rigidez revelava o desconforto e o desejo de voltar ao ar livre assim que possível.

Mara percorreu os túneis que davam acesso aos aposentos da rainha, naquela que lhe era uma rota já familiar. Mas não se tratava de uma visita social e, em vez de sua habitual pequena oferenda, o criado que a escoltava carregava uma lousa com uma lista de todos os bens materiais dos Acoma.

Mara não tentava barganhar com a rainha dos cho-ja desde que negociara o estabelecimento definitivo da colmeia em sua propriedade. Agora que isso se tornara imprescindível, não fazia a mínima ideia de como seria recebida, especialmente depois da notícia de que dois terços do carregamento da nova seda tinham sido perdidos no ataque dos

Minwanabi. O suor nas mãos de Mara passou de frio para quente. Nenhuma experiência anterior podia lhe dar pistas de como a rainha poderia reagir.

O corredor alargou-se ao chegar à antecâmara que dava para a sala do trono; era tarde demais para voltar atrás, pensou Mara, quando o operário cho-ja que escoltara o pequeno séquito avançou para anunciar sua presença. Mara seguiu em frente, para a imensidão quente da caverna da rainha, iluminada dia e noite pela luz azul-violeta projetada por globos cho-ja suspensos em suportes presos às enormes abóbadas do teto de pedra. Parecendo uma ilha cercada por um piso polido, um monte de almofadas esperava por Mara, ao lado de uma pequena mesa com taças e um bule fumegante de chocha. Contudo, Mara não avançou para se sentar e se servir da refeição e trocar fofocas, como fazia normalmente. Em vez disso, na presença da enorme rainha dos cho-ja, que, apoiada por uma série de trabalhadores atarefados, se empinava até uma altura impressionante, fez a reverência própria de uma Governante de sua categoria perante uma igual. A parte central da rainha estava rodeada de biombos atrás dos quais reprodutores e rirari trabalhavam incessantemente sobre os ovos que asseguravam a continuidade da colmeia.

Já acostumada com tal atividade, Mara não sentiu impulso de olhar. Endireitou-se após sua reverência, sabendo, pela inclinação da cabeça da rainha, que a Governante dos cho-ja estava ciente de que algo de grave acontecia. Mara recompôs-se.

— Governante da colmeia, lamento informar que os Acoma foram colocados numa situação complexa por nossos inimigos, a Casa dos Minwanabi.

Mara, então, fez uma pausa, esperando, por cortesia, algum sinal da rainha para que prosseguisse. Além da agitação frenética dos acompanhantes reprodutores, que nunca cessava, não havia no recinto nenhum outro movimento. Fileiras de guerreiros ou trabalhadores poderiam passar no corredor do outro lado da antecâmara, mas aqueles que estavam acorados na presença da rainha permaneciam imóveis como estátuas. Como não vislumbrou sequer um aceno de um dos membros anteriores, Mara enfrentou a rainha da colmeia. Para proferir as frases seguintes precisaria de toda a sua coragem.

— Grandiosa Rainha, o Conselho Supremo do Imperador requer no mínimo quatro companhias de guerreiros dos Acoma para lutar nas fronteiras de Dustari. Para não deixar a propriedade sem proteção adequada, poderei reunir apenas três companhias humanas para cruzar o oceano. Sendo assim, tenho a esperança de que considere negociar mais uma companhia de guerreiros para que seja possível respeitar a ordem do Conselho Supremo.

A rainha não se moveu. Mara prendeu a respiração e aguardou, esforçando-se para manter a compostura. Pelo canto do olho, percebeu o nervosismo de seu Líder de Ataques e do equivalente cho-ja acorado e completamente imóvel.

A rainha por fim mexeu um membro dianteiro.

— Quem sustentará essa companhia, Mara dos Acoma?

A Senhora expirou profundamente e tentou não tremer, aliviada por seu pedido não ter sido

encarado como impertinência.

— Minha tesouraria arcaria com os custos, nobre rainha, caso tenha a amabilidade de aceitar meu pedido.

A rainha inclinou sua enorme cabeça, as mandíbulas movendo-se com delicadeza de um lado para outro.

— Concordarei com seu pedido em troca de uma remuneração adequada — informou, e a discussão transformou-se em algo que, aos ouvidos de Mara, parecia claramente uma negociação de preços entre dois mercadores.

As exigências da rainha revelaram-se exorbitantes. Mas Jican lhe ensinara a ponderar sobre o valor das coisas e Mara aprendera depressa. Parecia ter noção de quais exigências eram negociáveis e de quais eram completamente absurdas, logo, destinadas a serem rejeitadas. No final, entraram em acordo: um misto de moedas e bens que valia um terço a mais do que ela teria pago para contratar mercenários, o que provavelmente era justo, já que a companhia de cho-ja responderia apenas a ela, não trazia o risco de ter espiões ou de ser subornada por inimigos, tampouco fugiria do campo de batalha ao primeiro sinal de uma eventual derrota.

Suas manadas de needra seriam reduzidas quando, após três estações, fosse obrigada a vender parte delas para poder cobrir o preço da rainha. Quando as negociações foram concluídas, Mara limpou a umidade da testa com um pequeno lenço bordado e soltou um suspiro quase inaudível. Nada disso escapou à atenção da rainha dos cho-ja.

— Senhora dos Acoma — bradou em seu tom mais amistoso —, vejo que está nervosa, ou, se não for esse o caso, que se recupera de algum desconforto. Nossa hospitalidade não foi ao encontro de suas necessidades?

Mara sobressaltou-se.

— Nada disso, Senhora rainha. A hospitalidade da colmeia nunca falha. — Fez uma pausa e se arriscou ao responder com sinceridade: — Confesso que não estava certa quanto aos protocolos a seguir quando vim aqui para adquirir essa bênção em forma de guerreiros.

— Bênção? — A rainha recuou, em um possível sinal de surpresa. — Você é minha amiga, não há dúvida, e, se viesse pedir um favor, eu o consideraria, naturalmente. O fato de nos visitar com frequência e de nossa companhia e nossos assuntos serem de seu agrado é uma distração bem-vinda, nunca duvide disso. Mas em relação à negociação de trabalhadores, guerreiros ou serviços, são bens para serem trocados.

Mara arqueou as sobrancelhas.

— Então sua espécie não precisa de um exército para proteção.

A rainha dos cho-ja pensou no assunto.

— Nós fazemos nossas interações no seio do Império, e por isso fazemos parte de sua política no Grande Jogo do Conselho. Mas como era há milhares de anos, antes da chegada dos homens? Naquela época criávamos guerreiros para estabelecer novas colônias, para nos

proteger de predadores, como os harulth, e para caçar. Agora, se há conflitos, são entre as casas de homens que procuram alianças. Os cho-ja, por iniciativa própria, não combatem, a não ser pelas causas humanas.

Aquilo era uma verdadeira revelação. Mara tentou ocultar seu crescente entusiasmo enquanto dobrava o lenço de linho ensopado. Estudara a estranha cultura cho-ja, mas ainda tinha muito a aprender. Se os guerreiros não eram leais aos Senhores dos homens, mas antes meros mercenários, isso abria possibilidades interessantes... No entanto, infelizmente, a convocação para defender as fronteiras em Dustari não permitia que tempo algum fosse gasto para se aprofundar no assunto. Assim, Mara falou educadamente de trivialidades com a rainha dos cho-ja e depois, com toda a cortesia, retirou-se. Ainda havia tanto a fazer, e a partida deveria ocorrer dentro de dois meses!

Kevin e Jican aguardavam seu retorno à casa grande. Mara desceu da liteira sob o fraco sol do final da tarde e entregou as lousas ao hadonra. Ele as fitou discretamente ao se curvar e saiu batendo os dentes. Mara entendeu aquilo como sinal de que negociara com mestria, mas que as finanças dos Acoma entrariam em colapso. Puxou para trás uma mecha de cabelo pegajosa, deixou de lado seu desejo de tomar banho e olhou para cima para o estranhamente silencioso Kevin.

— O que está acontecendo, grandalhão? O assunto deve ser sério, ou você não teria esquecido de me beijar.

— Nunca me esqueço de beijá-la — contrapôs Kevin, remediando de imediato a falha. Mas seus lábios não se demoraram nos dela e seus pensamentos eram sobre tudo, menos paixão. — Keyoke pede para vê-la, Senhora.

— Imaginava que fosse isso. — Mara despiu o casaco e o entregou a um criado que a esperava. Enfiando os braços nas roupas mais leves que lhe foram passadas por sua escrava, obrigou-se a disfarçar um ar carrancudo. — Onde está Lujan?

Kevin a seguiu quando se dirigiu à entrada.

— Está nos quartéis supervisionando um treino militar, por sugestão de Keyoke.

Mara interiorizou aquela sugestão e pensou: o velho guerreiro vai aceitar a promoção ao cargo de Conselheiro de Guerra, caso contrário teria enviado Lujan para transmitir sua recusa em vez de ordenar aquele trabalho duro. Keyoke seguia à risca as obrigações da tradição. Não enviaria novidades pessoais pela boca de um escravo e, embora Kevin tivesse privilégios de membro da família, ou de consorte, Keyoke nunca o trataria como algo mais do que era. Consciente da noção de etiqueta do velho, Mara dispensou Kevin. Percorreu sozinha os corredores da casa e entrou no quarto iluminado por velas onde o ancião estava deitado suando debaixo dos cobertores. Ele já a aguardava, com os olhos brilhando de febre.

— Minha Senhora — murmurou assim que ela apareceu à porta. Teve de ser rápida para impedi-lo de se levantar e de fazer uma reverência.

— Não! Avô de meu coração, você está ferido, e não faço questão de cerimônia. Seus ferimentos são recebidos como honrarias e sua lealdade é inquestionável. — Ela se ajoelhou numa almofada ao lado dele e desrespeitou o protocolo pegando em sua mão e segurando-a com firmeza. — Disse muitas vezes a Nacoya o quanto a amava. Mas nunca disse isso a você.

Um esboço de sorriso se formou nos lábios de Keyoke. Estava feliz, mas para o comandante tsurani era impensável mostrar mais do que uma leve amostra do que sentia.

— Minha Senhora — disse bruscamente —, em Dustari, Tasaio vai matá-la.

Então Lujan contara tudo a ele. Mara engoliu em seco para conter a torrente de lágrimas. Provavelmente, isso fizera o idoso concordar em permanecer vivo. Mesmo doente, Keyoke conseguiu ler seu pensamento.

— Não, Senhora, não precisei ser coagido a servir os Acoma. Sinto-me honrado em tornar-me seu Conselheiro de Guerra, nunca duvide disso. — Silenciou por um momento, à procura das palavras adequadas. — Eu havia me preparado para morrer como guerreiro porque sempre foi o único destino que vi para um Comandante das Forças Armadas velho demais para ir ao campo de batalha.

Mara não se deixaria convencer assim tão fácil.

— E a perna?

Keyoke sorriu, de modo muito fugaz.

— Papewaio é meu exemplo. Se ele conseguiu usar a tarja negra, serei capaz de usar minha bengala. — Em seguida, acrescentou: — Kevin sugeriu que o armeiro fizesse uma bengala que ocultasse uma espada.

— Você gosta dessa ideia — comentou Mara, permitindo-se um sorriso. — Avô de meu coração, farei com que sua bengala seja o brasão que representa seu posto e eu mesma falarei com os armeiros a respeito da lâmina.

Observou então o rosto suado do ancião, cinzento e descarnado demais, e, para grande contrariedade dele, deixando transparecer seu cansaço.

— Você vai treinar Lujan e entre nós descobriremos uma forma de derrotar completamente os homens do deserto comandados por Tasaio.

Os olhos de Keyoke arregalaram-se, cravando-se nela com grande intensidade.

— Filha do meu coração, não há estratégia que possa ajudá-la em areia sem árvores, a não ser superá-los em número. Para isso, de nada valerá minha sabedoria.

Dito isso, deixou-se cair para trás, completamente exaurido. Sua força de vontade não era mais o bastante, percebeu Mara; fora sincero em sua gratidão pelo novo posto, mas seu corpo chegara a seu limite. O Deus Vermelho poderia não permitir que mantivesse a vida que se consumia de modo irreversível dentro dele até que chegassem novidades da investida.

— Deixe Dustari nas minhas mãos e nas de Lujan — murmurou Mara. — Ayaki é sua única

responsabilidade, assim como o natami no bosque sagrado. Se todo o resto falhar e os Minwanabi violarem nossas fronteiras, você e uma companhia de elite poderão garantir a segurança do menino. Procurem refúgio na colmeia com a rainha dos cho-ja e garantam a sobrevivência do nome Acoma.

Keyoke permaneceu deitado de olhos fechados. Não falou, mas a mão encaixada na de Mara reagiu com um ligeiro aperto. Ela roçou os dedos na colcha e reparou na batida acelerada e leve que percorria as veias do pulso do ancião. Ele estava morrendo. Era algo que não podia ignorar.

— Descanse bem, avô de meu coração — sussurrou Mara. Forçando-se a parecer tranquila, levantou-se e avançou para a porta.

— Chame meu mensageiro e todos os outros disponíveis — murmurou ao criado que estava do lado de fora. — Também quero mensageiros das guildas de Sulan-Qu.

Falava de modo rápido, sem perceber a presença do homem rechonchudo de bata que percorreu o corredor correndo e se deteve, com um ar intrigado, ao seu lado. Trazia consigo um saco volumoso carregado de elixires; ele cheirava a ervas emboloradas.

— Mandou chamar o Sacerdote de Hantukama? — perguntou ele numa voz propositadamente branda.

Mara girou em seus calcanhares e percebeu a presença de seu curandeiro pessoal, em seguida assentiu.

— Não acha necessário?

O curandeiro suspirou com pena.

— Senhora Mara, duvido que seu Conselheiro de Guerra permaneça consciente até o alvorecer, ou que respire mais de dois dias depois disso.

— Ele sobreviverá — respondeu Mara, furiosa. — Encontrarei um Sacerdote para ele e oferecerei um pórtico de orações para que a magia dos deuses seja invocada e o cure.

O curandeiro coçou suas sobranceiras arqueadas e pareceu cansado.

— Minha Senhora, não é assim tão fácil convencer os Sacerdotes a se mexerem. São leais apenas ao seu deus e consideram iguais todos os cidadãos comuns, até o Imperador. Caso encontre um Sacerdote de Hantukama, e são raros, não será um monumento que o convencerá a esquecer os enfermos já a seu cargo para cuidar de um guerreiro moribundo.

Mara observou o homem com suas bolsas de remédios inúteis e verdades indesejadas. Os olhos dela não revelaram a mínima compaixão.

— Veremos, mestre curandeiro. Veremos.

Diante daquele olhar, o curandeiro desanimou e dirigiu-se prontamente para o quarto do doente. A voz de Mara o perseguiu, grave e determinada como o golpe de uma lança:

— Mantenha-o vivo e confortável. É só com isso que você precisa se preocupar.

Ela voltou a dar ordens ao criado e ao mensageiro que acabara de chegar.

Inclinado sobre Keyoke, medindo os batimentos em seu pulso mirrado e quente, o

curandeiro olhou para os céus e orou a Chochocan e Hantukama por um milagre. Keyoke estava cada vez mais fraco e não havia um único remédio em sua sacola capaz de contrariar o chamado de Turakamu. O curandeiro prosseguiu examinando o branco dos olhos de Keyoke e depois verificou os curativos; entre seus deuses e sua Senhora, naquele momento temia mais a ira de Mara.

Os preparativos para a guerra em Dustari abalaram a calma rotina da propriedade dos Acoma. No complexo destinado aos oficiais, o ruído contínuo da roda dos afiadores acompanhava o ritmo dos cânticos dos escravos e aprendizes orientando a descarga de suprimentos, enquanto o odor pesado e pegajoso dos caldeirões de resina se sobrepunha ao aroma mais adocicado das flores akasi. O cheiro pairava no ar, invadindo os aposentos de Mara. Ela se encontrava ao lado do biombo fitando o lado de fora.

— Volte para a cama — murmurou Kevin enquanto contemplava a silhueta esguia e nua. — Se está determinada a mergulhar em preocupações, vai obter melhores resultados se estiver relaxada e descansada.

Mara não respondeu e continuou a olhar por entre a névoa e as sombras em movimento dos pastores que se apressavam a conduzir as needra para os pastos. Não estava, contudo, apreciando os escravos ou a beleza suave das terras que herdara de seus antepassados. Via apenas cerca de mil soldados Minwanabi cruzando suas fronteiras, determinados a conquistar aquelas terras. Keyoke teria de se manter vivo para orientar as operações enquanto ela estivesse longe, pensou Mara. Ignorando o fato de seu amante ter lhe dirigido a palavra, iniciou uma oração ritual que invocava a proteção de Lashima à vida de seu Conselheiro de Guerra, que jazia em coma em suas almofadas, com o Deus Vermelho a postos para a conquista final.

Kevin suspirou e, como um felino, livrou-se das almofadas onde estivera sua Senhora. Nitidamente, aquela não seria uma manhã de conversas e amor. De todo modo, a noite anterior fora dedicada a isso, pensou o midkemiano, passando os dedos pelos cabelos. Mara chegara tensa, quase irada, e o sexo fora tudo menos terno. Embora normalmente ficasse feliz em se deixar levar pela paixão, Mara enroscara-se por cima dele como se estivesse enlouquecida de desejo. As mãos estiveram mais perto do que nunca de arranhá-lo, embora ela detestasse qualquer tipo de violência na cama. E, quando se libertou numa explosão de sentimentos, soluçou compulsivamente no ombro dele, encharcando o próprio cabelo com lágrimas. Não sendo tsurani, Kevin não ficou incomodado por ela ter perdido a compostura. Compreendendo que aquela mulher precisava ser confortada, limitou-se a abraçá-la e afagá-la até ela adormecer profundamente.

Agora, ao vê-la ali de pé, elegante e ereta como uma espada, encaixada no batente do

biombo aberto, percebeu que ela recuperara a compostura; era bastante forte. Mas sobre os ombros dela estava o bem-estar de todos os que viviam em sua extensa propriedade, desde os respeitadores agentes e conselheiros até o mais insignificante dos criados da cozinha. O medo que sentia pelo filho a deixara assustada, despertando e adormecendo, e Kevin imaginou quanto tempo aguentaria antes de desmoronar de tensão.

Levantou-se, vestiu uma túnica — mesmo tendo se passado três anos, ainda não se habituara à falta de pudor dos tsurani — e foi ficar ao lado de Mara diante do biombo. Pousou um braço sobre os ombros dela, surpreendendo-se ao encontrá-la rígida e trêmula.

— Mara — disse com delicadeza, e em seguida abriu sua túnica para envolvê-la, acomodando-a com seu afeto.

— Estou preocupada com Keyoke — admitiu ela, aconchegando-se nele. — É bom ter você para me reconfortar. — Apoiou a cabeça no antebraço e, de brincadeira, fez cócegas na virilha dele.

Kevin pensou em levá-la e levá-la de volta para a cama; mas mais uma vez os pensamentos dela a levaram para longe, e pouco depois Mara livrou-se do abraço e bateu palmas com vigor.

Criados invadiram o quarto, arrumando a cama e as almofadas e apressando-se a preparar as vestes de Mara. Kevin se retirou para um canto protegido por um biombo para se vestir. Quando saiu de lá, surpreendeu-se ao ver uma bandeja de desjejum, com frutas, chocha e pão, intocada; e, apesar de haver três criados para servi-lo, Mara não estava no quarto.

— Onde está a Senhora? — inquiriu Kevin.

O criado responsável o fitou sem um pinga de humildade; por mais que a camisa no estilo midkemiano de Kevin estivesse refinadamente adornada, continuava sendo um escravo, inferior hierarquicamente, que não merecia cortesias de um homem livre.

— A Senhora dirigiu-se à entrada da frente. — Depois se calou e seguiu-se uma pequena batalha entre duas forças de vontade. Enfim, vendo que Kevin não se rebaixaria nem iria cuidar da própria vida e que ficaria ali olhando, com os seus olhos azuis, de cima para baixo, sem piscar, o criado deu uma fungada. — Um mensageiro apareceu.

— Obrigado — resmungou Kevin com uma ironia seca, desejando, como sempre, que o sistema de castas dos tsurani fosse menos rígido e que alguém naquele grupo de adeptos de reverências e bajulações tivesse se dado ao trabalho de informá-lo daquilo. Até Mara o esquecera, mas ela já tinha preocupações demais. Calçou as sandálias enquanto se dirigia à porta e percorreu às pressas o corredor para se juntar a ela.

O mensageiro era um dos homens de Arakasi, coberto de pó e cansado da viagem. Era ainda um adolescente e corria incessantemente durante toda a noite, vindo de algum lugar bem depois de Sulan-Qu.

— Estamos comprometidos a erguer três santuários — dizia quando Kevin se aproximou. — Um dever de pedra. E temos igualmente de construir um pórtico de orações na sua

propriedade, devotado aos Deuses das Questões Promissoras.

Isso significava Chochocan, Lashima, Hantukama e uma meia dúzia de outros que Kevin não era capaz de identificar, com nomes e qualidades estranhos a alguém vindo de outra civilização. Em Kelewan havia até um deus para lidar com os conceitos de honra.

— Os adornos devem ser de corcara — concluiu o mensageiro, referindo-se ao monumento.

A estrutura prometida sairia bastante caro, percebeu Kevin enquanto vasculhava seu vocabulário cada vez maior de tsurani para descobrir que corcara era uma concha parecida com o abalone. Mas as questões financeiras e as dívidas, surpreendentemente, pouco preocupavam Mara.

— Quando o Sacerdote curandeiro vai chegar?

O mensageiro fez uma reverência.

— Hoje ao meio-dia, Senhora. Os homens de Arakasi contrataram carregadores e pagaram a mais para que fossem velozes.

Mara cerrou os olhos, com o rosto delicadamente pálido na névoa do amanhecer que se dissipava.

— Reze aos Deuses das Questões Promissoras para que cheguem a tempo. — Em seguida, pareceu perceber pela primeira vez o cansaço do mensageiro. — Descanse e coma algo — disse prontamente. — Você trabalhou bem e o pedido de seu mestre a Hantukama será acatado. Vou imediatamente falar com Jican e, assim que o Sacerdote chegar, já teremos artistas trabalhando em desenhos para os santuários e para o monumento de orações.

Mara teria de vender algumas de suas terras mais distantes para pagar o valor devido ao Sacerdote curandeiro, mas isso seria de menor importância, com a campanha em Dustari prestes a começar. Algumas das propriedades mais distantes teriam de ser sacrificadas, de qualquer forma, e suas guarnições chamadas de volta para casa de modo a defender a propriedade de eventuais ameaças. Mas apesar de, via de regra, Mara cuidar pessoalmente de tais assuntos, dessa vez delegou a responsabilidade a Jican. Ela escutou e aprovou uma lista de pedidos de Lujan relativos às necessidades imediatas para equipar os soldados. Depois, sem sequer pensar em seu já esquecido desjejum, dirigiu-se ao quarto onde Keyoke estava deitado, rodeado por velas e sendo tratado por criados, inconsciente e com uma respiração tão fraca que quase parecia impossível se manter vivo. Kevin aguardou respeitosamente à porta enquanto Mara atravessava o chão iluminado e se ajoelhava na almofada ao lado de Keyoke.

— Honrado homem, fique conosco — murmurou. — Hoje a ajuda vai chegar... por volta do meio-dia. Arakasi descobriu um Sacerdote de Hantukama que neste momento está viajando para ajudar os Acoma.

Keyoke permaneceu completamente imóvel. Nem suas pálpebras se moveram, e a pele permaneceu branca como cal. Inevitavelmente, ele estava às portas da morte. Kevin já vira suficientes ferimentos de guerra, e suas consequências, para perceber a realidade. Com pena,

saiu de perto da porta e se agachou atrás de sua Senhora. Colocou as mãos firmemente na cintura dela e disse:

— Querida, ele não consegue ouvir.

Mara balançou teimosamente a cabeça e sentiu nas narinas o aroma do cabelo solto.

— Nós temos crenças distintas. A Roda da Vida tem várias facetas, segundo dizem os nossos Sacerdotes. Os ouvidos corporais de Keyoke podem não escutar, mas o espírito dele, que repousa em seu âmago, nunca dorme. O espírito saberá que eu falei com ele e irá buscar forças em Hantukama para manter Turakamu longe.

— Espero que a sua fé dê frutos — murmurou Kevin, mas, olhando para o corpo desgastado de Keyoke e para as suas mãos, onde as cicatrizes dos golpes de espada se assemelhavam a um desenho entalhado, sentiu sua própria esperança se esvaír. Apertou ainda mais as mãos, agarrado à Senhora, procurando, também ele, conforto, pois partilhava a tristeza e o medo do que temia enfrentar. Se a perdesse, pensou... e afastou prontamente essa ideia da cabeça. Uma descoberta difícil veio depois: se pudesse voltar livremente ao seu mundo, talvez não quisesse, para poder ficar ao lado dela.

— Viva, Keyoke — disse. — Precisamos de você. — A essência do guerreiro podia ou não ouvi-lo, mas o alto midkemiano proferiu aquelas palavras também para si.

O Sacerdote curandeiro de Hantukama chegou logo depois do meio-dia, com uma ausência de cerimônia tão evidente que foi com surpresa que notaram sua presença.

Mara não abandonara o quarto de Keyoke. Respondeu lá às questões de seus conselheiros e mandou embora os servos que apareceram com comida. Quando chegou o meio-dia, levantou-se e começou a andar de um lado para outro com um ar concentrado. Ocasionalmente, lançava um olhar de preocupação à figura inerte entre as almofadas. Kevin, sentado em silêncio em um canto, observou a inquietação de sua Senhora, mas sabia que o melhor era não falar nada, nem demonstrar sua compaixão. Ela poderia parecer completamente absorvida pela preocupação, mas o olhar distante indicava o contrário. Seus pensamentos estavam muito distantes daquele quarto, perdidos em rituais de oração e meditação aprendidos no Templo de Lashima. Os movimentos eram ritmados, uma espécie de dança que revelava um propósito, não um mero desperdício de forças. Concluiu um desses padrões, piscou como uma sonhadora que desperta do sono e deparou-se com um vulto vestindo uma túnica até os pés ao seu lado.

Coberto de pó, magro a ponto de parecer frágil, vestia trajes quase tão vulgares quanto os de um escravo. Tinha as mãos escurecidas pelo sol e o rosto enrugado como um fruto mirrado. Não se curvou diante de Mara, mas fitou a Senhora dos Acoma com um olhar sombrio que ardia com uma energia inesgotável. Mara sobressaltou-se um pouco; em seguida, fez um sinal

sagrado com a mão.

— Serve a Hantukama como curandeiro?

O homem fez, então, uma reverência, mas não dirigida a ela.

— O deus caminha em minha presença. — Enrugou a testa. — Não interrompi sua dochan-lu? — inquiriu, referindo-se ao exercício de caminhar meditando.

Mara acenou dispensando as desculpas.

— Dou-lhe as boas-vindas, homem sagrado, e teria ficado satisfeita com a interrupção, se ela tivesse ocorrido. — Sem aparente tensão, e sem olhar a forma em coma de Keyoke, Mara ofereceu bebidas frescas e comida ao pequeno Sacerdote, caso fosse esse o seu desejo.

Ele a fitou, reflexivo, e depois sorriu, com uma expressão surpreendente que irradiava uma compaixão reconfortante.

— A Senhora é bondosa, e agradeço-lhe, mas não tenho grandes necessidades.

— Que Hantukama o abençoe, homem sagrado — disse Mara, com um alívio bem evidente na voz enquanto apontava para o guerreiro enfermo na liteira. — Há aqui alguém que necessita urgentemente de cura.

O Sacerdote assentiu levemente com a cabeça e passou por ela. Tinha a parte de trás da cabeça raspada num semicírculo que se iniciava logo atrás das orelhas e terminava na nuca, onde o cabelo crescia livremente em uma trança intrincada e brilhante.

— Vou precisar de bacias, água e fogo — anunciou, sem olhar em volta. — Meu ajudante trará as minhas ervas.

Mara bateu palmas para chamar um criado, enquanto o Sacerdote se curvava e com poucos movimentos lavava as mãos e os pés; recusou-se, porém, a usar uma toalha. Em vez disso, colocou os dedos úmidos sobre a testa de Keyoke e ficou assim por alguns instantes, completamente imóvel. Diminuiu o ritmo de sua respiração para acompanhar o guerreiro ferido. Durante um longo minuto, nada aconteceu. Então passou os dedos de leve no maxilar e no pescoço de Keyoke e prosseguiu, por cima da colcha e das ataduras que envolviam seu corpo rígido. O Sacerdote se deteve, ainda imóvel, em cada um dos ferimentos, até que por fim prosseguiu. Quando chegou àquele que agora era o único pé do guerreiro, parou, bateu de leve na planta com as palmas e proferiu uma palavra que pareceu retinir através de ecos. Por fim, voltou-se para Mara, e seu rosto pareceu macilento e exausto.

— O guerreiro está às portas dos salões de Turakamu e apenas graças a uma grande força de vontade consegue deter sua entrada — disse, com pesar. — Está numa posição quase irrevogável. Por que deseja que ele viva?

Mara recuou um passo até a firme madeira do batente da porta e desejou que os braços de Kevin estivessem lá para apoiá-la. Mas dispensara o bárbaro, temendo que suas crenças de outro mundo pudessem ofender o Sacerdote. Olhou para o homenzinho andrajoso, cujas mãos estavam cheias de calos e cujos olhos viam muito além do normal. Pensou na pergunta dele, ciente de que muita coisa dependia da resposta. Reviveu suas lembranças com Keyoke, desde

a mão forte que a erguera depois que caíra e esfolara os joelhos, quando criança, até a espada que nunca vacilara em defesa de seu pai diante de um inimigo; o quanto o nome dos Acoma dependeu da perícia de Keyoke. As razões por que ela tanto o desejava de volta eram imensas e inúmeras para serem ditas de uma vez. Pensou em seu antigo Comandante das Forças Armadas, em sua lealdade e honra, uma inspiração extraordinária para todos os soldados que liderara. Abriu a boca para explicar que era um dos homens mais importantes de seu exército, mas algo que Kevin outrora comentara afastou essas palavras de sua mente. Influenciada por aquele conceito bastante estranho, Mara deixou escapar algo completamente diferente do que inicialmente pretendia dizer:

— Desejamos a presença de Keyoke entre nós porque o amamos.

A expressão crítica do Sacerdote deu lugar a um sorriso de espanto, mas apaziguador.

— Minha Senhora respondeu bem e sabiamente. O amor por si só é capaz de curar, não a honra, nem a necessidade, nem o dever. Hantukama responderá ao chamado apenas pelo amor e oferecerá a seu guerreiro a força para viver.

Mara sentiu os joelhos vacilarem, subjugada por uma profunda sensação de alívio. Então ouviu o Sacerdote dispensá-la do quarto, pois precisaria ficar a sós para invocar os rituais sagrados.

Sozinho, a não ser pela presença de seu ajudante, um rapaz de cabelo raspado que vestia uma tanga não muito diferente da de um escravo, o Sacerdote de Hantukama acendeu o braseiro. Enquanto se dedicava a seus afazeres, entoou um cântico que se elevava e descia, como poesia, como música, embora não fosse nem um nem outro; os guardas que estavam do outro lado do biombo fechado sentiram o cabelo da nuca se arrepiar e suaram, conscientes de que forças além de sua compreensão estavam sendo invocadas do outro lado da divisória.

O Sacerdote abriu um saco volumoso de onde retirou molhos de ervas, cuidadosamente abençoadas e amarradas com linhas enroladas segundo um ritual conhecido apenas por alguns irmãos que vagavam pelo Império servindo Hantukama. Cada pequeno molho tinha um saquinho, etiquetado com símbolos sagrados e selado com cera aromatizada. Nem o ajudante conhecia os ingredientes compostos por delicados pós. Respeitosamente, o rapaz nunca se atrevera a perguntar.

O Sacerdote vasculhou seus remédios sagrados, erguendo-os, avaliando o peso, sentindo a profundidade dos venenos embebidos em cada um deles. Descartou aqueles destinados às tosses e outros enfeitiçados para ajudar a fertilidade. De um dos lados, dispôs, de maneira organizada, outros medicamentos para perda de sangue, infecções e febre, assim como para regular a digestão; depois acrescentou outros, destinados a restabelecer o espírito e a restaurar a circulação, assim como a unir ossos e tendões rompidos. Refletiu por um momento,

tocou a mão de Keyoke e acrescentou mais um remédio, para dar força. Sobre a perna, estalou a língua. Não lhe era possível recuperar o tecido que fora cortado e jogado fora. Se a perna cortada tivesse sido guardada em resina, poderia encontrar uma solução... ou talvez não. O ferimento na barriga já oferecia, por si só, grandes dificuldades.

— Velho guerreiro — murmurou o Sacerdote entre invocações —, espero que tenha suficiente amor-próprio para transformar a vergonha de segurar uma bengala no orgulho de ostentar um símbolo de honra.

Suas mãos experientes reorganizaram os remédios em novos padrões e os abençoaram repetidamente; a certa altura, o corpo de Keyoke jazia cercado por pequenos montes de ervas. Depois, colocou tudo em fileiras sobre os centros nervosos do tronco e abdômen do moribundo. Em seguida, o ajudante acendeu o braseiro e, um a um, com a apropriada canção de Hantukama, os montes foram acesos e consumidos. O conteúdo dos pacotes de pó foi espalhado no ar acima de Keyoke, com exortações murmuradas para que respirasse profundamente, para que respirasse com a força da terra e dos poderes regeneradores do deus.

A última das ervas se elevou transformada em fumaça e o quarto rodopiou numa nuvem de incenso. O Sacerdote reuniu suas forças interiores num nó apertado e transformou-se num canal para a glória do deus. Debruçou-se sobre Keyoke e tocou em suas mãos frias, que permaneciam inertes sobre a colcha.

— Velho guerreiro — entoou —, em nome de Hantukama, peço-lhe que abdique de seu braço da espada. Suas mãos não lhe pertencem, mas sim ao meu deus, para que trabalhe em prol da paz e da harmonia. Abdique de sua luta e caminhe acompanhado pelo amor e encontre sua força completamente restabelecida. — O Sacerdote fez então uma pausa, aguardando tão silenciosamente quanto um peixe nas profundezas de uma lagoa aquecida pela intensidade do meio-dia. — Encontre sua força — murmurou, em tom persuasivo, como se dirigisse a palavra a uma criancinha. Por fim, relutantemente, a temperatura começou a surgir sob seus dedos. A sensação se transformou em um brilho suavemente amarelo. O Sacerdote assentiu e tocou no rosto de Keyoke. — Velho guerreiro — entoou —, com a graça de Hantukama, peço-lhe que abdique de seus sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato. Seus sentidos não lhe pertencem, mas sim ao meu deus, para que experimente a glória da vida. Abdique de sua fala e caminhe com alegria, e encontre seus sentidos engrandecidos e plenos de vitalidade. — O brilho surgiu mais lentamente dessa vez. O Sacerdote tentou não curvar os ombros quando prosseguiu e tocou com suas mãos mirradas sobre o coração de Keyoke. — Velho guerreiro, pela vontade de Hantukama, peço-lhe que abdique de seus desejos. Seu espírito não lhe pertence, mas sim ao meu deus, para refletir a perfeição do todo. Abdique de suas pretensões e viva em compaixão, e encontre seu ser completamente preenchido.

O Sacerdote aguardou, imerso em si mesmo como se fosse uma velha rocha. O ajudante observou de braços cruzados e olhos arregalados. Quando o clarão surgiu, estrepitando e ardendo como um fogo renovado, banhou o homem doente da cabeça aos pés em cortinas de

um brilho impenetrável. O Sacerdote retirou as mãos e fez uma concha como se guardassem algo de valor inestimável.

— Keyoke — disse, em tom suave.

O guerreiro abriu os olhos, enrijeceu-se profundamente e gritou diante da luz ofuscante que se cravou em seus olhos e encheu de espanto seu espírito.

— Keyoke — repetiu o Sacerdote. Sua voz revelava cansaço, mas era bondosa. — Nada tema. Caminhe no aconchego de meu deus, Hantukama, o curandeiro. Sua Senhora pediu por sua saúde. Se meu deus lhe conceder a vida e lhe restituir a saúde, como irá servi-la?

Os olhos de Keyoke se voltaram diretamente para diante, cativado pelas palavras envolventes do curandeiro.

— Sirvo-a, sempre, como um pai serve uma filha, pois meu coração a reconhece como a filha que nunca tive. A Sezu servi com honra; a seus filhos sempre servi com amor.

O cansaço do Sacerdote se esvaiu.

— Viva, Keyoke, e cure-se pela graça de meu deus. — Ele abriu as mãos e a luz cintilou de forma intolerável, ofuscante e brilhante; depois, perdeu intensidade, deixando apenas as brasas que se apagavam e a fumaça lançada pelas ervas queimadas.

Em suas almofadas, Keyoke permaneceu deitado muito quieto, de olhos fechados, com as mãos imóveis como antes. Mas, sob sua pele, um tênue tom avermelhado se revelava, e sua respiração era pausada e profunda, própria de um homem que dormia.

O Sacerdote sentou-se cuidadosamente na almofada que Mara usara antes para se ajoelhar.

— Chame a Senhora dos Acoma — ordenou a seu jovem ajudante. — Diga-lhe, com alegria, que seu guerreiro é um homem extraordinário. Diga-lhe que ele irá sobreviver.

O rapaz saiu correndo para cumprir as ordens do mestre. Quando voltou com a Senhora, o sacerdote já tinha guardado o braseiro. As cinzas e o carvão tinham misteriosamente desaparecido e o homenzinho milagroso estava aninhado no chão, dormindo.

— Foi uma cura difícil — confidenciou o ajudante. Então, enquanto os servos de Mara supriam as necessidades de seu mestre e levavam pratos de comida para o rapaz, Mara dirigiu-se às almofadas e observou Keyoke em silêncio. — Provavelmente, ele irá dormir alguns dias — explicou o rapaz —, mas os ferimentos irão fechar aos poucos. Não deve esperar que se levante muito em breve.

Mara sorriu sarcasticamente. Era capaz de notar as alterações que indicavam o retorno da vitalidade e seu coração sorriu de alegria, grata com a oferenda do Sacerdote e de seu deus.

— Vamos precisar de um guerreiro extraordinariamente forte e corajoso para explicar a este velho soldado que deve se manter na cama, pois, se conheço Keyoke, vai despertar perguntando por sua espada.

Os dias se passaram em meio a muitas atividades. Agentes chegaram e partiram sob as instruções de Jican, estabelecendo as vendas do gado needra e acolhendo os carregamentos de provisões. Os telheiros que outrora abrigavam machos destinados à reprodução apresentavam-se agora quase cheios de peitorais das novas armaduras e espadas. Os curtidores de pele dos Acoma costuraram tendas para erguer acampamentos no deserto e os oleiros fabricaram lanternas de barro à prova de vento, com vários padrões, para acolherem trapos de óleo para tochas. Dustari era uma terra árida e sem árvores, então os madeireiros acenderam seus fornos para produzir carvão.

A correria não se restringia ao complexo dos artesãos. O pátio de exercícios permanecia sob uma nuvem contínua de pó enquanto Lujan treinava seus soldados e oficiais recentemente promovidos. Simulava manobras nos campos, pântanos e bosques e voltava com os soldados eleitos, caminhando descalços, trazendo nas mãos as sandálias de guerra cheias de lama, através da casa grande, até o quarto onde Keyoke estava deitado se recuperando. O Conselheiro de Guerra avaliava cada um deles, criticava suas fraquezas e elogiava suas forças. Entretanto, passava horas estudando cuidadosamente mapas da propriedade e traçando estratégias defensivas; de sua liteira, orientava aulas de treino dos oficiais. Pois, na verdade, ninguém duvidava de que Tasaio dos Minwanabi instigara a campanha em Dustari por nenhuma outra razão além de deixar os Acoma vulneráveis.

A própria Mara marcava presença por todo lado, supervisionando todos os aspectos do esforço em andamento para preparar seu exército para partir. Na manhã em que Nacoya por fim conseguiu pegá-la de jeito, com Kevin ausente e sem servos ou conselheiros por perto, a Senhora estava sentada no jardim perto da fonte sob a árvore ulo. Recorria com frequência àquele lugar para meditar de maneira informal, mas ultimamente seu tempo livre era dedicado exclusivamente ao filho. Nacoya avaliou discretamente a postura muito quieta de sua Senhora e sua pele levemente enrugada na junção das sobrancelhas, observou as mãos imóveis e achou que aquele seria o momento indicado para conversar. Então entrou no jardim e se curvou diante de sua Senhora. Mara ordenou-lhe que se endireitasse e se sentasse a seu lado nas almofadas. Fitou sua Conselheira-Mor com olhos carregados de olheiras.

— Escrevi ontem a carta para Hokanu — informou.

A anciã assentiu levemente.

— É bom saber, mas não foi por isso que a procurei.

Mara franziu ainda mais as sobrancelhas ao escutar o tom de voz de sua Conselheira.

— E o que foi, mãe de meu coração?

Nacoya soltou um profundo suspiro e foi direto ao assunto:

— Minha Senhora, sugiro que comece a pensar em escolher meu sucessor. Não pense que meus deveres me desagradam, ou que encaro a honra de meu cargo como um fardo. Eu a sirvo de todas as formas e com prazer, minha Senhora. Mas estou ficando velha e sinto do fundo do

coração que devo alertá-la para o fato de não haver servos mais jovens preparando-se para vestir o manto de conselheiro quando eu partir. Jican está na meia-idade, mas falta-lhe astúcia para a política. Keyoke tem o discernimento para assumir o cargo de Conselheiro-Mor, mas ele e eu já temos certa idade e não haverá sempre um Sacerdote de Hantukama para atrasar a missão do Deus Vermelho.

Uma brisa suspirou entre as folhas ulo e a água ondulou na fonte. Mara passou os dedos pelas dobras soltas de sua túnica e agarrou o tecido que a envolvia.

— Estou escutando, velha mãe. Suas palavras são sábias e serão levadas em conta. Já pensei em sua substituição. — Calou-se e balançou suavemente a cabeça. — Sabe, Nacoya, que uma parcela grande demais de nossos melhores servidores pereceu com meu pai.

Nacoya assentiu e apontou para a fonte.

— A vida está sempre se renovando, filha de meu coração. Tem de encontrar novas mentes e treiná-las.

Era uma empreitada arriscada, como ambas sabiam. Escolher novos servos e educá-los para ocuparem cargos com mais responsabilidades abria as portas à possibilidade de um inimigo infiltrar um novo espião. A rede de Arakasi era boa, mas não infalível. Todavia, não havia como negar essa necessidade. Mara precisava se rodear de pessoas de confiança ou ficaria sobrecarregada demais pelas decisões do dia a dia para poder manter sua posição no Grande Jogo.

— Vou me esforçar para encontrar um novo quadro de conselheiros, mas apenas depois da campanha em Dustari — acabou dizendo. — Se eu voltar para casa e o natami permanecer na clareira sagrada, então procuraremos novos talentos. Mas o risco é grande demais para nos anteciparmos. Ayaki deve permanecer rodeado apenas por servos nascidos aqui e de lealdade inquestionável.

Nacoya levantou-se e fez uma reverência.

— Tenho a permissão de minha Senhora para sair?

Mara mostrou um leve sorriso diante da figura de ombros curvados de sua Conselheira.

— Permissão concedida. Vá descansar, velha mãe. Creio que fará bem a você.

— Acabei de me levantar — respondeu Nacoya. — Vá você descansar e, para variar, desta vez sem a companhia daquele bárbaro que mais parece um needra reprodutor. Quando ele está por perto, você não dorme e irá precisar de pó de thyza para disfarçar suas rugas antes de chegar aos trinta anos.

— Sexo não provoca rugas! — Mara riu. — Isso são historinhas de amas velhas. Não tem nada para fazer? Verificar as mensagens do dia?

— Tenho, sim — reconheceu. — Há mais convites de pretendentes.

— Oportunistas — disse Mara, subitamente aborrecida. — Pretendem se casar comigo, como consortes, e depois herdar tudo se eu morrer em Dustari; ou então trabalham para Desio, na esperança de que eu abra as portas para seu exército. Caso contrário, qual seria o interesse

de pedir para ser recebido pela Senhora de uma casa sob ameaça?

— Sim, Senhora — disse prontamente Nacoya, e a vaidade em seu tom suave revelou sua satisfação. Mara podia ser jovem e tola na cama, mas, no que dizia respeito à política, era efetivamente talentosa. O que faltava verificar era se também fora agraciada com a mente de um general. Dustari e os homens do deserto iriam proporcionar uma lição rápida e perigosa.

Deserto

A jornada começou.

Mara se libertou do abraço de Ayaki, tentando com toda a força de vontade não chorar. Subiu na liteira e olhou uma última vez para os rostos de seus conselheiros, que talvez não voltasse a ver deste lado da Roda da Vida: Nacoya, com um semblante mais carregado do que o habitual, provavelmente para ocultar sua dor; Jican, que teve mais dificuldade em disfarçar suas emoções, pois não tinha nas mãos as habituais lousas; Arakasi, imóvel como uma sombra, em silêncio e, ao contrário do normal, parecendo triste; e Keyoke, confiante e inexpressivo, em pé, ereto, apoiado em sua única perna, com as bengalas discretamente encostadas no batente da porta. Estava com uma espada, mas parecia um estranho sem a armadura e o elmo emplumado de guerreiro.

— Tomem conta de Ayaki e do natami e que os Deuses das Questões Promissoras encarem favoravelmente nossos esforços — disse Mara; com dificuldade, conseguiu concluir a frase num tom adequadamente firme.

Seus conselheiros e o pessoal da casa, alinhado atrás deles, olharam em frente com orgulho quando ela fez um sinal a Lujan, o Comandante das Forças Armadas, para que o exército iniciasse a marcha. O bater de todos aqueles pés levantou uma nuvem de poeira como já não acontecia desde os tempos de Sezu, quando um exército partira e só quarenta soldados voltaram. A geração mais velha de servos temeu que o passado se repetisse, enquanto os mais novos sentiam o mesmo medo. Viram marchar corajosamente sob o estandarte da ave shatra três companhias de verde e uma companhia de preto brilhante constituída de cho-ja. O sol revelou-se abrasador em meio à névoa matinal e gerou reflexos nas reluzentes armaduras envernizadas. Brilhou nas pontas das lanças com flâmulas e nos penachos dos Líderes de Ataques, Líderes de Patrulha e ajudantes de campo.

Em Sulan-Qu, o exército Acoma distribuiu-se em barcas. Escravos nus os impulsionaram com varas rio abaixo entre o intenso tráfego comercial e navios de transporte de cereais, embarcações das guildas e homens em jangadas que se afastavam para lhes dar passagem. Navegaram rumo ao sul, através da província de Hokani, pelas terras dos Anasati, onde guerreiros de vermelho e amarelo os saudaram da margem. Embora o Senhor Tecuma fosse um

aliado incerto, Mara não parou para visitá-lo. Ele não iria fazer concessões sociais como um amigo se Mara não voltasse de Dustari com a honra familiar intacta.

Para Kevin, o rio revelou-se uma fonte infindável de fascínio. Passou até mesmo as horas mais quentes do dia na amurada, conversando, com igual interesse, com o mestre da barca e com os escravos que manejavam as varas. Estudou a embarcação fluvial, tão diferente daquelas de sua terra natal, e em poucos dias especializou-se em distinguir as cores das guildas e dos brasões das casas e barcos alugados daqueles que não eram nobres.

O exército de Mara seguiu diretamente para o sul, deixando para trás pequenas frotas de barcos com artigos para os mercados, alguns amarrados em bancas permanentes patrocinadas pelos nobres que usavam o rio como meio de transporte entre Jamar e Sulan-Qu. Rápidos barcos mensageiros passavam às pressas entre as embarcações mais lentas, com escravos suados remando furiosamente. A certa altura, passaram por uma embarcação imperial, de um dourado reluzente e cheia de bandeiras, onde o branco e o dourado se revelavam uma alternativa deslumbrante aos barcos multicoloridos dos nobres. Mara viajava em sua barca cerimonial, verde e decorada com uma figura de proa que representava uma ave shatra. Sentou-se ao abrigo de uma sombra formada por penas onde escravos abanavam leques, confortavelmente rodeada por flores perfumadas para disfarçar os odores menos agradáveis dos esgotos e da lama fluvial. Kevin viu outros Senhores viajando em grande estilo, entretidos por músicos, poetas e artistas. Um tinha até um grupo de atores representando em um palco só para ele. Tinha diante de si cestos transbordando de frutas e gordos cãezinhos de colo esparramados em cima das almofadas, como se fossem salsichas com fitinhas. Ao contrário dos cães domésticos e de caça de Midkemia, os cães de Kelewan tinham pelo curto e liso, em virtude do clima.

Passaram por barcas de thyza que transportavam camponeses em viagem e aquilo que, aparentemente, seria o equivalente de Kelewan dos grupos nômades de músicos ciganos.

— Khardengo — indicou Mara quando Kevin aludiu à comparação descrevendo os ciganos. — Está escrito nas antigas crônicas que eram uma família que preferiu vagar de terra em terra em vez de se fixar em uma. Vivem em barcas e carroças, é verdade, como seus ciganos de Midkemia. Mas, ao contrário dos bárbaros, os Khardengo têm honra. Não adotam o roubo como modo de vida.

Kevin riu.

— Os ciganos têm sua própria cultura. Segundo seus costumes, não estão roubando, apenas... — fez uma pausa, incapaz de encontrar a palavra apropriada, e decidiu falar em sua própria língua — pegam emprestado.

— Pegam emprestado? — Mara olhou para ele de esguelha, mastigando cascas de sekka mergulhadas em vinagre. — O que é isso?

Kevin usou outras palavras para explicar e viu-a erguer as sobrancelhas, de espanto. Era estranho, pensou ele, que o conceito de honra dos tsurani permitisse que os artigos fossem

trocados por valores, presentes ou espólios; mas não havia de forma alguma um equivalente para o conceito cortês de emprestar algo a amigos. Foi o início de mais uma tarde de conversa, pois Mara explorou exaustivamente o assunto.

O rio desaguava no grande delta acima da cidade de Jamar. Lá, viraram para o braço oeste do rio, que os encaminhou para um profundo canal de acesso ao porto. A leste, o grande delta abria-se em leque, polvilhado de jangadas que cruzavam as águas, enquanto pescadores apanhavam com redes as espécies de conchas macias presentes nas partes rasas ou tentavam capturar aves de caça.

Kevin ficou de olhos arregalados quando entraram no tráfego fluvial em Jamar, o maior porto marítimo e entreposto comercial das províncias de Szetac e Hokani. Maior do que Sulan-Qu, a cidade era mais grandiosa e crescera ainda mais desordenadamente. O cais havia sido construído com a largura de uma avenida e era elevado o bastante para pairar sobre marés altas quando surgiam tempestades do sul. Era tão povoado quanto qualquer via pública, fervilhando de trabalhadores que descarregavam navios de alto-mar que aportavam vindos de todos os cantos do Império. Os navios avançavam altaneiros, pois a maré estava praticamente cheia, e Kevin pôde apreciar um rico caleidoscópio de lugares que lhe eram desconhecidos ao longo do cais, conforme as barcas Acoma passavam.

Fardos de material colorido jaziam amontoados ao lado de pilhas de tábuas de madeira rara e de arcas com entalhes complexos e enfeitadas com fitas. Havia mercenários de guarda perto de mercadorias como essas, o que indicava que eram valiosas.

As embarcações dos Acoma passaram por uma série de barcos menores ancorados, carregados com grandes caixas até quase afundarem. Deles exalavam cheiros exóticos, de especiarias usadas para curtir peles, de perfumes e do sublime aroma de chocha-la moído.

A embarcação dos Acoma passou por vários cais cheios de mantas, tapetes de oração e linhas, couro e verniz, bebidas alcoólicas e resina. Cada carregamento de grande valor era organizado por agentes com lousas, hadonras e chefes de caravanas. Sob o sol escaldante, veículos de duas rodas puxados por escravos transportavam os artigos para as docas e das docas para carroças.

Kevin observou com atenção aqueles tsurani que até então nunca tivera a oportunidade de ver. Marinheiros de olhar malicioso bebiam canecas de bebidas alcoólicas nas sombras de becos ou acompanhados por mulheres da vida que expunham seus atributos corporais em galerias de aposentos particulares decorados com sedas perfumadas. Meninos da rua pediam moedas e vendedores com carrinhos ofereciam mercadorias com uma grande variedade de cantorias. Vendedores de contas competiam por um espaço perto da margem onde os barcos lançavam seus botes, de modo a serem os primeiros a vender bugigangas para as queridinhas dos marinheiros que iam a terra.

Kevin sentiu um arrepio quando contornaram o porão de um enorme navio e avistaram o mercado de escravos. Embora tivesse sido ignorado pelas outras pessoas a bordo, Kevin

reconheceu imediatamente o lugar por causa da cerca alta e dos homens nus amarrados uns aos outros enquanto os capatazes os agrediam com chicotes. As escravas encontravam-se abrigadas do sol sob tendas e não estavam mais vestidas do que eles; as mais belas já tinham sido lavadas para poderem atrair quem as comprasse para seu próprio prazer.

Por conta disso, lembrou que continuava a ser propriedade de Mara e seu interesse nas estranhas paisagens de Jamar desapareceu. Não achou ruim quando a visão de um navio contratado para transportar o exército dos Acoma por mar surgiu. Redes tinham sido baixadas para que os cho-ja as escalassem, seguidos pelos soldados Acoma. A liteira de Mara foi içada, com ela calmamente sentada em seu interior, pela polia usada para suspender a carga. Depois, levaram para bordo as provisões.

O capitão que Lujan contratara para garantir a travessia marítima revelou-se eficaz e determinado a aproveitar o pico da maré, que surgiria dali a poucos minutos. Ele avisara às equipes das docas que se afastassem enquanto seus marinheiros amarravam firmemente as provisões dos Acoma.

A embarcação afastou-se do cais, arrastada para águas mais profundas e menos povoadas por um bote com uma dúzia de remadores. Os escravos remaram ao ritmo de um tambor manejado por um homem gordo de tanga, que recorria a rimas para sincronizar o *mergulha, puxa e levanta* dos pesados cabos dos remos. As pás se erguiam da água num cintilar de cores brilhantes. Os escravos as haviam pintado com cores chamativas, para afastar a má sorte no mar. *Coalteca* era o nome do barco que Lujan alugara. Tinha três mastros e uma enorme cana do leme entalhada que precisava de sete escravos para ser manejada. O navio afastou-se de terra e as embarcações menores usadas pelos pescadores e mercadores da costa foram diminuindo. O barco que o rebocava soltou os cabos e o piloto a bordo sinalizou ao capitão do *Coalteca* que já estava livre. Este rugiu imediatamente ordens para que levantassem as velas. Homens no convés subiram nos mastros e soltaram os cordames, e vários metros de velas de fibra caíram em cascata e se inflaram ao vento. De pé junto aos padrões caleidoscópicos de luz refletida, Kevin viu que as lonas, assim como os remos dos escravos, tinham símbolos e motivos pintados, parecendo a tenda de um circo, em um amálgama de cores sem harmonia alguma para quem não era tsurani. Kevin olhou de relance, esfregou as têmporas e concluiu que, se ele fosse o Deus da Boa Sorte, desviaria os olhos de um barco assim para evitar dores de cabeça. Conforme se debruçava sobre a amurada, teve esperança de escapar dos enjoos marítimos que sofrera a bordo do navio do Reino; fitou as ondas e pensou se a quilha do *Coalteca* estava pintada com aqueles motivos para desencorajar ataques de serpentes marinhas. Após o pôr do sol, num confortável camarote iluminado pelos globos azul-violeta sem fogo feitos pelos cho-ja, perguntou isso a Mara. A pergunta fez com que aprendesse uma nova palavra, pois o conceito de monstro marinho até então nunca fora abordado.

— Ah! — exclamou Mara quando descobriu, após meia hora de gestos e desenhos

rudimentares feitos a giz em uma lousa, o que Kevin queria dizer. — Agora entendi. Você quer saber dos egu, enormes criaturas, semelhantes aos relli, que residem nas profundezas do mar. Sim, o Mar de Sangue está cheio deles. Todos os barcos estão equipados com lanças com trapos encharcados de óleo nas pontas. Você os chamou de “arpões” mais cedo, mas não são iguais às lanças para apanhar peixes. Uma lança emu está sempre queimando quando é lançada. Os marinheiros dizem que apenas as chamas ou o feitiço de um Grande conseguem repelir os ataques de um egu.

Kevin voltou a esfregar as têmporas. Quando chegou a hora do jantar, sentia-se sem apetite e decidiu se retirar para dormir.

— Meu grande bárbaro fica enjoado no mar — disse Mara provocando, com o rubor saudável de seu rosto indicando que não sofria daquele mal. Lançou ao seu amante um olhar cintilante. — Sei de uma cura infalível para dor de barriga — disse. Deixou cair sua túnica sem cerimônia e lançou-se sobre a alcova onde ele estava ajoelhado, tentando separar as almofadas das mantas.

A túnica dele não demorou a se juntar à dela, abandonada em uma pilha no chão. Depois daquilo, o sono de Kevin não foi atormentado por pensamentos sobre os egu, pois ficou cansado demais até mesmo para pensar.

O *Coalteca* completou sua travessia numa semana, sem ser perturbado por egu, e, surpreendentemente, só foi atormentado por poucas e pequenas tempestades.

— Estamos no verão — explicou Lujan, respondendo às perguntas de Kevin. — Os ventos são estáveis e há pouca chuva. — Levantou um braço queimado pelo sol e apontou para a costa de Dustari, erguendo-se purpúrea em frente à proa pintada do *Coalteca*. — Veja, é possível avistar nosso destino, a cidade de Ilama.

O porto de Dustari era completamente diferente daquele que Kevin vira em Jamar, pois fora erguido sobre colinas de granito e tinha por trás montanhas dentadas. As construções com biombos de madeira e papel, as mais populares por todo o Império continental, tinham sido substituídas por pedra. Torres enormes se destacavam, com múltiplos andares e estruturas piramidais servindo de postos de vigia numa grande muralha guarnecida de ameias. Outras torres com feixes de luz assinalavam as fileiras de ilhas espalhadas que estendiam braços pelo mar em direção a oeste. Os promontórios pareciam sobriamente rochosos, entre extensões de areia preta avermelhada de origem vulcânica. Os perfis das colinas eram íngremes e verdes devido às árvores de formas pouco familiares. Os odores presentes na brisa eram igualmente estranhos e temperados por uma acidez apimentada.

— Os moleiros que vendem condimentos têm barracões no porto — explicou Lujan em resposta a um comentário de Kevin. — Ilama tem um grande comércio de especiarias que

crescem apenas nas montanhas ao sul.

O povo era também famoso por seus tecidos. Os tapetes de oração feitos em Dustari tinham fama de trazer boa sorte em suas linhas. Sangue mágico corria abundantemente nos povos daquela costa; muitas crianças ali nascidas eram educadas para servir na Assembleia de Magos.

Kevin ansiava pela oportunidade de explorar a cidade e observou o movimento das ruas com avidez quando o *Coalteca* lançou âncora na baía. Charretes de duas rodas percorriam as docas, puxadas por criaturas de seis patas mais esguias que uma needra. Bandos ondulantes de pássaros costeiros manchados de vermelho e branco guinchavam e mergulhavam sobre os mastros, perseguindo um ou outro na esperança de bicar restos de comida lançados para fora das embarcações pelos cozinheiros. Meninos de rua imundos gritavam, e suas vozes ecoavam pelo porto enquanto pediam esmolas. De repente, seus gritos silenciaram e começaram a fugir pelos becos marginais. O interesse de Kevin aumentou ainda mais.

Soldados com armaduras das cores amarelo e púrpura marcharam na direção do cais. Os carregadores traziam uma liteira envernizada onde se viam penduradas bandeiras com um símbolo de um animal semelhante a um felino com uma serpente entrelaçada. Ao lado, seguia apressado um grupo de servos para abrir caminho para a companhia, e as equipes de trabalho das docas fizeram reverências respeitadas.

— O Senhor dos Xacatecas vem nos receber pessoalmente — comentou Mara, de certo modo espantada. Parada ao lado do ombro de Kevin e vestida com elegantes túnicas verdes, tinha passado maquiagem de modo a disfarçar sua tenra idade com habilidade.

— Não o esperava? — quis saber Kevin, voltando-se para se inteirar da razão do nervosismo dela.

— Na verdade, não — ponderou Mara, franzindo o cenho. — O fato de ele ter deixado o campo de batalha para marcar presença na chegada dos Acoma é algo que nos honra. — Acenou para uma de suas criadas e deu uma instrução rápida: — Abra meu cofre preto envernizado. Vou precisar de um casaco mais requintado.

Kevin arregalou os olhos, surpreso.

— As joias que você está usando neste momento já são ofuscantes.

Mara passou os dedos pelas pérolas minúsculas e pelas esmeraldas costuradas em fileiras e espirais na lapela e nas mangas.

— Diante de um Senhor que lidera uma das Cinco Famílias e que é Chefe de Guerra do Clã Xacala, devo usar metais. Seria um insulto não usar meu melhor traje, e esse homem é alguém que meu povo nunca deve se arriscar a ofender.

Os marinheiros começaram a baixar o bote do *Coalteca* e, sob a orientação de Lujan, a guarda de honra de Mara se reuniu no convés, com suas armaduras polidas e as pontas das lanças decoradas com flâmulas. A Senhora apressou-se a trocar de túnica. Kevin, vestindo calças e camisa no estilo midkemiano, assumiu seu lugar na comitiva dela, parecendo um

pombo cinzento e branco no meio de um festival de cores.

Pouco depois, Mara reapareceu, vestindo um casaco de seda esmeralda elegantemente decorado com lantejoulas de cobre costuradas. Kevin gostou mais dessa roupa do que da outra e disse isso a Mara; a cintilação avermelhada do cobre realçava o intenso castanho de seus olhos. Mas o elogio não gerou um sorriso sequer de Mara.

Lujan cuidou para que sua Senhora estivesse instalada a bordo do bote coberto que iria levar seu séquito para terra. O bom humor do novo Comandante das Forças Armadas também pareceu ausente, o que Kevin interpretou como uma deixa para se conter. Como deixara de ser o prisioneiro impertinente recém-capturado no campo de batalha, o midkemiano aprendera enfim a sabedoria de se manter tranquilo quando a ocasião requeria. Que o Senhor dos Xacatecas era tremendamente poderoso era perceptível pela reverência de Mara, efetuada assim que pisou no cais de pedra, diante da figura de armadura amarela resplandecente, de pulsos dourados, sentada em sua liteira como um rei num trono.

O Senhor dos Xacatecas inclinou a cabeça, levantou-se e retribuiu com uma reverência cortês. Era um homem mais velho, que não parecia ter nenhum vício. Tinha a pele dura e queimada pelo sol e seus olhos cor de avelã se revelavam perspicazes entre as rugas. Suas vestes eram elegantes, mas discretas, e sua boca estava cheia de dobras que sugeriam ironia ao sorrir.

— Senhora Mara, como está?

Sua voz se revelou rude, mas bem articulada. E Mara, mirando-o, também sorriu.

— Meu Senhor, muito me honra — respondeu imediatamente com todo o respeito, o que permitiu a Kevin perceber que o homem tinha um posto mais elevado, embora não tivesse insistido para que ela falasse primeiro. O Senhor saudava a Senhora com simpatia, com uma manifestação pública de boa vontade. — Estou bem — prosseguiu Mara, mas sua postura contradizia isso devido à evidente tensão. — E amplamente lisonjeada por vê-lo aqui. Está bem, Senhor Chipino?

— Muito bem, na verdade — respondeu o homem, com um sarcasmo repentino e corrosivo. Atirou para trás seu cabelo cor de aço e soltou uma gargalhada; Kevin não percebeu a razão, mas concluiu que o Senhor reagira a alguma nuança sutil de Mara quando lhe ofereceu o braço e a conduziu. — Que o Senhor Desio e seu primo morram engasgados lamentando este dia.

Mara murmurou algo em resposta que levou o Senhor dos Xacatecas a rir outra vez e a apreciá-la com certo atrevimento. Fez um gesto gracioso e a Senhora se encaminhou para a própria liteira do Senhor, uma cortesia atenciosa, uma vez que sua presença não era esperada e os servos dos Acoma não haviam tido tempo de preparar o palanquim. A companhia de guerreiros avançou em quadrados amarelos e verdes, organizados como um tabuleiro de xadrez.

— Se eu fosse mais novo — rugiu o Senhor com sua voz grave —, não me importaria em

competir com o jovem Hokanu.

Bem, pensou Kevin — com um pouco de ciúme —, pelo menos o Senhor dos Xacatecas parece encantado com a Senhora que deseja se aliar a ele.

— Algo que levaria sua bela esposa e Senhora a tentar me envenenar — redarguiu Mara com delicadeza. — Como está Isashani?

— Está bem, obrigado, e grata por minha ausência, que a impede de engravidar de novo. Virem aqui — instruiu o Senhor Chipino a seus carregadores. A companhia virou com destreza em um cruzamento estreito e entrou na sombra de um dossel montado diante de uma estalagem com a frente aberta.

Um bar com bebidas e comidas ocupava toda a parede de trás; as laterais eram estruturas de madeira abertas. Caldos, pastéis e cerveja à base de ervas da região, conhecida por tesh, assim como a habitual chocha, eram vendidos ali. Bancos e mesas se esvaziaram imediatamente assim que os clientes habituais de categoria inferior se apressaram a abrir alas para seus superiores; logo um grupo de criados de bata apareceu para limpar os restos e colocar taças e pratos limpos. Chipino procurou um lugar para Mara e ocupou o de Senhor à cabeceira da mesa, assentando os cotovelos nas tábuas cheias de areia, com o queixo apoiado nas pontas afiadas de seus dedos. Observou a garota que derrubara o Senhor Jingu dos Minwanabi em sua própria casa e cuja perspicácia no Jogo lhe conquistara notoriedade. Em volta dele, os guerreiros de Lujan e os seus estavam organizados em formação defensiva, deixando Kevin com os carregadores, onde lhe era impossível escutar a conversa. Era capaz de dizer pelo comportamento de Mara que haviam posto fim à conversa social e que se iniciara quase imediatamente a discussão de assuntos sérios. Os criados trouxeram comida, que foi deixada de lado quase sem ser tocada para dar espaço a pergaminhos com mapas e a uma série de lousas levadas por um criado que vestia um uniforme especial amarelo e púrpura.

Mara sinalizou a Kevin para que se aproximasse e ficasse a seu lado.

— Quero que ouça isso — disse, e pelo tom o midkemiano percebeu que ela tinha a intenção de pedir sua opinião mais tarde, quando dispusessem de tempo para uma conversa particular. A tarde se passou em meio a discussões sobre os conflitos do ano anterior que resultaram no chamado do Conselho Supremo.

— Há apenas uma coisa a concluir daqui — desvendou o Senhor Chipino. — Os salteadores de Tsubar estão se tornando muito mais numerosos e mais agressivos do que sua própria natureza. A questão que eu coloco é: por quê?

Mara refletiu e fitou com firmeza o homem mais velho.

— Iremos descobrir, Senhor Chipino. — Girou com os dedos sua taça vazia de tesh e falou indiretamente: — Tenha certeza de que minha propriedade está vigorosamente fortificada.

O Senhor dos Xacatecas sorriu mostrando seus dentes uniformes.

— Então, filha de Sezu, entendemos muito bem um ao outro. O inimigo não vai tirar nenhuma vantagem disso. — Esticou o braço e, com suas mãos sem anéis, ergueu o cálice de cristal de Jamar. — À vitória! — disse com delicadeza.

Mara cruzou o olhar com o dele e assentiu, enquanto Kevin, sem perceber, sentiu um arrepio.

O *Coalteca* já tinha sido descarregado quando o Senhor e a Senhora se levantaram da mesa. O palanquim de Mara aguardava ao lado do que pertencia ao Senhor Chipino e os criados tomaram posse de uma manada de animais de carga. Eram leves e tinham seis pernas; aos olhos de Kevin, pareciam um cruzamento de camelo com lhama, salvo pelas orelhas em espiral e escamosas como as de um lagarto. As arcas com o guarda-roupa de Mara e as tendas, braseiros, sacos de carvão, barris de óleo, provisões e mantimentos para o exército foram todos amarrados a estranhos suportes em forma de U que assentavam como selas nos lombos das criaturas. O comboio era enorme, ruidoso graças aos balidos dos animais e aos gritos dos tratadores de feição escura, que usavam lenços folgados em volta da garganta. Carroceiros com vestes largas listradas em cores berrantes alinharam suas cargas numa fileira irregular; as companhias de humanos e de cho-ja se organizaram rapidamente e começaram a subir as montanhas.

Kevin seguiu na companhia dos demais servos da casa de Mara. Distraído por uma criança risonha que avançava pela sarjeta, assustou-se com um respingo de um líquido quente. Girou nos calcanhares e se deparou com uma poça de saliva branca pingando da manga de sua camisa.

— Que vá para o inferno! — disse em midkemiano, fazendo uma careta.

Lujan sorriu em apoio.

— Não fique tão perto do querdidra — alertou. — Eles cospem.

Kevin sacudiu a mão e lançou um monte de espuma no chão. Tinha um cheiro extremamente desagradável, como o de cebolas podres.

— É evidente que não gostaram do seu cheiro — concluiu o Comandante das Forças Armadas, rindo.

Kevin fitou o animal de carga que o atacara; o bicho o mirou de volta com olhos violeta de cílios compridos, apertando seus lábios parecidos com os de um macaco.

— O sentimento é recíproco — resmungou. E desejou que o animal sofresse uma dolorosa prisão de ventre que o fizesse retorcer aquelas seis patas almofadadas. *Dustari deve ser maravilhoso*, resmungou para si mesmo, uma vez que os querdidra que carregavam as provisões pareciam ser mais numerosos que os soldados.

As montanhas mudaram drasticamente à medida que se aproximavam da passagem. Os declives arborizados começaram a rarear e, chicoteados pelos ventos e pela areia, davam lugar à rocha nua. O cheiro de pedra aquecida pelo sol substituíra o das folhas e da terra; era uma paisagem desoladora. O terreno alto afundou abruptamente em uma série de montes isolados em meio a vastos mares de areia. O sol queimava no céu verde-pálido com nuvens de pó e cozinhou as terras sob uma bruxuleante cortina de ondas de calor. As próprias rochas pareciam queimar sem chamas, arenosas e ásperas e em tons vermelhos, pretos e alaranjados. As chamas que as haviam formado pareciam recentes e se renovavam todos os dias com a labareda penetrante do nascer do sol.

Por outro lado, as noites eram geladas, com rajadas secas que penetravam as roupas como gelo cortante. Foi sem surpresa que constataram que os carroceiros e os guias nativos usavam os lenços do pescoço sobre os rostos para se protegerem da areia levada pelo vento. Séculos sucessivos daquele clima haviam esculpido as rochas em formações estranhas semelhantes a torres ou pilhas de louça de barro, ou, por vezes, a pilares demoníacos que pareciam espetar o céu de Kelewan. Kevin e Mara, no início, fitaram estupefatos essas formas, mas não depois do primeiro ataque de homens do deserto, que aconteceu numa trilha íngreme de acesso ao topo de uma passagem. Ouvindo primeiro um grito de gelar o sangue e, depois, um alvoroço na fileira de animais de carga à frente, Mara afastou para o lado as cortinas de seu palanquim.

— O que está acontecendo?

Lujan sinalizou para que recuasse e desembainhou sua espada. Mara espreitou à volta dele e, entre os membros de sua guarda de honra, viu vultos pequenos e de ombros largos com túnicas cinzentas saltando, em meio a gritos agudos, de uma fenda entre as rochas. Agarraram as rédeas de diversos querdidra e os arrastaram, balindo, para fora da estrada. Sem se desequilibrarem, apesar das pedras soltas, as criaturas se retraíram e se assustaram quando guerreiros com as cores dos Xacatecas saltaram do alto da encosta para persegui-los.

Lujan gritou para seu Primeiro Líder de Ataques e fez um sinal com a espada. Guerreiros Acoma abandonaram a caravana mais abaixo de onde se encontravam. Uma veloz força de ataque cho-ja juntou-se ao ataque e depois os ultrapassou. Menos confiantes do que os insetos, os humanos abriram um amplo arco para interceptar os homens do deserto, enquanto os cho-ja, sob as ordens do Líder de Ataques, passavam por eles e em arco cortavam o caminho dos salteadores que desciam.

— Obedeçam aos oficiais do Senhor Chipino — ordenou Lujan aos Acoma. Depois, quando o Senhor dos Xacatecas disse algo a Mara de sua própria liteira, a Senhora puxou a manga de seu oficial.

— O Senhor não quer prisioneiros — instruiu.

Lujan transmitiu a ordem.

Kevin observou, com espanto, quando os cho-ja subjugaram os salteadores. Ao

perceberem os insetoides pretos e brilhantes subindo encosta acima para atacá-los, com seus elmos sobre rostos de traços pouco humanos e membros anteriores erguidos como lâminas prontos para matar, os minúsculos homens da montanha estacaram de repente. Instigaram os querdidra a avançar com palmadas e blasfêmias, de modo a destroçar as fileiras dos cho-ja. Mas os guerreiros de Lax'l foram rápidos como manchas negras sob a luz do sol quando se desviaram para contornar os animais desembestados. E, estranhamente, não produziram nenhum ruído, além dos estalos das patas com ganchos batendo no solo rachado. Os cho-ja passaram pela confusão e deram a volta, enquanto os homens do deserto giravam, tentando fugir.

A matança foi rápida. Kevin, que nunca vira os cho-ja guerreando, sentiu os pelos dos braços se arrepiarem dentro das mangas. Já vira homens morrendo, mas nunca estripados por trás, com um único golpe daqueles membros anteriores pretos e quitinosos em forma de lâmina. Os cho-ja eram mortalmente velozes e giravam com uma perfeição mecânica.

— Seus cho-ja dizimaram os nômades bem rápido — comentou o Senhor Chipino, e seu tom sinistro revelou que aquelas mortes não o alegraram. — Talvez, de agora em diante, pensem duas vezes antes de atacarem as caravanas de provisões de Ilama.

Mara pegou um leque que estava em suas almofadas e o abriu, pensativa. Resolveu se refrescar mais por nervosismo do que pelo calor. Embora não apreciasse jogos de sangue, não se abalara com aquele cenário de guerra e de morte.

— Por que atacariam com tanta fúria uma caravana protegida? Por Lashima, eles não perceberam que dispúnhamos de sua guarda de honra e de companhias de guerreiros?

Pela encosta abaixo, os homens do Líder de Ataques dos Acoma não estavam tendo sucesso na tentativa de cercar os querdidra assustados. O Senhor Chipino destacou alguns de seus próprios carroceiros para ajudar, já que era necessário saber lidar com os animais para a caravana conseguir retomar a marcha antes do pôr do sol.

— Quem pode saber o que motiva os bárbaros? — concluiu ele, fitando Mara através do espaço existente entre o palanquim e a liteira. — Se a situação fosse outra, eu diria que estamos lutando contra fanáticos do Deus Vermelho.

Mas os nômades de Dustari não acreditavam em Turakamu, ou pelo menos era isso o que diziam as escrituras no Templo de Lashima onde Mara estudara na juventude. As crescentes movimentações na fronteira não faziam sentido e os combates que o Senhor Chipino descrevera na estalagem não tinham qualquer resultado além do imoral desperdício de vidas.

Mara fechou subitamente seu leque. Mais do que nunca, temeu por Ayaki, que ficara em casa. Esperara cruzar o oceano para dar apoio a Chipino e solução rápida aos perturbadores ataques na fronteira. Ansiando por um rápido retorno para casa, pressentiu que o problema era bem mais grave do que imaginara. Poderia não voltar a tempo das plantações do outono, e esse mau agouro fez seu coração gelar. Contudo, não deu voz a suas preocupações. Quando a caravana se reagrupou e retomou a marcha, pediu para que lhe mostrassem os pontos de

referência da montanha. Kevin acompanhou a pé sua liteira, escutando o melhor batedor de Chipino indicar os nomes dos picos, dos vales e das rochas que por vezes surgiam no caminho com arcadas de pedra esculpidas pelo vento.

Não teriam precisado se apressar para se adaptar àquela nova e estranha terra. O tempo se arrastou nos meses entre os conflitos e, depois da novidade das semanas iniciais, os vales estreitos e áridos atormentaram seu ânimo e os vastos horizontes desérticos reduziram sua alma à insignificância. Tão frequentemente quanto possível, Kevin se retirava para a tenda de comando de Mara, que, embora fosse feita com camadas de pele de needra costurada e encharcada de óleo para se tornar adaptável ao clima, era, ainda assim, luxuosa por dentro.

— Quem está aí? — inquiriu o guarda parado à entrada.

Kevin baixou o pano que trazia no rosto e inspirou uma golfada de ar carregado de pó.

— Sou eu.

O guarda com armadura lhe fez sinal, com a base da lança, para entrar. Kevin inclinou-se e se agachou para passar pela porta de franjas que filtrava grande parte do pó e piscou com a súbita alteração da luminosidade. O principal cômodo da tenda de comando estava iluminado por tochas de trapos embebidos em óleo, penduradas em castiçais de porcelana presos a varas cravadas na terra. Suspensos nos pontos mais altos do teto, havia alguns globos cho-ja, produzindo um azul-violeta fantasmagórico que se misturava com pouca harmonia ao brilho da acolhedora luz das chamas. As cores das almofadas de fio trançado e das tapeçarias penduradas provocavam reflexos estranhos, picotados por sombras em forma de estrela que formavam, por si sós, um mosaico de padrões geométricos, como se os objetos e as formas de suas sombras desenhassem um estranho tabuleiro no qual as pessoas eram os jogadores.

Por mais que se esforçasse, Kevin nunca conseguira comparar o Jogo do Conselho ao xadrez; o sistema de honra dos tsurani era rebuscado demais para um forasteiro e não poderia ser reduzido a jogadas. As estratégias dos homens do deserto, por outro lado, eram menos opacas. Ele as analisara exaustivamente desde que haviam chegado. Os nômades enviavam salteadores contra as passagens fortificadas, normalmente à noite, e sempre furtivamente. Procuravam debilitar os exércitos dos Xacatecas e dos Acoma, algumas vezes por cansaço e, outras, pela irritação gerada pela falta de ação.

Havia dias em que a noite não trazia batalhas, só pequenos ataques. O número de investidas não ultrapassava o mínimo essencial e tudo era muito bem orquestrado de modo a manter os exércitos sob a máxima tensão de vigilância.

As forças Xacatecas tinham sido espalhadas até seu limite para manter adequadamente vigiados todos os caminhos menores existentes nas montanhas. Com a ajuda das companhias Acoma, o Senhor Chipino esperara que os salteadores reconhecessem sua inferioridade numérica e desistissem de atacá-los além das fronteiras. Contudo, os homens do deserto não agiram como esperado; em vez disso, intensificaram a frequência dos ataques, investindo como insetos sobre os machos needra.

À medida que os meses passavam sem grandes alterações, Kevin se mostrava cada vez mais hesitante em arriscar sua opinião, ou seja, que os ataques escondiam algo. Tinha experiência no assunto para justificar seus palpites; mas os tsurani matavam os oficiais midkemianos que eram aprisionados e, para preservar a própria vida, nunca se atrevera a admitir a quem quer que fosse, salvo para alguns escravos de seu mundo, que era de origem nobre. Libertando-se dos panos que o cobriam e das sandálias, que entregou aos criados, que as bateram para expulsar o pó, caminhou sobre os tapetes magnificamente tecidos até o local onde a Senhora estava sentada em almofadas, com Lujan ao lado e uma mesa de areia à frente, onde estavam desenhadas as montanhas e fronteiras do Império.

— Aí está você — comentou Mara, olhando para cima. Um fio de cabelo preto soltou-se sobre seu ombro. Ela o pegou e arrumou com uma mão delicada como porcelana e então sorriu. — Estávamos discutindo uma mudança de estratégia. — E com a cabeça apontou para Lujan.

Interessado, Kevin apertou o passo. Ajoelhou-se nas almofadas em frente da mesa de areia e observou os pequenos grupos de marcadores verdes e amarelos que representavam as companhias Acoma e Xacatecas. As posições estavam agrupadas como colares de contas ao longo dos cursos de rios, passagens e vales rochosos e íngremes, através dos quais sopravam ventos cortantes após o escurecer. A não ser que uma sentinela visse por acaso o movimento de um inimigo recortado nas estrelas ou no céu, não ouviria passos; apenas um ocasional chacoalhar de pedrinhas, que poderia ser o próprio vento; então vinha um ataque numa emboscada rápida e surpreendente. As facas dos homens do deserto não eram de metal, mas serviam perfeitamente para cortar gargantas.

— Queremos eliminar os depósitos escondidos de mantimentos deles — revelou Mara. — Queimá-los. Sua opinião seria interessante, pois conhece este terreno tão bem quanto qualquer um de nós.

Kevin lambeu os lábios, com um arrepio percorrendo a pele sob as mangas da camisa e da larga túnica do deserto que vestia por cima como uma capa. Olhou para o mapa de areia e imaginou em silêncio se aquilo não seria exatamente o que o inimigo esperava: atrair os guerreiros para além das passagens defensivas e atacá-los em uma emboscada em campo aberto.

— Sugiro, uma vez mais, Senhora, que não avancemos com confiança contra esses homens do deserto. Em campo aberto, a vantagem está toda do lado deles. Digo, como já disse antes, que devemos deixar que venham até nós, para que morram em nossas lanças com poucos danos às nossas companhias.

— Não há honra em conter um ataque — destacou Lujan. — Quanto mais tempo a Senhora ficar longe de sua propriedade, maior é o perigo de algo acontecer a Ayaki. Esperar de novo que as estações cumpram mais um ciclo não lhe traz ganho no Jogo do Conselho, nem prestígio aos olhos dos deuses. Não é o destino dos guerreiros esperar ociosamente enquanto os homens

do deserto os tratam como se fossem pastores de querdidra, orquestrando pequenos ataques a seu próprio gosto.

— Então minha opinião não vale nada — disse Kevin, reprimindo sua irritação. — Creio que há uma estratégia por trás dos movimentos desses nômades. Vocês insistem que não.

— Eles são bárbaros! — interrompeu Mara. — Saqueiam do outro lado de nossas fronteiras porque a terra é rica e verde. Por que tribos de homens do deserto de repente iriam se organizar contra uma nação armada e preparada para enfrentá-los? O que poderiam esperar além da aniquilação?

Kevin ouviu a fúria dela e não se ofendeu, consciente de que já fazia quase um ano que ela estava longe de casa, além do fato de que estar separada do filho a desgastava. Todos os meses, navios mercantis aportavam em Ilima e aparecia um mensageiro de Jican, sem notícias de ataques Minwanabi. Ela deixara suas melhores tropas guardando a propriedade; com as demais, esperara ajudar os Xacatecas para depois partir. Mas sua casa não fora atacada — ou, se o fora, não chegaram notícias — e daquele lado do Mar de Sangue a campanha inexplicavelmente se arrastava e não havia sinais de que chegaria ao fim.

— Temos de encontrar os esconderijos das provisões dos nômades e queimá-las — insistiu ela, enfática —, ou então vamos envelhecer neste desperdício miserável de tempo sem nunca vencermos os Minwanabi. — Aquilo serviu para pôr fim à discussão.

Os batedores foram enviados para o terreno, incumbidos de uma missão de cinco dias para vasculhar as planícies, que se estendeu por um mês de busca. Os nômades não podiam ser perseguidos continuamente através das areias que se moviam com os ventos, nem sobre blocos de pedra. Os tsurani foram obrigados a procurar a fumaça de fogueiras numa terra onde não havia árvores, mas onde se importava óleo ou carvão para aquecimento e iluminação. Os guerreiros tiveram de se deitar durante dias, escondidos, vasculhando os horizontes áridos à procura de sinais de acampamentos inimigos. Marcharam sobre placas calcárias ardendo em fogo lento, mas nada descobriram, apenas antigos vestígios de fogueiras cheios de cinzas e ossos queimados, e por vezes as marcas no local onde fora montada uma tenda de pele, ou cacos de louça jogada fora. Os depósitos de provisões dos nômades estavam muito bem escondidos.

Após três meses infrutíferos, soldados Xacatecas e Acoma começaram a fazer prisioneiros. Os infelizes eram arrastados para as tendas de Chipino para serem interrogados. Os salteadores do deserto eram pequenos, de estrutura forte e frequentemente usavam barba. Cheiravam a querdidra e a vinho azedo e usavam couro cravejado de chifres e ossos de animais de carga. Por cima dessa primitiva armadura leve, vestiam túnicas largas de cor bege, amarradas com faixas de contas onde penduravam amuletos representando sua coragem e sua

tribo. Muito duros, com a pele curtida pelo clima, poucos se prestaram a falar. Os que tinham a língua mais solta não estavam bem posicionados na hierarquia de seus clãs. Os esconderijos que revelaram nos quatro meses seguintes eram de pouca importância: continham apenas alguns cantis de vinho e alguns cereais guardados em potes de barro. Não era o suficiente para valer a pena perder guerreiros, disse, frustrado, o Senhor Chipino a Mara, numa conversa após um dia passado sob um sol abrasador escavando um esconderijo no leito arenoso de um riacho.

A tenda de comando dos Acoma ainda se mantinha sob a escuridão do crepúsculo. Os gritos das sentinelas na troca de turnos se misturaram com os aromas de carne assada que se infiltraram entre as dobras, abertas para deixar entrar o ar fresco da noite; a fumaça do carvão em brasa elevou-se em nuvens azuis contrastando com as colinas cada vez mais escuras; lá dentro, a combustão lenta dos trapos embebidos em óleo lançava uma luz cor de cereja sobre os padrões decorativos gravados nos castiçais. Mara bateu palmas para que um criado trouxesse ao Senhor dos Xacatecas um pouco de tesh adocicado, como ele preferia.

— Então o Senhor acredita que perdemos tempo procurando no sopé das montanhas? — questionou ela.

— Exatamente. — O Senhor Chipino enfatizou sua frustração com um movimento repentino do queixo. — As provisões dos nômades devem estar guardadas no deserto profundo, longe dos olhos de nossos batedores e onde não há trilhas para deixarem rastros. Creio que devemos tentar uma incursão com, talvez, duas companhias de guerreiros.

O criado apareceu com o tesh, proporcionando a Mara um momento de reflexão. Ela também começara a achar necessário recorrer a esse tipo de tática e contava com o apoio de Lujan. A única voz dissonante era a de Kevin, que insistia infatigavelmente que os nômades estavam se preparando exatamente para isso. Ela sacudiu a cabeça de leve. Por que os bárbaros os incitariam a invadir suas terras? O que os motivaria?

— Nada disso faz sentido — disse Chipino, soltando as faixas sob o pescoço para tirar a armadura coberta de pó. Coçou a pele enrugada da garganta, quase franzindo o cenho, e depois despejou tesh goela abaixo. O sabor adocicado expulsou o sabor de pó do deserto que tinha na boca e também o deixou menos tenso. — Isashani escreveu para dizer que Hokanu dos Shinzawai foi visitá-la em Ontoset.

Mara ergueu as sobrancelhas.

— Sua esposa, por acaso, está dando uma de casamenteira?

O Senhor dos Xacatecas riu.

— Sempre. E, neste caso, pelo entusiasmo e interesse de Hokanu, é mesmo o mais provável. O jovem Shinzawai sente sua falta. Já perguntou por você mais de uma vez.

— E Isashani está registrando tudo isso? — disse Mara prontamente. Diante do assentimento resignado de Chipino, acrescentou: — O que levaria Hokanu a Ontoset? É um pouco longe para ele, creio eu.

— Foi exatamente o que disse Isashani — acrescentou Chipino. — A intrometida está sugerindo que o jovem foi negociar especiarias que poderiam ser adquiridas em Jamar.

O que significava que ele fora especificamente falar com a Senhora Isashani para saber as novidades de Dustari em primeira mão. Mara não soube como reagir àquilo; desconfiou do interesse declarado de Hokanu, pensando que talvez não passasse de um disfarce para dissimular o último plano de seu pai no Grande Jogo. Mas seus pensamentos foram interrompidos pela volta do mensageiro destacado para acompanhar os batedores, que mandavam notícias. Curvou-se com respeito. Mara concedeu-lhe autorização para falar diante do convidado, poupando-se ao incômodo de mais tarde ter de passar a mensagem aos Xacatecas.

— Não há nada a reportar, minha Senhora — indicou o homem de armadura, com o elmo encaixado sob o cotovelo sujo de terra. — Um homem se feriu em um deslizamento e outros dois foram mortos em uma emboscada. O ferido está sendo tratado no acampamento sul. Os outros cinco grupos de batedores nada encontraram.

Mais uma morte despropositada, refletiu Mara em silêncio. Irritada com os sucessivos dias perdidos e as mortes inúteis, e sem sinal de que algo aconteceria, além de todos se cansarem, percebeu que sua paciência terminava. Os nômades estavam simplesmente brincando com eles — nisso Kevin tinha razão —, mas ficar sentada à espera sem entrar em ação era inaceitável. Mara dispensou seu soldado esgotado e depois fitou os olhos escuros e irônicos do Senhor dos Xacatecas.

— Os Acoma oferecem uma companhia para participar de uma investida para além dos contrafortes. Meu Primeiro Líder de Ataques seguirá no comando e uma meia patrulha de cho-ja irá acompanhá-los para levar mensagens entre eles e o acampamento principal.

O Senhor Chipino dos Xacatecas inclinou a cabeça. Pousou sua taça de tesh sobre a mesa baixa, entre os rolos de mapas, as lousas e as pontas caídas de giz, e estendeu a mão para seu elmo desbotado pelo sol.

— Pela honra de nossas casas e a ruína dos inimigos — entoou —, enviarei uma companhia e também um presente, para compensar seus cho-ja, cujas capacidades não consigo igualar com minhas fileiras. A colmeia de nossas terras não pôde disponibilizar guerreiros, diante da agitação da Casa Zirentari nas fronteiras ao norte de nossa propriedade.

Mara não se arriscou a revelar que teve de negociar com sua rainha para que ela gerasse mais guerreiros; ninguém divulgava informações desnecessárias, nem mesmo aos amigos, pois os aliados do presente no Grande Jogo poderiam ser os piores inimigos do futuro. Valeu-se de toda a sua cortesia e fez uma reverência a seu superior social, embora entre eles as formalidades nem sempre fossem respeitadas.

— Não há necessidade de presentes.

O Senhor Chipino a observou com atenção, olhando de soslaio sob a luz irrequieta que era projetada pelos padrões gravados dos castiçais.

— Você está equivocada — disse ele com gentileza, falando como se estivesse corrigindo uma filha. — Não se pode permitir que uma mulher bela e jovem definhe no deserto sem presentes. — Mara corou. Não encontrou palavras para disfarçar aquele intenso momento de constrangimento, então o Senhor Chipino suavizou seu embaraço: — Hokanu fez Isashani prometer que seus encantos não seriam esquecidos nesta terra desolada e bárbara.

A Senhora dos Acoma riu sem inibições, o que se revelou uma mudança após dois anos que pareciam, pelo isolamento, um período de cativoiro.

— Você e Hokanu são dois adultores!

Chipino virou a cabeça e depois colocou o elmo sobre o cabelo grisalho desgrenhado e deixou a fita do queixo desapertada.

— Bem, é verdade que não há mulheres aqui para exorcizar essa minha fraqueza. Se pudesse, adularia as fêmeas querdidra. — Encolheu os ombros. — Mas elas cospem. Você cospe? Não? Achei que não. — Então o verdadeiro elogio chegou sorrateiro para que ela não o recusasse mudando de assunto: — Hokanu é um homem muito sensato e de bom gosto, caso contrário Isashani o teria posto para fora com suas perguntas, pode ter certeza.

O presente, entregue mais tarde, era uma pulseira de cobre, forjada na forma de uma ave shatra em voo e com uma solitária esmeralda incrustada. Era bela, feita especialmente para ela, e com um custo bem superior ao valor de uma mera meia patrulha de cho-ja, mesmo que esses guerreiros morressem no cumprimento do dever. Mara colocou a joia outra vez na caixa revestida de veludo em que fora entregue.

— Por que ele fez isto? — questionou, dirigindo-se, pensara, a uma tenda vazia.

Kevin falou, de trás de seu ombro, fazendo com que Mara se assustasse.

— Chipino a admira pelo que você é. Quer que saiba disso.

Mara lançou-lhe um olhar ainda mais severo.

— O Senhor dos Xacatecas? Por que me admiraria? Ele pertence a uma das Cinco Famílias mais poderosas do Império. O que espera obter de uma casa sitiada pelos Minwanabi?

Kevin abanou a cabeça, revelando impaciência, e sentou-se nas almofadas ao lado dela. Estendeu a mão, levantou as mechas de seu cabelo solto e começou a massagear com delicadeza os músculos tensos de seus ombros. Mara deixou-se levar pelas carícias com um suspiro e libertou os nós de tensão cuja presença não havia percebido.

— E por quê? — insistiu ela, referindo-se ao Senhor dos Xacatecas.

As mãos de Kevin tocaram reconfortantemente em ambos os lados do queixo dela.

— Porque gosta de você. Não por ter alguma pretensão, embora eu aposte que ele poderia entregar-se a um discreto casinho se pensasse que você aceitaria. Mas não tem intenções declaradas em relação a você, ou à sua casa, ou com o que possa conquistar no Grande Jogo. Minha Senhora, nem tudo na vida se move em função da maldita política. Parece esquecer disso com muita frequência. Quando penso no presente e nas motivações do Senhor dos

Xacatecas, nada vejo além de um homem com a idade de seu pai que se sente satisfeito com você e que deseja lhe dar algo que você mesma raras vezes faz: um tapinha nas costas, porque você é competente, dedicada e amada.

— Amada? — Um sorriso perverso fez os lábios de Mara se curvarem, algo que Kevin imitou. As mãos dele moveram-se com delicadeza deslizando a roupa de seus ombros. Juntos, afundaram nas almofadas sob o calor suave da luz das chamas e sua paixão se acendeu rapidamente numa harmonia muda.

As patrulhas partiram na manhã seguinte, entre a explosão de trombetas sopradas pelos cozinheiros do Senhor Chipino. As tropas Xacatecas já estavam ali havia tanto tempo que haviam absorvido a tradição dos nômades, usando-as para anunciar aos deuses e ao inimigo que o dia começava de forma triunfal. Um exército marchou ao alvorecer e o toque de trombetas pretendeu fazer seus inimigos tremerem.

Nos meses que se seguiram, nada aconteceu com rapidez. Mara optou por esperar nas alturas, no abrigo de vigia ocupado pelos batedores. A rocha castigada pelo vento não dispunha de sombras, por isso trocou o chapéu de palha trançada por um elmo masculino, envolto em um lenço fino como gaze. Com o passar dos dias, ficou tão acostumada a usá-lo quanto os guerreiros, enquanto olhava para nuvens de pó que indicavam o retorno de um mensageiro cho-ja. Em tais ocasiões, enviava um menino de recados para informar o Senhor Chipino e depois descia precipitada pelo caminho de pedras, a toda a velocidade, para se encontrar com os guerreiros que chegavam. Suas pernas tornaram-se tão firmes quanto as de um rapaz graças às subidas até locais onde a liteira e os escravos não conseguiam levá-la. Lujan era um comandante sábio o bastante para constatar que a presença da Senhora tinha o efeito de inspirar os homens a se tornarem mais diligentes. Ao contrário de muitos nobres tsurani, aquela Senhora adquiriu uma compreensão mais profunda das condições em que suas sentinelas e patrulhas desempenhavam suas missões. Não exigia que agentassem horas a fio debaixo do sol, nem se queixava quando as ondas de calor das areias distantes obscureciam a visão e originavam relatórios contraditórios. Embora preferisse claramente cuidar de finanças em vez de assuntos de guerra, empenhou-se em estudar os pontos mais importantes em termos de estratégia e de provisões. Compreendia as aflições deles tão bem quanto seus oficiais, mas suas percepções inovadoras não poderiam servir para resolver algo que parecia vazio de propósito ou de motivo.

Os relatórios trazidos pelas companhias destacadas para patrulhar o deserto de pouco serviram para aliviar o bloqueio. Foi descoberto, e destruído, um pequeno esconderijo, assim como o antro de nômades que o protegiam. Decorreram mais dois meses de buscas infrutíferas, e depois mais um, gasto perseguindo pistas falsas. Os cho-ja trouxeram

informações sobre um oásis que secara e dos restos de uma toca para gado que fora destruída aparentemente às pressas. A patrulha que perseguiu os nômades que abandonavam o local para ver se conseguia capturá-los se cansou em uma busca inútil. Dos que ficaram para investigar, dois soldados se feriram quando o chão cedeu sobre uma armadilha. Um deles morreu de infecção; o outro foi enviado de volta numa liteira. Nunca mais poderia andar e solicitou um suicídio honroso pela espada. Mara deu permissão e teve dificuldade em se conter para não amaldiçoar Chochocan por desperdiçar um homem tão valioso.

Passou-se mais uma estação sem acontecer nada de relevante. A Senhora dos Acoma ficava cada vez mais irritada devido à melancolia.

— Deveríamos enviar mais soldados — disse a Kevin enquanto penteava o cabelo com óleos suaves, já que não era possível desperdiçar água em banhos e era preciso remover a poeira de algum modo.

O midkemiano parou por um instante e depois voltou a dar um laço na tira que se soltara em sua sandália. Aquela discussão já ocorrera inúmeras vezes e em todas ele insistira que uma marcha em grande escala era o que o inimigo desejava que fizessem. As palavras tinham sido proferidas, mas o único fator que daria credibilidade ao seu conselho permanecia um segredo silencioso. Mês após mês de sol abrasador, Kevin reprimiu quaisquer comentários que pudessem revelar sua experiência militar anterior. Admitir que fora um oficial em comando nas terras de Midkemia era o equivalente a pedir a pena capital. Mas, mesmo ignorando seu passado, Mara considerou as opiniões de Kevin; apesar de ser a mais impetuosa dos dois líderes das famílias encarregadas de patrulhar as fronteiras de Dustari, foi o Senhor Chipino quem evocou a necessidade de enfim recorrer a táticas agressivas. Ele apareceu na tenda dela logo depois do crepúsculo, levando consigo o cheiro de carvão em brasa e de nozes chal assadas que estivera dividindo com seu Líder de Ataques diante da fogueira.

— Chegaram notícias das companhias do deserto — começou a dizer sem se incomodar com as formalidades sociais. — Capturaram um comerciante nômade e acreditam ter uma pista. Pelo menos, sabemos onde é que as grandes caravanas do outro lado do deserto têm deixado lotes de cereais.

Mara estalou os dedos para que os criados preparassem tesh quente.

— Meus cho-ja dizem o mesmo, mas acrescentam que a areia tem cheiro de pegadas. — Àquela altura, todos haviam aprendido a confiar no fato de os insetos conseguirem cheirar vestígios dos óleos usados pelos nômades para curtir as sandálias de couro. — As caravanas não são um engodo enviado para nos despistar.

Ela apontou para sua mesa de areia, que, ao fim de quase dois anos, dominara todo o primeiro cômodo de sua tenda de comando. Durante a campanha, as montanhas foram niveladas e reconstruídas de um dos lados, para dar espaço a vastos e ondeantes vales de dunas do deserto que se estendiam para além da fronteira. A topografia fora concebida por um

velho sábio e estrábico, que recebeu somas exorbitantes para ficar longe de sua enorme família e de seu negócio em Ilama. Mas naquela mesa, paga com alfinetes com cabeça de contas, Mara sabia a posição de todos os seus soldados.

— Vamos comparar o que sabemos — sugeriu ao Senhor Chipino, no que se tornara recentemente um ritual noturno.

Mas, quebrando a rotina, ela e o Senhor iniciaram uma conferência que se prolongou noite adentro. Suas vozes subiram e baixaram de tom ao longo do planejamento, acima do gemido do vento que passava pelas arestas da tenda e ao redor do suspiro das correntes de ar que sacudiam as ligações da tenda e agitavam as brasas vermelhas nos castiçais de luz. O Senhor e a Senhora chegaram a um acordo sem discutir: assim que a manhã chegasse, convocariam outra companhia. Deixando duas companhias de tropas mistas para guardar a fronteira, viajariam com os demais membros do grupo para o deserto, onde se juntariam ao exército. Iria à frente uma patrulha mais rápida, com ordens de seguir as indicações mais recentes e localizar os principais depósitos secretos de provisões dos nômades.

— Quando chegarmos com as duas novas companhias — concluiu o Senhor Chipino —, teremos um exército de mil homens para efetuar nosso ataque. — Ele se levantou e as múltiplas sombras projetadas pelas luzes cho-ja caíram sobre os tapetes com padrões de fogo. — É melhor atacarmos com força do que ficarmos sentados como poetas nas alturas. Esperar o resto do ano é dar a esses nômades bárbaros mais honra do que a que lhes é devida.

Kevin passou a noite acordado no escuro. Escutou a respiração de Mara e o interminável gemido dos ventos, bem como o chicotear das cordas que prendiam a tenda. Seria um erro abandonar as montanhas com um exército; disso ele não tinha dúvidas. Mas a um escravo no Império não era atribuída honra e sua voz não seria ouvida. Mas, aonde fosse a Senhora dos Acoma, ele também iria. Amava-a demais para ficar para trás.

O enorme mastro central desabou e um vasto amontoado de lona ondeou lentamente até o chão. Kevin lançou-se impetuosamente, aos tropeções, sobre um monte de cordas emaranhadas e foi de encontro a Mara.

— Está desmontando a tenda de comando? — questionou ele, servindo-se de seu jeito desastrado como pretexto para abraçá-la.

Mara ergueu as sobrancelhas, com um ar reprovador.

— Claro que sim. — Isso soou como se carregar arcas com tapeçarias, tapetes, castiçais e braseiros para um deserto hostil e árido fosse uma conclusão óbvia. — Nós, os Acoma, não somos bárbaros. Não dormimos no chão como aldeões, a não ser que viajemos disfarçados. — Apontou para o enxame de servos empenhados em desmontar seus aposentos. — A tenda do Senhor Chipino é bem maior. Pela dimensão de nossos pavilhões, os nômades perceberão

que lidam com grandes famílias.

Kevin fez uma careta.

— E, ao verem o tamanho de suas tendas, vão fugir dos problemas como aves jiga?

Mara ergueu ainda mais as sobrancelhas.

— Eles não são civilizados.

— Quer dizer que, se fossem, fugiriam como jiga? — concluiu Kevin.

— Você tem o hábito de repetir o óbvio. — Mara afastou de repente as mãos dele, que a acariciavam de modo íntimo por debaixo de suas vestes finas. — Agora não, seu impaciente. Quando insisti para que ficasse comigo, não era para nos envolvermos em brincadeiras na cama à vista dos deuses e a céu aberto.

Kevin recuou, sorrindo.

— Os condutores de querdidra já reuniram as manadas. — Olhou para as crescentes pilhas de arcas, tapetes e almofadas. — Tem certeza de que há selas de transporte para todas estas coisas?

Mara mostrou uma expressão de desespero.

— Mais um comentário e coloco você para transportar coisas como se não passasse de um mero escravo carregador. É bem capaz de você acabar como eles, como castigo por essa insolência incurável.

Kevin curvou-se com uma deferência fingida e apressou-se a ajudar a colocar as rédeas nos insuportáveis e irascíveis animais de seis patas.

— Diabos, será uma sorte se este exército se puser em marcha antes do pôr do sol — resmungou ele quando ela já não o podia ouvir.

Na realidade, saíram ao meio-dia. O exército sob as ordens do Senhor Chipino e da Senhora Mara iniciou a marcha ao som de uma fanfarra de trombetas e dos estalos dos chicotes dos condutores de querdidra. As liteiras do Senhor e da Senhora seguiram no centro da coluna, rodeadas pela proteção de seus respectivos soldados. Com patrulhas cho-ja na dianteira e na retaguarda, e com uma guarda avançada de batedores, as colunas serpentearam pela descida desde as alturas na direção do intenso calor das terras planas, mais parecendo uma caravana de mercadores do que um exército.

O ritmo era intenso, apesar do calor implacável. Assim que as montanhas ficaram para trás, os guerreiros marcharam sobre as areias soltas e instáveis, com o avanço marcado por um crescente rastro de pó visível por quilômetros em todas as direções. Qualquer criança nômade saberia que uma poderosa força avançava em sua direção e o som era carregado pelo vento até bem longe. De qualquer modo, era impraticável manter o segredo, pois as dunas eram desprovidas de qualquer tipo de plantas ou abrigos.

Placas rochosas e áridas erguiam-se da areia, esculpidas pelo vento em formas fantásticas e cortadas por sulcos profundos e vazios que por vezes abrigavam cursos de água em suas profundezas escuras, quase como cavernas. Qualquer lugar daqueles poderia conter um

acampamento inimigo. As tribos deveriam estar observando o exército dos Acoma e dos Xacatecas, tentando decidir se deveriam ficar onde estavam para preparar uma emboscada ou escapar sob o abrigo da poeira e da noite, de modo a não serem encurraladas e mortas. A terra não era adequada para batalhas campais, concluiu Kevin. Superioridade numérica era a única garantia de vitória e ninguém seria capaz de adivinhar quantos clãs do deserto tinham se aliado na campanha contra o Império. Poderiam estar escondidos nas rochas em qualquer lado, ou poderiam se misturar com a paisagem, invisíveis, enquanto o exército marchasse até se exaurir à sua procura. Libertando-se da areia que entrara em suas sandálias, e sentindo bolhas se formando embaixo, Kevin praguejou. Se fosse um homem do deserto armado com facas compridas e flechas envenenadas, recorrer a uma tática provocadora diante de um grande exército só faria sentido se uma armadilha fosse montada de modo muito engenhoso e se a chegada do exército fosse aguardada para ativá-la. Tudo aquilo cheirava a um plano de longo prazo. No entanto, Mara continuava relutante em entender.

— As tribos do deserto não podem ser compradas — disse ela, sob as estrelas, quando enfim acamparam. O ambiente estava ainda quente demais e parado para que se retirassem para a tenda de comando, e o escravo e Mara sentaram-se em um tapete, bebendo vinho seco e comendo queijo de querdidra. — Há tribos demais e sua lealdade é dividida. A riqueza nada diz a um chefe se ele não conseguir carregá-la com suas tendas.

Kevin, em silêncio, deu razão a ela nesse ponto. Já observara os homens do deserto aprisionados tempo o suficiente para chegar à mesma conclusão. Podiam ser pequenos, mas eram tão ferozmente orgulhosos quanto os anões de sua terra natal e tão belicosos quanto uma serpente da areia: tinham tendência a morder primeiro, antes de se preocuparem com a sobrevivência. Eram filhos de uma terra dura, onde a morte lançava sombra sobre todos os homens. A maioria preferiria se lançar ao fogo em vez de trair a tribo; e seus chefes militares de clãs, pelo que Kevin entendera, lutavam e se matavam uns aos outros com a mesma facilidade com que pilhavam a fronteira tsurani.

— É melhor irmos dormir cedo — disse Mara, interrompendo os devaneios de seu bárbaro. — Temos de estar prontos para partir bem antes do amanhecer para que os criados possam desmontar meus aposentos.

Kevin sacudiu a areia de sua túnica e praguejou ao ver que ela contaminara os últimos goles de seu vinho.

— Podemos dormir aqui mesmo — sugeriu.

— Bárbaro! — A Senhora riu. — Se houvesse uma emergência, como meu Comandante das Forças Armadas me encontraria?

— Se um assassino tentasse se aproximar de você, isso poderia ser vantajoso. — Kevin ergueu-se e estendeu a mão para levá-la.

— Mostre-me um assassino capaz de passar pelas patrulhas de Lujan — replicou, recolhendo-se confortavelmente nos braços dele.

Isso era verdade, refletiu Kevin, mas nem por isso reconfortante. Se os nômades pretendessem enviar assassinos, já o teriam feito sem alertar todo o exército.

A marcha, na semana seguinte, levou-os até uma terra de planaltos rochosos e dunas coroadas por montes de pedregulhos. O exército sentiu dificuldade em avançar, obrigado a passar com dificuldade por areia funda numa serpenteante sucessão de estreitos vales. O lugar tinha o aspecto de um desfiladeiro, o que desagradou muito a Kevin, e até Lujan expressou suas dúvidas em voz alta. Mas mensageiros das tropas avançadas chegaram anunciando com animação que havia um depósito secreto, um dos grandes, assim como uma considerável força de homens do deserto acampada na placa calcária do outro lado das colinas. Mara e o Senhor dos Xacatecas dialogaram e decidiram avançar.

— Os cho-ja não se atolam nesta areia — explicou Mara a Kevin quando este levantou dúvidas quanto à decisão. — Eles são rápidos e ferozes e o calor não os deixa mais lentos. No deserto, uma companhia de cho-ja vale por duas de homens e, contra isso, o que podem fazer os bárbaros?

Não houve uma resposta imediata. O exército marchou até a noite cair sobre a terra e a lua acobreada e dourada de Kelewan se erguer e banhar as dunas com uma luz metálica. Mara recolheu-se ao conforto da tenda de comando, deleitando-se com a voz balsâmica de um músico, enquanto Kevin percorria o perímetro do campo e lutava com seus conflitos interiores. Amava a Senhora; ela estava em seu sangue e nada poderia mudar isso. Mas será que a amava o suficiente para colocar em risco a própria vida? O midkemiano continuou a caminhar enquanto ouvia as conversas e as piadas dos soldados. A língua poderia ser diferente, mas aqueles soldados, na iminência de um combate, não eram diferentes de seus antigos companheiros do Reino das Ilhas. Apesar da honra, os guerreiros de Mara jogavam dados, brincavam e se repreendiam uns aos outros; mas não mencionavam a morte e evitavam falar dos entes queridos deixados em casa ou na propriedade.

O amanhecer se impôs entre uma cortina de pó levantada pelas incansáveis brisas. Os criados já tinham pegado o jeito de desmontar as tendas; os querdidra tinham parado de cuspir e haviam se resignado a seus pesados fardos. Ou talvez estivessem com sede demais e fossem espertos o suficiente para não desperdiçarem fluidos, pensou Kevin enquanto libertava os grãos de areia que haviam se infiltrado entre os dentes, despejando água azeda de um frasco na boca. O exército não demoraria a se organizar em fileiras e marchar pelo desfiladeiro que serpenteava em meio à placa calcária.

Os nômades estavam lá amontoados, à espera, uma colcha de retalhos espalhada de talvez uns oitocentos guerreiros vestidos de um tom de marrom-claro, agrupados sob estandartes tribais tecidos em cores brilhantes e enfeitados com caudas curtidas de kurek, um animal

parecido com a raposa. Kevin os olhou e sentiu os braços se arrepiarem. Enquanto os guerreiros dos Acoma e dos Xacatecas formavam fileiras e aprontavam as armas, voltou a apertar os laços de sua armadura leve de estilo midkemiano e posicionou-se perto da liteira de Mara. Ali, Lujan, o Senhor dos Xacatecas, Mox'l, o Comandante das Forças Armadas dos cho-ja, e Envedi, que liderava o exército dos Xacatecas, faziam uma conferência. Iriam atacar aquela força de homens de tribos desajustados; era o que sua honra exigia, o desempenho do dever como guardiões da fronteira sul do Império. Kevin desejou que a tradição tsurani permitisse a um escravo o porte de armas, pois não tinha a menor dúvida de que aquele exército se preparava para um desastre.

— Liderarei minhas duas companhias até o vale e atacarei de frente! — exclamou o Senhor dos Xacatecas com sua voz grave. — Se os bárbaros romperem a frente e passarem por nós, sua companhia cho-ja poderá flanqueá-los, apanhá-los pela retaguarda e então dizimá-los. Se os homens do deserto não fugirem, então os Xacatecas enviarão uma grande oferenda a Turakamu.

Mara inclinou a cabeça.

— Seu desejo será cumprido — entooou formalmente.

Embora Lujan preferisse enviar uma companhia mista de guerreiros Acoma e Xacatecas, a vontade do Senhor Chipino prevalecera por uma questão de hierarquia social. Seus oficiais eram os mais experientes e Mara deixara bem claro que desejava aliança, e não rivalidade, entre sua casa e a dos Xacatecas. Discutir por causa de questões de honra relativas a guerra e protocolo não seria vantajoso para os Acoma.

O sol subiu marcando o meio-dia e as sombras se afundaram nas rochas. O exército do Senhor dos Xacatecas se organizou em posição de combate e se preparou para investir. Mara colocou observadores nos cumes das escarpas de ambos os lados e preparou mensageiros para levarem informações. O ar estava inerte, em absoluto silêncio; Kevin estava parado suando encostado ao ombro de Mara, quase desejando ouvir o ruído das carapaças quitinosas dos cho-ja afiando seus membros dianteiros em forma de lâmina, prontos para matar. De qualquer forma, rangia os dentes e esse som por si só justificaria o desconforto. Então soaram as trombetas e o Comandante das Forças Armadas dos Xacatecas ordenou o início do ataque. Em uma onda, os guerreiros de amarelo e púrpura começaram a correr na direção do vale. Kevin estremeceu sentindo uma horrível premonição. Suas entranhas se reviraram, pois sabia que estavam prestes a enfrentar uma tragédia.

— Minha Senhora — disse ele em voz rouca. — Minha Senhora, escute-me. Há algo que preciso desesperadamente lhe contar.

Mara, completamente concentrada observando o exército que descia corajoso rumo à placa calcária e às fileiras desordenadas de homens do deserto que os esperavam em meio a gritos agudos, mal se dignou olhá-lo.

— Isso fica para depois — disse de forma brusca. — Escutarei o que você tem a dizer

após a batalha.

Cilada

O exército atacou.

Em um esconderijo numa fenda nas rochas atrás das linhas dos homens do deserto, Tasaio passou a língua pelos dentes.

— Ótimo. Ótimo — murmurou em voz baixa. — Enfim temos o Senhor dos Xacatecas exatamente onde queríamos.

O Líder de Ataques ao seu lado se conteve para não coçar a pele sob a armadura.

— Já devemos atacar, Senhor?

Os olhos felinos e amarelos de Tasaio piscaram uma única vez.

— Você é louco — disse, sem alterar o tom de voz, embora o Líder de Ataques tenha se retraído. — Só vamos atacar quando o Senhor dos Xacatecas tiver enviado todas as suas tropas e quando estiver ocupado matando as pessoas das tribos.

O Líder de Ataques engoliu em seco.

— Senhor, não foi isso que disse aos chefes deles na reunião da noite passada.

Tasaio recostou-se, com os pelos cor de cobre escuro contrastando na maçã do rosto, em uma elegante barba por fazer, visível logo à frente da orelha, onde a tira do elmo impedira o crescimento.

— Claro que não — concordou, no mesmo tom aveludado. — As tribos dificilmente comprometeriam as vidas de seu povo numa batalha, aqueles pequenos covardes. — O Líder de Ataques dos Minwanabi franziu os lábios e não fez mais comentários. Tasaio riu, animado. — Você acha que agi sem honra?

— Ah... claro que não, Senhor — gaguejou às pressas o Líder de Ataques. Já havia escutado antes aquela gargalhada e aprendera a temer o que vinha depois dela.

— Claro que não! — disparou Tasaio, imitando, asquerosamente, seu oficial subalterno. — Os homens do deserto são bárbaros, sem honra, e uma promessa ao chefe deles é como palavras levadas pelo vento. Turakamu não vingará um povo que questiona sua verdade divina. Os homens do deserto são insetos sem alma, e mesmo uma terra como esta ficará mais limpa sem eles.

— É como diz, Senhor — respondeu o Líder de Ataques, subserviente.

Aquela bajulação enojava Tasaio. Virou-se para o lado e viu as recém-chegadas fileiras dos Xacatecas caírem sobre os homens do deserto pouco armados. Armas se entrecrocaram e ouviram-se gritos quando os primeiros que caíram derramaram sangue sobre a areia.

— Espere — disse Tasaio para tranquilizar o Líder de Ataques, que parecia agitado demais. — Atacaremos no momento certo. — Debruçou-se sobre a saliência de pedra, completamente à vontade, como se os sons de morte e dos combates fossem música para seus ouvidos.

O Líder de Ataques dos Minwanabi, com muito esforço, conseguiu ficar calmo. Se estava perturbado por ver seus aliados do deserto sendo sacrificados, golpeados e mortos, nada disse. Extremamente submisso a seu Senhor, observou, sem hesitar, os homens do deserto serem repelidos, uma e outra vez, deixando seus membros ensanguentados amontoados sobre a areia. Os soldados do Senhor dos Xacatecas eram meticolosos e eficientes, não demonstrando qualquer sinal de piedade. Tinham ficado presos durante anos num posto no fim do mundo com um clima cruel; haviam sofrido com as estocadas irritantes de mais de mil ataques furtivos. Suas espadas ceifariam vidas numa chacina sanguinária até que os homens do deserto sobreviventes desistissem e fugissem.

Minúsculo como uma boneca, o Senhor dos Xacatecas ergueu sua espada e seu Comandante das Forças Armadas ordenou às companhias que se reagrupassem e seguissem em frente. Pela honra do Império, e na esperança de que a agitação na fronteira pudesse ter terminado, seus guerreiros se reagruparam e avançaram.

Tasaio estreitou ligeiramente os olhos, avaliando a distância. Parecia que as forças Xacatecas tinham cruzado uma linha invisível traçada em sua mente; então dirigiu-se a seu suado oficial naquele tom de voz que desde o início permanecera inalterado:

— Agora, Chaktiri. Dê o sinal para que se inicie nossa ofensiva.

Na elevação sobranceira à placa calcária, Lujan meneou a cabeça em aprovação.

— Foram arrasados. Veja. — E acenou com uma mão para as fileiras de homens do deserto que se espalhavam, em fuga. — Os Xacatecas vão se reagrupar e iniciar a perseguição, sem precisarem da ajuda dos cho-ja.

Mara olhou para cima, de seu lugar na liteira, que estava no chão no alto de uma pequena colina. Afastou para o lado o tecido transparente que servia de véu para impedir que a poeira soprada pelo vento castigasse seu rosto.

— Parece desapontado.

Lujan encolheu os ombros.

— Que Comandante das Forças Armadas recém-promovido gostaria de ficar sentado com todo o conforto enquanto uma batalha está acontecendo? — Esboçou um sorriso irônico. — A

honra de minha Senhora é a minha. Aceito a sabedoria de sua escolha.

Mara também sorriu.

— Muito bem dito. E é também uma mentira perdoável. Prometo toda a ação que deseja quando abandonarmos este deserto, se ainda houver um natami para onde voltar.

Como se suas palavras fossem um presságio, o chamado de uma trombeta cortou o ar. Bem lá embaixo no vale, em ambos os lados da placa calcária onde as duas companhias dos Xacatecas perseguiram guerreiros tribais, uma onda sombria flanqueou as dunas. Lujan girou sobre os calcanhares, com sua boa vontade se dissipando e a mão apertando a espada.

Mara também se voltou, afastando seus véus com o movimento. Viu bandeiras tribais e, depois, fileira após fileira de vultos com estranhas armaduras e vestes do deserto avançando na direção das tropas do Senhor dos Xacatecas pelos flancos; quando as forças se reunissem, iriam cortar a possibilidade de retirada para as colinas, onde aguardavam as companhias de apoio de Mara. A Senhora, com um olhar treinado por Keyoke, começou imediatamente a fazer a contagem das falanges. Após um cálculo rápido, constatou que as forças do Senhor Chipino eram metade da força inimiga. E pior — seu coração saltou com o reconhecimento —, aqueles não eram homens do deserto. Todos os membros do exército eram muito altos; não havia nenhum pequeno bárbaro entre eles, o que só poderia significar uma coisa: não eram daquela terra, mas sim impostores, inimigos de dentro do Império envolvidos numa guerra para acabar com sua casa, apesar de se vestirem como bárbaros.

— Minwanabi! — gritou de repente. — Então era este o plano de Desio! — Levantou os olhos arregalados para seu Comandante das Forças Armadas e tentou ocultar o medo que se cravara em seu peito como uma faca. — Lujan, apronte nossas forças. Temos de atacar esse novo exército pela retaguarda ou os Xacatecas serão trucidados no campo de batalha.

Lujan curvou-se rapidamente, com os pulmões se enchendo de ar para dar a ordem de comando.

— Espere! — O grito de Kevin o interrompeu, com uma intensidade que exigia que lhe dessem ouvidos.

Mara ficou lívida.

— Kevin! — reagiu imediatamente quase sussurrando. — Você é presunçoso demais se acha que pode interferir entre dois aliados unidos por um juramento. É uma questão de honra o que está em jogo aqui. — Ela apontou com a cabeça para Lujan. — Prossiga, Comandante das Forças Armadas.

Kevin, que estava agachado, levantou-se de um pulo, com muita destreza para um homem de seu tamanho. Esticou a mão, agarrou o braço de Lujan e depois ficou paralisado quando a espada do Comandante das Forças Armadas saiu da bainha, voltou-se para baixo e se deteve, com um domínio absoluto, encostada nos ossos de seu pulso. Surgiu uma tênue linha vermelha no local onde a pele fora cortada sob a pressão da ponta.

— Parem! — ordenou Mara. Sua voz tremeu, como nunca acontecera, ou, ao menos, os

dois homens não se lembravam de tê-la visto assim antes. No vale, os gritos dos exércitos atingiram um crescendo e os sons dos escudos e das espadas se entrecrocando se juntaram ao ruído das forças Xacatecas se deslocando para aguentar o choque dos reforços inimigos.

O olhar sombrio de Mara saltava do Comandante das Forças Armadas para o escravo, e até seus lábios ficaram brancos.

— Você pode perder a cabeça por causa desta transgressão. — Sua expressão revelou que, como a honra de sua casa dependia da ajuda prestada aos Xacatecas, o que sentia por Kevin era irrelevante.

Kevin começou a afrouxar o aperto e depois corrigiu o gesto. Olhou para sua Senhora com um ar carrancudo que ela nunca vira antes. Seus olhos estavam arregalados demais, a boca tensa e a respiração rasa e acelerada.

— Tenho meus motivos.

Lujan ficou quieto como uma estátua, com sua espada praticamente encostada à pele do escravo, de onde escorria um fio de sangue.

— Fale então — autorizou Mara, seca. — E depressa, pois os soldados Xacatecas estão morrendo enquanto demoramos. — Ela não acrescentou que, se aquilo fosse apenas mais um dos caprichos de bárbaro, ele seria enforcado. Por mais que o amasse, o nome de seus antepassados nunca deveria ser colocado em desgraça.

Kevin engoliu em seco.

— Minha Senhora, se seus guerreiros forem ajudar os Xacatecas, todos morrerão numa armadilha.

O olhar dela não se alterou, mantendo-se fixo e inexpressivo.

— Minha Senhora, sei o que digo! — Kevin quase se viu gritando, mas se controlou. — Já me deparei com essa tática antes, em meu mundo. Havia uma pequena companhia de meu povo em uma clareira diante de uma cidade fortificada. Eles destroçaram os conquistadores locais e estavam avançando, mas quase sendo atacados pela retaguarda. A força que avançou impetuosa para prestar auxílio foi pega numa emboscada e foram todos, sem exceção, dizimados. — A postura de Mara permaneceu inalterada. Ainda assim, sacudiu o queixo na direção de Lujan, que, em silêncio, desencostou a espada. Kevin afrouxou o aperto nos dedos. Estavam trêmulos. — Minha Senhora, juro por minha vida, pare o ataque.

Ela continuou a avaliá-lo com o olhar.

— Você é um mero soldado. Como se atreve a me dar conselhos?

Kevin fechou os olhos, encolheu os ombros de seu modo habitual, descarado e brusco, e, interiormente, pareceu tomar uma decisão. Aparentemente pouco cuidadoso, e disfarçando o desespero que sentia dentro de si, colocou em palavras aquela que poderia ser sua sentença de morte.

— Em Midkemia, eu era um oficial. Comandava a guarnição de meu pai quando fui capturado. — Fez uma pausa. Mara nada disse. Ele percebeu que, contra o costume, ela lhe

concedia permissão para continuar a falar. Prosseguiu: — A Senhora disse que Tasaio dos Minwanabi era subcomandante das tropas do Senhor da Guerra do outro lado do Portal. Eu lutei contra ele e acredito piamente que o plano de batalha contra nós na placa calcária tem seu selo e assinatura.

Mara mexeu a mão, indicando que ele deveria se calar. Kevin ficou quieto. Procurou em sua expressão alguma pista que lhe permitisse avaliar como ela recebera seus comentários.

— Entenda — disse ela pouco depois — que, se você estiver errado, terei de enforcá-lo. Mas, mais do que isso, todos nós cairemos em desgraça, até mesmo meu jovem filho.

Kevin expeliu vigorosamente o ar.

— Não estou equivocado, Mara. — E a fitou de igual para igual.

Mara pareceu estremecer, como se tivessem lançado um feitiço sobre ela.

— Seria melhor morrermos defendendo o Senhor Chipino do que sobrevivermos refugiados na covardia.

Lujan assentiu sinistramente ao lado dela. Em desespero, Kevin esfregou o pequeno corte no pulso.

— Pode haver uma maneira de salvar nosso couro.

— Couro? — inquiriu Mara, confusa. — O que isso tem a ver com pele de animais?

— Quero dizer, uma maneira de virar o jogo contra os Minwanabi — apressou-se Kevin a explicar. O clamor da batalha na placa calcária estava se aproximando cada vez mais, enquanto os Xacatecas sofriam baixas e os homens do deserto sobreviventes fugiam, seguidos de pequenas nuvens de pó, pelas dunas mais distantes. — Se eu não estiver enganado, Tasaio tem outro exército escondido nas colinas. Ele vai esperar que ataquemos na placa calcária; suas tropas de reserva estão aguardando escondidas para nos pegar pela retaguarda. Então as companhias destinadas a enfrentar os Xacatecas irão se dividir em duas forças. — Uniu as mãos para demonstrar a ideia. — Uma companhia manterá os Xacatecas em seu lugar, enquanto a outra contra-ataca a nossa força. Suas companhias seriam cercadas e aniquiladas e o mesmo aconteceria com as tropas dos Xacatecas em seguida.

— E qual é sua ideia? — questionou, com urgência, Lujan.

Kevin ergueu as sobrancelhas.

— Proponho que enviemos uma pequena companhia para ajudar o Senhor Chipino e que enviemos o resto de nossas tropas de volta pelo vale que atravessamos. Depois, enviamos uma companhia veloz com os cho-ja, para cercar as colinas onde as tropas de Tasaio estão escondidas, obrigando-as a sair em campo aberto, por cima das colinas e na direção da companhia que está no vale. Nossas companhias terão a vantagem da altura. Com sorte, nossos arqueiros poderão derrubar um terço deles antes de atingirem em cheio nossas linhas centrais. Enfrentaremos uma batalha no vale, mas teremos chance de vencer, com todos os nossos inimigos cercados. Poderíamos conduzi-los na direção das lanças dos Xacatecas.

Lujan rodou a espada, limpando com destreza os vestígios de sangue que manchavam a

ponta. Sua voz denotou descontentamento com o plano arrojado de Kevin.

— São ideias sonhadoras. Apenas os cho-ja podem se deslocar com rapidez suficiente para efetuar a manobra que descreveu, e uma companhia deles não bastará para cercar este conjunto de colinas.

— Temos de tentar — interrompeu Mara — ou seremos pegos nessa cilada dos Minwanabi e quebraremos a confiança do Senhor dos Xacatecas.

— Não — corrigiu Kevin.

Então olhou para o declive onde os cho-ja aguardavam, quietos como estátuas em suas posições. Imaginou por um momento se aquelas criaturas tinham um senso de honra volátil, mas depois achou que isso era improvável. Mara e todos os seus seguidores seriam derrubados ali onde estavam se os Minwanabi tivessem a oportunidade de concluir seu ataque, como planejado. Isso para não mencionar o fato de que ele, Kevin de Zun, seria desgraçadamente enforcado se estivesse enganado. Com um suspiro fatalista que quase pareceu uma risada, o midkemiano inspirou de novo e descreveu seus objetivos a Mara e ao Comandante das Forças Armadas.

Tasaio reprimiu um desejo indignado de bater com o punho nas pedras.

— Maldita seja ela, por que aquela vadia não ordena às tropas que ataquem? O pai e o irmão não eram covardes. *Por que ela hesita?*

Na placa calcária, em brasa sob o sol impiedoso do meio-dia, as forças Xacatecas recuaram em um anel defensivo fechado formado pelos escudos. Presos naquele local e cercados por guerreiros inimigos, nada mais poderiam fazer além de cerrar fileiras e sofrer baixas até que Mara enviasse tropas em auxílio para salvá-los. A bandeira preta e amarela de Tasaio era exibida teimosamente por entre a pressão dos defensores, de vez em quando obscurecida pela poeira levantada na batalha. Tasaio passou os olhos pela placa calcária, cheia de corpos inertes e encharcados de sangue dos homens das tribos e de armaduras amarelas e púrpura dos tsurani abatidos. Ele olhou, até sentir os olhos arderem, para o baixo conjunto de colinas atrás, tentando ver o movimento das tropas Acoma ainda paradas.

— Por que ela não avança? — exclamou Tasaio com impaciência. — Os aliados dela correm perigo de vida e toda a honra de sua família está ameaçada.

Na placa calcária, imobilizado pelo inimigo, o Senhor Chipino deveria estar pensando a mesma coisa. O chamado de uma trombeta ergueu-se da companhia sitiada na planície, pedindo ajuda urgente. Em resposta, um quadrado pequeno e denso irrompeu do alto das colinas e avançou na direção da batalha que fazia o pó das terras baixas subir.

— Parece apenas meia companhia — comentou o Líder de Ataques dos Minwanabi, tentando ser útil.

— Estou vendo. — Tasaio afagou o punho de sua arma, reprimiu um impulso caprichoso de andar de um lado para outro e, em vez disso, pegou elmo simples e sem plumas que escolhera para sua campanha no deserto. — Preciso de uma posição mais estratégica. — Apertou as fivelas com firmeza. — E quero mensageiros! Temos de enviar mensagens às companhias escondidas atrás da colina, para informá-los de que a batalha não está correndo como o planejado.

— Sim, Senhor. — O Líder de Ataques partiu apressado, desajeitado diante da fúria de Tasaio. No entanto, a irritação de seu superior não era sinônimo de desânimo. As batalhas nem sempre corriam como esperado; o melhor estrategista conseguia transformar adversidades em vantagens.

Lujan colocou a mão trêmula na carapaça escorregadia e coriácea do cho-ja. Resistiu ao impulso de perguntar outra vez ao Líder de Ataques insetoide se não se importava de carregar um passageiro humano. A criatura e suas semelhantes tinham concordado com o bizarro pedido de Kevin e questionar outra vez seria o mesmo que duvidar da honra dos cho-ja.

— Mox'l, avise se eu estiver incomodando — disse o Líder de Ataques dos Acoma em um meio-termo.

Mox'l virou sua cabeça preta encouraçada com os olhos perdidos na sombra sob seu elmo emplumado.

— Tenho força suficiente para cumprir esse objetivo — entoou. — Talvez deva me agachar mais para que seja mais fácil montar, não?

Lujan retraiu-se intimamente.

— Não — apressou-se a dizer. — Isso não é necessário.

Decidiu que preferiria rasgar as calças a permitir que o oficial cho-ja agisse de modo minimamente servil. Enquanto procurava ali perto uma pedra que pudesse ajudá-lo a montar, tentou imaginar se os guerreiros humanos de sua companhia acatariam tão amavelmente aquele pedido estranho, mas necessário, caso os papéis fossem invertidos. Talvez Kevin tivesse razão quando alegava que o conceito de honra dos tsurani era restritivo. Depois, enquanto apalpava desajeitado para encontrar um ponto de apoio na carapaça macia e quitinosa de sua montaria, Lujan afastou esses pensamentos ímpios. Era doentio pensar em blasfêmias com uma batalha pela frente. Se os Acoma haviam atraído a ira dos deuses, logo descobriria.

Sentindo uma ansiedade que, por sua honra, nunca deveria ser confessada, Lujan agarrou-se ao cho-ja pela parte posterior do pescoço e passou a perna por cima de sua cintura circular e levemente espinhosa. Saltou e arrastou-se com uma perna para cada lado. O triplo conjunto de patas da criatura abaixou e recuperou a altura para compensar seu peso; e, ao redor dele, a companhia de guerreiros humanos ficou ao lado do mesmo número de cho-ja, imitando seu

corajoso líder e montando. Se acharam seus postos escorregadios ou desconfortáveis, não reclamaram.

— Como está se sentindo, Mox'l? — questionou Lujan.

A voz do cho-ja soou estranha vinda de um ponto à frente e abaixo dele. As criaturas normalmente caminhavam eretas quando estavam diante dos humanos, recorrendo às seis patas apenas quando precisavam correr.

— É muito amável por me perguntar, Comandante das Forças Armadas, mas me sinto bem. Em vez disso, peço que tome cuidado com sua perna, para que minha mão laminada anterior mais baixa não o machuque quando eu estiver correndo.

Lujan olhou para baixo e verificou que, efetivamente, seus tornozelos e canelas ficariam em risco de ser decepados quando o cho-ja acelerasse a corrida.

— Permita-me uma sugestão — prosseguiu educadamente Mox'l. — Firme seu joelho atrás da saliência lateral de minha carapaça. A protuberância pode servir de apoio.

— É uma sugestão muito amável, pela qual agradeço.

Deslizou sua perna para baixo e descobriu que o ponto mencionado por Mox'l servia mesmo de apoio. Depois, sem sucesso, procurou no topo da carapaça do insetoide algum lugar onde se agarrar. Seu esforço levou Mox'l a rir baixinho. A criatura inclinou a cabeça e conseguiu virar o rosto para vê-lo de uma maneira que nenhum humano conseguiria imitar.

— Comandante das Forças Armadas, meu corpo não é mole como o seu. Pode se segurar sem problemas na articulação de minha garganta. Minha traqueia está bem protegida pelo meu exoesqueleto, sua mão não vai machucá-la.

Ainda cauteloso, Lujan fez como ele sugerira. Assim que os dedos encontraram seu lugar, Mox'l olhou para a frente.

— Estamos prontos, Comandante das Forças Armadas. Está na hora de nos apressarmos.

Logo o cho-ja avançou com a impressionante velocidade característica de sua raça. Praticamente arrancado de onde se empoleirara, Lujan agarrou-se ainda mais e teve dificuldade em se equilibrar. Ao redor, com uma precisão quase mecânica e sem uma única ordem, a companhia de cho-ja formou fileiras. Depois, talvez tendo acabado de perceber o frágil equilíbrio de seu cavaleiro, Mox'l se deteve e conteve a companhia, à espera de uma ordem de Lujan. O Comandante das Forças Armadas dos Acoma ergueu o braço para sinalizar que podiam partir. Em seguida, ouviu uma voz vinda das margens:

— Não faça tanta força com as pernas ou com certeza vai cair de bunda!

Lujan virou a cabeça e deparou com o escravo bárbaro de sua Senhora sorrindo de orelha a orelha. O Comandante das Forças Armadas pensou em responder, mas entendeu que seria mais digno ignorar a provocação. Kevin era um mestre em grosseria, mas não conseguia entender um insulto sutil. Então, tarde demais, Lujan se lembrou de que em Midkemia os bárbaros, segundo diziam, cavalgavam sobre enormes animais em batalha; o aviso talvez fosse válido e oferecido com sinceridade.

— Vá cuidar da segurança de minha Senhora — respondeu o Comandante das Forças Armadas dos Acoma. E depois acenou para as fileiras que o rodeavam e os cho-ja se lançaram para diante correndo.

Suas patas compridas e com várias articulações se ajustaram ao terreno irregular com uma agilidade inumana. O calor não os incomodava. A marcha fazia os cavaleiros irem para trás e para a frente sobre suas montarias, mas andavam rápido e em linha reta. Os cavaleiros não sentiam o solavanco de cada pata que batia no solo. Lujan se divertiu mais do que imaginara com a sensação de velocidade; sentiu o vento balançar suas plumas de oficial e as correias, fazendo estalar seu cabelo solto contra o rosto. Seu coração acelerou diante da emoção do desconhecido e, antes de perceber sua falta de modos, sorria como um menino. Sua infantilidade logo passou quando Mox'l alcançou a orla do planalto e investiu com cuidado por uma garganta rochosa em direção às terras baixas na parte de trás das colinas. Lujan dominou a ansiedade. O ritmo do cho-ja era vertiginoso, rápido demais para poder ser acompanhado por reações humanas.

Os soldados Acoma se seguraram, temendo por suas vidas e seus membros. O chão passava muito depressa. Mox'l e seus guerreiros saltavam sobre sulcos e seixos espalhados. Volta e meia, um apêndice com pinça provocava a queda de algumas pedras soltas. Os cavaleiros humanos fecharam firmemente os olhos e pensaram no que viria, antecipando a batalha com o inimigo. Enfrentar a morte pela espada parecia menos arriscado do que aquela investida impetuosa no dorso dos cho-ja. Pela graça dos deuses, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma nada mais podia fazer além de se agarrar e esperar que sua companhia sobrevivesse à cavalgada sem quebrar os pescoços.

A terra nivelou-se em planícies de areia. Se Mox'l estava cansado com o fardo que carregava, não demonstrou nenhum dos sinais que eram visíveis aos humanos. Seu corpo quitinoso não transpirava e seus flancos encouraçados não se moviam no ritmo de uma respiração ofegante. Lujan descolou seus olhos úmidos e espiou ambos os lados. Seus companheiros guerreiros ainda acompanhavam o ritmo, embora não fossem poucos os que pareciam pálidos e rígidos. Pediu coragem a seus comandados e depois olhou para a frente, para verificar o progresso da marcha, sendo chicoteado pelo vento.

Os cho-ja os transportaram por mais de dez quilômetros em uma fração do tempo que uma companhia de humanos teria demorado. Revelaram-se ainda mais rápidos na planície, onde suas patas velozes e com pinças levantavam apenas pequenas nuvens de pó. Ao longe, Lujan vislumbrou uma figura solitária. Confiante, até entusiasmado, debruçou-se e apontou para além do olho multifacetado de Mox'l. Sem diminuir o ritmo, o Comandante das Forças Armadas dos cho-ja assentiu.

— Um mensageiro do inimigo está na nossa frente — explicou, graças ao fato de possuir uma visão melhor que a do humano. — Temos de pegá-lo ou fracassaremos.

Lujan abriu a boca para responder, mas teve um momento de inspiração.

— Não — decidiu. — Deixe que o homem corra aterrorizado e chegue ileso a seus comandantes. Seguiremos em seus calcanhares e permitiremos que o medo dele enfraqueça o ânimo de nossos inimigos.

— Um humano conhece melhor outros humanos — recitou Mox'l, recorrendo a um provérbio da colmeia. — Faremos como achar melhor, pela honra de sua Senhora e de nossa rainha.

A corrida terminou na base das colinas, diante de uma cadeia de grutas que abriam pequenas bocas nos declives em frente ao vale por onde os exércitos aliados dos Acoma e dos Xacatecas tinham marchado na véspera. Lujan avistou o mensageiro correndo na direção das sombras e depois foi possível perceber uma agitação quando guerreiros altos demais para serem nativos do deserto emergiram do esconderijo, apertando rapidamente seus elmos. Não tinham armaduras completas, pois esperavam escalar as colinas e depois marchar sobre as tropas de Mara através dos pequenos montes acima da placa calcária. Pegos de surpresa, alinharam-se desordenadamente em fileiras, gritando aos outros para que se apressassem e pegando suas espadas.

Lujan e sua força de ataque montada correram até ficarem no limite do alcance dos arcos. De repente, os cho-ja pararam. Guerreiros humanos desmontaram de companheiros insetoides e as companhias se espalharam em linhas de combate e atacaram. A manobra não poderia ter sido mais uniforme, nem mesmo se a tivessem ensaiado; a preocupação impediu que os Acoma fossem imprudentes. Não imaginavam a quantidade de inimigos que poderiam ter de enfrentar. Conscientes de seus companheiros, até mesmo os guerreiros de sangue mais quente se mantiveram em suas posições conforme corriam em direção às fileiras inimigas, dando gritos de guerra.

Atacaram e o conflito se instaurou. Talvez em número inferior, mas ultrajados com a armadilha que fora montada para desonrar sua Senhora, os Acoma lutaram inspirados. Tinham feito o impossível, percorrendo quilômetros de deserto hostil nas costas de cho-ja; seus músculos estavam descansados, e os corpos, carregados de adrenalina para ousarem o inimaginável. O perigo diante do desconhecido fora substituído pelo ritmo familiar de estocadas, defesas e ataques quando os guerreiros de Mara vestidos de verde se lançaram com determinação sobre o inimigo. Desprovidos de tais emoções, mas criados precisamente para matar, os cho-ja dizimaram as fileiras antes ocultas dos Minwanabi. Membros anteriores quitinosos com pontas afiadas racharam escudos e ossos dos pulsos como se fossem lâminas de açougueiros, enquanto membros posteriores com garras e membros centrais davam estocadas, liquidando os feridos caídos que se esforçavam para cravar espadas em seus macios abdomens segmentados.

Lujan se esquivou de uma lança inimiga e despedaçou a mão de um oponente; em seguida deu um golpe fatal no pescoço dele. Pisou no corpo, indiferente ao sangue que jorrava, e lançou-se ao homem mais próximo. Em volta, viu seus companheiros fazendo o mesmo. Os Minwanabi estavam ofuscados pela claridade e piscavam ao se exporem de repente à luz do sol, lançados em pleno combate para se defenderem de um ataque completamente inesperado. Os Acoma se deram muito bem nos primeiros minutos da luta. Restava saber se iriam conseguir prevalecer e manter a vantagem quando passasse o efeito surpresa e o inimigo respondesse à altura. Espetando, esquivando-se e estocando enquanto avançava com uma inspiração quase insana, Lujan não perdeu tempo pensando. Outrora fora um guerreiro cinzento e não desejava voltar a ter tal destino. Preferia a morte a deixar que sua Senhora fosse desonrada. Estava ocupado demais lutando e se mantendo vivo para ficar pensando se a outra companhia mista de cho-ja e de Acoma sob as ordens de seu Primeiro Líder de Ataques tinha tido sucesso na extremidade mais longínqua das colinas no outro lado do vale. Também não parou para pensar que, se as patrulhas enviadas para percorrer pela retaguarda a trilha da véspera não se posicionassem, Mara ficaria indefesa, pronta para ser sacrificada, sozinha na encosta da colina com sua guarda de honra de doze homens.

Na placa calcária, o sol mostrou-se impiedoso no auge do meio-dia. A força simbólica dos Acoma enviada para ajudar os Xacatecas não alterou significativamente o rumo das coisas, servindo apenas para afastar alguns dos atacantes para longe do anel defensivo do Senhor Chipino. As forças Acoma não demoraram a ficar tão sitiadas quanto seus aliados, mas com uma diferença: sua resistência tinha um objetivo. Amontoadas num canto, pareciam combater desesperadamente na defensiva, como os Xacatecas; só que, pouco a pouco, avançavam em direção a seus aliados.

Tasaio não era do tipo que deixaria escapar tais detalhes e reparou no que se passava. Fechou a cara. Começava a ficar incomodado com o fato de seu exército ter mais perdas do que o estritamente necessário apenas para conquistar um pedaço de terreno insignificante. Poderia dizer que Mara fora uma covarde por enviar uma força tão pequena, mas era sensato demais e percebeu que deveria haver outro propósito, além do medo, motivando as ações dela. As suspeitas se confirmaram pouco depois quando um arqueiro, do centro do escudo defensivo de Mara, disparou uma flecha de alerta num arco elevado. Tasaio praguejou com raiva quando a flecha atingiu seu auge, apontou para baixo e aterrisou, implacavelmente, no meio das tropas Xacatecas.

— Suponho que ela esteja passando uma mensagem — comentou, preocupado, o Líder de Ataques.

— Sem dúvida — resmungou Tasaio. Sua conspiração dera errado, estava certo disso.

Havia uma nuvem de poeira se elevando do outro lado do cume na extremidade da crosta calcária, indicando que outra batalha acontecia. Suas tropas escondidas tinham, certamente, sido descobertas, o que explicava muitas coisas, e nenhuma delas era boa. — Rápido, temos de chamar metade das tropas que estão cercando o Senhor Chipino — concluiu Tasaio. — Nossa melhor chance agora é atacar a posição de comando de Mara e esperar que ela tenha deslocado a maior parte dos soldados para outro ponto qualquer. Se fez isso, temos boas chances de subjugar a guarda de honra e matá-la. Se formos rápidos, o Senhor Chipino e aquela ridícula companhia enviada para nos distrair não terão a mínima chance de se libertar.

O Líder de Ataques saiu correndo para fazer soar as trombetas adequadas e Tasaio, com os olhos semicerrados, ergueu-se de sua posição e verificou o cinto de sua espada. Com um firme meneio de cabeça na direção de seu ajudante de campo, que sempre o acompanhava, saiu a passos largos para se juntar aos guerreiros. Dessa vez, nada poderia dar errado, jurou ele a Turakamu, o Vermelho. Contra qualquer eventualidade, e mesmo que pagasse com sua vida, o primo do Senhor Desio lideraria pessoalmente a investida contra a garganta onde Mara se refugiara.

— Você não vai sair daí, cadela. Vou enviar assassinos atrás de você. — E, dito isso, Tasaio desembainhou a espada e assumiu o lugar à frente dos guerreiros convocados por seu Líder de Ataques.

O batedor fez uma reverência diante de Tasaio.

— Suas suspeitas se confirmaram, Senhor. Mara enviou suas companhias ao redor das colinas para atacar nossas forças escondidas. Ela conta apenas com sua guarda de honra, que está ao lado de sua liteira.

— Então ela já é nossa. — Tomado por grande confiança e satisfação, Tasaio dispensou metade dos guerreiros que convocara da batalha na placa calcária. — Voltem para apoiar nossos companheiros contra os Acoma e o Senhor dos Xacatecas. Uma patrulha deve ser mais do que suficiente para assegurar a morte da cadela dos Acoma.

Acenou e a patrulha avançou. Tasaio os liderou pelo declive em direção ao vale entre os dois pequenos montes onde Mara e sua guarda de honra se encontravam posicionadas. Ele não se esforçou para se esconder; na realidade, seria um prazer se a presa tremesse de medo diante dele. Se a Senhora entrasse em desespero, levaria para casa, para seu primo e Senhor, uma bela história sobre a vergonha de Mara. Iria apreciar demais vê-la se contorcendo à sua frente.

Os guerreiros subiram a elevação. Tasaio teve tempo para reparar que as cortinas da liteira de Mara estavam fechadas; ao longe, ela não passava de uma silhueta de sombra por trás das camadas de seda transparente. Com os olhos apertados para conter o brilho do sol,

Tasaio percebeu também que o guarda de honra que estava de vigilância era excepcionalmente alto e tinha o cabelo ruivo. Suas grevas eram curtas demais para as compridas canelas. O elmo sobre o cabelo despenteado estava desapertado, devido ao calor. Assim que avistou as fileiras dos Minwanabi avançando, arregalou olhos estranhos e profundamente azuis. Então, para grande surpresa de Tasaio, o guarda ruivo, que deveria pertencer à nata dos melhores guerreiros de Mara, se assustou. Afastou as cortinas de tecido fino e choramingou:

— Minha Senhora, o inimigo se aproxima!

Apreciando deliciado o momento, Tasaio sinalizou para que atacassem. Ao seu redor, os guerreiros se inclinaram para avançar a toda a velocidade. Com uma estranha expressão no rosto, o guarda dos Acoma pegou sua lança. Depois, pareceu pensar melhor no assunto; quando seus inimigos ficaram ao alcance de uma flecha, deixou cair ruidosamente a arma, girou sobre os calcanhares e correu. Tasaio começou a rir.

— Peguem a cadela! — gritou, acenando para que seus guerreiros avançassem.

A patrulha de ataque acelerou ainda mais o passo rumo ao abate, com as sandálias espalhando pedras conforme avançavam. Tasaio, na liderança, soltou um berro ululante, um misto de grito de guerra e de hino ao Deus Vermelho. Lançou-se sobre a liteira envernizada de verde, afastou as cortinas de seda para o lado e cravou a espada no vestido de seda que estava no interior. Uma nuvem de penas de jiga explodiu para fora vinda da almofada empalada pela lâmina. Preso entre a fúria e o instinto, Tasaio deu uma nova estocada. A seda se rasgou e mais uma almofada estripada lançou seu conteúdo no ar.

Tasaio inspirou profundamente e praguejou bem alto. Furioso, esqueceu o decoro e lançou um terceiro golpe numa explosão de pura irritação. No interior da liteira havia apenas almofadas, envoltas numa elegante túnica feminina. O guarda de honra, o ruivo, fora sem dúvida um escravo colocado como chamariz, e aquela liteira, um stratagema e uma armadilha. Tasaio pensou rápido, apesar da raiva. Naquele exato momento, escondida nas rochas próximas, Mara certamente ria às suas custas. Tasaio vasculhou os pequenos montes ali perto à procura de pistas de aonde poderia enviar seus guerreiros humilhados, agora tão envergonhados e irados quanto ele. Perseguir o escravo em fuga era óbvio demais; Mara certamente seria mais esperta do que...

Então as flechas começaram a cair.

O homem que estava ao lado de Tasaio foi atingido imediatamente acima da proteção que tinha sobre a face. Caiu, com a mão no rosto. Tasaio viu outros guerreiros cambaleando, saindo das fileiras, e ele próprio teve a armadura atingida por uma flecha, que perfurou profundamente as camadas de couro antes de ricocheteiar, deixando-o ileso. Sua reação instintiva como comandante foi ordenar a retirada preventiva imediata. Seus guerreiros eram homens experientes; reagiram rápido, como seria de esperar de uma elite bem treinada, e se retiraram de forma organizada para o abrigo das rochas e afloramentos. No mesmo instante Tasaio começou a seguir o rastro dos voos das flechas para preparar um contra-ataque e

eliminar os arqueiros dos Acoma.

Mas o ruído de pedras soltas soou no cume que ele pouco antes escalara. Distraído com aquela perturbação, Tasaio virou-se e viu o reflexo do elmo emplumado de um oficial Acoma atrás de uma fenda na rocha. Então viu outras figuras com armaduras verdes, acompanhadas pelo inconfundível silvo de lâminas sendo desembainhadas. Depois ouviu uma voz ordenando às fileiras que se fechassem para o ataque.

— Estão tentando nos encurralar — disse prontamente o Líder de Patrulha dos Minwanabi.

— Isso é impossível! — vociferou Tasaio. Não havia como Mara ter movimentado soldados tão rápido para flanquear Tasaio e atacar sua retaguarda.

O Líder de Patrulha, mais prudente em relação a seu superior do que o Líder de Ataques, nada disse, limitando-se a aguardar ordens.

— Cho-ja — disse abruptamente Tasaio. — Ela deve ter mantido alguns de reserva.

Eles conseguiam se mover rápido o bastante naquele tipo de terreno; contudo, as vozes e os ruídos vindos de trás eram nitidamente humanos. Tasaio hesitou apenas por um momento. Não poderia se arriscar a errar; se Mara o atraísse até ali, com certeza tinha como impedir sua retirada para aniquilá-lo e a seus homens. E isso seria um desastre para seu Senhor.

Seu rosto seria reconhecido, se não por ela, pelo Senhor dos Xacatecas. Tornara-se bastante famoso na Facção Bélica para passar despercebido. A existência do corpo de um primo tão importante da Casa dos Minwanabi seria uma prova sólida de traição. Pois, apesar de aquele incidente ter ocorrido fora das fronteiras do Império, uma aliança com os homens do deserto implicava o apoio de inimigos do Imperador. Embora Tasaio, pessoalmente, desejasse, ou até ansiasse, por dar sua vida para enviar Mara a Turakamu, não se atreveria a fazê-lo de um modo que comprometesse a honra de seus antepassados. Não, Mara o encurralara. Só lhe restava uma alternativa, embora isso o repugnasse.

— Vamos bater em retirada — gritou seco. — Recuem de forma organizada, mas rápido. Não devemos permitir que o inimigo vença.

Os guerreiros obedeceram sem questionar, abandonando a segurança do abrigo. Escaparam em zigue-zagues e foram atingidos por nova investida dos arqueiros dos Acoma ao se retirarem em direção à placa calcária. Seus rostos se mostravam inexpressivos, como verdadeiros guerreiros. O próprio Tasaio não revelava suas emoções, mas cada passo que dava em retirada queimava seus pés. *Nunca* até então fora obrigado a fugir de um campo de batalha. A desonra o atingiu como uma dor física. Até então, encarara Mara como uma inimiga de sua casa e de seu povo. Mas, a partir daquele momento, o ódio se tornara pessoal. A Senhora dos Acoma pagaria caro, no futuro, por aquela vergonha, embora fossem seus o erro estratégico, a impaciência excessiva e a sede de sangue. Iria persegui-la, assim como a todos os seus, até seu último suspiro.

Flechas quicavam à sua volta, ritmadas com os resmungos reprimidos dos guerreiros que

caíam mortos. Tasaio jurou enquanto corria que orquestraria friamente a queda de Mara, cada trama planejada e executada com frieza implacável até que aquele insulto fosse vingado.

Um dos homens caídos era seu criado pessoal. Consciente de que o homem já não corria ao seu lado, Tasaio voltou a praguejar. Teria de treinar outro, e isso seria um desperdício, já que muitos candidatos morriam antes de terem o reflexo rápido o bastante para agradá-lo. Aqui estava mais uma conta pessoal para saldar, mais uma razão para que Mara se esvaísse em sangue. Absorto em seu ódio, Tasaio percorreu a placa calcária sem olhar uma única vez para trás. Por isso não percebeu, até chegar à segurança da meia companhia que, ousada e prematuramente dispensara, que ele e seus homens tinham sido derrotados por um punhado de cho-ja e soldados que os fizeram acreditar que estavam cercados. Na verdade, carregavam apenas alguns elmos enfiados em varas e peças de armaduras arrastadas por cordas pela areia para fazer barulho e levantar muita poeira. O Líder de Ataques apontou esse fato com dificuldade e, apesar de seu rosto humilhado, sem a menor sombra de sarcasmo, Tasaio ficou completamente furioso.

— Cale aquele homem — ordenou a seu Líder de Patrulha. — Corte a garganta dele e pegue suas plumas. Você acaba de ser promovido ao lugar dele.

O Líder de Patrulha dirigiu uma reverência a seu superior. Não demonstrou se estava perturbado quando desembainhou a espada para seguir as ordens. Tasaio lançou um olhar furioso na direção do cume onde Mara e seu guarda de honra deveriam estar escondidos, provavelmente comemorando sua derrota. O fato de haver cercado os Xacatecas e de ter todos os outros à sua mercê não serviu para diminuir o fracasso. Tasaio não prestou a mínima atenção a seu Líder de Ataques quando este foi abatido logo atrás. Como se o homem não estivesse ali gorgolejando suas últimas golfadas de ar, o primo de Desio focou sua atenção em salvar o que fosse possível daquela tarde, ordenando um novo assalto contra o Senhor Chipino e a isolada meia companhia dos Acoma que a Senhora enviara em sacrifício. Se não conseguira chegar a Mara, pelo menos iria assegurar que sua honra pereceria com seu aliado.

No entanto, enquanto o sol cruzava o céu e descia sobre a camada de pó visível no horizonte, os guerreiros do Senhor Chipino aguentavam sem ceder. Muitos deles jaziam mortos, mas os sobreviventes não baixavam a guarda. Tasaio ficou ainda mais mal-humorado quando um mensageiro, exausto, avisou que os guerreiros atrás da colina a oeste tinham sido atacados e dizimados pelos Acoma. A colina a leste talvez estivesse segurando suas posições, mas nenhum mensageiro confirmara isso. Tasaio enviara batedores para verificar, mas nenhum deles retornara.

— Malditos sejam os cho-ja da Senhora — disse o mensageiro. — Sem eles, nunca teria triunfado.

— Explique o que quer dizer — exigiu Tasaio, irritado, mas em seguida viu com os próprios olhos quando a companhia de guerreiros saiu correndo do vale entre os pequenos montes para ir em defesa dos Xacatecas. Chegaram com uma velocidade impensável,

montados nos dorsos de seus aliados cho-ja. Quando chegaram à orla da batalha, desmontaram, reuniram fileiras e avançaram furiosamente sobre suas tropas.

Os guerreiros de Tasaio haviam lutado o dia todo sob o sol impiedoso na placa calcária. Tinham perdido todo o vigor e não dispunham de mais forças para enfrentar aquela nova e inesperada ameaça. Por outro lado, os soldados do Senhor dos Xacatecas se revigoraram com a presença de seus salvadores e rechaçaram os soldados de Tasaio, incentivados por uma esperança redobrada. Os Minwanabi não conseguiram segurá-los e mais uma vez Tasaio foi forçado a ordenar a retirada. Resmungava entre dentes cerrados, pálido por se sentir enojado com a vergonha. Seu golpe em Dustari estava arruinado, um perfeito fracasso, e tudo porque fora estrategicamente derrotado em campo, algo que nunca acontecera em Kelewan nem na campanha do Senhor da Guerra contra os midkemianos.

O sabor da derrota era algo novo e amargo demais. Tasaio inspecionou a retirada de seu exército, ou o que restava dele; seu estômago ficou embrulhado ao constatar que destruíra todas as chances que tinha de revidar. Não poderia permanecer no deserto para organizar um segundo ataque. Os homens das tribos que enviara para montar a armadilha não esqueceriam sua traição. As tribos iriam se unir contra ele agora, e seus chefes talvez estivessem furiosos o bastante para jurar uma vingança de sangue. Embora Tasaio encarasse com desprezo as tradições tribais e não temesse nem um pouco a retaliação dos homens do deserto sobre sua casa, não poderia deixar de lado a hipótese de tentarem se vingar. No caminho de Banganok até os navios que os levariam de volta ao continente, teria de enfrentar pequenos ataques do povo do deserto, que certamente tentaria fazer jorrar o sangue de sua companhia.

Naquela noite, sentado do lado de fora de sua tenda no acampamento montado entre duas dunas a leste, Tasaio remoeu exaustivamente o que acontecera, em plena solidão. Não iria beber vinho de sã para afogar as mágoas da batalha. Mandou calar os soldados, que se queixavam, amargurados, enquanto enfaixavam os ferimentos e afiavam as espadas. Mais do que qualquer outra coisa, não olharia para oeste, onde a beleza do crepúsculo fora substituída pelo bruxulear das fogueiras triunfais dos Acoma e dos Xacatecas. Em breve, prometeu a si mesmo, aquelas fogueiras seriam reduzidas a cinzas. Em breve, Mara iria se arrepender daquela fugaz vitória, pois, da próxima vez que a enfrentasse, a derrota dos Acoma seria total e definitiva.

Na tenda de comando do Senhor dos Xacatecas, rodeada pela luz tênue das lamparinas e pelas conversas sussurradas entre um curandeiro e um soldado que estava sendo tratado, Mara fez uma reverência própria de uma Governante diante de um superior na hierarquia social. Embora naquele dia o triunfo fosse seu, optara por não forçar o reconhecimento de seus louros. Não esperou ativamente em sua tenda, obrigando o Senhor da casa em dívida a visitá-

la; sábia e sutil, não impôs sua nova posição de vencedora a um Senhor que potencialmente poderia provocar mais danos aos Acoma do que ajudá-los, se seu orgulho fosse excessivamente ferido. Tampouco tentou cair nas graças dele, preferindo fazer com que sua presença parecesse uma visita social de menor importância.

— Meu Senhor Chipino — começou a dizer, sorrindo abertamente ao se levantar —, o Senhor demonstrou um interesse especial pelo meu guarda de honra, isto é, o soldado que revelou aquela notável covardia e nos possibilitou pegar Tasaio, o muito louvado primo de Desio, desprevenido.

O Senhor Chipino dispensou com um gesto o servo que aplicava uma compressa nos músculos fatigados de suas costas e do pescoço. Brilhando graças aos óleos da massagem e cheirando a unguentos adocicados, gesticulou para um escravo, que lhe enfiou uma túnica no corpo.

— Sim. — Chipino fixou seu olhar brando na figura alta que estava nas sombras atrás de Mara. — Avance — disse ele.

Kevin deu um passo à frente, vestido com as calças midkemianas e uma camisa de mangas largas apertada na cintura por um cinto de conchas sobrepostas. Seus olhos azuis denotavam alegria quando se deteve, com as mãos nos quadris, para ser avaliado pelo Senhor Chipino. Por sua vez, o Senhor dos Xacatecas arregalou os olhos ao ver o escravo bárbaro, que já observara muitas vezes na tenda de Mara. No entanto, depois de informado pelo Comandante das Forças Armadas dos Acoma de que as estratégias daquele dia tinham sido delineadas por Kevin, e de que todos estavam sãos e salvos graças à lógica daquele bárbaro, olhou com mais atenção para o homem que viera do outro lado do Portal. Educadamente, limpou a garganta. Como sua cultura não dispunha de protocolo para se dirigir a um escravo que se revelara um herói, optou por inclinar a cabeça.

— Arrume uma almofada para o rapaz — ordenou a seu jovem escravo, que foi buscar uma no cômodo do próprio Senhor. Perplexo, Chipino indicou ao bárbaro que se sentasse. Em seguida, satisfeito, de seu modo paternalista, pelo fato de Kevin estar mais confortável, o Senhor Chipino abordou o tema que considerava bastante sensível: — Você é um escravo e por isso pôde fugir covardemente do inimigo, já que foi isso que sua Senhora ordenou, certo?

Para grande espanto de Chipino, Kevin começou a rir.

— Ser escravo não tem nada a ver com o assunto — revelou com sua poderosa voz do Reino. — Só a possibilidade de ver a cara de surpresa do Comandante Tasaio foi satisfação suficiente.

O Senhor Chipino franziu o cenho e depois disfarçou sua perplexidade sorvendo o tesh que estava na bandeja a seu lado.

— Ainda assim, você era um oficial no exército de seu povo, ou pelo menos foi isso que sua Senhora me contou. Não sentiu vergonha em demonstrar covardia?

As sobrelhas de Kevin se levantaram.

— Vergonha? Ou enganávamos o inimigo, ou morríamos. A vergonha não é nada se comparada à morte.

— Seu povo dá mais valor a vida do que nós — interferiu Mara. — Não reconhecem a Roda da Vida nem compreendem a verdade divina. Não entendem que voltarão na próxima encarnação em função da honra adquirida no que fazem na presente.

Nesse ponto, Kevin fungou.

— Vocês têm tradições, mas não sabem aproveitar a vida. Não apreciam brincadeiras como os povos do Reino das Ilhas.

— Ah — interrompeu o Senhor Chipino, com a perplexidade se esvaindo de seu rosto enrugado como se tudo tivesse sido explicado. — Você fugiu de Tasaio e não se sentiu envergonhado porque encarou o ato como uma brincadeira.

Kevin, tolerante, disfarçou, divertido sua irritação:

— Você pode simplificar as coisas dessa maneira, talvez... sim. — Inclinou a cabeça para um lado e alisou as franjas ruivas. — O pior durante a missão foi quase não conseguir conter o ataque de riso — acrescentou. — Ainda bem que as tiras da armadura que Lujan me emprestou estavam apertadas demais, ou, apesar de todo o esforço, teria explodido em gargalhadas.

Chipino coçou o queixo.

— Uma brincadeira — concluiu, embora na verdade estivesse confuso outra vez. — Vocês, midkemianos, são prodigiosamente estranhos em seu modo de pensar. — Desviou o olhar para Mara e verificou discretamente se seus servos tinham previsto as necessidades dela e trazido chocha, como ela gostava.

Como era um homem requintado, ensinara seu pessoal a observar os convidados, a conhecer suas necessidades e a cumprir os deveres de hospitalidade sem ser necessário verbalizar ordens. A regra tinha suas recompensas. Era espantoso como um adversário poderia se tornar dócil quando tratado pessoalmente como se estivesse em seu próprio salão. Mara não se apresentava ali na condição de inimiga, mas o Senhor Chipino reconheceu que estava em dívida com ela e ansiava por negociar um acordo vantajoso. Escolheu seu momento, abordando o assunto depois de servirem uma refeição leve a Mara, mas com rapidez suficiente para que ela dispusesse de pouco tempo para refletir.

— Senhora Mara, seus soldados e a genialidade de suas táticas de guerra pouparam hoje a Casa dos Xacatecas de perdas ainda mais trágicas. Estamos em dívida com você e preparados para lhe conceder uma recompensa justa e honrosa.

A Senhora era jovem e talentosa, mas ainda tinha muito a aprender antes de se tornar experiente no Grande Jogo. Provou isso ao corar.

— Meu Senhor, os soldados Acoma fizeram apenas o que seria esperado entre aliados. Isso não exige grande recompensa além de uma aliança formal, com testemunhas, assim que regressarmos ao continente.

Fez uma pausa, baixou os olhos e pareceu mais do que nunca uma garotinha. Franziu um

pouco a testa ao pensar no assunto e percebeu que deveria pedir algo mais à Casa dos Xacatecas, caso contrário deixaria um superior social com uma dívida implícita pendente. Deixar essa questão em aberto seria uma jogada pouco sensata que poderia gerar uma tensão nas relações amistosas.

— Senhor Chipino — acrescentou em tom formal, como se o assunto a deixasse envergonhada —, pelas ações dos Acoma em favor de sua casa, peço-lhe um favor: que, em uma ocasião por mim escolhida, conceda-me seu voto no Conselho Imperial para que eu o utilize como desejar. Isso seria aceitável?

O Senhor Chipino inclinou a cabeça, muito satisfeito. O pedido era bem simples e a garota era mais cautelosa do que seria de esperar, para se manter assim tão modesta. Ele murmurou uma ordem e seu mensageiro se apressou a chamar o escriba para oficializar a questão. Diante da mais do que adequada solicitação de Mara, acrescentou outra coisa:

— Permita que seja confeccionada uma bela armadura para o escravo bárbaro, com as cores dos Acoma, para que possa servir com conforto sua Senhora da próxima vez que ela quiser uma isca para suas armadilhas na forma de um guarda de honra.

Kevin sorriu, apreciando o humor seco dos tsurani: nunca lhe seria permitido usar essa armadura, mas a guardaria como uma espécie de troféu. Então, com a questão da dívida resolvida a contento, Chipino bateu palmas para que os servos servissem a comida.

— Jantem aqui — disse, acenando prontamente para indicar que o convite se estendia ao escravo bárbaro. — Juntos, beberemos bom álcool, para celebrar a derrota de nossos inimigos.

Mara despertou com o toque de uma mão sacudindo energicamente seu ombro. Rolou para o outro lado. Seus cabelos escuros caíram sobre os olhos e ela suspirou, ainda profundamente adormecida.

— Minha Senhora, você precisa acordar — disse Kevin em seu ouvido.

A roupa de cama era acolhedora e confortável demais. Com relutância, Mara despertou. Apesar de ainda se sentir cansada por causa da batalha da véspera e também com um ligeiro mal-estar devido ao vinho de sã bebido na companhia do Senhor Chipino para celebrar a vitória, obrigou-se a abrir os olhos pesados.

— O que foi?

O amanhecer tornara cinzento o céu além da entrada da tenda, que ficara aberta para deixar entrar as brisas noturnas. Nas dunas de areia das terras baixas, a temperatura não caía após o pôr do sol, ao contrário do que acontecia nas montanhas. Mara piscou e rolou para mais perto do aconchego de Kevin.

— Ainda é muito cedo — protestou, e em seguida começou a provocá-lo com cócegas.

— Minha Senhora — resmungou docilmente o enorme bárbaro. — Lujan a aguarda com uma mensagem.

— O quê?

Já completamente desperta, Mara sentou-se. O cabelo solto caiu em mechas sobre seus ombros quando ela bateu palmas com vigor para que lhe trouxessem roupas. Em frente à tenda de comando, vislumbrou a sombra de Lujan, projetada contra a antecâmara iluminada por lamparinas, percorrendo a passos largos todo o comprimento do tapete, com o elmo de oficial pendurado no cotovelo. A Senhora dos Acoma colocou rapidamente os braços nas mangas que a aguardavam. Levantou-se, deixando Kevin vestindo desajeitadamente as calças, e apressou-se a atravessar a divisória de franjas entre os dois ambientes.

— O que houve? — perguntou, diante da agitação de Lujan.

O Comandante das Forças Armadas fez uma pequena reverência.

— Venha logo, Senhora. Acho que é melhor ver com seus próprios olhos.

A curiosidade a deixava intolerante, então Mara seguiu veloz seu oficial, detendo-se apenas para colocar as sandálias que lhe haviam sido entregues por um criado quando saiu para a tênue luz da manhã. Ajustou os olhos à penumbra e parou abruptamente, chocando-se com o atrapalhado Kevin, que seguia apressado atrás dela. Concentrado em apertar seus botões, e ainda descalço, não percebera que Mara parara. Sua falta de jeito, no entanto, não foi notada. Mara estava completamente concentrada nas sete figuras multicoloridas que desciam as dunas logo atrás do perímetro de seu acampamento. Eram vultos pequenos, quase anões. As vestes eram cheias de franjas e tinham contas de vidro, de chifre e de jade, e seus cabelos caíam em tranças. As pontas traziam enfeites coloridos, embora o resto da roupa fosse sem graça. E todos ostentavam, em volta dos pulsos, tatuagens azuis com diversos motivos elaborados e que pareciam pulseiras.

— Parecem chefes tribais — disse Mara, assombrada.

— Foi o que pensei — replicou Lujan. — E estão vindo sozinhos e desarmados.

— Mande chamar o Senhor Chipino — ordenou Mara.

O Comandante das Forças Armadas inclinou a cabeça, com seus modos discretos costumeiros.

— Já tomei essa liberdade.

— Diga às nossas sentinelas que devem baixar as armas. Agora. Já! — acrescentou Mara, agindo apenas por instinto.

Lujan lançou um olhar suspeito às figuras que se aproximavam e depois encolheu os ombros.

— Depois de ontem, os chefes de clã devem ter poucos motivos para gostar de nós. Rezemos para que os deuses estejam conosco.

— É justamente isso que espero — disse Mara de pronto.

Manteve-se ereta, com um semblante preocupado, enquanto Lujan seguia suas instruções.

Por todo o acampamento, soldados Acoma desapertaram os cintos das espadas e colocaram as armas no chão.

— Você acha que esses chefes vêm em missão de paz? — Ouviu uma voz dizer. Era Chipino, ainda rouco de sono. O Senhor dos Xacatecas colocou-se ao lado de Mara, com a faixa de sua túnica mal apertada devido à pressa.

— É com isso que estou contando — murmurou Mara.

— E se não for assim? — inquiriu Chipino. Parecia friamente interessado, mais do que preocupado. Mara respondeu com um sorriso.

— O Senhor está certo; também tenho minhas reservas. Apenas pedi a Lujan que ordenasse às sentinelas que baixassem as armas. As tropas de reserva sem dúvida estão neste exato momento colocando as armaduras na tenda de comando.

Lujan deu um passo para trás e ficou visível para quem olhava naquela direção, parecendo um pouco envergonhado.

— Alguém precisa estar alerta, caso haja problemas — disse, animado.

Então seu bom humor desapareceu e também ele olhou para o sul, para o local onde os sete pequenos visitantes se detiveram ao lado das fileiras imóveis de sentinelas. O que seguia na frente, aquele que usava mais contas, fez um elaborado cumprimento.

— Deixem-nos passar — disse o Senhor Chipino. — Estamos abertos ao diálogo.

As sentinelas, obedientemente, abriram alas, e os homens do deserto avançaram, sem nada dizer. Atravessaram o acampamento com suas pernas curtas e arqueadas, não olhando nem para a direita nem para a esquerda. Sem se deter, seguiram até chegarem ao Senhor e à Senhora diante da tenda. Pararam e se organizaram em um semicírculo. Ficaram olhando, em silêncio, como se fossem ícones de madeira, com as contas balançando suavemente ao vento.

— Mande chamar um intérprete — ordenou o Senhor Chipino em voz baixa a um dos criados de Mara. Depois, pegando na mão da Senhora, conduziu-a cautelosamente dois passos à frente. Ao mesmo tempo, o Senhor e Senhora inclinaram suas cabeças. Na linguagem gestual das tribos do deserto, estenderam para a frente as mãos abertas, o que representava o fim das hostilidades.

Em resposta, o Chefe de Guerra de Clã mais importante repetiu sua saudação, que incluía uma série de gestos envolvendo o nariz, a boca e as orelhas. Fez uma reverência ao estilo do Império, com as contas trepidando violentamente. Depois, em claro contraste com seus gestos precisos, começou a falar de modo animado. O intérprete, um sujeito gordo contratado em Ilima, teve de se apressar para chegar a tempo de traçar uma ideia geral, pois a fala apressada do homem cessou de repente.

— O que ele disse? — quis saber Mara, perdendo a compostura devido à impaciência.

O intérprete ergueu as sobrancelhas cheias de areia, numa expressão de genuína surpresa. Tentou reproduzir as palavras, mas não estava certo de ter ouvido bem.

— Estes são os chefes das sete tribos do deserto norte de Dustari, conhecido como Ventos

de Areia, no dialeto deles. Estão aqui para jurar inimizade e dívida de sangue contra o homem conhecido como Tasaio dos Minwanabi. Como as terras dos Minwanabi ficam do outro lado do grande mar, e como os guerreiros dos Ventos de Areia não podem viajar dentro do Império, os chefes das sete tribos dos Ventos de Areia propõem uma aliança entre suas tribos e as deles.

Mara e o Senhor Chipino se entreolharam fixamente, não escondendo a satisfação. Então Mara inclinou a cabeça, passando ao Senhor dos Xacatecas o direito de falar por ambos. O Senhor Chipino respondeu, fitando diretamente os olhos intensos e escuros do chefe do deserto, sem aguardar que o intérprete o acompanhasse.

— Diga aos chefes dos Ventos de Areia — entouu — que nossas tribos acolhem de bom grado essa aliança. Mais do que isso, as tribos dos Acoma e dos Xacatecas prometem enviar aos chefes dos Ventos de Areia a espada de Tasaio, uma prova de que a dívida de sangue estará saldada e paga por completo. — Partiu do princípio de que os homens do deserto conheceriam suficientemente bem as tradições imperiais para saberem que a única forma de alguém se apoderar da espada de um guerreiro seria arrancando-a dos dedos mortos de seu antigo dono. — Mas, se os Acoma e os Xacatecas jurarem esta aliança, devem obter garantias, em nome da honra dos clãs, de que as tribos dos Ventos de Areia assinarão um pacto com o Império em Dustari. Os ataques nas fronteiras devem cessar, para que os Acoma e os Xacatecas tenham a liberdade de perseguir a tribo dos Minwanabi para que paguem o que fizeram com sangue. Para que as tribos dos Ventos de Areia não nos ataquem, vamos estabelecer um posto avançado que será uma cidade de comércio livre para as tribos. — Sorriu na direção de Mara. — Ela será governada por nós em conjunto com os Acoma. — Em seguida, dirigiu-se outra vez aos chefes militares de clã: — Quaisquer mercadores que tentem enganar ou roubar nossos aliados terão de lidar com os Xacatecas e com os Acoma.

O intérprete traduziu rapidamente suas palavras e o silêncio se instalou. Os rostos dos homens do deserto permaneceram, por alguns momentos, inescrutáveis. Então o líder bateu com o pé e cuspiu na areia. Soltou uma curta sílaba, rodou sobre os calcanhares e partiu, sendo seguido pelos demais. O intérprete virou-se para Mara e Chipino com ar espantado.

— Ele disse sim.

O Senhor dos Xacatecas riu, não conseguindo acreditar.

— Assim, sem mais nem menos?

O intérprete reagiu de uma maneira que deixou claro que, em algum lugar entre seus antepassados, corria sangue do deserto:

— O Senhor dos sete chefes dos Ventos de Areia cuspiu água. — Vendo que ninguém entendera o que queria dizer, mostrou-se um pouco impaciente: — É um juramento para a vida toda, por parte de um chefe e de toda sua tribo. Ele e seus herdeiros, e todos os homens do clã e parentes, morreriam de fome, num ritual, se alguém dos Ventos de Areia quebrasse o juramento. Meu Senhor, minha Senhora, um pacto foi firmado com os homens do deserto com

laços mais fortes do que qualquer outro na longa história do Império.

Aquilo levou um ou dois segundos para ser assimilado. Quando isso aconteceu, o Senhor Chipino exibiu um largo sorriso.

— Uma troca justa pela espada de Tasaio, penso eu. Com certeza, essa parte do acordo será cumprida com todo o prazer.

Então Kevin começou a gritar de alegria e abraçou Mara, fazendo-a girar no ar.

— Você pode voltar para casa agora — disse, feliz. — Voltar à sua propriedade e para Ayaki.

Lujan ficou perplexo e coçou o queixo, e Chipino, com sua habitual ironia seca, resumiu a situação:

— Nossas casas receberão, por tudo isso, reconhecimento e honra pelas mãos do próprio Imperador. E o Senhor Desio, quando descobrir, vai mastigar pedras. — Depois pareceu se lembrar do próprio lar. — Isashani vai ficar furiosa ao ver todo o peso que perdi. Não seria melhor nos retirarmos para minha tenda e partilharmos o desjejum?

Reorganização

Os guardas deram sinal.

Desio dos Minwanabi entrou a passos largos na enorme câmara de conferências, suas sandálias com travas batendo no piso com um estampido surpreendentemente alto. Incomo viu seu Senhor se aproximando do dossel e suas grandes mãos se livrarem das luvas de combate, que atirou em seguida para o criado que se esforçava para acompanhá-lo. Embora ainda não fosse tão bom quanto o pai em tecer intrigas, nem um estrategista tão brilhante quanto o primo, Desio dedicava-se agora às tarefas que evitara no início de seu governo. Antes de seu Conselheiro-Mor conseguir falar algo, o Senhor gritou:

— É verdade?— Incomo apertou o último relatório ainda mais contra o corpo e assentiu com a cabeça. — Maldição!

Ainda quente devido à hora passada se exercitando com a guarda de honra, o Senhor dos Minwanabi extravasou sua raiva atirando longe o elmo, sem se importar com os acessórios de luxo e os enfeites de vidro. O criado mergulhou para pegá-lo, mas falhou; o elmo balançou sobre o piso encerado, felizmente sem acertar nenhum objeto de valor, quicando duas vezes antes de bater com violência na parede mais afastada, com força suficiente para estragar os acabamentos reluzentes. O criado, chateado, abriu caminho por entre um aglomerado de cacos para recuperar o elmo. Com o ar triste de um cachorrinho abatido, rastejou de novo até seu Senhor, com o elmo lascado na mão. Mas Desio estava ocupado demais repreendendo o Conselheiro-Mor para insultar o criado por ter estragado o capacete.

— Você trouxe, não tem nem uma hora, um relatório do barco, e todos os soldados e criados souberam das novidades antes de mim. — Desio estendeu abruptamente uma mão suada, afastando o cabelo ensopado da frente dos olhos com a outra, impaciente.

Espantado, Incomo entregou o pergaminho para os dedos gorduchos agora profundamente calejados. O jovem gordo e cheio de autopiedade que se deixara levar pela bebida e pelas mulheres se transformara em um Governante confiante. Desio estava longe do ideal de um guerreiro tsurani, mas já se parecia com um soldado em vez de ser uma mera caricatura de um.

Desio avaliou as linhas iniciais com os olhos apertados, folheou depois as páginas ainda cheias de areia do deserto, incomodado com o conteúdo, e depois as atirou para o lado.

— Tasaio é bem franco ao admitir seu fracasso. — Com os lábios esbranquiçados de raiva, o Senhor se afundou pesadamente nas almofadas, de onde gostava de dirigir a corte. Deixou escapar um suspiro. — É a nossa derrota.

Incomo observou as feições vermelhas de seu Senhor e desejou intimamente que ele não lhe solicitasse conselhos. Após dois anos de impasse, o triunfo de Mara em auxílio ao Senhor dos Xacatecas em Dustari se revelara uma amarga surpresa. Até a chegada daquele relatório, todos os comunicados de Tasaio haviam indicado que o plano corria como previsto. Por cerca de um mês, o Senhor e o Conselheiro-Mor dos Minwanabi aguardaram ansiosos a vitória final sobre os Acoma. Mas, quando as mandíbulas da armadilha de Tasaio se fecharam, Mara conseguira mais uma vez evitar ser pega. Para piorar, o brilhante contra-ataque que lançara, recorrendo a táticas nunca vistas antes em Tsuranuanni, permitiu estabelecer o primeiro tratado com os homens do deserto Tsubar depois de gerações de pilhagens nas fronteiras. Desio socou as almofadas com violência.

— Pelos suspiros de Turakamu, como Tasaio conseguiu estragar tudo? — Apontou para o relatório caído no chão. — Nosso próprio agente em Jamar relata que os exércitos conjuntos dos Xacatecas e dos Acoma foram recebidos com toques de trombetas! Ele sugere, inclusive, que Mara pode vir a ser homenageada pelo Imperador! Ela conquistou sua aliança. Agora, em vez de dois inimigos sozinhos e fracos, lidamos com famílias poderosas prestes a se unirem para nos enfrentar!

Retraindo-se com as palavras de Desio, Incomo tentou gentilmente amenizar as coisas:

— Apesar de o tratado ser um feito notável, Senhor, Chipino dos Xacatecas não é homem para assumir compromissos que o prendam... Não sem bons motivos e garantias. Mara nada fez além de sua obrigação para com o Império ao salvar o exército dele no deserto. A vitória pode ter impressionado o Senhor o bastante para que reveja sua posição, mas...

— Se ele não ficou impressionado, é porque é louco! — Desio lançou seus dedos furiosos sobre alguma coceira em seu pescoço e depois deixou cair a mão, perplexo. — Como aquela mulher consegue? Deve dormir com a sorte na cama.

Incomo dirigiu-se à mesa e arrumou as páginas espalhadas, numa pilha organizada.

— Em breve saberemos como ela... — ia dizer “nos derrotou”, mas pensou melhor e disse: — ... mais uma vez evitou a desgraça.

Frustrado com um relatório que permanecia ofensivamente desarrumado, com orelhas e fitas úmidas, como se a escrita tivesse sido feita sob condições adversas, o Conselheiro-Mor permitiu-se um suspiro de irritação.

— Precisamos de tempo para descobrir.

De repente, Desio pareceu mais disposto.

— Mara está vindo.

— Mas é claro. — Incomo entrelaçou suas mãos mirradas no cinto. — Irá correndo para sua propriedade depois de tanto tempo separada do filho...

— Não. — Desio o interrompeu. — Ela está vindo para cá.

— Por que acha isso, Senhor? — questionou Incomo, de sobrelanceiras erguidas.

— Porque seria isso que *eu* faria! — Desio levantou seu peso das almofadas e o criado, com sua pesada armadura suada, agachou-se quando o Senhor começou a andar de um lado para outro no dossel. — Atacar quando se está mais forte. Aliada aos Xacatecas e imune a ataques dos Anasati, Mara está livre para nos atacar com toda a força. Mesmo que Chipino hesite em apoiá-la, a cadela conquistou favores públicos. Não precisa fazer mais nada além de convocar seu clã!

Desio fitou Incomo como se esperasse sua concordância, mas o Conselheiro-Mor ergueu a mão de forma apaziguadora.

— Mas algo bom há de vir disso, meu Senhor.

Com um ténue sorriso, passou-lhe outro pergaminho. A expressão do Senhor tornou-se cada vez mais ameaçadora assim que viu o pergaminho com o brasão de Bruli dos Kehotara. Desio se recusou a olhar para o documento.

— Há anos Bruli choraminga por nossa proteção, mas perdeu os privilégios que tinha conosco quando se recusou a jurar vassalagem após a morte de seu pai. Ele quer as vantagens da proteção dos Minwanabi sem se subjugar a nós.

Frustrado e com grandes suspeitas de que Mara pudesse, de alguma forma, estar por trás da relutância dos Kehotara em lhe prestar juramento, Desio deixou-se cair de novo sobre as almofadas.

— Qualquer novo pedido de aliança deve ser recusado. — Depois suspirou. — Embora, neste momento, precisemos de todos os amigos que pudermos. O que diz esse cara de peixe?

— Sugiro que meu Senhor leia a mensagem — disse, secamente, Incomo.

O pergaminho passou de uma mão para outra. O silêncio foi interrompido pelo rangido de uma armadura quando o escravo que segurava as luvas e o elmo do Senhor passou o peso de um braço cansado para outro. Desio observou com atenção as últimas linhas e, com uma nítida sensação de prazer, arregalou os olhos.

— A informação de Bruli é confiável?

Incomo bateu com o dedo na maçã do rosto.

— Quem poderia ter certeza? O que vejo, como o Senhor também vê, é que as diversas facções do clã de Mara temem sua súbita ascensão. Ela conquistará tanta honra e riqueza que certamente dominará o Clã Hadama. Não há no momento outra casa mais poderosa; apenas a divisão de lealdades impede que Mara dite a política do clã. Isso, contudo, pode mudar. Esses Senhores de grande valor que supostamente entraram em contato com Bruli dos Kehotara têm o cuidado de nos transmitir que não veem seus destinos necessariamente ligados à Casa dos Acoma.

Desio inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Meditou sobre o assunto, percebeu que estava com sede e acenou ao escravo para que levasse embora a

armadura e fosse buscar algo para ele comer e beber.

— Podemos agradecer aos deuses por pequenos favores. Ainda assim, é melhor que as famílias do Clã Hadama permaneçam imparciais em vez de cerrarem fileiras para nos confrontar.

— Penso que meu Senhor não percebeu o que mais isso significa — disse Incomo.

Amadurecido por seu poder e mais tolerante a críticas, Desio lançou um olhar penetrante. Era evidente que, se o Conselheiro-Mor desejasse escapar da ira de seu Senhor, precisava ser conciso.

— O que mais isso significa?

— Que nossos agentes tiveram progresso na missão de se infiltrar na rede de espões da Mara. — Instigado por um entusiasmo mordaz, Incomo abriu suas palmas ossudas. — Isolamos outro agente dos Acoma; quase todos os contatos dele foram localizados, e os mensageiros, identificados. Ao plantarmos ocasionalmente informações úteis, conseguimos manter essas linhas abertas. Caso haja necessidade, poderemos manipular esses cães dos Acoma em nosso proveito.

Uma estranha expressão se apoderou do rosto de Desio e um movimento de cabeça evitou que seu conselheiro perturbasse seus pensamentos ainda sem conclusão, enquanto se esforçava para agarrar uma ideia que lhe atormentava a mente. Quando o criado voltou trazendo a bandeja com uma refeição leve, o Senhor já tinha perdido o apetite.

— Tenho de pensar numa coisa. Prepare meu banho. Estou fedendo como um curral de needra.

Incomo se curvou.

— Que garotas meu Senhor deseja para cuidarem de seus desejos?

Desio silenciou seu conselheiro com uma mão erguida.

— Não. Preciso pensar. Basta o ajudante de banho. Nada de mulheres. Nem músicos. Apenas uma boa caneca de suco condimentado. Preciso de sossego para meditar.

Intrigado com aquela súbita guinada na direção do ascetismo, Incomo desceu do dossel para seguir as instruções. Deteve-se à porta, refletindo em algo.

— Há alguma ordem para Tasaio, meu Senhor?

A raiva ardeu em fogo lento sob os olhos escondidos de Desio.

— Ah, sim, meu *brilhante* estrategista. Após anos esbanjando nossos recursos num majestoso plano em Tsubar, ele deve estar exausto. Vamos lhe dar um posto no qual consiga descansar. Ainda comandamos aquela fortaleza nas Ilhas dos Postos Avançados; envie-o para lá. Deixe que proteja nossas propriedades mais ocidentais das aves marinhas e dos peixes.

Incomo baixou os ombros curvados para fazer uma reverência, deixou seu Senhor meditando profundamente e desceu um corredor de pedra que dava para a colina sobre a qual a casa fora construída. A passagem fresca estava iluminada por tochas a intervalos largos. Oculto da vista por uma densa sombra, o Conselheiro-Mor manifestou toda sua frustração.

Começou a avançar em passos pesados e sua túnica esvoaçou ao redor dos tornozelos. Uma pena que a inteligência de Desio não tivesse se desenvolvido tanto quanto sua determinação, pois, apesar de o fracasso de Tasaio ser trágico, nenhuma conspiração no Jogo poderia ser considerada infalível. Se houve falhas no plano, fora simplesmente por não haver nenhuma válvula de escape, caso ocorressem. Descendo um curto lance de escadas e atravessando uma galeria subterrânea, Incomo chegou a uma ala que saía da colina em direção à margem do lago. Embora ficassem tão próximos do grande salão quanto alguns espaços menores, os aposentos do Senhor dos Minwanabi tinham uma vista livre do lago e do pôr do sol, que fazia com que aquela caminhada valesse a pena. Incomo bateu palmas para chamar os criados e ordenou que preparassem o banho do Senhor.

Assim que os criados se apressaram a mandar os escravos aquecerem a água, Incomo voltou, através da casa labiríntica, aos próprios aposentos, bem menos luxuosos. Ali, cercado por biombos enfeitados com desenhos da ave asamortal e de nuvens, amaldiçoou as ordens de seu Senhor para Tasaio. Nunca deveria mostrar sua amargura em público pelo fato de o destino enviar para longe o filho da casa que era talentoso e deixar o futuro dos Minwanabi nas mãos de um... Incomo bateu os punhos com força contra o peito, agindo como Desio agiria, e não como ele mesmo — os pensamentos que lhe passaram pela cabeça eram inimagináveis para um servo leal, mesmo em seus aposentos particulares. Desio, de alguma forma, deveria traçar planos para os Minwanabi se libertarem daquele dilema. Incomo deixou-se afundar numa almofada e bateu palmas para chamar seu criado pessoal.

— Traga minha escrivaninha e deixe-a perto de minha esteira de meditação — ordenou, enquanto esfregava as têmporas. — Depois, abra o biombo para a brisa da tarde entrar e vá embora.

Mais uma vez a sós, e diante de suas penas e da escrivaninha, o Conselheiro-Mor pegou uma folha de pergaminho em branco e pensou como escreveria sua missiva a Tasaio. Apesar de aparentemente o homem ter sido transferido para comandar outra guarnição Minwanabi, na verdade Desio ordenara que ele fosse banido. A fortaleza nas Ilhas dos Postos Avançados fora estabelecida apenas para proteger os navios Minwanabi de piratas; aquelas águas já haviam sido libertadas de salteadores havia mais de século e meio. O forte se mantinha apenas devido à conservadora relutância tsurani de ceder qualquer terreno outrora conquistado. Os Minwanabi tinham se instalado naquele pedregulho desolador e cercado de nevoeiro apenas para evitar que qualquer outro os suplantasse. Agora, uma das mais talentosas mentes militares do Império seria enviada para aquelas terras para lá criar musgo.

Enojado por aquilo que considerava um desperdício, Incomo lembrou a si mesmo que pagar esse preço por um fracasso como aquele era um castigo pequeno. Se o Senhor Jingu ainda estivesse vivo para vestir o manto de Senhor, Tasaio responderia por tal desgraça vendo sua cabeça ser enfiada num frasco de vinagre e mel de abelha-rubra. Encostando a pena com tinta no pergaminho, o Conselheiro-Mor suspirou por uma ordem tão dolorosa ter de ser

escrita. Tasaio certamente mereceria algo melhor. Uma ligeira palavra de pesar seria apropriada; habituado aos reveses da política, Incomo sabia que era melhor não cuspir no prato em que comia. No Grande Jogo, a sorte podia sofrer mudanças abruptas e um homem nunca sabia a quem deveria ser leal no futuro.

Quando a liteira contornou a última curva na estrada, Mara afastou as cortinas com uma impaciência infantil. Os carregadores tsurani aguentaram o desequilíbrio num silêncio estoico; conseguiam sentir a animação de sua Senhora.

— Nada mudou — comentou ela, quase sem fôlego. — As árvores e a grama parecem tão verdes.

Os efeitos da estação úmida sobre a paisagem eram um bálsamo para os olhos após anos de deserto árido. Para além do último monte, do outro lado da cerca dos campos de needra mais afastados, a propriedade bem cuidada se estendia a perder de vista. Galhos secos e arbustos tinham sido retirados e a relva sob as sebes estava muito bem aparada. Por alguns momentos, Mara ficou preocupada: algum inimigo poderia ser inteligente o bastante para ter montado uma emboscada transformando seu retorno para casa em um desastre? Teria ela, em sua ansiedade, incentivado seus guerreiros e batedores a avançarem depressa demais sem garantias de segurança na estrada? Então a lógica subjuguou o medo; viajava à frente de um exército vitorioso — os inimigos teriam de se unir para poder ameaçá-la dentro de suas próprias divisas.

Um batedor dirigiu-se à cabeça da coluna. Mara afastou a cortina pendente que a separava dos oficiais que marchavam ao lado com impaciência.

— Há novidades, Lujan?

O Comandante das Forças Armadas exibiu um sorriso com seus dentes muito brancos contrastando com o rosto queimado pelo deserto.

— Minha Senhora, uma recepção!

Mara sorriu. Apenas agora poderia admitir a alguém, especialmente a si mesma, o quanto estava desesperada para voltar para casa. Os toques de trombetas que a saudaram e ao Senhor dos Xacatecas em Ilama e Jamar se revelaram elogiosos, mas até as festas que a encheram de honrarias tinham tido seu custo. Já haviam se passado quase três anos desde que recebera ordens para enviar sua guarnição para defender as fronteiras; um tempo longo demais na vida de um jovem filho para uma mãe se ausentar. As noites nos braços de Kevin e os rigores da batalha durante o dia eram as únicas coisas que a distraíam da necessidade que sentia de ver Ayaki.

O exército que retornava subiu a colina e o estrondo de trezentos pés batendo no chão úmido da estrada quebrou a calma matinal. Mara inspirou os aromas das folhas e das akasi

e depois arregalou os olhos de espanto. Na junção da via imperial com a estrada para a propriedade dos Acoma, erguia-se o enorme arco enfeitado do magnífico pórtico de orações. Tinta nova e telhas esmaltadas brilhavam à luz do sol e, na profunda sombra do monumento, uma centena de soldados Acoma se alinhavam vestindo as armaduras cerimoniais. Diante das fileiras de escudos reluzentes viam-se outras adoradas figuras: Keyoke, ereto como seus guerreiros, mas vestindo o símbolo bordado de conselheiro; Jican, parecendo ainda menor segurando o cetro de hadonra; Nacoya, com sua expressão irritada enterrada em sorrisos — e, um passo à frente dela, um garoto.

Mara prendeu a respiração. Esforçou-se para não chorar e não sucumbir a uma total falta de decoro. Mas o momento por que tanto ansiara, que por vezes lhe parecera tão distante quanto um sonho, derrubou sua determinação. Kevin representou com perfeição seu papel de criado, afastando a cortina para o lado e oferecendo sua mão livre a Mara. Sua segurança permitiu a Mara recuperar a compostura assim que enfim colocou os pés em sua terra.

Teve de esperar, como era adequado à sua posição, que o grupo se aproximasse. A demora se revelou uma tortura e seus olhos absorveram todos os detalhes. Keyoke dominara o uso da bengala. Movia-se em passos quase perfeitos apesar de não ter uma das pernas, e Mara se encheu de orgulho por ele. Nacoya não envelhecera muito, mas passara a mancar um pouco. Mara conteve o impulso de sair correndo para lhe dar o braço; a Conselheira-Mor nunca perdoaria uma falta de modos como essa por causa de algo tão banal como um quadril dolorido. Por fim, com uma apreensão latejante, Mara atreveu-se a olhar para o menino que avançava a passos largos em sua direção, com a cabeça bem erguida, costas eretas e o queixo pontudo. Estava tão alto e esbelto!

Mara sentiu um aperto na garganta ao ver a armadura de seu filho, a espada em miniatura no flanco, o elmo que se erguia do alto de seu cabelo preto como breu com o porte de um perfeito miniguerreiro Acoma. O menino quase dobrara de tamanho. Com uma formalidade ensaiada, Ayaki fez a reverência que um filho dirige à mãe. E falou, com sua voz aguda de criança, de forma solene acima das fileiras de guerreiros imóveis:

— Desejo as boas-vindas à Senhora dos Acoma. Somos cem vezes abençoados pelos deuses virtuosos por seu retorno em segurança à nossa casa.

A resistência de Mara acabou cedendo. Ajoelhou-se diante do filho e de repente os braços do menino já estavam ao redor de seu pescoço, apertando-a com força suficiente para lhe amassar e vincar a seda fina da túnica.

— Senti sua falta, mamãe — disse o menino em voz trêmula, com o rosto escondido em seus cabelos.

A umidade tremeu nos olhos de Mara quando respondeu, mas mesmo assim conseguiu manter a voz firme:

— Também senti sua falta, meu soldadinho. Mais do que pode imaginar.

De pé, de lábios franzidos, ao lado deles, Nacoya permitiu à mãe e ao filho um momento

de indiscrição pública antes de limpar a garganta audivelmente.

— A Casa dos Acoma inteira aguarda para dar as boas-vindas à Senhora. Nossos corações ficaram tão felizes com as notícias de seu triunfo que este pórtico de orações foi erguido para honrar sua vitória. Cremos que lhe agradará, Senhora.

Mara desviou os olhos de Ayaki e observou os painéis brilhantes do monumento, cada detalhe entalhado e pintado com os ícones dos deuses ditosos; Chochocan, o Bom Deus, parecia sorrir diretamente para ela, enquanto Hantukama, o Portador de Saúde Abençoada, tinha as mãos abertas, parecendo abençoar seu exército; Juran, o Justo, irradiava alegria do alto da barra transversal, como se abençoasse os que estavam prestes a atravessar o pórtico; Lashima, a Sábia, parecia fitar com afeto alguém que estivera prestes a se dedicar a servi-la. Os artesãos tinham efetuado um trabalho excepcional e as figuras pareciam dotadas de uma sabedoria divina; mas o fascínio das imagens logo diminuiu. Mara prestou atenção aos rostos familiares de servos e soldados, conselheiros e amigos e depois deu uma nova olhada a Kevin, que reagiu com seu largo sorriso bárbaro. Zonza de felicidade, respondeu à sua Conselheira-Mor, que esperava por ela:

— Sim, Nacoya, estou imensamente satisfeita. — Voltou a abraçar o filho. — Retornemos à casa de meus antepassados — acrescentou.

Apesar do cansaço da longa viagem de volta a casa, Mara animou-se com a chegada da noite. Os recintos da propriedade de sua família estavam decorados para festa, com lanternas coloridas penduradas nas árvores em todos os jardins e grinaldas brilhantes nos parapeitos da entrada central. Havia velas bruxuleando nos pátios, arcos e átrios. Fieiras de sininhos, penduradas em todas as portas e biombos, tilintavam suaves melodias agradecendo as bênçãos dos deuses a cada vez que passava alguém. Músicos contratados em Sulan-Qu acrescentavam suas melodias àquelas interpretadas por artistas patrocinados pelos Acoma e as canções ecoavam com alegria por toda a propriedade. Todos, trabalhadores livres, convidados e conselheiros, dançaram para celebrar o triunfo dos Acoma. Aias e criadas riam enquanto aguardavam os soldados vitoriosos, que as brindaram com histórias da campanha contra os homens do deserto. Como ditava desde sempre a tradição tsurani, os guerreiros foram modestos em relação a seus próprios feitos, mas não pouparam elogios aos colegas; louvaram a ousada estratégia de um homem que transformara uma derrota amarga numa brilhante vitória. Aquilo que a Senhora conquistara no Jogo do Conselho acontecera com igual sucesso no campo de batalha: fez da inovação uma aliada. Em seu lugar ao lado de Mara, Kevin sorria, modesto, diante da expressão radiante dela. Ayaki empoleirara-se como um soldadinho na perna direita da mãe, determinado a aguentar até o fim das festividades, mas lutando contra pálpebras que insistiam em se fechar. Fora designado como “defensor da casa” durante a

ausência do exército e, apesar de as genuínas ordens militares saírem da boca de Keyoke, o rapaz revelara uma devoção tenaz que espantou os adultos. Inabalável, inspecionara todas as mudanças de patrulha. Naquele aspecto, Ayaki era muito parecido com o pai; por mais que houvesse outras coisas a serem lembradas do Senhor Buntokapi, ninguém jamais ousou questionar seu senso de dever ou sua valentia. Mas o cansaço por fim venceu o rapaz. Seu queixo foi abaixando aos poucos até que adormeceu encostado à mãe.

— Devo levar o menino para a cama? — atreveu-se a falar Kevin sem que alguém lhe dirigisse primeiro a palavra.

Mara afagou a macia bochecha do filho e balançou a cabeça.

— Deixe-o aqui. — Depois, como se sua própria felicidade a tornasse sensível à necessidade dos outros, dirigiu discretamente a palavra a Kevin: — Vá cumprimentar seus conterrâneos. Não precisa voltar cedo.

Kevin conteve um sorriso ao passar por cima das luxuosas pilhas de almofadas e fez sua reverência. A longa jornada de Dustari até sua casa não proporcionara a Mara grande privacidade para se juntar a seu escravo pessoal. Ao contrário da enorme tenda de comando no terreno, com seus inúmeros cômodos e com as idas e vindas dos servos passando quase despercebidas, a embarcação mercantil que os transportara de volta pelo Mar de Sangue e rio Gagajin acima estava cheia demais para proporcionar qualquer tipo de intimidade. Por mais que Kevin desejasse visitar seus companheiros, ansiava pelo momento em que poderia voltar para os braços de Mara.

Poderia ter conquistado o amor de sua Senhora, mas a cultura tsurani nunca iria mudar; Kevin escapou do salão como um homem que fora enviado para fazer uma tarefa qualquer. Assim que chegou ao exterior da casa principal, atravessou correndo os cantos iluminados. Seus privilégios como amante de Mara de nada lhe valeriam se Jican o apanhasse “enrolando” enquanto havia trabalho a ser feito.

Avançou pelas sombras, tarefa facilitada assim que se afastou das cozinhas e dos quartéis; havia menos lanternas acesas no complexo dos criados e os aposentos dos escravos mais atrás estavam praticamente às escuras.

A música da festa da vitória pareceu distante, vaga demais para se discernir qualquer melodia. Kevin tropeçou em sulcos na terra compacta enquanto seus olhos não se habituavam à noite. Restando apenas uma meia-lua acobreada para guiá-lo, passou pelos edifícios mais afastados e entrou no conjunto de barracas de madeira logo atrás. Ali não havia enfeites de festa. Ao reparar nisso, Kevin sentiu um aperto no peito: os aposentos dos escravos podiam ter sido caiados recentemente para os festejos, mas continuavam a ser pequenas barracas sem nada. Sentados no chão em frente às portas, grupos de homens sujos e andrajosos partilhavam o conteúdo de diversos potes de cerâmica. Comiam com as mãos suas porções do banquete oferecido em honra de Mara, atirando-se a cada pedaço como se fosse a última refeição.

Um homem percebeu a aproximação de Kevin e murmurou algo, e uma conversa

prontamente se iniciou. Todos os olhares se desviaram das tigelas de comida. Então alguém comentou em midkemiano que um homem assim tão alto não poderia ser um capataz tsurani e outra voz gritou através da porta aberta de uma cabana:

— Maldição! Ainda não enforcaram você? — Seguiu-se uma gargalhada e um vulto volumoso vestido com uma túnica cinza remendada saiu apressado para se encontrar com ele.

Kevin também riu e abraçou o homem de ombros largos, esfregando sua cabeça calva de brincadeira.

— Patrick! Vejo que também não enforcaram você ainda.

Patrick exibiu um largo sorriso.

— Seria difícil, meu filho. Sou o único que consegue manter este bando de assassinos na linha. — Depois baixou o tom de voz para um sussurro: — Ou, pelo menos, foi disso que convencemos aqueles asnos — acrescentou.

Constrangido, Kevin desfez o abraço. Durante três anos vivera exclusivamente com os “asnos” e o termo depreciativo o fez perceber que passara a encarar os tsurani com outros olhos. Agora, confrontado com os rostos taciturnos de seus conterrâneos, não seria possível escapar da realidade de que era o único a ter essa perspectiva. Feições familiares tinham se alterado, estavam queimadas pelo sol e endurecidas apesar dos sorrisos por terem descoberto que o filho de seu suserano ainda estava vivo. Kevin observou aqueles homens esfarrapados, com sua alegria sumindo ainda mais ao perceber que alguns faltavam.

— Onde estão Brandon e William de LaMut? — Como se houvesse mais homens escondidos sob as entradas sombrias, Kevin olhou em volta. — Marcus, Stephen e Henry? Os dois Tim? Brian, Donell e Jon? Onde estão todos, Patrick?

— As coisas mudaram desde que partiu, meu filho — queixou-se Patrick com um suspiro de cansaço. — Esse tal de Jican é fanático por cortes nas despesas, por isso os benefícios que conquistou com a Senhora desapareceram. Agora somos tratados como um escravo qualquer.

— Mas onde estão todos os outros? — quis saber Kevin, preocupado.

Um murmúrio percorreu o grupo de homens, enquanto, com os lábios franzidos, Patrick respondia:

— Brian teve problemas no estômago e morreu numa semana. Os asnos o deixaram aí estendido e não chamaram ninguém para socorrê-lo. Donell foi morto por um macho de needra, durante a época de reprodução da última primavera. Marcus morreu com febre na estação úmida logo depois que você partiu. Uma espécie de serpente, que os asnos chamam de relli, mordeu Tim Masonsson e os guardas o mataram sem pestanejar. Disseram que o pouparam de uma morte lenta.

— Isso, pelo menos, foi gentil da parte deles — interrompeu Kevin. — O veneno do relli mata muito lenta e dolorosamente e ninguém conhece uma cura.

Pouco convencido, Patrick apoiou o braço no ombro de seu conterrâneo; cheirava a terra, a needra e a suor acumulado, mas Kevin prestou atenção em poucas coisas além das suas

palavras:

— Suspeitamos que alguns dos asnos compreendem alguma coisa da língua do Rei. Jon foi enviado para algum lugar para trabalhar com madeira; de alguma forma, descobriram que era carpinteiro. Não o vemos já faz um ano. Samuel de Toren perdeu a cabeça e bateu num asno, então o enforcaram em poucos minutos. — Olhando nervoso ao redor do complexo, Patrick atreveu-se a acrescentar: — Mas Tim Bloget e os outros fugiram.

Kevin se esqueceu de onde estava. Atirou a cabeça para trás, de olhos arregalados, e exclamou:

— Fugiram!

Patrick prendeu Kevin pelo pulso e o afastou rapidamente das cabanas, depois passou pela sebe e por um pequeno riacho. Animado, tenso e olhando frequentemente por cima do ombro, prosseguiu, num murmúrio:

— Há acampamentos de bandidos a oeste. Os asnos os chamam de “guerreiros cinzentos”. Ouvimos alguns soldados falando deles depois de o exército ter partido. William de LaMut fugiu e depois voltou às escondidas e disse que era verdade. Brandon, Tim Bloget e Stephen foram com ele e trocamos algumas mensagens.

O riacho fluía lentamente em seu leito de pedras. Ali, a música já não era mais audível; apenas se escutava o zumbido dos insetos noturnos. Kevin sentou-se, com as mãos apertando firmemente os antebraços.

— Fugiram — murmurou entre dentes.

Patrick escolheu uma pedra já gasta e também se sentou, arrancando distraidamente um talo de grama.

— A segurança foi reforçada. Aquele Keyoke não é nada tolo. Assim que os capatazes descobriram que os rapazes deram no pé, mudou as patrulhas e duplicou os guardas que nos escoltam para o trabalho. — Patrick chupou o talo, achou-o amargo e cuspiu. — Seria mais complicado partir agora, já que os asnos perceberam o que aconteceu. Antes, nem lhes passava pela cabeça que um escravo pudesse querer fugir. — Riu entre dentes, com uma ironia amarga. — Que gente estranha! Já vivo aqui há cinco anos e não faço a mínima ideia de como pensam. Não consigo entendê-los.

Kevin encolheu os ombros.

— Agora já consigo compreendê-los melhor.

Patrick respondeu prontamente:

— Deveria mesmo. É você quem é estudado, Kevin, nobre e tudo mais. A esta altura, eu já poderia ter levado os outros rapazes para as colinas, mas achei que seria mais sensato deixar isso em suas mãos. Precisamos de sua liderança, porque é provável que tenhamos uma oportunidade e...

— Espere! — Kevin chutou um torrão de terra que chapinhou ao cair no riacho. — Fugir para onde?

— Ora essa, para as montanhas. — Patrick olhou fixamente para seu companheiro, mas a escuridão escondia sua expressão. — Esses tais guerreiros cinzentos não querem nada conosco, mas podemos negociar. Não estão inclinados a nos perseguir. Por isso, pensei que deveríamos esperar pela hora certa, para depois fugirmos e montarmos nosso próprio acampamento nas terras altas.

— Para fazermos o quê? — Desesperado, Kevin balançou a cabeça.

Apesar de Patrick ter nascido plebeu, tinham se tornado amigos, companheiros de caçadas e mais tarde haviam servido juntos como soldados; apesar de ser um homem leal e um robusto combatente, Patrick era pouco imaginativo. Durante a campanha em Dustari, Kevin ficara alojado entre os soldados de Mara durante o tempo suficiente para perceber que alguns deles outrora foram guerreiros cinzentos. A vida deles, pelo que contaram, tinha sido miserável, com pobreza e fome.

— Kevin, que maldição, seríamos livres! — insistiu Patrick, como se isso deixasse tudo bem resolvido.

— Livres para fazer o quê? — Kevin pegou mais um torrão de terra. Atirou-o com força na água, e o chapinhar fez com que os insetos das redondezas silenciassem. — Emboscadas a patrulhas de soldados Acoma? Cho-ja? Para descobrirmos à força o caminho de volta até aquele maldito lugar de onde saímos quando atravessamos aquele buraco mágico no nosso próprio mundo? Ou, o que seria bem mais provável, poderíamos morrer de febre ou de fome.

Patrick respondeu, zangado:

— Aqui não somos nada, Kevin! Se nos matamos de trabalhar, recebemos algum agradecimento? Uma refeição melhor? Um dia de descanso? Não, continuamos a ser tratados como animais. Com os diabos, homem, hoje foi o primeiro dia em que não tivemos de trabalhar do nascer ao pôr do sol desde que você partiu. Nas montanhas, pelo menos, poderemos ser senhores de nossos próprios destinos.

Kevin encolheu os ombros, resignado.

— Não sei. Você era um bom caçador nas Torres Cinzentas — disse, aludindo às montanhas perto de Zun. — Mas aqui? — Com uma mão, cortou a escuridão. — Se caçar um bicho qualquer de seis patas, sabe ao menos se pode comê-lo? Metade dessas coisas é venenosa. Caçar aqui não é a mesma coisa que caçar em nossa terra.

— Podemos aprender! — retrucou Patrick. — Ou prefere trabalhar até morrer de velho? — De repente, algo passou em sua cabeça. — Ou há outra razão, meu filho? Talvez... você esteja gostando do modo como os asnos encaram as coisas?

Sentindo-se surpreendentemente encurralado, Kevin levantou-se e virou de costas.

— Não. Eu... — Suspirou, ocultou sua dor e tentou de novo: — Para mim é diferente, Patrick, muito diferente.

— Sim, uma coisa é certa, você não trabalha tanto quanto nós. — Seguiu-se um período de silêncio em que apenas o forte e insistente zumbido dos insetos era escutado. Então Patrick

também se ergueu. — Isso eu já percebi.

Kevin, irritado, andou em círculos.

— Não, eu não acho.

Consciente de que chegara a uma espécie de linha divisória, lutou para encontrar as palavras adequadas para explicar a seu amigo aquilo que aprendera sobre Mara e o que sentia por ela. Mexia as mãos, frustrado. Não importava o que dissesse, Patrick iria sempre encarar Mara como sua captora. Um homem de gostos simples e com uma inteligência básica não poderia apreciar a forma engenhosa como ela via as coisas, ou o próprio prazer de Kevin ao vê-la rir de suas piadas quando estavam a sós. Nem conseguiria explicar a magia e o modo como sua vida era preenchida quando se deixava levar por ela. Cansado demais para tentar explicar o impossível, Kevin rendeu-se e levantou as mãos.

— Olhe, vamos conversar melhor depois. Eu... eu não posso prometer nada agora. Mas sempre poderemos partir e, depois de Dustari, as coisas já não serão mais tão limitadas quanto antes.

— Como assim? — Patrick fungou, pouco convencido. — Os capatazes vão nos tratar como companheiros de bar, agora que chegou com a Senhora?

Kevin balançou a cabeça, mas o gesto quase passou despercebido, dada a escuridão sob as árvores.

— Não, mas acho que estou fazendo progressos. Um dia...

— Um dia, estaremos mortos — completou Patrick indo direto ao ponto. Agarrou Kevin pelos ombros e o sacudiu. — Não deixe que o transformem num tolo, homem, por causa de uma coxa macia. Sei que sempre fica caidinho por rostinhos bonitos, achando que uma espada desembainhada significa estar apaixonado. Mas, Kevin, não há belas donzelas para fazermos festinhas. — Nas trevas, Kevin conseguiu vislumbrar Patrick apontando com a cabeça para a casa grande ao longe. — Enquanto você desfruta de sedas, nós dormimos na lama. Quando come de manhã com a Senhora, já faz três horas que estamos no campo, e, quando janta com ela, estamos voltando. Você só será poupado da mesma sorte enquanto conseguir manter sua espada afiada e a mulher não se cansar dela. Um dia irá escolher outro amante e então você saberá em que condições vivemos.

Kevin quis contestá-lo, mas, de um modo brutalmente honesto, sabia que Patrick falava a verdade. Mara poderia amar seu enorme bárbaro, mas ele não se deveria deixar enganar: ela ordenaria sua morte num instante, e sem hesitar, se a honra de sua casa fosse comprometida. Apesar de generosa, inteligente e de até ter coração mole, Mara era igualmente capaz de se mostrar impiedosa. Kevin segurou os pulsos tensos do amigo.

— Não digo que sou contra a ideia de fugir. Só não estou convencido de que viver como marginal, comendo aquilo que conseguirmos roubar e dormindo sempre em fuga pela floresta, seja um pouco melhor do que a escravidão. Dê-me tempo. Deixe-me ver o que posso fazer para lhes arranjar comida melhor e menos trabalho. — Afastou-se, dilacerado por um conflito

que ingenuamente não previra. — Não deixe que os rapazes façam algo estúpido. Recorrerei à minha influência com a Senhora para encontrar outra forma de recuperarmos nossa liberdade.

— Então seja rápido, meu filho. Se você gosta dos asnos, isso é problema seu... Nunca deixarei de amá-lo como um irmão. — Patrick afastou-se da margem do riacho, com um tom de voz subitamente gélido: — Mas tenha consciência disso: eu o mataria se tentasse nos manter aqui. Os rapazes já se decidiram; preferimos morrer livres a viver como escravos. Já conhecemos suficientemente bem os tsurani para saber que, se sua Senhora houvesse fracassado no sul, teria sido cada um por si, com demônios perseguindo quem ficasse para trás. Por isso, aguardamos novidades. Se a Senhora tivesse morrido, teríamos partido sem que ninguém conseguisse nos convencer a ficar. Quando soubemos que ganhou... concordamos em esperar por sua volta na esperança de que nos salvasse, já que você é nosso oficial. — Fitou seu conterrâneo com um olhar duro. Vendo que Kevin não respondia, prosseguiu: — Não vamos ficar por muito tempo. Com você ou sem você, meu filho, partiremos.

Kevin suspirou.

— Compreendo. Não tentarei impedi-los. Deem-me apenas... uns dias.

— Assim será, uns dias.

Envolvidos por um silêncio desconfortável, os dois homens voltaram às cabanas dos escravos. Kevin ficou conversando com os homens que conhecera quando eram soldados e com outros que conhecera nos recintos e caravanas de escravos na rota para Sulan-Qu. Os prisioneiros midkemianos, desde sua chegada à propriedade de Mara, tinham estabelecido laços de amizade bem fortes; porém ele era considerado um homem à parte. Isso não ficara tão evidente durante o ano em que tinham trabalhado nos campos de needra. Mas, agora, a distância entre o leito de Mara e a vida miserável nas cabanas dos escravos gerara um afastamento intransponível.

Kevin ouviu as fofocas e os lamentos por causa das picadas de insetos, da fome e de inflamações. Pouco pôde contribuir para essas conversas. O entusiasmo pelo retorno triunfal desaparecera e não mencionou as maravilhas que encontrara em Dustari. Bem antes da meia-noite, começaram a se levantar para se dirigir às cabanas. Seriam acordados antes do alvorecer, apesar da festa, e os capatazes tsurani usariam o chicote nos mais lentos. Ao percorrer sozinho, à noite, o caminho de volta, passando por sentinelas que o cumprimentaram com acenos e por criados que se desviaram para deixá-lo passar, cada um desses pequenos privilégios o ofendeu. Quando chegou à parte iluminada pelas lamparinas, onde havia risos e belas criadas provocando-o e o convidando para dançar, seu desconforto se transformou em amargura. Pela primeira vez desde que mergulhara de cabeça no amor, pensou em quanto tempo faltaria para também se considerar um tolo.

Incomo dirigiu-se correndo aos aposentos de seu Senhor. Desio estava esparramado diante de um biombo escancarado, com sua túnica aberta de modo a deixar a brisa vinda da margem do lago o refrescar. Pilhas de relatórios de suas diversas propriedades estavam espalhadas a seus pés, mas ele fizera um intervalo para ouvir um trio de poetas recitando baladas sobre a história do Império. Incomo escutou o suficiente para identificar uma estrofe dos “Feitos dos Vinte e Oito, um conto de antigos heróis venerados por serviços extraordinários. Receberam por seus feitos o título de Servos do Império por alguma Luz do Céu antiga e eram recordados com carinho, embora os eruditos das atuais gerações insistissem que não passavam de lendas.

Como a influência de Tasaio direcionara Desio para as tradições marciais, os gostos do Senhor se alteraram, passando da procura de aventuras lascivas para os feitos gloriosos dos campeões; suas atividades podiam ter mudado, mas continuava a ficar tremendamente irritado com interrupções. O Senhor dos Minwanabi olhou de soslaio para a abrupta entrada do Conselheiro-Mor e o coro, interpretando seu semblante carregado como um sinal, silenciou no mesmo instante.

— O que está acontecendo?

Incomo curvou-se.

— Temos um visitante inesperado. — Como aqueles poetas eram artistas itinerantes, sem vínculos com a casa, o Conselheiro-Mor aproximou-se e sussurrou: — Jiro dos Anasati aguarda na doca mais afastada, pedindo permissão para cruzar o lago.

Desio piscou de surpresa.

— Jiro dos Anasati? — Diante de um olhar reprovador de Incomo, baixou o tom de voz com mais prudência: — O que o fedelho de Tecuma está fazendo aqui sem aviso? — Depois, consciente de que sussurrava por causa dos artistas contratados, Desio os dispensou com um aceno. Um criado pagaria a eles; não eram talentosos o bastante para serem mantidos na casa.

O Conselheiro-Mor vigiou a porta até estarem a sós no aposento.

— Pouco tenho a acrescentar. Jiro envia suas saudações, lamenta a informalidade de seu pedido e solicita um momento de seu tempo. O mensageiro que chegou da entrada do rio acrescenta que o rapaz viaja com uma pequena guarda de honra de apenas uma dúzia de homens.

— Uma dúzia de homens! — O aborrecimento de Desio evaporou. — Eu poderia capturá-lo nas docas. Tendo de pagar um resgate por Jiro, o Senhor Tecuma iria... — Interrompeu-se diante da imobilidade de seu Conselheiro-Mor e em seguida suspirou. — Não, o velhote não iria trocar um filho mais novo por seu único neto. Jiro não é estúpido.

— Com certeza não é, meu Senhor.

Incomo recuou quando Desio se ergueu de um salto, abriu completamente o biombo para o corredor lateral e, em seguida, disse:

— Envie uma guarda para escoltar nosso convidado até as docas de minha casa.

O Senhor bateu palmas bruscamente para chamar os criados e exigiu a presença dos encarregados pelos trajes e túnicas formais, e, depois, ordenou que uma bandeja grande com alimentos leves fosse levada ao grande salão.

Incomo ouviu toda a lista de preparativos sem fazer comentários. Desio havia decidido que até os entretenimentos mais triviais se passariam no grande salão. O vasto anfiteatro de pedra com seu teto alto e abobadado era suficientemente resplandecente para perturbar a maioria dos convidados. Nenhuma outra propriedade do Império poderia se equiparar em termos de arquitetura; houve imitadores que tentaram, mas seus esforços falharam sem a adequada localização natural de colinas com cumes de pedra e à margem de um lago que nem na primavera se tornava pantanoso. Sendo de longe a corte mais esplêndida daquele lado do palácio. Desio acreditava que confrontar alguém ali proporcionava vantagem aos Minwanabi. Inchado com sua própria arrogância, indagou:

— O que terá atraído Jiro até aqui?

— Sinceramente, meu Senhor, tudo é possível. — Incomo mexeu as pontas de seus dedos mirrados. — Talvez o Senhor dos Anasati esteja ficando fraco. Na qualidade de herdeiro, Halesko pode enviar seu irmão mais novo como emissário para propor algo.

Alguns criados bateram à porta, trazendo seda dobrada e cordas onde estavam pendurados faixas, pantufas, joias e alfinetes. Curvaram-se, colocaram suas cargas de lado e ajudaram seu Senhor a despir a túnica amarrotada que vestia em casa. Assim que o tecido foi deixado de lado, Incomo ficou espantado por ver que a antiga pele macia de Desio ganhara músculos volumosos. O gordo adolescente de cinco anos antes quase desaparecera, juntamente com seu comportamento tosco.

Enfiando os braços na túnica laranja e preta enfeitada com laços, Desio disse:

— Não sei. O velho Tecuma mantém sua casa a rédea curta, especialmente no que diz respeito a seus filhos. Da última vez em que estive com Halesko nos jogos, ele se parecia muito com o pai. Mas não conheço Jiro.

A conversa terminou quando os criados começaram a pentear o cabelo de seu Senhor e enfeitaram suas orelhas rosadas com brincos. Quando as atenções se voltaram para as pantufas, os criados lavaram e secaram os pés de Desio antes; Incomo aproveitou o momento para dar informações detalhadas que qualquer bom conselheiro teria sobre qualquer figura importante do Império:

— Jiro é um enigma. Mas é muito inteligente, por isso não permita que algo que ele diga o faça pensar que ele é bonzinho, pois não é.

Erguendo o outro pé para que fosse lavado, Desio franziu o cenho; nunca seria ludibriado por truques tão simples. Embora odiasse que o fizessem se sentir estúpido, o Senhor escutou com atenção quando Incomo prosseguiu e relatou a proposta de Mara, no passado, de se casar com um Anasati. Todos os presentes presumiram que se referia a Jiro, mas quem se tornara seu esposo fora Buntokapi, o irmão mais novo. Desio sorriu abertamente.

— Ah, ela desrespeitou Jiro e ganhou um inimigo.

Incomo deu uma fungada.

— Podemos presumir que sim.

Um escravo ofereceu uma pantufa coberta de joias. Desio enfiou o pé e depois mirou seu reflexo no precioso espelho de metal.

— Então, que tipo de homem ele é?

— Calmo — prosseguiu Incomo. — Jiro é muito reservado e tem poucos amigos. Tem poucos vícios, gosta um pouco de jogo, mas nada de mais, ao contrário de seu falecido irmão, e também não bebe como Halesko. Procura mulheres de vez em quando, mas não tem nenhuma favorita. Fala pouco, mas insinua muita coisa.

— Misterioso, então, cujas palavras têm sempre significado oculto — resumiu Desio.

Impressionado por não ter de explicar as sutilezas, o Conselheiro-Mor prosseguiu o relato. Faltava a Jiro a experiência militar do irmão mais velho, mas era um ávido estudante de História. Preferia os livros em pergaminho a poetas e baladas; passava horas nas bibliotecas com os escribas.

— Bem — Desio fez cara feia ao pensar no assunto —, detesto ler, por isso não será atrás de conversas eruditas que ele veio até aqui. Receberei nosso hóspede nas docas, já que não foi convidado, e, se eu não gostar do que ouvir do filho mais novo dos Anasati, posso mandá-lo juntar suas coisas e partir na mesma hora, sem problemas.

— Meu Senhor deseja uma guarda de honra?

Desio endireitou uma das joias e colocou o espelho nas mãos de um criado, que com grandes medidas o devolveu a um invólucro de veludo.

— Quantos homens disse que Jiro trouxe?

— Uma dúzia.

— Então envie vinte soldados para as docas. Está quente demais para multidões e não é preciso ostentar mais do que isso.

O sol do meio-dia brilhou intensamente nas tábuas cinzentas da doca e lançou reflexos nos enfeites da guarda de honra. Sensível à luz, Desio olhou com o canto dos olhos para a água na direção da barca Anasati, que se aproximava. A embarcação não era imponente o bastante para indicar que se tratava de uma visita de Estado; era menor e decorada apenas com tinta. Servia normalmente para transportar mensagens ao longo do rio Gagajin; só que aquela viagem não tinha o propósito de enviar relatórios. Entre as fileiras da guarda de honra de Jiro, Desio vislumbrou uma grande e pesada caixa de madeira. Aquilo o deixou curioso. Assim que os homens que usavam varas para manobrar a barca a atracaram na doca, Desio indicou a Irrilandi, seu Comandante das Forças Armadas, que ordenasse a máxima atenção aos

guerreiros.

A embarcação Anasati bateu com estrondo no cais. Escravos na proa e na popa saltaram para terra para amarrar os cabos; então, das profundezas da caixa ecoou um estranho e perturbador uivo; aparentemente, ela enclausurava um animal feroz. Ávido entusiasta dos Jogos Imperiais, que incluíam espetáculos de lutas de animais e guerreiros, Desio esticou o pescoço até Incomo lhe dar uma cotovelada para que mantivesse o decoro. Soldados com o vermelho e o amarelo dos Anasati desembarcavam no cais. No meio deles, vestido de veludo com pérolas do rio bordadas, Jiro saudou seu anfitrião com uma reverência graciosa. Era um pouco mais velho do que Desio, tinha sem dúvida mais pose e respeitava o protocolo.

— Como vai, Senhor Desio?

— Estou bem, Jiro dos Anasati — de olhos estreitos, Desio respondeu de modo adequado.
— Seu pai está bem?

— Muito bem, na verdade, meu Senhor. — Um rugido mais intenso e selvagem ecoou das profundezas da caixa de carga; Jiro exibiu um leve sorriso de arrogância. Atento à oportunidade, inspirou para dar prosseguimento ao cansativo e formal ritual de saudações, mas Desio perdeu a paciência. Ansioso para perguntar o que havia na caixa, desembuchou:

— Sinto-me feliz por anunciar que toda a minha família está bem.

Livre do protocolo, Jiro olhou presunçoso para Incomo, que irradiava grande irritação, embora não pudesse intervir naquele momento.

— Obrigado — murmurou o Anasati. — Meu Senhor Desio revela extrema bondade ao receber um visitante inesperado. Peço perdão por minha grosseria, mas acontece que estava na região e achei que seria útil conversarmos.

Algo arranhou as tábuas da caixa e os escravos do barco, nervosos, estremeceram. Desio apoiava-se alternadamente ora em um pé, ora noutro; chegara o momento em que deveria convidar seu visitante a entrar e comer algo ou dispensá-lo prontamente. A irritação por ter de honrar o filho de um inimigo foi controlada pela curiosidade. Quando Desio hesitou, Jiro aproveitou a oportunidade:

— Por favor, Senhor, não quis ter a pretensão de presumir sua hospitalidade. Tenho a bordo animais vivos que não apreciam o movimento da barca. Para mim está bem, e é melhor para eles, se pudermos conversar aqui.

O suor provocou coceira no rosto de Desio. Se Jiro estava bem sem uma bebida fresca, por outro lado, o Senhor dos Minwanabi não aguentaria. Acenou magnânimo para seu convidado e para toda a guarda de honra dos Anasati.

— Entre e sente-se. Lá dentro não será preciso apressar a conversa. — Quando seu visitante lançou um olhar de preocupação à caixa, Desio acrescentou: — Ordenarei a meus servos que levem suas feras para a sombra, para que não sofram.

Jiro hesitou. Pego desprevenido, ficou indeciso entre a indelicadeza de recusar a amabilidade de um superior e o reconhecimento de que temia a hospitalidade de um inimigo,

uma vergonha implícita; passou os dedos por seu cinto de conchas envernizadas.

— Meu Senhor é generoso, mas as feras que trago comigo são ferozes demais para serem deixadas em mãos estranhas. Não arriscaria ferir algum de seus servos.

Os olhos de Desio se iluminaram profundamente de modo estranho.

— Então traga seus animais também, eles parecem interessantes.

Jiro fez uma reverência e deu ordens ao criado que tinha ficado na barca.

— Coloque guias nos cães de caça e traga-os. E, se preza sua honra, assegure-se de que nenhum criado Minwanabi desafortunado se aproxime e se machuque.

O criado ficou lívido ao ouvir o comentário, Desio percebeu. Suas palmas ficaram úmidas de excitação. Assim que Irrilandi alinhou a guarda de honra dos Minwanabi em fileiras para marcharem para dentro, não resistiu a olhar para trás. Na barca, o criado pálido colocou um grosso par de luvas. Pegou então duas grossas guias e acenou aos escravos, que abriram a caixa com medo. Um latido estridente e mais rugidos foram ouvidos em resposta e os escravos saltaram para trás com o susto. O criado levou então um apito de osso aos lábios. Soprou uma única nota e dois focinhos apareceram na abertura, seguidos por enormes olhos oblíquos e orelhas bem afiadas. Dois cães de aspecto feroz apoiaram suas patas enormes na caixa; os escravos recuaram com medo e todos os guerreiros da guarda de honra dos Anasati colocaram discretamente as mãos sobre suas armas.

— Magnífico — disse Desio, bufando quando o criado avançou e enlaçou as guias em duas coleiras cravejadas de joias.

Os cães abandonaram a jaula com uma graciosidade sinuosa. Com enormes ombros e mandíbulas, manchados de marrom-claro e preto, as criaturas saltaram por cima da doca e depois se sentaram com dignidade, como se fossem as donas do lugar.

— Seria sensato se meu Senhor recuasse — murmurou Jiro.

Desio assim fez, extasiado demais para reparar que um inimigo lhe dissera o que fazer.

— Magnífico — repetiu, e ficou parado fitando os ferozes e gélidos olhos cor de âmbar dos cães, semelhantes aos de Tasaio sob o sol quando treinava com o arco.

Então, aborrecido por se lembrar do primo que falhara com ele e alertado pelo discreto assobio de Incomo de que estava boquiaberto como um camponês, Desio sinalizou à sua guarda de honra e ao conselheiro para que o seguissem e avançou a passos largos rumo à entrada do grande salão. E continuou:

— Que tipo de cães de caça são aqueles? — perguntou ao atravessar o salão para subir em seu dossel de almofadas, com o Conselheiro-Mor o seguindo meio passo atrás.

— São caçadores sem igual. — Jiro fez um gesto e o criado guiou os cães para um canto seguro, fora do alcance dos criados e longe de qualquer porta. Os animais sentaram-se, sérios demais para relaxarem, com um olhar insaciável e faminto.

A essa altura, as sacudidas de cabeça de Incomo despertaram sua atenção. Desio percebeu que a ansiedade o deixara em desvantagem. Ao sentar, fungou com determinação para suavizar

a situação.

— Também temos excelentes cães de caça.

Jiro refutou tranquilamente o comentário:

— Nenhum como estes, meu Senhor. Talvez, quando nossa reunião terminar, eu possa fazer uma demonstração, o que acha?

Desio ficou entusiasmado.

— Sim, talvez deva fazer isso. — Suspirou, contendo a expectativa, e depois fez um sinal ao convidado para que escolhesse uma almofada. — Venha. Vamos nos refrescar. — Em seguida, entraram alguns escravos com bandejas carregadas de comida e bebidas. Mantendo uma postura muito rígida e apropriada, Desio resistiu à tentação de se voltar para olhar os cães, que estavam dando rugidos graves e ameaçadores a quem quer que se aproximasse. Obedecendo a um gesto de Desio, Irrilandi afastou a guarda de honra Minwanabi para uma posição mais discreta; o Líder de Ataques de Jiro fez o mesmo e, cruzando a imensa câmara, mais escravos apareceram com taças e toalhas, para ajudarem ambos os nobres a se lavar.

Um dos cães gemeu. Jiro não deu importância; enfiou os dedos na água aromatizada e os retirou para secá-los.

— É um lar impressionante, meu Senhor. Quando imagino este salão cheio de entretenimentos, lamento muito não ter vindo à festa de aniversário do Senhor da Guerra.

Incomo congelou, pego de surpresa no exato momento em que ia se sentar do lado direito de seu Senhor. Olhou no mesmo instante para Desio e, pela rigidez da expressão, percebeu que não teria de agir; a referência ao evento em que a Senhora Mara forcara o antigo Senhor dos Minwanabi a cair em desonra e a praticar o ritual suicida não lhe passara despercebida.

O silêncio caiu sobre o vasto salão. Desio estendeu a mão e retirou um copo de suco de fruta de uma bandeja; o fato de evitar bebidas mais fortes foi um indício da raiva que o consumia. Sorveu o suco, nitidamente ignorando seu convidado. Nenhuma curiosidade pelos cães poderia suavizar o perigo que Jiro corria agora. Desio era um Senhor poderoso e estava no próprio salão; o silêncio se estenderia eternamente antes que se dignasse a perguntar o que poderia desejar aquele segundo filho oportunista. Jiro permitiu que o silêncio perdurasse o suficiente para mostrar que não se acovardara. Depois, falou com grande vivacidade:

— Excelentes notícias chegaram de Dustari. Agora que os homens do deserto e seus aliados foram derrotados, o Império terá paz na fronteira sul nos próximos anos.

Desio lançou um olhar a seu Conselheiro-Mor, que discretamente lhe deu um sinal de aviso. Com a referência a aliados, ou Jiro adivinhara que os homens do deserto tinham agido sob influência dos Minwanabi, ou os Anasati tinham espiões tão bem escondidos quanto os de Mara. Um dos cães gemeu, mas logo foi repreendido por um dos tratadores.

O Senhor dos Minwanabi nada disse.

— Se não fosse pela lendária sorte dos Acoma, esse triunfo nunca teria ocorrido — concluiu Jiro, que depois provou também ser capaz de se mostrar paciente.

Sem pressa, Desio esvaziou o copo. Escutou algumas palavras sussurradas por seu conselheiro e depois respondeu de maneira impecável:

— Qualquer ato em defesa do Império deve ser aplaudido. Ou pensa de outro modo?

Jiro sorriu friamente.

— O dever de qualquer Governante é servir ao Império... naturalmente.

Outra pausa veio; a perspicácia de Incomo impediu que chegassem a um impasse.

— Pergunto-me como Tecuma enxerga a brilhante vitória da Senhora Mara.

Diante da pista que procurava, Jiro assentiu educadamente na direção do esquelético conselheiro.

— Nós, Anasati, estamos ligados de forma complexa por laços de sangue com o herdeiro de Mara, o que nos obriga a ter objetivos que por vezes coincidem com os interesses dos Acoma.

— Prossiga — incentivou Incomo, lançando um olhar atravessado e carrancudo a seu Senhor para lhe lembrar que deveria ser cortês e oferecer algo para beber. Desio obedeceu com um aceno entediado.

Jiro aceitou um suco de fruta igual ao que o Senhor dos Minwanabi havia bebido. Sorveu um gole, sacudiu para trás o brilhante cabelo castanho e fixou o olhar num ponto distante.

— Essa situação não é natural, é claro. — Seus modos se tornaram mais espontâneos, de uma forma surpreendente. — Partilho da preocupação pelo meu sobrinho, isso é claro, mas, se me permite a franqueza... — Fez uma pausa para se servir de mais bebida até que Desio, mais uma vez, se inclinou, extasiado, sobre suas almofadas. Jiro retomou a palavra: — A mãe de Ayaki tem poucos amigos para justificar um rumo tão perigoso para os Anasati. — Permitiu-se uma pausa sugestiva. — Portanto, se algum mal recaísse sobre meu sobrinho, eu compreenderia. Meu pai é menos propenso a se curvar aos caprichos do destino, mas eu e meu irmão encaramos as coisas de modo diferente.

Nesse ponto, Incomo tocou o braço do Senhor para lembrá-lo de que não deveria demonstrar interesse; mas, quando o nome de Mara estava em jogo, Desio perdia o tato.

— Se o destino removesse um sobrinho desta vida...

Cristais finos ressoaram e os ecos se multiplicaram quando Jiro colocou seu copo de lado. Os cães gemeram em uníssono, como se pressentissem a tensão no ar.

— Devo corrigi-lo — disse friamente o filho do Senhor dos Anasati. — Meu irmão e eu honramos e respeitamos nosso pai como filhos dedicados. Enquanto Tecuma for vivo, seus desejos serão obedecidos! — A ênfase dada às palavras deixou tudo bem claro: Jiro não estava sendo dissimulado. Se o pai ordenasse, lutaria e até morreria em defesa de Mara. — Mas — destacou Jiro, com delicadeza —, se a mulher tivesse azar e o rapaz sobrevivesse, o Senhor meu pai não seria forçado a se vingar.

Desio ergueu as sobrancelhas. Fitou seu convidado e viu em Jiro uma raiva antiga e amarga. Foi assolado por uma ideia e se inclinou na direção de Incomo.

— Vê como ele odeia mesmo a cadela?

O Conselheiro-Mor dos Minwanabi fez um pequeno aceno.

— Uma rixa pessoal, assim me parece. Vá com calma. Seria capaz de apostar que o rapaz está aqui sem o conhecimento do pai.

Tentando parecer desinteressado, Desio mastigou um grande pedaço de bolo antes de falar:

— Suas ideias são interessantes, mas impraticáveis. Minha casa jurou ao Deus Vermelho que a linhagem dos Acoma seria extinta.

Jiro se serviu de uma fatia de carne fria. Não a comeu, mas passou o dedo por ela, pensativo.

— Ouvi falar de seu voto de sacrifício. Naturalmente, se Mara morresse e o natami dela fosse despedaçado e enterrado, o pequeno herdeiro seria um Senhor sem recursos. — Com as unhas, partiu o petisco em dois. — Sem uma casa e sem guerreiros leais, Ayaki teria apenas a família do pai para lhe dar abrigo. Talvez fosse chamado para jurar lealdade ao nome Anasati.

Então era aquele o plano que levava Jiro à casa de um inimigo! Desio pensou no assunto, procurando segundas intenções no discurso de seu convidado.

— E o garoto juraria?

Jiro se mexeu em suas almofadas e atirou pedaços de carne aos cães. Obedientes, não se levantaram, mas apanharam os pedaços no ar cerrando com violência as mandíbulas sobre eles.

— Ayaki é um menino. Vai fazer o que o avô e os tios ordenarem. Como Senhor dos Acoma, ele poderá libertar qualquer um da lealdade à sua casa, incluindo ele mesmo. Se se curvar perante o natami dos Anasati, o sangue dos Acoma deixará de correr. O Deus Vermelho ficará satisfeito.

— Trata-se de uma ideia muito ousada — interpôs-se Incomo, olhando de soslaio para seu Senhor. — Talvez ousada demais.

— Mas é, de qualquer modo, uma conjectura agradável. — Desio se levantou de suas almofadas. — Essa ideia tem seus méritos. Bem, Jiro, se os deuses encararem favoravelmente o desaparecimento de Mara e de sua casa... esperemos sua boa vontade para que tudo ocorra como sugere.

— Em prol de nossa amizade — concordou Jiro, erguendo-se também e aproveitando a deixa para partir. — Pois, por mais poderosa que seja, qualquer casa deveria pensar bem antes de achar que pode se banhar no sangue dos Acoma e se erguer com força suficiente para enfrentar a fúria de meu pai.

A expressão de Desio se fechou tão drasticamente que Incomo quase não conseguiu se levantar a tempo de puxar seu Senhor pela manga e murmurar em seu ouvido:

— O que devemos nos lembrar disso, meu Senhor, é que, sem o apoio de Tecuma, os Acoma não passam de uma pequena casa. Leve isso em conta: o Senhor dos Anasati está

envelhecendo e Jiro correu riscos para que o Senhor soubesse que o irmão dele, o herdeiro, não partilha dos mesmos sentimentos do pai pelo sobrinho nascido do ventre de Mara.

Desio voltou-se para Jiro com uma expressão controlada e sorridente.

— Vou aceitar agora sua proposta de ver seus cães em ação.

Desceu do dossel. O filho dos Anasati voltou a fazer uma reverência cortês à passagem de Desio.

— Seu desejo será cumprido, Senhor Desio. Para a exibição, precisaremos de um campo de treinamento e de um boneco com roupas de homem.

O interesse de Desio se intensificou.

— Suas feras perseguem humanos?

— Você vai ver. — Jiro estalou os dedos e o criado com os cães presos por guias ordenou nervoso aos cães que avançassem enquanto Desio os conduzia para fora do salão. — Descendem de cães pastores de Yankora, mas eu os chamo de Assassinos de Homens.

Assim que sentiram o ar fresco, os cães rugiram e latiram. Esticaram as guias, seguindo com os olhos amarelos qualquer humano que passasse. Escravos e criados recuaram com medo e a guarda de honra marchou nos calcanhares de seu Senhor, para o caso de ser uma armadilha. Apenas Desio e Jiro pareciam despreocupados com a ferocidade dos animais. Assim que chegaram ao campo de treinamento, onde Irrilandi normalmente exercitava os soldados, ordenaram que dois escravos buscassem um alvo de flechas e enchessem uma velha túnica de escravo com palha hwaet para compor um boneco. Desio fitou tudo com os olhos brilhando enquanto seu convidado explicava o modo de lidar com feras tão perigosas.

— Vê as luvas e o apito? — Jiro apontou para o criado que segurava os cães de caça, que estavam agora fazendo força, com os músculos sob a pele malhada vibrando de ansiedade. Após um aceno de Desio, Jiro prosseguiu:— O couro foi encharcado com urina de cadela. Estes cães em particular foram treinados para associar esse odor ao seu dono e para só obedecerem ao apito. Assim que estão nas mãos do dono, passam a reconhecer seu cheiro à medida que o cheiro das luvas desaparece e acabam seguindo apenas sua voz. As luvas e o apito permitem que, em pouco tempo, sejam controlados.

— Um sistema admirável — observou Desio com certa inveja.

O tom de desejo não passou despercebido a Jiro. Fez um gesto magnânimo na direção do criado.

— Meu anfitrião deseja guiar os cães?

O rosto de Desio se iluminou.

— Ficaria honrado, Jiro. E grato.

O criado Anasati tirou uma luva de cada vez. Desio enfiou suas enormes mãos nelas e agarrou as guias. Os magníficos cães o fitaram em expectativa e depois voltaram a fazer força. Ele riu com grande alegria. Ousado, afagou uma das cabeças malhadas. O cão então lhe lançou um olhar impaciente; em seguida voltou a fitar os homens, criados e soldados, que estavam

bem afastados no campo de treinamento.

— Paciência, minhas belezas — Desio os acalmou. Olhou para além da ravina, onde os criados lhe pareceram lentos enquanto vestiam o boneco com a túnica. Estremeceu, tal como os cães de caça.

Incomo reparou nesse detalhe e se entristeceu. O filho lembrava Jingu quando procurava prazeres doentios. Jiro também percebeu e um leve indício de repugnância manchou sua máscara de cortesia. Desio passou os dedos pelo apito de osso.

— Vocês aí — chamou, dirigindo-se aos escravos. — Esqueçam esses alvos estúpidos. Fugam para lá! — Gesticulou para o outro lado do campo.

Os escravos hesitaram, com o terror estampado nos rostos queimados de sol. Então, temendo a força caso se atrevessem a desobedecer a seu Senhor, deixaram cair a túnica meio enchida com a palha e correram campo afora como se fossem perseguidos por todos os demônios do inferno. Um sorriso de fúria se moldou nos lábios de Desio e, com uma delicadeza imaculada, Jiro deu as últimas instruções:

— Meu Senhor, um apito mais longo indica aos cães o início da caçada. Dois apitos curtos irão chamá-los de volta.

Desio saboreou um momento de intensa expectativa. Sentiu a ansiedade dos cães pressionando sua mão ao esticarem a corda e latirem para que fossem soltos. Um pouco depois, atçou-os, retendo-os e impedindo-os de satisfazerem seus desejos. Então levou o apito à boca e desprende as guias das coleiras. Os cães se lançaram para a frente, duas sombras negras em contraste com a grama iluminada pelo sol.

— Cacem! — murmurou Desio. — Cacem até ficarem sem forças!

Os cães cruzaram o terreno em um instante, atingindo a velocidade máxima em poucos segundos. As caudas se agitavam ao vento e os latidos selvagens ecoavam pelas colinas. Encurtaram a distância que os separava das presas em fuga com passos compridos e elásticos. Os escravos lançaram olhares aterrorizados para trás e, de repente, os cães já estavam em cima deles. O vento carregou um grito humano assim que o primeiro cão saltou com patas inflexíveis sobre as costas do homem que perseguira. Ele se atirou para a frente, agitando-se desesperado, mas as mandíbulas se fecharam em sua nuca. Os gritos cessaram, mas apenas por um instante. O outro cão de caça ultrapassou o líder, arrancando um tendão da perna do outro escravo, que caiu gritando. Um coro de uivos agudos e de rosnados espalhou-se por todo o campo. Desio lambeu os lábios. Observou as vítimas despedaçadas com um olhar arregalado de fascínio e riu da atrapalhada tentativa de fuga. Os cães eram inteligentes e ágeis. Lançavam-se para a frente e davam voltas, rasgando a carne exposta e depois esquivando-se com a mesma destreza.

— Um homem com uma faca não conseguiria escapar facilmente — comentou Jiro. — Foram treinados para matar com cuidado.

Desio suspirou.

— Magnífico, verdadeiramente magnífico. — Saboreou todos os momentos da carnificina até os escravos deixarem de se debater e os cães se aproximarem para abocanhá-los com firmeza. Um arrancou a garganta de sua vítima e o último grito silenciou de imediato. — São como os lendários cães de guerra das sagas — comentou Desio, interrompendo o silêncio incômodo.

Jiro encolheu os ombros.

— Talvez. Os cães de guerra das lendas podem ser parecidos com estes. — Parecendo aborrecido com o assunto, fez uma reverência a Desio. — Já que gostou tanto deles, aceite-os como um presente meu, Senhor dos Minwanabi. Cace com eles e, quando estiverem matando sob suas ordens, pense com carinho na conversa desta tarde.

Vermelho de prazer, Desio retribuiu a reverência.

— Sua generosidade me enriquece, Jiro. — Depois acrescentou, com delicadeza: — Mais do que pode imaginar.

Jiro não partilhou da alegria de seu anfitrião; mas o Senhor dos Minwanabi mal reparou nisso, distraído como estava com a festa sangrenta dos cães de caça.

— Permita-me lhe disponibilizar alguns aposentos, assim como para seus homens — murmurou. — Jantaremos e tratarei de que lhe seja assegurado tudo de que precisa.

— Lamento ter de declinar de um convite como esse — respondeu Jiro com certa rapidez. — Mas devo descer o rio para cear com um mercador que é agente de meu pai.

— Então fica para outra hora.

Desio apitou duas vezes e os cães deixaram de prestar atenção aos dois corpos desfeitos. As feras ficaram em alerta, em posição ofensiva, apontando seus focinhos treinados para o novo Senhor. Desio soprou mais duas vezes. Quando as feras correram obedientes em sua direção, pensou em Mara e em longas presas brancas despedaçando seu corpo odioso. Em seguida, riu em voz alta. Sem se importar em sujar a túnica, afagou as cabeças largas antes de prender as guias nas coleiras.

— Maravilhoso — comentou, dirigindo-se às fileiras silenciosas de sua guarda de honra e ao rosto rígido de seu Conselheiro-Mor. — Um valioso presente para alguém de minha estirpe. — Colocou a mão no focinho do cão ligeiramente maior e voltou a falar: — Você vai se chamar Exterminador. — Então agradou o outro. — E, daqui para a frente, você será conhecido como Carniceiro.

Os cães gemeram e, submissos, deitaram a seus pés. Desio ergueu os olhos azuis na direção do convidado, que praticamente já esquecera.

— Sua generosidade é sem igual, Jiro. Farei com que sua visita resulte em uma grande recompensa.

As sombras das colinas se estenderam. Com pesar, Desio assobiou aos cães para que dessem meia-volta. Não desviou os olhos deles durante todo o caminho de volta às docas e suspirou de tristeza quando a caixa foi descida e os cães fechados em segurança para serem

levados para os canis dos Minwanabi. Jiro despediu-se e subiu na barca, enquanto os homens com varas a deslocavam através da água cada vez mais escura diante da aproximação do pôr do sol. Desio retirou as luvas fedorentas e indicou a Incomo que o acompanhasse até seus aposentos.

— Quero tomar um banho quente.

O Conselheiro-Mor reprimiu sua vontade de fazer uma careta. O Senhor fedia à urina que ensopava as luvas e suas sandálias tinham sido salpicadas de sangue pelos cães. Encharcado em suor e falando com entusiasmo, Desio estava excitado como se sentisse desejo sexual. Incomo percebeu que não o via assim tão entusiasmado desde que Jingu ordenara que escravas fossem chicoteadas para sua diversão.

— Esses cães são... incomuns — atreveu-se a dizer o Conselheiro-Mor.

— Mais do que isso — comentou Desio. — São um reflexo de mim mesmo. Impiedosos, implacáveis, levando a dor e a destruição ao inimigo. São cães Minwanabi. — Incomo ocultou sua tristeza enquanto seguia seu Senhor até a casa grande. Desio bateu palmas para chamar os ajudantes de banho e depois acrescentou: — Sei que Jiro tem suas razões para tentar me fazer trair o juramento que fiz a Turakamu, mas, sejam elas quais forem, conquistou minha estima ao me dar o Exterminador e o Carniceiro.

Incomo conseguiu inclinar magnanimamente a cabeça.

— Estou certo de que meu Senhor terá cautela com, ah... pedidos pouco razoáveis.

Sentindo uma desaprovação oculta, Desio franziu o cenho.

— Deixe-me. Volte ao grande salão quando o jantar for servido.

Com dedos magros agarrados ao cinto, Incomo se curvou um pouco e saiu de um quarto de banho que de repente lhe parecia cheio demais de vapor e de escravas perfumadas. Conforme seus pés envoltos em pantufas raspavam o chão dos corredores, ruminou, com pesar, a desgraça de Tasaio. Não estranhando os excessos dos Minwanabi, Incomo percebeu por seu estômago revoltado que o derramamento de sangue despertara algo em Desio. O Senhor estava se comportando, cada dia mais, como um Senhor audacioso, mas, se suas escolhas futuras seguissem seu gosto por cães de caça, Incomo achou que a sorte dos Minwanabi não iria melhorar. Era inegável que os excessos de Jingu tinham levado a casa a quase cair no abismo. Suspirando por causa das provações lançadas sobre os mortais por vontade dos deuses e de Senhores caprichosos, o Conselheiro-Mor do Senhor Desio retirou-se para seus aposentos. Esticou-se nas almofadas para um cochilo, mas os latidos sedentos de sangue dos cães de caça perturbaram seu descanso e seus sonhos.

Celebração

O menino gritou.

Kevin retribuiu o grito ao se esquivar pelas flores. Ayaki o perseguia, soltando os gritos de guerra dos Acoma numa imitação infantil de ânsia por sangue. Às vezes, levava aquilo a sério demais e Kevin dava a volta, pegava o rapaz e fazia-lhe cócegas. Então Ayaki gritava de prazer e enchia o jardim com suas risadas.

Mara permitiu-se o deleite de vê-los brincar. Kevin se mantinha um mistério para ela, apesar da intimidade partilhada havia anos, mas de uma coisa ela estava certa: sem dúvida o homem era dedicado a seu filho. Seu companheirismo era positivo para Ayaki. Com quase sete anos, o menino tinha tendência a ficar melancólico, algo que se intensificara durante a longa ausência da mãe. Mas, com o midkemiano por perto, Ayaki não se deixava levar por disposições sombrias. Pois, se Kevin pressentia que os pensamentos perturbados do menino estavam chegando, não demorava a distraí-lo com uma história fantasiosa, com adivinhações ou com um jogo ou uma competição física. Nos meses decorridos desde que Mara retornara de Tsubar, Ayaki se tornara outra vez o menino de quem se lembrava. Pensou, com anseio, que Kevin não teria mais afeto pela criança mesmo que fosse o pai. Pondo de lado seus devaneios, voltou sua atenção para o documento carregado de selos e fitas. Imóvel na sombra atrás dela, Arakasi aguardava uma resposta de sua Senhora. Até que por fim Mara falou:

— Temos de ir?

Arakasi, ao responder, permaneceu quieto como as folhas no ar parado.

— A Paz Imperial será reforçada, por isso não haverá nenhuma ameaça declarada.

— Declarada — repetiu ela. — Isso de pouco serve diante das conspirações dos Minwanabi. Preciso lembrá-lo de que a primeira tentativa de acabar com minha vida foi feita por um assassino dos Mãos Vermelhas da Irmandade da Flor em minha própria clareira de meditação?

Isso ocorrera antes de Arakasi entrar a seu serviço, mas ele conhecia muito bem a história. Inclinou a cabeça.

— Minha Senhora, há boas chances de Desio se comportar devidamente. Sua posição no Conselho é a mais alta de que se tem notícia, mais alta que a de seu pai, verdade seja dita. E

os agentes que nos restam na Casa dos Minwanabi nos informaram que Jiro dos Anasati visitou Desio não faz nem duas semanas.

Mara ergueu as sobrancelhas.

— Prossiga.

Manchas de sol deslizaram pelo rosto de Arakasi quando este bebeu de uma taça de suco de fruta.

— Nossos agentes não conseguiram ouvir direito, mas, depois que Jiro partiu, Desio ficou irritado um dia inteiro, queixando-se amargamente de que não receberia ordens em sua casa, ainda mais vindas de uma família rival. Diante disso, podemos supor que Tecuma enviou o filho para adverti-lo quanto a ações precipitadas contra o neto.

Mara olhou de relance para Ayaki, que dava gritinhos de entusiasmo ao pular em cima de Kevin, agora deitado de bruços.

— Talvez. Embora me custe acreditar que Tecuma enviaria o segundo filho. Não é segredo para ninguém o ódio que Jiro nutre por mim.

Arakasi encolheu os ombros.

— Provavelmente enviou o filho para dar mais ênfase à seriedade de suas intenções.

O perfume das flores de repente pareceu opressivo.

— Dar mais ênfase a quem? — questionou Mara. — Desio ou Jiro?

Arakasi exibiu um sorriso frouxo.

— Talvez ambos.

Mara mexeu-se em suas almofadas.

— Gostaria de ter certeza antes de me arriscar a viajar até a Cidade Sagrada.

Sua inquietação indicava uma resolução, que Arakasi, intuitivamente, captou.

— Senhora, acho que é melhor eu estar presente nessa celebração em honra da Luz do Céu. Por razões que escapam ao conhecimento de minha rede, a súbita inversão de lealdade da Facção da Roda Azul colocou o Senhor da Guerra numa posição quase intocável. Almecho agora pode dar ordens ao Conselho e, se Ichindar quebrar a tradição, como dizem os rumores que pode acontecer, e resolver assistir pessoalmente aos jogos...

Entusiasmada com o fato de a análise dele coincidir com a sua, Mara concordou:

— A presença do Imperador serviria para sancionar os atos de Almecho, minando na prática o Conselho Supremo durante todo o período de governo do Senhor da Guerra.

Numa harmonia que se aprofundara com o decorrer do tempo, a Senhora e o Mestre dos Espiões contemplaram possíveis desdobramentos. Muita coisa iria acontecer em Kentosani além dos jogos e dos festejos. As famílias que quisessem conquistar terreno não iriam permanecer em casa. O Senhor da Guerra poderia se tornar um ditador pelo resto de sua vida, mas não viveria para sempre. Mais cedo ou mais tarde, o Grande Jogo seria retomado.

Arakasi ficou rígido quando as manchas de luz solar em seus joelhos ficaram de súbito cobertas por sombras. A aproximação de Kevin passara despercebida até ele se insinuar, com

Ayaki sobre os ombros, como uma miragem sobre a esteira onde Mara estava sentada.

— Minha Senhora — disse o midkemiano com toda a formalidade —, seu herdeiro está com fome.

Grata por aquela distração, Mara sorriu e dirigiu a palavra a Arakasi:

— Fale com Nacoya e Keyoke e prepare-se para partir amanhã. Você deve viajar para Kentosani com os criados e os escravos enviados à frente para preparar nossa casa da cidade e nossos aposentos no Palácio Imperial. Confirme a lealdade de todo o pessoal de lá. Não devemos partir do princípio de que todas as conspirações terão o Senhor da Guerra como alvo.

Satisfeito com aquela missão, Arakasi se levantou, fez sua reverência e partiu. Com a Senhora ainda envolvida em meditações sérias, Kevin quebrou sua concentração:

— Vamos a algum lugar?

Mara fitou seus olhos azuis com um olhar profundo demais para ser interpretado.

— O Senhor da Guerra anunciou uma grande celebração para honrar o Imperador. Partimos na próxima semana para a Cidade Sagrada.

A novidade foi acolhida sem sobressaltos, até pelo inconstante Ayaki. Nos meses que passaram desde o retorno de Mara de Dustari, a vida voltara à rotina; Mara cedera ao pedido de Kevin para suavizar as condições de vida do grupo de midkemianos e, com melhor comida e melhores alojamentos, cobertores novos e um plano de trabalho mais leve, a impaciência de Patrick se abrandara. Mas Kevin e seus conterrâneos continuavam divididos, e fingir o contrário de nada serviria para curar suas feridas. Apesar de não mencionarem mais a possibilidade de fuga, a liberdade era algo sempre presente nos pensamentos dos outros prisioneiros; poderiam não fazer pressão, mas sabiam que Kevin apenas os visitava quando não estava ocupado. Nunca se juntava a eles quando partilhava a cama de Mara.

Ayaki chutou sua montaria. Despertado de seus pensamentos incômodos, Kevin soltou um grito de dor fingido.

— Alguém está com fome. Acho que é melhor levar o jovem Senhor à cozinha para ele poder saquear a despensa.

Mara riu e deu permissão para que saíssem. Kevin levantou os braços, agarrou Ayaki pelos pulsos e o girou para que ficasse de pé; em seguida, deu-lhe um tapinha no traseiro. O futuro Senhor dos Acoma soltou mais um grito de guerra e investiu em direção à sombra da casa. Assim que Kevin correu atrás dele sem nem um pinga de decoro, a Senhora dos Acoma balançou a cabeça.

— Nacoya odeia quando esses dois comem na cozinha — comentou, sem se dirigir a ninguém em particular.

Os pássaros no alto das árvores retomaram sua cantoria interrompida. Mara deixou a mente vagar. Cansada das pressões da liderança, ultimamente voltara a pensar em reavivar o interesse de Hokanu. Os Shinzawai consolidaram sua enfraquecida presença no Conselho

unindo-se à Aliança Bélica de Almecho, fazendo com que uma união Shinzawai-Acoma se tornasse ainda mais desejável. Os radicais da Facção pelo Progresso tinham feito um barulho grande o bastante sobre mudanças sociais no Conselho para que o comportamento errante da Facção da Roda Azul não fosse comentado, mas Mara pressentiu que algo maior estava acontecendo. Pelo menos, poderia usar essa desculpa para sondar Hokanu à procura de informações.

Aborrecida por seu interesse ter mudado tão rápido do romance para a política, Mara suspirou.

— Minha Senhora? — Nacoya apareceu à porta, observando-a com preocupação. — Há algo errado?

Mara indicou com um gesto que a idosa deveria se sentar na esteira deixada vaga por Arakasi.

— Estou... cansada, Nacoya.

Lentamente, curvada pelo peso dos anos, Nacoya ajoelhou-se. As confusões de Ayaki e Kevin foram esquecidas assim que pegou as mãos de Mara com seus dedos cada vez mais trêmulos.

— Filha, o que tanto abala seu coração?

Mara se libertou das mãos de Nacoya. Assim que um de seus onipresentes criados apareceu para levar a bandeja com a refeição de Arakasi, pegou uma casca de pão seco e atirou-a no chão do lado de fora da casa. Dois pequenos pássaros mergulharam para ciscar as migalhas.

— Neste exato momento, estava pensando em fazer a corte ao Senhor dos Shinzawai, para me casar com Hokanu, pois um consorte poderia aliviar meu fardo. Mas, depois, percebi que meu desejo era só uma desculpa para extrair informações sobre os negócios da Facção da Roda Azul. Isso me entristece, Nacoya, porque Hokanu é um homem bom demais para ser usado dessa maneira.

Agindo mais como aia do que como Conselheira-Mor, Nacoya assentiu, revelando sua compreensão.

— Seu coração não tem espaço para romances, filha. Para o bem ou para o mal, Kevin já conquistou todo o seu amor.

Mara mordeu o lábio, enquanto os pássaros bicavam e lutavam pelo último pedaço de pão. Durante anos, seu pessoal se manteve em silêncio diante do óbvio: seu amor pelo escravo bárbaro era algo mais forte do que a simples necessidade de uma mulher dos braços de um homem que a confortassem na solidão. Sempre respeitosa, Nacoya não abordara o assunto proibido — por mais que frequentemente ignorasse os desejos de Mara relativos a questões triviais. Mas, como Mara refletira o suficiente sobre o assunto para questionar seu rumo, a mulher mais velha falou abertamente:

— Filha, eu a avisei na primeira noite em que o bárbaro entrou em seu leito. Foi como foi.

Nada pode mudar o ocorrido. Agora, você deve enfrentar suas responsabilidades.

Mara se sentiu ofendida, e os pequenos pássaros, assustados, abriram as asas e alçaram voo.

— Não estou dedicando minha vida a proteger tudo aquilo que um dia pertencerá a Ayaki?

Com os olhos no pão jogado fora, Nacoya disse:

— Seu pai ficaria inchado de orgulho ao saber que derrotou seus inimigos. Mas seus dias não lhe pertencem. Você é a vida da Casa dos Acoma. Por maior que seja seu desejo, filha, primeiro deve governar e só depois procurar a felicidade.

Mara assentiu e seu rosto se revelou uma máscara sem emoções.

— Há momentos...

Nacoya voltou a pegar na mão de Mara.

— Momentos nos quais ninguém que a ame levará a mal, filha. Mas virá o tempo em que precisará buscar uma aliança forte; se não for com Hokanu dos Shinzawai, então será com o filho de outro nobre. Esse novo consorte precisará de um filho, para selar a aliança entre nossa casa e a dele. Como Governante, pode levar para seu leito quem bem entender, e ninguém nega isso, mas apenas depois que estiver carregando um filho de seu esposo. Antes disso, não deve haver dúvidas sobre quem é o pai, pois essa criança será uma espécie de ponte de pedra sobre um profundo abismo.

— Eu sei. — Mara suspirou. — Mas até então devo fazer de conta... — Deixou a ideia pela metade.

Vendo que Nacoya não se mostrava interessada em partir, Mara obrigou-se a deixar de lado sua tristeza.

— Você tem novidades?

A antiga aia franziu o cenho para ocultar um sorriso de orgulho.

— O emissário do Senhor dos Keda que está nos visitando chegou ao limite de sua boa vontade e paciência. Insiste em firmar um acordo ainda esta tarde. A Senhora precisa comer e cuidar da aparência, pois Jican já está sem desculpas. Chegou a hora de assumir o leme das negociações.

Mara conseguiu mostrar um sorriso irreverente.

— O terrível e maçante assunto dos armazéns de cereais. Não me esqueci. — Ergueu-se, ofereceu a mão à mulher mais velha para ajudá-la a se levantar e depois se dirigiu a seus aposentos, onde as criadas aguardavam com um enorme conjunto de túnicas formais.

Duas horas mais tarde, com o cabelo das têmporas dolorosamente esticado e preso pela força das presilhas que seguravam seu enfeite na cabeça, Mara entrou no grande salão dos Acoma. À sua espera, parecendo ferver, estava o dignitário que passara praticamente dois

dias frustrantes se contentando com o hadonra. Igualmente aborrecido e quase estourando de tão nervoso, Jican levantou-se para anunciá-la.

— Minha Senhora dos Acoma — apresentou ao visitante, que se voltou rapidamente e a mirou de alto a baixo por trás de um nariz aquilino com o ar sério de clérigo. Atrás dele, mas mais lento em disfarçar as expressões de tédio, estava um grupo de escribas e agentes comerciais desgrehados, que se ergueram prontamente para uma reverência.

Mara aguardou até que o superior deles efetuasse a mesura devida à sua posição antes de avançar até o dossel. Todos os olhares se cravaram nela e o bater da bengala de Keyoke ao segui-la bem de perto se contrapôs ao rangido da armadura de Lujan. Com seu mau humor oculto sob várias tonalidades de seda, já que a família de seu Senhor era uma das Cinco Grandes e de posição superior à de Mara, o pomposo emissário brindou-a com estima.

— Como vai, Senhora dos Acoma?

Cautelosa por causa de seu elaborado penteado, Mara inclinou a cabeça.

— Vou bem, Conselheiro-Mor Hantigo. Como vai o Senhor dos Keda?

O emissário respondeu rigidamente à boa educação dela:

— Quando o vi pela última vez, posso dizer que estava bem.

Mara se policiou para não rir da cara de amargura disfarçada do homem. Parente distante dos Shinzawai, o Senhor dos Keda era um homem poderoso, que ocupava não apenas uma posição superior à família de Mara, mas também era Chefe de Guerra do Clã Kanazawai. A Casa do Senhor dos Keda não deveria ser ofendida, embora, por indicação de Mara, Jican tenha passado o último dia e meio enrolando o Conselheiro-Mor de Andero. Instalada nas almofadas, com as túnicas dispostas em camadas como se fossem pétalas de flores, Mara indicou a seus conselheiros que se acomodassem e aos emissários dos Keda que se instalassem. Então começou a negociar, como se seu hadonra não tivesse se esforçado ao máximo para postergar aquele momento.

— Nacoya me disse que estamos quase chegando a um acordo.

O Conselheiro-Mor dos Keda manteve sua postura impecável, mas o tom de sua voz não deixou dúvidas quanto ao seu estado de espírito:

— Com o devido respeito por sua estimada Conselheira-Mor, Senhora Mara, mas o assunto está bem longe de ser resolvido.

Mara ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? O que mais há para discutir?

O Conselheiro-Mor dos Keda disfarçou a irritação com a perícia de um político experiente.

— Requeremos acesso às docas em Silmani, Sulan-Qu e Jamar, Senhora. Aparentemente, seus agentes adquiriram tanto espaço de armazenamento que, na verdade, a Senhora tem agora um monopólio.

Um dos agentes menores o interrompeu, recorrendo ao sarcasmo:

— Como nessas áreas não é visível a presença de comércio Acoma, eu me arrisco a sugerir que previu as necessidades dos Keda e procurou frustrá-las. Lembramos que a estação é curta. O tempo nos obriga a arranjar um lugar onde guardar nossos artigos nas docas fluviais. O comércio da Casa dos Keda não deve sofrer qualquer interrupção prejudicial.

Antes que o revoltado escriba revelasse mais do que devia, o Conselheiro-Mor retomou as rédeas da conversa:

— Meu Senhor pediu que indagasse suas exigências e negociasse um acordo para estabelecer contratos de arrendamento de armazéns nas três cidades citadas. Após dois dias de conversações, ainda não sabemos ao certo qual preço a Senhora está exigindo.

Um movimento nas sombras do canto mais distante do salão captou a atenção de Mara; discreto e silencioso como sempre, Arakasi entrou. Ele percebeu imediatamente que sua Senhora reparara em sua entrada e fez um sinal inequívoco para que prosseguisse com o assunto em questão. Mara conteve sua satisfação com a eficácia do Mestre dos Espiões e olhou deliberadamente para o Conselheiro-Mor dos Keda.

— Hantigo, os planos dos Acoma para essas instalações são assunto dos Acoma. Basta dizer que iremos perder vantagens no comércio do outono no próximo ano se não mantivermos os presentes contratos.

— Minha Senhora, se me permite dizer — falou o Conselheiro-Mor dos Keda com uma leve pontada de irritação —, as vendas do próximo outono são de pouco interesse para os Keda. É nesta primavera, aproveitando as cheias, que nossos cereais devem entrar no rio. Quando nosso agente em Jamar foi ignorado pelo seu, fizemos esforços para negociar o direito de sublocar os armazéns. — Ele pigarreou e se esforçou para não soar condescendente; não tinha pela frente uma menina caprichosa, mas uma participante habilidosa do Jogo. — Por não ser comum que uma Governante se preocupe com assuntos menores de comércio, demoramos para trazer o assunto até a Senhora, mas os dias que restam são cruciais.

— Para os Keda — replicou Mara de súbito.

As informações recolhidas por Arakasi revelaram que as colheitas de primavera dos Keda aguardavam em celeiros de fazendas rio acima, à espera da disponibilidade de armazenamento nas docas. Quando comessem as cheias da primavera, os cereais precisariam estar à mão para serem transportados por barcos e barcas rio abaixo até os mercados da Cidade Sagrada, de Sulan-Qu e Jamar. Os invernos secos nas terras baixas de Kelewan eram a única época em que as viagens no Gagajin — a principal via comercial do Império — eram restritas. Enquanto os barcos menores conseguiam contornar os obstáculos da maré baixa durante o inverno, as barcas maiores carregadas de mercadorias não eram capazes de passar pelas águas rasas entre Sulan-Qu e Jamar. Apenas quando a neve derretida da Cordilheira Elevada inundava as águas é que o transporte de cargas pesadas se tornava possível. Mara tentara, igualmente, dominar os espaços nas docas de Kentosani, a Cidade Sagrada, mas não conseguira, devido a um decreto imperial — ninguém poderia requisitar os armazéns durante muito tempo, por conta de

uma eventual necessidade do governo. Apesar desse contratempo, Mara estabelecera uma barreira no comércio dos adversários, mas de maneira quase discreta, sem ameaças declaradas. O fato de o Senhor dos Keda ter enviado seu Conselheiro-Mor como negociador provou que seu golpe impulsivo tocara em um ponto fraco; o dilema a respeito do impasse dos cereais era um assunto de grande urgência. Mara simulou aborrecimento.

— Então muito bem: se meus conselheiros não foram suficientemente claros, deixe-me explicar os termos. — Fez uma pausa, como se fizesse as contas usando os dedos. — Concedemos a vocês direitos totais sobre nossos armazéns em Silmani, sem restrições, a partir de hoje e até o dia em que suas colheitas seguirem para o Sul — disse. — E igual acesso a armazéns em todas as cidades mercantis do Sul, mais uma vez sem quaisquer restrições, até terem vendido completamente as colheitas deste ano, mas sem ultrapassar o primeiro dia do verão. — O Conselheiro-Mor dos Keda sentou-se, imóvel, sem qualquer expressão no rosto, mas seus modos cansados se tornaram ávidos enquanto aguardava o preço. Mara quase sentiu pena por desapontá-lo. — Em troca, seu Senhor deve garantir a promessa de um voto no Conselho, quando eu desejar, sem reservas nem perguntas.

Violando o protocolo, o Conselheiro-Mor dos Keda deixou escapar sua revolta:

— Isso é impossível!

Mara reagiu ficando em silêncio.

— Conselheiro-Mor! Não se esqueça de seu lugar! — avisou Nacoya, aproveitando a deixa.

Atingido pela vergonha, Hantigo ficou vermelho e se esforçou para recuperar a compostura.

— Peço perdão à Senhora. — Com frieza, estreitou os olhos. — De toda forma, eu não estaria sendo leal ao meu Senhor se respondesse a esse pedido de outra forma além de um não.

Consciente de que Lujan reprimia um sorriso fora de hora e de que Arakasi a olhava com admiração de seu posto estratégico no fundo do salão, Mara desempenhou seu papel com perfeição:

— É esse o nosso preço.

Os escribas e os agentes pareceram ofendidos e o vermelho no rosto de Hantigo sumiu dando lugar a uma grande palidez.

— Minha Senhora, está exigindo demais.

— Vocês podem alugar carroças para levar os cereais para os mercados do Sul — sussurrou um agente, envergonhado.

Hantigo fez uma careta carrancuda e respondeu entre dentes:

— Se essa opção fosse possível, nunca teria abandonado a sombra das propriedades de meu Senhor. A margem de tempo que tínhamos para alternativas foi desperdiçada e, mesmo que as carroças partissem neste instante, os cereais chegariam tarde demais para pegarem o

auge do mercado. Seríamos obrigados a aceitar quaisquer preços oferecidos pelos intermediários. — Hantigo encarou Mara e suas feições revelaram uma máscara branda. — A honra dos Keda não tem preço.

Mas Arakasi descobrira que o Senhor dos Keda estava à beira da falência. Se o orgulho era fundamental para ele, poderia vender os cereais com prejuízos e esperar um ano para se recuperar. No entanto, Mara pressentiu que obrigá-lo a isso seria perigoso, e talvez até lhe valesse sua inimizade. Sorriu e pareceu irradiar cordialidade.

— Conselheiro-Mor Hantigo, não me entenda mal. Não pretendo desrespeitar Andero dos Keda. Permita-me garantir diante destas testemunhas que apenas solicitarei o voto de seu Senhor em um assunto do interesse da Casa dos Acoma. Prometerei ainda que nenhum voto será exigido se houver a mínima possibilidade de prejudicar a honra da Casa dos Keda. Tampouco pedirei que deem ajuda militar aos Acoma, ou realizem um ataque contra uma terceira facção, ou qualquer outro ato que coloque em risco propriedades ou riquezas dos Keda. Procuro apenas garantias para bloquear qualquer tentativa futura de me colocar em desvantagem no Conselho Supremo. Com certeza se recorda das dificuldades que o chamado imperial para lutar na fronteira impôs sobre minha casa.

Hantigo limpou o suor acumulado na testa, relutante em dar razão à jovem. A conspiração dos Minwanabi por certo causara problemas à fortuna dos Acoma por três anos; a entrada da casa no comércio de seda fora praticamente arruinada com esse único golpe. Mas, mesmo que o Conselheiro-Mor se mostrasse compreensivo, não poderia dar garantias a Mara sem a autorização de seu Senhor; a transferência de um voto no Conselho Supremo não era o tipo de concessão que pudesse ser outorgada por um emissário. Com pesar, Hantigo disse:

— Mesmo com tais garantias, duvido que meu Senhor aceite suas condições.

Era significativo o fato de não ter dito que era impossível. Confiante na vitória, e sabendo que Andero dos Keda era um homem de integridade inabalável, Mara deu o encontro por terminado.

— Então é melhor que vá correndo até seu Senhor para lhe apresentar minha proposta. Aguardaremos com interesse a resposta dele. Avise-o de que partiremos para as celebrações em Kentosani dentro de uma semana. Aqui, ou na Cidade Sagrada, aguardo a resposta dele. — Então ela deu um sorriso adequado.

O Conselheiro-Mor dos Keda ergueu-se e fez uma reverência, dissimulando muito bem seu desapontamento. Escoltado pela multidão de escribas e agentes, abandonou o salão com dignidade. Em seguida, Mara chamou Jican para tratar da partida de Hantigo. Depois fez um prudente intervalo e por fim chamou Arakasi.

— Será que poderemos contar com o voto dos Keda no Conselho?

O Mestre dos Espiões lançou um olhar tão penetrante quanto o de uma asamortal para a porta por onde o emissário acabara de sair.

— Suspeito que o Senhor possa ceder, mas terá de lhe dar garantias. O Senhor dos Keda

leva muito a sério seu papel de Chefe de Guerra de Clã. Não fará nada que comprometa a casa ou os interesses dos Kanazawai e, principalmente, não se deixará envolver em qualquer conflito com os Minwanabi.

Lujan afastou-se um passo, na direção da porta e dos deveres que tinha a cumprir, mas, antes de sair, fez um comentário:

— Ainda assim, mesmo integrando publicamente a Facção do Olho de Jade, os Keda têm muitos parentes na Facção da Roda Azul. Se estão tão envolvidos no Jogo do Conselho quanto parece, dar a Desio mais uma razão para odiá-lo talvez não seja assim tão importante, não é?

Um leve sorriso foi a única reação de Mara. Cansada depois de uma tarde penosa, arrancou uma presilha de cabelo que a estava incomodando.

— Fizemos tudo o que era possível sem nos arriscar a insultá-lo. — Revirou a presilha nas mãos, observando a luz refletindo e brilhando na pequena pérola da ponta. — Não gosto de pisar nos calos de um Chefe de Guerra de Clã, mas precisarei de todo o apoio que conseguir reunir para contrariar os Minwanabi no Conselho Supremo. Nossa casa não aguentaria um desastre como o que quase aconteceu em Tsubar.

Mara retirou outra presilha e depois fez um sinal a um criado para que tirasse o enfeite de sua cabeça. Anéis escuros de cabelo caíram em cascata por suas costas, deixando-a mais confortável, mas também com mais calor.

— Onde é que isso nos deixa?

Nacoya enrugou a testa e depois estalou os dedos para que uma criada cuidasse do cabelo solto de sua Senhora.

— Se todas as promessas feitas forem respeitadas, a Senhora poderá influenciar perto de um terço do Conselho Supremo.

Avaliando as possibilidades como outrora fizera no campo de batalha, Keyoke acrescentou:

— Aposto que alguns podem vir a desonrar a promessa feita, caso haja circunstâncias adversas, minha Senhora.

O rumo do Jogo nunca estava assegurado e Mara conhecera as ciladas da política tsurani ainda muito jovem. Enquanto os dedos de sua criada arrumavam seu cabelo de modo mais confortável, aconchegou os cotovelos ao peito e apoiou o queixo nas mãos.

— Mas, se o poderoso Chefe de Guerra do Clã dos Kanazawai me ceder seu voto, os hesitantes podem seguir sua liderança.

Por trás de tais especulações, deixava implícito seu medo de ter ido longe demais e, assim, ter incitado a inimizade da Casa dos Keda; se o Senhor Andero se sentisse ofendido, nem mesmo o fato de os Acoma e os Keda estarem ligados à Facção do Olho de Jade evitaria uma retaliação. Mas dúvidas não levavam à grandeza. Assim que a criada finalizou o penteado com um laço de veludo, Mara pediu uma túnica mais leve e simples e depois olhou para seu círculo de conselheiros.

— Temos muito que fazer para preparar a viagem. — Um olhar de relance na direção da janela lhe permitiu perceber que ainda teriam muitas horas de luz pela frente. — Lujan, por favor, reúna uma escolta. Ayaki e o natami devem ser protegidos de ataques durante nossa ausência e um carregamento de nossos fardos de seda deve ser enviado para aqueles armazéns para que os Keda não possam se queixar de que monopolizamos o espaço apenas para colocá-los em desvantagem. Para isso, tenho de traçar planos com a rainha dos cho-ja antes que a noite caia.

Parecendo uma patrulha que cruza uma fronteira inimiga, os Acoma entraram na Cidade Sagrada. Dos armazéns majestosos na margem do rio até as grandes avenidas entre os pátios, Kentosani apresentava-se decorada e enfeitada como uma noiva a caminho do casamento. Paredes recém-pintadas, grinaldas e bandeiras coloridas faziam de cada rua um cenário agradável. Mais antiga do que Sulan-Qu e refletindo séculos sucessivos de gostos e estilos arquitetônicos diferentes, a cidade era a mais impressionante do Império. Edifícios de pedra com múltiplos terraços sobrepostos em sacadas esculpidas e pintadas e postes de iluminação de madeira e cerâmica impecavelmente trabalhadas erguiam-se sobre canteiros de flores alinhados ao longo das avenidas. Para onde quer que Kevin olhasse, ficava espantado com a beleza e com uma feiura exagerada e contrastante. O aroma de incenso dos templos misturava-se à sujeira subjacente dos detritos do rio. Pedintes esqueléticos licenciados pelo Governo Imperial sentavam-se em fileiras, com chagas abertas e membros amputados expostos à multidão de pedestres — não eram poucos os que se balançavam sustentados por bengalas, com as costas apoiadas em murais pintados por artistas. Grupos de moleques imundos gritavam e esticavam os pescoços para conseguirem espiar uma grande Senhora, enquanto a vigilante guarda de Mara os mantinha longe com os escudos e com as bases das lanças. Matronas da cidade com cestos pendurados em varas escarniam e apontavam para o grande escravo bárbaro que era mais alto do que todo o resto do séquito e cujo cabelo ruivo alaranjado atraía olhares de admiração.

Grupos de mercadores de quem mensageiros se esquivavam, procissões de Sacerdotes em suas túnicas com capuz e faixas de contas com relíquias penduradas, mensageiros domésticos passando com pressa e guardas da cidade com o reluzente branco imperial criavam uma atmosfera de animada prosperidade. Mas Kevin, como soldado experiente, detectou olhares de alerta por parte de homens escondidos em cantos escuros; fossem espões, informantes ou traficantes de informações que vendiam novidades em troca de moedas de concha, os guardas Acoma não correram riscos. Batedores bem atentos verificaram todas as entradas e becos por onde passaram, enquanto Lujan manteve os guerreiros a postos para atacar ao mínimo sinal de ameaça. A Paz Imperial representava uma promessa de retaliação a quem quer que a

perturbasse, mas era à prova de falhas. Ainda assim, apesar de todas as intrigas subjacentes, era espetacular atravessar o bairro comercial. Apenas um membro da comitiva dos Acoma não se deixava deslumbrar, nem por um momento, por todo aquele esplendor. Obrigado a viajar numa liteira como um cortesão, Keyoke seguia impassível como uma pedra, com o rosto absolutamente inexpressivo.

O cortejo de Mara passou pela Praça do Templo, um quadrado gigante que servia de centro a vinte enormes edifícios, erguidos para louvar os deuses tsurani e servir de lar aos Sacerdotes das diversas Ordens. Arcos com conchas incrustadas refletiam a luz do sol, projetada por tijolos envernizados, mármore preciosos e pilares de malaquita e ônix. No centro da praça ardia uma grande fogueira, rodeada por potes de incenso e altares empilhados até o alto com potes de oferendas. Kevin avançou com dificuldade, dividido entre apreciar os esplendores de uma cultura ancestral e estranha e olhar para onde punha os pés, num piso desgastado e traiçoeiramente desnivelado.

A casa de Mara na cidade ficava em frente a um complexo residencial pacato, à sombra das árvores floridas que ladeavam a avenida. A fachada era rodeada por uma parede com tijolos caros sobre a qual se erguia o telhado de vários níveis, decorado com aves shatra gravadas. Os portões de entrada amplos e semicirculares feitos de madeira ficavam à sombra de um caramanchão de videiras lilases que cresciam em treliças elaboradas afixadas em milhares de conchas gigantes. O efeito fora concebido para impressionar. Assim como muitas outras famílias antigas do Império, os Acoma dispunham de alojamentos adequados no centro de Kentosani e nos salões do complexo imperial. Podiam passar anos entre as visitas, mas as luxuosas casas antigas eram sempre mantidas a postos para acolhê-los durante algumas semanas na cidade. A cada família do Conselho Supremo era atribuído um pequeno apartamento no Palácio Imperial, mas, para dispor de maior conforto e das vantagens do entretenimento particular, a maioria dos Governantes preferia a liberdade e a grandeza de seus aposentos menos formais afastados do coração da cidade. Jican estava à espera à porta da Casa dos Acoma, acompanhado por um criado com o uniforme doméstico. Assim que a comitiva de Mara se deteve em frente à entrada, o hadonra curvou-se.

— Está tudo pronto para sua chegada, minha Senhora. — Em seguida, fez um gesto e, com essa deixa, as portas se abriram de par em par.

Os carregadores de Mara levaram a Senhora para dentro e, quando Jican e seu ajudante se deixaram ficar para trás, Kevin percebeu com surpresa que o homem com roupas de criado era Arakasi. Acobertado pelo caramanchão, seguiu ao lado dos soldados em marcha quando a guarda de honra se espremeu para ultrapassar a entrada; então o Mestre dos Espiões inclinou-se na direção da liteira de Mara. Apenas Kevin se deslocava suficientemente perto para reparar que foram trocadas algumas palavras entre eles. Depois de toda a comitiva entrar no pátio, os portões foram fechados e trancados. Kevin ofereceu a mão a Mara e reparou ao ajudá-la a descer das almofadas que ela se esforçava para não parecer preocupada.

— Há algo de errado? — perguntou ele. — Arakasi trouxe más notícias?

Mara lançou-lhe um olhar de advertência.

— Aqui não — murmurou, enquanto fingia inspecionar o pequeno jardim que ajudava a isolar a casa do ruído da rua. — Tudo parece em ordem, Jican.

Kevin ficou espantado com a reticência de sua Senhora até Arakasi apontar discretamente para as galerias suspensas do outro lado da casa. Poderia haver alguém escondido observando e o midkemiano só então se lembrou de que entre os espiões havia indivíduos capazes de ler os lábios. Apaziguado, manteve-se apropriadamente um passo atrás de sua Senhora quando ela entrou na casa da cidade.

O átrio interior cheirava a madeira encerada, especiarias e velhas tapeçarias; havia mobílias antigas onde quer que Kevin deitasse os olhos, muito bem polidas por gerações de criados. A residência em Kentosani era mais antiga do que a casa grande perto de Sulan-Qu. A maioria dos biombos do lado da rua tinha seda decorada pendurada, mas o corredor interno dava para um pátio central, tingido de verde pela sombra de árvores ancestrais. Escadas estreitas com balaustradas entalhadas com feras míticas subiam por entre o teto elevado; estavam tão gastas que se tornaram macias devido ao toque das mãos que se apoiaram nelas ao longo dos séculos. Parecendo que o edifício outrora fora um complexo murado, as paredes do pavimento térreo eram de pedra, com os três pisos superiores em estruturas de madeira com paredes de tecido. Kevin olhou maravilhado, pois aquele edifício era diferente de qualquer um que já tivesse visto em ambos os lados do Portal. Apesar de pequena se comparada à casa grande dos Acoma, a casa da cidade era tão grande quanto uma estalagem do Reino. Vigas enormes e alvenaria imponente haviam sido habilmente erguidas, formando um domicílio aberto e arejado. As varandas, nas quais havia enormes vasos de flores, davam para um jardim interno, com lagos de peixes e uma fonte, e um jardineiro já velho brandia seu ancinho, enquanto dois escravos retiravam musgo do caminho de lajes.

— Uma pessoa é capaz de se acostumar com isso — comentou Kevin, sem se dirigir a ninguém em particular.

Uma cutucada vinda de trás o lembrou de sua posição. Olhou em volta e para baixo, para o semblante irascível de Nacoya, que ergueu sua bengala num ângulo que indicava que estava falando sério.

— Sua Senhora está chamando você para o banho, bárbaro.

Com certo atraso, Kevin reparou que o térreo de repente ficara vazio e que os criados estavam subindo as escadas às pressas. Arakasi não parecia figurar entre eles. Levando uma nova pancada, dessa vez num local bem mais sensível à dor, Kevin disse:

— Está bem, vovozinha. Já vou. — E subiu, com um sorriso insolente estampado no rosto.

Mara já estava em seus aposentos, com diversas criadas desconhecidas ocupadas em despi-la. Dois outros criados despejavam caldeirões de cerâmica com água fumegante numa banheira de madeira. Arakasi não estava entre eles. Assim que Mara se despiu e uma criada

lhe prendeu o cabelo para cima, Kevin avançou e testou a temperatura da água para que ela se sentisse confortável. Após seu aceno de cabeça, os criados partiram. Mara dispensou as criadas também e depois subiu um pequeno degrau para graciosamente entrar na banheira. Acomodou-se naquele calor balsâmico, de olhos fechados, enquanto Kevin começava a passar o sabonete perfumado em seu rosto.

— Isto é muito gostoso — comentou ela com delicadeza.

Mas mesmo assim não parecia relaxar.

— O que Arakasi disse? — perguntou Kevin massageando gentilmente o rosto dela para remover a poeira da estrada. Colocou as mãos nos ombros dela quando Mara se dobrou para limpar a espuma do sabão, ainda com a tensão bem visível.

Mara suspirou e soprou algumas gotas acumuladas no nariz.

— Fui convocada para uma reunião de clã esta tarde. Alguém teve o cuidado de fazer com que eu não fosse avisada. Hoje à noite aparecerá, sem dúvida, um mensageiro pedindo desculpas e garantindo, em seu próprio nome, que está voltando de minhas terras.

Kevin voltou a pegar o sabonete e recomeçou a ensaboá-la. Seus dedos aliviaram a tensão do pescoço, mas ela não parecia sentir prazer. Kevin calculou que ela estava pensando na visita já antiga de Jiro dos Anasati, quando ele a avisara de que as facções no seio do Clã Hadama estavam assustadas com a súbita ascensão dos Acoma. O tratado vitorioso em Tsubar certamente aumentara a inveja já existente. E pior, pouco antes de partirem para a Cidade Sagrada, os espiões de Arakasi enviaram a notícia de que o jovem Jiro fora visitar o Senhor Desio. A mensagem que não chegara, portanto, poderia estar ligada a ambos os acontecimentos. A política de Kelewan era interminável e mortalmente perigosa. Não querendo pensar por muito tempo nas intrigas tsurani, Kevin empurrou Mara para a frente e começou a lavar suas costas.

— Minha Senhora, as mensagens confusas e as rivalidades entre clãs continuarão onde estão depois do banho. A menos que pretenda confrontar os membros de seu clã coberta de pó da estrada...

Mara soltou uma gargalhada, fingindo estar ofendida.

— Sua besta, com certeza não estou mais suja do que você, que percorreu todo o caminho a céu aberto.

De brincadeira, Kevin passou o dedo em seu próprio rosto e o ergueu, como se o inspecionasse.

— Humm. Sim, é verdade, pareço estar mais escuro do que quando iniciamos a viagem.

O sabonete que ele usara ainda não tinha sido guardado e Mara pegou um pedaço e aproveitou a ocasião para colocá-lo no nariz do amante.

— Então é melhor você também se lavar.

Kevin olhou em volta, simulando pesar.

— Não vejo criados por aqui para esfregarem minhas costas, minha Senhora.

Mara pegou uma esponja e encharcou o rosto dele com água.

— Venha cá, seu louco.

Sorrindo abertamente, Kevin deixou cair o sabonete, despiu-se e entrou na banheira. Instalou-se atrás de Mara, puxou-a para ele e seus dedos percorreram o corpo dela. Com a pele se arrepiando com as carícias, Mara sussurrou:

— Achei que só ia lavar a poeira da estrada.

As mãos dele deslizaram para baixo d'água, sem parar de tocá-la.

— Ninguém disse que se lavar precisa ser desagradável.

Mara, sempre abraçada por ele, voltou-se para trás, esticou-se para cima e beijou seu escravo bárbaro. Logo as preocupações com as rivalidades entre clãs foram esquecidas quando se deixou levar pelos prazeres proporcionados por seu amor.

Vestida em traje de cerimônia, Mara sinalizou a seus carregadores para que se detivessem diante da entrada do Salão do Conselho. Rodeada por seus guarda-costas em formação cerrada e auxiliada por uma criada velha e mirrada, teve de suportar ajustes de última hora nas roupas que vestia enquanto Lujan e uma companhia de honra de cinco guerreiros a aguardavam na câmara. Kevin se posicionou na retaguarda da liteira aberta. Incapaz de ver além do alto enfeite de cabeça cheio de joias, dedicou-se a apreciar a antecâmara, cujo esplendor não poderia ser comparado a nada que já tivesse visto na vida. O edifício que abrigava o Conselho Supremo era um dos mais imponentes de Kentosani. O Conselho ocupava um complexo maior do que toda a casa grande dos Acoma, com corredores de teto alto como os de cavernas e todos os arcos e entradas entalhados com criaturas fantásticas, cuja influência demoníaca as gerações anteriores tinham tentado repelir. As gárgulas permaneciam lá, embora muitos dos nomes daqueles espíritos tivessem caído no esquecimento, com seus semblantes aterrorizantes ignorados por aqueles que zombavam de sua proteção. Os pisos e os tetos tinham padrões complexos, e cada centímetro de parede exibia murais com representações históricas. Muitos deles mostravam guerreiros com as cores dos Xacatecas e dos Minwanabi; ocasionalmente, reconhecia um contingente com o verde dos Acoma. Tendo aprendido recentemente a apreciar as grandes tradições do Império, Kevin voltou a sentir-se um estranho no meio daquela cultura.

Aquela pequena cidade dentro da própria cidade, com suas próprias entradas e salas de reuniões, independente do palácio, era guardada por companhias de soldados recrutados entre todas as casas dos membros do Conselho. Nos corredores, estavam alinhados guerreiros que vestiam armaduras com centenas de combinações de cores. A todas as companhias cabia assegurar a paz, sem tomarem partido, pois as disputas geravam violência; além disso, todos os Senhores asseguravam que esse juramento nunca deveria ser questionado, pois a honra

tsurani colocava a lealdade das casas acima de qualquer conceito abstrato de jogo justo.

Kevin perdeu a conta dos símbolos e cores muito antes de chegar à antessala. Quando enfrentara os tsurani na Guerra do Portal, os exércitos eram homogêneos, com talvez duas ou três casas diferentes marchando sob as ordens de um mesmo comandante. Mas, só naquela antecâmara, havia pelo menos uma dúzia de padrões de armadura que ele não reconheceu, identificando casas que providenciavam segurança à reunião do Clã Hadama. Então ouviu uma voz anunciando do outro lado da entrada:

— A Senhora dos Acoma!

Em seguida, um par de enormes tambores ribombou. Lujan fez um sinal a seus homens para que marchassem em passo ritmado e, assim que os carregadores de Mara avançaram em procissão, Kevin conseguiu ver os homens dos tambores. Estavam um de cada lado da grande entrada, vestindo o que parecia ser um traje antigo de couro. As baquetas que tinham nas mãos eram de osso esculpido e os instrumentos eram de peles pintadas e esticadas sobre o que, visto de perto, mostrou serem carapaças invertidas de tartarugas-gigantes. Kevin viu os tripés por baixo, confeccionados com o corpo de uma criatura que lembrava um lagarto com espinhos.

Às vezes, ser um escravo bárbaro tinha suas vantagens — ninguém mostrava surpresa por ele ficar boquiaberto. Se os pátios de entrada e os corredores já tinham impressionado Kevin, o Salão do Conselho em si foi avassalador. Construído sob uma cúpula circular, era rodeado por galerias superiores, com bancos de madeira polida, e depois pisos descendentes de galerias com colunas preenchidas com cadeiras equivalentes a tronos. Todas as galerias lembravam a Kevin o camarote particular do Barão de Yabin nos festivais das feiras anuais da cidade, onde ficavam as linhas de chegada e de partida das corridas de cavalos. A mais miserável das famílias nobres do Império tinha direito a um lugar que, em termos de nobreza, equivalia ao do Barão. As galerias mais extensas ficavam nos pisos inferiores, ao lado do dossel central, e muitas se situavam debaixo de arcos pintados ou bordados com os símbolos das casas — assegurando que os que estavam atrás e dos lados não pudessem observar as conferências. Alas que eram verdadeiras avenidas as separavam das seguintes, para que os mensageiros e servidores pudessem executar sem dificuldade qualquer missão que lhes fosse atribuída por seus Senhores. As grandes dimensões da sala eram necessárias: Kevin ficou espantado com a multidão. Os pisos inferiores estavam abarrotados de Senhores com a armadura tsurani completa. Cores, plumas e penteados carregados de pedras preciosas proporcionavam um verdadeiro festim para os olhos. Com muito esforço, Kevin fechou sua boca escancarada. Aquilo era apenas uma reunião de clã!

Mara tentara lhe explicar como funcionavam as relações entre os clãs e, após uma longa e frustrante dissertação, Kevin apenas compreendera alguns conceitos vagos sobre o modo como aqueles notáveis grupos se interligavam. Pelo que entendera, em algum ponto nas obscuras brumas da História, aqueles líderes tiveram antepassados que eram primos. Ligados

a tradições que mais pareciam um emaranhado de contradições, agarraram-se a algo que era, na ótica midkemiana, um conceito ultrapassado de relacionamento, que no início dos tempos poderia ter tido significado, mas que no presente parecia quase cerimonial. Contudo, quando Kevin dera voz à conclusão a que chegara, Mara insistira que a lealdade dos clãs não era nenhum fantasma. Sendo-lhes dada a devida motivação, aquelas famílias separadas se uniriam e morreriam em batalhas sangrentas para defender seu indecifrável código de identidade. Fora a urgência de tais relacionamentos que levara à criação do Grande Jogo, pois, a partir do momento em que fosse invocada a honra do clã, nenhuma casa poderia ignorar, sem se desonrar, esses laços de sangue.

Assim que deixou para trás a plataforma da entrada e os tocadores de tambores, Kevin conseguiu ver toda a câmara. Só o tamanho dela já fez com que se sentisse insignificante. Em um dossel um pouco mais elevado do que o anel de assentos no piso central do salão, um homem com túnicas largas e plumas amarelas fez um gesto para que os carregadores de Mara baixassem a liteira. A guarda de honra se retirou para assumir sua posição acima e atrás do círculo concêntrico de assentos cortado na fileira mais baixa de galerias, e um estalar de dedos de Mara serviu para chamar Kevin para que a ajudasse a se levantar. Com a Senhora apoiada no braço, o midkemiano a conduziu ao lugar por ela indicado, por um pequeno degrau descendente, até um toldo pintado de verde e uma cadeira entalhada com símbolos de aves shatra, em uma galeria suficientemente ampla para abrigar todos os conselheiros e oficiais de Mara à sua volta, caso precisasse tê-los por perto. Seguido pelo eco fantasmagórico de conversas sussurradas, Kevin manteve o olhar baixo, numa atitude de submissão típica dos tsurani. Ali teria de respeitar o protocolo, por mais que isso desagradasse a sua maneira de pensar. Caso a ocasião exigisse, mais de cinco mil pessoas poderiam encher as galerias suspensas, havendo espaço para mais dez mil no pavimento térreo.

Assim que Kevin instalou a Senhora dos Acoma na cadeira verde envernizada, reparou que o lugar dela era relativamente próximo do dossel. Consciente de que a altura, assim como o local, eram indicadores culturais de hierarquia, Kevin registrara também que isso se traduzia na moda e na qualidade das vestes. O Senhor mais distante do dossel era, pela aparência, um parente pobre da província, pois seus enfeites estavam gastos e surrados pelo uso. Mas o homem sobre o dossel parecia um pavão exibindo toda a sua plumagem. Assim que executou sua reverência de escravo ao lado da cadeira de sua Senhora, arriscou espiar por baixo das pálpebras.

— Meu Senhor dos Chekowara — cumprimentou Mara cordialmente. — Como vai?

O Senhor, cujo nome Kevin reconheceu como sendo o do Chefe de Guerra do Clã, devolveu o aceno, embora lhe tenha sido difícil entender como conseguira fazê-lo sem cair sob o peso das joias e plumas; o homem parecia ser muito vaidoso, embora seu rosto fosse largo e viril e tivesse a pele quase tão escura quanto a de um nativo do Grande Kesh, o império ao sul de Midkemia. Murmurando enquanto se levantava depois de ter se curvado,

Kevin comentou:

— Se vocês são parentes, estão separados por muitas gerações.

Mara o fulminou com um olhar misto de irritação e divertimento. Do alto do dossel, o Senhor dos Chekowara sorriu, mostrando fileiras de dentes alvos.

— Estou muito bem, Senhora Mara. Damos as boas-vindas à reunião a nossa mais augusta Governante, na esperança de que também esteja bem.

Mara, cumprindo o ritual, confirmou que também estava bem e depois, calmamente, inclinou a cabeça para outros Senhores ali presentes. Assim que assumiu seu lugar de escravo atrás da cadeira de sua Senhora, Kevin procurou por sinais de descontentamento; contudo, se algum nobre presente ficou desapontado com a chegada de Mara, nada mais mostrou do que a impassibilidade tsurani. Perto de setenta famílias enviaram representantes para o encontro e uma ou mais poderiam ser responsáveis pelo convite extraviado de Mara. Ainda surpreso com o tamanho de Tsuranuanni, Kevin recordou a si mesmo que os Hadama eram considerados um clã menor dentro do Império, independentemente da honra que os Acoma tivessem conquistado. Quantas casas poderosas teria um clã maior? Segundo uma estimativa aproximada, aquela pequena reunião de clã, com conselheiros, criados e escravos, contava com quinhentas pessoas presentes no edifício, e igual número de soldados à espera nas salas exteriores. Quando os mais poderosos do Império se reuniam, Kevin só podia imaginar aquele lugar abarrotado de gente.

Nitidamente pouco intimidada, Mara disse:

— Estou muito feliz por poder me reunir aos nossos primos e participar da primeira reunião de clã desde que vesti o manto dos Acoma.

O Senhor dos Chekowara mostrou um largo sorriso.

— A Senhora trouxe muita honra e prestígio à Casa dos Acoma desde a morte prematura de seu pai, Senhora Mara. Encheu de orgulho os nossos corações.

Dito isso, muitos Senhores bateram os pés no chão numa demonstração de concordância, como se fossem aplausos. Outros lhe deram parabéns gritando: *Sim, é isso mesmo! Muita honra! E grande sucesso!* Kevin se inclinou para remover o casaco de Mara, uma seda leve com o símbolo de sua casa bordado.

— Esse cara é um vendedor de óleo de cobra! — murmurou ele.

Mara franziu a testa sob sua maquiagem formal. Arriscou um assovio de reprovação.

— Não sei o que é óleo de cobra, mas isso parece um insulto. Agora, vá e fique com a guarda de Lujan até eu precisar de você.

Kevin dobrou o casaco sobre o braço e se retirou, subindo o degrau. Assim que se colocou entre a guarda de honra dos Acoma, observou discretamente os procedimentos. O Senhor dos Chekowara abriu a cerimônia dedicando-se a algo que lhe pareceu conversas sociais, uma lista de casamentos pendentes, noivados e nascimentos, e uma lista ainda mais longa de elogios. Poucos dos falecidos morreram de velhice ou de doença; a frase *Morto com honra*

em batalha foi frequentemente proferida. Kevin ficou espantado com a acústica perfeita do salão — quando os falantes optavam por não esconder o que diziam, as vozes subiam até as galerias mais altas. Kevin ouviu, confuso, quando a voz poderosa do Senhor dos Chekowara subiu e desceu ao lamentar a morte de ilustres membros do clã.

— Aquele pássaro calley em cima do dossel tem a sinceridade de um relli — murmurou para Lujan.

Descontraído e em silêncio, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma não mexeu um músculo; mas linhas cada vez mais profundas ao redor dos olhos revelaram que controlava um riso abafado. Resignado com o conhecimento de que nada obteria por parte de um soldado Acoma no cumprimento de seu dever, Kevin passou entre os carregadores. Os escravos tsurani não eram muito melhores, mas pelo menos repararam quando ele falou, apesar de terem parecido apenas confusos. Ainda assim, pensou Kevin, qualquer reação era melhor do que a atitude apática dos guerreiros. Kevin passou os momentos seguintes sem fazer nada, observando as idas e vindas dos muitos criados e servidores dos Senhores Hadama presentes, até que um comportamento estranho lhe despertou a atenção. Aqueles que passavam com pressa pelo grande salão pareciam não prestar atenção às pinturas que decoravam as paredes, com a exceção de uma, a representação de um homem bastante indefinido. Tal como as outras em volta, era antiga, mas fora recentemente restaurada, e isso era evidente porque, sempre que alguém passava, estendia a mão e a tocava. Kevin deu uma cotovelada no escravo mais próximo.

— Por que fazem aquilo?

O escravo pareceu incomodado.

— Fazem o quê? — sussurrou, como se falar fosse sinônimo de destruição imediata.

— Tocam na imagem daquele homem — apontou Kevin.

— É um antigo Senhor. Foi Servo do Império. Dá sorte tocar nele. — O escravo se encolheu, como se aquela explicação misteriosa explicasse tudo. Kevin ia pedir mais detalhes quando um olhar de aviso de Lujan o silenciou, então voltou sua atenção aos procedimentos.

Pelo que pôde entender, não houve nenhuma discussão política séria. Assim que terminaram os anúncios familiares, os escravos afluíram para servir refeições leves e um ou outro Senhor levantou-se de sua cadeira para ir falar com o Senhor dos Chekowara ou com outros homens do clã. Muitos se aglomeraram ao redor da cadeira de Mara e todos pareceram educados, e até amistosos. Kevin esperou por uma segunda chamada para a reunião ou algum tipo de anúncio de negócios, mas nada disso ocorreu. Quando a luz da tarde perdeu o vigor sobre a câmara abobadada, o Senhor dos Chekowara ergueu seu cetro e bateu com estrondo no dossel.

— A reunião do Clã Hadama está terminada — anunciou, e os Senhores, um a um, segundo a hierarquia, curvaram-se e saíram.

— Mas que evento mais absurdo — comentou Kevin.

Um soldado de Mara o olhou fixamente e o avisou aflito de que deveria se manter calado. Kevin retribuiu com seu habitual sorriso insolente e depois se espantou: o guerreiro era Arakasi, vestindo uma armadura completa e parecendo mesmo um verdadeiro guerreiro. Tinha uma postura militar impecável e até então sua presença passara despercebida. Mais curioso do que nunca para saber por que razão fora solicitada a presença do Mestre dos Espiões, Kevin apoiou-se alternadamente em um pé e noutro até Mara lhe acenar para que lhe devolvesse o casaco.

Kevin seguiu atrás da liteira de Mara quando o séquito dela retornou às ruas iluminadas pelo crepúsculo. Os encarregados de acender as lamparinas tinham acabado de passar e o quarteirão imperial de Kentosani irradiava um dourado suave em contraste com o céu escuro. Assim que a guarda de honra se formou para escoltar Mara até sua casa, Arakasi a seguiu ao lado de Kevin. Suficientemente inteligente para não chamar o Mestre dos Espiões pelo nome, o midkemiano limitou-se a dizer:

— Alguma coisa importante aconteceu ali dentro?

Arakasi caminhava com a mão sobre a espada, com um ar mortal e eficiente, embora não fosse segredo que não era habilidoso com lâminas.

— Bastante.

Desesperado com o fato de Arakasi ter sido tão sucinto, Kevin insistiu:

— Por exemplo?

A guarda de honra desceu a rampa de uma ampla entrada, com tochas queimando em recipientes de ambos os lados. Abaixo da rampa, um contingente maior de guerreiros os esperava, proporcionando à Senhora a segurança de que ela precisaria nas ruas cada vez mais escuras. Arakasi não abriu a boca enquanto não contornaram diversas esquinas e passaram por vários portões do recinto imperial. Quando marchavam na direção da avenida que ficava do outro lado, Arakasi murmurou:

— Os homens do clã da Senhora Mara deixaram bem claro que ela poderia esperar certo apoio... partindo do princípio de que as alianças dela não colocariam outras casas em risco. Se ela se deparar com problemas causados por outros inimigos, precisará invocar a honra do clã para ser apoiada, e o resultado de um pedido de ajuda como esse não pode, de forma alguma, ser dado como certo. — O midkemiano não conseguiu esconder sua perplexidade. — Honra de clã — repetiu Arakasi, com sua percepção aguda. — Vocês, bárbaros... — Ele não estava repreendendo Kevin, apenas avaliava a situação, pensativo. — Para arrastar os homens de seu clã para a guerra, a Senhora Mara terá de convencer todos os Senhores, do mais importante ao mais insignificante, de que uma afronta à casa dela seria não só um insulto aos Acoma, mas também ao próprio Clã Hadama.

Kevin inalou o ar carregado de incenso; estavam passando pelo quarteirão do templo e foram momentaneamente interrompidos quando a comitiva foi forçada a se desviar para o lado para dar passagem a uma caravana de tributo. As enormes caixas de transporte fechadas com correias de couro e transportadas em fortes varas por escravos continham metais, originalmente trazidos como pilhagem do mundo bárbaro e depois dispensados pelo Secretário Supremo do Imperador, que distribuía as cotas aos templos. Kevin aguardou até que as fileiras de guardas com as armaduras imperiais brancas passassem à sua frente.

— E então? — questionou por fim.

Arakasi tamborilou os dedos na espada.

— Convocar os clãs é difícil quando as famílias envolvidas estão politicamente divididas como as nossas, pois qualquer casa que ataque toma cuidado de deixar claro que sua ação é contra um inimigo, e não contra o clã. Muitas vezes são enviados presentes como garantia. — Arakasi fez uma pausa. — O Senhor Desio se revelou generoso.

Kevin sorriu, demonstrando que compreendia.

— Então, pelo que entendi, eles estão dizendo o seguinte: *Não nos chame, a não ser que saiba que vai ganhar, porque os Minwanabi podem deixar de nos enviar subornos. Mas, se tiver certeza de que vai destruí-los, então teremos muito gosto em nos juntar a você, para podermos colocar a mão em nossa parte do saque.*

Pela primeira vez desde que Kevin se lembrava, o Mestre dos Espiões sorriu abertamente. E depois soltou uma risada abafada que se transformou numa gargalhada silenciosa.

— Jamais pensaria em colocar as coisas nesses termos — reconheceu Arakasi —, mas foi exatamente o que disseram.

— Maldição! — Kevin balançou a cabeça, espantado. — E eu achando que tinha sido só um evento de gala e nada mais.

Mara interveio de dentro da liteira:

— Agora você compreende por que o mantenho por perto. A perspectiva dele é... diferente.

Arakasi recuperou a postura de soldado, mas com um brilho no olhar.

— Concordo, Senhora.

— Não sei se chegarei a compreender seu povo — declarou Kevin. Desviou-se para evitar uma ave jiga que escapara do cutelo de algum ajudante de cozinha. Tinham acabado de entrar no quarteirão residencial e a iluminação era mais escassa. — Fiquei ali parado vendo toda a reunião e a única discussão acalorada o bastante para me parecer importante foi o debate sobre a reforma das terras.

— Em uma reunião — explicou pacientemente Arakasi —, o que não é dito é bem mais importante: quem não se aproxima da cadeira de um Senhor, quem hesita e quem é visto com quem, tudo isso vale mais do que palavras. O fato de o Senhor dos Chekowara não ter saído de seu dossel para dar pessoalmente os parabéns a Mara por causa do tratado obtido na

fronteira foi bastante esclarecedor. O clã não seguirá a liderança dela. E todo aquele rebuliço de gente em volta da cadeira do Senhor dos Mamogota foi a prova de que há duas facções no interior do clã que o apoiam contra nossa Senhora. Ninguém consideraria seriamente esse absurdo de entregar terras aos camponeses. A Facção pelo Progresso não tem influência fora do Clã Hunzan e o Senhor dos Tuclamekla, desse clã, é um amigo próximo dos Mamogota. Esse assunto estava morto mesmo antes de a reunião começar.

— Então vocês partem do princípio de que a mensagem foi extraviada pelo Senhor dos Mamo... qualquer coisa? — presumiu Kevin.

— Esperamos que sim — respondeu Arakasi. — Os Mamogota pelo menos não estão ligados à Aliança Bélica. Podem até aceitar os *presentes* de Desio, mas não são partidários dos Minwanabi.

Kevin balançou a cabeça, espantado.

— Suas mentes se retorcem como tricô.

Arakasi perguntou o que era tricô.

— Melhor esquecer — desconversou Kevin. — Compreenda apenas que serei um velho excêntrico muito antes de compreender sua cultura.

O silêncio entre o escravo e o Mestre dos Espiões durou até chegarem a casa. Kevin entrou no belo jardim interno e ajudou sua Senhora a descer da liteira. Continuava a duvidar que algum dia viesse a conhecer de fato as pessoas cujas vidas e cujos destinos partilhava. Quando Mara lhe deu a mão e sorriu, fitou seus olhos escuros e percebeu que estava completamente perdido. A vida tsurani podia ser um enigma para ele, mas aquela mulher era um mistério e uma maravilha.

Caos

O espetáculo começou.

Bandeiras se agitavam nos topos de todos os edifícios ao longo das avenidas de acesso à arena. Os cidadãos jogavam flores na rua, para assegurar aos deuses que não tinham inveja daqueles de status social mais elevado. Por razões que apenas o Deus da Astúcia poderia explicar, os habitantes da cidade mostravam preferência por uma ou outra casa, aplaudindo com mais ou menos vigor dependendo de quem passava. A liteira de Mara e a respectiva escolta foram saudadas com muitos aplausos. Vestindo-se outra vez como um criado comum e posicionado atrás da liteira, ao lado de Kevin, Arakasi comentou:

— Parece que este mês a multidão está dando preferência aos Acoma, minha Senhora. A vitória em Tsubar fez da Senhora uma heroína entre os cidadãos comuns.

O barulho impediu Mara de responder. A extensa e imponente avenida que cruzava o distrito imperial estava lotada de pessoas de todas as posições sociais da vida tsurani. As vestes iam dos trajes e joias mais caros usados pelos nobres em altas posições, passando pelos tecidos finos sem enfeites dos artesãos, até os andrajos dos pedintes mais humildes. Os jogos oferecidos pelo Senhor da Guerra em celebração da Luz do Céu fizeram com que os mais finos adornos saíssem de suas caixas de joias — enquanto os mais audaciosos dentre os ricos mercadores vestiam suas filhas para serem exibidas na esperança de atraírem um pretendente nobre.

Rodeada pelo brilho de enfeites de metais raros, assim como de peças envernizadas, jade e pedras preciosas, a escolta de Mara abriu caminho com dificuldade e competiu por um espaço na via com dúzias de outras guardas de honra com liteiras cheias de Senhores e Senhoras. Alguns eram carregados em palanquins pintados com cores festivas ou exibindo lantejoulas salpicadas de conchas multicoloridas; outros palanquins continham famílias inteiras, levadas nos ombros por pelo menos vinte escravos juntos. Aparentemente, a multidão era composta por um turbilhão vasto e brilhante de mil cores; apenas os escravos destoavam, com seus trajes vulgares de um cinza baço.

Kevin observou como um cego que acabara de ser abençoado com o dom da visão. Para além de uma comitiva de guerreiros de vermelho e púrpura, entre as varas dos pálios de uma

quantidade incontável de liteiras, viu um muro com faixas e bandeiras penduradas que presumiu ser o fim da avenida. Mas, à medida que o grupo dos Acoma se aproximava, seus olhos se arregalaram mais de assombro. A barreira não era, afinal, um muro, mas um segmento do Grande Estádio Imperial.

O anfiteatro era enorme, maior do que qualquer coisa que ele jamais pudesse ter imaginado. As liteiras, os soldados e os plebeus a pé escalavam um largo lance de escadas e depois atravessavam um átrio para um segundo lance. No topo, ficava outro átrio, atrás do qual se via a entrada do estádio. A liteira de Mara começou a subida. Kevin olhou para ambos os lados e avaliou que deveria haver ali pelo menos mais uma dúzia de entradas viradas para o quarteirão do palácio. Mesmo ali, os guardas tiveram de empurrar e dar encontrões para abrir caminho para a passagem da Senhora. Toda a sociedade tsurani aparecera para assistir aos jogos em honra do Imperador e para se alinhar e abrir a boca de espanto com o espetáculo proporcionado por seus superiores. Apenas em grandes ocasiões como essa era permitido a todos se aproximarem dos poderosos do Império, e as pessoas das províncias afluíram como um rebanho para apontar, tagarelar e olhar.

Apesar do ambiente festivo, os guerreiros permaneciam vigilantes. Homens de hierarquia e posição indefinida se movimentavam entre a multidão. Muitos exibiam símbolos de guildas; outros eram mensageiros, vendedores, traficantes de informações; alguns poderiam ser agentes, ou espões, ou ladrões; os assassinos poderiam recorrer a qualquer disfarce. Uma festividade estatal que misturava clãs e facções políticas transformava-se numa extensão do Jogo do Conselho.

Para além da escadaria mais alta erguia-se um arco de pedra com uns sessenta metros de um lado a outro. Kevin tentou calcular o tamanho da arena que ficava atrás, mas não conseguiu. As fileiras dos lugares a céu aberto abrigariam uns cem mil espectadores, multidão incomparável com qualquer anfiteatro do Reino. No primeiro terraço, Lujan gritou:

— Acoma!

Pessoas de classes inferiores apressaram-se a abrir caminho à comitiva de Mara. Assim que os guerreiros subiram o segundo lance de escadas, Kevin reparou nos curiosos que soltavam exclamações de espanto e apontavam. Quando viu que os olhares lhe eram dirigidos, ficou com as orelhas vermelhas. Os plebeus, pouco habituados à sua altura e a seu aspecto bárbaro, transformaram-no em alvo de fofocas e especulação.

Ao atingirem o segundo terraço, Lujan encaminhou sua guarda por entre a turba e limpou um espaço ao lado de outras comitivas de nobres. Os carregadores da liteira baixaram o fardo e Kevin ajudou Mara a se levantar das almofadas. O Comandante das Forças Armadas, um Líder de Ataques chamado Kenji e três guardas, assim como Arakasi, colocaram-se de ambos os lados da Senhora e de seu escravo pessoal. O resto da comitiva dos Acoma partiu com os carregadores da liteira, para esperarem na rua ao pé das escadas.

Lujan abriu caminho até um corredor à esquerda do arco. Uma centena ou mais de fileiras

se encontravam no mesmo andar do grupo de Mara, enquanto umas cinquenta fileiras desciam na direção do piso da arena. À esquerda, havia duas áreas contidas por cordões de segurança, uma delas dominada por um camarote decorado com o dourado e branco imperial. A outra seção apresentava-se sem decoração, mas o contraste fazia com que se reparasse nela de imediato. Todos os ocupantes usavam túnicas pretas. Arakasi reparou no interesse de Kevin.

— São os Grandes — explicou, em um murmúrio.

— São os tais magos? — Kevin olhou com mais atenção, mas os homens de vestes pretas estavam sentados em silêncio ou conversando entre si aos sussurros. Alguns fitavam o terreno arenoso mais abaixo, à espera da primeira prova. — Parecem completamente comuns.

— A aparência pode enganar — comentou Arakasi. Ao comando de Lujan, ajudou os outros guerreiros a afastarem um grupo de curiosos.

— Por que essa gente toda está aqui? — quis saber Mara. — Normalmente não há plebeus neste andar.

Com cuidado para não ser escutado, Arakasi respondeu:

— Eles têm esperança de vislumbrar o bárbaro que se tornou Grande. Os traficantes de informações garantem que ele estará presente.

— Como pode haver um Grande bárbaro? — interrompeu Kevin.

Arakasi afastou uma senhora com um cesto de flores que tentou vender uma a Mara.

— Os Grandes estão acima da lei; ninguém pode questioná-los. Assim que um homem é levado e treinado para vestir a túnica preta, passa a integrar a Assembleia de Magos. Sua posição anterior deixa de ter qualquer relevância. É apenas um Grande, comprometido a agir em defesa do Império, e sua palavra se torna lei.

Kevin não fez mais perguntas diante de um olhar de advertência de Arakasi. Estavam próximos demais de estranhos para se arriscarem a comentários ou comportamentos impróprios.

A arena ainda não estava nem um terço cheia quando Mara chegou ao camarote que lhe fora destinado. Tal como seu assento no Salão do Conselho, a posição indicava o posto correspondente na hierarquia do Império. Pelos cálculos de Kevin, umas cem famílias estavam mais próximas do camarote imperial, mas havia milhares mais afastadas.

Mara se sentou com Lujan, tendo o jovem Líder de Ataques e soldados de ambos os lados; Kevin e Arakasi assumiram posições atrás de sua cadeira, prontos para atender às necessidades de Mara. Kevin observou as fileiras em volta com as cores das casas e tentou compreender a ordem de poderes da política tsurani. Passando pelo camarote dos magos, e à direita do dossel do Senhor da Guerra, ficava um camarote laranja e preto, as cores da Casa dos Minwanabi. Alguns andares acima, estavam instaladas outras famílias de importância menor, mas todas aparentadas com o clã ou vassalas do Senhor Desio.

Perto deles, via-se o amarelo e púrpura, cores dos Xacatecas; o tratado vitorioso com Tsubar originara a ascensão do Senhor Chipino e agora ele era o segundo homem mais

poderoso do Conselho Supremo. O Senhor dos Chekowara assumiu seu lugar em um camarote abaixo de Mara, no mesmo andar do Senhor da Guerra, mas tão distante do amarelo e dourado quanto ela.

Uma trombeta soou na arena. Portas de madeira dispostas ao redor se abriram com estrondo e grupos de jovens com armaduras de várias cores marcharam em formação. Conforme foram avançando, dividiram-se em pares e saudaram o camarote imperial vazio. Ao segundo sinal do mestre dos jogos, que estava sentado num nicho ao lado dos portões, desembainharam as espadas e começaram a lutar.

Kevin logo percebeu que as disputas iam apenas até que o primeiro ferimento fosse infligido; o derrotado ergueria o elmo em sinal de submissão. O vencedor prosseguiria para confrontar alguém que também vencera, iniciando novo desafio. Lujan esclareceu a dúvida contida nos olhos de Kevin:

— São jovens oficiais de diversas casas. A maioria são primos e filhos mais novos da nobreza, ávidos por demonstrar seu valor e conquistar um pouco de honra. — Olhou em volta pelo estádio. — Isso tem pouca relevância, exceto para os que estão lá embaixo e para suas respectivas famílias. Ainda assim, um homem pode subir na consideração de seu Senhor se vencer uma prova destas.

Não se viam na arena as cores dos Minwanabi, dos Xacatecas ou das outras três grandes casas, nem mesmo as dos Acoma, pois as casas recentemente cobertas de glória não precisavam se incomodar com exhibições banais. Kevin seguiu os combates com o olhar treinado de um soldado, mas não demorou a perder o interesse. Já vira bem mais de perto guerreiros tsurani, e com intenções bem mais sérias do que as daqueles rapazes que se digladiavam na arena.

Para além da areia ensolarada, parentes mais afastados e criados movimentavam-se pelos camarotes que em breve abrigariam os Senhores do Império. Pelo tamanho pequeno de suas guardas de honra, ninguém mais próximo do que um primo afastado se dignara a marcar presença.

A prova entre os jovens nobres terminou e a dupla remanescente partiu, enquanto o derrotado mantinha a espada baixa e o vitorioso acenava para os aplausos dispersos dos poucos espectadores interessados.

O ambiente longe da areia estava quente e as paredes altas do anfiteatro bloqueavam qualquer vestígio de vento. Entediado com os procedimentos e ainda achando incompreensíveis as razões sociais para a presença de Mara ali, Kevin inclinou-se para lhe perguntar se desejava uma bebida gelada. Ela passara a ignorá-lo desde que tinham ficado visíveis à análise do público, mas, assim que balançou bruscamente a cabeça para recusar a oferta, Kevin reparou que sua amante parecia desconfortável. O protocolo o proibia de lhe perguntar se estava se sentindo bem. Quando Mara optava por assumir a impassibilidade tsurani, parte dela se tornava inacessível, embora em muitos aspectos ele conhecesse o

temperamento dela tão bem quanto o seu. Como se os pensamentos dele tivessem antecipado o desejo, a Senhora dos Acoma chamou Arakasi:

— Gostaria de tomar um suco de fruta gelado.

O Mestre dos Espiões curvou-se e partiu; Kevin conteve uma pontada de mágoa e só depois compreendeu que sua Senhora dificilmente enviaria Arakasi para buscar um refresco. Enquanto procurava um vendedor, o Mestre dos Espiões iria sem dúvida contatar informantes para descobrir os movimentos dos inimigos. Assim que Mara voltou a prestar atenção aos eventos lá em baixo, deteve-se por um fugaz momento para fitar Kevin nos olhos. Aquele olhar permitiu que ele soubesse que ela estava satisfeita por tê-lo presente.

Mara inclinou descontraidamente a cabeça na direção de Lujan.

— Você reparou? A maioria dos nobres está demorando para chegar.

Pego desprevenido por aquela inesperada conversa pública, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma respondeu sem piadas:

— Sim, minha Senhora, parece ser algo característico deste festival.

Kevin espiou em volta e constatou que havia algo esquisito no ritmo da multidão. Mas, de sua perspectiva estrangeira, fora lento em perceber tal singularidade. Gargalhadas enlouquecidas elevaram-se das fileiras de assentos inferiores assim que se abriram as portas e vultos pequenos entraram em debandada pela arena. Espantado, Kevin ergueu as sobrancelhas quando um grupo de pequenos insetoides começou a correr de um lado para outro na areia, movendo seus membros anteriores com grande agitação e fazendo estalar de diversas maneiras as pequenas mandíbulas. Do outro lado da arena, um grupo de guerreiros, que pareciam anões, correu na direção deles.

A maioria usava armaduras de mentira e caracterizações que iam do cômico ao grotesco. Brandiram espadas de madeira pintadas com cores brilhantes, fizeram formação para uma investida um tanto indisciplinada e soltaram gritos de guerra com vozes surpreendentemente bizarras. O timbre daqueles gritos estava ainda bem fresco na memória de Kevin.

— São homens do deserto!

— Muitos foram nossos prisioneiros, suponho — disse Lujan, após um aceno de concordância de Mara.

Tentando entender como uma raça tão orgulhosa poderia se sujeitar a um ato de comédia tão degradante, Kevin ficou mais espantado ainda com aquele grupo de cho-ja, aliados do Império, participando de um espetáculo tão humilhante.

— Não são cho-ja — corrigiu Lujan. — São chu-ji-la das florestas ao norte de Silmani; são menores e não têm inteligência. Normalmente, são inofensivos.

Os anões e os insetoides se chocaram em um estrondo de escudos e quitina. Kevin logo se convenceu de que o combate era sem graça, com espadas cegas de madeira incapazes de perfurar a carapaça dos insetoides, enquanto as pequenas mandíbulas e os membros dianteiros cegos se fechavam e batiam sem ferir os anões. O espetáculo burlesco gerou risos e escárnio

na multidão até que uma súbita e elétrica sensação fez com que todas as cabeças se desviassem da arena. O olhar de Kevin seguiu o movimento de todos os outros, como se fosse metal atrás de um ímã, em direção à entrada mais próxima do camarote imperial. Ali, um homem pequeno de túnica preta dirigia-se ao local dos Grandes.

— Milamber — anunciou Lujan.

Kevin estreitou os olhos para conseguir focar melhor seu conterrâneo, que estava longe.

— É um homem do Reino?

Lujan encolheu os ombros.

— É o que dizem os rumores. Usa barba de escravo, o que basta para marcá-lo como bárbaro.

Baixo para os padrões do Reino, e bastante discreto, o homem ocupou seu lugar ao lado de um mago muito corpulento e de outro Grande mais magro. Assolado por uma sensação de *déjà vu*, Kevin comentou:

— Há algo nele que me parece familiar.

Mara virou-se para ele.

— Era um companheiro de sua terra natal?

— Teria de me aproximar mais para ver... minha Senhora.

Mas Mara não o autorizou a fazer isso, pois atrairia atenções demais caso se aventurasse sozinho. Assim como todos os que serviam Mara diretamente, Kenji, o Líder de Ataques, conhecia a relação entre o bárbaro e sua Senhora, mas aquela familiaridade pouco habitual o deixava desconfortável.

— Minha Senhora, seu escravo deve ser lembrado de que, independentemente de quem o Grande era, agora ele serve ao Império.

Kevin achou o tom dele muito ácido, assim como fora o de Mara, e, apesar de saber que a postura dela devia ser imperativa em público, isso ainda o incomodava.

— Bem, de qualquer forma, não teria muito a dizer a alguém que traiu seu povo.

Um olhar brusco de Mara deteve sua língua antes que a impertinência exigisse um castigo, necessário caso algum estranho de passagem conseguisse ouvi-lo. Discreto como um fantasma e aparecendo de repente, Arakasi fez uma reverência e entregou um copo grande de bebida gelada à sua Senhora.

— Os Shinzawai se destacam pela ausência — disse num sussurro. Olhou ao redor. Satisfeito pelo fato de o público ainda estar entretido com o misterioso Grande vindo do outro mundo, o Mestre dos Espiões prosseguiu: — Algo de muito errado está acontecendo, minha Senhora. É preciso ficar alerta.

Exteriormente tranquila e ocultando o movimento dos lábios com a borda da taça, Mara sussurrou, sob grande tensão:

— Minwanabi?

Arakasi acenou bem discretamente.

— Penso que não. Desio está lá fora, ainda na liteira, meio embriagado com o vinho de sã. Se ele estivesse planejando algum golpe, acho que estaria sóbrio. — Parecendo estranhamente inquieto, o Mestre dos Espiões verificou mais uma vez, por instinto, se alguém os escutava; a batalha entre anões e insetoides se intensificou, ficando mais barulhenta. Aproveitando o ruído para ocultar a natureza da conversa, com gestos de submissão Arakasi prosseguiu: — Mas algo grande está acontecendo e acho que está relacionado ao retorno da Facção da Roda Azul à Aliança Bélica. Muitas coisas que ouvi soam falsas. Há muitas contradições que não foram questionadas. E estão presentes mais membros da Assembleia de Magos do que aqueles que um homem provavelmente verá em toda sua vida. Se alguém quisesse prejudicar o Senhor da Guerra...

— Aqui!? — Mara sentou-se ereta. — Impossível.

Mas o Mestre dos Espiões contestou o ceticismo dela:

— No auge de seu triunfo, pode ser o momento em que estará mais vulnerável. — Fez uma pausa significativa antes de retomar a palavra: — Em nove ocasiões desde que nasci, Senhora, agi apenas segundo meus pressentimentos, e em todas as vezes escapei com vida. Esteja pronta para partir em um piscar de olhos, é o que peço. Muitos inocentes podem ser pegos numa armadilha grande o bastante para subjugar Almecho. Outros talvez pereçam, pois os inimigos podem agir rápido, aproveitando o momento. Repare que os Shinzawai não são os únicos ausentes.

Ele não precisou nomear as cadeiras vazias. A maioria dos membros da Facção da Roda Azul não enviara representantes, muitos dos nobres da Facção pela Paz não haviam trazido as esposas nem os filhos e a maioria dos Senhores Kanazawai optara por armaduras em vez de túnicas. Se tudo isso fizesse parte de um único plano, uma ameaça em grande escala poderia se revelar uma realidade. Pelotões de guerreiros com armaduras brancas foram posicionados em pontos estratégicos e nas entradas, muitos mais do que os necessários para controlar a multidão se algum acontecimento infeliz na arena gerasse um tumulto entre o público; mais camarotes, além do imperial, estavam sendo vigiados.

Mara tocou no pulso de Arakasi para manifestar sua concordância; iria levar a sério aquele alerta. Os Minwanabi poderiam facilmente ter infiltrado agentes por perto, à espera de uma desculpa para atacar. Os olhos de Lujan começaram a avaliar o local em volta e a quantidade de soldados presentes. Não lhe fazia diferença se os eventos acontecessem propositadamente ou por acidente; a intriga política poderia emergir do acaso também. Se um inimigo morresse de ferimentos numa confusão, quem seria apontado como culpado? Era assim o destino. Poderia ser esse o pensamento de muitos nobres ao redor se, no calor de uma desordem, a oportunidade se apresentasse.

A especulação de Arakasi foi suspensa quando um alvoroço de nobres dentro dos camarotes indicou a chegada iminente da comitiva imperial. Bem perto do dossel revestido de branco, surgiu um homem com túnicas cerimoniais em preto e laranja, com um bando de

guerreiros e criados em seus calcanhares. Seu porte robusto emanava uma firmeza no andar que se insinuava nos músculos sob a gordura.

— Minwanabi — identificou Arakasi em tom nitidamente venenoso.

Ansioso por saber como era aquele demônio do drama de sua amada, Kevin viu apenas um homem gordo e vermelho por causa do calor, com um ar bastante petulante.

Uma análise mais detalhada foi impossibilitada pelos tambores e trombetas que indicavam a aproximação do grupo imperial. As conversas silenciaram por todo o estádio. Tratadores dirigiram-se correndo para a arena e perseguiram os anões e os insetoides. No terreno livre, encarregados vestidos com tangas passaram com pressa ancinhos e grades para alisar o solo de areia e prepará-lo para os jogos seguintes.

As trombetas soaram de novo, dessa vez de mais perto, e aproximaram-se em marcha as primeiras fileiras de Guardas Imperiais. Vestiam armaduras de um branco imaculado e portavam instrumentos que soavam como trombetas. Eram feitos com chifres de alguma fera enorme e estavam enroscados em seus ombros para terminarem em bocais em forma de sino sobre suas cabeças. Na fileira seguinte, os tocadores de tambores rufavam um ritmo de parada militar. A banda posicionou-se em frente ao camarote imperial e a guarda de honra do Senhor da Guerra, composta por duas dúzias de homens, entrou em seguida. Os apetrechos e os capacetes de todos os guerreiros estavam envernizados com um branco brilhante, indicando que se tratava do esquadrão de elite conhecido como os Brancos Imperiais.

O sol brilhou em brasões dourados e indumentárias e fragmentou-se em vários reflexos, o que gerou um murmúrio de espanto entre os plebeus sentados no alto do anfiteatro. Segundo os padrões tsurani, o metal utilizado por cada guerreiro serviria para financiar as despesas dos Acoma durante um ano inteiro.

Os guardas assumiram suas posições e a multidão ficou em silêncio. Então um arauto idoso gritou num tom que se projetou até as fileiras de assentos mais distantes:

— Almecho, o Senhor da Guerra!

A multidão ergueu-se de um salto, gritando as boas-vindas ao mais poderoso guerreiro do Império.

Quieta em seu lugar, bebericando seu suco de fruta, Mara observou, mas não aplaudiu, quando o Senhor da Guerra fez sua entrada. Largas fitas de ouro adornavam a gola de sua couraça; mais ouro trabalhado embelezava seu elmo, que tinha em cima uma pluma vermelha. Almecho era seguido por dois magos vestidos de negro, conhecidos pelo povo como “os mascotes do Senhor da Guerra”. Kevin ouvira a história de como, anos antes de ser capturado, um desses Grandes lançara um feitiço que provara ser verdadeira a alegação de Mara de ter sido traída pelos Minwanabi, ação que obrigou o antecessor e pai de Desio a cumprir um ritual de suicídio para expiar a vergonha de sua família.

Então, inesperadamente, o arauto anunciou uma segunda presença:

— Ichindar! Noventa e uma vezes Imperador!

A ovação transformou-se num rugido ensurdecedor. A jovem Luz do Céu fez sua entrada. Até a Senhora Mara dispensou o protocolo. Aplaudiu tão ruidosamente como qualquer plebeu, com o rosto iluminado de admiração e assombro: era um homem adorado quase religiosamente por sua nação.

A Luz do Céu fez sua inédita aparição pública com uma armadura totalmente revestida de ouro. Não parecia ter mais de vinte e três anos. A distância, era impossível avaliar sua expressão, mas a postura era muito ereta e o cabelo ruivo acastanhado escapava de seu elmo dourado, caindo em caracóis aparados sobre os ombros. Atrás do Imperador vinha uma fila de vinte Sacerdotes, dos vinte maiores templos. Quando a Luz do Céu começou a se dirigir para onde estava o Senhor da Guerra, a multidão explodiu. Os aplausos pareceram infinitos.

— Por que estão tão histéricos? — gritou Kevin para Lujan, em meio ao barulho irritante.

Como o decoro tinha sido posto completamente de lado, Lujan respondeu à vontade:

— A Luz do Céu é nossa guardiã espiritual, que, através da oração e de uma vida exemplar, intercede por nós junto aos deuses. Ele é Tsuranuanni!

Não havia registro de alguma vez um Imperador ter abençoado sua nação aparecendo diante do povo. O fato de Ichindar ter optado por isso naquele momento era uma inspiração, um pretexto para uma alegria sem constrangimentos. No entanto, sozinho numa multidão de milhares de pessoas, Arakasi não aplaudia. Ele simulou todos os gestos, mas Kevin percebeu que analisava a multidão ao redor à procura de pistas reveladoras de perigo para sua Senhora. Como a impassibilidade tsurani fora trocada por um caos selvagem, aquela era a oportunidade de ouro para um inimigo se aproximar às escondidas. Kevin aproximou-se mais das costas de Mara, preparado, em caso de necessidade, para agir em sua defesa.

A ovação tumultuosa prosseguia sem diminuir. Ao longe, o Imperador sentou-se em seu lugar e o Senhor da Guerra ergueu os braços. Seu pedido levou vários minutos até ser notado. Quando a multidão relutantemente se acalmou, Almecho gritou:

— Os deuses sorriem sobre Tsuranuanni! Trago novidades de uma grande vitória sobre os bárbaros do mundo exterior! Esmagamos o maior exército deles e nossos guerreiros festejam! Em breve, todas as terras conhecidas como “Reino” serão estendidas aos pés da Luz do Céu. — O Senhor da Guerra terminou curvando-se com respeito à Luz do Céu e a massa rugiu em aprovação.

Kevin ficou muito quieto, parecendo atordoado. Sentiu o estômago esfriar. Em meio a seu espanto e ao uivo da multidão, e consciente de que Arakasi o observava com atenção, o midkemiano se mostrou furioso.

— Seu Senhor da Guerra quis dizer que as forças de Brucal e Borric, os Exércitos do Ocidente, foram dizimadas? — Desesperado, tentou conter a raiva que serviria apenas para colocar sua vida em perigo, então avaliou a situação. — Minha própria terra está em perigo, pois agora o caminho está aberto para que Tsuranuanni marche sobre Zun!

De início Arakasi olhou para o lado e Kevin se lembrou que o Mestre dos Espiões perdera

um Senhor e um lar para os Minwanabi antes de entrar a serviço dos Acoma. Os dedos de Mara pegaram então a mão de Kevin e a apertaram, demonstrando sua compreensão. O midkemiano lutou contra uma confusão de emoções quando seus conflitos de lealdade, amor e educação o dilaceraram de mil formas distintas. O destino o arrancara de sua família e o levava para um mundo distante. Escolhera a vida e o amor como lhe fora possível, em vez de uma prisão miserável, mas só agora o custo se revelava. Quem era ele: Kevin de Zun ou Kevin dos Acoma?

Diante do camarote imperial, o Senhor da Guerra ergueu as mãos. Como o barulho persistisse, gritou:

— Pela glória de Tsuranuanni e como símbolo de nossa devoção à Luz do Céu, dedicamos estes jogos à sua honra!

A ovação ganhou novo vigor, machucando ouvidos e nervos. Kevin teve dificuldade em suportar aquilo. Embora Lujan e Arakasi pudessem tolerar uma lacuna nos modos, quaisquer guerreiros tsurani que estivessem de guarda nos camarotes ao redor poderiam abatê-lo e responder as perguntas depois se suspeitassem que ele estava sendo insolente na presença de uma Senhora com o status de Mara. Como se estivesse paralisado, Kevin viu as portas se abrirem na parte mais distante da arena. Cerca de uma centena de homens quase nus, usando apenas tangas, arrastaram os pés sobre a areia aquecida pelo sol. Eram de todas as idades e apresentavam todos os estados de saúde; alguns tinham armas e escudos que lhe eram familiares, mas esses eram escassos. A maioria parecia confusa com o que estava acontecendo e hesitava em pegar as espadas.

— Não são guerreiros — observou Kevin com um tom de voz afetado, apesar de todo o seu esforço.

Arakasi tranquilizou-o com uma explicação:

— Trata-se de um espetáculo de clemência. São todos condenados. Vão lutar e o que sobreviver no fim será um homem livre.

Trombetas soaram e a chacina começou. Antes de ser capturado e enquanto servia seu pai como soldado, Kevin vira muitos homens morrerem. Aquilo não era guerra, nem uma competição equilibrada. Aquilo que estava acontecendo nas areias do estádio de Kentosani era uma carnificina. O punhado de homens treinados se moveu como gatos entre ratos encurralados em um celeiro, matando à vontade. Por fim, menos de uma dúzia permaneceu de pé e a luta se tornou mais equilibrada. Kevin perdera a vontade de ver; olhou absorto para os espectadores, mas nem assim se sentiu aliviado da dor que sentia. Os tsurani pareciam apreciar o sangue, não o esporte. Aplaudiam todas as mortes dolorosas e comparavam as dores de um homem estripado com as de outro. Apostas foram feitas para ver quem acertava o tempo que ficaria vivo o desgraçado que tentava enfiar de volta no abdômen suas entranhas espalhadas, assim como quantos gritos soltaria antes de morrer. Ninguém pareceu interessado na habilidade dos lutadores ainda vivos.

Kevin sentiu uma ânsia na garganta e engoliu em seco. Controlou com muito esforço sua repugnância até a luta terminar, quando um homem armado de espada e faca abateu o último dos condenados com uma estocada sob o escudo. Do camarote imperial, o adorado Imperador tsurani observou impassivelmente a atuação, enquanto, a seu lado, o Senhor da Guerra murmurava algo a um conselheiro, como se a carnificina fosse um evento do dia a dia. Kevin, tomado pela raiva atizada pela afronta, olhou para ver como o Grande que outrora fora um homem do Reino estava lidando com aquela atrocidade. Mesmo à distância a que se encontrava, o semblante de Milamber lhe pareceu glacial, mas, para espanto de Kevin, o mago gordo interrompera sua conversa e parecia estar observando o camarote dos Acoma. Kevin, subitamente assustado, desviou o olhar. Será que um Grande poderia escutar seus pensamentos? Inclinou-se sem pensar em pedir permissão a Mara, mas se deteve quando o olhar dela lhe lembrou qual era seu lugar. A Senhora dos Acoma aguentou o derramamento de sangue com a contenção típica dos tsurani e seu único indício de desconforto foi uma ligeira rigidez nos ombros. O antigo filho de Zun sentiu uma ardência no estômago. Conhecia Mara. Com a intimidade ao longo de cinco anos, aprendera que ela seria capaz de distinguir a diferença entre a carnificina lá embaixo e a batalha vivida no deserto, apesar de ela nem ter estremecido quando o vencedor mostrou sua arrogância entre os corpos caídos, brandindo a arma ensanguentada acima da cabeça.

Kevin olhou discretamente para verificar se o Grande ainda estava prestando atenção; dessa vez percebeu claramente que Milamber, o Grande com barba, exibia uma expressão de repugnância; até seus olhos pareciam queimar. Kevin não foi o único a reparar na aversão de Milamber. Nobres em camarotes ao redor sussurraram e olharam de relance na direção do mago, e alguns pareceram nitidamente apreensivos. Arakasi também percebeu a troca de olhares.

— Isto é um mau presságio — murmurou para Kevin. — Os Grandes podem agir por capricho, nem mesmo a Luz do Céu se atreve a negar-lhes um desejo. Se seu antigo conterrâneo partilhar de sua aversão por matanças, pode acontecer um desastre.

Sob a luz do sol, na areia quente, o vencedor terminou sua marcha triunfal e pomposa. Escravos apareceram para retirar os corpos, enquanto homens com ancinhos alisavam o solo irregular e ensopado de sangue. Soaram trombetas para a rodada seguinte dos Jogos Imperiais, enquanto Kevin, em silêncio, desejou poder beber algo para molhar a garganta seca.

Um grupo de homens de tanga entrou no estádio, mais altos e com a pele mais clara do que a maioria dos tsurani. Kevin reconheceu imediatamente alguns de seus compatriotas. Seus ombros brilhavam untados de óleo e eles traziam um conjunto de cordas, ganchos, redes com lastro, lanças e facas compridas. A atmosfera do festival não os perturbou, nem deram à multidão de nobres pomposos mais do que um olhar desinteressado. Em vez disso, agacharam-se conscientes de que problemas se aproximavam, de qualquer uma das direções. Kevin partilhara essa incerteza em suas patrulhas ou quando ficara de vigia à noite nos limites da

terra de ninguém, onde o inimigo poderia atacar a qualquer momento. Mas aqueles homens não tiveram de aguardar muito para entrar em ação. Duas grandes portas rangeram na extremidade da arena e uma criatura que parecia ter saído de um pesadelo surgiu de lá aos tropeções. Com presas e garras letais, tinha o tamanho de um elefante, mas se movia como um felino no alto de suas seis patas. Ao avistar a criatura, até Mara perdeu a compostura e gritou:

— Um harulth!

O predador de Kelewan piscou e rosnou ao sentir de repente o sol abrasador. Tinha escamas para proteger a pele e estas refletiam luzes frias quando se virava de um lado para outro, farejando o ar. A multidão sentada esperou com ansiedade. Então a fera avistou seus adversários: os homens minúsculos que estavam ali expostos sob aquela cruel paisagem de areia. O harulth não bateu com as patas em aviso, como um touro ou uma needra; em vez disso, abaixou a cabeça de forma desafiadora para depois investir com tudo, avançando com uma rapidez terrível.

Os guerreiros se espalharam, não em pânico, mas numa desesperada tentativa de confundir o animal. A fera não emitiu nenhum som, mas sua fúria era bem visível quando se focou num infeliz companheiro e o perseguiu. O fim surgiu num acesso de garras e num giro que prendeu o homem sob as patas. Sem querer saber da areia ou das armas, o harulth devorou o corpo em duas dentadas.

Enlouquecido, revoltado e paralisado pela piedade por seus conterrâneos, Kevin não conseguiu desviar o olhar. Enquanto o harulth despachava sua refeição, os sobreviventes se reuniram atrás do animal e rapidamente lançaram as redes. Mais rápido do que Kevin imaginara ser possível, a criatura se virou e atacou. Os homens se mantiveram firmes até o último momento e depois lançaram as redes enquanto fugiam cada um para seu lado. Os ganchos se prenderam com força e grudaram na pele espessa e a criatura ficou presa.

Kevin olhou com admiração e medo quando os lanceiros iniciaram a investida. As armas de que dispunham eram pesadas, mas as escamas da criatura eram muito duras. Foi necessária toda a força de um homem para perfurá-la, mas os ferimentos pareciam picadas para o monstro. Seus órgãos vitais permaneciam completamente incólumes. Os homens perceberam que mais ataques como aquele eram inúteis. Dois deles conversaram rapidamente e depois correram para a retaguarda, onde a enorme cauda da criatura batia e se agitava sobre a areia. Kevin prendeu a respiração quando, contra toda a lógica, seus conterrâneos saltaram sobre o harulth e o escalaram numa tentativa de cravar as facas longas na espinha do monstro. A bravura absoluta do ato gerou lágrimas em seus olhos midkemianos. Até Lujan se mostrou impressionado.

— Estes homens são corajosos.

Kevin respondeu com um orgulho amargurado:

— Meus conterrâneos sabem olhar a morte nos olhos.

O harulth sentiu as picadas nas costas. Elevou-se e tentou mordê-los. As redes se

desemaranharam e foram lançadas para longe como se fossem nada. A cauda bateu com força na areia e o golpe sacudiu um dos homens. Ele voou pelo ar e caiu, atordado demais para fugir. O harulth o cortou ao meio. O homem que restou se agarrou com determinação. Se saltasse para baixo, seria esmagado; precisava permanecer onde estava, mas isso era uma loucura absoluta. As escamas eram um apoio traiçoeiro e o harulth estava louco de raiva. Girou e tentou morder e golpear, errando o alvo por centímetros; o homem, entretanto, retomou a escalada.

A multidão murmurou, demonstrando admiração. O homem escalou mais alto, parecendo um macaco empoleirado num galho sacudido por um temporal. Chegou à junção acima das patas posteriores, que batiam no chão, e enfiou a espada até o punho nas costas da criatura.

O par de patas posteriores desmoronou violentamente, projetando o homem. Ele escorregou, agarrou-se e se segurou enquanto o harulth estremecia e se contorcia de dor. A fera sacudiu o pescoço, tentando morder seu algoz, mas o corpo grosso não tinha maleabilidade para se contorcer o suficiente para abocanhar o minúsculo adversário.

O homem flexionou o pulso salpicado de sangue e arrancou a espada. A arma libertou-se do osso e da pele com dificuldade. O harulth rugiu e golpeou, arrastando seus membros inúteis e escavando sulcos no solo. O homem aguentou, avançando devagar e penosamente para a junção seguinte da espinha. Mais uma vez cravou a lâmina entre as pontas das vértebras e com sucesso seccionou a coluna. O segmento central das pernas ficou frouxo. Logo, os homens no terreno começaram a correr para cegar e distrair o monstro paralisado até que seu companheiro pudesse saltar. Assim que ele tocou a areia em segurança, todos se afastaram do predador ferido até este deixar de se debater; em seguida, ele pereceu.

A multidão gritou de contentamento e Lujan não conteve sua admiração; quase esquecendo por um instante que dirigia a palavra a um escravo, comentou:

— Nunca um harulth foi derrubado por guerreiros sem antes provocar pelo menos o quádruplo das mortes. Honra seja feita a seus conterrâneos.

Kevin chorou sem disfarçar. Embora todos aqueles homens lhe fossem estranhos, sentiu que conhecia muito bem cada um deles. Percebeu que não tiveram nenhum prazer nem sentiram orgulho pelo que tinham feito; o que para os tsurani era motivo de honra, para aqueles homens fora mera questão de sobrevivência.

Também houve lágrimas marcando o rosto dos conterrâneos de Kevin. Exaustos, sozinhos e conscientes de que poderiam nunca mais ver suas casas, os midkemianos abandonaram a arena, enquanto grupos de needra entravam para arrastar dali a carcaça do harulth. Homens com ancinhos e escravos com grades alisaram o piso de areia, apagando as marcas do combate.

Consciente de que, de repente, captara a atenção de Mara, Kevin se esforçou para transformar seu evidente desprezo em um comportamento mais apropriado. Embora ela não mostrasse qualquer indício de compaixão em sua postura de Governante, passou a taça vazia a

Arakasi e trocou com ele, discretamente, algumas palavras sussurradas:

— Já permanecemos tempo suficiente para satisfazer as necessidades de nosso status no Conselho?

Arakasi olhou abertamente para Kevin, alertando o bárbaro para não reagir ao fato de a Senhora não apreciar jogos de sangue.

— Gostaria de poder dizer que sim, minha Senhora, mas, se partisse agora, antes de seus inimigos saírem...

Mara reagiu com um leve aceno e se virou respeitosamente para a frente. E o fato de ela ter de suportar aquilo só pelas aparências deixou Kevin profundamente revoltado. Falando entre dentes, numa reação imprudente, sibilou:

— Nunca compreenderei seu povo e seu jogo...

As trombetas abafaram seu protesto. As equipes no terreno abandonaram a arena às pressas, pois mais uma porta se abriu estrondosamente. Uma dúzia de lutadores com arneses de batalha não usuais entrou pomposamente no recinto de areia. Todos usavam pulseiras de couro com tachas e penteados enfeitados com plumas de várias cores. Avançaram ignorando por completo a multidão que deveriam entreter; por fim, pararam no centro da arena, com as espadas e os escudos seguros em uma posição de confiança relaxada.

Kevin já ouvira falar dos orgulhosos montanhesees que habitavam as terras altas do Extremo Oriente: o único povo que já conseguira derrotar o Império e que forçara uma trégua entre as nações alguns anos antes da invasão tsurani de Midkemia. As trombetas soaram de novo e o arauto gritou uma apresentação:

— Como estes soldados da Confederação Thuril violaram o tratado estabelecido entre suas nações e o Império, combatendo os soldados do Imperador, foram considerados proscritos e fora da lei por seu povo, que os entregou para que fossem punidos. Irão lutar com prisioneiros do mundo de Midkemia. Todos terão de combater até restar apenas um.

As trombetas anunciaram que o evento deveria começar. Assim que as grandes portas na ponta da arena se abriram lentamente, Lujan permitiu-se uma observação:

— Em que o mestre dos jogos estava pensando? Os thuril não vão lutar entre si se derrotarem os midkemianos. Preferirão morrer enquanto insultam o Imperador.

— Minha Senhora, fique pronta para sairmos rápido — interrompeu Arakasi. — Se o combate for uma decepção, a multidão vai ficar revoltada.

Como, pelo costume tsurani, os plebeus ficavam nos andares acima da nobreza, em caso de violência, as classes mais altas do Império teriam de abrir caminho em meio ao caos para alcançar as saídas existentes. Kevin pensou na tão louvada disciplina tsurani, mas Arakasi, parecendo ler seus pensamentos, intrometeu-se:

— Estes jogos às vezes despertam uma ânsia de sangue no povo. Já houve motins antes, e nessas ocasiões alguns nobres morreram.

As aparentemente intermináveis contradições daquele povo desconcertaram Kevin apenas

por um momento, pois naquele instante uma dúzia de midkemianos entrou pelo arco aberto em frente ao dossel do Senhor da Guerra. Suas armaduras metálicas originais eram uma extravagância cara demais para ser usada em entretenimentos de arena; em vez de uma boa cota de malha, elmos e escudos encouraçados, aqueles prisioneiros usavam imitações, pintadas com cores berrantes, feitas com material tsurani. Um escudo ostentava a cabeça de lobo de LaMut e outro, com cores berrantes e exageradas demais, o cavalo do brasão de Zun.

Kevin mordeu os lábios para conter sua angústia. Não podia ajudar seus conterrâneos! Só conseguiria ser morto desnecessariamente e deixar para sua amada Senhora uma herança de vergonha. Mas o ultraje e a dor que sentiu nunca responderiam à lógica. Consumido por emoções reprimidas, Kevin fechou os olhos e baixou a cabeça. Aqueles Jogos Imperiais eram uma barbaridade e ele não desejava ver bons homens sendo desperdiçados por causa da perversidade de um espetáculo. Porém, em vez dos tinidos do combate, um burburinho se ergueu da multidão. Kevin arriscou olhar. Os guerreiros de Thuril e de Midkemia não estavam lutando, mas conversando. Assobios foram ouvidos vindos dos lugares mais altos do estádio quando as duas facções de combatentes se encararam em uma postura que era tudo, menos belicosa. Um dos thuril apontou então para a multidão. Apesar de sua voz estar longe demais para ser escutada, sua expressão revelava desprezo.

Um dos midkemianos deu um passo à frente e um thuril ficou em guarda, mas um grito de um companheiro seu o fez recuar um passo. O midkemiano retirou o elmo de couro e lançou um olhar furioso pela arena. Então, com uma insolência inacreditável, lançou a armadura e a espada ao chão. Seguiu-se o escudo, e o estrondo do impacto foi nitidamente audível no meio do profundo silêncio. Disse algo aos companheiros e cruzou os braços. O exemplo foi prontamente seguido pelos outros na arena. Espadas, elmos e escudos bateram ruidosamente no chão depois de largados por dedos frouxos, até que midkemianos e thuril se encararam, desarmados.

Mais assobios dos plebeus foram ouvidos, mas as classes mais altas pareceram se divertir e não se ofender por aquele estranho comportamento. O perigo não parecia iminente. Então Arakasi deu uma palmadinha de leve no braço de Kevin.

— Pegue isto — sussurrou e passou uma faca para o bárbaro. Kevin hesitou, espantado, antes de fechar os dedos sobre o punho. Um escravo carregar uma arma era uma sentença de morte, e o homem que ousasse violar essa lei seria desonrado. O fato de o Mestre dos Espiões ter feito isso indicava que estavam diante de uma situação de perigo mortal.

— Minha Senhora, vou buscar seus guardas e a liteira e trazê-los o mais perto da entrada da arena que os Guardas Imperiais permitirem — murmurou Arakasi a Mara. — Depois, irei correndo de volta à casa da cidade para reunir o resto de seus soldados. Venha nos encontrar na rua, assim que for possível. Estou sentindo... aquele pressentimento sobre o qual lhe falei antes. Temo que aconteça o pior.

Mara não deu nenhum sinal de ter ouvido, mas Lujan colocou a mão no punho da espada e

Kenji e os outros dois guerreiros ficaram em alerta. Arakasi saiu sorrateiro. Kevin manteve a faca encostada ao antebraço, com o olhar preso no estranho cenário, enquanto seus sentidos periféricos avaliavam os conselheiros que conferenciavam com os Senhores e Senhoras nos camarotes vizinhos. No interior do camarote imperial, o Senhor da Guerra se levantou de repente. Os ruidosos assobios e gritos dobraram de intensidade.

— Que a luta comece! — gritou, vermelho de raiva.

Quando os combatentes na areia, desafiadores, permaneceram estáticos, capatazes corpulentos e determinados a acabar rapidamente com aquela ousadia entraram na arena. Desenrolaram os chicotes de couro de needra e começaram a açoitar os guerreiros.

A multidão começou a demonstrar impaciência. Assobios e obscenidades misturaram-se numa nota ameaçadoramente crescente, enquanto até os nobres bem-nascidos se queixaram por estarem vendo homens imóveis sendo chicoteados. Subitamente, um dos thuril agarrou um capataz, desequilibrou o homem e colocou a mão no chicote que se arrastava pelo chão. Enrolou a tira de couro ao redor do pescoço de seu inimigo e começou a estrangulá-lo até a morte. Os outros capatazes se viraram para o renegado e o açoitaram violentamente. Os golpes o obrigaram a se ajoelhar, mas nem por isso perdeu a determinação. Retorceu cada vez mais a tira de couro, enquanto sua vítima arquejava e ficava roxa, até que por fim morreu.

Todos ficaram pasmos e, no instante seguinte, antes de alguém conseguir reagir, os soldados thuril recuperaram as armas que tinham lançado ao chão e iniciaram o ataque. Os midkemianos se juntaram a eles e os capatazes morreram; os chicotes foram cortados em pedaços e manchados de sangue vermelho.

Um murmúrio ameaçador percorreu a multidão reunida nos locais mais altos. Kevin olhou para os magos para ver se poderiam intervir, mas pareciam ter seus próprios problemas. O único mago de barba, aquele chamado Milamber, estava de pé, e, embora os Mantos Negros de ambos os lados lhe pedissem para que voltasse a seu assento, o mago não lhes deu ouvidos. Tinha os olhos queimando de raiva, emitindo um calor que podia ser sentido de longe; Kevin foi assolado por uma onda de medo. Olhou de novo para Mara, mas um sinal discreto de Lujan indicou que deveriam esperar, ainda assim, antes de partirem. Arakasi precisava de tempo para buscar a liteira e a guarda e trazê-las para a escada externa. Ser pego sem escolta na rua era um risco grande demais a correr.

De repente, um dos Mantos Negros que estava ao lado do Senhor da Guerra se ergueu e moveu sua mão em um arco. Kevin sentiu um arrepio percorrer sua espinha e os pelos de sua nuca se eriçaram. Magia! E feita com um simples aceno de mão; estupefato, o midkemiano viu os rebeldes na areia desabarem sobre os joelhos e caírem inertes. O grito do Senhor da Guerra ecoou sobre as formas indefesas e prostradas dos homens:

— Agora, prendam todos eles, construam um estrado e os enforcem para que todos vejam.

A multidão ficou imóvel como se olhasse para uma tempestade.

— Preparem-se — murmurou Lujan.

Kenji e os outros guerreiros se viraram para a frente em seus lugares. Kevin colocou uma mão no ombro de Mara. Pronta, e aparentemente à vontade durante todo o processo, era claro que a Senhora sentia o perigo. Pelo toque, o homem que a amava a sentia tremer. Esforçou-se para confortá-la, mas a tensão na arena continuava crescendo de forma ameaçadora.

Jovens oficiais na primeira fileira de assentos gritaram de raiva diante da ordem do Senhor da Guerra. Vociferaram contestando e exigiram que os prisioneiros lá embaixo recebessem a morte de guerreiros. Muitos tinham sido Líderes de Patrulha na linha de frente da batalha contra os midkemianos ou contra os thuril. Inimigos ou forasteiros, os prisioneiros haviam provado sua coragem em batalha; enforcá-los como escravos desalmados traria vergonha a todo o Império. Nem mesmo os Grandes permaneceram passivos. Milamber trocou o que pareceram ser algumas palavras acaloradas com outro Manto Negro, que tentou inutilmente acalmá-lo. Por fim, Milamber abriu caminho com os ombros, ainda falando; o mais corpulento se ergueu para segui-lo, mas já era tarde. O Grande que outrora fora um midkemiano estava parado no meio do caminho dos degraus que separavam os Mantos Negros do camarote imperial.

Na arena imperava o caos. Carpinteiros vieram correndo com ferramentas e tábuas de madeira, enquanto guerreiros com a armadura branca de Almecho escoltavam capatazes para reunir e amarrar os guerreiros paralisados.

Alertado por uma espécie de instinto, Kevin sentiu um instante de apreensão. A imensa multidão no anfiteatro pareceu presa por um momento, hipnotizada de fascínio. Os assobios e gritos silenciaram e todos os olhares se voltaram para o vulto vestido de preto parado ao lado do camarote do Senhor da Guerra.

Milamber ergueu o braço. Chamas azuis cortaram o ar, cintilando apesar da intensa luz do sol, e um raio se precipitou para baixo e explodiu no meio dos guardas do Senhor da Guerra. Homens vivos foram lançados em todas as direções, espalhados como folhas ao vento. Carpinteiros e artesãos se desequilibraram e as tábuas e ferramentas trazidas para erguer o estrado foram espalhadas como palha. Nobres nos lugares mais baixos ficaram presos em suas cadeiras devido à fúria da detonação e uma rajada provocou reação oposta nas fileiras superiores de assentos. A mão de Milamber fez um gesto dramático e sua voz rompeu o silêncio estupefato imposto pela explosão:

— Basta!

O mago gordo desistiu subitamente da perseguição. Tão rápido quanto suas pernas gordas permitiram, apressou-se na direção do camarote imperial, seguido de perto por seu minúsculo companheiro. Os dois Grandes conversaram rapidamente com a Luz do Céu, que se ergueu de sua cadeira. No instante seguinte, sem aviso, tanto os Grandes como o Imperador desapareceram.

Abalado demais para conseguir entender seu próprio espanto, Kevin agarrou o braço de

Mara.

— Muito bem. Já chega. — Sem cerimônia, ele a levantou da cadeira. — Se Sua Majestade entende que está na hora de partir, é melhor partirmos também.

Lujan não o deteve; desembainhou a espada e saltou por cima de seu assento. Seguindo suas ordens, Kenji, o Líder de Ataques, e os outros dois guerreiros Acoma seguiram em frente para acompanhar Kevin e Mara. Pela estreito corredor abaixo, entre dois camarotes, o pequeno grupo se retirou com uma pressa que extrapolava os limites das boas maneiras. As ações de Milamber haviam prendido a atenção da maioria dos espectadores; as pessoas sentadas nas fileiras na rota de fuga de Mara lançaram comentários irritados quando a passagem da Senhora e da escolta interrompeu sua visão. A tensão cresceu até um estado de agitação extrema quando a voz do Senhor da Guerra ecoou em fúria absoluta:

— Quem se atreve a fazer isso?

Milamber gritou em resposta:

— Eu me atrevo! Isso não pode e não vai acontecer mais! — Mas o resto de suas palavras não pôde ser ouvido pelos guerreiros Acoma, pois passos apressados se aproximavam deles por trás. Na interseção da ala das escadas que levava aos andares superiores, Kevin voltou para trás. Viu dois soldados estranhos, com armaduras bordô, correndo para alcançarem a escolta dos Acoma. Os guerreiros de Mara na retaguarda se detiveram e desembainharam as espadas no mesmo instante. Tendo apenas Kenji para ajudar a proteger Mara, Kevin soltou um grito de alerta:

— Lujan!

O Comandante das Forças Armadas olhou para trás. Viu a ameaça e identificou de relance as armaduras.

— São homens de Sajaio! Eles servem aos Minwanabi! — Sempre em movimento, deu uma ordem aos dois guerreiros que se preparavam para lutar: — Protejam a Senhora. — Em seguida, deu instruções a Kevin: — Podemos derrotá-los, mas primeiro temos de deixar Mara em segurança.

Enquanto isso, o caos da arena não parecia perto do fim. O Senhor da Guerra gritou para o mago:

— Com que direito faz uma coisa dessas?

A resposta de Milamber pareceu açoitar o próprio ar, de tão furiosa:

— Meu direito de fazer o que eu quiser!

Consciente de que, no mínimo, estavam diante de um desastre iminente, Kevin incitou Mara a seguir rapidamente adiante. Ela enfrentou com determinação a escadaria de pedra, apesar de as solas com travas de suas sandálias atrapalharem, quase a fazendo tropeçar.

— Tudo o que conhecemos está desmoronando — arquejou ela com seus lábios esbranquiçados —, o caos está sobre nós.

Outros vultos passaram apressados nos corredores que cruzaram; os guardas dos Sajaio

hesitaram na perseguição aos Acoma. Conversaram entre si e um deles recuou. O outro, decidido, retomou a perseguição.

A escada do átrio estava cheia de outras comitivas, com nobres, Senhoras e guerreiros em retirada, diante daquele ambiente carregado de ameaça que se estendia pelo anfiteatro como a calmaria que antecede a tempestade.

Lujan ouviu o grito de Kevin, indicando que um dos guerreiros Sajaio recuara, presumivelmente com instruções para buscar reforços. O Comandante das Forças Armadas não diminuiu o passo.

— Apenas um louco iniciaria uma luta agora. Ou será que não sabe o que está acontecendo?

Gritos vindos do camarote imperial terminaram com a frase:

— Minhas palavras são lei! Vão!

Mara estacou com medo e prendeu a sola numa fenda do chão. Kevin a segurou por trás impedindo-a de cair e suportou seu peso leve nos braços para mantê-la em pé. Pelo canto do olho, viu Milamber orientar os Guardas Imperiais fardados de branco, mandando soltar os prisioneiros ainda inconscientes na areia. O Senhor da Guerra descontrolou-se e extravasou toda a sua raiva:

— Você está infringindo a lei! Ninguém pode libertar um escravo!

A ira de Milamber cresceu e sua voz soou cortante como aço:

— Eu posso! Eu estou acima da lei.

Kevin sentiu um acesso irreprimível de esperança ao escalar a última escada para o átrio. O arco que dava para a rua ficava a cerca de uma dúzia de passos adiante.

— Isso é verdade? — arquejou para Mara. — Milamber pode libertar um escravo?

Mara o fitou com um olhar apavorado.

— Ele pode fazer qualquer coisa, é um Grande.

Uma avassaladora sensação de que uma revolta estava começando deu início ao pânico. Os espectadores começaram a saltar de seus lugares, saindo em debandada para os átrios. Mas a fuga começou tarde demais. Um dos Grandes do Senhor da Guerra se ergueu para desafiar Milamber. Percebendo o medo generalizado, e com a multidão crescendo como uma onda gigante atrás deles, Kevin empurrou Mara para a saída. Lujan levantou a espada para avançar contra o fluxo de pessoas, enquanto seus guerreiros gritavam:

— Acoma!

Mas nem todos no meio da multidão fugiam da magia. Escutaram gritos vindos de trás e cinco guerreiros com armaduras bordô correram para alcançar Kenji e os dois soldados. O Líder de Ataques dos Acoma nem hesitou. Em vez de ser atacado enquanto fugia, virou-se para trás gritando *Acoma!* e lançou-se sobre os atacantes dos Sajaio. Os guerreiros o seguiram. Kevin e Mara continuaram correndo, com o Comandante das Forças Armadas para defendê-los.

Os Sajaio e os Acoma se encontraram nas escadarias. O choque de suas armas passou despercebido em meio ao movimento ascendente do som — os gritos de espectadores aterrorizados e os chamados de guerreiros e guardas que saltaram prontamente em defesa de seus Senhores. Outras pessoas berraram de espanto diante da disputa de Milamber com os mascotes do Senhor da Guerra no camarote imperial.

Então, acima desses gritos, urros de dor e de terror foram ouvidos.

Parado na beira da escada, Kevin arriscou espiar para baixo. Do átrio ao lado do camarote dos magos, soltou-se de súbito uma descarga de energia. A figura de Milamber desapareceu em um clarão abrasador, envolta em uma luz dourada e azul num cenário assustador e ofuscante. Naquele jogo de sombras e de luzes de outro mundo, os rostos da multidão ficaram rigorosamente marcados. Todas as expressões revelavam uma necessidade irracional de fugir. As pessoas empurraram, deram encontrões, atropelaram-se e tropeçaram ao subirem freneticamente as escadas. O combate iniciado pelos soldados Sajaio foi interrompido; os guerreiros foram empurrados para o lado por milhares de pessoas desesperadas que tentavam fugir da ira dos magos.

Kevin apertou Mara com força.

— Corra!

Quase imediatamente à frente da massa de espectadores em debandada, mergulhou com ela escada abaixo. Em meio ao lampejo brilhante e incandescente da feitiçaria, a pluma do elmo de Lujan brilhou com um verde sobrenatural. Seu grito *Acoma!* se dissipou entre os gritos irados e os urros de terror vindos de trás. A escadaria mergulhava interminavelmente para baixo. Mara correu e tropeçou em suas sandálias com travas grosseiras. Assustado de um modo que o fazia esquecer as boas maneiras, Kevin inclinou-se e segurou-a em seus braços.

— Livre-se das sandálias! — gritou Kevin. Mara respondeu algo. Com o barulho, não foi possível entender suas palavras. — Eu não me importo com as esmeraldas! Livre-se delas! — ordenou Kevin.

O peso dela o atrapalhou na escadaria. Apesar de todos os seus esforços para correr, estavam ficando para trás em relação a Lujan. Kevin sentiu mãos que o empurravam, então ficou preso entre os corpos em fuga.

Mara deixou cair as sandálias. Desesperado, Kevin a colocou no chão, com sua mão bem apertada no ombro. Ele a puxou incansavelmente contra o aglomerado de pessoas e contra a força da multidão. Alguém caiu à sua esquerda. No mesmo instante, mil pés insensíveis pisaram o corpo do infeliz. A vítima nem chegou a gritar. O peso esmagador da multidão passou por cima dela, pressionando o ar de seus pulmões e transformando-os em polpa. Um plebeu inconsciente e assustado se lançou impetuosamente contra o braço que segurava Mara, levando Kevin a diminuir o aperto. Instintivamente, ele puxou a faca de Arakasi. Então soltou o pulso de sua Senhora; segurava-a apenas pelos dedos. Por cima do ombro do homem que continuava a empurrá-los, Kevin entreviu a expressão de puro terror de Mara, antes de perdê-

la completamente de vista. A mão dele, tentando segurar a dela, quase foi arrancada. Kevin chorou ao cravar a faca nas costas da pessoa que se intrometera entre eles. O peso desapareceu e ele puxou num desespero cruel a parte de Mara que ainda segurava. Ela se libertou com dificuldade de um grupo de artesãos em pânico e caiu nos braços dele.

— Acoma! — O gritou soou ali perto; Kevin olhou por cima das cabeças da multidão e abençoou sua estatura midkemiana. Avistou de imediato dois soldados de armadura verde abrindo caminho à força por entre a turba em movimento.

— Aqui! — berrou ele. — Aqui! — Agitou a mão, esquecendo-se de que segurava uma faca ensanguentada. — Estou com Mara!

Os guerreiros se dirigiram até ele, guiando-se pela inconfundível cabeça ruivo-dourada. Em um instante, Lujan já estava com ele.

— Guarde isso — gritou, apontando para a faca. Caiu diante do bárbaro e usou seus guantes como estacas para se esquivar de parte da multidão desenfreada.

Kevin escondeu a faca. Avançou à força, carregando o peso trêmulo de Mara, que ainda lutava bravamente para ficar em pé.

— Não — ele gritou em seu ouvido. — Você é pequena demais e, além disso, está descalça. Eu carrego você.

Os degraus desapareceram sob seus pés. Kevin tropeçou, mas recuperou o equilíbrio, ficando ereto pela força da multidão. Tinham chegado ao átrio que dava para os pisos externos. Aos poucos, o midkemiano percebeu que Lujan escolhera aquele caminho com um propósito: perto das paredes do estádio, cercada por uma cunha de guerreiros sitiados, a liteira de Mara era visível acima de cabeças em correria, com as bandeirinhas verdes contrastando com o caos que os envolvia.

Um trovão retumbou nos céus. Uma rajada de ar soprou como uma explosão, enquanto a detonação lançava um grande número de pessoas ao chão. Kevin cambaleou para a frente, bateu em Lujan e apoiou-se no guerreiro para manter o equilíbrio. O esforço foi em vão. Os dois caíram de joelhos. Com os ouvidos zumbindo, Kevin amparou o peso de Mara. Voltou a ficar de pé, ignorando os joelhos esfolados, e abriu caminho na direção da liteira. A multidão não demorou a se recuperar, fechando-se em grande pânico, até que seu cotovelo e o tórax foram dolorosamente pressionados contra as arestas da armadura de Lujan. Kevin se manteve firme e forte e quase voltou a cair quando seus pés se enroscaram em algo que parecia um trapo.

Um trapo quente. Era mais um infeliz pisoteado.

Uma vítima que bem poderia ter sido Mara, se ele a tivesse perdido em meio ao caos. Lutando contra convulsões no estômago, Kevin agarrou o vestido de seda com toda a força, deixando os nós dos dedos brancos. Então uma fonte de energia irrompeu da arena e se espalhou pelo céu e pelas nuvens. Uma grande comoção tomou conta da multidão e todas as cabeças se viraram para o céu, boquiabertas. Movidas por um fascínio mórbido, algumas

peessoas mais imprudentes tentaram resistir à fuga em massa e ver melhor o que se passava.

Kevin e Lujan aproveitaram a pausa para chegar à parede, onde uma barreira de guerreiros de verde formou fileiras ao redor, um oásis de calma no meio da turbulência. Assim que o midkemiano pousou sua Senhora agitada no chão, uma voz trovejou em meio ao caos:

— O fato de terem vivido assim durante séculos não lhes dá o direito a esta crueldade. Todos aqui presentes estão sendo julgados e todos são culpados.

O mago. Milamber. Kevin sentiu um arrebatamento irracional de orgulho por um homem do Reino ter se atrevido a impor a compaixão justa diante da decadência.

O tom da multidão se alterou sutilmente. Incitadas pela curiosidade e também por começarem a se sentir ofendidas, algumas pessoas gritaram de espanto. Uma nova motivação tomou conta da massa e uma porção cada vez maior de curiosos parou de fugir e voltou para a arena.

— São loucos que irão definhlar aqui — gritou Lujan. — A Senhora tem de ser levada para casa em segurança.

Kevin estendeu o braço para segurar Mara, viu sangue em sua mão e só então se lembrou da faca. Fez um movimento para entregar sua arma, mas Lujan sacudiu a cabeça com força.

— Não vi você pegar isso, e meus olhos estarão cegos se usar isso para proteger minha Senhora.

Os soldados formaram um cordão apertado, com Mara, Kevin e meia dúzia de infelizes carregadores aglomerados no centro. Os escravos, por força do hábito, colocaram-se em suas posições nas varas da liteira. Então a voz do mago ecoou outra vez com uma potência sobrenatural pelo estádio:

— Vocês que sentem prazer com a morte e com a desonra dos outros, vejam agora como é o gosto da destruição!

— Que se dane a liteira! — gritou Kevin. — Apenas corram!

Ainda tremendo intensamente devido à comoção, Mara por fim recuperou a fala.

— Sim, precisamos correr! — gritou.

Por ordem de Lujan, a pesada liteira foi abandonada. Os guardas se reagruparam em formação para fugir e prontamente se iniciou a corrida em busca de segurança. Um vento soprou do centro da arena para fora, originando nova gritaria e sacudindo as plumas dos oficiais. Kevin sentiu a pele se eriçar até ficar arrepiada e espantou-se com uma sensação que praticamente esquecera desde que deixara sua terra: o frio. Em Kelewan, nenhuma rajada natural poderia carregar aquele toque gelado. Como que em resposta, Milamber gritou:

— Tremam e se desesperem, pois eu sou o Poder!

Um gemido se elevou no ar quando o grupo dos Acoma iniciou sua descida precipitada pela escadaria inferior. A potente rajada tornou-se mais forte quando Milamber gritou:

— Vento!

O vendaval reagiu se transformando num uivo. Um odor fétido de morte se juntou às

rajadas de vento e sufocou Kevin e os guerreiros mais fiéis. Aceleraram o ritmo da descida, obrigando os pulmões aflitos a inalar. Mara ficou lívida, mas acompanhou o ritmo da comitiva na descida da íngreme escadaria. O caminho se revelou bastante sinuoso. Obrigados a contornar aqueles que se dobravam para vomitar devido ao fedor insuportável, Lujan ordenou aos soldados que não parassem. Algumas das pessoas enjoadas foram pisoteadas, enquanto outras foram empurradas e chutadas pelos cidadãos em fuga. Um gemido grave fez o piso estremecer. Gerado por algo que não pertencia àquele mundo, o som atormentou os ouvidos com ruídos supersônicos. Os guerreiros apertaram o passo e Kevin agarrou o pulso de Mara para ajudá-la a descer os últimos degraus. De modo agourento, as sombras aumentaram, o ambiente escureceu e o sol desapareceu. Nuvens se reuniram sobre o estádio, rodopiando em um gigantesco vórtice. Kevin nunca duvidou de que no centro estava Milamber. Espantou o medo com uma gargalhada.

— Ele está dando um grande espetáculo!

Correndo, sem fôlego, ao seu lado, Mara o fitou com espanto. Só então Kevin reparou que falara na língua do Rei. Repetiu o comentário em tsurani. Ela arranjou forças para um sorriso corajoso. Chegaram aos tropeções até a base da escadaria. Lujan se deteve quando mais guardas se juntaram às fileiras, reforçando o quadrado protetor ao redor de sua Senhora. Os membros das fileiras externas se deram os braços e retomaram o caminho pela avenida, enquanto o mago continuava gritando lá atrás:

— Chuva!

A ressonância de sua voz se suavizara um pouco. Kevin encheu de ar seus pulmões ardentes e teve esperança de que a mudança significasse que o avanço deles já os deixara longe do tufão de feitiços e males que Milamber evocara para julgar a multidão. Os céus se abriram e gotas geladas cortaram o ar. As primeiras se transformaram em uma cachoeira, ensopando até os ossos todos os presentes na rua. O último resquício de luz desapareceu. Com os olhos semifechados, vasculhando a tempestade, Kevin correu. Não largou o pulso de Mara, apesar de sua pele estar escorregadia e de ela arrastar os pés por causa da roupa de gala agora molhada que lhe tolhia os movimentos. O barulho da torrente de chuva nas pedras da calçada e nas armaduras misturou-se ao som dos pés em fuga. Os gritos da multidão pareceram diminuir de intensidade, açoitados pelo infortúnio e pelo desespero.

— Continue — incitou Kevin, dirigindo-se a Mara.

Um pouco mais à frente, sentiu a chuva diminuindo de intensidade a cada passo. A comitiva dos Acoma alcançou a rua ao lado da arena e ao longe a voz de Milamber gritou:

— Fogo!

Um crepitar coletivo de horror se elevou de dentro do estádio. Mara olhou para trás horrorizada, lamentando pelos infelizes ainda encurralados. Kevin se virou para apressá-la e, em meio às gotas cada vez mais finas, viu algo de uma beleza aterrorizadora e estranha. Uma forma de chamas se insinuava entre as nuvens, que continuavam a lançar uma umidade gelada

sobre a terra. Relâmpagos serpenteantes rasgaram o céu. Uma picada ardente queimou o rosto de Kevin quando uma chuva de puro fogo começou a cair. Mara gritou. As chamas caíram na seda que cobria sua cabeça e a umidade não impediu que pegasse fogo. Soldados deram tapas nas chamas com suas luvas e o cheiro de pele e verniz queimados começou a subir cada vez mais sufocante no ar carregado de fumaça. Então choveu. O fogo em queda espalhou fagulhas pelo solo e, temendo por suas vidas, correram ainda mais depressa.

Lujan apontou gritando:

— Ali!

Uns cem metros adiante, para além de uma extensão ondulante de poças e chamas, a luz do sol brilhava pacificamente. Kevin arrastou Mara correndo e, ainda assim, aqueles últimos cem metros se esticaram, parecendo quilômetros. E enfim ficaram a salvo sob a luz do sol.

Os soldados abrandaram o passo para recuperar o fôlego, seguindo as severas ordens de Lujan. Homens ofegantes eram sinônimo de maus combatentes e as ruas eram uma massa fervilhante de pessoas assustadas e soldados prontos a entrar em ação para defender seus Senhores. Kevin aproveitou a pausa para olhar para trás. A loucura sobre a arena prosseguia. Fogo era lançado para baixo em faixas faiscantes e os gritos dos que morriam e dos feridos se uniram em um único e duradouro uivo.

As ruas estavam cheias de espantalhos em chamas e em sofrimento que dançavam e esbracejavam na agonia dos queimados. Sobreviventes chamuscados corriam à procura de locais seguros e se chocavam com artesãos e escravos que, pasmos, haviam interrompido seus afazeres. Muitos caíram prostrados de medo, enquanto outros fizeram sinais protetores diante do desagrado dos deuses; a maioria ficou pura e simplesmente muda de espanto. Uma fraca palavra percorreu a confusão. Kevin não entendeu, mas, diante de um aceno de Lujan, gentilmente incitou Mara a avançar:

— Seus pés estão doendo? É melhor prosseguirmos. Acho que ainda estamos muito próximos da confusão.

Mara piscou, com o rosto pálido de cansaço. Entorpecida, disse:

— A questão dos sapatos deve esperar. Vamos já para casa!

Lujan enviou um soldado à frente para chamar mais guerreiros da guarnição para proteger a Senhora em sua fuga pela cidade. Hábil em tomar decisões rápidas, o Comandante das Forças Armadas optou por ruas tranquilas. Evitou o complexo do templo, onde os adoradores e os Sacerdotes estavam em grande alvoroço ao redor de altares de oferendas, entoando e cantando uma série de orações apaziguadoras. Mensageiros se apressavam para levar mensagens desconhecidas e pedintes vagavam por regiões que lhes eram proibidas. Prevenindo um ataque, os soldados se mantiveram juntos; Kevin não largou a faca de Arakasi. Não ocorreu nenhuma emboscada, mas sentiram um estranho zumbido perpassando sob seus pés.

A vibração cresceu, tornando-se um estrondo cavernoso, e Kevin sentiu uma pontada de

medo.

— Terremoto! — gritou. — Para aquela entrada! Já!

Lujan e seus guerreiros se viraram de modo magistral. Afastaram para o lado um trio de plebeus que tinham se abrigado sob o arco da porta de uma taverna. Feito de pedra sólida, aquele pórtico outrora suportara dois painéis de madeira, que já tinham caído no esquecimento.

Os guerreiros fizeram Mara passar entre eles, para que se abrigasse sob o pórtico. Kevin seguiu aos tropeções atrás dela e, pressionado por todos os lados por homens armados, sentiu a terra sumir sob os pés. Alguns guerreiros ficaram abismados e se ajoelharam, outros ficaram prostrados, enquanto os carregadores da liteira se lamuriavam com os braços sobre as cabeças. A força do abalo sacudiu e derrubou as pessoas na rua; gritos vieram de dentro da taverna quando as vigas do teto desabaram e estuque e destroços caíram do alto. Canecas de barro caíram e se estilhaçaram; edifícios perderam telhados, cornijas e coberturas, que se espatifaram no chão. Varandas desabaram, biombos se rasgaram e as pessoas caíram sangrando como detritos espalhados.

Ali perto, uma parede de pedra desabou em meio a uma nuvem áspera de pó, e a intensidade do abalo aumentou. Um movimento ondulante percorreu todo o comprimento da avenida e no ar soou o estrondo opressor das madeiras e da alvenaria se estilhaçando. Kevin lutou contra a onda da terra para colocar a mão em Mara, mas já havia dois soldados por sobre dela, protegendo-a com seus corpos.

A loucura tornou-se cada vez mais furiosa; o próprio chão se contorceu como se sentisse dor. Do outro lado do complexo imperial, nos arredores da arena, o ruído de pedras arrancadas ribombou e rugiu como uma avalanche. O som bramiu infatigavelmente, como o mar, entrecortado por milhares de vozes soltando gritos agudos de terror e de dor. Então a terra parou de se mover de repente. A calma se impôs e o sol brilhou entre a névoa formada pelo pó levantado. A rua ficou destruída, um campo de batalha cheio de destroços e de feridos gemendo. Esmagados entre pedras, triturados sob pedaços de madeira derrubados, ali jaziam os silenciosos mortos ensanguentados.

Kevin levantou-se. Tinha o rosto queimando cheio de bolhas e sentia os olhos ardendo por causa do pó. Enquanto os soldados ao seu redor também se reerguiam, ele ajudou Mara a ficar de pé.

Ao olhar para o rosto sujo dela, com fios de seda chamuscada pendurados no enfeite de cabelo desarrumado, e com as túnicas molhadas coladas ao corpo, Kevin reprimiu uma enorme vontade de beijá-la demoradamente. Em vez disso, sacudiu o pó de uma mecha de cabelo no lóbulo da orelha dela e despertou o brilho de um enfeite de esmeralda. Ele soltou um suspiro trêmulo.

— Tivemos sorte. Conseguem imaginar o que aconteceu dentro da arena?

Os olhos de Mara continuavam arregalados, em choque. Já deixara de tentar disfarçar o

quanto tremia, mas sua voz ostentou uma pontada de tenacidade férrea ao falar:

— Só nos resta esperar que nosso Senhor dos Minwanabi tenha demorado a sair dos jogos.

Em seguida, como se a beleza destroçada que a cercava de repente a tivesse ferido, acenou a Lujan.

— Vamos voltar logo para nossa casa aqui na cidade.

Lujan alinhou sua companhia e iniciou o longo caminho de volta para casa através das avenidas devastadas de Kentosani.

Arakasi apareceu mais tarde, com seus trajes de criado empoeirados e chamuscados. Afastada da arena e do local onde Milamber deixara sua ira transbordar, a Casa dos Acoma sofrera apenas danos leves. Mas, agora, havia uma dúzia de guerreiros montando guarda na porta, e outros de vigia no pátio; o Mestre dos Espiões avançou com uma cautela felina. Só conseguiu relaxar um pouco quando avistou Lujan no pátio de entrada.

— Que os deuses nos protejam, vocês conseguiram — saudou ele com voz rouca o Comandante das Forças Armadas, em um acesso de emoção.

Em um instante, Arakasi foi guiado ao pavimento superior, onde se curvou diante de sua Senhora.

Mara estava sentada sobre almofadas; tinha acabado de se banhar, mas ainda estava pálida. O joelho arranhado era visível sob a túnica larga e seu olhar parecia tomado por uma ansiedade que se dissipou ao ver o Mestre dos Espiões.

— Arakasi! É bom vê-lo. Que novidades traz?

O Mestre dos Espiões se ergueu de sua reverência.

— Com o perdão de minha Senhora — murmurou, e pegou um pano manchado que encostou no rosto ensanguentado.

Mara fez um sinal a uma criada, que saiu apressada para buscar unguentos curativos e uma bacia. O Mestre dos Espiões tentou dispensar a ajuda.

— O corte é de pequena importância. Um homem tentou se aproveitar da confusão para me roubar. Está morto.

— Roubar um criado? — questionou Mara.

Era uma desculpa esfarrapada; era mais provável que seu Mestre dos Espiões tivesse arriscado seriamente a vida para ajudá-la de algum modo, mas Mara seguiu a deixa e se conteve para não envergonhá-lo com perguntas.

Quando o grupo de Mara chegara à porta da casa, percebera a ausência do Mestre dos Espiões, assim como de um grupo de soldados. Deixando uma pequena guarnição com Jican, Arakasi voltara à arena, mas a loucura gerada por Milamber dificultara o percurso pelas ruas.

Os dois grupos passaram um pelo outro sem se verem, em meio ao caos.

A criada apareceu com um cesto de remédios. Mara acenou na direção de Arakasi, que pareceu irritado, mas acabou aceitando que cuidassem de seu rosto em virtude da insistência de sua Senhora. Assim que a criada começou a aplicar unguentos na ferida do Mestre dos Espiões, Mara perguntou:

— E o resto de nossos soldados?

— Voltaram comigo — respondeu Arakasi, injustificadamente rabugento. Lançou um olhar sombrio à criada e depois concluiu seu relatório: — No entanto, e por incrível que pareça, um guerreiro foi atingido na cabeça por uma peça de cerâmica e provavelmente vai morrer.

Mara observou a imundície e o sangue seco no pano.

— Isso é mais do que um simples arranhão. É possível ver o osso. — E fez a pergunta que lhe queimava a língua: — E quanto à cidade?

Arakasi se esquivou da mão da criada. Com um gesto rápido como o de um predador, pegou um pano limpo e pressionou-o contra o ferimento.

— Minha Senhora não deve se incomodar com os sofrimentos e as dores de um servo.

Na escuridão suave do crepúsculo, Mara ergueu as sobrancelhas.

— E os servos não deveriam evitar ajudar sua Senhora em vez de se arriscarem a uma acusação imperial por entregar uma lâmina a um escravo? Não — ela ergueu uma mão quando Arakasi inspirou —, não responda. Lujan jura que não viu nada. Uma faca cheia de sangue apareceu na copa, mas os cozinheiros insistem que foi usada para abater aves jiga.

Arakasi soltou um cortante riso abafado.

— Jiga, que apropriado!

— Muito. Agora, responda à minha pergunta — exigiu Mara.

Ainda sorrindo, Arakasi obedeceu:

— É o caos generalizado. Há incêndios por todo lado e muitos feridos. Kentosani parece ter sido arrasada por um exército invasor, sobretudo nos bairros ao redor da arena. O Senhor da Guerra retirou-se com grande vergonha, humilhado pelo Grande chamado Milamber. O espetáculo foi público demais e provocou muitas mortes inocentes. Aposto que Almecho se suicidará antes de o dia terminar.

— E o Imperador? — Em meio à excitação suscitada por aquelas notícias de grande importância, Mara se manteve informal. Dispensou a criada para que esta fosse buscar uma bandeja com a ceia.

— A Luz do Céu está a salvo — respondeu Arakasi. — Mas os Brancos Imperiais foram retirados de todas as partes do palácio, exceto dos aposentos da família, onde protegem o Imperador e seus filhos. Os Guardas do Conselho permanecem em serviço, mas, na ausência de ordens diretas do Senhor da Guerra, não entrarão em ação. Ao anoitecer, provavelmente vão presumir que a lealdade das casas deve prevalecer e todas as companhias voltarão para seus Senhores. As leis que nos regem estão temporariamente suspensas, com o Conselho

debilitado e o Senhor da Guerra humilhado. — Arakasi encolheu os ombros. — Não há lei, exceto a força.

Mara se arrepiou e seu quarto, de repente, pareceu escurecer. Bateu palmas para que os criados acendessem as lamparinas.

— Lujan precisa ouvir isso — disse. — Acha que podemos ser atacados?

Arakasi suspirou.

— Quem pode saber? Lá fora, a loucura tomou conta. Contudo, se tivesse de arriscar um palpite, acho que por esta noite estaremos a salvo. Se o Senhor dos Minwanabi sobreviveu à destruição nos jogos, é mais provável que esteja escondido em seus aposentos esperando indícios de que a sanidade voltou às ruas.

A bandeja chegou, trazida por um criado, seguido de perto por Lujan, que entrou a passos vigorosos. Mara sinalizou ao Comandante das Forças Armadas que se sentasse e depois serviu-se de chocha. Recostou-se e sorveu o líquido quente e reconfortante, enquanto Lujan importunava Arakasi para que tratasse o ferimento com unguento. As descrições gráficas do guerreiro sobre cortes de espada que inflamam seriam o bastante para intimidar até o mais valente dos homens, mas a coragem de Arakasi baseava-se essencialmente em teimosia.

Compadecida pelo ar atormentado de seu Mestre dos Espiões, mas não o suficiente para lhe permitir escapar de ser enfaixado pelas mãos capazes de seu Comandante, Mara interveio quando achou adequado:

— Se Almecho tirar a própria vida, o Conselho irá se reunir.

Agradecido pela distração, Arakasi pegou um pouco de torta de carne fria.

— Um novo Senhor da Guerra.

Lujan atirou de volta para dentro da cesta dos remédios a atadura que não havia usado.

— Quem quer que se candidate correrá sérios riscos. Não há um sucessor claro para o cargo.

Mas o perigo, apesar de bem evidente, não era o pior que poderiam imaginar. Mara ergueu seu olhar firme à luz das lamparinas brilhantes.

— Se em algum momento a presença dos Acoma no Conselho precisa ser forte, será para escolher o sucessor de Almecho. Apenas cinco Senhores dispõem de seguidores suficientes para almejar o cargo, e um deles é Desio dos Minwanabi. Sua pretensão não deve ser bem-sucedida.

— Você fez acordos — lembrou-a Arakasi — e reuniu promessas de votos suficientes para poder recorrer a essa influência. Mas, com a ordem natural das coisas virada do avesso, a Senhora se atreveria a confiar neles?

O cansaço de Mara se tornou então bem evidente.

— Não há risco maior do que Desio vestir o branco e dourado.

Lujan passou os dedos pelo punho da espada.

— E isso seria possível?

— Se tudo corresse normalmente, não. Mas agora...? — O Mestre dos Espiões encolheu os ombros. — Hoje de manhã, algum de nós teria adivinhado que o reinado de Almecho poderia terminar em uma desgraça antes de o sol se pôr?

A noite do lado de fora pareceu de súbito mais escura. Ameaçada por medos que não paravam de aumentar, Mara suspirou sentindo falta do aconchego dos braços de Kevin; mas ele estava lá fora com os guerreiros, ajudando a reparar fendas que o tremor de terra abrira na parede. Milamber quebrara mais do que pedras e cabeças em seu confronto com o Senhor da Guerra. Seu feito fizera ruir toda a hierarquia do seio do Império, e a poeira iria levar muitos dias para assentar.

— É mais sensato nos prepararmos para qualquer eventualidade — declarou Mara com firmeza. — Arakasi, assim que se sentir melhor, precisaremos de você outra vez na cidade. Fique a par de todos os rumores. Muito em breve as forças deste Império serão alteradas, e, se não prepararmos cuidadosamente nosso futuro, poderemos ser esmagados por tabela.

Seguiu-se uma noite tensa e de sono difícil, enquanto os guerreiros de Lujan reorganizavam os equipamentos e iam buscar velhas defensas que estavam guardadas. Havia séculos que as antigas residências de Kentosani não eram atacadas, mas as velhas paredes eram sólidas. Os guerreiros fortificaram os portões e as entradas o melhor que puderam, trabalhando à luz de lanternas carregadas por escravos.

Sons de brigas vindos do centro da cidade foram ouvidos, assim como passos apressados subindo e descendo a rua. Se eram de homens fugindo de ladrões ou de assassinos enviados para esfaquear inimigos, ninguém se arriscaria a verificar, preferindo a segurança dos muros.

Três horas depois de a noite se instalar, Kenji, o Líder de Ataques, retornou, com um golpe de espada no ombro e a armadura lascada por lutas intensas. Encontrou a Senhora Mara na cozinha, conversando com Jican sobre as provisões de comida. Tendo em conta a lousa que tinha na mão e o inventário em andamento, deviam estar se preparando para um cerco.

Kenji fez uma reverência e o movimento despertou a atenção de Mara. Ela chamou um criado para que trouxesse chocha e instalou seu Líder de Ataques numa mesa de cortar carne, enquanto o maltratado cesto de remédios era mais uma vez trazido do armazém.

— Os Sajaio foram varridos pela multidão. — Kenji reprimiu uma careta quando esticou o braço para desapertar a armadura.

— Pare — disse Mara. — Permita que eu chame um escravo para ajudar.

Mas Kenji estava concentrado demais em completar a sua missão para conseguir prestar atenção. Assim que afrouxa o primeiro fecho, avançou para o seguinte e tortuosamente retomou seu relatório:

— Perdemos os dois homens que estavam comigo. Um morreu lutando; o outro faleceu por causa do fogo. A multidão me desviou do caminho, por mais que eu tivesse tentado voltar para cá antes. Turbas compactas encheram o distrito do templo, pois correram para lá temendo por suas vidas. Tentei vir pelo caminho do cais, mas as docas desabaram com os terremotos.

Um escravo apareceu para cumprir as ordens de Mara e curvou-se para ajudar Kenji com a armadura. O ferimento estava sangrando de uma maneira preocupante; a seda sob a armadura envernizada já estava cheia de manchas.

— Houve motins, Senhora. — Kenji arquejou quando retiraram a couraça. Engolindo em seco e suando por causa da dor, as palavras saíram com dificuldade: — Os pobres e os pescadores das docas começaram a pilhar as barcas ancoradas e os estabelecimentos das vizinhanças.

Mara olhou ansiosa para Jican, que, reparando no brilho escarlate dos incêndios, previra acertadamente o efeito devastador que teriam sobre o comércio.

— Alguns dos armazéns foram arrombados e esvaziados. Outras pessoas se dirigiram até a propriedade imperial para exigir comida e proteção do Senhor da Guerra.

Mara fez um sinal a Kenji para que se calasse.

— Você fez um bom trabalho. Agora, vá descansar e deixe que cuidem dos ferimentos.

Mas o maltratado Líder de Ataques insistiu em se levantar para fazer uma reverência. Quando o escravo trouxe água quente para limpar as crostas que se formavam nos ferimentos, deixou-se afundar e aguentou o desconforto numa miserável letargia devido ao cansaço.

Mara se sentou e pegou a mão de seu oficial. Permaneceu com ele enquanto cuidavam de seu ombro, escutando os sons de lutas distantes misturados com o arranhar do giz de Jican. Por cima de bancos e mesas, estavam espalhadas provisões suficientes para diversos dias. Trinta guerreiros poderiam ser o bastante para aguentar os portões contra uma multidão vinda do caos, mas nunca uma investida de Forças Armadas.

Depois, quando o dia já chegava, Kenji foi transportado para a cama, adormecido, e Mara reuniu-se com Lujan. Então selecionaram um oficial para pedir reforços à guarnição dos Acoma mais próxima.

Baques e gritos se infiltraram pelos biombos, sons incongruentes diante do murmúrio líquido das fontes. O céu estava pintado pelo brilho de incêndios vorazes e as ruas não eram minimamente seguras. Assim que Lujan enviou seu mensageiro, falou em tom preocupado:

— Vamos rezar aos deuses para que os nossos inimigos estejam tão ocupados quanto nós.

— De fato — murmurou Mara. — Oremos.

Reagrupamento

As trombetas soaram.

Depois de dois dias atrás de portões cerrados, com os soldados Acoma acampados no jardim e no pátio e até na entrada do primeiro andar, aquele ruído foi uma intromissão bem-vinda. Mara colocou de lado um rolo de pergaminho de uma obra que não conseguira ler. Tinha os nervos tão tensos como cordas esticadas, prontos a reagir ao mais leve movimento ou som. Já estava de pé antes mesmo de pensar em se levantar e os guerreiros em serviço tinham as espadas já meio desembainhadas.

Então a razão se sobrepôs ao instinto defensivo. Um ataque não seria anunciado com um toque de trombetas, nem ocorreria no meio do dia. As trombetas só poderiam anunciar um chamado já havia muito aguardado para uma reunião em assembleia ou outro anúncio imperial qualquer. Grata por a espera ter acabado, Mara preparou-se para descer ao pavimento inferior.

Naquele meio-tempo, Arakasi não enviara relatórios. Mara confiara nos boatos trazidos por traficantes de rumores em troca de moedas lançadas para eles por sobre os muros, e as novidades que conseguira reunir eram bem escassas diante de tudo o que ocorreria. Na noite anterior, rápido como o vento, fora dito nas ruas que Almecho se suicidara devido à humilhação sofrida. Também circularam estranhas conversas sobre a Assembleia de Magos ter considerado Milamber um proscrito e o ter afastado do cargo. Fontes menos confiáveis informaram que o mago bárbaro dizimara toda a Assembleia. Mara duvidou disso, mas, quando tentou imaginar um poder de tal magnitude que controlara a tempestade que destruíra a arena, sua mente não conseguiu interiorizar tal conceito.

Sem que ninguém lhe pedisse a opinião, Kevin observou secamente que não desejaria ser a pessoa enviada para informar ao mago bárbaro sua mudança de status.

Mara desceu a grande escadaria, que mais parecia um conjunto de prateleiras de um armeiro, com os elmos e guantes deixados de lado pelos guerreiros em descanso. Havia espadas empilhadas nos cantos e as curvas da balaustrada se transformaram num depósito de lanças. Desde a chegada das tropas de auxílio, os trinta guerreiros originais haviam se tornado uma guarnição de cem e os aposentos de hóspedes estavam todos cheios de oficiais.

O som da trombeta despertara mais gente e a patrulha em serviço, de setenta e cinco homens, estava completamente armada. Preparados para entrar em ação de imediato, os homens se puseram formação quando sua Senhora apareceu e abriram uma passagem entre ela e a porta. Mara passou pelo meio deles e verificou que Kevin não estava no canto com aqueles que jogavam dados.

O pátio externo em frente à entrada apresentava-se igualmente cheio de guerreiros, que formaram três fileiras no pequeno espaço quando ela sinalizou a Lujan para que destrancasse o portão da rua.

Havia quatro Brancos Imperiais à espera do outro lado, além de um arauto numa túnica brilhante, branca, justa e comprida. Seus símbolos hierárquicos refletiam a luz do sol, assim como a faixa dourada ao redor da cabeça e o cetro enfeitado com ouro indicando o seu cargo.

— Senhora Mara dos Acoma — entoou ele.

Mara avançou um passo à frente de Lujan e apresentou-se. O arauto retribuiu com uma pequena reverência.

— Trago as palavras da Luz do Céu. Ichindar, noventa e uma vezes Imperador, avisa que pode se retirar para sua casa quando quiser. Vá em paz, pois a sombra dele é lançada sobre toda a terra e seus braços a envolvem. Quem quer que a perturbe em seu caminho será considerado inimigo do Império. Assim ele decretou.

Os guerreiros atrás de Mara permaneceram estáticos, em expectativa. Mas, para espanto de todos, o arauto do Imperador não se referiu a nenhuma convocação para uma reunião do Conselho. Sem aguardar resposta e sem proferir outras palavras, ele realinhou sua escolta e percorreu a viela rumo à casa seguinte.

Pega de surpresa, Mara ficou de cenho franzido sob a luz do sol enquanto seus oficiais fechavam e trancavam os portões. Ela perdera peso desde que escapara da arena. As preocupações a deixaram pálida, com pesadas manchas escuras sob os olhos, e agora aquela última reviravolta soava como um mau presságio que a gelou até os ossos. Se o Senhor da Guerra morrera em desgraça e os Senhores do Império e suas famílias estavam sendo enviados de volta para casa sem serem chamados para uma reunião, não havia dúvidas: o Imperador entrara no Grande Jogo.

— Precisamos de Arakasi — disse Mara, despertando sobressaltada de suas divagações. Lançou, então, um olhar atormentado a seu Comandante das Forças Armadas. — Se a guarda do Imperador garante a paz, deve ser seguro enviar um mensageiro, não?

— Bela Senhora, assim será feito — disse Lujan, num quase esquecido tom de brincadeira. — Com as ruas seguras ou não, qualquer homem ou criado daqui iria correndo descalço por entre o caos, se pedisse.

— Eu não pediria. — Em uma mistura de diversão e solenidade, Mara baixou o olhar para seus próprios pés, ainda envoltos em tecido macio depois da correria descalça pelas ruas. — Já passei por isso. Jican já recebeu ordens: todos os meus escravos vão receber sandálias

novas.

Aquilo, de certo modo, revelava a influência do midkemiano, embora Lujan tenha contido seu comentário. A Senhora era diferente de qualquer outro Governante que já conhecera, com suas ideias radicais e sua dureza inflexível, assim como com seus estranhos momentos de compaixão.

— Se acha que precisamos de mais espaço — disse ele —, posso enviar metade da guarnição para os banhos públicos.

Dessa vez Mara sorriu.

— Não gostam de ser pisados enquanto dormem? Estamos com excesso de pessoas aqui — reconheceu. Na realidade, a casa cheirava como uma estalagem suja e barata. — Faça como achar melhor, mas quero uma companhia extra disponível dentro da cidade. — Assim que se virou para entrar na casa para tratar das instruções a entregar a Arakasi, acrescentou um último pensamento: — A última coisa que os Acoma vão fazer é colocar o rabo entre as pernas e fugir para casa.

Quando Lujan se curvou, sorria abertamente.

O mensageiro revelou-se desnecessário. Enquanto Mara deliberava sobre a melhor forma de levar secretamente uma mensagem a um dos lugares combinados para esse fim, o próprio Mestre dos Espiões apareceu disfarçado de vendedor de legumes. Mara percebeu sua chegada quando ouviu um burburinho na cozinha e um raro acesso de irritação de Jican.

— Por todos os deuses, não o pique com esse cutelo — disse Kevin num tom jovial de barítono. Sua gargalhada ecoou pela ampla escadaria e, percebendo que o irado hadonra iria retaliar pondo seu amante para esfregar latrinas, Mara desceu apressada para intervir.

Encontrou o Mestre dos Espiões encostado na roda de uma carreta cheia de legumes estragados que alguma alma econômica reservara para alimentar o gado.

— Não havia nada fresco no mercado — explicava Arakasi a Jican, com ponderação. Não conseguindo acalmar o homenzinho vermelho, acrescentou com alguma esperança: — No bairro dos pobres, estes melões podem atingir bons preços.

Correndo o risco de começar a rir depois de tantos dias traumáticos e preocupantes, Mara anunciou sua presença:

— Arakasi, preciso de você. Jican, peça a Lujan uma escolta de soldados e vá procurar alguma carne para corte. Se não encontrar nada, esses melões não vão cheirar mais tão mal assim.

Arakasi saltou de seu poleiro, fez uma reverência e deixou a carreta e seu conteúdo aos cuidados do hadonra.

— Feliz caçada — murmurou ao passar, o que lhe valeu um olhar penetrante de Mara.

— Você parece estar muito bem-humorado esta manhã — comentou ela.

— Ele está assim porque ninguém mais está — interrompeu Kevin. — Ele gosta de ser mau.

O bárbaro colocou-se ao lado de sua Senhora e do Mestre dos Espiões quando ela refez seu caminho pela copa, para depois se instalar nos bancos de pedra dispostos em círculo no pátio, para que pudessem conversar. Mara gostava daquele local, com suas árvores floridas e seu trio de fontes sussurrantes. Mas seu comportamento era tudo menos meditativo.

— A morte de Almecho está confirmada? — perguntou ela de pronto.

Arakasi livrou-se da bata que cheirava intensamente a frutas podres.

— O Senhor da Guerra executou o ritual de expiação diante de todos os seus servidores e amigos, incluindo os dois Grandes. Seu corpo jaz com grande pompa no Palácio Imperial.

— Você soube que não foi convocada nenhuma assembleia? — quis saber Mara, sem ocultar sua preocupação.

Arakasi foi direto ao ponto:

— Soube. Alguns Senhores já estão manifestando seu descontentamento e a voz de Desio é a que grita mais alto.

Mara fechou os olhos e inspirou o aroma doce das flores. Era tudo muito repentino; os acontecimentos estavam ocorrendo rápido demais. Pelo bem-estar de sua casa, teria de agir, mas como? Todas as leis conhecidas tinham sido violadas.

— Quem governará?

— O Imperador.

Todos os olhares se voltaram para Kevin. Mara suspirou, num acesso de impaciência.

— Você não compreende. O Imperador governa como líder espiritual; as questões cotidianas de Tsuranuanni são conduzidas pelo pessoal do Imperador e o Conselho Supremo governa a nação. Toda a política parte de lá, e o Senhor da Guerra é o mais proeminente entre os grandes Senhores da terra.

Kevin apontou com o polegar por cima do ombro na direção do palácio.

— Acho que me lembro também de alguém ter dito que a Luz do Céu nunca aparecera em público, mas lá estava ele, grandioso como a vida, sentado para ver os jogos. Pelo que vejo, este imperador já alterou as tradições de seus predecessores. Ichindar pode estar mais interessado em governar do que vocês pensam.

Arakasi coçou o queixo.

— Se não for ele, os Grandes podem entrar em cena. Naquele dia havia uma quantidade exagerada deles.

— Todos têm palpites — objetou Mara. — Mas precisamos de fatos. Quero saber quem sobreviveu à tragédia nos jogos e se houve acidentes suspeitos em seguida.

— Houve mais feridos do que mortos — esclareceu Arakasi. — Deixarei uma lista antes de partir. Se algo sem precedentes estiver ocorrendo no palácio, há agentes que podem me

responder algumas perguntas. Por ora, aconselho cautela, apesar da Paz Imperial. Muitas ruas estão ainda bloqueadas por destroços. Os Sacerdotes das Vinte Ordens abriram os templos para abrigar desalojados, mas, com o comércio destruído nas docas, os alimentos estão escassos. Andam por aí pessoas famintas e desesperadas, que se revelam tão perigosas quanto assassinos. Os trabalhos de reparo começaram esta manhã na região do porto, mas, até os mercados reabrirem, será perigoso percorrer as ruas.

Mara apontou com pesar para as ataduras que tinha nos pés.

— De qualquer modo, não vou sair até minha liteira ser substituída.

Arakasi levantou-se, espreguiçou-se e flexionou as mãos até os nós dos dedos estalarem. Mara o fitou com os olhos semicerrados. O corte no rosto estava sarando, mas a carne ao redor parecia mais esticada do que se lembrava.

— Há quanto tempo você não dorme?

— Não me lembro — disse o Mestre dos Espiões. — Havia muita coisa a fazer. — Com alguma repugnância, pegou a bata de lavoura que despira. — Com sua permissão, minha Senhora, vou pegar outra vez a carreta e procurar seus guardas e o hadonra. Os mercados podem estar fechados, mas tenho uma ideia de onde Jican pode comprar legumes. — Sua cabeça desapareceu por um momento atrás da peça de roupa amarrotada e imunda quando a enfiou por cima da túnica. Despenteado, vesgo e parecendo um verdadeiro camponês desgastado pelo tempo ao emergir da bata, acrescentou: — Vai sair muito caro.

— Assim Jican não ficará lhe devendo favores. Tenha cuidado — pediu Mara.

Arakasi fez uma reverência e passou por debaixo do arco que dava para a casa, onde instantaneamente se tornou invisível; sua voz se insinuou com delicadeza vinda da sombra:

— Não vai ficar? — E depois, após uma breve pausa: — Como eu pensava.

E de repente sumiu. Kevin fitou sua Senhora sob a luz verde que caía por entre as árvores.

— Não poderei persuadi-la a voltar para casa por causa de Ayaki?

Também perguntou por interesse próprio, pois sentia, no fundo, necessidade de falar com Patrick e de partilhar com seu conterrâneo as novidades que pesavam em seu coração desde os jogos: Borric e Brucal tinham sido derrotados e o Reino estava de portas abertas para uma invasão.

Por um instante, Mara pareceu angustiada.

— Não posso voltar para casa. Não com tanta coisa acontecendo. Tenho de estar perto do poder, não interessa para que lado as coisas pendam. Não permitirei que a Casa dos Acoma seja esmagada pelas decisões de outros homens. Se corremos perigo, acariciarei meu filho até o último suspiro de meu corpo, mas vou agir.

Apoiou as mãos tensas na pedra trabalhada. Delicadamente, Kevin as pegou e as acolheu em suas palmas aconchegantes.

— Você está assustada — comentou.

Ela assentiu, o que foi uma admissão relevante.

— É que, apesar de poder agir contra uma conspiração dos Minwanabi ou de qualquer outro Senhor inimigo, há duas forças no Império perante as quais devo me curvar sem questionar, e uma, ou ambas, estão aqui presentes.

Kevin não teve de pensar muito para adivinhar que ela falava do Imperador e dos magos. Quando o olhar dela escureceu e se voltou para dentro, o midkemiano percebeu que ela também estava preocupada por causa do filho.

Passaram-se mais três dias, preenchidos com os sons de soldados em marcha nas ruas e com o rangido de carretas que transportavam destroços, entulho e corpos. Mara esperou e recebeu informações de Arakasi, entregues das formas mais bizarras e nas horas mais impróprias da noite. Kevin, laconicamente, comentou que o Mestre dos Espiões gostava de estragar os momentos em que faziam amor, mas a verdade é que o tédio proporcionava ao casal mais tempo para o prazer. Sua previsão de que o Imperador iria assumir o governo do Império revelou-se parcialmente correta, porém mais do que um jogo político estava acontecendo, e Arakasi enviara pedidos a todas as suas fontes para descobrir que mão puxava as rédeas.

Com o passar do tempo, e com os membros do Conselho competindo para descobrir o perfil da estrutura de poder emergente, tornou-se claro que a intervenção de Ichindar não era um capricho. Ele planejava tudo cuidadosamente e manteve homens a postos para avançar e lidar com as questões normalmente deixadas aos agentes e representantes dos Senhores do Conselho. O quebra-cabeça tornou-se mais claro quando Arakasi começou a desvendar quais facções davam apoio a Ichindar. Elementos da Facção da Roda Azul, quase todos ausentes nos Jogos Imperiais, eram o coração da trama. Mesmo as antigas famílias da Facção Imperial, que poderiam alegar laços de sangue, ficaram de fora dessa nova ordem.

Desde a declaração da Paz Imperial, a cidade começara a se recuperar de seus ferimentos. Os reparos da destruição causada pelo mago bárbaro começaram com a laboriosa remoção de pedras partidas e madeira rachada. Durante dias, uma espiral de fumaça se ergueu nas imediações da arena conforme os mortos iam sendo levados para serem cremados. Boatos de que os Brancos Imperiais tinham enforcado saqueadores e pessoas dedicadas ao mercado negro, cada vez mais numerosas, acabaram com ambas as atividades. Ancoradouros foram instalados no rio e pequenas embarcações foram utilizadas para transportar mercadorias para terra enquanto eram erguidas novas docas nas velhas estacas; as lojas começaram aos poucos a repor o estoque. Criados com fardos sobre os ombros e com carretas abriam caminho entre as pedras derrubadas para fazerem seus negócios.

Dez dias após a tragédia nos jogos, Mara recebeu informações de Sulan-Qu. Registrara-se lá um pequeno afluxo de refugiados e algumas lutas por causa de bens encontrados nas margens do rio, mas os negócios dos Acoma não tinham sido afetados. Nacoya relatara que, a

não ser pelas birras de Ayaki, tudo corria tranquilamente na propriedade. A pior contenda da Conselheira-Mor fora com Keyoke, que tivera de ser dissuadido de enviar metade da guarnição estacionada na propriedade para resgatar sua Senhora em Kentosani. Eles souberam que ela estava a salvo, escreveu Nacoya, numa missiva trazida pelos agentes de Arakasi. Mara deixou de lado o pergaminho. Lágrimas mancharam seus olhos quando pensou na devoção daqueles que a amavam. Era insuportável a saudade que sentia do filho, e jurou passar mais tempo com ele assim que tivesse oportunidade.

Passos rápidos soaram no pátio de entrada. Mara ouviu seus guardas se colocando imediatamente a postos e então Arakasi apareceu, taciturno e com os olhos fundos. Num total desrespeito pelo protocolo, irrompeu pelos aposentos particulares de Mara e lançou-se de rosto para baixo sobre o carpete em plena reverência.

— Minha Senhora, peço perdão pela pressa.

Pega em um momento de fraqueza, Mara enxugou os olhos. Sabia que deveria se sentir assustada, mas as coisas estavam acontecendo tão rápido que elas pareciam dizer respeito a outra pessoa, e não a ela.

— Sente-se — disse Mara. — Tem novidades?

Arakasi se ergueu e seus olhos vasculharam o cômodo com atenção.

— Onde está Kevin? Ele deveria ouvir, pois certamente vai querer saber a opinião dele.

Mara agitou a mão e seu mensageiro partiu para a cozinha, onde o midkemiano fora buscar chocha quente. Como já subia as escadas, o escravo bárbaro entrou logo em seguida.

— Que excitação é essa? — perguntou enquanto colocava a bandeja cheia com um bule e diversas taças numa mesa. — Um pouco de chocha picante não me parece motivo para quase ser derrubado por seu mensageiro.

Kevin estava de costas para Mara quando se dobrou para encher a primeira taça e não reparou em Arakasi, que normalmente procurava o canto mais discreto.

— Primeiro, os bárbaros — começou o Mestre dos Espiões.

Assustado a ponto de fazer chacoalhar a porcelana, Kevin girou para trás.

— Você! — Disfarçou seu exagero com um sorriso amargo. — O que têm os *bárbaros*?

Arakasi limpou a garganta.

— O povo do mundo exterior lançou um enorme e completamente inesperado contra-ataque. Nossos exércitos em Midkemia foram subjugados e empurrados para o vale onde controlamos o Portal! Sofremos a maior derrota da guerra!

Agindo com tato pela primeira vez, Kevin conteve uma gargalhada prazerosa. Mas não resistiu a lançar um olhar vaidoso a Arakasi quando entregou à sua Senhora a chocha picante.

— E o que mais? — quis saber Mara, certa de que havia algo mais, dada a entrada precipitada do Mestre dos Espiões.

— Segundo — recomeçou Arakasi —, o Imperador concordou em se encontrar com o Rei bárbaro para discutir a paz!

Mara deixou a taça cair.

— Como?

Sua exclamação foi interrompida pelo estilhaçar da porcelana; a chocha fumegante espalhou-se pelo chão. Kevin ficou petrificado. Mara ignorou o piso ensopado e as manchas irregulares que se espalhavam lentamente pela barra de sua túnica.

— Paz?

Arakasi prosseguiu, falando rapidamente:

— Meu agente no palácio me transmitiu essas notícias esta manhã. Antes da última grande ofensiva do Senhor da Guerra, dois agentes da Facção da Roda Azul se esgueiraram pelo Portal com as tropas que estavam entrando. Tratava-se de Kasumi dos Shinzawai e de um escravo bárbaro; deixaram o acampamento levando palavras de paz para o Rei bárbaro.

— Por isso seu amigo Shinzawai não estava presente nos jogos — disse Kevin. — Não sabia se seria considerado um herói ou um proscrito.

Mara puxou a roupa úmida dos joelhos, mas não chamou as criadas para a ajudarem.

— Kasumi. É o irmão do Hokanu. — Estreitou os olhos. — Mas a Facção da Roda Azul nunca faria algo tão arrojado sem...

— Sem a aprovação do Imperador — interrompeu Arakasi. — Essa é a impressão geral. Ichindar já deveria estar predisposto a discutir a paz antes de enviar um representante.

Ao refletir no assunto, Mara ficou pálida.

— Então foi por essa razão que a Luz do Céu estava preparada para avançar e governar. — Virou-se para Kevin e falou muito devagar: — Sua avaliação de nosso Imperador pode ser mais correta do que pensávamos, meu amor. Ichindar intrometeu-se no Grande Jogo e ninguém sabia. — Sem querer acreditar, balançou a cabeça. — Isso vai contra todas as tradições.

Kevin tirou um guardanapo da bandeja e ajoelhou-se para limpar a chocha derramada.

— Olhe só quem fala. Pelo que me lembro, você dobrou uma ou duas tradições até torcê-las irremediavelmente.

— Mas o Imperador... — Mara objetou.

Seu espanto deixou claro que colocava a Luz do Céu num pedestal próximo ao de uma divindade.

— Ele não passa de um homem — salientou Kevin, com a mão que segurava o pano pingando apoiada no joelho dobrado. — E é jovem. Os jovens tendem a fazer coisas inesperadas e radicais. Mas ele, apesar de toda a ousadia, passou a vida sendo mimado. Com certeza é ingênuo se acha que pode escapar e ordenar a seus Senhores tsurani sedentos de poder que empacotem as coisas e vão para casa plantar batatas.

— Senhora, o que quer que sejam “batatas”, receio que Kevin tenha razão — comentou Arakasi.

— Há outra mão envolvida nisso — insistiu Mara, não se deixando convencer.

Mara lançou um olhar furioso ao casaco encharcado e, impaciente, o tirou. O delicado

tecido acabou caindo no lugar que Kevin acabara de limpar, mas Mara nem reparou.

— Se o mago Milamber não tivesse causado a desgraça de Almecho, como as coisas teriam se desenrolado?

Se era uma pergunta retórica, não foi difícil perceber aonde ela queria chegar. Até Kevin entendera que a Facção da Roda Azul mais uma vez inverteria sua política e se retiraria da Aliança Bélica. Isso iria deixar Almecho apenas com os Minwanabi como principais aliados. Com os Acoma e os Xacatecas ocupados em dar trabalho aos Minwanabi, Desio não poderia se dar ao luxo de se comprometer a aumentar o apoio. Almecho e seu grupo iriam ficar num beco sem saída, após um período de governo quase absoluto.

Kevin torceu com grande impetuosidade o pano por cima da bandeja de chocha e deu voz à única conclusão possível:

— Então o Imperador iria ao Conselho Supremo anunciar uma proposta de paz e o Senhor da Guerra não teria apoio suficiente para confrontá-lo. Muito bem pensado. — Kevin concluiu com um assobio de admiração. — Ichindar é um rapazinho muito esperto.

Arakasi pareceu meditar sobre o assunto.

— Mesmo que as coisas tivessem ocorrido como Kevin supõe, não me parece que nosso Imperador teria se arriscado a um confronto aberto com o Senhor da Guerra. A não ser que um motivo especial o levasse a isso.

Kevin arregalou os olhos.

— Os magos!

Mara assentiu.

— Almecho tinha seus “mascotes”, e por isso Ichindar precisaria de aliados para enfrentá-los. — Dirigiu-se então a Arakasi: — Vá e fale com seus agentes. Descubra, se puder, quem, entre os Grandes, provavelmente está envolvido nesse plano. Veja se alguém tem um relacionamento especial com os membros da Roda Azul, especialmente com os Shinzawai. Eles parecem estar no centro da trama.

Assim que o Mestre dos Espiões fez sua reverência e partiu, o olhar de Mara endureceu, como se dispusesse de uma visão privilegiada de uma altura vertiginosa.

— Grandes mudanças se aproximam. Sinto isso como a brisa que traz o butana — disse referindo-se ao vento seco e cortante que, nas histórias antigas, erguia os espíritos dos demônios e os libertava para que andassem pela terra. Então, como se pensar em demônios mitológicos e em conflitos do presente lhe causasse calafrios, reconheceu com pesar sua inépcia. — Mas dificilmente poderemos tomar a iniciativa enquanto estivermos nadando em poças de chocha.

— Isso depende do tipo de iniciativa — rebateu Kevin, que a salvou do desastre tomando-a em seus braços.

A agitação causada por Milamber originara algumas pequenas concessões. Assim que o comércio foi retomado e a escassez abriu novas oportunidades, Mara foi informada de parte do Senhor dos Keda que tinham sido aceitas as condições que impusera para conceder as áreas de armazenamento. A destruição de parte das docas de Kentosani fez com que sua oferta se tornasse a única opção, e haveria uma recompensa para os primeiros carregamentos de cereais que chegassem ao mercado na época das cheias. O Senhor Andero lhe concedera o voto dos Keda com garantias mínimas; sem uma convocação para um Conselho Supremo, essa promessa tinha um valor questionável. Ainda assim, Mara enviou um mensageiro informando que, de qualquer modo, aceitaria. Qualquer promessa valia mais do que promessa nenhuma, e, segundo as informações trazidas por seu Mestre dos Espiões, os Governantes que não estavam ocupados explorando vantagens do comércio ficaram descontentes com as maquinações do Imperador. A paz, alegavam eles, era um ato de covardia, e os deuses não favoreciam as nações fracas.

Depois disso, as informações começaram a chegar em grande quantidade; Mara passou outra manhã reunida com Arakasi, enquanto Kevin cochilava à sombra de uma árvore no pátio. Só mais tarde soube, quando chegou a informação de um oficial, que a Luz do Céu partira para a Cidade das Planícies, com o intuito de atravessar o Portal e negociar a paz com Lyam, Rei do Reino das Ilhas. Ao ouvir aquele nome midkemiano, Kevin levantou-se de um salto.

— Lyam!

— Rei Lyam — repetiu Mara. Tamborilou os dedos no pergaminho entregue em sua casa por um mensageiro imperial. — É o que está escrito aqui, pela mão do escriba pessoal do Imperador.

— Mas Lyam é o filho de Lorde Borric — lembrou-se Kevin, com um olhar de confusão estampado no rosto. — Se ele é o Rei, isso só pode significar que o Rei Rodric, o Príncipe Erland de Krondor e o próprio Borric estão mortos.

— O que sabe sobre o Rei Lyam? — perguntou Mara, sentando-se ao lado dele.

— Não o conheço bem — admitiu Kevin. — Uma vez brincamos juntos quando éramos crianças. Lembro-me que ele era um rapaz grande e louro que ria muito. Encontrei Lorde Borric uma vez numa reunião de comandantes. — Calou-se, absorto em pensamentos sobre sua própria terra, até que a curiosidade o levou a pedir para ler o pergaminho. Aparentemente, o Imperador dos Tsuranuanni não era adepto de viajar sem metade dos nobres de seu Império. Kevin retorceu a boca. Por ordem imperial, a guarda de honra da Luz do Céu consistia nos Chefes de Guerra dos Cinco Grandes Famílias e nos filhos mais velhos de metade dos outros Senhores de Tsuranuanni. — Refêns — disse prontamente o midkemiano. — Os Senhores dificilmente desafiarão o decreto e causarão problemas graves, com seus herdeiros fazendo parte do exército do Imperador.

A arena da política de súbito perdeu a cor. Kevin fechou os olhos e tentou imaginar o

jovem de cabelo castanho numa armadura dourada sentado numa mesa em frente ao filho de Borric, Lyam, que também era jovem... e Kevin percebeu, de repente, como uma estocada no coração, que o tempo não parara. A guerra prosseguira e pessoas tinham morrido em sua ausência. Nem sequer sabia se seu pai e seus irmãos mais velhos estavam vivos. Esse pensamento o deixou atordoado, pois durante anos os esquecera. Sentado num belo pátio, rodeado por estranhas flores e ao lado de uma mulher de uma cultura que muitas vezes lhe parecera incompreensivelmente cruel, Kevin, terceiro filho do Barão de Zun, inspirou profundamente e tentou entender quem era.

— Mas o que leva Ichindar a ir até lá? — meditou Mara, sem notar o turbilhão que ocorria dentro dele. — É um grande risco para a Luz do Céu.

Seu ponto de vista puramente tsurani chocou Kevin, que se sentiu indignado.

— Acha que o nosso Rei viria até aqui? Depois de seus guerreiros terem arrasado as terras dele durante nove anos? *Desculpe-nos por termos incendiado seus vilarejos, Majestade. Queira passar por esta entrada para o nosso mundo!* Isso não me parece muito provável. Lembre-se, esse Rei foi comandante do exército do pai praticamente desde o início da guerra. Sabe o que tem pela frente. A confiança será um bem bastante escasso no Reino das Ilhas até seu povo provar que a merece.

Mara reconheceu que Kevin estava coberto de razão.

— Creio que, de acordo com sua perspectiva, nós seríamos mesmo tratados com desconfiança.

O jeito simples dela o irritou, essencialmente porque ele esperava uma discussão. Então Kevin soltou uma gargalha gélida e amarga.

— Eu a amo como à minha própria vida, Mara dos Acoma, mas eu sou só um. Milhares de meus conterrâneos conhecem os tsurani apenas dos campos de batalhas. O que eles veem são homens que invadiram suas terras numa conquista sangrenta. Diante de tudo isso, não haverá um acordo de paz simples.

Parecendo enquadrada por uma treliça em arco de videiras akasi, Mara franziu o cenho.

— Quer dizer que vão pedir a Ichindar que abdique das terras conquistadas pelo Senhor da Guerra?

Kevin soltou outra gargalhada.

— Vocês, tsurani... Acham que todos pensam como vocês. O Rei naturalmente vai exigir que vão embora. Vocês são invasores. São de outro mundo. Não pertencem ao lado midkemiano do Portal.

Dominado por uma crescente onda de ironia, Kevin fitou o rosto de Mara. Ela pareceu preocupada, magoada até, mas, principalmente, estava preocupada com ele. Aquilo doía. Ela não partilhava do mesmo conceito de crueldade, nunca conseguira entender o quanto custara para ele implorar para que dessem a Patrick e a seus companheiros escravos o básico para sobreviverem. Devastado pelo improvável amor que sentia por ela e por seu senso de justiça

nato, Kevin levantou-se sem pensar e partiu.

O problema daquela casa em Kentosani era não ter grandes pátios para uma pessoa vagar e espaiar. Bastaram poucos minutos até Mara encontrar Kevin, agachado na esteira que lhes servia de leito, lançando pedrinhas na lagoa com peixes que separava o biombo exterior do muro partilhado com o edifício ao lado. Ela se ajoelhou atrás dele e o abraçou pelo peito. Com o rosto encostado às suas costas, disse:

— O que você vê na lagoa dos peixes, querido?

A resposta de Kevin surgiu carregada de uma sinceridade impiedosa:

— Vejo anos de faz de conta. Eu me deixei perder em seu amor e estou grato por isso, mas ao ouvir falar dessa paz iminente...

— Você se lembra da guerra — disse ela prontamente, na esperança de que ele falasse.

Quando respondeu, Mara percebeu a amargura por trás dos leves tremores de raiva que o percorriam.

— Sim. Eu me lembro. Eu me lembro de meus conterrâneos, de meus amigos, que morreram tentando defender suas casas de exércitos sobre os quais nada sabíamos, guerreiros que apareceram por razões que não conseguimos compreender. Homens que não solicitaram negociações e que pura e simplesmente apareceram e mataram nossos camponeses, apoderando-se de nossos vilarejos e ocupando nossas cidades. Lembro-me de lutar contra o seu povo, Mara. Não os encaro como inimigos honrados. Encaro-os como uma escória assassina. Odeio-os com todas as forças de meu ser.

Ela o sentiu suar, nervoso com as lembranças, mas, como Mara não se afastou, Kevin fez um esforço para se acalmar.

— Em meio a tudo isso, eu conheci você, seu povo. Eu... não posso dizer que acho agradáveis todas as suas atitudes. Mas enfim compreendi algo sobre os tsurani. Vocês têm honra, embora ela seja uma coisa diferente de nosso próprio senso de justiça. Também temos nossa honra, mas acho que você não compreende isso completamente. E temos coisas em comum, como todos têm. Amo Ayaki como se ele fosse meu filho. Mas nós dois sofremos, você nas mãos de meus conterrâneos e eu nas mãos dos seus.

Mara o acalmou com seu toque.

— E, no entanto, eu não mudaria nada.

Kevin se virou dentro do círculo dos braços dela e olhou para baixo, para um rosto lavado em lágrimas, algo que era considerado uma fraqueza absoluta na cultura de Mara. Sentiu-se imediatamente envergonhado.

— Se pudesse, não salvaria seu irmão e seu pai?

Mara balançou a cabeça.

— Não mais. O mais triste de tudo é saber disso, meu querido. Pois, se alterasse meu sofrido passado, nunca teria Ayaki ou o amor que partilho com você. — Por detrás dos olhos dela havia outras constatações sombrias: nunca teria governado e, dessa forma, nunca teria

conhecido o viciante fascínio que encontrara no poder do Grande Jogo.

Espantado com aquela sinceridade pura, Kevin sentiu um aperto na garganta. Cingiu ainda mais Mara, permitindo que as lágrimas dela molhassem seu ombro através da camisa. Meio atordoado pela emoção, disse:

— Mas, por mais que eu ame você, Mara dos Acoma...

Ela permitiu que ele a afastasse. Seu olhar se prendeu no dele quando descobriu naquela expressão a verdade crua que não conseguia mais conter. Sentiu-se assolada por uma onda de medo e uma mágoa que não sentia desde o dia em que fora obrigada a vestir o manto dos Acoma.

— Diga — ordenou. — Diga tudo, agora.

Kevin pareceu atormentado.

— Ah, Senhora, não duvide que eu a amo... e assim será até eu morrer. Mas nunca me resignarei a ser escravo. Nem mesmo por você.

Mara não suportou olhar para ele. Naquele momento, pela primeira vez, percebeu a profundidade da dor de Kevin. Desesperada, agarrou-se a ele.

— Se os deuses assim desejassem... você me deixaria? — indagou.

Os braços de Kevin se apertaram ainda mais ao redor dos ombros dela. Ele a segurou como se fosse o único antídoto para sua dor; no entanto, disse aquilo que não poderia mais esconder:

— Se eu pudesse ser um homem livre, então ficaria com você eternamente. Mas, enquanto for um escravo, farei tudo ao meu alcance para voltar para casa.

Mara não conseguiu controlar os soluços.

— Mas você nunca poderá ser livre... aqui.

— Eu sei, eu sei. — Afastou o cabelo úmido do rosto dela e, com o toque, também perdeu a compostura. Suas lágrimas correram tão livremente quanto as dela. Enfim fora partilhado e reconhecido por ela o que carregava bem fundo dentro de si; e, apesar de se amarem mútua e desesperadamente, haveria sempre aquela ferida aberta, vasta como um oceano e profunda como um abismo, e tão ampla quanto o Portal entre os mundos.

Os acontecimentos na Cidade Sagrada evoluíram em função da iminente conferência de paz. Faltando apenas alguns dias para a partida do Imperador, os Governantes do Império especularam fervorosamente sobre os termos previamente acordados; no entanto, nem a rede de Arakasi conseguiu reunir mais do que algumas informações esparsas sobre o assunto. Mara passou longas horas fechada com seus escribas, enviando mensagens para aliados e tentando confirmar laços. Por vezes, recebeu outros Senhores cujas casas ficavam próximas do centro da cidade e cujo pessoal doméstico fora pego na onda de destruição.

Pequenas frustrações e concessões balancearam as maiores casas. Os artesãos se revelaram lentos em substituir sua liteira perdida; com todos os carpinteiros de Kentosani ocupados reparando traves de telhados, vergas e batentes de portas, nem mesmo um aprendiz pôde ser cedido para efetuar o trabalho. Jican tentou negociar, sem sucesso. Um decreto imperial congelou todos os contratos até os armazéns das docas serem reconstruídos. Mara resignou-se a servir de anfitriã para aqueles que desejava ver, até que o Senhor Chipino dos Xacatecas soube de suas limitações e enviou uma liteira como presente. Era pintada com o púrpura e amarelo dos Xacatecas e estava bastante usada, pois fora utilizada por uma sucessão de filhas de Isashani quando iam fazer compras. Mas Jican remediou a situação vasculhando os porões à procura de tinta; de todo modo, continuavam faltando artesãos para contratar. A tarefa acabou sendo entregue a Tamu, um menino de recados que subira de nível e passara a mensageiro oficial. Cerca de três dias depois, o jovem Tamu sentou-se descansando, com as mãos e os braços manchados de verde até os cotovelos.

Então, enfim, a liteira ganhou um aspecto aceitável. Mara chamou algumas pessoas para visitas sociais e comparou suas descobertas com as de Arakasi.

Socialmente, os Governantes de Tsuranuanni apoiavam a intervenção do Imperador; enviaram seus filhos mais velhos para integrar a delegação imperial e não quebraram a paz. Mas, sob os modos condescendentes, cada Senhor manobrava para se impor, contava inimigos e estabelecia pactos. Uma vez frustrado o desejo de que o Conselho se reunisse, os Governantes de todas as grandes casas estabeleceram planos alternativos secretos.

Mara prestou particular atenção aos movimentos dos Minwanabi. Tasaio permanecia exilado nas remotas ilhas do oeste. Mas Desio conseguira colocar outro primo, Jeshurado, como subcomandante do exército do antigo Senhor da Guerra, o que proporcionara aos Minwanabi um aliado nas fileiras do Imperador. Desio era um dos cinco Chefes de Guerra que iriam marcar presença no encontro em Midkemia, junto com Andero dos Keda, o Senhor dos Xacatecas e o Senhor dos Tonmargu.

Mas o Clã Oaxatucan não nomeara nenhum Chefe de Guerra dos Omechan, devido às intensas disputas internas sobre quem deveria ser o sucessor de Almecho. Seu sobrinho mais velho, Decanto, era a escolha óbvia, porém outro sobrinho, Axantucar, surpreendentemente, mostrou ter fortes aliados por parte de outros membros do clã. Visto que as facções mais poderosas estavam num beco sem saída, e, muitas delas, reticentes em apoiar qualquer dos dois, Decanto e Axantucar foram obrigados a ceder a um terceiro primo, Pimaca, o privilégio de servir como Chefe de Guerra dos Omechan na guarda de honra imperial.

Os esforços de Mara para conhecer o papel desempenhado pelos Grandes não resultaram em nada. Mas Arakasi detectou uma relação entre a Assembleia de Magos e a Facção da Roda Azul. Enquanto Mara observava a água caindo em fios prateados das fontes do jardim de seu pátio, o Mestre dos Espiões abordou essa questão:

— Acontece que o Grande Fumita foi outrora o irmão mais novo do Senhor Kamatsu dos

Shinzawai e é o verdadeiro pai de Hokanu.

Mara não disfarçou seu espanto. Quando um talento arcano era descoberto, a Assembleia pegava esse homem para treinar e quebrava todos os laços que ele tinha com a família. Crianças eram então educadas por parentes como se fossem filhos legítimos, “esquecendo” assim seus laços com os verdadeiros pais.

— Então Hokanu é filho adotivo de Kamatsu. Além de ser, na verdade, seu sobrinho de sangue. — Desde que sua mãe jurara servir no Templo de Indiri, após a “morte” do marido, Kamatsu e Kasumi eram a única família que Hokanu tinha desde que fizera dez anos.

— Você sabe se Fumita visita o filho? — perguntou ao seu Mestre dos Espiões.

Arakasi encolheu os ombros.

— A casa de Kamatsu está bem guardada. Quem pode saber?

Reconhecendo que a sobrevivência de sua casa seria mais fácil se cultivasse o interesse de Hokanu, Mara ficou igualmente propensa a arrancar-lhe informações, para o caso de o compromisso de Fumita com a Assembleia ter um ponto fraco: a possibilidade de ele não ter posto completamente de lado as preocupações familiares e de ter influenciado os magos a ajudarem os Clãs Shinzawai e Kanazawai.

Mas qualquer pensamento voltado para Hokanu levava inevitavelmente à dor cortante em relação a Kevin. Mara suspirou. Num raro momento de abstração, observou as gotas d’água caindo repetidamente, e depois, com firmeza, obrigou-se a se concentrar em preocupações mais imediatas. Caso se deixasse levar pelos problemas pessoais, os Acoma seriam subjugados na próxima rodada do Grande Jogo.

A Luz do Céu iria partir rio abaixo dentro de quatro dias. Se fosse bem-sucedido em estabelecer a paz com o Reino das Ilhas, todas as casas estariam em igual desvantagem. Mas, se o Imperador falhasse, um novo Senhor da Guerra teria de ser escolhido. Caso contrário, Ichindar, noventa e uma vezes Imperador de Tsuranuanni, enfrentaria uma revolta declarada no Conselho. Isso já havia ocorrido séculos antes, logo um regicídio não era novidade no Império.

Pouco depois, Mara bateu palmas para convocar seu mensageiro.

— Diga a Jican que temos de mudar nossas acomodações esta tarde para o apartamento no Palácio Imperial.

— Seu desejo será cumprido, Senhora. — O escravo, ainda menino, fez uma reverência e saiu disparado para desempenhar sua missão, como se estivesse feliz por dispor da oportunidade de correr.

Jican acolheu a ordem como um antídoto para a frustração após dias tentando avaliar estragos. Kevin foi posto a transportar caixas para fora, onde carroças puxadas por needra estavam à espera. Nas escadas e no patamar, grades com aves jiga estavam encostadas a sacolas de pergaminhos, assim como as arcas da Senhora com centis e centúrios de concha. Pelo menos, o número de guerreiros diminuía. Metade da companhia fora realocada num

quartel público da cidade. Dos restantes, cinquenta iriam servir de escolta para acompanhar a Senhora ao longo da cidade, dos quais vinte voltariam para guardar as instalações da casa.

Isolada do corre-corre, Mara sentou-se no pátio com uma pena na mão para escrever mensagens para Keyoke e Nacoya. Para garantir que outras casas não bisbilhotassem seus assuntos, a Senhora encarregou Lujan de levar suas cartas para o mais rápido dos mensageiros das guildas.

— Acrescente esta mensagem verbal ao meu relatório — instruiu ela. — Quero o grosso de nosso exército pronto para marchar a qualquer instante, posicionado o mais próximo de Kentosani que Keyoke achar prudente. Devemos estar preparados para tudo.

Vestindo a armadura simples que ele mais gostava de usar no dia a dia, Lujan pegou os pergaminhos selados.

— Estamos nos preparando para a guerra, minha Senhora?

— Sempre — respondeu Mara.

Lujan curvou-se e saiu sem fazer piadas. Mara deixou a pena de lado e esfregou os dedos com câibras. Inspirou profundamente, prendeu a respiração por um momento e depois exalou lentamente, como lhe fora ensinado no templo. Kevin a obrigara a ver de outras formas como seu povo agia; compreendeu que a ganância e a ambição se mascaravam com a tradição, e que a honra se tornara justificativa para o ódio e o derramamento de sangue interminável. O jovem Imperador poderia se esforçar para mudar seu povo, mas o Grande Jogo não seria abolido com um movimento de pena através de um decreto imperial. Não importava o que sentia, não importava o quanto estava cansada, não importava o quanto pudesse doer, Mara sabia que haveria conflitos pela frente. Lutar era algo intrínseco à natureza tsurani.

Kevin achara o grande salão onde acontecera a reunião do Conselho Supremo impressionante, mas o restante do complexo do Palácio Imperial era ainda mais grandioso. O séquito de Mara entrou por portões enormes o bastante para deixarem passar três carroças lado a lado. Atrás, havia portas cujo peso requeria uma dúzia de escravos para fechá-las com estrondo. A luz do sol desaparecera, deixando uma penumbra seca e com cheiro de cera, entrecortada por globos cho-ja de luzes azuis e arroxeadas suspensos em cordas que pendiam do teto de dois andares de altura. O corredor era enorme, com piso de pedra já gasto, e dois andares de galerias se erguiam de ambos os lados. Nelas, havia entradas pintadas em cores espalhafatosas; cada uma dava para um apartamento atribuído a uma família de um membro do Conselho; como sempre, os mais próximos das paredes exteriores pertenciam aos de status mais baixo.

— Em frente — ordenou o Líder de Ataques à guarda de honra, e sua voz produziu uma corrente de ecos no teto, sombrio sob camadas de esmalte e pó.

Kevin marchava no meio da coluna, ao lado da liteira da Senhora. Salvo pela comitiva Acoma, o corredor estava praticamente vazio. Criados com o uniforme imperial desempenhavam apressados uma ou outra tarefa, mas, de resto, o enorme complexo parecia vazio.

— Onde ficam os aposentos dos Acoma? — questionou Kevin ao carregador mais próximo.

O tsurani lhe devolveu um olhar de repugnância diante da língua incontrolável de Kevin, mas, por orgulho, não resistiu a responder:

— Não estamos no primeiro corredor, mas, sim, no sétimo.

Pouco depois, Kevin compreendeu a estranha resposta quando a guarda de honra dobrou uma esquina e vislumbrou à sua frente uma vasta interseção, para onde confluíam diversos outros corredores.

— Por todos os deuses, este lugar é enorme.

Depois, olhou para cima e reparou que aquela seção tinha quatro andares de galerias, que podiam ser acessadas através de amplas escadarias de pedra que ziguezagueavam entre os pisos. Mas, apesar de toda a grandiosidade, o edifício parecia vazio. Kevin percebeu então que, ao contrário da área que abrigava o Salão do Conselho, aquelas passagens não tinham companhias mistas de guardas em serviço.

— Está tão quieto.

Mara espiou pelas cortinas da liteira.

— Todos estão nas docas para se despedir do Imperador e de sua comitiva de honra. Foi por isso que nos apressamos a vir para cá; é a melhor forma de entrarmos sem sermos vistos. Não quis correr o risco de encontrar os Guardas Imperiais.

Não tiveram de subir escadas. O complexo dos aposentos dos Acoma era no pavimento térreo, ao lado de uma leve curva, e estava identificado por uma porta verde envernizada com o selo da ave shatra. O corredor se estendia a partir daquela esquina por uns cem metros em cada direção, com portas gigantescas e mais átrios em cada ponta. Àquela altura, Kevin já deduzira que os aposentos estavam dispostos em semicírculos em volta da cúpula central que abrigava o Salão do Conselho Supremo. Instalados em blocos, cerca de trezentos pequenos complexos transformavam aquela parte do palácio numa toca de corredores e passagens. Dois enormes complexos de aposentos ladeavam o de Mara e em frente se situava a residência da Casa dos Washota, cujas portas verdes e azuis estavam firmemente fechadas. Para além da curva, as entradas tinham decorações ainda mais majestosas, de arcos abobadados e cobertos por tapeçarias de seda de vinte metros até escadas atapetadas e urnas abarrotadas de flores. Aqueles eram os aposentos das Cinco Grandes Famílias. Já os complexos das galerias menores acima eram reservados a convidados e vassalos. A distribuição do espaço era feita respeitando-se a hierarquia, mas no espaço dos quartéis não havia distinção. Todos os Senhores do Império podiam habitar o Palácio Imperial com uma comitiva que não poderia

ultrapassar doze membros.

No entanto, Mara levava trinta guerreiros Acoma para o palácio. Embora tecnicamente estivesse transgredindo uma regra, não havia patrulhas circulando pelos corredores. Em tempos de instabilidade, estava bem ciente de que outros Senhores fariam o mesmo, ou levariam ainda mais soldados se tivessem condições para isso.

Com uma leve batida de Kenji, a porta verde se abriu. Lá dentro, dois guardas se curvaram diante de sua Senhora e abriram caminho para que o séquito entrasse. Jican também fez uma reverência quando a liteira foi pousada no pequeno vestíbulo.

— A área está segura, Senhora — disse o hadonra, e, perto dele, Lujan assentiu levemente com a cabeça na direção de Mara.

Então o resto dos guerreiros se amontoou para transpor a porta, mal deixando espaço para que Kevin ajudasse a Senhora a se levantar da liteira. Comparado com os padrões da casa na cidade, o aposento parecia muito simples. O chão de madeira pouco mais tinha do que velhos carpetes e almofadas de fio trançado e uma ou outra lanterna a óleo. Então Kevin percebeu: as mobílias pesadas haviam sido movidas para bloquear todas as janelas e portas. O apartamento tinha três cômodos e as câmaras interiores davam para um pequeno pátio num terraço. Mas, naquele dia, a paixão que os tsurani nutriam por correntes de ar e portas abertas tinha sido sacrificada em prol da segurança. Diversos biombos tinham sido completamente fechados, pregados e cobertos por pesadas barricadas de madeira.

— Estão à espera de um ataque? — perguntou Kevin a ninguém em particular.

— Sempre — respondeu Mara. Ela pareceu triste ao revisar os procedimentos de seus guerreiros para garantir a segurança dos aposentos da família. — Podemos não ser a única casa a perceber que este é o momento ideal para entrar sem chamar atenção. Os Brancos Imperiais estão sempre de serviço no complexo da Família Imperial, mas, sem os guardas alocados ao Conselho, esta área se tornou uma terra de ninguém. Percorremos estes corredores e interseções por nossa conta e risco.

Enquanto os carregadores iniciavam a tarefa de empilhar as caixas de transporte de Mara contra um biombo, Arakasi apareceu com o rosto completamente suado. Usava a tanga e as sandálias de um mensageiro e tinha o cabelo amarrado atrás da cabeça com uma fita suja demais para que alguém pudesse determinar sua cor.

Mara se desfez de sua túnica de viagem com um olhar inquisitivo no rosto.

— Você está parecendo um mensageiro de um mercador.

Arakasi replicou, com os olhos iluminados por um acesso de bom humor:

— Mensageiros com cores de casas estão sendo detidos por todo mundo.

Essas palavras arrancaram uma pequena gargalhada de Mara, que se deteve ao ver o olhar perplexo de Kevin.

— Os mensageiros dos mercadores muitas vezes usam as cores das casas para evitar que os moleques das ruas lhes atirem pedras. Mas hoje em dia um mensageiro com as cores de

uma casa corre o risco de ser raptado para lhe extraírem informações. Uma vez que hematomas provocados por pedradas são preferíveis à tortura, os papéis se inverteram. — Ela então se dirigiu a Arakasi: — Quais as novidades?

— Estranhos bandos de homens se movem nas sombras. Ocultam suas armaduras sob capas e não ostentam símbolos de casas. Os criados imperiais se afastam deles.

— Assassinos? — questionou Mara, e fixou o olhar no Mestre dos Espiões enquanto um criado pegava a túnica que deslizara de seus dedos.

Arakasi encolheu os ombros.

— Pode ser, ou o exército de algum Senhor entrando furtivamente na cidade. Também podem ser agentes do Imperador enviados sob disfarce para ver quem tenta violar a paz. Alguém bem colocado deixou escapar algumas informações que causaram burburinho.

Mara afundou-se numa almofada ali perto e, com um gesto, autorizou que se retirasse. Mas Arakasi declinou.

— Não vou ficar, só pretendo acrescentar que parece que algumas das exigências feitas pelo Rei ao Imperador são... bastante estranhas.

Isso atçou o interesse de Kevin.

— O que quer dizer?

— Indenizações. — O Mestre dos Espiões explicou em termos vagos. — Lyam exige algo na ordem de cem milhões de centis para compensar os estragos causados em sua nação.

Mara endireitou-se sobre as almofadas.

— Impossível!

Kevin fez os cálculos e percebeu que o soberano de Midkemia estava sendo generoso. Na moeda do Reino, Lyam estava pedindo algo como trezentos mil soberanos de ouro, o que mal daria para pagar o custo de manter os Exércitos do Ocidente ativos por nove anos.

— Isso é metade do que ele deveria pedir.

— Não é a quantia que está em questão, mas o conceito de pagar pelos estragos — disse Mara, bastante frustrada. — Ichindar não pode pagar e manter a honra. Envergonharia Tsuranuanni perante os deuses!

— E foi por isso que a Luz do Céu se recusou a pagar — explicou Arakasi. — Em vez disso, vai levar para o jovem Rei um “presente” de pedras preciosas raras cujo valor deve se aproximar dos cem milhões de centis.

Admirando a engenhosidade do Imperador, Mara sorriu.

— Nem mesmo o Conselho Supremo pode lhe negar o direito de dar um presente a outro monarca.

— Há outra coisa. — Os olhos negros de Arakasi se voltaram diretamente para Kevin. — Lyam deseja uma troca de prisioneiros.

Isso provocou uma estranha troca de olhares, carregada de emoção, entre o escravo bárbaro e sua Senhora. Em tom estranhamente relutante, Mara se voltou para Arakasi.

— Compreendo o que ele exige, mas Ichindar compreenderá?

Arakasi reagiu com um generoso encolher de ombros tsurani.

— Quem sabe? Dar escravos ao Rei das Ilhas não é problemático. Lyam pode fazer o que bem quiser com eles. O que interessa é: o que faria o Imperador com nossos prisioneiros de guerra que retornarem? — Então ficou em silêncio, pois era verdade que em Tsuranuanni a honra e a liberdade de tais homens nunca poderia ser restaurada.

Sentindo-se subitamente cansada, Mara olhou para seus pés. As nódoas negras acumuladas durante a fuga da arena já tinham quase desaparecido, mas as chagas emocionais entre Kevin e ela em relação aos assuntos da escravidão e da liberdade ainda doíam.

— Ouviu algo sobre os Minwanabi?

Como se ele tivesse provocado a mudança de assunto, Arakasi comprimiu os lábios.

— Prepararam mais de três mil soldados para combater.

Alarmada, Mara olhou para cima.

— Dirigem-se à Cidade Sagrada?

— Não. — Mas o Mestre dos Espiões tinha poucas garantias disso. — Apenas estão se preparando nas terras Minwanabi.

Mara estreitou os olhos.

— Por quê?

Foi Lujan quem respondeu com amargura, da entrada, onde se detivera depois de destacar os guerreiros para montarem guarda em todas as janelas e portas.

— Desio teme, e com razão, a Paz Imperial, minha Senhora. Caso a Senhora abandone o conflito com os Minwanabi, estaria apenas renunciando a um compromisso de uma rixa de sangue. Alguns podem considerar que a honra dos Acoma se comprometeria por isso, mas quem a censuraria por obedecer a Luz do Céu? Mas, se o Imperador impuser a paz entre casas em conflito, Desio não cumprirá seu juramento de sangue a Turakamu. Ele precisa nos destruir antes que o poder do Imperador se torne grande demais para ser desafiado, ou irá ofender o Deus da Morte.

Kevin tomou a liberdade de pedir a um criado que trouxesse uma bebida gelada para sua Senhora; percebeu que ela estava tentando se conter quando perguntou:

— Desio se arriscaria a atacar o Imperador?

Arakasi balançou a cabeça.

— Abertamente, não, mas, se o Conselho Supremo encontrasse razões para se unir contra a vontade de Ichindar, Desio teria o maior exército disponível a pouca distância da Cidade Sagrada. É uma combinação perigosa.

Mara mordeu o lábio. Com o Clã Omechan dividido entre Decanto e Axantucar, o perigo era evidente: Desio se tornaria o novo Senhor da Guerra se uma facção suficientemente grande do Conselho Supremo decidisse recorrer à força para desafiar o decreto imperial.

Kevin acrescentou uma observação incômoda à sua reflexão:

— Três mil espadas Minwanabi dentro do Salão do Conselho seriam um argumento persuasivo, mesmo se Desio não tiver os votos da maioria.

Esgotada por algo além do cansaço, Mara encarou a bebida trazida pelo criado como se fosse veneno mortal. Depois, afastou os pensamentos sombrios.

— A reunião de trégua do outro lado do Portal não ocorrerá nos próximos três dias. Enquanto Ichindar e Lyam não começarem as negociações, tudo não passa de especulação. Agora que estamos a salvo dentro do palácio, vamos aproveitar este período de calma.

Arakasi curvou-se mais do que era habitual e partiu como um fantasma. Mara ficou olhando para a entrada por uns bons minutos depois de ele ter partido e despertou apenas quando Kevin se colocou ao seu lado e a abraçou. Tremendo e temendo expressar em voz alta o desconforto que sentia, Mara concluiu seu pensamento:

— Acho que é um fardo pesado demais para estar sobre os ombros de um jovem, e, apesar de os deuses poderem favorecer a Luz do Céu, também podem lhe virar as costas.

Kevin depositou um beijo no topo da cabeça dela. Ele não tinha ilusões. Assim como ela, compreendia que o melhor que podiam esperar era que Arakasi conseguisse avisá-los a tempo quando acontecesse um ataque inimigo.

Durante três dias, o Império pareceu prender a respiração. Do lado de fora do palácio, a Cidade Sagrada se esforçava para retomar a normalidade, enquanto os trabalhadores concluíam os reparos na última das docas danificadas e os pedreiros levavam material de alvenaria da arena para reparar os portões do Palácio Imperial. Pescadores partiam antes do alvorecer para lançar as redes nas correntes do rio Gagajin e os camponeses enviavam as colheitas do fim da estação em carroças transbordando, ou as transportavam em barcas. O incenso do templo e flores afastaram com seu aroma o odor dos corpos cremados e vendedores instalaram bancas ao ar livre dentro das paredes sem teto de suas lojas. Mais uma vez, suas cantorias anunciavam os artigos aos transeuntes.

No entanto, todos esses sons e sinais de dinamismo continham uma transitoriedade pouco real, mesmo para os pobres e pedintes que ficavam mais longe do centro de poder. Os rumores não se deixavam limitar pelas classes sociais. E, assim como as tábuas despedaçadas ainda amontoadas como ossos entre os tecidos das paredes improvisadas, correntes inquietantes destruíam aos poucos a normalidade da cidade. O Imperador dos Tsuranuanni estava noutro mundo e Iskisu, o Deus da Astúcia e do Acaso, mantinha o equilíbrio — não somente a paz dos dois povos como a estabilidade de uma nação antiga, tudo articulado no encontro das mentes de dois jovens Governantes de duas culturas tremendamente diferentes.

Privada do conforto de seu pátio e de suas fontes, Mara passava as horas no interior do pequeno quarto de que dispunha no centro do apartamento. Com soldados acampados nos

aposentos do outro lado e guardas em cada porta e janela, analisou as anotações e as mensagens e manteve um contato cauteloso com outros Senhores. Arakasi aparecia quase de hora em hora, disfarçado de vendedor de pássaros, de mensageiro e até de Sacerdote mendicante. Quase não dormia, e trabalhava incansavelmente entre curtas cochiladas, recorrendo a todas as ferramentas ao seu dispor para descobrir até a mais tênue parcela de informação que pudesse ser útil.

Em um quarto anexo, Lujan efetuava exercícios com seus soldados, um de cada vez. A espera desafiava os nervos de todos, principalmente dos guerreiros, já que nada mais lhes restava fazer do que suportar horas intermináveis e indolentes de guarda. Diversas outras companhias Acoma se infiltraram na cidade e, graças ao planejamento inteligente e ao uso da carroça de um mercador de tapetes, foram colocados mais guerreiros no recinto imperial. A guarnição dos aposentos de Mara somava cinquenta e dois membros e Jican reclamou. Seus ajudantes não conseguiam limpar as peças de barro sem bater em bainhas de espadas e Lujan teria de colocar seus soldados para dormir sobre tapetes, lado a lado e em grupos de quatro, caso continuassem a mandar mais tropas. Mas não era provável que a quantidade de guerreiros aumentasse além dos que já tinham, tanto no que dizia respeito aos Acoma quanto a outras casas. Os Guardas Imperiais repararam no fluxo de soldados no palácio e estavam agora inspecionando todos os criados e carroças que entravam, para limitar a presença de potenciais combatentes.

Passos de gente correndo ecoaram no corredor mais afastado. O bater das sandálias do mensageiro atravessou as paredes, num contraponto fantasmagórico e sussurrado aos estampidos e estalos dos duelos de espadas entre os soldados de Lujan em treinamento. Mara, à escrivaninha posicionada no meio do quarto, reparou no som. Endireitou-se e olhou sem pensar para Kevin.

— Aconteceu alguma coisa.

O midkemiano não lhe perguntou como sabia ou por que razão aquele conjunto de passos apressados era diferente do de qualquer mensageiro dentre a dúzia deles que passara pelos aposentos na última hora. Aborrecido por estar trancafiado, e com as intermináveis e lentas horas que se arrastavam entre cada relatório de Arakasi, Kevin fez uma reverência ao guerreiro que desafiara para jogar dados e atravessou o quarto para se sentar ao lado de sua Senhora.

— Há algo que possamos fazer? — murmurou.

Mara fitou o tinteiro e o pergaminho na mesinha que tinha no colo. A pena em suas mãos estava seca, e a carta, em branco, a não ser pelo nome de Hokanu dos Shinzawai escrito no alto com letras bem desenhadas.

— Nada — respondeu ela. — Nada além de esperar.

Ela colocou a pena de lado e, para manter as mãos ocupadas, pegou o selo dos Acoma. Não comentou, e Kevin não lhe lembrou, que Arakasi estava atrasado. Prometera aparecer

pela manhã e, pela faixa branca de luz do sol que brilhava entre os biombos, o meio-dia já viera e já se fora. Passaram-se longos minutos, preenchidos com os passos de mais mensageiros e com os tons excitados de alguém falando com aflição em um apartamento diversas portas adiante. O estuque fino e as divisórias de ripas entre as casas não eram impermeáveis ao som. Enquanto Mara fazia de conta que tentava se concentrar nas palavras de sua mensagem, Kevin tocou seu ombro e depois se esgueirou até a cozinha para preparar chocha quente.

Quando voltou, a Senhora pouco mais fizera do que mergulhar a pena no tinteiro. A tinta molhara o bico. Arakasi não retornara. Quando Kevin deixou a bandeja em cima do pergaminho, Mara não protestou. Aceitou a taça cheia que ele lhe passou, mas a chocha esfriou sem ser provada. Nessa altura, ela não estava mais conseguindo disfarçar seu nervosismo e se sobressaltava com o mais leve dos sons. Ouviram-se mais passos de gente correndo.

— Não acha que alguém está organizando corridas e apostando para passar o tempo? — sugeriu Kevin, tentando ser engraçado.

Lujan apareceu de repente na porta, encharcado de suor devido aos treinos e ainda com a espada desembainhada na mão.

— Ninguém usa sandálias de combate com travas para correr — comentou secamente. Em seguida, olhou para Mara, que estava sentada como uma estatueta numa loja de porcelanas, quase sem um pinga de cor no rosto. — Minha Senhora, se quiser, posso ir lá fora procurar um traficante de informações.

Mara ficou ainda mais pálida.

— Não — disse num tom cortante. — Sua vida é valiosa demais para correr riscos. — Então franziu o cenho enquanto ponderava se deveria dividir sua guarnição em duas e enviar alguns guerreiros para cuidar do assunto. Arakasi estava três horas atrasado e se ater a falsas esperanças era inútil, além de ser um convite para um risco ainda maior.

De repente, ouviram algo raspando no biombo exterior. Lujan deu a volta, com a espada apontada para a barricada, e todos os outros guardas Acoma na sala se voltaram, prontos para entrar em ação. Mas o ruído foi seguido por um murmúrio que impeliu Mara a gritar:

— Graças aos deuses!

Rápida e cautelosamente, os guerreiros baixaram a tábua de madeira, calçada com três pesadas arcas, e abriram o biombo. Arakasi entrou, uma figura negra em contraste com a luz do dia. Por um momento, um ar fresco com um doce aroma de flores redemoinhou pelo aposento trancado. Depois, Kenji fechou o biombo e encaixou as cavilhas de madeira que o trancavam, e as arcas e a tábua foram prontamente recolocadas. Na escuridão da sala, Arakasi deu cinco passos seguros na direção das almofadas onde Mara estava instalada e se lançou a seus pés.

— Minha Senhora, perdoe meu atraso.

Ao perceber uma mistura de descrença e raiva disfarçada no tom de voz dele, a breve alegria de Mara por seu retorno se desfez.

— O que está acontecendo?

— Tudo — disse o Mestre dos Espiões sem delongas. — Uma onda louca de rumores varre o palácio. Houve problemas no mundo bárbaro.

Mara soltou sua pena de escrever antes que a quebrasse por causa da tensão. Mas conseguiu manter a voz firme ao perguntar:

— E o Imperador?

— Está a salvo, mas pouco mais se sabe. — A voz de Arakasi se tornou mais enérgica devido à tensão: — Os bárbaros não foram honestos. Cantavam hinos de paz enquanto conspiravam um assassinato. Na conferência, apesar de todas as promessas, atacaram de repente e quase mataram o Imperador.

Mara ficou muda de espanto e Kevin praguejou, pego de surpresa.

— O quê?

Arakasi sentou-se apoiado nos tornozelos, esquecendo os modos.

— Durante a conferência, uma grande companhia dos povos que vocês chamam de anões e de elfos se aproximou escondida e, quando a Luz do Céu ficou mais vulnerável, eles atacaram.

Kevin balançou a cabeça em negação.

— Não posso acreditar.

Arakasi estreitou os olhos.

— Mas é verdade. Foi apenas graças à coragem de seus oficiais e dos Chefes de Guerra das Cinco Famílias que a Luz do Céu sobreviveu a essa traição em seu mundo. Dois soldados o levaram pelo Portal, inconsciente, então algo terrível aconteceu. O Portal foi fechado definitivamente, prendendo quatro mil soldados tsurani no mundo midkemiano.

A confusão de Mara se transformou em uma atenção arrebatada. Expirou brevemente.

— Minwanabi?

— Morto — respondeu Arakasi. — Estava entre os primeiros a cair. Seu primo Jeshurado morreu ao seu lado.

— E os outros Chefes de Guerra?

— Eles se foram. Mortos ou não, ninguém sabe dizer, mas o Portal não existe mais. Toda a guarda de honra do Senhor da Guerra ficou presa no mundo bárbaro.

Mara não conseguiu entender as proporções do que estava acontecendo.

— Xacatecas?

A lista continuava, inexoravelmente.

— Também. O Senhor Chipino foi visto pela última vez lutando contra os cavaleiros do Reino.

— Todos eles? — sussurrou Mara.

— Nem uma dúzia retornou — informou Arakasi com pesar. — Só voltaram os dois

soldados que carregaram a Luz do Céu pelo Portal e uma meia dúzia que estava incumbida de orientar os soldados à espera em nosso lado do Portal. O Comandante das Forças Armadas Imperiais foi morto. O Senhor dos Keda ficou caído no chão, sangrando. O Senhor dos Tonmargu não foi visto mais. Pimaca dos Oaxatucan também foi dado como desaparecido. Foi Kasumi dos Shinzawai quem obrigou o Imperador a partir, mas ele mesmo não atravessou o Portal. — Arakasi se viu obrigado a recuperar o fôlego. — O mensageiro que chegou à cidade não sabia nada além disso, minha Senhora. Creio que, a esta altura, nem mesmo os envolvidos sabem de algo mais além de suposições sobre o que aconteceu. As perdas são extensas demais e o choque ainda é muito repentino. Depois de o Imperador assumir o comando, poderemos ter uma ideia mais concreta do que aconteceu.

Depois de se manter em silêncio por um bom minuto, Mara ergueu-se de um salto.

— Arakasi, quero que busque informações e elabore uma lista precisa com as baixas e os sobreviventes. Depressa.

A urgência de seu tom não deixou margem para recusa. Com um só golpe, o Império perdera seus mais poderosos e antigos Senhores e os herdeiros de muitas casas importantes. Os efeitos seriam grandes demais para antecipar o que viria em seguida — casas de luto, tropas perdidas e jovens e imaturos segundos filhos e filhas lançados de repente à condição de Governantes. A repercussão desse turbilhão seria um choque absoluto. Mas Mara sabia que os ambiciosos iriam transformar bem rápido esse turbilhão em uma devastadora e sangrenta corrida pelo poder. Ela sabia bem o que era ter autoridade e responsabilidade de repente nas mãos e não estar preparada para isso. Saber quem estava nessa situação difícil e quem ainda estava vivo para governar com experiência poderia se revelar uma vantagem significativa nos dias que estavam por vir.

Assim que Arakasi se curvou e saiu apressado, Mara despiu a túnica larga e chamou sua criada para que lhe trouxesse vestes formais. Kevin apressou-se a ajudá-la a se trocar enquanto ela distribuía ordens rapidamente:

— Lujan, prepare uma guarda de honra. Partiremos imediatamente para o Salão do Conselho.

Com as mãos cheias de presilhas enquanto a criada começava a cuidar do cabelo de Mara, Kevin perguntou:

— Devo acompanhá-la?

Mara balançou a cabeça e depois destruiu todo o trabalho da criada ao se inclinar para beijá-lo rapidamente.

— Uma pessoa de sua nação não será bem recebida hoje no Conselho, Kevin. Por sua segurança, por favor, fique fora de vista.

Envergonhado com o fato de seus conterrâneos terem faltado à palavra, Kevin nem discutiu. Mas, pouco depois, quando trinta guerreiros Acoma marcharam e desapareceram além do átrio mais distante, pensou em como iria suportar a espera. Pois na verdade a Senhora

dos Acoma não ia se dirigir a um Conselho, mas, sim, a um assustador e completo caos em que o mais forte seria o mais rápido a se apoderar do poder.

O fato de Desio ter morrido não significava menos um inimigo em seus calcanhares; na verdade, só promovia um inimigo muito mais competente. Era Tasaio quem governava agora os Minwanabi.

Conselho Cinzento

O salão ficou abarrotado.

Apesar de não ter havido uma convocação oficial, quando Mara e seus guerreiros chegaram à grande câmara, muitos Senhores já estavam lá. Talvez um quarto dos assentos estivesse ocupado, e mais gente chegava a cada minuto. Não foi a falta de guardas do Conselho que desencorajou a presença dos Governantes; cada um dos Senhores tinha à mão de uma dúzia a cinquenta homens armados. Nenhum arauto imperial anunciou o nome de Mara quando ela entrou pelos amplos portais e desceu a escadaria. Aquela reunião informal tinha uma total ausência de pompa e circunstância; os Governantes das casas entraram pela ordem em que apareceram e todas as preocupações relativas à hierarquia foram deixadas de lado.

Nenhuma casa em particular se assumiu como porta-voz. Diversos Senhores conferenciavam perto do dossel onde por norma se sentava o Senhor da Guerra ou, em sua ausência, um Primeiro Orador do Conselho, previamente designado. Com Almecho morto e todos os Chefes de Guerra de Clã igualmente eliminados ou desaparecidos, nenhuma casa tinha supremacia declarada. Mas, mais cedo ou mais tarde, algum Senhor poderia tentar tomar o poder ou pelo menos intervir para impedir o avanço de um rival. Esses Senhores já presentes estavam reunidos em grupos muito fechados, em que todos sussurravam entre si, mais ou menos divididos por facções. Fitavam os recém-chegados com desconfiança e mantinham os guerreiros por perto — ninguém desejava ser o primeiro a desembainhar a espada no Conselho, mas qualquer um ali estava mais do que preparado para ser o segundo. Mara logo vasculhou o espaço à procura de cores de casas conhecidas ou familiares. O vermelho e amarelo dos Anasati se destacava nitidamente entre um aglomerado de nobres mais antigos que se reuniam em uma ala entre os lugares mais baixos e o dossel. Mara reconheceu o antigo sogro. Dirigiu-se apressada até ele, levando Lujan e dois guerreiros para protegê-la.

Ao perceber a aproximação de Mara, Tecuma dos Anasati se virou e fez uma leve reverência. Vestia uma armadura e o cabelo visível sob o elmo era mais branco do que grisalho. Seu rosto, sempre magro, parecia sugado até os ossos e tinha os olhos ainda mais fundos. Em reconhecimento a um superior, Mara retribuiu a reverência.

— Como vai, avô de meu filho? — indagou.

Tecuma pareceu ler sua mente.

— Estou bem, mãe de meu neto — respondeu. Cerrou os lábios ao olhar de soslaio para os grupos desorganizados de Senhores no salão. — Quisera eu que o Império estivesse assim tão bem.

— E o Imperador? — perguntou Mara, ansiosa por saber novidades.

— A Luz do Céu, segundo todos os relatos, está descansando em sua tenda de comando na planície perto do Portal. — Tecuma manteve um tom duro: — Ele já informou a seus oficiais que pretende voltar ao Reino das Ilhas quando estiver recuperado, para uma nova invasão. No entanto, nosso desejo de castigar aqueles bárbaros pela traição pode ser frustrado. Os Grandes podem manipular um Portal, mas não controlam todos os seus aspectos. Dificilmente o Portal para Midkemia será reaberto.

Mais uma vez, o Senhor dos Anasati observou os Governantes que se reuniam no grande salão, desafiando as ordens do Imperador.

— Entretanto — prosseguiu, sem suavizar o tom —, o Jogo continua.

Mara verificou quais eram os Senhores presentes.

— Quem irá falar em nome dos Ionani? — indagou.

Tecuma respondeu levando em consideração seu poder e o fato de portar um dos nomes mais antigos do Império:

— Até o Clã Ionani se reunir para eleger um novo Chefe de Guerra, serei seu porta-voz. — Então apontou abruptamente para o outro lado do salão. — O Clã Hadama está reunido ali, minha Senhora. Sugiro que se apresse e anuncie sua presença.

— Senhor Tecuma...

O ancião a interrompeu levantando a mão.

— Mara, estou sofrendo, por isso, perdoe-me a grosseria. — Seus modos se tornaram nitidamente forçados. — Halesko foi um dos oficiais que ficou encurralado no mundo alienígena... e, segundo todas as informações, morreu com um golpe de lança. É o segundo filho que perco. Não tenho tempo para a mulher que me tirou o primeiro.

Mara sentiu um aperto na garganta. Fez uma grande reverência para demonstrar sua compaixão.

— Peço desculpas, Tecuma. Faltou-me tato ao não perceber a situação.

O Senhor dos Anasati balançou levemente a cabeça no que poderia ser interpretado como um gesto de descrença dissimulada ou de dor.

— Muitos de nós estamos de luto, Mara. Muitos irmãos, filhos e pais foram encurralados naquele mundo estranho. A perda é um golpe para nossa honra e para nossos corações. Agora, se me dá licença...

Sem esperar por uma resposta, virou as costas à sua antiga nora e retomou a conversa que ela interrompera. Deixada de fora do círculo, e diante do olhar hostil do membro da Facção

da Flor Amarela que fora interrompido quando ela se dirigira a Tecuma, Mara avançou ao redor do dossel na direção do primeiro lance de escadas, até onde os chefes do Clã Hadama estavam reunidos. Vários a cumprimentaram com reverências respeitosas quando Mara se aproximou, enquanto outros lhe acenaram mecanicamente com a cabeça. Um ou dois, juntamente com um ancião que sofria de paralisia e estava sentado numa cadeira, não deram sinal de que tinham a intenção de cumprimentá-la.

— Quantas baixas sofremos? — perguntou Mara, pretendendo avaliar os estragos.

O Senhor dos Sutanta, um homem alto com uma túnica azul-escura com detalhes de um azul-claro, dirigiu-lhe uma reverência superficial.

— O Senhor dos Chekowara e seus quarenta guerreiros estão a caminho da Cidade das Planícies. O Senhor dos Cozinchach e dois vassalos permanecem com o Imperador. As perdas dos Hadama foram leves, já que os clãs menores não foram enviados para a linha de frente nessa traição. A maioria de nossos Governantes voltou a Kentosani esta semana.

— Quem convocou este Conselho? — quis saber Mara.

As feições enrugadas do Senhor dos Sutanta permaneceram cautelosamente inexpressivas.

— Quem a chamou aqui?

— Simplesmente vim — respondeu Mara, prudente.

Com um aceno de mão, o Senhor dos Sutanta apontou para o espaço que continuava se enchendo de gente.

— Ninguém aqui falaria contra a vontade da Luz do Céu. — Fixou seus olhos astutos em Mara. — Além disso, ninguém aqui permaneceria quieto em casa depois de ver seu primogênito ser morto numa traição.

Mara assentiu e interiormente pensou nas coisas que ficaram por dizer. O desafio ao jogo de poder feito por Ichindar estava sendo polidamente reconhecido. Mas, no Grande Jogo, a cortesia muitas vezes disfarçava o crime. O Conselho Supremo de Tsuranuanni pretendia fazer ouvir sua voz. Não haveria uma reunião formal naquele dia; Senhores demais estavam ausentes. Nenhum Senhor daria um passo até saber quais inimigos e aliados permaneciam vivos. Aquele dia seria destinado a avaliar os danos e, no dia seguinte, o jogo começaria, com todos agarrando as oportunidades para se sobrepôr a rivais em virtude das aberturas proporcionadas pelo acaso. E, apesar de aquele Conselho não ser autorizado, a reunião não deixava de ser mais uma rodada do Grande Jogo, pois, da mesma forma que um guerreiro cinzento poderia matar facilmente um guerreiro que tivesse prestado juramento às cores de uma casa, aquele Conselho cinzento era tão mortal quanto um Conselho com sanção imperial.

Mara passou alguns minutos refletindo. As perspectivas para os Acoma não eram tranquilizadoras. Os Minwanabi tinham perdido oponentes e conquistado um novo Senhor que poderia usar todos os seus recursos, especialmente o poder militar. A sorte não favorecera o Senhor dos Xacatecas. Como Chefe de Guerra do Clã, o Senhor Chipino estava na linha de frente do Imperador; seu filho mais velho, Dezilo, representava os Xacatecas como a terceira

das Cinco Grandes Famílias. Ambos haviam morrido, o que deixava a Senhora Isashani e uma prole de filhos e filhas sozinhos; além disso, o mais velho dos herdeiros ainda era jovem e inexperiente para vestir o manto de Senhor — ou seja, o mais forte aliado de Mara estava agora perigosamente enfraquecido. Dependente demais do fraco laço de sangue de Ayaki com os Anasati para usufruir de alguma proteção, Mara sentiu uma espécie de brisa fria soprando em suas costas nuas.

Ao redor dela, parecendo jagunas farejando cadáveres antes de decidirem onde iriam tentar abocanhar, os Governantes de Tsuranuanni reuniam-se com os membros de seus clãs e depois se dividiam para conversar com seus aliados e facções, normalmente alinhados em grupos. Os Acoma integravam tecnicamente uma facção política menor, o Olho de Jade, mas a ligação tinha se desfeito já nos tempos do governo do Senhor Sezu. Mara pouca importância dera à política das facções, ocupada como estivera em impedir que sua casa fosse dizimada. Mas, com todo o Império em plena convulsão, nenhum laço poderia ser ignorado, por mais fraco que fosse.

Mara passou pelo Senhor dos Inrodaka, pelo gordo segundo filho do Senhor dos Ekamchi e por um primo do Senhor dos Kehotara, que conferenciavam entre si e lhe lançaram olhares gélidos. Encontrando dois outros membros da Facção do Olho de Jade em seguida, Mara se aproximou e começou uma conversa que se voltou para listas de tristes condolências. Os mortos e os que foram deixados para trás do outro lado do Portal pareciam assombrar a todos com sua ausência. Contudo, a vida em Tsuranuanni não se retraía com perdas. Por todo o salão, membros do Conselho Supremo exploravam enredos secundários mascarados por conversas educadas, que não passavam de fachada enquanto jogavam, mais uma vez, o Grande Jogo.

Relâmpagos cortaram o céu, fazendo refletir um branco prateado na casa grande dos Minwanabi. Sentado à sua escrivaninha de colo, de pena na mão, com tinta fresca perto do cotovelo, Incomo revisou os documentos dispostos à sua frente, ignorando o ruído da chuva que caía lá fora. Nunca tivera o raciocínio rápido e agora estava em choque, perdido em descrença. Os eventos em torno da traição executada contra o Imperador ainda lhe pareciam o momento de tormento logo após um pesadelo. Não havia dúvidas de que Desio morreria. Três testemunhas relataram que o viram cair com flechas na garganta e no peito — seu primo Jeshurado também morreria, aos seus pés. Nenhum amigo ou servidor estava suficientemente perto para resgatar o corpo do Senhor no caos antes de o Portal mágico se fechar, separando definitivamente Kelewan de Midkemia.

Incomo pressionou suas palmas mirradas nas têmporas e inspirou um pouco de ar úmido. Desio dos Minwanabi descansaria com seus antepassados, se seu espírito conseguisse

atravessar o fosso desconhecido existente entre os dois mundos. Os rituais tinham sido proferidos na clareira sagrada dos Minwanabi por um Sacerdote e logo mensageiros partiram para divulgar as novidades. Só lhe restava esperar o novo Senhor que retornava de seu posto nas ilhas ocidentais.

Naquele momento, o biombo às costas do Conselheiro-Mor se abriu. Um ar quente e úmido varreu o cômodo, agitando o pergaminho e espalhando no chão gotas de chuva trazidas pelo vento.

— Dei ordens para que não me incomodassem — protestou Incomo.

— Então peço perdão pela interrupção, Conselheiro-Mor — disse uma voz seca e incisiva. — Mas o tempo passa e há muito a fazer.

Incomo se assustou e se virou subitamente. Vislumbrou um guerreiro que cruzava a entrada, iluminado por um clarão branco de um relâmpago. Tinha água escorrendo pela armadura de combate e a pluma de oficial alisada pela água. Com pés leves, ágil e quase sem fazer barulho, o homem subiu até o círculo iluminado pela única lamparina da sala. Retirou o elmo. Tinha os olhos cor de mel rodeados por olheiras e o cabelo ensopado colado ao pescoço. Incomo deixou cair a pena e se curvou respeitosamente.

— Tasaio!

Tasaio fitou Incomo nos olhos durante um momento de silêncio e depois falou pausadamente:

— Desta vez, perdoo o tratamento familiar, Conselheiro-Mor. Mas é a última vez.

Incomo afastou sua escrivaninha de colo, derrubando a pena e o pergaminho e quase desequilibrando o tinteiro. Descruzou as pernas magras e rigidamente encostou a testa no chão.

— Meu Senhor.

O estrondo da tempestade preencheu o silêncio enquanto Tasaio observava atentamente a sala. Não autorizou a Incomo que se erguesse, estudando antes as imagens de pássaros pintadas, a gasta esteira de dormir e, por fim, mais demoradamente, o ancião prostrado no tapete.

— Sim. Tasaio. Senhor dos Minwanabi.

Depois de, por fim, ter recebido autorização para se levantar, Incomo disse:

— Como o Senhor...

O novo Senhor o interrompeu em tom levemente irônico:

— Incomo, você acha que é o único que dispõe de agentes nesta casa? Meu primo tinha minha lealdade, mas jamais teve o meu respeito. Eu nunca iria desonrar o nome Minwanabi, mas, em minha posição, apenas um louco deixaria Desio sem observá-lo. — Tasaio alisou para trás a franja ensopada e depois ajustou o cinto da espada. — Desde que pisei naquela maldita ilha, tive sempre um barco a postos, com tripulação e provisões, pronto para partir. Dia ou noite, se o chamado chegasse, era só recolher a âncora. No momento em que meu

primo morreu, aqueles que me eram leais me enviaram a informação às Ilhas dos Postos Avançados. — Tasaio encolheu os ombros, lançando gotas sobre a lamparina. — Naveguei até Nar e fretei o primeiro navio. Quando o Conselho Supremo vai eleger um novo Senhor da Guerra?

Com os olhos presos nos fios de água da chuva que ameaçavam sua esteira de dormir, Incomo reorganizou os pensamentos.

— Só hoje de manhã recebemos a informação. A Luz do Céu convocou uma sessão do Conselho Supremo para daqui a três dias.

— Você permitiria que eu perdesse essa reunião, Incomo? — perguntou Tasaio com uma calma quase tranquilizadora.

De repente, as almofadas deixaram de ser uma preocupação.

— Meu Senhor! — Mais uma vez, Incomo encostou a testa no chão. — A morte de Desio foi muito repentina. Nosso mensageiro mais veloz partiu imediatamente, com ordens para escolher o barco mais veloz. Humildemente alego que fiz meu melhor. Não culpe as limitações de um servo, quando meu Senhor foi muito mais sagaz do que seria esperado.

Tasaio riu secamente.

— Não gosto de elogios inúteis, Conselheiro-Mor, tampouco de humildade pouco convincente. Erga-se e lembre-se disso.

Um forte trovão sacudiu a casa e ecos ribombantes reproduziram-se sobre o lago envolvido pela escuridão noturna. Com a capacidade de um comandante de campo para ajustar seu tom de voz ao ruído, Tasaio prosseguiu:

— Aqui estão minhas ordens, Conselheiro-Mor. Dispense os criados pessoais e as concubinas de Desio. Tenho meu próprio pessoal, que vai me servir enquanto visto a túnica de luto. Esta noite dormirei no quartel dos oficiais. Ordene ao meu hadonra que tire de meus novos aposentos tudo o que pertenceu a Desio. Quero os cômodos completamente vazios. Minhas arcas e meus artigos pessoais estarão completamente instalados ao amanhecer e as túnicas, a roupa da cama e os outros artigos pessoais de Desio devem ser queimados. — Tasaio semicerrou os olhos. — Diga ao responsável pelos canis que corte a garganta daqueles cães de caça assassinos de homens; eles não vão obedecer a nenhum outro Senhor. Assim que os primeiros raios de sol surgirem, reúna todos os criados no campo de treinamento. Há um novo Senhor dos Minwanabi liderando e todos devem compreender que não há lugar para a ineficiência.

— Seu desejo é uma ordem, meu Senhor. — Incomo se preparou para uma noite às claras. Endireitou os joelhos doloridos e se preparou para se levantar, mas seu Senhor ainda não terminara. O Senhor dos Minwanabi observou seu Conselheiro-Mor com olhos fixos e decididos.

— Você não precisa ser indulgente comigo como fazia com meu primo. Escutarei suas ideias sobre todos os assuntos, mesmo que minha opinião seja contrária. Pode me dar as

sugestões que considere adequadas até o momento em que eu me decida. Depois disso, obedeça em silêncio. Amanhã vamos rever as contas e formar, juntos, uma guarda de honra. Ao meio-dia, desejo já estar a bordo de minha barca cerimonial, descendo o rio rumo a Kentosani. Cuide para que todos os detalhes de minha viagem estejam em ordem, pois, quando chegar à Cidade Sagrada, pretendo apresentar minha candidatura.

— Que candidatura, meu Senhor? — inquiriu Incomo com um respeito tácito.

Tasaio enfim sorriu, com um brilho afiado como uma espada estampado no rosto.

— Ora essa, ao cargo de Senhor da Guerra, é óbvio. Quem é mais indicado do que eu?

Incomo sentiu um arrepio no pescoço. Afinal, depois de anos de desejo e ansiedade, iria servir um Senhor inteligente, capaz e ambicioso.

Um trovão fez tremer de novo o chão e a chuva bateu ruidosa nos biombos. Ereto diante do bruxuleante brilho da lamparina, Tasaio concluiu seu pensamento:

— Assim que eu vestir o branco e dourado, eliminaremos completamente os Acoma.

Incomo curvou-se outra vez. Quando se ergueu, o recinto estava vazio e o único indicador da visita do Senhor era uma corrente de ar que passava pela entrada na penumbra. Silenciosamente, o Conselheiro-Mor pensou em seus desejos nunca proferidos, mas que o destino e os deuses lhe garantiram de livre e espontânea vontade: Tasaio agora vestia o manto dos Minwanabi. Tocado por aquela ironia, Incomo se perguntou por que aquele presente fazia com que se sentisse cansado e velho.

A tempestade deixara água escorrendo e formando riachos ao redor dos símbolos da sorte instalados no pico dos telhados do Palácio Imperial e goteiras formando poças nos pátios. Dentro do prédio, o som da água pingando começou a se tornar abafado; as correntes de ar pareciam suspiros ascendentes e descendentes percorrendo os corredores cavernosos e agitando as chamas das lamparinas acesas por criados. Lujan e cinco guerreiros com armadura marcharam corajosamente através de átrios cheios de sombras para levar informações aos aposentos dos Acoma.

Mara recebeu o Comandante das Forças Armadas na sala ao centro, onde estava reunida com Arakasi. Kevin estava encostado na parede, bem perto de Mara, com seu sarcasmo apimentado atizado pela falta do que fazer. Estava com dor de cabeça. Trincava os dentes de nervoso por causa do constante afiar de lâminas dos guerreiros; além disso, o cheiro intenso e desagradável do verniz de pele usado para preservar as lâminas das armas lhe dava enjoo.

Em frente às almofadas da Senhora, Lujan ergueu-se de sua reverência.

— Senhora — disse ele bruscamente —, trazemos informações sobre novas movimentações por parte de soldados Sajaio, Tondora e Gineisa em aposentos que antes estavam vazios.

Mara franziu o cenho.

— Cães dos Minwanabi. Há novidades sobre o dono do canil?

— Não. Ainda. — Lujan afrouxou seu elmo e passou os dedos pelo cabelo molhado.

Arakasi levantou os olhos do monte de notas desalinhadas que lhe haviam sido entregues aquela manhã por seus contatos espalhados pelo palácio. Fitou o Comandante das Forças Armadas dos Acoma com os olhos semicerrados.

— Dentro de três dias, o Imperador voltará ao palácio.

Com um ombro apoiado na parede e os braços cruzados, Kevin comentou:

— Ele está fazendo uma horinha, não está?

— Há inúmeros rituais e cerimônias pelo caminho — interrompeu Mara, não conseguindo disfarçar totalmente sua irritação. — Não é possível viajar depressa quando se é acompanhado por vinte Sacerdotes, uma escolta de mil guardas e quinhentos soldados.

Kevin encolheu os ombros. O confinamento naquele espaço minúsculo e a pressão afetaram a todos. Durante dois dias, os assuntos tratados no Conselho foram crescendo de intensidade. Mara passou quinze horas seguidas enclausurada no grande salão. À noite, voltava tão exausta que quase nem tinha apetite. Estava com uma aparência magra e doentia e, apesar do grande cuidado de seu amante, tinha um sono curto e agitado. Se as noites eram insatisfatórias, os dias eram ainda piores. A inatividade absoluta queimava os nervos de Kevin, mas até o aborrecimento tinha limites. Os deveres na copa o levaram a dar voz à sua revolta e, apesar de muitas vezes ceder à autopiedade, faltava-lhe o fatalismo que permitia aos guerreiros tsurani esperar com uma paciência aparentemente sem limites.

Mara suspirou e avaliou seus ganhos.

— Até agora, já me reuni com dezessete Senhores e só estabeleci acordos com quatro. — Balançou a cabeça. — É um resultado magro. Ninguém quer se comprometer, embora muitos pareçam querer. Há facções demais disputando o lugar de Senhor da Guerra, e apoiar um candidato abre declaradamente caminho à inimizade de todos os seus rivais.

Arakasi desamarrotou um bilhete que emanava um forte cheiro de peixe.

— Meu agente nas docas reportou a chegada de Dajalo dos Keda.

Mara ergueu imediatamente a cabeça ao ouvir aquilo.

— Ele está hospedado em sua casa na cidade ou no Palácio Imperial?

— Tenha paciência, Senhora. — Arakasi remexeu em suas anotações, afastou três delas e depois analisou a escrita em código de outra que, estranhamente, cheirava a perfume. — Está na cidade — concluiu o Mestre dos Espiões. — Pelo menos esta noite.

Mara bateu palmas para chamar o escriba para ajudar com a correspondência.

— Escreva isso ao Senhor Dajalo dos Keda: primeiro, preste nossas condolências pela morte de seu pai, juntamente com a certeza de que seu fim foi valente e honrado. Depois, dê a entender a Dajalo que os Acoma possuem um documento com o selo do Senhor Andero que vincula a Casa dos Keda a um voto de nossa escolha. Dajalo, como novo Governante, será

obrigado a honrá-lo.

— Senhora — interrompeu Arakasi —, isso não é um pouco... abrupto?

Mara passou os dedos pelo cabelo volumoso, cujas pontas ainda estavam encaracoladas devido às presilhas.

— Talvez eu esteja adquirindo os hábitos deste bárbaro aqui. — Fez uma pausa quando se ouviu ao longe um trovão. — Não tenha dúvida... Tasaio dos Minwanabi não vai demorar para estar entre nós e quando ele chegar posso precisar imediatamente desse voto...

Ela foi interrompida por uma batida na entrada. Um guarda apareceu fazendo imediatamente uma reverência.

— Minha Senhora, nossos batedores informaram a presença de homens armados nos corredores mais afastados do centro do palácio.

Mara olhou de soslaio para Lujan, que enfiou imediatamente o elmo sobre o cabelo desalinhado e saiu ainda dando um laço para prendê-lo. Um relâmpago projetou uma luz prateada além dos biombos externos, reduzidos a fendas entre as barricadas agora reforçadas com tábuas. Kevin resistiu à tentação, típica de um animal enjaulado, de andar de um lado para outro, enquanto Mara e Arakasi se dispuseram a ler relatórios. O arranhar da pena do escriba preencheu o intervalo até o Comandante das Forças Armadas retornar.

Sua reverência foi muito apressada.

— Nossos vigias detectaram dois grupos de soldados, com cerca de vinte a trinta homens em cada. Andavam nas sombras e pareciam se dirigir a outra parte do palácio.

— De que casa são? — questionou Mara com certo medo de ouvir a resposta.

— De nenhuma, bela Senhora. — Lujan parecia em dúvida. — Usam armaduras pretas, sem marcas ou símbolos.

Mara ergueu os olhos, arregalados devido à luz da lamparina.

— Então está começando.

Lujan deu ordens em voz baixa aos guerreiros do quarto da frente. O último biombo que se mantinha entreaberto para deixar entrar ar foi fechado e preso em seu batente com pregos de madeira. Uma mesa foi virada ao contrário e encostada à porta que dava para fora, e depois presa com uma enorme tranca. Agora, a umidade trazida pela tempestade transformava-se numa espécie de manto sufocante. Arakasi não pareceu ter sido afetado, pois permaneceu sentado quase imóvel examinando seus apontamentos. Mas Kevin suava e ficava cada vez mais irritado, com as mãos vazias desejando uma arma. As horas se arrastaram até a meia-noite. Através das paredes chegaram sons abafados. Ouviram o barulho de pés pisando em poças de água ou percorrendo pátios e escadas, às vezes entrecortados por gritos. A chuva cessou e os insetos no jardim de Mara começaram a zumbir sua cantoria noturna. Como ninguém pareceu inclinado a atender às necessidades de sua Senhora, Kevin por fim se ajoelhou ao lado de Mara e afastou o pergaminho que ela segurava sem ler já havia mais de uma hora.

— Você deve estar com fome — disse, tentando persuadi-la a comer.

Mara encostou a cabeça no corpo dele.

— Para ser sincera, não. Mas devo comer algo se pretendo ficar acordada amanhã no Conselho.

Kevin se levantou e se preparou para o habitual conflito de interesses que ocorria sempre que invadia a cozinha. Jican achava que podia colocar a mão em qualquer escravo que estivesse à toa. Naquela noite, em especial, Kevin parecia pronto para discutir. Um batalhão de criados da cozinha já estava limpando chaleiras e pratos, como se o ruído das louças fosse um encantamento para manter longe os sons distantes do conflito; todas as conchas ou taças ou tigelas de sopa estavam sendo esfregadas e polidas com lixas. Jican viu Kevin entrando e seu semblante preocupado se iluminou.

— A Senhora deseja comer?

Kevin assentiu e logo já estava com uma bandeja nas mãos carregada com pão quente, queijos e frutas. Desapontado com sua fácil vitória, engoliu a resposta que cuidadosamente preparara e voltou à sua Senhora. Colocou a ceia em frente de Mara e sentou-se ao seu lado, enquanto ela fazia um grande esforço para se alimentar. No final, foi Arakasi quem deu cabo da comida. Kevin a convenceu a ir se deitar, enquanto em todas as janelas e portas guerreiros aguardavam como estátuas, preparados para um ataque que não ocorreu.

Chegou a manhã. Mara se levantou de suas almofadas, ordenou que lhe preparassem o banho e chamou as criadas. A maquiagem disfarçou as sombras de preocupação que lhe marcavam o rosto e três camadas de túnicas formais esconderam sua magreza. No último minuto, quando já estava prestes a sair, virou-se para trás e lançou um olhar penetrante na direção de Kevin, que, irritado com a perspectiva de mais um dia entediante, fitou-a com seus olhos azuis inflamados de reprovação. No fim, temendo um ataque aos aposentos durante sua ausência, Mara cedeu ao impulso e ficou com pena dele.

— Venha comigo. Fique por perto e calado a menos que eu peça o contrário.

Kevin praticamente deu um salto para se juntar à comitiva. Lujan ordenou à guarda de honra da Senhora que formasse fileiras e minutos depois o contingente dos Acoma fazia sua entrada no Salão do Conselho.

A luz do sol entrava enviesada pela cúpula no alto, iluminando os murais amarelados por cima das galerias. Os lugares superiores já estavam ocupados; os de baixo ainda permaneciam vazios. O caos já diminuía o suficiente para os nobres tsurani voltarem a prestar atenção à hierarquia, constatou Kevin. Ele seguia Mara pelos degraus, enquanto Lujan se posicionava com outros dois guerreiros atrás dela. O resto de sua guarda de honra permanecera no átrio ao lado da porta, como se aquele Conselho fosse igual a qualquer outro. Ao passar por uma

cadeira vazia a caminho de seu lugar, Mara levou a mão à boca para suprimir um grito de emoção.

— Problemas? — murmurou Kevin, esquecendo a promessa de se manter em silêncio.

Mara reagiu com um aceno quase imperceptível.

— O Senhor Pataki dos Sida morreu — sussurrou ela, sem disfarçar sua tristeza.

— Quem? — indagou Kevin.

— Um homem que outrora foi gentil comigo, desafiando o sentimento geral. Era um aliado em potencial. Ontem estava aqui, mas hoje de manhã seu lugar está vazio.

— Como sabe que ele não se atrasou por causa do jejum? — murmurou Kevin.

Mara se instalou em sua cadeira e indicou a seu escravo que se sentasse à direita logo atrás dela.

— Apenas um assassino manteria Pataki longe desta câmara. — Então observou as galerias mais próximas. — Aparentemente, outros três Senhores estão faltando.

— Amigos seus? — Kevin se esforçou para manter a voz baixa.

— Não. Inimigos dos Minwanabi — esclareceu Mara.

Abriu com um estalo seu leque ornamental e murmurou algo a Lujan, que colocou seus guerreiros em volta do assento dela, assumindo em seguida uma posição em que sua espada seria a primeira a sair em defesa de Mara. A galeria mais baixa estava agora começando a se encher. Kevin olhou ao redor para os grandes Senhores do Império, vestidos como pavões com toda sua plumagem. Alguns se sentaram em seus lugares como a realeza, dirigindo a palavra apenas aos que apareciam pedindo favores ou alianças. Outros se instalaram em grupos, mudando de posição ou trocando confidências como borboletas em volta das flores. O Jogo do Conselho, mais do que um conflito declarado em prol da hierarquia, era uma sutil e interminável sequência de encontros, recusas e maquinações sociais.

— Não entendo — disse Kevin após longos minutos de observação. — Ninguém parece se importar com a possibilidade de quatro de seus companheiros de Conselho terem sido assassinados.

— A morte faz parte do Jogo — explicou Mara, e, conforme a manhã foi passando, Kevin por fim compreendeu. Era desonroso mostrar indevidamente que alguém fora derrotado, já que havia sempre um responsável por trás de cada morte. Na ausência de provas, os tsurani os encaravam apenas como “acidentes”. Um Senhor podia matar impunemente e conquistar até a admiração de seus rivais ao fazê-lo, desde que a formalidade fosse respeitada.

Um Senhor de meia-idade caminhou devagar na direção de Mara, que se levantou para saudá-lo e lhe fazer uma reverência. Tiveram uma conversa social, com um ou dois assuntos relativos a questões comerciais. Kevin foi deixado a sós com seus pensamentos. Aquela tranquila forma de negociar durante o dia, depois de assassinos terem andado pelo palácio na noite anterior, era algo que o assustava mais do que qualquer outra coisa desde que fora capturado.

Um burburinho de vozes percorreu a sala quando um jovem entrou a passos largos na galeria mais baixa. Flanqueado por seis guardas que vestiam armaduras vermelhas e cinza, instalou-se em uma das cadeiras mais imponentes, em frente ao dossel central. As cabeças se voltaram para lá quando o jovem fez um sinal a um conselheiro para que ficasse a seu lado. Após trocarem algumas palavras, o funcionário fez uma reverência e prontamente subiu os degraus até o local onde Mara e o outro nobre conversavam. Consciente de que além dos sussurros algo importante acontecera, Kevin observou a troca de palavras.

O conselheiro se curvou diante de Mara.

— Minha Senhora dos Acoma, meu Senhor deseja informá-la que os Keda estão prontos a honrar qualquer dívida feita em seu nome.

Mara inclinou levemente a cabeça e o funcionário partiu. Aquela mensagem produziu um enorme efeito no homem cuja conversa fora interrompida. Todos os seus modos se alteraram, tornando-se servis, de repente, enquanto antes pareciam autoritários. Subitamente, diversos outros nobres de categoria inferior estavam descendo das galerias para tentarem falar com a Senhora dos Acoma.

Kevin observou maravilhado o modo como as sutis correntes da política tsurani se alteravam, enquanto Mara se tornava cada vez mais um dos focos de atenções. Com os líderes das Cinco Grandes Famílias perdidos no outro mundo, os clãs mais poderosos foram pegos em suas próprias lutas de extermínio mútuo, o que deixou pequenas oportunidades para famílias mais modestas desses próprios clãs, bem como para os clãs menores dentro do conselho poderem negociar, fazer promessas e procurar potenciais aliados. Se os exércitos dos poderosos estavam, por causa das rivalidades, destinados a marchar uns sobre os outros, as casas mais fracas precisavam se manter unidas ou, como alternativa, insinuar-se sob o manto de protetores mais fortes. Foram estabelecidos tratados e promessas de permanecer a distância, estabelecidas concessões, tanto livremente como sob coação, e artigos comerciais trocaram de donos, na forma de garantias e presentes. Conforme a manhã avançava rumo ao meio-dia, Kevin percebeu que Mara ainda não precisara deixar sua cadeira: os interessados iam até ela, o que não escapou aos olhos das outras facções. Inrodaka e Ekamchi olharam de soslaio várias vezes para o para o lugar vazio do Senhor dos Minwanabi, enquanto membros do Clã Ionani faziam comentários sorridentes a um Tecuma dos Anasati de rosto petrificado.

Antes mesmo do meio-dia, uma companhia de soldados de púrpura e amarelo entrou acompanhando um jovem esguio e atraente de tez escura até o assento dos Xacatecas. O herdeiro do manto de Chipino assumiu seu lugar no Conselho com a postura descontraída do pai. Enquanto o olhava, Mara abriu seu leque e o manteve por alguns momentos encostado à testa. Kevin percebeu sua perturbação. Não pôde confortá-la, então permaneceu calado e também reparou, com pesar, o quanto o menino era parecido com o falecido pai.

Três Senhores aguardaram educadamente que Mara prestasse atenção neles. Ela recuperou a pose e os entreteve com histórias divertidas enquanto a maioria dos Senhores do Clã Xacala

se apresentava ao herdeiro de seu antigo Chefe de Guerra.

Por fim, veio um momento de calma. Mara acenou a Lujan e desceu a curta escadaria até se deter diante do Senhor dos Xacatecas. De perto, Hoppara era extremamente parecido com uma jovem ave de rapina, embora seu cabelo e os olhos fossem de um castanho mais caloroso e fosse magro como sua mãe, Isashani. Por outro lado, tinha o porte e a presença de Chipino, ainda que fosse muito jovem e pouco vivido. Ele se ergueu, fez uma reverência formal e disse:

— Como vai, Mara dos Acoma?

Mara sentiu que ficou vermelha. Ao lhe perguntar como estava antes que ela perguntasse, Hoppara reconheceu diante de todos os presentes que Mara era sua superior em termos sociais! Como seu sangue pertencia às Cinco Grandes Famílias, aquele gesto era apenas uma cortesia, mas significativo, apesar de sutil. Aquela concessão implicava consequências espantosas. Mesmo quando Mara inspirou para conseguir reagir de modo adequado, percebeu a agitação nas galerias. Nobres próximos ao Senhor dos Xacatecas a fitaram com assombro, enquanto outros lançaram olhares corrosivos de seus lugares do outro lado do dossel.

A resposta dela foi verdadeiramente afetuosa:

— Estou bem, meu Senhor dos Xacatecas. Sua dor é a dor da Casa dos Acoma. Seu pai era motivo de orgulho para sua família e seu clã, mas não apenas para vocês. Ele defendeu com bravura as fronteiras do Império e honrou os Acoma permitindo que nos aliássemos a ele. Consideraria um privilégio se o Senhor contasse com minha casa entre os amigos dos Xacatecas.

Hoppara conseguiu dar um sorriso decoroso, embora o esforço não tenha disfarçado completamente sua dor.

— Minha Senhora, seria uma honra para mim se aceitasse me acompanhar na refeição da tarde.

Mara fez uma reverência formal, indicando sua disponibilidade. O retorno à sua cadeira foi de repente impedido por uma onda de adutores e, enquanto o Conselheiro-Mor dos Xacatecas não foi buscá-la para almoçar, não teve um único momento para si mesma.

Os aposentos dos Xacatecas no Palácio Imperial tinham o dobro do tamanho dos de Mara. Os tapetes e as antiguidades eram luxuosos, a mobília envernizada de preto contrastava com bom gosto com os tons de alface, púrpura real e creme de outros objetos. Aves li em gaiolas de vime suspensas enchiam a sala com seus cantos e com a beleza de suas asas de cores brilhantes. Mara reconheceu o amor de Isashani pelo conforto e pela elegância e se instalou aliviada sobre almofadas macias e fofas. Os criados tinham sido treinados pelo Senhor Chipino e um deles servira na campanha do deserto. Já familiarizado com os hábitos

de Mara, segurou uma taça de água aromatizada com seu perfume preferido. Enquanto se lavava, ela pensou com pesar no velho Senhor, enquanto Kevin encontrava seu lugar no chão logo atrás dela.

Hoppara retirou sua pesada túnica, passou uma mão pelo cabelo muito encaracolado e depois sentou-se em frente à pequena mesa, que exibia um almoço elegante. Suspirou, puxou para cima as mangas para liberar pulsos fortes e queimados pelo sol e depois estendeu as mãos para que fossem lavadas pelo escravo pessoal que aguardava logo ao lado. Quando o escravo terminou, o jovem Senhor lançou um olhar franco para estudar o bárbaro de barba parado ao lado de Mara como uma sombra. Kevin o olhou de igual para igual, até Hoppara erguer uma sobrancelha.

— É seu amante bárbaro?

Sua curiosidade não ofendeu. Hoppara tinha a franqueza do pai e a perspicácia da mãe para avaliar as pessoas. Estava simplesmente sendo direto, não zombando das escolhas pessoais dela. Mara retribuiu com um leve aceno e Hoppara exibiu o encantador sorriso de Isashani.

— Meu pai me falou deste homem. Caso seja o mesmo, é claro.

— Este é Kevin — disse Mara, com prudência.

Hoppara assentiu com satisfação.

— Sim, o escravo que tem uma armadura completa com as cores dos Acoma. — Suspirou, mal conseguindo disfarçar sua dor. — Meu pai nos contou como Kevin foi mais do que meramente útil na batalha travada no deserto.

Mara mostrou um leve sorriso, indicando que lembrava do assunto.

— Ele fez uma ou duas... sugestões.

As aves li cantaram com delicadeza durante uma pausa meditativa.

— Meu pai não era muito dado a elogios — admitiu Hoppara. Olhou para os talheres como se visse as imagens de suas lembranças em vez de alimento nos pratos. — Ele atribuiu muito do que viu no deserto a ideias excepcionalmente originais. Disse que nenhum tsurani teria pensado em mandar que seus soldados montassem nas costas de guerreiros cho-ja. Essa tática o deixou imensamente impressionado. — O jovem Senhor também brindou sua convidada com outro sorriso sedutor. — Assim como também ficou muito impressionado com você, Senhora.

Kevin sentiu de repente uma pontada de ciúmes quando Mara corou com o elogio.

— Eu agradeço, meu Senhor.

— Está muito calor aqui? — disse Hoppara de repente, como se o vermelho no rosto da Senhora tivesse outra causa além de suas palavras. Acenou a um criado para que abrisse o biombo e a luz do sol e o ar se espalharam pelo ambiente. O jardim atrás estava repleto de flores violeta e coberto de árvores frutíferas. E depois, como se a leve rigidez de Lujan indicasse que um convidado poderia ficar inquieto com a segurança no lar dos Xacatecas, o

Senhor os tranquilizou na mesma hora. — Este apartamento está encostado em um quartel que abriga a guarda de honra do Imperador. Oito Brancos Imperiais ficam permanentemente nele. — Quando Lujan ficou rigidamente em alerta, o tom de Hoppara tornou-se jovial: — Minha mãe jamais gostou muito disso. Dizia que nunca podia usar roupas mais confortáveis ou se banhar no jardim sem colocar em risco a Família Imperial. Poderia haver um assassino para matá-los, dizia ela, e os Guardas Imperiais estariam ali, espreitando por cima dos muros com as lanças erradas erguidas, sem que houvesse um único olho preocupado com as defesas.

Mara sorriu. A beleza da Senhora Isashani era lendária — as consecutivas gravidezes ao longo dos anos pouco mais fizeram do que lhe adicionar elegância — e sua língua afiada e mordaz era o prazer proibido da polida sociedade tsurani.

— Como vai sua mãe? — quis saber Mara.

Hoppara suspirou.

— Bem, apesar das circunstâncias. As mortes de meu pai e de meu irmão mais velho foram, naturalmente, um golpe. Você sabia — acrescentou ele, sem querer perder o fio do assunto original — que o Senhor meu pai sugeriu que um dia você poderia se casar com um de seus filhos mais novos, caso escapasse das tentativas de Desio para eliminá-la?

Mara abriu os olhos de espanto ao ouvir aquilo, pois estava certa de que as fofocas diziam que Isashani preferia que seu par fosse Hokanu.

— Sinto-me lisonjeada.

— Você não tocou em sua comida — observou Hoppara. Levantou a faca e a cravou em um pedaço de carne embebida em vinho. — Por favor, coma. Os cãesinhos de colo de minhas irmãs estão com excesso de peso. Se os criados de cozinha lhes derem mais restos, os pobres animais vão acabar sendo confundidos com almofadas. — Hoppara mastigou parecendo pensativo. Pareceu avaliar a expressão de Mara. E depois tomou uma decisão interior e seus modos passaram de encantadores a sérios: — Meu pai acreditava que você se tornaria uma das mulheres mais perigosas da História do Império. Como ele era um homem que escolhia com grande cuidado seus inimigos, nitidamente a desejava como amiga.

Mara só conseguiu retribuir fazendo uma pequena reverência de agradecimento. Sorveu seu suco de frutas e aguardou, enquanto as aves li cantavam suas suaves melodias. Já convencido, sem qualquer dúvida, de que ela não iria ceder a seus elogios, Hoppara arrancou um pedaço de um pão. Molhou a casca em um molho e prosseguiu:

— Você, naturalmente, sabe que muitos de nós iremos morrer antes que o novo Senhor da Guerra assuma seu cargo.

Mara fez um breve gesto de assentimento. Havia muitos candidatos para usar o branco e dourado e também alianças demais sendo estabelecidas. Até um tolo perceberia que tanta rivalidade acabaria em um banho de sangue.

— Pediram-me que a procurasse e, por isso, vou diretamente ao assunto. — Hoppara fez um sinal a um criado, que se curvou e começou discretamente a retirar as gaiolas. Num

ambiente cada vez mais silencioso, o jovem Senhor voltou a falar: — Os Xacatecas desejam sobreviver a esta provação sem perder muito do prestígio que meu pai conquistou em vida. Nesse propósito, procuramos a situação que nos traga mais vantagens. Meu Conselheiro-Mor me instruiu a lhe oferecer uma aliança informal e prometer qualquer ajuda que os Xacatecas possam providenciar desde que...

Mara o deteve erguendo um dedo.

— Só um momento, meu Senhor. Pedido? Instruído? Quem o orientou?

Os modos do jovem se tornaram tristes.

— Ela me adiantou que faria essa pergunta. Minha mãe, naturalmente.

Kevin soltou uma gargalhada.

— Sua mãe? — questionou Mara.

Impassível, Hoppara admitiu:

— Faltam três anos para eu completar vinte e cinco anos, Senhora Mara. Sou Senhor dos Xacatecas, mas não...

— Não o Governante, ainda — completou ela.

Hoppara suspirou.

— Ainda não. Minha mãe será a Governante até lá... se eu conseguir me manter vivo.

— Então por que a Senhora Isashani não está aqui? — quis saber Kevin.

Hoppara olhou de relance para Mara, que se apressou a dizer:

— Ele se esquece muitas vezes de seu devido lugar.

— E, naturalmente, nunca conheceu minha mãe. — O jovem Senhor se livrou do desconforto. — Isashani pode parecer uma ave li, mas é tão dura quanto qualquer soldado e pondera suas opções como um mercador de seda. Ainda lhe restam seis filhos e quatro filhas. Se me perder, vai chorar, sem dúvida, mas Chaiduni tomará meu lugar e, depois dele, Mizu, em seguida, Elamku e assim por diante. Depois de nós, há ainda os filhos das concubinas de meu pai, uns dezoito, sem contar aqueles que ainda têm dentes de leite, além de mais uma leva que ainda nem chegou ao berço. — O rapaz corou ao se lembrar da tempestade que abalara sua casa quando o Senhor Chipino voltara do deserto com seis novas concubinas, todas grávidas.

— A linhagem dos Xacatecas é difícil de extinguir — resumiu Kevin.

Hoppara suspirou, dando-lhe razão.

— Bebês e primos demais, com centenas de rebentos, e todos prontos a serem reconhecidos como herdeiros do cargo de minha mãe, se for necessário. Minha mãe está em segurança em nossas terras, por isso me mandou vir tratar dos assuntos do Conselho. — Gesticulou na direção do grande salão. — A maioria de nossos rivais não sabe que ainda não sou o Governante. E não podem me questionar, já que minha mãe me autorizou a negociar em nome da Casa dos Xacatecas... dentro de determinados limites.

A mente de Mara foi fervilhando enquanto examinava todas as implicações daquilo.

— Então sabemos algo que poucos Senhores sabem: você não veio ao Conselho para reclamar o posto de Senhor da Guerra.

— Mesmo que meu pai estivesse vivo, ele não passaria do terceiro lugar na fila de candidatos a vestir o branco e dourado — explicou Hoppara.

— Quem está na frente da fila? — Agora, afinal, Mara recuperara o apetite.

Hoppara encolheu os ombros.

— Posso apenas reproduzir o ponto de vista de minha mãe. Os Minwanabi são os mais poderosos, mas não obterão uma maioria clara através de votação. Se os Oaxatucan cessassem seus conflitos internos, um Omechan poderia suceder seu antigo Chefe de Guerra. Eles ainda dispõem de uma forte influência. Os Kanazawai caíram em desgraça por causa do fracasso do plano de paz e, pelo mesmo motivo, até os Tonmargu estão mais bem posicionados do que os Keda. — Voltou a encolher os ombros antes de concluir: — Os Minwanabi são a escolha lógica. Tasaio é um general acima da média. Muitos que não apoiariam Desio ficarão do lado dele.

A carne perdeu subitamente o sabor. Mara deixou o prato de lado.

— Chegamos ao cerne da questão. O que você propõe além de uma aliança?

Hoppara também deixou sua faca de lado.

— Apesar de nosso aparente poder, os Xacatecas estão atualmente em desvantagem. Perdemos dois conselheiros que seguiam na companhia de meu pai e não temos quem nos oriente devidamente. Fui instruído a seguir sua liderança, a não ser que lhe falte habilidade. Caso contrário, devo apoiar Tasaio.

— Você apoiaria aquele assassino? — questionou Kevin. — Mesmo depois das armadilhas perversas que ele armou em Tsubar?

Mara levantou uma mão, silenciando-o.

— É lógico. Assim que os Minwanabi vestirem o branco e dourado, os Xacatecas ficarão livres da preocupação imediata de um ataque das outras quatro Grandes Famílias.

— Teríamos tempo para reorganizar nossas defesas enquanto Tasaio estivesse ocupado destruindo os Acoma. — O tom de Hoppara era prosaico. — No entanto — apressou-se a acrescentar —, esse seria apenas o último recurso. Apesar de, a curto prazo, ser mais seguro para os Xacatecas um Império sob a liderança de um Senhor da Guerra dos Minwanabi... — Sua voz sumiu diante do nojo que sentia.

Kevin deu voz ao seu espanto:

— Jamais vou entender essa maldita lógica.

Hoppara ergueu as sobrancelhas.

— Achei que... — Dirigiu-se então a Mara: — Não explicou a ele?

Como se a luz do sol que passava pelo biombo, de súbito, tivesse perdido seu calor, Mara suspirou.

— Conte apenas a origem da briga atual: a morte de meu pai e de meu irmão.

O piado de uma ave li soou abafado, vindo do outro cômodo.

— Por favor, cubra as gaiolas — pediu Hoppara a um dos criados. Em seguida virou-se para sua convidada. — Se me permite? — Mara assentiu, então ele se voltou, perturbado, para Kevin. — Os Minwanabi são... estranhos. Por mais inapropriado que possa parecer julgar outra família nobre cujo comportamento permanece honrado em público, há algo na natureza dos Minwanabi que os faz... mais do que simplesmente perigosos.

Kevin o fitou completamente confuso.

— Qualquer casa poderosa é perigosa. E, a meu ver, o Jogo do Conselho não passa de traição com protocolos.

Se Hoppara ficou chocado com a franqueza do escravo, disfarçou bem. Pacientemente, procurou as palavras adequadas para expor suas ideias:

— Vocês estão aqui mais por causa do potencial da Senhora Mara de se revelar uma ameaça do que por causa de seus mais que evidentes encantos. — Fez uma pequena reverência ao dizer isso. — Mas os Minwanabi são mais do que perigosos... São...

Mara o interrompeu:

— São loucos.

Hoppara levantou a mão.

— Isso é severo demais. Compreensível, em seu caso, mas ainda assim severo. — Dirigiu-se então a Kevin: — Digamos que eles têm gostos que são considerados por muitos como não muito saudáveis.

Kevin sorriu, com seus inocentes olhos azuis.

— Você quer dizer que eles são bizarros. — Bizarros? — questionou Hoppara, e em seguida riu. — É, algo assim. Sim, eles são bizarros. — Os Minwanabi gostam da dor. — Mara fixou o olhar em uma imagem qualquer que guardara dentro de si, bem menos agradável do que a sala recendendo a lavanda de Isashani. — Às vezes, gostam de sua própria dor; em outras, da dos outros. Matam por prazer, vagarosamente. Senhores dos Minwanabi do passado ficaram conhecidos por terem caçado prisioneiros como se fossem animais selvagens. Torturaram prisioneiros e contrataram poetas para comporem versos em louvor à agonia de suas vítimas. Alguns são doentes e ficam... excitados ao ver e cheirar sangue. — Hoppara acenou aos criados para que recolhessem a louça e trouxessem vinho. — Alguns Minwanabi ocultam isso melhor do que outros, mas todos sofrem desse apetite... alterado pelo sofrimento. Mais cedo ou mais tarde, essa questão acaba vindo à tona. Jingu não disfarçava suas depravações. Várias de suas concubinas foram assassinadas na cama e, dizem os rumores, sua primeira esposa foi estrangulada enquanto ele a possuía. Desio era considerado menos violento, mas até os pedintes da rua sabiam que batia nas escravas. Nunca pensou qual seria o motivo de, apesar de toda a riqueza e poder dos Minwanabi, outros Senhores nobres não quererem oferecer suas filhas em casamento a eles? — Ele deixou a pergunta no ar. — Tasaio é mais... contido. Servi com ele em combate e o vi violando várias prisioneiras como

se fosse um soldado comum. Também visitava com frequência a tenda dos curandeiros, não para confortar seus soldados feridos, mas para saborear sua dor.

Voltando sua atenção para o cálice de cristal quando seu criado verteu o vinho, Hoppara reprimiu uma careta.

— Tasaio não é alguém que eu gostaria de ver no trono do Senhor da Guerra.

— Ele é muito bizarro — comentou Kevin.

— E muito perigoso — resumiu Hoppara. Ergueu o vinho, aguardou que Mara provasse o dela e depois bebeu todo o conteúdo de seu cálice. — E é por isso que devo, dissimuladamente, deter a pretensão de Tasaio de se apoderar do branco e dourado ou apoiá-lo abertamente, obtendo seus favores.

Mara deixou de lado sua taça, com os olhos cobertos pelas pálpebras fechadas enquanto ponderava as opções que tinha pela frente.

— Portanto, você pede que eu arquitecte uma forma de você apoiar outra pessoa, um candidato que não se incomode com sua aliança secreta com os Acoma, para evitar que a ira dos Minwanabi caia sobre a Casa dos Xacatecas.

Hoppara assentiu, não escondendo seu alívio.

— Essa seria a melhor opção.

Mara se ergueu e fez um sinal ao jovem quando este se preparava para ficar de pé também.

— Seu pai nunca foi formal comigo em nossas conversas particulares e gostaria de manter essa tradição. — Enquanto Lujan reunia a guarda de honra do lado de fora da entrada, ela disse com prudência: — Vou consultar meus conselheiros e irei mantê-lo informado, Senhor Hoppara. Mas compreenda que, se eu conseguir ajudá-lo a proteger sua casa, você deve me apoiar em outra questão.

O rapaz assentiu, em silêncio, e indicou ao criado presente que não servisse mais vinho. Mara fez uma pequena reverência e partiu na direção da porta. Kevin a seguiu devagar, observando o belo jardim do pátio. A parede e o quartel do Imperador estavam a uns bons cinquenta metros do biombo. O Comandante das Forças Armadas de Mara não relaxou um minuto sequer durante toda a hora em que conversaram.

— Um pequeno conselho — disse Kevin ao Senhor dos Xacatecas. — Duplique sua guarda e transforme este apartamento numa fortaleza. Três ou quatro Senhores foram assassinados em seus próprios leitos e, a não ser que os Brancos Imperiais tenham asas, não poderão transpor esse muro a tempo de ajudá-lo.

Enquanto Kevin se apressava para alcançar Mara e os guerreiros, o jovem Senhor dos Xacatecas pediu a presença de seu Comandante das Forças Armadas. O grupo abandonou os aposentos e logo ouviram a voz de comando de Hoppara, cortante como aço, parecendo muito a de Chipino:

— Não quero saber se não há nada para usar além de almofadas roxas e gaiolas de pássaros! Sele todas estas malditas janelas e crie barricadas em todos os biombos. As ideias

daquele bárbaro pouparam a vida de meu pai em Tsubar no passado e pretendo levar em conta o alerta dele!

Um criado, envergonhado com aquela explosão, apressou-se a fechar a porta, e Mara sorriu para seu escravo midkemiano.

— Hoppara é um jovem muito amável. Espero que sobreviva para poder vestir o manto da família.

— Espero que todos nós sobrevivamos — disse amargamente Kevin quando um amável empurrão de Lujan o colocou em seu lugar. — Esta intriga para escolher um novo Senhor da Guerra definitivamente me dá dor de estômago.

Espadas Sangrentas

O Conselho terminou.

Extensas sombras se espalhavam sobre o pátio entre os átrios quando Mara e sua comitiva optaram por um caminho alternativo na volta ao apartamento. Apesar de a reunião em si ter decorrido tranquilamente, o ar carregado de tensão deixou até os Senhores mais poderosos preocupados. Tecuma dos Anasati não fez objeções à ideia de Mara de unirem suas guardas de honra no caminho de volta aos respectivos aposentos. Como o Clã Ionani conquistara um destaque surpreendente, fosse ou não esse o seu desejo, o jovem Senhor dos Tonmargu foi visto como um candidato ao branco e dourado e Tecuma era vital em qualquer apoio que os Ionani desejassem dar a seu filho preferido. Se alguém quisesse lançar o caos entre os Ionani, a forma mais rápida seria matando Tecuma dos Anasati.

Eram tempos de incerteza para todos. Tecuma não acenou para se despedir quando, acompanhado por seus guerreiros, se desviou para a entrada pintada de vermelho de seu apartamento. Agiu como se Mara não estivesse com ele, para que ninguém interpretasse mal e achasse que havia um relacionamento mais caloroso entre sua casa e a dos Acoma.

Completamente exausta, Mara se dirigiu para seu quarto. Depois de passar tanto tempo na arejada sala de estar dos Xacatecas e no enorme e abobadado Salão do Conselho, o interior de seus aposentos parecia abafado e apertado. Mara se instalou, cansada, no cômodo central e Jican se aproximou de imediato, entregando-lhe um bilhete deixado por Arakasi. Mara quebrou o lacre e o leu. Franziu o cenho na mesma hora.

— Diga a Lujan para não tirar a armadura — ordenou, mandando depois um criado buscar penas e uma escrivanhinha de colo.

Kevin instalou-se, resignado, em seu canto habitual. Viu sua Senhora escrever duas mensagens bem depressa. Depois ela as entregou ao Comandante das Forças Armadas para que fossem entregues e deu breves instruções:

— Diga aos Senhores em questão que não temos mais detalhes. Se acharem que não são capazes de se defender, faça com que se juntem a nós agora mesmo.

— O que houve? — perguntou Kevin, acima do som das armaduras se deslocando quando Lujan escolheu uma escolta entre os guerreiros fora de serviço.

Mara entregou sua pena manchada a um criado e suspirou.

— Um dos agentes de Arakasi escutou um grupo de homens escondidos nos jardins imperiais. Um deles, descuidado, mencionou nomes, revelando que tinham sido enviados para atacar os aposentos de dois Senhores que, por acaso, são inimigos dos Inrodaka. Como qualquer um que possa prejudicar essa facção é um potencial aliado de nossa causa, achei sensato enviar um aviso. — Ela bateu com o bilhete no queixo. — Suspeito que isso implique que os Inrodaka e seu bando apoiam Tasaio.

A única criada em serviço entrou. Após um aceno de cabeça de sua Senhora, começou a remover as presilhas do penteado elaborado e repuxado de Mara e depois retirou-lhe os colares de jade e âmbar. A Senhora aguentou de olhos fechados.

— Só queria que houvesse informações mais claras sobre o perigo que corremos.

Kevin afrouxou sua túnica de escravo de estilo tsurani e, de um bolso que não deveria existir ali, retirou algo que parecia ser uma faca de cozinha. Virou a arma para a lamparina para inspecionar a lâmina.

— Estamos prontos — disse. — Faz alguma diferença a hora em que vierem?

Mara abriu os olhos.

— Você roubou isso da copa? Portar uma arma letal é uma sentença de morte.

— O fato de um escravo ter opiniões é motivo para ser morto, e você ainda não me enforcou. — Kevin a encarou. — Se formos atacados esta noite, não vou ficar parado vendo você ser morta por achar que um comportamento dócil vai me garantir uma posição melhor em minha próxima vida. Vou cortar algumas gargantas antes. — A última frase foi proferida sem qualquer pinga de humor.

Mara se sentia cansada demais para discutir. Jican já deveria ter sentido a falta da faca; se o hadonra não achara necessário comunicar o roubo, averiguar a situação só o faria encolher os ombros e lançar olhares inexpressivos, a não ser que ela lhe perguntasse diretamente. O hadonra e seu escravo midkemiano tinham desenvolvido uma relação complexa ao longo dos anos. Entre eles, a maioria dos assuntos resultava em conflitos intermináveis, mas, nas poucas questões em que se entendiam, era como se houvesse um juramento de sangue os unindo.

Perto da meia-noite, alguém bateu à porta dos aposentos dos Acoma.

— Quem está aí? — perguntou o guarda de serviço.

— Zanwai!

— Abra a porta! — ordenou Mara depressa, despertando no mesmo instante do sono nos braços de Kevin.

Bateu palmas para que a criada trouxesse um casaco e depois indicou a Kevin que ficasse em uma posição mais adequada, enquanto seus guerreiros levantavam a pesada tranca e

arrastavam para o lado a escrivaninha usada como barricada. A porta se abriu para um corredor sem iluminação e deixaram entrar um ancião; ele sangrava devido a um golpe na cabeça. Apoiava-se em um guarda, também ferido, que olhou por cima do ombro para ver se estavam sendo seguidos. Lujan apressou a dupla a entrar no aposento e depois voltou para ajudar os guardas a trancar a porta. Mara estava ao lado de uma esteira de dormir trazida do cômodo que servia de quartel dos oficiais. Seus criados livraram o guerreiro ferido do peso de seu velho Senhor, a quem instalaram confortavelmente numa pilha de almofadas.

Kenji, o Líder de Ataques, apareceu com um saco de remédios e lavou e enfaixou a ferida na cabeça do velho, enquanto outro dos guerreiros de Mara auxiliava o soldado a tirar a armadura. Seus cortes também foram cuidados — os mais profundos com unguentos — e fortemente enfaixados. Não havia nenhum que parecesse fatal. Mara mandou um criado buscar vinho e depois quis saber o que havia acontecido. Ainda pálido de choque, o velho fixou seus olhos de um azul espantoso nos de sua anfitriã.

— Um destino inoportuno, minha Senhora. Esta noite ceei tarde com meu primo Decanto dos Omechan para celebrar meu apoio à pretensão dele de vestir o branco e dourado. Quando estava me preparando para partir, o quarto dele foi invadido por soldados de armadura preta sem símbolos. O Senhor Decanto era seu alvo. Aconteceu de eu estar no caminho. Decanto ainda lutava quando escapamos.

O criado apareceu com uma bandeja com cálices cheios. Mara aguardou até que seus convidados se servissem; o guerreiro aceitou a bebida com a mão ainda sendo enfaixada.

— Quem enviou esses soldados? — perguntou ela com delicadeza.

O velho provou o vinho, esboçou um sorriso apreciando sua excelente qualidade e depois fez uma careta, pois o sorriso repuxou seus ferimentos.

— Temo que tenha sido um dos seis outros primos. Os Omechan são um clã numeroso e Almecho não indicou formalmente nenhum herdeiro entre seus sobrinhos dos Oaxatucan. Decanto era o sucessor óbvio...

— Mas alguém discorda — sugeriu Mara.

O Senhor dos Zanwai pressionou o pano contra o couro cabeludo e arrastou para trás uma mecha de cabelo ensopada.

— Decanto é o primogênito da irmã mais velha de Almecho. Axantucar nasceu primeiro, mas a mãe dele é uma irmã mais nova, o que gerou uma grande confusão. Almecho, maldita seja sua alma negra, achou que fosse imortal. Uma esposa e seis concubinas e nem sequer um filho ou filha.

Mara refletiu sobre o assunto e sorveu seu vinho antes de tomar a palavra:

— Sinta-se à vontade para ficar aqui, meu Senhor. Ou, se preferir voltar a seus próprios aposentos, forneço uma guarda de guerreiros meus para escoltá-lo de volta.

O ancião inclinou a cabeça.

— Minha Senhora, estou em dívida com você. Se permitir, permanecerei aqui. Uma

chacina está acontecendo lá fora. Eu tinha cinco homens em minha guarda de honra. Escapamos de pelo menos seis companhias... Receio que quatro de meus guerreiros estejam mortos ou morrendo. Havia outros grupos armados em movimento, mas, os deuses sejam louvados, não se preocuparam comigo ou com o último de meus homens.

Silenciosamente, Lujan dobrou a guarda na porta. Depois, encostou-se no batente entre os cômodos e, como costumava fazer, olhou de relance para o gume de sua espada.

— Todos vestiam armaduras pretas iguais às daqueles que os atacaram?

— Não vi — respondeu o velhote.

O guerreiro ferido foi mais explícito. Revigorado pelo vinho, arranhou umas palavras:

— Não. Alguns estavam vestidos dessa forma. Outros vestiam o laranja e preto dos Minwanabi... O Senhor Tasaio deve ter chegado esta noite a Kentosani. E ainda havia alguns... de uma seita.

Mara quase cuspiu.

— Assassinos! Aqui no Palácio Imperial?

Sob o resplandecente e perfeito gume da arma de Lujan, a Senhora e o Comandante das Forças Armadas se entreolharam. Ela se lembrava de quando quase morrera pelas mãos de um assassino de uma seita enviado por Jingu dos Minwanabi. Lujan conhecia a história.

O guerreiro retomou friamente seu relato:

— Eram de uma seita, minha Senhora. Túnicas pretas com capuzes, as mãos tingidas de várias cores, espadas presas nas costas. Circulavam em silêncio, olharam para nossas cores para saberem qual era nossa família e seguiram seu caminho. Esta noite não éramos a presa que queriam.

Kevin se ergueu e se juntou a Lujan sobre o trilho do biombo entre os quartos.

— O que são “seitas”? — quis saber.

Lujan percorreu a lâmina com o polegar. Não percebeu, ao toque, qualquer falha, mas ainda assim um olhar carrancudo turvou sua satisfação.

— As seitas — explicou em tom frio e modulado — são irmandades, famílias sem clã ou honra. As seitas não se aliam a ninguém nem a nada a não ser ao seu *Obajan*, o Grão-Mestre, e a seu código de sangue proscrito. Em outras palavras, menos polidas, são criminosos sem respeito pela tradição. — A espada emitiu reflexos sob a luz da lamparina quando o Comandante das Forças Armadas a girou. — Alguns deles, como os Hamoi, transformaram sua arte suja em uma religião de renegados. Creem que as almas das vítimas são verdadeiras preces em honra de Turakamu. Para eles, matar é sagrado. — Lujan embainhou a espada e sua voz adquiriu um tom de admiração invejosa: — São inimigos terríveis. Muitos deles foram treinados desde a infância e matam com muita eficiência.

— Sei quem quer me ver morta — afirmou Mara, com o cálice de vinho esquecido na mão. — Tasaio tem força suficiente para me ameaçar diretamente. Assim sendo, quem se atreve a contratar seitas e a introduzi-las no palácio?

O Senhor dos Zanwai, fatigado, encolheu os ombros.

— Vivemos tempos perigosos. A rivalidade está tão acirrada que pode levar um homem condenado a ter sua morte encomendada por qualquer uma das facções, e a obra de uma seita não deixa pistas.

— Irmãos podem matar irmãos sem nunca serem acusados de deslealdade. — Mara colocou seu cálice de lado e uniu as mãos trêmulas para firmá-las. — Quase queria que este assunto pudesse ser resolvido em uma guerra aberta. A matança pelo menos poderia ser mais limpa.

Suas palavras foram acolhidas com uma gargalhada amarga.

— Morto é morto — lembrou o Senhor dos Zanwai. — E qualquer contenda num campo de batalha resultaria no triunfo dos Minwanabi. — Então colocou sua taça de vinho de lado também. — Acho que uma seita é algo mais típico de Tasaio, simplesmente porque uma demonstração aberta das armas dos Minwanabi poderia assustar potenciais aliados e levá-los a apoiar outro candidato ao branco e dourado. E dizem que, no passado, os Minwanabi já haviam feito negócios com seitas.

Mara optou por não mencionar que sabia que isso era verdade.

— A verdadeira questão é saber quem está enviando soldados sem cores de casas para dentro do palácio.

Triste e em silêncio, ela reconheceu a realidade. Apenas poderia tentar adivinhar; poderia, aliás, nunca vir a saber determinadas coisas. Chamou os criados para que preparassem para o Senhor dos Zanwai um dos quartos de hóspedes ocupados por guerreiros.

— Bom descanso — disse ela enquanto um de seus homens o ajudava a se levantar. — Que todos nós vivamos para ver o amanhecer.

Ao longo de toda a noite, gritos ecoaram pelo palácio, assim como passos correndo e, às vezes, o retinir de espadas em combates distantes. Ninguém dormiu, a não ser por curtos intervalos. Mara permaneceu muitas horas nos braços de Kevin, mas o melhor que conseguiu foi cochilar por alguns momentos, num sono inquieto cheio de pesadelos sangrentos. Soldados Acoma ficaram de plantão em turnos, prontos para enfrentar qualquer ataque aos aposentos de sua Senhora. Uma hora antes do nascer do Sol, ouviram um barulho do lado de fora da porta do apartamento, fazendo com que os guerreiros em vigília pegassem em armas.

— Quem está aí? — perguntou Lujan.

A voz baixa que respondeu era a de Arakasi.

Mara já desistira de tentar dormir. Ela fez um sinal para dispensar a criada que chegara para ajudá-la a se vestir, enquanto a porta era destrancada e aberta para permitir a entrada do Mestre dos Espiões. Ele estava com o cabelo emaranhado, com sangue seco, e um antebraço

pendurado no outro cotovelo; a carne acima do osso do pulso era uma mistura de um inchaço horrível e de uma massa roxa.

Bastou um olhar para Lujan fazer um comentário seco:

— Vamos precisar de alguém para endireitar esse osso. — Ele pegou com força o Mestre dos Espiões por debaixo do ombro e o ajudou a atravessar o cômodo até a esteira que fora utilizada antes pelo Senhor dos Zanwai.

— Nada disso — resmungou Arakasi quando cruzou os joelhos e se acomodou nas almofadas. — O caos se instalou lá fora. A não ser que seja enviada ao menos meia companhia, um mensageiro pode ser esfaqueado antes de conseguir ultrapassar o primeiro átrio. — O Mestre dos Espiões fitou Lujan com determinação. — Seu curandeiro de campanha será o suficiente.

— Procure Jican — disse Mara à sua criada, de repente. — Diga para trazer bebidas alcoólicas.

Mas Arakasi ergueu a mão boa, antecipando-se a ela.

— Nada de bebidas. Tenho muito a contar e uma pancada na cabeça já me deixou tonto o suficiente; não preciso de álcool para ficar mais tonto.

— O que aconteceu? — quis saber Mara.

— Uma batalha entre guerreiros desconhecidos de armadura preta e uma dúzia de assassinos da Seita dos Hamoi. — Arakasi se calou enquanto Lujan examinava seu couro cabeludo, para depois desapertar seus guantes e começar a limpar o sangue encrostado com panos e água trazidos numa bacia pela criada.

— Vá buscar uma lamparina — disse o Comandante das Forças Armadas em voz baixa quando o ferimento ficou à mostra.

A criada obedeceu e Mara aguardou preocupada enquanto Lujan mantinha a chama diante dos olhos de Arakasi e observava a reação das pupilas.

— Ele vai ficar bem — garantiu, depois de pouco tempo —, mas na cicatriz pode ser que nasça cabelo branco.

Ao ouvir isso, o Mestre dos Espiões praguejou. A última coisa que um homem de sua profissão desejava era uma marca que o distinguisse. Em seguida, Lujan dedicou sua atenção ao braço.

— Minha Senhora — disse ele, com delicadeza —, é melhor que vá para a sala ao lado, mas deixe aqui Kevin e um guerreiro que seja bom no braço de ferro.

— Kevin já basta — disse Arakasi depois de resmungar em protesto.

O Mestre dos Espiões parecia mais pálido quando permitiram que Mara retornasse. Sob um cabelo bem aparado e de roupa lavada, seu rosto suava. Mesmo assim, não soltara um único

grito quando Lujan colocara seu braço no lugar. O comentário de Kevin quando voltou ao seu canto de costume foi: *Seu Mestre dos Espiões é duro como o couro de uma sandália velha.*

Mara aguardou pacientemente enquanto o Comandante das Forças Armadas terminava o serviço colocando talas e ataduras. Assim que Arakasi se instalou com o braço apoiado em almofadas, ela ordenou a um criado que fosse buscar vinho.

— Fale apenas quando se sentir preparado.

Arakasi olhou para trás com impaciência.

— Estou preparado para não ser alvo de tantas preocupações. — Assentiu em agradecimento quando Lujan se preparou para sair e depois voltou seus olhos negros para sua Senhora, pronto para voltar ao serviço. — Pelo menos mais três Senhores foram assassinados ou feridos. Muitos outros abandonaram o palácio e fugiram para suas casas na cidade ou para suas propriedades. Tenho uma lista. — Mexeu-se desajeitadamente e extraiu um papel de dentro da túnica.

O criado chegou com o vinho. Apesar de sua insistência na abstinência, Arakasi aceitou um copo. Bebeu, enquanto sua Senhora verificava as anotações escritas às pressas, e seu rosto recuperou um pouco de cor.

— Os mortos eram todos apoiadores de Tasaio e do Senhor dos Keda — resumiu Mara. — Acha que os assassinos estão trabalhando para os Ionani ou para a Facção dos Omechan?

Arakasi suspirou profundamente e depositou o copo.

— Talvez não. Axantucar dos Oaxatucan também foi atacado.

Mara escutou aquilo sem se surpreender, já que ele tinha poderosos rivais em sua própria facção.

— Como ele lidou com isso?

— Suficientemente bem. — De olhos cerrados, o Mestre dos Espiões se obrigou a relaxar. Com a cabeça encostada na parede, acrescentou: — Todos os atacantes morreram, o que é surpreendente. Eles eram membros de uma seita.

Mas Axantucar sempre se revelara um bom combatente. Ele também liderara tropas no mundo bárbaro. Mara observou seu Mestre dos Espiões e reparou que ele ainda estava tenso.

— Você sabe de algo mais.

— Quem me dera não saber, Senhora. — Arakasi mostrou um olhar sombrio demais. — Uma delegação de Senhores foi aos quartéis imperiais e apresentou uma exigência ao Comandante da Guarnição do Imperador. Querem três companhias de Brancos Imperiais de guarda no salão do Conselho. O Comandante recusou. Uma vez que a Luz do Céu não convocou um Conselho oficial, os salões não são de sua responsabilidade. O dever dele é proteger a Família Imperial, assim, não enviará soldados para longe de suas posições a não ser por ordem do Imperador.

Mara tamborilou com os dedos em um copo de vinho, num acesso de irritação contida.

— Quando o Imperador retorna?

— Segundo todas as minhas fontes, amanhã ao meio-dia.

Mara suspirou.

— Então não nos resta alternativa além de aguentar. A ordem será restaurada quando o Imperador chegar ao palácio.

Kevin ergueu as sobrancelhas.

— A presença dele, por si só, será suficiente?

Arakasi o corrigiu com secura:

— Os cinco mil soldados que vêm com ele é que farão a diferença. — Depois acrescentou: — Os grandes Senhores foram intransigentes ao apresentar o caso. Os Sumos Sacerdotes das Vinte Ordens se reuniram até tarde ontem à noite e proclamaram que a traição em Midkemia era uma prova da fúria divina. A tradição tsurani foi violada, alegam, e a Luz do Céu se desviou dos assuntos espirituais. Se Ichindar tivesse o apoio dos templos, poderia ainda liderar, mas neste momento tem de ceder e permitir que o Conselho nomeie um novo Senhor da Guerra.

— Então o assunto precisa ser resolvido até o meio-dia — observou Mara. As razões eram evidentes. Muitas tragédias já tinham ocorrido desde que o Imperador entrara no Jogo. Os Senhores do Conselho Supremo já tinham demonstrado que não se cederiam seu poder. Um novo Senhor da Guerra saudaria Ichindar quando retornasse ao palácio.

— Hoje à noite — disse Arakasi tranquilamente — este edifício se transformará num campo de batalha.

Kevin bocejou.

— Será que poderemos dormir antes disso?

— Apenas de manhã — concedeu Mara. — Temos de ir ao Conselho esta tarde. A reunião de hoje vai ser altamente decisiva para determinar quem sobrevive à noite. E amanhã os sobreviventes, independentemente de quem forem, vão designar o novo Senhor da Guerra de Tsuranuanni.

Quando Arakasi se preparou para se levantar das almofadas, Mara acenou para que permanecesse quieto.

— Não — disse ela com firmeza. — Você vai ficar aqui e descansar durante o dia. — O Mestre dos Espiões pouco fez além de olhar para ela e, mesmo assim, Mara falou como se ele a tivesse contrariado em voz alta. — Não — repetiu. — É uma ordem. Apenas um louco partiria do pressuposto de que os Minwanabi não irão aparecer. Você já fez mais do que o suficiente e Kevin estava certo ontem à noite. Haja ou não uma ameaça pendente sobre os Acoma, não abandonarei o Conselho. Já estamos preparados para um ataque da melhor forma possível. Se nossos esforços não forem suficientes, Ayaki está protegido em casa.

Arakasi inclinou a cabeça enfaixada de branco. Seu cansaço devia ser tremendo, pois, quando Kevin voltou a olhá-lo, a mente inquieta do homem já tinha sossegado. O Mestre dos Espiões de Mara jazia de pernas e braços abertos, dormindo ruidosamente, afinal.

A inquietação se apoderou do Salão do Conselho. Mara não foi a única Governante a entrar com mais do que a habitual guarda de honra — as alas entre os assentos e os átrios estavam repletas de guerreiros armados e o salão mais parecia um pátio de armas do que uma câmara deliberativa. Todos os Senhores mantinham seus soldados à mão, sentados no chão a seus pés ou alinhados junto às balaustradas entre as escadarias. Alguém que precisasse se deslocar de um lugar para outro era obrigado a seguir por caminhos sinuosos, muitas vezes tropeçando em soldados, que conseguiam apenas inclinar as cabeças e murmurar desculpas pela inconveniência.

Enquanto Mara abria caminho através das comitivas de duas facções rivais, Kevin resmungou entre dentes:

— Se algum idiota desembainhar a espada aqui, centenas de pessoas morrerão antes de alguém ter a oportunidade de perguntar por quê.

Mara assentiu.

— Olhe ali — disse, em voz baixa.

Na galeria inferior, o lugar em frente ao dossel do Senhor da Guerra estava ocupado. Guerreiros de laranja e preto tinham tomado o espaço em uma formação cerrada e, no meio deles, vestindo um conjunto de combate pouco mais ornamental do que prático, sentava-se Tasaio dos Minwanabi. Se Kevin ficara desapontado com a aparência inofensiva do Senhor Desio, o mesmo não poderia ser dito sobre seu primo. Tasaio aguardava sentado em sua cadeira numa imobilidade descontraída que mesmo de longe emanava presença de espírito. A imagem de um tigre surgiu na mente de Kevin. Tasaio passou rapidamente um olhar pelo salão. Por um breve instante, fixou os olhos nos de Kevin; ainda assim, o reconhecimento ocorreu. O rosto sob o elmo permaneceu impassível, mas foi inequívoco o choque de reconhecimento que assolou ambos. Kevin ficou olhando por mais tempo e depois inclinou a cabeça na direção de sua Senhora.

— O tigre sabe que estamos fora do covil dele.

Mara chegou à sua cadeira e se sentou, parecendo completamente concentrada em seu casaco.

— Tigre?

— São como seus sarcat, mas com apenas quatro patas e o dobro do tamanho e bem mais perigosos. — Kevin assumiu seu lugar atrás do assento dela, entalado no pequeno espaço ocupado pelos guerreiros a mais que normalmente esperariam no átrio superior.

Mara avaliou o salão, que lhe pareceu mais sombrio e, estranhamente, com mais eco do que o normal. Havia assentos vazios, mas o brilho de armaduras e bainhas de espadas sobressaía às sedas e joias entre os Senhores presentes. Conforme as intrigas se emaranhavam, as conversas iam ficando mais rebuscadas, as palavras ganhavam significado e os olhares entre os Senhores eram todos mais intensos. Cada lugar vazio representava um

membro do Conselho morto ou intimidado. As facções que permaneceram eram corajosas e algumas alianças políticas resultaram em um ambiente agressivo não declarado.

Um mensageiro do Conselho levou um recado a Mara. Ela quebrou o selo, olhou para os dois símbolos estampados no interior e depois pediu ao rapaz para aguardar enquanto lia. O Senhor dos Zanwai entrou, acompanhado por uma dúzia de guerreiros. Parecia recuperado da provação da noite anterior; como uma ala estava bloqueada, foi obrigado a improvisar um novo caminho, optando por um que o levou até perto de Mara. Ao passar, brindou a Senhora dos Acoma com um sorriso e um leve aceno da cabeça.

Ela retribuiu o cumprimento tácito, depois escreveu a resposta à nota que acabara de receber e encaminhou o mensageiro para outra galeria. Em seguida, dirigiu a palavra a Lujan:

— Conquistamos mais dois votos, graças às informações de Arakasi.

Os assuntos matinais foram sendo tratados. Mara conversou com uma dúzia de Senhores sobre temas aparentemente inofensivos. Embora Kevin tivesse tentado acompanhar o enredo, não conseguiu entender se as conversas disfarçavam ameaças ou ofertas de aliança. Com uma frequência cada vez maior, olhava para a galeria inferior, onde todo o tempo havia Senhores prestando tributo a Tasaio dos Minwanabi. Kevin não conseguiu deixar de reparar que cabia aos visitantes o grosso das conversas, enquanto Tasaio permanecia essencialmente calado. Quando respondia, suas palavras eram curtas e secas, como o provava o brilho de seus dentes alvos. Seus guerreiros, calçados com sandálias, jamais moviam um músculo, permanecendo sentados em uma inumana postura de estátua.

— Os seguidores dele o temem — sussurrou Kevin a Lujan num breve momento de confiança.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma reagiu com um aceno quase imperceptível.

— E eles têm bons motivos para isso — murmurou em resposta. — Tasaio é um grande assassino e mantém seu talento aguçado praticando com frequência.

Com o olhar voltado para a figura sentada na cadeira laranja e preta, Kevin sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Se o Jogo do Conselho era impiedoso, ali se sentava o mais implacável jogador de todos.

Mara voltou a seus aposentos para almoçar e se reunir com seus conselheiros. Arakasi enfaixara o braço numa tipoia e requisitara a escrivanhinha dela. Pela quantidade de notas e de penas, estivera bem ocupado e assim permaneceu quando Mara pediu a seus servos que trouxessem bandejas com alimentos leves. Kevin viu o Mestre dos Espiões redigir mais três missivas, os pergaminhos encaixados no antebraço com talas enquanto escrevia de forma regular com a mão esquerda.

— Você é destro — comentou o midkemiano; tinha olho de espadachim, e reparar com

qual mão um homem escrevia fazia parte de seus reflexos. — Eu seria capaz de jurar.

Arakasi não olhou para cima.

— Hoje não sou — disse, com uma ironia discreta.

Quando Kevin olhou para ver se a caligrafia fora afetada, ficou ainda mais espantado: a escrita demonstrava mestria. Uma das notas parecia ter sido escrita pela mão de um homem robusto; outra tinha um aspecto feminino e delicado; e uma terceira denotava que o autor não sabia ler ou escrever bem, mas fazia o que podia com sua pobre educação.

— Às vezes você fica confuso a respeito de quem é em cada dia? — inquiriu Kevin, pois ainda estava para encontrar um personagem que o Mestre dos Espiões não tivesse experimentado.

Arakasi não deu importância à pergunta e, com uma destreza invejável, dobrou e selou as cartas com apenas uma mão.

Mara já se livrara de seu casaco. Não pediu a Arakasi que lhe cedesse o lugar, optando por se sentar na esteira de dormir que ele deixara livre.

— Quem vai entregar essas cartas? — indagou com acidez.

O Mestre dos Espiões registrou a irritação dela fazendo uma reverência desajeitada devido ao estorvo da tipoia.

— Kenji mais uma vez se ofereceu — explicou, em tom gentil. — Estas são as respostas a uma manhã de trabalho frutífera. — Com o olhar de Mara revelando uma irritação crescente, Arakasi ergueu as sobrancelhas em sinal de repúdio. — A Senhora me proibiu de sair, e eu acatei a ordem.

— Estou vendo — comentou Mara. — Eu deveria ter percebido que você é capaz de dissimular seu sono tão bem quanto prepara seus disfarces.

— Os efeitos do vinho foram bem genuínos — retrucou Arakasi, levemente ofendido. Olhou para os papéis espalhados ao lado de seus joelhos. — Quer saber o que eu descobri?

— Tasaio — interrompeu-o Mara. — Ele está aqui.

— Mais do que isso. — O ar descontraído de Arakasi desapareceu. — A maioria das contendas ocorridas até agora não passaram de demonstrações táticas. Hoje à noite isso vai mudar. Partes inteiras do palácio estão sendo preparadas para abrigar grandes quantidades de guerreiros e assassinos. Algumas batalhas prévias ocorreram apenas para garantir as posições a partir das quais começarão os ataques.

Mara olhou em silêncio para Lujan, que lhe informou:

— Senhora, nossos soldados estão ainda a dois dias de distância, em marcha forçada. Só podemos contar, para nos defender, com as forças que temos aqui.

Aquelas palavras geraram um hiato de silêncio, no qual a chegada do criado com as bandejas pareceu ser uma intromissão ruidosa e estranha. Mara suspirou.

— Arakasi?

Instintivamente, o Mestre dos Espiões percebeu o que ela tinha em mente.

— Não são necessárias informações secretas. Tasaio está preocupado em conquistar apoiadores para sua pretensão ao trono do Senhor da Guerra. Ele espera que a Senhora manifeste seu apoio ao seu adversário mais forte. Mesmo que ele exagere ao avaliar sua coragem e que você tente deixar de lado a inimizade, sob um manto de neutralidade, ele irá avançar para destruí-la. Sua morte servirá para satisfazer o juramento de sangue da família dele ao Deus Vermelho e, ao mesmo tempo, lançará a desordem entre seus aliados. Sua popularidade está em alta. Derrubá-la chamará a atenção e talvez proporcione aos Minwanabi margem suficiente para reclamar o branco e dourado contra quem quer que saia incólume das lutas internas do Clã Omechan.

A essa altura, Mara já recuperara sua perspicácia.

— Tenho um plano. Quem tem chance de ser atacado esta noite?

Arakasi não precisou consultar as anotações.

— Hoppara dos Xacatecas e Iliando dos Bontura parecem estar no topo da lista.

— Iliando dos Bontura? Mas ele é um dos melhores amigos do Senhor Tecuma e um partidário declarado dos Ionani. — Mara reparou que o criado, ao lado das bandejas de comida, não sabia bem o que fazer. Fez um sinal para que retomasse seus deveres. — Por que um Senhor dos Ionani seria um alvo?

— Para avisar aos Tonmargu e aos outros Senhores do Clã Ionani que não se oponham a Tasaio ou aos Omechan — informou Arakasi.

— Um recado educado seria o suficiente — comentou Kevin.

Lujan interrompeu com um humor seco:

— Matar o Senhor Iliando é um recado educado tsurani.

Mara prestou pouca atenção à interrupção e dirigiu-se a Arakasi:

— Seus contatos conseguem enviar mensagens aos Senhores que julga que estão no topo da lista dos Minwanabi? Preciso pedir algum tempo para nos reunirmos no Conselho esta tarde.

Arakasi pegou a pena. Mergulhou a ponta e enfiou uma folha nova de pergaminho debaixo da tala.

— Só preciso de Kenji e de dois guerreiros para desempenhar a tarefa, tudo bem? — perguntou, e em seguida acrescentou, sem desviar os olhos das linhas que escrevia: — Eles precisam apenas ir à cidade entregar as mensagens a certo fabricante de sandálias nas bancas ao lado do rio. De lá, elas serão entregues por outras mãos.

Mara fechou os olhos, como se estivesse com dor de cabeça.

— Pode usar metade da companhia, se for necessário. — Em seguida, virou-se para Kevin. — Veja o que Jican preparou para comermos. Temos de voltar logo ao Conselho.

Enquanto o midkemiano se afastava para ir inspecionar as bandejas, Lujan partiu para vistoriar a guarnição.

— Os homens devem descansar — instruiu a seus Líderes de Patrulha. — Esta noite

vamos lutar.

Quando Kevin voltou com um prato e um suco, deparou-se com Mara ainda imóvel na esteira. Estava com um ar sério, as sobrancelhas unidas, olhando de forma fixa para o infinito.

— Você está bem?

Mara só se voltou para Kevin quando ele colocou a refeição perto de seus joelhos.

— Só estou cansada. — Então observou sem interesse a comida. — E preocupada.

Kevin soltou um suspiro exagerado.

— Por todos os deuses, estou grato por ouvir isso.

A piada a fez sorrir.

— Por quê?

— Porque estou absurdamente assustado. — Kevin enfiou um garfo tsurani com dois dentes numa fatia de jiga fria como se trespassasse um inimigo. — É bom saber que você também é humana debaixo desse estoicismo pragmático tsurani. Quando decido fazer algo imprudente, sinto-me tudo, menos complacente.

Do quarto ao lado veio o ruído áspero dos guerreiros afiando suas espadas de pele laminada.

— Este som dá vontade de me suicidar — acrescentou Kevin, olhando para Arakasi, que se dedicava às suas anotações, aparentemente bastante calmo. — Você nunca tem vontade de arremessar algo?

O Mestre dos Espiões ergueu o olhar, com um ar completamente inexpressivo.

— Uma faca — respondeu em tom calmo e gélido —, no coração negro de Tasaio dos Minwanabi. — Ele estava desarmado, com ataduras, um homem com roupas gastas escrevendo cartas em um aposento superpovoado. Mas, naquele momento, sentindo um arrepio, Kevin não saberia dizer qual deles era o mais perigoso: Tasaio dos Minwanabi ou o homem que servia Mara como Mestre dos Espiões.

Os guerreiros estavam a postos. Os cômodos do apartamento dos Acoma haviam sido transformados num acampamento militar. Mais catorze soldados vestindo o púrpura e amarelo dos Xacatecas se juntaram às fileiras Acoma. O Senhor Hoppa compreendia quase de imediato quando Mara se aproximou dele no Conselho. Dispondo de poucos homens para fortificar seus amplos aposentos e com os Minwanabi já prontos para atacá-lo, não viu necessidade de manter uma aparente neutralidade que só resultaria em ser encontrado morto pela manhã. Parte da guarnição dos Xacatecas combatera em Dustari e já conhecia Lujan. Os guerreiros procuraram velhos companheiros ou fizeram novas amizades enquanto aguardavam algo acontecer durante as primeiras horas da noite. Atrás das barricadas montadas com a mobília do cômodo central do aposento, no seio de um círculo de soldados e sobre as

almofadas e as liteiras que haviam sobrado, Mara sentia-se inquieta.

— A esta altura já deveriam ter voltado.

Hoppara agitou um dedo dentro de seu cálice de vinho para mexer os temperos e as frutas que gostava de acrescentar à bebida.

— O Senhor Iliando sempre foi um homem que desconfiou da lógica.

Mara resistiu ao impulso de procurar o conforto de Kevin quando a escuridão do crepúsculo se intensificou. Escutaram, então, os primeiros baques e gritos de combates ao longe, que ecoaram corredores afora. Contra sua vontade, Mara autorizara Arakasi a levar Kenji e uma patrulha de cinco homens para uma última tentativa de convencer Iliando dos Bontura do que estava acontecendo. Quando o ruído abafado dos duelos ressoou pelo palácio, Mara temeu que já fosse irremediavelmente tarde para que seus homens retornassem. No entanto, por fim, ouviu o sinal pelo qual tanto ansiava: uma batida codificada na porta. Os homens de Lujan logo afastaram as barreiras para o lado e baixaram a pesada tranca. A porta se abriu e Kenji entrou correndo, com um Comandante das Forças Armadas com plumas violeta e brancas logo atrás.

— Que os deuses sejam louvados — murmurou Mara quando entraram mais alguns guerreiros e, entre eles, o corpulento Senhor Iliando dos Bontura. Por fim, apareceram os guerreiros com o verde dos Acoma e, logo atrás, veio Arakasi correndo, com seu elmo com o símbolo de Líder de Patrulha fazendo sombra em um rosto pálido como pergaminho. No instante seguinte, a porta foi fechada.

Mara abandonou o círculo de proteção para se encontrar com ele.

— Não deveria ter corrido — disse em tom acusatório ao Mestre dos Espiões, consciente de que a palidez se devia unicamente à dor.

Arakasi fez uma reverência.

— Minha Senhora, foi necessário. — O braço com talas sob a capa de oficial estava muito bem escondido; ninguém saberia só de olhar que o guerreiro que tinha pela frente não estava pronto para se defender. Assim que Mara começou a recriminá-lo, o Mestre dos Espiões a interrompeu: — O Senhor Iliando estava irredutível até que, por fim, lhe mostrei um retrato completo de suas forças, da disposição de cada homem e quatro locais vulneráveis a um ataque. — Então baixou a voz, até sussurrar: — Foi sua própria fraqueza que o convenceu, não nossa crença de que ele seria um dos alvos, no intuito de dar uma lição ao Clã Ionani e ao Senhor dos Tonmargu.

Arakasi olhou para a porta, onde os guerreiros tinham recolocado a tranca e as barricadas: ao lado dela, o Senhor dos Bontura e seu Comandante das Forças Armadas conversavam com Lujan e Hoppara para planejar uma defesa conjunta.

— Não chegamos exatamente cedo — reconheceu o Mestre dos Espiões, voltando seu olhar para Mara. — Os aposentos do Senhor Bontura já estavam sendo atacados quando partimos, e as arcas que usei para bloquear a porta não vão deter por muito tempo os

atacantes. Quando se depararem com os cômodos vazios, virão para cá. — Diante do franzir de cenho de Mara, acrescentou: — Escapei pela parte de trás, através dos jardins.

Ela não se atreveu a perguntar como ele escalara os muros no estado em que se encontrava; a falta de fôlego bastou para mostrar o quanto se esforçara para recolher a escolta do Senhor Iliando. A Governante dirigiu então palavras duras ao seu Mestre dos Espiões:

— Livre-se dessa armadura — ordenou. — Procure uma túnica de servo e esconda-se nos armários com os criados da cozinha. É uma ordem — quase gritou quando Arakasi ameaçou protestar. — Quando isto terminar, se eu ainda estiver viva, mais do que nunca vou precisar de seus serviços.

O Mestre dos Espiões fez uma reverência. Mas, antes de desaparecer na direção da cozinha, usou seu símbolo de Líder de Patrulha para se dirigir a um par de guerreiros com as cores dos Bontura e dos Acoma:

— Levem o Senhor e a Senhora para a sala fortificada e tentem convencê-los a ficar lá. Seremos atacados a qualquer momento.

Alguns minutos mais tarde, ouviram o som pesado de machados ferindo os batentes das janelas. Os guerreiros nos quartos do lado do jardim ficaram a postos no mesmo instante, ao mesmo tempo que, no cômodo que dava para o corredor, ouviram um potente golpe na porta fortificada da frente.

— Um aríete — gritou Lujan.

Soldados Acoma correram e lançaram seu peso contra a mobília utilizada como barricada, mas seu esforço foi em vão. Veio um segundo golpe. Lascas de madeira explodiram para todos os lados quando os móveis, a tranca e a porta cederam e o aríete irrompeu pelo cômodo. Os invasores que tinham usado o seu corpo para fazer força caíram para a frente, abrindo caminho às fileiras de espadachins que surgiram de trás.

Os invasores que jorraram pela porta quebrada vestiam-se de preto, com um lenço cobrindo seus rostos. Quando o líder acenou a seus assassinos para avançarem, Lujan viu a mão pintada que identificava um assassino da Seita dos Hamoi. Começou a batalha entre as tropas aliadas e o inimigo, espada contra espada em um retinir ruidoso e pouco natural. Quando o Comandante das Forças Armadas de Mara se esquivou e estocou, percebeu tudo: alguns dos membros daquela seita tinham espadas metálicas, uma raridade no Império. Com um valor incalculável, tais armas nunca eram usadas em combate, apesar de sua mortífera capacidade de perfurar as armaduras laminadas tsurani.

Um guerreiro Bontura caiu, trespassado. Lujan mudou de tática, recorrendo ao guante para deter as afiadas pontas das espadas. Lançou um alerta a seus guerreiros e dois assassinos morreram antes de avançarem dois metros no cômodo. Lâminas comuns não seriam capazes de resistir a tantos impactos. O metal arrancou pedaços das bordas e abriu fendas na resina. Seis guardas Acoma foram derrubados e os homens de Lujan recuaram apressados para impedir que o inimigo se apoderasse da porta que ligava o cômodo dianteiro ao núcleo do complexo.

A batalha se tornou uma disputa entre dois lados quando os demais guardas Acoma, com os aliados Bontura e Xacatecas, se uniram para defender os Governantes abrigados atrás de uma parede composta de mobília empilhada.

Kevin permanecia ao lado de sua Senhora, com os olhos postos nas janelas do quarto mais distante e secreto. Os batentes balançavam e tremiam e o estuque estalava nos parapeitos, à medida que os golpes de machado persistiam. Guerreiros recolocaram as proteções no lugar: tábuas arrancadas de biombos, prateleiras e arcas de transporte. As escoras serviriam para retardar a invasão apenas por alguns minutos, e os atacantes da linha da frente estavam ganhando vantagem. Poucos minutos depois da primeira investida, uma torrente de guerreiros de armadura preta sem símbolos ou cores de casas se juntou aos membros da seita. Kevin avaliou as alternativas e tomou uma decisão. A barricada de mobília não aguentaria uma investida por três frentes.

— Minha Senhora, rápido, vá para aquele canto — recomendou a Mara.

O Senhor dos Bontura olhou espantado quando ela se levantou e mudou de posição.

— Por que está dando ouvidos a um escravo bárbaro?

Hoppara, mais elegante, explicou:

— O que o homem diz faz sentido, Senhor Iliando. Se permanecermos aqui, logo seremos cercados. — O Senhor dos Xacatecas se moveu para perto de Mara e depois olhou demorada e ponderadamente para Iliando, até que o combate se aproximou e a primeira das janelas cedeu. Quando os atacantes já estavam quase se apoderando do quarto, o velho e corpulento Governante cedeu.

Os dois Senhores empunharam suas armas e se colocaram diante de Mara. Kevin ficou por perto, mas um passo à frente, o suficiente para se mover caso fosse necessário.

A batalha no cômodo mais afastado se intensificou; não havia como saber quantos atacantes haviam entrado pela abertura na porta da frente. O som seco e misterioso de espadas de metal batendo nas espadas laminadas era rápido e furioso, misturado com gritos horríveis. Defensores do quarto mais ao centro se apressaram em duas direções, alguns para aguentar a investida frontal e outros para retardar o fluxo de atacantes que pressionavam para entrar pela janela desfeita; entretanto, na segunda janela os golpes de machado cessaram de repente. Kevin esticou o pescoço. Em meio aos estrondos e ao retinir da luta corpo a corpo, escutou o som de algo arranhando bem baixinho, através da parede às suas costas.

— Por todos os deuses! Alguém encontrou uma passagem para o quarto!

Hesitou e depois foi correndo na direção do biombo que dava acesso ao átrio. Uma lamparina estava acesa, inundando o corredor com um jogo de luzes e sombras bruxuleantes. Kevin avançou. Seus pés descalços sentiram vibrações no chão de madeira: guerreiros caindo e golpes de outro machado. Encostou-se à parede ao lado da porta do quarto de dormir, à espera, com a mão na faca de cortar carne escondida na túnica.

Um homem de armadura preta investiu. Kevin girou. Cravou um joelho na virilha do

homem e depois espetou a faca de carne na concavidade do pescoço sob a tira do queixo. Sangue quente escorreu em suas mãos quando atirou para trás o corpo trêmulo do homem quase morto contra outro que o seguia. Ambos os guerreiros caíram com um estrondo.

Havia mais chegando, uma onda deles.

— Lujan — gritou Kevin —, aqui atrás!

Consciente de que a ajuda poderia nunca chegar, o midkemiano se agachou, com a adaga empunhada para enfrentar o homem de armadura preta que saltou sobre a dupla já morta. A luz da lamparina refletiu na espada empunhada pelo atacante, comprida demais para uma lâmina curta poder estocar através dela e dura demais para que pudesse detê-la. Kevin recuou para o quarto. O guerreiro negro mergulhou. Kevin saltou e caiu para trás. A espada roçou no tecido que lhe cobria a barriga. Desequilibrado e consciente de que o golpe seguinte seria fatal, o midkemiano se esforçou para golpear o pulso acima da proteção do homem. Mas a faca só arranhou a carne e esbarrou no guante do inimigo. Kevin praguejou, encolhendo-se para suportar o golpe mortal. Porém, inesperadamente, o Senhor dos Xacatecas saltou de um canto e cravou sua espada nas costas do homem. O guerreiro enrijeceu. Suas pernas paralisadas deslizaram nas tábuas do chão; então ele desabou, revirando os olhos.

Outro assassino já investia vindo das profundezas do átrio.

— Meu Senhor! Cuidado! — gritou Kevin.

Hoppara rodopiou, levantando a guarda no último instante. A lâmina do inimigo não o atingiu, mas gume se chocou com gume em um estridente duelo de forças. O metal raspou na borda da couraça da armadura do jovem Senhor, cavando um sulco no verniz. Hoppara fez uma careta de dor. Girou o pulso em seguida, para se libertar; virou-o e desfechou um golpe ruidoso na lateral da cabeça de seu agressor. O assassino sem armadura vacilou para trás.

Da entrada aberta jorraram mais inimigos vestidos de negro. O Senhor dos Bontura lançou todo seu peso na batalha. E Mara ficou sozinha, exposta no canto.

Kevin se esgueirou entre o vaivém de espadas e bateu na proteção de cotovelo preta de um inimigo. A mão com que brandia a faca de carne ficou pegajosa de sangue. Ao estocar a arma, esta escorregou. O inimigo caiu, contorcendo-se, entre ele e sua Senhora.

Em seguida, dois machados se cravaram nas estruturas de madeira e os biombos atrás de Kevin desabaram para dentro. O estuque se desprende da parede quando os pesados painéis bateram e voltaram, para serem de novo lançados para trás por mãos tingidas. Mais assassinos da seita, com vestes negras, conseguiram entrar. Sem armaduras, saltaram para o parapeito, com as espadas retiradas das bainhas em movimentos fluidos. Kevin agarrou o pulso do homem que liderava. A espada desceu. Ele se esquivou para o lado e o puxou com toda a força. O assassino foi catapultado pela janela. Ambos os homens se desequilibraram. Quando caíram e rolaram pelo chão, a faca curta de Kevin se revelou uma vantagem. Ele a cravou no inimigo antes que este conseguisse manejar sua arma mais comprida.

Os corpos do assassino e do escravo bateram pesadamente na barreira de móveis. O

impacto cravou a faca de carne no esterno do morto. Kevin tentou puxá-la, em um esforço vão, e em seguida abandonou a arma e arrancou a espada dos dedos mortos.

Girando sobre os calcanhares com uma agilidade felina, Kevin levantou a espada. Lâmina contra lâmina, defendeu-se de um golpe que se aproximava veloz de seu pescoço. Do impacto resultou um som estridente e ressonante, não o ruído surdo que esperara. Kevin riu em voz alta. Tinha nas mãos uma espada de metal. Só os deuses saberiam explicar como ela aparecera ali, naquele mundo sem minérios, mas era uma arma que ele conhecia.

Kevin atacou violentamente com a estranha espada e não demorou para encontrar o equilíbrio. Comprida como um sabre, mas confeccionada com requinte, a espada podia ser manobrada com uma agilidade mortal, apesar de ser levemente curva na ponta.

O primeiro homem com quem Kevin se envolveu tropeçou para trás, confuso, ao se deparar com aquele bizarro escravo que sabia manejar uma espada. Em seguida, os olhos sob a máscara negra se estreitaram. O assassino recuperou a compostura e revidou. Atingido por um movimento brusco para a frente e diante de defesas bem treinadas, Kevin percebeu que enfrentava uma arma igual e um adversário de grande talento. Foi então que, ao seu lado, surgiu um guerreiro vestido de verde e outra espada passou a atormentar o flanco do assassino. Ombro a ombro, escravo e soldado Acoma empurraram o homem da seita na direção do átrio. O braço do assassino manjava a espada com a velocidade de um relâmpago. Defesa após defesa, Kevin evitou os golpes que procuravam tirar sua vida. O guerreiro Acoma se desequilibrou e cambaleou meio passo para o lado. Um laço estalou através da janela despedaçada e se enroscou em sua garganta desprotegida. Assim que cedeu e caiu de joelhos, o assassino da seita que lançara o garrote saltou através da janela.

Um segundo guerreiro Acoma e outro com as cores dos Bontura se lançaram sobre ele. Sozinho e obrigado a recuar diante de seu inimigo, Kevin se afastou para o lado, sem nada poder fazer. Mas a sorte o acompanhou. O assassino se atrapalhou enfiando um pé numa almofada lançada de algum lugar, escorregou e Kevin enfiou-lhe a espada sob a axila.

O midkemiano libertou a arma. Olhou em volta e viu o Senhor dos Xacatecas encurralado contra a parede por um guerreiro negro. O homem corpulento de alguma forma se desviara de um golpe que deveria tê-lo matado — o que por certo aconteceria no próximo. Não sendo tão ágil quanto o assassino, o Senhor, ainda assim, era mortalmente rápido. Kevin foi correndo na direção do guerreiro vestido de preto e o atingiu em cheio nas costas. O metal atravessou a couraça laminada com um barulho idêntico ao de um melão sendo perfurado. O inimigo morreu, engasgado em seu próprio sangue. Kevin deu um salto e se colocou à frente de Mara, com a espada em punho. Hoppa se posicionara ao lado da janela; um vulto negro encharcado de sangue estava estendido por cima do parapeito: o último assassino que tentara entrar.

Respirando com dificuldade e completamente suado, Kevin avaliou a situação. Uma louca batalha em três frentes se desenrolava no pequeno apartamento. Grupos de guerreiros vestidos de preto e com as roupas da Seita dos Hamoi arrombavam tudo à sua frente e lutavam com

todas as forças para derrotar os defensores sitiados. Um assassino da seita afastou-se da batalha, avistou Mara e colocou a mão na faixa que lhe servia de cinto. Ia atirar-lhe uma faca, percebeu Kevin, sentindo os pelos da nuca se arrepiarem.

No momento em que o assassino ia jogá-la, o midkemiano segurou a túnica de Mara. Jogou-se no chão e seu peso a arrastou para baixo. Quando o assassino lançou a faca, esta bateu na parede com estrondo, fazendo voar pedaços de estuque. Kevin sentiu um puxão na camisa. Viu uma dobra da túnica presa e sentiu o braço esquerdo pendurado num ângulo estranho. Mara estava caída debaixo dele, respirando com dificuldade devido à pressão do peso de seu corpo. O assassino viu que era sua oportunidade. Saltou para lá com a espada levantada projetando uma sombra sobre os rostos de ambas as vítimas. Kevin se virou. O tecido se rasgou quando ele lançou sua espada, com a ponta para a frente, na direção do assassino. A lâmina atingiu o homem na barriga. Ele se curvou, caiu de joelhos e despencou para a frente. A espada voou de sua mão e deslizou até se cravar no rodapé. Kevin soltou o último pedaço de sua túnica e depois arrancou da madeira a lâmina ainda vibrando.

Levantou-se no exato momento em que outro assassino passava os ombros pela janela e saltava para o quarto. O golpe de Kevin o decapitou em pleno salto. O corpo desabou, espalhando sangue, enquanto a cabeça quicava com um baque mórbido e úmido no chão.

A cabeça rolou e foi bater em um guerreiro com armadura negra que investira pela porta de trás. Kevin girou para enfrentá-lo. O guerreiro hesitou por um instante e depois apontou a arma para Kevin. O midkemiano se preparou para aparar o golpe da espada, mas só depois compreendeu: o homem não lutaria com um escravo. Revoltado como um touro, à maneira tsurani, optou por recorrer a seu peso para esmagar o bárbaro arrogante. Tarde demais, Kevin tentou se desviar para o lado. O inimigo se lançou com todo seu peso sobre ele, esvaziando seus pulmões e o empurrando para trás até a escuridão do átrio. Suas costas bateram em outros dois homens. Uma luta cruel entre os invasores da seita e os mais disciplinados defensores comandados por Lujan estava acontecendo. Kevin rolou para a esquerda quando o pesado guerreiro com armadura caiu sobre ele. Meio esmagado pelo braço do inimigo que brandia a espada, Kevin se debateu. Não seria fácil vencer: sua espada e a mão estavam presas contra a parede. Mas o outro homem também não estava tendo sucesso na tentativa de usar outra vez sua arma. O guerreiro não teve outra saída a não ser largar o punho de Kevin e socar ineficazmente o rosto exposto do escravo. Kevin tentou golpear o pescoço do homem, mas o esforço só lhe valeu um cotovelo esfolado. Então ele viu uma boa oportunidade. Lançou seu peso contra o agressor, fazendo-o rolar até deixá-lo de costas. Erguendo-se, Kevin colocou o braço ao redor da garganta do homem e, com a espada, perfurou-a profundamente. A garganta e a cartilagem foram cortadas. O guerreiro sacudiu-se violentamente e morreu.

Atacado por outros lutadores, Kevin se libertou do corpo. Esquivou-se de um assassino. Em seguida, correu de volta para a sala principal, onde tentou localizar Mara. Hoppara lutava com um homem de armadura ao lado da barricada de móveis. Um assassino dos Hamoi estava

vencendo o cansado Senhor dos Bontura. Kevin golpeou o flanco do homem vestido de preto e seguiu em frente. Mara não estava à vista. Deixando ao Senhor Iliando a tarefa de desferir o golpe final no assassino ferido, Kevin correu para o corredor que ligava os aposentos ao jardim. Os dois quartos estavam vazios. Havia um corpo retorcido no terceiro; outro soldado de armadura negra estava sobre a cama, com um olhar fixo e inexpressivo.

Kevin passou apressado pelo biombo até o último cômodo. Ali encontrou Mara encostada à parede, com uma adaga na mão e a roupa manchada de sangue fresco. Não teve tempo para exprimir seu pânico. Dois homens de armadura negra estavam se aproximando e não havia como fugir. Um dos homens tinha um golpe horrível na mão que brandia a espada; Mara já lhe ensinara que deveria tratá-la com respeito.

Um grito animalesco de raiva irrompeu da garganta de Kevin quando entrou com tudo no recinto. O primeiro guerreiro morreu antes de ter qualquer chance de se virar. O segundo recuou meio passo e depois ficou totalmente rígido quando Mara lhe cravou a adaga no espaço entre o pescoço e o elmo. Kevin rodou para a esquerda e para a direita à procura de mais inimigos. Sentiu um peso quente contra seu peito: era Mara. Ela não chorou; limitou-se a abraçá-lo, tremendo de medo e de cansaço. Ele a apertou com força, com a espada ainda a postos para a luta.

Mas, no corredor, o som dos combates diminuía. Os estalos e os sons metálicos dos golpes de espada terminaram com um baque e, depois, veio o silêncio. Algo estranho após tanto barulho de caos e morte. Kevin soltou um suspiro reprimido. Baixou sua arma gotejante e afagou o cabelo de Mara com dedos ainda extremamente pegajosos; então reparou nos cortes e arranhões que haviam passado despercebidos durante a contenda. Após algum tempo, ouviram alguém chamando dos cômodos mais afastados:

— Senhora!

Mara lambeu os lábios, engoliu em seco e obrigou-se a falar:

— Aqui, Lujan.

O Comandante das Forças Armadas dos Acoma entrou no quarto e se deteve de repente.

— Senhora! — repetiu. Seu alívio era bem visível. — Está ferida?

Só então Mara reparou em suas vestes manchadas e sujas. Suas mãos e até seu rosto estavam cobertos de sangue. Ainda segurava, com dedos escorregadios, a faca. Deixou-se cair, enojada, e distraidamente passou os nós dos dedos na túnica imunda.

— Estou bem. Alguém caiu por cima de mim. Este sangue é de um homem morto. — Como se tivesse percebido que continuava agarrada ao seu escravo, como uma criança, soltou-se e endireitou-se. — Estou bem.

Enjoado com o pesado cheiro de morte, Kevin avançou na direção da janela. O batente não passava de um amálgama de lascas, e do outro lado do pequeno jardim viu um buraco no muro de tijolos.

— Eles vieram do apartamento ao lado — disse, apático. — Foi assim que conseguiram

entrar por trás.

Lujan ergueu uma espada para que fosse analisada por Mara.

— Alguns dos assassinos tinham armas de aço.

— Por todos os deuses! — exclamou Mara. — Esta espada pertence a uma dinastia! — Observou a arma com mais atenção e franziu o cenho. — Mas ostenta um punho liso. Sem marcas de clãs ou de casas. — Fez um gesto brusco na direção do corredor. — Seus homens devem inspecionar os mortos. Veja se encontram mais espadas.

— Por que o interesse nelas? — Kevin se afastou do parapeito destroçado e estendeu o braço para Mara, que parecia continuar tremendo. Ele a conduziu com gentileza ao redor dos cadáveres e a guiou até o corredor do outro lado.

Então Lujan respondeu a sua pergunta:

— Há poucas espadas de aço no Império. Reza a lenda que cada grande casa, cuja linhagem remonta ao início de nossa História, possui uma delas. Apenas o Senhor da casa, isto é, o Governante, tem acesso à espada. São inestimáveis. Somente o natami é mais importante do que elas para a honra da casa.

Mara concordou.

— Os Acoma têm uma espada dessas, que pertenceu ao meu pai antes de mim e que guardo religiosamente para Ayaki. É uma rara arma de aço.

Chegaram ao corredor que dava para a sala central, agora banhada em sangue. Já havia guerreiros Acoma removendo os corpos do chão. Outras cinco espadas de aço jaziam encostadas à parede; com a de Kevin, eram seis.

— Estas foram encontradas com os assassinos mortos, Comandante das Forças Armadas?

— Minwanabi? — quis saber Kevin.

Os Senhores dos Xacatecas e dos Bontura vieram do quarto da frente, ambos tão encharcados de sangue quanto Mara, mas um pouco mais cansados. Atraídos pelo brilho do aço sob a luz bruxuleante da lamparina, também observaram as armas. Kevin limpou sua espada em uma dobra de sua manga.

— Esta é nova — disse tranquilamente. — Ainda tem leves marcas da roda do amolador e o selo do martelo do armeiro. — Inspeccionou-a mais de perto uma última vez. — Não tem marca de fabricante.

Todos os olhos se voltaram para o escravo. Iliando encheu o peito de ar, começando a se sentir ofendido, mas a curiosidade de Hoppara se adiantou à sua reação:

— Mas quem tem capacidade para fazer armas antigas?

Kevin encolheu os ombros.

— Entre meu povo, é um ofício comum. Qualquer ferreiro bom seria capaz de fazer uma cópia destas, acho eu.

Pouco interessado em permitir que um Senhor mais jovem o deixasse para trás, Iliando ergueu a espada e, categórico, lançou um comentário:

— É afiada, mas acho que não é tão bem-feita quanto as forjadas por nossos antepassados. Podem ser cópias, feitas com metais de qualidade inferior.

— Mas onde um homem acharia uma coisa dessas? — perguntou Hoppara.

— Em meu mundo — sugeriu Kevin. Os Senhores trocaram olhares, e o mais corpulento se mostrou espantado com os modos diretos do escravo. Contudo, nenhum deles o interrompeu. — Após cada batalha, seus guerreiros recolhem espadas e armaduras como saque. Alguém deve ter pegado ferro suficiente e um bom ferreiro e depois mostrou a ele uma de suas espadas ancestrais... — Fez um movimento com a arma. — Digamos que a copiou. Esta espada não é assim tão diferente das usadas pelo povo Hadati de minha terra natal. Um ferreiro de Yabon poderia forjar uma igual e não seria difícil encontrar um prisioneiro desses trabalhando para um de seus Senhores.

— Minwanabi — exclamou Mara, quase cuspiendo o nome. — Todos os metais trazidos como saque são propriedade do Império, sendo que parte é enviada como tributo para os templos, outra parte vai para o Tesouro Imperial e o resto serve para custear a manutenção do exército em Midkemia. Mas o espólio é vigiado pelo Senhor da Guerra e, em sua ausência, pelo Subcomandante. Tasaio ocupou esse posto por cinco anos. É tempo suficiente para um homem sem escrúpulos desviar recursos para as terras de seu primo. — O tom de Mara se tornou sugestivo: — Ou para sua propriedade, para uso particular.

As feições de Iliando demonstraram sua repugnância.

— Se todos os assassinos portavam uma destas, o custo deste ataque é inconcebível.

— Para um ataque ao Palácio Imperial? — interpôs-se Hoppara. — Sou capaz de apostar que seria necessário o quádruplo de espadas. — Observou as tábuas do chão manchadas de sangue. — Sem garantia de sucesso e com chance de todos os homens morrerem? Não, o mais lógico é que Tasaio tenha contratado a seita.

— Então — disse Kevin, chutando com a ponta do pé o elmo de um guerreiro negro tombado —, quem enviou este grupo?

Hoppara afundou-se, esgotado, em um canto livre de sangue de uma esteira de dormir. Observou sua espada, com o gume coberto de ranhuras e a ponta laminada gasta.

— Quem quer que tenha sido, o trabalho deles foi uma bênção. Os assassinos e estes guerreiros se atrapalharam uns aos outros. Não sei se teríamos aguentado sozinhos a Seita dos Hamoi.

Mara cruzou o aposento e sentou-se ao lado do jovem Senhor. O cansaço a fez suspirar.

— Conseguimos sobreviver graças à ajuda de bons guerreiros, meu Senhor. Todos deixaram nossas casas orgulhosas.

O Senhor Iliando lançou um olhar incisivo sobre Kevin, que continuava empunhando uma das espadas de metal.

— Os deuses não vão gostar disso... um escravo...

Mas Lujan o interrompeu no mesmo instante:

— Eu não vi nada.

O Senhor robusto se voltou para Mara, inflamado com o tom rude de seu Comandante das Forças Armadas. Ela retribuiu seu olhar fixo com olhos dóceis.

— Não vi nada de inconveniente.

Iliando soltou um profundo suspiro, mas foi Hoppara quem apaziguou a situação com mais diplomacia:

— O Senhor se refere, creio, à espada que salvou sua vida?

O Senhor dos Bontura ficou vermelho. Limpou a garganta, lançou um olhar a Kevin e depois encolheu rigidamente os ombros.

— Eu não vi nada — concedeu, com um resmungo, pois ali, nos aposentos de Mara, onde morreram guardas dos Acoma para salvar sua vida, contradizer a palavra de uma Senhora e de seu convidado seria um insulto à honra de Mara.

Kevin sorriu. Entregou a arma ensanguentada a Lujan, que a aceitou com uma expressão completamente impassível. Rápida em tentar amenizar a tensão ambiente, Mara disse:

— Meus Senhores, seria apropriado se cada um de vocês pegasse duas das espadas como saques de guerra. Planejo premiar soldados valorosos com as demais, como prova de minha estima pelos serviços prestados.

Os Senhores inclinaram as cabeças, pois o presente era um gesto magnânimo. Hoppara sorriu.

— Sua generosidade não tem precedentes, Senhora Mara.

O Senhor dos Bontura assentiu e, pelo brilho de seus olhos ao avaliar a enorme riqueza que acabara de receber, Mara percebeu que a ganância o dobrara. A transgressão de Kevin seria esquecida.

— Agora, vamos limpar o chão deste lixo desonrado — acrescentou Mara para Lujan.

Os guerreiros sobreviventes retomaram o trabalho, bainhas reunidas e espadas embainhadas, enquanto todos vasculhavam os corpos à procura de pistas que pudessem provar quem ordenara os ataques. Nada foi encontrado; as seitas ganhavam a vida com o anonimato. Os assassinos encapuzados ostentavam apenas a flor azul da Seita dos Hamoi e as tradicionais mãos pintadas de vermelho. Os soldados com armaduras pretas não tinham nenhum tipo de marca que permitisse identificá-los. Quando Lujan se convenceu de que nada que os incriminasse seria encontrado, ordenou a seus homens que os corpos fossem jogados no jardim pela porta de trás. Depois, destacou pelotões de guerreiros para voltarem a fazer barricadas nas janelas e nas portas com quaisquer materiais que achassem e destacou outro grupo para cuidar dos feridos.

Um soldado trouxe a Mara uma taça de água perfumada e um pano.

— Minha Senhora?

Mara esfregou o rosto e as mãos, irritada com a sujeira que logo manchou o recipiente.

— De manhã precisarei de minha criada. — Ergueu o olhar para o soldado. — Você está

indo muito bem, Jendli, mas amanhã preciso de algo mais do que a compaixão de bons soldados para me deixar apresentável para comparecer ao Conselho.

O Senhor Hoppara riu do comentário, surpreso por uma mulher tão delicada ter a fibra de já estar pensando nos próximos passos, depois do terror lancinante vivido na última hora.

— Começo a entender por que meu pai a admirava tanto — ele começou a dizer, e em seguida se deteve, quando uma estranha sensação se apoderou de todos os presentes.

De repente, Kevin se virou para trás, com as mãos vazias buscando a espada que já não portava. Um olhar na direção de Lujan lhe mostrou que o Comandante também estava examinando as sombras, à procura da origem daquele pavor inominável.

Então um fraco sibilor foi ouvido, como se vapor estivesse sendo liberado de um bulbo fervente. Todos os presentes na sala olharam para o chão, onde uma luzinha verde ganhava vida. Os guerreiros que tinham mais fé se retraíram instintivamente e os que tinham armas tocaram suas espadas. O brilho se intensificou, até se sobrepor à luz da única lamparina existente. Sentiram os olhos ardendo e lacrimejando devido ao brilho e à energia sobrenatural que arrepiou os pelos dos braços de todos.

— Magia! — sibilou o Senhor Bontura, com o branco de seus olhos arregalados se manchando doentiamente de verde devido ao brilho ofuscante.

A mancha de luz se dilatou e depois se transformou em uma forma sinuosa que se retorceu e ondulou no ar. Ninguém conseguiu se mover, já que o efeito da luz era hipnótico. O fenômeno se fundiu em uma aparição horrível e incandescente. Olhos cintilantes surgiram e então surgiram uma cabeça triangular e uma cauda mortífera afunilada, contorcendo-se no chão.

— Um relli! — disse Hoppara, falando baixinho.

Kevin conhecia a serpente venenosa de Kelewan, mas aquela era maior do que qualquer víbora de água doce que já vira. Com mais de sessenta centímetros, a serpente brilhava com um verde incandescente, lançando um brilho demoníaco sobre todos os objetos do cômodo. A criatura deslizou uns centímetros para a frente e sua língua bifurcada vibrou entre suas fortes mandíbulas para provar o ar.

Kevin olhou para Lujan, que, com dedos firmes, agarrou sua arma embainhada. No entanto, nem mesmo um espadachim tão bom conseguiria desembainhar a espada e ter esperança de atacar antes da serpente.

— Ninguém deve se mover — sussurrou Mara, ainda sentada, contendo a respiração.

Como se o som de sua voz tivesse estimulado uma resposta, um leve zumbido agitou o ar. A cabeça da serpente se virou de repente na direção da Senhora dos Acoma. Seus olhos se iluminaram e pareceram brilhar fantasmagoricamente através do corpo do soldado que se ajoelhara no meio do caminho, com a bacia ao lado dos joelhos e uma mão erguida para lavar o rosto da Senhora. A aparição mágica se contorceu para um lado. A cabeça enviesada se virou para Mara e a cauda se enroscou subitamente. A cabeça se ergueu e arqueou-se para trás.

Lujan meneou a cabeça na direção de Kevin, que, lentamente, deu um silencioso passo para trás. Com espaço para girar, o Comandante das Forças Armadas rodou o pulso. Libertou a espada da bainha e a deixou cair, com a ponta para a frente, na direção do pescoço da criatura. Contudo, contra uma conjuração arcana, nenhum homem poderia se mexer sem ser detectado. A criatura semelhante a uma serpente se ergueu até atingir sua altura máxima. E depois atacou, com uma velocidade imperceptível.

A espada de Lujan cortou o ar e Mara gritou de horror. O guerreiro ao seu lado se lançou na frente dela e a bacia virou, derramando água no chão. A aparição brilhante errou o alvo. Presas como setas perfuraram a couraça de couro, que não resistiu mais do que um tecido. A cabeça triangular afundou, desaparecendo no corpo do guerreiro como líquido sugado por um buraco, e a iluminação doentia fluiu para dentro. Por um momento, o ambiente ficou inundado por sombras. Então o guerreiro gritou. Suas mãos se mexeram e se fecharam de dor e seus olhos adquiriram um brilho verde. A iluminação se intensificou, espalhando-se por sua pele em uma maré ardente, e depois se incendiou, tornando-se ofuscante. A sala mergulhou em plena escuridão. Depois, a própria carne começou a se contorcer e enrugar. O branco dos olhos do homem dilatou-se e entrou em colapso, e seus dentes cintilaram de verde em gengivas que escureciam e queimavam sem chamas.

Hoppara e Iliando se encolheram e se afastaram num terror mudo; Mara sentou-se paralisada, como se o feitiço a mantivesse presa. Apenas Kevin, movido pelo amor, encontrou forças para reagir. Afastou-se para o lado, passou o braço para além da carne brilhante que se agitava num tormento irracional e agarrou Mara pelo antebraço. Com um grito de esforço, puxou-a e a arrastou para longe do alcance do guerreiro aos gritos. Depois, lançou seu próprio corpo sobre o dela.

Lujan recuperou os reflexos. Sua espada rodou para baixo num golpe de mestre e silenciou os gritos cruciantes. Fumaça saiu do corpo e o brilho verde tremeluziu e se dissipou. A luz bruxuleante da lamparina invadiu outra vez a sala, mantendo a escuridão longe. Completamente trêmulo, o Senhor dos Bontura fez um sinal contra o mal.

— Um mago deseja sua morte, Senhora Mara. Aquela coisa a detectou pelo som de sua voz!

Kevin limpou as mãos suadas na túnica, esquecendo que o tecido já estava empapado. Balançou a cabeça.

— Creio que não.

O Senhor dos Bontura pareceu irritado por ser contrariado, mas Mara se ergueu do chão sem se sentir ofendida.

— Por quê?

O midkemiano olhou para trás na direção dela, com seus olhos azuis fixos nela.

— Se um Manto Negro desejasse vê-la morta, já estaria morta a esta altura, e nada que pudéssemos fazer evitaria a tragédia. Um simples raio daqueles que vimos nos jogos bastaria

para acabar com tudo, mas, se alguém quisesse gelar seu sangue com o maior susto de todos para lhe dar um aviso, uma lenta serpente seria o ideal.

— Serpente? — questionou Mara, mas logo entendeu quando envolveu os joelhos com os braços, encolhida. — Você se refere ao relli. Sim, talvez você esteja certo.

— Há outra possibilidade — anunciou Hoppara, limpando o suor da testa com as costas da mão. — Magos e Sacerdotes inferiores sabem fazer magia e, ao contrário dos membros da Assembleia, podem ser suscetíveis a subornos.

— Quem? — Kevin se esforçou para não mostrar seu nervosismo. — Quem teria meios para isso?

Hoppara observou o homem que fora morto pelo feitiço com os lábios repuxados em uma assustadora careta que demonstrava sua dor.

— Se um homem pode usar a riqueza de uma nação para comprar assassinos da Seita dos Hamoi, não pode também subornar Sacerdotes de um templo poderoso ou contratar os serviços de um Mago renegado do Caminho Inferior?

— Você está acusando os Minwanabi? — questionou Iliando, com suas mãos grossas ainda agarradas às mangas.

— Talvez. Ou o grupo que enviou os soldados de armaduras pretas. — Hoppara se levantou de um salto, como se sua imobilidade pudesse queimá-lo. Vestido com a armadura, manchado de sangue e abatido pelo estresse, parecia-se muito com Chipino. — Amanhã poderemos descobrir, se sobrevivermos para voltar ao Conselho.

Ninguém disse mais nada.

Senhor da Guerra

Ocorreram mais quatro ataques.

Ao longo da noite, os soldados Acoma e seus aliados repeliram outras investidas de soldados de armaduras negras sem insígnias de casas. A Seita dos Hamoi não os incomodou mais, mas os soldados apareceram em ondas.

Na última investida, os defensores foram obrigados a recuar para o pequeno quarto de dormir da parte de trás do apartamento, que dispunha de apenas uma porta. Amontoados no pequeno espaço, repeliram os inimigos que investiram vindos do átrio e outros que tentaram forçar a entrada pela janela despedaçada. Kevin posicionou-se sempre diante de Mara e lutou como um homem possuído. Durante o terceiro ataque, quase todos foram feridos. Até o tsurani mais tradicional estava cansado demais para olhar duas vezes para o bárbaro ruivo e desbocado quando este descansava de espada e escudo nas mãos após mais um combate. Sua espada se manteve firme ao lado dos melhores guerreiros; logo, só os deuses poderiam julgar o destino daquele escravo que se recusava a reconhecer seu lugar. Com o decorrer da noite, e com a morte de mais homens, nenhuma mão capaz de empunhar uma espada poderia ser recusada.

Depois do quarto ataque, Kevin mal conseguia se mover. Tinha os braços doloridos devido ao cansaço e os joelhos tremiam descontroladamente. Quando o último guerreiro negro caiu sob o peso de sua espada, suas pernas cederam e ele se agachou, já sem a energia nervosa que o sustentara.

Mara lhe trouxe uma taça de água e ele riu com a inversão de papéis. Bebeu com vontade, enquanto ela cuidava dos outros combatentes ainda capazes de beber algo. Kevin vistoriou a carnificina. O chão, as almofadas, as paredes e todas as fendas do cômodo estavam brilhando de vermelho, e havia corpos espalhados em posições grotescas. O quarto, que outrora fora agradável, mais parecia agora um cemitério. Dos trinta soldados Acoma e das duas dúzias de Xacatecas e Bontura que uniram fileiras na noite anterior, apenas dez guerreiros Acoma, cinco Xacatecas e três Bontura haviam sobrado. O resto jazia esquartejado ou ferido entre as pilhas de cadáveres vestidos de negro que ninguém tivera forças para levar dali.

— Já matamos uns cem deles — Kevin notou, apático.

— Talvez mais. — Resgatado do armário da copa, Arakasi ajoelhou-se ao lado do escravo. A tipoia que sustentava o braço estava manchada de vermelho e a adaga na mão esquerda parecia colada aos dedos ensanguentados.

Kevin inclinou a cabeça.

— Isso não dói?

Arakasi espiou o braço com talas e assentiu.

— Claro que dói. — Olhou pela porta. — A manhã está chegando. Se vão aparecer uma última vez, não vão demorar muito.

Kevin fez um esforço para se levantar. Teria largado a espada se conseguisse fazê-lo sem cortar os tornozelos. Completamente esgotado e tremendo de tensão, atravessou, vacilante, a sala até o local onde Mara estava ajoelhada, cuidando dos ferimentos do Comandante das Forças Armadas de Hoppara. Mara ergueu o olhar e viu Kevin se aproximando. Parecia dolorosamente magra à luz da única lamparina que restara, com olhos grandes demais para seu rosto pálido; uma de suas mãos estava arranhada nos nós dos dedos.

— Você está bem? — quis saber Kevin.

Ela assentiu distraidamente enquanto lutava contra o cansaço para se levantar.

— Tanto... desperdício — comentou por fim.

De alguma maneira, Kevin reuniu forças para estender uma mão a fim de ajudá-la a se levantar.

— Não deixe que os outros a ouçam, meu amor. Poderiam expulsá-la do Conselho sob o rufar de tambores por causa de suas atitudes pouco tsurani. — Mara estava cansada demais até mesmo para lhe retribuir com um esboço de sorriso. — Aqui você não está segura — acrescentou ele. — Vamos mandar um dos criados cuidar do oficial de Hoppara.

Mara balançou a cabeça.

— É tarde demais.

Ela enterrou seu rosto no pescoço suado do amante. Kevin olhou para baixo e viu que o Comandante das Forças Armadas dos Xacatecas deixara de respirar. Sua força e a liderança tranquila que haviam mantido os homens em marcha ao longo das areias ardentes de Tsubar não passavam agora de lembranças.

— Por todos os deuses, era um grande guerreiro.

Kevin conduziu sua Senhora de volta ao pequeno quarto que se revelara o mais defensável. Lá, Lujan, dois guerreiros e o resto do pessoal doméstico de Mara estavam tentando retirar os cadáveres. Os soldados leais que pereceram foram levados para outro quarto de dormir, para depois serem cremados de forma honrosa, enquanto os corpos com armaduras negras foram empurrados com os pés ou rolados para fora, formando uma pilha no jardim.

Mara encostou-se em Kevin.

— Acho que o fedor deste quarto vai ficar eternamente no meu nariz.

Atordado de cansaço, Kevin afagou seus cabelos.

— O fedor de um campo de batalha não é fácil de esquecer.

Um estrondo vindo do outro lado da entrada ecoou pelo apartamento.

— Por Lashima, eles não param — gritou Hoppa em desespero. O Senhor Iliando curvou-se sobre sua espada, com um chiado doloroso na respiração, enquanto Lujan sinalizava a dois soldados para que assumissem posições ao lado da Senhora. Então o Comandante das Forças Armadas dos Acoma abriu caminho com os ombros ao longo do corredor, com Kevin em seus calcanhares. Já não havia defensores capazes em número suficiente para que ele pudesse ficar para trás, perto de Mara. Assim que chegaram à escura entrada, uma voz suave como veludo soou em seus ouvidos: — Não se preocupe com ela. Lute o melhor que puder, Kevin de Zun.

O bárbaro conseguiu virar a cabeça para ver a figura imóvel de Arakasi; em seguida, dois soldados negros irromperam pela barricada improvisada que os homens dos Xacatecas tinham erguido no átrio. Kevin investiu, enquanto de um dos lados mais inimigos pressionavam os destroços que bloqueavam uma entrada anexa.

Um homem em tal situação não poderia se dar ao luxo de pensar; teria, sim, de agir por instinto; Kevin atacou com violência, sentindo um tremor quando sua lâmina metálica rasgou o braço de um inimigo. Outro adversário tomou seu lugar. A pressão do ataque não diminuiu. Golpear, recuar e, de novo, golpear — Kevin movimentou-se, impelido pelo instinto. Estava consciente da presença de Lujan a seu lado e de alguém praguejando num tom uniforme. Em seguida, os guerreiros na porta adjacente conseguiram derrubar o entulho e os defensores começaram a morrer. Alguém caiu aos pés de Kevin e ele tropeçou, e só não se estatelou graças às mãos ensanguentadas e escorregadias de um guerreiro Bontura. Só conseguiu agradecer com um meneio de cabeça, pois de imediato já tinha outro invasor em cima dele. Enlouquecido, passou a imaginar onde, no Império, alguém poderia encontrar tantos conjuntos de armaduras negras. Ou será que alguém as tinha pintado por cima das cores originais das casas especificamente para aquele ataque?

Os inimigos invadiram inesperadamente o primeiro quarto, quando os defensores perderam força. Prevaleceu a quantidade. Lujan e seus últimos guerreiros sobreviventes foram repelidos para trás, cada vez mais. Mas não foram derrotados. Os tsurani possuíam uma coragem obstinada e, mesmo em retirada, não cediam terreno gratuitamente.

Kevin derrubou um guerreiro de armadura negra. Atrás dele, um exausto Senhor dos Xacatecas ajudou o Senhor dos Bontura a se dirigir para o segundo quarto. O homem mais pesado estava ofegante e parecia arrastar uma perna. Kevin sentiu um aperto no peito de tanto desespero. Mas a horrível e assustadora visão de Mara com uma espada cravada no coração deu-lhe ainda mais determinação para não desistir. Virou-se, ergueu a espada e atacou com fúria renovada. O intervalo proporcionou aos dois Senhores tempo para escaparem. Mais dois corpos vivos entre Mara e a morte, pensou Kevin de um modo prático e calejado. Quase riu ao

se lembrar das palavras encorajadoras de Arakasi. Ergueu e baixou a espada, esquivou-se e espetou. A fúria sumira; permanecera apenas a dor do cansaço. Seu ombro bateu então contra o batente de uma porta e ele pagou por seu movimento mal calculado. Uma espada inimiga acertou-o na altura das costelas. Ele a afastou, batendo com o metal na lâmina mais frágil. A espada do guerreiro negro se despedaçou com o golpe. Kevin cravou o aço no rosto surpreso do homem e depois tropeçou por cima de um corpo e aterrissou apoiado num joelho já do lado de fora da porta.

Recuperou-se devagar demais. Um guerreiro de armadura preta saltou atrás dele, desferindo um golpe desleal nas costas desprotegidas do bárbaro. A dor queimou sua pele, mas uma defesa rápida de Lujan afastou a espada. Kevin girou e desferiu um violento soco na barriga do inimigo, que se dobrou sobre si mesmo.

Do outro lado estava Arakasi, com uma espada na mão esquerda, parecendo um rapaz ameaçando alguém com uma clava.

— Você está bem?

Kevin arquejou.

— Dói como o inferno, mas vou sobreviver. — Contra a luz cinza perolada que se infiltrava pelos biombos quebrados, viu guerreiros negros se juntando para uma investida pelo corredor. Reprimiu outra gargalhada. — Eu disse sobreviver?

Atrás, Lujan resfolegava devido ao esforço; o choque de espadas ressoava como um alerta; mais uma vez o inimigo abrira uma brecha na parede que dividia os aposentos de Mara e o quarto anexo.

— Guardem esta porta! — resmungou Kevin, e saiu correndo até onde Mara estava. Lá, dois soldados Acoma estavam diante, protegendo a Senhora, enquanto meia dúzia de guerreiros inimigos tentava subjugar-los.

— Bastardos! — gritou Kevin com voz rouca.

Então atirou-se contra a retaguarda do grupo. Os homens que atingiu empurraram os da frente. As pernas se emaranharam e os braços que empunhavam as espadas se atrapalharam. Todos desabaram no chão. Kevin deslizou e rolou pelo piso escorregadio, obrigando mais uma vez seus músculos exaustos a reagir. Levantou-se com a espada à frente e deu um passo hesitante. Três inimigos tinham sobrevivido à investida. Kevin incapacitou o que estava mais próximo. Depois cortou a parte de trás do pescoço de outro, apesar de o golpe quase não ter tido força para ferir. Assim que os dois soldados Acoma se lançaram para aniquilar os últimos atacantes, Mara gritou:

— Kevin! Atrás de você!

Kevin se virou, vendo com o canto do olho que o homem que incapacitara brandia uma adaga. Mas ele teria de deixá-lo por conta do destino, pois uma espada zumbiu perto de sua cabeça. Lançou-se para a direita, prendeu um pé na perna torta de um morto e chocou-se violentamente contra o cadáver. A espada do atacante traçou uma linha oblíqua no alto seu

braço esquerdo. Urrando de raiva e de dor, Kevin se contorceu. Sua lâmina atingiu o inimigo logo acima da virilha. Limpou o sangue dos olhos. Um dos soldados Acoma saltou para o seu lado, impulsionando-se com um pé no escudo do homem moribundo. O inimigo, agitando-se violentamente, caiu para trás no estreito corredor, atrapalhando outro guerreiro que estava atrás dele.

Kevin arquejou com dificuldade.

— Por todos os deuses! Há mais deles!

Esforçou-se para aguentar firme, ouvindo um ruído terrível e vibrante. Trombetas, concluiu, apático. Tinha as costas ardendo e o braço direito pendente. O suor pingava em seus dedos. Ainda assim, levantou-se com dificuldade e se arrastou atrás de um dos soldados Acoma em direção à porta que dava para o corredor. Às suas costas, um último homem aguardava, com a espada a postos na frente de Mara, para protegê-la. Kevin mostrou um sorriso retorcido de despedida, antes de ir tropeçando até o átrio. O fim estava próximo. Lujan, Arakasi, Hoppara e Bontura, nenhum deles estava à vista, apesar de estar ouvindo sons de luta vindos do segundo quarto. Sem nenhuma ajuda, suas forças pareciam lhe escapar rápido demais para poder sobreviver. Assim que chegou à última entrada, Kevin avistou dois soldados de armadura negra fugindo pelo buraco na parede em direção ao jardim. Achou a pressa deles engraçada, mas lágrimas surgiram em seu rosto, não sorrisos. Ouviu de novo o som de uma trombeta, desta vez mais alto. Então o silêncio se apoderou do apartamento, salvo pelos gemidos de um guerreiro ferido e, em algum lugar, o chiado da respiração penosa do Senhor dos Bontura. Lujan saiu aos tropeções de uma das entradas, já sem elmo e com um fio de sangue escorrendo pelo rosto, vindo do couro cabeludo. Lançou um sorriso bobo a Kevin e vacilou antes de se deter, exausto.

— O Imperador! Ele está aqui! Aquelas trombetas são da guarnição do palácio. Os Brancos Imperiais voltaram!

Kevin desabou no lugar onde estava e apenas a parede onde encostou o ombro o impediu de se estatelar no chão. Lujan se deixou afundar a seu lado. Um corte feio em sua testa sangrava profusamente e sua armadura estava toda retalhada. Kevin largou a espada, tateou à procura de uma almofada esfarrapada e a usou para estancar o jorro de sangue. Hoppara saiu aos tropeções pela porta do quarto, com o Senhor Iliando apoiado em seu braço. Mas Kevin só conseguia olhar para Mara. Tão exausta quanto os outros, ela se aproximou e se ajoelhou ao lado dele.

— O Imperador? — perguntou.

Antes de Lujan conseguir responder, dois guerreiros vestidos de branco marcharam impávidos através da entrada. Um deles perguntou em voz alta:

— A quem pertence este lugar?

Mara se endireitou. Com o cabelo emaranhado e a túnica manchada de vermelho, recuperou a postura ativa de uma Senhora.

— A mim, Mara dos Acoma! Este é meu apartamento. Os Senhores dos Xacatecas e dos Bontura são meus convidados.

Se o guerreiro imperial achou estranha sua escolha de palavras, não fez comentários.

— Senhora — disse, dirigindo-se a ela em tom formal, com as sobrancelhas erguidas, enquanto olhava ao redor para toda aquela carnificina. — Meus Senhores. A Luz do Céu ordena a todos os Governantes que se dirijam ao meio-dia ao Conselho Supremo.

— Estarei presente — anunciou Mara.

Sem mais palavras, os Brancos Imperiais deram a volta e partiram. Kevin deixou a cabeça bater contra a parede. Lágrimas de cansaço escorreram por seu rosto.

— Eu seria capaz de dormir durante meses.

Mara tocou seu rosto, quase com pesar.

— Não há tempo para isso. — Em seguida, dirigiu a palavra a Lujan: — Descubra onde Jican está escondido e diga a ele para ir à nossa casa aqui na cidade para buscar roupas. Também deve trazer todos os criados, homens e mulheres. Este lugar precisa ser limpo e eu, até o meio-dia, devo estar pronta com um traje formal.

Kevin cerrou os olhos, saboreando um abençoado momento de paz. Por mais cansado que estivesse, Mara teria um dia longo e penoso pela frente. Aonde ela fosse, ele, por amor, deveria acompanhá-la. Erguendo-se, abriu os olhos e fez um sinal a um igualmente exausto guerreiro Acoma.

— Venha, vamos fertilizar o jardim.

Com a almofada pressionando a cabeça, Lujan sinalizou ao soldado para que obedecesse. Kevin mal teve de dar um passo antes de se deparar com o primeiro corpo, que pegou por debaixo dos braços. Assim que o guerreiro levantou os pés e ambos bateram desajeitadamente no biombo devido ao peso, Kevin comentou:

— É pena não terem sido mais assassinos dos Hamoi em vez destes aqui, assim não teríamos de arrastar armaduras.

Lujan balançou levemente a cabeça e esboçou um tênue sorriso diante da estranha percepção que Kevin tinha das coisas.

Após horas de atarefados preparativos, Mara saiu de um apartamento livre de cadáveres e de destroços. Tinha o cabelo lavado e preso com um enfeite de joias; túnicas formais tinham sido trazidas de sua casa na cidade e caíam harmoniosamente sobre pantufas sem manchas de sangue. A guarda de honra vestia enfeites pegos emprestados da guarnição da casa e as plumas de oficial de Lujan balançavam orgulhosamente em seu elmo, ainda úmido, mas, pelo menos, já limpo. Apesar de os guantes e as capas flutuantes esconderem cascas de feridas e ataduras, e de os movimentos dos guerreiros serem rígidos, Mara considerou que, a julgar pela

aparência, a honra dos Acoma permanecia imaculada, quando se aproximou da entrada para as instalações do Conselho Supremo.

Havia Brancos Imperiais de guarda nos corredores e um grupo de dez homens posicionado em frente ao portão. Ali, sinalizaram ao grupo de Mara para que se detivesse.

— Senhora — alertou um dos soldados, meio desrespeitoso —, a Luz do Céu permite a entrada de apenas um soldado como acompanhante, para evitar mais banhos de sangue em seu palácio.

Diante de uma ordem imperial, Mara teve de se curvar. Após um breve momento de reflexão, inclinou a cabeça na direção de Lujan.

— Volte a nossos aposentos e aguarde instruções.

Depois escolheu, entre as fileiras de sua guarda, Arakasi, e fez um sinal para que avançasse. A tipoia debaixo do guante poderia diminuir suas chances em combate, mas ela não desejava ficar sem seus conselhos. E, depois da noite anterior, mesmo se um Senhor se enfurecesse o suficiente para se tornar violento na presença da guarda do Imperador, Kevin seria capaz de manejar a espada guardada na bainha de Arakasi. Contudo, quando Mara acenou para que seu escravo pessoal avançasse, o guarda levantou a mão.

— Um soldado apenas, minha Senhora.

Mara olhou para ele com desprezo.

— As túnicas de escravo estão parecidas com armaduras hoje? — Estreitou os olhos e reuniu toda a sua arrogância: — Não sujeitarei um guerreiro ferido com honra aos deveres de um mensageiro comum — acrescentou. — Quando precisar chamar minha escolta, o escravo será necessário para levar minhas ordens.

O guarda hesitou e Mara passou por ele e seguiu em frente sem olhar para trás, a fim de evitar que o comportamento pouco servil de Kevin fizesse o guarda mudar de ideia. O salão pareceu meio vazio em relação ao dia anterior, e os Senhores presentes eram consideravelmente mais prudentes. Mara recebeu alguns cumprimentos ao passar rumo ao seu lugar, reparando em cada um dos assentos vazios.

— Faltam pelo menos cinco Senhores dos Omechan — sussurrou a Arakasi.

Assim que se sentou em sua cadeira, houve um surto de atividade. Soldados, que se limitaram a fazer reverências e partir sem respostas, colocaram diante dela uma dúzia de recados. Mara examinou de relance todas as anotações e depois passou as folhas a Arakasi, que as guardou na túnica sem sequer vê-las.

— Ganhamos — comentou, espantada.

Apontou para uma parte que estivera vazia na semana anterior. Agora, nobres muito bem-vestidos ocupavam seus lugares, acompanhados por guerreiros que pareciam não ter lutado recentemente.

— A Facção da Roda Azul está entre nós.

Arakasi assentiu.

— O Senhor Kamatsu dos Shinzawai veio negociar com os outros, para garantir qualquer vantagem que o Senhor dos Keda possa ter. Ele e o Senhor dos Zanwai pouco farão além de evitar que a facção deserte em massa logo nos primeiros dez minutos.

Mara olhou de soslaio para o grupo, esperando ver o rosto familiar de Hokanu. Mas havia apenas um soldado com o azul dos Shinzawai e ela não o conhecia; usava a pluma alta de Comandante das Forças Armadas. Obviamente, não fora permitido ao herdeiro dos Shinzawai se deslocar para um lugar onde corresse perigo. Mara se sentiu desapontada.

Impôs-se um silêncio no recinto quando por fim entraram os dois Senhores de mais elevado status. Axantucar, agora Senhor dos Oaxatucan, desceu para sua cadeira praticamente ao mesmo tempo que Tasaio. Ambos caminharam com uma postura altiva, como se fossem os únicos homens relevantes na sala. Nenhum deles sequer olhou para seu maior rival. Assim que cada um dos candidatos se sentou, uma série de Senhores se levantou para ir conversar com Tasaio ou Axantucar. Todos se detiveram por um momento, como se trocassem uma breve saudação, e, em seguida, regressaram a seus lugares.

— O que estão fazendo? — quis saber Kevin.

— Votando para o cargo de Senhor da Guerra — respondeu Arakasi. — Com esse gesto, cada Senhor confirma sua lealdade ao pretendente que prefere. Os indecisos — com a mão varreu o salão — observam e escolhem.

Kevin olhou para baixo e observou que Mara analisava cuidadosamente o desenrolar do Grande Jogo.

— Quando vai até Oaxatucan?

— Ainda não. — Mara franziu a testa estudando a ordem de nobres que cruzava o pavimento na direção do Senhor dos Oaxatucan ou do Senhor dos Minwanabi.

Então, sem razão aparente aos olhos de um forasteiro, Mara se levantou de repente e desceu a escadaria. Atravessou o piso inferior como se estivesse indo até Tasaio. O silêncio tomou conta do salão. Todos os olhos se voltaram para aquela mulher esbelta quando ela subiu os degraus na direção da cadeira do Minwanabi. Depois, deu a volta e em três passos curtos se colocou ao lado de Hoppara dos Xacatecas. Dirigiu-lhe brevemente a palavra e voltou a seu lugar.

— O que foi aquilo? — murmurou Kevin. — O rapaz pode ocupar o cargo?

— É um truque — explicou Arakasi.

Diversos outros Senhores foram falar com Hoppara e logo se tornou evidente que mais nenhum candidato se apresentaria. Kevin fez uma estimativa rápida.

— Está tudo praticamente empatado — disse. — Um quarto para os Minwanabi, um quarto para os Oaxatucan, um quarto para os Xacatecas e um quarto de indecisos.

Por um longo momento ninguém se mexeu. Senhores se sentaram e olharam em volta, ou conversaram com conselheiros e criados. Depois, um ou outro Senhor, aqui e ali, se levantava para se dirigir a um dos três pretendentes. Passado um tempo, outro manifestava sua

preferência.

— Veja! — disse Kevin. — Aquele Senhor que tem um enfeite de penas na cabeça falou primeiro com o Minwanabi. Agora está falando com o Oaxatucan.

Mara confirmou:

— O equilíbrio de forças está oscilando.

A tarde se arrastou. Enquanto os feixes de luz do sol atravessavam a cúpula, lá no alto, avançando gradativamente o lugar em que incidiam sobre o piso, o Conselho Supremo dava seguimento ao estranho costume que determinava a supremacia entre os Governantes do Império. Mara se levantou duas vezes para ir conversar com o Senhor dos Xacatecas, demonstrando que seu apoio ao jovem era inabalável. Depois, com a noite se aproximando, Mara assentiu em resposta a um sinal previamente combinado. No mesmo instante, ela e o Senhor Hoppara se levantaram. Juntos, ambos desceram de seus lugares para se colocarem diante da cadeira de Axantucar. Um rumor percorreu a câmara. De repente, outro grupo de nobres abandonou seus lugares e avançou para se posicionar diante do Senhor dos Omechan. Então Mara voltou para seu lugar.

— Agora — disse.

Kevin viu os olhos dela se voltarem para o local onde Tasaio estava sentado. O Senhor dos Minwanabi retribuiu com um olhar de pura maldade que provocou um intenso arrepio em Kevin. Naquele instante, sentiu dor em seus ferimentos, suas roupas deram coceira e todos os hematomas conquistados na noite anterior fizeram com que permanecer de pé se transformasse em um teste de resistência. Enquanto Kevin se questionava por quanto tempo mais o Conselho poderia se arrastar sem uma solução, o ambiente no salão se alterou subitamente: de uma espera tranquila, passaram para uma expectativa tensa.

Tasaio se ergueu. A grande câmara silenciou. Com uma voz que soou bem alta em meio ao silêncio, o Senhor dos Minwanabi dirigiu a palavra aos presentes:

— É adequado que se envie uma mensagem à Luz do Céu informando que um dentre nós está pronto para vestir o branco e dourado e que ele será o primeiro entre todos os outros a garantir a continuidade do Império. Que todos saibam que seu nome é Axantucar dos Oaxatucan.

Os presentes no Conselho aplaudiram em uníssono, produzindo um ruído que ecoou amplamente pela câmara até o mais elevado dos arcos do teto; no entanto, Kevin reparou que mais de metade dos Senhores reagiu com pouco entusiasmo.

— Por que Minwanabi desistiu? — perguntou a Arakasi.

Mas foi a própria Mara quem esclareceu:

— Ele foi derrotado. Faz parte da tradição que o segundo colocado faça o anúncio do vencedor publicamente ao Imperador.

Kevin sorriu.

— Deve ser difícil de engolir.

A Senhora dos Acoma assentiu lentamente.

— Difícil mesmo. — Ao notar o visível e crescente alívio de seu amante, ela acrescentou: — É preciso ter paciência. Reza a tradição que devemos aguardar até que a Luz do Céu reconheça a nomeação.

Kevin aguentou o melhor que pôde. Apesar da convocação do Conselho e da eleição de um novo Senhor da Guerra, o bárbaro ainda não se convencera de que Ichindar permanecia tão refém das tradições quanto Mara achava. Contudo, optou por não fazer comentários. Cerca de meia hora depois, apareceu um mensageiro com um uniforme branco e dourado, escoltado por uma companhia de Brancos Imperiais, que traziam um manto de penas alvas com as bordas de um dourado brilhante. Curvaram-se diante da cadeira dos Omechan e apresentaram a capa a Axantucar.

Kevin observou o novo Senhor da Guerra enquanto o manto era colocado sobre seus ombros. Enquanto Almecho, seu tio, tinha um corpo que lembrava um barril e o pescoço largo como o de um touro, seu sobrinho parecia um poeta ou um mestre esguio. Sua estrutura era extremamente alongada e tinha um rosto ascético, quase delicado. Mas seu olhar triunfal revelou uma alma tão predatória quanto a de Tasaio.

— Ele parece satisfeito — disse Kevin em voz baixa.

Arakasi falou pausadamente:

— E tem de estar. Deve ter gastado grande parte de sua herança para mandar assassinar meia dúzia de Senhores.

— Acha que os guerreiros de armaduras pretas eram dele?

— Quase não tenho dúvidas disso.

— Qual seria o interesse dele em enviar soldados para nos atacar? — questionou Mara. — Apoiaríamos qualquer rival de Tasaio.

— Para prevenir alianças imprevisíveis. E para assegurar que a culpa da chacina generalizada caísse sobre os Minwanabi. — A disposição de Arakasi tornou-se mais exuberante, talvez devido à satisfação de ver um inimigo derrotado: — Ele venceu. E o Minwanabi, não. Tenho quase certeza de que a seita foi contratada por Tasaio. É lógico que os outros soldados eram dos Omechan.

A ordem voltou ao Conselho e, depois de um intervalo de discursos, durante os quais nada de relevante ocorreu, Mara ordenou a Kevin que fosse buscar Lujan e os guerreiros.

— Vamos voltar esta noite para a casa da cidade.

O midkemiano fez uma reverência própria de um escravo e abandonou lentamente o enorme salão com seus enigmáticos Governantes cobertos de joias. Mais uma vez, chegou à conclusão de que os tsurani eram uma raça estranha, com os costumes mais rebuscados que um homem poderia encontrar.

A calma voltou a Kentosani. Mara e seu pessoal doméstico tiveram um período de descanso, para curar as feridas e assimilar as alterações ocorridas na política desde que Axantucar assumira o cargo de Senhor da Guerra. As noites foram de festa na casa da cidade, pois a Senhora dos Acoma recebeu diversos Senhores influentes cujos interesses favoreciam agora sua casa. Só Kevin parecia menos contente do que o habitual, mas, entre o cansaço e suas obrigações sociais, Mara tinha pouco tempo para lidar com seu mau humor.

Na terceira manhã, Arakasi procurou sua Senhora quando ela estava dando uma olhada em recados de diversos Senhores que ainda permaneciam na cidade. Vestindo-se como criado e satisfeito por seu braço machucado estar sendo sustentado por apenas uma faixa, fez a grande reverência que a posição dela exigia.

— Senhora, o séquito dos Minwanabi ancorou barcas no rio. Tasaio vai voltar para suas propriedades.

Mara se deteve, com as penas, folhas e mensagens esquecidas diante da alegria do momento.

— Assim sendo, podemos voltar para casa em segurança.

Arakasi curvou-se de novo, dessa vez com mais discrição.

— Minha Senhora, gostaria de lhe pedir perdão. Com tudo o que ocorreu, não estava preparado para uma ascensão tão rápida do Senhor dos Oaxatucan em substituição ao tio.

— Você exige demais de si mesmo, Arakasi. — Algo de repente preocupou o rosto de Mara, que se dirigiu inquieta à janela. Lá fora, três árvores derramavam flores sobre a rua. Criados continuavam empurrando carretas com vegetais e havia mensageiros se deslocando apressados. O dia parecia luminoso e normal, como um despertar depois de um pesadelo. — Quem mais entre nós poderia ter previsto a matança daquela noite? — acrescentou Mara. — Seu trabalho poupou a vida de cinco Senhores, incluindo a minha. Eu me arriscaria a dizer que ninguém fez mais por minha casa e isso trouxe grande prestígio aos Acoma.

Arakasi inclinou a cabeça.

— Minha Senhora é amável.

— Sou grata — corrigiu Mara. — Venha. Vamos para casa.

Mais adiante, naquela mesma tarde, a guarnição Acoma abandonou em marcha acelerada a casa da cidade, junto com a liteira de Mara, as arcas de transporte e uma carroça para levar os feridos em segurança. Nas docas, os barcos aguardavam para levar a Senhora e sua comitiva rio abaixo. Instalada em almofadas sob um toldo, com Kevin a seu lado, Mara observou o caos do comércio cotidiano ao lado da margem.

— Tudo parece tão tranquilo. Nem parece que na semana passada tantas tragédias aconteceram.

Kevin também observou os carregadores, os pescadores e outros trabalhadores e os ocasionais pedintes e crianças de rua interrompendo o organizado fluxo comercial.

— As pessoas do povo nunca são afetadas pelos assuntos dos poderosos... a não ser que estejam em seu caminho. Quando estão, morrem. Caso contrário, suas vidas seguem, e cada dia de trabalho se revela idêntico ao anterior.

Perturbada pela amargura no tom de voz de Kevin, Mara observou o homem por quem se apaixonara. A brisa desgrenhou os cabelos ruivos dele, assim como a barba com a qual ela nunca conseguira se habituar. Ele se apoiou com força na amurada, com os ombros tensos, resultado das feridas conquistadas nas batalhas. O pulso sob as mãos dela continuava enfaixado e o olhar de Kevin parecia triste, como se visse dor na luz do dia. Ela gostaria de saber o que se passava em sua mente, mas um grito vindo da margem a distraiu.

O barqueiro soltou as amarras. Homens com varas iniciaram seus cantos e a embarcação deslizou para longe de Kentosani e desceu o rio na corrente do Gagajin rumo ao mar. As brisas vespertinas sacudiram as bandeirolas no topo do toldo e Mara sentiu seu coração se animar. Tasaio fora derrotado e ela regressava para casa em segurança.

— Venha pra cá — disse ela a Kevin. — Sente-se para beber algo gelado comigo.

Os barcos passaram pelos limites da Cidade Sagrada e as margens exibiram o verde das terras cultivadas. O cheiro dos canaviais se misturou ao aroma intenso do solo primaveril e à pungência das árvores ngaggi. As torres dos templos ficaram cada vez mais distantes e Mara cochilava com satisfação, com a cabeça apoiada na coxa de Kevin.

Um grito vindo da margem a despertou subitamente:

— Acoma!

O Comandante das Forças Armadas gritara da proa do primeiro barco e agora todos os servos estavam apontando para um grupo de tendas na margem do rio. Um acampamento de guerra de dimensão impressionante se espalhava pelo campo e no alto de um mastro esvoaçava ao vento uma bandeira verde com uma ave shatra. Ao sinal de Mara, o homem do leme mudou de rota para a margem e, assim que o barco chegou à parte mais rasa, mil soldados Acoma aguardavam para saudar sua Senhora. Mara ficou maravilhada com a quantidade de tropas e sentiu um aperto de emoção na garganta. Cerca de dez anos antes, quando assumira o manto de Governante, apenas trinta e sete guerreiros vestiam o verde dos Acoma...

Três Líderes de Ataques a saudaram em sua liteira e se curvaram quando Kevin a ajudou a descer para terra.

— Bem-vinda, Senhora Mara!

Os guerreiros deram vivas em uníssono ao reverem sua Senhora. Três oficiais formaram fileiras e a acompanharam por entre as tropas até a sombra do toldo da tenda de comando. Lá, Keyoke a aguardava de pé, apoiado em sua bengala. Conseguiu fazer uma reverência formal.

— Senhora, nossos corações se alegram em vê-la — anunciou.

Debatendo-se com uma súbita vontade de chorar, Mara respondeu:

— E o meu coração canta de alegria por vê-lo, querido companheiro.

Keyoke fez uma reverência agradecendo o carinho e se afastou para o lado para que ela pudesse entrar e se acomodar nas almofadas dispostas sobre o espesso tapete. Kevin se ajoelhou ao lado dela. Massageou suas costas com a mão que escapara incólume e sob seu toque sentiu a tensão dela sendo substituída por uma felicidade tranquila.

Imóvel em seu posto à entrada, Keyoke notou a calma que se instalara no rosto de sua Senhora. Dando-lhes privacidade, assim como fizera no passado com o Senhor Sezu, virou-se para o mundo lá fora, onde Lujan se aproximava com Arakasi, Kenji e os poucos sobreviventes saudáveis depois da Noite das Espadas Sangrentas. Um sorriso discreto apareceu nos lábios do velho quando ergueu uma mão para detê-los.

— Comandante das Forças Armadas — disse o antigo titular do cargo —, se me é permitido. Há momentos em que é melhor deixar os assuntos para depois. Venha visitar nossa Senhora amanhã.

Lujan fez uma reverência diante da experiência de Keyoke e convidou os outros a partilharem uma rodada de cerveja de hwaet.

Dentro da tenda fresca, Kevin lançou um olhar inquiridor ao ancião, que assentiu em sinal de aprovação e depois desamarrou os laços das cortinas da entrada para que se fechassem suavemente. Do lado de fora da entrada, Keyoke enfrentava a luz do sol. Suas feições pétreas permaneceram impassíveis, mas em seu olhar brilhava um claro orgulho pelo amante da mulher que encarava como filha de seu coração.

O mensageiro de Arakasi deixara bem claro o quanto os Acoma deviam a Kevin por sua coragem com a espada. O rosto severo de Keyoke se suavizou um pouco ao pensar no calombo que ficava onde antes estivera sua perna direita. Pelos deuses, como estava ficando mole depois de velho! Nunca esperara ver o dia em que ficaria grato pela impertinência daquele escravo bárbaro de cabelo ruivo.

As sombras da tarde escureciam o grande salão dos Minwanabi no momento em que o Senhor Tasaio regressou. Ainda vestia a armadura que usara na viagem rio acima e a única concessão ao protocolo era a capa de seda oficial que colocara sobre os ombros. Entrou com passos vigorosos pela ampla entrada principal. A câmara estava cheia. Todos os criados estavam prontos para recebê-lo e, atrás deles, todos os primos e vassalos que haviam servido durante anos na guerra e em outros conflitos. Tasaio passou a passos largos pelo meio de suas fileiras imóveis como se estivesse completamente sozinho. Apenas se deteve ao chegar ao dossel, quando então se voltou, como se notasse a presença de todos. Incomodado avançou um passo para cumprimentá-lo.

— Os corações dos Minwanabi estão felizes com o retorno de nosso Senhor.

Tasaio retribuiu com um leve aceno. Entregou seu elmo de combate a um criado, que fez

uma reverência e se retirou depressa. Como não era um homem inclinado a desperdiçar palavras com bobagens, o Senhor dos Minwanabi olhou fixamente para seu conselheiro.

— Os Sacerdotes estão prontos?

Incomo fez uma reverência.

— Como solicitou, meu Senhor.

Novas almofadas pretas e laranja enfeitavam o elevado dossel, assim como um tapete de pele de sarcat e uma mesa trabalhada, feita com ossos de harulth. Tasaio mal pareceu reparar nas novidades da decoração; no entanto, nada lhe escapou. Satisfeito por ver que nada sobrara dos tempos de governo de Desio, sentou-se, colocando sobre os joelhos a espada de aço desembainhada dos antepassados Minwanabi. Depois, houve uma pausa, durante a qual Incomo percebeu tarde demais que era esperado que agisse sem mais instruções de seu Senhor. Se, por um lado, Desio sempre insistira em controlar os mais ínfimos detalhes, Tasaio, por outro, esperava ser servido. O Conselheiro-Mor dos Minwanabi acenou para que fosse dado início à cerimônia.

Dois Sacerdotes se aproximaram do dossel, um pintado de vermelho, com a máscara da morte de Turakamu, e o outro vestindo a túnica alva de mangas compridas de Juran, o Justo. Cada um deles entoou uma bênção ao deus que servia. Em seguida, sem mais oferendas nem grandes cerimônias, adoradas por Desio, o Sacerdote de Juran acendeu uma vela, pela constância, e a deixou queimando em um pedestal que simbolizava as fraquezas de um mortal diante de seu deus. O Sacerdote do Deus da Morte não dançou nem assobiou. Nem sequer solicitou à sua divindade que se mostrasse favorável. Em vez disso, subiu os degraus do dossel e lembrou a todos com frieza que a promessa de sacrifício continuava pendente.

— Um voto jurado sobre o sangue da Casa dos Minwanabi — lembrou o Sacerdote. — A família dos Acoma deve perecer em nome de Turakamu, para garantir a vida dos Minwanabi. Quem aceita o manto de Senhor deve cumprir este dever.

Tasaio falou em tom suave:

— Reconheço nossa dívida perante o Deus Vermelho. A minha mão nesta espada assim o confirma.

O Sacerdote Vermelho traçou um símbolo no ar.

— Turakamu sorrirá diante de seu esforço... ou selará sua morte e a de seus herdeiros se fracassar. — Ossos chacoalharam quando o Sacerdote virou-se e abandonou o dossel; a corrente de ar criada por sua passagem fez a vela do Deus Justo oscilar.

O novo Senhor dos Minwanabi permaneceu sentado, muito calado, inexpressivo, enquanto um membro da família após outro, ou um servo da casa, se colocava diante dele fazendo uma reverência para lhe jurar lealdade. Quando o último vassalo terminou, ele se levantou e chamou o Líder de Ataques parado ao lado da porta.

— Mande as minhas concubinas entrarem.

Duas jovens entraram no salão, ambas com roupas luxuosas. Uma era alta, esguia e loura e

seus grandes olhos, delicadamente realçados pela maquiagem, eram verdes como jade. A outra, vestida com renda transparente vermelha, era roliça e tinha a tez escura. De tipos diferentes, ambas as mulheres eram dotadas de uma beleza que deixaria qualquer homem impressionado. Avançaram a passos lentos, do jeito que eram ensinadas desde a infância as mulheres criadas para proporcionar prazer. Ambas se curvaram graciosamente diante do dossel, com as pernas elegantes bem expostas graças às reduzidas túnicas que também deixavam entrever uma boa porção dos seios. Embora tais mulheres fossem escolhidas entre as mais belas do Império, nenhuma tinha status superior ao do mais insignificante dos criados. Todos os presentes no salão pararam para ver o que seu Senhor desejava fazer com aquelas cortesãs. Diante do dossel de Tasaio, ambas se ajoelharam, tocando o chão com suas testas.

— Olhem para mim — ordenou Tasaio.

Assustadas, mas sempre obedientes, as duas jovens seguiram suas instruções.

— Seu desejo é uma ordem, meu Senhor — entoaram em um tom doce bem treinado.

O novo Senhor dos Minwanabi as encarou com um olhar frio.

— Incarna — disse, dirigindo-se à de pele mais escura. — Seus filhos estão por perto?

Incarna assentiu, com o pavor lhe roubando a cor do rosto. Criara os dois filhos ilegítimos de seu Senhor, mas a ascensão do pai ao poder poderia não ser benéfica para eles. Não era incomum um homem matar seus bastardos quando se tornava Governante, para evitar qualquer reivindicação futura.

— Traga-os aqui — ordenou Tasaio.

Um brilho que poderia ser de lágrimas iluminou os olhos amendoados de Incarna. Ela se levantou de um salto e saiu correndo do grande salão dos Minwanabi. A atenção de Tasaio se voltou para a mulher loura que permaneceu de joelhos perante o dossel.

— Sanjana, você disse a meu Conselheiro-Mor que está grávida?

Sanjana manteve as mãos cerradas, mas as contas trabalhadas de sua túnica reluziram, pois ela tremia.

— Sim, Senhor — respondeu com a voz rouca de uma forma nada sedutora.

Tasaio nada disse. Seu rosto e seus modos não se alteraram nem mesmo quando Incarna voltou, puxando com dificuldade um menininho. Ele tinha o cabelo acobreado de Tasaio e a pele rosada da mãe e, apesar de não chorar, o nervosismo da mãe o agitara. Nos braços da concubina, havia uma segunda criança, uma menina ainda muito pequena para andar sozinha toda aquela distância. Nova demais para compreender, passou os dedos pela boca, com seus olhos claros como âmbar voltados para as pessoas reunidas no salão.

Do alto de seu dossel, Tasaio observou as crianças como se apreciasse uma mercadoria à procura de defeitos. Depois, parecendo quase ausente, fez um sinal a Irrilandi, o Comandante das Forças Armadas.

— Leve esta mulher lá para fora — disse, apontando para Sanjana. — Quero que ela seja morta.

Sanjana levou a mão à boca. Seus olhos maravilhosamente coloridos de jade se encheram de lágrimas e ela não conseguiu se manter de pé. Incapaz de se erguer, permaneceu de joelhos, tremendo, até que dois guerreiros avançaram para pegá-la pelos braços. Seu esforço para conter o soluço doloroso ecoou entre as pessoas imóveis enquanto os homens praticamente a arrastavam pelo salão. Sozinha diante do dossel, Incarna tremia muito, segurando seus filhos com firmeza. O rosto suava de medo. Tasaio a fitou sem pena nem afeto.

— Vou me casar com esta mulher e dar um nome a estas crianças... como se chamam?

Incarna piscou e depois conseguiu responder em um sussurro precipitado:

— Dasari e Ilani, meu Senhor.

— Dasari é meu herdeiro. — A voz de Tasaio ressoou sobre o aglomerado de gente e ecoou no teto abobadado. — Ilani é minha primeira filha. — Em seguida, a imobilidade se quebrou por conta de um grande movimento quando todos na sala se curvaram perante a nova Senhora dos Minwanabi. Tasaio deu algumas instruções a Incomo: — Faça com que os criados preparem aposentos adequados para a Senhora dos Minwanabi e para as crianças. — E acrescentou dirigindo-se a Incarna: — Esposa, retire-se para seus aposentos e aguarde meu chamado. Amanhã enviarei professores para as crianças. Quero que sejam instruídos para que saibam quais são seus deveres perante a família. Um dia, Dasari governará esta casa.

A antiga concubina fez uma reverência, com gestos ainda tensos e apavorados. A súbita ascensão hierárquica não lhe trouxe alegria, e, com a filha nos braços, encaminhou apressadamente o filho para longe do dossel, diante do olhar de centenas de estranhos. Tasaio dirigiu-se então a seus convidados, parentes e vassalos:

— Amanhã celebraremos meu matrimônio. Todos são bem-vindos à festa.

Incomo manteve seu rosto comprido impassível, para não revelar seu olhar assustado. Um casamento exigia um planejamento cuidadoso, para assegurar boa sorte. A organização do tempo, a comida, a tradicional tenda — tudo requeria a bênção de Sacerdotes e uma meticulosa atenção às tradições. Era raro as uniões de grandes Senhores serem preparadas tão depressa, para evitar que algum detalhe fosse esquecido e a má sorte visitasse o novo casal, passando para a geração seguinte. No entanto, Tasaio não deu grande importância a esse detalhe. Com o aço da espada de seu antepassado sobre o ombro, declarou:

— Trate dos preparativos, Conselheiro-Mor.

Depois, girou a lâmina reluzindo sob a claraboia de modo a sinalizar a Incomo que o seguisse. Então abandonou o salão a passos largos sem dizer mais nada. Tasaio se dirigiu à porta, certo de que os dois soldados lá posicionados de cada lado a abririam a tempo de atravessá-la. Assim que o Senhor surgiu vindo da casa e entrou no pátio, dois guerreiros ficaram em posição de sentido, com a aterrorizada Sanjana entre eles. Ela soltara o cabelo das presilhas e este escorrera em ondas por suas costas, com o dourado incomum realçado pelo sol. Mantinha os olhos fixos no chão, mas, quando Tasaio apareceu, levantou-os com ar suplicante. A branca pele macia acima dos seios deixava visível sua respiração ofegante, mas

seus talentos de cortesã estavam ali. Mesmo assustada, mesmo desesperada, conseguiu recorrer à sua única vantagem. Sanjana entreabriu os lábios e insinuou seu corpo esbelto de maneira que nenhum homem que a contemplasse pudesse esquecer o que ela era: uma magnífica peça decorativa cujo único propósito era proporcionar prazer.

Tasaio não resistiu. Seus olhos brilharam quando seguiram o contorno das curvas da concubina e inspiraram a promessa de luxúria que aquela pose provocadora deixava antever. Lambeu os lábios, dobrou-se e a beijou longa e profundamente. Com uma mão, acariciou seu peito. Depois, recuou e disse:

— Encontrei uma parceira de leito adequada. — Assim que os magníficos olhos dela se encheram de alegria, ele sorriu. Saboreou o momento e a centelha de alívio evidente na expressão dela enquanto acrescentava: — Podem matá-la. Já.

O rosto dela empalideceu, tomado por puro terror, mas nem teve oportunidade de gritar. Um dos guerreiros segurou seus dois pulsos e os puxou para cima, obrigando-a a olhar para Tasaio, enquanto o outro, com uma expressão pétrea, desembainhava a espada e cravava a lâmina na barriga dela. A mulher se sacudiu bruscamente e soltou um grito breve e agudo de dor extrema. O sangue jorrou de sua boca, escorrendo em gotas sobre o pátio. As pernas cederam. Mantida de pé pelas mãos do guerreiro, suportou suspensa seus momentos finais. Sangue brilhante escureceu seus cabelos, outrora reluzentes. Em seguida, seus músculos cederam e a cabeça caiu para a frente; as belas e compridas pernas ficaram frouxas.

— Levem isso embora — ordenou Tasaio, com uma respiração selvagem e irregular. Tinha os olhos arregalados. Estava vermelho. Depois, inspirou fundo como se tentasse se acalmar, antes de se dirigir a Incomo: — Vou tomar banho. Envie duas escravas para cuidar de mim e certifique-se de que sejam jovens e belas, de preferência, virgens.

Levemente enojado e com medo de deixar isso evidente, Incomo fez uma reverência.

— Seu desejo é uma ordem, Senhor — disse já se preparando para sair.

— Ainda não dei todas as instruções — ralhou Tasaio. Desceu na direção do jardim, com a boca se retorcendo em uma leve careta quando indicou a Incomo que o seguisse. — Tenho pensado na questão dos espiões dos Acoma. Chegou a hora de transformar nossos conhecimentos em vantagem. Acompanhe-me, vou explicar tudo a você antes de me retirar.

Incomo tentou afastar da mente a imagem da cortesã morrendo; tinha de ficar atento. Tasaio não era um homem que aceitava bem a incompetência; daria as ordens uma vez e aguardaria que fossem seguidas à risca. O brilho ávido no olhar de seu Senhor deixava o Conselheiro-Mor profundamente perturbado. Levantou uma mão que, apesar de todo seu esforço, não parava de tremer.

— Talvez — sugeriu ele, com muita perspicácia — meu Senhor prefira discutir tais assuntos de negócios depois de reconfortado pelo banho.

Tasaio se deteve. Voltou seus olhos de âmbar para o Conselheiro-Mor e observou o homem mais velho com atenção. Seu sorriso se aprofundou.

— Você serviu bem à minha família — disse por fim, em um tom de veludo imaculado. — Vou fazer sua vontade. — Depois, seguiu ao longo do caminho, dizendo: — Considere-se dispensado até eu convocá-lo.

O velho conselheiro se deteve, com o coração palpitando como se tivesse chegado ao fim de uma longa corrida. Seus joelhos tremiam. Sentiu uma incerteza inquietante e seu Senhor notou sua fraqueza, mas Tasaio deixaria o assunto de lado, pois sabia que a imaginação do Conselheiro-Mor o atormentaria com horrores bem piores do que os divertimentos que planejava para seu banho com as escravas. Ainda abalado demais para sentir pena delas, Incomo enfrentou os fatos — contra suas mais profundas esperanças, o Senhor Tasaio herdara a predileção da família pela depravação e pela dor.

O Senhor dos Minwanabi descansava em sua banheira enquanto um criado lhe despejava água quente nos ombros. Com os olhos distantes e semicerrados, viu seu Conselheiro-Mor se curvar, mas Incomo não se deixou iludir. Por mais descansado que Tasaio pudesse parecer, as mãos apoiadas nas bordas da banheira não estavam moles nem relaxadas.

— Vim, conforme meu Senhor solicitou.

Incomo endireitou-se, com as narinas se dilatando quando notou um cheiro pungente e doce no ar, explicado pouco depois quando Tasaio esticou o braço e pegou um comprido cachimbo de tatesha de uma mesa próxima. Colocou o cachimbo entre os lábios e aspirou profundamente. O Conselheiro-Mor dos Minwanabi ocultou sua surpresa. A seiva dos arbustos tateen continha uma substância que induzia à euforia — as nozes eram frequentemente mastigadas pelos escravos no campo para diminuir o cansaço do trabalho excessivo —, já a flor continha um poderoso narcótico. Aquele tipo de fumo, a princípio, ajudava a clarear a mente, mas depois provocava uma distorção da percepção; o uso prolongado deixava a mente em um torpor parecido com um transe. O Conselheiro-Mor pensou no encantamento que tal droga provocaria em um homem que gostava de infligir dor aos outros e depois refletiu melhor sobre o assunto. Não cabia a ele questionar os hábitos de seu Senhor.

— Incomo — disse Tasaio, com uma percepção aguçada e incisiva —, decidi que devemos avançar com nosso plano para destruir os Acoma.

— Como queira, meu Senhor — disse Incomo.

Os dedos de Tasaio tamborilaram em um ritmo descompassado na beira da banheira, como se estivesse contando algo.

— Assim que isso for feito, destruirei Axantucar, aquela ave calley vaidosa. — Seus olhos se abriram de repente. Completamente furioso, fitou o Conselheiro-Mor. — Se o palhaço do meu primo tivesse cumprido seu dever de destruir Mara, hoje eu já vestiria o branco e dourado.

Incomo achou que não seria adequado lembrar seu Senhor que fora ele mesmo, e não Desio, quem traçara o plano para destruir Mara. Então apenas assentiu. Tasaio dispensou o criado que o ajudava.

— Deixe-nos. — A sós com seu conselheiro e envolto em ascendentes nuvens de vapor, colocou seu cachimbo outra vez na boca. Fisicamente, pareceu relaxar e mais uma vez seus olhos se tornaram sonolentos. — Quero que um dos dois espiões Acoma seja promovido.

— Meu Senhor?

Tasaio encostou-se à beira da banheira e apoiou o queixo.

— Preciso mesmo repetir?

— Não, meu Senhor — apressou-se a murmurar Incomo, induzido pelo fogo sob as pálpebras do Senhor. — Só não entendi bem qual é sua intenção.

— Quero ter os espiões Acoma por perto. — Tasaio prestou atenção em uma linha de fumaça ascendente como se ela lhe revelasse algum segredo. — Vou prestar atenção nesse criado. Deixe que ele acredite que consegue escutar nossas conversas mais importantes às escondidas. Eu e você vamos nos assegurar de que nada que ele possa escutar seja totalmente mentira; não. Nunca uma mentira. Mas temos também de ter em mente que Mara saberá qualquer coisa que dissermos. Os planos mais importantes serão mantidos só entre nós, abordados apenas quando estivermos a sós. Mas as coisinhas que dissermos na frente do espião serão usadas como isca. Quero esse criado sendo vigiado e seguido até que consigamos nos infiltrar na rede dos espiões Acoma.

Incomo fez uma reverência.

— Mais alguma coisa, meu Senhor?

Tasaio levou o cachimbo aos lábios e puxou mais uma nuvem grande e intoxicante de fumaça.

— Não, estou cansado. Vou dormir. Amanhã de manhã vou caçar. Depois, vou comer com você e com os outros conselheiros. Ao meio-dia, vou me casar e de tarde vamos celebrar a cerimônia. Procure artistas nos vilarejos vizinhos. — Tasaio foi extremamente conciso. — Agora, vá.

O Conselheiro-Mor dos Minwanabi se retirou. Enquanto voltava para seus aposentos, entendeu que estava na hora de começar a compor sua oração da morte. Um homem cauteloso se dedicava a essa tarefa quando os anos começavam a pesar, para que sua última súplica aos deuses fosse lida por quem o encontrasse morto. Tentar derrubar a Senhora dos Acoma já era, em si, algo suficientemente perigoso, mas fazer do novo Senhor da Guerra — alguém que acabara de chegar ao poder depois de passar por cima dos cadáveres de cinco outros candidatos — um alvo parecia suicídio.

Assim que deixou cair sua túnica formal, Incomo não perdeu tempo pensando se os planos de Tasaio não passavam de um sonho que desapareceria com a fumaça da tateesha — os olhos por trás das pesadas pálpebras estavam focados demais para isso. Suspirando por causa do

desconforto provocado pela rigidez dos joelhos, Incomo se ajoelhou diante de sua escrivaninha. Servira a três Senhores Minwanabi antes de Tasaio e, embora não fossem homens que admirasse, eram Senhores que se comprometera a servir com sua mente, sua vontade e, se necessário, com sua vida. Inspirando profundamente, pegou uma pena e começou a escrever.

As comemorações foram modestas, mas os convidados pareciam ter se divertido. Não faltou comida nem vinho e o Senhor dos Minwanabi se sentou no alto de seu dossel no grande salão de seus antepassados, como um perfeito arquétipo do guerreiro tsurani. Se não foi exageradamente solícito com sua esposa, conseguiu ser educado e respeitou todas as normas. O traje reduzido de cortesã de Incarna fora substituído por uma túnica de uma riqueza espantosa, de seda preta bordada com linhas douradas nas mangas, no pescoço e na barra, e guarnecida na frente com pérolas de valor incalculável, que combinavam perfeitamente com o resto. As duas crianças se sentaram sossegadas aos pés do pai, o menino em um degrau um pouco mais alto do que o da menina. Às vezes, Tasaio dirigia a palavra a Dasari, ensinando-lhe alguma coisa qualquer. A partir do momento em que o nomeara como seu filho legítimo, Tasaio estava determinado a prepará-lo para o cargo de Governante. A túnica do rapaz era uma clara imitação da do pai, até no bordado da manga: a silhueta de um sarcat rosnando. Ilani, a menininha, ficou feliz por se sentar abaixo dos pés do pai, mastigando uma fruta doce e se divertindo com um malabarista.

Atrás do Senhor dos Minwanabi, posicionara-se um criado recém-promovido. Apesar de ser o menos importante dos quatro homens que serviam o Senhor, era aquele que ouvia as conversas com mais atenção.

A festa se prolongou noite adentro, até Tasaio se erguer e desejar boa-noite aos convidados. Fazendo um sinal a Incomo para que o acompanhasse, o Senhor dos Minwanabi se dirigiu a seus aposentos particulares. Discretamente, Incomo pediu ao criado que o seguisse e permanecesse à porta do quarto do Senhor, atento às necessidades de Tasaio. O criado fez o que lhe foi pedido com uma paciência que ocultava sua ansiedade para tentar memorizar todas as palavras trocadas entre o Senhor e seu Conselheiro-Mor.

Uma antiga árvore ulo presa no solo por raízes nodosas projetava com seus galhos bastante sombra sobre o natami dos Acoma. Mara se curvou diante da pedra sagrada de seus antepassados, que personificava a honra dos Acoma. Proferiu algumas frases rituais e depositou um buquê de flores diante do monumento; eram botões de sete cores que representavam todos os deuses bons. Daquela forma, no primeiro dia do verão, agradecia pelo

bem-estar de todos os membros de sua casa. Por um instante, após a curta cerimônia, permaneceu ali. A sagrada clareira da meditação era um lugar de uma paz única, pois ali não era permitida a entrada de ninguém, além do chefe dos jardineiros, de um Sacerdote convidado ou de alguém nascido com o sangue Acoma. Ali, conseguia ficar a sós de verdade, com seus pensamentos e sentimentos.

Mara observou a bela lagoa espelhada, o pequeno riacho e as graciosas formas dos arbustos. De súbito, foi assolada por uma inquietação. Às vezes, lembrava muito vividamente do assassino que anos antes quase a matara, ali mesmo em frente a seu natami. A lembrança a visitava muitas vezes de surpresa, como um calafrio num dia quente. Inquieta e ansiosa para abandonar o confinamento proporcionado pelas altas sebes do jardim, Mara levantou-se. Deixou o belo jardim, passou sob o arco do portão exterior e, como sempre, deparou-se com um criado à espera. Ele se curvou assim que ela apareceu.

— Minha Senhora — disse com uma voz que ela reconheceu no mesmo instante —, seu Mestre dos Espiões regressou com novidades.

Tinham decorrido quatro semanas desde o retorno de Mara do Conselho que elegera o novo Senhor da Guerra. O Mestre dos Espiões estivera ausente reunindo informações desde então, durante a maior parte do tempo, e a alegria dela ao saber que ele voltara o agradou.

— Levante-se, Arakasi — disse Mara. — Vou ouvir seu relatório no meu escritório.

Lá dentro, instalado em almofadas com a habitual refeição leve numa bandeja a seu lado, Arakasi sentou-se muito quieto, com o braço apoiado em uma tipoia presa por nós muito elaborados, que pareciam ter sido feitos por mãos de marinheiro.

— Você esteve em um barco — observou Mara. — Ou andou com marinheiros.

— Nem uma coisa nem outra — corrigiu Arakasi com seu típico tom de voz modulado. — Mas era essa a ideia que queria passar à última pessoa a quem paguei por informações. As fofocas de marinheiros raramente são confiáveis — acrescentou, de forma conclusiva.

Apesar de curiosa para saber quem era tal pessoa, Mara sabia que seria melhor permanecer calada. Não fazia ideia de como funcionava a rede de Arakasi, nem quem eram seus agentes — o sigilo fazia parte do acordo inicial quando o Mestre dos Espiões prestou juramento de servir sua casa. Mara sempre fez com que Arakasi recebesse o que precisasse para sustentar seus agentes, mas jurara nunca lhe perguntar os nomes. Um espião a serviço de uma casa se arriscava a morrer enforcado como um escravo, se fosse descoberto, traído ou entregue; se a casa de Mara caísse nas mãos de um inimigo, nem ela nem nenhum de seus servos teria como revelar a verdade. A rede sobreviveria para servir Ayaki, ou, na pior das hipóteses, se o natami dos Acoma fosse virado de ponta-cabeça para lhe negar para sempre a luz do sol, os fiéis vassalos que tinham servido como espiões poderiam morrer pela lâmina sem se envergonharem aos olhos dos deuses.

— Talvez haja uma boa notícia para lhe contar — revelou Arakasi. — Um de nossos agentes na Casa dos Minwanabi foi promovido a criado pessoal de Tasaio.

Mara arregalou os olhos, deleitada.

— Essa notícia é maravilhosa. — No entanto, a expressão de Arakasi mostrou que ele não concordava muito. — Alguém suspeita de algo? — questionou ela.

— Coincidência demais para meu gosto. — Preocupado, Arakasi explicou: — Sabemos que um agente foi descoberto e que em seguida escapou de maneira milagrosa. Os outros dois não foram incomodados, e suas informações têm sido quase sempre certas, mas algo está estranho nessa história.

Mara ponderou por um momento, antes de lançar uma sugestão:

— Tente infiltrar outro agente na Casa dos Minwanabi.

Arakasi mexeu em um fio solto e viu um dos nós se desfazer.

— Senhora, ainda é muito cedo. Faz pouco tempo que nosso agente foi identificado e a nomeação do novo Senhor é recente demais. Os Minwanabi examinarão cuidadosamente novos candidatos, para qualquer cargo que seja, especialmente depois da ascensão ao poder de Axantucar. Agora é arriscado demais enviar um estranho para a propriedade dos Minwanabi.

Apenas um tolo não daria razão às palavras do Mestre dos Espiões. Mara exteriorizou brevemente sua frustração, pois não dispunha de uma boa fonte de informação na casa que mais temia. Tasaio era perigoso demais para ficar sem ser vigiado.

— Deixe-me pensar no assunto — disse ela ao Mestre dos Espiões.

Arakasi inclinou a cabeça.

— Seu desejo é uma ordem, minha Senhora. — O assunto seguinte se revelou ainda menos bem-vindo: — Tecuma dos Anasati está doente.

— É grave? — Mara, preocupada, sentou-se direito.

Apesar da rivalidade entre Tecuma e o pai de Mara, reacendida com a morte de seu falecido esposo, ela respeitava o velho Senhor. E a segurança de Ayaki dependia muito da aliança informal entre os Acoma e os Anasati. Sentindo-se tentada a se recriminar, Mara percebeu que estava brincando com a sorte ao não procurar um marido adequado. Um único herdeiro era muito pouco para depositar todas as esperanças de continuidade dos Acoma.

A voz de Arakasi a despertou de seus pensamentos:

— Aparentemente, Tecuma não corre perigo de vida, mas a doença se arrasta e ele já é velho. Grande parte de seu vigor se foi com a morte de seu filho mais velho, Halesko, durante a traição em Midkemia. Jiro agora é o herdeiro... e acho que o Senhor dos Anasati está cansado do Jogo do Conselho e, talvez, da própria vida.

Mara suspirou, sentindo-se oprimida por aquelas sombras cada vez mais intensas. O resto das informações de Arakasi não passava de detalhes e fofocas, alguma das quais iriam despertar a atenção de Jican. Mas a preocupação interrompeu a interessante troca de ideias que ela costumava manter com seu Mestre dos Espiões. Por isso, ela o dispensou assim que ele terminou o relatório, sem fazer mais especulações. Sozinha no escritório, pediu sua

escrivaninha e escreveu uma mensagem desejando a Tecuma uma rápida recuperação. Pegou seu selo, mergulhou-o na tinta e o pressionou no pergaminho; em seguida, mandou um criado chamar um mensageiro para entregar a missiva aos Anasati.

Naquela hora, o sol já brilhava fraco sobre os campos. O calor diminuía e Mara caminhava sozinha no jardim escutando a música da água correndo pelas pedras e o ruído dos pássaros nas árvores. A jogada que levava o novo Senhor da Guerra ao poder fora extremamente amarga e sangrenta. Novas estratégias e novos planos precisariam ser delineados, pois, embora vencedores e perdedores tivessem se retirado para as respectivas propriedades para reavaliarem a situação, as conspirações prosseguiriam no mesmo ritmo.

Tasaio era bem mais perigoso do que Desio, mas o destino dera a ele uma situação bem mais perigosa do que a de seu antecessor. Sua derrota em Tsubar enfraquecera seus recursos e, agora, ele conquistara um rival imprevisível, e potencialmente letal: o novo Senhor da Guerra. Por isso, Tasaio seria obrigado a se mover com cautela, para não ultrapassar os próprios limites e não permitir que seus inimigos conseguissem explorar suas fraquezas.

Grande parte da velha guarda tinha morrido e novas forças emergiam. Apesar de seu papel questionável no fracasso do tratado de paz com o Rei midkemiano, a Facção da Roda Azul — especialmente os membros do Clã Kanazawai e, particularmente, os Shinzawai — saiu surpreendentemente incólume. A facção ainda tinha o respeito do Imperador e até já conquistava alguma influência.

Mara ponderou sobre suas chances em uma eventual virada política. De repente, gargalhadas e um grito vieram de dentro da casa, indicando que Kevin e Ayaki tinham voltado do passeio. Aves de caça haviam voltado para os lagos do Norte para passar a estação quente e Kevin concordara em levar o menino para caçar, para que ele treinasse seu crescente talento com o arco. Mara não tivera grandes esperanças de que fossem bem-sucedidos, já que o menino ainda era muito novo, mas, contrariando suas melhores expectativas, o filho e seu companheiro irromperam pelo jardim com duas aves aquáticas penduradas.

— Mãe! Olhe! Abati estas! — gritou Ayaki.

Kevin sorriu para o pequeno caçador e Mara sentiu uma pontada de amor e orgulho. Seu bárbaro não se recuperara por completo dos acessos de melancolia que tinham começado quando soubera que o tratado de paz tinha dado errado. Apesar de seu silêncio em relação ao assunto, Mara sabia que a escravidão de Kevin o amargurava, por mais que gostasse dela e de Ayaki. No entanto, não permitiria que tais preocupações estragassem o momento de excitação do primeiro grande feito de seu filho. Por isso, Mara se mostrou bastante impressionada:

— Foi você quem os abateu?

Kevin sorriu.

— Foi ele mesmo. O garoto tem um talento natural para o arco. Ele matou estes... o que quer que sejam estes gansos azuis.

Ayaki enrugou o nariz.

— Não são gansos. Que palavra boba! Eu já disse para você: são jojanas.

Ele riu, pois a questão do nome das coisas se tornara uma piada recorrente entre ambos. De repente, Mara se arrepiou com uma sombra do passado. O pai de Ayaki era um demônio com o arco. Uma pontada de amargura turvou suas palavras quando voltou a falar:

— Ayaki adquiriu honradamente esse dom.

A expressão de Kevin se fechou, pois Mara raramente se referia a Buntokapi, o filho dos Anasati com quem ela se casara em uma reviravolta do Grande Jogo. O midkemiano procurou distraí-la:

— Você tem tempo para um passeio até os campos? Os filhotes de needra já cresceram o suficiente para correr e eu apostei com Ayaki que ele não consegue ultrapassá-las.

Mara pensou por apenas alguns segundos.

— Não há nada que eu goste mais de fazer... do que passar algum tempo com vocês vendo vitelas brincarem.

Ayaki ergueu o arco acima da cabeça e gritou cheio de entusiasmo, enquanto Mara batia palmas chamando uma criada para que lhe trouxesse pantufas de caminhar.

— Mas primeiro vá lá dentro — disse ao filho em êxtase. — Leve suas jojanas ao cozinheiro. Depois vamos ver se duas pernas são mais rápidas do que seis.

Assim que o menino avançou ruidosamente pela trilha, com os pássaros balançando desajeitadamente em volta de seus joelhos, Kevin puxou Mara para perto de si e a beijou.

— Você parece perturbada.

Irritada por ele ler tão facilmente seus sentimentos, Mara explicou:

— O avô de Ayaki está doente. Estou preocupada.

Kevin puxou para trás uma mecha solta do cabelo dela.

— É grave?

— Aparentemente, não. — Ainda assim, o ar preocupado de Mara persistiu.

Ele sentiu algo corroê-lo por dentro, pois a preocupação pela segurança do filho levantava uma série de assuntos sombrios que ambos prefeririam não comentar. Um dia, Kevin sabia, ela deveria se casar, mas não precisava ser agora.

— Deixe suas preocupações de lado por enquanto — disse ele, gentilmente. — Você merece algumas horas para si mesma, e seu filho não vai continuar alegre e despreocupado por muito mais tempo se a mãe não tiver tempo para brincar com ele.

Mara mostrou-lhe um sorriso irônico.

— Preciso aumentar meu apetite — confessou ela. — Caso contrário, duas belas jojanas vão acabar virando ração de jiga.

Inquietação

Mara ficou olhando.

Através do biombo aberto de seu escritório, conseguia ver um mensageiro percorrendo impetuosamente a estrada, vindo da longínqua Via Imperial. O jovem musculoso vestia apenas uma tanga e uma faixa vermelha com a marca de uma guilda comercial de mensageiros na cabeça. Embora não tivessem o poder de uma grande casa, as guildas providenciavam recompensas suficientes para assegurar que seus entregadores conseguissem se movimentar tranquilamente pelo Império.

Assim que o mensageiro chegou diante da casa grande, Keyoke mancou apoiado em sua bengala para recebê-lo.

— Para a Senhora dos Acoma! — gritou o mensageiro.

O Conselheiro de Guerra pegou o pergaminho selado e em troca entregou ao mensageiro um símbolo, uma moeda em concha com o cunho dos Acoma, para servir de prova de que o homem cumprira seu dever. O mensageiro fez uma reverência respeitosa. Não parou nem para descansar; deu meia-volta e retornou à estrada num ritmo praticamente igual àquele em que chegara.

Mara encarou sua partida com uma pontada de preocupação. Os mensageiros da Guilda Vermelha raramente traziam boas notícias. Quando Keyoke chegou ao seu escritório, ela estendeu o braço, tremendo de tão nervosa, para receber a mensagem.

O símbolo no pergaminho era precisamente o que ela mais temia ver: o selo dos Anasati. Antes de cortar as fitas e ler a carta, percebeu que o pior acontecera: Tecuma estava morto. Parado à porta, Keyoke a fitou com um olhar perturbado.

— O velho Senhor morreu?

— Não estou surpresa. — Mara suspirou ao deixar de lado a curta mensagem. Olhou de relance para os relatórios de seu florescente negócio de seda que poucos minutos antes lhe haviam tirado a paciência; agora, como se, afinal, fossem uma espécie de refúgio, queria do fundo do coração poder voltar a eles. — Acho que precisamos do conselho de Nacoya.

Mara mandou chamar sua criada para arrumar os documentos e depois conduziu seu Conselheiro de Guerra pela casa até o cômodo em frente ao quarto de crianças, do qual

Nacoya categoricamente se recusara a sair, apesar de ter recebido instalações melhores quando foi promovida a Conselheira-Mor.

Assim que Mara encostou-se ao biombo com flores desenhadas, ouviu uma voz rabugenta: — Vá embora! Não pedi nada!

A Senhora dos Acoma olhou esperançosa para seu Conselheiro de Guerra, que balançou a cabeça. Ele preferia enfrentar um ataque em um campo de batalha a ser o primeiro a entrar nos aposentos da anciã. Mara suspirou, abriu o biombo e hesitou ao ouvir o grito irritado vindo das mantas e almofadas empilhadas sobre a esteira.

— Minha Senhora! — disse Nacoya bruscamente. — Perdoe-me, achei que fosse o ajudante do curandeiro trazendo remédios. — Fungou e esfregou o nariz vermelho. — Não preciso que ninguém me visite por pena — acrescentou. De cama por causa de uma febre e de um aperto no peito, a velhota viu sua irritação ser vencida por um acesso de tosse. Mechas de cabelo branco saltaram em todas as direções. Seus olhos estavam vermelhos, e seu rosto, enrugado como um pergaminho úmido. As mãos que agarravam as mantas pareciam tremendamente frágeis. No entanto, ao notar Keyoke, Nacoya ficou terrivelmente ofendida. — Minha Senhora! Que coração cruel! Trouxe um homem ao leito de uma mulher doente sem avisar! — A Conselheira-Mor dos Acoma ficou vermelha de vergonha, embora fosse teimosa e orgulhosa demais para desviar o rosto. Seus olhos furiosos se voltaram em seguida para Keyoke. — E você, velho soldado? Deveria ser suficientemente sensato para agir de outro modo! Não vou permitir que fique assim olhando para mim.

Mara se ajoelhou ao lado do leito de sua Conselheira-Mor, com a compaixão que Nacoya tanto desdenhava bem oculta no coração. A idade da anciã fazia com que até as doenças mais leves se tornassem perigosas, como as notícias do dia tornaram bem claro. Até então, o aspecto frágil de Nacoya escondera uma resistência tenaz, uma força impressionante que a fazia parecer indestrutível. Mas a gripe a deixara num estado deplorável. Mais fraca com o passar dos anos, tornara-se uma sombra de sua vitalidade anterior. O risco de morte era assustadoramente evidente. Mara afagou uma de suas mãos enrugadas.

— Mãe do meu coração, estou aqui apenas porque seu conselho é imprescindível.

O tom de voz de Mara despertou a idosa de sua autopiedade. Nacoya se sentou e tossiu.

— Filha, o que aconteceu?

— Tecuma dos Anasati morreu. — Os dedos de Mara apertaram a mão da Conselheira-Mor. — Sucumbiu à doença que o manteve preso à cama nos últimos seis meses.

Nacoya suspirou. Seu olhar se tornou distante e, intimamente, fixou-se em uma lembrança ou pensamento ao qual só ela tinha acesso.

— Ele se cansou de lutar, pobre homem. Era um guerreiro valoroso e um adversário generoso e honrado.

Sob as mantas, o corpo magro de Nacoya agitou-se com mais um acesso de tosse. Enquanto Nacoya se esforçava para recuperar o fôlego, Mara a poupou de ser a primeira a

falar, perguntando:

— Acha sensato de minha parte tentar me aproximar de Jiro?

A mão de Nacoya se retesou apertando a de sua Senhora.

— Filha, por mais que ele a odeie por ter optado pelo irmão em vez dele, Jiro não é tão obcecado quanto Tasaio. Com a responsabilidade pelo bem-estar dos Anasati caindo sobre seus ombros, pode ser que se torne mais sábio.

Inesperadamente, a voz de Kevin, vinda de trás de Keyoke, a interrompeu:

— Nunca subestimem a capacidade humana de ser estúpido, ilógico e mesquinho.

Nacoya, no meio de suas almofadas, brindou o midkemiano com um olhar irritado. Se já estava aborrecida por Keyoke tê-la visto despenteada e doente, a presença de um jovem era algo ainda pior. E, no entanto, não conseguiu ficar furiosa. Apesar do estranho comportamento do escravo, do desrespeito que demonstrava pela tradição tsurani e do amor inconveniente, porém verdadeiro, que sentia por Mara, Kevin tinha uma mente rápida.

— Seu... escravo é um bom conselheiro, filha — admitiu, com cautela. — Temos de partir do princípio de que, até que se prove o contrário, Jiro não é um aliado. Os Anasati são nossos inimigos há muito tempo, ainda que sejam honrados. Devemos agir com cautela.

— O que devo fazer? — indagou Mara.

— Envie uma carta de condolências — propôs Kevin, tentando ajudar.

A sugestão causou olhares perplexos em Mara e nos dois conselheiros.

— Uma carta de condolências — repetiu Kevin, percebendo só depois que não havia equivalente para isso em tsurani. — É costume em minha terra enviar uma mensagem a quem perdeu alguém dizendo que compartilhamos sua dor e que desejamos tudo de bom.

— Que estranho costume — comentou Keyoke —, porém há honra nisso.

Os olhos de Nacoya brilharam. Olhou demorada e astuciosamente para Kevin e depois falou, com uma voz entrecortada, devido ao nariz entupido:

— Uma carta assim propiciaria uma abertura para o diálogo sem precisar ceder em nada. Bastante inteligente.

— Bem, podemos encarar as coisas dessa forma — comentou Kevin, divertindo-se ao ver a compaixão ser confundida como mais uma artimanha do Jogo tsurani.

Mara aprovou a ideia.

— Vou já preparar uma carta.

No entanto, não se moveu para se levantar. Segurou a mão de Nacoya e manteve os dedos apertados, relutante em partir. Por um momento, fitou a coberta da cama, como se pretendesse evitar o rosto da idosa.

— Há mais alguma coisa? — questionou Nacoya.

Mara observou o quarto com constrangimento. Mas o instinto de ama da Conselheira-Mor nunca a abandonara, por isso, disse em um tom de leve repreensão:

— Filha, já não lhe cabe o papel de donzela pudica. Diga o que está pensando e acabe

logo com isso.

Mara se esforçou para controlar as lágrimas. O assunto que tanto necessitava abordar roubou sua compostura.

— Temos de procurar um... servo... inteligente para... começar... a...

A velha ama fitou a mulher de quem cuidara desde pequena com um olhar fulminante.

— Você quer dizer que devo começar a treinar um substituto.

Mara protestou veementemente. Nacoya ocupara o lugar da mãe que nunca tivera; imaginar-se sem sua presença lhe pareceu impossivelmente terrível e irreal. Embora o assunto já tivesse sido abordado de leve, adiar a decisão e não agir. No entanto, o manto do governo a obrigava a encarar a fria realidade das coisas. Apenas Nacoya conseguiu tratar o assunto com serenidade de espírito:

— Estou velha, filha do meu coração. Sinto um frio nos ossos até nos dias quentes e meus deveres começam a pesar para meu corpo fraco. Não permita que a morte se aproxime de mim sem que eu tenha a certeza de que vai receber bons conselhos.

— O Deus Vermelho não vai ter pressa em vir buscá-la — disse Kevin com um sorriso largo. — Você ainda é muito maldosa.

— Não fale blasfêmias — vociferou Nacoya, mas seus lábios enrugados se retorceram para disfarçar um sorriso com mais uma tossida. Por mais que se esforçasse para não gostar daquele bárbaro, ele era suficientemente atraente para ela conseguir perdoá-lo; além disso, a lealdade de Kevin era inquestionável.

— Keyoke poderia... — começou Mara. Mas o antigo guerreiro, osso duro de roer, interrompeu-a com uma gentileza que seus soldados nunca haviam visto:

— Sou quase tão velho quanto Nacoya, Mara. — O nome dela foi proferido com afeto, sem nem um pinga de desrespeito. — Servi seu pai com muito gosto e entreguei aos Acoma minha espada e minha perna. Sua casa deu sentido à minha vida. Conquistei muito mais do que havia sonhado quando jovem. Mas não quero ser um fardo para você. — Seu tom de voz se tornou inflexível: — Recuso a honra do manto de Nacoya. Você precisa de uma mente forte e sagaz a seu lado para aconselhá-la depois que partirmos. — Mara não abrandou o aperto na mão de Nacoya e seus ombros continuaram rígidos. Kevin inspirou para intervir, mas um leve toque de Keyoke o deteve. Então o velho guerreiro voltou a falar: — Quando um Comandante das Forças Armadas treina seus jovens oficiais, é um tolo se animá-los ou se for muito bonzinho. Senhora — disse em tom de apelo —, as tarefas de um conselheiro requerem algo além da obediência cega; é preciso ter compreensão do que é necessário para o bem da casa, assim como ter vontade de participar do Grande Jogo. Não tive tempo para ter filhos. Você não daria a oportunidade, a mim ou a Nacoya, de treinar nosso sucessor? Tal tarefa seria a alegria que enriqueceria meus últimos anos, como se fosse o filho que nunca tive.

— Ou a filha? — disse Mara em tom jocoso, apesar de ter a voz trêmula.

Keyoke conseguiu revirar ligeiramente para cima o canto da boca; o mais perto que já

esteve de sorrir.

— Isso você já é, Senhora.

Mara o fitou e depois fitou Nacoya. Os olhos da anciã brilhavam, e não era só de febre. Ela olhou para Keyoke como se ambos estivessem envolvidos numa conspiração. A confusão de Mara se transformou na suspeita de que o assunto já havia sido amplamente abordado na ausência dela.

— Você já tem alguém em mente, seu velho cão de guerra.

— Há um homem — reconheceu Keyoke. — Um guerreiro rápido com a espada, mas cujo desempenho nas fileiras é insatisfatório porque pensa demais.

— Logo, ele faz seus oficiais passarem vergonha, pois não tem papas na língua — concluiu Kevin, bem alto. — Eu o conheço?

Keyoke ignorou o comentário e, sem desviar os olhos de Mara, continuou:

— Ele a tem servido bem, embora na maioria das vezes em suas propriedades mais longínquas. O primo dele...

— Saric — interrompeu Mara, intrigada, apesar de sua infelicidade. — O primo de Lujan? Aquele de língua afiada que você enviou para longe porque eles dois, quando juntos... — Ela se interrompeu e sorriu. — É Saric?

Keyoke limpou a garganta.

— Ele tem uma mente muito criativa.

— Mais do que isso, minha Senhora — acrescentou Nacoya, lutando contra sua voz rouca. — O homem é um diabo de tão esperto. Nunca esquece um rosto ou uma palavra dita na sua frente. De certa forma, ele me lembra ao mesmo tempo Lujan e Arakasi.

Embora tivesse conversado muito pouco com Saric, Mara se recordava do jovem. Tinha um encanto muito próprio, uma maneira de ser inabalável e um dom de fazer perguntas embaraçosas — traços úteis para um futuro conselheiro. Pensando com carinho em Lujan e em sua flexibilidade para aceitar novidades, Mara comentou:

— Pelo que vejo, vocês já andaram conversando sobre o assunto. Eu me rendo à sabedoria de vocês. — Então ergueu a mão, encerrando a discussão. — Mandem chamar Saric e comecem a treiná-lo como acharem melhor. — Fez menção de se erguer e só então se lembrou do pergaminho que tinha nas mãos. — Tenho de preparar a carta para Jiro. — Voltou-se para Kevin. — Você me ajuda?

O midkemiano revirou os olhos.

— Preferiria brincar com um relli — admitiu, mas seguiu sua Senhora quando ela abandonou o quarto. Keyoke demorou algum tempo desejando uma rápida recuperação a Nacoya; como recompensa por sua cortesia, recebeu uma série de imprecações. Enquanto Mara, Kevin e o Conselheiro de Guerra dos Acoma saíam pelo corredor, o som de tosse da anciã os acompanhou.

Chumaka, Conselheiro-Mor do Senhor Jiro dos Anasati, terminou de ler a mensagem. Anéis de conchas polidas brilharam em seus dedos curtos enquanto enrolava o pergaminho e observava seu jovem Senhor com um olhar frio.

Sentado no conforto do grande salão dos Anasati, Jiro olhava para o vazio. Mãos elegantes tamborilavam no chão ao lado de sua almofada. O som ecoava sutilmente pelo salão tradicional com portas revestidas de papel decorado e pelo teto cheio de vigas escurecidas pelo tempo e tão cobertas de pátina que refletiam o chão de madeira. Pendurada nas paredes, havia uma coleção de estandartes de guerra desbotados pelo sol, muitos deles troféus de inimigos derrotados. A distância, os olhos do novo Senhor pareciam se voltar para eles. Então perguntou, parecendo desinteressado:

— Qual é sua opinião?

— Por mais estranha que seja, a mensagem me parece sincera. — Chumaka se esforçou para ser conciso: — Apesar de não serem amigos, seu pai e a Senhora Mara tinham muito respeito um pelo outro.

Os dedos de Jiro deixaram de se mover.

— Meu pai tinha a feliz capacidade de ver as coisas da maneira que lhe serviam. Achou que Mara era inteligente e, assim, ela conquistou sua admiração. Você deveria saber isso melhor do que ninguém, Chumaka. Foi com essas mesmas qualidades que atingiu sua posição. — Chumaka se curvou, embora o comentário de seu Senhor não implicasse necessariamente um elogio. Jiro passou os dedos por seu cinto bordado, com um ar levemente pensativo. — Mara procura nos desarmar. Queria saber o motivo.

Chumaka avaliou cuidadosamente o tom de seu Senhor.

— Se analisarmos a questão de modo objetivo, Senhor, eu chegaria à seguinte conclusão: Mara acha que não há um real motivo para um conflito entre nossa casa e a dela. Ela deixa implícito que seria benéfico para ambas as casas se estivermos abertos a negociações futuras.

Apesar de toda a cautela, Jiro mostrou-se indignado.

— Não há real motivo? — Suas feições atraentes se tornaram inexpressivas para ocultar o acesso de raiva injustificável. — A morte de meu irmão não é motivo suficiente?

Chumaka colocou o pergaminho em uma mesa ali perto. A questão era delicada. O salão estava abafado e quente; não conseguiu evitar suar. A morte de Buntokapi era um pretexto, ele sabia muito bem. Quando eram garotos, os irmãos viviam competindo e, frequentemente, Bunto intimidava e atormentava Jiro, o menos atlético. O fato de Mara ter passado por cima de Jiro para escolher Bunto como marido nunca fora esquecido, apesar de Mara o ter escolhido por suas fraquezas, não por suas virtudes. Ela ficara com o imbecil que poderia explorar mais facilmente, em vez de ficar com o melhor dos dois; no entanto, tal distinção nenhum significado apresentava em termos de rivalidade infantil. Bunto fora o primeiro a se tornar Governante. Não interessava ali o fato de ter sido envenenado e de Jiro ter sobrevivido para

herdar o manto dos Anasati. A ferida se abriu porque o jovem alimentava aquele rancor desde pequeno. Apesar de ocupado o lugar do pai, Jiro não era capaz de ocultar o ressentimento de uma educação onde sempre fora o segundo: atrás de Halesko, o herdeiro, e até atrás do pesado Bunto. Chumaka sabia que não valia a pena discutir. Ao contrário do pai, o jovem Senhor estava mais preocupado em ter razão do que com as sutilezas de uma vitória no Grande Jogo. O Conselheiro-Mor mediu suas palavras em função disso, tão metucioso quanto um cozinheiro escolhendo temperos:

— Naturalmente, meu Senhor, o ferimento continua causando dor. Perdoe minha insensibilidade, mas me referia a questões legais, e não a laços de sangue. Seu irmão deixou de lado sua lealdade à Casa dos Anasati ao vestir o manto dos Acoma. Teoricamente, nenhum mal foi feito à Casa dos Anasati; um Senhor Acoma morreu devido à conspiração de Mara. Fui negligente em não reconhecer sua dor pela perda de um irmão.

Jiro engoliu em seco, frustrado pela inteligência de seu Conselheiro-Mor em contornar a situação. Às vezes, o homem era esperto demais, e por isso mesmo tinha um valor inestimável; nem assim, porém, Jiro foi mais amável.

— À sua maneira, você é muito esperto, Chumaka — disse Jiro com um acesso súbito de impaciência —, mas estou certo de que joga o Grande Jogo tanto para seu entretenimento quanto pela glória da Casa dos Anasati.

Aquilo foi um pouco incisivo demais para o gosto de Chumaka, embora o comentário nem de perto fosse uma acusação clara de deslealdade.

— Senhor, eu luto de todas as formas possíveis pelo triunfo dos Anasati. — E, mudando rapidamente de assunto, fez uma pergunta a Jiro: — Devemos enviar uma resposta a Mara, Senhor?

Jiro acenou de modo casual.

— Sim, escreva algo apropriado. Mas deixe bem claro que eu a violaria enquanto meus soldados queimassem a casa dela antes de... não, deixe isso de fora. — Jiro deu um tapa na coxa, irritado por ter de recorrer a sutilezas políticas quando preferiria muito mais falar abertamente quais eram seus verdadeiros sentimentos sobre o assunto. Então lembrou-se de algo que o fez sorrir. — Não. Agradeça a Mara pelas condolências. Depois, deixe bem claro que, por respeito a meu pai, honrarei seu compromisso. Não procurarei conflitos com os Acoma enquanto meu sobrinho for vivo. — Após uma pausa venenosa, prosseguiu: — Mas deixe igualmente bem claro que, ao contrário do que faria meu pai, se meu sobrinho for ameaçado, os guerreiros Anasati não vão salvá-lo. Apenas sentirei tristeza pela perda.

Chumaka fez uma reverência.

— Transmitirei a mensagem de forma adequada, Senhor.

Jiro dispensou o conselheiro, mas se sentia impaciente demais para voltar à biblioteca. Exceto no que dizia respeito às suas paixões, o novo Senhor preferia sua coleção de rolos de pergaminho à política. Todavia, o Conselheiro-Mor dos Anasati não parecia desiludido

quando voltou apressado ao cubículo que lhe servia de aposento. Lá, sentado numa escrivaninha lotada de coisas, um escriba desenhava números numa ardósia, com um livro aberto ao lado do cotovelo. Em uma segunda escrivaninha que cobria a esteira de dormir de Chumaka, havia três pilhas de documentos: mensagens que não constituíam preocupações imediatas; mensagens que exigiriam atenção dentro de pouco tempo e aquelas que eram urgentes. Nesta última pilha havia uma única nota. Chumaka a pegou e leu cuidadosamente antes de se sentar. Percorreu as linhas com os olhos duas vezes, até que, por fim, sorriu.

— Arrá. Enfim, após todos esses anos! — Voltando-se para o jovem, suficientemente talentoso para ter sido nomeado seu escriba pessoal, disse: — Mara dos Acoma, ninguém questionaria que tem tido muita sorte desde que chegou ao poder. Aqui vemos um dos motivos.

O escriba olhou confuso para seu superior.

— Meu mestre?

Chumaka se instalou em seu lugar favorito, uma almofada tão puída e desbotada que os escravos responsáveis pela limpeza se referiam a ela como “tesouro familiar”.

— Kawai, meu agente em Sulan-Qu, viu um escriba de um agente do Senhor dos Minwanabi passando uma mensagem a um criado dos Acoma. O que isso quer dizer?

O escriba pestanejou, pois se sentia mais confortável com números do que com conversas.

— Um espião?

— Ou vários. — Entusiasmado com seu assunto preferido, Chumaka agitou um dedo. — De todo modo, sabemos agora que não fui o único a infiltrar um agente na Casa dos Minwanabi.

Mesmo depois de tanto tempo, a lembrança era amarga, pois a talentosa cortesã enviada a Jingu acabara se revelando pouco confiável. Naturalmente, sua instabilidade foi um fator essencial na morte do Senhor Jingu, uma boa consequência, do ponto de vista de Chumaka. Ao contrário de seu Senhor, que alimentava ressentimentos contra Mara, Chumaka encarava o Grande Jogo como o que de fato era: um complexo jogo, mais imprevisível do que a maioria. Naquele exato momento, o adversário mais perigoso era o Senhor dos Minwanabi. Ao contrário de seus antecessores, Tasaio não só dispunha do poder de uma casa poderosa como da inteligência e do talento para usá-lo. Era o homem mais perigoso do Império, especialmente depois que Axantucar o derrotara na corrida pelo branco e dourado. Pois, sem os deveres de Senhor da Guerra para distraí-lo, Tasaio poderia se concentrar totalmente no Jogo.

Pegando uma pena e um pergaminho, Chumaka iniciou uma linha com seu estilo elegante e caracteres compridos, fluidos e firmes como os desenhados por um escriba profissional. Meditou enquanto escrevia.

— Enfrentamos uma jogadora de talento inédito; dois, na verdade, pois nosso Senhor anseia por humilhar tanto Mara dos Acoma quanto Tasaio dos Minwanabi. Devemos ser rápidos e aproveitar qualquer oportunidade que nos surja. Devo ordenar a nosso homem em

Sulan-Qu que fique atento ao tal agente e para ver se conseguimos traçar a rota pela qual seguem as mensagens que chegam até Mara. — Chumaka fez uma pausa e encostou a pena no queixo. — Não vejo uma operação tão boa em andamento desde que Jingu eliminou a Casa dos Tuscai. — Pensou um pouco mais sobre o passado. — Uma pena que a excepcional rede de espiões deles tenha falhado... Calculo que todos os agentes tenham morrido ou tenham se tornado guerreiros cinzentos. — Falando baixinho, acrescentou: — É uma pena que um recurso tão engenhoso tenha sido reduzido a pó. — Chumaka suspirou, num gesto que poderia ser considerado inveja, e depois terminou sua frase com um floreado. — Seja como for, nosso jovem Senhor decretou que devemos nos envolver em um jogo a três mãos... muito bem. Assim faremos, dentro dos limites de nossas habilidades. As dificuldades só tornam o triunfo mais saboroso. — Dirigindo-se tanto a Kawai quanto a si mesmo, Chumaka levantou-se e fez uma pequena confissão: — Os deuses sabem que não foi por Tecuma ser inteligente que os Anasati se tornaram a casa com as melhores ligações políticas do Império. Se Jiro seguisse o exemplo de seu pai e me deixasse desempenhar meu trabalho sem interferências... — Deixou o pensamento por concluir.

O escriba nada disse. Já estava acostumado com aquele tipo de monólogo, embora nunca compreendesse bem as estranhas meditações de seu superior. Não cabia a um aprendiz questionar o mestre, muito menos um como Chumaka, mesmo se por vezes o Conselheiro-Mor parecesse encarar com desprezo seu próprio Senhor — o que, é claro, era impossível. Ninguém com uma atitude tão inapropriada poderia ascender a um lugar tão elevado numa grande casa.

Chumaka terminou sua missiva.

— Agora, tratemos de escrever uma resposta à Senhora Mara — disse —, de maneira a deixá-la tranquila, mas não o bastante, para que não ache que os Anasati são seus amigos. — Inspirou fundo e, depois, suspirou suave e melancolicamente. — Ora, seria interessante trabalhar com aquela mulher, não seria?

O escriba deixou a pergunta sem resposta.

A formação de guerreiros vestidos de azul chegou à entrada da casa grande dos Acoma. De longe, Kevin observou quando os guerreiros Shinzawai bateram continência e depois se colocaram em posição de descanso, enquanto o oficial subia os degraus com dois passos simples para se colocar diante da anfitriã. Curvou-se com seu charme irresistível.

— É muito amável de sua parte nos receber, Senhora Mara.

Kevin sentiu ciúmes quando Mara retribuiu o cumprimento com um sorriso caloroso.

— Você sempre é bem-vindo, Hokanu.

A expressão azeda do bárbaro não desapareceu quando ela apresentou seus conselheiros à

comitiva dos Shinzawai. Um novato se colocou ao lado de Lujan e Mara o apresentou.

— Este é Saric.

Saric não era nada parecido com o primo, pois era mais musculoso e mais moreno. Logo um traço irônico apareceu em sua boca.

— Meu Senhor — disse, inclinando ligeiramente a cabeça para a frente. A julgar apenas pelos modos, por outro lado, ele e Lujan eram quase gêmeos.

Suando em bicas e ainda ressentido com a discussão que tivera com Mara de manhã ao acordar, Kevin ficou em um canto afastado, enquanto a Senhora conduzia os convidados para dentro e Lujan ordenava a um de seus Líderes de Patrulha que escoltasse os guerreiros Shinzawai até os aposentos preparados para eles.

Já fazia uma semana que Kevin sabia da visita de Hokanu, agora herdeiro de sua casa. Mara não declarara as razões da visita, mas, segundo as fofocas que percorriam a propriedade, o filho dos Shinzawai viera para cortejar Mara, buscando aliança com seu casamento.

Kevin arrancou a ponta de um galho de uma árvore e com o mesmo despedaçou furiosamente os botões de algumas flores. O gesto lhe fez esticar as cicatrizes nos ombros e costas; irracionalmente, desejou ter nas mãos uma espada de treino para dedicar algumas horas a um árduo exercício físico. Contudo, apesar de sua heroica defesa em benefício de Mara, depois da noite das espadas ensanguentadas, o pessoal da casa comportou-se como se o incidente nunca tivesse ocorrido. Seu status permaneceu inalterado, ou seja, continuava proibido de carregar até mesmo uma faca de cozinha. Apesar dos anos de ligação a Mara e a seus conselheiros, o modo de pensar tsurani privilegiava a tradição, e não a lógica, nem os sentimentos, tampouco o que lhes era mais favorável.

A obsessão de Patrick por escapar revelava certo bom senso, reconheceu Kevin. Esmagou o botão de mais uma flor, e depois de outra, e lançou um olhar carrancudo a uma fileira de caules arrasados que se dobravam silenciosamente diante de sua força. Fazia muito tempo que não ia verificar como estavam seus conterrâneos. Seu desgosto aumentou ainda mais quando percebeu que não conhecia a escala de serviço. Teria de perguntar a um capataz para saber para onde tinham sido destacados.

Kevin manteve nos dedos esbranquiçados o galho quebrado quando abandonou a sombra agradável dos jardins de Mara e caminhou sob o sol pelos campos do outro lado. Ouviu o animado som das gargalhadas dela às suas costas e depois imaginou de novo o som ao se dirigir aos longínquos acres de campos de needra que ele rodeara de cercas havia tantos anos. Lá, Patrick e seus companheiros midkemianos queimados de sol estavam de joelhos no calor, arrancando ervas matasha, que sufocavam a grama nutritiva e necessária para a engorda das needra.

Kevin arremessou para longe o pedaço de madeira, saltou por cima da cerca de tábuas e correu pelo pasto até o local onde Patrick estava agachado, enrolando caules espinhosos em

volta da palma da mão para depois, com um movimento rápido, arrancá-los pela raiz da terra teimosa. O antigo combatente de ombros largos ganhara uma cor de couro velho sob o intenso sol tsurani. Seus olhos estavam permanentemente semicerrados.

— Sabia que vinha nos visitar — disse, sem olhar para cima.

Kevin se ajoelhou ao lado de Patrick e, por camaradagem, arrancou uma erva daninha.

— Por quê?

— Assim você vai cortar seus dedos — observou Patrick. — Primeiro, quebre as fibras do caule, assim. — Fez uma demonstração com as mãos cheias de calos escuros e depois recuperou a linha de pensamento: — Normalmente, você costuma se lembrar de nós quando briga com a sua amiga Senhora.

— E por que acha que briguei com ela?

Irritado, Kevin arrancou mais uma erva daninha.

— Bem, para começar, você está aqui, meu filho. — O combatente mais velho sentou-se por um momento e limpou o suor da testa com seu ombro nu. — E também porque ela recebe a visita de um pretendente, pelo que andam dizendo.

Ao escutar um grito vindo do outro lado do campo, Patrick curvou os ombros.

— Os capatazes esperam que trabalhemos, meu filho. — Arrastou-se para a frente, de joelhos, e agarrou mais um caule. — Você reparou em como são estranhas as plantas daqui?

Kevin arrancou uma enorme erva matasha e a examinou.

— Não temos nada disto em nossa terra.

As folhas largas desabrochavam de caules flexíveis, que tinham manchas laranja e ranhuras em suaves tons de lavanda. Patrick apontou com o polegar para o pasto.

— Mas a grama é igual à de Midkemia, ou, pelo menos, em grande parte. Erva dos campos, centeio, alfafa, embora os asnos lhes deem nomes estranhos. — Olhou para Kevin. — Você acha isso estranho, meu filho? Já se perguntou como as coisas podem ser tão parecidas e tão diferentes ao mesmo tempo?

Kevin fez uma pausa e observou lugubrememente um corte na palma da mão.

— Isso às vezes faz minha cabeça doer. Este povo...

— Sim, é um grande enigma — interrompeu Patrick. — Às vezes os tsurani são cruéis e, em outras, carinhosos como bebês. Eles têm uma natureza tão confusa quanto a dos goblins. — Kevin limpou o sangue nas calças e pegou mais uma planta. — Assim você vai machucar as mãos. Você não está acostumado a trabalhar — Patrick o repreendeu. Em seguida, falou em um tom de voz mais baixo: — Estamos aqui parados há cerca de um ano desde que voltou, Kevin. Alguns dos rapazes acham que é melhor deixar você para trás.

Incomodado com os fios de suor que lhe ensopavam a camisa, Kevin suspirou.

— Ainda pensam em fugir?

Patrick lançou um olhar severo a seu conterrâneo.

— Sou um soldado, rapaz, não gosto de ficar chafurdando na terra, prefiro lutar.

Kevin, desesperado, puxou as fitas de sua roupa.

— Lutar contra quem?

— Quem quer que nos persiga. — Patrick arrancou outra erva daninha. — Quem quer que tente nos deter.

Kevin tirou a camisa. O sol quente queimou suas costas.

— Falei com alguns rapazes daqui que antes de jurarem lealdade a Mara eram guerreiros cinzentos. As montanhas não são assim tão amistosas. Os pobres desgraçados que vivem lá não comem muito bem.

Patrick coçou a barba.

— Bem, admito que as refeições melhoraram desde que você intercedeu por nós, mas ainda assim não é exatamente um banquete.

Kevin sorriu mostrando os dentes.

— E quando comeu um banquete, seu velho trapaceiro? A melhor refeição que já comeu foi numa taberna em Yabon.

A alusão ao passado não fez Patrick sorrir nem fazer piada em resposta. Calado, ele enrolou outro caule em volta da mão, arrancou-o e atirou a planta desenraizada para o lado. As folhas pareciam murchar após uns minutos sob o sol tsurani, ao contrário dos homens, que eram capazes de aguentar anos e anos com saudades de seus lares e da liberdade perdida.

Kevin olhou para as montanhas longínquas, um contorno suave de azul em contraste com o estranho verde do céu. Suspirou.

— Eu sei. — O corte na mão doeu de forma impiedosa quando agarrou outra erva daninha. — Coisas estranhas aconteceram no ano passado em Kentosani.

Patrick cuspiu.

— Coisas estranhas sempre acontecem aqui.

Kevin colocou a mão no ombro do amigo.

— Não, eu me refiro a algo... não sei se posso contar a você. É uma sensação. Quando ocorreu toda aquela confusão nos Jogos Imperiais.

— Se você se refere ao mago bárbaro que libertou aqueles escravos, isso de nada serviu para mudar nossa sorte. — Patrick avançou pelo terreno.

— Não é disso que estou falando — contestou Kevin, pegando sua camisa e seguindo em frente. — Os escravos foram libertados numa cultura que não tem noção do que é a alforria. Pelo que soube das notícias que chegaram pelo rio, aqueles homens estão vivendo na Cidade Sagrada, fazendo uma coisa ou outra, mas são considerados homens livres.

As mãos de Patrick pararam no ar segurando um caule.

— Se um homem fugir daqui e subir o Gagajin...

— Não — disse Kevin, mais rude do que pretendia. — Não era nisso que eu estava pensando. Não quero viver como fugitivo. Prefiro viver com a ideia de que, uma vez feito isso, pode ser repetido.

— Você tem permissão de portar uma espada? — perguntou Patrick, amargo. — Não, e era aí que eu queria chegar. Você não consegue ver o óbvio. Salvou a Senhora, fantástico! Mas, quando a crise termina, você é de novo um escravo.

Sentindo que ele tocara na ferida, Kevin descarregou a irritação em uma erva daninha e depois praguejou quando voltou a se cortar.

— Desista, meu filho — disse Patrick, com raiva. — Os asnos são tão inflexíveis quanto suas plantas quando se tenta mudá-los de lugar ou opinião. Diante da mudança, optam pelo suicídio.

Kevin se levantou.

— Mas os Grandes estão acima da lei. O Senhor da Guerra e até o Imperador não podem contrariar a vontade deles. Talvez, agora que um mago libertou escravos, um Senhor possa contrariar a tradição e fazer o mesmo. Mas, aconteça o que acontecer, se você for enforcado por fugir, já estará morto, e, a meus olhos, isso não é liberdade.

Patrick soltou uma gargalhada amarga.

— É verdade. Bem, vou esperar um pouco. Mas não sei dizer quanto mais aguento.

Satisfeito com aquela resposta, mas ressentido com a franca insistência de Patrick em outros assuntos espinhosos, Kevin atirou a camisa por cima do ombro. Juntou as ervas daninhas já murchas e as atirou em um monte do lado da cerca. As mãos cortadas ardiam, mas por dentro sentia ainda mais dor. Seus companheiros midkemianos mal se dignaram a resmungar quando passou vindo do campo. Por sua vez, ele mal reparou neles, com a mente ocupada se lembrando da risada de Mara no jardim onde se sentara com Hokanu.

O calor do meio-dia levou Mara e Hokanu a saírem do jardim e irem para uma sala de estar pouco utilizada da casa, um cômodo que permanecia intocado desde os tempos da mãe dela. Ali, num ambiente arejado, com almofadas em tom pastel e cortinas de tecido fino, o casal sentou-se para um almoço leve, sendo refrescados por um escravo com um leque de penas de shatra. Hokanu trocara a armadura completa por uma túnica leve que deixava visível sua atraente constituição física. O tempo e os treinos acrescentaram uma excelente forma física à sua já excepcional estrutura óssea de porte gracioso. Usava poucos anéis e apenas um colar de conchas de corcara, mas a simplicidade de suas vestes e enfeites servia apenas para destacar ainda mais sua elegância natural. Bebeu seu vinho e meneou a cabeça.

— Excepcional. Senhora Mara, sua hospitalidade é grandiosa.

Seus olhos escuros se fixaram nos dela, não do modo brincalhão ou irônico de Kevin, mas de uma forma profunda, com um mistério que Mara sentiu vontade de desvendar. Inconscientemente, ela se viu sorrindo. As feições dele eram belas sem se revelarem delicadas ou exageradas, e o modo como ele a olhava diretamente nos olhos desencadeava

uma resposta intensa. De maneira intuitiva, Mara pressentia que poderia confiar naquele filho dos Shinzawai. A sensação era única, até surpreendente, em comparação com as intermináveis insinuações políticas que complicavam a comunicação com seus pares Governantes. Consciente de que o olhava fixamente e que se esquecera de responder ao cumprimento, Mara dissimulou o vermelho que lhe subiu ao rosto dando um gole em seu cálice.

— Estou satisfeita por ter gostado do vinho. Confesso que deixei meu hadonra selecionar o ano de colheita. Ele tem um instinto infalível.

— Assim sendo, sinto-me lisonjeado por ele ter trazido seu vinho — disse Hokanu, educado. Ao fitá-la, pareceu ver além do modo como o cabelo dela estava arrumado e mais do que o corte das túnicas; com uma intuição semelhante à de Arakasi, foi além das aparências para tocar diretamente no coração dela. — Você é uma Senhora capaz de ver nitidamente as coisas. Sabia que eu partilho de sua repulsa por aves engaioladas?

Pega de surpresa, Mara riu.

— Como sabe disso?

Hokanu girou sua taça de vinho.

— Por sua expressão ao descrever a sala de estar da Senhora Isashani no Palácio Imperial. Além disso, Jican mencionou certa vez que um de seus pretendentes lhe enviou de presente uma ave li. Duas semanas depois, disse ele, você a soltou.

Involuntariamente, ela se lembrou de sua frustração cortante em relação ao dilema de Kevin. Mas se esforçou para não parecer preocupada.

— Você é muito observador.

— Eu disse algo que a perturbou. — Hokanu colocou seu cálice de lado. Inclinou-se sobre a almofada e, tímido, estendeu a mão sobre a mesa. — Gostaria de saber o que foi.

Mara fez um gesto de frustração.

— É apenas um conceito introduzido por um bárbaro.

— A sociedade deles está repleta de conceitos fascinantes — comentou Hokanu, com seus olhos intensos e negros fixos nela. — Às vezes, fazem com que fiquemos parecidos com crianças teimosas retrógradas, tão presos em nosso modo de pensar que nos tornamos cegos.

— Você os estudou? — perguntou Mara, intrigada, expondo-se sem pensar.

Hokanu pareceu não dar importância, pois o assunto também o deixava fascinado.

— Nosso povo não compreendeu muitos fatos por trás do fracasso do Imperador em seu esforço pela paz. — Como se temesse que a referência à política quebrasse aquele momento de harmonia, o herdeiro dos Shinzawai deixou o assunto de lado. — Perdoe-me. Não pretendia lembrá-la daqueles dias difíceis. Meu pai soube que passou uma noite sitiada no Palácio Imperial. Ele disse que sobreviveu graças à honra dos Acoma. — Antes que Mara pudesse desviar o assunto com um gesto, ele a brindou com aquele olhar que, de modo desconcertante, derrubava todas as suas defesas. — Gostaria de ouvir de sua boca o que aconteceu.

E Mara notou a mão dele se movendo ligeiramente na direção do tampo da mesa; com a inquietante percepção que parecia partilhar com ele, Mara compreendeu: ele desejava tomá-la nos braços. Uma onda de tremores a tomou ao imaginar o toque de seu corpo de guerreiro. Ele era mais do que atraente — compreendia-a, sem as barreiras ou os exageros emocionais que apimentavam sua relação com Kevin. Se o bárbaro reagia à sua natureza sombria tipicamente tsurani e a descontraía com bom humor, Hokanu simplesmente conhecia as coisas, e sua promessa não proferida de proteção se tornou uma poderosa combinação. Então Mara se viu mais uma vez olhando fixamente para ele e percebeu que deveria reagir de algum modo ao pedido dele, se não pretendesse que o caráter emocional do encontro se transformasse em paixão.

— Lembro-me de uma grande quantidade de gaiolas de pássaros arrebetadas — disse, com uma leveza forçada. — O Senhor Hoppa uniu suas forças às minhas e os atacantes que invadiram seus aposentos não encontraram vítimas para matar. Descarregaram a raiva nas aves li de Isashani e na decoração pintada de púrpura. No dia seguinte, os tratadores de pássaros da Senhora se cansaram perseguindo os fugitivos.

Desapontado por ter sido desviado do assunto mais pessoal, Hokanu uniu as sobrancelhas em um semblante levemente carregado. Seus olhos tinham um toque exótico e a expressão fez com que parecesse surpreso.

— Senhora Mara — disse ele com delicadeza, e o tom de voz a tocou como se fosse um arrepio gelado no coração. — Posso estar sendo ousado demais ao me apresentar assim, mas as circunstâncias no Império obrigaram a mudanças que nenhum de nós poderia ter previsto há poucos meses.

Mara deixou seu vinho de lado para disfarçar o leve tremor das mãos. Ela sabia, oh, como sabia, onde aquilo iria dar, e as sensações que a percorreram por dentro eram fortes e complexas demais para conseguir controlá-las.

— Aonde quer chegar? — perguntou, num tom pouco firme.

Hokanu notou a confusão dentro dela tão nitidamente como se Mara a tivesse expressado aos gritos. Inclinou-se para a frente em sua almofada, para dar mais ênfase.

— Meu irmão se perdeu do outro lado do Portal. Só eu restei para um dia governar no lugar de meu pai.

Mara assentiu, com as próprias emoções ainda mais carregadas pela dor que sentiu nele devido à súbita perda de Kasumi. Os rapazes haviam sido criados como irmãos e a dor de Hokanu era profunda.

— Quando a conheci... — Hokanu dominou seu pesar e seus lábios formaram um sorriso enviesado. — Devo confessar, Senhora, fiquei desapontado quando a conheci.

Mara se espantou a ponto de soltar uma gargalhada.

— Você tem uma maneira estranha de elogiar uma mulher, Hokanu.

O sorriso dele se abriu e os olhos de ambos se iluminaram com um prazer mútuo que se

mostrava no vermelho das bochechas dela.

— Vou dizer de outra forma, adorada Senhora. Meu desapontamento foi imenso porque a conheci em seu casamento.

A expressão de Mara se alterou, adquirindo um ar agriçoce.

— Esse casamento envolveu uma grande dose de tristeza, Hokanu. — E a palpitação se repetiu, com o reconhecimento mudo de que ele sabia, sem precisar explicar.

— Mara — disse ele, de modo tão gentil quanto uma carícia. — Ambos temos um dever para com nossos antepassados. Cresci sabendo que meu destino era desenvolver os relacionamentos de minha família através do casamento. Sempre parti do princípio de que meu pai me entregaria à filha de um ou outro Senhor. Mas agora...

Mara concluiu o pensamento por ele:

— Agora, você é o herdeiro, destinado a governar uma casa honrada.

O alívio de Hokanu era visível.

— E há outras coisas em jogo.

Mara sentiu uma onda de esperança misturada com uma dolorosa desilusão, pois aparentemente não tinha entendido as intenções dele. Ele gostava dela e sabia o quanto sua presença a afetava, por isso estava tentando fazê-la esquecer-lo, de modo muito amável e sagaz, sem magoá-la.

— Sei que as questões políticas podem interferir nos interesses de seu coração — disse ela, para tentar ajudá-lo.

— Mara, quando vim visitá-la antes, tinha a esperança de que me pedisse a meu pai como consorte. — A hesitação dele ficou ainda mais evidente, como nuvens sob a luz do sol. E seu olhar travesso o tornou ainda mais radiante. — Como você é uma Governante e eu era apenas um segundo filho, eu me mantive em silêncio. Agora, como herdeiro, posso propor um arranjo diferente.

O sorriso de Mara se desvaneceu. Ele não ia lhe dizer educadamente que não podia mais cortejá-la! Em vez disso, ia apresentar uma proposta. Em pânico, atingida em seu ponto fraco e lançada com tudo contra o espinhoso assunto de seu futuro com Kevin, esforçou-se para manter a compostura:

— O que você tem em mente?

Hokanu hesitou, o que raramente fazia. Diante da agitação dela, ficou confuso. Aquilo exigiu uma escolha cuidadosa de palavras. Com a mão agarrou instintivamente a beira da mesa, como se esperasse ser golpeado de repente.

— Pergunto isso informalmente, pois, se você recusar, não desejo uma rejeição pública. Mas, se estiver de acordo, pedirei ao Conselheiro-Mor de meu pai que se reúna com sua Conselheira-Mor para cuidar dos preparativos de nosso encontro... — Ele quase começou a rir, e sua natureza forte e direta serviu para deixá-lo outra vez mais seguro. — Estou divagando... Case-se comigo, Mara. Um dia, Ayaki será Senhor dos Acoma e seu segundo

filho, o nosso filho, vestirá o manto dos Shinzawai. Nada me deixaria mais feliz do que tê-la ao meu lado, como Senhora, sabendo que duas casas ancestrais um dia serão governadas por irmãos.

Mara, cada vez mais confusa, fechou os olhos. Por mais que conhecesse Hokanu, por mais que se sentisse afetada por seu encanto, a ideia de se casar mexia com seus sentimentos como uma tempestade. Pressentira que aquele momento seria inevitável e procurara erradamente abrigo na crença de que a ascensão de Hokanu à posição de herdeiro a pouparia daquela decisão, achando que questões políticas o forçariam a procurar uma esposa com melhores ligações. Por mais que tivesse pensado no assunto, nada a preparara para aquilo. Sentiu o olhar de Hokanu fixo em seu rosto e percebeu, sem que ele nada dissesse, que ele notara a turbulência levantada por suas palavras. E, daquele modo gracioso que infalivelmente estilhava suas defesas, ele interveio para salvá-la:

— Eu a surpreendi. — Seu tom buscou deixá-la à vontade: — Não se sinta desconfortável. Permita que eu me retire e lhe dê tempo para pensar. — Levantou-se em consideração a ela, todo majestoso. — Senhora, seja qual for sua decisão, não tema por meus sentimentos em relação ao assunto. Eu a amo com toda a honra, mas também a amo por aquilo que é. Não gostaria de tê-la comigo se essa não for a sua vontade. Procure sua própria felicidade, Senhora Mara. Sou homem suficiente para encontrar a minha.

Muda, com as mãos unidas pela emoção e assolada por um incômodo mal reprimido, Mara olhou para cima e viu que ele já saíra sem que ela notasse. Teve de olhar duas vezes para ter certeza de que a sala estava vazia. Esticou o braço e pegou o cálice de vinho e as travessas intocadas da refeição leve. Em sua mente, o rosto de Kevin se misturou com o de Hokanu, a ponto de desejar gritar sua frustração para as paredes. Entre eles, não havia escolha possível, nenhuma, e o dilema do amor e da honrada necessidade política a fustigava inevitavelmente.

— Queridos deuses, que confusão — murmurou, e só então percebeu que não estava mais sozinha. Em uma atitude espontânea e cavalheiresca, Hokanu lhe enviara sua Conselheira para confortá-la e orientá-la, de modo a lidar com aquele momento embaraçoso.

Ainda fraca pela doença, Nacoya balançou a cabeça, indicando que Mara deveria ficar calada.

— Venha — disse a velha Senhora de repente. — Vou levá-la de volta a seus aposentos para que se livre dessas vestes formais. Quando se sentir mais confortável, poderemos conversar.

Mara permitiu que ela a ajudasse a se levantar. Seguiu Nacoya pelos corredores sem reparar para onde ia ou no chão sob seus pés.

— Alguém está cuidando das necessidades de Hokanu? — indagou com voz fraca.

— Saric cuidou disso. Lujan vai organizar algumas lutas entre os guerreiros. — Nacoya afastou para o lado o biombo de acesso aos aposentos de Mara e reuniu uma dezena de criados. — Água para o banho — ordenou em tom ríspido. — E algo leve e confortável para a

Senhora vestir depois.

Mara permaneceu com os braços estendidos e imóveis enquanto suas ajudantes afrouxavam os botões de madeira e os laços de cordão de sua túnica.

— Isso é impossível! — exclamou. — É o momento errado.

Nacoya estalou a língua.

— Os Shinzawai são uma família antiga, com uma honra elevada, mas o papel deles na tentativa abortada de forçar a paz do Império...

Desorientada por aquela reviravolta rumo à política pura e dura, Mara se livrou da pesada túnica. Avançou mecanicamente para o banho fresco preparado pelos criados e ficou sentada, tremendo, enquanto duas criadas passavam esponjas em suas costas.

— O que está acontecendo comigo? Por que não consegui dizer não e afastar o assunto de minha mente?

Nacoya respondeu, enigmática:

— Filha, não há uma maneira correta de governar o coração.

— Não é meu coração a questão! — respondeu Mara, nervosa, com um tom cortante que lhe soou contraditório. — O que Hokanu significa para mim além de um meio para atingir um fim?

A Conselheira-Mor sentou-se numa almofada e envolveu os joelhos com seus dedos nodosos. Nada disse enquanto Mara suportava um banho que não queria. Depois, a Senhora se levantou e saiu da água, ficando parada com o semblante preocupado enquanto suas criadas a secavam com toalhas. Nacoya não interrompeu o silêncio até chegar outra criada com uma túnica mais leve e folgada.

— Minha Senhora, desde que me lembro e desde que meu pai se lembrava, os Shinzawai figuram entre as famílias mais honradas do Império. O velho Senhor Shatai, pai de Kamatsu, era Chefe de Guerra dos Kanazawai quando um Senhor dos Keda se sentou pela última vez no trono de Senhor da Guerra. E ninguém jamais ouviu falar de um Senhor dos Shinzawai que tivesse desrespeitado uma aliança. A honra deles é inquestionável.

Mara tinha noção de tudo isso. Enquanto as criadas amarravam sua túnica, fitou a velha ama com uma expressão contida de desespero.

— Mas a posição deles neste momento é questionável.

— Há muitos ressentimentos no ar desde o fracasso do acordo de paz e da Noite das Espadas Sangrentas — concordou Nacoya. — Muitas das famílias destroçadas insistem que os crimes nunca teriam ocorrido se a Facção Azul e, particularmente, os Shinzawai não tivessem estado no centro das conspirações do Imperador.

Mara não precisava ser lembrada de que era justamente por tantos terem sido feridos e de todos estarem sendo cautelosos que ninguém procurara se vingar dos Shinzawai. Ligar sua família à deles através de um casamento serviria para acrescentar um nome à lista de inimigos perigosos. Não, decidiu Mara depois de Nacoya tê-la ajudado a chegar à conclusão óbvia e

razoável. O cerne da questão era outra coisa completamente diferente. Hokanu era bastante atraente, e o profundo envolvimento dela com Kevin só complicava dolorosamente as coisas, embora nunca tivesse se deixado levar pela esperança vã de que o amor pudesse transformar um escravo em esposo. Sua perturbação tinha origem em outra verdade: tinha relutância em ceder o controle de sua vida a qualquer Governante. O breve mandato de Buntokapi lhe deixara péssimas lembranças, mas isso não era tudo.

Mara suspirou e olhou pelo biombo aberto para o jardim. O dia estava acabando e compridas sombras se estendiam pelo caminho entre os canteiros de akasi. A pujante terra verde que pertencera a seu pai e aos antepassados dele prosperara ao longo dos anos desde que uma jovem recebera sua herança apesar da tenra idade e da falta de experiência. À luz de seu sucesso, Mara ponderou sobre uma verdade ainda mais profunda, mais simples do que qualquer conflito em sua vida, no passado ou no presente. Após um minuto que pareceu se arrastar interminavelmente, dirigiu a palavra a Nacoya:

— Obrigada por seus conselhos. Agora, pode ir.

Assim que a anciã se curvou e partiu, Mara se envolveu em pensamentos. Tantos acontecimentos em sua vida resultavam do fato de ser Governante. No entanto, os deveres, a tremenda responsabilidade e até o perigo que atravessou seu caminho... tudo isso não se revelara o temível fardo que pensara ter pela frente no dia em que abandonara o Templo de Lashima. Desde que vestira o manto dos Acoma, aprendera a apreciar o poder, a se deleitar com sua própria habilidade em enfrentar os perigos do Grande Jogo. Tais coisas a libertaram para perseguir novas ideias. Como seria deixar as decisões nas mãos de terceiros?, pensou. Poderia se sentir igualmente satisfeita colecionando pássaros li, decorando salas de estar ou sendo uma casamenteira, como faziam outras mulheres? As mulheres, por direito próprio, já tinham assumido as rédeas do poder, às vezes com resultados impressionantes. Poderia ela fazer como Isashani dos Xacatecas e retirar igual prazer de orquestrar enredos secundários atrás do palco, o mesmo prazer que sentia agora, sentada numa posição inquestionável de comando?

Mara voltou a suspirar.

Então uma sombra caiu sobre o biombo que dava para o jardim. Em seguida, uma voz familiar intrometeu-se vinda de trás:

— Sei no que está pensando. — Mara olhou para cima e se deparou com Kevin olhando para ela, com um sorriso sarcástico estampado no rosto. Ele deu voz à sua opinião, como sempre fazia, sem aguardar que ela o convidasse: — Está pensando em como seria fazer uma pausa e permitir que aquele jovem guerreiro dos Shinzawai governasse as coisas.

— Seu... monstro! — exclamou Mara, surpresa a ponto de começar a rir.

Kevin se abaixou para ficar da altura dela, atirando para trás o cabelo ruivo dourado que precisava urgentemente ser cortado e deteve-se com a boca a poucos centímetros da dela.

— Tenho razão?

Ela o beijou. Ela era capaz de resistir aos encantos de Hokanu, mas aquele homem era um verdadeiro veneno para seu sangue.

— Sim, maldito.

— Eu direi exatamente como seria: chato. — Kevin fez um gesto abrangente e terminou abraçando Mara e retribuindo o beijo. — Você adora estar no comando.

— Nunca desejei vestir o manto dos Acoma — respondeu ela, com uma frieza evidente.

— Eu sei — disse ele, descontraído, não pretendendo desafiá-la —, mas isso não muda nada.

Mara fez uma careta de autopiedade.

— Ninguém pediu sua opinião.

Não contrariou a ideia dele. Para Kevin, isso valia tanto quanto a admissão de que tinha razão. Enquanto se recostava, satisfeita, no ombro dele, Kevin prosseguiu implacavelmente com suas conclusões:

— O homem que a corteja não é um fraco. Assim que se tornasse seu esposo, assumiria o comando e, a não ser que eu tenha interpretado mal a tradição tsurani, a liderança lhe seria negada para sempre. — Kevin exibiu um sorriso maldoso. — Então, ainda pretende se casar com ele?

Mara esticou o braço, pegou um punhado de barba ruiva e, brincando, puxou-o.

— Louco! — Antes de ele conseguir gritar, largou, ainda rindo. — É possível que sim. — Quando os olhos dele se arregalaram, acrescentou: — Mas não agora. O momento político não é o melhor, e há algumas coisas a fazer primeiro.

— Como por exemplo? — perguntou Kevin, de repente muito sério e preocupado.

Levemente consciente de que o tom jocoso dele disfarçara uma incerteza torturante, a expressão de Mara tornou-se severa.

— Como por exemplo, a destruição de Tasaio dos Minwanabi.

Era uma mesa festiva. Lamparinas de papel lançavam luz sobre padrões perfurados e criavam vivos realces cor de rubi no vinho que os criados haviam deixado para acompanhar a refeição. As travessas e os talheres eram os melhores dos armários, embora nem Mara nem seu convidado tivessem se dado ao trabalho de terminar os doces ou as compotas. Hokanu se sentou à vontade em suas almofadas, mas a postura descontraída era fingida.

— Compreendo, naturalmente.

Seu tom de voz era calmo, não demonstrando surpresa nem nenhum vestígio de ressentimento. No entanto, Mara o conhecia bem o bastante para notar a pequena e silenciosa pausa que ele fizera para manter a compostura depois de ela recusar, por questões políticas, seu pedido informal de casamento. Não estava perturbado, pelo menos não com a amargura

nervosa de Jiro quando ela optara pelo irmão; tampouco sentia a dor de um cachorro abandonado demonstrada por Kevin com sua disposição sombria, mas sentiu uma dor genuína ao ser rejeitado. Sem surpresa, sua tristeza a fez sofrer.

— Por favor — acrescentou, mais abalado do que desejava —, deve compreender o que se passa em meu coração.

Hokanu olhou para suas mãos paradas envolvendo parcialmente o cálice de vinho. Impulsivamente, Mara desejou poder estender o braço por cima da mesa para tocar seus dedos compridos e elegantes. Mas isso seria estranho, se não impróprio... Ela não concordara em ser sua esposa. No entanto, não conseguia ocultar sua tristeza.

— Eu... o admiro mais do que pode imaginar. Você é tudo o que eu poderia desejar como pai de meus filhos. Mas ambos governamos. Nossa casa seria um campo armado... Onde viveríamos? Nesta propriedade, cercados por soldados que não lhe são leais? Na propriedade de seu pai, com soldados que não me são leais? Podemos pedir aos homens que prestaram juramento ao natami de nossas famílias para obedecerem a outra casa, Hokanu?

O som de seu nome, como só ela poderia proferir, gerou um sorriso agri-doce e as palavras dela o fizeram erguer as sobrancelhas, surpreso.

— Mara, parti do princípio de que iria viver comigo na propriedade de meu pai e que designaríamos alguém de sua escolha para governar por Ayaki enquanto ele não atingisse a maioridade. — Hokanu fez um gesto desdenhoso dirigido a si mesmo. — Senhora, perdoe minha presunção irrefletida. Eu deveria ter previsto que você, dentre todas as mulheres, não reagiria do modo tradicional, repetido ao longo das eras. — Sua expressão tornou-se secamente irônica. — Sempre admirei seu espírito livre. Fazer de você uma esposa normal seria o mesmo que engaiolar um pássaro li. Só agora percebo isso.

Ele era belo, enfeitado com lantejoulas à luz das lamparinas, com olhos profundos como lagoas de florestas dedicadas a Sacerdotes. Mara inspirou profundamente para se acalmar.

— Presumiu, Hokanu, mas isso não é uma falha grave. — Antes de perceber que se mostrara complacente consigo mesma, estendeu a mão por cima da mesa e tocou a mão dele. A pele dele era reconfortante, com os tendões bem marcados. — Todos estes problemas se resolveriam se Tasaio dos Minwanabi não pairasse como uma espada sobre meu pescoço. Se você e sua família não tivessem estado no centro do plano do Imperador para forçar a paz no Conselho Supremo. Se...

Hokanu moveu sua outra mão e a fechou gentilmente sobre a dela. Sua expressão se alterou sutilmente, não por raiva ou por dor, mas por profundo interesse.

— Prossiga.

— Se vivêssemos num lugar... — hesitou, incerta quanto ao modo adequado de se valer de um conceito altamente inspirado em Kevin — onde a lei tivesse tanto valor quanto a palavra, onde a política não aprovasse o crime... — Deteve-se e percebeu naquele momento que o silêncio dele era um reflexo de seu próprio silêncio; que a mão de Hokanu sobre a sua a

apertara com um ressentimento compartilhado contra as lacunas enraizadas na cultura tsurani que Mara relutantemente começara a reconhecer. A ligação fácil entre eles a perturbou e, para não se distrair, concentrou-se unicamente nas palavras: — Se vivêssemos numa época em que soubéssemos que nossos filhos poderiam crescer sem facas escondidas atrás de todas as portas, então, Hokanu dos Shinzawai, eu me sentiria muito honrada em me tornar sua esposa. Não há homem no Império que eu preferisse ter como pai de meu próximo filho. — Desviou o olhar, temendo que a presença dele a fizesse infringir mais regras do protocolo. — Mas, até o Conselho estar mais estabilizado e até que as coisas fiquem diferentes, uma união entre nós implicará riscos para nossas casas.

Hokanu permaneceu calado. Acariciou a mão dela ao libertá-la e nada disse até ela voltar a fitá-lo, de modo a poder olhá-la nos olhos.

— Você é mais sábia do que sua idade poderia deixar antever, Senhora Mara. Não posso fazer de conta que não estou desapontado. Só posso admirar sua força. — Inclinou aos poucos a cabeça para um dos lados. — Sua força rara só faz com que eu a estime ainda mais.

Mara reparou que os olhos dele estavam ficando úmidos.

— Hokanu, qualquer filha de outra casa será uma mulher afortunada.

Hokanu se curvou ao elogio.

— Essa filha precisará ser mais do que afortunada para conseguir afastar o que sinto por você. Antes de partir, posso pelo menos saber se vê favoravelmente sua amizade com os Shinzawai?

— Seguramente — disse ela, absurdamente aliviada por Hokanu não ter ficado zangado com a rejeição amorosa nem ter mudado seu jeito galante de tratá-la. Só agora percebia que temera que a recusa se voltasse contra si mesma. — Considerarei isso um privilégio.

— Considere-o um presente — disse Hokanu. — Um que você merece. — Sorveu o último gole de vinho e depois, discretamente, preparou-se para partir.

Mara o conteve, sobretudo para adiar o infeliz momento da partida dele.

— Se me permite, gostaria de lhe pedir um favor.

Ele se deteve, equilibrando-se a meio caminho de se levantar. Seus olhos procuraram os dela com sinceridade, sem suspeitar de que ela poderia se aproveitar de sua fraqueza para atingir seus próprios objetivos. Ao contrário, mirava-a com um intenso desejo de saber o que ela queria. Mara analisou sua expressão e percebeu, do fundo do coração, o quanto eram parecidos: ambos tinham instinto para o Grande Jogo e vontade de apostar tudo nele.

— O que gostaria de me pedir, Senhora Mara?

Ela se esforçou para parecer mais à vontade enquanto pensava na melhor maneira de abordar aquele tema delicado.

— Eu soube que um dos Grandes visita sua casa com frequência.

Hokanu assentiu, agora com um rosto inexpressivo.

— É verdade.

— Gostaria muito de ter uma conversa informal com um deles — acrescentou Mara, com uma rigidez angustiada. — Se pudesse providenciar um encontro, ficaria em dívida com você.

Os olhos de Hokanu se estreitaram um pouco, mas ele não deu voz à sua curiosidade em relação aos motivos de Mara.

— Verei o que posso fazer.

Então levantou-se de uma vez e a brindou com uma reverência formal de despedida, acrescentando algumas palavras graciosas. Mara também se levantou, triste por a atmosfera mais íntima ter se quebrado. O encanto de Hokanu parecia agora superficial, como se viesse de um esforço consciente. Mara não conseguia saber o que ele pensava de verdade. Depois que ele partiu, ela se sentou à luz das lamparinas de papel, girando sem parar seu cálice de vinho. Não conseguiu se lembrar de suas últimas palavras, só que ele dissimulara bem demais suas verdadeiras emoções.

As almofadas do outro lado da mesa pareceram-lhe mais do que vazias, e a noite, um pouco mais sombria. Nacoya apareceu no momento ideal, como Mara esperara que acontecesse. Os instintos da velha eram infalíveis. Olhando sua Senhora, a anciã sentou-se ao lado dela.

— Filha do meu coração, você parece perturbada.

Mara encostou-se à velhota, permitindo que fosse abraçada como se voltasse a ser uma garotinha.

— Nacoya, fiz o que devia e rejeitei o pedido de Hokanu. Mas estou assolada por uma tristeza injustificada. Nunca achei que amasse tanto Kevin quanto amo; ainda assim, estou triste por rejeitar a proposta de Hokanu.

Nacoya ergueu uma mão e gentilmente afagou o rosto de Mara tal como fizera ao longo dos dolorosos anos de crescimento dela.

— Filha, o coração pode abrigar mais do que um. Cada um deles tem seu lugar nele.

Mara suspirou, permitindo-se um momento de conforto nos braços da idosa. Depois sorriu de maneira sombria.

— Você sempre me avisou que o amor era um caos. Nunca compreendi, até agora. Aprendi que, além de ser um caos, está cheio de espinhos.

Ao escutar o gongo, Mara endireitou-se. Kevin tinha começado a passar as mãos em suas costas, mas ela afastou de repente seu corpo quente dos dedos dele. Kevin se viu sozinho no emaranhado das roupas da cama. Só mais tarde notou que nunca ouvira aquele som que a despertara.

— O que está acontecendo? — ele quis saber, ainda no leito.

Sua sonolenta pergunta se misturou com a confusão assim que a porta dos aposentos de

Mara se abriu e duas criadas com pentes e presilhas entraram apressadas. Outras as seguiram, abrindo o guarda-roupa; num instante, a Senhora estava coberta de túnicas formais, costureiras e mulheres que começaram a pentear o cabelo que se desarrumara durante o sono.

Kevin franziu o cenho. Despertado grosseiramente de um agradável interlúdio, percebeu que sua Senhora não proferira uma única palavra para permitir aquela invasão tão absurda.

— O que está acontecendo? — insistiu ele, dessa vez suficientemente alto para que todas prestassem atenção.

— Um Grande está chegando! — explicou Mara com impaciência, e depois prosseguiu dando instruções às suas criadas sobre as joias que deveria ostentar com suas vestes formais. — Hoje, quero o colar de ferro e a tiara de jade.

— A esta hora? — perguntou Kevin, levantando-se. Recolheu sua túnica cinzenta e envolveu o corpo com ela.

No centro de toda aquela agitação, Mara soltou um suspiro nervoso.

— Normalmente, eu me levanto da cama uma hora mais cedo.

— Bem — disse Kevin, que claramente era o responsável pela situação. Esforçara-se para detê-la e seu esforço fora recompensado. — Perdoe-me a inconveniência. — Seu tom era suave, mas ele estava nitidamente confuso com a súbita partida dela de seus braços.

Mara permitiu que as criadas se dedicassem com grande pressa a seus alfinetes e à faixa.

— Os Grandes não têm tempo para desperdiçar com caprichos. — Pareceu prestes a acrescentar algo, mas, quando ouviu o gongo soar pela segunda vez, seus modos brandos desapareceram de seu rosto. — Basta! O Grande já chegou!

As criadas recuaram e fizeram suas reverências, enquanto a Senhora permanecia parada, satisfeita por ter o cabelo amarrado para cima em um arranjo simples, mas bem elaborado, com quatro presilhas segurando o penteado. A joia de metal raro e a tiara de jade bastariam para dar a entender ao Grande que dava muita importância à sua presença. Assim que enfiou nos pés suas pantufas e se dirigiu para a porta, seu escravo, por reflexo, começou a segui-la.

— Não. Você não pode vir. — Kevin ia começar a protestar, mas Mara se antecipou: — Silêncio! Se este mago entender que foi desrespeitado de algum modo, pode ordenar a morte de todos os membros desta casa. Serei obrigada a fazer o que ele ordenar, custe o que custar. As palavras de um Grande são lei. Tenha noção disso, recuso-me a arriscar que ele possa ter a oportunidade de escutar sua língua afiada.

Não permitiu mais argumentações e se apressou a passar pela porta e a atravessar o pátio rumo à outra ala. Ali havia uma sala com cinco paredes sem mobília ou decoração, além de uma shatra incrustada em ônix no chão. O cômodo não era usado desde que Mara nascera, mas todas as grandes casas dispunham de tal tipo de sala, ou um canto, ou um quarto, com um símbolo bem evidente exposto no chão. Qualquer mago do Império poderia se concentrar no padrão de uma casa e aparecer quando quisesse. Uma aparição como essa normalmente era anunciada pelo som do gongo, enviado por artes mágicas para o local onde o Grande

pretendia aparecer. Um segundo toque assinalava sua chegada, e isso já acontecera havia alguns minutos.

No quarto, Mara encontrou Nacoya, Keyoke e Saric já prontos diante de um homem de ar severo vestindo uma túnica preta. Ela fez uma profunda reverência assim que chegou à porta.

— Grande, perdoe minha lentidão em vir saudá-lo. Ainda me vestia quando chegou.

O homem inclinou a cabeça como se o assunto fosse de menor importância. Tinha uma constituição franzina e estatura média e, embora a túnica ocultasse detalhes, algo em seu porte lhe parecia familiar.

— Por intermédio de uma pessoa por quem nutro algum afeto, chegou-me ao conhecimento que você desejava me ver.

Pela voz, ela percebeu que, apesar de mais velho, aquele mago tinha a voz e o jeito idênticos aos de Hokanu. Mara arregalou um pouco os olhos. Tratava-se de ninguém menos que Fumita, o pai de sangue do herdeiro dos Shinzawai. Hokanu levava realmente a sério seu pedido. Aparentemente, Mara tinha razão em crer que algum laço familiar permanecera entre aquele membro da Assembleia e os Shinzawai. No entanto, não se atreveu a abordar abertamente o assunto. Se quisessem, os magos eram capazes de ler as mentes daqueles que estavam em sua presença. Ela não podia esquecer o papel desempenhado pela magia na queda de Jingu dos Minwanabi.

— Grande — disse educadamente —, preciso da sabedoria de alguém como o Senhor para servir o Império.

O homem assentiu.

— Então, vamos conversar.

Mara dispensou seus conselheiros e abriu caminho através de um biombo na direção de uma varanda anexa mobiliada com bancos de pedra baixos. Assim que Fumita se sentou, Mara aproveitou para observá-lo com mais atenção. Seu cabelo profundamente castanho começava a ser tingido por fios grisalhos. O rosto era bem delineado e angular, e o nariz, mais aquilino que o do filho. Os olhos escuros tinham vincos similares, embora no Grande as profundezas misteriosas fossem dissimuladas e imperscrutáveis. Mara optou por se sentar em frente do banco de pedra em que o mago se acomodara, com um pequeno vão entre eles.

— Sobre o que deseja conversar? — indagou Fumita.

— Há um assunto que me pesa sobre os ombros, Grande — Mara começou a dizer. Inspirou fundo e procurou as palavras certas para iniciar a abordagem: — Como muitos outros, estive presente nos Jogos Imperiais.

Se o Grande ainda sentia algo em relação àquele dia, manteve seus sentimentos só para si. Sua atenção penetrante a perturbava ainda mais do que os traços de Hokanu. Ele não era insensível, mas também não permitia maior aproximação.

— Sim?

— Dizem que o Grande que esteve... no centro daquela perturbação que libertou os

guerreiros que se recusaram a combater.

— É verdade.

Sem querer se comprometer, ele aguardou que Mara prosseguisse. Ele não poderia ter sido mais claro, mesmo que tivesse falado. Ela teria de se arriscar e aguentar as consequências.

— É essa a minha preocupação — disse Mara. — Se um Grande pode libertar escravos, então quem mais pode fazê-lo? O Imperador? O Senhor da Guerra? Um Governante?

O mago permaneceu em silêncio por um momento. Durante um intervalo que pareceu tão estranho quanto o isolamento que um peixe pode sentir em uma lagoa, Mara notou uma brisa que percorreu o alpendre e um criado que passava perto da casa grande. Ao fundo, o ruído da vassoura de um escravo soou sobrenaturalmente alto. Aquelas coisas faziam parte do mundo dela, mas, de algum modo, pareceram-lhe seladas a distância enquanto o mago mantinha seus olhos inabaláveis presos nela. Quando Fumita por fim falou, seu tom continuou inalterado; as palavras, proferidas com rigidez, soaram moduladas:.

— Mara dos Acoma, sua questão deve ser discutida na Assembleia.

Sem mais palavras e antes de ela poder reagir, levou a mão ao bolso de seu cinto e retirou de lá um pequeno objeto de metal. Mara não teve tempo de expressar sua curiosidade antes que ele passasse o polegar pela superfície do talismã, mesmo que pretendesse se atrever a fazê-lo. O gesto pareceu ser algo que ele já fizera inúmeras vezes. Subitamente, um ligeiro zumbido o cercou. Então o mago desapareceu. O banco de pedra ficou vazio e uma ventania soprou levantando os enfeites da túnica de Mara.

Boquiaberta e nitidamente perdida, Mara estremeceu de leve. Franziu o cenho, como se o espaço onde o mago se sentara pudesse diminuir seu descontentamento. Nunca tentara lidar com um Grande antes, salvo pelo encontro que resultara na morte de Jingu. Aquela fora a primeira vez que tentara uma abertura por sua iniciativa e o resultado a deixou inquieta. Não havia como saber como a Assembleia funcionava. Sentiu um novo calafrio e desejou voltar para seus cobertores e para a companhia de Kevin.

Guardião do Selo

A barca encostou.

Sentada sobre almofadas sob o toldo com uma taça de suco de fruta na mão, Mara mirou com olhos semicerrados a luz do sol matinal refletida na água. Embalada pelo ritmo dos homens que manejavam as varas para habilmente manobrar a embarcação por entre o amontoado de barcos comerciais no cais, a Senhora se lembrou da desaprovação de Nacoya diante de sua viagem a Kentosani. No entanto, ao olhar para o tráfego que congestionava as docas e ao contar as barcas mercantis ancoradas à espera de desembarcar mercadorias, Mara entendeu que era Arakasi quem estava certo. Pelo menos nas ruas e nas praças, a cidade já se recuperara do caos gerado seis meses antes, nos Jogos Imperiais.

Para Mara, pareceu um bom momento para regressar à Cidade Sagrada. Nacoya tinha razão em suspeitar que estava em jogo algo mais profundo do que o pretexto de Mara — visitar um adversário político menor para tentar fazê-lo mudar de lado —, mas Mara não revelou suas reais intenções a ninguém.

Assim que a barca foi amarrada ao cais, entregou o suco a um criado, pediu a liteira e reuniu a guarda de honra. Apenas vinte e cinco guerreiros seguiam em sua comitiva; pretendia ter uma estada breve e não estava preocupada com assassinos. Tanto a Assembleia quanto o Imperador não veriam com bons olhos qualquer perturbação da ordem pública; se algum crime fosse cometido por uma seita na cidade do Imperador, originaria uma investigação bem maior do que qualquer família se arriscaria a passar. Salvo por um contingente mínimo de escravos e pela tripulação do barco, Mara estava acompanhada apenas por Kevin e Arakasi.

O calor era sufocante. Assim que os guardas Acoma iniciaram a tarefa de abrir caminho para a passagem da Senhora, Kevin afastou da testa o cabelo úmido.

— Então, qual é o verdadeiro motivo desta viagem?

Vestindo uma túnica mais requintada do que as que normalmente escolheria para andar pelas ruas, Mara espiou por entre as cortinas de sua liteira, completamente abertas para deixar a brisa entrar, aliviando o calor.

— Não faz nem uma hora que você perguntou isso a Arakasi.

— E ele me contou a mesma mentira. Disse que você vai fazer uma visita social ao Senhor

Kuganchalt dos Ginecho. E eu não acreditei.

Mara passou o leque pelas cortinas e, em reprovação, bateu com ele no pulso de Kevin.

— Se você fosse um homem livre, seria obrigada a desafiá-lo por essa afirmação. Acusar-me de mentir é um insulto à honra dos Acoma.

Kevin apanhou o leque e a desarmou de brincadeira, devolvendo o objeto com um floreio exagerado, em seguida imitando os modos de um pretendente tsurani vindo de uma casa menor quando cortejava uma Senhora do status de Mara.

— Não é exatamente uma mentira — admitiu e sorriu abertamente quando Mara reprimiu uma gargalhada por trás do leque aberto, provocada por suas palhaçadas. Ele se deteve, lembrando-se do quanto a adorava; depois, teimosamente, voltou ao assunto: — Mas você não disse o que planeja de verdade.

Os carregadores da liteira dobraram uma esquina e se desviaram para evitar um cão vadio que perseguia meninos de rua. Corria atrás do osso que eles roubaram. Andavam tão depressa e de um modo tão caótico que não permitiram que os soldados mudassem de rumo. Como sempre, Kevin reparou nas roupas pobres e nos sinais de feridas e de doenças das crianças, e ficou triste. Não prestou total atenção à explicação de Mara: o Senhor Kuganchalt era um importante aliado do Senhor dos Ekamchi e do Senhor dos Inrodaka, apesar de pertencer a uma casa menor. Estes dois eram influentes em uma pequena facção que se aliara firmemente contra ela desde que conquistara a rainha dos cho-ja numa colmeia próxima às terras Inrodaka. Ela achava que um contato com os Ginecho poderia, ao menos, lhe dar a oportunidade de explicar sua versão da disputa, talvez afastando os Ginecho e os dois Senhores descontentes.

— A Casa dos Ginecho sofreu pesadas perdas com a queda de Almecho — explicou Mara. — Estavam em dívida com os Omechan e as duas desgraças do Senhor da Guerra fizeram com que a cobrança viesse bem antes do que o velho Senhor dos Ginecho poderia prever. Segundo dizem, ele morreu de nervoso, embora se fale também de suicídio. Outros ainda alegam que um inimigo colocou veneno em sua comida. Seja qual for a razão, seu jovem filho, Kuganchalt, herdou o manto, assim como um pesado fardo financeiro. Acho que é um momento promissor para minha aproximação.

Kevin, aborrecido, franziu os lábios. Ela estava repetindo aquilo tudo, embora soubesse que ele estava presente quando Arakasi admitira que a corte de Kuganchalt estava cheia de primos leais aos Ekamchi e aos Inrodaka, alguns inclusive com possíveis ordens de matar o jovem inexperiente caso agisse de alguma forma que prejudicasse seus dois aliados. Kevin comentara que alguns poderiam se sentir motivados a apressar a ida do jovem Senhor aos salões do Deus Vermelho sem precisarem da palavra dos dois inimigos de Mara. Nacoya avisara Mara de que entrar na casa de Kuganchalt seria como entrar em um ninho de relli nos pântanos; Mara repreendera Nacoya, ignorando seus bons conselhos, pois tinha assuntos mais importante em mente.

Quando a liteira e os carregadores dobraram mais uma esquina e a luz do sol brilhou

através das cortinas, Kevin notou que a Senhora olhava para ele. Muitas vezes tinha a sensação de que ela conseguia ler seus pensamentos através de sua expressão facial, e aquela era uma dessas ocasiões.

— Os Ginecho devem imaginar que tentaremos mudar suas alianças — continuou ela com uma calma maliciosa. — Os Ekamchi se deram ao trabalho de comprar a lealdade de muitos membros da família de Kuganchalt e os Inrodaka suportaram a maior parte dos custos. Ficariam profundamente desapontados se os Acoma não dessem o ar da graça. Iremos para lhes dar o que desejam, ou seja, fingir que acreditamos em sua arrogância. É importante que os Inrodaka e os Ekamchi acreditem que a inimizade deles tenha alguma relevância. Isso impede que se aliem a meus outros inimigos. E que os deuses nos ajudem para que não descubram a verdade: que os Acoma conquistaram status suficiente para que a conspiração insignificante deles não dê resultado; caso contrário, poderiam arquitetar um plano maior do que o atual, só para chamar a atenção, ou fazer algo efetivamente destrutivo, como apoiar Tasaio.

Kevin soltou uma gargalhada.

— Quer dizer que você vai dar um tapinha nas costas de um menininho rancoroso para impedi-lo de se irritar de verdade, para ele não pensar que você se esqueceu do probleminha entre vocês e resolva arrumar um problemão?

— Dito de modo deselegante, é isso mesmo — reconheceu Mara.

Kevin xingou em midkemiano. Um pouco ofendida, Mara puxou as cortinas para trás.

— Isso foi grosseiro. O que quer dizer?

Seu amante bárbaro a fitou demoradamente e encolheu os ombros.

— Dito de maneira educada, significa que seu Grande Jogo do Conselho ingere água de um pântano infectado. Pode-se dizer que muitas vezes beira o absurdo.

— Temia que fosse isso. — Mara apoiou um cotovelo nas almofadas e fitou um dos enormes templos de pedra existentes em ambos os lados da avenida.

Kevin seguiu os olhos dela. Já conhecia bem o panteão tsurani para reconhecer o Templo de Lashima, Deusa da Sabedoria. Ali, recordou ele, Mara passara alguns meses estudando, na esperança de fazer seus votos. As mortes do pai e do irmão alteraram drasticamente esse destino.

— Sabe? Sinto falta do sossego — comentou ela, como se suas lembranças pudessem levá-lo a seu passado. — Mas de nada mais, para ser sincera. As Sacerdotisas do templo são ainda mais presas às tradições e aos rituais do que as grandes casas. Agora, não me imagino mais feliz com uma vida assim. — Dirigiu um olhar malicioso a Kevin. — E, com certeza, sentiria falta de algumas brincadeiras de cama bem agradáveis.

— Bem — disse Kevin, dirigindo seu olhar irreverente aos muros que rodeavam os templos —, talvez não... com um pouco de sorte, uma corda forte e um homem determinado. — Inclinou-se, pegou o queixo dela e a beijou enquanto se afastavam. — Sou um homem muito determinado.

Do outro lado da liteira, Arakasi olhou de modo sombrio para o casal.

— Você nunca vai se comportar como um verdadeiro escravo — murmurou Mara. — Acho que teremos de analisar o precedente aberto na arena pelo Grande que antes era seu conterrâneo e procurar um modo legal de libertar você.

Kevin perdeu o passo.

— É por isso que voltou a Kentosani! Você vai vasculhar a lei e verificar o que mudou desde os jogos? — Ele avançou a passos largos, recuperou a compostura e sorriu abertamente. — Patrick pode perder a cabeça e beijá-la.

Mara fez uma careta.

— Só por isso ele seria espancado! O homem nunca toma banho! — Balançando a cabeça, acrescentou: — Não, não é essa a razão que me traz aqui. Se tivermos tempo, visitaremos os Arquivos Imperiais. Mas a prioridade é o Senhor dos Ginecho.

— A vida seria um tédio sem inimigos — observou Kevin com sarcasmo, mas dessa vez sua Senhora não mordeu a isca.

Atrás do bairro dos templos, a avenida se estreitava e o tráfego se tornou intenso demais para permitir conversas. Kevin se debateu contra a pressão da multidão, recorrendo à sua altura para evitar encontros na liteira. Compreendeu que seus anos de cativo não tinham sido completamente infelizes; podia não apreciar todos os aspectos da sociedade tsurani, como a miséria que sempre o incomodava, mas, se lhe fosse dada a oportunidade de se tornar um homem livre e de permanecer com Mara, optaria por fazer daquele mundo estranho seu lar. Seus horizontes tinham se alargado desde que combatera na Guerra do Portal. Para ele, um filho mais novo, voltar à propriedade do pai em Zun ofereceria poucas perspectivas, nada que substituísse a excitação que encontrara na estranha e exótica Tsuranuanni. Estava tão imerso em pensamentos que, quando a pequena comitiva de Mara chegou à Casa dos Acoma, ao contrário do normal, não protestou quando o chefe dos criados lhe ordenou que se apressasse a descarregar as arcas da Senhora e a levá-las para os aposentos dela.

Passou o meio-dia e o calor diminuiu. De banho tomado e descansada depois da viagem, Mara se preparou para visitar o Senhor dos Ginecho. Kevin recusou a oportunidade de acompanhá-la, alegando que não iria conseguir ficar sério durante o encontro. Na verdade, Mara sabia que ele tinha fascínio pelos mercados da Cidade Sagrada e, após alguma reflexão, concordara que uma tarde de compras com o chefe dos criados seria bem mais interessante do que assistir a uma troca de palavras pomposas e insultos velados com um rapaz de dezessete anos com os olhos ainda inchados pela dor da morte do pai. Satisfez a vontade de Kevin e o deixou ficar; no lugar dele levou Arakasi, discretamente vestido como criado. Os Ginecho eram uma casa pequena demais para merecerem uma investigação mais intensa dos agentes de

Arakasi, e o próprio Mestre dos Espiões ansiava pela oportunidade de se inteirar das fofocas com os criados da família.

A liteira partiu do pátio da casa no fim da tarde, acompanhada por vinte guerreiros, um número adequado para deixar bem claro ao Senhor dos Ginecho que sua inimizade fora levada a sério. Para ir mais rápido, o séquito tomou ruas secundárias, onde havia menos tráfego. Passaram por avenidas frescas ladeadas por árvores de jardins pertencentes às casas de abastados oficiais de guildas e mercadores. Poucas pessoas repararam neles durante o percurso e os únicos contratempos eram os ocasionais carrinhos de mão cheios de legumes que os criados dos mais ricos empurravam para as respectivas casas. Os soldados continuaram alerta, embora Arakasi estivesse crente de que nenhuma das grandes casas do Império se sentiria suficientemente confiante para tentar cometer um assassinato em público.

Mara sempre adorara as ruas secundárias da Cidade Sagrada, com suas extensas aleias de árvores floridas e o chão de pedra muito bem polido. Adorou ver os portões de madeira e suas grades com padrões delicados, bem como os pilares repletos de trepadeiras, como akasi e hibis. Apesar de Kentosani ser uma cidade fluvial, como Sulan-Qu, por um decreto imperial haviam sido proibidas dentro das muralhas da cidade as tinturarias, oficinas de curtumes e outras atividades com métodos desagradáveis. A menos que alguém estivesse contra o vento que vinha da arena ou dos mercados superpovoados da parte central, na beira do rio, tratava-se de uma cidade com cheiro de flores, apimentada com o aroma do incenso dos templos ao fim do dia, quando os Sacerdotes e as Sacerdotisas de todas as divindades tsurani iniciavam suas preces noturnas.

A liteira foi conduzida através das artérias secundárias e subiu até uma das muitas praças amplas. Um tanto perdida nas reflexões em que se deixou envolver pela falta de pressa, Mara quase não percebeu a hesitação de Arakasi. Ela olhou em volta para ver o que lhe chamara a atenção. Do outro lado da praça, erguiam-se duas colunas douradas emolduradas por um arco e um vão de ardósia lisa. Era um dos muitos quadros de mensagens reservados para divulgar a palavra da Luz do Céu. Embora as mensagens normalmente fossem religiosas e escritas com giz, naquele momento havia uma equipe de Brancos Imperiais de guarda no local. Isso era tão incomum que logo chamou a atenção. Uma observação mais cuidadosa permitiu ver dois artesãos vestidos a rigor retocando a pintura dourada da estrutura, danificada no tumulto do ano anterior. Até mesmo aquela pequena quantidade de ouro utilizada para o reparo era cara demais para que corressem o risco de roubo; isso pareceu justificar a presença dos guardas imperiais. Mas o que atraiu mesmo a atenção de Arakasi foram três figuras vestidas com trajes escuros que estavam ao lado do quadro, pregando um pergaminho com fitas e selos imperiais. Mara franziu o cenho, espantada. Grandes da Assembleia de Magos normalmente não desempenhavam tarefas de escribas.

— É um decreto — presumiu Arakasi, compartilhando seus pensamentos com sua Senhora.
— Com sua permissão, gostaria de ver o que diz.

Mara assentiu dando permissão, distraída demais com as belezas de Kentosani para se concentrar na Luz do Céu; decretos imperiais eram raros e o fato de um ser afixado por Grandes demonstrava que o assunto era de grande importância. Já não era tema de especulações fúteis o fato de o atual Imperador não se comportar como as figuras notoriamente distantes que haviam sido seus antecessores. Aquela Luz do Céu, Ichindar, não só se lançara no Jogo como o revolucionara.

Arakasi voltou, habilmente misturado com dois padeiros com cangas sobre os ombros e cestos cheios. Assim que se colocou ao lado da liteira de sua Senhora, falou em voz baixa:

— Minha Senhora, os Grandes anunciaram ao Império que o mago Milamber foi expulso da Assembleia. O documento prossegue indicando que os escravos libertados na arena continuam por lei livres de seus Senhores, mas que isso não deve ser encarado como um precedente. Por decreto imperial e pela vontade dos céus, Ichindar anuncia que mais ninguém que vista o cinza dos escravos pode ter seu status alterado. Pelo bem do Império, pela saúde da ordem e da sociedade e por desejo divino, todos os que são escravos assim deverão permanecer até a morte.

Mara manteve sua expressão inalterada, mas o dia perdera toda a graça. Sentindo de repente um aperto no coração, sinalizou aos carregadores para que avançassem e depois cerrou as cortinas, como fazia quando pretendia ter privacidade. Apertou com força uma almofada. Não sabia como contaria aquilo a Kevin, cujas esperanças tinham crescido imensamente após seu descuido de mencionar o assunto naquela manhã. Até pouco tempo atrás, não considerava a escravidão um assunto importante. Como propriedade dos Acoma, Kevin tinha garantia de teto e comida e certo status público devido à honra da casa dela. Como homem livre, não teria status mesmo se comparado a um pedinte. Qualquer tsurani poderia cuspir nele na rua sem medo de retaliações. Por mais que Mara o amasse, nem sempre compreendera seu orgulho, tão distinto do orgulho tsurani, pois ele estaria mais seguro como escravo em sua casa do que como bárbaro livre sem clã. Quem quer que passasse um tempo nas docas de Jamar poderia ver os ocasionais renegados thuril ou anões de Dustari e a miséria deles e perceber que isso era verdade. Mas, com o tempo, ela compreendera de má vontade que, se Kevin continuasse a ser um escravo, inevitavelmente ela o perderia. A Noite das Espadas Sangrentas mostrara inequivocamente que ele era um guerreiro; merecia a liberdade para dessa forma ser honrado. Desde então, sentira-se desconfortável com a ideia de ele terminar seus dias como uma propriedade. As perspectivas dele tinham mudado: ela compreendera que o código de conduta midkemiano, estranho como era, tinha também uma honra intrínseca. Já nem o considerava um desgraçado por não se ter suicidado em vez de permitir ser capturado pelo inimigo, como o teria feito um guerreiro tsurani, ou por ter ocultado seu status de guerreiro para evitar uma execução sumária.

Perturbada por constatar que seus planos para deixá-lo feliz estavam permanentemente perdidos, Mara permaneceu ausente durante sua visita aos Ginecho. Comportou-se

socialmente como esperado, mas, depois, não foi capaz de se lembrar de uma única palavra da conversa ou de mencionar um detalhe da aparência do jovem Senhor Kuganchalt. Se Arakasi reparou no alheamento da Senhora quando a liteira voltou para casa ao longo das ruas de Kentosani iluminadas por tochas, nada comentou. Deu-lhe a mão com a perícia de um homem desde sempre destacado para tais tarefas quando ela saiu da liteira no pátio e desapareceu discretamente quando Mara o dispensou.

Mara pediu uma ceia leve e, ao contrário do habitual, não solicitou a companhia de Kevin. Sentou-se sozinha no escritório acima do pátio, beliscando sua refeição e observando os padrões das sombras que os arbustos e as flores lançavam sobre o biombo. Da cozinha, chegaram até ela os sons de gargalhadas e da voz ruidosa de Kevin descrevendo uma brincadeira qualquer relacionada com um vendedor de jiga nos mercados. Estava bastante bem-humorado e os outros criados apreciavam suas explicações com o entusiasmo de curiosos que se divertem com um artista de rua.

Mas, naquela noite, as gargalhadas de Kevin só deixaram Mara mais triste. Com um suspiro, deixou de lado o prato de comida em que mal tocara e pediu a um criado que lhe levasse vinho. Bebericou e deixou que a noite se instalasse sem pedir lamparinas. Sua mente e sua memória deram voltas e voltas incessáveis, revendo as principais questões que apresentara ao Grande chamado Fumita. A reticência dele ainda lhe doía. Uma e outra vez, analisou a recepção fria da parte dele e pensou, já sem qualquer possibilidade de mudança, se o decreto contra a libertação de escravos havia sido motivado por suas perguntas.

Não poderia ter certeza. Essa era a parte dolorosa. Se tivesse protegido mais sabiamente sua intenção, a chance de Kevin de conquistar a liberdade poderia não ter sido destruída.

Mara suspirou e sinalizou para que levassem embora a bandeja da ceia. Deitou-se cedo, embora tivesse a mente fervilhando; quando Kevin apareceu, fez de conta que estava dormindo. A mão e o carinho dele não conseguiram interromper seus pensamentos sombrios e temeu se arriscar a lhe contar o que havia ocorrido. Quando ele por fim adormeceu, satisfeito, ao lado dela, Mara não se sentiu melhor. Durante toda a noite ficou escolhendo palavras para contar tudo a ele. As horas passaram e continuou sem saber o que dizer.

Olhou para ele. Sua pele parecia levemente dourada sob a luz que passava pelo biombo vinda das luzes do pátio. A cicatriz que o capataz lhe infligira no mercado de escravos quase desaparecera com o passar dos anos. Permanecera apenas uma marca fina sobre a maçã do rosto, como a que poderia ter sido obtida por um guerreiro golpeado por uma espada. Os olhos azuis tão expressivos estavam fechados. Dormindo, seu rosto revelava uma paz duradoura. Mara desejou tocar nele, mas, em vez disso, acabou piscando para dominar as lágrimas. Furiosa com sua fraqueza vergonhosa, rolou para o outro lado e olhou fixamente para a parede, apenas para se ver virando de novo para analisar o perfil dele e morder os lábios para não chorar.

A madrugada chegou e sentiu-se exausta. Levantou-se antes de Kevin, tensa e deprimida.

Suava frio. Chamou as criadas para tomar banho e se vestir; quando seu amado acordou com suas perguntas sonolentas, disfarçou sua relutância em conversar de forma brusca:

— Tenho algo muito importante para fazer esta manhã. — Virou o rosto para o lado, aparentemente para ajudar a criada que ajeitava seu cabelo, mas na verdade era para ocultar seus olhos inchados antes de os cosméticos poderem disfarçar as provas de sua infelicidade. — Você pode vir junto ou não, como preferir.

Atingido pela frieza dela, Kevin se deteve no meio de uma espreguiçada. Olhou para ela; Mara sentiu seu olhar em suas costas e não teve de se voltar para confirmar o tom de censura.

— Eu vou, é claro — disse ele devagar. Depois, arrependido por sua voz assumir um tom que refletia o dela, acrescentou: — Os palhaços dos vendedores de jiga terão de se esforçar muito para eu deixar de prestar atenção em seus encantos. — O tom conciliatório não escapou a Mara; amaldiçoou o fato de ele deter tanto poder sobre ela e de até mesmo aquele pequeno comentário parecer uma censura.

Ele se levantou. Nunca tão silencioso quanto um guerreiro tsurani, mas com uma confiança igualmente inabalável, aproximou-se dela e passou os braços sobre seus ombros.

— Você é meu passarinho preferido em todo o Império — murmurou. — Você é muito maravilhosamente macia, e seu canto é a alegria do meu coração.

Ele se afastou, com uma frase espirituosa e maliciosa que fez uma das criadas ter um indecoroso acesso de riso. Se ele reparou que a Senhora estava muito tensa em seus braços, atribuiu isso às presilhas que a criada usava para prender seus compridos e encaracolados cabelos.

O penteado elaborado deveria tê-lo deixado de sobreaviso. Alto o bastante para indicar a intenção tsurani de impressionar e preso com dúzias de alfinetes de jade e diamantes, o penteado de Mara apresentava-se coroadado e embelezado com uma tiara de abalone.

— Vamos ao Palácio Imperial? — indagou Kevin quando reparou que Arakasi estava entre a guarda de honra, vestido como um escriba. O Líder de Ataques Sênior vestia sua armadura cerimonial e suas plumas mais imponentes. A espada e o elmo estavam cobertos pelas flâmulas; em caso de confronto, alguém importante tinha de ser a razão por trás da pompa.

— Vamos visitar um oficial do Imperador — explicou Mara em tom cortante. Permitiu que Arakasi a encaminhasse à liteira. Era melhor naquelas funções do que o Líder de Ataques, suficientemente talentoso com a espada, mas desajeitado para servir de apoio a uma Senhora calçada com sandálias de salto alto, oito camadas de casacos e túnicas e um penteado dez vezes superior à coroa do Rei das Ilhas.

— Você parece um bolo de casamento — observou Kevin. — Essa figura é importante?

Afinal conquistou um sorriso de Mara, embora, com o rosto pintado e cheio de pó de

thyza, a expressão fosse previsivelmente rígida.

— Ele se acha importante. Mas, quando queremos pedir favores a ele, isso ganha logo outro destaque. — Consciente de seus enfeites, Mara recostou-se nas almofadas. — Feche as cortinas, por favor — pediu a Arakasi.

Quando os carregadores ergueram as varas da liteira e partiram, um perplexo Kevin os acompanhou. Calculou que Mara desejava privacidade para desencorajar que ficassem de boca aberta olhando para ela e para proteger do pó seu traje elaborado. Seu estado de espírito animado durou ao longo de um caminho comprido e cheio de trânsito até o Palácio Imperial e nem os elaborados gestos protocolares dos diversos porteiros o desanimaram. À medida que se habituara às grandes doses de cerimônia que acompanhavam todos os assuntos dentro do Império, foi descobrindo o propósito de tais modos. Nenhum funcionário, por mais insignificante que fosse, poderia ser interrompido de modo brusco por alguém de categoria inferior. Governantes, fossem homens ou mulheres, nunca eram pegos de surpresa por um visitante; a preocupação dos tsurani com o protocolo assegurava, de acordo com sua posição, que tudo ocorresse com a devida ordem e que os papéis apropriados, ou vestes, ou as bebidas e comidas, estivessem no lugar no momento em que o visitante cruzasse a soleira da porta.

O Guardião do Selo Imperial já estava preparado quando seu secretário por fim permitiu o acesso de Mara e de sua comitiva à sala de audiências. As almofadas tinham sido trocadas após a saída do peticionário anterior. Uma bandeja renovada com frutas e sucos estava sobre a parte mais baixa da mesa e o próprio funcionário trazia um volumoso colar e a insígnia do cargo cuidadosamente alinhados por cima da túnica. Sua constituição rechonchuda ostentava um porte digno. O Guardião do Selo Imperial era um homem de meia-idade de rosto corado, com uma boca perdida entre múltiplas camadas de queixo e olhos fundos e penetrantes que provavelmente saberiam calcular, com um único olhar, o valor de todas as joias do traje de Mara. Ele também gostava de doces, como provavam os invólucros de keljir empilhados em seu cesto de lixo. Aquele doce elaborado feito com o extrato da seiva de uma árvore pintara seus dentes e a língua com um tênue tom laranja-avermelhado. Sua reverência foi superficial, por força da corpulência e de uma arrogância de igual tamanho.

A sala cheirava a suor de um homem gordo e a cera velha, o que levou Kevin a deduzir que era provável que os biombos estivessem completamente fechados. Levando uma sacola de tintas, penas e pergaminhos para as necessidades de Arakasi, preparou-se para uma espera entediante quando Mara iniciou a longa saudação. O oficial aproveitou o intervalo para abrir uma gaveta em sua escrivaninha de colo e desembulhar um keljir como se a tarefa fosse um ritual sagrado. Enfiou o doce na boca, sugou-o ruidosamente e depois se dignou a responder:

— Estou bem. — Tinha uma voz profunda e alta demais. Então limpou a garganta, por duas vezes, de um pigarro desagradável. — Senhora Mara dos Acoma — aspirou ar e refletiu antes de retomar a palavra —, creio que vai bem, não? — Mara inclinou a cabeça. O funcionário se ajeitou sobre as almofadas e o chão rangeu com o peso. Com um estalo nos dentes, passou o

doce de uma bochecha rechonchuda para a outra. — O que a traz a meu gabinete nesta bela manhã, Senhora Mara?

A resposta dela soou como um murmúrio a Kevin, que não conseguiu ouvi-la. Os maxilares do funcionário se detiveram, deixando o doce em segundo plano. Pigarreou deliberadamente mais três vezes. Tamborilou os dedos no joelho, deixando manchas brancas na carne que a barra de sua túnica não cobria. Em seguida, exibiu um olhar carregado, com as sobrancelhas salientes sobre seu nariz redondo como o de um bebê.

— Trata-se... trata-se de um pedido muito pouco convencional, Senhora Mara.

A Senhora se explicou e, ao escutar uma menção a Midkemia, Kevin apurou os ouvidos. A Senhora dos Acoma terminou de forma categórica:

— É um capricho. — Encolheu os ombros do modo feminino, que Kevin sabia que ela costumava usar para desarmar um oponente. — Eu ficaria muito grata.

O Guardiã do Selo Imperial se mexeu de novo. Seu semblante preocupado pareceu incomodado também. Mara acrescentou algo.

— Eu sei que o Portal está fechado! — exclamou o funcionário, surpreso a ponto de quebrar seu doce. Por um momento, pareceu ter quebrado um dente. — Fazer tal pedido, aparentemente uma concessão sem valor, é estranho. Estranho demais. — Pigarreou outra vez antes de retomar a palavra: — Estranho demais — insistiu, como se apreciasse o modo como as palavras lhe soavam.

Kevin percebeu que se inclinara para a frente e notou que era melhor não fazer isso; naquela terra, um escravo não deveria ser pego demonstrando interesse pelos assuntos de seus superiores. Mara voltou a falar. Para desespero de Kevin, baixo demais para poder ser escutada. O funcionário coçou o queixo, nitidamente sentindo-se em um beco sem saída.

— E posso fazer isso?

— Assim está escrito, é uma questão de direito — respondeu Mara, e fez um sinal a Arakasi, que avançou e esboçou uma reverência logo atrás dela. — Meu escriba terá todo o gosto em lhe explicar.

O Guardiã do Selo Imperial mastigou o que restava de seu doce, parecendo ansioso. Acenou, como se Arakasi tivesse pouco mais importância do que um escravo. O Mestre dos Espiões levou a mão a um bolso de sua túnica e retirou de lá um documento. Tirou a fita que o lacrava e desenrolou o pergaminho com grande respeito. Leu uma passagem copiada de um livro, que dizia que o Guardiã do Selo Imperial poderia agir como melhor entendesse e estabelecer as determinações relativas a direitos de mercadores e de guildas, e fixar um conjunto limitado de taxas menores sobre bens ou serviços que eram considerados ínfimos demais para que o Conselho Imperial fosse incomodado.

— Bem... — O enorme homem se ajeitou e começou a desembrulhar outro doce keljir. — O que você está solicitando sem dúvida é insignificante e dispensa discussão no Conselho. — Fez uma pausa e passou o doce repetidamente pelos dedos, como se esperasse encontrar

insetos. — Mas eu seria capaz de apostar que nenhum homem da minha posição iniciou, em centenas de gerações, qualquer tipo de dispensa particular.

— Excelentíssimo Senhor — arriscou Arakasi —, destaque que a lei não se alterou.

Fez uma nova reverência e recuou para se colocar ao lado de Kevin, um sinal claro de que esperava pegar seus utensílios para começar a preparar um documento.

— O que ela está solicitando? — perguntou Kevin em voz baixa.

— Psiu! — Arakasi fez um gesto ao escravo para que se calasse, enquanto Mara acrescentava outro ponto a favor de seu argumento e o funcionário diante dela ficava nitidamente mais desconcertado.

Kevin observou e deduziu que o Guardião do Selo Imperial era um burocrata com uma devoção religiosa à ordem. Com uma obstinação típica, não importava em que nação, iria recusar o pedido de Mara, não pelo fato de sua solicitação ser pouco razoável, mas por ser incomum e escapar à habitual papelada e registros que ele normalmente seguia. Arakasi também pareceu notar a iminente rejeição, pois sua postura se tornou mais inquieta. Kevin olhou para o chão e simulou preocupação. Mas sussurrou algo a Arakasi:

— Por que não sugere que Mara ofereça um suborno?

O Mestre dos Espiões não moveu um músculo sequer e a única prova de sua surpresa foi uma pausa antes de responder.

— Fantástico! — sussurrou em resposta. — É isso que se faz em Midkemia com funcionários relutantes?

Kevin respondeu com um aceno quase imperceptível e revirou um dos cantos da boca.

— Normalmente funciona. Além disso, apostaria as joias de Mara que ele está esperando por isso.

Mas Arakasi já avançara para dar uma palmadinha discreta no braço de sua Senhora. Então falou rapidamente em seu ouvido, antes de o Guardião do Selo Imperial poder terminar de saborear seu doce e encerrar o assunto.

Felizmente, Mara havia sido agraciada com o dom do raciocínio rápido. Quando o homem gordo do outro lado da escrivaninha expirou ruidosamente preparando sua resposta, ela se adiantou:

— Excelentíssimo Senhor, compreendo que tal pedido requeira um esforço de sua parte, para assegurar que está agindo segundo os trâmites de seu cargo. E, como não tem obrigação de atender meu pedido apenas porque solicitei, teria muito gosto em recompensar seu tempo e empenho, digamos, com uma centena de centúrios de metal e com três esmeraldas do tamanho de um polegar, caso efetue as diligências necessárias e apropriadamente conclua o assunto.

O Guardião do Selo Imperial engoliu de uma vez sua bala de keljir. Seus olhos pareceram saltar das órbitas.

— A Senhora está sendo tremendamente generosa.

Não meditou sobre o assunto; afinal de contas, o pedido dela era grotescamente inútil. Ele

até enfatizara honrosamente que o Portal entre Midkemia e Kelewan estava fechado. Mas, se Mara desejava ser excêntrica, o Imperador e o Conselho Supremo certamente não seriam incomodados com um assunto comercial sem interesse. Nitidamente satisfeito com seu raciocínio e já pensando com cobiça no presente, o funcionário gesticulou na direção de Arakasi.

— Meu dever exige que investigue tais assuntos, mas ficarei grato com suas oferendas para... entregá-las em sinal de devoção aos templos. — Sorriu. — Agora que tive tempo de refletir, estou certo de que sua interpretação é a correta. Pegue suas penas e os pergaminhos. Vamos preparar o acordo agora mesmo.

Em Tsuranuanni, os documentos imperiais nunca eram coisas simples. Kevin trocou o pé em que se apoiava várias vezes, enquanto a sala fechada ia ficando cada vez mais abafada. Arakasi e o Guardião do Selo Imperial argumentaram incessante e amigavelmente sobre o texto, enquanto escravos com braseiros, frascos de ceras de diversas cores e rolos de fitas entravam e saíam. A tarde chegou antes de o documento que atestava a concessão de Mara ser registrado com o Selo Imperial. Mais um intervalo se passou enquanto a tinta secava e aguardavam o guerreiro que o capitão da guarda de honra da Senhora enviara à casa na cidade para ir buscar os centúrios e as esmeraldas. Enquanto esperavam, o homem gordo mastigou keljir e discursou sobre a má qualidade das plumas pintadas daquela temporada. Adquirira uma túnica índigo que se desfizera até praticamente se transformar em pó.

— Desde os tumultos, os mercadores não se importam mais em vender produtos de segunda — lamentou-se, enquanto um novo escriba era chamado para amarrar as fitas oficiais que prendiam o pergaminho enrolado. — O tecido de nossas vestes caiu muito de qualidade — concluiu tristemente o Guardião do Selo Imperial. — Há quem diga que logo o mesmo vai acontecer com a ordem no Império.

— Não se a Assembleia de Magos garantir a ordem — discordou Arakasi, movendo-se rápido o bastante para interceptar o documento antes que o funcionário o agitasse para enfatizar a exposição de mais um argumento.

Com uma rapidez abençoada, entregaram depois a Kevin a sacola com os utensílios do escriba e com o documento em segurança lá dentro. Mara se levantou e fez uma reverência. Assim que seu grupo se preparou para sair daquele cômodo sufocante, ouviram o Guardião do Selo Imperial se dirigir aos berros a seu criado:

— Meus keljir acabaram! A eficiência hoje em dia deixa muito a desejar. Os tintureiros de roupa são uns farsantes preguiçosos, os mercadores vendem artigos defeituosos e agora até meus criados acham que podem ignorar minhas necessidades sem serem punidos. Este Império vai ruir e mais ninguém além de mim parece interessado.

Mara não se demorou em Kentosani após sua visita ao Guardião do Selo Imperial e naquela mesma tarde embarcou de volta a Sulan-Qu, de onde seguiria para casa. O tempo continuava quente, abafado até para o padrão de Kelewan, e, como acontecia com frequência em viagens fluviais, Mara ficou em seus aposentos, muitas vezes sozinha. Passou várias horas conversando com Arakasi ou lendo pergaminhos que seus agentes lhe haviam enviado dos mercados da Cidade Sagrada. Durante o resto do tempo, olhou fixamente para a água, envolta em pensamentos, e pouca atenção prestou à corrente de tráfego que passava no rio.

Kevin se entreteve em brincadeiras com os homens que impulsionavam a barca com varas ou jogando dados com os guerreiros da guarda de honra da Senhora que não estavam de serviço. Como escravo, por lei não podia guardar o que ganhava, o que, do ponto de vista dos perdedores, era muito bom. Eles alegavam que Kevin se beneficiava de diabólicos golpes de sorte. A barca chegou a Sulan-Qu sem contratempos e a comitiva de Mara reagrupou-se. Os bens e as arcas de transporte foram enviados para um armazém, de modo que seguissem para casa na próxima caravana, enquanto a Senhora iria na liteira. Jantou numa estalagem de viajantes em um dos bairros mais distintos da cidade e depois, por volta do crepúsculo, seguiu para casa, com os guerreiros levando lamparinas para iluminar o caminho. Cansado devido ao sol, Kevin aproveitou a pausa na cidade para tirar um cochilo com os carregadores da liteira em vez de ir procurar saber das últimas fofocas nas ruas com os pedintes, que eram infalivelmente grosseiros por ele ser um estrangeiro e um escravo.

Desde a viagem a Kentosani, os acontecimentos e circunstâncias aleatórias conspiraram para que Kevin não ficasse sozinho com a Senhora. Não levou isso a mal. Ela vestia o manto dos Acoma e as responsabilidades nem sempre lhe deixavam tempo disponível. Via de regra, isso se adequava ao modo independente de Kevin. Havia momentos em que preferia ficar sozinho ou brincar com os homens. Ainda assim, a curiosidade o impeliu a saber o que Mara negociara com o Guardião do Selo Imperial. O pergaminho que lhe garantira a concessão de algum direito permanecera enrolado no cofre pessoal onde ela guardava documentos. Ela não deixara essa caixa em Sulan-Qu com o resto da bagagem, levando-a a seus pés na liteira ao longo do caminho de volta para casa.

A ruidosa saudação de Ayaki impediu que Kevin descobrisse o que era transportado na caixa. Mas a primeira coisa que Mara fez deve ter sido mandar que a trancassem, já que, depois de repreender os criados por terem permitido que seu filho ficasse acordado até tão tarde, Kevin notou que a caixa desaparecera. Os carregadores também já tinham desaparecido na direção do barracão onde guardavam as coisas e Jican não estava à vista. Sabendo que a informação não poderia ser extraída de Arakasi, Kevin esperou uma hora enquanto Mara deixava Nacoya a par das novidades diante de canecas de chocha e uma refeição tardia. Ele a esperava em seu quarto quando, exausta devido à viagem, Mara por fim se recolheu.

Mal a abraçou, percebeu que algo estava errado. Seus lábios pareceram frios, e o sorriso,

forçado. Ele estava prestes a perguntar o que estava acontecendo quando Mara bateu palmas para chamar os criados para lhe prepararem um banho. O que aconteceu em seguida o deixou completamente louco. Depois que a paixão esfriou, deitou-se nas almofadas da cama com os biombos abertos. Um luar acobreado inundava o chão; ele reparou que fizeram amor de forma apressada, sem a espiral lenta e langorosa rumo ao êxtase que Mara normalmente preferia. As reações dela ao seu toque traziam uma sensação de desespero disfarçado que quase passara despercebida a Kevin. Ele estendeu o braço e afastou carinhosamente o cabelo dela das têmporas.

— O que aconteceu?

Mara rolou em sua direção. Suas feições permaneceram na sombra, mas Kevin sentiu os olhos dela voltados para seu rosto.

— Estou cansada por causa da viagem — disse ela, mas as palavras soaram forçadas.

Kevin pegou-a pelos pulsos e a puxou acolhedoramente para si.

— Você sabe que eu a amo.

Mas ela enterrou a cabeça no ombro dele e não continuou a conversa. Tentando uma aproximação inocente, Kevin segurou o queixo dela.

— Você tem algo importante na manga. Qual foi o acordo secreto pelo qual subornou o Guardião do Selo Imperial?

Mara respondeu com surpreendente irritação:

— Não espere que eu lhe confidencie tudo.

— Não? — Kevin sentou-se, sem entender direito de onde vinha tanta irritação, incomodado o suficiente para ficar magoado com a situação. — Significo tão pouco para você?

— Você significa muito para mim — disse Mara de pronto. O medo deixou sua voz fria, mas no escuro ele reparou apenas no tom. Ela se afastou e se sentou com os braços ao redor dos joelhos e as mãos firmemente cerradas. — Significa tudo.

— Assim sendo, conte-me o acordo que estabeleceu em Kentosani. — Kevin afastou para trás uma mecha solta do cabelo dela, num gesto tão habitual que até isso a fez sofrer. — Sei que diz respeito a Midkemia.

— Arakasi não lhe contou isso — refutou Mara, ainda impertinente.

— Não. Mas eu consegui ouvir.

A admissão de Kevin revelou que não se sentia envergonhado, o que a deixou furiosa. Em seguida, ela soltou o ar que prendera.

— Apenas eu e meu Mestre dos Espiões sabemos qual é o conteúdo daquele documento. E esse é o meu desejo.

Convencido agora de que ela escondia algo e temendo que pudesse ser um assunto prejudicial a seu povo, Kevin tentou pressioná-la:

— Você disse que significa tudo para você.

Sob a luz do luar, Mara permaneceu completamente imóvel. Suas feições tornaram-se rígidas, inexpressivas e absoluta e desesperadamente tsurani. Ela nada disse. Sem ter consciência de que Mara estava passando por um conflito interno que pouco tinha a ver com o assunto, Kevin estendeu-lhe a mão.

— Não há confiança entre nós depois de tantos anos de intimidade? — A voz se revelou suficientemente persuasiva para magoá-la; ainda assim, ela teria resistido se ele não tivesse estendido a mão para acariciar seu ombro com tanta ternura. — Mara, se está assustada, ou algo assim, eu não posso saber?

Ela se afastou de modo completamente inesperado e doloroso, a ponto de deixá-lo sem fôlego.

— O que eu deveria temer? — Suas palavras foram rudes e ele não tinha formas de adivinhar que tocara precisamente na ferida. Mara tinha medo... do poder que ele exercia sobre ela e do estado calamitoso em que a deixava emocionalmente. De modo frio, em uma espécie de autodefesa, ela reagiu da única forma que tinha certeza que o afastaria: — Você é um escravo — disse, com uma clareza fria e mordaz. — Não cabe a um escravo fazer suposições sobre o que eu temo ou deixo de temer.

Furioso, e sem pensar no que dizia, Kevin deixou que suas palavras saíssem afiadas como lâminas:

— É só isso que represento para você? Um escravo? Mais um artigo para sua coleção? E não tenho mais valor do que uma needra ou um criado de cozinha? — Balançou a cabeça e tentou corajosamente, no meio de tanta dor, suavizar seu tom de voz: — Achei, depois de Dustari, e de certa noite em Kentosani, que eu conquistara algum valor. Ao menos para você. — Sentiu um arrepio percorrer seu interior e se enrijeceu para contrariar as emoções que o povo dela deplorava. — Por você, Senhora, matei homens. Ao contrário de seu povo, não me agrada tirar a vida dos outros.

Seu orgulho tocou o coração dela, que ficou devastado. Não demoraria muito para começar a chorar e, numa tentativa desesperada de tentar conter a própria dor, Mara controlou-se firmemente. Parecendo enfrentar o pior de seus inimigos, e não seu amado companheiro, disse:

— Você se esquece de quem você é. Esquece que poderia ter perdido a vida por ter se atrevido a colocar a mão em uma espada. Você é um escravo como qualquer outro, e, para que se recorde de sua posição, é melhor que saia de meus aposentos para passar o resto da noite com seus iguais nas instalações dos escravos. — Kevin sentou-se, petrificado. — Vá! — ordenou Mara, sem gritar, mas com toda a determinação de um carrasco. — É uma ordem!

Kevin levantou-se, altivo e furioso. Pegou suas calças, que estavam na arca perto das almofadas da cama, mas não se deu ao trabalho de vesti-las.

— Abandonei meus companheiros para dividir meu amor com o inimigo — afirmou, nu, altivo e cheio de orgulho. — Podem ser bárbaros e escravos, mas não são pessoas que

esquecem a lealdade. Será um prazer — concluiu, virou-se e partiu sem fazer uma reverência.

Mara se sentou, imóvel como uma pedra. Só chorou bem depois de ele ter partido, quando Kevin já batia na porta da cabana onde vivia Patrick, pedindo educadamente autorização para entrar.

— Kev? — disse uma voz carregada de sono. — É você, meu filho?

Kevin cruzou a soleira e depois praguejou quando lembrou que as cabanas dos escravos não tinham lamparinas. Agachou-se na escuridão e se sentou no chão de terra úmido e frio.

— Raios — murmurou Patrick. Sentou-se então no deprimente fardo que lhe servia de cama, cadeira e mesa. — É você. Precisava aparecer assim no meio da noite? Você sabe que temos de trabalhar nos campos antes do alvorecer.

O tom de seu companheiro midkemiano revelava algo além da acusação. Já tendo cometido um erro em relação aos sentimentos dos outros naquela noite, e por isso tentando se mostrar mais sensível, Kevin optou por perguntar com mais cautela:

— Há algo errado, velho amigo?

Patrick suspirou e passou a mão pela cabeça calva.

— Pode apostar que sim. Algo muito errado. Na realidade, estou satisfeito por não ter esperado até amanhã para aparecer. Suponho que ouviu falar de Jake e Douglas.

Kevin soltou o ar com cuidado.

— Não — disse tranquilamente. — O que há para ouvir?

— Foram enforcados por tentarem fugir! — Kevin se dobrou para a frente, perturbado e amargurado. — Um mercador que passava por aqui nos falou do decreto imperial. Você não estava presente para tentar fazê-los desistir. Deuses, como eu tentei. Fizemos de conta que me deram ouvidos e depois tentaram fugir na noite seguinte. Keyoke, aquela raposa velha, já nos conhece muito bem para saber que um fugitivo iria para as colinas. Guerreiros estavam à espera dos rapazes e ambos foram mortos antes do amanhecer.

Kevin sentiu quando um inseto picou sua pele. Enxotou-o com uma fúria que disfarçou em sua voz. Cautelosamente, avaliando aquelas notícias, perguntou:

— Você mencionou um decreto imperial. A que se refere?

— Você não está sabendo? — Incrédulo, Patrick começou a rir, com uma evidente dose de sarcasmo. — Você estava na Cidade Sagrada, na companhia da todo-poderosa nobreza, e mesmo assim *não soube de nada*?

— Não, não soube de nada — reagiu Kevin. — E agora você poderia fazer a gentileza de me contar?

Patrick fez uma pausa, coçou uma ferida no joelho e suspirou.

— Diabos, você está mesmo falando a verdade. Isso não deveria me surpreender, já que, para os asnos desta terra maldita, os escravos não valem mais do que needra.

— Diabos, fale logo, Patrick! Se saiu um decreto imperial relativo a escravos, quero saber do que se trata.

— Foi só isso — disse o homem calvo, que com o decorrer dos anos praticamente se tornara um estranho. — A libertação dos escravos na arena pelo mago midkemiano Milamber foi uma anormalidade. Milamber foi afastado da Assembleia, segundo todos dizem, por não cumprir seu dever perante o Império. Ele é, por razões válidas, segundo alegam, um proscrito e há uma recompensa por sua cabeça. E o Imperador preparou e selou um documento divulgado em todas as cidades que diz que nenhum outro escravo pode ser libertado. Isso serviu para despedaçar a esperança que nos deu, meu filho. Os pobres Jake e Douglas se cansaram de esperar e há outros igualmente impacientes que não vão aguentar ficar aqui por muito tempo. — Depois, acrescentou algo em um tom mais amargo: — Ficaram tão destroçados com o que ouviram que acho que, mesmo sabendo que iam ser pegos, não ligaram. — Suspirou. — É duro pensar como passamos todos esses anos com a esperança de que, de uma maneira ou de outra, voltaríamos para casa. Creio que a perspectiva de continuarmos a ser escravos até morrermos...

O silêncio se impôs enquanto Kevin absorvia as implicações das novidades que seu conterrâneo lhe contara. Patrick percebeu o que se passava em sua mente e compreendeu que a morte de seus dois companheiros não fora a razão da súbita visita de Kevin.

— Você discutiu com ela — acusou ele de repente.

Kevin assentiu com pesar. Sentia que sua amante parecia menos cruel, agora que sabia que Milamber caíra em desgraça. A estranha reticência de Mara desde que saíram de Kentosani pelo menos tinha um motivo. Depois de refletir com ponderação, numa cabana cheia de insetos a picá-lo, percebeu que fora um tolo por ter se irritado tanto. Ela nunca fora uma mulher histérica. E, na verdade, deveria se sentir tão assustada por perdê-lo como ele por se ver afastado dela. Se ele não pudesse, por ordem dela, voltar para resolver o assunto até de manhã, pelo menos poderia dar atenção às dificuldades por que passavam seus conterrâneos, algo que já deveria ter feito havia muito tempo.

— Tive uma noite complicada — admitiu Kevin, sombrio. — Mas isso não é razão para perder a esperança.

— Maldito seja, homem, o Portal está fechado — observou Patrick. — Isso significa que não temos possibilidade de voltar e que nossa única chance é a vida de foragidos nas montanhas.

— Não. — Picado por outro mosquito, deu uma palmada nas calças e pediu educadamente um lugar no fardo de palha. Patrick se afastou para o lado resmungando. — É verdade que o Portal está fechado.

Os cobertores eram ásperos e Kevin pensou: o que seria mais desagradável, a roupa da cama de seu companheiro ou os insetos? O colchão estava encharcado de suor e era cheio de calombos, um lugar inadequado para um homem passar a noite. Kevin suspirou, dividido por dentro entre seu amor por Mara e sua responsabilidade de ajudar seus companheiros, como único filho do Senhor deles. Como sempre, procurou conforto no humor. Em vez de se irritar

com a injustiça dos tsurani, brindou Patrick com um relato jovial da visita de Mara ao Guardião do Selo Imperial. Conseguiu extrair uma gargalhada seca de Patrick quando chegou à parte do suborno. Mas a questão central não passou despercebida.

— Você não sabe o que consta na concessão — comentou o homem calvo. — Pode não ter nada a ver com a gente ou com a escravidão.

— Provavelmente, não — confessou Kevin, e logo acrescentou: — Mas não é essa a questão.

Um silêncio expectante se seguiu. O fardo se mexeu quando Patrick se encostou à parede.

— Então, meu filho, qual é a questão? Estou esperando.

— Ela negociou alguma concessão que tem a ver com Midkemia — acrescentou Kevin, como se a conclusão fosse óbvia. Vendo que Patrick não conseguira acompanhar, explicou melhor: — Obviamente, a Senhora crê que um dia o Portal será reaberto.

— E isso deveria bastar para convencer os rapazes a viver no meio dos vermes e não se importarem com os espancamentos? — questionou Patrick. — Maldito seja, Kevin, você é exageradamente otimista. Toda aquela seda e pele feminina lhe subiram à cabeça. Você sabe que os asnos têm uma história de milhares de anos. Traçam planos para as próximas cinquenta gerações e os consideram importantes nesta vida.

Kevin não discordou, mas gesticulou numa sincera súplica.

— Patrick, fale com os homens. Dê mais alguma esperança a eles. Não quero ver um a um ser enforcado pelos guerreiros de Mara enquanto estou tentando arrumar uma forma de enviá-los para casa.

Patrick resmungou algo ininteligível, parecendo uma maldição. A luz da manhã se infiltrou pela única janela da cabana e o som de passos pesados vindo dos quartéis mostrou a mudança de turno das patrulhas.

— Tenho de me levantar, meu filho — informou Patrick, taciturno. — Se não aparecer a tempo para trabalhar, passo um longo dia de labuta com a barriga vazia.

Instintivamente, Kevin tocou a mão de seu companheiro.

— Acredite em mim, velho amigo. Só por mais um tempinho. Quando perder a esperança, eu o avisarei e prometo-lhe uma coisa: não morrerei como escravo. Assim que eu der a ordem, liderarei a fuga e nossa vida de salteadores.

Patrick o olhou bem de perto na escuridão cada vez mais tênue.

— Você fala com sinceridade — admitiu, sem esconder a surpresa —, mas vai ser complicado convencer os rapazes. Estão furiosos por causa de Douglas e Jake.

— Então não devem acabar como Douglas e Jake — comentou enfaticamente Kevin, e levantou-se para sair.

Bem ciente de que Jican adoraria colocá-lo para trabalhar, Kevin atravessou o terreno entre os aposentos dos escravos e a casa principal através de um caminho indireto pelos jardins. O orvalho encharcou seus pés descalços e deixou a parte de baixo das calças úmida. Passou por uma ou outra das sentinelas de Keyoke, que não o incomodaram; desde a campanha em Dustari e particularmente desde a noite dos assassinos, todos nos quartéis sabiam as histórias sobre suas proezas marciais. Os guerreiros de Mara poderiam não reconhecer abertamente, mas à sua maneira o respeitavam em silêncio e não duvidavam de sua lealdade. Se os guardas parados ao lado da porta de Mara ouviram a discussão noturna, não demonstraram quando Kevin passou pela sebe de akasi e percorreu a trilha devagar. Como se fosse um fantasma, eles o ignoraram quando abriu o biombo. E o deixaram entrar.

A luz caía em tons de pérola sobre uma bagunçada pilha de almofadas. Mara estava estendida no meio delas, com os braços abraçando os lençóis retorcidos e o cabelo emaranhado por causa da agitação. Podia não ter sido atormentada por insetos, mas certamente passara uma noite tão desagradável quanto a dele. Mesmo sonhando, franzia a testa de preocupação. Seu perfil, seus pequenos dedos fechados e a curva de um seio descoberto dissiparam o que restava do aborrecimento de Kevin. Ele não era capaz de permanecer zangado com Mara. Talvez esse fosse o pior de seus erros.

Tirou suas calças úmidas, consciente de que tinha a pele fria e vermelha por ter se coçado, e deitou-se na beira das almofadas. Enroscou parte de um cobertor em volta de seus pés frios e, então, enquanto aguardava que a circulação lhe devolvesse o calor, fitou a Senhora que amava.

A proximidade afastou o incômodo da escravidão e quase o fez se esquecer de quem era, do status com que nascera, de tudo aquilo que perdera e dos problemas de seus conterrâneos. Compreendera com clareza o perigo que corriam se a tênue esperança que apresentara a Patrick se transformasse apenas no laço de uma forca. Mara estremeceu e gritou baixinho em seu sonho, e a preocupação que ela sentia apagou todo o resto. Kevin estendeu suas mãos quentes. Ajeitou os lençóis emaranhados no meio dos joelhos dela e libertou um de seus pulsos das mechas de cabelo que o prendiam. Depois ele a puxou para si e a beijou com carinho para acordá-la.

Ela deveria ter se cansado de gritar, pois se levantou devagar. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Ele a pegara desprevenida e ela relaxou com agrado encostada nele. Depois, as lembranças voltaram e Mara ficou muito rígida, mostrando indignação.

— Eu ordenei que você saísse! — disse, furiosa.

Kevin inclinou a cabeça para o lado na direção do biombo.

— Até de manhã — disse tranquilamente. — Ora, a manhã já chegou. Então voltei. — Ela abriu a boca para dizer mais alguma coisa. Gentilmente, mas com rapidez, ele colocou o dedo nos lábios dela. — Eu ainda a amo.

Ela se lançou contra ele, contrariada, mais forte do que aparentava ser; Kevin precisou de força para segurá-la. Consciente de que, se a beijasse, ela poderia explodir, preparou-se para encostar os lábios na sua orelha. O cabelo na testa dela estava úmido, talvez pelas lágrimas.

— Patrick me contou sobre o decreto imperial relativo à escravidão — anunciou tranquilamente. O fato de ela ainda não ter lhe contado o magoava, mas deixou esses sentimentos de lado. — Não vai ser agora que vou abandoná-la.

— Não está zangado comigo? — perguntou Mara, e, enfim, a incerteza se revelou.

— Estava. — Kevin a beijou, sentindo que ela ficava mais quente encostada nele. — Se tivesse me contado, talvez eu não tivesse me comportado como um pateta.

— Pateta? — A voz foi enfraquecendo quando as mãos de Kevin desceram para debaixo dos lençóis.

— *Karagabuge* — traduziu Kevin, optando pelo termo que designava uma mítica raça de gigantes disformes que, nas fábulas infantis tsurani, habitava as grutas das montanhas, criaturas tão desastradas quanto cômicas que passavam a vida causando problemas para si mesmas.

— De todo modo, você é assim, pois é tão alto — zombou Mara. O alívio a deixara animada e o fato de ele tê-la perdoado fez com que se deixasse levar pela paixão.

— Muito bem, se é assim, um *karagabuge* não pede permissão para violar e pilhar. — Puxou-a para perto de si e a encostou em seu peito. Então suspirou no cabelo dela, que se espalhou pelo rosto. Bastaram poucos minutos para que ambos esquecessem quem era o escravo e quem era a Senhora, pois formavam um ser inseparável.

Confusão

Passaram-se meses.

A estação das chuvas retornou. Os campos ficaram verdes com a nova vegetação e o chamado berrante dos machos de needra anunciou mais uma época de reprodução. O dia começou como muitos outros, com Mara e Jican reunidos em volta de lousas com números escritos a giz, tentando determinar as colheitas mais lucrativas a se plantar para os mercados outonais. Depois, no meio da manhã, foram interrompidos pelo anúncio de que um membro contratado da Guilda Comercial dos Mensageiros vinha correndo na direção da Casa dos Acoma.

— Correndo? — inquiriu Mara. Prosseguiu com a verificação dos apontamentos relativos às colheitas de hwaet numa nova propriedade recentemente adquirida em Ambolina.

— Sim, Senhora, correndo — confirmou o guarda. A afirmação não a surpreendeu; o guerreiro que a informou ainda arfava por ter vindo depressa dar a notícia.

Mara disse a Jican que terminasse os cálculos anuais sem ela. Depois, com os joelhos doendo por ter ficado muito tempo sentada, ergueu-se e abriu caminho entre pilhas de lousas precariamente equilibradas para chegar ao biombo de acesso ao corredor. Chegou à porta de entrada a tempo de ver o mensageiro troncudo dobrar a última curva da estrada do pasto mais afastado. Não caminhava com pressa, nem trotava, mas, sim, corria o mais depressa possível com uma mensagem obviamente urgente.

— O que será? — perguntou ela a si própria em voz alta.

Posicionando-se a seu lado, Saric, como de costume, respondeu com uma pergunta:

— Problemas, Senhora, caso contrário, por que um homem viria correndo pela lama?

A Senhora dos Acoma lançou um sorriso forçado a seu conselheiro, que aparentemente não sentia falta do antigo posto de guerreiro nos quartéis. Seu espírito seco e sarcástico era diferente do humor atrevido de seu primo Lujan. A persistente tendência de Saric a querer saber a razão das coisas podia ter atrapalhado sua evolução como soldado; no entanto, essa característica mostrava que ele tinha um talento nato para seu novo cargo. Obediência cega não era uma virtude para um conselheiro.

Ele já provara seu valor. Durante mais de seis meses, o Império estivera tranquilo sob a

mão de ferro de Axantucar. Desde a ida de Mara à Cidade Sagrada para visitar o Guardião do Selo, os Brancos Imperiais haviam intervindo três vezes no que, de outro modo, deveria ser considerado uma disputa entre nobres vizinhos. Axantucar justificou-se com a necessidade de estabilidade no Império, mas Saric comentara, irritado, que, de certa forma, o Senhor da Guerra sempre conseguira inclinar o prato da balança a favor daquele que tinha apoiado sua ascensão ao poder. A retribuição de dívidas políticas era moeda corrente no Jogo do Conselho, mas envolver Brancos Imperiais em questões de divisa insignificantes era demais e demonstrava um interesse por sangue semelhante ao dos Minwanabi.

Os Acoma se beneficiaram por tabela, já que Tasaio fora forçado a assumir uma postura de paciência e cautela. Sendo o mais poderoso rival do Senhor da Guerra, o Senhor dos Minwanabi não precisou de um conselheiro para prever o modo como Axantucar poderia reagir se sua família ultrapassasse os limites. O homem que vestia o branco e dourado governava de modo tão impiedoso quanto seu antecessor, mas era ainda mais imprevisível. Mesmo em sua propriedade praticamente inexpugnável, Tasaio não se atreveu a considerar garantida a sua segurança.

O mensageiro da guilda chegou às escadas, despertando Mara de seus devaneios. Brilhando de suor e vestindo apenas uma tanga e uma faixa com a insígnia de sua guilda, fez uma reverência.

— Senhora dos Acoma?

— Sou eu mesma — respondeu Mara. — Quem envia a mensagem?

— Ninguém. — O mensageiro se endireitou após a saudação e atirou para trás o cabelo encharcado de suor. — Pelo bem do Império, minha guilda está enviando mensagens a todos os Governantes.

Pelo bem do Império... Com essa frase o mensageiro indicou que sua guilda achara o assunto tão grave que resolvera agir sem pagamento.

— O que houve? — perguntou Mara, já preocupada.

O mensageiro pareceu não se importar com o fato de o pedido dela não ter sido acompanhado pela oferta de algo para comer ou beber.

— Senhora, o Império está em perigo. Os deuses lançaram sua ira sobre nós. O mago renegado, o antigo Grande chamado Milamber, retornou.

Mara sentiu um leve movimento atrás de si e percebeu que Kevin se juntara a eles.

— Então o Portal está aberto novamente! — comentou o midkemiano, com uma crescente emoção.

— É como seu escravo observou, minha Senhora — disse o mensageiro, olhando para Mara. — Mais do que isso. O Senhor da Guerra tentou capturar o mago, recorrendo a seus aliados na Assembleia. Não se sabe ao certo o que aconteceu, exceto que foi travada uma batalha no palácio entre os Brancos Imperiais e um exército liderado por Kamatsu dos Shinzawai.

De repente, o ambiente pareceu perder todo o seu brilho. Mara apertou a túnica ao redor dos ombros, sem perceber que os nós de seus dedos tinham ficado brancos. Com uma calma que na verdade não sentia, pois não duvidava de que Hokanu marchara ao lado do pai, não demorou a reagir:

— Uma batalha no palácio?

— Sim, Senhora. — Sem perceber que ela se sentia incomodada, o mensageiro pareceu satisfeito em divulgar suas novidades sombrias: — E o resultado foi este: o Senhor da Guerra foi considerado um traidor e condenado a uma morte desonrosa.

Mara arregalou os olhos. Morte desonrosa só poderia significar enforcamento. Apenas duas forças no Império poderiam ordenar essa execução, e Axantucar dispunha de aliados entre os magos.

— O Imperador...?

Mal conseguindo conter seu entusiasmo, o mensageiro confirmou:

— Sim, Senhora, a Luz do Céu condenou o Senhor da Guerra e agora ele próprio suspendeu o direito de qualquer Senhor se sentar no trono branco e dourado.

Na pausa horrorizada que se seguiu, Mara pouco mais fez do que tentar ordenar seus vertiginosos pensamentos. O Imperador condenando o Senhor da Guerra! Era algo espantoso, uma cisão em todas as tradições e precedentes. Mesmo em tempos de grandes ameaças, nenhuma Luz do Céu se atrevera a agir como Ichindar.

— Senhora, o Conselho Supremo foi dissolvido e não se reunirá sem ordem do Imperador! — concluiu o mensageiro.

Mara se esforçou para não revelar sua surpresa.

— Há mais alguma coisa?

O mensageiro cruzou os braços e se curvou.

— Nada que seja de conhecimento público. Mas sem dúvida uma comunicação oficial deve vir em breve.

— Então vá até a cozinha e se alimente — convidou Mara. — Fui negligente em não convidá-lo logo que chegou. Antes de seguir para sua próxima missão, descanse para recuperar suas forças.

— Minha Senhora é generosa, mas devo partir. Tenho sua permissão?

Mara fez um sinal positivo ao jovem. Assim que ele desceu o caminho correndo, ela lançou um olhar penetrante a Saric.

— Faça com que Arakasi volte o mais rápido possível.

A pressa dela não precisou ser explicada. Se as informações do mensageiro fossem corretas, era de longe o acontecimento mais importante ocorrido desde que nascera. As regras do Grande Jogo tinham sido alteradas para sempre e, até o dia em que a Luz do Céu mudasse de ideia, seria o poder absoluto do Império. A não ser, pensou Mara, com uma ironia típica de Kevin, que alguém decidisse o contrário, matando-o.

Foram necessárias quase duas semanas para que Arakasi retornasse, já que encontrá-lo era difícil devido aos métodos sinuosos que ele insistia em utilizar. Durante a espera, Mara foi ficando cada vez mais inquieta, enquanto os rumores se espalhavam loucamente pelo Império. Ao contrário do que seria esperado, não surgiram notícias oficiais dos contratempos causados pela execução de Axantucar. Como sempre, os dias amanheceram úmidos e as tardes trouxeram garoas e chuvas fortes, algo que acontecia todos os anos naquela estação. As conspirações e especulações eram muitas, mas o Imperador permaneceu incontestavelmente vivo e no poder em Kentosani. Correu a informação de que oito de seus escravos morreram devido a diversos venenos exóticos colocados em sua comida e que três dos cozinheiros e duas criadas de quarto foram enforcados por traição. O comércio prosseguiu, mas de maneira incerta, como uma calmaria antes da tempestade.

O calor opressivo fez com que até a impaciência se revelasse desconfortável. Mara passou horas a fio em sua escrivaninha, escrevendo recados para seus diversos aliados. Apenas as missivas enviadas a Jiro dos Anasati ficaram sem resposta, o que não foi propriamente uma surpresa. Mara suspirou, pegou outro pergaminho e depois verificou o nome seguinte em sua lousa. Mergulhou a pena e o suave arranhar de sua escrita a acompanhou durante mais uma tarde.

Kevin costumava ficar meio mole com o ar pesado e úmido da época das chuvas. Menos volátil do que Mara em relação a assuntos intangíveis, deitava-se preguiçosamente numa esteira no canto de seu escritório, embalado pelo leve bater da chuva no telhado ou pelo arranhar da pena de Mara. Na escuridão verde-acinzentada de mais uma tempestade, uma sombra surgiu.

Mara se levantou com o susto, a respiração presa na garganta. O movimento acordou Kevin, que, sem pensar, se levantou em posição de combate, com suas grandes mãos à procura de uma espada que não estava lá. O midkemiano relaxou depois com um sorriso abafado de autocensura.

— Por todos os deuses, homem, você me assustou.

Arakasi, com uma pesada túnica preta batendo ruidosamente nas panturrilhas, entrou e se abrigou da chuva. Suas sandálias estavam ensopadas e cobertas de pedaços de grama, o que significava que ele viera através dos pastos das needra. Mara relaxou, aliviada.

— Você demorou uma eternidade para chegar.

O Mestre dos Espiões fez uma reverência, com uma fieira de gotas prateadas caindo do capuz e escorrendo por seu nariz aquilino.

— Senhora, estava muito distante quando recebi seu chamado.

Mara, batendo palmas, chamou a criada.

— Toalhas — exigiu. — E uma túnica seca, imediatamente. — Indicou ao Mestre dos Espiões que se sentasse e se servisse de uma taça de chocha da bandeja ao lado.

Arakasi serviu-se da bebida quente e depois lançou um olhar penetrante a Mara.

— Senhora, peço que não conte a ninguém que estou de volta. Eu me esgueirei por entre seus guardas e foi difícil não ser visto.

Aquilo explicava a grama em suas sandálias, mas não o porquê de ter feito isso. Vendo que Arakasi não se alongava em explicações, Mara foi obrigada a perguntar. O Mestre dos Espiões, estranhamente agitado, girou a taça de porcelana na mão. Franziu o cenho, refletiu e ignorou as toalhas e a roupa seca que tinham sido levadas pela criada. Ainda vestido de preto e ainda pingando, começou a falar:

— Meus informantes... Algo pode ter dado errado. Existe a possibilidade de termos sido descobertos.

Mara ergueu as sobrancelhas e, com uma intuição infalível, lembrou-se de um acontecimento ocorrido havia muito tempo.

— A emboscada feita para pegar Keyoke?

Arakasi assentiu.

— Creio que o falecido Senhor Desio tenha deixado nosso homem escapar naquela época para me levar a crer que nossos outros agentes na Casa dos Minwanabi não haviam sido detectados. Se isso for verdade, então a promoção de um de meus homens ao serviço pessoal de Tasaio...

— É suspeita? — terminou Mara, quando ele se calou. Ela acenou como forma de dizer para deixar de lado a questão. — Lide com o problema como achar melhor. Se você crê que um espião dos Minwanabi pode ter se infiltrado em minhas terras, descubra quem é. Neste momento, desejo saber o que aconteceu exatamente em Kentosani.

Arakasi sorveu sua chocha. Por um momento, pareceu relutante em abandonar o assunto de existir uma possível brecha em sua rede, mas, como Kevin se instalara de novo em seu canto e Mara parecia impaciente, o que era pouco habitual, o Mestre dos Espiões dedicou-se ao assunto solicitado:

— Aconteceram muitas coisas, mas pouco se sabe. — Arakasi colocou sua taça de lado tão suavemente que a porcelana nem fez barulho. — Perdi um agente no combate.

Mara não conhecia o homem que morrera e nunca iria conhecê-lo, mas era um servo dos Acoma. Inclinou respeitosamente sua cabeça, como o faria se tivesse conhecimento de que um de seus guerreiros perdera a vida a seu serviço. Arakasi encolheu os ombros sem sua habitual leveza.

— O homem estava simplesmente no local errado quando a luta se iniciou. Foi morto por uma flecha perdida, mas é uma perda lamentável. Os candidatos a trabalhar no Palácio Imperial são escrupulosamente analisados e será muito difícil substituí-lo.

Mara percebeu que o Mestre dos Espiões encarava a perda como pessoal e, apesar de desejar que ele fosse direto ao assunto, esse comportamento era tão incomum que resolveu esperar que retomasse o tema quando achasse melhor.

Arakasi colocou as mãos entrelaçadas sob a túnica e pareceu voltar a si. Falou bruscamente:

— De qualquer modo, o mago Milamber, apesar de ter sido banido das fileiras dos Grandes, retornou através de um Portal.

— Onde fica esse Portal? — interrompeu Kevin, que de repente não estava mais tão sonolento quanto aparentava.

Mara lhe lançou um olhar carrancudo, mas foi o desprezo fulminante de Arakasi que levou o midkemiano a se calar.

— Ainda não sei — reconheceu o Mestre dos Espiões, dirigindo-se declaradamente à sua Senhora. — Milamber foi preso na cidade de Ontoset por dois magos que serviam a Axantucar. Ele, dois companheiros de sua terra natal e outro Grande foram detidos e levados para o Palácio Imperial.

Mara interrompeu:

— O Senhor da Guerra deteve um Grande?

— Há quem diga que os dois Grandes prenderam um de seus companheiros — corrigiu Arakasi em tom seco. — Quanto ao Senhor da Guerra, pouco se sabe, embora as especulações sejam muitas. Axantucar não estava satisfeito em vestir o branco e dourado imperiais. Dizem que nutria ambições maiores.

— Matar o Imperador? — Mara o interrompeu. — Surgiram rumores de que alguém teria tentado envenená-lo.

— Metade desses boatos é verdadeira. — Arakasi tamborilou com os dedos e água pingou de suas mangas no chão de madeira polida. — Ichindar usou isso como justificativa para a execução. E como um dos dois Grandes que serviam de mascote de Axantucar reviu sua lealdade e testemunhou contra ele, quem poderia questionar a veracidade da acusação?

Ao escutar aquilo, Mara arregalou os olhos.

— Um Grande o denunciou?

— Mais do que isso. — Enfim, deixando-se envolver pelo tema, Arakasi explicou: — Dois Grandes, irmãos, ajudaram o Senhor da Guerra, como já haviam feito com seu tio. — Mara assentiu. Lembrava-se bem dos dois, pois tinham sido imprescindíveis para provar a inocência dela no meio do emaranhado de acusações contraditórias que culminaram na ruína de Jingu dos Minwanabi. Arakasi prosseguiu: — Irmão voltou-se contra irmão. Um Grande agora está morto e o outro denunciando publicamente todos os que conspiraram contra Ichindar. No momento, todos estão quietos no Grande Jogo, temendo represálias. Mas, no que nos diz respeito, creio que seja um momento para agir com cautela. Se Tasaio acredita ser o mais poderoso entre os Senhores do Império, pode escolher atacar agora.

Mara levantou a mão para silenciá-lo enquanto refletia. Após um momento preenchido com o som da chuva no telhado, tomou a palavra:

— Não. Agora, não. Tasaio é esperto demais para tentar avançar secretamente quando há

tantas espadas desembainhadas. Quem comanda a guarnição do Palácio Imperial?

— Kamatsu dos Shinzawai — respondeu Arakasi. — Age como se fosse o Comandante das Forças Armadas do Imperador, embora vista a armadura de Chefe de Guerra Kanazawai, e não de um Branco Imperial.

Mara franziu o cenho ao ponderar sobre aqueles desdobramentos políticos.

— Então, no momento, podemos presumir que a Aliança Bélica está acabada e que a Facção Bélica também foi despedaçada, uma vez que apenas os Minwanabi dominam essa facção. — Levou um dedo ao queixo, antes de prosseguir: — Podemos assumir que Jiro dos Anasati irá se distanciar tanto dos Omechan como de Tasaio e que os Anasati e outras famílias do Clã Ionani voltarão de braços abertos à Facção Imperial. Não, a Roda Azul pode não ser a facção mais poderosa, mas se senta do lado direito do Imperador, e nesta conjuntura isso conta bastante.

— No que diz respeito ao Conselho — acrescentou Arakasi —, duas tentativas dos Minwanabi de convocar uma reunião formal foram abertamente censuradas por Ichindar. A Luz do Céu reiterou sua ordem de que o Conselho Supremo está dissolvido até que decida convocá-lo.

Mara permaneceu muito tempo em silêncio.

— Vejo que isso não diz respeito apenas a traições — concluiu por fim. — Há algo mais em jogo. Já houve atentados contra o Senhor da Guerra e o Imperador antes, mas nenhum originou a suspensão do Conselho Supremo.

— Talvez este Imperador tenha mais cérebro e mais ambição do que seus antecessores — disse Kevin de seu canto. — Apostaria que ele deseja o poder absoluto.

Mara balançou a cabeça.

— Tomar o poder por esses meios poderia originar uma revolução. Se Ichindar desejasse efetivamente dominar o Conselho, faria deles seus cachorrinhos. A corte imperial pode fazer muitas coisas, mas não pode governar o Império. Nosso sistema não é igual ao seu, Kevin, onde tanto os Governantes como seus servos são súditos de um rei. — Ela fez um gesto de frustração, mostrando que esses conceitos ainda lhe eram estranhos.

— A Grande Liberdade — recitou Kevin. — A lei que explica claramente a relação de cada homem com seu Senhor, para que ninguém seja tratado injustamente.

— Uma ficção educada, estou certa disso — interveio Mara. — Seja como for, não era a isso que me referia; não temos um sistema que permita substituir um Senhor corrupto por um digno. Se um Senhor cair, suas propriedades caem junto com ele, e, se um número suficiente de nós cair, o próprio Império deverá cair também.

Kevin afastou para trás o cabelo emaranhado pelo sono.

— Você está dizendo que o Império não tem infraestrutura para suportar uma mudança tão grande. Os nobres tsurani são mimados e têm um ego grande demais para administrar suas terras a não ser que tenham permissão para agirem como ditadores absolutos. Não farão isso

só porque o Imperador diz.

Mara achou os comentários de Kevin muito exaltados.

— Não, o que digo é que, se a Luz do Céu, só por capricho, pensar em transformar um corpo de Governantes em um bando de funcionários, irá aprender que ordenar uma coisa não é o mesmo que fazê-la, ou garantir que outros a façam.

Kevin encostou-se à parede e inspecionou despreocupadamente suas unhas, que tinham terra nos cantos.

— Não posso discutir isso com você — reagiu ela.

Sem perceber ao certo por que razão ele escolhera aquele momento para complicar as coisas, Mara voltou sua atenção para Arakasi.

— Creio que temos de ir a Kentosani.

O Mestre dos Espiões ficou estático, parecendo uma sombra em sua capa preta.

— Senhora — disse —, isso pode ser perigoso.

— E quando não foi? — perguntou Kevin, com uma pontada de sarcasmo.

Mara, sem fitá-lo diretamente, acenou com a mão para que fizesse silêncio.

— Sou capaz de apostar que o Imperador não irá se opor a uma reunião do Clã Hadama no Salão do Conselho. E, se alguns membros da Facção do Olho de Jade também estiverem na cidade na mesma ocasião e decidirmos jantar...

Mas os enredos sociais da política não pareciam interessar a Arakasi naquele dia.

— Esses são assuntos para discutir com seu hadonra e sua Conselheira-Mor, Senhora — salientou, com certa grosseria. — Devo voltar a meus agentes e assegurar sua segurança.

Perdida nos próprios pensamentos, Mara não percebeu o modo rude pouco habitual.

— Faça isso — disse, numa vaga alusão às palavras das quais interpretara apenas o que estava à superfície. — Mas espero você em meus aposentos na Cidade Sagrada dentro de um mês.

— Às suas ordens, Senhora. — Arakasi, sem hesitar, fez uma reverência.

Tão discretamente quanto entrara, esgueirou-se pelo biombo e desapareceu na bruma prateada vespertina. Ainda profundamente absorta em seus pensamentos, Mara deu-lhe tempo para que partisse sem ser visto. Em seguida, bateu palmas para chamar o mensageiro e pediu que fosse buscar seus conselheiros.

A chuva mantinha praticamente todos em casa e pouco depois entraram Nacoya, Keyoke e Saric. Lujan foi o último a chegar, cheirando aos óleos usados para preservar a armadura laminada. Estivera nos quartéis instruindo os jovens recrutas. Suas sandálias fizeram as poças deixadas pela capa preta de Arakasi aumentarem. Sem preâmbulos, Mara começou a falar:

— Nacoya, envie mensageiros a todos os Governantes da Facção do Olho de Jade informando-os de que em um mês, a contar de hoje, devemos estar hospedados na Cidade Sagrada. Os Acoma gostariam de recebê-los para um almoço ou jantar... de acordo com a hierarquia, naturalmente. — E acrescentou, quase sem hesitar: — Informe a todos os membros

do Clã Hadama que daqui a seis semanas haverá uma reunião no Conselho Supremo.

Nacoya se deteve para ajeitar uma presilha de cabelo que estava caindo.

— Senhora, muitos dos membros do Clã Hadama eram aliados de Axantucar. Não devem estar muito propensos a voltar tão depressa a Kentosani, apesar de seu pedido.

Mara lançou um olhar firme à sua Conselheira-Mor.

— Se é assim, deixe isso bem claro: não se trata de um pedido. É uma ordem.

Prestes a argumentar, Nacoya avaliou o olhar de sua Senhora. Reconsiderou, assentiu com a cabeça e, um pouco sem graça, disse:

— Assim será, Senhora.

Em seu canto, sobre a esteira de dormir no escritório de Mara, Kevin observou as discussões ocorridas durante a noite com crescente inquietação. Algo mudara em Mara, percebeu, embora não conseguisse saber o quê. Certo apenas de que havia uma distância entre eles, apesar de toda sua paciência, fitou o olhar frio e distante no rosto de Mara e tomou uma decisão. Independentemente do que estivesse na origem de seus pensamentos, dessa vez não estava certo de que gostaria de saber do que se tratava. O Jogo não era um jogo, não num sentido que fosse compreensível para ele. E, já bastante familiarizado com a política de Tsuranuanni, era capaz de pressentir quando o perigo surgia no horizonte. Aprendera que naquela terra as mudanças só ocorriam com derramamento de sangue, e a queda de mais um Senhor da Guerra prometia terríveis problemas. Ficou ouvindo a chuva batendo nas vigas até que a escuridão da noite chegou. Embora o ambiente permanecesse tão úmido e abafado quanto antes, Kevin percebeu que perdera toda a vontade de dormir.

A tempestade passou e, embora as nuvens no horizonte anunciassem chuvas fortes à tarde, o dia brilhou com intensidade. Mara estava sob o sol quente, com uma postura ereta e uma expressão impossível de ler. Alinhada diante dela por toda a extensão do campo de treinamento, estava sua guarnição, cujos combatentes vestiam as cores dos Acoma. Os únicos guerreiros ausentes eram os destacados para as propriedades em cidades distantes e a patrulha de serviço no perímetro da propriedade. À sua direita se achava Nacoya, parecendo minúscula sob o peso de sua túnica formal. Sua pequena estatura se destacava pelo cetro, que tinha na ponta um leque de penas de shatra, símbolo oficial de seu posto de Conselheira-Mor. Atrás dela, à esquerda, viam-se Keyoke, Saric e Lujan, também vestidos formalmente. A armadura protocolar envernizada, as joias e o conjunto de conchas nos cetros dos oficiais brilhavam de modo ofuscante à luz da manhã.

De olhos semicerrados voltados para a cintilante luz do sol refletida nas armaduras envernizadas, Kevin observava a cena de dentro da casa, em uma posição estratégica num assento à janela do grande salão onde se reunia a corte de Mara. Ayaki estava com os

cotovelos cravados na almofada sobre os joelhos do midkemiano. Atrás do jovem Senhor, com um frasco de cera e um pano de polir esquecido e dependurado nas mãos, colocara-se o escravo mais antigo da casa, Mintai, que cuidava da limpeza daquele cômodo. O ancião apreciava os momentos de liberdade proporcionados por aquele tipo de cerimônia, as raras vezes em que podia se dar ao luxo de um pouco de descanso sem temer uma bronca.

Mara começara entregando prêmios e atribuindo promoções e depois aceitara o juramento de lealdade de uma dúzia de jovens guerreiros que haviam entrado a serviço dos Acoma. Assim que os novos recrutas terminaram as reverências finais e recuaram para seus lugares nas fileiras, ela dirigiu a palavra a seu exército:

— Agora os Acoma atingiram uma força comparável à sua honra. Kenji, Sujanra! — Quando os oficiais chamados deram um passo à frente, Mara aceitou duas plumas altas e tingidas de verde das mãos de Keyoke. — Estes homens foram promovidos ao cargo de Líder de Forças Militares! — anunciou às suas companhias e, assim que os dois homens se curvaram diante dela, afixou em seus elmos os emblemas do novo cargo.

Kevin deu uma cotovelada nas costelas de Ayaki.

— O que é um Líder de Forças Militares? Pensei que conhecia todos os seus postos.

— Tasaio dos Minwanabi tem quatro — disse o menino, sem explicar.

Os olhos azuis do midkemiano se fixaram, então, no escravo da casa e, lisonjeado por ser consultado como uma autoridade no assunto, Mintai brandiu seu pano de polir na direção do exército de Mara.

— É o título de um cargo que ocorre algumas vezes, quando uma força é grande demais para um único comandante. Eles agora serão subcomandantes do Comandante das Forças Armadas, Lujan, e cada um deles liderará uma companhia. — Um olhar confuso apareceu em seu rosto. — Isso indica que ela está dividindo o exército.

Kevin aguardou que Mintai fosse mais claro e só depois, quando compreendeu que não haveria mais explicações, percebeu que o homem deveria ser um pouco simplório.

— O que isso quer dizer? — perguntou de pronto.

Como resposta, obteve um encolher de ombros tsurani.

— Talvez a Senhora deseje ter mais soldados a seu serviço.

— Para assim podermos derrotar Tasaio — interrompeu Ayaki. Fez um ruído com sua garganta que correspondia à sua ideia do som de um homem morrendo e depois abriu um largo sorriso.

Kevin cutucou outra vez as costelas do menino e os efeitos sonoros deram lugar a gargalhadas.

— Por quantos homens é composta uma companhia? — perguntou a Mintai.

O velho escravo voltou a encolher os ombros.

— Por muitos. Tudo depende da vontade do Senhor. Não há uma regra fixa quanto à quantidade.

Mas a curiosidade de Kevin só fora levemente saciada.

— Então quantos homens respondem ao Líder de Patrulha?

— Uma patrulha, é óbvio, seu bárbaro. — Mintai demonstrou que pretendia voltar a polir. O forasteiro podia ser o amante da Senhora, mas não merecia ser respeitado por fazer perguntas estúpidas.

Previsivelmente, o bárbaro não percebeu que seu interesse se tornara um incômodo.

— Deixe-me perguntar de outra forma. Normalmente, quantos homens compõem uma patrulha?

Mintai contraiu os lábios e se recusou a responder, mas dessa vez Ayaki estava doido para se exhibir:

— Costuma ser uma dúzia, às vezes vinte, nunca menos de oito.

Como um menino de nove anos compreendia um sistema tão absurdo era outra anormalidade daquele mundo louco. Kevin coçou a cabeça e tentou ordenar o caos.

— Cerca de dez, digamos. Muito bem, e quantos Líderes de Patrulha um Líder de Ataques comanda?

— Às vezes cinco, outras vezes chega a haver dez em cada companhia — anunciou Ayaki.

— Não precisa berrar como se estivéssemos em um campo de batalha — repreendeu Kevin, e, apesar de vários cutucões em suas próprias costelas, tentou ordenar a cabeça. — Então cada Líder de Ataques pode comandar no mínimo quarenta homens e no máximo duzentos. — Piscou ao se virar de novo para a luz forte lá fora, onde os oficiais recém-promovidos se levantaram e retomaram suas posições. — Então de quantos Líderes de Ataques você precisa antes de conseguir dividir suas forças desta maneira?

Ayaki riu de tal maneira que não conseguiu responder; Mintai cansou-se da janela e colocou um pedaço de cera em seu pano de polir. Como se as tábuas do chão pudessem desaparecer sob seus pés se não prestasse atenção nelas, ajoelhou-se e começou a esfregá-las com vigor.

— Não sei quantos homens a Senhora comanda no momento. Penso que, pela ajuda adicional na cozinha nesses dois últimos anos, devem estar perto dos dois mil. Temos vinte ou vinte e dois Líderes de Ataques, ouvi Kenji se gabando disso. Agora me deixe fazer meu trabalho em paz, antes que minhas costas sejam chicoteadas.

A ameaça não era real; Mintai fazia parte da mobília da casa e o capataz gostava demais dele para que fizesse algo além de repreendê-lo. Kevin esquivou-se da exuberante brincadeira de Ayaki e fez seus cálculos. A maioria da guarnição fazia rotação, passando parte do mês nos quartéis perto da casa, para que pudessem estar com as esposas e os filhos. Os demais ficavam em diversos pontos ao longo do perímetro da propriedade ou estavam fora protegendo caravanas ou barcas fluviais de transporte de produtos dos Acoma para mercados distantes. Seria difícil calcular com precisão, mas a estimativa do escravo poderia estar correta. Mara poderia muito bem comandar dois mil soldados. Kevin assobiou baixinho,

espantado. Ouvira falar que herdara uma guarnição bem pequena quando assumira o manto de Governante, algo em torno de trinta e cinco homens. Agora suas forças estavam crescendo a ponto de rivalizar com as das mais poderosas famílias do Império. Era uma pena, pensou ele, que a localização de sua propriedade fosse tão pouco adequada para se defender. Mas, logo em seguida, teve um pensamento perturbador, pois talvez a Senhora não estivesse reunindo seu poder militar apenas para proteção.

Uma nuvem atravessou na frente do sol, anunciando a primeira chuva forte da tarde. A cerimônia no campo de treinamento estava terminando, quadrado após quadrado de guerreiros com armaduras verdes virado para Lujan e obedecendo seu comando. Mara e seus conselheiros dirigiram-se para a casa grande. Sentindo uma súbita vontade de se encontrar com ela, Kevin sugeriu a Ayaki que fosse à cozinha importunar os cozinheiros, que, tendo em conta o cheiro trazido pela brisa, preparavam pão de thyza fresco. Não foi necessário grande esforço para persuadir o menino eternamente faminto; seguindo atalhos pelo pátio, Kevin conseguiu estar à espera da Senhora quando ela entrou em seus aposentos particulares. Ele se antecipou a uma das criadas e a ajudou a tirar sua pesada túnica. Ela permitiu que ele fizesse aquilo, quieta e calada, e sem reagir a seu toque, ao contrário do normal.

— Vamos marchar para a guerra, minha Senhora? — indagou em seu habitual tom descontraído.

Mara sorriu sem vontade.

— Talvez. Se os membros de meu clã forem sensatos, não será necessário, mas, se forem teimosos, precisarei desta exibição de força. Não demorará muito para que a informação de que a guarnição dos Acoma cresceu a ponto de precisar de dois Líderes de Forças Militares viaje pelo rio. — Mara tirou uma pesada coleção de pulseiras de jade e as colocou num cofre aberto. Seguiu-se seu conjunto de presilhas para o cabelo, que combinavam com o resto, gerando uma cascata tilintante quando cada uma delas foi colocada junto com as outras joias. — Ninguém precisa saber que nossas companhias são inferiores ao que eram antes.

A túnica foi tirada e levada pelas criadas para ser arejada e pendurada; Kevin observou as costas nuas de sua Senhora e suspirou quando ela se vestiu com uma túnica larga e leve de uso interno.

— O Jogo prossegue?

— Sempre. — Mara apertou o cinto, terminando com quaisquer esperanças de um interlúdio em sua esteira de dormir. Inconsciente de que seu amante alimentava a esperança de alguns momentos de intimidade, acrescentou: — O Imperador pode ter suspenso o Conselho, mas o Jogo não para.

Só que não havia Jogo nenhum, concluiu Kevin consigo mesmo. Não quando os exércitos entravam em cena. Apesar de sua decisão recente de não se deixar envolver pela política, não conseguiu deixar de pensar em qual seria o rumo que sua Senhora iria seguir dessa vez.

As sombras pintaram o Palácio Imperial de rosa, laranja e azul assim que os primeiros raios do sol da manhã surgiram no horizonte. Os bairros mais pobres da cidade, junto ao rio, já estavam acordados e em atividade, mas nos corredores dos poderosos apenas ecoavam os passos de criados e de uma patrulha de guerreiros com as armaduras verdes dos Acoma.

Naquele dia que Mara definira para a reunião do Clã Hadama, ela desejava ser a primeira a chegar ao Salão do Conselho. Os procedimentos que tinha em mente não poderiam falhar, ou suas exigências sobre o clã só serviriam para aumentar o número de seus inimigos.

Lujan e uma escolta de vinte homens escolhidos a dedo acompanharam Mara até o círculo central do Conselho, mas, no local onde normalmente pediriam que se detivessem e aguardassem, a Senhora dos Acoma seguiu em frente. Após uma breve hesitação, Lujan indicou a seus guerreiros que mantivessem as fileiras. Seguiram a Senhora até o piso mais baixo da câmara e, se ficaram espantados por terem passado por sua cadeira habitual sem parar, não demonstraram.

Com sua postura de escravo pessoal, Kevin ergueu uma sobrancelha e depois riu para si mesmo ao adivinhar a intenção de sua Senhora. Mara caminhou direto pelo piso mais baixo e depois subiu ao dossel reservado ao Senhor da Guerra durante as sessões do Conselho, ou do Chefe de Guerra de Clã durante os encontros de clã.

Naquele momento, a cúpula superior se apresentava dourada por uma luz solar renovada. Mara se sentou sobre o elaborado trono cravejado de marfim. Kevin ficou perto dela, mais atrás, pronto para responder às suas necessidades, e, como se aquela ação não tivesse requerido nem coragem nem audácia, os guerreiros se dispuseram em semicírculo atrás dela. Kevin observou as fileiras de lugares vazios de seu lugar no dossel central. Como, salvo pelos soldados Acoma, o salão estava vazio, falou livremente:

— Algumas pessoas vão sentir as entranhas se revirarem antes de o dia terminar, Senhora.

Mas Mara já tinha assumido a postura de superioridade que acompanhava o trono que ocupara e não fez comentários. Esperou em sua pose formal durante cerca de três horas, até que chegaram os membros do Clã Hadama de hierarquia inferior. O Senhor dos Jinguai foi o primeiro a pisar no Salão do Conselho, com sua guarda de armadura amarela e vermelha com um enfeite preto nas costas. A essa altura, o sol já subira o suficiente para que faixas de luz oblíquas se estendessem sobre o dossel central. Quem quer que entrasse não deixaria de ver a Senhora no trono, com suas joias resplandecentes e as fluidas túnicas cerimoniais. O ancião lançou-lhe um olhar de espanto e se deteve sem pensar. Hesitou, depois sorriu com uma diversão genuína e seguiu para seu lugar na parte de trás do salão.

— Bem, pelo menos um deles está pronto para assistir ao espetáculo — sussurrou Kevin.

Mara moveu seu leque decorativo de um modo que indicou que ele deveria manter seus pensamentos só para ele. O rosto dela permaneceu impassível como alabastro sob camadas de maquiagem de pó de thyza; todos os nervos e a agitação estavam contidos e invisíveis.

Na hora seguinte, chegaram mais cinco Senhores. A maioria se limitou a se deslocar até seu lugar designado depois de olhar na direção de Mara. Outros dois conversaram por um instante, trocaram gestos discretos e se dirigiram a seus assentos. Ao meio-dia apareceu uma delegação de meia dúzia de Senhores, entre os quais um que figurava entre as famílias mais poderosas do Clã Hadama. Ao atravessar a porta, esse Senhor fez um sinal aos demais e, como se fossem um só, o grupo se dirigiu ao centro do salão. A essa altura, o sol brilhava sobre o trono dourado e marfim, iluminando Mara como uma estátua de uma deusa num nicho de um templo. Diante da cadeira do Chefe de Guerra, os Senhores se detiveram. Em vez de se sentarem, reuniram-se, murmurando entre eles. Por fim, um que se vestia de azul-escuro avançou para dirigir a palavra à mulher imóvel no trono.

— Minha Senhora dos Acoma...

Mara o interrompeu:

— Tem algo a me dizer, meu Senhor dos Poltapara?

O homem pareceu prestes a entrar em ebulição; de modo semelhante a uma ave em todo o esplendor de sua plumagem, encheu o peito de ar e depois avaliou a Senhora no dossel. Os olhos dela não vacilaram e os soldados à sua retaguarda permaneceram imóveis como estátuas. Na cultura de Tsuranuanni, uma falta de reação tão descarada era uma clara tomada de posição. O Senhor limpou a garganta.

— Como vai, Senhora?

Mara sorriu diante daquela educada rendição.

— Bem, obrigada. E o Senhor?

O homem de azul aquiesceu e depois, descontraído, retomou a conversa com seus companheiros. Kevin fez um comentário em *sotto voce*:

— Um já foi.

— Não — corrigiu Mara, ocultando o alívio por trás do leque. — Já foram seis. O Senhor que me saudou tem uma posição superior aos outros, dois dos quais são seus vassalos. Os outros três são aliados por juramento, e, como ainda estão falando uns com os outros, todos seguirão sua escolha.

A vitória foi significativa, pois, à medida que entravam mais Senhores, todos verificavam que uma das mais poderosas famílias aceitara a superioridade de Mara. Nitidamente com pouca vontade de desafiar a popularidade dela, saudaram-na e assumiram seus lugares com graus de entusiasmo variados.

Então o antigo membro reconhecido como Chefe de Guerra, o Senhor Benshai dos Chekowara, entrou intempestivamente no salão, com sua túnica colorida ondeando como velas ao redor de seu volumoso corpo. Imerso em profunda conversa com um de seus conselheiros e arraigado em sua presunção, já estava no meio da escadaria em direção ao piso inferior quando reparou na figura que ocupava seu trono habitual. Parou por um momento, petrificado, com os olhos arregalados em seu rosto escuro. Depois gesticulou para que seu conselheiro

tagarela silenciasse e avançou com seu corpo imenso os dez passos restantes, numa velocidade surpreendente, para confrontar a Senhora dos Acoma.

Kevin conteve seu comentário, pois a tática de Mara se tornara bem evidente. Apesar de, coincidentemente, os primeiros Senhores a entrar serem exatamente os de menor status hierárquico, qualquer um que tivesse de olhar para cima, para a pessoa no dossel, ficaria em desvantagem.

— Senhora Mara... — começou o Senhor dos Chekowara.

Mara o interrompeu:

— Tenho passado bem. E o Senhor?

Diversos nobres de categoria inferior do clã disfarçaram sorrisos. A resposta de Mara a uma pergunta não colocada sugeria que o Chefe de Guerra do Clã reconheceria a posição superior de Mara em relação à sua. O Senhor Benshai se atrapalhou e se esforçou para recuperar a compostura:

— Não foi isso que...

Mara voltou a interrompê-lo:

— Não foi isso o quê, meu Senhor? Perdoe-me, presumi que estava sendo cortês.

Mas um homem habituado ao poder não seria desconcertado por muito tempo por uma hábil verborragia.

— A Senhora está sentada em meu dossel — observou o Senhor Benshai, em tom nitidamente autoritário.

A Senhora dos Acoma o fitou com o mais penetrante dos olhares. Numa voz igualmente autoritária, que todos os presentes na câmara foram obrigados a ouvir, ela declarou:

— Penso que não, meu Senhor!

O Senhor Benshai dos Chekowara se sobressaltou com essa postura muito ativa. Enfeites de marfim chacoalharam em seus pulsos e pescoço quando se encrespou:

— Como ousa?!

— Silêncio! — ordenou Mara, e todo o salão obedeceu.

A submissão deles não passou despercebida ao Senhor Benshai. Virou seu pescoço curto e olhou de modo fulminante os Senhores que não lhe demonstraram apoio. Apenas o orgulho evitou que sua pose murchasse. Mara fez um anúncio, dirigido não só ao Senhor dos Chekowara, mas a todos os presentes na reunião:

— Chegou a hora de falar abertamente, meus parentes.

Uma imobilidade total dominou o enorme salão. Era raro o uso público dos laços de sangue, pois os tsurani davam bastante importância ao parentesco. Qualquer alusão a isso, por mais vaga que fosse, era considerada importante e pessoal. Embora no clã todos tivessem partilhado laços de sangue em um passado remoto, com o passar do tempo o parentesco se tornara tênue e nunca era mencionado, exceto quando havia dívidas ou questões de honra.

Como se o Senhor dos Chekowara não estivesse perplexo aos pés do dossel, Mara

continuou a se dirigir aos demais Senhores em seus assentos:

— Por destino, vocês são membros de um clã considerado portador de enorme honra há muito tempo — como muitos no salão murmuraram em concordância, Mara aumentou seu tom —, mas ao qual falta poder. — As vozes silenciaram. — Meu pai figurava entre os mais nobres Senhores do Império. — Mais uma vez, diversos Senhores presentes no salão concordaram. — No entanto, quando sua filha enfrentou sozinha poderosos inimigos, nem um único parente demonstrou seu apoio, mesmo que fosse simbólico. — Ninguém falou enquanto Mara passava os olhos pela plateia. — Compreendo tão bem quanto qualquer um de vocês o que levou a essa situação — anunciou. — Contudo, sinto também que as questões políticas são uma justificativa insuficiente. Afinal — explicou de forma amarga —, a consciência não nos incomoda. Os tsurani são assim, é o que dizemos. Se uma jovem é morta e o natami da família é virado ao contrário, quem poderá dizer que não se tratou da vontade dos deuses?

Mara fitou todos os rostos presentes no salão, à procura de reações adversas. Antes que qualquer um dos Governantes mais ousados tivesse um instante para erguer sua voz em protesto, ela gritou:

— Eu digo que não se trata da vontade dos deuses! — Suas palavras ecoaram pelo salão e a emoção quase invisível que os havia animado manteve todos os Senhores presos às suas cadeiras. — Eu, Mara dos Acoma. Eu, que obriguei o Senhor dos Anasati a me dar apoio. Eu, que derrubei Jingu dos Minwanabi sob seu teto ancestral! Eu, que transformei os Acoma na casa mais poderosa do Clã Hadama! Eu digo que somos nós que traçamos nosso próprio destino e procuramos nosso próprio lugar na Roda! Quem aqui diz o contrário?

Uma agitação acolheu aquele conceito e diversos Senhores se mexeram em seus lugares, parecendo incomodados com algo que soava como blasfêmia. Um Governante que estava na parte de trás tomou a palavra:

— A Senhora está dando voz a pensamentos perigosos.

— Vivemos tempos perigosos — retrucou Mara. — Está na hora de adotarmos pensamentos radicais.

Seguiu-se uma concordância geral, embora relutante. Os resmungos em voz baixa aumentaram; surgiram discussões acaloradas sussurradas, interrompidas pelo Senhor dos Chekowara, que mal conseguiu conter sua raiva por ter sido esquecido ali onde estava. Então gritou mais alto do que o ruído generalizado:

— O que propõe, além de usurpar meu cargo, Senhora Mara?

Com joias brilhando sob a luz do sol que caía através da abóbada, Mara retirou um rolo de pergaminho das profundezas de sua manga. Kevin teve de se esforçar para conter sua vontade de manifestar sua admiração por ela saber aproveitar tão bem a oportunidade.

— Mostre a isca — sussurrou para si mesmo.

Sob o brilho da luz, as fitas amarelas e douradas que indicavam um decreto do Guardião do Selo Imperial eram inconfundíveis. Consciente de ter atraído todos os olhares da câmara,

Mara observou os presentes com uma postura imperiosa.

— Tenho aqui, com o selo oficial, uma opção comercial exclusiva outorgada aos Acoma.

Opção comercial? Com quem? e Para quê? foram várias das perguntas vindas da plateia. Mas apenas o Senhor Benshai não pareceu impressionado. Permaneceu firme como uma rocha e mostrou um ar ameaçador.

— Nem que o decreto tenha sido escrito pela mão da própria Luz do Céu me curvarei diante da Senhora.

Lujan colocou ruidosamente a mão no punho de sua espada, um aviso claro de que não seria tolerado nenhum insulto à sua Senhora. Os guerreiros Chekowara também se eriçaram e, consciente de que a ameaça de derramamento de sangue era bem real, Kevin suava debaixo de suas túnicas, desejando ter uma faca na mão. No entanto, como se a tensão de seus soldados não passasse de uma simples pose, Mara leu o documento em voz alta para todos os presentes. A câmara ficou em silêncio.

— Eu detenho a chave para a riqueza, meus Senhores — resumiu. — Detenho direitos exclusivos sobre esses bens, tanto para importar como para exportar para o mundo de Midkemia. Compreendem como a importação por atacado de qualquer um desses artigos, em particular os de metal, afetaria sua riqueza?

O silêncio no Salão do Conselho se tornou tenso. Alguns Senhores conversaram aos sussurros com seus conselheiros, enquanto os que ocupavam assentos em posições mais elevadas foram aos poucos ficando pálidos. O Senhor dos Chekowara fez um gesto repentino a seus guerreiros para que relaxassem a postura de prontidão para entrar em ação; melhor do que ninguém, ele percebeu que Mara o derrotara. Se ela tivesse optado pela força, ou convocado aliados políticos, a posição ainda poderia ser questionada. Mas como dispunha de poder suficiente para se igualar a ele, ou até mesmo superá-lo, e, no momento atual, capacidade para destruir as finanças de todas as famílias do clã, não haveria um único Senhor presente que se atrevesse a apoiar seu antigo Chefe de Guerra. Com uma fúria desconcertada estampada no rosto, o Senhor Benshai procurou, desesperado, formas de recuar sem cair em desgraça. À sua volta, seus colegas Governantes do Clã Hadama pareciam absortos demais nos próprios problemas para avaliarem sua derrota. Um deles, sentado no balcão da frente, perguntou em voz alta:

— Senhora, está oferecendo a possibilidade de uma parceria?

Mara respondeu com cautela:

— Talvez. Posso estar disposta a estabelecer consórcios comerciais e permitir a participação de outros... com aqueles dentre vocês que provarem ser efetivamente meus parentes, tanto na prática como no discurso.

Muitos olharam de soslaio diante dessa sugestão e, pela agitação dos conselheiros presentes, que se debruçaram para dizerem algo aos sussurros a seus Senhores, a ideia não foi encarada com entusiasmo. O Senhor dos Chekowara entreviu sua chance. Numa voz habituada

à persuasão, disse:

— Mara, sua proposta é boa, mas não vimos nada que sugira que o comércio com os bárbaros seja possível, mesmo que você detenha direitos exclusivos concedidos pelo Imperador. Além disso — acrescentou, com um aceno a que um pai poderia recorrer para repreender uma criança teimosa —, essas coisas mudam, não é?

Mara escutou um murmúrio de Kevin:

— Agora, mostre a vara.

Ela se esforçou para não rir. O Senhor dos Chekowara exibiu uma confiança que, se fosse em outra situação, iria fazê-lo parecer deploravelmente pomposo. Mara escolheu com cuidado seu tom de voz:

— Meu Senhor, compreenda: quando eu sair deste salão, saberei quem são meus amigos e quem ficará de fora. — Então, de modo eloquente, percorreu com o olhar todo o salão e temperou suas palavras com uma paciência contida: — Já provei uma dúzia de vezes meu valor desde que me tornei Governante. — Uma pausa ponderada originou um murmúrio generalizado de concordância. Mara retomou a palavra: — Aqueles que duvidam de mim podem ficar de lado e lidar com o que estiver em seu caminho, firmes no conhecimento de que podem confiar no próprio engenho e em seus recursos. Os que aceitarem meu apelo pela unidade do clã e juntarem suas forças às minhas terão os Acoma ao lado deles para enfrentar quaisquer perigos que possam surgir. Porque, meus Senhores, se alguém crê que o Grande Jogo acabou pela vontade da Luz do Céu, sugiro que se afaste do poder e procure um templo para orar por misericórdia. Pois é um louco, e apenas pela benevolência dos deuses ele e sua família sobreviverão aos dias que estão por vir. Minha oferta é melhor — gritou no tom mais alto até então empregado. — Vocês podem prosseguir como fizeram até agora, um clã pequeno, sem futuro, ou podem reacender o fogo que nossos antepassados outrora usaram para iluminar seu caminho. Tasaio dos Minwanabi irá cair, ou eu cairei. Se eu cair — olhou diretamente para o Senhor dos Chekowara —, acham que Tasaio não mergulhará o Império numa guerra civil? Que família será suficientemente forte para detê-lo, com os Omechan em desgraça? — Voltou a se sentar e suavizou o tom, para que todos tivessem de se debruçar para a frente para escutá-la: — Mas, se eu for bem-sucedida, então uma das Cinco Grandes Famílias será extinta. Outra família deverá se erguer para ocupar esse lugar. A maioria partirá do princípio de que os Anasati reclamarão essa honra, ou talvez os Shinzawai. Isso ainda está para ser escrito. Eu digo que o prêmio pode ser entregue aos Acoma. O clã da família ascendente subirá na hierarquia e os que forem parentes desse Governante figurarão entre os mais poderosos — acenou com o documento — e ricos.

O velho Senhor dos Jinguai não se movera de seu lugar durante todo o processo, mas agora estava de pé. Podia ter as costas curvadas devido à idade, mas seu tom de voz revelou-se firme:

— Mara! — gritou. — Nomeio Mara dos Acoma minha Chefe de Guerra!

Outro Senhor se juntou a ele, seguido por um coro de vozes vindo das fileiras superiores. De repente, vários deles gritavam e, consternado, o Senhor Benshai dos Chekowara percebeu que a maioria do clã estava de pé aclamando Mara. Por fim, quando o alvoroço começou a diminuir, a Senhora dos Acoma fitou o antigo Chefe de Guerra.

— Benshai, entregue o cajado.

O Senhor dos Chekowara pareceu ferver por dentro. Hesitou por um período quase imprudente e depois entregou o pequeno cajado de madeira com entalhes cerimoniais que indicava o cargo de Chefe de Guerra. Assim que Mara aceitou o símbolo do cargo, ele fez uma curta e leve reverência e recuou para o primeiro lugar ao lado do dossel, a posição reservada para o segundo Senhor mais poderoso do clã. Os demais se reorganizaram tomando o assento que antes pertencera a Mara, enquanto os de hierarquia inferior não se moveram. Com a ordem do clã reajustada, Mara moveu uma mão para abranger o grupo.

— Todos vocês serão considerados amigos leais e fiéis. Daqui para a frente, que todos saibam que Hadama é de novo um clã, tanto no nome como na prática. Mas, meus parentes, tempos difíceis estão chegando, dias que irão fazer com que a Noite das Espadas Sangrentas pareça uma perturbação leve, a não ser que tracemos planos para prevenir essa conjuntura. Invoco a Honra do Clã!

Ao som daquelas palavras formais, uma comoção percorreu a sala. Senhores expressaram em voz alta sua surpresa e consternação, pois, pela escolha das palavras, Mara proclamara sem remissão que o que viria a seguir teria impacto não só na honra dos Acoma como na de todo o clã. Nenhum Senhor se atreveria a dar um passo desses por capricho ou de modo trivial, pois a invocação obrigava todas as famílias do clã a permanecerem ao lado dos Acoma. Se um Chefe de Guerra levasse os clãs a um conflito, toda a estabilidade do Império estaria ameaçada. O assunto não precisava ser reiterado: ameaçar a continuidade social era um convite à intervenção dos Grandes. Mais do que a ira do Imperador, ou até a vingança dos deuses, os tsurani temiam a Assembleia de Magos, aqueles cujas palavras valiam como lei. No entanto, Mara suavizou o pior dos medos, a possibilidade de invocar a Honra do Clã para seus próprios fins:

— O primeiro dever do Clã Hadama é servir o Império!

Tremendamente aliviados, todos os presentes na sala gritaram:

— Sim! Servir o Império!

— Digo isto a vocês: tudo o que eu vier a conquistar de hoje em diante não é para glória dos Acoma, mas sim para servir o Império. Vocês, meus bravos e leais parentes, uniram sua sorte à minha. Garanto-lhes que, seja qual for minha sorte, agirei pelo bem comum.

Como a mudança da maré, o que estava subentendido nas conversas vacilou. Mara colocara um terrível fardo sobre os ombros do Clã Hadama, pois, com as palavras rituais *servir o Império*, comprometera o clã a seguir uma via que apenas poderia resultar em vitória ou destruição absoluta. Mas, antes que os murmúrios entre dentes pudessem dar origem a um

protesto coeso, Mara foi mais longe:

— Deste dia em diante, estão canceladas todas as filiações a facções exteriores ao clã, exceto as estabelecidas com a Roda Azul e o Olho de Jade. — Vários Senhores assentiram, enquanto outros, cujos interesses políticos estavam em outro lugar, mostraram um ar carrancudo, não escondendo seu desagrado. Contudo, ninguém deu voz à sua opinião. — Todos os laços com facções exteriores ao clã devem ser reportados a mim — exigiu Mara. — Não obrigarei nenhum de vocês a agir de modo desonrado ou a esquecer seus juramentos, mas, nos dias que estão por vir, alguns de nós irão descobrir que velhos amigos se transformarão nos piores inimigos. — Inspirou fundo, como se esperasse ser desafiada. — Olhem em volta deste salão, meus Senhores. Esta é a sua família, da qual dependem. Os laços de sangue ancestrais foram hoje renovados. Qualquer homem, por mais elevada que seja sua posição, que erguer a mão contra qualquer um de meus familiares, mesmo contra o menor deles, estará erguendo a mão contra mim. A herança de nosso clã foi a desunião por gerações. Isso acabou. Pois quem quer que ataque um parente meu estará atacando a mim. Meu exército foi dividido, meus Senhores, e metade de meus guerreiros, sob as ordens de um Líder de Forças Militares promovido recentemente, está a postos para responder se nos chamarem. — Ela permitiu que a ideia fosse assimilada, antes de retomar a palavra: — E, quando os futuros dias sombrios tiverem passado, pretendo fazer outra reunião neste espaço e espero não notar a ausência de nenhum de nós. Pois, assim como uma mãe shatra leva alimento a seus filhotes e abre as asas para protegê-los, eu agirei do mesmo modo em relação a vocês, serei alguém que alimenta e protege a família.

A maioria dos Senhores presentes no salão ficou de pé para escutar e os de posição e força inferior aplaudiram o juramento de Mara. Até os mais poderosos, que tinham sido realocados, se viram forçados a olhar para cima com respeito pela nova Chefe de Guerra. E, se o rosto escuro do Senhor dos Chekowara continha algo mais do que admiração pela mulher que o substituíra na liderança do clã, ocultou seus sentimentos amargos e aplaudiu as palavras corajosas dela. Apenas Kevin observou com a percepção de um estrangeiro e não deixou passar a centelha de rancor nos olhos do Senhor Benshai. Embora o próprio midkemiano se sentisse entusiasmado por sua Senhora ter ousado permitir que a influência dele em seu modo de pensar fosse aplicada à política pública, pensou, preocupado, se ela mais uma vez conquistara muitos novos aliados à custa de mais um inimigo mortal.

O Guardião do Selo Imperial se deteve com um doce keljir a meio caminho da boca. Pego de surpresa, dobrou-se nitidamente para a frente quando percebeu quem se dirigia a ele. Levantou seu corpo volumoso das almofadas com um resmungo disfarçado de esforço e ajeitou as túnicas ao redor de seu corpanzil.

— Minha Senhora dos Acoma, que... surpresa.

Olhando de lado para o criado constrangido que estava atrás de Mara, o Guardião percebeu que ela e sua impressionante comitiva tinham simplesmente ignorado o habitual labirinto de criados, privando o Guardião de ser avisado da chegada de uma visita importante.

O doce se revelou de súbito um motivo de vergonha. O Guardião do Selo Imperial o devolveu rapidamente à taça, apesar de já estar desembrulhado e ter começado a derreter devido ao calor. Limpou a mão pegajosa em sua faixa, já que a túnica que vestia tinha inconvenientes mangas curtas. Depois, estendeu a mão na direção da visitante. Mara aceitou a mão estendida e permitiu que o homem a conduzisse a um lugar em frente à sua escrivaninha. Assim que o funcionário acomodou seu corpo volumoso nas almofadas, perguntou, por entre uma respiração asmática:

— Como tem passado?

— Estou bem, meu Senhor Guardião — respondeu ela com o mínimo de respeito possível.

— Dizem por aí que a Senhora ascendeu ao posto principal de seu clã. — O Guardião do Selo Imperial não perdeu tempo recuperando seu doce. — Uma grande honra, creio eu. — Mara inclinou a cabeça, aceitando o cumprimento. — A que devo a honra desta visita? — perguntou o oficial, com uma voz suavizada pelo doce que tinha na boca.

— Creio que você saiba, Webara. — Ao recorrer ao primeiro nome, Mara deu a entender que exigia ser tratada com todo o respeito devido à sua ascensão. Retirou da manga um rolo de pergaminho. — Detenho um certificado de concessões comerciais, com o Selo Imperial, e agora desejo que isso seja tornado público.

Webara forçou um sorriso cordial e encolheu os ombros.

— Mara, você pode fazer aquilo que bem entender. — O uso recíproco do primeiro nome dela mostrou que ele tentava ainda manter uma posição equivalente à dela. — Pode recorrer a membros da Guilda Comercial de Mensageiros para levar a notícia de seus direitos comerciais exclusivos até os confins mais remotos do Império, pelo que me diz respeito.

Pega de surpresa, Mara tentou não demonstrar:

— Parti do princípio de que, quando fosse o momento, os mensageiros imperiais assumiriam a tarefa de divulgar novidades como esta.

— Fariam, se eu assim lhes ordenasse. — Webara inspecionou sua túnica em volta do umbigo e retirou uma lasca de keljir que se colara no tecido. — No entanto, como os Portais não estão sob domínio imperial, não me interessa por quem os utiliza.

Mara controlou-se para não mostrar sua indignação:

— O que significa isso? Tenho direitos comerciais exclusivos!

Webara soltou um longo e sofrido suspiro.

— Mara, permita que eu seja franco. Você tem direitos comerciais para o mundo bárbaro. Apesar de poder dizer que mais ninguém tem poder para importar os produtos que foram licenciados, você, ainda assim, não tem o monopólio do uso de um Portal nas terras de

terceiros. Nenhum dos dois Portais existentes está sob jurisdição imperial.

— Quem os controla? — Apesar de todo o seu esforço, a pergunta de Mara foi feita em tom cáustico. Preocupada, ficou com as mãos suadas, pois sua audácia do dia anterior se baseara na utilização de sua licença para controlar determinadas importações de Midkemia.

Tal como muitos funcionários cujo cargo era vazio de conteúdo, mas que trazia grande pompa e pouco prestígio, Webara sentiu de imediato que estava em posição de superioridade. Chupou seu doce e cruzou os dedos sobre a ampla barriga.

— O primeiro Portal fica nas terras de um homem chamado Netoha dos Chichimechas, próximo à cidade de Ontoset. — Seu comportamento, típico de alguém satisfeito consigo mesmo, revelou, mais do que as palavras, que aquele homem poderia ser difícil de convencer no que dizia respeito a garantir acesso ao Portal para fins comerciais.

— Onde fica o segundo Portal? — perguntou Mara, já assolada por uma estocada de irritação.

Webara sorriu de modo afetado.

— O outro Portal fica situado ao norte, em algum lugar dentro da Cidade dos Magos. — Estalou os lábios quando o último pedaço do doce se dissolveu. Em tom adocicado, acrescentou uma informação desnecessária: — É controlado pela Assembleia, naturalmente.

Seu desprezo complacente feriu tanto quanto um insulto. Mara se levantou sem a graciosidade de qualquer cortesia. Certa de que o Guardião do Selo Imperial estava feliz com sua frustração, abandonou precipitadamente a câmara sem proferir uma única palavra ou olhar para trás.

O riso abafado que a seguiu até o corredor passou despercebido. Mergulhada furiosamente em seus pensamentos, Mara fechou a cara. Sua escolta de guerreiros acompanhou seus passos sem que lhes tivesse sido dada qualquer ordem. A Senhora estava preocupada demais com o próprio erro para prestar atenção àqueles detalhes. Dera algo como certo e pagara por isso. Agindo com um poder que não detinha verdadeiramente, presumira que o Portal reaberto estaria sob controle imperial, como o anterior; se assim fosse, seu certificado garantiria acesso ilimitado. Mas os magos eram caprichosos e poderosos demais para alguém poder se aproximar, e o tal Netoha poderia certamente se revelar intratável. Mara proferiu, baixinho, um dos palavrões preferidos de Kevin. Quem quer que fosse o Senhor Netoha, ou seus aliados, ela incumbiria Arakasi de sondar suas forças e fraquezas. Tinha de obter acesso ao Portal. Sua posição recém-conquistada de Chefe de Guerra do Clã dependia daquilo; e, se suas necessidades não fossem satisfeitas, sua casa ficaria numa posição perigosa, em termos militares e financeiros.

Mara obrigou-se a respirar normalmente e a caminhar como se nada a incomodasse. Se estava frustrada, isso era algo que Tasaio não poderia saber, caso contrário, atrairia imediatamente a ruína, não só para si como para todo o Clã Hadama.

Arakasi apareceu com informações antes de passada uma hora desde o retorno de Mara à sua casa na cidade. Ainda perturbada com o dilema relativo às licenças comerciais, a Senhora dos Acoma se apressou a convocar o Mestre dos Espiões para o pátio com jardim. Ali, rodeada por canteiros de flores muito bem cuidados e pelo constante cantarolar das fontes, Mara pediu imediatamente informações sobre Netoha, em cuja propriedade estava o outro Portal de acesso ao mundo bárbaro.

Parecendo ter antecipado suas necessidades, talvez devido ao desejo dela de libertar Kevin, Arakasi tinha uma quantidade espantosa de dados para apresentar. Concluiu sua reverência, com seu jeito reservado mais do que nunca impassível.

— O Portal mágico não está localizado por acaso nas terras de Netoha. Ele era o hadonra do mago renegado, Milamber, que ali residia antes de ser expulso da Assembleia. Graças às minhas investigações, percebi que o homem fora servo ou hadonra do dono anterior daquela propriedade desafortunada.

Arakasi fez então uma pausa, pois a superstição tsurani era contra a ocupação de residências ou de se contratar servos que perdiam o poder; quando um Senhor ou uma família eram desfavorecidos pelos deuses, acreditava-se que seus bens, terras e pessoal também estavam amaldiçoados. No entanto, Milamber era um bárbaro e sem dúvida ignorava essas questões. E o azar também recaíra sobre ele. Arakasi encolheu os ombros à maneira tsurani.

— Mas, embora ambos os Senhores do Netoha tenham caído em desgraça, sua casa parece em ascensão. Através de uma relação distante, reclamou parentesco com os Chichimechas, que na época precisavam de fundos. Foi estabelecido um acordo. Agora, Netoha dos Chichimechas é o quarto na linha de sucessão ao governo de uma pequena casa e está bem posicionado no seio do Clã Hunzan.

Mara se conteve para não se levantar e começar a andar de um lado para outro no caminho de ladrilho.

— O Clã Hunzan tem um modo de pensar radical. Nada do que possam fazer seria surpresa.

Arakasi concluiu seu relatório:

— Pouco mais se sabe, exceto que a mulher de Netoha é uma ex-escrava.

Mara ergueu as sobranceiras, com o interesse levando-a para longe de seus problemas. Mas a explicação de seu Mestre dos Espiões varreu qualquer esperança de beneficiar Kevin que pudesse acalantar.

— Milamber libertou todos os escravos de sua propriedade antes de deixar Kelewan — esclareceu Arakasi. — Como seu status ainda não tinha sido questionado, o ato tornou-se lei. Mesmo sem escravos, Netoha conseguiu que suas terras dessem lucro. Como é inteligente, é um homem que provavelmente continuará a subir na vida. Um dia poderá se tornar um poderoso Senhor.

Mara agarrou-se ao ponto que lhe interessava:

— Então, poderá se mostrar receptivo a uma transação comercial relativa ao Portal?

— Talvez. — O estado de espírito de Arakasi permaneceu oculto. — Há mais, Senhora. Há muitas coisas que me escapam, além da certeza de que está em jogo algo tremendamente incomum. O retorno do mago renegado desencadeou muita atividade, toda ela clandestina. Há padrões perturbadores percorrendo os círculos imperiais: altos funcionários em prolongadas conferências com eruditos que juraram segredo e muitas mensagens secretas e nervosas indo e voltando, levadas pelos mensageiros pessoais da Luz do Céu, nenhuma delas por escrito e todos os portadores obrigados ao sigilo por juramento de suicídio, segundo consta na corte. Tentarei me infiltrar e descobrir o que está no coração disso, mas, uma vez que a Assembleia está envolvida... — Encolheu mais uma vez os ombros, para indicar que o esforço poderia ser infrutífero.

Preocupada demais com suas próprias dificuldades, Mara deixou de lado os assuntos relativos aos Grandes. Dispensou seu Mestre dos Espiões com uma brusquidão pouco habitual e depois chamou um escriba, com o propósito de enviar mensagens ao Senhor Netoha e a Fumita, da Assembleia, oferecendo propostas generosas em troca do uso dos Portais de acesso a Midkemia.

Assim que suas missivas foram despachadas pela guilda de mensageiros, já não havia nada que a prendesse em Kentosani. Mara optou por retornar logo para casa, tanto para evitar contatos inoportunos com outros membros do clã como para acabar com o súbito acesso de saudades do convívio com Ayaki. O menino crescia tão depressa. Já estava quase se tornando um homem, percebeu ela; teria de falar em breve com Keyoke para que fosse escolhido um guerreiro para ensiná-lo a lidar com armas, pois faltava apenas cerca de meio ano para seu décimo aniversário.

A viagem de volta pelo Gagajin decorreu sem incidentes, mas, assim que chegaram à divisa de suas próprias terras, a preocupação de Mara diminuiu ao sentir a tranquilidade familiar de saber que estava em casa. No entanto, pela primeira vez na vida, sentiu-se corroída por dentro por uma sensação de que faltava algo. Pensou no que poderia ser enquanto os carregadores levavam sua liteira estrada acima em direção à casa grande. Entretanto, só quando colocou os pés no pátio de entrada e aceitou os cumprimentos de Lujan, Keyoke e Nacoya, percebeu a origem de tal sensação. A casa lhe pareceu de repente insignificante. Mara sentiu uma tristeza súbita por não encarar o lar de seu pai como o lugar grande e maravilhoso que lhe parecera na infância. Agora, como Governante e Chefe de Guerra do Clã, vislumbrava apenas uma extensão de terras difícil de defender e um domicílio confortavelmente equipado, mas ao qual faltava a grandiosidade e os aposentos para hóspedes necessários a uma Governante de seu porte. Por um instante, Mara pensou amargamente que seu mais odiado inimigo prosperava em um local que não só era o mais seguro do Império como também o mais belo.

Assim que Mara passou pela soleira, com Kevin atrás dela como de costume, Nacoya a seguiu. Ofendida pelo fato de sua Senhora ter retribuído os cumprimentos apenas com saudações superficiais, a anciã quase perdeu a compostura:

— O que aconteceu com você, Mara? Perdeu o discernimento?

A descompostura a despertou de seus pensamentos. Virou-se para enfrentar sua Conselheira, com seu ar carrancudo servindo de sério aviso.

— O que quer dizer com isso?

— Essa coisa do cajado de Chefe de Guerra. — Nacoya agitou o dedo, como fazia quando era ama de crianças. — Por que não discutiu suas intenções antes de agir?

Mara ficou muito quieta, de braços cruzados.

— A ideia só me ocorreu depois de estar a caminho de Kentosani. Quando parti, acreditava poder convencer o clã a fazer o que eu pedisse, mas ao subir o rio tive tempo para pensar...

— Gostaria que você tivesse usado melhor o seu tempo! — interrompeu a Conselheira-Mor dos Acoma.

— Nacoya! — Os olhos de Mara refletiram toda a sua fúria. — Não vou ser repreendida como uma menina. Qual é sua objeção?

A Conselheira-Mor fez uma reverência com a inclinação devida, sinal de que não estava intimidada. E falou em termos que beiravam o desprezo:

— Peço perdão, Senhora. Mas, como você forçou o Clã Hadama a reconhecer sua superioridade, alardeou publicamente que agora é uma força a ser desafiada.

Pega desprevenida, Mara tentou minimizar a importância do assunto:

— Nada mudou, a não ser...

Nacoya apoiou firmemente suas velhas mãos sobre os ombros de Mara e fitou a Senhora nos olhos.

— Muita coisa mudou. Antes, você era encarada como uma garota habilidosa, capaz de escapar de armadilhas, fortalecer sua casa e se defender sozinha. Mesmo depois da morte de Jingu, os poderosos do Império poderiam considerar seu sucesso como um golpe de sorte. Mas agora, fazendo com que outros renunciem a honras, você está anunciando ao mundo que é uma ameaça! Tasaio vai reagir. E deve fazer isso logo. Quanto mais ele esperar, mais seus aliados e vassalos duvidarão de sua determinação. Antes, ele poderia se satisfazer em esperar por uma boa oportunidade; agora terá de agir. Você fez com que ele ficasse desesperado.

Mara sentiu de repente uma corrente de ar frio. Teve certeza de que Nacoya estava certa. Nervosa com o fato de novas preocupações se misturarem com as outras advindas de suas dificuldades comerciais, fechou momentaneamente os olhos.

— Você tem razão. — Sorrindo levemente de desgosto, se recompôs. — Agi de modo precipitado e... bem, o melhor a fazer é reunir meu pessoal assim que eu descansar — acrescentou. — Temos de... fazer planos.

Nacoya assentiu demonstrando uma aprovação mal-humorada. Depois que Kevin acompanhou Mara a seus aposentos, a anciã ficou inquieta, não só por Mara ter agido de modo impulsivo como também por parecer cansada, verdadeiramente exausta. Em tantos anos de serviço, nunca vira a filha do seu coração tão fatigada.

A Conselheira-Mor dos Acoma suspirou e balançou a cabeça. Os conselheiros Acoma poderiam se reunir e conversar o quanto quisessem; planos poderiam ser traçados e executados, mas, na verdade, o que poderia ser feito para garantir a segurança e a prosperidade dos Acoma que ainda não houvesse sido tentado? Sentindo a idade e as dores da artrite em cada articulação, a anciã arrastou-se lentamente pelo corredor. Todos os dias desde que o Senhor Sezu morrera e deixara suas terras para a filha, Nacoya temera que sua amada Mara pudesse se transformar em uma vítima do Grande Jogo. Todavia, a Senhora provara ser uma jogadora eficiente e engenhosa. Assim sendo, por que razão o medo hoje se revelava mais intenso, ou seriam apenas os ossos de uma velha protestando por uma longa vida de serviço? Nacoya se arrepiou, apesar de a tarde estar quente. A cada passo dado, parecia sentir a terra de sua própria sepultura sob as plantas dos pés.

Novidades chegaram de Ontoset. Mara leu a mensagem duas vezes, com um ar atormentado estampado no rosto. Refreando uma tremenda vontade de rasgar algo, atirou o pergaminho com força para cima de sua escrivaninha. O gesto foi completamente inesperado. Netoha recusara suas generosas taxas para poder utilizar o Portal em suas terras.

— Não faz sentido! — explodiu Mara em voz alta, e, no canto de seu escritório, Arakasi ergueu uma sobrancelha.

Vestido de jardineiro, o Mestre dos Espiões contemplou o gume da pequena foice com que estivera podando os arbustos kekali. Continuara insistindo em manter em segredo seu retorno à propriedade, pois suas suspeitas em relação ao fato de Tasaio ter violado a segurança de Mara ainda eram bem fortes. A Senhora poderia não desejar abordar o assunto, com a cabeça em outras coisas, mas Arakasi tinha suas próprias preocupações. No momento, passava o tempo tanto investigando criados e escravos nas propriedades dos Acoma quanto tratando dos assuntos solicitados por ela. Apenas Nacoya conhecia suas preocupações, pois a anciã estava acima de qualquer suspeita. Arakasi testou o gume da ferramenta laminada no próprio dedo e assumiu uma postura que, aos olhos de um curioso, daria ideia de que a Senhora repreendia um criado descuidado.

— Senhora, pouco descobri sobre esse homem, Netoha. Suas motivações não são conhecidas. Deve ter razões convincentes para recusar sua oferta; obviamente, ele próprio não pode efetuar negócios do outro lado do Portal, por causa de seus direitos comerciais. No entanto, não consigo dizer quais possam ser essas razões.

Frustrada, Mara puxou uma presilha de cabelo apertada. A mensagem que enviara a Fumita, da Assembleia, fora devolvida sem ser aberta, então seu último recurso para concretizar suas concessões comerciais era Netoha. Embora Arakasi não gostasse de ser pressionado, ela disse:

— Consegue colocar alguém próximo aos Chichimechas para descobrir que razões são essas?

— Não me custa tentar, Senhora. — Tentando não se mostrar incomodado, Arakasi acrescentou: — Não é provável que consigamos muitas novidades, mas posso mandar alguém bisbilhotar os criados da casa e do campo. Os trabalhadores de Netoha são essencialmente bárbaros...

— Midkemianos? — interrompeu Mara.

Arakasi assentiu.

— O mago renegado, Milamber, libertou todos os seus conterrâneos antes de partir e Netoha deu emprego a eles. Dizem, pelas informações vindas de Ontoset, que trabalham muito bem como camponeses. De qualquer modo, provavelmente são mais falantes do que os nossos escravos, então não será difícil obter informações. Isso, claro, se souberem de algo que valha a pena.

Percebendo a imobilidade tensa de Nacoya bem perto de si, Mara dedicou-se ao outro assunto que a afligia:

— E os Minwanabi?

Arakasi imobilizou as mãos na foice.

— Estou preocupado, Senhora, precisamente por nada ter a relatar. Tasaio orienta os assuntos de sua casa como a Senhora orienta os seus, mas não há nada que eu possa apontar como particularmente significativo. — O Mestre dos Espiões trocou olhares com a Conselheira-Mor de Mara. — Isso vai contra todas as expectativas. Depois de ter tomado conhecimento de sua ascensão, Tasaio deveria ter agido rápido. Mas em vez disso... — Arakasi olhou em volta, antes de prosseguir: — Uma outra coisa: os Minwanabi iniciaram uma rede de espiões primitiva e estão tentando infiltrar agentes em diversos locais do Império. Não são difíceis de detectar, já que Incomo, o Conselheiro-Mor dos Minwanabi, atua de modo desajeitado. Tenho agentes atentos aos homens deles e estou razoavelmente seguro de que em breve conseguiremos nos infiltrar em seu círculo. Isso nos dará um acesso secundário à sua casa e a seus negócios, e, quando conseguirmos isso, ficarei mais descansado. Contudo, não devo ser precipitado. Toda a operação pode não passar de uma farsa para nos afastar.

E, todavia, Mara achou que esse não era o estilo de Tasaio, que tendia para a crueldade, razão pela qual suas táticas também tendiam para a violência militar. Absorta de novo em pensamentos profundos, dispensou distraída seu Mestre dos Espiões com um gesto. Não reparou na partida dele e esqueceu que Nacoya estava na sala até a idosa voltar a falar:

— Sinto um arrepio nos ossos, filha.

Mara ficou levemente assustada.

— O que a preocupa, Nacoya?

— Os planos dos Minwanabi. Você depende demais dos informantes de Arakasi. Eles podem estar bem colocados, mas não estão em todos os lugares. Não estão ao lado de Tasaio quando ele se agacha ou quando se deita em cima da mulher, e você precisa ter em mente que ele é um homem que planeja assassinatos mesmo quando se alivia ou leva a esposa para a cama.

Mara não encontrou nenhuma graça naquelas imagens, pois Nacoya tinha razão. Os agentes de Arakasi podiam não ter descoberto nada de verdadeiramente ameaçador para sua casa, mas ainda assim os relatórios eram perturbadores. Tasaio governava sua casa com uma crueldade intratável e astuciosa. Seus abusos eram daqueles que atormentavam a mente e o coração e, no entanto, em termos de inimigos jurados, Mara sabia que seu sangue e o de seu jovem filho Ayaki eram, entre todos os do Império, aqueles que ele mais gostaria de fazer jorrar.

Ataque

Um ano se passou.

Distraída com preocupações a respeito das contínuas dificuldades comerciais e com a aparente inatividade de Tasaio, Mara aguardou enquanto a estação úmida chegava e partia. Os filhotes de needra foram desmamados de suas mães e os pequenos machos se dedicaram a correr pelo campo; quando se tornaram grandes o bastante, os pastores selecionaram os que seriam castrados e os que seriam utilizados para reprodução. As plantações foram semeadas e colhidas e pairou uma paz incerta. Os dias correram sem nada que pusesse fim às incertezas de Mara. Mil respostas para mil possíveis ataques foram discutidas e descartadas e nenhuma ameaça se concretizou. Mil lances no Jogo do Conselho foram planejados, mas o Imperador não cedeu em seu decreto relativo ao Conselho Supremo.

Sentada em seu escritório nas horas mais frescas do início da manhã e vestindo uma túnica larga e curta, Mara analisou as lousas e os pergaminhos que Jican deixara. Desde as reviravoltas frustrantes em Kentosani, a fortuna dos Acoma estava crescendo. Sua ascensão ao cargo de Chefe de Guerra do Clã não originara desastres. Gradualmente, as manadas se recuperaram dos gastos necessários para financiar a campanha de Dustari; o comércio de seda florescia afinal. Embora Nacoya aproveitasse todas as oportunidades para criticar sua Senhora por negligenciar a questão do casamento, Mara se recusava a ceder. Com Tasaio consolidando seu poder como Senhor dos Minwanabi, até mesmo alguém de uma família tão bem colocada quanto a de Hokanu seria tolo em concordar numa união antes de a questão entre os Minwanabi e os Acoma se resolver. Salvo pelos Xacatecas e, de um modo menos digno de confiança, pelos Anasati, as alianças com os Acoma se tornaram tímidas. Mara suspirou e empurrou para trás uma mecha de cabelo. Ainda sem força suficiente para iniciar um movimento, tornara-se especialista em esperar.

Foi perturbada por uma leve batida no biombo. Mara indicou ao criado parado ao lado da porta que podia entrar. Ele se curvou.

— Minha Senhora, um mensageiro juramentado a aguarda na antecâmara.

— Mande-o entrar. — Mara desfrutara de duas horas de tranquila meditação desde o alvorecer e agora, que a interrupção inevitável ocorrera, ansiava por novidades.

O mensageiro levado à sua presença estava sujo com o pó da estrada e vestia uma túnica desbotada com o símbolo de uma guilda de Pesh nas mangas. Como Mara não mantinha negócios com nenhuma família daquela cidade, aquilo atiçou sua curiosidade.

— Sente-se — autorizou assim que o mensageiro concluiu sua reverência. Não trazia documentos; a mensagem deveria ser oral, ao preço de sua vida em troca de silêncio. Mara acenou a um criado para que trouxesse suco de jomach, para o caso de a garganta do homem estar seca devido à viagem.

Ele inclinou a cabeça quando o refresco chegou e, grato, bebeu um grande gole.

— Trago saudações para os Acoma enviadas pelo Senhor Xaltepo dos Hanqu. — O mensageiro fez uma pausa para mais um gole, proporcionando educadamente à Senhora um intervalo para se lembrar do que sabia da casa, do clã e das ligações políticas daquele Senhor.

Mara precisou desse tempo, já que os Hanqu eram uma casa pequena que até então nunca entrara em contato com os Acoma. Pertenciam aos Nimboni, um clã tão diminuto que regularmente se associava a clãs maiores. Mara não se lembrava com qual estavam ligados no momento. Arakasi saberia, com certeza. Poderia também confirmar se Xaltepo teria renovado sua filiação à Facção da Flor Amarela após a extinção da Aliança Bélica. A Facção da Flor Amarela não tinha laços com os Minwanabi, mas por vezes apoiara interesses comuns com eles antes de Almecho vestir o branco e dourado, e as alterações impostas por seu sucessor, Axantucar, quebraram velhas alianças. Atualmente, aquela facção agia sozinha e os Nimboni muito provavelmente tenderiam a favorecer o Clã Kanazawai. Talvez se tratasse de uma abertura nessa direção. Mara suspirou por causa do emaranhado político em que estava vivendo. Sem a rede de Arakasi, estaria perdida, apoiando-se em conjecturas e incapaz de liderar com determinação seu clã em meio ao caos.

O mensageiro terminou sua bebida e aguardou educadamente sua atenção. Quando Mara acenou, prosseguiu:

— O Senhor dos Hanqu solicita que a Senhora considere uma aliança com sua casa. Se achar que o assunto é do interesse dos Acoma, o Senhor Xaltepo solicita um encontro para discutir sua proposta.

Um escravo doméstico retirou discretamente a taça vazia de suco. Mara aproveitou a pausa para tomar uma decisão rápida.

— Sinto-me lisonjeada com a proposta do Senhor dos Hanqu e darei resposta através de um de meus mensageiros.

Era uma forma educada de não se comprometer, algo comum, já que um Governante de Sulan-Qu não conhecia, naturalmente, as guildas de outras cidades. Por razões de segurança, Mara pretendia contratar os serviços de uma guilda que conhecia. Mas dispensar aquele mensageiro sem um agradecimento insinuaria desconfiança ou até desonra. A Senhora mandou seu menino de recados chamar Saric. Já habituado aos deveres de um conselheiro secundário,

ele acompanharia o mensageiro da guilda a uma sala afastada e o manteria entretido com trivialidades até o calor passar e o homem poder ser educadamente dispensado.

Mara perdeu o interesse nos relatórios financeiros. Durante toda a manhã refletiu sobre o inesperado movimento dos Hanqu, sem chegar à conclusão de qual poderia ser a motivação deles. O Senhor Xaltepo parecia desejar seriamente uma aliança, e isso não deveria ser tratado de modo leviano. Com a ascensão pública de Mara ao posto de Chefe de Guerra do Clã, deveria haver havia muitas aproximações semelhantes. Ignorá-la seria uma tolice. No entanto, havia o risco de ele ser uma marionete de um inimigo conhecido, manobrado para esconder mais uma conspiração. Mara aguardou a partida do mensageiro para mandar Arakasi investigar.

Depois da ceia, convocou uma reunião. Cansada da imobilidade sufocante de seu escritório com biombos e cortinas bem fechados, decidiu que um encontro no pátio do jardim ao lado de seus aposentos, à luz de lamparinas, seria bem mais agradável. O jardim tinha uma única entrada, muito bem guardada.

Instalada em almofadas debaixo da árvore ao lado da fonte, Mara lamentou todas as suas preocupações com a segurança. Num momento de inveja, mais uma vez se lembrou da propriedade de Tasaio, um belo edifício em terreno espaçoso, fortificado por colinas íngremes e por um vale com defesas naturais, com seu lago e um estreito afluente. Ao contrário de outros nobres instalados nas regiões baixas, o Senhor dos Minwanabi não precisava manter sob vigilância infundável suas divisas. Precisava apenas de sentinelas em torres de vigia no topo das colinas e patrulhas estacionadas em lugares-chave ao longo do perímetro de suas propriedades. Enquanto os Acoma precisavam de cinco companhias completas, cada uma com uma centena de guerreiros, dedicadas à propriedade principal para assegurar adequadamente suas defesas — um objetivo ainda não atingido após uma década aumentando cuidadosamente seus efetivos —, os Minwanabi podiam fazer melhor com apenas duas centenas de soldados vigiando o dobro do território. Os custos reduzidos para assegurar a segurança da casa proporcionavam a Tasaio recursos para movimentações políticas que Mara não tinha, apesar da rápida ascensão de seu império financeiro.

Mara observou seu círculo de conselheiros, maior do que antes, com alguns rostos jovens, em contraste com outros cada vez mais velhos. Nacoya ganhara mais rugas e se tornava ainda mais curvada a cada mês que passava. Keyoke já não conseguia se sentar tão ereto quanto antes, embora insistisse em manter as aparências. Manteve sua perna boa cruzada sobre o coto e a bengala cuidadosamente fora do alcance da vista. Apesar de todas as preocupações dele, Mara na verdade nunca conseguira se acostumar a vê-lo vestindo túnicas domésticas no lugar da armadura.

Nas reuniões formais do seu Conselho, não havia nenhum criado presente, mas, como seu escravo pessoal, Kevin sentou-se ao lado e um pouco atrás dela, brincando discretamente com o cabelo de Mara, que ela soltara das presilhas. Também estavam Jican, com as mãos

empoeiradas de giz, e Saric, jovem, ansioso e astuto, enquanto Lujan parecia ilusoriamente relaxado. O Mestre dos Espiões ainda não voltara das docas de Sulan-Qu, aonde fora se encontrar com o contato que trazia informações de Pesh. Como a palavra de Arakasi era a mais influente, Mara começou a reunião antes de sua chegada, para assim dispor de tempo para escutar seus outros conselheiros. Nacoya foi a primeira a falar:

— Senhora Mara, não sabe nada sobre esses alpinistas sociais dos Hanqu. Não são uma família antiga. Não partilham nenhum de seus interesses políticos. E o fato de que possam ser a luva de uma mão inimiga me preocupa.

Ultimamente, os pontos de vista da Conselheira-Mor tinham se tornado cada vez mais cautelosos. A Senhora dos Acoma não sabia se isso se devia à sua ascensão ao cargo de Chefe de Guerra do Clã ou a um medo cada vez mais profundo de Tasaio, que se desenvolvera com a idade. Era cada vez mais frequente Mara procurar Saric para uma avaliação de riscos e ganhos mais ponderada. Apesar de ter saído da casa dos vinte havia pouco tempo, o soldado se tornara um conselheiro perspicaz, astuto e frequentemente sarcástico em seus comentários; sua jovialidade assumida contrastava com um profundo cinismo mordaz, mas seus comentários eram de uma astúcia consistente.

— A argumentação da Nacoya é razoável — começou ele, com o olhar audacioso voltado para Mara e passando várias vezes as mãos sobre uma pulseira envernizada que tinha no pulso, como se testasse o gume de uma lâmina. Encolheu os ombros como um típico soldado. — Mas acrescentaria que pouco sabemos sobre o Senhor dos Hanqu. Se estiver agindo de boa-fé, iremos ofendê-lo recusando ouvir o que tem a propor. Embora tenhamos os meios para enfrentar essa pequena casa, não desejamos que os Acoma ganhem fama de serem hostis. Podemos educadamente rejeitar a aliança depois de os ouvirmos, e isso não será tomado como ofensa. — Saric bateu de leve com o dedo na cabeça e terminou com sua habitual pergunta: — Mas será que poderíamos rejeitá-los sem antes tentarmos saber quais são suas motivações?

— Um argumento a se levar em conta — reconheceu Mara. — Keyoke?

Seu Conselheiro de Guerra estendeu a mão para endireitar um elmo ausente e acabou coçando seu cabelo cada vez mais ralo.

— Tenho de olhar com mais atenção para os acordos propostos para discussão. O Senhor pode ter um assassino à espera ou uma emboscada. O local onde deseja se encontrar com a Senhora e as condições em que se dará o encontro vão revelar muita coisa.

Não passou despercebido a Mara o fato de o antigo Comandante das Forças Armadas não ter questionado a necessidade de uma negociação. Lujan, graças à sua experiência passada como guerreiro cinzento, forneceu uma nova perspectiva:

— Os Hanqu são encarados como independentes pelas casas poderosas de Pesh. Conheci pessoalmente o primo de uma esposa de um de meus suboficiais, que serviu a Xaltepo como Líder de Patrulha. Disse-me que o Senhor dos Hanqu é um homem que raramente partilha o que pensa e que só o faz em ocasiões vantajosas para ambo os lados. Já foi salientado que se

trata de uma casa nova, mas a ascensão da família se deve a seus fortes interesses comerciais no Sul.

Jican seguiu a deixa de Lujan alargando o quadro:

— Os Hanqu têm um interesse no negócio de chocha-la. Sendo fracos, no passado foram impiedosamente explorados pelas guildas. O pai do Senhor Xaltepo cansou-se de perder dinheiro. Quando ascendeu ao poder, contratou seus próprios moleiros de grão e reinvestiu os lucros de chocha-la nesse empreendimento. Seu filho continuou fazendo o negócio crescer e agora aí está, se não numa posição dominante, pelo menos como um agente importante nos mercados do Sul. Ostenta um próspero negócio e processa colheitas de outros produtores. É possível que deseje um acordo para levar os grãos de nossos vassalos Tuscalora para seus barracões de secagem.

— Em *Pesh*? — Mara endireitou-se, interrompendo os carinhos de Kevin. — Por que o Senhor Jidu se arriscaria a criar bolor e umidade transportando suas colheitas por mar ou pagando por uma caravana terrestre?

— Pelo lucro — especulou Jican de seu inimitável modo aprumado. — O solo e o clima não são indicados para chocha-la assim tão longe na península ao sul. Mesmo os grãos de qualidade inferior dos Hanqu obtêm mais lucro lá. A maioria dos produtores mói suas colheitas perto de casa, para economizar nos transportes marítimos, pois assim não carregam as cascas. Mas o grão aguenta melhor com casca e os moedores de especiarias de Hanqu podem obter preços altos por qualquer chocha-la que consiga ser processado neste tempo inativo entre estações. E na prática afastam um potencial rival do mercado local. Mais tarde, esse relacionamento poderá garantir acesso aos bens dele no coração do Império.

— Então por que não se dirigem diretamente ao Senhor Jidu? — argumentou Mara.

Jican abriu as mãos de modo apaziguador.

— A Senhora pode ter conferido ao Senhor dos Tuscalora direitos para administrar suas finanças, mas entre mercadores e agentes nas cidades é encarada como sua suserana. Não conseguem conceber um Governante tão generoso quanto a Senhora tem sido; por conseguinte, dizem nos mercados que o controle é seu.

— Jidu protestaria — objetou Mara.

Nacoya então inclinou-se para a frente.

— Minha Senhora, ele não se atreveria. Tem seu orgulho masculino; amargura-o ter sido superado por uma mulher. O Senhor Jidu preferiria evitar ser objeto de mais fofocas a vir até aqui para se queixar.

A discussão dessa questão se aprofundou, enquanto Kevin escutava interessado. O midkemiano permaneceu em silêncio mais por fascínio do que por respeito à complexa política tsurani. Nos últimos tempos, se contribuía com uma opinião, era menos devido a um impulso ignorante e mais por ter um ponto de vista externo.

Mara avaliou as opiniões de seus conselheiros e tentou não se distrair pensando em quanto

iria sentir a falta de seu bárbaro quando por fim enfrentasse sua responsabilidade negligenciada e escolhesse um marido adequado. Instável como se havia tornado a política atual, apreciou aquele momento, rodeada por pessoas que gostavam dela e pelo calor suave e familiar de uma noite de verão.

A luz das lamparinas brilhava gentilmente sobre os rostos de Keyoke e Nacoya, suavizando as rugas de preocupação, captou os olhos de Saric num momento de entusiasmo febril e escondeu o cansaço visível na postura de Jican.

Não passava um dia sem que o hadonra visitasse o campo mais remoto da propriedade, partindo antes de o sol nascer e voltando antes do meio da manhã, suportando duas horas de viagem para se informar antecipadamente com seus agentes das atividades comerciais. Poucas oportunidades escapavam a seu zelo, mas Mara desejou que as adversidades se reduzissem, para que não precisasse ser tão dependente dos recursos dele. Jican lhe ensinara muito sobre o intricado mundo das finanças. E seus outros conselheiros salvaram os Acoma de desastres vindos de sua inexperiência nos primeiros dias de governo. Silenciosamente, agradeceu a Lashima pela orientação proporcionada por aquelas boas pessoas. Com o compromisso dela ao Clã Hadama deixando-a presa, e, com a rixa de sangue dos Minwanabi contra ela, não se atreveu a imaginar a perda de qualquer um dos presentes.

A conversa por fim foi diminuindo. Mara revisou os assuntos principais, com um olhar preocupado e meditativo estampado no rosto.

— Parece que terei de enviar uma mensagem ao Senhor Xaltepo, combinando um encontro que deverá favorecer minha segurança. Jican, você poderia alugar um dos salões das guildas em Sulan-Qu?

Contudo, uma voz seca a interrompeu antes de o hadonra poder responder:

— Minha Senhora, com todo o respeito, um lugar público pode não ser a melhor das opções.

Sem que ninguém tivesse percebido, Arakasi, parecendo uma sombra, insinuara-se no jardim; enquanto fazia sua reverência, Keyoke cerrou os lábios com firmeza. Aborrecido consigo mesmo por não ter percebido em que momento os guardas junto à porta permitiram a entrada do recém-chegado, o velho guerreiro nunca iria admitir que sua capacidade auditiva estava menos aguda. Arakasi curvou-se, com o rosto oculto por um capuz largo de Sacerdote, e aguardou com seu modo tipicamente discreto pela autorização de Mara.

— Devo avisá-los desde já que os Minwanabi sabem desse pedido do Senhor Xaltepo — acrescentou. — Minhas fontes indicam que Tasaio está pessoalmente empenhado em descobrir onde o encontro entre minha Senhora e os Hanqu acontecerá. Se o salão de uma guilda for alugado, temo que possa haver espiões por trás das paredes. E, se agora não houver nichos onde as facções inimigas possam escutar escondidas, podemos presumir que coisas desse tipo possam ser construídas antes da reunião. Quando deseja algo, Tasaio pode se revelar muito persistente. — O Mestre dos Espiões hesitou, como se suas próprias palavras não lhe

agradassem. — Minha fonte foi bem clara, muito mais do que o habitual. Tasaio quer muito saber o que será discutido nessa reunião.

Mara fechou os dedos na manga da túnica.

— Assim sendo, concluo que os interesses dos Hanqu vão contra os de nossos inimigos.

— Reforça a ideia de que o desejo de uma aliança por parte dos Hanqu é válido — disse Arakasi, embora não parecesse completamente convencido. — Muitas questões permanecem sem resposta. A expansão do negócio de especiarias dos Hanqu parece um bom motivo, mas não passa de especulação. Corre também um fraco rumor de que o Clã Shonshoni entrou em contato com os Nimboni. — Os modos do Mestre dos Espiões revelaram alguma impaciência. — Há coisas claras demais e muitas que não podemos ver.

— Você está preocupado?

— Sim, Senhora. Há algo no... — Ele balançou a cabeça. — Talvez eu tenha ficado com o pé atrás por ter obtido facilmente tantas informações. — Encolheu os ombros. — Como não vigiei os Hanqu de perto, é normal que seus negócios me tenham escapado. Em todo caso, sugiro cautela. Reúna-se com o Senhor Xaltepo em um local fácil de defender; se não for aqui, que seja nas terras dele; se não for em território de nenhum dos dois, então que seja num lugar próximo onde permaneçamos em vantagem.

Mara ponderou sobre o alerta.

— Você fala sabiamente, como sempre. Temos de ser cautelosos. Não podemos desperdiçar qualquer oportunidade de ter vantagem, por menor que seja. Não será num salão de uma guilda que me reunirei com o Senhor Xaltepo, mas sim naquele vale nas montanhas onde o bando de Lujan acampava outrora. Não é em solo dos Acoma, mas estaremos em vantagem se surgir algum problema.

Arakasi estava com um aspecto empoeirado e fragilizado depois de sua viagem apressada à cidade; Mara o dispensou para que fosse recuperar suas forças e os demais conselheiros foram embora, conversando entre si. Uma vez fora do jardim, todos manteriam silêncio em relação ao assunto do Senhor Xaltepo. Kevin foi o único a permanecer sentado. Envolheu Mara pela cintura e enterrou seu rosto no cabelo dela.

— O que me diz sobre uma reunião especial entre nós dois?

Mara virou o rosto para ser beijada. O cabelo de Kevin brilhou castanho-avermelhado à luz da lamparina e suas mãos souberam muito bem onde tocar; assim que seus lábios cobriram os dela, Mara se preparou para esquecer suas preocupações naquela noite.

— Minha Senhora — chamou Nacoya com sua voz amarga. Desnecessária como Conselheira-Mor naquele momento, ainda assim permanecera no pátio. — Pare com as bobagens e dê ouvidos aos avisos.

Mara se libertou do abraço de Kevin. Tinha os olhos brilhando, o cabelo levemente desarrumado e demonstrava impaciência.

— Fale, mãe do meu coração, mas não teste minha paciência.

Nos últimos tempos, sua Conselheira-Mor parecia querer aproveitar todas as oportunidades para insinuar que a presença de Kevin era uma loucura. Embora Mara compreendesse que a insistência da anciã nascia de sua preocupação, naquela noite estava determinada a apreciar os poucos momentos que lhe restavam com o homem que amava. Por mais verdadeira que fosse, a preocupação de Nacoya não era bem-vinda. A Conselheira-Mor não a repreendeu por sua escolha pouco feliz do parceiro de cama, optando antes por cruzar seus braços enrugados e permanecer ali parada.

— Você confia demais nesses espiões de Arakasi.

A cara de Mara se fechou.

— Eles nunca falharam.

— E nunca lidaram diretamente com Tasaio. — Nacoya agitou um dedo em riste. — Lembre-se das caravanas de seda! Desio detectou um dos agentes de Arakasi e coisas ruins vieram disso. Seu primo não é tão estúpido. Não será convencido de que não há alguém vigiando-o em sua casa. Mas, ao contrário do Desio, Tasaio não será dominado pelo ódio ao descobrir que sua segurança foi comprometida. Poupará o traidor, irá até estimular o homem e aguardará o momento ideal para explorar a situação.

Uma brisa agitou as lamparinas. Imersa em um jogo de sombras sempre em movimento, Mara expressou sua irritação com gestos.

— Você sugere que devemos alugar o salão público de uma guilda? Depender da segurança fornecida por homens sem clã?

Nacoya beliscou suas mangas quando o vento errante agitou sua túnica.

— Não é isso que desejo, apenas peço que tenha cuidado. Arakasi é muito bom, o melhor espião que eu já conheci em todos os anos em que sirvo esta casa. Mas seu antigo amo, o Senhor dos Tuscai, pereceu apesar de seu círculo de espiões. Não se esqueça disso. Os informantes podem ser úteis, mas nunca são infalíveis. Todas as ferramentas podem se quebrar, ou ser transformadas em armas.

Mara endireitou-se, sentindo um arrepio intenso à medida que o calor de Kevin se esvaía.

— Velha mãe, escutei seus avisos. Agradeço pelos conselhos.

Nacoya sabia que não valia a pena insistir. Fez uma reverência, com um ar desaprovador, e depois virou-se e saiu mancando do jardim.

— A velha ranzinza tem razão. Você sabe disso, não é? — murmurou Kevin com ternura.

Mara virou-se e surtou:

— Você também?! Será que todas as noites precisam ser preenchidas com alertas e medo? — Jogou o cabelo escuro para trás, com uma dor dentro de si que nunca seria capaz de revelar. Embora Kevin talvez não pensasse do mesmo modo que ela, satisfez seu capricho e a abraçou. Beijou-a até desfazer toda a sua rigidez e, nas almofadas, sob a luz bruxuleante das lamparinas agitadas pela brisa, fez com que esquecesse os inimigos que desejavam sua morte e a eliminação de toda sua família.

Em três semanas, chegou o auge do verão; a grama perdeu o último verde que permanecera da estação das chuvas. Mara saiu da casa grande para o nevoeiro escuro que antecedia o nascer do sol. Tinha a liteira à espera, rodeada por uma guarda selecionada de trinta guerreiros liderados por Kenji, que precisava de experiência no terreno. Em sua viagem para se encontrar com o Senhor dos Hanqu, planejava chegar às montanhas antes do calor do meio-dia e, por sugestão de Arakasi, optara por uma escolta pequena para ser mais rápida e discreta. Seu Conselheiro de Guerra insistira em vê-la partir, uma vez que Nacoya não se levantava cedo de manhã. No entanto, nenhum conselheiro a aguardava junto à porta quando apareceu, com Kevin a seguindo um passo atrás, como esperado, mas sempre indiferente ao decoro.

— O velhote deve ter dormido — disse o bárbaro de brincadeira. — Deveria ter aproveitado para me vingar da vez em que me acordou com um pontapé desferido por uma sandália de combate.

— Eu ouvi isso — disse uma voz bem treinada vinda do campo de exercícios. Keyoke emergiu do meio das fileiras do corpo pessoal de Mara, uma figura pétrea incongruentemente apoiada numa bengala. Deteve-se para dar instruções enfáticas a Kenji, dizendo-lhe para repreender um homem por uma postura descuidada; depois, nitidamente relutante em sair de perto dos soldados, lançou um olhar de desdém a Kevin e se colocou diante da liteira de Mara. — Minha Senhora. — Curvou-se com um equilíbrio bem treinado e recolocou a bengala debaixo do ombro. Depois, lançou um olhar penetrante à sua Senhora, como se mobilizasse palavras em vez de tropas. Baixou o tom de voz para que os soldados não o pudessem escutar: — Filha do meu coração, esta viagem me deixa nervoso. O fato de o Senhor Xaltepo ter enviado uma mensagem oral em vez de escrita, sem o selo de sua família, me deixa em dúvida.

Mara franziu o cenho.

— Trata-se de uma família pequena, com poucos laços. Se eu recusasse a aliança e esse pergaminho com o selo pessoal deles caísse nas mãos de Tasaio, o que pensa que aconteceria com eles? Os Minwanabi dizimaram outras famílias por motivos mais insignificantes. — Mordeu os lábios. — Não. Acho que Arakasi tem razão e que Tasaio entendeu afinal que muito do que obtivemos foi conquistado graças a vantagens financeiras e que agora deve esperar ver uma maior expansão dos Acoma.

Keyoke ergueu sua mão, como se fosse coçar o queixo, mas depois pensou melhor no assunto. Em vez disso, pegou no pulso de Mara e a instalou docilmente na liteira.

— Vá com a graça dos bons deuses, minha Senhora.

Recuou um passo quando Mara acenou para os carregadores erguerem a liteira. Em seguida, Kenji deu a ordem de comando para que marchassem e a pequena comitiva avançou. Assim que Kevin se moveu para seguir ao lado de sua Senhora, Keyoke o segurou pelo cotovelo com um aperto ainda calejado e forte.

— Proteja-a — disse a Kevin em tom ansioso, até então inédito. — Não deixe que nenhum mal caia sobre ela, ou vou chutar você mais forte do que daquela vez.

Kevin sorriu, despreocupado.

— Keyoke, velho amigo, se algum mal for feito a Mara, é melhor que você se prepare para chutar meu cadáver, pois eu já estarei morto.

O Conselheiro de Guerra assentiu, reconhecendo que isso era verdade. Solto o escravo e afastou-se rapidamente enquanto a escolta de Mara e os carregadores marchavam rumo ao nevoeiro. Kevin se apressou para alcançá-los, olhando muitas vezes por cima do ombro. Já não era o forasteiro de antes e seria capaz de jurar que o astuto velho guerreiro tinha algo perturbando sua mente.

Quando o sol subiu no céu e fez evaporar a bruma dos vales, Mara e sua guarda de honra já tinham entrado nas profundezas da floresta que cobria as Montanhas de Kyamaka. Antes de começar o trânsito diário de caravanas, e longe da vista dos primeiros mensageiros, abandonaram a estrada principal, descendo uma estreita trilha que mergulhava ainda mais na vegetação selvagem. Ali não havia muita luz e o nevoeiro ainda persistia, deixando o bosque envolto em escuridão; gotas pingavam das árvores. O calor úmido já era opressivo. Kenji, o Líder de Forças Militares, sinalizou à sua pequena coluna de soldados para que fizessem uma breve pausa para permitir uma mudança de carregadores na liteira de Mara. A escolta era pequena demais para que houvesse alguém encarregado pela água; os escravos traziam recipientes da nascente perto da estrada, ajudados por Kevin, que sentiu pena deles. Mara não era muito pesada para ser carregada, mas naquele dia a pressa era muita e os carregadores que haviam sido liberados de seu dever estavam ofegantes e encharcados de suor.

Com um recipiente na mão, Kevin ajoelhou-se na beira de uma lagoa de água parada e cheia de musgo alimentada por uma nascente vinda de uma fissura nas rochas. Intrigado com o estranho musgo cor de laranja que revestia as margens e pelo brilho dos peixes multicoloridos que se moviam de um lado para outro nos fios de água por entre a grama, demorou a ouvir Kenji dizer a Mara que o batedor que fora para trás vigiar a trilha para ver se havia perseguidores estava levando muito tempo para voltar.

— Temos de atrasar a partida para ver se ele chega — decidiu o oficial. — Se não chegar dentro de um minuto, sugiro que fiquemos entre as árvores, de modo a nos escondermos até que se possa enviar alguém para averiguar.

Kevin sorriu para si mesmo e se debruçou para encher a bacia. O batedor em questão era Juratu, um homem perspicaz e espirituoso que apreciava os prazeres da vida; estivera até bem tarde, na noite anterior, jogando a dinheiro com seus amigos. Se tivesse bebido metade do vinho que falaram que bebeu nos quartéis, era provável que estivesse andando a passo bem

mais lento, retardado pela mãe de todas as ressacas.

Um dos soldados disse isso a Kenji e acrescentou que aquele era um covil de guerreiros cinzentos e talvez Juratu tivesse feito uma pausa para observar os movimentos deles. Outro sugeriu secamente que poderia estar negociando um cantil de vinho com eles. Kevin mal conteve uma risada; se a Senhora não estivesse presente, tal disparate poderia muito bem ser protagonizado por Juratu. Ao pensar nos guerreiros cinzentos e em seus poucos companheiros midkemianos que haviam escapado e se refugiado naquelas florestas, Kevin espiou por entre as árvores ao se erguer.

O nevoeiro se dissipava. Raios pálidos de luz caíam através da abóbada de galhos. Se Kevin não estivesse já, de certa maneira, esperando ver o vulto de um homem, o movimento poderia ter passado despercebido, mas viu de relance, entre as folhas, um rosto, que logo desapareceu. O nariz era estreito e adunco e o elmo não pertencia a Juratu.

Kevin apertou as mãos sobre o recipiente e derramou água, encharcando os nós dos dedos. Não se atreveu a gritar ou fugir, pois nesse caso revelaria que o observador secreto fora avistado. Suando e com os joelhos tremendo de modo exagerado, Kevin se virou de costas para a nascente. Imitando o arrastar de pés apático de um escravo, voltou num passo irritante até perto da caravana de Mara. Sentia um arrepio na espinha, como se aguardasse a qualquer momento ser atingido por uma flecha.

Caminhar a dúzia de passos que o separavam de Kenji e da liteira de Mara pareceu durar uma eternidade. Kevin obrigou seus pés a se moverem devagar, enquanto seus pensamentos permaneciam num grande turbilhão. As cortinas da liteira estavam abertas para trás, e Mara, prestes a se debruçar para fora para falar com Kenji. Kevin sentiu o medo percorrendo seus nervos com a velocidade de um relâmpago. Apertou com força o recipiente e intimamente sugeriu à mulher que se encostasse para trás, para longe dos olhos, ao abrigo da sombra de sua liteira. Mas Mara não fez assim. Abriu ainda mais as cortinas, olhou para cima para seu Líder de Forças Militares e abriu a boca para falar.

Sentindo a iminência do perigo às suas costas, Kevin entrou em ação. Tropeçou com força numa pedra e despejou o conteúdo de seu recipiente de água sobre a Senhora e o oficial. Então continuou com suas trapalhadas caindo com todo o peso dentro da liteira.

O grito de surpresa e de ultraje da Senhora foi abafado sob o peito dele quando a obrigou a se abaixar e a voltar às almofadas. Ficou a salvo pela proteção de seu corpo, enquanto ele virava a liteira de lado, transformando-a numa defesa. Seu ato não foi precipitado. Assim que Kevin se libertou das cortinas de seda, flechas inimigas começaram a cair.

Cortaram o ar, cravando-se na terra e nas armaduras com um diabólico som surdo semelhante a bofetadas. Kenji foi o primeiro a cair, gritando ordens, enquanto flechas martelavam consecutivamente as placas inferiores da liteira virada, que funcionavam como uma barricada diante de Mara.

— É uma emboscada — rosnou Kevin no ouvido dela enquanto ela se debatia com as duas

mãos para se soltar de seu abraço. — Fique quieta.

Uma flecha perfurou uma almofada e se cravou na terra. Mara viu aquilo e ficou imediatamente quieta. Escutou, aflita, os gritos dos soldados sobreviventes obedecendo às ordens de seus oficiais agonizantes para que se juntassem depressa em volta da liteira, com os corpos formando um escudo humano.

A situação era desesperadora. As flechas caíam como chuva e os suportes frágeis oscilavam e se estilhaçavam com o impacto. Kevin tentou olhar para fora e recebeu um corte no ombro. Praguejou, mergulhou para trás e num instante despiu a túnica de escravo.

Dois dos guerreiros mais próximos de Mara estavam morrendo, feridos quando tentavam defendê-la. De repente, o cortante sibilar das flechas foi substituído pelo entrecchoque de espadas quando os autores da emboscada avançaram com força, vindo da floresta e caindo sobre a guarda destrocada e ainda desorientada de Mara.

— Rápido — disse Kevin bruscamente. Estendeu sua túnica. — Envolve minha Senhora nisto. As roupas berrantes dela são um alvo muito fácil. — Um dos carregadores o olhou, em dúvida. — Rápido! — gritou Kevin. — Se ela morrer, a honra não passará de pó.

Mais soldados, que estavam escondidos no bosque, investiram. Os poucos sobreviventes da escolta de Mara cerraram fileiras num círculo irregular em volta da liteira; eram muito poucos, um dique miserável contra uma avalanche de inimigos. Kevin abandonou as discussões, pois um espadachim o atacou, saindo do meio da confusão com a arma abaixada para atingi-lo nas costas. Kevin pegou uma arma perdida e arrancou um pedaço da cortina, com o qual envolveu o braço para servir de escudo; em seguida, virou-se para se defender, pronto para matar até morrer.

Na propriedade dos Acoma, Ayaki olhava carrancudo e sombrio para Nacoya. Seu rosto ficou vermelho e ele fechou os punhos; ela, dois escravos e uma aia prepararam-se para uma birra do tamanho de um guerreiro.

— Não vou vestir isso! — gritou Ayaki. — É laranja, e essa é a cor dos Minwanabi.

Nacoya fitou a roupa que tinha na mão, uma túnica de seda apertada com botões de concha que, com muita imaginação, poderiam ser considerados de cor laranja. A verdadeira razão por trás da discussão era o fato de Ayaki preferir não usar nada devido ao calor e à umidade do auge do verão. O fato de ser bem-nascido demais para andar nu pelos corredores como uma criança escrava era algo que não figurava entre as prioridades de um menino de nove anos. Mas Nacoya tinha anos de experiência em lidar com crianças Acoma impetuosas. Pegou Ayaki pelos ombros tensos e o sacudiu.

— Jovem guerreiro, você vai vestir as túnicas que lhe são dadas e vai se comportar como o Senhor que um dia será quando crescer. Se não fizer isso, vai passar a manhã esfregando

pratos sujos junto com os criados da cozinha.

Ayaki abriu muito os olhos.

— Você nunca se atreveria! Não sou um criado nem um escravo!

— Então pare de se comportar como um e vista-se como um nobre. — Nacoya cerrou uma mão inchada e artrítica sobre o pulso de Ayaki e o arrastou com firmeza pelo quarto até perto da criada que aguardava com a túnica. Mesmo velha e dolorida, ainda tinha um aperto de ferro. Ayaki deixou de se debater, enfiou seu punho fechado na manga que o aguardava e depois ficou olhando-a, carrancudo e coçando a marca vermelha onde a pele de seu pulso se irritara. — Agora a outra mão — disse de pronto Nacoya. — Chega de bobagens.

O olhar sombrio de Ayaki se alterou e ele sorriu.

— Chega de bobagens — concordou, em uma de suas abruptas mudanças de humor. Ofereceu a outra mão à criada e a túnica indesejada caiu por seus ombros. O sorriso dele se abriu, mostrando os dentes que faltavam na frente, e deliberadamente levantou a mão e arrancou o primeiro botão de concha. — Esta túnica está boa — anunciou em tom de desafio —, mas não usarei nada laranja.

— Seu demônio! — praguejou Nacoya baixinho. Estava definitivamente cansada demais para lidar com garotinhos teimosos. Preparou-se para dar um tapa nele, o que o espantou a ponto de fazê-lo soltar um grito de raiva.

O grito foi alto o bastante para impedir qualquer um de pensar e os criados se encolheram. Os guardas no corredor se distraíram e não ouviram os suaves passos de um vulto vestido de negro que saltou silenciosamente por entre os biombos.

De repente, a criada que estava mais próxima cambaleou para o lado com uma faca cravada nas costas. Caiu sem gritar. Enquanto a sombra do assassino ainda cortava a luz do sol, a segunda criada caiu com a garganta cortada.

Nacoya sentiu o baque quando o corpo desabou no piso de madeira. Instintivamente alerta para o perigo, estendeu a mão e pegou o herdeiro dos Acoma, que ainda gritava, e o jogou, apressada, em um canto. Ele aterrissou rolando no meio da esteira de dormir e das almofadas, ainda desarrumadas.

A Conselheira-Mor chamou os guardas, mas sua voz era velha e fraca. Seu alerta não foi ouvido. Ayaki gritava com uma fúria cega, tentando se desvencilhar da roupa de cama. Apenas Nacoya percebeu o perigo e viu as criadas se esvaindo em sangue no chão do quarto de crianças.

— Que diabos! — vociferou ela de novo, mas dessa vez virada para a figura de um assassino de uma seita vestido de preto. Ele desembainhara mais uma adaga que trazia no cinto e tinha um cordão enrolado nos dedos da mão esquerda. Seu rosto estava escondido por trás de uma rede preta; usava luvas. Somente seus olhos eram visíveis quando se aproximou majestosamente da vítima: o herdeiro de Mara. Apenas Nacoya estava em seu caminho. Já tinha a faca levantada para derrubá-la com um golpe. — Não! — Nacoya saltou para a frente

quando a adaga partiu da mão esquerda dele. Ela mergulhou na direção do pulso esquerdo do agressor, onde estava o cordão pronto para envolver a garganta de Ayaki. A lâmina brilhou sobre a cabeça da Conselheira-Mor e emitiu um som oco ao bater na parede de estuque.

O assassino praguejou e se afastou para o lado, mas Nacoya pegou o cordão. As unhas da anciã rasgaram o couro fino e arranharam os nós dos dedos do assassino como se fossem garras, retorcendo com toda a força o cordão.

— Nem pense nisso.

Voltou a chamar os guardas, mas sua voz fina não estava à altura da tarefa. O assassino não perdeu tempo lutando. Estreitou os olhos de satisfação e sua mão direita se fechou sobre um cabo de madeira e puxou a adaga seguinte de seu cinto. Pareceu sentir um prazer perverso quando cravou a ponta bem fundo entre as costelas da anciã. Nacoya repuxou os lábios bem acima dos dentes por causa da dor. Mas aguentou.

— Morra, velha!

O assassino retorceu cruelmente a adaga. Nacoya estremeceu. Deixou escapar um grito de dor, mas sua mão apertou o cordão com mais força ainda.

— Ele não vai morrer desonrado — disse ela, em agonia.

Atrás dela, os gritos de Ayaki cessaram. Ele viu a faca na parede sobre sua cabeça e depois o sangue sinuoso se espalhando pelas tábuas do piso. Uma das criadas caídas ainda estremecia em seus momentos finais. Paralisado de medo, com uma concha de cor laranja ainda em seu punho fechado, Ayaki reprimiu um lamento. O assassino, concluiu ele, deveria ser Tasaio. Ao constatar isso, a coragem herdada do pai retornou com força.

— Ao ataque! — gritou. — Ao ataque! — E, com a mente cheia de imagens de guerreiros, correu por cima das almofadas e bateu na coxa do intruso.

O membro da seita nem reparou. Cravou a faca ainda mais fundo em Nacoya. O sangue escorreu quente em sua mão, encharcando sua luva quando arrancou o cordão do garrote da mão dela. A anciã logo murchou, caiu sobre Ayaki e prendeu o menino sob seu peso morto.

— Que o Bom Deus o amaldiçoe — praguejou ela com a voz rouca, dirigindo-se ao membro da seita. Sua força começou a desaparecer. Ayaki se contorceu para se soltar.

O assassino agarrou o menino e tropeçou. Nacoya agarrara seu tornozelo, mas sua vida se esvaía depressa. O assassino logo se recuperou, pisou no pulso dela e se soltou.

A anciã, com a visão cada vez mais fraca, viu os guardas afinal surgindo do outro lado do cômodo. Passaram com tudo pela porta do quarto de crianças, as armaduras refletindo com intensidade brilhante a luz do sol. Com as espadas em riste, correram soltando gritos de guerra através do cômodo na direção do membro da seita.

Lançando-se de trás de Nacoya, o assassino atacou de repente. O pequeno Ayaki uivou de raiva. Nacoya se esforçou para erguer o rosto de uma poça de sangue. Não conseguiu ver, mas ouviu os pés descalços de Ayaki batendo nas tábuas do piso. Sua visão se turvou e, ao perder a consciência, constatou que ainda tinha o cordão nas mãos. Nada fizera além de obrigar o

assassino a usar suas facas... Um menino morto pela lâmina não deixaria de estar morto.

— Ayaki — murmurou, e depois, inconsolável, disse: — Mara.

Então as trevas se apossaram dela.

Kevin atacou, espetou e libertou sua espada. Um inimigo caiu aos gritos a seus pés. Saltou sobre o homem ferido nos intestinos e enfrentou outro. Em algum lugar no meio da batalha, se apossara do escudo de um inimigo e isso salvara sua vida. Recebeu mais um corte no ombro esquerdo e uma estocada de raspão nas costelas. Seus movimentos foram prejudicados pela dor. O sangue escorreu em sua nuca, ensopando a tanga. Todos os movimentos lhe causavam dor. O espadachim inimigo trocou três golpes com ele antes de perceber que estava lutando com um escravo. Rosnou uma maldição e se esquivou. Kevin, sem cerimônia, desferiu uma estocada em suas costas.

— Morra, pela honra dos tsurani — gritou o bárbaro de modo selvagem. — Deuses, por favor, permitam que estes asnos continuem tão estúpidos.

Que continuem subestimando minha habilidade de guerreiro, para que Mara permaneça viva, pensou. Mas eram muitos. Inimigos continuavam surgindo dentre as árvores. Quando Kevin girou para afastar mais um atacante, percebeu que os Acoma não estavam apenas cercados. Uma brecha se abriu no círculo. Os inimigos investiram por esse local e começaram a retalhar os corpos que jaziam em frente à liteira de Mara.

O midkemiano gritou como uma *banshee* e perfurou um homem. Abandonou a espada no corpo dele e pegou outra caída no chão. No mesmo movimento, deu um pontapé na liteira caída. A estrutura de madeira bateu pesadamente no chão, levando soldados inimigos a recuarem atrapalhados; então a liteira, com estrondo, parou de balançar, com Mara e seu escudo de guardas agonizantes encurralados embaixo. Kevin lançou-se por cima da barreira.

— Recuem, cães lambedores de porcos! — Acrescentou obscenidades em tsurani e precipitou-se por cima dos destroços.

Seu corpo quase nu e manchado de sangue e seu uivo furioso espantaram as fileiras da vanguarda, que hesitaram. Então Kevin pisou em uma flecha e sentiu as pontas de quatro lâminas cortando seu calcanhar, e mais uma vez praguejou no dialeto de Yabon.

— Que Turakamu coma seu coração no desjejum — disse, e em seguida espadas vieram em sua direção. Não era capaz de se defender de tantos. Nem sabia se a liteira, usada como aríete, machucara Mara. Compreendeu apenas que poderia morrer ali, e essa era uma perspectiva desagradável.

Uma espada cortou sua canela. Tropeçou, caiu e rolou. O ar sobre sua cabeça silvou com o movimento de armas que se preparavam para empalá-lo. Passaram raspando e acertaram a terra; sentiu o pó levantado atingindo seus ombros. Livrou seu braço do escudo e rolou de

novo violentamente, levantando-o para cima para desferir um golpe com toda a força na virilha de um homem que se desviou tarde demais. O corpo de Kevin se encaixou por fim debaixo da liteira inclinada. Tateou com os dedos e encontrou um escudo perdido. Revirou-se, raspando em madeira, e levantou-se com o escudo à frente. As palmas das mãos doíam enquanto recebia uma saraivada de golpes inimigos, vendo-se momentaneamente encurralado.

— Por todos os deuses, não vou aguentar muito.

Suas maldições se pareciam agora com gritos indistintos. As espadas continuaram batendo em seu escudo, sem cessar. Cortaram pele de needra enrijecida e madeira e o deixaram segurando lascas. Muito ao longe, talvez na floresta, ouviu gritos e o ruído de outros combates.

— Malditos sejam, malditos sejam. — Soltou um riso amargo. — Fomos derrotados e continuam querendo nos retalhar.

A espada cortou o ar com um gemido e atingiu carne. Uma cabeça com cabelo preto caiu e rolou por cima da roupa de cama. O guarda Acoma continuou gritando e, antes de o assassino cair, golpeou mais três vezes o corpo. O cadáver desabou num amontoado de tecido ensopado e estremeceu convulsivamente entre as almofadas.

Manchado com o sangue do membro da seita e chorando, afligido por um terror profundo, Ayaki saiu rastejando de baixo do corpo. Um golpe fundo em seu jovem pescoço sangrava profusamente. Atirou-se sem pensar contra a parede numa tentativa de escapar daquele terror insano.

— Vá buscar Keyoke — gritou o guerreiro com a espada gotejando para o outro que estava debruçado sobre o corpo de Nacoya. — Pode haver mais assassinos!

O ruído de sandálias correndo do outro lado do biombo foi ouvido quando guerreiros armados entraram apressados pelo jardim do pátio. Atraídos por aquela confusão, viram as poças de sangue turvo e os corpos através do biombo e, quase instantaneamente, um Líder de Ataques apareceu, organizando depressa uma busca nas imediações, enquanto destacava seis homens para rodear o herdeiro dos Acoma. Pouco depois, apareceu Jican, e sua pose desapareceu assim que viu a carnificina no piso do quarto de crianças. Passou sua pilha de lousas para as mãos de um atordoado escravo que o seguira e, com uma pressa pouco habitual, abriu caminho pelo cômodo de repente cheio de homens armados. Atrás de uma parede de almofadas pegajosas, o herdeiro dos Acoma estava agachado, socando a divisória com os punhos feridos e gritando:

— Minwanabi, Minwanabi, Minwanabi!

Os guerreiros que se reuniram para ajudar não sabiam o que fazer com ele.

— Ayaki, venha cá, já acabou — disse Jican com voz firme.

O pequenino pareceu não ouvir. De qualquer forma, o hadonra de Mara o puxou para si. Ignorou o retraimento da criança ao sentir seu toque e afastou o traumatizado menino da confusão, envolvendo-o em túnicas que cheiravam a giz em vez de sangue.

— Deixe-o sair daqui — disse ao guerreiro mais próximo. — Vá buscar o curandeiro. Ele está ferido. — Olhando para as formas inertes de Nacoya e das duas criadas, disse: — E descubram se ainda há alguma criada viva.

Os golpes contra o escudo dobraram de intensidade. Kevin arrancou uma mão inimiga da borda da liteira pouco depois de ele próprio perder um dedo. Vagamente tomou ciência de um leve movimento nos corpos atrás de si e então um dos guerreiros feridos mortalmente em que se apoiara colocou o cabo de uma adaga em sua mão.

— Defenda a Senhora — disse em voz arrastada. — Ela está viva.

Kevin rejeitou a infeliz possibilidade de ela não aguentar muito tempo naquela condição. Nu, sangrando e meio enlouquecido pela fúria da batalha, aceitou a arma, enfiou-a por baixo da borda do escudo e cravou-a no pé de um inimigo. Perdeu de imediato a faca quando o inimigo trespassado a jogou fora com um grito de raiva.

— Boa dança — desejou o bárbaro, embriagado devido ao sangue perdido e à adrenalina. Levou um momento para perceber que os golpes no escudo tinham parado.

Pouco depois, mãos revestidas de guantes de armaduras envernizadas de verde pegaram a beirada da liteira e a içaram com força, afastando os destroços para o lado. Kevin espiou para cima, piscando por causa da luz do sol. Por entre a visão que oscilava devido às tonturas, distinguiu as plumas de um oficial e o rosto do Comandante das Forças Armadas dos Acoma. O alívio que sentiu lhe devolveu o senso de humor.

— Graças aos deuses vocês estão aqui — disse. — Estávamos em uma situação desagradável.

Lujan observou as mãos ensanguentadas e o ferimento gotejante em seu antebraço.

— Boa dança? — repetiu, espantado.

— Mais tarde — resmungou Kevin. — Explico tudo mais tarde.

Enfrentou incomodado a dor em seu tórax, que sangrava, e praguejou em duas línguas. Sentiu-se mal. O sol brilhava demais.

— Onde está a Senhora? — quis saber Lujan, agora em tom duro, tenso e preocupado. Kevin piscou, perplexo, na direção da liteira virada. Os Acoma mortos estavam esmagados por baixo como se fossem escaravelhos empalados. — Luz do Céu, ali debaixo não! — Lujan deu outra ordem, que aos ouvidos de Kevin não passou de um ruído. Então algumas mãos se estenderam para baixo para puxar seu corpo machucado dos destroços.

— Não — protestou Kevin com voz fraca. — Quero saber se Mara... — Tinha

dificuldade de falar; o ar queimava seus pulmões.

Ainda protestando, foi puxado pelo chão, com o rosto voltado para cima, e o silêncio caiu sobre seus ouvidos antes mesmo de os guerreiros, maravilhados, gritarem espantados ao endireitarem a liteira; vasculharam o emaranhado de mortos e feridos e descobriram uma figura inconsciente, encolhida e manchada de sangue, que não tinha nenhum ferimento além de um hematoma roxo na cabeça.

Mara foi deitada sobre o musgo seco e macio ao lado da nascente. Rodeada por uma centena de soldados, com a cabeça no colo de Lujan, despertou quando um pano que pingava água gelada banhou o galo em sua testa.

— Keyoke? — murmurou assim que abriu os olhos.

— Não — respondeu docilmente o Comandante das Forças Armadas. — Lujan, minha Senhora. Mas foi Keyoke que me ordenou que viesse aqui. Achou que poderia estar com problemas.

Mara se agitou, com um ar levemente reprovador.

— Ele não é seu Comandante, mas sim meu Conselheiro de Guerra.

Lujan afastou o cabelo do rosto dela e a brindou com o mais insolente dos sorrisos.

— Os velhos hábitos demoram a morrer. Quando meu velho Comandante diz “Salte”, eu salto.

Mara mexeu-se, toda dolorida. Parecia machucada em centena de lugares.

— Eu deveria ter dado ouvidos. — Seus olhos se turvaram. — Kevin — disse. — Onde ele está?

Lujan apontou com a cabeça na direção de seu curandeiro, que estava ajoelhado sobre outra figura deitada no musgo.

— Sobreviveu. De tanga, sem armadura e com um conjunto de ferimentos digno de um herói. Que guerreiro aquele homem se revelou!

— Ferimentos?! — Mara se ergueu, perturbada, e Lujan precisou de uma boa dose de força para mantê-la imóvel.

— Senhora, fique quieta. Ele sobreviverá, embora com uma bela coleção de cicatrizes. Pode ser que manque um pouco e levará algum tempo até recuperar o uso da mão esquerda. Os músculos foram seriamente feridos.

— Bravo Kevin. — A voz de Mara tremia. — Ele me salvou. Minha estupidez quase o matou.

Seu Comandante das Forças Armadas a tocou outra vez, de um modo quase terno.

— É uma pena esse homem ser um escravo — disse, comovido. — Tal coragem merecia a maior das honrarias.

Subitamente, o ar ficou difícil de respirar; Mara virou o rosto para o ombro de Lujan e estremeceu. Talvez tenha chorado, silenciosamente, de infelicidade; se o fez, o oficial que a confortou nunca revelaria essa vergonha. De algum modo, compreendera que a dor dela não

vinha apenas do fato de ter escapado por pouco. E seu amor e sua devoção permanentes nunca lhe permitiriam reconhecer que sua Senhora traíra a si mesma em um momento de fraqueza diante de outros. Os soldados em volta logo encontraram tarefas com que se ocupar, dando a Mara um momento de liberdade. A Senhora dos Acoma chorou por Kevin, cujo espírito arrojado conquistara o dela e cujas ações a levaram por fim a compreender que independentemente de qualquer coisa, ele não era nem nunca seria um escravo. Teria de libertá-lo, e isso não poderia ser feito dentro das fronteiras do Império de Tsuranuanni. Para lhe dar o que ele merecia, para reconhecê-lo como um homem, iria perdê-lo para sempre. Concretizar essa ideia seria a empreitada mais difícil a que já se propusera.

A reorganização das forças após a emboscada na floresta ocupou grande parte do dia. Os corpos dos guerreiros assassinados foram transportados em liteiras improvisadas para que em casa fossem efetuados os rituais e as cremações; os mortos do inimigo foram deixados como alimento para jagunas e outros comedores de carne podre. Lujan destacou batedores, que voltaram do local marcado para o encontro com a informação de que não havia sinal dos Hanqu. Mara recebeu com tristeza tais notícias: a proposta de reunião com o Senhor Xaltepo era sem dúvida falsa e, muito provavelmente, uma conspiração dos Minwanabi. Sentiu-se inquieta, assustada demais para se manter parada, apesar do calor, e agora preocupada com mais coisas além dos ferimentos de Kevin.

— Tasaio nunca se limita a um único ataque — comentou com Lujan, à medida que a escuridão caía ao redor do acampamento iluminado dos guerreiros. — Nossos feridos vão sofrer com o deslocamento, mas temos de voltar para casa esta noite.

O Comandante das Forças Armadas não argumentou contra essa necessidade e se afastou ligeiro para reunir os guerreiros e cuidar dos preparativos para a partida. Esgotados devido aos combates e com os ferimentos enfaixados, os três sobreviventes da guarda original de Mara ocuparam lugares de honra na vanguarda da coluna. Kevin e dois carregadores de liteira foram levados a seguir e, atrás deles, os mortos com honra. Mara insistiu em seguir a pé. Os carregadores dela tinham sobrevivido, mas, pela experiência que tinham em carregar pessoas sem sacudi-las, foram destacados para transportar os feridos. A Senhora dos Acoma caminhou ao lado de seu escravo pessoal, desmaiado. Uma poção para as dores fora dada a Kevin. A solução o adormecera profundamente. Ela segurou sua mão sem ataduras, seus sentimentos se alternando entre o pesar doloroso e a raiva.

Não prestara atenção aos avisos quanto à possibilidade de Tasaio poder ter comprometido a rede de Arakasi. Só quisera saber de seu crescente poder; fora levada a crer que, por ser agora Chefe de Guerra do Clã, seria lógico que as famílias inferiores lhe solicitassem favores. Nacoya a avisara; Keyoke nitidamente evitara contrariá-la, precisamente para poder ter a

liberdade de prevenir o desastre da armadilha de Tasaio em que ela estupidamente caíra. Vinte e sete bons guerreiros de sua guarda de honra tinham morrido. Lujan perdera mais doze na operação de salvamento e Kevin poderia ficar manco para o resto da vida.

O preço fora alto demais.

Mara cerrou o punho e depois relaxou; apertou a mão de Kevin, que revelara tanta dedicação quanto qualquer um de seus guerreiros. Ela não sentiu as pedras sob seus pés, nem reparou na mão de Lujan em seu cotovelo nas vezes em que este a ajudou a transpor riachos. Mal reparou nas idas e vindas das patrulhas de batedores enquanto estas insistentemente vasculhavam a mata ao redor em busca de inimigos; pensou apenas na vergonha de seu falso orgulho e imaginou, inúmeras vezes, o que diria a Arakasi.

A lua se instalou no firmamento. A escuridão debaixo das árvores era equiparável às trevas que tomavam seu coração à medida que avançava, entorpecida, enquanto se autorrecriminava profundamente, até chegar aos limites de sua propriedade.

Uma patrulha estava à sua espera, os soldados armados e com tochas. Mara estava tão cansada que levou um bom tempo para perceber que a presença inesperada daqueles guerreiros indicava que algo anormal estava ocorrendo. Lujan falou com o Líder de Patrulha e, quando ela escutou o nome de Ayaki, um calafrio a percorreu de alto a baixo, com o medo deixando-a em alerta. Afastou-se da liteira de Kevin e se apressou a se reunir a seu Comandante das Forças Armadas.

— O que aconteceu com meu filho?

Lujan a prendeu firmemente pelos braços.

— Está vivo, minha Senhora.

Aquelas palavras de conforto não serviram para afastar a ansiedade de Mara. Mesmo sob o brilho fraco da luz das tochas, deu para perceber a máscara de tensão do Líder de Patrulha que transmitia as informações. Aterrorizada com a possibilidade de o desastre que a atingira não ter acontecido apenas no vale, quis saber o que se passava.

— Houve um ataque à minha casa?

— Minha Senhora, enviaram um assassino. — O Líder de Patrulha fez uma reverência brusca. Ensinado por Keyoke a ser conciso, transmitiu a mensagem como se se tratasse de um relatório de batalha: — Ayaki sofreu um pequeno corte, mas, de resto, saiu ileso. Morreram duas criadas. Nacoya, a Conselheira-Mor, também foi morta ao defender a criança. Buscas foram efetuadas nos terrenos da propriedade, mas não foram descobertos sinais de mais inimigos. O assassino, ao que tudo indica, agiu sozinho. Keyoke reforçou todas as patrulhas nas divisas da propriedade e nos enviou para encontrar sua escolta.

Mas Mara não prestou atenção nos detalhes depois de saber que Ayaki fora ferido e que Nacoya, que desde a infância fora como uma mãe para ela, morrera. Sentiu os joelhos cederem e a cabeça girar fora de controle. Não percebeu o braço que Lujan colocou debaixo de seu cotovelo para segurá-la. Ouviu, mas não entendeu, as palavras que seu Comandante das

Forças Armadas dirigiu ao Líder de Patrulha, para que mandasse um mensageiro buscar uma liteira reserva.

Nacoya morrera e Ayaki fora ferido. Precisava do abraço de Kevin e do conforto proporcionado por seu amor para enfrentar aquele pesadelo; mas ele estava deitado numa liteira, cheio de ataduras, e inconsciente devido a uma poção medicinal.

Mara cambaleou para a frente. A noite tornou-se amarga e desoladora. Os problemas pareceram crescer, escondidos na escuridão, e o caminho até seu pórtico de orações pareceu ameaçador, diante de um perigo desconhecido.

— Tenho de ir para casa — disse ela, inexpressiva.

— Senhora, iremos levá-la o mais rápido possível. — Lujan não demorou para distribuir ordens à sua companhia e a patrulha se misturou aos guardas que já rodeavam a Senhora e seus feridos e mortos. Então, sem aguardarem pelo retorno do mensageiro com a liteira, os guerreiros marcharam rumo à casa grande.

Mara deixou-se envolver por um manto entorpecedor de descrença. Nacoya morrera; isso parecia inconcebível. A Senhora achou que deveria chorar. Em vez disso, nada mais via além de um pé adiante do outro, aos tropeções. Percebeu que o Líder de Patrulha dava detalhes a Lujan sobre o ataque do assassino, mas sua mente escutava apenas a voz de Nacoya, repreendendo-a insistentemente por suas tolices, vaidade e teimosias.

Ayaki fora ferido.

Seu coração gritou de ultraje, raiva e dor, por alguém tão pequeno poder ser ameaçado pelas conspirações do Grande Jogo. Pensou em blasfêmias: Kevin estava certo; mortes por questões políticas eram um desperdício sem sentido e cruel. Seu senso de honra familiar era diretamente antagônico à sua dor. Fora por um fio que Tasaio não pusera fim à linhagem dos Acoma num único dia!

A sabedoria de Keyoke, a coragem de Nacoya, o desrespeito de um escravo pelo decoro: fora isso que impedira a destruição total de sua casa. Os Minwanabi quase tinham cumprido seu juramento de sangue a Turakamu. Mara foi tomada por uma série de arrepios. Lembrou-se da saraivada de flechas que silvou por cima de sua cabeça, no exato momento em que Kevin a derrubara com seu peso, desviando-a. Apertou o passo e não protestou quando a liteira enfim chegou e Lujan a pegou e a colocou lá dentro sem se deter.

Aqueles carregadores estavam descansados. Mara sinalizou a Lujan para que destacasse uma guarda de honra e permitisse que os soldados que escoltavam os feridos e os mortos seguissem mais devagar. Furiosa ao extremo, gritou para os escravos que corressem os últimos quinhentos metros até o salão iluminado de sua casa.

Keyoke a recebeu lá, com um ar severo e vestindo armadura da cintura para cima. Colocara seu velho elmo, desprovido de plumas, e tinha a espada na cintura, preparado para o pior, caso chegasse a notícia da morte de sua Senhora na floresta.

Mara saiu aos tropeções da liteira antes de Lujan poder lhe dar a mão. Lançou-se nos

braços do velho guerreiro e, com o rosto encostado em sua dura couraça, esforçou-se para conter as lágrimas. Keyoke permaneceu firme, apoiado em sua bengala. Com a mão livre afagou seu cabelo.

— Mara-anni — disse, com sua voz profunda, recorrendo ao diminutivo que seria usado por um pai ao se dirigir a uma filha adorada. — Nacoya morreu com toda a valentia. O nome dela será cantado nos salões de Turakamu com todas as honras devidas a um guerreiro e será um orgulho para o nome Acoma.

Mara conteve um profundo e trêmulo soluço.

— Meu filho — arquejou —, como ele está?

Por sobre a cabeça inclinada dela, o Conselheiro de Guerra e Lujan se entreolharam brevemente. Sem precisar proferir qualquer palavra, o Comandante das Forças Armadas segurou Mara com gentileza pelo cotovelo e tirou seu peso de Keyoke.

— É melhor irmos ver Ayaki agora — recomendou o velho conselheiro. Optara nitidamente por não questioná-la quanto ao seu aspecto desleixado, nem quanto às manchas de sangue na túnica. — Seu filho está dormindo e Jican está cuidando dele. O corte no pescoço foi tratado imediatamente, mas ele perdeu muito sangue. Ficar bem com o tempo, mas tenho de dizer: não parou de chorar. Sofreu um choque terrível.

Mara se deteve, resistindo a todas as tentativas de a afastarem.

— Kevin — disse ela, frenética. — Quero que seja levado para meus aposentos e que cuidem dele lá.

— Senhora — disse Lujan com determinação. — Presumi que as ordens seriam essas. — Agarrou-a com ainda mais firmeza em volta da cintura e a encaminhou para o corredor de acesso aos aposentos dela. Alguém precavido, provavelmente Jican, ordenara que todas as lamparinas fossem acesas, para que não passasse por nenhuma sombra.

Mais uma vez, o Comandante das Forças Armadas e o Conselheiro de Guerra se entreolharam. Keyoke sabia que o grupo de Mara fora vítima de uma emboscada; estava impaciente para saber dos detalhes. Lujan meneou a cabeça, indicando que contaria os detalhes, mas sem que Mara percebesse. O coração dela já sofrera o suficiente para ter de suportar a narrativa dos horrores daquele dia.

Chegaram a seus aposentos. Os biombos tinham sido completamente abertos e uma dúzia de guerreiros armados estava presente. Lá dentro, meio perdido num mar de almofadas, jazia um pequeno vulto com o pescoço enfaixado. Alguém estava sentado ao lado dele; Mara não olhou para ver quem era e se soltou do braço de Lujan, ajoelhando-se perto do filho. Tocou em seu rosto e ficou visivelmente espantada com o calor do corpo dele. Depois, tendo muito cuidado com os cortes do menino, acolheu-o em seus braços. Então chorou, descontrolada, e suas lágrimas ensoparam o rosto de Ayaki. Seus oficiais se viraram para outro lado, numa atenciosa indiferença à sua vergonha; a pessoa que estava sentada nas almofadas estrategicamente se levantou para partir. Mara vislumbrou-a de relance com seus olhos

inchados e identificou Jican.

— Fique — disse com voz trêmula. — Todos vocês, fiquem. Não quero ficar sozinha.

As lamparinas arderam durante muito tempo enquanto ela, sentada, embalava seu jovem filho.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois de Kevin ter sido colocado, numa liteira, ao lado de Ayaki, Mara ordenou que apagassem as luzes. Dispensou Keyoke, Jican e Lujan para que desfrutassem de um merecido descanso e, vigiada por um grupo de guerreiros em cada entrada da casa, permaneceu sentada, silenciosa, em vigília ao lado de seus amados. Refletiu e percebeu claramente que o egoísmo quase a levara à ruína. O fato de ter assumido arrogantemente o posto de Chefe de Guerra do Clã lhe parecia agora uma estupidez.

Não se despiu para ir para a cama, embora o curandeiro que aparecia periodicamente para verificar os dois feridos tivesse lhe pedido que tomasse algo para descansar. Os olhos ardiam de maneira incômoda devido ao choro e não desejava buscar refúgio no sono. A culpa pesava em seu coração e tinha a mente atormentada por mil pensamentos. De madrugada, ganhou coragem, ergueu-se com rigidez de suas almofadas e abandonou o quarto e seus amados. Sozinha, vigiada apenas por seus soldados de guarda, moveu-se de modo errante através dos corredores sombrios rumo ao quarto de crianças, onde o corpo da mulher que a criara fora colocado em um esquife de honra.

As túnicas ensanguentadas de Nacoya tinham sido substituídas por sedas de grande qualidade bordadas com o verde dos Acoma. Suas mãos enrugadas estavam tranquilamente pousadas de lado, cobertas por macias luvas de pele, de modo a ocultar os cortes cruéis feitos pelo cordão do garrote do assassino; a faca que a atingira fora colocada sobre seu peito, como símbolo de homenagem a Turakamu, por ter morrido como uma guerreira. O rosto dela, emoldurado pelo cabelo branco-prateado, parecia mais calmo do que jamais estivera quando dormia. Preocupações, artrites e presilhas de cabelo que nunca ficavam presas agora já não a incomodavam. Seus anos de serviço leal haviam terminado. Mara sentiu novas lágrimas se formando sob suas pálpebras inchadas.

— Mãe do meu coração — murmurou. Afundou-se nas almofadas ao lado da mulher morta e pegou numa mão fria. Esforçou-se e conseguiu controlar a voz: — Nacoya, saiba que seu nome será honrado juntamente com os antepassados dos Acoma e que suas cinzas serão espalhadas no interior dos muros da clareira sagrada, dentro do jardim do natami. Saiba que seu sangue hoje derramado era sangue dos Acoma e que é parte da família e do clã. — Então Mara se deteve para recuperar o fôlego. Ergueu o rosto para a luz que entrava pelos biombos e olhou para fora, para a bruma que revestia as terras de seu povo. — Mãe do meu coração — prosseguiu, indignamente trêmula —, não dei ouvidos a você. Fui egoísta, arrogante e

descuidada e, por causa de minha estupidez, os deuses tomaram sua vida. Mas me escute; ainda posso aprender. Sua sabedoria ainda vive em meu coração e, amanhã, quando suas cinzas forem entregues aos deuses, farei uma promessa: vou mandar embora o bárbaro Kevin e escrever uma proposta de noivado aos Shinzawai solicitando o casamento com Hokanu. Serão coisas que concretizarei antes do fim da estação, sábia mãe. E para meu pesar, até o fim de meus dias, lamentarei ter escolhido não prestar atenção em você enquanto estava viva ao meu lado. — Mara devolveu gentilmente a mão enrugada a seu lugar ao lado do corpo morto da mulher. — Não disse isso o bastante, Nacoya, mas eu a amei muito, mãe do meu coração — concluiu —, e agradeço pela vida de meu filho.

Abertura

O rufar dos tambores parou.

O silêncio se impôs na propriedade dos Acoma pela primeira vez desde as cerimônias fúnebres ocorridas três dias antes. Os Sacerdotes de Turakamu convocados para a ocasião guardaram suas máscaras de argila e partiram em procissão numa única fila. Apenas as bandeiras vermelhas nas colunas da porta da entrada permaneceram como recordação visível dos que haviam acabado de partir; mas, para Mara, a casa nunca mais pareceria o porto seguro que recordava da infância. Não era a única a se sentir perturbada. Ayaki chorava antes de dormir à noite; Kevin permanecia ao lado dele, uma figura estranhamente fantasmagórica envolta em ataduras brancas, tentando animá-lo com histórias sempre que possível; quando o menino tremia no escuro, chamava criados para acender lamparinas e o acalmava se ele despertava atormentado por pesadelos. Mara sentava-se frequentemente ao lado do rapaz, em silêncio, ou falando sobre nada com Kevin. Tentou ignorar os doze guerreiros de plantão em todas as janelas e portas. Agora, não podia passar sequer pelas sombras dos arbustos dos jardins sem olhar para o lado à procura de assassinos.

Após uma busca exaustiva, os batedores de Lujan descobriram o rastro do assassino em direção à propriedade; o criminoso levava um bom tempo para conseguir se infiltrar, ora passando a noite numa árvore, ora deitado durante horas ao abrigo de uma sebe, onde deixara as marcas de seu corpo, aguardando, imóvel, uma pausa entre patrulhas ou criados para conseguir passar. Tasaio dos Minwanabi mudara completamente de tática desde a Noite das Espadas Sangrentas. Como a quantidade e a força bruta falharam, em sua investida mais recente tentara enviar apenas um homem. Lujan não dispunha de soldados suficientes para vasculhar diariamente todos os arbustos, videiras e cercas à procura de intrusos. As sentinelas Acoma não tinham sido descuidadas, nem mesmo por um momento; simplesmente as terras da propriedade eram vastas e abertas demais para ser possível manter uma segurança infalível.

Nacoya e uma patrulha de bravos guerreiros tinham sido reduzidos a cinzas, e aquele doloroso fracasso não saía da mente de Mara. Passou-se uma semana até ela se acalmar o suficiente para mandar chamar Arakasi.

Já era tarde, naquela noite, e Mara estava sentada em seu escritório, ao lado de uma

bandeja com o jantar em que praticamente não tocara. O pedido dela para que o Mestre dos Espiões se apresentasse tinha sido levado por seu pequeno mensageiro, que agora se curvava até sua testa tocar o chão encerado.

— Senhora — disse, ainda curvado —, o Mestre dos Espiões não está aqui. Jican lamenta informar-lhe que ele deixou suas terras uma hora antes do ataque a seu filho e à sua comitiva. Não revelou a ninguém seu destino, nem disse quando voltaria.

Sentada em suas almofadas sob a quente lamparina, Mara permaneceu imóvel durante tanto tempo que o rapaz começou a tremer. Ela fitou os murais pintados encomendados por seu antigo marido, Buntokapi, retratando, com um esplendor tumultuoso, sangrentas cenas de batalha. Pelo ar arrebatado de Mara, parecia que era a primeira vez que via aquelas pinturas. Mais estranho se revelou o fato de a Senhora não reparar no desconforto de seu escravo, pois gostava dele e muitas vezes o acariciava na cabeça quando realizava depressa suas tarefas.

— Senhora? — disse ele, com medo, depois de alguns minutos e de seus joelhos começarem a doer.

Mara se agitou e voltou a si. Percebeu que a lua já estava bem alta no céu além do biombo e que os pavios ardiam lentamente nas lamparinas a óleo.

— Pode se retirar — ordenou, com um suspiro.

O rapaz saiu apressado da sala, mas sem correr. Mara permaneceu como estava quando criados entraram para recolher os pratos intocados. Mas ela, com um gesto, dispensou as criadas que aguardavam e se entreteve com uma pena seca e com uma folha de pergaminho em branco à sua frente. Passaram-se horas e nada escreveu. Insetos noturnos zumbiam no jardim e à meia-noite um novo turno substituiu a guarda.

Era simplesmente inconcebível que Arakasi fosse um traidor; no entanto, em palavras sussurradas, os criados da casa sugeriam isso. Mara revirou a pena, angustiada. Adiar qualquer convocação formal, na esperança de que o homem se apresentasse e provasse sem sombra de dúvidas que não participara do ataque de Tasaio à sua casa. Keyoke permanecia de boca fechada em relação ao assunto e Saric, normalmente desbocado, relutava em comentá-lo. Até Jican tinha o cuidado de não se alongar em conversas depois de apresentar seus relatórios relativos às finanças da propriedade. Mara colocou a pena de lado e massageou as têmporas com os dedos. Era dolorosamente evidente que Arakasi era suspeito.

Se ele trocasse de lado, o perigo seria multiplicado. Com o passar dos anos, os maiores segredos da casa haviam sido confiados a ele. Não havia qualquer aspecto dos assuntos dela que ele não conhecesse a fundo. Ele detestava os Minwanabi tanto quanto ela.

Detestava mesmo?

Mara suave, atormentada. Se o desejo de vingança fosse simulado, não haveria estratégia melhor para conquistar sua confiança do que odiar o mesmo inimigo que lhe roubara o pai e o irmão, não é? Arakasi era tão talentoso em mudar de papéis e disfarces; era um verdadeiro ator, portanto não teria dificuldade em fingir um ódio ardente.

Mara fechou os olhos e se lembrou de conversas que tivera com Arakasi ao longo dos anos. O homem não poderia tê-la traído. Ou poderia? Suspirou, deixando-se levar por aqueles pensamentos na privacidade de seus aposentos. Estava certa, do fundo do coração, de que Arakasi não poderia ser um agente dos Minwanabi; o ódio que ele nutria a Tasaio e a sua família era muito verdadeiro, mas será que alguém poderia ter feito o Mestre dos Espiões mudar de lado? Alguém que, talvez, pudesse lhe oferecer uma posição melhor para conduzir sua guerra contra os Minwanabi, sendo a traição aos Acoma o preço desse posto mais seguro?

Mara apertou os dedos até estes deixarem marcas brancas na pele. Se o Mestre dos Espiões fosse um relli em seu ninho, tudo o que ela fizera fora em vão. Naquele momento, as queixas de Nacoya seriam bem-vindas, um indício de que os erros poderiam ser corrigidos. Mas a anciã estava agora reduzida a cinzas, pó entre o pó de mil antepassados Acoma cuja honra fora entregue à guarda de Mara. Mais uma vez ela se recriminou com a dúvida: como podia ter alimentado uma ligação tão profunda e instintiva com um homem que lhe desejava mal? Como?

A noite não lhe trouxe as respostas.

Mara deixou cair as mãos cansadas sobre o colo e observou a pena abandonada. Apesar de as lamparinas brilharem intensamente à sua volta e de ter seus melhores guardas vigiando sua porta, sentiu-se encurralada. Com a mão tremendo de nervoso, pegou a pena e o pergaminho. Arrancou a tinta seca da ponta, mergulhou a pena no tinteiro e escreveu num estilo formal no meio do topo da página o nome de Kamatsu dos Shinzawai.

Um grande intervalo de tempo se passou antes de conseguir continuar. Nem sequer pôde aliviar a dor enviando um mensageiro para chamar seu escriba. Sua promessa a Nacoya era sagrada. Com a própria mão, concluiu as frases rituais da proposta de casamento, solicitando ao honorável filho de Kamatsu, Hokanu dos Shinzawai, que se esquecesse de sua recusa anterior e aceitasse se casar com a Senhora dos Acoma.

Os olhos de Mara ficaram marejados de lágrimas quando terminou a última linha, acrescentou a assinatura e estampou o selo de sua casa. Dobrou e lacrou rapidamente o documento, bateu palmas para chamar um criado e deu-lhe instruções, sentindo um aperto de emoção na garganta.

— Entregue imediatamente este documento aos mediadores de casamentos em Sulan-Qu. Devem apresentá-lo depressa a Kamatsu dos Shinzawai.

O criado pegou o papel e se curvou diante de sua Senhora.

— Senhora Mara, seu desejo será cumprido à primeira luz do dia.

As sobrelanceiras de Mara se uniram quando franziu o cenho.

— Agora! Procure um mensageiro e envie o documento o mais rápido possível!

O criado prostrou-se no chão.

— Seu desejo é uma ordem, Senhora.

Acenou impaciente para que partisse. Se reparou no olhar rápido e confuso dele para a

escuridão do outro lado do biombo, não o chamou de novo, reconhecendo que a hora era imprópria. Se adiasse a proposta a Kamatsu até de manhã, sabia muito bem que não seria capaz de enviar o documento. Era melhor o mensageiro permanecer algumas horas no escuro, esperando que o mediador se levantasse, do que ter a oportunidade de mudar de ideia e não cumprir a promessa.

O quarto pareceu de repente sufocante demais, e o aroma das akasi, enjoativo. Mara afastou para o lado sua mesa de escrever. Sentindo uma necessidade extrema de ver Kevin, levantou-se, desajeitada, e avançou pelos corredores iluminados, passando diante de fileiras de soldados, até a ala onde ficava o quarto de crianças.

À entrada, às cegas devido à súbita escuridão, Mara hesitou. Piscou os olhos para conter mais uma onda de lágrimas e aguardou que sua visão se adaptasse à iluminação escassa; o cheiro das ervas pungentes do curandeiro e dos emplastros pairava intensamente no ar. Por fim cruzou a soleira.

O luar acobreado brilhava no biombo fechado e transformava em sombras as fileiras de guerreiros atentos do lado de fora. Nem um pouco reconfortada com a presença deles, Mara abriu caminho até a esteira onde Kevin estava deitado, com suas ataduras formando manchas brancas na escuridão e o tronco enrolado nos lençóis indicando que seu sono era atribulado. Ela se deteve, olhou para Ayaki e verificou que o menino estava mais calmo, dormindo de boca aberta, com as mãos apertando levemente o travesseiro. O corte em seu pescoço sarava mais rápido do que os ferimentos de Kevin, pois estes, no vale, levaram mais tempo para serem cuidados. Mas o assassino deixara marcas mais duradouras na mente do garotinho. Aliviada por ele não ter pesadelos de novo, Mara seguiu em frente, com cuidado para não incomodá-lo. Ajoelhou-se na esteira de Kevin e puxou a roupa de cama para desemaranhar seu peso daquela incômoda bagunça. Ele estremeceu ao sentir seu toque e abriu os olhos.

— Senhora?

Mara silenciou com seus lábios aquele murmúrio. Kevin estendeu a mão esquerda e a prendeu pela cintura. Forte apesar dos ferimentos, puxou-a para perto.

— Senti sua falta — murmurou, tocando em seu cabelo. Moveu a mão e, habilidosamente, abriu a túnica leve dela por completo.

Mara disfarçou sua dor e se esforçou para estar à altura daquela boa disposição.

— Meu curandeiro disse que haveria graves consequências se me deitasse com você e o tentasse e obtivesse resposta. Disse que suas feridas ainda podem estar abertas.

— Maldito seja ele por parecer uma vovozinha — disse Kevin em tom de brincadeira. — Minhas feridas vão bem, obrigado, exceto quando ele resolve cutucá-las. — Confiante e caloroso, o midkemiano acariciou os seios dela com a parte de trás dos dedos. E depois a apertou com mais força. — A minha cura é você.

Mara estremeceu, tanto por tristeza como pela tremenda excitação. Esqueceu a dolorosa impossibilidade de mudar de ideia sobre o acordo de casamento com Hokanu e aconchegou-se

ainda mais.

— Kevin... — começou ela.

Pelo tom de voz, ele percebeu que estava angustiada. Não lhe deu oportunidade de falar e em vez disso inclinou-se para beijá-la. Os braços dela envolveram seus ombros, evitando as ataduras. Kevin a embalou, oferecendo-lhe instintivamente aquilo que, do fundo do coração, sabia que ela necessitava; de uma forma habitual e natural, fizeram amor. O entusiasmo dele parecia não ter diminuído nem um pouco, só que adormeceu muito depressa depois de concretizar sua paixão.

Mara estendeu-se ao seu lado, de olhos bem abertos na escuridão. Passou as mãos pela barriga lisa dele, bem consciente de que o encontro no quarto de crianças não fora devidamente planejado. Não tomara o elixir de erva teriko para prevenir uma gravidez. Nacoya a teria repreendido com veemência por causa desse lapso.

Nacoya teria sido sensata.

Sob o luar tênue filtrado pelos biombos, Mara observou o perfil de Kevin, aconchegado no meio de todo aquele cabelo ruivo. Percebeu que não desejava ser sensata. Deveria se casar com Hokanu, se Kamatsu permitisse, e ele iria possuí-la; mas, se seu amor por Kevin tinha de ser sacrificado, não pretendia abdicar de seu sentimento e de sua felicidade sem qualquer tipo de laço. Poderia estar cometendo uma loucura, e talvez fosse egoísta, mas queria um filho de Kevin. Tudo o que conquistara fora pela honra da família e de seus antepassados. Sentiu o coração destrozado, devorado pelas infindáveis dores do governo. Aquilo era algo que ela queria para si.

— Amo você, bárbaro — sussurrou, de forma inaudível, na escuridão. — Eu sempre amarei você. — As lágrimas jorraram livres por bastante tempo.

Passou-se uma semana, e outra, e o curandeiro permitiu que Kevin desse umas voltas. Ele se deparou com Mara sentada no jardim leste, aquele que era utilizado pelo pessoal da cozinha para plantar ervas. Envolvida pela luz, com as túnicas largas que vestia quando meditava, deixou de lado a disciplina para se sentar entre os caules empoeirados das plantas aromáticas e observar a estrada da frente. Mensageiros chegavam e partiam, levando recados de Jican em sua maioria. Não fazia diferença se estudava o movimento ou se estava perdida em seus pensamentos.

— Você está deprimida outra vez — disse Kevin em tom acusador, pondo de lado a bengala na qual costumava apoiar seu peso para aliviar a perna golpeada pela espada.

Mara retorceu umas plantas que tinha nas mãos, um fino galho decorativo, já murcho e sem suas folhas vistosas. Cascas de árvore arrancadas lançaram um odor forte e pungente no ar quente do meio-dia. A Senhora que torturara o galhinho não respondeu. Kevin instalou-se com

alguma dificuldade ao lado dela, com a perna enfaixada esticada para a frente. Retirou o pobre caule de suas mãos e suspirou ao ver a seiva sob as unhas dela.

— Era uma mãe para mim... mais do que isso — disse ela inesperadamente.

— Eu sei. — Não precisou perguntar se se referira a Nacoya. A resposta foi dócil: — Precisa chorar mais, despejar sua dor e deixá-la partir.

Mara endireitou-se, eriçada.

— Já chorei o suficiente!

Kevin inclinou a cabeça para o lado e enfiou os dedos no cabelo rebelde dela.

— Seu povo nunca chora o suficiente — comentou, contradizendo-a. — Permanecem dentro de vocês lágrimas não derramadas, que funcionam como veneno.

Não pretendeu perturbar Mara. No entanto, ela se levantou furiosa e ele não conseguiu se levantar a tempo de segui-la, pois tinha a perna presa por talas. Quando se ergueu, pegou a bengala e foi atrás dela, que já sumira entre as sebes. Percebeu que seria inútil persegui-la. Naquela noite, na cama, iria tentar mais uma vez consolá-la. Mas não era possível esquecer a tragédia que caíra sobre ela, com soldados de armadura montando guarda a cada passo. O assassino podia não ter matado Ayaki, mas outros danos haviam permanecido. Perturbada, afundada em tristeza, Mara não se mostrava capaz de encontrar a paz entre as paredes da própria casa.

Kevin arrastou os pés para fora do jardim das ervas e decidiu procurar o jovem Ayaki. Num pátio coberto, longe dos olhos dos criados, ensinava o menino a se defender com uma faca. Poderia ser proibido a um escravo manejar armas, mas na propriedade dos Acoma ninguém iria interferir. Como verdadeiros tsurani que eram, todos desviavam o olhar diante de mais uma quebra de protocolo. A lealdade de Kevin já fora provada e ele entendera que o menino poderia deixar de chorar por causa de pesadelos se aprendesse alguns truques de autodefesa. Mas, naquele dia, o pátio não se encontrava deserto quando Kevin apareceu com uma faca de cozinha furtada e com o herdeiro dos Acoma na sua cola. Keyoke estava na sombra sob a ulo, com duas armas de treino, de madeira, entre os joelhos. Avistou Kevin e a arma furtada e seus olhos traíram um raro sorriso.

— Se você vai treinar o jovem guerreiro, alguém deve estar por perto para ver se o trabalho é bem-feito.

Kevin sorriu, despreocupado.

— O aleijado ensinando o manco? — Olhou para baixo, despenteou o cabelo escuro de Ayaki e começou a rir. — O que você acha, tigreinho, da ideia de dar uma surra em dois velhos?

Ayaki reagiu com um grito de guerra Acoma que levou os criados que estavam por perto a mergulhar para se protegerem.

Mara escutou o grito no canto isolado do jardim das kekali onde decidira se refugiar. Os cantos de sua boca se elevaram com um leve indício de diversão e depois se deteve; sua melancolia permanecia bem presente. O sol brilhava com intensidade, roubando a vida e a cor da clareira. Os arbustos, sob aquele brilho, pareciam cinzentos, com as flores de um azul índigo profundo chamuscadas devido ao calor. Mara andou para trás e para a frente ao longo das trilhas, passando os dedos pelas mangas vermelhas de sua túnica matinal. Parecia quase escutar o fantasma de Nacoya dizendo:

— *Filha do meu coração, você será três vezes tola, tanto que dá dó, se persistir com essa ideia de carregar no ventre um filho de Kevin. Mais dia, menos dia, um mensageiro do mediador de casamentos vai voltar com a resposta do Kamatsu dos Shinzawai. Se você se atrever a avançar para um casamento com um filho de uma casa honrada levando no ventre o bebê de um escravo, isso envergonhará irremediavelmente o nome dos Acoma.*

— Assim sendo, direi imediatamente a Hokanu se eu estiver grávida — disse Mara, interrompendo a voz imaginária.

Contornou um jardineiro que, com um ancinho, recolhia folhas soltas e deu voltas sem rumo por outro caminho. Atrás dela, o criado deixou a ferramenta de lado e a seguiu.

— Senhora — disse com uma voz suave como seda.

O coração de Mara deixou de bater. Com o sangue congelado nas veias, voltou-se lentamente para trás. O medo fez com que suasse. Observou o criado com suas vestes desbotadas pelo sol. Arakasi... Com uma graciosidade fora do comum, ele se aproximou empunhando uma adaga. Um grito de alerta estava quase saindo dos lábios de Mara quando ele se prostrou diante dela no caminho de pedrinhas e estendeu a arma, com o punho virado para ela.

— Senhora — disse Arakasi —, peço permissão para me suicidar com minha adaga.

Mara recuou involuntariamente um passo, atordoada de espanto.

— Há quem diga que você me traiu — disparou, atrapalhada, sem pensar. Suas palavras se revelaram duramente acusadoras.

Arakasi pareceu se encolher.

— Não, Senhora, isso nunca. — Fez uma pausa e depois retomou a palavra, num tom torturado: — Eu falhei. — Estava desolado. O traje de jardineiro pendia sem graça dos ombros e as mãos estavam crispadas como pergaminho velho. Os dedos não tremiam.

De repente, desesperada em busca de uma sombra, ou de qualquer tipo de proteção contra o sol, Mara engoliu em seco.

— Confiei em você.

Arakasi não moveu um músculo. Impiedosamente exposto à luz do dia, todas as suas dissimulações pareceram desaparecer. Parecia um criado comum, cansado, honesto e frágil. Mara nunca reparara até então na estrutura fina de seus pulsos. Ele falou com uma voz tão

frágil quanto seu aspecto:

— Os cinco espiões da Casa dos Minwanabi estão mortos. Por ordem minha, foram mortos, e a seita que contratei me trouxe suas cabeças como prova. Também perderam a vida onze agentes que levavam as mensagens deles até a província de Szetac. Esses, matei com minhas próprias mãos, Senhora. Não há mais espiões no domicílio de seu inimigo, mas também não sobrou nenhum modo de Tasaio utilizá-los. Não sobreviveu ninguém que pudesse ser forçado a traí-la. Mais uma vez, peço permissão para reparar meu erro com minha vida. Permita que eu me suicide com minha arma.

Ele não esperou que ela atendesse seu pedido; no passado, não passara de um guerreiro cinzento e não estivera desde sempre ao serviço de sua casa. Mara recuou um passo e sentou-se abruptamente num banco de pedra. Seu movimento súbito chamou a atenção das sentinelas e surgiram várias correndo para averiguar o que se passava. O oficial no comando avistou o criado aos pés dela e reconheceu o Mestre dos Espiões. O guerreiro fez um sinal e sua pequena patrulha se aproximou correndo. Uma fração de segundo depois, mãos agarraram os pulsos estendidos de Arakasi. Muito velozes, içaram-no e o mantiveram preso.

— Senhora, o que devemos fazer com este homem? — perguntou bruscamente o Líder de Patrulha.

Mara ficou olhando em profundo silêncio. Os guerreiros, reparou ela, seguravam o prisioneiro com cuidado, como se carregasse veneno, ou como se, de algum modo, conseguisse revidar. Seu olhar se deslocou para a expressão inflexível de Arakasi e seus olhos fundos e preocupados. Ali não havia segredos. O Mestre dos Espiões parecia transparente, sem nenhum ânimo em seu ser. Aguardava um fim, um enforcamento, e mostrava um semblante desolador. O ardor e o orgulho que, aliados ao intelecto aguçado, sempre o haviam caracterizado não estavam presentes.

— Libertem-no — ordenou Mara, apática.

Os soldados obedeceram sem questionar. Arakasi baixou os braços, recolocando as mangas no lugar, o que não era habitual. Permaneceu de cabeça baixa e com uma paciência infundável que era dolorosa de se ver. Se estava representando, seu extraordinário talento a dobrara. O ar pareceu parado e pesado quando Mara inspirou.

— Arakasi — disse devagar. Quase esperava escutar uma voz lamuriosa; mas depois se lembrou de que Nacoya morrera. Prosseguiu com o assunto em questão: — Você me serviu como achou adequado. Você e sua rede providenciaram informações; você nunca forneceu fatos garantidos. As decisões não foram suas. Eu, como Governante, decidi. Se houve falha ou juízo errado, a culpa é só minha. Assim sendo, não permitirei que você se suicide com sua adaga. Em vez disso, peço perdão por minha vergonha, por exigir de um homem leal mais do que aquilo que poderia ser esperado dele. Você continuará a me servir? Pode manter sua rede, visando a derrocada do Senhor dos Minwanabi?

Arakasi se endireitou lentamente. Seus olhos se tornaram cada vez mais incisivos, de uma

forma penetrante, inquietante e desconfortável. Em meio ao brilho do sol e ao empoeirado aroma das flores, pareceu ver através da carne e ler sua mente.

— A Senhora não é como os outros Governantes deste Império — comentou, e sua voz recuperara o tom aveludado. — Se me permite dizer, acho que é perigosamente diferente.

Mara, de início, baixou os olhos.

— Você pode ter razão. — Revirou os anéis de jade em suas mãos. — Vai permanecer a meu serviço?

— Sempre — respondeu de pronto Arakasi, soltando um longo e audível suspiro. — Tenho novidades, caso queira ouvi-las.

— Mais tarde. Agora, pode ir e recuperar suas forças. — Quando Mara olhou para cima, viu seu Mestre dos Espiões saindo, com o andar rejuvenescido enquanto se apressava trilha abaixo.

— Como a Senhora concluiu que ele era inocente? — perguntou o Líder de Patrulha, que já não era jovem.

Mara encolheu levemente os ombros.

— Não concluí. Mas olhei para ele e me lembrei de sua notável competência no desempenho de seu cargo. — Levantou-se diante de seus guerreiros perplexos, com um olhar vago, carregado de reflexões. — Acha que, se um homem como ele me desejasse ver morta, teria falhado na missão? Se ele fosse agente de Tasaio, ou de qualquer outro, o natami dos Acoma já não existiria. Nisso eu acredito, portanto confio nele.

O crepúsculo desceu como um manto de luz verde-prateada sobre o jardim quando Arakasi reapareceu para apresentar seu relatório. Já comera e já tomara banho; agora vestia uma túnica de criado doméstico, amarrada com uma faixa verde ornamentada. As sandálias tinham laços feitos com uma perfeição meticulosa e seu cabelo acabara de ser cortado. Mara reparou nesses detalhes quando ele se curvou. Outros criados passaram discretamente em volta dela, acendendo as primeiras lamparinas da noite. Ele se endireitou, um pouco hesitante.

— Minha Senhora, a fé que deposita em mim não será um erro. Volto a dizer, como já disse antes, que hei de ver seus inimigos mortos, e seus nomes, esquecidos. Desde que fiz meu juramento diante de seu natami, tornei-me completamente Acoma.

Mara acolheu a reafirmação dele em absoluto silêncio. Por fim, chamou um criado batendo palmas e pediu uma bandeja de frutas frescas fatiadas. Quando ela e seu Mestre dos Espiões ficaram de novo a sós, disse:

— Não questione a sua lealdade.

Arakasi franziu o cenho e foi direto ao assunto:

— É tão importante para mim quanto minha própria vida que não o faça. — Olhou para

ela, com seus olhos negros límpidos. — A Senhora é uma dos poucos Governantes deste Império que reflete sobre as tradições ancestrais e a única que deseja desafiá-las. No passado, posso tê-la servido por causa de nosso ódio em comum pelos Minwanabi. Mas agora isso terminou. Sirvo a Senhora por quem é.

— Por quê? — Os olhos de Mara brilharam, modestos.

As sombras das lamparinas se aprofundavam à medida que o céu ia escurecendo do lado de fora. Arakasi manifestou sua impaciência com um gesto.

— A Senhora não teme mudanças — observou. — Aquele acordo arrojado vai levá-la longe, talvez até torne sua casa duradouramente grandiosa. — Fez uma pausa e um sorriso espantosamente genuíno iluminou seu rosto. — Quero estar lá, ser parte dessa ascensão ao poder. O poder em si não me cativa, mas o que pode ser feito com ele... aí admito uma vergonhosa ambição. Paira sobre nós uma época de grandes mudanças... Este Império se assenta nas mesmas bases há séculos demais. — Suspirou. — Não sei o que poderia ser feito para alterar nosso destino, mas, em mais de cinquenta anos de vida, não conheci um Governante mais apto a concretizar essa reforma.

Mara expirou silenciosamente. Pela primeira vez desde que o conhecera, percebeu que penetrara suas defesas. Por fim, soube das reais motivações de seu enigmático conselheiro. Mestre dos disfarces, Arakasi se apresentava agora de forma transparente. Seu rosto revelava a ansiedade de um jovem animado, e, com isso, ela também verificou que ele a adorava profundamente e que lhe providenciaria o que quer que solicitasse. Sorriu afinal, convencida de que Nacoya acertara, de que havia limites que nenhum Governante deveria pressionar um coração leal a ultrapassar.

—Você disse que tinha novidades? — perguntou ela no tom mais banal que conseguiu mostrar.

Os olhos de Arakasi brilharam com um súbito entusiasmo. Pegou uma fatia de fruta e começou a falar:

— Aparentemente, os magos andaram muito ocupados com sua própria conspiração. Os rumores são intrigantes e praticamente inimagináveis. — Recostada nas almofadas e aliviada, Mara indicou que prosseguisse. Depois de engolir o último pedaço e terminar sua refeição leve, Arakasi lambeu os dentes e continuou: — É muito estimulante. Dizem que dez Grandes da Assembleia passaram pelo Portal rumo a Midkemia, acompanhados por três mil guerreiros dos Kanazawai. Foi travada uma batalha e muito se especula sobre o assunto. Há quem diga que o Imperador desejava se vingar do Rei das Ilhas pela matança traiçoeira durante a negociação de paz. — Neste ponto, o Mestre dos Espiões ergueu uma mão para se adiantar às perguntas ansiosas de sua Senhora. — Não é algo a se deixar de lado, de fato. Mas pessoas bem colocadas dizem, por outro lado, que os magos foram combater o Inimigo. — Mara pareceu perplexa. — O Inimigo — repetiu Arakasi. — Aquele dos mitos da Ponte Dourada. Com certeza seus mestres lhe contaram essas histórias quando a Senhora era pequena.

Recordando as histórias, ela se lembrou do que se tratava.

— Mas são apenas fábulas! — contestou Mara. Olhou em volta para as lamparinas, como se as sombras projetadas pudessem de repente ter se tornado maiores e mais escuras. — Não são reais.

Arakasi balançou a cabeça, ao mesmo tempo confuso e entusiasmado.

— Assim pensávamos — concordou. — Mas quem seria capaz de imaginar com precisão que inimigos conseguiriam desafiar os Grandes, especialmente desde que o renegado Milamber viu seu nome envolvido nos acontecimentos? Esses mitos são mais velhos do que a História, tão antigos quanto os nomes dos irmãos que iniciaram as Cinco Famílias. Como podemos avaliar o que é verdade depois de tanto tempo?

De repente profundamente perturbada, Mara mordeu o lábio.

— Os Kanazawai estavam envolvidos? Se assim for, poderei perguntar o que houve quando me encontrar com o Senhor Kamatsu. — Seus pensamentos deram um salto para a frente. — Acho que podemos supor que a interferência do Imperador no Conselho pode ter sido levada a cabo juntamente com esse ato dos magos.

— Assim presumo. — Arakasi se serviu de mais uma fatia de fruta. — Mas isso é apenas especulação. Minhas fontes mais próximas da Luz do Céu sugerem que pode haver negociações em curso para uma troca de prisioneiros entre o Império e o Reino das Ilhas.

— Então o Portal foi aberto! — interrompeu Mara, com uma voz que revelou um tom estranhamente emotivo.

Atribuindo, com razão, esse comportamento a uma preocupação com seu amante bárbaro, Arakasi tossiu de leve.

— Nada do que digo é de conhecimento público, mas me parece que, se solicitasse outra vez uma audiência no local certo, poderia, finalmente, lucrar com suas concessões comerciais para Midkemia.

Mara pareceu apenas levemente interessada num assunto que outrora fora fonte de grande frustração. Arakasi, habilmente, aproveitou o intervalo para pegar o último pedaço de fruta da bandeja. Lembrou-se da discussão de Mara e Kevin sobre o portal, em Kentosani; o assunto girava em torno da liberdade do bárbaro. Estimulado por uma intuição perspicaz, Arakasi percebeu que a ideia era emocionalmente dolorosa.

— Pela Senhora, vou investigar o assunto e tentar descobrir mais detalhes.

Mara deu-lhe um olhar pleno de gratidão.

— Em consideração a Kevin — disse em voz baixa. — Ele não merece continuar sendo escravo. — Parecendo expulsar tormentos causados por fantasmas invisíveis, a Senhora mudou de assunto: — Se o Conselho continuar a perder poder, haverá revolta. Os Minwanabi vão reunir aliados suficientes para ressuscitar o cargo de Senhor da Guerra. — Ela suspirou e franziu o cenho. — Seria excelente se todos nós permanecêssemos vivos para aproveitar os ganhos de meus direitos comerciais exclusivos — acrescentou. Depois, estreitou os olhos. —

Você disse que ordenou a morte de seus espiões sob o próprio teto de Tasaio. Então por que nosso inimigo ainda respira?

Arakasi apoiou os cotovelos nos joelhos, parecendo uma asamortal de penas eriçadas.

— Meu braço não é tão comprido a ponto de chegar até debaixo do seu teto e cortar a cabeça dele... mas a dos criados? Isso é uma história completamente diferente.

Na suave noite de verão, sob o brilho das lamparinas e das estrelas, ele lhe contou tudo.

Os criados afinal foram descobertos numa vala em uma horta que era muitas vezes utilizada para enterros com o objetivo de fertilizar o solo; apenas os desonrados eram enterrados ali, sem rituais e num local aonde o fedor da decomposição não chegasse até os aposentos domésticos. Os cinco cadáveres não tinham cabeça e, quando o moço de recados que fez a descoberta relatou o caso a um dos capatazes, o superior percebeu que o Senhor deveria ser informado. Com os joelhos trêmulos e de cabeça baixa devido à angústia, apressou-se a informar Murgali.

O hadonra dos Minwanabi estava debruçado sobre registros precariamente empilhados numa enorme pilha, dando seu melhor para permanecer discreto. Toda a casa sentira na pele o mau humor de Tasaio desde que falhara sua emboscada para aniquilar Mara. Irritado com a interrupção, escutou as novidades trazidas pelo criado da casa e vociferou ao reconhecer a importância delas. A questão dos cadáveres era algo que não poderia ignorar.

— Vá — ordenou ao criado. — Retire os corpos da horta e os coloque num quarto desocupado.

Assim que o ancião partiu, Murgali se levantou, sentindo-se cansado. Esfregou o pulso com artrite, calçou suas pantufas macias e, o mais silenciosamente possível, se apressou a procurar Incomo. O Conselheiro-Mor dos Minwanabi era, talvez, a única pessoa capaz de se aproximar impunemente de Tasaio. Enquanto o hadonra percorria o corredor de acesso ao quarto de crianças, fez um estalo com a língua; até as crianças estavam sossegadas, parecendo conscientes da persistente raiva do pai. Incomo também não ficou muito feliz com a interrupção. Sentado, pingando água, em sua banheira, enquanto uma escrava com um quarto de sua idade passava uma esponja em suas costas enrugadas, suspirou fundo, olhando a água que corria sobre seus joelhos.

— Isso é bastante inoportuno — murmurou, olhando para sua genitália.

Murgali balbuciou sua concordância:

— Bastante. Os corpos estão sendo instalados num quarto vazio. Meu Senhor vai examiná-los lá.

Quando Incomo se levantou da banheira e se sujeitou a uma esfregada de uma escrava com uma toalha, o hadonra aproveitou a oportunidade para escapar. Já seco, mas ainda nu e

sozinho para transmitir as novidades, Incomo vociferou uma rara série de improperios. Renunciou à sua oportunidade de acariciar a escrava, que deixara de lado a esponja para ajudá-lo a se vestir, e isso o deixou bastante irritado. Apertou o cinto enfeitado com um nó rápido e, furioso, se apressou em localizar seu Senhor.

A busca o fez passar pela sala de jantar, pelo grande átrio, por inúmeras salas de reuniões, pelo gabinete particular de Tasaio, pelo escritório e por um quarto de exercícios, terminando, por fim, no campo de treinamento de tiro com arco, na ponta mais distante dos quartéis dos guardas. Incomo já ofegava e suava; nem parecia que tinha acabado de sair do banho. Fez uma reverência e falou em tom bem audível, para que seu Senhor não confundisse sua presença com a de um guerreiro. Vestindo uma leve túnica de seda e um elmo surrado e inadequado, Tasaio disparou sete flechas em rápida sucessão. Estalaram com uma precisão inquietante no centro de um pequeno escudo, pintado como um alvo e sustentado por um escravo que tremia de medo.

— Corps — disparou o Senhor dos Minwanabi. Acentuou a palavra com mais uma flecha, que passou silvando pelo meio das pernas do escravo antes de se cravar na terra seca típica do verão. O escravo se retraiu e esqueceu suas funções. Recuou com o rosto lívido de pavor.

A expressão de Tasaio não se alterou. A flecha seguinte acertou o infeliz exatamente na concavidade da garganta.

— Já lhes disse não sei quantas vezes que não devem se mexer! — O Senhor estalou os dedos e um criado se apressou a segurar seu arco e sua aljava. Tasaio descalçou a luva própria para o arco e voltou seus olhos âmbar para o Conselheiro-Mor.

— Ao dizer “corpos”, presumo que você localizou os espiões Acoma desaparecidos. Incomo engoliu em seco.

— Sim, Senhor.

— Cinco, você disse — reagiu Tasaio. — Mas sabíamos de apenas três.

— Sim, Senhor. — Incomo seguiu o Senhor com um passo apropriado quando ele, depois de se virar bruscamente, se afastou do campo de treinamento.

Tasaio puxou os nós dos dedos de sua mão esquerda, estalando cada uma das articulações.

— Vou inspecionar os corpos. Agora.

— Com certeza, Senhor.

Incomo apressou o passo para conseguir acompanhar o ritmo do alto guerreiro, com o suor jorrando em abundância de seu rosto. Quando chegaram à casa, levaram alguns minutos para encontrar o quarto de dormir que abrigava os corpos. Os criados sumiam diante da presença do Senhor. Tiveram, por isso, de fazer muitas perguntas para descobrir a resposta.

Tasaio jogou o elmo para um escravo que estava por ali e esperou com crescente impaciência.

— Você não foi eficiente — comentou, dirigindo-se a Incomo, mas felizmente tinha pressa

em inspecionar os corpos e se absteve de mais comentários. Atravessou a passos largos um corredor com pinturas, passou a grande velocidade por um guarda curvado e afastou um biombo para o lado.

O fedor de carne podre flutuou com a brisa gerada por seu movimento. Tasaio permaneceu imperturbável. Aparentemente indiferente à presença de tais horrores, entrou no quarto e ajoelhou-se para examinar as formas desajeitadas cheias de terra do que outrora haviam sido cinco homens. Incomo ficou do lado de fora da porta. Empenhado numa luta muda para dominar a agitação de seu estômago, viu seu Senhor passar os dedos compridos e questionadores sobre os restos mortais. Tasaio pôs a mão sobre uma marca no pescoço de um dos corpos, logo abaixo do local onde a cabeça fora cortada.

— Este homem foi estrangulado — murmurou entre dentes. — É obra de um assassino de uma seita. — Examinou o último corpo e descobriu um pequeno pedaço de tecido bordado com uma flor vermelha escondido na túnica do cadáver. — Hamoi! — Levantou-se revelando sua raiva voltando-se para enfrentar Incomo. — Depois de todas as minhas ofertas de metal, *essa seita deveria ser minha!*

O Conselheiro-Mor dos Minwanabi interpretou o olhar furioso de seu Senhor como um aviso. Fez de imediato uma reverência obediente.

— Senhor, suas oferendas foram generosas.

— Isso não deveria ter acontecido! — disse Tasaio, com uma raiva gélida. — Envie imediatamente um mensageiro. Quero que o Mestre da Seita compareça diante de meu dossel para se explicar.

Incomo abaixou-se ainda mais.

— Seu desejo é uma ordem, meu Senhor.

Não conseguiu mover seus velhos joelhos com rapidez suficiente para evitar o golpe do cotovelo de Tasaio quando este abriu caminho com os ombros para transpor a porta.

— Mande esta coisa imunda de novo para a vala e depois procure minha esposa — bradou o Senhor ao criado mais próximo. — Diga a ela que desejo tomar banho para retirar o fedor de podridão de meu corpo.

Incomo se ergueu e considerou que era uma boa ideia. Pensou, saudoso, na pequena escrava e na deliciosa massagem de sua esponja, mas a agitação do dia ainda não terminara.

Em sua banheira, Tasaio convocou uma interminável sucessão de criados para serem interrogados. Muitos reconheceram ter visto o assassino da seita que cometera os crimes; um Líder de Patrulha confessou até ter autorizado a entrada do assassino por um dos postos de controle nas colinas na divisa da propriedade. A explicação do homem para ter permitido a passagem do assassino tinha sua lógica:

— Todos os soldados sabem que meu Senhor adquiriu a lealdade da seita. O homem apareceu às claras no posto de controle, alegando estar a serviço de meu Senhor, e exibiu um documento.

Tasaio escutou aquilo com os olhos semicerrados e os lábios tensos. Fez um sinal de negação na direção de Incomo e, com pesar, o Conselheiro-Mor instruiu o escriba da casa a colocar o nome do guerreiro na lista de execuções imediatas. O soldado estaria morto antes de Tasaio se secar após o banho.

A Senhora Incarna continuou, mecanicamente, a passar a esponja nas costas do marido, mas seu rosto estava branco como cera e tinha um ar doentio. Parecendo uma marionete, ensaboou repetidamente os ombros esbeltos e musculosos do Senhor dos Minwanabi até Tasaio se cansar de suas atenções e se levantar de repente. Incarna deixou cair a esponja, derrubando a água do banho e tentando retê-la com um grito assustado.

— Silêncio, mulher! — Tasaio fez um movimento brusco com a cabeça molhada e escravos com toalhas se apressaram a secá-lo.

O mensageiro da guilda não poderia ter escolhido um momento pior para aparecer, nem o escravo que bateu à porta para anunciar a presença do homem no vestibulo, aguardando a presença do Senhor.

Sem disposição para se apressar, mas ainda assim impaciente com seu ajudante, Tasaio arrancou a túnica leve, mas exageradamente bordada, das mãos de seu criado pessoal. Enfiou-a pelos ombros, estendeu a mão para pegar o cinto decorado com conchas e agarrou as bainhas envernizadas de preto da espada e da adaga presas em um cinturão de pele macia de needra. Um escravo apertou suas sandálias e a última peça de vestuário foi uma jaqueta acolchoada com anéis de osso costurados que o protegia como uma armadura leve, mas sem ser tão incômoda.

— Mande o mensageiro se encontrar comigo em minha sala de armas — ordenou a seu moço de recados. Em seguida, sinalizou a Incomo para que o acompanhasse e saiu a passos largos, deixando a esposa supervisionando os escravos na sala de banhos como se sua posição não fosse superior à de um capataz.

A sala de armas do Senhor dos Minwanabi era um pequeno quarto sem janelas com paredes revestidas de lambris de madeira e repleto de suportes de espadas e de prateleiras para depositar armaduras. O único prazer pessoal de Tasaio desde que se tornara Governante fora adquirir extravagantes conjuntos de armas, alguns claramente concebidos para os rigores da guerra, outros resplandecentes em seus vernizes e entalhes, destinados a ocasiões cerimoniais; no entanto, havia uma terceira variedade fina, forte e estriada, concebida para ser usada secretamente debaixo da roupa. Tasaio foi passando de prateleira em prateleira, afagando elmos, couraças e bainhas de espadas e examinando depois as pontas dos dedos à procura de pó. Os escravos e os criados que cuidavam daquele cômodo sabiam que deviam mantê-lo imaculado; os antecessores que falharam nas inspeções do Senhor não sobreviveram.

Sentindo-se desconfortável naquele cômodo pequeno e abafado, Incomo tentou diminuir seu mal-estar ao se colocar o mais longe possível da lamparina, que estava quente, o que atrairia atenções indesejadas caso o olho atento do Senhor se voltasse para ele. Quietamente como

todos os servos Minwanabi ultimamente tinham aprendido a ser, esperou enquanto o Senhor passava de espada para espada e de elmo para elmo, detendo-se por vezes para ajeitar uma fivela ou um botão, ou para passar um dedo pelo gume de uma lâmina. Tasaio estava experimentando uma adaga quando o mensageiro se curvou ao lado da porta. O Senhor olhou de modo fugaz para os símbolos da guilda do homem, só o suficiente para reparar nas cores do grupo de Sulan-Qu. Então falou em seu modo ilusoriamente gentil:

— Qual é sua mensagem?

O homem endireitou-se.

— Uma proposta de Mara dos Acoma — começou a responder, silenciando de repente quando Tasaio se voltou com uma rapidez de cortar a respiração. O mensageiro engoliu em seco, acanhado, ao sentir a ponta de uma espada na garganta. Fitou os olhos do homem que brandia a espada e detectou neles uma total falta de expressão que o deixou completamente aterrorizado. — Meu Senhor — disse, com voz insegura —, não passo de um mensageiro de uma guilda, contratado para levar mensagens.

Tasaio não moveu um músculo.

— E você me trouxe uma carta? — Sua voz não se alterou nem um pouco.

Incomo pigarreou com cautela.

— Meu Senhor, o mensageiro da guilda é inocente e tem a vida protegida por juramento.

— É mesmo? — replicou Tasaio. — Ele pode falar por si mesmo.

O mensageiro inspirou com dificuldade.

— A Senhora Mara solicita uma reunião — começou por dizer e, em seguida, se deteve ao sentir a espada vibrar.

— Você não vai mencionar esse nome sob este teto, dentro destas paredes. — Tasaio forçou mais um pouco a ponta da arma e um fio vermelho escorreu do pescoço do homem. — E o que quer essa Senhora triplamente amaldiçoada com esse encontro? Não quero conversar; desejo apenas vê-la morta.

O mensageiro piscou de desconforto. Suspeitando que estava lidando com um louco e convencido de que uma garganta cortada seria seu fim, reuniu sua dignidade e corajosamente concluiu as palavras que sua guilda o incumbira de transmitir:

— Essa Senhora solicita ao Senhor dos Minwanabi que visite sua propriedade para uma reunião.

Tasaio lentamente abriu um sorriso. Impressionado com a coragem daquele homenzinho, baixou a espada, limpou a ponta com um pano de polir e recolocou a arma no suporte. Com um reflexo, jogou o pano na direção do mensageiro, dando-lhe também permissão, com um gesto, para que cuidasse do arranhão na garganta. Faltou ao homem da guilda o atrevimento para recusar; levou o pano levemente oleoso ao pescoço e, com medo, começou a passá-lo no arranhão. E, como se nenhum estranho estivesse presente, Tasaio retomou sua inspeção. Vagando por entre as peças de sua coleção, dirigiu-se a seu conselheiro como se este fosse o

único ocupante do cômodo.

— Ah, Incomo, creio que eu a assustei para valer — disse. — Minha emboscada e meu assassino podem não ter atingido meus objetivos, mas a cadela de Sezu está ficando assustada. A causa dela foi ajudada pela sorte, mas a fortuna não é eterna. Ela sabe que não dura nem mais um ano. — O Senhor dos Minwanabi passou de uma estante de armaduras para outra. Deslizou o dedo por um gorjal blindado como se procurasse um ponto fraco. — Talvez a Senhora ofereça um compromisso, digamos o sacrifício do nome e da linhagem dos Acoma em troca da sobrevivência do filho.

Incomo curvou-se com todo o respeito.

— Meu Senhor, essa é uma suposição perigosa. Assim como o Senhor, a Senhora sabe que já passou do ponto em que poderia ceder. Ela iniciou uma rixa de sangue com seu tio Jingu e Desio se comprometeu perante Turakamu. Pela honra de seus antepassados, com o risco de desagradar o Deus Vermelho, ela sabe que não está em posição de negociar.

Tasaio deixou o gorjal cair com um estrépito igual ao de um dado caindo na mesa de jogo.

— Ela está desesperada — insistiu. — Que venha se encontrar comigo aqui, se deseja conversar.

A sala de armas pareceu tremendamente claustrofóbica. Incomo arriscou um pequeno movimento para limpar a testa e se atreveu a mais uma interrupção:

— Meu Senhor, atrevo-me a lembrar que o Senhor Jingu subestimou a garota e nesta própria casa ela forçou uma situação que o levou ao suicídio.

Sandálias arranharam suavemente o piso de madeira encerado quando Tasaio apoiou um cotovelo em uma excelente armadura. Os olhos dourados que fixou em seu Conselheiro-Mor se mostraram arregalados e brilhantes sob a luz da lamparina.

— Não sou um covarde — disse baixinho. — E meu tio foi um imbecil.

Incomo assentiu rapidamente.

— Mas até o mais valente dos homens deve agir com cautela.

Tasaio estreitou perigosamente os olhos.

— Você está sugerindo que ela pode me ameaçar? — Bateu com o dedo na cabeça e cuspiu no chão. — Aqui? Não se engane só porque ela no momento é forte demais para sucumbir a um ataque aberto. É apenas uma questão de tempo antes de eu avançar e acabar com ela. Na verdade, devo aproveitar a oportunidade para ver meus guerreiros pilhando e incendiando a propriedade dela. Talvez deva encarar esse pedido de negociação como uma oportunidade de ir até lá e observar o local em termos de táticas de assalto.

O mensageiro da guilda pareceu inquieto com o rumo que a conversa tomava. Sua função como mensageiro requeria discrição, mas a conversa que presenciava era daquelas que não tinha interesse em testemunhar. Facções rivais poderiam torturá-lo para saber o que escutara; sua guilda era bem respeitada, mas isso não o tornava sagrado durante o tempo que passava com a família, quando não usava os símbolos oficiais.

Incomo limpou de novo a testa, mas o suor continuou escorrendo pela gola. Com a experiência de servir três gerações de Senhores Minwanabi, sua argumentação resumiu-se ao silêncio.

Tasaio já inspecionara todas as peças. Não pôde abandonar o cômodo sem confrontar seu Conselheiro-Mor ao lado da entrada; Incomo ficou fixo como uma pedra entalada no leito de um rio quando na verdade queria fazer valer sua opinião.

— Muito bem — concluiu o Senhor dos Minwanabi. — Não me reunirei com a cadela no amaldiçoado solo dos Acoma. — Em seguida, dirigiu-se de forma curta e seca ao mensageiro: — Aqui está minha resposta: diga à Senhora que concordo com o encontro, mas a céu aberto e em minhas terras. Veremos se ela tem coragem de aceitar e se é estúpida a esse ponto.

O mensageiro se curvou, aliviado, e saiu como uma flecha pelo espaço deixado por Incomo. Tão firme quanto o batente da porta onde estava encostado, e com uma prudência adquirida pela idade, o conselheiro fitou Tasaio.

— Meu Senhor, se tem em mente alguma trapaça, ainda assim aconselho cautela. Mara não é uma simples garota, mas um inimigo a se temer. Ela reuniu o Clã Hadama, o que não é uma tarefa simples, e mesmo que fosse trazida nua e acorrentada até o Senhor, cercada pela guarda Minwanabi, ainda assim deveria ser prudente.

Tasaio fitou fixamente os olhos bajuladores de seu conselheiro.

— Eu sou prudente — disse em tom calmo. — Prudente o suficiente para não permitir que essa questão se transformasse na obsessão que foi para meu primo Desio. Pretendo matar Mara. Mas não preciso de promessas magnificentes ao Deus Vermelho para cuidar do assunto nem darei aos antepassados dela a satisfação de me verem perder uma noite de sono que seja por causa disso. Agora, afaste-se. Quero fechar a sala de armas e desejo que me levem uma refeição leve para o jardim no terraço perto da margem do lago.

O Senhor dos Minwanabi passeou vagarosamente pelo jardim no terraço até muito depois do pôr do sol. Grandes tochas ardiam no alto de mastros, dentro de recipientes de cerâmica; um tapete fora estendido sobre as pedras e um dossel de madeira fora levado para lá, e sobre ele Tasaio se sentou, girando entre os dedos um cálice de vinho, tal como fazia em campanha. A margem do lago era muito semelhante a um campo de batalha, com guerreiros de armadura representando um ataque simulado numa colina baixa perto da água. O delicado chapinhar dos peixes sendo alimentados foi entrecortado pelos gritos de comando. Aos pés de Tasaio, sentou-se um garoto que nos últimos tempos aprendera o ofício de escriba, com um giz afiado nos dedos, tensos demais para ocultar o quanto tremiam. Enquanto o Senhor comentava o desempenho de seus soldados em voz baixa e sussurrada, o garoto rabiscava suas palavras com um olhar carregado devido à extrema concentração. Estava apenas copiando o trabalho

do escriba destacado para lhe ensinar aquela arte, mas, se o Senhor dos Minwanabi decidisse avaliá-lo, poderia ser espancado por não conseguir atingir determinado padrão de qualidade.

Os guerreiros na colina avançaram em perfeita harmonia e, absorvido por todos os detalhes do exercício, Tasaio de início não reparou no mensageiro da casa prostrado, em reverência, no topo da escadaria do terraço. O infeliz teve de elevar a voz para atrair sua atenção.

— O que foi? — perguntou Tasaio, tão bruscamente que o escriba deixou cair a lousa. O giz saiu quicando pelo tapete e rolou até se deter na testa do mensageiro, apoiada na pedra do último degrau.

— Meu grande Senhor, o Mestre da Seita dos Hamoi chegou, em resposta a sua convocação.

Tasaio avaliou por alguns momentos o incômodo de se reunir com o homem da seita e de interromper o exercício de combate noturno. A vontade de questionar o homem da seita venceu.

— Traga-o aqui. — Então, nitidamente preocupado com um assunto que o aborrecia, olhou de relance para a lousa do aprendiz e comparou a letra atrapalhada com a escrita refinada e treinada de seu mestre. — Leve essa lousa daqui e fique satisfeito por não ordenar que o espanquem com ela. — Fazendo sinal ao escriba mais velho para que permanecesse, deu uma olhada nos soldados na colina.

Com uma profunda reverência, e tentando não chorar apesar da terrível reprimenda, o aprendiz recolheu seu material. Apressou-se a ir embora, quase se chocando com o criado da casa que acompanhava o visitante até o dossel do Senhor.

O Mestre da Seita, ou *Obajan*, na língua antiga, era um homem de grande envergadura e volumoso, mas sem um grama de gordura. Salvo pela trança comprida amarrada no topo da cabeça e que lhe caía pelas costas, tinha a cabeça raspada e tatuada com padrões vermelhos e brancos. O nariz era achatado e a tez, extremamente escura; tinha vários brincos nas orelhas. Suas joias consistiam em pingentes e anéis de osso que tilintavam suavemente quando caminhava, e o cinto tinha laços costurados no couro, cada um deles com um variado conjunto de instrumentos mortais: meia dúzia de adagas, um garrote com lastro, estrelas para atirar, proteções de dedos, furadores, frasquinhos de veneno e uma comprida espada de metal. Apesar de ser considerado um fora da lei segundo os padrões tsurani, exigia, de quem quer que encontrasse, o respeito devido a um Governante. Surgiu acompanhado por dois assassinos vestidos de negro, o máximo que Tasaio permitiria como guarda de honra. O Mestre da Seita aproximou-se de Tasaio e inclinou levemente a cabeça.

— Como tem passado, meu Senhor? — perguntou. Sua voz soou como um ribombar sinistro.

Tasaio o ignorou intencionalmente por um longo período; em seguida assentiu uma vez com a cabeça, sinal de que tudo ia bem. Mas o Senhor dos Minwanabi não procurou saber da

saúde do Mestre da Seita, um insulto bem marcado. O silêncio consumiu o visitante. Como se o metal recebido daquele homem, de repente, tivesse deixado um gosto de leite coalhado, o chefe da seita falou em tom azedo:

— O que quer, meu Senhor?

— Isto: o nome de quem contratou sua seita para assassinar cinco criados em minha casa.

O Mestre da Seita ergueu a mão de forma imprudente. Os guerreiros alinhados atrás do dossel dos Minwanabi mudaram de posição de imediato, a postos para atacar, levando o enorme homem a se deter. Mas ele não era um escravo, nem mesmo um homem de temperamento fraco. Fixando seus olhos nos do anfitrião, o Mestre da Seita dos Hamoi ergueu lentamente a mão para coçar o queixo e respondeu em tom mordaz:

— Senhor Tasaio, a ordem veio em seu nome.

Tasaio saltou de suas almofadas com uma velocidade que levou os dois assassinos a levar rapidamente as mãos às suas espadas. O Mestre da Seita sinalizou para que retomassem às posições anteriores.

— Em meu nome? — exigiu saber Tasaio. — Eu ordenei isso? Como você se atreve a proferir essa mentira?!

O Mestre da Seita cravou o olhar em Tasaio, os olhos apertados devido à luz bruxuleante das tochas.

— Palavras duras, meu Senhor. — Hesitou por alguns momentos, como se avaliasse a urgência de encarar a ofensa como um insulto à sua honra. — Mostrarei o documento, com sua assinatura e seu selo pessoal.

Atônito e confuso pela primeira vez na vida, Tasaio se recostou.

— Meu selo pessoal? — Seus modos se tornaram gélidos. — Deixe-me ver.

O enorme homem levou a mão à túnica e retirou de lá um pergaminho. Tasaio arrancou o documento das mãos tingidas de vermelho. Cortou as fitas com sua adaga, desenrolou o pergaminho e, de cenho franzido, analisou seu conteúdo. Revirou o documento de todas as maneiras e rugiu a um escravo para que se aproximasse com uma das tochas, virando as costas ao *Obajan*. Com uma unha, raspou o selo estampado com tinta.

— Pelo sopro de Turakamu — murmurou. E depois ergueu a cabeça, com um olhar mortal. — Que criado entregou esta mensagem?

O Mestre da Seita mexeu em um brinco.

— Não foi um criado. A ordem foi deixada no local habitual de comunicação — revelou tranquilamente.

— É uma falsificação! — sibilou Tasaio, com seu temperamento Minwanabi fora de controle. — Não escrevi uma única palavra disto. Nem meus escribas.

O rosto do Mestre da Seita permaneceu impassível.

— Não escreveu?

— Acabei de dizer isso! — vociferou o Senhor dos Minwanabi, virando-se de repente e

colocando imediatamente a mão no punho da espada. Apenas um gesto do líder voltou a evitar que os assassinos se pusessem em posição de ataque.

Tasaio caminhou pesadamente de uma ponta a outra do dossel, contornando, como um predador faminto, a figura volumosa do *Obajan*.

— Paguei a você uma fortuna em metal para que me servisse, não para que semeasse a destruição em minha própria casa, nem para que obedecesse cegamente às ordens de qualquer rival engenhoso o bastante para falsificar documentos! Algum louco se atreveu a copiar o selo da família Minwanabi. Você vai encontrá-lo para mim. Quero a cabeça dele.

— Sim, Senhor Tasaio. — O Mestre da Seita tocou a testa com a mão esquerda, um sinal de concordância. — Vou seguir a pista da mensagem e o culpado será enviado em pedacinhos.

— Faça com que isso aconteça. — Tasaio desembainhou a espada e golpeou o ar com um som cortante. — Faça com que isso aconteça. Agora, suma da minha frente antes que entregue sua carne a meus torturadores para fazerem uma experiência com você ainda vivo.

— Procure não me enfurecer, Senhor Tasaio — avisou o Mestre da Seita. Fez um gesto a seus assassinos para que recuassem quando avançou para enfrentar o Governante dos Minwanabi. E acrescentou em voz baixa: — Os Hamoi não são vassalos, algo de que o Senhor deveria se lembrar. Sou o *Obajan* dos Hamoi. Farei isso porque minha família foi desonrada, tanto quanto a sua, não porque me ordena. O destino nos ofereceu um inimigo comum, meu Senhor, mas nunca mais me ameaça. — Olhou para baixo e Tasaio seguiu seu olhar. Entre o indicador e o polegar, o homem brandia uma pequena adaga, oculta a todos os outros. O Senhor dos Minwanabi não se retraiu nem se desviou. Simplesmente devolveu o olhar diretamente nos olhos do *Obajan*. Sabia que bastaria ao homem um pequeno movimento para a lâmina matá-lo antes de poder sequer erguer sua espada. Algo semelhante a um humor selvagem brilhou nos olhos de Tasaio quando o Mestre da Seita voltou a falar: — Adoro sangue. Para mim, é como leite materno. Lembre-se disso e poderemos ser aliados.

Tasaio virou-se de costas, ignorando o risco.

— Vá em paz, *Obajan* dos Hamoi — disse.

Os nós de seus dedos ficaram brancos no punho da espada. O Mestre da Seita deu a volta, com leveza para um homem de seu tamanho e com a adaga desaparecendo na túnica antes que alguém mais a conseguisse ver. Saiu a passos largos, seguido por seus guardas de honra, um de cada lado, e abandonou o terraço, deixando um homem furioso e enraivecido despedaçando fantasmas no ar.

Confronto

Soaram trombetas.

Uma dúzia de carregadores de uniforme levou uma plataforma, sobre a qual Mara agarrava com firmeza o parapeito de madeira. Esforçou-se para parecer segura de si, apesar de intimamente ter a noção de seu ar ridículo ao vestir a nova armadura de Chefe de Guerra Hadama. Pouco habituada à rigidez das grevas e dos guantes e completamente desconfortável com guarnições, fivelas e couraça, obrigou-se a permanecer ereta. Keyoke e Saric insistiram que, apesar de poder continuar a vestir túnicas formais nas reuniões, em sua primeira aparição pública como Chefe de Guerra do Clã deveria se apresentar de acordo com seu cargo.

Mara não entendeu como um homem poderia lutar e manusear uma espada com o peso restritivo de tanto material. Nutrindo uma admiração renovada pelos guerreiros que marchavam nas fileiras atrás, liderou o exército do Clã Hadama, uma força de quase dez mil homens, rumo aos portões da Cidade Sagrada. Sentado a seus pés, de forma adequada a seu posto, Kevin tentou parecer um submisso escravo pessoal. Mas, com campos gramados de ambos os lados da estrada cheios de gente aplaudindo e acenando, teve muita dificuldade para contar sua excitação. Falando com o rosto virado para sua Senhora, para que poucos conseguissem escutá-lo por cima do ruído da multidão, ele riu.

— Parecem felizes em vê-la, minha Senhora.

Mara descontraíu-se o suficiente para responder de forma discreta:

— Assim espero. São raras as mulheres guerreiras na História do Império, mas as poucas lembradas são lendárias, quase tão únicas como os Servos do Império. — Depois ela tentou desvalorizar sua fama recém-conquistada: — Qualquer multidão adora um espetáculo. Aplaudiriam quem quer que estivesse nesta plataforma.

— Talvez — concordou Kevin —, mas acho que sentem que o Império corre perigo e a veem como alguém que lhes traz esperança.

Mara observou as pessoas que enchiam o caminho até as portas da Cidade Sagrada. Todas as classes e negócios estavam representados, desde camponeses queimados pelo sol até condutores de carroças, mercadores e mestres de guildas. Todos pareciam apoiar fervorosamente a Senhora dos Acoma. Muitos gritavam seu nome, enquanto outros lançavam

símbolos de papel dobrado para dar sorte. Mara permaneceu cética diante da admiração.

— Eles sabem quem é seu inimigo e certamente estão tão cientes do espírito maligno de Tasaio quanto você. Por cortesia, os nobres podem não falar mal uns dos outros, mas asseguro a você que o povo não se deixa levar por essas restrições. Com a possibilidade de escolha, apoiam aquele cuja política provavelmente será mais misericordiosa. E, no caso, qual seria? A sua ou a do Senhor dos Minwanabi? — analisou Kevin.

Mara obrigou-se a aparentar uma calma que não sentia; a lógica de Kevin pareceu reconfortante. Até poderia ser verdadeira. Mas o apoio do povo não teria peso no desfecho da luta em curso. Consciente de que nos próximos dias ou venceria ou morreria, Mara tentou não pensar nas consequências. Não havia outras opções. Os ataques que ela e o filho haviam sofrido a forçaram a agir assim ou manter uma estratégia defensiva até o dia em que seus guerreiros, sua guarda ou sua rede de espiões falhassem de novo e a espada de Tasaio encontrasse seu coração.

No dia em que seu pai, Sezu, caiu vítima de uma armadilha dos Minwanabi, escolheu lutar até a morte em vez de envergonhar seus antepassados optando pela fuga e por uma vida de covardia. Mara não poderia fazer menos; tentara encontrar uma solução para aquela situação com seu pedido para se encontrar com Tasaio. Se ele recusasse, deveria confrontá-lo. E, contudo, sem qualquer plano que poupasse sua casa ou sua honra, a postura dela não passava de exibição de coragem. Conforme avançava triunfalmente sobre a plataforma, à frente da força militar do Clã Hadama, em sua mente se formava um pântano de medos.

— Olhe para aquilo! — exclamou Kevin.

Arrancada de sua mórbida introspecção, Mara olhou para o local indicado e sentiu um aperto na garganta. Um exército acampado a oeste da Cidade Sagrada. As colinas pareciam um mosaico de tendas e estandartes coloridos, que Kevin logo contou.

— Penso que o acampamento deve abrigar uns quinze mil guerreiros — revelou, após um cálculo aproximado.

O acesso de nervosismo de Mara se suavizou quando identificou os estandartes.

— Trata-se de parte do Clã Xacala. O Senhor Hoppara trouxe os Xacatecas com toda a sua força. Outros o seguiram. — Mas não eram apenas os seus aliados que marcavam presença maciça. Mara apontou com a cabeça para o outro lado do rio. — Olhe para lá.

A estrada seguia o Gagajin e Kevin vislumbrou na margem mais distante um outro exército, com as tendas bastante aglomeradas e o terreno repleto de mastros de estandartes.

— Por todos os deuses! Deve haver cinquenta ou sessenta mil guerreiros naquelas colinas. Parece que metade dos Senhores do Império trouxe todos os homens capazes de vestir armadura e carregar uma espada.

Mara assentiu, com a boca esticada de um modo sinistro.

— Tudo será resolvido aqui. Os que estão do outro lado do rio respondem a Tasaio. Aquela é a força do Clã Shonshoni, de outras famílias vassalas ou dos aliados dos

Minwanabi. Consigo distinguir os estandartes dos Tondora e dos Gineisa junto ao rio. E, claro, os Ekamchi e os Inrodaka, que, afinal, se bandearam para o lado de Tasaio. — Fez um gesto abrangente com a mão. — Apostaria que os Senhores dos Keda e dos Tonmargu estão acampados ao norte da cidade, com seus aliados, cerca de quarenta mil espadas. E estou certa de que, longe da cidade, outros cem mil guerreiros estão a um dia de marcha. Muitos membros de famílias menores permanecem em lugar seguro, mas perto o bastante para recolher os corpos em caso de conflito. — Baixou a voz como que temendo que ouvidos errados a pudessem escutar: — Com tantos soldados prontos a entrar em ação, conseguiremos evitar uma guerra civil?

Os aplausos da multidão e o ambiente festivo e alegre de repente pareceram irreais. Consciente de que sua Senhora tremia sob a armadura, Kevin encolheu os ombros na direção dela para reconfortá-la.

— Poucos soldados têm vontade de matar. Dê-lhes um pretexto e logo vão tomar uns tragos uns com os outros... ou se envolver em uma conversa amigável. Pelo menos, é assim que acontece em meu mundo.

No entanto, não poderia ignorar o contraste entre as expressões animadas de que se lembrava de Midkemia e o semblante fechado presente até mesmo no mais insignificante pedinte de Kelewan. Kevin guardou para si o pensamento de que nunca conhecera uma gente com tanta vontade de morrer quanto os tsurani. Enquanto as pessoas se mantivessem calmas e não comesçassem a insultar as mães umas das outras, todas aquelas facções poderiam evitar um banho de sangue. Mas bastaria um deles dar um passo em falso para entornar o caldo... O pensamento ficou por concluir. Mesmo sem que aquilo tivesse sido dito, Mara não era cega a ponto de se arriscar. Uma espada desembainhada em nome da honra e todo o Império tremeria. Isso poderia ser evitado? Depois de testemunhar os massacres ocorridos na Noite das Espadas Sangrentas, Kevin nem se deu ao trabalho de avaliar as possibilidades.

Assim que a vanguarda dela se aproximou dos portões em arco da cidade, as multidões de admiradores boquiabertos se afastaram. No silêncio de uma estrada subitamente deserta, uma patrulha de guerreiros imperiais avançou ao encontro do séquito dos Hadama. Mara ordenou uma parada diante dos portões quando o Líder de Ataques se aproximou, com sua armadura branca brilhando intensamente sob o sol matinal.

— Mara dos Acoma! — chamou.

Pouco habituada ao peso do elmo emplumado que lhe fazia sombra sobre a testa, Mara assentiu levemente.

— Por que conduz o Clã Hadama à Cidade Sagrada? — exigiu saber o oficial do Imperador.

Do alto de sua plataforma, Mara olhou para baixo na direção do jovem arrogante, extremamente confiante em seu cargo imperial. Por fim, falou:

— Você envergonha a Luz do Céu com sua falta de modos.

O oficial ignorou a bronca.

— Senhora, responderei por meus atos quando Turakamu decidir que devo seguir para a Roda da Vida. — O jovem deu uma olhada nos exércitos acampados nas margens do rio e depois fitou com nítida reprovação os guerreiros enfileirados atrás da plataforma de Mara. — Os modos são a menor de nossas preocupações. Se for esse o desejo dos deuses, muitos de nós poderão encontrar seu destino bem cedo. Sigo ordens. — Obviamente tenso por dispor de apenas vinte soldados às suas costas, enquanto Mara contava com muitas centenas prontas para responder a seu chamado, ele respondeu sem papas na língua: — O Comandante das Forças Armadas Imperiais insiste que eu ouça suas explicações para ter trazido as forças do Clã Hadama para a Cidade Sagrada.

Mara compreendeu que criar caso com aquela exigência poderia ser a fagulha que inflamaria o conflito. Achou sensato ignorar o desrespeito.

— Viemos nos reunir com outros de nosso status e posição, no interesse do bem-estar do Império.

— Assim sendo, siga para seus aposentos, Senhora dos Acoma, e saiba que a Paz Imperial paira sobre você. Uma guarda de honra de soldados Acoma pode acompanhá-la, com igual número de soldados do clã para cada Senhor dos Hadama que for junto. Mas fique sabendo que a Luz do Céu ordenou o fechamento do Salão do Conselho até segunda ordem. Quem quer que procure entrar no palácio sem consentimento imperial será considerado traidor do Império. Agora, queira fazer a gentileza de prosseguir.

O jovem oficial se afastou para o lado para conceder passagem à plataforma da Chefe de Guerra e à sua guarda de honra. Antes de retomar a marcha, Mara inclinou-se para Lujan e distribuiu ordens rapidamente:

— Informe ao Senhor dos Chekowara e aos demais: vamos nos encontrar em minha casa na cidade ao pôr do sol.

O Comandante das Forças Armadas fez uma rápida reverência.

— E os guerreiros, Senhora?

Mais uma vez, Mara vasculhou as colinas ao redor com seu manto de tendas e estandartes, soldados e suportes de armas.

— Procure o estandarte dos Minwanabi e instale os homens o mais próximo possível dele. Quero que Tasaio saiba que, não importa o que faça, tem uma adaga Acoma encostada na garganta.

— Seu desejo é uma ordem, Senhora.

Lujan começou então a distribuir suas ordens aos oficiais indicados e depois reuniu a guarda de honra. Com toda a formalidade, Mara indicou à sua companhia que atravessasse os portões da cidade. Quando o Senhor dos Chekowara e os outros Senhores Hadama a seguiram, de acordo com a hierarquia, desejou dispor de uma forma de reprimir o pavor que se instalara na boca do seu estômago. Tudo seria decidido ali, nos próximos dias, e ainda não fazia ideia

de como evitar o destino que os Minwanabi lhe haviam jurado, isto é, sacrificá-la e a seu herdeiro de nove anos em nome do Deus Vermelho. A armadura que vestia pareceu pesar em seus ombros e os gritos da multidão soaram desconfortavelmente alto. Haveria algum lugar, pensou, onde pudesse encontrar a paz necessária para refletir?

A travessia da cidade até sua casa deixou Mara exausta. Atribuindo seu cansaço ao desânimo, adiou as reuniões iniciais e tirou a tarde para descansar. A alteração da agenda acabou dando tempo a Arakasi para procurar seus agentes na cidade e reunir toda a informação possível. Ela, seu Mestre dos Espiões e Lujan cearam a sós, discutindo diversas formas de atuação para conter a ambição dos Minwanabi. Ninguém apresentou qualquer ideia brilhante.

O Clã Hadama se reuniu na manhã seguinte. Em meio às folhas recém-podadas do jardim interno, os mais proeminentes Governantes do clã, assim como meia dúzia de aliados, sentaram-se num amplo círculo em volta da fonte central. Acima do barulho da água caindo, o Senhor dos Ontara aventurou-se a dar sua opinião:

— Senhora Mara, Governantes sem qualquer apreço por Tasaio estão do lado dele contra o Imperador simplesmente porque Ichindar desafiou as tradições. Muitos membros de nosso próprio clã temem um Império liderado por um único homem, mesmo que esse homem seja a Luz do Céu. Um Senhor da Guerra pode comandar, os deuses assim o sabem, embora não passe do primeiro entre iguais. — Outros murmuraram, concordando.

Sentindo-se ainda estranhamente indisposta, Mara fez um esforço para se concentrar. As observações curtas e grossas de Kevin sobre a política tsurani eram acertadas num ponto: eles mais adoravam suas regalias do que odiavam a crueldade, o assassinato e a devastação. Tendo percebido recentemente que seu modo de pensar se alterara a um ponto incompreensível a quase todos os seus pares, Mara fitou os homens do clã e aliados e procurou demonstrar tato:

— Aqueles que se agarram cegamente à tradição, ou que temem a mudança, são tolos. Uma aliança com Tasaio é o mesmo que acolher um relli, que se aproveitará de seu calor e alimento, mas no final o matará. Se lhe for permitido diminuir o poder do Imperador, o rumo das coisas será ainda pior do que um governo absolutista. O Senhor dos Minwanabi é jovem. Pode vestir durante décadas o branco e dourado. É inteligente, implacável e, falando sem rodeios, adora ver os outros sofrerem. É um jogador de tal forma esperto que pode tornar a sucessão um assunto controverso. Almecho e Axantucar estiveram perto de criar um cargo hereditário. Acham que a ambição de Tasaio dos Minwanabi seria menor?

Diversos Senhores se entreolharam, pois figuravam entre aqueles que mostraram inclinação a apoiar a previsível pretensão de Tasaio ao branco e dourado. Com o Clã Omechan caído em desgraça pela vergonha de Axantucar, os Minwanabi tinham ficado sem

rivais como candidatos ao cargo. O Senhor dos Xacatecas era jovem demais e o Senhor dos Keda, um aliado próximo o bastante da Facção da Roda Azul para contrariar o Imperador. O único possível rival seria o Senhor dos Tonmargu, se os Anasati lhe dessem apoio total; no entanto, Jiro não era considerado de confiança — suas intenções não eram bem claras e mostrara nitidamente que não seguiria os passos do pai. Fofocas e rumores de traficantes de informações davam como certo que Tasaio seria o próximo Senhor da Guerra. A questão mais pertinente, porém, parecia ser saber se ele conquistaria o branco e dourado de modo pacífico ou por meio de uma guerra sangrenta. Entre todos os presentes, o Senhor dos Chekowara se revelou o único suficientemente descontraído para se servir dos bolos colocados nas bandejas. Limpando migalhas do queixo, deu sua opinião:

— Mara, desde que se tornou Governante, em tudo o que faz demonstra uma capacidade brilhante e consistente de improvisar. Podemos assumir que tem uma carta na manga reservada para Tasaio?

Sem saber ao certo até que ponto aquela pergunta se baseava em rancor por ela ter assumido seu antigo cargo, ou se era apenas um pedido honesto para se sentir mais seguro, Mara procurou alguma pista na expressão dele. Mas o rosto amplo do Senhor Benshai permaneceu impassível. Ao forçar seu clã a uma obediência cega, ela também assumira a responsabilidade de assegurar a sobrevivência de todos. Embora ainda não fizesse ideia de como iria proceder, em vez de permitir que a dúvida abalasse as fundações da nova aliança, optou por ser evasiva:

— Não vai demorar até que Tasaio não comande nada além de vermes debaixo da terra, meu Senhor.

Os outros Senhores presentes se entreolharam. Como desafiar aquela declaração categórica envolvia uma questão de honra, ninguém se apressou a contrariá-la. Após um incômodo minuto, os Senhores do Clã Hadama começaram a se levantar e a cumprimentar sua Chefe de Guerra. Todos estavam bem cientes de que, antes do final da semana, Tasaio marcharia pela cidade para confrontar o Imperador e exigir a restauração do poder do Conselho Supremo. Como Mara iria impedi-lo era algo que ninguém poderia adivinhar; era certo que não dispunha de poder militar para desafiar o Senhor dos Minwanabi em campo. No entanto, tinha inteligência e presença suficientes para nem mesmo Benshai dos Chekowara se atrever a se opor a ela em sua casa.

O último dos Senhores partiu e, após acompanhá-los até a porta, Saric entrou no jardim do pátio e ficou surpreso ao ver sua Senhora ainda sentada ao lado da fonte. Preenchendo, de modo não oficial, o papel de Nacoya como Conselheira-Mor, ele perguntou com gentileza se havia algo que sua Senhora desejasse. Mara levou um bom tempo para responder. Voltando para ele um rosto chocantemente pálido, murmurou:

— Chame minha criada, por favor.

Nem parecia que era ela. Consciente de que em determinados assuntos não poderia ocupar

o lugar de Nacoya e percebendo intuitivamente que, de algum modo, sua Senhora necessitava de mais compreensão do que poderia lhe dar, Saric sentiu-se perdido e hesitou.

— Sente-se mal, Senhora?

Mara pareceu se esforçar para conseguir falar:

— Uma dor de estômago. Vai passar.

Mas Saric ficou bastante assustado. Subitamente, a Senhora lhe pareceu muitíssimo frágil. Temendo que pudesse ter contraído a febre de verão, ou, pior, que um inimigo pudesse ter encontrado uma forma de envenená-la, o conselheiro dos Acoma deu um rápido passo à frente. A preocupação foi suficientemente visível para Mara notá-la.

— Em uma hora já terei me recuperado — assegurou-lhe, e em seguida fez um breve aceno com a mão. — Minha criada saberá me deixar confortável.

A preocupação de Saric transformou-se numa interrogação penetrante, diante da qual a Senhora se encolheu sem comentários. Não mentira. Afinal, percebera que o cansaço dos últimos dias não se devia apenas à fadiga; o estômago embrulhado pela manhã era um típico indício de gravidez. Com Ayaki, não conseguira segurar o desjejum no estômago nas primeiras nove semanas em que o carregara no ventre. Lembrando-se abruptamente de que Saric fora soldado por tempo suficiente para ter observado aquele estado nas mulheres que seguiam as colunas militares, ordenou-lhe de forma categórica que saísse antes de ele ter tempo de transformar suas suspeitas em certeza. Ficou a sós até a criada chegar. Mara sentiu a tristeza crescer dentro de si. Permitiu que as lágrimas se acumulassem em seus olhos, consciente de que suas emoções eram ampliadas pelas alterações em seu corpo. Seria, por ora, condescendente consigo mesma, ao contemplar escolhas amargas, pois em breve precisaria agir com... como é que Kevin chamava? Nervos de aço! Sim, com dureza na alma. E ao pensar em seu amado, sentado em silêncio em seus aposentos esperando que o chamasse ou que voltasse para perto dele, as lágrimas jorraram livremente por seu rosto.

Acima de tudo, Kevin nunca poderia descobrir que ela carregava um filho seu. Esse simples fato o uniria a ela de tal forma que seria cruel tentar mandá-lo embora. A devoção dele a Ayaki mostrava o quanto gostava de crianças. Embora nunca tivesse abordado o assunto, Mara percebera o desejo em seus olhos. Sabia que ele ansiava por um filho ou filha e que, pelo código de honra de sua terra natal, essas coisas não eram encaradas de modo leviano. Em Kelewan, o filho bastardo de um escravo não seria um problema. Os filhos ilegítimos de Senhores ascendiam muitas vezes a altos cargos no seio de suas próprias casas. Mas para Kevin o assunto seria mais importante que a própria vida. Não, o homem que amava nunca poderia saber, e isso significava que os dias em sua companhia estavam contados.

A criada chegou e, ao ver sua Senhora perturbada, colocou-se imediatamente ao seu lado.

— Senhora, o que posso fazer para ajudá-la?

Mara estendeu a mão.

— Só me ajude a me levantar sem que eu fique indisposta. — O pedido foi pronunciado

num sussurro constrangido.

Assim que a Senhora dos Acoma se ergueu sobre os pés trêmulos, percebeu que a gravidez era apenas uma pequena parte da razão de estar doente. A tensão que havia dentro dela era como a corda de um arco esticada até seu limite. Ela teve esperança de que um dia a criança em seu ventre fosse considerada como sendo de Hokanu e que crescesse como Senhor dos Shinzawai... O fato de ele... — já tinha esperança de que fosse um menino — ser de Kevin era apenas a sua forma de liquidar a dívida de honra com o bárbaro que conquistara seu coração e repetidas vezes lhe salvara a vida. A linhagem dele prosseguiria numa posição distinta em Kelewan, assim como sua sombra seria lembrada e reverenciada. Mas Mara sabia que antes disso teria de sobreviver aos próximos três dias. Mesmo um Senhor tão poderoso quanto Kamatsu não uniria seu herdeiro a uma casa com um inimigo tão ameaçador quanto Tasaio. Pálida por algum motivo além das dores no estômago, Mara apoiou-se com força no braço da criada. Tinha de traçar um plano para alcançar a vitória que parecia já estar do lado dos Minwanabi. Não havia alternativa, pois a outra possibilidade era a destruição absoluta de seu filho e da criança de Kevin ainda por nascer.

O pôr do sol projetou uma luz vermelha sobre os amplos biombos. Tasaio dos Minwanabi estava empoleirado como um monarca sobre uma pilha de almofadas no quarto maior e mais luxuoso de sua residência na Cidade Sagrada. Ao contrário da maioria dos Governantes que tinham casas na cidade, os Minwanabi eram donos de uma mansão bastante grande no alto de uma colina, sobranceira à parte central do palácio imperial. Observando com olhos apertados a troca da guarda com armaduras brancas no portão interno do Imperador, o Senhor mal olhou a mensagem que lhe fora entregue por seu Conselheiro-Mor. Com extrema paciência, Incomo anunciou:

— Mestre, Mara está perto dos portões da cidade, com sua guarda de honra. Está também acompanhada por um mensageiro imperial com um cetro do cargo. A Paz Imperial foi imposta na cidade. Ela aguarda sua resposta para se deslocar até o local de reunião indicado.

— O oportunismo dela de nada lhe valerá. — Tasaio passou o polegar pelo maxilar enquanto seguia o movimento dos guardas de armaduras brancas cintilantes. — Aquele rapazinho idiota que se acha Imperador bem pode se iludir por mais uns dias, mas não haverá Paz Imperial que me impeça de derrubar um inimigo. — Após uma pausa, Tasaio acrescentou: — Todavia, será útil esperar para atacar até dispormos de hora e local de nossa escolha. E pode ser divertido escutar o que a cadela dos Acoma deseja, apenas para poder saber o que posso fazer para frustrá-la.

Incomo, apreensivo, ficava cada vez mais tenso.

— Mestre, eu estaria falhando em meu dever se não o alertasse contra esse encontro. A

mulher é mais perigosa do que qualquer outro Governante do Império, como já provou em diversas ocasiões.

Arrancado por fim de suas meditações, Tasaio silenciou seu Conselheiro-Mor com um olhar furioso.

— Lidero um exército, Incomo.

— Mas vai tirar algum proveito do encontro? — perguntou ansioso o Conselheiro-Mor, mais do que consciente de que o tio de seu Senhor perecera sob seu próprio teto com seu exército ao redor devido a uma conspiração de Mara. — Se a Senhora dos Acoma deseja conversar, qualquer coisa que ela diga será em benefício dela. Não vislumbro nenhum benefício para os Minwanabi, Senhor.

Tasaio tamborilou com os dedos na almofada ao lado de seu joelho.

— Envie esta mensagem à cadela: honrarei a trégua e falarei com ela. — Vendo que as feições de Incomo se fecharam, estreitou seus olhos amarelos. — Não vejo motivo para todas essas preocupações desnecessárias. Mara e seu fedelho podem ter escapado da morte por um fio, mas, quando eu conquistar o branco e dourado, ela será o primeiro de meus inimigos a ser afastado. — Gracioso, rápido e confiante em suas convicções, manteve-se firme. — Posso me revelar magnânimo. Talvez poupe a vida desses pobres imbecis do Clã Hadama, mas apenas se todos se tornarem meus vassalos depois de me verem eliminar definitivamente o nome Acoma. — Com um raro sorriso, acrescentou: — Você se preocupa demais, Incomo. Sempre posso dizer não a qualquer oferta de Mara.

Incomo permaneceu em silêncio. Tinha a terrível sensação de que tudo o que Mara queria era que Tasaio rejeitasse sua oferta. O Conselheiro-Mor curvou-se, deu meia-volta e saiu para enviar a mensagem.

Aquele vento era conhecido como butana na antiga língua do povo Szetaci do Império. A tradução significava “vento dos demônios”; ele soprava incessantemente durante dias ou até mesmo semanas. As rajadas eram secas, com sopros caprichosos e uivantes vindos das montanhas longínquas. Na estação quente, esses ventos poderiam desidratar em horas um pedaço de carne ou uma fruta desprotegida. Na época fria, o ar era gelado e, de noite, a temperatura caía, levando as pessoas a permanecer entre quatro paredes, aconchegadas ao redor de lareiras e sob diversas camadas de cobertas. Quando o butana soprava, as pessoas do povo diziam que os cães enlouqueciam e que os demônios caminhavam sobre a terra disfarçados de homens. Sabia-se de maridos que tinham saído correndo aos gritos durante a noite, para nunca mais serem vistos, e de esposas que haviam ficado deprimidas a ponto de se suicidarem. Havia lendas demais sobre seres sobrenaturais que apareciam quando o butana gemia sobre a terra. Dizia-se que o Homem Cinzento, um mito ancestral, caminhava pelo

Império em noites como aquela. Se um viajante solitário o encontrasse, teria de responder a um enigma; seria recompensado se a resposta agradasse ou punido se o Homem Cinzento não ficasse satisfeito. Essas eram as histórias do butana, o vento seco e cortante que soprava naquela noite.

Sob as estrelas cintilantes, nas encostas de uma colina do lado de fora das muralhas da cidade, dois pequenos exércitos aguardavam, face a face. Tochas tremeluziam e estandartes ondulavam ao sabor do vento, lançando uma fraca luz bruxuleante e sombras sobre os rostos tensos de apreensão. Oficiais emplumados aguardavam diante das fileiras alinhadas em completa imobilidade. À frente de cada exército, encontrava-se um Governante; de um dos lados, estava uma mulher vestindo seda verde reluzente e esmeraldas; do outro, um vulto esguio e predatório se mantinha parado com uma armadura metálica com saliências pretas e laranja.

Numa posição equidistante, um arauto imperial aguardava, com sua túnica formal brilhando como marfim sob um pálido quarto de lua. Em voz alta o bastante para ser carregada pelo vento, dirigiu-se às duas forças ali presentes:

— É importante que se saiba que a Paz Imperial paira sobre a cidade e suas regiões circunvizinhas! Que nenhum homem desembainhe sua espada num acesso de raiva ou de vingança. Assim ordena a Luz do Céu. — Dirigindo-se ao grupo que rodeava Tasaio, o arauto entoou: — Esta Senhora, de posição e linhagem nobre, alega que veio aqui negociar com o Senhor pelo bem do Império. Meu Senhor, reconhece isso?

Tasaio inclinou a cabeça e o mensageiro considerou isso suficiente. Voltando-se para o local onde Mara aguardava, do outro lado de uma estreita extensão gramada, o arauto elevou a voz acima do uivo crescente do vento:

— Minha Senhora, este Senhor responde a seu chamado para conferenciar e reconhece sua intenção de falar pelo bem do Império.

Mara respondeu com uma reverência, fazendo questão de se mostrar corretamente cortês em contraste com os modos ausentes de seu inimigo. O arauto acolheu ambas as respostas com desconfiança. Seu posicionamento entre dois inimigos envolvidos numa rixa de sangue jurada era precário e mostrou-se ciente disso; ele poderia confiar na honra familiar para que a palavra fosse cumprida quando duas linhagens tão antigas estavam envolvidas, mas bastaria um guerreiro impetuoso entre as fileiras para que um massacre acontecesse. Precisou de toda sua experiência para se dirigir com firmeza àqueles que o ouviam:

— Qual é o maior dever?

Todos os homens, mulheres e guerreiros presentes responderam com a frase tradicional: *Servir o Império!* Ao cruzar os braços, o arauto imperial indicou que os grupos principais deveriam se aproximar. Naquele momento, o butana soprou como um chicote, seu som parecendo o gemido de um cântico fúnebre. Tentando não encarar aquela coincidência como um presságio, o arauto concluiu sua tarefa:

— Minha Senhora, meu Senhor, estarei aguardando ali, para que possam conferenciar livremente.

Retirou-se com uma pressa que quase ultrapassava os limites do razoável, deixando Mara e Tasaio frente a frente a uma distância de meros dois passos um do outro. Sem ceder à indignidade de gritar acima do vento, ela deixou que Tasaio começasse a falar. Previsivelmente, ele não abriu seu discurso com boas maneiras ou saudações. Seus lábios finos se recurvaram ligeiramente nos cantos e, sob o inconstante bruxulear das tochas, seus olhos pareceram brilhar como os de um sarcat.

— Mara, esta é uma situação que não previ. — Acenou com a mão, apontando para os estranhos arredores, os guerreiros em posição de sentido e os estandartes agitados, as únicas coisas naquele cenário que pareciam ter vida. — Podia desembainhar a minha espada e acabar logo com isto.

Mara respondeu, desafiadora, com o mesmo nível de malícia:

— E desgraçar o nome de sua casa? Não creio, Tasaio. — Seu tom de voz se revelou seco. — Isso seria excessivo — fitou-o com um olhar sombrio —, mesmo para um Minwanabi.

Tasaio riu, num tom inesperadamente claro sobre o dissonante tom baixo do butana.

— Você deveria saber de uma coisa: um homem de suficiente importância pode fazer impunemente o que bem quiser, Mara. — Antes de prosseguir, observou-a com um olhar velado. — Mas estamos desperdiçando tempo. O que a traz aqui?

— O bem do Império — reiterou Mara. — Você trouxe seu exército e grande parte do Clã Shonshoni para Kentosani. Creio que veio declarar guerra ao Imperador.

Pela postura, Tasaio pareceu interessado, mas, sob a máscara de civilidade, Mara sentiu uma onda de ódio quase física. Resistiu ao impulso de recuar e com muita dificuldade manteve a compostura. Assim como dois cães andam em círculos antes de uma briga, sentiu que o primeiro deles a virar as costas convidaria o outro a atacar.

— Você trouxe o Clã Hadama — replicou o Senhor dos Minwanabi num tom ilusoriamente calmo. — Todavia, não a acuso de estar preparando um ataque traiçoeiro à Luz do Céu.

Mara destacou o óbvio:

— Não estou em posição de me candidatar ao branco e dourado. — Tasaio inclinou a cabeça, como se a cumprimentasse. No entanto, seus olhos felinos e observadores inspecionavam todos os movimentos dela, em busca de uma abertura. A Senhora dos Acoma reuniu toda a sua coragem e alfinetou: — Não seja tão convencido, Tasaio. Sua posição ascendente nada tem a ver com mérito. Os outros candidatos estão em situação delicada devido às relações com Axantucar.

— Bem notado — concordou Tasaio. E sorriu. — No final, por uma razão ou outra, eu venço.

— Não. — Mara fez uma pequena pausa. — Um impasse pode se arrastar indefinidamente, o que seria interessante para a Luz do Céu, uma vez que o atraso lhe permitiria colocar o

Império sob seu domínio. O Governo Imperial pode parecer estar dormindo, mas não está morto. Com o passar do tempo, cada vez mais Senhores concordarão com a jurisdição da corte imperial sobre os Governantes, e o Conselho Supremo terá cada vez menos poder. Se Ichindar ordenar aos Senhores menores, um de cada vez, que apoiem os Brancos Imperiais, consolidando sua autoridade, em breve as estradas e os rios entre propriedades e cidades mercantis serão comandados pelo exército dele. Os Kanazawai já trabalham com os Brancos. Quem serão os próximos? Os Xacala? Quanto tempo demoraria então até que cada um só continuasse a ser Senhor apenas dentro dos limites de suas terras?

Uma luz brilhou nos olhos de Tasaio, intensa como as estrelas naquele céu sem névoa, varrido pelo butana.

— Você menciona apenas possibilidades, Mara, e bastante remotas.

No entanto, seus modos se tornaram sutilmente contidos. Forçando sua tênue vantagem, Mara procurou desequilibrá-lo:

— Não tão remotas assim, Tasaio, e você sabe muito bem disso. — Antes que ele conseguisse voltar a falar, prosseguiu: — E há mais uma alternativa: e se os Senhores dos Keda e dos Xacatecas apoiarem desde o começo os Tonmargu? — A atenção de Tasaio se focou em Mara por um instante, disfarçando sua surpresa. Sabia que o Senhor Hoppara era aliado dela, mas a menção ao Senhor dos Keda era inesperada. Enquanto Tasaio continuava a fitá-la em silêncio, Mara continuou: — Tenho uma proposta. Os outros três pretendentes ao branco e dourado podem formar uma aliança apenas para frustrar suas intenções. Mas, mesmo unidos, não podem impedir a sua escolha. Mas, tendo isso em conta, controlo votos suficientes no Conselho para alterar o desfecho.

Tasaio subitamente pareceu perder a paciência:

— Então faça isso, Mara. Entregue o branco e dourado ao Senhor Frasai dos Tonmargu e vá para casa.

Mara sentiu o vento gelado formigar em sua pele. Apostava em um jogo perigoso e arriscado; tinha noção disso. Contudo, não viu outra opção. Muito sangue inocente seria derramado se fosse permitido que os acontecimentos seguissem seu pior curso. Escolhendo as palavras com cuidado, disse:

— A dificuldade está no fato de que, apesar de eu preferir morrer a vê-lo conquistar o branco e dourado, você é o único homem que pode ocupar o trono. O Senhor dos Tonmargu não é o tipo de homem capaz de enfrentar a Luz do Céu dentro de seu palácio. Assim sendo, restam duas escolhas: um Senhor da Guerra que se tornaria uma marionete do Imperador... ou você.

Prudente e sem se revelar presunçoso a ponto de engolir tudo aquilo que ela dizia, Tasaio ponderou sobre o assunto:

— Se um Senhor da Guerra manipulável é um destino pior do que a morte, embora você deseje minha aniquilação imediata, que solução você propõe?

— Posso fazer por você aquilo que também poderia oferecer a Frasai dos Tonmargu; se eu assim ordenar, um número suficiente de Senhores o apoiará para se sentar em segurança no trono do Senhor da Guerra.

O vento se agitou durante mais uma pausa silenciosa. Tasaio permaneceu imóvel, com as plumas se agitando ao vento frio. Seu rosto se tornou tenso demais, como uma máscara, e ele manteve a mão no punho da espada, como uma pedra entalhada, seus ardentes olhos âmbar não se desviando do rosto de Mara. Depois de ponderar sobre as palavras dela, disse:

— Suponhamos, por um momento, que você esteja certa. Diga-me que interesse eu teria em tudo isso, Senhora, já que posso conquistar o manto do Senhor da Guerra sem sua ajuda?

A resposta saiu com atrevimento da boca de Mara:

— Mas a que preço? Estaria disposto a arruinar o Império só para ficar com o troféu? Você venceria, disso não tenho dúvida, pois, mesmo havendo poucos que apoiam abertamente sua pretensão por apreço à Casa dos Minwanabi, muitos se oporiam à ruptura com as tradições protagonizada por Ichindar... e ao mesmo tempo protegeriam os próprios interesses. Portanto, no final, após uma guerra ruinosa, você se sentaria no trono branco e dourado, casaria seu filho com uma das muitas filhas do falecido Ichindar e faria dele a nonagésima segunda Luz do Céu. Depois, não teria problemas para convencer o novo Imperador a oficializar sua eleição. Mas governaria um povo despedaçado. — Mara se esforçou para manter a compostura; só de imaginar o que custaria tudo aquilo, sentiu uma repulsa em todas as fibras do corpo. Após um obrigatório intervalo para que não começasse a tremer, ela acrescentou: — Tal conflito por certo o deixaria bastante fraco. Suas reservas são assim tão grandes para poder lidar com aqueles que provavelmente rondariam suas divisas após uma conquista tão imponente? As casas inferiores iriam cair sobre você como insetos vorazes.

Tasaio quebrou pela primeira vez o contato visual com Mara. Altivamente distante e plenamente convencido de que conquistara a chave da mais profunda fraqueza de Mara, voltou-se e observou suas tropas. Sob seus olhos, pareceram imaculadas, dispostas em fileiras sobre a encosta da colina e prontas a receber suas ordens. Em suas armaduras impecavelmente limpas e com postura correta, eram uma visão que dava orgulho a qualquer Comandante. O glorioso estandarte dos Minwanabi com quadrados alternados de preto e laranja se agitava ao vento. Se Tasaio viu algo além, na noite que protegia seu exército, só ele sabia. Seus olhos, afinal, se voltaram para Mara, com insolência.

— Continue achando que sua suposição está correta, Senhora. O que propõe em troca de eu não pegar o que já considero meu?

Mara reprimiu um acesso de fúria que nada tinha a ver com inimizade ou rixas de sangue, mas que estava enraizado em seu desejo pessoal de proteger a vida.

— Negocio pelo bem do Império, Tasaio. Mas tenho meus recursos. — Fez um gesto e um criado desarmado se aproximou saindo de suas fileiras. O Senhor dos Minwanabi não poderia saber que aquele homem vestindo uma túnica simples era na verdade Arakasi disfarçado;

numa imitação perfeita e servil, o Mestre dos Espiões trouxe um fardo enfaixado, desenrolou-o como se fosse um pergaminho e jogou na grama aos pés de Tasaio uma cabeça humana que cheirava a conservante. Quase envergonhada por gritar, Mara disse: — Você deve reconhecer este rosto. Contemple os restos mortais do homem que tentou usar para comprometer minha rede de espiões.

Tasaio reagiu com um ódio aterrador:

— Você! — A palavra saiu como um rosnado. — Foi você que ordenou que assassinatos fossem cometidos em minha casa! Apenas eu posso ordenar a morte em solo Minwanabi!

A fúria incendiou seus olhos, gelidamente sem remorso. Afetada por um arrepio involuntário, Mara sentiu a ameaça no ar. O vento fazia suas vestes esvoaçarem e açoitava seu penteado elaborado e alto, congelando o suor em sua pele. Não foram proferidas mais palavras, mas Mara soube, no fundo de sua alma, que apenas um fio de razão impediu Tasaio de quebrar sua promessa de trégua. Naquele momento, ela percebeu, seu inimigo nada mais desejava do que colocar as mãos em seu pescoço, talvez enquanto a violasse brutalmente. Então, de uma forma inesperadamente assustadora, a expressão de Tasaio se alterou para um sorriso de satisfação.

— Então admite que matou seu próprio agente?

Mara se mostrou calma. Em seu íntimo, estava assustada com a terrível alteração da expressão de seu inimigo, consciente de que lidava com um homem considerado louco.

— Mais de um, Tasaio.

Os dentes brancos de Tasaio brilharam quando seu sorriso se tornou cruel. Durante uma longa e desconfortável pausa, os únicos sons escutados nas encostas da colina foram os estalos e o farfalhar dos estandartes de guerra, assim como o sibilar do vento por entre a grama. Tasaio acabou falando:

— Então você falsificou o selo de minha família e pagou à Seita dos Hamoi para matar seus próprios agentes em minha casa? Senhora, sua criatividade me surpreende.

Ele não fez ameaças nem tomou nenhuma atitude, algo que Mara achou perturbador. O fato de o coração dele abraçar assassinatos, e coisas piores, com gosto era algo de que nunca se deveria duvidar. Ainda assim, ela o pressionou:

— Imagino que esteja frustrado por, nos próximos anos, não poder admitir estranhos a seu serviço, Tasaio. Sabe que, enquanto eu estiver aqui, meus agentes estarão entre eles. Talvez seja melhor banir todos os mercadores e visitantes de suas terras e até recusar a entrada de carroças de comerciantes, para não permitir, por acaso, a entrada de um espião Acoma.

Tasaio de repente perdeu a paciência e gritou:

— Você acha mesmo que essas ameaças patéticas me preocupam, Mara? Com sua morte, todos os seus criados se tornarão escravos e guerreiros cinzentos. Que medo sentirei quando você não passar de alimento para vermes?

Com um movimento de ombros não simulado, Mara inspirou fundo.

— Trago uma proposta.

Tasaio avançou meio passo. Sinistramente sereno, e belo como um predador, não moveu um músculo diante do som de uma centena de soldados Acoma tocando os punhos de suas espadas. Ousado em seu desdém, o Senhor dos Minwanabi declarou:

— Não tenho interesse em ouvir, Mara. Meu antecessor fez um juramento de sangue a Turakamu de que esta contenda terminaria com a eliminação dos Acoma. Apesar de eu não partilhar dos interesses de Desio e de considerar a promessa lamentável, ainda assim estou atado a ela. A linhagem dos Acoma deve acabar. Não há como discutir uma alternativa. Nosso conflito não pode cessar.

Mara sentiu a inquietação de Arakasi, mas não viu outra forma de resolver aquele impasse.

— Consideraria... uma suspensão?

Pego de surpresa, Tasaio pestanejou.

— O que quer dizer com isso?

— Trégua. Não o fim de nossa inimizade, que nunca acabará até uma das famílias ser reduzida a pó, mas um adiamento do conflito, até o Império mais uma vez estar seguramente em paz?

— O bem do Império — murmurou Tasaio. Seu humor era cortante. Intrigado, apesar de seu sarcasmo, incitou Mara a continuar: — Prossiga.

— Proponho uma reunião com os Governantes do Império, no Palácio Imperial. Lá confrontaremos a Luz do Céu com a necessidade de resolver este conflito e evitar uma crise que mergulhará nossa terra na ruína. Ou prefere governar um Império onde a fronteira leste é controlada por capitães thuril e seus montanhesees que se dedicam à pilhagem? Onde a fronteira norte é devastada todas as primaveras por salteadores thun à procura de cabeças tsurani como troféus? E, ainda, onde é possível um regresso dos piratas às Ilhas dos Postos Avançados?

— Você pinta um quadro horrível — comentou Tasaio. — Se eu concordar com essa reunião, você me dará os votos necessários para me garantir o trono de Senhor da Guerra sem um banho de sangue?

— Se aceitar se reunir pacificamente com o Imperador, juro fazer todos os esforços, até esgotar todos os meus recursos, para assegurar que ninguém suba ao trono do Senhor da Guerra antes de você. — Mara inspirou, tremendo. — Em relação a isso, faço o mais sagrado de meus juramentos. Juro pelo nome e pela honra de minha família, a partir de agora e até a última geração da linhagem dos Acoma.

Tasaio ergueu as sobrancelhas diante de um juramento tão sagrado. Sua voz soou maliciosa:

— Para que seu juramento valesse até seus descendentes, que duração teria a trégua?

Embora tenha sido alvo do mais mortal dos insultos e uma raiva irracional ter se

apoderado de sua mente, Mara permaneceu imóvel. Era mais do que o nome da família que estava em jogo e mais do que assuntos de nobres — criados, crianças, artesãos e milhares de escravos anônimos sofreriam se os Governantes do Império se envolvessem numa guerra sem sentido. Como não era mais a mulher de visão curta do passado, Mara fez o que não teria sido concebível sem a influência das ideias estrangeiras de Kevin; mais do que isso, engoliu em seco a honra da família. Mais do que uma mera frase, *servir o Império* era agora a única motivação que a guiava. Engolindo a humilhação, continuou:

— Contenha seu ataque final até eu voltar a meu lar e cuidar dos assuntos de minha casa. Depois disso, que seja retomada nossa luta, sem interrupções, até o mais amargo fim.

Seu tom de rendição arrancou uma forte gargalhada de Tasaio, incapaz de resistir a brincar com a vulnerabilidade por ela exposta.

— Mais uma vez presume adivinhar minha resposta, Senhora — comentou. — Superestima meu amor pelo Império. Minha honra é só minha, não de minha nação. — Olhou-a avidamente de cima a baixo para ver se ela se mostrava incomodada. Mas Mara já estava habituada à malícia dele e não revelou nenhum desconforto que lhe alimentasse o desejo de causar sofrimento. Depois de simular reflexão, Tasaio corrigiu-se: — No entanto, uma solução rápida para eu conquistar o branco e dourado me pouparia uma série de aborrecimentos. — Sorriu e Mara percebeu como aquele louco era bom em disfarçar sua depravação por trás do decoro militar e de modos corteses. — Aceito. Que o Conselho Supremo se reúna diante da Luz do Céu e ponha fim a este governo ditatorial. Mobilize seus aliados e, no momento certo, eles devem apoiar minha causa. Então, quando tudo isto estiver resolvido, como o destino exige, terei meu salvo-conduto para ir às suas terras e tratar de nossos assuntos. Pois esteja certa, Mara, de que marcharei sobre você, mas, enquanto isso, considere as horas que lhe restam como um pagamento pelos serviços que prestou ao Império.

Esgotada e sentindo-se completamente desolada, Mara selou seu juramento com uma reverência. Não se atreveu a pensar no modo como teriam reagido seu pai ou seu irmão se estivessem vivos para saber do compromisso que assumira. Tudo o que esperava era evitar a guerra, poupar vidas e ter tempo para que o filho em seu ventre nascesse. Se ela e Ayaki morressem em consequência daquele pacto que acabara de estabelecer, talvez a rainha dos cho-ja permitisse que uma criança recém-nascida fosse mantida lá em segredo...

— Quando nos reuniremos? — indagou Tasaio irradiando satisfação.

— Depois de amanhã — esclareceu Mara. — Informe o Imperador e os outros membros do Conselho para me deixarem livre para buscar o apoio prometido.

— Será interessante ver se a Senhora consegue cumprir sua obrigação. Se estiver mentindo, não sairá viva desta cidade — concluiu Tasaio. Fez a menor das reverências, pouco mais do que uma inclinação da cabeça. Em seguida, virou-se com a rapidez de um sarcat e voltou para suas fileiras.

Abatida por uma sensação de desespero maior do que qualquer outra, Mara retornou para

perto da proteção de Lujan. Do outro lado, ouviu a voz do arauto imperial:

— A conferência terminou! Vão em paz e com honra e saibam que os deuses estão felizes por esta noite nenhuma gota de sangue ter sido derramada.

Assim que os oficiais de Mara deram instruções ao exército Acoma para se dispersar, o Conselheiro-Mor dos Minwanabi inspirou para se dirigir a seu Senhor, mas Tasaio ergueu a mão.

— Ela está derrotada, Incomo. — Observou então, com um sorriso malicioso nos lábios, o vulto de Mara se retirar. — Já vi o olhar de guerreiros que aguardam a morte no campo de batalha. — Encolheu levemente os ombros. — Ah, lutam bem, e honram seus antepassados, mas sabem que estão destinados a morrer. Mara sabe que eu venci.

— Senhor — implorou Incomo. — Eu não seria seu dedicado servo se não lhe mostrasse que pode haver reviravoltas inesperadas nesta situação. Há outras questões em jogo além de seu desejo pelo branco e dourado. Ichindar não tem filhos. Neste momento, muitos Imperiais podem estar sussurrando que se aproxima o momento de colocar outro membro da linhagem real sobre o trono. Jiro dos Anasati pode ser uma opção; Kamatsu dos Shinzawai pode estabelecer laços com a realeza também; seu filho está bem cotado. E se descobríssemos que esta oferta não passa de...

Tasaio interrompeu bruscamente as especulações:

— Mara sabe que venci. Acabou.

Estranhamente melindrado, como se saboreando um desafio que não se concretizaria, o Senhor dos Minwanabi ordenou a seu Comandante das Forças Armadas que mandasse as tropas de volta ao acampamento. Deixado sozinho com o canto lamurioso do butana, Incomo os seguiu devagar. Não era capaz de imaginar como Mara poderia mudar o curso dos acontecimentos. Mas sabia que aquele conflito estava longe de acabar. Na melhor das hipóteses, Mara conquistara mais alguns meses para conspirar; na pior, tinha uma armadilha em mente, e os Minwanabi seriam engolidos. Gelado por uma forte rajada de vento, Incomo fechou suas vestes esvoaçantes e apressou-se a alcançar seu Senhor. Ao avançar colina abaixo na escuridão, refletiu sobre qual seria o caminho mais seguro a seguir: perguntar a seus agentes quais eram as últimas informações que tinham sobre as intenções de Mara ou terminar de escrever seu testamento e seu poema de morte. Dominado por uma profunda sensação de finitude, Incomo optou por fazer ambas as coisas.

O curso dos acontecimentos daquela noite não terminou com o encontro no alto da colina. Mara retornou tremendamente cansada a sua casa na cidade. Deixou cair a túnica de cima e empurrou para trás as mechas de cabelo que tinham se soltado com o vento infatigável; só então despertou o suficiente de seu torpor para compreender o que Saric lhe dizia. Um

mensageiro imperial aparecera durante sua ausência.

— O que ele disse? — perguntou Mara, apática, e, pelo ar preocupado de Saric, percebeu que ele já havia dito. Com sensatez, Saric explicou de novo e as especificidades do último decreto de Ichindar atingiram em cheio o coração de Mara.

Sua mente ficou atordoada após as primeiras palavras: o Imperador de Tsuranuanni estava comprando todos os escravos midkemianos de seus súditos. As palavras “preço justo” e “Tesouro Imperial” pareceram sons gerados pelo vento frio, uma extensão diabólica dos pesadelos trazidos pelo butana. Cambaleando como se os pilares de sua vida tivessem sido despedaçados, Mara não sentiu as mãos de Saric ajudando-a a seguir do corredor para a sala de estar. A almofada onde se apoiou não lhe pareceu real e as lágrimas que lhe brotaram dos olhos pareceram pertencer a outra pessoa. O corpo, a mente e o coração — tudo lhe parecia horivelmente ferido.

— Por quê? — perguntou ela, apática. — Por quê?

Saric não soltou sua mão, principalmente porque ela se agarrava ao aconchego de seu toque. Ofereceu o melhor conforto que pôde, embora soubesse da futilidade de tais esforços. Em tom extremamente gentil, tentou aplacar aquela dor insuportável:

— Dizem que a Luz do Céu irá vender os conterrâneos de Kevin de volta ao Rei de Midkemia. Todos os escravos que são prisioneiros de guerra serão embarcados rio abaixo e enviados pelo Portal. O Portal original no exterior da Cidade das Planícies foi reaberto.

Estremecendo ao escutar o nome de seu amado, Mara não conseguiu evitar que seus olhos marejados jorrassem lágrimas.

— O Imperador vai libertar os escravos?

Calmamente, Saric foi mais explícito:

— Com todo o respeito por nossos deuses, é possível dizer que o ato será praticado por Lyam, Rei das Ilhas.

Mara observou seus dedos brancos entrelaçados com os de seu conselheiro. Sua determinação em manter nervos de aço de nada valera! Sentiu-se profundamente derrotada. A ameaça lançada pelos Minwanabi afinal subjugara suas forças escassas e agora estava prestes a perder Kevin. Era indiferente o fato de já ter decidido libertá-lo. A iminência do momento a destroçou.

— Quando a Luz do Céu quer que os escravos sejam entregues? — perguntou, surpresa por conseguir formular as palavras.

Saric respondeu com profunda compaixão:

— Amanhã ao meio-dia, minha Senhora.

Não houve aviso prévio. Mara conteve um soluço. Envergonhada por mostrar suas emoções e sentindo a sombra de Nacoya a repreendendo por revelar seus sentimentos desonrosos, tentou se agarrar ao único pensamento no qual poderia buscar coragem, pois só a coragem a faria atravessar as ruínas de sua única felicidade, e só assim as esperanças que se

atrevera a nutrir em relação à manutenção do nome dos Acoma continuariam. Em meio a trevas, viu o indício de algo positivo: Kevin seria poupado do desastre que se seguiria ao acordo para apoiar a pretensão de Tasaio ao cargo de Senhor da Guerra. Se tudo o que o bárbaro dizia sobre a Lei do Reino e a Grande Liberdade era verdade, então o Rei Lyam iria libertá-lo. E Kevin viveria de forma honrada em Zun, escapando da loucura e da carnificina iminentes.

Mara tentou se convencer de que seu amado ficaria melhor depois de partir, mas a lógica não aplacou a dor dilacerante de seu coração. Percebeu que sua mão livre afagava a pequena centelha de vida em seu ventre. Como um raio de luz que se infiltra por uma porta, teve uma revelação. Percebeu que tudo o que fizera naquela noite fora pelo filho de Kevin. Ela e Ayaki eram tsurani por nascimento, dedicados a uma tradição secular que priorizava a honra em detrimento da vida; sem hesitar, escolheriam a morte à desonra. Mas a vida que se mexia em seu ventre era metade midkemiana; de algum modo, ela reconheceu seu direito, no futuro, a viver e crescer segundo os valores do pai. O reconhecimento caiu sobre ela, sem a menor pontada de medo, quando Mara dos Acoma compreendeu que mais uma vez ultrapassara os limites de sua cultura. Preocupava-se mais com o povo do Império do que com o nome de sua família; no passado, teria acreditado que tal conceito envergonharia seu pai e seus antepassados e que lhe valeria a ira de muitos deuses de Tsuranuanni.

Agora não tinha opção.

Dividida entre o choro e a sensação de alívio pelo fato de em breve, muito em breve, seus anos de aflição terminarem, Mara voltou a si. Solto os dedos de Saric e limpou os olhos timidamente.

— Preciso dos serviços de minha criada — conseguiu dizer com voz trêmula. — Kevin não deve perceber minha perturbação. — Saric fez menção de se levantar e de se curvar, mas um pequeno meneio da cabeça de Mara o deteve. — Informe a Keyoke que todos os escravos do mundo exterior devem ser enviados de imediato para a Cidade das Planícies. Depois, escolha nossos guerreiros mais fortes para escoltarem Kevin até o local em que vão se concentrar os midkemianos do Imperador. Não revele nada disso a ninguém além de Lujan, para que os criados não fiquem comentando de modo descuidado. — Então Mara se deteve para lidar com um aperto na garganta. — Meu amante tem um feitio obstinado e teimoso. Embora anseie a liberdade, pode ser que discuta sobre o modo como isso lhe é concedido.

A Senhora não conseguiu prosseguir, mas Saric compreendeu. Kevin nunca se submetera a ordens, a não ser por opção própria ou à força. Provara ser um combatente excelente e ninguém poderia prever como reagiria ao ser afastado de Mara. Para seu próprio bem e para preservar as vidas dos guerreiros destacados para entregá-lo em boas condições ao Imperador, ele não deveria saber antecipadamente o destino que o aguardava. Triste, pois aprendera a gostar do bizarro humor do midkemiano e de seus pontos de vista inegavelmente estranhos, Saric fez uma reverência diante da sabedoria de sua Senhora. Mas, assim que saiu

apressado para chamar as criadas, constatou que nunca vira uma expressão tão sombria nos olhos de uma mulher.

Mara passou a noite num tormento terrível e implacável. Enquanto o butana uivava por entre as copas das árvores, fez amor com Kevin de forma frenética, terminando a última vez deles aos prantos em seus braços. Kevin a afagou com uma ternura que ameaçou destroçar seu coração. Mesmo magoado com o silêncio dela e com a falta de vontade de abordar seus medos, ignorou a própria dor num imenso esforço para confortá-la.

Mara agarrou-se a ele numa crescente onda de histeria. Seu mundo parecia estar desmoronando e não se via capaz de conceber uma vida sem a presença sólida do homem que a levava a rever todos os aspectos de suas crenças e a obrigara a ver as lacunas de sua cultura. Kevin se tornara algo mais do que um amante, algo mais do que um homem em quem ela podia confiar: ele era a raiz principal da árvore de sua determinação. Mara tinha de se apoiar em sua força para mudar o Império e torná-lo moralmente honrado de uma nova forma. Sem ele, a força, os objetivos e a visão extraordinária que tinha para um futuro agora obscuro por seu recente juramento a Tasaio lhe pareceram coisas desprovidas de alegria. Mara aconchegou-se ao calor do abraço de Kevin e escutou como a batida suave e estável de seu coração se misturava com a elegia irreal dos ventos que sacudiam os biombos. De algum modo, em contraste com sua natureza bárbara volátil, Kevin pressentiu que a perturbação dela não suportaria perguntas. Sua sensibilidade a comoveu, privando-a da possibilidade de inventar uma desculpa perversa para se enfurecer e mandá-lo embora. Mara suportou as carícias meigas das mãos dele, devastada por saber que seria a última noite em que Kevin a tocaria. Por fim, exausta, mergulhou num sono agitado. Ele permaneceu acordado, com a cabeça dela aninhada em seu ombro.

Durante todos os anos em que convivera com ela, nunca a vira com o espírito tão perturbado. Sempre aberto à possibilidade de revelar suas próprias emoções, nunca lhe ocorrera que o amor dela por ele pudesse ser a causa oculta daquela angústia.

O amanhecer surgiu, indesejado como a chegada de um carrasco. Mara encontrou uma ponta de coragem por entre seus nervos destroçados e mandou Kevin sair antes da investida de seus enjoos matinais. Passou um terrível intervalo devastada entre lágrimas que não saíam dos olhos inchados e vômitos secos. Suas criadas trabalharam infatigavelmente para disfarçar sua aparência. Quando ficou pronta para se apresentar em público, o meio-dia já estava próximo. Mara saiu de seus aposentos para se deparar com a escolta discretamente destacada por Saric já à espera ao lado da porta. Sem saber do decreto do Imperador, Kevin aguardava em seu

habitual lugar perto da liteira, com o cabelo ruivo despenteado como de costume e uma expressão de preocupação no rosto. Ao ver seus olhos azuis fixos nela, Mara quase desmoronou. A fibra de seus antepassados guerreiros a fez controlar-se. Valendo-se de todos os ensinamentos aprendidos no templo, trancou suas emoções tumultuadas e se obrigou a avançar, pé ante pé, até chegar à liteira. Desesperadamente cansada, escolheu Saric para ajudá-la a se sentar. Em seguida, numa voz irreconhecível, disse:

— Temos de partir.

Não definiu o destino; esse detalhe já havia sido tratado por Saric e Lujan também sabia. Mas aquele fato estranho atiçou a curiosidade de Kevin.

— Qual é o destino de hoje? — perguntou em tom firme e rude.

Mara não se atreveu a tentar falar. Consciente de que seus olhos começavam a ficar marejados de lágrimas, fechou bruscamente as cortinas e foi Lujan quem ordenou aos carregadores que levantassem a liteira e à guarda de honra de soldados que marchasse pátio afora, enquanto Saric sustentava o olhar do midkemiano, aparentemente magoado.

— Alguém é capaz de me explicar, por favor, por que razão todos estão se comportando como se fôssemos a um funeral? — exigiu Kevin, em tom de lamento. Em resposta, obteve apenas a inexpressividade tsurani; então resolveu fazer suas gracinhas.

Suas palhaçadas, em qualquer outro momento, teriam posto à prova a pompa dos guerreiros, mas naquele dia suas brincadeiras foram ignoradas. Ninguém esboçou o mais leve sorriso, muito menos riu.

— Por todos os deuses, hoje todos estão vivos como cadáveres! — Decepcionado por ter desperdiçado algumas de suas melhores piadas, Kevin se calou enquanto a escolta atravessava a confusão de Kentosani e virava para a parte menos elegante próxima à margem sul do rio.

Em frente, havia uma paliçada erguida com tábuas largas e grossas. Kevin estacou no meio da avenida e apenas os reflexos de combate dos guerreiros os impediram de se chocarem com ele.

— Já vi lugares assim antes — acusou em tom extremamente insolente. — Por que estamos indo ao mercado de escravos, Mara?

Os guerreiros Acoma não esperaram por qualquer sinal; as reações de Kevin eram imprevisíveis demais para permitir tais delicadezas. Com firmeza, rapidez e força, cercaram o midkemiano e prenderam seus pulsos atrás das costas. Preso e espumando de raiva, Kevin contorceu-se por uma fração de segundo. Os guerreiros resmungaram diante de seu esforço, mas conseguiram mantê-lo preso. O movimento nas ruas parou devido ao alvoroço e várias cabeças se viraram para olharem para lá.

— Por todos os deuses! — Kevin, sentindo-se traído, explodiu com violência. — Você está me vendendo! — O grito despedaçou o coração de Mara, que afastou as cortinas da liteira e olhou para cima, para os olhos azuis que ardiam com uma raiva abismal. Mara não conseguiu falar. — Por quê? — gritou Kevin em tom tão cortante que ela se sentiu agredida.

— Por que está fazendo isso comigo?

Mas foi Lujan quem respondeu, e de forma grosseira, pois sua voz ameaçou revelar sentimentos inadequados para um guerreiro, sobretudo para um oficial de seu status:

— Ela não está se separando de você porque quer, Kevin, mas por ordem do Imperador!

— Que se dane a Luz do Céu! — explodiu Kevin. — Que se dane o imbecil do seu Imperador. Que ele vá para as profundezas do Sétimo Inferno.

Várias pessoas boquiabertas surgiram às janelas e inúmeros transeuntes pararam para olhar. Diversas matronas fizeram um gesto contra as blasfêmias e um mercador carrancudo e irritado manifestou a intenção de chamar um Sacerdote. Sem querer ter problemas com os templos por causa de um herético bárbaro desbocado, um guerreiro menos habituado a lidar com Kevin estendeu a mão para lhe tapar a boca.

O bárbaro explodiu de raiva. Libertou um punho e derrubou dois guardas de Mara antes que os outros conseguissem se mover. Os homens tinham ordens para não usar espadas, mas, assim que Lujan se juntou ao grupo alvoroçado ao redor do midkemiano, rezou para que ninguém se esquecesse disso. Kevin lutou como se estivesse possuído e, devido à sua elevada estatura, ninguém que estivesse vendo de fora poderia deixar de perceber que transgredira os limites do razoável. Estava suficientemente irado para esquecer os protocolos e, se conseguisse pôr a mão em uma das espadas embainhadas dos guerreiros, nem o próprio Imperador estaria a salvo. Lujan notou o medo estampado no rosto de Mara. Tomado por uma força mais intensa que a de um harulth, mergulhou na luta. Seu movimento foi eficaz, atingindo Kevin em cheio e desequilibrando-o. Lujan o empurrou para trás contra as pedras da calçada, enquanto outro soldado acrescentava seu peso ao do Comandante das Forças Armadas. A maioria dos homens teria ficado abalada com a queda. O midkemiano pareceu imperturbável. Impelido por uma raiva que atenuou a dor física e movido por emoções incontrolláveis, lançou-se contra Lujan com uma ferocidade mortal. Escapando por um triz de uma joelhada, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma agarrou com força o turbilhão de carne em movimento. Com dificuldade, conseguiu gritar ordens a seus homens:

— Cerrem fileiras. Usem seus escudos e corpos para esconder esta bagunça do público!

Um punho atingiu seu rosto. Sentindo a pele rasgada arder, Lujan soltou uma imprecção rara nele:

— Maldição, homem, você vai parar ou serei obrigado a machucá-lo?

Kevin rosnou uma obscenidade.

— ...se você tivesse mãe! — concluiu.

Consciente de que o escravo que procurava subjugar não hesitaria em se jogar desarmado contra as fileiras armadas dos guerreiros, Lujan reagiu por reflexo. Desesperado, agiu tanto por se preocupar quanto por admirar Kevin. Aplicou as táticas brutais e desonradas que aprendera nas montanhas nos tempos em que fora guerreiro cinzento. Outro criminoso poderia ter reconhecido os movimentos; qualquer guerreiro tsurani teria tido vergonha de bater com o

punho na virilha do adversário. Derrubado por um golpe totalmente indecente, pálido de dor, Kevin rolou, encolhido num amontoado de membros, no sujo chão da rua.

— Perdão, meu filho — murmurou Lujan, com o tom e as palavras roubados inteiramente de Kevin. — Você vai morrer em liberdade e com honra, querendo ou não.

Então, sentindo-se muito mal tanto por dentro quanto por fora, o Comandante das Forças Armadas se levantou.

— Amarrem-no e o amordacem bem — ordenou brevemente a seus homens. — Não podemos nos arriscar a mais incidentes.

Depois, com pena de sua Senhora, que assistira a tudo da sombra de sua liteira, devolveu a seu rosto algo parecido com a impassibilidade tsurani e ordenou à comitiva que prosseguisse.

Na entrada do complexo, o mestre da guilda de comércio de escravos de Kentosani saiu de sua barraca para se inteirar das necessidades da Senhora dos Acoma. Mara engasgou com as palavras em seus lábios entorpecidos:

— Este escravo... deve ser devolvido à sua terra natal, por ordem da Luz do Céu.

Um peso morto nas mãos de seus guardas, Kevin voltou seus olhos azuis para ela. A luz no fundo deles era suplicante, mas o filho que transportava em seu ventre lhe deu forças.

— Perdão — murmurou, não querendo saber do fato de o mestre da guilda de comércio de escravos ter ficado espantado ao olhar para ela. Incapaz de proferir as palavras, mexeu os lábios para dizer “meu amor”. O resto do que desejava falar ficou entalado na garganta. O comerciante de escravos assentiu.

— Ele é muito forte, mas um pouco primitivo demais. Vou pensar num preço justo...

Mara ergueu uma mão, silenciando o homem.

— Não. Envie-o para casa.

Se o mercador de escravos achou aquele comportamento estranho, nada comentou. Já tinha dificuldade suficiente para compreender por que o Imperador optara por comprar escravos apenas para enviá-los de volta para algum palácio estrangeiro. O decreto gerara bastante confusão e, se aquela Senhora optara por ser generosa, não iria se opor.

— Minha Senhora — disse, com uma profunda reverência.

Por fim, incapaz de suportar a dor selvagem e assustadora que vira no rosto de seu amado, Mara sussurrou:

— Tenha uma vida longa e nobre, filho de Zun.

Ela conseguiu o impossível e reuniu coragem para ordenar a seus guerreiros que avançassem para levar Kevin até o complexo preparado para as aquisições do Imperador. O mercador de escravos indicou o caminho e de longe Mara escutou um de seus guerreiros dizer que Kevin deveria ser tratado com respeito e atenção assim que soltassem suas mãos. As portas da paliçada se fecharam, afastando-o para sempre de seus olhos. Lujan permanecera ao lado de Mara; seu rosto era uma máscara de pedra sob a sombra do elmo. Estranhamente, não

percebera que suas plumas de oficial tinham sido dobradas e derrubadas durante a confusão na rua.

Mara recostou-se em suas almofadas, já sem lágrimas para derramar e fraca demais para erguer um dedo que fosse para fechar as cortinas. A sombra projetada sobre ela pelos grandes portões de madeira pareceu tremendamente fria. Não conseguiu varrer da memória a lembrança dos olhos de Kevin no momento em que ordenara a separação de ambos. Até o momento de sua morte, seria assombrada pelo fato de tê-lo mandado embora preso e indefeso. Apática, pensou por quanto tempo Tasaio a pouparia, depois que a trégua chegasse ao seu fim inevitável. Quantas noites permaneceria acordada pensando na pergunta agora sem resposta: será que Kevin concordaria em partir, de modo sensato e de livre e espontânea vontade, se tivesse tido a coragem de consultá-lo?

— Senhora? — A voz suave de Lujan se intrometeu em sua imensa dor. — Está na hora de voltar para casa.

Os guerreiros tinham retornado sem que ela reparasse. Mara fez um gesto sutil. Com uma dor tão cortante como um golpe de faca, como voltaria a achar que haveria algum lugar no Império em que se sentisse em casa?

O dia e a noite seguintes se revelaram desoladores e intermináveis. Assolada alternadamente pela dor e por pesadelos cruéis, Mara atirou para longe sua esteira de dormir. Tanto ao caminhar como ao dormir, parecia ver Kevin de pé ao lado da sua cama, com um olhar de pura acusação. A essa altura, a barca que o transportava já deveria ter descido uma boa parte do rio. Quando ela, Tasaio e os Senhores do Conselho Supremo resolvessem suas diferenças com o Imperador, o homem que amava acima de todos os outros já estaria bem longe, em outro mundo, bem distante.

Despertando frequentemente sempre que estendia a mão e encontrava o lugar vazio onde ele se deitava, ou se sentando de repente aterrorizada com a visão de Tasaio dos Minwanabi segurando uma espada de sacrifício sobre o corpo estripado de seu filho, Mara rezou. Pediu a Lashima discernimento para lhe garantir o milagre de que precisava para frustrar o inimigo que ansiava por poder mais do que por paz e que desejaria ver o natami de seus antepassados virado para baixo, para sempre fora do alcance da luz do sol. Atormentada e sentindo-se doente, enfim deixou de fazer de conta que dormia. Andou de um lado para outro em seus aposentos até amanhecer e depois convocou seus conselheiros para uma reunião.

O butana continuava a soprar. Suas rajadas uivantes e incansáveis intrometiam-se por entre as portas e os biombos enquanto Mara, seu Comandante das Forças Armadas e o Conselheiro-Mor interino, sentavam-se para uma reunião na sala de estar. Com a voz rouca, como se sua garganta tivesse sido arranhada com areia, a Senhora dos Acoma deu início à reunião:

— Só disponho de um dia para me preparar para o confronto entre o Imperador e o Minwanabi.

— Qual é o plano, Senhora? — perguntou Saric, esforçando-se para parecer animado e confiante.

Mara fechou os olhos inchados, cansada até a alma.

— Não tenho nenhum plano. A menos que você e seu primo tenham pensado em algo em que eu não pensei, seguiremos para esse momento crucial com nada além de nossa astúcia. Prometi ao Minwanabi que ninguém subiria ao trono do Senhor da Guerra antes dele.

— Então — disse Saric, num tom bastante sensato —, a única opção que tem é fazer com que ninguém se sente no trono do Senhor da Guerra.

Por um longo momento, apenas o gemido do butana foi ouvido. Uma criada entrou com uma bandeja de chocha e pãozinhos doces e saiu em silêncio. Ninguém pareceu interessado em comer. Mara fitou os rostos e eles se viraram para ela numa expectativa enlouquecedora.

— Bem, como faremos para conseguir um milagre? — disse ela, em tom levemente desesperado.

Exibindo um hematoma e o rosto arranhado devido à luta com Kevin, o Comandante das Forças Armadas falou sem seu habitual bom humor:

— Senhora, é por isso que todos olham para você.

Mara o encarou sem expressão.

— Desta vez estou sem ideias, Lujan.

Seu Comandante das Forças Armadas encolheu os ombros, completamente indiferente.

— Então morreremos com honra matando os cães Minwanabi.

Mara sentiu a revolta crescer dentro de si.

— Kevin tinha... — Sua voz falhou e um turbilhão de sentimentos fez com que sentisse a picada das lágrimas que se formavam por trás de suas pálpebras. Com um rígido autocontrole, conteve a mágoa e a dor e passou uma mão úmida pelo rosto. — Kevin tinha razão. Somos uma raça assassina e desperdiçamos a vida matando uns aos outros.

O butana uivou, agitando os biombos e lançando geladas correntes de ar pelo cômodo. Mara conteve um calafrio e de início não reparou na solicitação de Saric para falar. Quando percebeu e aquiesceu, ele questionou sua condenação com uma pontada velada de impaciência:

— Senhora, a resposta é óbvia. Não interessa se o Minwanabi é ou não derrotado, desde que o Imperador vença, certo?

Mara arregalou os olhos.

— Explique melhor.

Saric procurou as palavras adequadas para expor a ideia que pairava em sua mente.

— Se a Luz do Céu consolidar sua posição, pode encontrar apoio suficiente no Conselho Supremo para seu governo absolutista...

Mara se endireitou de repente, fazendo com que seu cabelo preso de modo frouxo caísse em ondas sobre as costas. Ignorando a criada que se apressara a remediar os estragos, a Senhora dos Acoma uniu as sobrancelhas e lançou um olhar severo.

— Então ele poderia ordenar ao Minwanabi... — Ela tentou contrariar o instinto de se opor a qualquer quebra da tradição para abraçar o conceito estrangeiro de governo absolutista. — Deixem-me a sós — disse, bruscamente, a seu círculo de conselheiros. — Tenho muito em que pensar.

Quando Saric se levantou ao mesmo tempo que os outros, Mara o deteve com uma ordem:

— Envie uma mensagem à Luz do Céu, Saric. Solicite uma audiência. Jure por qualquer honra que nosso nome tenha que a segurança do Império depende desse encontro.

O jovem conselheiro conteve sua curiosidade.

— Quando, Senhora?

Mara respondeu por sobre o incessante ruído do butana:

— Assim que possível, mas precisa ser antes do meio-dia de hoje. — Sua voz deixou de soar cansada à medida que sua mente ponderava as opções, descartando as que eram baseadas em esperanças, e não em possibilidades reais, já que a inspiração chegara quase tarde demais. — Se pretendemos contrariar a ambição de Tasaio, precisarei de todo o tempo disponível.

Resolução

O Imperador escutou.

Em seu vasto salão de audiências, uma câmara grande o bastante para abrigar vinte companhias de guerreiros, Ichindar, nonagésimo primeiro de uma linhagem ininterrupta, sentou-se em seu trono cerimonial elevado. A imponente cadeira era de madeira antiga, revestida com ouro e topázios, enormes rubis, esmeraldas e ônix virados para os lados e para trás. Ficava num dossel piramidal proeminente, com um lance de degraus em cada um dos lados. O piso na base apresentava um enorme padrão de um sol circular em tons quentes de ágata, opala branca e mais topázios nele incrustados. De cada lado da enorme pirâmide em degraus, havia vinte Brancos Imperiais de guarda. O piso diante de Mara tinha cadeiras para Sumos Sacerdotes e conselheiros, mas apenas três homens estavam presentes: um escriba que tomava notas para distribuir aos representantes de templos ausentes, o Sumo Sacerdote de Juran e o Sumo Sacerdote de Lashima. Mara sentira-se grata com a presença do enviado de Lashima, na esperança de que fosse um bom presságio, pois aquele homem celebrara o serviço religioso na ordenação inacabada dela, no dia em que Keyoke aparecera a fim de levar para casa, como Governante dos Acoma, uma garota de dezessete anos.

Sem sequer a presença de sua guarda de honra, pois não eram permitidos guerreiros em uma audiência com o Imperador, expôs a parte final do plano que propusera. Um escriba imperial, sentado à direita de Mara, transcreveu depressa as palavras para os arquivos, conforme as frases ecoavam na cavernosa câmara. Com as claraboias abobadadas do imenso salão, as janelas com molduras douradas e de cristal e o piso de mármore polido, o som de sua voz a fez se sentir fisicamente diminuída.

Ao concluir sua última frase, fez uma profunda reverência e ficou de pé, conforme estabelecia o protocolo, com as mãos cruzadas, em sinal de saudação, sobre o peito, atrás da comprida balaustrada além da qual nenhum peticionário poderia passar. Tremendo apesar de todos os seus esforços para se dominar, aguardou pela reação da Luz do Céu. Com o passar dos minutos e o silêncio se prolongando, não se atreveu sequer a levantar os olhos, por temer a desaprovação do semblante juvenil presente no alto do dossel.

— Muito do que propõe se baseia em especulações, Senhora — comentou o Imperador em

tom inquestionavelmente autoritário.

Mara respondeu, com o olhar ainda preso no complexo padrão do piso:

— Majestade, é nossa única esperança.

— O que sugere... é algo sem precedentes.

O fato de Ichindar colocar a tradição à frente de sua segurança pessoal era algo muito sugestivo. O jovem Governante magro e de rosto solene não se mostrava ávido pelo poder absoluto e não era tímido demais para abraçar conceitos arrojados à luz da crise pendente. Admirando a maturidade e a coragem aparentes em alguém tão frágil, Mara retorquiu:

— Muito do que fez, Majestade, também não tinha precedentes.

Ichindar inclinou a cabeça, com as compridas plumas douradas de seu enfeite balançando enquanto assentia de forma magnífica. Envolto em elaboradas camadas de túnicas, estava sentado com uma formalidade dolorosa, o rosto já vincado pelo peso do cargo. Olhos verdes, concavidades escuras e um rosto magro devido às noites sem dormir caracterizavam o que deveria ser um rosto despreocupado. Entre as joias e a pompa, Mara discerniu um espírito devastado por preocupações. A Luz do Céu poderia ser jovem, mas estava consciente de que pisava em um solo que poderia se revelar mais perigoso do que areia movediça. Sua força se escorava na incalculável reverência do povo tsurani por seu cargo, mas, embora fosse bem evidente, esse sentimento tinha limites. Apesar de pouco comum entre os noventa antecessores de Ichindar, o regicídio não era inédito.

A morte do Imperador por si só era considerada a prova de que os deuses haviam retirado a bênção ao Império. As circunstâncias teriam de ser desastrosas para que alguém além dos mais ambiciosos Senhores tentasse tal via. No entanto, Mara sabia que Tasaio alimentava essa ambição. E havia aqueles que consideravam a abolição do cargo de Senhor da Guerra uma ofensa suficientemente terrível à tradição para justificar tal ato. Consciente dos perigos que corria por encorajar um rumo bem diferente do habitual, Mara ergueu os olhos para a figura sentada no trono sobre o dossel.

— Majestade, ofereço apenas esperança. Posso enfrentar sozinha a ambição dos Minwanabi, mas o custo seria terrível. O título de Senhor da Guerra teria de ser entregue a Tasaio. Uma sucessão pacífica do branco e dourado poderia enviar para casa, em paz, os exércitos nos arredores de Kentosani. Reconheço, diante do Senhor, que se trata de uma escolha fácil. Faça essa escolha e se afaste do Grande Jogo, devolvendo ao Conselho Supremo a licença para atuar. Então poderia se retirar para suas meditações divinas. Mas, deixando de lado todos os desentendimentos pessoais e rixas, entendo que essa via serviria apenas para ganhar tempo. Um Minwanabi no trono do Senhor da Guerra significa um futuro de conflitos. Creio que haja a chance, aqui e agora, de uma mudança permanente, um fim, talvez, para os desnecessários banhos de sangue que caracterizam nosso conceito de política. Acredito que a honra não deve estar enraizada na ideia de matar para obter supremacia. Durante nossas vidas pode nunca mais surgir o momento para incutir uma forma de governo

mais compassiva. Humildemente, imploro: pense no que isso pode representar.

Os olhos verdes do Imperador a observavam de forma penetrante, mesmo do alto de seu dossel. Vendo que ele não manifestara sua opinião, o Sacerdote de Juran, o Justo, levantou-se de seu lugar; um aceno de mão da figura no trono deu autorização para que falasse:

— Mara dos Acoma, já lhe ocorreu que suas palavras podem não agradar aos céus? A Senhora ostenta um nome antigo e estimado, no entanto, parece ter esquecido a honra de sua família. Prometeu algo a Tasaio dos Minwanabi, mas neste exato momento procura quebrar o mais sagrado dos juramentos.

Mara sentiu-se invadida por um medo terrível. Os perigos de incitar uma acusação de heresia não estavam longe de sua mente, por isso dirigiu sua resposta unicamente à Luz do Céu:

— Se ignorei a bênção de meus antepassados, alego que isso é assunto meu. Não transgredi nenhuma lei nem ofendi os céus. Em tudo que fiz, entre tudo o que imploro que considere, ajo pelo bem do Império. — Dirigiu então seu olhar para o Sacerdote. — Mesmo que desonre o nome de minha família, faço-o de livre vontade para servir o Império.

Aquela declaração foi saudada com um momento de silêncio e depois se seguiu uma onda de murmúrios entre o punhado de conselheiros e Sacerdotes. O representante do Templo de Juran sentou-se com um ar bastante perturbado.

A Luz do Céu lançou seu olhar abrangente e inteligente sobre a Senhora de ar desafiador aos pés de seu trono. Após uma tranquila pausa meditativa, gesticulou e disse a seus Sacerdotes:

— Que nenhum dos presentes clame por desgraça para a Senhora. Ela não envergonha sua casa nem seu nome, honra apenas o Império com coragem e dedicação. Pois quem mais entre os nossos milhares de Governantes se atreveu a se aproximar de nós com essa verdade?

Fez uma pausa, ergueu as mãos delicadas e retirou o enfeite de cabeça cerimonial. Um criado surgiu correndo de uma das laterais, ajoelhou-se e o aliviou daquele fardo. Livre da coroa alta e com penas, Ichindar pareceu ficar livre da formalidade. Passou a mão pelo cabelo castanho despenteado e mostrou um ar pensativo.

— Entrei no Grande Jogo por ter visto meu tio, Almecho, manipulando o Império com o único objetivo de se manter no poder como Senhor da Guerra. Disso resultou sofrimento para muita gente. Sua ambição era uma ameaça à nação... e a mim — acrescentou, sombrio. — Ao trabalhar com o Senhor Kamatsu e com outros para acabar com o banho de sangue, acabei questionando o modo como levamos nossas vidas, e creio que compreendo um pouco da necessidade que a move. — Ichindar levantou-se. Com um gesto, dispensou os guardas que se aproximavam dele e desceu os degraus do dossel. — Deixe-me partilhar algo com você, Mara dos Acoma, algo que apenas meia dúzia de homens sabe.

O comportamento do Imperador era seguro, mas, por trás da máscara de alguém que nascera como Governante, Mara viu um rapaz que permanecia vulnerável e jovem sob o peso

envolvente dos adornos de Estado. Cruzou a sala com passos ponderados. Os Sacerdotes o observavam; o do Templo de Juran, concentrado como uma ave de rapina, e o Sumo Sacerdote da Ordem de Lashima, sorrindo discretamente enquanto a Luz do Céu transpunha a balaustrada e pegava a mão dela numa forma de saudação. Como aquela inesperada familiaridade pareceu desconcertar a Senhora Mara, ele a fitou diretamente nos olhos.

— De início, tentei forçar a paz entre as nações, pois vislumbrei grande perigo para nós como povo se a conquista se revelasse nosso único objetivo. Mas, depois que Milamber retornou, minhas motivações mudaram. Deve ter ouvido rumores de um grande conflito no mundo de Midkemia. Confidencio a você agora que o adversário que lá enfrentamos foi o ser chamado em nossas lendas de Inimigo.

Lembrando-se de uma conversa com Arakasi, foi sem surpresa que Mara escutou tal confidência. Relera as antigas fábulas sobre um horror desconhecido chamado Inimigo, que destruíra a terra natal de seus antepassados, que fugiram por uma mística Ponte Dourada para se refugiarem em Kelewan. Apesar de a maioria de seus pares não ter motivos para acreditar que as lendas antigas eram algo além de mitos, a postura tranquila e circunspecta dela não mostrava qualquer indício de escárnio ou descrença, algo que não passou despercebido ao Imperador. Apimentando ainda mais o assunto, Ichindar continuou:

— A ameaça anterior durante o despontar de nossa História foi real e mais terrível ainda do que rezam as lendas. A Assembleia de Magos me apoiou quando manifestei o desejo de, como povo, nos unirmos para enfrentar algo dessa magnitude, caso um dia esse mal subjugasse nossos antigos inimigos do Reino e se voltasse para nós. Foi por essa razão que suspendi o Conselho Supremo, para que as maquinações do Grande Jogo não pudessem nos enfraquecer diante de uma ameaça tão terrível. Sob meu comando, dez Grandes e três mil soldados do Clã Kanazawai, liderados por Hokanu dos Shinzawai...

— Hokanu esteve no outro mundo? — perguntou Mara, não se contendo. Então, tomando consciência de sua grosseria diante do Imperador, acrescentou: — Peço perdão ao meu Soberano.

Ichindar sorriu.

— Vejo que nutre algum carinho pelo jovem. Sim, Hokanu passou umas semanas em guerra em Midkemia e mais algum tempo com seu irmão, Kasumi. — O Imperador voltou a sorrir. — Não compreendemos nossos antigos inimigos do Reino. A coragem de Kasumi no conflito, a serviço de seu novo Senhor, lhe valeu a nomeação para um título de nobreza entre os povos do Reino. Não estou familiarizado com os termos deles, mas disseram que a honra concedida a Kasumi é bastante relevante.

A Grande Liberdade de que Kevin falara com tanto gosto era então verdadeira! Mara piscou para deter um acesso de lágrimas, com essa derradeira prova selando definitivamente suas crenças confusas. Dali em diante, não poderia conviver confortavelmente com as ideias rígidas de seu próprio povo quanto a castas. Homens e mulheres eram apenas seres humanos

— os deuses não indicavam se eram escravos ou nobres ou artesãos para toda a vida. O fato de em sua cultura um filho poder nascer e viver em honra e, ainda assim, nunca ter direito a um cargo equivalente a seus feitos era uma injustiça e um desperdício absoluto.

— É uma vergonha para nós — murmurou ela, inconscientemente alto — que em Midkemia um prisioneiro possa obter a liberdade e iniciar uma casa nobre, que um dia poderá ascender à grandeza, entre seus antigos inimigos, que chamamos de bárbaros, enquanto seus filhos, igualmente valorosos, presos no Império, nada mais possam ser do que escravos. Temo que sejamos nós o povo bárbaro, e não os midkemianos.

Surpreso com aquele conceito, que anteriormente fora mencionado apenas por Kamatsu dos Shinzawai, o Imperador de Tsuranuanni observou a mulher por sobre a balaustrada.

— Foi o que pensei. Talvez lhe agrade saber que todos os escravos devolvidos pelo Portal serão homens livres em sua terra natal. O Rei Lyam jurou que assim seria e, apesar de a primeira tentativa de paz ter resultado em um desastroso revés, considero-o um Governante honrado. — Destroçada pelas recordações de Kevin, Mara se limitou a assentir. — Sinto relutância em devolver o controle do Império ao Conselho Supremo — recomeçou Ichindar, retomando o assunto que a levava até ali. Baixou o tom de voz para que os Sacerdotes e o escriba não ouvissem: — Também percebi que há a possibilidade de um novo começo. — Largou a mão de Mara com um meio sorriso de desgosto estranhamente semelhante ao de Hoppara. Então, depois de indicar por gestos ao criado que lhe colocasse de novo o enfeite sobre a testa, subiu outra vez os degraus para seu alto trono. Sentado novamente em sua pose de Estado, formulou sua resposta oficial: — Aconteça o que acontecer amanhã, o Império mudou para sempre. Os magos se reuniram para debater esse assunto, mas estão relutantes em voltar a intervir na política, uma vez que o risco do Inimigo já pertence ao passado. Muitos dos que se aliaram a mim para enfrentar tal ameaça já se retiraram — apontou para as cadeiras vazias sobre os degraus da pirâmide —, alguns em consequência de eu ter condenado Axantucar. — Ichindar observou Mara por uma última e demorada vez. — Penso que seu plano tem méritos, mas os riscos são iguais, se não maiores do que outros que deseja evitar. — Não foi necessário dizer que poderiam não ser apenas os Senhores a cair no caso de a proposta de Mara dar errado. O próprio Império poderia mergulhar num banho de sangue. — De manhã anunciarei minha resposta — anunciou Ichindar. — Tasaio já solicitou um encontro, com a presença de todos os Governantes. Creio que se trata de uma forma de exigir que eu compareça diante do Conselho Supremo para responder às acusações. — Parecendo agora apenas um garoto suportando um fardo pesado de joias, metais reluzentes e seda, Ichindar suspirou. — Creio não ter escolha. Terei de enfrentar Tasaio. — Deu por encerrada a audiência com um sorriso cansado. — Aconteça o que acontecer, Senhora Mara, a Senhora conquistou minha estima. Aguarde amanhã pela minha palavra e que os deuses a protejam e ao nome de seus antepassados.

Mara curvou-se levemente, sentindo admiração por aquele jovem, ensinado desde cedo a

venerar a tradição e, ainda assim, imaginativo e inteligente o bastante para ver além da glória aparente, em prol do bem de seu povo. Mara abandonou o grande salão consciente de que se tratava de alguém especial e de que o cargo poderia nunca mais ser abençoado com alguém com ideias tão imparciais.

Na antessala imperial tinha à espera seu próprio grupo, incluindo Saric, Lujan e Arakasi como criado pessoal, juntamente com uma guarda selecionada de guerreiros. Enquanto um dos ministros de Ichindar acompanhava a comitiva dos Acoma para fora dos aposentos imperiais, Mara permaneceu profundamente imersa em reflexões. Do lado de fora, ao ser auxiliada por Arakasi a entrar na liteira, disse:

— Para casa, rápido. Temos muito que fazer em, perigosamente, muito pouco tempo.

Mara esteve reunida durante toda a noite. Senhores de muitas facções e clãs dirigiram-se à casa dela na cidade para procurar sua sabedoria. Duas horas antes do alvorecer, a Senhora reuniu uma escolta e partiu em sua liteira para visitar o único Governante que não respondera ao seu chamado. O sonolento guarda que respondeu à batida de Lujan na porta da casa do homem escutou a ordem de Mara.

— Anuncie ao Senhor Iliando que Mara dos Acoma aguarda por suas boas-vindas.

O mal-humorado Senhor dos Bontura chegou pouco depois, com o cabelo ainda desarrumado de quem acabara de acordar e uma túnica que não combinava com as pantufas. Com uma expressão ainda carrancuda por ter sido acordado, proferiu as palavras de boas-vindas a Mara e a seus acompanhantes. Quando ela se instalou confortavelmente na sala de estar e foram acordados criados para servir, por cortesia, uma refeição leve e chocha, ele falou sem rodeios:

— Mara, por que veio aqui sem ser convidada a esta hora da noite?

Mara sinalizou a Lujan e à sua guarda de honra para que se retirassem.

— Vim pedir sua ajuda.

Iliando levantou uma mão.

— Você tem minha solidariedade em suas dificuldades, mas quanto a me opor a Tasaio...

Mara ficou de pé no mesmo instante.

— O quê?

Será que o Senhor dos Bontura tinha espiões entre a comitiva dos Minwanabi ou um agente de Incomo dera com a língua nos dentes? Ninguém além do círculo mais próximo dela deveria saber do conteúdo da discussão ocorrida na colina com o inimigo.

— Então, menina, seu encontro com Tasaio no alto da colina, com dois exércitos às suas costas, dificilmente seria mantido em segredo, certo? — A expressão de Mara revelou que ela esperara que isso fosse possível. — Vou poupar seu tempo. Já dei meu apoio a Jiro dos

Anasati — confessou o Senhor dos Bontura.

Um escravo apareceu com uma bandeja de chocha e discretamente começou a encher as canecas. Enquanto o Senhor mais velho soprava a sua para esfriar a bebida escaldante, Mara estreitou os olhos.

— Jiro? O que ele pretende obter com isso?

— A Senhora precisa perguntar a ele. — O Senhor dos Bontura tentou insensatamente beber um gole, queimou a língua e, com repugnância, deixou a caneca de lado. — Esqueça a chocha — avisou, de modo desnecessário. Já sem paciência, mas com sensatez suficiente para se manter quieta, Mara aguardou que o Senhor já de certa idade se explicasse. — Jiro enviou uma mensagem a todos os membros do Clã Ionani deixando clara sua crença de que considerava sua casa em melhor posição do que a do Senhor dos Tonmargu.

— Então ele se candidata ao cargo de Chefe de Guerra — concluiu Mara. De repente, precisou da chocha como desculpa para manter as mãos ocupadas. Os nervos, a tensão e os desconfortáveis ajustes de seu corpo à gravidez estavam se revelando um preço difícil de pagar.

— Se Frasai dos Tonmargu temer confrontar Jiro, teremos uma grande alteração nas fileiras das Grandes Famílias. Pode ter passado da hora — conjecturou o Senhor dos Bontura. Não precisou lembrar que Frasai detestava conflitos.

Espantada, Mara parou para pensar nas implicações daquela inesperada reviravolta. Com tristeza, percebeu que Nacoya e Kevin tinham razão: depois de longos anos alimentando rancor, Jiro continuava furioso por ela ter escolhido seu irmão, e não ele, como marido. Jiro, aparentemente, percebera qual era a única via que permanecia aberta a Mara e tratara de fazer suas jogadas para que ela fracassasse, pois, se não tivesse o apoio do Clã Ionani numa coligação destinada a bloquear a maioria dos Minwanabi, os anos que ela passara reunindo confiança e dívidas de votos de nada iriam servir. O herdeiro dos Anasati poderia se recusar a apoiar os Minwanabi e os Acoma, encurralando o Conselho Supremo. Sua profecia de que Tasaio usurparia o Governo Imperial graças à lentidão de terceiros se revelaria verdadeira. Mas Mara não ficou muito satisfeita, pois um inimigo jurado passaria a dedicar então toda a sua atenção a destruir sua casa assim que o impasse se tornasse óbvio. Nitidamente, a Senhora dos Acoma não viveria tempo suficiente para ver sua profecia se concretizar. Levou as mãos instintivamente à barriga, como se pretendesse proteger a semente do filho de Kevin. Menino ou menina, o bebê poderia nunca vir a nascer. E, se Jiro fosse suficientemente paciente e esperto para sobreviver enquanto conflito se intensificava, poderia emergir como o candidato lógico ao cargo de Senhor da Guerra. Profundamente imersa em seus pensamentos e em busca do que tudo aquilo implicava, Mara perdeu-se na teia de reviravoltas do Grande Jogo.

— Senhora, está doente?

A pergunta do Senhor Iliando a despertou da meditação.

— Não, estou apenas... cansada. — Desvalorizou a preocupação do anfitrião e

acrescentou: — O Senhor está em dívida comigo.

O homem inclinou a cabeça, reconhecendo que era verdade, e exibiu um ar pesaroso.

— Não posso comprometer minha honra, Mara. A Senhora tem meu voto no Conselho apenas em circunstâncias que não levem à desonra de minha família ou do meu clã. Foram esses os nossos termos.

— Não exigiria uma quebra de integridade como essa — assegurou Mara. — Em vez disso, solicito que mobilize o apoio do Clã Ionani. Se conseguir convencer seus parentes a apoiarem o Chefe de Guerra Ionani contra a Casa dos Minwanabi, considerarei sua dívida quitada, assim como será mantida a honra de seu clã.

Iliando encolheu os ombros.

— Mesmo aqueles que no final irão apoiar Tasaio vão dar mostras de apoiar a pretensão do Senhor dos Tonmargu numa das rodadas de votação. É o que se espera, Mara.

— Não deve confundir meu pedido com uma demonstração *pro forma* de respeito por Frasai — interveio Mara. Por trás do biombo, a primeira luz pálida e cinzenta do amanhecer começou a se impor sobre a noite. Ela estava com medo de ficar sem tempo e essa constatação fez com que perdesse a paciência. — Exijo o máximo de votos possível contra a possibilidade de um conflito entre Tasaio e seu Chefe de Guerra. Para isso, dependo da garantia de que o Clã Ionani se manterá firme até eu mostrar claramente que já não é necessário. Especialmente porque amanhã, a esta hora, Jiro dos Anasati pode substituir o Senhor dos Tonmargu como Chefe de Guerra.

O Senhor Iliando suspirou fundo.

— O que pede é complicado. Vou ver o que posso fazer, começando pelo Senhor Ukudabi. Ele é influente, e o primo dele, o Senhor Jadi, foi arruinado pelo tio de Tasaio, e por isso sua casa não nutre simpatia pelos Minwanabi.

— Excelente. — Mara colocou a caneca de chocha meio vazia de lado e levantou-se. — Eu mesma vou visitar o Senhor dos Tonmargu. — Assim que seu anfitrião a viu sair pela porta, ela concluiu: — Há muito mais em questão do que a rixa entre mim e Tasaio, meu Senhor Iliando. O Império foi mergulhado numa onda de mudança e cabe ao Senhor, a mim e aos outros decidir se o resultado será bom ou ruim. Lembre-se disto: por mais que pense diferente, eu sirvo o Império.

Mal chegou do lado de fora, Mara teve de se apressar. Deu instruções rápidas a Lujan, subiu na liteira e suportou uma corrida aos solavancos enquanto seus carregadores a levavam rapidamente através da cidade. Àquela hora as ruas estavam desertas, com exceção dos vendedores de legumes que conduziam carroças abarrotadas puxadas por needra e dos Sacerdotes que entoavam as orações da aurora. Nervosa demais para conseguir dormir, Mara fechou os olhos, que ardiam, até chegar a seu destino, um discreto, mas muito bem construído, casarão na cidade velha, com guardas de armadura azul nas entradas. Assim que seus carregadores se dobraram para baixar a liteira, Mara puxou a cortina para o lado e gritou:

— Mara dos Acoma!

O oficial de serviço se aproximou e a saudou.

— Minha Senhora, em que posso ser útil?

— Avise a seu Senhor que desejo vê-lo imediatamente!

O oficial emplumado reagiu com uma reverência extremamente educada e atravessou os portões em passo acelerado. Apesar de ainda ser cedo, Kamatsu dos Shinzawai já não estava na cama. Tendo terminado o desjejum, ordenou que conduzissem Mara ao interior da casa, até o confortável escritório em frente ao jardim. Em um cômodo bastante reservado cercado por flores e plantas, Mara se deparou com o Senhor dos Shinzawai conversando com outra figura, que vestia a túnica de um mago. Pega desprevenida, Mara hesitou e depois fez uma profunda reverência.

— Grande, peço perdão pela interrupção.

A figura encapuzada se voltou para Mara e ela reconheceu Fumita assim que os enigmáticos olhos escuros se voltaram para ela.

— Não está interrompendo nada, Mara dos Acoma. Apenas encontrou dois velhos se lembrando de outros tempos.

Sua declaração foi feita em tom amável, mas até a avaliação desinteressada de um membro da Assembleia era perturbadora no estado agitado em que Mara se encontrava.

— Voltaria mais tarde — desculpou-se —, mas o tempo urge e preciso conversar com o Senhor Kamatsu.

O Chefe de Guerra do Clã Kanazawai indicou à Senhora que se acomodasse numa luxuosa pilha de almofadas.

— Já comeu, Senhora Mara? Se não o fez, meus criados podem lhe trazer algo leve.

Mara aceitou de bom agrado um lugar para se sentar, mas, só de pensar em mais comida, ficou enjoada.

— Um pouco de tesh bastaria. — Assim que um dos criados dos Shinzawai se dirigiu discretamente à cozinha, ela olhou em volta da sala. — Onde está Hokanu?

O idoso Senhor dos Shinzawai sorriu com uma calorosa indulgência.

— Ele ficará chateado ao saber que perdeu sua visita, Senhora Mara. Mas, como Comandante das Forças Armadas da casa e Subcomandante do Senhor dos Keda, sua presença é necessária nas colinas, junto com o exército. — A tristeza em seu rosto ficou evidente ao acrescentar: — Assim como todos os clãs do Império, os Kanazawai se preparam para a guerra. — Então, presumindo que ela aparecera para ter notícias do acordo de casamento, Kamatsu suspirou. Parecendo sentir um peso sobre os ombros, acenou para sua visitante. — Mara, em outros tempos, mais calmos, nada me agradaria mais do que unir minha casa a uma tão honrada quanto a dos Acoma. — Quando prosseguiu, sua sinceridade se revelou genuína: — Nem poderia desejar uma nora mais talentosa do que você. Mas, apesar de não ter perdido meu primeiro filho, como inicialmente achei, ele não vai voltar para governar em meu lugar. O

Rei das Ilhas lhe concedeu o direito de nobreza e terras no outro mundo. Como seu pai, respeito sua escolha de permanecer nas terras de Midkemia e Hokanu continua sendo meu herdeiro.

Percebendo que o ancião se detivera à procura das palavras adequadas, Mara tentou aliviá-lo de seu desconforto:

— Não foi por causa do acordo de casamento que vim aqui. Por favor, não se sinta obrigado a dar sua resposta quando outras dificuldades nos assolam.

Kamatsu abriu um sorriso caloroso.

— Sua amabilidade é bem-vinda, Senhora Mara. Sempre compreendi as razões de Hokanu estimá-la. Na verdade, se a escolha fosse simplesmente pessoal, eu teria dado meu “sim” no dia em que sua carta chegou. O atraso na resposta a seu pedido é de minha inteira responsabilidade, já que o futuro de nossa terra é incerto. Não estou certo de que, depois de amanhã, qualquer um de nós estará em posição de considerar casamentos.

Então ele também soubera da convocação de Tasaio para confrontar o Imperador. Esquecendo a presença do Grande sentado no canto, imóvel como uma sombra, Mara observou o homem que figurava entre os mais honrados Governantes do Império. A idade não lhe pesava. O cabelo grisalho nas têmporas lhe dava, mais do que o aspecto de um velho, um ar distinto, e seus olhos, envoltos em rugas expressivas, eram amáveis. Enquanto a inteligência de Hokanu lhe proporcionava uma intensidade de fogo, o pai, com os anos, adquirira um ar sábio, tranquilo e confiante. Intuitivamente, Mara pressentiu que se tratava de um Governante com quem poderia falar abertamente.

— Escute-me — disse, séria —, pois o que tenho a dizer é para o bem do Império. — Após aquele início formal, descreveu o plano que tentava pôr em prática desde que o sol se pusera na véspera.

Diante da entrada que no passado fora a área do palácio destinada ao Conselho Supremo, Tasaio e sua guarda de honra vestida de preto e laranja foram detidos por um contingente de uma dúzia de Brancos Imperiais. Em todo o seu esplendor e comandados por um Líder de Ataques cujas plumas douradas se abriam como um leque no topo de seu elmo polido, se postaram em fileiras organizadas em frente à entrada, barrando a passagem. Antes de Tasaio conseguir falar, o Líder de Ataques Imperial levantou a mão.

— Meu Senhor dos Minwanabi, sua presença perante a Luz do Céu é solicitada. Ele o aguarda na câmara anteriormente utilizada pelo Conselho Supremo. — O oficial fez um sinal os guerreiros se afastaram ordenadamente para os lados, permitindo a passagem de Tasaio.

Resplandecente em sua melhor armadura e carregando sua espada familiar passada de geração para geração na bainha de seu cinto preto, Tasaio ordenou à comitiva que avançasse.

Ao atravessarem os corredores de paredes altas do complexo do Conselho, sorriu de modo seco e presunçoso para seu Conselheiro-Mor.

— Ichindar sabe muito bem manter a ilusão de comando, mesmo que na realidade sua autoridade seja questionada.

Incomo não respondeu. Com calor, devido a suas vestes cerimoniais, e ofegante demais por causa do passo acelerado, mal conseguiu simular alguma dignidade e manter a distância atrás de seu Senhor enquanto tentava imaginar o que poderia dar errado durante o confronto iminente. Assim que chegaram ao Salão do Conselho, Incomo foi pego de surpresa quando Tasaio parou de repente na soleira da porta principal; o idoso conselheiro quase trombou com ele. Arrancado de suas preocupações relativas a eventuais desastres, Incomo espiou por cima do ombro do Senhor para ver o que fizera parar.

A câmara, sem surpresa, apresentava-se repleta de Governantes. Como os de hierarquia inferior tinham ocupado primeiro seus lugares e eram no momento a família mais poderosa do Império, Tasaio teve o privilégio de ser o último a se acomodar. O fato de não se tratar de uma reunião comum do Conselho foi confirmado pela constatação de que até as fileiras mais altas estavam lotadas. Os Senhores mais insignificantes do Império acharam apropriado assistir àquela reunião, um indicador seguro de tempos de crise. Incomo estreitou seus olhos míopes para distinguir melhor o dossel central. No brilho ofuscante da luz do sol vinda da cúpula, distinguiu uma figura com casaco branco brilhante e armadura de precioso ouro polido. Ichindar, noventa e uma vezes Imperador, estava de pé no alto do dossel central. Em meio ao brilho das joias e dos metais, Incomo levou algum tempo para reparar no que mudara. Quando o fez, o motivo da parada precipitada de Tasaio se tornou claro: o de ouro e marfim onde haviam se sentado gerações de Senhores da Guerra não se encontrava mais sobre o dossel.

— Malditos sejam os antepassados dela — sibilou Tasaio muito baixinho. Depois de notar a ausência do trono branco e dourado, viu Mara de pé, vestida de seda verde reluzente, abaixo do dossel e aos pés da Luz do Céu.

— Meu *Senhor Tasaio* — disse Ichindar no incômodo intervalo enquanto Tasaio ainda não se recuperara da surpresa. O Senhor dos Minwanabi planejava entrar no salão e, diante do Conselho Supremo e do próprio Imperador, subir ao dossel e assumir o lugar de Senhor da Guerra. Mara fizera com que a cadeira fosse removida para frustrar essa encenação. Quando todos os olhares se voltaram, flagrando o Senhor dos Minwanabi em seu momento de vergonha furiosa, a Luz do Céu prosseguiu: — Solicitou minha presença numa reunião com os Senhores do Império. *Aqui estou.*

Tasaio recuperou a compostura com um reflexo tão rápido quanto um golpe de espada. Como se já pretendesse falar de seu lugar na entrada central, olhou altivamente para o salão.

— Vossa Majestade, meus Senhores. — Olhou para Mara. — Senhora. — Entrando na câmara diante de uma audiência silenciosa, desceu lentamente as escadas. — Viemos para exigir o fim desta interrupção do tradicional curso do governo no Império. — Sem pausa para

fazer uma reverência, prosseguiu: — Majestade, acho que é hora de o Conselho Supremo se reunir outra vez para designar um novo Senhor da Guerra.

Permanecendo por um momento em silêncio enquanto Tasaio chegava à escada que conduzia ao piso inferior, a figura resplandecente no dossel inclinou a cabeça.

— Concordo.

Surpreendido pela segunda vez, em um curto espaço de tempo, Tasaio se deteve. Percebeu que, se descesse mais as escadas, ficaria num nível inferior ao do Imperador, e por isso permaneceu onde estava, olhando para Ichindar de igual para igual. No entanto, hesitou. De todas as respostas que antecipara, aquela fora a última que esperaria ouvir.

— Concorda, Majestade?

Ichindar ergueu o cetro revestido de joias indicativo de seu cargo.

— Antes que este dia termine, chegaremos a um consenso claro. O Conselho Supremo deve confirmar minhas decisões do último ano ou a velha ordem deve ser restabelecida. — Olhou para baixo, na direção de Mara. — Estou em dívida para com a Senhora dos Acoma por ter me feito chegar a essa conclusão. Entendo agora que uma única voz não é a forma de obter apoio para as mudanças necessárias a assegurar nosso futuro. Se nosso Império pretende sobreviver, chegou a hora de todos repensarmos nossas necessidades. Nosso mundo e nossa cultura estão agora abertos pelos Portais. Em nossa primeira experiência aprendemos, para nosso pesar, que as velhas formas de conquista e guerra são uma infeliz maneira de lidar com os povos de outros mundos. Não só nossos antigos inimigos se revelaram homens honrados — prosseguiu o Imperador — como generosamente nos mantiveram a par de suas lutas contra o terror ancestral conhecido em nossa História como o Inimigo. — Aquelas informações foram recebidas com um murmúrio que percorreu a multidão, mas Ichindar levantou a voz para se fazer ouvir: — Para nos relacionarmos com os midkemianos e outros que possam vir depois deles, temos de mudar nossa maneira de agir.

Tasaio gritou, apelando ao Conselho de Senhores:

— Para lidar com forças de outro mundo, temos de ser fortes! Nós nos envergonhamos porque Almecho não teve a coragem necessária para fazer de um milhão de espadas uma única arma manejada por uma mão firme! — Com um olhar de desprezo lançado ao jovem Imperador em suas muitas camadas de enfeites e depois à minúscula Senhora a seus pés, o Senhor dos Minwanabi fez um gesto de puro desdém. — Está na hora.

Mara retribuiu o olhar sem pestanejar. E, antes de qualquer coisa, declarou:

— Prometi que não veria outro Senhor no trono branco e dourado antes de você, Tasaio. Olhe, o assento de ouro e marfim foi removido. Com isso, pode ver que mantenho minha palavra de honra. Ninguém se sentará no trono antes de você, Tasaio.

Um murmúrio varreu as galerias abarrotadas e os lábios de Tasaio se retorceram de raiva. No entanto, antes de conseguir responder, ouviu-se uma voz vinda das fileiras da frente:

— Quero dar voz à minha escolha.

Todos os olhos se voltaram para olhar quando Jiro dos Anasati se levantou de seu lugar, atravessou o salão até um ponto no meio do caminho entre o Imperador no dossel e a figura de armadura laranja no degrau. Após um momento de dramática confrontação, moveu-se para se pôr ao lado do Senhor dos Minwanabi. Dali, lançou um triunfante sorriso de escárnio a Mara.

— Senhora, com isto quito uma velha dívida nossa. Talvez o espírito de meu irmão encontre repouso ao saber que sua assassina foi punida.

Mara sentiu de repente o peso de todas as horas de sono perdido e as dores de cada esperança destruída. O erro que cometera não tinha agora qualquer chance de ser remediado. Mais uma vez subestimara a sede de vingança de Jiro e apostara demais em sua ambição. Ainda assim, como seu pai, ela enfrentou a morte com espírito de luta.

— Você pensa em apoiar Tasaio agora — disse com um escárnio que subiu até a fileira mais alta. — Sua intenção é enfrentá-lo enfraquecido depois que ele esgotar suas forças me destruindo?

A conjectura era absurda, diante da ascendência dos Minwanabi. Jiro limitou-se a sorrir e olhou para Tasaio.

— Fico ao lado do Senhor da Guerra, pois a ordem no Império deve se retomada.

Essas palavras desencadearam um burburinho quando uma grande quantidade de Senhores se aliou à proposta de Jiro de restabelecer o antigo regime. Levantaram-se, em um arrastar de túnicas, para ficarem atrás de Tasaio, até que a escadaria onde ele estava ficou cheia, transbordando até as fileiras adjacentes. Alguns Senhores ficaram encurralados no meio da multidão e não foram poucos os que perderam a vontade de lutar contra a onda predominante, para se libertar da multidão. Seus números, somados àqueles que efetivamente o apoiavam, formaram uma formidável aliança em torno do Senhor dos Minwanabi. No entanto, Mara prosseguiu, contra o que seria considerado racional:

— Meu Senhor dos Xacatecas?

Hoppara dos Xacatecas levantou-se e se aproximou para ficar ao lado dela abaixo do Imperador. Um grupo de nobres leais do Clã Xacala juntou-se a ele, com feições severas demonstrando determinação. O Senhor Iliando dos Bontura se colocou ao lado de Mara. Então entraram em cena os membros do Clã Kanazawai, circundando o dossel central.

Ainda assim, a vantagem foi logo subjugada, pois a maior parte do Clã Ionani avançou para se alinhar com Tasaio. Os poucos membros dos Omechan presentes se dividiram de modo igual. Depois que todos os Senhores tomaram partido, ficou evidente que a maioria apoiava Tasaio. Encostado descontraidamente em uma balaustrada, com uma expressão suave e segura, ele lançou um olhar lânguido à sua inimiga.

— Bem, Mara, é o melhor que consegue fazer?

Menos pretensiosa, mas sem perder a pose de comando, Mara endireitou os ombros.

— Senhor Jidu dos Tuscalora, o Senhor me jurou fidelidade.

O vassalo desobediente, que pensara que conseguiria se esconder na retaguarda da Facção

dos Minwanabi, envergonhado, se retirou do degrau. Obrigado a se desculpar muitas vezes ao espremer seu corpo volumoso por entre a multidão, chegou afinal até o ponto em que se reunia a facção de Mara, vermelho e suando de vergonha. Mara ignorou seu desconforto.

— Senhor Randala — gritou ela. — O Senhor me prometeu um voto no Conselho. Invoco agora essa dívida.

Importante Senhor do Clã Xacala e potencial rival do jovem Senhor dos Xacatecas na disputa pelo cargo de Chefe de Guerra, o Governante com cabelo cor de areia dos Xosai se retirou do lado salão que reunia os apoiadores de Tasaio. Dois outros Senhores Xacala abandonaram seus aliados e o seguiram. Depois deles, veio outro homem das galerias superiores, com uma armadura escarlate e marrom, que declarou:

— Quero que todos saibam que Tasaio dos Minwanabi usou o honrado nome dos Hanqu numa tentativa de arruinar os Acoma. Fiquei ofendido com tal atrevimento e junto meu grupo à Senhora.

Retirando uma inesperada satisfação da desastrosa emboscada no vale, Mara avançou para o degrau mais baixo do dossel. Diante de todos os presentes, anunciou:

— Nunca mais um nobre do Império ocupará o cargo de Senhor da Guerra. — Quando uma agitação ameaçou abafar suas palavras, olhou com determinação para cinco outros Senhores que permaneciam ao lado do inimigo de sangue de sua família. — Meus Senhores, todos vocês se comprometeram a ceder um voto a mim. Reclamo neste momento a minha dívida.

Com relutância, os Senhores em questão abandonaram a posição que haviam escolhido. Quando eles e alguns de seus vassalos e aliados engordaram a multidão reunida atrás de Mara, outros reagiram à alteração de forças no salão. Cada vez mais apoiadores de Tasaio abandonavam suas fileiras e engrossavam o grupo ao redor de Mara. As feições de Tasaio se contraíram com irritação.

— Consegui meu impasse, Mara, e reconheço a inteligência que lhe permite seguir seu juramento à risca, sem ir à sua essência — disse, em tom tenso. — Ganhou alguns dias, no máximo. Por isso, por que não pôr um fim a esta farsa?

— Hoje não participo do Grande Jogo para obter glória ou ganhos pessoais — interrompeu Mara. — Pelo bem do Império, chamo meu Senhor dos Tonmargu.

Do fundo do salão, o segundo candidato mais poderoso ao cargo de Senhor da Guerra entrou com uma guarda de honra de vinte homens. Ereto, apesar de sua idade avançada, desceu cautelosamente as escadas passando por Tasaio e se colocando ao lado de Mara. Se seu corpo parecia dobrado pelo peso dos anos, a voz, por sua vez, revelou-se ainda poderosamente ressonante:

— Pelo sangue honrado de meus antepassados, escutem meu compromisso. Ajo pelo bem do Império. — Dito isso, subiu ao dossel e se curvou diante da deslumbrante figura do Imperador. — Majestade, pelo bem de meu povo, cedo ao Senhor minha autoridade. —

Ergueu o cetro que simbolizava seu posto de Chefe de Guerra do Clã Ionani e o entregou a Ichindar.

Jiro avançou, irado.

— Você não pode fazer isso!

O Senhor Frasai dos Tonmargu virou sua cabeça grisalha na direção do jovem que herdara o manto que antes pertencera a Tecuma.

— Filho de meu parente — disse, com tristeza —, você está enganado. Ichindar tem nosso sangue. Você se atreve a alegar que há alguém acima dele em nosso clã?

Com o rosto vermelho de raiva, Jiro pareceu prestes a argumentar. Mas um barulho crescente abafou sua voz quando uma série de conversas animadas irrompeu na câmara. Em meio à agitação, mais duas pessoas entraram no salão: o Senhor Kamatsu dos Shinzawai, com a armadura de seus antepassados e carregando o cetro dos Kanazawai, e, ao lado dele, o Senhor dos Keda, seu antecessor e mais um de uma linhagem com reconhecida pretensão ao cargo de Senhor da Guerra.

Kamatsu chegou ao dossel de Ichindar e fez uma reverência.

— Falamos com uma só voz e agimos pelo bem do Império. — Com grande dignidade apesar de todas as lacunas cerimoniais, depositou seu cetro de Chefe de Guerra dos Kanazawai nas mãos da figura de armadura dourada no dossel.

Tasaio gritou acima do crescente murmúrio de surpresa:

— Isto é uma violação da tradição, Kamatsu!

O Senhor dos Shinzawai censurou tal acusação:

— Minha família é tão nobre quanto qualquer outra do Império. Podemos seguir nossa linhagem até o vigésimo quarto Imperador e temos relações de sangue com a Luz do Céu. Diz a tradição que qualquer um da linhagem do clã pode ocupar o cargo de Chefe de Guerra. — Terminou em tom de ressoante desafio: — Você se atreve a negar a pretensão de sangue de Ichindar?

— Tasaio — disse Mara —, você pode ser um comandante brilhante em combate, mas sua compreensão da História é deficiente. Nunca lhe ocorreu refletir sobre o motivo de, segundo a tradição, só ser permitido a cinco famílias se candidatarem ao cargo de Senhor da Guerra, primeiro nobre do Império a seguir a Luz do Céu? — Sem saber o que dizer, Tasaio reagiu com um encolher de ombros tsurani. — As primeiras cinco casas, incluindo a sua, são as que se relacionam mais diretamente com os fundadores do Império! — Mara observou com desprezo seu inimigo jurado. — Se tivesse perguntado, qualquer Mestre do Saber ou Guardião dos Arquivos Imperiais teria podido esclarecê-lo. O Conselho Supremo original foi criado por cinco irmãos, todos filhos do primeiro Imperador! — Mara abarcou a sala com um movimento do braço. — Todos temos as mesmas origens, Tasaio. Se pesquisar o suficiente, verá que, de uma maneira ou de outra, todas as principais famílias dos grandes clãs estão relacionadas.

O Senhor dos Xacatecas, ao lado de Mara, tomou a palavra:

— Eu ajo pelo bem do Império! — depois, se juntou a seus dois antecessores no degrau do dossel e passou seu cetro de Chefe de Guerra dos Xacala ao Imperador.

A armadura dourada brilhou quando Ichindar levantou as mãos e todos os presentes repararam que ele ostentava não três, mas quatro cetros. Em meio ao crescente rebuliço, a Luz do Céu falou em voz alta:

— Esta manhã recebi o cetro do Clã Omechan, Tasaio. Preste atenção e tome cuidado. Há quatro pretendentes ao trono branco e dourado do meu lado.

Jiro dos Anasati lançou um olhar de pura raiva a Mara antes de se curvar ao inevitável.

— Tasaio, o destino assim decretou. Lamento. — Dito isso, o segundo pior inimigo dos Acoma abandonou seu lugar ao lado do Senhor dos Minwanabi. Sua deserção precipitou a retirada dos demais Senhores Ionani, deixando Tasaio sozinho com um punhado de vassalos e seguidores encolhidos de medo.

Um deles, de repente, deu meia-volta. Ao descer o degrau em direção ao grupo ao redor do dossel, Tasaio cedeu à raiva:

— Bruli dos Kehotara! Você está desgraçando a memória de seu pai! Ele era um servo honrado dos Minwanabi. Você, com sua covardia, envergonha seu nome!

Atraente como poucos eram em pesados trajes formais, Bruli girou levemente sobre os calcanhares.

— Eu envergonho, você diz! Isso é um insulto vindo de alguém que no passado procurou me usar como instrumento para arrasar a Senhora Mara! Nem você nem Desio foram condescendentes em me tratar, seu tão querido vassalo, tão generosamente quanto essa Senhora no momento em que me derrotou. — Bruli cuspiu com desprezo no degrau onde estava Tasaio. — Já estou farto dos Minwanabi.

— Hei de ver as terras de seus antepassados semeadas com sal e seu natami despedaçado! — gritou Tasaio em um acesso de fúria.

A ameaça não perturbou o Senhor Bruli. Ele se afastou sem olhar para trás até se colocar ao lado de Mara, diante da qual se curvou.

— Alguns poderão dizer que hoje manchou a honra da família, Senhora Mara. — Depois sorriu. — Eu não concordo. Apesar de nossos desentendimentos no passado, creio do fundo do coração que está servindo verdadeiramente o Império, Senhora. Que a paz dure entre nós de hoje em diante.

Mara respondeu com um sorriso e afirmou:

— Diante do Conselho Supremo, reconheço a amizade entre os Kehotara e os Acoma.

Os olhos de Tasaio arderam de frustração.

— Você pode ter se aproveitado de Ichindar, Mara, mas a história não acaba aqui. Eu lhe dei minha palavra de que poderia voltar para casa em segurança, mas, assim que meus batedores me trouxerem a informação de que você pisou em solo Acoma, vou lançar sobre

você o poder dos Minwanabi. Mais do que isso. — Voltou-se, imperativo, para os que ainda se mantinham com ele e gritou: — Invoco a Honra do Clã! Os Acoma desgraçaram o Império e o Clã Shonshoni! Nós declaremos guerra ao Clã Hadama!

— Eu o proíbo! — declarou Ichindar.

O sorriso de Tasaio se retorceu com malícia.

— Disponho de cinquenta mil soldados prontos a marchar sob minhas ordens. — Embora fosse condenada a exibição de armas dentro do grande salão, ele desprezou a tradição e desembainhou sua espada para dar mais ênfase à ameaça. A espada de metal raro refletiu a luz como se fosse fogo, enquanto a agitação varria a sala. Acima do clamor, em seu tom de comando, Tasaio gritou: — Se quer acabar com isso, Ichindar, permita que o façamos no campo de batalha! Seus seguidores permanecerão a seu lado? — quis saber Tasaio, com o rosto ficando cada vez mais vermelho enquanto o desafiava.

Mara sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Diante dela se apresentava um louco que preferiria ver sua civilização reduzida a cinzas a ver um rival vencer. Estupefata com a perspectiva de ver seu pior pesadelo se tornar realidade e atormentada por constatar que sua esperança fora derrubada pelo capricho dos deuses, fechou os olhos para ocultar sua angústia. Devido a seu orgulho e à fraca tentativa de alterar o futuro para um novo modelo, os Acoma não seriam os únicos a cair. Consigo, arrastaria os melhores entre os mais poderosos, e, com essa terrível constatação, veio a dor de perceber que Ayaki iria morrer antes se tornar um adulto e que o filho de Kevin poderia nunca ver a luz do dia. Mara se sentiu murchar com tal responsabilidade, pois, na verdade, o impasse acontecera por sua causa. Seus atos tinham mergulhado a nação numa guerra civil.

Paralisada, ouviu Ichindar murmurar palavras justificadas de consternação. Devastada demais para falar, voltou-se para se curvar perante seu superior. Ao ver o jovem se levantar sem qualquer sinal de medo, Mara se obrigou a falar:

— Os Acoma estão ao seu dispor, meu Imperador. — De pronto, inúmeros Senhores manifestaram seu apoio, enquanto outros se colocaram de modo a se distanciarem de seus vizinhos; o caos sangrento estava próximo demais para que alguém não demonstrasse claramente que partido tomava. Aqueles que não desejavam participar do iminente embate procuravam escapar para não serem engolidos. Naquele instante, uma voz vinda da ponta da câmara ecoou de modo imperioso:

— Não haverá combate!

A agitação cessou. Mara abriu os olhos e se deparou com o silêncio, enquanto os nobres à sua volta olhavam descrentes para cima. Dúzias de figuras vestidas de preto desceram em círculo para o salão, vindas de todas as entradas e portas laterais. Em silêncio e sem que ninguém os contestasse, os sinistros Grandes da Assembleia desceram os degraus até o piso inferior do Conselho Supremo.

O capricho dos magos valia como lei, mais forte do que a força dos exércitos. Conscientes

dos estragos gerados na arena por um único homem treinado para vestir o preto, nenhum dos Senhores presentes foi suficientemente louco para enfrentar a vontade da Assembleia. Tasaio ficou paralisado, de pura raiva, bem ciente de que perdera. O último resquício de cor se esvaiu de suas feições quando voltou a embainhar a espada, caído em desgraça.

Cinquenta magos se uniram num círculo ao redor dos Senhores que cercavam o Imperador. Seu porta-voz se curvou formalmente na direção da Senhora dos Acoma. Espantada, Mara reconheceu Fumita. Em um vertiginoso acesso de medo, lembrou que ele estivera presente durante a conversa com Kamatsu. A seu lado estavam outros dois que não reconheceu: um mago pequeno e muito troncudo e outro mago magro com feições angulosas. Confrontada com seus olhares firmes e impassíveis, inconscientemente impregnados de poder, Mara viveu um momento de terror. Com certeza tinham vindo para buscá-la e punir sua imperdoável ousadia. Pois, se Tasaio tinha uma ambição gananciosa, ela também pecara com sua presunçosa tentativa de estilhaçar a tradição. No entanto, o Grande não tomou a palavra para repreendê-la. Posicionando-se entre Mara e o inimigo jurado de sua família, Fumita dirigiu-se a todos os presentes:

— Falamos pela Assembleia. Nosso Conselho se reuniu e determinamos que Mara dos Acoma agiu pelo bem do Império. Ela se expôs ao perigo de altruisticamente perder a honra para evitar o conflito e neste momento sua vida é sagrada.

O mago mais troncudo prosseguiu de onde Fumita parara:

— Estamos divididos em muitas questões, mas uma coisa deve ficar bem clara: não permitiremos uma guerra civil.

Por fim, o mago mais esguio concluiu:

— Tasaio dos Minwanabi, de hoje em diante, nós o proibimos de entrar em conflito com Mara dos Acoma. Esta é a vontade da Assembleia.

Os olhos de Tasaio se arregalaram como se tivesse sido esbofeteado. Sua mão apertou o punho da espada e uma luz perturbada brilhou em seus olhos.

— Grande — disse, num sussurro rouco —, minha família fez um juramento de sangue a Turakamu!

— Proibido! — repetiu o mago mais magro.

Completamente lívido, Tasaio fez uma reverência.

— Seu desejo será cumprido, Grande.

Ele desafiou a espada, uma herança de família feita de aço com um punho de marfim entalhado de forma elaborada. A relutância tomou todo o seu corpo ao descer o degrau e, em seguida, entregou a espada a Mara.

— À vencedora.

Suas mãos tremeram, a raiva que o dominava contida com dificuldade. Mara aceitou o troféu com suas mãos tremendo visivelmente.

— Foi por pouco.

Tasaio soltou um riso amargo.

— Não me parece. Você foi abençoada pelos deuses, Mara. — Olhou ao redor da sala. — Se nunca tivesse nascido ou se sua família não tivesse perecido para tornar possível sua herança, não tenho dúvidas de que a mudança teria surgido. Mas isto! — Gesticulou cheio de ódio referindo-se à reunião de Senhores, Mantos Negros e Imperador. — Nada de tão gravemente definitivo haveria de ser autorizado. Acho que prefiro enfrentar o Deus Vermelho a ver o Grande Jogo de nossos antepassados reduzido a uma farsa desprezível e nossos Senhores deixando de lado o orgulho e a honra em subserviência à Luz do Céu. — Seus olhos frios de um tom de amarelo-topázio percorreram uma última vez o Conselho que sonhara governar. — Que os deuses tenham piedade de vocês e do Império, que cai em desgraça.

— Silêncio — vociferou Fumita. — Shimone, da Assembleia, o levará de volta às suas terras, meu Senhor dos Minwanabi.

— Esperem, eu imploro! — gritou Mara. — Desio fez um juramento ao Deus Vermelho, com o sangue da linhagem dos Minwanabi. Segundo seu juramento, ninguém que tenha laços de parentesco com Tasaio pode sobreviver se os Acoma não forem sacrificados.

Firme como uma pedra, Fumita encarou a Senhora dos Acoma.

— O Senhor que presume que os deuses se interessam de forma tão particular por seus inimigos é louco. Desio transgrediu os limites da prudência ao fazer tal promessa. Os deuses não vão permitir que esses votos sejam cumpridos. A família dele sofrerá as consequências.

Mas Mara sentiu como se Kevin estivesse com ela, e suas irrepreensíveis crenças estrangeiras geraram uma perturbação em sua mente que nem os Grandes poderiam aplacar.

— E quanto à inocente esposa de Tasaio e seus dois filhos? — apelou ela. — A vida deles deve ser sacrificada pela honra? — Desesperada por fazer valer seu ponto de vista, virou-se e enfrentou o inimigo, com um olhar de piedade. — Liberte seus filhos da fidelidade ao natami dos Minwanabi e eu os acolherei na Casa dos Acoma. Imploro, poupe suas vidas.

Tasaio olhou para ela, consciente de que a preocupação vinha de seu coração. Com o único intuito de contrariá-la e magoá-la deliberadamente, balançou a cabeça, cruel.

— Que o sangue deles se espalhe por sua consciência, Mara. — Dito isso, arrancou do cinto o cetro de Chefe de Guerra do Clã Shonshoni. — Meu Senhor dos Sejaio — disse, na direção de um homem de pescoço largo em suas fileiras —, isto agora fica a seus cuidados.

Assim que o cetro do cargo lhe foi retirado da mão, olhou uma última vez o salão do poder. Então, com um olhar de puro prazer, fitou Mara e o Imperador e se voltou com toda a sua graça e arrogância para o mago esguio ao lado de Fumita.

— Estou pronto, Grande.

O mago pegou um instrumento de metal que tinha na túnica e fez soar um leve zumbido por todo o salão. Assim que colocou a mão no ombro de Tasaio, ambos desapareceram sem aviso; o único sinal de sua passagem foi uma leve brisa no espaço que haviam ocupado.

O Senhor dos Sejaio fitou o cetro de Chefe de Guerra que agora tinha nas mãos e com

relutância se colocou diante do Imperador.

— Majestade, não sei se ajo pelo bem do Império ou não! — Olhou de relance para os outros Senhores reunidos unanimemente em volta de Mara e Fumita. — Mas se diz que no Grande Jogo os deuses favorecem os vencedores. Então eu lhe entrego o posto de Chefe de Guerra dos Shonshoni.

Ichindar aceitou o último dos cinco cetros. Em tom claro, falou com uma autoridade de novo inquestionável:

— O cargo de Senhor da Guerra não existe mais!

Sem mais cerimônias, partiu em dois cada um dos cetros e lançou os pedaços no chão. Então, sobre o eco dos cetros caindo pelos degraus do dossel, chamou Kamatsu dos Shinzawai. O pai de Hokanu reagiu com uma reverência de profunda cortesia.

— Majestade?

— O Império necessita de você — declarou a Luz do Céu. — Eu o nomeio para um novo cargo: meu Chanceler Imperial.

Kamatsu voltou a se curvar.

— Para servir o Império, Majestade, aceito de bom grado.

Dirigindo-se à assembleia de nobres, Ichindar proclamou:

— Kamatsu dos Shinzawai é minha voz e meus ouvidos. Consideraremos seus pedidos, suas necessidades e suas sugestões enquanto nos empenhamos em reorganizar nossa nação.

Assim que o novo Chanceler Imperial foi dispensado, a Luz do Céu chamou outro nome:

— Frasai dos Tonmargu!

O velho soldado avançou.

— Majestade!

— Vamos precisar de alguém para nos orientar nas questões militares. Se Kamatsu é minha voz e meus ouvidos, você aceita ser meu braço direito?

— Para servir o Império! — disse o Senhor Frasai com sua voz grave.

Ichindar traçou claramente os novos deveres dele:

— Frasai dos Tonmargu portará o título de Suserano Imperial. Conduzirá os assuntos do Império, como o Senhor da Guerra fazia no passado, mas apenas a meu pedido. — Ichindar inclinou então seu reluzente elmo para uma figura ao lado de Mara. — Além disso, Hoppara dos Xacatecas será seu segundo em comando.

O jovem Senhor sorriu para Mara.

— Para servir o Império! — gritou com entusiasmo.

Mara lhe entregou a espada de Tasaio.

— Envie isto aos homens do deserto, para honrar a promessa de seu pai.

Hoppara dos Xacatecas recolheu a espada ancestral das mãos dela e fez uma reverência respeitosa. Em seguida, a Luz do Céu virou seu rosto para a Senhora, que permanecia ali pacientemente em suas vestes de seda verde reluzente.

— Mara dos Acoma! — A mulher que lhe oferecera um trono e os encargos do poder absoluto virou-se para cima, com um olhar inescrutavelmente profundo e com suas emoções trancadas por trás de uma postura tsurani irrepreensível. — Você evitou que o caos se apossasse de nossa nação — declarou Ichindar para todos os presentes ouvirem. E depois seu tom de voz se tornou mais íntimo: — Que recompensa podemos lhe oferecer?

Mara sentiu que seu rosto corava.

— Majestade, na verdade, nada mais desejo além de ter a oportunidade de conduzir os negócios de minha família em paz e prosperidade. Temo ter sacrificado muito de minha honra para merecer uma recompensa.

— E, contudo, deixou de lado suas próprias necessidades e sua honra para servir a um bem maior — comentou Ichindar. — Você nos lembrou de verdades esquecidas e da verdadeira grandeza. — Fez uma pausa para varrer o ar com uma mão coberta com um guante dourado. — Devolveu à nossa era um conceito negligenciado durante séculos. Com seu sacrifício, ao colocar de lado a família para o bem futuro de uma nação, definiu a maior de nossas honras. Não há recompensa que possamos lhe outorgar?

Mara ponderou por um breve momento.

— Majestade, eu pediria a posse das propriedades que pertenciam ao Senhor dos Minwanabi.

Um murmúrio seco e desconfortável percorreu todo o salão. A tradição tsurani indicava que uma casa caída era amaldiçoada pelos deuses e deveria ser evitada tanto pelo povo como pelos nobres. Muitas belas propriedades tinham sido arruinadas e invadidas pelo mato devido à convicção profunda de que a sorte de um Senhor estava ligada à terra. O Imperador fez um gesto de incerteza.

— Por que me pede algo com tais maus presságios, Senhora?

— Majestade — disse ela em tom solene —, nós nos reunimos aqui para abraçar a mudança. A meu ver, é uma ofensa maior aos céus permitir que uma propriedade tão magnífica seja abandonada à própria sorte, rumo à decadência. Não temo a má sorte. Se me der permissão, enviarei alguém ao templo do Deus Vermelho para saber se o juramento de sangue de Desio foi cumprido. Então os Sacerdotes de Chochocan poderão abençoar a propriedade, centímetro a centímetro, se isso for necessário, e um dia, quando os espíritos agitados dos Minwanabi forem banidos em paz, farei daquele lugar o meu lar. — Debatendo-se para ocultar lágrimas de alívio, Mara prosseguiu: — Já morreram bons homens e boas mulheres demais, Majestade. Os outros são escravos, sem possibilidade de mostrarem seus talentos, com seu potencial ignorado. — Fortemente invadida pela lembrança de Kevin, esforçou-se para aguentar e manter a força em sua voz: — Trabalho por um futuro de mudança e, por isso, solicito ser a primeira a quebrar uma tradição que não traz nada de bom. — Diante do espantoso pedido dela, Ichindar assentiu. E com o silêncio se tornando cada vez mais profundo, enquanto cada um dos Senhores presentes observava sua terra e seu povo sob uma

nova perspectiva, Mara lançou seu apelo: — Esse desperdício deve acabar. Já. A todos os que me enfrentaram no passado, faço esta promessa. Encontrem-se comigo com a paz no coração e acabemos com os velhos conflitos. — Olhou para Jiro dos Anasati, mas ele não revelou o mínimo vestígio de emoção. Seu rosto sob o elmo vermelho e amarelo permaneceu inescrutavelmente distante.

No dossel, o Imperador observou a troca de olhares e o espanto nas expressões de muitos dos nobres que ali estavam reunidos. Sentiu parte das emoções de Mara e, no entanto, só percebeu uma fração do que motivaria aquela mulher intensa e complexa. Deixando-se levar por completo pela perspectiva dela de uma vitória clemente, disse:

— Senhora Mara, as terras são uma compensação insuficiente pela oferta do pensamento iluminado que trouxe a este Conselho. Você detém riqueza e poder, influência e prestígio. No momento, neste salão ninguém lhe é superior em influência e grandeza. — Sorriu, incitado de súbito por um humor irônico. — Eu me ofereceria para fazê-la minha décima esposa se achasse que aceitaria. — Ao verem Mara corar, confusa, uma onda de risadas inundou o salão. Por sobre a alegria geral, o Imperador lançou sua última proclamação do dia: — A Senhora escolheu servir os outros à frente de seus próprios interesses. Assim deve ser recordada, ao longo de sua vida e de toda a História. Em eras passadas, na juventude do Império, quando alguém se prestava a efetuar um serviço extraordinário arriscando a própria vida e a própria honra, meus antepassados lhe conferiam um título, para que todos na terra pudessem reconhecê-lo com a mais elevada das aclamações. Mara dos Acoma, eu lhe concedo o antigo título de Serva do Império.

Muda de espanto, ela se agarrou ao que restava de sua compostura. Serva do Império! Nenhum dos presentes se lembrava de alguém a quem tivesse sido outorgado tão elevado título, que só fora entregue, ao longo de dois mil anos, vinte vezes. Aqueles vinte nomes eram citados para dar sorte e memorizados pelas crianças quando lhes ensinavam a História de seu povo. O cargo implicava igualmente a integração formal ao lar imperial. Imaginando sua inesperada ascensão de status, Mara percebeu que ela e Ayaki poderiam optar por se mudar para o palácio e viver com o luxo imperial para o resto de seus dias.

— Não sei como reagir, Majestade — conseguiu dizer por fim. E curvou-se diante dele como se fosse a mais humilde das servas. O Senhor Hoppara dos Xacatecas soltou então um grito de guerra e o Conselho Supremo explodiu em aplausos. Mara permaneceu no centro de um círculo de admiradores, zonga com o reconhecimento que conquistara, e mais: assegurara que sua família estaria para sempre a salvo das conspirações da Casa dos Minwanabi.

Começo

Hokanu permaneceu imóvel.

Então, sob a luz dourada que jorrava pela janela ocidental, o filho dos Shinzawai colocou as mãos no peito. De costas para Mara e virado para fora contemplando as cores de um pôr do sol brilhante, permaneceu em contemplação silenciosa.

Sentada nas almofadas da sala de reuniões particular de Kamatsu, Mara sofria por não conseguir ler sua expressão nem calcular a reação dele à sua presença. A perturbação foi ainda maior pela expectativa das difíceis palavras que teria de proferir. Pegara a mania de Kevin de mexer nas delicadas fibras do tecido e reprimiu a tristeza e a ansiedade quando se deteve. Deveria viver seus dias como Senhora dos Acoma, assim como seu amado viveria como filho livre de Zun.

— Senhora — disse baixinho Hokanu —, as coisas entre nós mudaram desde a última vez em que conversamos. — Um traço de medo afetou seu tom e suas mãos se fecharam sobre a madeira maravilhosamente trabalhada da moldura da janela. — Sou herdeiro do título dos Shinzawai, é verdade, mas você... é Serva do Império. Que vida poderíamos levar, com um abismo separando nossos cargos?

Com esforço, Mara afastou suas lembranças do malicioso escravo bárbaro.

— Iríamos viver como homem e mulher, como iguais, Hokanu. Nossas famílias e nossos nomes continuariam através de nossos descendentes e nossas propriedades ancestrais seriam dirigidas por agentes.

Perplexo, Hokanu concluiu por ela:

— Viveríamos na mansão que pertencia aos Minwanabi?

Mara percebeu a hesitação na voz dele.

— Você tem medo da má sorte?

Hokanu soltou uma pequena risada.

— Você é toda a sorte de que eu ou qualquer homem precisa, Senhora. — Depois, murmurou distraído: — Serva do Império... — Então retomou o assunto que discutiam: — Sempre admirei o lar dos Minwanabi — acrescentou. — Com você a meu lado, com certeza encontraria a felicidade lá.

Pressentindo que chegara ao ponto em que ele proferiria as palavras formais aceitando a proposta de casamento, algo que seu pai, Kamatsu, lhe dera o poder de decidir, Mara falou depressa para se antecipar:

— Hokanu, antes que você vá além, há algo que devo lhe contar.

O tom sério fez com que ele se virasse. Ela desejou não ter feito isso. Tê-lo ali frente à frente só iria dificultar as coisas. Um belo par de olhos escuros fez uma intensa avaliação, e, ao ver aquelas profundezas límpidas e a admiração sincera evidente naquele olhar, Mara sentiu um aperto no coração. Foi doloroso concluir o que tinha para dizer:

— Há algo que você precisa saber: estou grávida de um mês de uma criança de outro homem, um escravo por quem nutro grande estima. Ele voltou para sempre para sua terra, pelo Portal, e nunca mais o verei. Porém, se eu me casar, insisto que esta criança seja considerada legítima.

O atraente rosto de Hokanu não se alterou.

— Kevin — pensou ele em voz alta. — Estou ciente de seu amante bárbaro.

Mara aguardou, preparada para uma típica explosão de ciúmes masculina. Suas mãos apertaram as almofadas até as franjas ameaçarem rasgar. A preocupação e o nervosismo não passaram despercebidos. Hokanu atravessou a sala e gentilmente soltou as mãos dela do tecido. O toque se revelou leve e também um pouco trêmulo de emoção que ele, por educação, não expôs.

— Senhora, conhecendo-a como conheço, só poderia esperar que não fosse encarar essa gravidez de forma leviana. Portanto, posso apenas presumir que Kevin era um homem honrado. — A surpresa dela fez surgir nos olhos de Hokanu uma luz de alegria. De repente, sorriu para Mara. — Você se esqueceu de que passei uma temporada em Midkemia? — perguntou. — Meu irmão Kasumi tomou providências para que eu fosse bem educado quanto ao conceito bárbaro de justiça. — Seu tom deixou bem claro que usara o termo de brincadeira. — Não estou completamente alheio à fibra do povo midkemiano, Senhora Mara. — Então fez uma careta sorridente. — Fui eu que decidi trazer Pug, o Grande bárbaro, a meu pai, ao pressentir nele algo raro. — Ao ver que o nome não gerara reação em Mara, explicou-se: — Aquele que ficou conhecido como Milamber da Assembleia. — Mara não conseguiu se conter ao entender a ironia da situação e riu levemente. — De certa maneira — comentou —, desempenhei um pequeno papel nos grandiosos acontecimentos pelos quais passamos.

A Senhora dos Acoma olhou para cima, para o rosto de Hokanu, e viu uma rara compreensão. Ela poderia não levar o fogo da paixão para uma união com a Casa dos Shinzawai, mas aquele era um homem que poderia honrar e com quem seria capaz de partilhar sua nova visão do futuro. Juntos, poderiam modelar um Império ainda mais grandioso. Ele avançou para se colocar à sua frente e começou a se ajoelhar.

— Você seria capaz de nutrir afeto por dois meninos que não são seus? — perguntou Mara quando ele se ajoelhou à sua frente.

Hokanu fitou-a com ternura.

— Mais do que isso: seria capaz de amá-los. — Ele sorriu diante do espanto dela. — Mara, você se esqueceu? Sou filho adotivo de Kamatsu. Apesar de não estarmos unidos pelos laços de sangue existentes entre pai e filho, ele me ensinou o valor de uma família cheia de amor. Os méritos de Ayaki são visíveis. Quanto ao filho de Kevin, será educado como seu pai teria feito.

Tomada de repente pela emoção, Mara desviou o rosto para esconder as lágrimas. Quando os braços de Hokanu a envolveram para confortá-la, cedeu e chorou aliviada. Tudo o que mais queria era ver seu filho com Kevin aceito; a oferta de total apoio de Hokanu era bem mais do que poderia esperar, certamente mais do que sua decisão teimosa e obstinada merecia. Quase conseguiu escutar a voz de Nacoya repetindo que o homem que a abraçava era especial e merecedor de consideração.

— Os deuses escolheram com sabedoria, Hokanu — disse —, pois nenhum homem nascido neste mundo poderia compreender e respeitar melhor minhas necessidades.

— Aceito sua proposta de casamento, Senhora Serva do Império — murmurou Hokanu com todo o formalismo, mantendo a boca encostada em seu cabelo. E depois a beijou, de um modo diferente de Kevin. Mara tentou, mas seu corpo não se excitou de imediato com a súbita mudança. Seu toque não era desagradável; era simplesmente... diferente.

De seu jeito misterioso, Hokanu pareceu perceber que ela precisava de tempo para se acostumar com ele. Recuou, ainda segurando-a com firmeza, e seus olhos refletiram um leve toque de humor.

— Em nome de todos os bons deuses, como você sabe que a criança que traz no ventre é um menino?

A última preocupação de Mara se dissolveu em um bem acolhido acesso de riso.

— Porque — explicou, assumindo o papel de mulher, e não de Governante — é assim que desejo.

— Então, minha futura esposa de convicções fortes — proclamou Hokanu, levantando-a —, assim será. É melhor sairmos para informar meu pai adotivo de que teremos de roubar algum tempo de seus deveres com o Imperador para que esteja presente num casamento.

Mara fez um sinal e a companhia se deteve. O Sacerdote de Turakamu virou a máscara vermelha em sua direção, inquirindo-a muda e formalmente. Ele vestia o traje completo, o que implicava mais pinturas do que roupas. Sua carne nua apresentava-se tingida de vermelho e uma capa curta de penas e ossos sobre os ombros envolvia o colar de crânios de bebês. Contudo, apareceu em todo seu esplendor, sem qualquer acólito para ajudá-lo a conduzir a cerimônia, com o intuito de orientar a recolocação do pórtico de orações em frente à

propriedade dos Minwanabi. Mara levantou-se da liteira para recebê-lo.

— Minha Senhora — disse ele, em uma saudação formal. — Suas generosas oferendas ao templo foram muito bem acolhidas.

Mara apontou para uma grande fogueira mais acima na estrada, onde se viam diversos troncos grandes queimando.

— O que é aquilo?

— O pórtico amaldiçoado de Desio que nunca foi terminado. O templo decretou: com a queda dos Minwanabi, ficou claro que a causa que os movia não conseguiu as bênçãos do Deus Vermelho. Assim, o pórtico não está consagrado nem abençoado e pode ser destruído sem qualquer medo de retaliação divina. — Apontou para duas grandes carroças puxadas por needra estacionadas de um dos lados, à espera das tábuas desmanteladas de um segundo pórtico. — Esta estrutura será enviada para o local que a Senhora indicou. O solo voltará a ser consagrado. — Por trás da sinistra máscara de caveira, o Sacerdote tinha um tom prosaico de quem quer bater papo. — Foi um pedido muito estranho, esta recolocação de um pórtico de orações, Mara, mas, depois de discutido o assunto, não vimos blasfêmia ou sacrilégio. Com o histórico daquele monumento e do voto feito, seria compreensível que você tivesse desejado vê-lo definitivamente removido assim que tomasse posse desta terra. — O Sacerdote encolheu os ombros ao modo tsurani. — Agora que o Conselho Supremo é apenas um corpo consultivo, os templos podem voltar a desempenhar um papel mais ativo em prol do bem-estar do Império. Sua ação se revelou determinante e os servos dos deuses estão gratos. — Fez um gesto a um trabalhador, que se aproximou do poste a oeste com uma pá. — Com cuidado! — avisou com um grito. — Os restos mortais dos sacrificados não devem ser perturbados. Certifique-se de que haverá muito espaço em volta das sepulturas! — O capataz dos trabalhadores acolheu a instrução do Sacerdote. Satisfeito ao ver que o assunto estava sendo resolvido, o servo de Turakamu retomou a agradável troca de palavras com Mara: — Nós que servimos o Deus Vermelho muitas vezes somos mal compreendidos, Senhora. A morte faz parte da vida e todos acabam indo parar no Salão de Turakamu. Não temos pressa em colocar a mão nas almas deles. Lembre-se disso no futuro, se precisar de nosso conselho.

Mara assentiu, demonstrando seu respeito.

— Assim farei, Sacerdote. — Depois se voltou para Lujan: — Vou caminhar um pouco.

Dirigiu-se até a suave elevação que dava para o cais onde os barcos aguardavam nas docas para cruzar o lago. Na margem mais distante, naquele momento sob a luz do sol, ficava a enorme casa que em breve honraria os Acoma e seus visitantes e emissários.

— Lujan — sussurrou, quando seguiu com o olhar a magnífica vista do lago e das montanhas e da longínqua enseada do rio —, você alguma vez achou que poderíamos perder?

Lujan riu e Mara sentiu um enorme afeto por aquele homem, muito parecido com seu bárbaro em seu bom humor.

— Senhora, seria um mentiroso se dissesse que não cogitei a possibilidade de derrota em

mais de uma ocasião. — Em tom mais sério, acrescentou: — Mas nunca... por um momento que fosse, duvidei de você.

Mara, por impulso, pegou a mão dele.

— Agradeço humildemente por isso, meu amigo.

Juntos, Senhora e Comandante das Forças Armadas seguiram até as docas, onde os barqueiros aguardavam para levá-los até o outro lado do lago. Lujan, Saric e Keyoke assumiram seus lugares na embarcação, enquanto seus dois Líderes de Forças Militares encaminhavam os demais soldados para outros barcos, que os seguiriam. Logo a água ficou coberta com a frota de seu exército. Mara olhou de relance por cima do ombro, para onde Keyoke estava sentado, segurando um fardo no colo como se fosse algo frágil e precioso. Dentro de uma capa de pano verde decorada com joias, repousava o natami dos Acoma. O Conselheiro de Guerra de Mara treinara exaustivamente com uma velha caixa de madeira para aperfeiçoar o manuseio tanto do fardo como da bengala. Considerou a confiança nele depositada como a mais elevada honra que já lhe fora concedida, mesmo contabilizando os elogios obtidos em combate.

Os barcos navegaram velozes sobre a água. Desejando do fundo do coração que Kevin pudesse estar a seu lado, Mara ficou totalmente surpresa ao ver um mago à espera dela nas docas, em frente da casa grande. Atrás dele, viu os Sacerdotes de Chochocan, que tinham supervisionado a bênção da nova propriedade dos Acoma, em preparação da iminente união entre Mara e Hokanu dos Shinzawai.

Os primeiros convidados chegariam dentro de, no máximo, uma semana. Mara ficara aliviada, pois, por seus cálculos, o filho de Kevin deveria nascer pouco antes de se passarem oito meses após o casamento, o bastante para fazer levantar suspeitas, mas sem provar irrefutavelmente que o pai era outro que não seu marido.

O barco da frente chegou ao cais. Lujan a ajudou-a desembarcar e Mara curvou-se diante do mago.

— Grande, ficamos muito honrados.

O mais corpulento dos dois Mantos Negros da Assembleia que tinham acompanhado Fumita no Salão do Conselho se apresentou.

— Meu nome é Hochopepa, Senhora.

Mara sentiu uma pontada de preocupação.

— Há algum problema, Grande?

Ele acenou com uma mão rechonchuda.

— Não. Permaneci apenas para informar que meu colega trouxe Tasaio aqui e depois testemunhou a cerimônia enquanto o antigo Senhor dos Minwanabi punha um fim honrado à contenda e se suicidava. — Os conselheiros de Mara se juntaram a ela quando o Grande acrescentou com pesar: — Por favor, me acompanhe.

O grupo Acoma o seguiu pelas amplas trilhas do lado oposto à casa grande. Lá, mais de

dez mil pessoas aguardavam em silêncio, organizadas de acordo com seus cargos. Diante deles estava um enorme caixão decorado com panos vermelhos. Mara ergueu os olhos para as quatro figuras cobertas por mortalhas, prestes a seguir para seu último repouso.

As lágrimas inundaram seus olhos quando percebeu que duas delas eram crianças. Os criados tinham tentado deixá-las apresentáveis, mas os ferimentos recentes não poderiam ser ocultados. Tasaio cortara suas jovens gargantas. Nauseada pelo pensamento de que o menino poderia ter sido seu próprio Ayaki, Mara sentiu Lujan estender o braço para ampará-la.

— Eu teria poupado a vida deles — murmurou, atordoada.

O Grande a observou com pena.

— A linhagem dos Minwanabi chegou ao fim, Senhora Mara. A Assembleia serve de testemunha. Agora que minha tarefa está cumprida, vou me retirar. Tenha uma vida longa e feliz, grande Senhora.

Hochopepa levou a mão ao bolso, onde mantinha seu talismã de transporte. Um zumbido soou no ar e ele desapareceu. Mara ficou sem saber o que dizer diante dos antigos servidores dos Minwanabi sobreviventes. Nas seis primeiras fileiras, as pessoas vestiam túnicas cinzentas de escravos. Atrás havia fileiras de soldados, com armas e elmos empilhados aos pés e as cabeças inclinadas, em sinal de derrota. Um ancião, com vestes de escravo, mas com postura aristocrática, deu um passo à frente e se prostrou diante de Mara.

— Minha Senhora — saudou, com respeito.

— Pode falar — convidou a Senhora.

— Sou Incomo, o antigo Conselheiro-Mor do Senhor dos Minwanabi. Apresento-me diante da Senhora para auxiliar em qualquer que seja sua determinação para todos nós que servimos a esta casa desafortunada.

— Não cabe a mim decidir o destino de vocês — disse Mara, ainda abalada com os cadáveres das crianças.

Incomo olhou para cima, seus olhos escuros completamente vazios.

— Senhora, meu antigo Senhor ordenou a todos os seus parentes de sangue que viessem à casa de seus antepassados. Ordenou e viu todos eles matarem suas esposas e seus filhos, para depois se suicidarem com a própria espada. Mas esperou até cerca de uma hora atrás, quando soube que a Senhora havia pisado em solo Minwanabi, para matar a própria família. Só então, com eles mortos, caiu sobre sua espada. — Tremendo de medo e repulsa, Incomo cumpriu a última tarefa ordenada por seu Senhor: — O Senhor Tasaio me ordenou que dissesse à Senhora que preferia ver os filhos ao seu lado no salão da morte a vê-los viver na Casa dos Acoma.

Mara sentiu uma estocada de horror.

— Aquele animal assassino! Os próprios filhos! — Uma fúria cega a abalou e depois transformou-se em dor quando voltou a olhar para as pequenas formas do menino e da menina nos caixões. — Conceda-lhes todas as honrarias — ordenou em voz baixa. — Um grande

nome conhece hoje o seu fim.

Incomo se curvou.

— Sou seu escravo, Senhora, pois falhei. Mas lhe peço: tenha piedade, pois estou velho e doente para trabalhar. Conceda-me a bênção de uma morte honrada.

Mara quase rosnou, ultrajada.

— Não! — disse. Seu olhar caiu sobre o homem assustado e ela gritou: — Levante-se!

Espantado com aquela inconveniente demonstração de comoção, Incomo ficou surpreso. Mara não conseguiu suportar nem por mais um momento aquela subserviência. Pegando em seu braço com uma força surpreendente, obrigou o ancião a se levantar.

— Você nunca foi vendido como escravo por Tasaio, certo? — Incomo não conseguiu falar, de tão surpreso que estava. — Nunca foi destinado à escravidão por um tribunal imperial, certo?

— Não, Senhora, mas...

— Quem o chamou de escravo? — Sua repulsa era palpável quando praticamente arrastou o ancião até seus conselheiros. Dirigiu-se primeiro a Saric, que usava as vestes formais de conselheiro. — Seu treino com Nacoya foi lamentavelmente curto. Tome este homem como assistente honrado e preste atenção nele. Seu nome é Incomo e, assim como o sabem todos os antigos inimigos de Tasaio, ele dá bons conselhos. — O idoso ficou boquiaberto olhando para sua nova Senhora, que sorria para ele de modo surpreendentemente cordial. Ela olhou, para seu espanto, para um irônico Saric, que estava quase rindo. — Se você tem ambição de ser meu Conselheiro-Mor — disse Mara —, deve ouvir o que este sábio idoso tem a dizer.

A Senhora dos Acoma virou-lhes as costas.

— Mestre, o que está acontecendo? — perguntou o antigo conselheiro dos Minwanabi.

Saric soltou uma risada abafada.

— Você vai descobrir que a Senhora tem sua própria maneira de fazer as coisas, Incomo. Também vai descobrir que uma nova vida lhe foi dada.

— Mas libertar um escravo?

Ao ouvir isso, Mara se virou para trás, furiosa.

— Você nunca foi declarado escravo! E em minha casa nunca será. É a tradição que transforma homens livres em escravos quando seus Senhores caem, *não a lei!* Agora, sirva-me bem e pare com esta discussão.

Assim que ela se afastou, Saric ergueu as sobrancelhas, de modo que demonstrava sua confusão.

— Ela é uma Serva do Império. Quem lhe dirá não, caso altere outra tradição?

Incomo permaneceu mudo e só conseguiu assentir. Trabalhar para uma Senhora que, abençoada, não tinha um temperamento ruim ou um gosto insano por crueldade pareceu-lhe uma ideia perfeita vinda dos deuses. Sem saber ao certo se estava sonhando, balançou a cabeça, maravilhado. O velho ergueu a mão e ficou chocado ao se ver chorando. Obrigando-se

a retomar uma postura impassível e honrada, escutou um sussurro de Saric:

— Quando se está pronto para morrer, uma nova vida é um choque, não é?

Incomu só conseguiu anuir, sem abrir a boca, enquanto Mara devolvia a atenção aos Sacerdotes de Chochocan. Os clérigos terminaram seus rituais com os corpos do Senhor dos Minwanabi, da esposa e dos filhos. Assim que acenderam a vela para atear o fogo da morte, Mara olhou uma última vez para o perfil severo e simples do homem que quase a arruinara e cuja mão levava a morte a seu pai e seu irmão.

— Nossa dívida está paga — disse para si mesma; em seguida elevou a voz num chamado formal: — Soldados dos Minwanabi! Façam as honras a seu Senhor!

Em um movimento conjunto, os guerreiros que aguardavam seu destino pegaram os elmos e as armas que estavam no chão. Puseram-se em sentido, batendo continência ao antigo Senhor, enquanto sua forma terrena e sua bela e extravagante armadura eram engolidas por cortinas de fogo. Quando a fumaça se ergueu para o céu, Irrilandi deu um passo à frente e lhe foi permitido enumerar a longa lista de honras obtidas por Tasaio em campo, o que fez com uma voz quase trêmula de gratidão. Mara e a comitiva dos Acoma ficaram ali e escutaram com uma postura imaculada; por respeito aos sentimentos dela, o derrotado Comandante das Forças Armadas dos Minwanabi omitiu os nomes do pai e do irmão de Mara quando mencionou a batalha na qual morreram. Assim que terminou, Mara virou-se para encarar os que estavam alinhados diante dela. Levantou a voz e gritou para se fazer ouvir acima do rugido das chamas:

— Os que serviram como conselheiros, hadonra, criados e agentes serão úteis. Sirvam-me de hoje em diante como homens livres que são. — Diversas pessoas vestidas de cinza não souberam como reagir e depois se moveram para se colocarem de um dos lados. — Vocês, que foram escravos, sirvam-me também na esperança de que um dia este Império encontre a sabedoria para lhes conceder a liberdade que por direito nunca lhes deveria ter sido retirada. — Também estes, hesitantes, se colocaram a seu lado. Em seguida, Mara gritou para os soldados: — Bravos guerreiros, sou Mara dos Acoma. Dita a tradição que vocês, a partir de agora, devem levar uma vida sem Senhor, na condição de guerreiros cinzentos, e que todos os seus oficiais devem morrer. — A fila da frente, constituída por homens que usavam plumagem, acolheu impassivelmente aquelas palavras. Não esperariam menos e já tinham se preparado para o fim. No entanto, Mara não lhes ordenou que caíssem sobre suas próprias espadas. — Considero um crime essa prática e uma desonra para homens que se limitaram a ser leais a seu legítimo Senhor. Não foi escolha sua serem liderados por homens de má índole. Que o destino determine uma morte sem honras de guerra é um absurdo que não tenho a intenção de perpetuar! — Mara sussurrou para o Comandante das Forças Armadas, ao seu lado. — Lujan, você o encontrou? Ele está aqui?

Lujan inclinou a cabeça para falar ao ouvido dela:

— Creio que ele esteja à direita na primeira fila. Já se passaram muitos anos, por isso não posso ter certeza. Mas vou descobrir. — Afastando-se de sua Senhora, berrou com sua voz de

Comandante: — Jadanyo, que no passado foi o quinto filho dos Wedewayo!

O soldado que fora chamado fez uma reverência de obediência e avançou. Já não via Lujan desde a infância e o julgara morto quando os Tuscai foram arrasados, por isso arregalou os olhos de espanto.

— Lujan, velho amigo! É você?

Lujan acenou para apresentá-lo a Mara.

— Senhora, este homem é Jadanyo, meu primo de segundo grau por laços de sangue. Trata-se de um soldado honrado e de valor.

A Senhora inclinou a cabeça na direção do antigo guerreiro dos Minwanabi.

— Jadanyo, você está sendo chamado para servir os Acoma! Está disposto?

O homem, consternado, atrapalhou-se com as próprias palavras:

— O que está acontecendo?

Lujan exibiu um sorriso diabólico e falou com voz de quem estava se divertindo:

— Diga sim, seu idiota, ou teremos de lutar até você desistir, como quando éramos crianças.

Jadanyo hesitou, de olhos arregalados, e em seguida respondeu com um grito de alegria:

— Sim, Senhora, estou disposto a servi-la.

Mara fez uma saudação formal e depois sinalizou a Keyoke para que avançasse. Em um tom que outrora usara para comandar exércitos, seu desgastado Conselheiro de Guerra gritou:

— Irrilandi, que quando criança foi meu amigo, apresente-se!

O Comandante das Forças Armadas dos Minwanabi levou um momento para reconhecer o antigo amigo e rival, resplandecente como estava nos adornos reluzentes de conselheiro. Com um olhar de deslumbramento e um rosto cujos traços marcados ainda exibiam vitalidade e orgulho, moveu-se de seu lugar diante das fileiras dos soldados desonrados. Por todas as tradições, esperava morrer naquele dia, junto com seus oficiais. Sendo um veterano calejado demais para acreditar em milagres, foi com descrença que escutou as palavras de Keyoke:

— Senhora, este homem é Irrilandi, que é irmão daquele que casou com a irmã da mulher de meu primo. Ele é, portanto, meu primo e dotado de valor para servir os Acoma.

Ao olhar para o antigo Comandante das Forças Armadas de Tasaio e incentivado pela coragem férrea que mascarava o turbilhão que sentia dentro de si, Mara dirigiu-se a ele em tom gentil:

— Irrilandi, não matarei bons homens por terem cumprido lealmente suas ordens. Você está sendo convocado a servir os Acoma! Aceita?

O velho oficial fitou demoradamente os olhos da Senhora, em silêncio. Comedimento, suspeita e descrença deram lugar a uma despreocupação infantil.

— Do fundo do coração, minha generosa Senhora, do fundo do coração — respondeu, tomado por um júbilo irreprimível.

Mara lhe deu sua primeira ordem:

— Leve todos os seus homens e compare as linhagens com as de meu séquito. A maioria deve ter laços com soldados que servem os Acoma, ou pelo menos terá quando o último deles prestar juramento. Todos aqui têm valor, portanto, quero que sejam cumpridas as formalidades para que todos possam entrar a meu serviço de modo legítimo. Se alguns de vocês, oficiais ou soldados comuns, não se considerarem capazes de jurar lealdade à minha casa, têm minha permissão para abdicarem da vida com suas espadas ou para partirem em paz, como quiserem.

— Um punhado de soldados afastou-se das fileiras e partiu, mas praticamente nove em cada dez permaneceram.

— Agora, Irrilandi — prosseguiu Mara —, você poderia se colocar diante do natami dos Acoma e jurar obediência, para que possamos dar início aos procedimentos?

O velho oficial fez uma profunda reverência de gratidão e, ao se levantar com um sorriso radiante, as fileiras de soldados sem líder explodiram numa onda incontrollável de vivas e gritos. Acoma! Acoma! ecoou pelo ar matinal até Mara quase ficar surda. Os vivas prosseguiram continuamente durante longos minutos enquanto a fumaça da pira dos Minwanabi se erguia, ignorada, no ar límpido. Acima dos gritos, Mara se dirigiu a Saric e Incomo:

— Ponham ordem nisto e preparem estes homens para prestar juramento diante da clareira. Agora vou colocar meu *natami* em seu novo lar.

Um Sacerdote de Chochocan, *o Bom Deus*, e Keyoke acompanharam Mara até a clareira da meditação. Aguardando do lado de fora com uma pá na mão, estava o jardineiro designado para cuidar do terreno. Em seu entender, o natami dos Minwanabi seria enterrado com a face virada para baixo, seguindo o procedimento secular para uma casa derrubada por conquistadores. Enfim chegou o momento e Keyoke passou a Mara o fardo do natami dos Acoma. A escolta se deteve do lado de fora da entrada, enquanto o Sacerdote e o jardineiro a acompanhavam para dentro do jardim.

A clareira era muito maior do que a existente nas terras dos Acoma e fora cuidada de modo impecável, com flores aromáticas e árvores frutíferas, assim como uma série de lagoas interligadas pelo murmúrio das quedas d'água. Mara olhou maravilhada para aquela beleza de tirar o fôlego. Meio aturdida, dirigiu a palavra ao jardineiro:

— Como você se chama?

O zeloso criado respondeu, tremendo de medo:

— Nira, grande Senhora.

— Você traz honra ao seu ofício, jardineiro — disse ela em voz baixa. — Uma honra imensa.

O homem queimado de sol sorriu ao ouvir o cumprimento. Curvou-se e encostou a testa na terra de que cuidara com tanto esmero.

— Agradeço à grande Senhora.

Mara ordenou que se erguesse. Desceu as trilhas protegidas por sombras até o lugar onde repousavam as antigas pedras com o selo dos Minwanabi. Observou demoradamente o talismã, muito parecido com o seu; a não ser pelo símbolo desgastado pelo tempo, poderia ser

uma pedra gêmea daquela que carregava. Lembrando-se com pesar de que todas as grandes casas do Império partilhavam um início comum, renovou sua dedicação a estabelecer igualmente um futuro comum.

— Com imenso respeito, remova o natami — ordenou ela por fim.

Nira já se ajoelhava para obedecer a ordem de Mara quando ela se virou para encarar o Sacerdote.

— Não vou enterrar o natami dos Minwanabi. — Não entendeu como necessário um ato simbólico para se rejubilar com o reconhecimento de que terminara a luta que travara durante quase toda a sua vida. Arriscara muito e perdera muita coisa que lhe era querida, e a ideia de um ritual de obliteração da memória de uma família a fazia se sentir mal por dentro. De modo muito fácil, fácil demais, a casa derrotada poderia ter sido a sua. Reconhecendo intimamente suas forças e fraquezas e o legado que poderia deixar a seu filho e à criança por nascer, assentiu na direção do talismã da família Minwanabi.

— No passado, homens heroicos ostentaram esse nome. Não é justo que sejam esquecidos porque sua descendência caiu em desgraça. O natami dos Acoma repousará aqui, onde eu e meus filhos poderemos nos sentar em paz com os espíritos de nossos antepassados. Mas outro local no alto de uma colina desta propriedade será destinado a acolher a pedra dos Minwanabi. Quero que os espíritos desses homens grandiosos vejam que suas antigas terras estão sendo bem cuidadas e protegidas. Assim eles também poderão repousar. — Virou-se então para o jardineiro. — Nira, você é livre para escolher um lugar. Plante uma sebe e um jardim de flores e que nenhum pé pise o solo de lá a não ser os seus, e os dos que forem nomeados seus sucessores. Deixe que os antepassados que participaram da fundação e manutenção desta nação conheçam o sol e a chuva, que a memória de uma grande casa perdure.

O homem fez uma profunda reverência e com destreza escavou ao redor da base da antiga pedra. Enquanto o Sacerdote de Chochocan entoava uma bênção, suas mãos calejadas devido ao trabalho ergueram o talismã e o colocaram de lado. Mara passou a pedra de sua família para as mãos do Sacerdote do Bom Deus. Ele levantou o natami dos Acoma e declamou o mais poderoso encantamento pela proteção eterna de Chochocan. Em seguida devolveu o natami dos Acoma a Mara, que por sua vez o entregou ao jardineiro.

— Aqui está o coração de minha linhagem. Trate-o como se fosse seu filho e será conhecido como um homem que honrou duas grandes casas.

— Senhora — disse Nira, inclinando respeitosamente a cabeça diante de sua nova incumbência. Assim como qualquer outro criado da propriedade, esperara um futuro de escravidão, mas, em vez disso, constataria que lhe fora dada uma nova vida.

O Sacerdote consagrou o terreno ao redor do natami assim que Nira esmagou com os pés a terra em volta da base. Quando concluiu o ritual, o servo de Chochocan fez soar um pequeno sino metálico e partiu, com o jardineiro logo atrás. Mara ficou sozinha com a pedra que

garantia aos espíritos de seus antepassados a renovação na Roda da Vida. Sem se importar com suas finas sedas, ajoelhou-se na terra e passou os dedos pela superfície da pedra, onde se destacavam os leves traços do símbolo da ave shatra gastos pelo passar dos anos.

— Pai — disse, tranquila —, este será nosso novo lar. Espero que o local seja de seu agrado. — Depois, dirigiu algumas palavras a seu falecido irmão, cuja ausência ainda lhe feria o coração. — Lanokota, descanse bem e fique em paz. — Então pensou em todos os que tinham morrido a seu serviço, os mais próximos e amados e outros que mal conhecera. — Bravo Papewaio, que deu a vida para salvar a minha, espero que volte à Roda da Vida como filho desta casa. E Nacoya, mãe do meu coração, saiba que a mulher que você criou como uma filha canta em seu louvor.

Pensou em seu amado Kevin, que voltara para sua família, e rezou para que tivesse uma vida de felicidade sem ela. Lágrimas jorraram livremente por seu rosto, tanto pelas perdas como pelos triunfos, pelas alegrias e pelas tristezas. O Jogo do Conselho tal como o conhecera fora modificado para sempre e por suas mãos. Contudo, pelo que conhecia de seu povo, sabia que sua natureza demoraria a aceitar a nova ordem; a política mudaria e um árduo esforço seria exigido para preservar a paz. A riqueza obtida com suas licenças comerciais para Midkemia ajudaria a sustentar esse esforço, mas as dificuldades futuras para instaurar o poder de Ichindar requereriam tanto sustento como qualquer plano que tivesse elaborado para derrubar seus inimigos.

Mara se ergueu, pensativa e entusiasmada com o peso das novas responsabilidades. Inspirada pelos belos jardins e pelas velhas árvores que eram cuidadas de modo exemplar, chegou ao portão que marcava a entrada da clareira sagrada de sua família. Lá encontrou seu círculo mais íntimo de conselheiros e milhares de soldados Minwanabi, de joelhos, com Lujan diante deles.

— Senhora — disse ele, feliz —, todos estes homens entrarão ao serviço dos Acoma.

Mara acenou a ele em saudação. Do mesmo modo que ela, uma jovem ainda imatura em relação ao poder, devolvera a esperança e a honra a um bando de fora da lei sem casa, disse:

— Faça com que eles prestem juramento de que servirão com honra, Comandante das Forças Armadas Lujan.

Orgulhoso de suas plumas, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma os liderou no curto juramento que prestara alguns anos antes, quando integrara o grupo dos primeiros soldados do Império a receberem a graça de uma segunda oportunidade para levar uma vida honrada. Assim que terminou e conduziu os guerreiros recém-incorporados até o natami dos Acoma, os olhos de Mara se ergueram para as margens distantes do lago. Sua atenção foi despertada por um breve movimento e sentiu uma profunda emoção.

— Olhe! — alertou, apoiando uma mão no ombro de Keyoke.

Seu cansado Conselheiro de Guerra olhou para o ponto por ela indicado.

— Meus olhos já não são jovens, Senhora. O que você está vendo?

— Shatra — respondeu Mara, assombrada. — Pela graça divina, elas estão vindo construir seus ninhos nos charcos de nossas margens.

Do seu lugar ao lado do jovem Saric, Incomo disse:

— Os deuses parecem satisfeitos com seu coração generoso, Senhora.

— Assim esperamos, Incomo. — Mara dirigiu-se então a seu círculo de conselheiros: — Venham. Vamos preparar nosso novo lar. Meu futuro marido chegará em breve, em companhia de meu filho e herdeiro. — Mara encaminhou os novos e os velhos conselheiros para a casa que havia tanto tempo admirava, destinada agora a ser o lar de sua família e um teto para unir duas grandes casas empenhadas no progresso do Império.

Mara dos Acoma passou pelas fileiras de soldados que haviam acabado de prestar juramento, homens que poucos dias antes tinham sido seus inimigos declarados, zelosos no dever de levar a ruína à sua casa. Que ela era capaz de fazer milagres, era agora algo em que acreditavam piamente aqueles que a observavam, pois não só derrotara três Senhores da casa mais poderosa do Império como perdoara seus servidores e os acolhera como se nunca lhe tivessem feito mal. Tal generosidade e sabedoria iriam protegê-los e levá-los a prosperar.

E, além disso, ela ostentava o mais antigo e honrado título jamais concedido: era a Serva do Império.

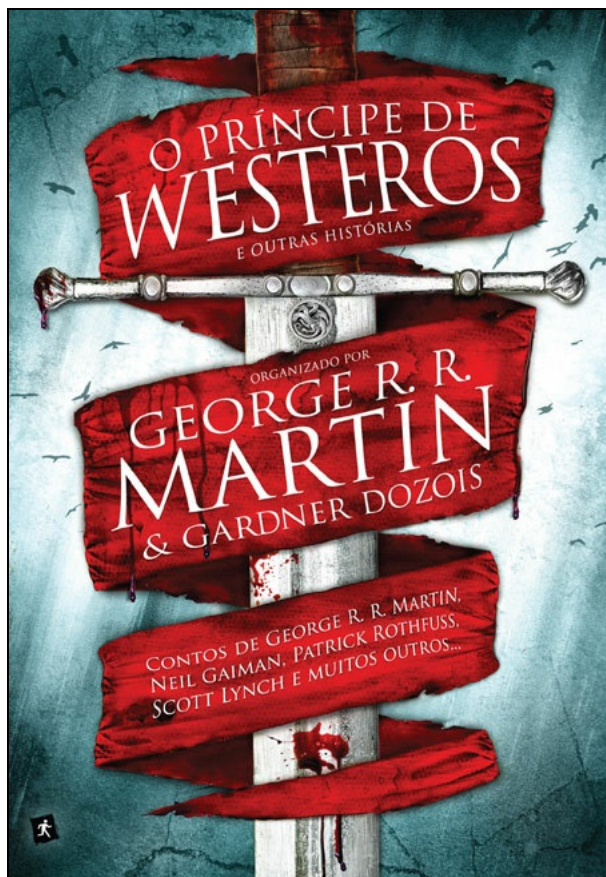
Continua

Sobre os autores

Raymond E. Feist é um dos nomes mais importantes da história da literatura fantástica. Nasceu no Sul da Califórnia e, atualmente, vive em San Diego. Traduzido em mais de trinta países, *Mago* foi o seu primeiro livro e serve de base para uma vasta obra que tem conquistado, ao longo dos anos, as listas de best-sellers dos jornais *The New York Times* e *The Times of London*.

Janny Wurts é autora de vários romances de sucesso, entre os quais *The Wars of Light and Shadow*, a trilogia *Cycle of Fire* e várias coletâneas de contos. É também conhecida por seus trabalhos de ilustração e pintura na área da fantasia e ficção científica. Vive na Flórida com o marido, o artista Don Maitz.

LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM TRECHO DE



O PRÍNCIPE DE WESTEROS

George R.R. Martin & Gardner Dozois

Um livro fascinante que reúne os melhores contos de grandes nomes da literatura fantástica. Inclui uma nova história de *A Guerra dos Tronos*, de George R. R. Martin.

Se você é fã de literatura fantástica, irá se deliciar com esta antologia de contos organizada por George R. R. Martin e Gardner Dozois.

Obras inéditas dos melhores autores do gênero irão surpreendê-lo com enredos ardilosos e reviravoltas intrigantes. O próprio George R. R. Martin apresenta uma nova história do apaixonante e violento mundo de *A Guerra dos Tronos*, introduzindo um dos personagens mais canalhas da história de Westeros.

Acompanhe grandes autores, como Gillian Flynn, Neil Gaiman, Patrick Rothfuss, Scott Lynch e muitos outros, nesta coleção de histórias emocionantes sobre vigaristas, mercenários e ladrões.

O PRÍNCIPE DE WESTEROS OU O IRMÃO DO REI

Considerações sobre a vida pregressa, as aventuras, transgressões e os casamentos do príncipe Daemon Targaryen, conforme anotadas pelo arquimeistre Gyldayn, da cidadela de Vilavelha
aqui transcritas por George R. R. Martin

Era neto de rei, irmão de rei, marido de uma rainha. Dois de seus filhos e três de seus netos se sentariam no Trono de Ferro, mas a única coroa envergada por Daemon Targaryen seria a coroa de Passopedra, um reino miserável que ele criara com sangue, aço, fogo de dragão, mas logo abandonara.

Durante séculos a Casa Targaryen criou grandes homens e monstros. O príncipe Daemon era tanto um quanto outro. Em seus dias áureos, não havia homem mais admirado, mais adorado e mais vilipendiado em toda Westeros. Era igualmente feito de luz e escuridão. Para alguns era herói, para outros, o mais terrível dos vilões. Não é possível compreender de fato aquele trágico derramamento de sangue conhecido como Dança dos Dragões sem considerar o papel crucial desempenhado antes e durante o conflito por esse príncipe vigarista.

As sementes do grande conflito foram espalhadas durante os últimos anos do longo reinado do Velho Rei, Jaehaerys I Targaryen. Do próprio Jaehaerys pouco precisa ser dito aqui, exceto que, após o falecimento de sua amada mulher, a Boa Rainha Alysanne, e de seu filho Baelon, Príncipe de Pedra do Dragão — a Mão do Rei e provável herdeiro do Trono de Ferro —, Sua Majestade era apenas a casca do homem que havia sido.

Tendo perdido o príncipe Baelon, o Velho Rei teve de procurar em outro lugar um parceiro para suas atividades. Como sua nova Mão, ele convocou Sor Otto Hightower, irmão mais novo de Lorde Hightower, de Vilavelha. Sor Otto trouxe mulher e filhos com ele para a corte e serviu o rei Jaehaerys fielmente durante os anos que lhe restavam. Quando a força e a perspicácia do rei começaram a falhar, ele ficava com frequência confinado à cama. A filha de 15 anos de Sor Otto, Alicent, tornou-se sua companhia constante, levando refeições a Sua Majestade, lendo para ele, ajudando-o a se banhar e se vestir. O Velho Rei às vezes a

confundia com uma de suas filhas, chamando-a pelos seus nomes; perto do fim, ficou ainda mais convicto de que era sua filha Saera, que havia voltado de além do Mar Estreito.

No ano de 103 DD, o rei Jaehaerys I Targaryen morreu em seu leito enquanto a Senhora Alicent lia para ele a *História inatural*, do septão Barth. Sua Majestade tinha 69 anos de idade e reinara sobre os Sete Reinos desde sua ascensão ao Trono de Ferro, com a idade de 14 anos. Seus restos mortais foram cremados no Fosso dos Dragões, suas cinzas enterradas com as da Boa Rainha Alysanne embaixo da Fortaleza Vermelha. Toda Westeros enlutou-se. Até mesmo em Dorne, onde sua lei não imperava, os homens choraram e as mulheres rasgaram as vestes.

Segundo seus desejos, e a decisão do Grande Conselho de 101, seu neto Viserys o sucederia, subindo ao Trono de Ferro como rei Viserys I Targaryen. Na época da ascensão, o rei Viserys contava 26 anos de idade. Por uma década, foi casado com uma prima, a Senhora Aemma, da Casa Arryn, ela própria neta do Velho Rei e da Boa Rainha Alysanne por parte de mãe, a falecida Princesa Daella († 82 DD). A Senhora Aemma sofrera vários abortos e a morte de um filho recém-nascido, mas também dera à luz uma filha saudável, Rhaenyra (nascida em 97 DD). O novo rei e sua rainha eram muito protetores com a filha, sua única prole viva.

Viserys I Targaryen era de natureza generosa e amável, e era querido por seus lordes e também pelo seu povo. O reinado do Jovem Rei, como os plebeus o chamaram depois de sua ascensão, era pacífico e próspero. A generosidade de Sua Majestade era lendária, e a Fortaleza Vermelha tornou-se um lugar de louvores e esplendores. O rei Viserys e a rainha Aemma organizavam muitos banquetes e torneios, além de distribuir ouro, cargos e honras a muitos de seus favoritos.

No centro da alegria, festejada e adorada por todos, estava a princesa Rhaenyra, a garotinha que os poetas da corte logo apelidaram de Encanto do Reino. Mesmo que tivesse apenas seis anos quando o pai ascendeu ao Trono de Ferro, Rhaenyra era uma criança precoce, brilhante, ousada e linda como apenas aqueles com sangue de dragão podem ser. Com sete anos, tornou-se amazona de dragões, cavalcando até o céu montada num jovem dragão que ela batizou de Syrax, nome de uma deusa da antiga Valíria. Ao oito anos, como muitas outras garotas bem-nascidas, a princesa foi alocada ao serviço de escanção... mas apenas para o seu pai, o rei. Por isso, à mesa, em torneios e na corte, o rei Viserys raramente era visto sem a filha ao lado.

Enquanto isso, a parte tediosa dos atos governamentais era, em grande parte, incumbência do pequeno conselho do rei e de sua Mão. Sor Otto Hightower continuou naquele cargo, servindo o filho como havia servido o pai; um homem capaz, todos concordavam, embora muitos o considerassem orgulhoso, brusco e arrogante. Diziam que quanto mais servia, mais imperioso se tornava Sor Otto, e muitos grandes lordes e príncipes se ressentiam de suas maneiras e invejavam seu acesso ao Trono de Ferro.

O maior de seus rivais era nosso príncipe canalha: Daemon Targaryen, o irmão mais novo, ambicioso e impetuoso do rei.

Tão charmoso quanto destemperado, o príncipe Daemon ganhara suas esporas de cavaleiro aos 16 anos e recebera a espada Irmã Negra das mãos do Velho Rei, em reconhecimento por suas proezas. Embora tivesse se casado com a Senhora de Pedrarruna em 97 DD, durante o reinado do Velho Rei, o casamento não fora um sucesso. O príncipe Daemon achou tedioso o Vale de Arryn (“No vale, os homens fodem cabras”, ele escreveu. “Não se pode culpá-los. As cabras são mais belas que suas mulheres.”) e logo desenvolveu um desprezo por sua mulher, a quem chamava de “minha puta de bronze”, por conta da armadura rúnica de bronze usada pelos lordes da Casa Royce. Quando da ascensão do irmão ao Trono de Ferro, o príncipe pediu a anulação de seu casamento. Viserys negou o pedido, mas permitiu que Daemon retornasse à corte, onde obteve uma cadeira no pequeno conselho, servindo como mestre da moeda de 103 a 104, e mestre das leis por meio ano em 104.

No entanto, a governança entediava esse príncipe guerreiro, que saiu-se melhor quando o rei Viserys o nomeou comandante da Vigilância da Cidade. Ao encontrar os vigilantes mal armados e vestidos com roupas estranhas e farrapos, Daemon equipou cada homem com adaga, espada curta e bastão, concedeu-lhes armaduras pretas (com placas peitorais para os oficiais) e lhes deu longas capas douradas que poderiam usar com orgulho. Desde então, os homens da Vigilância da Cidade ficaram conhecidos como “mantos dourados”.

O príncipe Daemon assumiu com avidez o trabalho com os mantos dourados e não raro fazia rondas nos becos de Porto Real com seus homens. Ninguém podia duvidar que ele trouxera mais ordem à cidade; no entanto sua disciplina era brutal. Ele se deliciava em cortar as mãos dos batedores de carteira, castrar estupradores e fender o nariz dos ladrões, e assassinou três homens em brigas de rua durante o primeiro ano como comandante. Em pouco tempo, o príncipe ficou conhecido em todos os lugares de má fama de Porto Real. Transformou-se numa figura contumaz em tabernas (onde bebia de graça) e locais de jogatina (de onde sempre saía com mais moedas do que entrara). Apesar de ter experimentado inúmeras prostitutas nos bordéis da cidade — e diziam que tinha um prazer especial em deflorar donzelas —, uma certa dançarina liseniana logo se tornou sua favorita. Mysaria era seu nome de guerra, embora os rivais e inimigos a chamassem de Miséria, a Minhoca Branca. Como o rei Viserys não tinha filho vivo, Daemon considerava-se o herdeiro legítimo do Trono de Ferro e cobiçava o título de Príncipe de Pedra do Dragão, que Sua Majestade se recusou a lhe conceder... mas, no final do ano de 105 DD, ficou conhecido pelos amigos como o Príncipe da Cidade e pelo populacho como Lorde da Baixada da Pulga. Apesar de o rei não desejar que Daemon o sucedesse, tinha muito afeto pelo irmão mais novo e não hesitava em perdoar seus muitos crimes. A princesa Rhaenyra também se enamorou do tio, pois Daemon era atencioso com ela. Sempre que cruzava o Mar Estreito sobre seu dragão, ele lhe trazia algum presente exótico na volta. O rei Viserys nunca reivindicou outro dragão após a morte de

Balerion, tampouco gostava muito de combates, caçadas ou treinos de esgrima, enquanto o príncipe Daemon se sobressaía nessas esferas e aparentava ser tudo que seu irmão não era: esguio mas robusto, guerreiro renomado, espirituoso, ousado, mais que perigoso.

Embora as origens de sua inimizade sejam muito controversas, todos os homens concordam que Sor Otto Hightower, a Mão do Rei, pouco gostava do irmão do rei. (Cogumelo, o bobo do rei, afirma que a querela teve início quando o príncipe Daemon deflorou Alicent, a jovem filha de Sor Otto, futura rainha, mas essa história indecente não encontra respaldo em nenhuma outra fonte.) Foi Sor Otto quem convenceu Viserys a retirar o príncipe Daemon do cargo de mestre da moeda e, em seguida, de mestre das leis — atitudes que logo veio a lamentar. Como comandante da Vigilância da Cidade, com dois mil homens sob o seu comando, Daemon ficou mais poderoso que nunca.

“Em hipótese alguma se pode permitir que o príncipe Daemon suba ao Trono de Ferro”, a Mão escreveu ao irmão, Lorde de Vilavelha. “Ele seria um segundo Maegor, o Cruel, ou pior.” Foi desejo de Sor Otto (à época) que a princesa Rhaenyra sucedesse ao pai. “Melhor o Encanto do Reino que o Lorde da Baixada da Pulga”, ele escreveu. E não estava sozinho em sua opinião. Ainda assim, seu partido enfrentou um obstáculo formidável. Se o precedente estabelecido pelo Grande Conselho de 101 fosse seguido, um sucessor masculino deveria prevalecer sobre um feminino. Na ausência de um filho legítimo, o irmão do rei viria antes da filha do rei, como Baelon viera antes de Rhaenys, em 92 DD.

Sobre o ponto de vista do rei, todas as crônicas relatam que Viserys odiava discórdias. Embora não fosse nem um pouco cego às falhas do irmão, acalentava as lembranças do garoto livre e aventureiro que Daemon fora no passado. Sempre dizia que sua filha era sua grande alegria na vida, mas um irmão é um irmão. Muitas vezes, esforçou-se para que o príncipe Daemon e Sor Otto convivessem em paz, mas a inimizade entre os dois agitava-se ao infinito por trás dos falsos sorrisos que os dois ostentavam na corte. Quando pressionado sobre a questão, o rei Viserys apenas dizia que estava certo de que a rainha logo lhe daria um filho. E, em 105 DD, ele anunciou à corte e ao pequeno conselho que a rainha Aemma estava grávida novamente.

Durante aquele mesmo ano fatídico, Sor Criston Cole foi nomeado para a Guarda Real para preencher a vaga criada pela morte do lendário Sor Ryam Redwyne. Filho de um mordomo a serviço de lorde Dondarrion de Portonegro, Sor Criston era um cavaleiro jovem e atraente de 32 anos. A primeira vez que chamou a atenção da corte foi quando venceu um entrevero na Lagoa da Donzela, em honra à ascensão do rei Viserys. Nos momentos finais do combate, Sor Criston arrancou a Irmã Negra da mão do príncipe Daemon com sua Estrela da Manhã, para deleite de Sua Majestade e fúria do príncipe. Depois disso, deu à princesa Rhaenyra, com 7 anos de idade, o louro de vencedor e implorou a ela um laço para usar no combate a cavalo. Nas liças, derrotou novamente o príncipe Daemon e, sem cavalo, os dois celebrados gêmeos Cargyll, Sor Arryk e Sor Erryk, da Guarda Real, antes de cair pelas mãos

de lorde Lymond Mallister.

Com seus olhos verdes pálidos, cabelo preto como carvão e um charme tranquilo, Cole logo se transformou no favorito de todas as senhoras da corte... entre elas, ninguém menos que a própria Rhaenyra Targaryen. Tão impressionada ficava com os encantos do homem que chamava de “meu cavaleiro branco” que Rhaenyra implorou ao pai que nomeasse Sor Criston seu escudeiro e protetor pessoal. Sua Majestade fez essa vontade, como tantas outras. Depois disso, Sor Criston sempre usava seu laço nas justas e se tornou uma presença permanente ao lado dela durante banquetes e festejos.

Pouco depois de Sor Criston receber sua capa branca, o rei Viserys convidou Lyonel Strong, Lorde de Harrenhal, a juntar-se ao pequeno conselho como mestre das leis. Lorde Strong, um homem grande, parrudo e calvo, gozava de reputação formidável como lutador. Aqueles que não o conheciam o consideravam com frequência um bronco, confundindo seu silêncio e a lentidão de fala com estupidez, o que estava longe de ser verdade. Lorde Lyonel estudara na Cidadela quando jovem, adquirindo seis elos de sua corrente antes de decidir que a vida de mestre não era para ele. Letrado e estudado, seu conhecimento das leis dos Sete Reinos era profundo. Três vezes viúvo, o lorde de Harrenhal trouxe consigo para a corte duas filhas donzelas e dois filhos. As garotas tornaram-se camareiras da princesa Rhaenyra, enquanto o irmão mais velho, Sor Harwin Strong, chamado de Quebra-Ossos, tornou-se capitão dos mantos dourados. O rapaz mais novo, Larys Pé-Torto, entrou para o grupo de confessores do rei.

Assim, esse era o cenário em Porto Real no fim do ano de 105 DD, quando a rainha Aemma foi levada à cama na Fortaleza de Maegor e faleceu enquanto dava à luz o filho que Viserys Targaryen desejava havia tempos. O garoto (batizado de Baelon, em homenagem ao pai do rei) sobreviveu à mãe apenas um dia, deixando rei e corte desolados... exceto talvez o príncipe Daemon, que foi visto num bordel na Rua da Seda fazendo troças ébrias com seus companheiros nobres sobre o “herdeiro por um dia”. Quando o boato se espalhou e chegou ao rei (diz a lenda que foi a meretriz que estava sentada no colo de Daemon que o informou, mas as provas sugerem que, na verdade, foi um dos companheiros de bebedeira, um capitão dos mantos dourados, ávido por uma promoção), Viserys ficou furioso. Por fim, Sua Majestade ficou farto desse irmão ingrato e de suas ambições.

Assim que seu luto seguiu o curso natural, o rei rapidamente começou a resolver a questão da sucessão, há muito deixada em fogo brando. Sem considerar os precedentes estabelecidos pelo rei Jaehaerys, em 92, e pelo Grande Conselho, em 101, o rei Viserys I declarou a filha Rhaenyra sua herdeira legítima e nomeou-a Princesa de Pedra do Dragão. Em uma cerimônia luxuosa em Porto Real, centenas de lordes reverenciaram Rhaenyra quando ela sentou-se aos pés do pai na base do Trono de Ferro, jurando honrar e defender seu direito à sucessão.

No entanto, o príncipe Daemon não estava entre eles. Furioso com o decreto do rei, o príncipe deixou Porto Real, renunciando à Vigilância da Cidade. Primeiro seguiu para Pedra

do Dragão, levando sua amante Mysaria consigo nas costas de seu dragão Caraxes, a fera vermelha e esguia que o povo chamava de Verme Sangrento. Lá permaneceu por meio ano, tempo no qual teve um filho com Mysaria.

Quando soube que sua concubina estava grávida, o príncipe Daemon presenteou-a com um ovo de dragão, mas nisso foi longe demais. O rei Viserys ordenou que devolvesse o ovo e voltasse para sua mulher legítima ou seria condenado como traidor. O príncipe obedeceu, embora de má vontade, despachando Mysaria (sem o ovo) de volta a Lys, enquanto ele voava para Pedrarruna, no Vale de Arryn, e para a companhia indesejada de sua “puta de bronze”. Mas Mysaria perdeu o filho durante uma tempestade no Mar Estreito. Quando a notícia chegou ao príncipe Daemon, ele não proferiu uma palavra de dor, porém seu coração endureceu-se contra o rei, seu irmão. Depois disso, falava do rei Viserys apenas com desdém e começou a remoer dia e noite a questão da sucessão.

Embora a princesa Rhaenyra tivesse sido proclamada sucessora de seu pai, havia muitas pessoas no reino que ainda esperavam que Viserys pudesse ser pai de um herdeiro homem, pois o Jovem Rei ainda não chegara aos trinta anos. O grande mestre Runciter foi o primeiro a encorajar Sua Majestade a se casar novamente, sugerindo até mesmo uma opção adequada: a Senhora Laena Velaryon, que acabara de fazer doze anos. Uma jovem donzela fogosa, recém-desabrochada, a Senhora Laena herdara a beleza de uma Targaryen genuína, sua mãe Rhaenys, e o espírito ousado e aventureiro do pai, conhecido como Serpente do Mar. Da mesma forma que ele amava navegar, Laena amava voar e reclamou para si nada menos que a poderosa Vhagar, a maior e mais velha dos dragões de Targaryen desde a morte do Terror Negro, em 94 DD. Ao desposar a garota, Runciter enfatizou, o rei poderia sanar o desacordo que crescera entre o Trono de Ferro e a Derivamarca. E Laena certamente seria uma rainha esplêndida.

Devemos comentar que Viserys I Targaryen não era o mais resoluto dos reis; sempre amável e ávido por agradar, confiava imensamente no conselho dos homens ao seu redor e fazia o que solicitavam com mais frequência do que o contrário. Nesse caso, no entanto, Sua Majestade tinha uma opinião, e nenhum argumento o desviaria de seu caminho. Ele casaria de novo, sim... mas não com uma garota de 12 anos, e não por motivos de Estado. Outra mulher havia chamado sua atenção. Anunciou sua intenção de desposar a Senhora Alicent, da Casa Hightower, a inteligente e amável filha da Mão do Rei, uma moça de 18 anos que lia para o rei Jaehaerys quando ele estava de cama, à beira da morte.

Os Hightower de Vilavelha eram uma família antiga e nobre, de linhagem impecável; não poderia haver objeções à escolha do rei. Mesmo assim, houve aqueles que murmuraram que a Mão planejava aquilo, que havia levado sua filha à corte já com essa intenção em mente. Alguns duvidavam das virtudes da Senhora Alicent, sugerindo que ela entregara sua virgindade ao príncipe Daemon e mais tarde recebera também o rei Viserys em sua cama, mesmo antes da morte da rainha Aemma. No Vale, correu à boca pequena que o príncipe Daemon chicoteara quase até a morte o serviçal que lhe trouxera a notícia. Nem o Serpente do

Mar ficou satisfeito. A Casa Velaryon fora ignorada novamente, sua filha Laena desdenhada como seu filho Laenor o fora no Grande Conselho de 101, e sua mulher pelo Velho Rei no passado, em 92 DD. (A Senhora Laena parecia tranquila. “Ela mostra muito mais interesse por voar que por rapazes”, seu meistre observou.)

Quando o rei Viserys desposou Alicent Hightower em 106 DD, a Casa Velaryon brilhou por sua ausência. A princesa Rhaenyra serviu a madrastra no banquete, e a rainha Alicent beijou-a e a chamou de “filha”. A princesa estava entre as mulheres que despiram o rei e o levaram aos aposentos de sua noiva. A alegria e o amor reinaram na Fortaleza Vermelha naquela noite... embora do outro lado da Baía da Água Negra, lorde Corlys, o Serpente do Mar, recebesse o irmão do rei, príncipe Daemon, para um conselho de guerra. O príncipe chegara ao limite do que podia aguentar do Vale de Arryn, de Pedrarruna e da sua mulher. “A Irmã Negra foi feita para tarefas mais nobres do que matar ovelhas”, ele teria dito ao Lorde das Marés. “Tem sede de sangue.” Porém o príncipe não tinha em mente uma rebelião; ele enxergava outro caminho até o poder.

Passopedra, uma cadeia de ilhas rochosas entre Dorne e as Terras Disputadas de Essos, servira por muito tempo como abrigo de fora da lei, exilados, saqueadores e piratas. Por si, as ilhas eram de pouco valor, mas, por sua localização, controlavam as rotas marítimas que se dirigiam ao Mar Estreito e dele partiam, e os navios mercantes que passavam por aquelas águas não raro eram presas de seus habitantes. Ainda assim, por séculos esses incidentes vinham sendo apenas uma perturbação.

No entanto, dez anos antes, as Cidades Livres de Lys, Myr e Tyrosh deixaram de lado sua antiga inimizade para se unir numa guerra contra Volantis. Após derrotar os volantinos, as três cidades vitoriosas firmaram uma “aliança eterna” e formaram um novo e forte poder: o Triarcado, mais conhecido em Westeros como o Reino das Três Filhas ou, de um jeito mais rude, as Três Putas (esse “reino” não tinha rei, sendo governado por um conselho de 33 magísteres). Assim que Volantis retirou-se das Terras Disputadas, as Três Filhas voltaram os olhos para o ocidente. Seus exércitos varreram Passopedra sob o comando do príncipe-almirante myriano Craghas Drahar, que ganhou o apelido de Craghas Cria-Caranguejo por prender centenas de piratas na beira da praia para se afogarem na maré alta.

No início, a anexação de Passopedra pelo Triarcado teve a aprovação dos lordes de Westeros. A ordem substituiu o caos, e, mesmo que as Três Filhas exigissem um pedágio de qualquer navio que passasse por suas águas, parecia um preço pequeno a pagar.

No entanto, a avareza de Craghas Cria-Caranguejo e seus pares na conquista logo acabou com a boa vontade: o pedágio foi aumentado duas vezes e se tornou tão dispendioso que os mercadores, que antes pagavam com prazer, agora buscavam escapar das galés do Triarcado como no passado faziam com os piratas. Drahar e seus coalmirantes de Lys e Tyrosh pareciam concorrer uns com os outros para ver quem conseguia demonstrar a maior avareza. Os lysenianos tornaram-se especialmente odiados, pois reivindicavam mais que moedas dos

navios passantes, confiscando mulheres, garotas e garotos atraentes para servirem em seus jardins de prazer e casas de tolerância (entre os escravizados dessa época estava a Senhora Johanna Swann, sobrinha de 15 anos do Lorde de Stonehelm. Quando seu tio, um infame ganancioso, recusou-se a pagar o resgate, ela foi vendida a uma casa de tolerância, onde cresceu para se transformar na celebrada cortesã conhecida como Cisne Negro e em governante de Lys em tudo, menos no nome. Infelizmente sua história, por mais fascinante que seja, não tem lugar em nossa presente narrativa.)

De todos os lordes de Westeros, nenhum sofreu tanto com essas práticas quanto Corlys Velaryon, Lorde das Marés, cujas frotas fizeram dele mais rico e poderoso que qualquer homem nos Sete Reinos. O Serpente do Mar estava determinado a pôr um ponto final no domínio do Triarcado sobre Passopedra, e encontrou em Daemon Targaryen um parceiro disposto, ávido pelo ouro e pela glória que a vitória na guerra lhe traria. Faltaram ao casamento do rei e montaram planos em Maré Alta, na ilha de Derivamarca. Lorde Velaryon comandaria a frota, o príncipe Daemon, o exército. Eles perderiam em número para as forças das Três Filhas... mas o príncipe também levaria à batalha seu dragão Caraxes, o Verme Sangrento, e seu fogo.

Os combates começaram em 106 DD. O príncipe Daemon teve pouca dificuldade em montar um exército de aventureiros pobres e segundos filhos, e conquistou muitas vitórias durante os primeiros dois anos de conflito. Em 108 DD, quando por fim enfrentou Craghas Cria-Caranguejo, ele o matou sozinho e cortou sua cabeça com a Irmã Negra.

O rei Viserys, sem dúvida contente por se livrar do irmão importuno, apoiou seus esforços com aportes regulares de dinheiro e, em 109 DD, Daemon Targaryen e seu exército de mercenários e degoladores controlavam uma das ilhas, e o Serpente do Mar adquirira firme domínio das águas entre elas. Durante esse breve momento de vitória, o príncipe Daemon declarou-se rei de Passopedra e do Mar Estreito, e lorde Corlys encaixou-lhe uma coroa na cabeça... mas seu “reino” estava longe de estar seguro. No ano seguinte, o Reino das Três Filhas despachou uma nova força invasora sob o comando de um capitão tyroshiano sorrateiro chamado Racallio Ryndoon, certamente um dos canalhas mais curiosos e excêntricos nos anais da História, e Dorne entrou na guerra em aliança com o Triarcado. As batalhas voltaram a acontecer.

O rei Viserys e sua corte permaneceram imperturbáveis. “Deixe Daemon brincar de guerra”, foi o comentário atribuído a Sua Majestade. “Isso o mantém longe de problemas.” Viserys era um homem de paz e, durante esses anos em Porto Real, aconteceram séries infinitas de banquetes, bailes e torneios, em que bobos e cantores anunciavam o nascimento de cada pequeno príncipe ou princesa Targaryen. A rainha Alicent logo se mostrou tão fértil quanto bonita. Em 107 DD, deu ao rei um filho saudável, batizando-o de Aegon, como o Conquistador. Dois anos depois, deu à luz uma filha para o rei, Helaena; em 110 DD, deu à luz o segundo filho de Sua Majestade, Aemond, que diziam ter metade do tamanho do irmão mais

velho mas era duas vezes mais violento.

Ainda assim, a princesa Rhaenyra continuava a sentar-se aos pés do Trono de Ferro quando seu pai estava na corte, e Sua Majestade também começou a levá-la às reuniões do pequeno conselho. Embora muitos lordes e cavaleiros buscassem sua aceitação, a princesa tinha olhos apenas para Sor Criston Cole, seu jovem e galante escudeiro juramentado. “Sor Criston protege a princesa dos inimigos, mas quem protege a princesa de Sor Criston?”, perguntou certa vez a rainha Alicent na corte.

A amizade entre a rainha e a enteada provou ter vida curta, pois Rhaenyra e Alicent aspiravam ao posto de primeira-dama do reino... e, embora a rainha tivesse dado ao rei não um, mas dois herdeiros homens, Viserys não fizera nada para mudar a ordem de sucessão. A Princesa de Pedra do Dragão permaneceu sua herdeira, com metade dos lordes de Westeros jurando defender seus direitos. Aqueles que indagavam “E a ordem do Grande Conselho de 101?” tinham suas palavras jogadas ao vento. A questão fora decidida, ao menos no que importava ao rei Viserys; não era uma questão que Sua Majestade fizesse questão de revisitar.

De qualquer forma, as questões persistiam, principalmente vindas da própria rainha Alicent. O mais ruidoso entre seus apoiadores era seu pai, Sor Otto Hightower, a Mão do Rei. Pressionado demais sobre a questão, o rei Viserys rompeu, em 109 DD, as correntes do cargo de Sor Otto e nomeou em seu lugar o taciturno Lorde de Harrenhal, Lyonel Strong. “Esta Mão não me intimidará”, Sua Majestade proclamou.

Mesmo depois de Sor Otto ter retornado a Vilavelha, um “partido da rainha” continuou ativo na corte, um grupo de lordes poderosos simpáticos à rainha Alicent e apoiadores dos direitos de seus filhos. Contra eles, havia o “partido da princesa”. O rei Viserys amava a mulher e a filha e odiava conflitos e desavenças. Esforçava-se todos os dias para manter a paz entre as mulheres e agradar as duas com presentes, ouro e honras. Enquanto viveu, governou e manteve o equilíbrio, os banquetes e torneios continuaram como antes e a paz prevaleceu em todo o reino... embora houvesse alguns, mais atentos, que observavam os dragões de um partido mordendo e cuspidando fogo nos dragões do outro partido sempre que tinham a chance de passar uns perto dos outros.

Em 111 DD, um grande torneio foi realizado em Porto Real, no quinto aniversário de casamento do rei com a rainha Alicent. No banquete de abertura, a rainha usava um vestido verde, enquanto a princesa envergava dramaticamente as cores vermelha e preta de Targaryen, o que foi observado; depois disso, tornou-se costume referir-se aos “verdes” e “pretos” quando se falava do partido da rainha e do partido da princesa, respectivamente. No torneio em si, os pretos levaram a melhor quando Sor Criston Cole, defendendo a princesa Rhaenyra, derrubou dos cavalos todos os campeões da rainha, inclusive dois de seus primos e seu irmão mais novo, Sor Gwayne Hightower.

Ainda assim, havia um participante que não vestia verde nem tampouco preto, mas sim dourado e prata. O príncipe Daemon havia, por fim, retornado à corte. Usando uma coroa e

vestido como Rei do Mar Estreito, apareceu sem ser anunciado nos céus de Porto Real, montado em seu dragão, circulando três vezes sobre as arenas do torneio... mas, quando finalmente desceu à terra, ajoelhou-se diante do irmão e ofereceu sua coroa como símbolo de amor e lealdade. Viserys devolveu a coroa e beijou Daemon nas bochechas, dando as boas-vindas ao lar, e os lordes e plebeus ergueram vivas tonitruantes, pois os filhos do príncipe Baelon Targaryen estavam reconciliados. Entre aqueles que comemoraram com mais animação estava a princesa Rhaenyra, que ficou entusiasmada com o retorno de seu tio favorito e implorou para que ele ficasse por um tempo.

O príncipe Daemon permaneceu em Porto Real por meio ano, e chegou até a reassumir seu assento no pequeno conselho, mas nem a idade nem o exílio haviam mudado sua natureza. Daemon logo juntou-se aos antigos companheiros dos mantos dourados e voltou aos estabelecimentos da Rua da Seda, onde era um cliente apreciado. Mesmo tratando a rainha Alicent com toda a cortesia devida à sua posição, não havia carinho entre eles, e diziam que o príncipe era notavelmente frio com os filhos da rainha, especialmente com os sobrinhos Aegon e Aemond, cujo nascimento o deixara ainda mais abaixo na ordem de sucessão.

A princesa Rhaenyra era diferente. Daemon passava longas horas na companhia dela, deixando-a fascinada com as histórias de suas jornadas e batalhas. Deu-lhe pérolas, seda e livros, e uma tiara de jade que, pelo que contavam, pertencera no passado à Imperatriz de Leng, lia poemas para ela, jantava com ela, a entretinha imitando os verdes da corte, os “lambe-botas” bajuladores da rainha Alicent e de seus filhos. Ele elogiava sua beleza, declarando que era a senhora mais linda em todos os Sete Reinos. Tio e sobrinha começaram a voar juntos quase diariamente, Syrax perseguindo Caraxes até Pedra do Dragão e vice-versa.

Aqui, nossas fontes divergem. O grande mestre Runciter diz apenas que os irmãos brigaram de novo, e o príncipe Daemon partiu de Porto Real para voltar a Passopedra e suas guerras. Sobre a causa da querela ele não se pronuncia. Outros afirmam que fora por insistência da rainha Alicent que Viserys despachara Daemon. Porém o septão Eustace e Cogumelo contam outra história... ou melhor, duas histórias. Eustace, o menos lascivo dos dois, escreve que o príncipe Daemon seduziu sua sobrinha, a princesa, e tirou sua virgindade. Quando os amantes foram descobertos na cama e levados diante do rei, Rhaenyra insistiu que estava apaixonada pelo tio e implorou ao pai que deixasse que ela se casasse com ele. No entanto, o rei Viserys não quis ouvi-la e lembrou à filha que o príncipe Daemon já era casado. Em sua ira, confinou a filha em seus aposentos, ordenou ao irmão que partisse e determinou que os dois nunca falassem sobre o acontecido.

A história contada por Cogumelo é muito mais depravada. De acordo com o anão, era Sor Criston Cole que a princesa desejava, não o príncipe Daemon, mas Sor Criston era um verdadeiro cavaleiro, nobre, casto e atento aos seus votos, e, embora estivesse na companhia dela dia e noite, sequer a havia beijado, nem mesmo dissera que a amava. “Quando olha para você, vê a garotinha que era, não a mulher que se tornou”, Daemon disse à sobrinha, “mas eu

posso ensinar-lhe como fazê-lo vê-la como uma mulher.”

Ele começou dando lições de beijos, comenta Cogumelo. Daí, o príncipe continuou para mostrar à sobrinha como melhor tocar um homem para lhe dar prazer — um exercício que às vezes envolvia o próprio Cogumelo e seu membro supostamente enorme. Daemon ensinou a garota a se despir com sedução, sugou suas tetas para deixá-las mais sensíveis e voou com ela nas costas do dragão até rochedos desertos na Baía da Água Negra, onde podiam divertir-se nus sem serem observados e a princesa podia praticar a arte de dar prazer a um homem com a boca. À noite, ele a tirava dos aposentos vestida como pajem e a levava aos bordéis na Rua da Seda, onde a princesa podia observar homens e mulheres no ato de amor e aprender as “artes femininas” com as meretrizes de Porto Real.

Por quanto tempo essas lições continuaram, Cogumelo não diz, mas, divergindo do septão Eustace, ele insiste que a princesa Rhaenyra permaneceu virgem, pois desejava preservar sua inocência como um presente ao amado. Mas quando, por fim, ela se aproximou de seu “cavaleiro branco”, usando tudo o que aprendera, Sor Criston ficou horrorizado e a rejeitou. É óbvio que a história toda veio à tona, em grande parte graças ao próprio Cogumelo. O rei Viserys, num primeiro momento, recusou-se a acreditar no boato, até que o próprio príncipe Daemon confirmou que a história era verdade. “Entregue a garota para que eu a despose”, aparentemente ele disse ao irmão. “Quem mais a aceitaria agora?” Em vez disso, o rei Viserys mandou-o para o exílio para nunca retornar aos Sete Reinos, sob pena de morte. (Lorde Strong, a Mão do Rei, argumentou que o príncipe deveria ser executado imediatamente como traidor, mas o septão Eustace fez ver a Sua Majestade que ninguém é mais amaldiçoado do que aquele que comete assassinato de parentes.)

Das consequências, os fatos seguintes são certos: Daemon Targaryen voltou a Passopedra e retomou a luta por aquelas rochas inférteis varridas por tempestades. O grande mestre Runciter e Sor Harrold Westerling, Lorde Comandante da Guarda Real, morreram em 112 DD. Sor Criston Cole foi nomeado Lorde Comandante da Guarda Real no lugar de Sor Harrold, e os arquimeistres da Cidadela enviaram o mestre Mellos para a Fortaleza Vermelha para assumir a corrente e as obrigações de grande mestre. No mais, Porto Real voltou à sua tranquilidade costumeira por quase dois anos... até 113 DD, quando a princesa Rhaenyra fez 16 anos, tomou posse da Pedra do Dragão como sua residência e casou-se.

Muito antes de qualquer homem ter tido motivo para duvidar de sua inocência, a questão da escolha de um consorte adequado para Rhaenyra foi uma preocupação para o rei Viserys e seu conselho. Grandes lordes e cavaleiros ousados voejavam ao redor dela como mariposas ao redor de uma chama, rivalizando por seus favores. Quando Rhaenyra visitou o Tridente, em 112, os filhos de lorde Bracken e de lorde Blackwood travaram um duelo por ela, e um filho mais jovem da Casa Frey ousou pedir abertamente sua mão (Tolo Frey, ele foi chamado posteriormente). No ocidente, Sor Jason Lannister e seu gêmeo, Sor Tyland, competiram por ela durante um banquete no Rochedo Casterly. Os filhos de Lorde Tully de Correrrio, Lorde

Tyrel de Jardim de Cima, Lorde Oakheart de Carvalho Velho e Lorde Tarly de Monte do Chifre fizeram a corte à princesa, como fez o filho mais velho da Mão, Sor Harwin Strong. Quebra-Ossos, como era chamado, era herdeiro de Harrenhal e diziam que era o homem mais forte dos Sete Reinos. Viserys chegou ao ponto de prometer Rhaenyra em casamento ao Príncipe de Dorne, como maneira de trazer os dorneses ao reino.

A rainha Alicent tinha seu candidato: seu filho mais velho, príncipe Aegon, o meio-irmão de Rhaenyra. Mas Aegon era um garoto, a princesa era dez anos mais velha. Além disso, os dois meios-irmãos nunca se deram bem. “Mais um motivo para uni-los em casamento”, a rainha argumentava. Viserys não concordava. “O garoto é do sangue de Alicent”, disse ele a lorde Strong. “Ela o quer no trono.”

A melhor escolha, o rei e o pequeno conselho finalmente concordaram, seria o primo de Rhaenyra, Laenor Velaryon. Embora o Grande Conselho de 101 tivesse votado contra, o garoto Velaryon ainda era neto do príncipe Aemond Targaryen, de lembrança santificada, e bisneto do Velho Rei, com sangue de dragão nos dois lados de sua linhagem. Essa combinação uniria e fortaleceria a linhagem real e recobriria para o Trono de Ferro a amizade do Serpente do Mar, junto com sua frota poderosa. Uma objeção foi levantada: Laenor Velaryon estava com 19 anos ainda e nunca mostrara interesse por mulheres. Em vez disso, ele se cercava de belos acompanhantes da sua idade e, ao que constava, preferia sua companhia. No entanto, o grande mestre Mellos dispensou essa preocupação peremptoriamente. “E daí?”, ele supostamente disse. “Não gosto muito de peixe, mas, quando servem peixe, eu como.” Assim, o arranjo foi decidido.

No entanto, o rei e o conselho deixaram de consultar a princesa, e Rhaenyra provou ser mesmo filha de seu pai, com uma ideia muito própria de quem ela desejava desposar. A princesa sabia muito mais sobre Laenor Velaryon e não desejava ser sua noiva. “Meus meios-irmãos seriam mais do gosto dele”, ela disse ao rei (e a princesa sempre tomava o cuidado de referir-se aos filhos da rainha Alicent como meios-irmãos, nunca como irmãos). E, apesar de Sua Majestade tê-la chamado à razão, implorado, gritado com ela, e tê-la chamado de filha ingrata, nenhuma palavra dele pôde demovê-la... até que o rei trouxe à tona a questão da sucessão. O rei fazia, o rei podia desfazer, Viserys enfatizou. Ela se casaria conforme suas ordens ou ele faria seu meio-irmão Aegon seu sucessor no lugar dela. Nesse ponto, a obstinação da princesa cedeu. O septão Eustace diz que ela caiu de joelhos aos pés do pai e implorou perdão; Cogumelo, que ela cuspiu no rosto do pai. Os dois concordam que, no fim, ela consentiu em se casar.

E aqui novamente nossas fontes divergem. Naquela noite, segundo relata o Septão Eustace, Sor Criston Cole esgueirou-se para dentro dos aposentos da princesa para confessar seu amor por ela. Disse a Rhaenyra que tinha um navio esperando na baía e implorou para que ela fugisse com ele através do Mar Estreito. Eles se casariam em Pentos ou Tyrosh, na Velha Volantis, onde a ordem do pai não valia, e ninguém se importaria que ele tivesse traído seus

votos como membro da Guarda Real. Sua perícia com a espada Estrela da Manhã era tal que ele não duvidava que poderiam encontrar algum príncipe-mercador que contratasse seus serviços. Porém Rhaenyra recusou-o. A moça tinha sangue de dragão, ela relembrou, e aquilo significava mais do que viver a vida como mulher de um mercenário comum. E, se ele podia deixar de lado os votos da Guarda Real, por que os votos de casamento significariam alguma coisa?

Cogumelo conta uma história bem diferente. Na sua versão, foi a princesa Rhaenyra que procurou Sor Criston, não ele a ela. Ela o encontrou sozinho na Torre da Espada Branca, trancou a porta e deixou cair a capa para revelar sua nudez por baixo dela. “Guardei minha virgindade para você”, ela lhe disse. “Receba-a agora como prova do meu amor. Pouco significará para meu noivo e, talvez, se descobrir que não sou casta, ele me recuse.”

Ainda assim, mesmo com toda sua beleza, suas súplicas caíram em ouvido mouco, pois Sor Criston era um homem honrado e fiel a seus votos. Desdenhada e furibunda, a princesa abotoou a capa e saiu noite afora... encontrando por acaso Sor Harwin Strong, que voltava de uma noite de celebração nos prostíbulos da cidade. Quebra-Ossos havia muito desejava a princesa e não tinha os escrúpulos de Sor Criston. Portanto, fora ele quem roubara a inocência de Rhaenyra, derramando o sangue da virgindade com sua espada de virilidade... de acordo com Cogumelo, que alega tê-los flagrado na cama ao raiar do dia.

Seja lá o que tiver acontecido, daquele dia em diante o amor que Sor Criston Cole nutria por Rhaenyra Targaryen transformou-se em ódio, e o homem que até então fora a companhia constante e o campeão da princesa tornou-se o mais cruel de seus inimigos.

Não muito tempo depois, Rhaenyra içou velas para a Derivamarca, acompanhada por suas damas de companhia (duas delas filhas da Mão e irmãs de Sor Harwin), pelo bobo Cogumelo e seu novo campeão, o Quebra-Ossos. Em 114 DD, Rhaenyra Targaryen, Princesa de Pedra do Dragão, foi desposada por Sor Laenor Velaryon (feito cavaleiro uma quinzena antes do casamento, pois era necessário que o príncipe consorte fosse cavaleiro). A noiva tinha 17, o noivo 20, e todos concordaram que formavam um belo casal. O matrimônio foi celebrado com sete dias de banquetes e torneios. Entre os presentes estavam os filhos de rainha Alicent, cinco Irmãos Juramentados da Guarda Real, Quebra-Ossos e o favorito do noivo, Sor Joffrey Lonmouth, conhecido como Cavaleiro dos Beijos. Quando Rhaenyra concedeu sua cinta-liga a Sor Harwin, seu marido gargalhou e deu uma das suas a Sor Joffrey.

Sor Criston Cole, por sua vez, dedicou-se à rainha Alicent. Sua Majestade ficou contente em lhe conceder seus favores. Vestindo o símbolo da rainha, o jovem Lorde Comandante da Guarda Real derrotou todos os desafiantes, lutando com uma fúria terrível. Ele deixou Quebra-Ossos com uma clavícula quebrada e um cotovelo estilhaçado (fazendo com que Cogumelo o batizasse de Ossos-Quebrados depois disso), mas foi o Cavaleiro dos Beijos que sentiu a extensão completa de sua ira. A arma favorita de Cole era a Estrela da Manhã, e os golpes com os quais cobriu o campeão de Sor Laenor romperam seu elmo e deixaram-no

desacordado na lama. Carregado do campo ensopado de sangue, Sor Joffrey morreu sem recobrar a consciência seis dias depois. Cogumelo nos conta que Sor Laenor passou cada hora desses dias à beira do leito do outro e chorou copiosamente quando este faleceu.

Foi o rei Viserys quem ficou mais furioso; uma celebração alegre transformara-se numa ocasião de dor e recriminação. No entanto, disseram que a rainha Alicent não compartilhava desse desagrado; logo depois, ela pediu que Sor Criston Cole fosse nomeado seu protetor pessoal. A frieza entre a mulher e a filha do rei era óbvia para qualquer um; mesmo os enviados das Cidades Livres fizeram observações desse fato em cartas enviadas a Pentos, Braavos e à Velha Volantis.

Depois disso, Sor Laenor voltou à Derivamarca, deixando em muitos a dúvida sobre se o casamento fora de fato consumado. A princesa permaneceu na corte, cercada por amigos e admiradores. Sor Criston Cole não estava entre eles, tendo se bandeado totalmente para o partido da rainha, os verdes, mas o temível Quebra-Ossos (ou Ossos-Quebrados, como dizia Cogumelo) preencheu sua vaga, tornando-se o principal dos pretos, sempre ao lado de Rhaenyra em banquetes, bailes e caçadas. O marido não fazia objeção. Sor Laenor preferia os confortos de Maré Alta, onde logo encontrou um novo favorito, um conhecido cavaleiro chamado Sor Qarl Correy.

Depois disso, embora se unisse à mulher para eventos importantes da corte nos quais sua presença era esperada, Sor Laenor passava a maior parte dos dias longe da princesa. O septão Eustace diz que dividiram a cama não mais que uma dúzia de vezes. Cogumelo concorda, mas adiciona que Qarl Correy não raro compartilhava aquela cama também. Ele nos conta que a princesa assistia aos homens se divertirem e, às vezes, os dois a incluíam em seus prazeres. Ainda assim, Cogumelo se contradiz, pois em outras passagens alega que a princesa deixava o marido com o amante nessas noites e buscava conforto nos braços de Harwin Strong.

Seja lá qual for a verdade dessas histórias, logo se anunciou que a princesa estava grávida. Nascido nos últimos dias de 114 DD, o garoto era um rapagão grande, robusto, com cabelos castanhos, olhos castanhos e nariz achatado (Sor Laenor tinha nariz aquilino, cabelos louros platinados e olhos púrpura que atestavam seu sangue valiriano). O desejo de Laenor de dar ao filho o nome de Joffrey foi vetado por seu pai, lorde Corlys. Em vez disso, a criança recebeu um nome tradicional da Casa Velaryon: Jacaerys (amigos e irmãos o chamariam de Jace)...

01. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
02. A Corte do Ar
Stephen Hunt
03. Tigana – A Lâmina na Alma - Livro Um
Guy Gavriel Kay
04. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
05. A Filha do Sangue – Livro Um
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
06. A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
07. Tigana – A Voz da Vingança - Livro Dois
Guy Gavriel Kay
08. Mago – Espinho de Prata – Livro Três
Raymond E. Feist
09. A Herdeira das Sombras – Livro Dois
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
10. Mago – As Trevas de Sethanon – Livro Quatro
Raymond E. Feist
11. As Pedras Élficas de Shannara – Livro Dois
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
12. Sangue Mágico
Série Kate Daniels
Ilona Andrews
13. A Filha do Império
A Saga do Império – livro Um
Raymond E. Feist & Janny Wurts
14. O Príncipe de Westeros & Outras Histórias
George R. R. Martin e Gardner Dozois
15. Brasyl
Ian McDonald
16. A Serva do Império
A Saga do Império – livro Dois
Raymond E. Feist & Janny Wurts

Próximo Título

O Feiticeiro de Terramar
Ursula K. Le Guin

REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de fantasia,
ficção científica e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com



Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: [/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



Twitter: [@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)



Instagram: [/SdE_Brasil](https://www.instagram.com/SdE_Brasil)